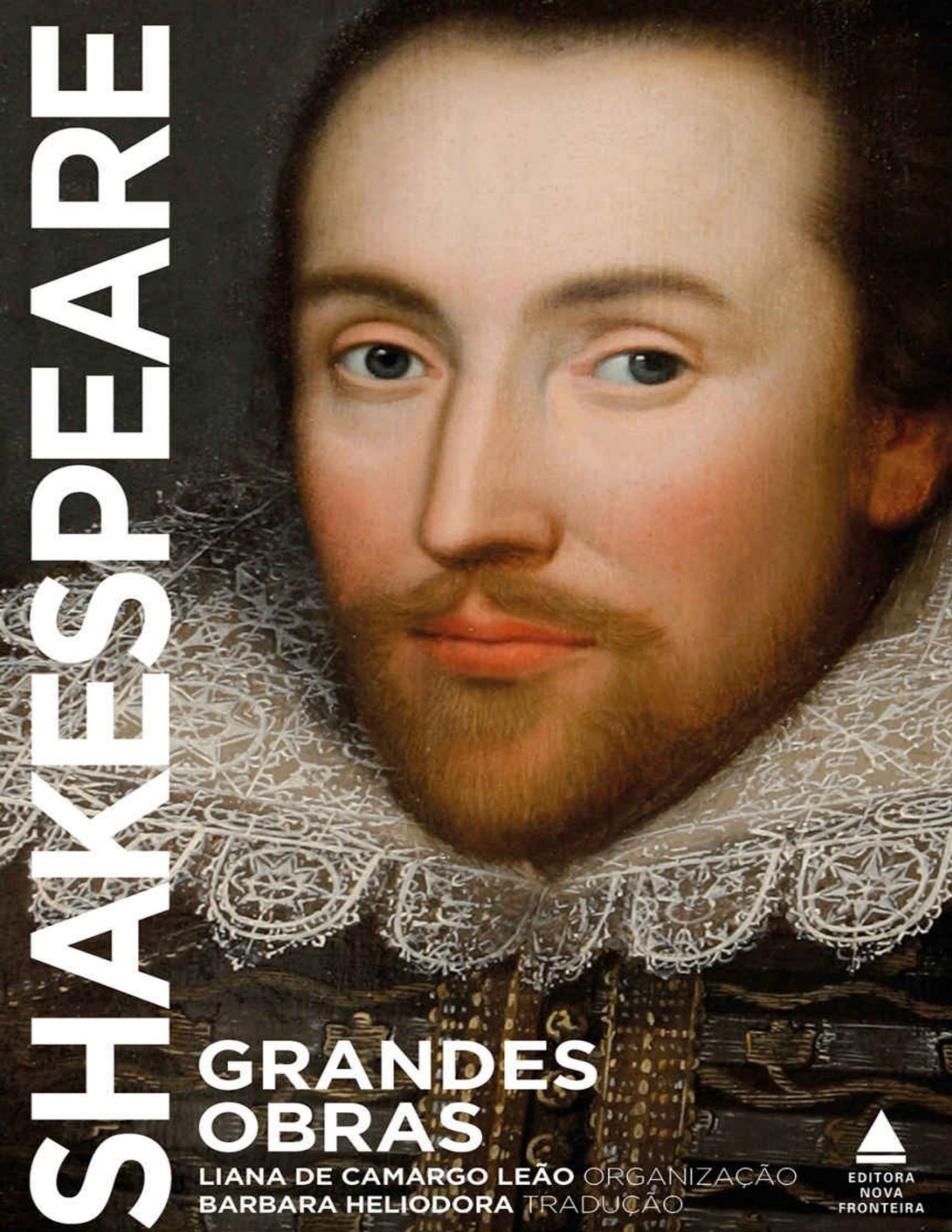


SHAKESPEARE

GRANDES OBRAS

LIANA DE CAMARGO LEÃO ORGANIZAÇÃO
BARBARA HELIODORA TRADUÇÃO

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Grandes obras de SHAKESPEARE

VOLUME 1

1ª edição

Romeu e Julieta
Hamlet
Otelo, o mouro de Veneza
Macbeth

VOLUME 2

1ª edição

A megera domada

Sonho de uma noite de verão O mercador de Veneza

A tempestade

VOLUME 3

1ª edição

Ricardo III

Ricardo II

Júlio César Antônio e Cleópatra

Títulos originais:
Romeo and Juliet
Hamlet
Othello, the Moore of Venice
Macbeth
The Taming of the Shrew
A Midsummer Night's Dream
The Merchant of Venice
The Tempest
Richard III
Richard II
Julius Caesar
Antony and Cleopatra
© Copyright da tradução 2017 by Barbara Heliodora

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 — 7º andar — Centro — 20091-020
Rio de Janeiro — RJ — Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 — Fax: (21) 3882-8212/8313

Créditos de imagem
Folha de rosto: Retrato da folha de rosto da primeira edição de obras de William Shakespeare, 1623.
Aberturas das peças: John Quincy Adams Ward, estátua de Shakespeare no Central Park. 1870, Nova York.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

S539g Shakespeare, William, 1564-1616
Grandes obras de Shakespeare [recurso eletrônico]: volumes 1, 2 e 3 / William Shakespeare; tradução Barbara Heliodora. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.
recurso digital

Tradução de: Romeo and Juliet; Hamlet; Othello; The moore of venice; Macbeth; The taming of the shrew; A midsummer night's dream; The merchant of venice; The tempest; Richard III; Richard II; Julius Caesar; Antony and Cleopatra
Formato: ebook
Modo de acesso: world wide web

ISBN 9788520942352 (recurso eletrônico)

1. Teatro inglês (Literatura). 2. Livros eletrônicos. I. Heliodora, Barbara, 1923-2015. II. Título.

18-47802

CDD: 822
CDU: 821.111-2

Sumário

Volume 1

Grandes obras de Shakespeare — Nota introdutória

Romeu e Julieta
Hamlet
Otelo, o mouro de Veneza
Macbeth

Volume 2

A megera domada
Sonho de uma noite de verão
O mercador de Veneza
A tempestade

Volume 3

Nota introdutória

Ricardo III
Ricardo II
Júlio César
Antônio e Cleópatra

Cronologia conjectural das peças de William Shakespeare

Grandes obras de SHAKESPEARE

VOLUME 1

1ª edição

Romeu e Julieta

Hamlet

Otelo, o mouro de Veneza

Macbeth

Grandes obras de Shakespeare
Nota introdutória

Ator, autor e homem de teatro, William Shakespeare foi um homem de seu tempo, mas também um gênio teatral.

Em muitos aspectos, ele se assemelhava aos seus contemporâneos dramaturgos. Nasceu no mesmo ano de Christopher Marlowe, o autor do célebre *Doutor Fausto*, e ambos no interior da Inglaterra: Marlowe, em Canterbury, Shakespeare, em Stratford-upon-Avon. Como Marlowe e Ben Jonson, outro expoente da dramaturgia elisabetana, Shakespeare também vinha das classes médias: seu pai era luveiro, o de Marlowe, sapateiro, e o padrasto de Jonson, pedreiro. Os três, como os demais dramaturgos elisabetanos, moravam em Londres, frequentavam os mesmos lugares, tinham suas peças encenadas nos mesmos teatros e para as mesmas plateias.

Shakespeare, entretanto, elevou-se acima de todos eles. Abordou temas e personagens de maneira mais complexa. Retratou e, ao mesmo tempo, questionou sua época, mergulhando mais fundo nas contradições da alma humana.

"Alma do tempo", escreveu Ben Jonson em um poema laudatório ao amigo; no mesmo poema, vaticinou, antevendo o futuro: "Ele não pertencia a um tempo, mas a toda a eternidade".

As doze peças reunidas nesta coleção, nas traduções primorosas de Barbara Heliodora e de sua mãe, a poetisa Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, atestam a perenidade da obra shakespeariana.

Liana de Camargo Leão

Romeu e Julieta

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Prova confiável de uma peça elisabetana na época de sua primeira montagem é a publicação de uma edição "pirateada", sem autorização dos donos do texto. O conceito de *copyright* tal como o conhecemos não existia e, ainda hoje, discute-se se os direitos de publicação ficavam com quem registrava seu pedido no *Stationers' Register*, ou com quem imprimia primeiro. Como tampouco eram definidos os direitos de montagem, as companhias, que compravam o texto do autor, via de regra, não os queriam ver impressos, para que outras, menores, se apropriassem deles para excursionar pelo interior. *Romeu e Julieta* teve uma primeira edição péssima (um dos notórios *bad quartos*) em 1597, com texto reconstituído de memória por um ou dois atores que haviam trabalhado, ao que parece, em uma montagem bastante cortada.

Como frequentemente acontecia em tais casos, uma segunda edição, autorizada, aparece para provar que o que a companhia montava não era aquele monstrengo antes dado a público. Em 1599, portanto, aparece o Q2,[1] que além de correto contém mais setecentos versos do que o Q1, baseado provavelmente no manuscrito de Shakespeare. Os especialistas identificam a probabilidade da origem por hábitos do poeta, como o de escrever, na rubrica, "Entra Will Kempe", o ator que faria o papel, em lugar de escrever "Entra Pedro", que é o criado da Ama.

Apesar de pirateado e apesar dos erros, o Q1 tem grande importância por trazer considerável contribuição à questão da data da peça. Diz a página de rosto: "A tragédia de excelentes conceitos *Romeu e Julieta*, como tem sido muitas vezes (e com grande aplauso) montada publicamente pelos 'Criados do Muito Honorável Lorde Hunsdon'." Acontece que os dois Lordes Hunsdon, pai e filho, primos da rainha, ocuparam o cargo de Lorde Chamberlain, nome pelo qual é geralmente conhecida a companhia de Shakespeare, e que foi só entre julho de 1596 e março de 1597 — ou seja, entre a morte do primeiro e a nomeação do segundo — que o grupo foi conhecido apenas como "Os

Homens do Lorde Hunsdon". Há uma forte corrente, no entanto, que acredita que *Romeu e Julieta* seja de 1595, data do início de seu período lírico, sendo as duas possibilidades bem próximas.

O gênio de Shakespeare se revela de modo particularmente claro no uso que ele faz de sua fonte virtualmente única, o poema que o medíocre poeta Arthur Brooke afirma ter sido primeiramente escrito em italiano por Bandello, *The Tragic History of Romeu and Juliet*. As sementes da trama de *Romeu e Julieta* são remotas: no século III, em uma historieta grega, pela primeira vez uma mulher recorre à poção que simula a morte para escapar a um segundo casamento com o marido vivo, mas o tema se torna realmente popular na Renascença; em 1476, em *Il Novellino*, de Masuccio, o veneno já é ministrado por um frade. Mas é na *Historia novellamente ritrovata di due nobili amanti*, de Luigi da Porto, publicada em 1530, que a história se apresenta com considerável semelhança à de Shakespeare: os amantes são nobres, a Cena é em Verona, as famílias são Montecchi e Cappulletti. A diferença é que Julieta se apaixona primeiro e é bastante oferecida; mas o desenvolvimento é semelhante. Adrien Sevin faz uma adaptação francesa em 1542, Luigi Groto publica uma peça em 1578. Mas a linha que resulta em Brooke e Shakespeare é a da história de *Romeu e Julieta* em *Le Novelle del Bandello* (1554), cuja intenção era a de "advertir os jovens que eles devem governar seus desejos e não cair em paixões furiosas", traduzida para o francês por Boaistuau; a história vai adquirindo riqueza cada vez maior de detalhes, mas a versão que nos interessa é a de Brooke.

O longo poema inglês (3.020 versos), publicado em 1562, alcançou enorme popularidade (como o prova ter tido em pouco tempo mais duas edições, em 1582 e 1587), e ofereceu a Shakespeare não só toda a trama de sua tragédia, como fartíssimas informações sobre a Itália, Verona, hábitos sociais e mil outros detalhes úteis para a criação da peça. As diferenças são a de visão autoral e de objetivos.

O texto de Brooke é precedido, em sua primeira edição, por um "Address to the Reader" que expressa os sentimentos e as intenções do poeta ao elaborar o seu *Romeo and Juliet*. Depois de um complexo início onde discorre sobre a obrigação que tem o homem de louvar a Deus por tudo o que criou, ele fala mais especificamente de sua história e diz: "O glorioso triunfo do homem que se contém quanto aos prazeres da luxúria da carne encoraja os homens a evitar as afeições loucas, os finais vergonhosos e desgraçados

daqueles que escravizaram sua liberdade aos desejos sórdidos, e ensina o homem a abster-se de cair de cabeça na perdição da desonestidade. Com o mesmo efeito, por vias diversas, o exemplo do homem bom chama os homens a serem bons, e a maldade do homem mau adverte os homens a não serem maus. Para tal bom fim servem todos os maus começos. E para tal fim (bom leitor) é escrita esta matéria trágica, para descrever para ti um casal de amantes infelizes, que foi escravizado pelo desejo desonesto, desrespeitando a autoridade e o conselho de pais e amigos, constituindo seus principais conselheiros alcoviteiras bêbadas e frades supersticiosos (os instrumentos próprios da falta de castidade), que experimentam todas as aventuras do perigo para atingir sua desejada luxúria, usando a confissão auricular (chave para toda prostituição e traição) para propiciar seus objetivos, e desrespeitando o honrado nome do casamento legal para acobertar a vergonha dos encontros roubados, finalmente, por todos os meios da vida desonesta, apressando a mais infeliz das mortes." Como Shakespeare, antes do início da ação Brooke inclui um soneto de apresentação (petrarquiano de forma, não um *catorzain* como o de Shakespeare) que apenas descreve a ação em detalhe, afirmando inclusive que o jovem casal ficou casado e se encontrando escondido por nada menos que três meses antes do episódio da morte de Teobaldo e do exílio de Romeu.

A transformação que Shakespeare opera ao compor sua tragédia é tão mais notável por não implicar qualquer maior alteração para a trama — a Ama fica mais cômica, o personagem de Mercúcio é criação sua, mas a história é rigorosamente a mesma. A diferença está no ponto de vista autoral, na postura de Shakespeare em relação aos seus protagonistas. Em lugar da moralizante condenação da juventude por não obedecer a seus pais e por ouvir alcoviteiras e frades, a ênfase da tragédia shakespeariana vai para o conflito entre as duas famílias, que perturba a ordem da comunidade, como fica bem claro desde o soneto introdutório: as duas casas põem "guerra civil em mão sangrenta" e o par de amantes "com sua morte enterra a luta de antes". Os amantes nascem "como má estrela", porém a ação mostra muito claramente que essa má estrela é o ódio entre Capuletos e Montéquios, e "A triste história desse amor marcado e de seus pais o ódio permanente, só com a morte dos filhos terminado" fala bem alto ao poeta que, ao longo de toda a sua carreira, dedicou sua mais profunda preocupação ao bem-estar da comunidade, produto da paz e do bom governo. *Romeu e Julieta*, a par de contar uma história de

amor, é transformada também em magistral sermão contra os males da guerra civil.

O contraste entre a mediocridade de Brooke e a genialidade de Shakespeare fica evidente no uso que cada um dos dois faz exatamente da mesma trama; em lugar do míope moralismo do primeiro, o *Romeu e Julieta* do segundo transforma tudo em doloroso conflito entre o ódio e o amor, e os dois jovens amantes morrem não por desobedecerem a seus pais, mas por serem vítimas da sangrenta luta entre suas duas famílias, de um ódio cuja origem jamais é identificada. Nada tão magistral quanto a redução do tempo da ação a quatro dias, durante os quais a intensidade da emoção e a brevidade do tempo impedem que haja algum esclarecimento salvador. De certo modo, o amor é tão injustificado quanto o ódio, isto é, ele acontece em um instante, sem que nem Julieta nem Romeu o planejassem ou sequer esperassem: Romeu só vai à festa dos Capuletos na esperança de ver Rosalina, enquanto Julieta, quando a mãe lhe pergunta o que acha da possibilidade de um casamento, responde tranquilamente:

É honra com que nunca ousei pensar.

e sua ingenuidade a respeito do amor é tão grande que, insistindo a senhora Capuleto sobre o assunto, diz sobre a possibilidade de amar Páris.

Porém mais longe eu nunca hei de ir.
Que o voo que a senhora consentir.

O amor, como sempre em Shakespeare, entra pelos olhos, e é claro que uma vez apaixonada não ocorre mais a Julieta indagar até que ponto deverá ir esse amor, ou se sua mãe dará permissão para ele. O amor amadurece em um instante a menina Julieta e, desde o primeiro momento, nem ela nem Romeu têm qualquer dúvida a respeito do seu amor, muito embora ambos tenham consciência do perigo que representa para eles o ódio familiar — consciência esta que sem dúvida serve para torná-los ainda mais precipitados em sua emoção.

Romeu e Julieta é a única tragédia lírica de Shakespeare, mas não podemos deixar de notar, por isso, a presença de vários elementos reveladores da influência de Sêneca como o pressentimento de Romeu antes de entrar na festa:

A minha mente teme
Algo que, ainda preso nas estrelas,
Vai começar um dia malfadado
Com a festa dessa noite, e ver vencido
O termo desta vida miserável
Com a pena vil da morte inesperada.

ou como as mortes violentas de Mercúcio e Teobaldo, o clima assustador do monumento dos Capuletos, ou o peso do acaso e da fatalidade. Quanto ao acaso, no entanto, é preciso lembrar como o atraso do frade com a carta, por causa da peste, seria plausível para a plateia elisabetana, já que a peste continuava endêmica e fazia ainda pouco (entre 1592 e 1594) mantivera os teatros de Londres fechados por quase dois anos.

Essa violência, no entanto, é banhada no lirismo do diálogo, e o clima especial da obra, do fulgurante amor entre os dois jovens, transparece na imensa quantidade de imagens de luz, luz contrastada com o escuro que não é amor. O rosto de Julieta vai ensinar as tochas a brilhar; se seus olhos brilhassem no lugar de estrelas, os pássaros cantariam como ao dia; Romeu é a luz para ela, e quando morrer ele deve ser retalhado em estrelas. O amor e a juventude são luz; a tristeza e a dor são sombrias, são o sol que se põe ou que não quer nascer. Há a imagem do brilho do sol, das estrelas, de luar, velas, tochas, da rapidez da luz do raio; há a imagem da escuridão que chega, de nuvens, sombra, noite. Mas é tudo muito complexo, porque os grandes momentos de felicidade (o encontro, a Cena do balcão, a despedida) vêm na noite — e, naturalmente, a iluminam, enquanto os conflitos, mortes e o banimento dão-se de dia. O sol claro parece ser a luz do ódio, não do amor.

Já disse um crítico que *Romeu e Julieta* pertence a um período no qual Shakespeare ainda "não deixava nada sem ser dito" e, realmente, as tragédias da maturidade são mais elípticas em sua linguagem; Shakespeare aqui ainda usa muita rima, o que o leva a elaborar um soneto para marcar o primeiro diálogo

dos jovens. E é memorável o que o poeta faz para mostrar o quanto Romeu muda ao conhecer Julieta: há todo um exagero de ornato em suas falas quando ele se tem como apaixonado por Rosalina e, na verdade, ele quase que só fala de si mesmo; mas a partir do baile seu discurso se altera, Romeu se concentra em Julieta e fica bem mais objetivo; compreensivelmente, na Cena do banimento ele tem uma recaída de descontrole verbal, mas no final, novamente é dela que ele fala.

Afora os dois protagonistas, muito bem-desenhados, *Romeu e Julieta* tem ainda outras figuras marcantes: como irretocável preparação para a poção cataléptica que Julieta irá tomar, Frei Lourenço é apresentado como competente herbalista, profundo conhecedor dos segredos da natureza, bem como perspicaz e compreensivo observador de comportamentos humanos; a Ama é não só a criada antiga na casa que já abusa de sua intimidade, mas também exibe, desde o início, um despudor, uma tendência para o grosseiro, que explicam sua insensibilidade moral em relação ao proposto segundo casamento de Julieta. Menos detalhado, mas significativo, é Teobaldo, que deixa bem claro o fato de em cada geração aparecer ao menos um indivíduo cujo temperamento conduz à preservação do ódio entre as casas. E, naturalmente, Mercúcio: como Romeu e Julieta, ele representa alegria, juventude, amor e vida, e como os dois amantes, é sacrificado pelo ódio que maltrata a cidade; ele é brincalhão, ágil de corpo e pensamento, mostra-nos a alegre vida que Verona poderia ter sem a luta sangrenta e gratuita entre Montéquios e Capuletos. Páris, que não pertence a nenhum dos dois partidos, é discreto, mas os velhos chefes das duas famílias e suas mulheres, mesmo cansados da luta, acabavam envolvidos por ela. A contínua preocupação de Shakespeare com o bom governo faz com que a íntegra figura de Éscalus, o Príncipe, seja desde o início radicalmente contra o conflito, e ainda se lamente, no final, por não ter sido ainda mais enérgico.

Romeu e Julieta não é nem a melhor nem a mais consagrada das obras de Shakespeare, porém poucos contestarão que seja — e merecidamente — a mais amada.

Barbara Heliodora

Nota

1 Segunda edição in-quarto. Q1, primeira edição.

Dramatis personae

ÉSCALUS, Príncipe de Verona.
MERCÚCIO, jovem fidalgo, parente do príncipe e amigo de Romeu.
PÁRIS, jovem fidalgo parente do príncipe.
PAJEM DE PÁRIs
MONTÉQUIO, chefe de família veronesa em luta contra os Capuletos.
SENHORA MONTÉQUIO
ROMEU, filho de Montéquio.
BENVÓLIO, sobrinho de Montéquio e amigo de Romeu e Mercúcio.
ABRAÃO, criado de Montéquio.
BALTASAR, criado de Romeu.
CAPULETO, chefe de família veronesa em luta com os Montéquios.
SENHORA CAPULETO
JULIETA, filha de Capuleto.
TEOBALDO, sobrinho da senhora Capuleto.
PRIMO DE CAPULETO, um senhor idoso.
AMA, criada dos Capuletos, ama de leite de Julieta.
PEDRO, criado dos Capuletos a serviço da Ama.
SANSÃO, GREGÓRIO, ANTÔNIO, — da casa dos Capuletos.
CUCA
CRIADOS
FREI LOURENÇO, FREI JOÃO — da ordem dos Franciscanos.
UM BOTICÁRIO, de Mântua.
TRÊS MÚSICOS (Simão Viola, Hugo Rabeca, João do Grito).
Integrantes da guarda, cidadãos de Verona, mascarados, pajens, portadores de tochas, criadagem.
CORO.

A CENA: A ação se passa em Verona e Mântua.

Prólogo

(*Entra o Coro.*)

CORO

Duas casas, iguais em seu valor,
Em Verona, que a nossa cena ostenta,
Brigam de novo, com velho rancor,
Pondo guerra civil em mão sangrenta.
Dos fatais ventres desses dois inimigos
Nasce, com má estrela, um par de amantes,
Cuja derrota em trágicos perigos
Com sua morte enterra a luta de antes.
A triste história desse amor marcado
E de seus pais o ódio permanente,
Só com a morte dos filhos terminado,
Por duas horas em cena está presente.
Se tiverem paciência para ouvir-nos,
Havemos de lutar para corrigir-nos.

(*Sai.*)

ATO I

Cena I

(*Entram Sansão e Gregório, com espadas e escudos, da casa dos Capuletos.*)

SANSÃO

Gregório, desaforo não se engole.

GREGÓRIO

Senão teremos fama de gulosos.

SANSÃO

Mas saiba que, com raiva, eu puxo a espada.

GREGÓRIO

Depois a corda puxa o seu pescoço.

SANSÃO

Bato na hora, sendo provocado.

GREGÓRIO

Mas pra ser provocado leva horas.

SANSÃO

Por qualquer cão Montéquio eu salto logo.

GREGÓRIO

Saltar é desviar; o valente é firme portanto, se você desviar, está fugindo.

SANSÃO

Meu salto, para um cão desses, é pra firmar. Fico com as costas protegidas em frente a qualquer moço ou moça dos Montéquios.

GREGÓRIO

O que mostra que és safado e fraco, pois é o mais fraco que fica de costas para as suas moças para a parede.

SANSÃO

Isso é verdade, e é por isso que as mulheres, a parte fraca, acabam empurradas para a parede; então eu tiro a parede dos Montéquios, mas empurro suas moças para a parede.

GREGÓRIO

A briga é entre os nossos amos, e nós, que somos seus homens.

SANSÃO

Tanto faz. Vou bancar o tirano: depois de brigar com os homens, vou ser civil com as donzelas, cortando as suas cabeças.

GREGÓRIO

As cabeças das donzelas?

SANSÃO

Cabeças ou cabaços; dê o sentido que quiser.

GREGÓRIO

Elas terão de dar o sentido que sentirem.

SANSÃO

A mim elas vão sentir enquanto eu me aguentar ereto; e todos me conhecem como um bom pedaço de carne.

GREGÓRIO

Que não é peixe, todos sabem; se fosse, era comida de abstinência. Mas pode puxar a sua arma — lá vem o pessoal dos Montéquios.

(*Entram dois criados, Abraão e Baltasar.*)

SANSÃO

Minha arma já está de fora. Brigue que eu lhe cubro as costas.

GREGÓRIO

Como? Dá as costas e foge?

SANSÃO

Ora, não tenha medo.

GREGÓRIO

Nossa! Eu, com medo de você?

SANSÃO

Vamos ficar com a lei. Eles que comecem.

GREGÓRIO

Vou amarrar a cara quando passarem, e eles que entendam como quiserem.

SANSÃO

Ou como ousarem. Eu vou morder o dedão para eles, e será a maior vergonha se eles aturarem.

ABRAÃO

Senhor, está mordendo o polegar para nós?

SANSÃO

Estou mordendo o meu polegar, sim, senhor.

ABRAÃO

Mas está mordendo para nós?

SANSÃO

A lei fica do nosso lado se eu disser que sim?

GREGÓRIO

Não.

SANSÃO

Não, senhor; não mordo meu polegar para o senhor, mas mordo o meu polegar.

GREGÓRIO

Está procurando briga, senhor?

ABRAÃO

Briga, senhor? Não, senhor.

SANSÃO

Quando estiver, estou à sua disposição. Sirvo homem tão bom quanto o que serve.

ABRAÃO

Mas não melhor.

SANSÃO

Bem, senhor…

(*Entra Benvólio.*)

GREGÓRIO

Diga "melhor"; aí vem um parente do meu amo.

SANSÃO

Sim, senhor; melhor.

ABRAÃO

Mentiroso.

SANSÃO

Saquem, se são homens. Gregório, lembre-se daquele golpe atravessado.

(*Lutam.*)

BENVÓLIO

Parem, tolos, e guardem as espadas, pois nem sabem o que fazem.

(*Entra Teobaldo*.)

TEOBALDO

De espada em punho pr'essas coelhinhas?
Aqui, Benvólio; e encare a sua morte.

BENVÓLIO

Eu só busco a paz; guarde essa espada,
Ou use-a pra apartar esses rapazes.

TEOBALDO

Falas de paz, armado? Odeio o termo,
Como a ti, ao inferno e aos Montéquios.
Tome, covarde.

(*Eles lutam*.)

(*Entram três ou quatro cidadãos, com porretes ou alabardas*.)

CIDADÃOS

Com porretes e alabardas, ataquem!
Abaixo Capuletos e Montéquios!
(*Entram o velho Capuleto, com manto longo, e a senhora Capuleto*.)

CAPULETO

O que foi? Deem-me aqui a minha espada!

SRA. CAP.

Uma muleta! Mas pra que espada?

(*Entram o velho Montéquio e a senhora Montéquio*.)

CAPULETO

A minha espada, que lá vem Montéquio
Brandindo a lâmina pra me insultar.

MONTÉQUIO

Capuleto vilão! Deixem-me ir!

SRA. MON.

Mais nem um passo em busca de inimigos.

(*Entra o Príncipe Éscalus com o seu séquito*.)

PRÍNCIPE

Maus cidadãos, inimigos da paz,
Que profanais com aço o sangue irmão!
Não me ouvireis? Sois homens ou sois feras,
Já que apagais o fogo deste ódio
Com o jato que vai rubro de vós mesmos?
Sob pena de tortura ora arrancai
Das mãos sangrentas vossas armas vis,
E ouvi o vosso príncipe indignado.
Três lutas fratricidas, por palavras
Ditas por vós, Montéquio e Capuleto,
Três vezes perturbaram nossas ruas,
Fazendo os anciãos desta Verona
Pegar nas velhas mãos podres de paz
As velhas armas contra esse ódio podre.
Se uma vez mais as ruas agitardes,
As vossas vidas pagarão a paz.
Por hoje, que se afastem daqui todos!
Vós, Capuleto, podeis vir comigo;
E vós, Montéquio, vireis hoje à tarde
Até o tribunal de julgamento
Pra receber a solução do caso.
Que partam todos, pois a pena é morte!

(*Saem todos menos Montéquio, a Senhora Montéquio e Benvólio.*)

MONTÉQUIO

Quem reabriu a nossa luta antiga?
Fale, sobrinho; viu desde o começo?

BENVÓLIO

Vários criados de seus inimigos
E dos seus já brigavam quando entrei.
Eu tentava apartá-los quando, então,
O fogoso Teobaldo, já armado,
Sacudiu a espada e me insultou,
Cortando o ar acima da cabeça,
Que, ileso, contentou-se em sibilar.
Em meio a nossos golpes e paradas
Foi chegando mais gente e assim, mais briga,
Até que o príncipe veio apartar.

SRA. MON.

Onde está Romeu? Já o viu hoje?
'Stou contente: ele não 'stava na briga.

BENVÓLIO

Já bem antes que o Sol, minha senhora,
Olhasse na janela do oriente,
Estando inquieto, eu saí para andar,
E ali no bosque, sob os sicômoros
Que crescem à direita da cidade,
Assim tão cedo eu encontrei seu filho.
Quis chegar-me, porém ele fugiu,
Indo esconder-se bem em meio às árvores.
Julgando pelos meus os seus afetos,
Sempre buscados onde não se encontram,
Sentindo-me demais até sozinho,
Busquei meus sentimentos, não os dele.
E evitei, com alegria, quem fugia.

MONTÉQUIO

Tem sido visto ali muitas manhãs,

Acrescendo ao orvalho suas lágrimas,
Nublando as nuvens com suspiros fundos;
Porém tão logo o sol, com alegria,
Afasta do oriente mais distante
O reposteiro do leito de Aurora,
Meu triste filho esconde-se da luz
E bem sozinho tranca-se em seu quarto,
Fecha as janelas afastando o dia,
Criando noite falsa para si.
O seu humor só pode piorar,
Se um bom conselho não o faz mudar.

BENVÓLIO

Meu nobre tio, não conhece a causa?

MONTÉQUIO

Não a conheço, e ele não diz nada.

BENVÓLIO

O senhor já tentou todos os meios?

MONTÉQUIO

Não só eu como inúmeros amigos.
Mas ele, conselheiro do que sente,
Fica só — e eu não sei se pra seu bem —
Tão secreto em si mesmo, tão fechado,
Tão fugidio e infenso à descoberta
Quanto o botão mordido pelo verme
Antes que possa abrir-se para o ar,
Ou dedicar ao Sol sua beleza.
Sabendo a causa desse seu penar,
Poderia saber como o curar.

(*Entra Romeu.*)

BENVÓLIO

Aí vem ele. Cheguem para lá;
Não admito não saber o que há.

MONTÉQUIO

Espero que sejas bem-sucedido.
Andemos, minha senhora; partamos.

(*Saem Montéquio e a Senhora Montéquio.*)

BENVÓLIO

Bom dia, primo.

ROMEU

Inda é tão cedo?

BENVÓLIO

São nove horas.

ROMEU

Longas são as tristes horas…
Foi meu pai quem saiu, assim, depressa?

BENVÓLIO

Foi. E o que alonga as horas de Romeu?

ROMEU

A falta do que possa torná-las curtas.

BENVÓLIO

Amor?

ROMEU

Sua falta.

BENVÓLIO

Do amor?

ROMEU

Das graças da que tem o meu amor.

BENVÓLIO

Pena que o amor, tão lindo na aparência,
Seja na verdade cruel e rude.

ROMEU

É pena que o amor, de olhar velado,
Mesmo cego descubra o desejado.
Onde ceamos? Houve briga aqui?

Não me conte; essa história eu já conheço:
Trata muito de ódio, e mais de amor
Então, amor odiento, ódio amoroso,
Oh qualquer coisa que nasceu do nada!
Densa leveza, vaidade tão séria
Caos deformado de bela aparência!
Pluma de chumbo, fumaça brilhante,
Fogo frio, saúde doentia,
Sono desperto que nega o que é!
Esse amor sem amor é o que eu sinto.
Não se ri?

BENVÓLIO

Ora, primo; eu quase choro.

ROMEU

Por quê?

BENVÓLIO

Por seu coração oprimido.

ROMEU

A transgressão do amor é sempre assim.
Meu peito já carrega tanta dor,
Que o seu enxerto só a faz maior,
Levando a sua. A afeição que mostrou
Mais aumenta a tristeza que hoje eu sou.
O amor é fumo de um suspiro em chama
Que faz brilhar os olhos de quem ama;
Contrariado, é um mar feito de lágrimas;
E o que mais? Critério na loucura,
Trago de fel que preserva a doçura.
Meu primo, adeus.

BENVÓLIO

Que é isso? Eu também vou.
Deixar-me aqui, assim, me machucou.

ROMEU

Estou perdido e nem estou aqui;
Quem é Romeu só vaga por aí.

BENVÓLIO

Bem triste, conte quem é seu amor?

ROMEU

Devo gemer, então, para contar?

BENVÓLIO

Gemer? Por quê? É só dizer quem é.

ROMEU

A um doente alguém pede testamento?
É termo que não vai com o sofrimento.
Na tristeza, primo, eu amo uma mulher.

BENVÓLIO

Mirei bem, ao julgá-lo apaixonado.

ROMEU

Tem boa pontaria, e ela é bela.

BENVÓLIO

Um belo alvo é fácil de alcançar.

ROMEU

Errou; ela não me deixa acertar
Coma flecha de Cupido, ela é Diana,
Armada fortemente em castidade,
Pra com Cupido ter impunidade.
Não cede ao cerco das palavras ternas,
Nem aos golpes do assalto dos olhares,
E nem ao ouro que seduz os santos.
É rica de beleza; sua indigência
'Stá em morrer sem deixar descendência.

BENVÓLIO

Jurou viver pra sempre casta e pura?

ROMEU

Jurou; e é desperdício uma tal jura;
Pois beleza com tal austeridade
Rouba beleza da posteridade.
Bela e sábia demais, por que seu fado
A faz feliz 'stando eu desesperado?
Abjurou o amor, e por fazê-lo,
É morto em vida quem vive a dizê-lo.

BENVÓLIO

Ouça o que digo: é melhor esquecê-la.

ROMEU

Então me ensine a como não pensar.

BENVÓLIO

Dando a seus olhos toda a liberdade,
Observe outras belezas.

ROMEU

Só se for
Pra remoer a sua, tão extrema.
As máscaras que beijam nossas damas,
Negras, sugerem ocultas belezas;
Quem ficou cego nunca mais esquece
Os tesouros perdidos com a visão.
Mostre-me alguma moça bonitinha;
De que serve o seu rosto senão para
Nele eu ler que há beleza bem maior?
Adeus, eu não aprendo a esquecer.

BENVÓLIO

Pois eu hei de ensinar-lhe, ou então morrer.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entram Capuleto, Páris e um Criado.*)

CAPULETO

Montéquio 'stá tão preso quanto eu,
Por penas semelhantes, e não custa
A velhos como nós manter a paz.

PÁRIS

Os senhores são ambos muito honrados

E é pena que essa luta dure tanto.
Mas o que diz, senhor, ao meu pedido?

CAPULETO

O mesmo que já disse outra vez.
A minha filha não conhece o mundo,
Não completou sequer 14 anos.
Mais dois verões eu quero ver passar
Antes de achá-la pronta pr'o altar.

PÁRIS

Outras, mais moças, já são mães agora.

CAPULETO

E sofrem pela pressa dessa hora,
Na terra eu enterrei todos os outros:
Ela é tudo o que eu tenho aqui na terra.
Mas, bom Páris, procure conquistá-la,
Meu voto é parte da vontade dela;
E ela concorda que, ao decidir,
Tenha eu direito à voz pra permitir.
Hoje eu dou uma festa costumeira
Para a qual temos muitos convidados,
Dentre os que amo, em meio aos quais você
Mais um, bem-vindo, que aumenta a lista.
Em meu modesto lar hoje há de ver
Astros terrenos clareando o céu:
Tudo o que agrada a um saudável rapaz,
Quando abril já em festa vem atrás
Do inverno que se arrasta, tais valores
Você verá, entre as donzelas-flores,
Em minha casa. Olhe e ouça bem,
E escolha a que maior mérito tem;
Entre muitas, a minha comparece;
É uma, verifique o que merece.
Vem comigo.
(*para o criado*)
Pajem, vá, urgente,
Procurar em Verona toda a gente

Escrita aqui; e dê o meu recado
A cada um, que 'stá sendo esperado.

(*Saem Capuleto e Páris.*)

CRIADO

Procurar todos os que estão escritos aqui. Está escrito que o sapateiro só deve se meter com seu metro, o alfaiate com sua forma, o pescador com seu pincel e o pintor com sua rede, mas a mim mandam encontrar a gente que tem o nome escrito aqui, quando eu não sei descobrir que nomes a pessoa escrevinhadora escreveu aqui. Preciso encontrar um sábio. Bem na hora.

(*Entram Benvólio e Romeu.*)

BENVÓLIO

Ora, uma chama apaga outra chama,
Cada angústia reduz uma outra dor:
Alegre-se com a dor que hoje reclama,
O desespero cura a dor menor.
Pegue nova infecção no seu olhar,
Que o seu veneno a outra há de matar.

ROMEU

Folha de plátano é que é bom pra isso.

BENVÓLIO

Para o quê?

ROMEU

Pra canela fraturada.

BENVÓLIO

Está louco, Romeu?

ROMEU

Não louco, mas mais preso que um lunático:
Na cadeia, privado de alimento,

Surrado, e torturado e… Salve, homem.

CRIADO

Que Deus lhes dê bom-dia. Sabe ler?

ROMEU

Até o meu mau fado, na miséria.

CRIADO

Talvez tenha aprendido a ler sem livros. Mas, por favor, o senhor sabe ler qualquer coisa que veja?

ROMEU

Se conhecer as letras e a língua.

CRIADO

Resposta honesta. Passe muito bem.

ROMEU

Espere aí, rapaz. Eu sei ler.
(*Lê a carta.*)
Signor Martino, sua mulher e filhas;
Conde Anselmo e suas belas manas;
A ilustre viúva de Utrúvio;
Signor Placentio e as lindas sobrinhas;
Mercúcio e seu irmão Valentino;
Meu tio Capuleto, mulher e filhas;
Minhas sobrinhas Rosalina e Lívia;
Signor Valêncio e seu primo Teobaldo;
Lúcio e a vivaz Helena.
Belo grupo; aonde devem ir?

CRIADO

Para cima.

ROMEU

Onde vão cear?

CRIADO

Em nossa casa.

ROMEU

Casa de quem?

CRIADO

Do meu amo.

ROMEU

Devia ter perguntado isso antes.

CRIADO

Eu conto sem o senhor perguntar. Meu amo é o rico Capuleto, e se o senhor não for da casa dos Montéquios, peço-lhe que venha entornar um copo de vinho. E passe muito bem.

(*Sai.*)

BENVÓLIO

Na festa da família Capuleto
Vai cear Rosalina, o seu amor,
Junto com outras belas de Verona.
Vá até lá, e com olhar isento
Olhe outros rostos; juro, sem rodeio —
Que farão de seu cisne um pato feio.

ROMEU

No dia em que meus olhos devotados
Forem falsos, que o pranto queime em pira,
E que eles, tantas vezes afogados,
Agora hereges, queimem por mentira.
Mais bela que a que amo? O sol que brilha
Em outra jamais viu tal maravilha.

BENVÓLIO

Ela é bonita em sua solidão,
Comparada a si mesma em sua visão;
Mas sendo por dois cristais pesada,
Sua dama com outra, apresentada
Brilhando nessa festa, hoje, por mim,
Não há de parecer tão linda assim.

ROMEU

Eu irei, não pra ver tal expoente,
Mas pra, com a minha, ficar mais contente.

(*Saem.*)

Cena III

(*Entram a senhora Capuleto e a Ama.*)

SRA. CAP.
Onde está minha filha? Chame-a, Ama.

AMA
Por minha virgindade aos 12 anos,
Já a chamei. Querida! Carneirinho!
Deus me livre! Onde está? Cadê, Julieta!

(*Entra Julieta.*)

JULIETA
Aqui estou; quem me chama?

AMA
A sua mãe.

JULIETA
Senhora, aqui estou; o que deseja?

SRA. CAP.
É o seguinte; oh Ama, saia um pouco.
O assunto é secreto. Ama, volte!
Pensei melhor; preciso do seu conselho,
Conhece minha filha desde o berço.

AMA
Eu sei até a hora em que nasceu.

SRA. CAP.
Não fez catorze anos.

AMA
Por catorze
Destes meus dentes — que são quatro — eu juro
Que ela não fez catorze. O quanto falta
Para um de agosto?

SRA. CAP.

Mais uns vinte dias.

AMA

Por mais ou menos, neste mesmo ano,
No dia primeiro, à noite, faz catorze.
Susana e ela — Deus nos salve a todos —
Nasceram juntas. Susana 'stá com Deus.
Eu não a merecia. Como eu disse,
Em agosto ela faz catorze anos.
Isso mesmo, eu me lembro muito bem.
Faz onze anos que tremeu a terra,
E ela desmamou — nunca me esqueço —
De todos os dias do ano, bem naquele.
Eu passei ervas amargas no meu peito
E sentei, bem ao Sol, junto ao pombal.
A senhora e o patrão — 'stavam em Mântua —
A cachola está boa. Mas, como eu disse,
Quando sentiu no seio as ervas amargas,
A pombinha achou ruim, achou amargo,
Fez cara feia e largou meu peito.
O pombal sacudiu! Nem precisei
Repetir a receita.
E desde então passaram-se onze anos.
Juro por Deus que já ficava em pé,
Já andava e corria por aí,
Pois nesse dia bateu com a cabeça;
E então meu marido — Deus o tenha —
Ele era muito alegre — levantou-a,
Dizendo — "Mas se cai assim, de cara?
Quando souber das coisas, cai de costas,
Não é, Julinha?" E por tudo o que é santo,
A boba ficou quieta e disse "É."
Vejam só como os chistes aparecem!
Nem que viva mil anos, eu lhes juro,
Eu hei de me esquecer, "Não é, Julinha?"
E a boba, sem chorar, responder: "É."

SRA. CAP.

Agora, chega. Por favor, silêncio.

AMA

Sim, senhora, mas é mesmo de rir
Ela não chora, mais, e dizer: "É."
E eu garanto que, bem aqui na testa,
Tinha um inchaço que até parecia
Colhão de galo, e que doía muito.
E ele disse: "Cai assim, de cara?
Quando crescer só vai cair de costas,
Não é, Julinha?" E ela disse: "É."

JULIETA

Pois hoje eu digo: "Ama, agora chega."

AMA

Pronto, acabei. Que Deus a abençoe,
Nunca criei menina tão bonita.
Se viver pra ver seu casamento,
É o meu sonho.

SRA. CAP.

Pois casamento é justamente o tema
Desta conversa. Diga-me aqui, Julieta,
Como se sente quanto ao casamento?

JULIETA

É honra com que nunca ousei sonhar.

AMA

Uma honra. Não fosse eu sua ama,
E diria que o juízo vem do peito.

SRA. CAP.

Pois pense nele. Mocinhas mais jovens
Que você, na nobreza de Verona,
São hoje mães. Pelas minhas contas,
Eu era sua mãe, com a mesma idade
Que você tem de solteira. Enfim,
O nobre Páris quer o seu amor.

AMA

Um homem, moça. Um homão, senhora,
Que no mundo… ele serve de modelo.

SRA. CAP.

A fina flor do verão de Verona.

AMA

Uma flor, mesmo; ele é uma flor.

SRA. CAP.

Que diz? Será capaz de amá-lo?
Hoje à noite irá vê-lo em nossa festa.
Estude o livro do rosto de Páris,
Escrito pela pena da beleza.
Repare na harmonia das feições,
Pois cada uma embeleza a outra;
E se algo fica obscuro no volume,
As notas no olhar aclaram tudo.
Esse livro do amor, com as folhas soltas,
Pra perfeição precisa só de capa.
O peixe é pro mar. É erro eterno
A beleza ocultar o belo interno;
Visto por muitos, um livro tem glória,
Porque abraça o tesouro de uma história:
Compartilhando do que ele possui,
Ao tê-lo, você não se diminui.

AMA

Aumenta, que a mulher cresce com o homem.

SRA. CAP.

Diga: o amor de Páris lhe agrada?

JULIETA

Sim, se ao olhar sentir-me apaixonada.
Porém mais longe eu nunca hei de ir,
Que o voo que a senhora consentir.

(*Entra um criado.*)

CRIADO

Senhora, os convidados chegaram, a ceia está servida, a senhora foi chamada, procuram a patroinha, na copa xingam a Ama, e tudo está uma loucura. Tenho de correr para servir, e imploro que venha logo.

(*Sai*.)

SRA. CAP.

Julieta, o conde aguarda, e com ardor.

AMA

Com noite boa, o dia é bem melhor.

(*Saem*.)

Cena IV

(*Entram Romeu, Mercúcio, Benvólio, com cinco ou seis outros mascarados e portadores de tochas*.)

ROMEU

Vamos usar a fala que ensaiamos?
Ou entramos sem desculpa?

BENVÓLIO

Não 'stá na moda dizer muita coisa.
Não há Cupido aqui, de olhos velados,
Com arco oriental feito de ripas,
Como espantalho a assustar as moças;
Nem prólogo sem texto, atrapalhando,
A esperar o ponto, pra entrarmos.
Que eles nos meçam pelo que quiserem,
Nós dançamos um pouco e já sumimos.

ROMEU

Eu não quero brincar; deem-me uma tocha;
Por estar tão sombrio, eu levo a luz.

MERCÚCIO

Nada disso, Romeu; tem de dançar.

ROMEU

Creia-me, eu não. Mas você tem sapatos
De alma leve, mas a minha alma é de chumbo.
Grudado ao chão, mal posso caminhar.

MERCÚCIO

Mas amante pede asas a Cupido
Pra voar muito acima disso tudo.

ROMEU

A sua flecha foi tão fundo em mim
Que não dá pr'eu voar com suas penas.
Não alcança mais alto que um suspiro,
'Stou me afogando ao peso desse amor.

MERCÚCIO

Quando vai fundo, o amor é sempre um peso —
E sempre oprime algo de delicado.

ROMEU

O amor é delicado? É antes bruto,
Rude demais, e espeta como um espinho.

MERCÚCIO

Se é rude com você, faça-lhe o mesmo;
Se o furou, fure alguém que ele se aquieta.
Deem-me uma caixa pr'eu guardar meu rosto;
Uma cara por outra. O que me importa
Que curiosos vejam meus defeitos?
Aqui tenho uma face que corará.

BENVÓLIO

Vamos bater e entrar; uma vez dentro,
Cada um fica entregue às próprias pernas.

ROMEU

Quero uma tocha. Que corações leves
Usem seus calcanhares insensíveis.

Como um ditado velho já dizia —
Seguro a vela e fico só olhando.
É hora de pensar, 'stou acabando.

MERCÚCIO

Bando é de rato, até segundo a lei.
Se virou rato, nós vamos puxá-lo
Pra fora desse charco que é o amor,
E onde está afundando. Vamos logo.

ROMEU

Não é bem isso.

MERCÚCIO

Eu quis dizer atraso.
Gastamos vela pr'acender o dia.
Vale a intenção, cujo siso tem sido
Cinco vezes maior que o de um sentido.

ROMEU

Vamos à festa com boa intenção.
Mas não é muito certo.

MERCÚCIO

E por que não?

ROMEU

Eu hoje tive um sonho.

MERCÚCIO

E eu também.

ROMEU

Sonhou o quê?

MERCÚCIO

Que os sonhos mentem bem.

ROMEU

Para quem dorme, o sonho é de verdade.

MERCÚCIO

Sonhei que Mab, a rainha, o visitou.
É a parteira das fadas e ela vinha
Como uma ágata pequenininha
No dedo indicador de um conselheiro.
Puxada por um par de vermezinhos

A correr no nariz do adormecido.
Uma casca de noz lhe faz de carro,
Feito por um esquilo carpinteiro;
Que sempre foi das fadas carreteiro.
As varas são perninhas de uma aranha,
Asas de gafanhoto sua cobertura;
As rédeas vêm de teias pequeninas,
E a canga, de réstias de luar.
O seu chicote é um ossinho de grilo,
Seu cocheiro, uma varejeira cinza,
Que uma donzela tira do dedinho;
Assim cavalga ela pela noite
E, atravessando o cérebro do amante,
Faz nascer ali sonhos de amor;
Nos joelhos dos nobres, cortesias,
No dedo do advogado, grandes ganhos;
Os lábios das donzelas sonham beijos,
Mas Mab, zangada, faz nascerem bolhas
Nos que encontra borrados por bombons.
Se pesa no nariz de um cortesão,
Ela sonha com o cheiro de favores;
Às vezes passa o rabo de um leitão
Pelo nariz de um cura adormecido,
E o faz sonhar com mais uma prebenda.
Se passa no pescoço de um soldado,
Seu sonho é com a degola do inimigo,
Ou com assaltos, aço e emboscadas,
Ou mares de bebida; e, logo após,
Toca tambor no ouvido, e ele desperta
Assustado e, depois de uma oração,
Dorme de novo. É essa aquela Mab
Que embaraça a crina dos cavalos
E assa as carapinhas dos capetas
Que, penteadas, trazem grandes males.
É essa a velha que, se uma donzela
Adormece de costas, deita em cima

E a ensina a arcar com um peso vivo,
Pra aprender a pesar com outras cargas.
É ela…

ROMEU

Agora, chega, paz, Mercúcio.
'Stá falando de nada.

MERCÚCIO

Eu sei; de sonhos.
Filhos de cérebros desocupados,
Concebidos por fantasias vãs,
Cuja substância não é mais que ar;
Mais frágeis do que o vento, eles seduzem
Inda hoje o seio gélido do norte —
Mas, se irritados, bufam desde lá
E voltam-se pro sul, mais orvalhado.

BENVÓLIO

Esse seu vento, nós é que sopramos:
A ceia está servida; já tardamos.

ROMEU

É muito cedo. A minha mente teme
Algo que, ainda preso nas estrelas,
Vá começar um dia malfadado
Com a festa desta noite, e ver vencido
O termo desta vida miserável.
Com a pena vil da morte inesperada.
Que aquele que me guia em meu percurso
Me oriente agora. Vamos, cavalheiros.

BENVÓLIO

Toquem, tambores.

Cena V

(*Eles marcham pelo palco e entram criados trazendo toalhas e guardanapos*.)

1º CRIADO

Onde está o Cuca, que não nos ajuda a tirar a mesa?
transformou-se num comilão! Raspa as panelas!

2º CRIADO

Quando as boas maneiras só dependem das mãos de um ou dois
— e nem lavadas — as coisas andam mal.

1º CRIADO

Afastem os banquinhos, tirem o guarda-louças e cuidado com a baixela. Por favor, guarde marzipã para mim, e, pelo meu bem, faça o porteiro deixar entrar a Susana e a Nélia. Antônio e Cuca!

3º CRIADO

Estou pronto, rapaz.

1º CRIADO

Estão te procurando, te chamando, te buscando e te fuçando, no salão.

4º CRIADO

Não podemos ficar aqui e lá também. Alegria, pessoal! Apertem o passo agora, e que vença o melhor fígado!

(*Saem os criados*.)
(*Entram Capuleto, a senhora Capuleto, Julieta, Teobaldo, a Ama e todos os convidados e convidadas, que se encontram com os mascarados*.)

CAPULETO

Bem-vindos, nobres, e damas com pés
Livres de calos pra dançar um pouco.
Ah, senhoras, qual de nós
Vai negar-se a dançar? Quem fizer fita
Eu digo que tem calos. Não 'stou certo?
Bem-vindos, cavalheiros. Foi-se o tempo
Em que usei máscara e tinha lábia

Pra murmurar no ouvido de uma dama
Muitos agrados. Já faz muito tempo!
Bem-vindos, cavalheiros! Toquem, músicos!
Espaço no salão! Moças, pra dança!
(*A música toca e eles dançam.*)
Mais luz, criados; desarmem as mesas;
'Stá muito quente, apaguem esse fogo.
É bom ter uma festa improvisada.
Sente, sente, meu primo Capuleto;
Você e eu já não dançamos mais.
Quanto tempo faz desde que nós dois
Usamos máscaras?

PRIMO CAP.

Uns trinta anos.

CAPULETO

Nem tanto, homem, não é tanto assim.
É desde o casamento de Lucêncio,
Que agora, quando for em Pentecostes,
Faz 25 anos. Foi então.

PRIMO CAP.

Faz mais; o filho já tem mais que isso —
Está com trinta.

CAPULETO

Não me diga; é mesmo?
Inda era menor há um par de anos.

ROMEU

Quem é a moça que enfeita a mão
Daquele cavalheiro?

CRIADO

Eu não conheço.

ROMEU

Ela é que ensina as tochas a brilhar,
E no rosto da noite tem um ar
De joia rara em rosto de carvão.
É riqueza demais pro mundo vão.
Como entre corvos pomba alva e bela

Entre as amigas fica essa donzela.
Depois da dança, encontro o seu lugar,
Pra co'a mão dela a minha abençoar.
Já amei antes? Não, tenho certeza;
Pois nunca havia eu visto tal beleza.

TEOBALDO

Só pela voz eu sei que é um Montéquio.
Rapaz, o meu punhal.
(*Sai Pajem.*)
Ousa esse escravo
Vir aqui, recoberto com essa máscara,
Pra fazer pouco desta nossa festa?
Por meu sangue, que corre sempre honrado,
Não creio ser matá-lo algum pecado.

CAPULETO

Meu primo, por que grita? 'Stá em perigo?

TEOBALDO

Aquele é um Montéquio, um inimigo.
Um vilão, que aqui veio com maldade
Pra debochar desta solenidade.

CAPULETO

Não é Romeu?

TEOBALDO

É; aquele vilão.

CAPULETO

Fique mais calmo, primo, e deixe-o em paz.
Ele age qual perfeito cavalheiro;
Verona só o honra, na verdade,
Como alguém de virtude equilibrada.
Nem por toda a riqueza da cidade
Eu permito que o insulte em minha casa.
Portanto, paciência; esqueça dele.
É o meu desejo, e por respeito a mim
Seja cortês e desamarre a cara,
Pois tal semblante não convém à festa.

TEOBALDO

Mas convém se um vilão está presente.
Não o aturo.

CAPULETO

Pois vai aturá-lo.
Rapazinho abusado, eu 'stou mandando.
Sou eu ou é você o amo, aqui?
Vai criar caso com os meus convidados?
Bancar o galo? Ser o homem da casa?

TEOBALDO

Mas é uma vergonha.

CAPULETO

Agora, chega.
Anda muito atrevido. É uma vergonha?
Você inda me paga. Mas já sei!
Precisa me amolar! Está na hora…
Muito bem, meus amigos!… Sai, frangote,
Quieto, ou… Mais luz! Mais luz!… Ou eu garanto
Que eu o acalmo. Alegria, queridos!

TEOBALDO

A minha paciência com seus gritos
Me treme a carne, de tantos conflitos.
Eu vou-me embora, mas essa invasão
Que ora adoça há de ter má conclusão…

(*Sai*.)

ROMEU

Se a minha mão profana esse sacrário,
Pagarei docemente o meu pecado:
Meus lábios, peregrinos temerários,
O expiarão com um beijo delicado.

JULIETA

Bom peregrino, a mão que acusas tanto
Revela-me um respeito delicado;

Juntas, a mão do fiel e a mão do santo
Palma com palma se terão beijado.

ROMEU

Os santos não têm lábios, mãos, sentidos?

JULIETA

Ai, têm lábios apenas para a reza.

ROMEU

Fiquem os lábios, com as mãos unidas;
Rezem também, que a fé não os despreza.

JULIETA

Imóveis, eles ouvem os que choram.

ROMEU

Santa, que eu colha o que os meus ais imploram.
(*Ele a beija.*)
Seus lábios meus pecados já purgaram.

JULIETA

Ficou nos meus o que lhes foi tirado.

ROMEU

Dos meus lábios? Os seus é que os tentaram;
Quero-os de volta.

(*Beija-a.*)

JULIETA

É tudo decorado!

AMA

Senhora, sua mãe quer lhe falar.

ROMEU

Quem é a sua mãe?

AMA

Ora, rapaz,
Sua mãe é a dona aqui da casa,
Senhora boa, sábia e virtuosa.
Fui eu que amamentei essa filhinha.

E digo-lhe que aquele que a pegar
Fica rico.

ROMEU

Então ela é Capuleto?
Entreguei minha vida ao inimigo.

BENVÓLIO

Vamos, enquanto estamos no esplendor.

ROMEU

E a minha inquietação fica pior.

CAPULETO

Cavalheiros, não partam agora;
Vamos servir uma ceia modesta.
(*Alguém murmura ao seu ouvido.*)
É mesmo? Pois eu agradeço a todos.
Obrigado, senhores; boa noite.
Mais tochas! 'Stá na hora de deitar.
Palavra como está ficando tarde;
Vou descansar.

(*Saem Capuleto, a senhora Capuleto, os convidados, as convidadas e os mascarados.*)

JULIETA

Ama, conhece aquele cavalheiro?

AMA

Ele é filho e herdeiro de Tibério.

JULIETA

E aquele, que já vai passar na porta?

AMA

É o jovem Petrúquio, ao que parece.

JULIETA

E aquele, atrás, que não entrou na dança?

AMA

Não sei.

JULIETA

Vá perguntar seu nome. Se é casado,
Meu leito nupcial é minha tumba.

AMA

O seu nome é Romeu, e é um Montéquio.
Único filho do seu inimigo.

JULIETA

Nasce o amor desse ódio que arde?
Vi sem saber, ao saber era tarde.
Louco parto de amor houve comigo,
Tenho agora de amar meu inimigo.

AMA

O que foi?

JULIETA

Um versinho que aprendi
Com um par na dança.

(*Alguém, fora, chama: "Julieta!"*)

AMA

Está indo, senhora.
Venha; as visitas já foram embora.

(*Saem.*)

ATO II

(*Entra o Coro.*)

CORO

Mal a antiga paixão agonizava

E o novo amor já quer o lugar dela;
A bela por quem ontem se matava
Junto a Julieta nem sequer é bela.
Agora amado, ama outra vez Romeu,
Ambos presa do aspecto exterior;
Ele leva à inimiga o pranto seu
E ela tira do ódio doce amor.
Inimigo, a Romeu fica vedado
Fazer as juras naturais do amor,
E a ela, apaixonada, não é dada
Ir encontrá-lo, seja onde for.
Mas a paixão, à força, os faz vencer,
Temperando o perigo co'o prazer.

(*Sai.*)

Cena I

(*Entra Romeu, só.*)

ROMEU

Partir? Deixando o coração aqui?
Barro, volta, e procura a sua essência.

(*Afasta-se.*)
(*Entram Benvólio e Mercúcio.*)

BENVÓLIO

Romeu! Primo Romeu!

MERCÚCIO

Ele é sabido,

E aposto que já foi deitar, em casa.

BENVÓLIO

Ele correu pra saltar aquele muro.
Chame-o, Mercúcio.

MERCÚCIO

Não; vou conjurá-lo:
Romeu! Insano! Apaixonado! Amante!
Vem, aparece em forma de suspiro!
Diz um versinho que, pra mim, já basta.
Dá um suspiro, rima "amor" com "dor",
Faz um só elogio à prima Vênus,
Dá um dos nomes de seu filho cego,
O menino Cupido, que acertou
Cofétua quando amou sua mendiga.
Ele não ouve, mexe nem reage!
O macaco está morto; só com reza.
Te invoco pelo olhar de Rosalina,
Sua testa alta e lábios carmesim,
Seu pé, perna comprida e coxa trêmula,
Bem como o reino ali por perto desta,
Pra tu, tal como és, nos apareças!

BENVÓLIO

Se ele o ouvir, vai ficar aborrecido.

MERCÚCIO

Não sei por quê. Poderia zangar-se
Se eu invocasse algum potente espírito
Pra penetrar o círculo da amante,
Que fosse estranho e ali ficasse, ereto,
Até que ela chegasse a derrubá-lo:
Lá isso era maldade. A minha reza
É clara e limpa! Em nome de quem ama
Só peço que ele cresça e apareça.

BENVÓLIO

Vamos nós, que ele entrou pelo arvoredo
Pra conversar com os mistérios da noite.
Com amor cego, é melhor ficar no escuro.

MERCÚCIO

Amor que é cego não acerta o alvo;
Ele vai se encostar numa ameixeira.
Querer que a amada fosse fruta igual
À que faz rirem, em segredo, as moças.
E quase sempre elas chamam de ameixa.
Ai, Romeu, ai! Se ao menos ela fosse
Uma ameixa, e você pera pontuda!
Canteiro é muito frio pra ser cama.
Vamos embora?

BENVÓLIO

Vamos, que é inútil
Buscar quem quer ficar bem escondido.

(*Saem Benvólio e Mercúcio.*)

Cena II

(*Romeu avança.*)

ROMEU

Zomba da dor quem nunca foi ferido.
(*Julieta aparece ao alto.*)
Que luz surge lá no alto, na janela?
Ali é o leste, e Julieta é o Sol.
Levante, Sol, faça morrer a Lua
Ciumenta, que já sofre e empalidece
Porque você, sua serva, é mais formosa.
Não a sirva, pois que assim ela a inveja!
Suas vestais têm trajes doentios
Que só tolas envergam; tire-os fora.
É a minha dama, oh, é o meu amor!

Se ao menos o soubesse!
Seus olhos falam, e eu vou responder.
Que ousado sou; não é a mim que falam.
Duas estrelas, das mais fulgurantes,
'Stando ocupadas, pedem aos seus olhos
Que brilhem na alta esfera até que voltem.
E se ficassem lá, e elas no rosto?
O brilho de sua face ofuscaria
Os astros como o dia faz à chama:
Por todo o ar do céu, com tal fulgor
A luz de seu olhar penetraria,
Que as aves cantariam, como ao dia!
Como ela curva o rosto sobre a mão!
Quem me dera ser luva pra poder
Beijar aquela face.

JULIETA

Ai de mim!

ROMEU

Ela fala!
Fale, anjo, outra vez, pois você brilha
Na glória desta noite, sobre a terra,
Como o celeste mensageiro alado
Sobre os olhos mortais que, deslumbrados,
Se voltam para o alto, para olhá-lo,
Quando ele chega, cavalgando as nuvens,
E vaga sobre o seio desse espaço.

JULIETA

Romeu, Romeu, por que há de ser Romeu?
Negue o seu pai, recuse-se esse nome;
Ou se não quer, jure só que me ama
E eu não serei mais dos Capuletos.

ROMEU

(*à parte*)
Devo ouvir mais, ou falarei com ela?

JULIETA

É só seu nome que é meu inimigo:
Mas você é você, não é Montéquio!
O que é Montéquio? Não é pé, nem mão,
Nem braço, nem feição, nem parte alguma
De homem algum. Oh, chame-se outra coisa!
O que há num nome? O que chamamos rosa
Teria o mesmo cheiro com outro nome;
E assim Romeu, chamado de outra coisa,
Continuaria sempre a ser perfeito,
Com outro nome. Mude-o, Romeu,
E em troca dele, que não é você,
Me entrego por inteiro.

ROMEU

Eu cobro essa jura!
Se me chamar de amor, me rebatizo:
E, de hoje em diante, eu não sou mais Romeu.

JULIETA

Quem é que, assim, oculto pela noite,
Descobre o meu segredo?

ROMEU

Pelo nome,
Não sei como dizer-lhe quem eu sou,
Meu nome, cara santa, me traz ódio,
Porque, para você, é de inimigo.
S'estivesse escrito, tal nome rasgaria.

JULIETA

Nem cem palavras eu sorvi ainda
Dessa voz, mas já reconheço o som.
Você não é Romeu, e um Montéquio?

ROMEU

Nem um nem outro, se você não gosta.

JULIETA

Mas como veio aqui, e para o quê?

O muro do pomar é alto e liso,
E pra quem é você, aqui é a morte,
Se algum de meus parentes o encontrar.

ROMEU

Com as asas do amor saltei o muro,
Pois não há pedra que impeça o amor;
E o que o amor pode o amor ousa tentar.
Portanto, seus parentes não me impedem.

JULIETA

Mas se o virem aqui eles o matam.

ROMEU

Há muito mais perigo nos seus olhos
Que nas lâminas deles. Seu olhar
Me deixa protegido do inimigo.

JULIETA

Eu não quero por nada que o vejam.

ROMEU

Tenho o manto da noite pra esconder-me,
E se você me ama, não me encontram.
Antes perder a vida por seu ódio
Que, sem o seu amor, não morrer logo.

JULIETA

Quem o guiou pra vir até aqui?

ROMEU

O amor, que me obrigou a procurar:
Aos seus conselhos eu juntei meus olhos.
Não sou piloto, mas, se você fosse
Pro fim da praia do mar mais distante,
Eu singrava até lá por tal tesouro.

JULIETA

O meu rosto usa a máscara da noite,
Mas de outro modo eu enrubesceria
Por tudo o que me ouviu dizer aqui.
Queria ser correta e renegar
Tudo o que disse. Mas adeus, pudores!
Me amas? Sei que vai dizer que sim,

E aceito sua palavra. Se jurar,
Pode ser falso. E dizem que Zeus ri
Dos perjúrios do amor. Doce Romeu,
Se me ama, mesmo, afirme-o com fé;
Mas, se pensar que eu fui fácil demais,
Serei severa e má, e direi não,
Pra que me implore; de outra forma, nunca.
Na verdade, Montéquio, ouso demais,
E posso parecer-lhe leviana;
Mas garanto, senhor, ser mais fiel
Que as que, por arte, fazem-se de difíceis.
Eu seria difícil, e o confesso,
Se não ouvisse, sem que eu o soubesse,
Minha grande paixão; então perdoe-me,
E não julgue ligeiro o amor que, cedo,
O peso desta noite revelou.

ROMEU

Eu juro, pela Lua abençoada,
Que banha em prata as copas do pomar…

JULIETA

Não jure pela Lua, que é inconstante,
E muda, todo mês, em sua órbita,
Pro seu amor não ser também instável.

ROMEU

Por que devo jurar?

JULIETA

Não jure nunca.
Ou, se o fizer, jure só por si mesmo,
Único deus de minha idolatria,
Que eu acredito.

ROMEU

Se meu grande amor…

JULIETA

Não jure, já que mesmo me alegrando
O contrato de hoje não me alegra:
Foi por demais ousado e repentino,

Por demais como o raio que se apaga
Antes que alguém diga "Brilhou". Boa noite.
Este botão de amor, sendo verão,
Pode florir num nosso novo encontro.
Boa noite, ainda. Que um repouso são
Venha ao meu seio e ao seu coração.

ROMEU

Mas vai deixar-me assim, insatisfeito?

JULIETA

E que satisfação posso hoje eu dar?

ROMEU

Sua jura de amor, pela que eu dei.

JULIETA

Eu dei-lhe a minha antes que a pedisse;
Bem que eu queria ainda ter de dá-la.

ROMEU

E quer negá-la? Mas pra quê, amor?

JULIETA

Só pra ser franca e dá-la novamente;
Eu só anseio pelo que já tenho:
Minha afeição é como um mar sem fim,
Meu amor tão profundo. Mais eu dou
Mais tenho, pois são ambos infinitos.
Ouço um ruído. Até mais, amor meu.
(*Ama chama, de fora.*)
Ama, já vou. Seja fiel, doce Montéquio.

(*Sai.*)

ROMEU

Oh noite abençoada; eu tenho medo
Que, por ser noite, isto seja só sonho,
Bom e doce demais pra ter substância.

(*Julieta volta, ao alto.*)

JULIETA

Três palavras, Romeu, e boa noite.
Se acaso o seu amor tem forma honrada
E pensa em se casar, mande amanhã
Dizer, por quem buscá-lo no meu nome,
Onde e a que horas tem lugar o rito,
E a seus pés porei tudo o que é meu,
Pra segui-lo, no mundo, meu senhor.

AMA

(*fora*)
Senhora!

JULIETA

Já vou! Mas se não tem boa intenção,
Imploro…

AMA

(*fora*)
Senhora!

JULIETA

Já vou indo!
Que se afaste e me deixe à minha dor.
Amanhã mando alguém.

ROMEU

Pela minh'alma…

JULIETA

Mil vezes boa noite.

(*Sai.*)

ROMEU

Tristes mil vezes; minha luz se foi!
O amor busca o amor como o menino
Corre da escola pra não trabalhar;

Amor longe do amor tem o destino
Igual ao do vadio a estudar.

(*Julieta volta ao alto.*)

JULIETA

Pst! Romeu! Pst! Com a voz do falcoeiro
Eu laçava de volta o peregrino.
A voz do prisioneiro é rouca e baixa,
Ou eu rachava a caverna do Eco.
Tornando-a mais rouca do que eu,
Com o repetir do nome de Romeu.

ROMEU

Quem chamou o meu nome foi minh'alma;
A voz do amor na noite é som de prata,
Parece música a quem o escuta.

JULIETA

Romeu!

ROMEU

O meu falcão!

JULIETA

A que horas
Devo eu mandar saber?

ROMEU

Às nove horas.

JULIETA

Sem falta. Até lá são vinte anos.
Esqueci por que eu o chamei.

ROMEU

Deixe que eu fique até você lembrar.

JULIETA

Vou esquecer, só pra você ficar,
E eu pensar como é bom tê-lo aqui perto.

ROMEU

Eu fico, pra você esquecer sempre,
E esqueço até que tenho um outro lar.

JULIETA

É dia. Eu quero que se vá, mas só
Tão longe quanto a ave da rameira,
Que a deixa saltitar perto da mão —
Um pobre prisioneiro agrilhoado —
Mas com seu fio sempre a traz de volta,
Só por ciúme à sua liberdade.

ROMEU

Quisera eu ser pássaro.

JULIETA

E eu também.
Mas iria matá-lo só de afagos.
Foi tão doce este boa-noite agora,
Que eu direi boa-noite até a aurora

(*Sai Julieta.*)

ROMEU

Tenha sono em seus olhos, paz no seio;
Por sono e paz tão doces eu anseio.
Sorri a aurora ao escuro pesado,
No leste, a luz já deixa o céu rajado;
O negror, ébrio, corre pra escapar
Das rodas de Titã, que vai passar.
Vou à cela do pai da minha alma,
Pra falar disso e ter ajuda e calma.

(*Sai.*)

Cena III

(*Entra Frei Lourenço, sozinho, com uma cesta.*)

FREI

Antes que o olho do céu venha queimar,
Pro dia, alegre, o orvalho secar,
Tenho de encher a cesta com os odores
Que vêm das ervas e do mel das flores.
A terra-mãe de tudo é também cova:
O que ela enterra o seu ventre renova;
E como é vária a prole que aqui veio,
Vemos quando mamamos em seu seio.
Há filhos com virtudes excelentes;
São todos bons, mas todos diferentes.
É grande e forte a graça que é encontrada
Na virtude que a planta e erva é dada.
Não há nada tão vil no que aqui vem
Que a terra não lhe dê sequer um bem;
E nem nada é tão bom que, exagerado,
Não caia em perversão e traia o fado.
A virtude é um vício, malgerida;
E o vício, vez por outra, salva a vida.
(*Entra Romeu.*)
No sumo desta flor, pra quem procura
Mata o veneno, e o remédio cura.
Se cheirada, é propícia à compleição;
Provada, para o senso e o coração.
Dois reis opostos têm presença igual,
Em planta e homem 'stão a graça e o mal;
Quando a parte pior é que se adianta
Logo o cancro da morte come a planta.

ROMEU

Bom dia, padre.

FREI

Deus sempre o abençoe.
Por que assim tão cedo me saúda?

Filho, nem tudo pode andar direito
Com quem tão logo salta de seu leito.
Velho não dorme, de preocupado,
E sono não se deita com cuidado;
Mas onde o jovem com a cabeça em paz
Joga o seu corpo, o sono vai atrás.
Portanto a madrugada me assegura
Que você está passando uma amargura.
Se assim não for, eu aposto que acerto:
Esta noite, Romeu ficou desperto.

ROMEU

É bem verdade; eu tive melhor sina.

FREI

Meu santo Deus! Pecou com Rosalina?

ROMEU

Com Rosalina? Meu bom padre, não!
Já me esqueci da dor que tive então.

FREI

Isso é bom. Mas o que andou fazendo?

ROMEU

Vais saber, se ouvires o que estou dizendo.
Eu fui a um baile na casa que odeio,
E uma entre eles me acertou em cheio.
Também a alvejei. Nosso tormento
Depende de sua ajuda e tratamento.
Não tenho ódio, padre, do inimigo;
Ele terá do bem que faz comigo.

FREI

Diga claro, meu filho, o seu intento,
Pois confissão não é divertimento.

ROMEU

Pois ouça: meu amor 'stá firme e quieto
Junto à filha do rico Capuleto.
Se o meu é dela, o dela é só meu,
E cabe-lhe juntar o que se deu
Com santo matrimônio. Em que momento

Nos vimos e trocamos juramento,
Eu contarei, mas sempre a suplicar
Que hoje mesmo consinta em nos casar.

FREI

Meu São Francisco! Que mudança rara!
Rosalina, a que disse ser tão cara,
Foi despedida? O amor do jovem mora
Não no peito, mas no que vê na hora.
Meu Jesus, só eu sei quanto de sal
Correu em vão por seu rosto, afinal.
Quanta salmoura foi desperdiçada
Num tempero de amor que deu em nada.
O sol ainda nem sequer limpou
Do ar os ais que este ouvido escutou.
Se estivesse em si toda essa dor
Devia ainda ser do antigo amor.
Mas já mudou? Proclame então por mim:
Caia a fêmea, se o macho muda assim.

ROMEU

Por amar Rosalina eu fui punido.

FREI

Não por amar, por desejar, querido.

ROMEU

Mandou que o enterrasse.

FREI

Não numa cova
Onde entra uma e sai uma outra, nova.

ROMEU

Não condene. A que ora eu amo, senhor,
Me corresponde em graça e em amor.
A outra, não.

FREI

Porque sabia bem
Que amor tão tolo pouca vida tem.
Mas vamos lá. Meu rapaz indeciso;
Há razão pra ajudar, sendo preciso.

A união que acaba de propor
Pode fazer do ódio puro amor.

ROMEU

Vamos logo: eu estou louco de pressa.

FREI

Muita calma. Quem corre só tropeça.

(*Saem*.)

Cena IV

(*Entram Benvólio e Mercúcio*.)

MERCÚCIO

Mas onde, raios, se enfiou Romeu? Não foi pra casa ontem?

BENVÓLIO

Não pra casa do pai. Perguntei ao criado.

MERCÚCIO

Ora, é aquela dona de coração de pedra, a pálida Rosalina, que o atormenta tanto que ele acaba completamente louco.

BENVÓLIO

Teobaldo, parente do velho Capuleto, mandou uma carta para a casa do pai.

MERCÚCIO

Juro que é desafio.

BENVÓLIO

Romeu há de responder.

MERCÚCIO

Ora, qualquer um que saiba escrever pode responder a uma carta.

BENVÓLIO

Não, vai responder ao dono dessa carta, mostrar-lhe o que faz, quando lhe fazem.

MERCÚCIO

Coitado do Romeu, já está morto, apunhalado pelos olhos pretos daquela moça alva, cortado até a orelha por uma canção de amor, com o próprio caroço do coração atravessado por uma flecha do ceguinho. E isso é homem para enfrentar Teobaldo?

BENVÓLIO

E o que é que tem esse Teobaldo?

MERCÚCIO

Mais que o Príncipe dos Gatos. Veja, não há regulamento que ele não cumpra com bravura: ele luta como quem lê música: respeita o ritmo, o andamento e a proporção. Faz uma pausa na mínima, conta um, dois, e o três é no seu peito: é um assassino de botões de seda — um duelista, um duelista, um cavalheiro de primeira classe e da primeira e da segunda causas. Ah, a passada dupla, a contra em quarta, o *touché*!

BENVÓLIO

O quê?

MERCÚCIO

Que se danem esses fantasistas afetados, ciciosos, esses inventores de falas novas. Jesus, ele é um grande espadachim, muito bravo, uma boa puta! Não é lamentável, vovô, que sejamos infernizados por essas moscas esquisitas, esses novidadeiros, esses "com licenças", que se apoiam tanto nas novas formas que não conseguem mais se ajeitar nos bancos antigos? Que ossos! Que ossos!

(*Entra Romeu.*)

BENVÓLIO

Lá vem Romeu, lá vem Romeu!

MERCÚCIO

Ro sem *meu* tem rosto de arenque seco. Ah, carne, carne, estás peixificada. Vai deslizar em versos de Petrarca. Diante de sua amada, Laura é ajudante de cozinha — apenas arranjou melhor versejador — Dido é uma pata, Cleópatra uma cigana, Helena e Hero rameiras safadas, e Tisbe bonitinha, mas nada que valesse a pena. *Signor Romeo, bonjour*. Uma saudação francesa para seus calções da França. Ontem à noite descobri que é falsário.

ROMEU

Bom dia aos dois. Mas como sou falsário?

MERCÚCIO

Deu pistas falsas sobre o seu caminho. Concorda?

ROMEU

Perdão, meu bom Mercúcio; meu assunto era importante, e em tais casos, um homem pode distorcer um pouquinho a cortesia.

MERCÚCIO

É o mesmo que dizer que em casos como o seu o sujeito se torce até destorcer as canelas.

ROMEU

ao fazer cortesias…

MERCÚCIO

Acertou em cheio.

ROMEU

Foi tão cortesmente argumentado.

MERCÚCIO

Eu sou o florescimento perfeito da cortesia.

ROMEU

Floresce como uma flor.

MERCÚCIO

Exato.

ROMEU

Meus sapatos são corteses, pois têm flores.

MERCÚCIO

Bem achado, e agora dê seguimento a este chiste até gastar o sapato que tem solado único, e você ficará desolado, após usá-lo sola-mente para pôr a sola no solo.

ROMEU

Chiste i-solado, singularmente a-solado por ser só de sola.

MERCÚCIO

Venha entrar na brincadeira, Benvólio; meu espírito já está perdendo o fôlego.

ROMEU

Finque-lhe as esporas, senão ganhei eu!

MERCÚCIO

Não; se é para o espírito ficar sem pé nem cabeça, eu desisto. Pois cada um dos seus sentidos está mais sem sentido do que os meus cinco, juntos. Com essa eu não empatei com você?

ROMEU

Você empata com todos, menos comigo; foi bobo no pé e na cabeça.

MERCÚCIO

Eu mordo a sua orelha, só por essa.

ROMEU

Cabeça que está assim não morde.

MERCÚCIO

Seu espírito anda agridoce, está com molho muito temperado.

ROMEU

E não é preciso temperar tanta bobagem, para servi-la?

MERCÚCIO

Isso é chiste de pelica, que se estica para afinar e para alargar.

ROMEU

Eu a estico para alargar qualquer espírito fino e bobo.

MERCÚCIO

E isso não é melhor do que gemer de amor? Você agora está muito sociável, está muito bem, Romeu; bem aquele que conhecemos, tanto pela arte quanto pela natureza. Porque quem baba de amor fica igual a um bobo dos que correm por aí, de língua de fora e enfiando o bastão onde podem.

BENVÓLIO

Parem! Parem!

MERCÚCIO

Você quer que eu pare com o rabo ainda arrepiado.

BENVÓLIO

É que o rabo estava ficando grande demais.

MERCÚCIO

Engano seu; ia encurtá-lo. Tinha chegado ao fundo e não pretendia mais ocupar o argumento.

ROMEU

Mas vejam só que trapalhão.
(*Entram a Ama e o seu criado Pedro.*)
Vela à vista!

MERCÚCIO

Duas! Duas! Uma camisa e uma camisola.

AMA

Pedro.

PEDRO

Já vou.

AMA

Meu leque, Pedro.

MERCÚCIO

Bom Pedro, é para ela esconder o rosto. A cara do leque é mais bonita.

AMA

Deus lhes dê bons dias, cavalheiros.

MERCÚCIO

Que Deus lhe dê uma boa noite, bela dama.

AMA

É boa noite?

MERCÚCIO

Nada menos do que isso, pois o safado do ponteiro do Sol está neste momento cobrindo a marca do meio-dia.

AMA

Ora, pare com isso. Que tipo de homem é esse?

ROMEU

Senhora, um que Deus fez e Ele mesmo estragou.

AMA

Palavra que isso foi bem-dito: "e Ele mesmo estragou", não é? Mas, senhores, será que algum dos presentes pode me informar onde posso encontrar o jovem Romeu?

ROMEU

Eu posso; mas o jovem Romeu estará mais velho quando o encontrar do que era quando o procurou. Eu sou o mais jovem do nome, por falta de outro pior.

AMA

O senhor fala muito bem.

MERCÚCIO

O pior é bem? Bem-apanhado. Grande sabedoria.

AMA

Se é ele, senhor, desejo trocar umas confidências consigo.

BENVÓLIO

Na certa vai "confidenciá-lo" para alguma ceia.

MERCÚCIO

É cafetina! É cafetina! Peguei!

ROMEU

Pegou o quê?

MERCÚCIO

Não foi gato por lebre, nem comida de abstinência, que geralmente já está seca antes de acabar.
(*Ele canta e dança.*)
Lebre gelada
Lebre safada
É boa pra jejum
Mas lebre surrada
Não atrai a moçada
Que gela de um em um.
Romeu, você vai jantar na casa de seu pai? Nós estamos indo para lá.

ROMEU

Eu vou logo.

MERCÚCIO

Adeus, senhora relíquia; adeus, senhora, senhora, senhora.

(*Saem Mercúcio e Benvólio.*)

AMA

Por favor, senhor, quem é esse rapaz tão abusado e exibido com sua grosseria?

ROMEU

Um cavalheiro, Ama, que gosta de ouvir a própria voz, capaz de falar mais em um minuto do que aguenta dos outros em um mês.

AMA

Se falar mal de mim, eu o porei pra baixo, nem que seja mais forte do que é, e vinte vezes mais homem. E se eu não conseguir, contrato alguém que possa. Salafrário! Não sou nem das vagabundas nem das marginais dele.
(*Volta-se para Pedro, seu criado.*)
E você só fica aí, plantado, deixando que qualquer safado me use a seu bel-prazer!

PEDRO

Não vi ninguém usando a senhora para o seu prazer; se visse, punha logo de fora a minha arma. Garanto que saco tão rápido quanto qualquer outro, tendo a oportunidade para uma boa briga, se a lei estiver do meu lado.

AMA

Juro por Deus que estou tão danada que estou toda tremendo, de alto a baixo. Safado sórdido. Por favor, senhor, uma palavra — como disse, a minha patroinha pediu que o procurasse. O que me pediu que dissesse eu guardo para mim. Mas, primeiro, deixe que eu lhe diga que, se o senhor a fizer cair em algum conto do vigário, como se diz, seria um comportamento muito sem vergonha, como se diz, pois a mocinha é muito jovem. E, portanto, se jogar sujo com ela, ia ser muita maldade para qualquer fidalguinha, e trato e dos piores e dos mais desprezíveis.

ROMEU

Ama, recomendo-me à sua ama e senhora, e apresento-lhe meus protestos de…

AMA

Meu coração, pode deixar que eu digo isso tudo a ela muito

exatamente. Nossa, que mulher feliz ela há de ser.

ROMEU

O que lhe irá dizer, Ama? Não me escuta…

AMA

Vou dizer que protesta — o que, segundo a minha compreensão, é uma resposta de cavalheiro.

ROMEU

Peça-lhe que encontre
Meios pra, à tarde, ir se confessar,
Pois na cela do caro Frei Lourenço,
Depois de confessar-se ela se casa.
Tome por seu trabalho.

AMA

Nem pensar, senhor. Nem um centavo.

ROMEU

Mas eu insisto.

AMA

Esta tarde, senhor? Lá ela irá.

ROMEU

Ama, pare um momento atrás da igreja.
Em meia hora o meu criado a encontra
Para entregar uma escada de cordas
Que, até o prêmio de minha alegria,
Eu subirei no segredo da noite.
Adeus; seja discreta. Eu a compenso.
Adeus; me recomende à sua senhora.

AMA

Que Deus o abençoe. Escute aqui.

ROMEU

O que é, cara Ama?

AMA

Seu criado é discreto? Todos dizem
Que segredo de dois, só se um morre.

ROMEU

Ele é leal e firme como o aço.

AMA

Minha patroa é a mais doce das moças. Meu Deus! Quando ela ainda era deste tamaninho… Olhe, há um nobre na cidade, um tal de Páris, que gostaria de ser o galo do terreiro; mas ela, uma boa alma, preferia olhar um sapo, um sapo mesmo, do que olhar para ele. Eu gosto de implicar com ela, às vezes, dizendo que esse Páris é mais distinto, mas garanto que quando falo assim ela fica mais pálida que qualquer trapo deste mundo inteiro. Rosmaninho e Romeu não começam com a mesma letra?

ROMEU

Isso mesmo, Ama. E daí? Ambos com R.

AMA

Debochado! Isso é nome de cachorro; "R" é pra… Não; isso eu sei que começa com outra letra; e ela faz umas ótimas sentenciações sobre isso, sobre o senhor e o rosmaninho — que o senhor ia gostar de ouvir.

ROMEU

Recomende-me à sua ama.

(*Sai.*)

AMA

Mais de mil vezes. Pedro!

PEDRO

Já vou!

AMA

Vá na frente, e depressa.

(*Saem.*)

Cena V

(*Entra Julieta.*)

JULIETA

Batiam nove quando a Ama foi,
Prometendo voltar em meia hora.
Talvez não o encontrasse. É impossível.
Ela é capenga. Os arautos do amor
Devem ser rápidos como o pensar,
Muito mais do que a luz que vem do sol,
Ao expulsar as sombras das colinas.
Por isso as pombas atraem o amor,
E Cupido, o veloz, tem duas asas.
O sol já está no píncaro mais alto
Deste dia, e das nove até as 12
São três horas, mas ela não voltou.
Se tivesse o ardor da juventude
Ela iria voar como uma bola:
Minha fala a atirava ao meu amor,
A dele a mim.
Mas os velhos parecem mais defuntos:
São pesados, de chumbo, e sem assunto.
(*Entra a Ama, com Pedro.*)
Meu Deus, é ela. E então, minha Amazinha?
Encontrou-o? Dispense esse criado.

AMA

Pedro, espere no portão.

(*Sai Pedro.*)

JULIETA

Ama querida — que tristeza é essa?
Conte-me alegre até as novas tristes;
E, sendo boas, você desafina
A música com o rosto assim franzido.

AMA

Estou exausta. Deixe que eu respire.
Meus ossos 'stão doendo. Andei demais!

JULIETA

Eu troco as suas novas por meus ossos.
Vamos, fale: por favor, Ama, fale.

AMA

Jesus, que pressa! Não pode esperar?
Não está vendo que eu estou sem fôlego?

JULIETA

Como sem fôlego se o tem bastante
Pra dizer que não pode respirar?
As desculpas que dá pra demorar
São mais compridas que o recado em si.
São boas ou más novas? Diga logo:
Uma ou outra; os detalhes vêm depois.
Mas preciso saber: boas ou más?

AMA

Bem, você fez uma escolha muito tola. Não sabe como se escolhe um homem. Romeu? Não, ele não. Embora seu rosto seja melhor do que o de qualquer outro, ele também tem pernas superiores às dos outros, e quanto à mão e ao pé, e ao corpo, embora talvez seja melhor não falar neles, mesmo assim são incomparáveis. Ele não é a maior flor de cortesia, mas garanto que é manso como um cordeirinho. Pode ir, menina. Pense em Deus. Como é, já almoçaram?

JULIETA

Nada disso; o que eu disse eu já sabia.
Que diz do casamento? Que diz disso?

AMA

Ai, meu Deus, como dói minha cabeça.
Lateja tanto que eu vou estourar.
'Stou desancada. Ai, as minhas costas!
Maldita seja por mandar-me assim
Correr feito uma louca por aí.

JULIETA

Lamento que não esteja muito bem.
Ama querida, o que diz meu amor?

AMA

O seu amor, porque é um cavalheiro
Cortês, honesto, bom e bem bonito,
E virtuoso até — Cadê sua mãe?

JULIETA

Ora essa, a mamãe? Está lá dentro.
Onde devia estar? Mas que resposta!
"Diz seu amor, porque é um cavalheiro
Cortês, honesto, bom e bem bonito,
Cadê a sua mãe?"

AMA

Virgem Maria!
É tanta a afobação? Pouco me importa.
É esse o emplastro que dá pros meus ossos?
Pois leve os seus recados você mesma.

JULIETA

Mas quanta queixa! O que disse Romeu?

AMA

Tem licença pra confissão de hoje?

JULIETA

Tenho.

AMA

Pois se correr até o Frei Lourenço,
Lá terá um marido pra esposá-la.
Agora ficou toda enrubescida;
Você sempre corou com novidades.
Vá à igreja; eu vou pra outro lado
Buscar a escada com que o seu amor
Vai subir, pelo escuro, até o ninho.
Trabalho eu pra você ter prazer;
Mas de noite é você quem vai gemer.
Eu vou comer. Corra para a igreja.

JULIETA

Pro meu destino! E que Deus a proteja.

(*Saem.*)

Cena VI

(*Entram Frei Lourenço* e *Romeu.*)

FREI

Sorria o céu a este ato santo,
E que ele não nos traga sofrimento.

ROMEU

Amém, amém. Mas nem a maior dor
Anula a linda troca de alegrias
Que um minuto me dá por vê-la aqui.
Se juntar nossas mãos com bênção santa,
Que a morte, que devora o amor, ataque:
Pra mim basta poder chamá-la minha.

FREI

E violento prazer tem fim violento,
E morre no esplendor, qual fogo e pólvora,
Consumido num beijo. O mel mais doce
Repugna pelo excesso de delícia,
Que acaba perturbando o apetite.
Modere-se, pro amor poder durar;
A pressa atrasa igual ao devagar.
(*Entra Julieta, um tanto precipitada, e abraça Romeu.*)
Eis a dama. Esses pés, assim tão leves,
Jamais desgastarão o chão que pisam.
Quem ama pode caminhar nas teias
Sacudidas nas brisas do verão
Sem cair; pois tão leve é o bem terreno.

JULIETA

Boa tarde, confessor da minha alma.

FREI

Romeu lhe dará graças por nós ambos.

JULIETA

Já o fez, e ficou com a maior parte.

ROMEU

Julieta, se a alegria que hoje sente
For grande como a minha, e a sua arte
Maior pra descrevê-la, que a sua voz
Adoce o ar e que a sua música
Possa cantar quanta felicidade
Nós recebemos hoje um do outro.

JULIETA

O que nós temos de imaginação,
Se é mais rico por dentro que por fora,
Só canta o conteúdo, não o ornato.
Não tem valor o que dá pra contar,
E o meu amor cresceu a um tal excesso
Que não sei o valor nem da metade.

FREI

Venham comigo, pra apressar os votos.
Por mim, não ficam sós de modo algum
Até a igreja dos dois fazer um.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I

(*Entram Mercúcio, Benvólio e outros homens.*)

BENVÓLIO

Mercúcio, por favor, vamos embora;
'Stá quente, os Capuletos 'stão à solta.
Se houver encontro, a briga é inevitável,
Pois no calor o sangue ferve louco.

MERCÚCIO

Você parece um desses sujeitos que, ao entrar no recinto de uma taverna, fica com a espada bem à mão, na mesa, e diz: "Deus permita que eu não te necessite!"; e já na segunda caneca quer se servir de quem serve, sem a menor provocação.

BENVÓLIO

Eu sou assim?

MERCÚCIO

Ora, vamos; você é tão esquentado quanto qualquer brigão da Itália; pronto a ficar ofendido e, se ofendido, logo pronto.

BENVÓLIO

Para o quê?

MERCÚCIO

Deixe de histórias. Se houvesse dois de você, daí a pouco não ia haver mais nenhum, porque um matava o outro. Ora, você briga com qualquer um que tenha um fio de barba a mais ou a menos que você. Briga com quem quebra uma noz, só porque tem olhos cor de avelã. Que olho fica olhando mais para achar briga do que o seu? Sua cabeça é tão cheia de brigas quanto um ovo de alimento, mas já o vi reduzido a um ovo podre por causa de uma briga. Você já brigou com um pobre coitado que tossiu na rua, só porque ele acordou o seu cachorro, que estava tirando uma soneca ao sol. E não se desentendeu com um alfaiate, só porque ele saiu de roupa nova antes da Páscoa? Ou com um outro, porque amarrou os sapatos com uma fita velha? E ainda quer me pregar sermão por causa de uma briga!

BENVÓLIO

Se eu brigasse com a mesma facilidade que você, qualquer um simplesmente me levava a vida em pouco mais de uma hora.

MERCÚCIO

É simples levar a vida de um simplório!

(*Entram Teobaldo, Petrúquio e outros.*)

BENVÓLIO

Olhe a dor de cabeça; lá vem Teobaldo.

MERCÚCIO

Olhe a dor no pé; o que me importa?

TEOBALDO

Sigam-me de perto, eu vou falar com eles. Cavalheiros, bom dia: uma palavra.

MERCÚCIO

Só uma palavra com um de nós? Junte mais alguma coisa — é melhor um golpe e uma palavra.

TEOBALDO

Verá que estarei bem pronto a fazê-lo, se me oferecer a ocasião.

MERCÚCIO

E será que não pode agarrar a ocasião sem que ninguém a ofereça?

TEOBALDO

Mercúcio, você anda em acordos com Romeu.

MERCÚCIO

Acordos? Ou acordes? Talvez ache que somos menestréis. Pois se somos nós os menestréis, não espere nada senão discórdia. Com isto é que eu toco o violino que o fará dançar. Pelas chagas de Cristo, acordos!

BENVÓLIO

Essa disputa, aqui, 'stá muito pública.
Ou vão para local mais isolado,
Ou discutam seu caso com juízo,
Ou caiam fora; todos 'stão olhando.

MERCÚCIO

Gente tem olhos pra olhar, e eles que olhem.
Não me movo para dar prazer aos outros.

(*Entra Romeu.*)

TEOBALDO

Fique em paz. O meu homem vem aí.

MERCÚCIO

Não me parece que use a sua libré.
Se for pro campo e se ele o seguir,
Será o caso de ele ser "seu homem".

TEOBALDO

Romeu, o amor que eu lhe dedico exige
Que lhe diga na cara que é um vilão.

ROMEU

Teobaldo, as razões do meu amor
Ajudam-me a escusar o tom de ira
Da sua saudação. Não sou vilão;
Portanto, adeus; você não me conhece.

TEOBALDO

Menino, isso, assim, não apaga o insulto
Que me lançou; portanto, pare e saque.

ROMEU

Garanto que jamais o insultei.
E o amo mais que possa imaginar
Então, bom Capuleto, nome que honro
Como o meu próprio, fique satisfeito.

MERCÚCIO

Mas que calma mais vil de desonrosa!
Alla stoccata é a palavra de ordem!
(*Saca a espada.*)
Teobaldo, seu pega-ratos; vamos lá?

TEOBALDO

Ora essa, o que quer você comigo?

MERCÚCIO

Bom Rei dos Gatos, apenas uma de suas nove vidas. Com essa tenho a intenção de me servir à vontade, e depois, conforme me tratar daqui em diante, resolvo o que fazer com as outras oito.

Vai tirar sua espada da bainha, pelas orelhinhas? Vamos logo, para que não chegue às suas orelhas antes que o faça.

TEOBALDO

Estou às suas ordens.

(*Saca a espada.*)

ROMEU

Bom Mercúcio, guarde essa espada.

MERCÚCIO

Vamos, senhor; faça seu passe.

(*Lutam.*)

ROMEU

Benvólio, controlemos essas armas;
Senhores, parem, isso é ultrajante.
Teobaldo, Mercúcio, o próprio príncipe
Proibiu essas lutas em Verona.
Pare, Teobaldo! Pare, bom Mercúcio!

(*Teobaldo, por baixo do braço de Romeu, atinge Mercúcio.*)

UM CRIADO

Fuja, Teobaldo.

(*Sai Teobaldo com seus seguidores.*)

MERCÚCIO

Estou ferido.
Danem-se as suas casas. 'Stou morto.

Ele se foi, ileso?

BENVÓLIO

Está ferido?

MERCÚCIO

É só um arranhão. Mas é o bastante.
O meu pajem! Menino, quero um médico!

(*Sai o Pajem.*)

ROMEU

Coragem, homem; o corte é pequeno.

MERCÚCIO

Não, não é tão fundo quanto um poço nem tão largo quanto uma porta de igreja, mas é o bastante; é o bastante. Procurem-me amanhã e me verão sério como um túmulo. Estou liquidado, eu garanto, para este mundo. Malditas as suas casas. Pelas chagas de Cristo, um cão, um gato, um rato, um camundongo, matam um homem com um arranhão. Um fanfarrão, um safado, um vilão, que luta por regras aritméticas — por que raios veio meter-se entre nós? Fui ferido por baixo do seu braço.

ROMEU

Pensei fazer pelo melhor.

MERCÚCIO

Levem-me pr'alguma casa, Benvólio,
Ou desmaio. Danem-se as suas casas,
Que fizeram de mim ração de verme.
Eu acabei de vez. As suas casas!

(*Saem Mercúcio e Benvólio.*)

ROMEU

Esse fidalgo, parente do príncipe,
Meu amigo, levou golpe fatal

Por mim — a minha honra foi ferida
Pelo insulto de Teobaldo, meu primo,
Há uma hora apenas. Ah,
Julieta,
Sua beleza me efeminou,
Amolecendo o aço do valor.

(*Entra Benvólio.*)

BENVÓLIO

O bom Mercúcio 'stá morto, Romeu.
Seu bravo espírito subiu pras nuvens
Cedo demais, deixando a nossa terra.

ROMEU

Maldito o fado deste dia, então;
Começa aqui a dor que outros terão.

(*Entra Teobaldo.*)

BENVÓLIO

Lá vem Teobaldo, ainda furioso.

ROMEU

Volta triunfante, e Mercúcio morto.
Fiquem no céu respeito e leniência:
E só a fúria me conduza agora!
Eu lhe devolvo agora Teobaldo,
O seu insulto. A alma de Mercúcio
Ainda paira perto, sobre nós,
Esperando que a sua o acompanhe.
Com ele irá você, ou irei eu.

TEOBALDO

Menino ousado, que era seu comparsa,
É você quem irá.

ROMEU

Pois vamos ver.

(*Lutam e Teobaldo cai.*)

BENVÓLIO

Fuja logo, Romeu.
O povo grita, e Teobaldo está morto!
Acorde! Se você for apanhado,
Vai ter pena de morte. Fuja logo!

ROMEU

Sou palhaço do destino.

BENVÓLIO

Por que fica?

(*Sai Romeu.*)
(*Entram cidadãos.*)

CIDADÃO

Pra onde foi o que matou Mercúcio?
Teobaldo, o assassino, pr'onde foi?

BENVÓLIO

Eis Teobaldo.

CIDADÃO

Vamos, vou levá-lo.
É em nome do príncipe que o prendo.

(*Entram o Príncipe, Montéquio, Capuleto, suas mulheres e todos.*)

PRÍNCIPE

Quem começou essa refrega vil?

BENVÓLIO

Meu nobre príncipe, posso eu contar-lhe
Os fatídicos lances desta briga.
Jaz aí morto por Romeu o homem
Que assassinou Mercúcio, o seu parente.

SRA. CAP.

Teobaldo querido! Meu sobrinho!
Oh príncipe, oh marido, corre o sangue
Do meu sobrinho. Pela lei, oh príncipe,
Quero, por esse, o sangue dos Montéquios.
Ai, meu sobrinho.

PRÍNCIPE

Quero saber quem começou, Benvólio.

BENVÓLIO

Teobaldo, aqui, a quem Romeu matou.
Romeu, gentil, pediu-lhe que pensasse

Como era tola a briga, e o alertou
Pra sua indignação. Tudo isso feito
Com bons modos, voz doce, e até mesuras,
Não bastou pra conter a irritação
De Teobaldo, surdo à paz, que ataca
Com aço agudo o peito de Mercúcio,
Que, acalorado, junta ponta a ponta,
E com humor marcial afasta a morte
Com uma das mãos, enquanto com a outra
Devolve-a a Teobaldo, que responde
Com grande habilidade. Romeu grita:
"Parem, amigos!", e, ainda mais rápido,
Seu ágil braço abaixa ambas as pontas
E posta-se entre eles. Sob seu braço,
Um golpe traiçoeiro de Teobaldo
Rouba a vida a Mercúcio. Foge o outro,
Mas volta, inda à procura de Romeu,
Que estava então sedento de vingança.
Pularam como um raio um no outro
E antes que os afastasse, Teobaldo
É abatido e Romeu sai, fugindo.
Esta é a verdade, ou deixe Benvólio morrer.

SRA. CAP.

Ele é aparentado com os Montéquios;
É falso por afeto. Está mentindo.
Estavam nessa briga mais de vinte!
Foram vinte a tirar uma só vida!
Meu príncipe, é justiça que eu exijo.
Romeu matou; não pode mais viver.

PRÍNCIPE

Romeu matou Teobaldo; e este, Mercúcio;
Quem deve agora o preço desse sangue?

MONTÉQUIO

Não Romeu, que era amigo de Mercúcio;
Seu erro terminou, como a lei manda,
A vida de Teobaldo.

PRÍNCIPE

E por tal crime
Desde já 'stá banido desta terra.
Eu fui tocado pelo acontecido,
Por vossas brigas correu sangue meu.
Mas hei de dar-vos penas tão severas
Que havereis de chorar a minha perda.
Serei surdo a pedidos e desculpas;
Não há perdão pra pranto nem pra reza;
Romeu deve partir com toda pressa,
Pois se for encontrado será morto.
Levai o corpo. Haveis de me acatar;
Perdão pra morte é o mesmo que matar.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entra Julieta, só.*)

JULIETA

Galopa pro lar de Febo, cavalo
De pés de fogo. Um condutor qual Faeton
O levaria a golpes para o oeste
Trazendo logo a noite nevoenta.
Noite que faz o amor, fecha o teu pano
Pra que os olhos se fechem e Romeu
Venha para estes braços invisíveis.
Amantes sabem ver ritos de amor
Pela própria beleza. Se ele é cego,
O amor vai bem co'a noite. Vem, oh noite,
Sóbria matrona toda em trajes negros,

E ensina-me a perder essa vitória
Em que é jogada a pura virgindade.
Cobre o meu sangue ingênuo, que palpita,
Com o manto negro até que o amor, ousado,
Veja o ato do amor como modéstia.
Vem, noite, vem, Romeu, vem dia em noite,
Pois nas asas da noite hás de mostrar-te
Tão alvo quanto a neve sobre um corvo.
Vem, noite escura, delicada e amante;
Dá-me o meu Romeu, e se eu morrer
Retalha-o e faz com ele estrelas,
E ele dará ao céu um rosto tal
Que o mundo inteiro há de adorar a noite,
Recusando-se a adorar o Sol.
Comprei pra mim uma mansão de amor,
Mas não a possuo. Mesmo vendida,
Inda não fui gozada. O dia hoje
É longo como a véspera da festa
Pra menina que tem vestido novo
Ainda sem usar. Lá vem a Ama.
(*Entra a Ama, com as cordas, torcendo as mãos.*)
Traz novas, e quem fala de Romeu
Tem na boca eloquência celestial.
Então, Ama, o que há? Que traz aí?
É a escada de Romeu?

AMA

Sim, é.

JULIETA

Mas o que há? Por que torcer as mãos?

AMA

Que tristeza! 'Stá morto! Morto! Morto!
Nós estamos perdidas, sim, perdidas,
Ai de mim, está morto, assassinado.

JULIETA

Pode o céu ser assim tão inimigo?

AMA

Pode.
Se não o céu, ao menos Romeu pode.
Quem podia pensar? Logo Romeu.

JULIETA

Mas por que me atormenta desse modo?
Torturar desse modo, só no inferno.
Romeu matou-se? É só dizer que sim,
Que só o som terá bem mais veneno
Do que o olhar mortal do basilisco.
Eu não sou eu se ouvir dizer "morreu",
Ou se seus olhos piscam pra afirmá-lo.
Ele morreu? Diga só "sim" ou "não".
Um breve som me traz o bem ou o mal.

AMA

Eu vi o ferimento com esses olhos
— Deus me perdoe — feito no seu peito.
Um cadáver patético e sangrento,
Pálido como a cinza, ensanguentado
Com as estranhas. Eu desmaiei de ver.

JULIETA

Estoura, coração. Falido, estoura.
Cega, eu jamais verei a liberdade;
Meu pó em pó se tornará, e inerte
Pesarei com Romeu num só caixão.

AMA

Ah, Teobaldo, meu melhor amigo.
Teobaldo cortês, tão cavalheiro.
Nunca pensei viver pra vê-lo morto.

JULIETA

Que tempestade mais insana é essa?
Romeu assassinado, o outro morto?
Meu caro primo e meu senhor amado?
É o Juízo Final anunciado!
Pois qual está vivo se ambos se forem?

AMA

Teobaldo morto e Romeu banido.

JULIETA

Meu Deus, Romeu matou Teobaldo?

AMA

Foi ele, ai de mim, foi ele sim.

JULIETA

Serpente oculta pela flor de um rosto!
Que dragão tem morada tão bonita?
Belo tirano, angélico demônio,
Corvo-pomba, carneiro feito lobo!
Matéria vil do mais divino aspecto!
Oposto do que tanto pareceu!
Santo maldito, vilão honorável!
Oh, natureza, o que houve no inferno,
Se ao coroar a fronte de um demônio,
Usaste carne tão celestial!
Que livro assim tão sórdido já teve
Capa tão linda? Como pode o engano
Viver em tal palácio?

AMA

Não há verdade,
Nem fé, nem honestidade nos homens.
São todos perjuros, torpes, fingidores.
Cadê meu pajem? Quero uma *aqua vitae*.
Tanta dor e tristeza me envelhecem.
Vergonha pra Romeu!

JULIETA

Queime essa língua
Por dizê-lo. Ele não nasceu pra vergonha.
A vergonha se vergonha de sentar-se,
No trono onde a honra é consagrada.
Como monarca único do mundo.
Foi um monstro quem pensou mal dele.

AMA

Vai falar bem de quem matou seu primo?

JULIETA

E devo falar mal de meu marido?

Ah, senhor meu, que língua há de louvá-lo
Quando eu, recém-casada, o condenei?
Mas, meu vilão, por que matou meu primo?
Porque o primo-vilão tentou matá-lo.
Lágrimas, voltem para suas fontes;
O seu tributo é devido à tristeza,
Só por engano ele rega a alegria.
'Stá vivo o meu marido ameaçado,
'Stá morto o primo que o ameaçou;
'Stou confortada. Por que choro, então?
Pior que a morte, ouvi uma palavra
Que me matou. Eu queria esquecê-la,
Mas ela pressiona a minha memória
Como a culpa tortura o pecador.
Teobaldo, morto, mas Romeu… banido.
Esse "banido", esse termo "banido",
Matou dez Teobaldos. Sua morte
Já era mais que triste só por si,
Mas se a vil dor precisa de companhia,
Tem de alinhar-se junto a outros males,
Por que não disse, com "Morreu Teobaldo",
Também a sua mãe, seu pai, ou ambos,
Motivos de lamento rotineiro?
Mas a sequência pra "Morreu Teobaldo"
É "Romeu foi banido"; essa palavra
É pai, mãe, primo, Romeu, Julieta,
Todos mortos. Romeu está banido.
Não há medida, nem limite ou fim
Na morte que vem dela. A dor é assim.
Ama, meu pai, minha mãe, onde estão?

AMA

Chorando Teobaldo em seu caixão.
Quer vê-los? Eu a posso levar lá.

JULIETA

Pra banhá-lo com pranto? Não o meu.
Mais que eles, eu choro por Romeu.

Leve a escada. 'Stá tudo abandonado,
A escada e eu; Romeu foi exilado.
Para o meu leito essa estrada ele fez,
Mas será virgem minha viuvez.
Ama, no leito nupcial vou deitar,
Pra só a morte me desvirginar.

AMA

Vá pro seu quarto. Eu hei de achar Romeu
Pra confortá-la. Eu sei bem pr'onde foi.
Romeu virá de noite, com certeza.
Vou vê-lo. Quem o esconde é Frei Lourenço.

JULIETA

Dê-lhe este anel, que é marca de firmeza,
Que ele venha, pro meu adeus imenso.

(*Saem.*)

Cena III

(*Entra Frei Lourenço.*)

FREI

Venha, Romeu, rapaz assustador,
Por quem a aflição se apaixonou
E que se casou com a calamidade.

(*Entra Romeu.*)

ROMEU

As novas, pai. Qual é minha sentença?
Que desgraça me quer tomar a mão

Que eu inda não conheça?

FREI

É exagerada
A sua intimidade com a amargura.
Eu vim trazer-lhe a sentença do príncipe.

ROMEU

Será pior que o Juízo Final?

FREI

De seus lábios saiu pena mais branda:
Não a morte do corpo, mas o exílio.

ROMEU

Exílio? Tenha piedade e diga morte.
Pois o aspecto do exílio é mais terrível,
Muito mais que o da morte. Exílio, não.

FREI

Doravante, banido de Verona.
Seja paciente, pois o mundo é grande.

ROMEU

Pra fora de Verona não há mundo,
Só purgatório, ou até mesmo o inferno;
Fora daqui 'stou banido do mundo,
O exílio é morte; e então o "banimento"
É um nome para a morte. O banimento
Me decapita com machado de ouro.
'Stá sorrindo da minha execução!

FREI

Que pecado mortal é ser ingrato!
A lei diz morte, e por bondade o príncipe,
Tomando o seu partido a afastou
E fez da negra morte banimento;
Isso é piedade, e você não quer ver.

ROMEU

Tortura, e não piedade. Aqui é o céu
Onde vive Julieta, e qualquer cão,
Ou gato, ou rato ou coisa sem valor
Pode viver no céu e pode vê-la,

Mas não Romeu. Existe mais valor,
Mais honra e cortesia em qualquer mosca
Do que em Romeu, pois essa pode
Tocar na mão tão branca de Julieta,
Roubar a eterna bênção de seus lábios,
Que ainda puros, vestais de seu pudor,
Coram por ver pecado nesse beijo.
Mas não Romeu; Romeu está banido.
As moscas podem, eu fujo daqui;
Elas são livres, eu estou banido.
E ainda diz que o exílio não é morte?
Não tem aqui um veneno, uma faca,
Nenhum meio de morte, por mais vil,
Pra me matar, senão esse "banido"?
O termo é pros danados, lá no inferno,
Chega uivando. E o senhor tem a coragem,
Confessor, diretor espiritual,
Que dá absolvição e é meu amigo,
De retalhar-me com esse "banimento"?

FREI

Tolo insano, ouça ao menos um momento.

ROMEU

Pra ouvi-lo falar de banimento.

FREI

Vou dar-lhe um escudo contra essa palavra.
Na adversidade há filosofia
Que possa consolar quem foi banido.

ROMEU

Inda "banido"! Quem quer ser filósofo?
Filosofia faz uma Julieta?
Muda a cidade? Altera a lei do príncipe?
Não, não ajuda e não adianta. Basta!

FREI

Percebo agora que os loucos são surdos.

ROMEU

E por que não, quando os sábios são cegos?

FREI

Discutamos o estado em que se encontra.

ROMEU

Como podes falar do que não sente?
Se fosses jovem, o amor de Julieta,
Recém-casado, e algoz de Teobaldo,
Apaixonado e, como eu, banido,
Podias então falar, descabelar-se,
E atirar-se no chão, como eu agora,
Medindo a cova que inda não foi feita.

(*Batem.*)

FREI

Estão batendo; esconda-se, Romeu.

ROMEU

Eu não, a não ser que os meus suspiros
Escondam-me dos outros com sua névoa.

(*Batem.*)

FREI

Escute só — Quem é? — Romeu, levante!
Será preso — Eu já vou. — Fique de pé.
(*Batem.*)
Pro meu quarto! — Já vou. — Que Deus me acuda. — Mas que tolice é essa? — Eu já 'stou indo.
(*Batem.*)
Quem bate? De onde vem e o que quer?

AMA

(*fora*)
Deixe-me entrar que saberá de tudo.
Julieta me mandou.

FREI

Seja bem-vinda.

(*Entra a Ama.*)

AMA

Ah, frade abençoado, por favor,
Onde está o senhor de minha ama?

FREI

Ali no chão; está bêbado de pranto.

AMA

O caso dele é o mesmo da patroa;
Exatamente o mesmo. Triste acordo;
Patética união. Assim está ela —
Queixa-se e chora; chora e mais se queixa.
Levante-se; levante-se, se é homem.
Pelo bem de Julieta, fique em pé.
Como fica assim não levanta mais nada!

(*Ele se levanta.*)

ROMEU

Ama!

AMA

Só a morte é que não tem mais remédio.

ROMEU

Falou de Julieta? Ela está bem?
Será que pensa em mim como assassino
Que maculou a infância da alegria
Com sangue assim tão próximo do seu?
Onde está? O que faz? E o que diz
Deste amor cancelado a minha dama?

AMA

Não diz nada; ela chora sem parar,
Deita na cama e torna a levantar,
Chama Teobaldo, grita por Romeu,
Deita de novo…

ROMEU

Como se esse nome,
Saído como bala de uma arma,
A matasse, como esta mão maldita
Matou-lhe o primo. Diga-me, meu frade,
Em que recanto vil da anatomia
Mora o meu nome? Diga, que eu destruo
O seu covil.

FREI

Pare essa louca mão.
Você é homem: a forma o proclama,
O pranto é de mulher, e os gestos loucos
Revelam fúria que só serve às feras.
É grotesca a mulher vista num homem,
Pior ainda a fera em uma ou outro!
É um espanto. Por minha ordem santa,
Eu o julgava mais equilibrado.
Matou Teobaldo e agora quer matar-se?
Maldiz o nascimento, o céu e a terra?
Pois esses três se unem em você
Num só instante. E você quer perdê-los.
Pois envergonha forma, amor e espírito.
A forma nobre é só massa de cera
Quando privada do valor de homem;
O seu amor é só perjúrio oco
Se mata o amor que jurou respeitar;
O espírito, que orna forma e amor,
Se mal usado na conduta de ambos,
É pólvora nas mãos de incompetentes,
Cuja própria ignorância é que incendeia.
Está se destruindo ao defender-se.
Rapaz, acorde! Julieta está viva,

Por quem você morria, ainda agora.
É sorte! E Teobaldo ia matá-lo,
Mas você o matou. Também foi sorte.
A lei que o ameaçava foi amiga,
Reduziu-se a exílio. Inda mais sorte.
Tantas bênçãos pousaram em você,
Tanta alegria o busca, engalanada!
Mas, como a rapariga de maus modos,
Você faz beiço ante a fortuna e o amor.
Procure o seu amor, segundo os planos,
Suba ao seu quarto — vá reconfortá-la.
Cuidado pra partir antes da Guarda,
Senão não vai poder passar pra Mântua,
Onde há de morar até o momento
De revelar sua boda e, entre amigos,
Imploramos ao duque a sua volta,
Com milhares de vezes mais motivo
Pra alegria que hoje há pra lamento.
Vá indo, Ama, com meus cumprimentos;
E que todos na casa vão pro leito,
Que uma grande tristeza o recomenda.
Romeu vai já.

AMA

Eu ficaria aqui a noite inteira
Ouvindo os seus conselhos. É o saber!
Senhor, direi à ama que irá logo.

ROMEU

Que se prepare pra me condenar.

(*Ama vai sair, mas volta.*)

AMA

Ela pediu que lhe desse este anel.
Apresse-se, senhor, que já é tarde.

(*Sai*.)

ROMEU

Como isto me alegra e reconforta.

FREI

Vá logo, e boa noite. O caso é este:
Ou você parte antes que a guarda chegue,
Ou de manhã viaja disfarçado.
Fiquei em Mântua. Eu procurarei seu pajem,
Que de tempos em tempos lhe dará
Todas as boas novas que houver.
A sua mão. É tarde. Vá com Deus.

ROMEU

Se a alegria do amor não me chamasse,
Não creia que daqui eu me afastasse.

(*Saem*.)

Cena IV

(*Entram Capuleto, a senhora Capuleto e Páris*.)

CAPULETO

Foi muito triste tudo o que se deu.
Não houve tempo pra falar com ela.
Julieta amava muito a Teobaldo;
Eu também. Pra morrer basta estar vivo.
É bem tarde; ela não desce mais, hoje.
Se não fosse por sua companhia,
Nós também já 'staríamos deitados.

PÁRIS

Hora de dor não é hora pra corte.
Boa noite, senhora. Recomende-me.

SRA. CAP.

Pois não. E amanhã terá resposta;
Esta noite a tristeza é que a domina.

(*Páris vai sair, porém Capuleto torna a chamá-lo.*)

CAPULETO

Páris, por imprudência eu mesmo empenho
O amor de minha filha. Eu acredito
Que em tudo ela será obediente;
Nem o duvido. Antes de deitar-se,
Vá falar-lhe, mulher, do amor de Páris,
E diga, 'stá ouvindo? — que na quarta —
Que dia é hoje?

PÁRIS

É segunda, senhor.

CAPULETO

Segunda? Ah, bem; quarta é cedo demais.
Que na quinta — isso, quinta — diga-lhe,
Irá casar-se com este nobre conde.
Estará pronto? Gosta desta pressa?
Não vai ser festa. Só uns dois amigos.
A morte de Teobaldo é tão recente
Que diriam, se houver muito festejo,
Que não o tínhamos em grande apreço.
Teremos só meia dúzia de amigos,
E fica nisso. O que diz da quinta?

PÁRIS

Que é pena a quinta não ser amanhã.

CAPULETO

Agora, vá. Será na quinta, e pronto.
Procure Julieta agora à noite;

Prepare-a, mulher, para essa boda.
Adeus, senhor. Quero luzes pro quarto!
Ora essa, é tão tarde que já posso
Daqui a um pouco dizer que é cedo. Adeus.

(*Saem.*)

Cena V

(*Entram Romeu e Julieta, ao alto, na janela.*)

JULIETA

Mas já quer ir? Ainda não é dia.
Foi só o rouxinol, não cotovia
Que penetrou seu ouvido assustado.
Toda noite ele canta entre as romãs.
Verdade, amor; foi só o rouxinol.

ROMEU

Foi o arauto do dia, a cotovia,
E não o rouxinol. Veja os clarões
Que já rendaram as nuvens no leste.
Cada vela do céu já se apagou,
E o dia, triunfante, se prepara
Para pisar nos cumes das montanhas.
Ou vou e vivo, ou fico aqui e morro.

JULIETA

Essa luz não é dia, amor; eu sei.
É um meteoro que o Sol exalou
Só pra servir de tocha pra você,
E iluminar seu caminho para Mântua.
Fique um pouco; não é preciso ir.

ROMEU

Então, que eu fique, e seja executado;
Concordo, se é assim que você quer.
Esse cinza não é olhar da aurora,
Mas só o reflexo pálido da lua.
Não ouvi cotovia, cujo canto
Reboa até a cúpula do céu.
Que me importa partir. Quero ficar.
Conversemos, amor; não é a aurora.

JULIETA

É sim, é sim; você tem de ir embora.
É a cotovia que canta assim, tão mal,
Com agudos estridentes, em discórdia.
Dizem que a cotovia faz, com graça,
A divisão dos ritmos de seu canto;
Mas, sem graça, ela agora nos divide.
Dizem que ela e o sapo trocam de olhos;
Só sinto que não troquem também de voz,
Pois sempre me parece rude e armada,
E o expulsa daqui nesta caçada.
Vá embora; a luz cresce e mostra as cores.

ROMEU

Clara é a luz, escuras nossas dores.

(*Entra a Ama, apressada.*)

AMA

Senhora.

JULIETA

O que é, Ama?

AMA

A senhora sua mãe vem ao seu quarto.
Já é dia; é melhor 'star prevenida.

(*Sai*.)

JULIETA

Janela, que entre a luz e saia a vida!

ROMEU

Adeus; um beijo mais e eu desço.

(*Ele desce*.)

JULIETA

Já se foi meu amor, marido e amigo?
Eu quero que me escreva de hora em hora,
Pois são muitos os dias de um minuto.
Contando assim, eu já 'starei velhinha
Antes de rever meu Romeu.

ROMEU

Adeus.
Não perderei nenhuma ocasião
De mandar meu amor e novidades.

JULIETA

Você crê que algum dia nos veremos?

ROMEU

Sem dúvida. E essa dor que hoje sentimos
Servirá pra conversa, no futuro.

JULIETA

Meu Deus, só sou vidente para o mal!
Parece-me que o vejo, bem distante,
Como um morto, no fundo de um caixão.
São os meus olhos, ou você está pálido?

ROMEU

Aos meus, querida, você também está.
A dor bebeu o nosso sangue. Adeus.

(*Sai*.)

JULIETA

Ah, Fortuna, que dizem caprichosa;
Se o fores, o que hás de querer dele,
Famoso por firmeza? Muda, então,
Pra não querê-lo mais, em pouco tempo,
E mandá-lo de volta.

(*Entra a senhora Capuleto*.)

SRA. CAP.

'Stá acordada?

JULIETA

Quem me chama? A senhora minha mãe?
Ainda não deitou ou madrugou?
O que, de inesperado, a traz aqui?

(*Ela se afasta da janela*.)

SRA. CAP.

Como está, filha?

(*Entra Julieta*.)

JULIETA

Não 'stou bem, senhora.

SRA. CAP.

Sempre a chorar a perda do seu primo?
Vai tirá-lo da cova só com pranto?
Nem isso poderia dar-lhe vida.
Portanto, basta: há pranto que é de amor,

Mas o excessivo é falta de juízo.

JULIETA

Permita-me que eu chore a minha perda.

SRA. CAP.

Assim só chora a perda, e não o amigo
Por quem chorou.

JULIETA

Mas ao sentir a perda,
É importante que eu não chore o amigo.

SRA. CAP.

Por sua morte nunca há de chorar
Tanto quanto o vilão que o assassinou.

JULIETA

Senhora, que vilão?

SRA. CAP.

Ora, Romeu.

JULIETA

A vilania e ele estão bem longe;
Deus o perdoe. Eu já perdoei;
Mas ninguém tanta dor me traz ao peito.

SRA. CAP.

É porque o assassino ainda vive.

JULIETA

Vive longe do alcance destas mãos.
Eu quero que só eu vingue o meu primo.

SRA. CAP.

Não tenha medo; ele será vingado.
Não chore mais. Mandarei a Mântua,
Onde mora o bandido renegado,
Alguém que a ele dê droga tão rara
Que em breve ele estará com Teobaldo;
E espero, então, que fique satisfeita.

JULIETA

Na verdade, não fico satisfeita
Com Romeu, antes que o veja — morto —
Qual o meu coração por um parente.

Senhora, se encontrar um mensageiro
Para o veneno, hei de temperá-lo,
Pra Romeu, logo após o receber,
Dormir em paz. Meu coração odeia
Ouvir seu nome sem poder tocá-lo,
Pr'eu expressar o amor que tinha ao primo
No próprio corpo de quem o matou.

SRA. CAP.

Encontre a droga que eu encontro o homem.
Mas, agora, eu lhe trago boas-novas.

JULIETA

Que nova é boa em tempo como este?
Mas por favor, senhora, quais são elas?

SRA. CAP.

Já sabe que seu pai pensa em você;
E, para aliviar sua tristeza,
Ele marcou um dia de alegrias
Que nem você nem eu hoje esperávamos.

JULIETA

Que bom, senhora. Mas que dia é esse?

SRA. CAP.

Filha, na quinta-feira, de manhã,
O guapo e muito nobre cavalheiro
Conde Páris, na igreja de São Pedro,
A fará sua noiva radiosa.

JULIETA

Pela igreja de São Pedro e de São Paulo,
Ele não vai me fazer noiva alguma.
Só me espanta essa pressa pr'eu casar,
Antes que esse marido faça a corte.
Por favor, diga a meu pai e senhor
Que não me caso ainda. E se casasse
Seria antes com Romeu, que odeio,
Que com Páris. Então a nova é essa?

SRA. CAP.

Lá vem seu pai. Então, diga isso a ele,

Pra ver se ele o escuta, de você.

(*Entram Capuleto e a Ama.*)

CAPULETO

Ao pôr do sol o orvalho cobre a terra,
Mas para o enterro deste meu sobrinho
Foi chuva que tivemos.
O que é isso, menina: virou bica?
Só chora e pinga? Em miniatura
Você já virou casco, mar e vento,
Pois seus olhos são mar que desce e sobe
Com choro de maré. Seu corpo é a nau
Que ali navega; os ventos, seus suspiros
Que rugem e sacodem suas lágrimas,
Que se não se acalmarem vão levar
Seu corpo a naufragar. Então, mulher,
Já lhe contou nossa decisão?

SRA. CAP.

Eu, já. Ela agradece, mas não quer.
Melhor casar a tonta com uma cova.

CAPULETO

Um momento, mulher. Que foi que disse?
Como? Não quer? E não nos agradece?
É orgulhosa? Não vê que é uma bênção,
Tendo tão poucos méritos, que nós
A demos como noiva a um tal homem?

JULIETA

Não sinto orgulho e sou agradecida.
Não posso ter orgulho do que odeio,
Mas sou grata pelo ódio que é amor.

CAPULETO

O quê? O quê? Tem lógica de hospício?
"Orgulhosa", "Agradecida", "Não quero",

Mais "não sou orgulhosa"? Menininha,
Nada de agradecimentos nem de orgulhos;
É só juntar os ossos pra, na quinta,
Ir com Páris à igreja de São Pedro,
Ou a arrasto até lá pessoalmente.
Verme anêmico! Lixo, passa fora!
Cara de vela!

SRA. CAP.

O que é isso? Está louco?

JULIETA

Meu bom pai, eu imploro, de joelhos;
(*Ajoelha-se.*)
Ouça com paciência uma palavra.

CAPULETO

Vá pra forca, rebelde de uma figa!
Pois ouça: vais pra igreja quinta-feira
Ou nunca mais verás este meu rosto.
Não fale, não replique, não responda.
A palma 'stá coçando. Nós, mulher,
Julgamos pouca bênção a que Deus dera
Com esta filha única; mas hoje
Percebo que essa única é demais.
E que fomos malditos ao gerá-la.
Sai, vagabunda.

AMA

Deus a abençoe.
Faz muito mal, senhor, dizendo isso.

CAPULETO

Por que, sua Sabe-Tudo? Cale a boca,
Vá fazer seus fuxicos na cozinha!

AMA

Não faltei com o respeito.

CAPULETO

Santo Deus!

AMA

Não se pode falar?

CAPULETO

Chega, idiota!
Vá pregar em conversa de comadres;
Aqui não é preciso.

SRA. CAP.

Não se exalte.

CAPULETO

Exaltar-me? Mas Deus é testemunha
Que dia e noite, em luta e em lazer,
Só ou acompanhado, sonhei sempre
Com casar bem a filha. Pois agora,
Ofereço-lhe um nobre cavalheiro,
De grandes posses, jovem, de linhagem,
Coalhado, como dizem, de virtudes,
Tão belo quanto calha bem a um homem,
E me aparece essa maldita idiota,
Choramingando diante de tal sorte,
E a dizer: "Não me caso", "Eu não o amo",
"Sou jovem, por favor, peço perdão!"
Pois não case, pra ver que perdão tem!
Pode ir pastar, que aqui não come mais.
Pense bem, que eu não sou de brincadeiras.
Quinta está aí. Use a mente e o coração.
Ou é minha pr'eu dá-la ao meu amigo
Ou enforque-se, então! Morra nas ruas!
Pois juro por minh'alma renegá-la
E impedir que o que é meu venha a ser seu.
Acredite e reflita. Eu juro e cumpro.

(*Sai*.)

JULIETA

Será que o céu não tem misericórdia
Que veja até o fundo a minha dor?

Não me renegue, minha mãe querida,
Adie a boda um mês, uma semana,
Se não, prepare o leito nupcial
Na tumba escura onde jaz Teobaldo.

SRA. CAP.

Não me digas nada, porque eu não respondo.
Faça o que bem quiser. Eu lavo as mãos.

(*Sai*.)

JULIETA

Ama, meu Deus, como evitar tudo isso?
Com o marido na terra, as juras feitas,
Como hei de ter na terra votos santos
Senão com meu marido já no céu,
Longe da terra? O que diz? Me aconselhe!
Como é possível que o céu brinque assim
Com súdita tão fraca quanto eu?
Que diz? Nem um traço de alegria?
Não há consolo, Ama?

AMA

Certo que há.
Romeu está banido; aposto o mundo
Que não ousa voltar pra reclamá-la.
Se o fizer, há de ser às escondidas.
Então, as coisas 'stando como 'stão,
Eu creio que é melhor casar com o conde.
Que bonito que ele é!
Romeu, ao lado dele, é um rebotalho.
Nem águia tem olhar tão verde e esperto
Quanto Páris. De coração lhe digo
Que teve sorte nesta nova união:
É melhor que a primeira, e se não fosse,
Seu marido está morto, ou é se como

Viesse aqui sem você o querer.

JULIETA

Fala de coração?

AMA

De alma também; que eu me dane se não.

JULIETA

Amém.

AMA

O quê?

JULIETA

O seu consolo foi maravilhoso.
Vá dizer a mamãe que eu já saí,
Por desgostar meu pai, pra ir à igreja,
Pra confessar-me e ter absolvição.

AMA

Que bom, já vou; está sendo ajuizada.

(*Sai*.)

JULIETA

Velha maldita! Monstro de maldade!
Peca mais quem me quer assim perjura,
Ou quem ofende assim ao meu senhor,
Com a mesma língua com que tantas vezes
O colocou no céu? Vá, conselheira.
Doravante seguimos dois caminhos.
Frei Lourenço dirá o que fazer;
Se tudo mais falhar, posso morrer.

(*Sai*.)

ATO IV

Cena I

(*Entram Frei Lourenço e Páris*.)

FREI

Quinta, senhor? O tempo é muito curto.

PÁRIS

O meu pai Capuleto assim o quer
E não me oponho a essa sua pressa.

FREI

Diz que não sabe a opinião da moça;
É mau começo e eu não gosto disso.

PÁRIS

Ela chora Teobaldo como louca:
Por isso não falei do meu amor,
Pois Vênus não sorri em meio a lágrimas.
Seu pai, senhor, julgando perigoso
Ela entregar-se de tal modo à dor,
Apressou sabiamente o casamento,
Pra represar a inundação de lágrimas
Que aumentam sempre quando está sozinha,
Mas talvez cessem tendo companhia.
Conhece assim o porquê desta pressa.

FREI

Quisera não saber por que atrasá-las —
Mas eis que a jovem chega à minha cela.

(*Entra Julieta*.)

PÁRIS

Que bom vê-la, minha senhora-esposa.

JULIETA

Talvez seja, se um dia eu for esposa.

PÁRIS

O que será, amor, na quinta-feira.

JULIETA

O que será, será.

FREI

Boas palavras.

PÁRIS

'Stá aqui pra confessar-se com este frade?

JULIETA

Responder o fará meu confessor.

PÁRIS

Por favor, não lhe negue que me ama.

JULIETA

Ao senhor só confesso que amo a ele.

PÁRIS

E a ele que me ama, com certeza.

JULIETA

Se assim for, sempre será melhor
Dizê-lo às suas costas que a seu rosto.

PÁRIS

Seu rosto foi marcado pelas lágrimas.

JULIETA

Não foi grande vitória para elas;
Não era grande coisa antes da dor.

PÁRIS

Só dizer isso ofende mais que o pranto.

JULIETA

Senhor, não é calúnia, é só verdade
Que digo frente a frente com meu rosto.

PÁRIS

Mas o seu rosto é meu — e assim o ofende.

JULIETA

Pode até ser, pois ele não é meu.
Meu santo pai, vai ficar livre agora
Ou é melhor à noite, após a missa?

FREI

Eu tenho tempo agora, triste filha.

Devemos ficar sós, senhor, agora.

PÁRIS

Sabe Deus que não impeço devoções.
Julieta, quinta cedo eu a desperto;
Até então adeus, e um beijo santo.

(*Sai*.)

JULIETA

Feche a porta, e depois de a ter trancado,
Vamos chorar, sem cura ou esperança!

FREI

Ah, Julieta, eu sei da sua dor,
Que me arrasta aos limites da razão.
Soube que tem — sem nada que o adie —
De se casar na quinta com esse conde.

JULIETA

Meu pai, não diga que já sabe disso,
Se não for pra dizer como evitá-lo.
Se todo o seu saber não me ajudar,
É só julgar que 'stou agindo certo
E esta faca me ajuda, num momento.
Romeu e eu por Deus fomos unidos,
E antes que a mão pelo senhor unida
Seja marcada por um outro voto,
Ou que o meu coração em vil traição
Se entregue a outro, essa mão mata os dois.
Portanto, usando a sua experiência,
Diga-me o que fazer, ou testemunhe
Entre mim e a minha dor, este punhal
Servir de árbitro e solucionar
O que nem sua idade ou sua arte
Puderam resolver pra mim com honra.
Mas chega de falar. Quero morrer,

Se o que diz não me trouxer remédio.

FREI

Espere, pois vislumbro uma esperança,
Que exige execução desesperada,
Pois é o desespero que ela evita.
Se, antes de casar com o Conde Páris,
Você tem forças para se matar,
Então creio que há de enfrentar bem
Morte falsa que evita essa vergonha.
Se pra escapar pensava em se matar,
Se quiser arriscar, dou-lhe o remédio.

JULIETA

Ah, mande-me saltar, pra não casar,
Da mais alta das torres, ou andar
No meio de bandidos, ou pisar
Em serpentes. Acorrente-me a ursos,
Esconda-me de noite num ossário,
Repleto de esqueletos de mil mortos,
Pedaços fedorentos ou caveiras;
Ou peça-me que eu entre em tumba nova
Pra esconder-me com alguém numa mortalha —
Outrora tudo isso me assustava —
Mas hoje o faço sem temor ou dúvida,
Pra manter-me fiel ao meu amor.

FREI

Pois vá pra casa alegre, e diga sim,
Que aceita Páris. Amanhã é quarta;
Pois à noite, amanhã, durma sozinha,
Não permita que a Ama a acompanhe.
Tome este vidro e, quando já deitada,
Tome o líquido todo que contém.
Sentirá logo correr por suas veias
Um gélido torpor, pois o seu pulso
Não bate mais, por ser então suspenso:
Nem calor nem arfar mostrarão vida.
A rosa de seus lábios vai sumir,

Virando cinza, e a janela dos olhos
Se fechará ao dia, como em morte,
Com esse falso aspecto de cadáver
Vai aparentar a frieza da morte;
Você há de manter-se por dois dias,
Pra depois despertar, como de um sono.
Quando o noivo chegar, pela manhã,
Pra tirá-la da cama, a verá morta;
E segundo os costumes do país,
Com seu melhor vestido e descoberta,
Será levada pra capela antiga
Na qual repousam sempre os Capuletos.
No meio-tempo, e antes que desperte,
Romeu, por carta minha, é informado
E, assim que chegue, juntos — ele e eu —
Iremos acordá-la. E nessa noite
Romeu há de levá-la para Mântua,
Livrando-a da vergonha deste instante,
Se tolice ou temores femininos
Não a impedem de o levar avante.

JULIETA

Oh, dê-me o vidro, e não me fale em medo.

FREI

Tome aqui. Vá. E seja resoluta
Na decisão. Despacho logo um frade
Para Mântua, com carta para Romeu.

JULIETA

Deus me dê forças, para o amparo meu.
Adeus, meu pai.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entram Capuleto, a senhora Capuleto, a Ama e dois ou três criados*.)

CAPULETO

Convide aqueles que escrevi aqui.
(*Sai o 1º criado*.)
Rapaz, contrate vinte cozinheiros.

CRIADO

E serão todos bons, pois vou saber se são de bom tempero.

CAPULETO

E como vai saber?

CRIADO

Ora, todo cozinheiro mete a mão no que faz; o que não lamber os beiços com prazer depois de lamber o dedo é porque não é bom.

CAPULETO

Vá logo.
(*Sai o 2º criado*.)
O dia nos pegou desprevenidos.
A minha filha 'stá com Frei Lourenço?

AMA

Acho que sim.

CAPULETO

Pois espero que ele lhe dê jeito;
O que fez foi bobagem caprichosa.

(*Entra Julieta*.)

AMA

Veja como ela voltou da confissão com cara boa.

CAPULETO

Cabeçudinha, onde andou passeando?

JULIETA

Onde aprendi a lamentar o erro
Do pecado da desobediência

Ao senhor e aos seus desejos. Mandou-me
O Frei Lourenço que aqui me prostrasse
Para implorar perdão. Perdão eu peço;
Doravante farei tudo o que manda.

(*Ela se ajoelha.*)

CAPULETO

Chamem o conde, pra avisá-lo disso.
Amanhã de manhã ata-se o nó.

JULIETA

Encontrei o jovem nobre na igreja,
E tratei-o com o amor que me era possível
Sem ferir os limites da modéstia.

CAPULETO

Estou contente. Muito bem. Levante-se.
É assim que deve ser. Direi ao conde.
Virgem Mãe! Vão buscá-lo logo, logo.
Por Deus que ao nosso reverendo frade
Nossa cidade inteira é devedora.

JULIETA

Ama, quer vir comigo pro meu quarto,
Ajudar-me a escolher os ornamentos
Que lhe pareçam certos pra amanhã?

SRA. CAP.

Mas não, é só na quinta; há muito tempo.

CAPULETO

Vá ajudá-la; amanhã vai pro altar.

(*Saem Julieta e a Ama.*)

SRA. CAP.

Vai haver falta em nossas provisões;

Já são quase oito horas.

CAPULETO

Deixe estar;
Garanto que tudo correrá bem.
Vá ajudar a enfeitar Julieta.
Hoje eu não deito; fico aqui sozinho.
Dona de casa desta vez sou eu.
Olá! 'Stão todos ocupados. Bem,
Vou alertar eu mesmo o Conde Páris
Para amanhã. Meu coração 'stá leve
Com o ar arrependido da menina.

(*Saem.*)

Cena III

(*Entram Julieta e a Ama.*)

JULIETA

Esse é o mais bonito. Ama querida,
Quero ficar sozinha hoje de noite,
Pois necessito muito de orações
Para implorar ao céu que me sorria
Embora eu, como sabe, peque tanto.

(*Entra a senhora Capuleto.*)

SRA. CAP.

Mas quanta agitação! Querem ajuda?

JULIETA

Não, senhora; já separamos tudo

Que calha bem ao ato de amanhã.
Eu peço que me deixe só, agora,
E leve a Ama para acompanhá-la.
Pois 'stou certa que está muito ocupada
Com a festa inesperada.

SRA. CAP.

Boa noite.
Vá deitar-se e descanse, pois precisa.

(*Saem a senhora Capuleto e a Ama.*)

JULIETA

Adeus! Quando de novo nos veremos?
Sinto o medo correndo em minhas veias,
Congelando o calor da minha vida.
Vou chamá-las de volta, a confortar-me.
Ama! Que poderá fazer aqui?
Esta cena de horror é só pra mim.
Vem, frasco.
E se a mistura não agir de todo?
Terei de me casar pela manhã?
Não! Isto o impedirá. Deita-te ali.
(*Deposita o punhal na cama.*)
E se for um veneno este que o frade
Sutilmente me deu, e irá matar-me,
Pra não perder a honra desta boda,
Já que antes me casou com o meu Romeu?
Tenho medo que sim; mas não o creio,
Pois ele sempre foi um homem santo.
E se depois de ser posta no túmulo
Eu me acordar muito antes que Romeu
Venha buscar-me? Isso me apavora!
Morrerei sufocada no jazigo
Em cuja boca o ar puro não penetra,

Sem poder respirar e sem Romeu?
Ou, se ainda viver, não é provável
Que a ideia da morte, nessas trevas,
Junto ao terror que inspira esse lugar,
Sepultura terrível onde moram
Os ossos que por séculos e séculos
Minha família foi depositando;
Onde Teobaldo, recém-enterrado,
Jaz em sua mortalha apodrecendo;
Onde dizem que à noite, em negras horas,
Surgem fantasmas… Ai, não é provável
Que eu, acordando em meio a esses cheiros
De morte e aos guinchos rudes das mandrágoras,
Que fazem os mortais enlouquecerem —
Não é provável que eu me torne louca,
Cercada desses medos pavorosos?
Que eu brinque com os ossos desses mortos,
Ou que tire Teobaldo da mortalha?
E no delírio vá, em desespero,
Despedaçar meu cérebro entre os ossos?
Vejam só o fantasma de meu primo
Procurando Romeu, que o assassinou
Com a ponta de um punhal. Para, Teobaldo!
Romeu, Romeu, é por você que eu bebo!

(*Ela cai na cama, atrás do cortinado.*)

Cena IV

(*Entram a senhora Capuleto e a Ama.*)

SRA. CAP.

Precisamos de mais temperos, Ama.

AMA

Querem marmelo e passas para as tortas.

(*Entra Capuleto.*)

CAPULETO

Vamos! Depressa! O galo já cantou!
O recolher soou; já são três horas.
Fica de olho nessa carne, Angélica:
Nada de economias.

AMA

Vá, patrão;
Vá deitar. Amanhã vai 'star doente,
Rodando a noite inteira.

CAPULETO

Já passei muitas noites sem dormir
Por muito menos, sem ficar doente.

SRA. CAP.

Sua vez de caçar ratos já passou;
Mas eu vou vigiar essa vigília.

(*Saem a senhora Capuleto e a Ama.*)

CAPULETO

Isso é ciúme; é ciúme!
(*Entram três ou quatro criados com espetos, lenha e cestas.*)
O que é isso?

1º CRIADO

É pra cozinha; não sei o que é.

CAPULETO

Pois vá depressa!
(*Sai o 1º Criado.*)

Vá pegar mais lenha!
Pedro, mostra onde é que fica a seca.

2º CRIADO

Minha cabeça dá pra encontrar lenha.
Eu não preciso incomodar o Pedro.

CAPULETO

É bem esperto esse filho da mãe.
Um cabeça de pau!
(*Sai o 2º Criado.*)
Mas já é dia!
(*Tocam música.*)
O conde vai chegar já, já, com música,
Pois assim disse. Já o ouço, agora.
Ama! Mulher! Olá! Venha cá, Ama!
(*Entra a Ama.*)
Vá acordar e enfeitar Julieta;
Eu vou falar com Páris. Vá depressa,
Depressa, porque o noivo já chegou.
Vá depressa!

(*Saem Capuleto e um Criado.*)

Cena V

(*A Ama vai abrir o cortinado da cama.*)

AMA

Patroa! Julieta! Inda dormindo?
Carneirinho! Noivinha! Preguiçosa!
Sempre calada? Ainda cochilando?
Pois descanse, porque, logo de noite,
Eu garanto que Páris vai lutar

Pra não lhe dar descanso! Deus o ajude!
Valha o céu! Mas que sono mais profundo!
Eu tenho de acordá-la. Patroinha!
Se o conde vem e a pega aqui na cama,
Você vai ter um susto. Se não vai!
Mas o que é isso, se deitou vestida?
É preciso acordar! Minha senhora!
Ai, ai! Socorro! A patroa está morta!
Maldito o dia em que eu nasci! Socorro!
Aqua vitae! Ai, ai, patrão! Senhora!

(*Entra a Senhora Capuleto.*)

SRA. CAP.
Mas que barulho é esse?

AMA
Ah, dia triste!

SRA. CAP.
O que foi?

AMA
Veja, veja! Ah, dia horrível!

SRA. CAP.
Ai de mim! Minha filha, minha vida!
Reviva e abra os olhos, ou eu morro!
Socorro! Quem me ajuda?
(*Entra Capuleto.*)

CAPULETO
Que atraso é esse? Páris já chegou.

AMA
Ela 'stá morta! Morreu! Dia aziago!

SRA. CAP.
Ai de mim, ela está morta! 'Stá morta!

CAPULETO
O quê? Deixem-me vê-la. Ela está fria.

O sangue está parado, as juntas duras;
Há muito que esses lábios não têm vida.
A morte, qual geada, pousou nela,
Na flor mais linda que os campos já viram.

AMA

Mas que dia aziago!

SRA. CAP.

Que tristeza!

CAPULETO

A morte que me fez gritar de dor
Me prende a língua e tira-me as palavras.

(*Entra Frei Lourenço, com Páris e os músicos*.)

FREI

Como é? A noiva está pronta pra igreja?

CAPULETO

Pronta pra ir, mas nunca pra voltar.
Filho, na noite antes do casamento,
Deitou-se a Morte com a noiva. 'Stá ali
Uma flor deflorada pelo além.
Meu genro é a Morte. A Morte é meu herdeiro.
Minha filha a desposou. Morrerei
E deixarei tudo para a Morte.

PÁRIS

Esperei tanto por esta manhã
E me deparo com um quadro desses?

SRA. CAP.

Oh, dia horrível, infeliz, maldito!
Hora pior que todas que este mundo
Já viu em sua peregrinação.
Uma filha, uma só, a pobrezinha,
Minh'única alegria, meu conforto,
Me foi tirada pela Morte cruel.

AMA

Miséria! Dia triste, dia odioso!
Oh dia lamentável, triste, triste!
O pior que já vi em toda a vida.
Oh dia de terror, dia de ódio!
Jamais houve outro dia negro assim.
Ah, dia de tristeza, de tristeza.

PÁRIS

Enganado, ofendido, divorciado.
Morte odienta, por ti fui enganado,
Derrotado por tua crueldade.
Amor! Vida! Não vida, amor na morte!

CAPULETO

Desprezado! Odiado! Sim, e morto!
Tempo infeliz, por que chegaste agora
Pr'assassinar nossa solenidade?
Minha filha! Mais que filha, minh'alma!
'Stá morta, ai, ai, morreu a minha filha!
E com ela se enterra a alegria.

FREI

Mas o que é isso? A cura do terror
Não 'stá em mais terror. O céu e vós
Tinham partes iguais nessa donzela;
E se agora ela é toda do céu,
Para a donzela isso é um bem maior.
A vossa parte perde-se com a morte,
Mas o céu tem a sua para sempre.
O vosso esforço foi aprimorá-la.
Pois vosso céu era vê-la importante;
E agora vós chorais vendo-a ganhar
O próprio céu, para além dessas nuvens?
Amar assim é mal-amar a filha,
Enlouquecendo ao vê-la assim tão bem.
Não casa bem quem casa muito tempo;
Casa melhor quem casa e morre cedo.
Secai o pranto e cobri com rosmaninho

Seu corpo lindo e como manda o uso,
Levai-a à tumba com as melhores vestes.
Mentes tolas nos dizem pra chorar,
Mas do pranto a razão tem de ganhar.

CAPULETO

Tudo aquilo pra festa encomendado
Agora em funeral é transformado:
Nossa música em dobre melancólico,
Nossa boda feliz em triste enterro,
Nossos hinos agora são lamentos,
Nossas grinaldas hoje são coroas
E tudo transformou-se em seu contrário.

FREI

Entrai, senhor; e vós, minha senhora.
Vá, Senhor Páris. Aprontai-vos todos
Para levar à cova a linda morta.
O céu vos pune por alguma falta;
Não se contesta vontade tão alta.

(*Saem todos menos a Ama e os músicos, ela cobrindo Julieta com rosmaninho e fechando o cortinado.*)

1º MÚSICO

Melhor guardar a flauta e ir embora.

AMA

Vocês são bons rapazes; guardem tudo,
Pois já viram que o caso é muito triste.

1º MÚSICO

Como as flautas, o caso 'stá encerrado.

(*Sai a Ama.*)
(*Entra Pedro.*)

PEDRO

Músicos, música! "Alegrias do coração!" "Alegrias do coração!" Se querem que eu viva, toquem "Alegrias do coração!"

1º MÚSICO

Mas por que "Alegrias do coração"?

PEDRO

Ah, músicos, porque sozinho meu coração só está tocando "Tristezas do coração". Por favor, toquem qualquer bobagem alegre para me confortar.

1º MÚSICO

Bobagem nós não tocamos! Menos ainda em horas como esta.

PEDRO

Então não tocam?

1º MÚSICO

Não.

PEDRO

Pois vão acabar sentindo o meu toque!

1º MÚSICO

E que toque vai nos dar?

PEDRO

Em dinheiro não tocam; só em couro; toco pra fora como saltimbancos ordinários.

1º MÚSICO

Quem, você? Um criado ordinário?

PEDRO

Pois vai sentir minha adaga ordinária na cabeça. Eu vou do-ré-mi vocês; pode notar.

1º MÚSICO

Se nos mi-fá, vai receber nossas notas.

2º MÚSICO

Melhor guardar a faca e usar o bestunto.

PEDRO

Vou liquidá-los com uma bestuntada. Dou-lhes uma surra com bestunto de ferro, e descanso o ferro da faca. Falem feito homem.

Quando a dor o nosso coração maltrata

E a tristeza nos vem oprimir a mente,
Então a música com seu som de prata…
Por que som de prata? Por que "a música com seu som de prata"?
O que diz, Simão Viola?

1º MÚSICO

Ora, é que a prata tem um som bem bonito.

PEDRO

Muito bem. E você, Hugo Rabeca?

2º MÚSICO

Eu digo que é "som de prata" porque os músicos tocam por prata.

PEDRO

Bom, também. E João do Grito?

3º MÚSICO

Eu não sei o que dizer.

PEDRO

É mesmo! Você é cantor. Mas eu explico. É "música com som de prata" porque os músicos não ganham ouro pra tocar.
Quando a música com seu som de prata
Ajuda a curar tudo de repente.

(*Sai.*)

1º MÚSICO

Mas que sujeito mais pestilento.

2º MÚSICO

Que vá se enforcar. Vamos, temos de esperar pelos que choram e pelo jantar.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I

(*Entra Romeu.*)

ROMEU

Se o otimismo do sono é confiável,
Meus sonhos me predizem boas novas.
O senhor do meu peito bate alegre
Em seu trono, feliz — que é coisa rara —
E o pensamento voa com esperanças.
Sonhei que o meu amor me achava morto —
Com a licença do sonho, o morto pensa! —
E com seus lábios me insuflou tal vida,
Que eu revivi e era imperador.
Deus, que doce há de ser o amor em si,
Se a sua sombra nos faz tão felizes.
(*Entra Baltasar, criado de Romeu, de botas.*)
Notícias de Verona! Baltasar!
Trouxe carta pra mim de Frei Lourenço?
Como está minha dama? E o meu pai?
Como está Julieta? Sim de novo,
Pois não há mal se ela estiver bem.

BALTASAR

Então ela está bem, e não há mal.
Seu corpo jaz na tumba Capuleto,
E sua parte imortal está com os anjos.
Eu a vi sepultada com os parentes,
E logo cavalguei para encontrá-lo.
Peço perdão por lhe trazer tristeza,
Mas se eu sou correio é por suas ordens.

ROMEU

Verdade? Então eu desafio os astros!

Leve papel e tinta à minha casa,
E cavalos, também. Parto esta noite.

BALTASAR

Meu senhor, eu peço, seja paciente;
A sua louca palidez sugere
Algum desastre.

ROMEU

Isso é engano seu.
Deixe-me, e vá fazer o que eu pedi.
O frade não mandou nenhuma carta?

BALTASAR

Não, senhor.

ROMEU

Não importa; pode ir.
Veja os cavalos, que eu o encontro já.
(*Sai Baltasar.*)
Julieta, hoje eu durmo com você.
Vamos ver como. A maldade penetra
Veloz na mente do desesperado.
Eu me lembro que há um boticário
Que mora por aqui — há pouco o vi,
Em andrajos, com o ar preocupado,
Catando ervas. Com o aspecto esquálido,
Sua miséria lhe exibia os ossos.
Em sua loja pendem tartarugas,
Jacarés empalhados, outras peles
De estranhos peixes; e nas, prateleiras,
Uma fila de caixas já vazias,
Potes, bexigas e sementes secas,
Pedaços de barbantes, rosas secas,
Se espalham para disfarçar o quadro.
Notando essa penúria, pensei eu:
"Se alguém, agora, quisesse um veneno
Proibido com morte aqui em Mântua,
Esse é o infeliz que o poderia obter."
Prenunciava esta necessidade!

Pois ele há de vender-me o que eu preciso.
Parece-me que é esta a casa dele.
É feriado; a loja está fechada.
Boticário! Onde está?

(*Entra o Boticário.*)

BOTICÁRIO

Quem grita assim?

ROMEU

Venha cá, homem. Sei que não tem nada;
Eis quarenta ducados pra me dar
Um pouco de veneno, coisa rápida,
Que se espalhe por veias e artérias
E faça quem o tomar cair morto,
E o hálito fugir de tronco e membros
Com a violência e a velocidade
Que a bala sai do ventre do canhão.

BOTICÁRIO

Tenho a droga mortal, porém as leis
Dão morte para quem a fornecer.

ROMEU

E você, tão coberto de desgraças,
Teme morrer? O seu rosto é de fome;
Pobreza e opressão comem seus olhos;
Desprezo e mendicância é que o vestem;
As leis do mundo não lhe têm amor:
Nenhuma lei do mundo o fará rico;
Pois, pobre, quebre a lei e aceite isto.

BOTICÁRIO

Consinto por pobreza, não vontade.

ROMEU

Eu não pago a vontade, só a pobreza.

BOTICÁRIO

Desmanche este veneno em qualquer líquido.
Tome-o, e até com a força de mais vinte,
Ele o despacha no mesmo momento.

ROMEU

Eis o seu ouro, um veneno pra alma
Que mata muito mais por este mundo
Que este pó, que ninguém pode vender.
Você comprou veneno, não vendeu;
Adeus, compre comida e ganhe peso.
Eu não comprei veneno, comprei cura;
E bebo ao meu amor, na sepultura.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entra Frei João.*)

FREI JOÃO

Bendito franciscano! Irmão! Olá!

(*Entra Frei Lourenço.*)

FREI

Parece-me que é a voz de Frei João.
Chegou de Mântua? O que diz Romeu?
Ou, se escreveu, dê-me aqui sua carta.

FREI JOÃO

Eu procurei um outro irmão descalço,
Da nossa Ordem, para ir comigo,
Que aqui viera visitar doentes.

Ao encontrá-lo, a guarda da cidade,
Pensando que nós tínhamos estado
Onde grassava a peste infecciosa,
Selou a porta e nos prendeu lá dentro;
E ali parou minha ida para Mântua.

FREI

Quem levou minha carta pra Romeu?

FREI JOÃO

Eu não pude mandá-la — aqui está —
E nem tampouco trazê-la de volta,
Tamanho era o seu medo da infecção.

FREI

Mas que infortúnio! Pela minha ordem,
A carta era mais séria que um recado;
Muito importante, o fracasso na entrega
É muito perigoso. Frei João,
Arranje um pé de cabra e traga logo
À minha cela.

FREI JOÃO

Eu vou e volto.

(*Sai.*)

FREI

Tenho de ir sozinho ao monumento.
Em três horas Julieta estará desperta;
Vai zangar-se demais porque Romeu
Não chegou a saber do acontecido.
Vou escrever de novo para Mântua;
Ela espera Romeu na minha cela —
Morta-viva na tumba, pobre dela.

(*Sai.*)

Cena III

(*Entram Páris e seu pajem, com flores e água perfumada.*)

PÁRIS

Dê-me a tocha. Vá embora e fique longe.
É melhor apagar, pr'eu não ser visto.
Fica parado ali, perto das árvores;
Mas atenção, e ouvido no chão,
Pra que não pise alguém no cemitério
Cujo chão, tão cavado, é leve e solto —
Sem que o ouças. Dê um assovio
pra sinal, quando alguém 'stiver chegando.
Dê-me as flores; só faça o que mandei.

PAJEM

Tenho até medo de ficar sozinho
No cemitério. Mas vou me arriscar.

(*Afasta-se.*)
(*Páris cobre o túmulo com flores.*)

PÁRIS

Flores pro leito dessa noiva em flor.
Ai, ai, o seu dossel é pó e pedra,
Que eu regarei com água a cada noite,
Ou então com meu pranto e meus suspiros.
Meu pranto toda noite se renova,
Cobrindo eu com flores sua cova.
(*O Pajem assovia.*)
Esse é o aviso que vem vindo alguém;
Que pé maldito vem cá esta noite,
Cortando o rito deste meu lamento?
Com uma tocha? Noite, então oculta-me.

(*Páris se afasta.*)
(*Entram Romeu e Baltasar, com tocha, picareta e pé de cabra.*)

ROMEU

Dê-me aqui a picareta e o pé de cabra.
Tome aqui esta carta. De manhã
Vá entregá-la a meu senhor e pai.
Dê-me a luz. Pela minha vida eu peço,
Fique longe, não importa o que aconteça,
Nem me interrompa no que vou fazer.
Em parte eu desço a esse leito de morte
Só para ver o rosto de quem amo;
Porém ainda mais pra retirar
De seu dedo um anel que necessito
Pr'algo importante. Assim sendo, vá embora.
Se chegar perto para espionar,
Só pra saber que mais eu vou fazer,
Juro por Deus que eu o estraçalho,
Cobrindo o cemitério com os pedaços;
Este momento é só de desespero,
'Stou mais feroz e tão mais implacável
Que o tigre magro ou o rugido do mar.

BALTASAR

Eu 'stou indo, e não venho perturbá-lo.

ROMEU

É gesto de amizade. Tome isto.
Viva e prospere. Agora adeus, rapaz.

BALTASAR

Mesmo assim, eu me escondo por aqui;
Temo sua intenção, pelo que ouvi.

(*Baltasar afasta-se.*)

ROMEU

Goela odiosa, útero da morte,
Repleta com o melhor que há na terra,
Assim eu forço a sua boca a abrir-se
E a obrigo a engolir mais alimento.

(*Romeu abre a tumba.*)

PÁRIS

Esse é o maldito Montéquio banido,
Que assassinou o primo de Julieta —
Razão, segundo dizem, de sua morte.
E ei-lo aí, pr'algum ato vergonhoso
Com seus corpos. Vou interceptá-lo.
Pare o seu ato sujo, vil Montéquio:
Vingança segue para além da morte?
Maldito condenado, aqui o prendo.
Obedeça-me logo, pra morrer.

ROMEU

Pois foi para morrer que vim aqui.
Meu jovem, não provoque o desespero.
Fuja daqui. Pense um pouco nos mortos;
Permita que o assustem; eu lhe imploro,
Não force outro pecado a me pesar,
Provocando-me a fúria. Vá-se embora.
Juro que o amo mais do que a mim mesmo,
Pois 'stou aqui armado contra mim.
Não fique, parta, fuja pra dizer
Que a piedade de um louco o fez viver.

PÁRIS

Desafio a sua jura;
E aqui o prendo por ser criminoso.

ROMEU

Ainda me provoca? Venha, então!

(*Lutam*.)

PAJEM

Estão lutando, e eu vou chamar a guarda.

(*Sai o Pajem*.)

PÁRIS

Eu estou morto; ai, se tem piedade,
Põe-me na tumba, ao lado de Julieta.

(*Páris morre*.)

ROMEU

Assim farei; deixe-me ver seu rosto.
O primo de Mercúcio, o nobre Páris.
Que disse o pajem quando, alma tonta,
Não lhe dava atenção? Creio que disse
Que Páris ia casar com Julieta.
Não disse isso? Ou será que sonhei?
Fiquei louco, ao falar de Julieta,
E pensei que foi isso? Dê-me a mão,
Inscrita como a minha no infortúnio.
Hei de enterrá-lo em cova triunfal.
Cova? Não; junto a um esplendor de luz,
Pois jaz aqui Julieta; e sua beleza
Faz desta tumba festa luminosa.
Morte, deita-te aí, junto a esse morto.
Quantas vezes, logo antes de morrer,
Um homem fica alegre? É o que chamam
De fagulha mortal. E será isto
Tal fagulha? Meu amor, minha esposa,
A morte, que sugou-lhe o mel dos lábios,

Inda não conquistou sua beleza.
Não triunfou. A flâmula do belo
Inda é rubra em seus lábios e seu rosto,
E a morte branca não tremula neles.
Teobaldo, 'stás aí, banhado em sangue?
Que honraria mais posso eu prestar-te,
Que, co'a mão que ceifou-te a juventude,
Cortar a de quem foi teu inimigo?
Primo, perdão. Querida Julieta,
Por que tão bela ainda? Devo crer
Que a morte etérea está apaixonada,
E o esquelético monstro a prende aqui
Pra, neste escuro, ser a sua amada?
Só por medo que sim aqui eu fico,
E jamais do negror deste palácio
ei de partir. Aqui sempre estarei,
Com seu criados vermes. Aqui mesmo
Eu hei de repousar por todo o sempre,
E libertar da maldição dos astros
A carne exausta. Olhos, um olhar.
Braços, o último abraço! E vós, ó lábios,
Portal do alento, selai com este beijo
Pacto eterno com a Morte insaciável.
Vem, meu caminho amargo, insosso guia.
Piloto insano atira neste instante
Contra as rochas a barca desgastada.
Ao meu amor!
(*Bebe.*)
Honesto boticário,
Rápida é a droga. E assim, com um beijo, eu morro.

(*Cai.*)
(*Entra Frei Lourenço, com lanterna, pé de cabra e pá.*)

FREI

São Francisco me ajude! Quantas vezes
Tropecei esta noite em sepulturas.
Quem está aí?

BALTASAR

Um amigo, alguém que conheces bem.

FREI

Deus o abençoe. Diga aqui, amigo,
Que fraca luz é aquela que ilumina
Ossadas e caveiras? Me parece
Que vem do mausoléu dos Capuletos.

BALTASAR

É de lá mesmo. 'Stá lá o meu senhor,
A quem tanto aprecia.

FREI

Quem?

BALTASAR

Romeu.

FREI

'Stá lá há quanto tempo?

BALTASAR

Meia hora.

FREI

Vamos à tumba.

BALTASAR

Não senhor. Não ouso.
Meu amo pensa que eu fugi daqui,
E até me ameaçou de me matar
Se eu olhasse pro que 'stá fazendo.

FREI

Pois bem, eu vou sozinho. Estou com medo
De acontecer uma infelicidade.

BALTASAR

Enquanto eu cochilava neste canto,
Sonhei que o amo e um outro cavalheiro
Lutavam e o meu amo o assassinava.

(*Frei Lourenço se inclina, vê sangue e espadas.*)

FREI

Romeu! Que sangue é esse aqui que mancha
A pedra do portal deste sepulcro?
E o que são essas lâminas sem dono,
Rubras assim neste local de paz?
Romeu, pálido assim, e também Páris?
Afogados em sangue? Que hora má
É culpada de fatos como esse?
Ela se move.

(*Julieta se levanta.*)

JULIETA

Meu frade amigo, onde está meu senhor?
Lembro-me bem de onde devo estar,
E aqui estou. Onde está meu Romeu?

FREI

Ouço ruídos. Saia logo, amiga,
Deste ninho de morte, de contágio,
E de sono anormal. Poder maior
Do que podemos superar derrota
As nossas intenções. Vamos embora.
A seus pés seu marido caiu morto;
Páris também. Eu lhe darei destino
Em casa santa de religiosas.
Nada pergunte agora; a guarda chega.
Vamos, Julieta. Eu não ouso ficar.

JULIETA

Pois pode ir. Eu não vou me afastar.
(*Sai Frei Lourenço.*)

Que prende o meu amor em sua mão?
Um veneno lhe deu descanso eterno.
Malvado! Nem sequer uma gotinha
Para eu segui-lo? Vou beijar-lhe os lábios;
Talvez que neles reste algum veneno
Que me restaure a minha antiga morte.
(*Beija-o.*)
Que lábios quentes!

GUARDA

Por onde, rapaz?

JULIETA

Quem é? Depressa! Ah, lâmina feliz!
Enferruja em meu peito, pra que eu morra!

(*Ela se apunhala e cai.*)
(*Entram o Pajem e guardas.*)

PAJEM

É aqui. Veja a tocha, ali, queimando.

1º GUARDA

Há sangue aqui no chão. Procurem fora;
Vão logo e prendam todos que encontrarem.
(*Saem alguns guardas.*)
Que quadro horrível! Eis o conde, morto,
Julieta sangrando e recém-morta,
Tendo sido enterrada há já dois dias.
Vão chamar os Montéquios. Deem busca!
(*Saem alguns guardas.*)
Neste chão jazem todas essas dores,
Mas a base de tanto sofrimento
Só saberemos com explicações.

(*Entram vários guardas, com Baltasar.*)

2º GUARDA

Lá fora estava o pajem de Romeu.

1º GUARDA

Segure-o até o príncipe chegar.

(*Entram outros guardas com Frei Lourenço.*)

3º GUARDA

Eis um frade que, arfante, treme e chora;
Tiramos dele a pá e a picareta,
Quando o vimos sair do cemitério.

1º GUARDA

Muito suspeito. Prenda-o também.

(*Entra o Príncipe, com séquito.*)

PRÍNCIPE

Que mal já nos desperta assim tão cedo,
Cortando o nosso sono matinal?

(*Entram Capuleto e a senhora Capuleto, com criados.*)

CAPULETO

O que é que todos gritam por aí?

SRA. CAP.

Nas ruas há quem grite só "Romeu",
Outros, "Julieta", "Páris". Todos correm
Como loucos pro nosso mausoléu.

PRÍNCIPE

Que medo é esse, que assim nos assusta?

1º GUARDA

Senhor, eis ali, morto, o Conde Páris,
Romeu, morto, e Julieta, morta antes,
Morreu mais uma vez e inda 'stá quente.

PRÍNCIPE

Tais mortes têm de ser esclarecidas.

1º GUARDA

Eis um frade e um pajem de Romeu,
Ambos com ferramentas para abrir
As tumbas desses mortos.

CAPULETO

Veja, mulher: Julieta 'stá sangrando!
A faca se enganou, pois sua casa,
Que está vazia nas costas de Montéquio,
Por erro afundou no seio dela.

SRA. CAP.

Esse quadro pra mim é como um sino
Que me chama a velhice para a tumba.

(*Entra Montéquio com criados*.)

PRÍNCIPE

Vinde, Montéquio, cedo levantado,
Ver vosso filho cedo aqui caído.

MONTÉQUIO

Ai, ai, senhor, perdi hoje a esposa;
O exílio do filho a sufocou.
Que outra dor inda ataca este velho?

PRÍNCIPE

Olhai, que haveis de ver.

MONTÉQUIO

Mal-educado! Que modos são esses,
A ir na minha frente para a cova?

PRÍNCIPE

Calem-se os ultrajados um pouco,
Até que esclareçamos tais enigmas
E, conhecendo-lhes causas e fontes,
Aqui possamos comandar a dor,
E guiar-vos — talvez até pra morte.
Até então que a paciência impere.
Trazei aqui, agora, os dois suspeitos.

FREI

Sou deles o maior e o menos apto;
Porém o mais suspeito porque tudo,
Lugar e hora, fala contra mim,
No caso desse vil assassinato.
Aqui 'stou pr'acusar e defender,
Eu mesmo condenado e perdoado.

PRÍNCIPE

Diga, então, que sabe do ocorrido.

FREI

Eu serei breve; a vida que me resta
Não dá para relatos tediosos.
Romeu, aqui, casou-se com Julieta;
Ela, ali morta, é sua fiel esposa.
Eu os casei, e o dia dessas bodas
Foi fatal pra Teobaldo, cuja morte
Fez o noivo exilar-se da cidade.
Por ele, não por Teobaldo, ela chorava;
Os senhores, pra aliviar-lhe a dor,
Tentaram obrigá-la a se casar
Com o Conde Páris. Ela então buscou-me.
E em desespero implorou por meio
De livrar-se de novo matrimônio;
Se não, matava-se, na minha cela.
Então dei-lhe — segundo a minha arte —
Uma droga pro sono, que operou
Co'o esperava, pois a encobriu
Com o aspecto da morte. Nesse meio-tempo
Escrevi a Romeu pra que viesse

Aqui, nesta noite apavorante,
Pr'a judar-me a tirá-la dessa tumba
Quando cessasse o efeito do veneno.
No entanto, o portador de minha carta
Infelizmente nunca chegou lá.
E devolveu-me ontem a missiva.
Sozinho, pois, na hora de acordar,
Vim eu para tirá-la do jazigo,
No intento de guardá-la em minha cela
Até poder mandar chamar Romeu.
Porém quando cheguei, quase na hora
De ela acordar, jaziam já aqui
O nobre Páris e o fiel Romeu.
Ela desperta; eu peço-lhe que fuja
E aceite com paciência o ato do céu.
Nesse momento um ruído assustou-me,
Ela não quis sair; desatinada,
Ao que parece agiu contra si mesma.
Isso é o que sei. Da boda, a Ama sabe;
E se algo nessa trama não foi bem
Por minha causa, que esta velha vida
Vá antes de seu tempo ao sacrifício,
Segundo o alto rigor das suas leis.

PRÍNCIPE

A sua fama sempre foi de santo.
O que declara o pajem de Romeu?

BALTASAR

Contei ao amo a morte de Julieta;
E ele veio de Mântua num galope,
Vindo direto para o mausoléu.
Disse pr'eu dar esta carta a seu pai
Pela manhã, e ameaçou matar-me
Se não me fosse e o deixasse só.

PRÍNCIPE

Dê-me a carta, pra que eu a examine.
Aonde está o criado do conde

Que foi chamar a guarda? Diga-me agora:
O que queria o conde morto aqui?

PAJEM

Trazia flores pra tumba da noiva,
E disse pr'eu ficar bem afastado.
Chegou um outro para abrir a tumba,
E meu amo, depois, lutou com ele.
Então corri para chamar a guarda.

PRÍNCIPE

O que o frade narrou está na carta:
O seu amor, a notícia da morte,
E diz que ia comprar certo veneno
De um pobre boticário e que, com ele,
Viria aqui, pra morrer com Julieta.
Onde estão esses dois inimigos?
Capuleto e Montéquio, vede aqui
Que maldição recai em vosso ódio,
Pro céu matar, com amor, vossa alegria.
E eu, por não sustar vossa disputa,
Perdi dois primos. Todos são punidos.

CAPULETO

Irmão Montéquio, dai-me a vossa mão
É este o dote que traz minha filha;
Nada mais posso dar.

MONTÉQUIO

Pois posso eu.
Farei por ela estátua de ouro puro.
Enquanto esta cidade for Verona
Não haverá imagem com o valor
Da de Julieta, tão fiel no amor.

CAPULETO

Romeu, em ouro, estará a seu lado,
Que o ódio foi também sacrificado.

PRÍNCIPE

Uma paz triste esta manhã traz consigo;
O sol, de luto, nem quer levantar.

Alguns terão perdão, outros castigo;
De tudo isso há muito o que falar.
Mais triste história nunca aconteceu
Que esta, de Julieta e seu Romeu.

(*Saem*.)

Hamlet

Tradução
Anna Amélia de Queiroz C. de Mendonça
Barbara Heliodora

Introdução
Barbara Heliodora

Introdução à 1ª edição de Hamlet

"Esta tradução foi feita para mim." A declaração pode parecer presunçosa, e talvez seja melhor esclarecê-la. Em várias ocasiões, quando tive necessidade, para aulas ou conferências, de citar trechos shakespearianos, eu já havia recorrido aos préstimos de tradutora da sra. Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça, o que me foi sempre muito cômodo, levando-se em conta que ela é minha mãe. Nem sempre é conveniente fazer citações no original, ou porque o público é numeroso, ou porque há perigo de não se ouvir com aquela clareza de que só podemos abrir mão ao ouvir nossa própria língua, e frequentemente — o que é mais importante — porque a citação em inglês pode quebrar uma linha de pensamento que se deseja estabelecer e manter dentro de determinado raciocínio em torno de um texto. Em todas essas ocasiões tinha recebido de sua mão traduções excelentes, que não só captavam o espírito daquele trecho, mas tinham também a forma poética necessária para recriar, na medida do possível, o clima do original.

Confesso que se passaram anos de repetidos pedidos até que a tradutora resolvesse enfrentar a íntegra de uma peça, mas acabou concordando quando usei, com a tranquilidade de todos os filhos do mundo, a chantagem emocional: eu "precisava" de uma tradução do *Hamlet*, e precisava com data marcada. Não faltava com a verdade, pois eu tinha realmente necessidade de um texto shakespeariano para usar em uma série de aulas que devia dar no Conservatório Nacional de Teatro. Essa tradução deveria ter algumas características essenciais: devia ser uma tradução para teatro, em que atores e diretores pudessem sentir o fluxo da ação; mas devia ser também uma tradução de poeta, que preservasse a principal qualidade que deu tão monumental dimensão à literatura dramática do período elisabetano-jaimesco, do qual Shakespeare é o maior nome e *Hamlet*, a mais fascinante obra.

Houve, portanto, uma preocupação teatral, mais do que uma preocupação de estrita e indefectível erudição e fidelidade. Não que a tradução não seja fiel,

pois o é; mas na transposição para o português é literalmente impossível dizer tudo o que Shakespeare poderia querer dizer precisamente em suas palavras. Cada língua tem sua têmpera e seus idiotismos, e preciso de início admitir que não há possibilidade alguma de se preservar em qualquer língua neolatina, por exemplo, o jogo de palavras da famosa Cena dos coveiros (Ato V, Cena I) em torno do trocadilho feito com o verbo *to lie*. Em inglês a palavra é a mesma para "mentir" e "jazer", e nada as tornará iguais em português. Da mesma forma, há palavras e expressões no original que permitem duas ou mais interpretações, por terem elas mais de um sentido, e só poderão ser expressadas em palavras diversas em nossa língua. É inútil lamentar, no caso, o empobrecimento resultante da escolha de uma interpretação, pois a escolha é inevitável. Perdemos com isso inúmeros e perturbadores ecos e evocações advindos da ambivalência do termo original, mas os caminhos que teriam de ser percorridos até que se encontrasse uma possibilidade, em português, de evocações várias, terminariam por levar-nos muito mais longe da obra do que nos leva a decisão de interpretar de uma determinada maneira e poder preservar uma palavra perfeitamente equivalente a pelo menos *uma* das possíveis interpretações.

Racine escreveu toda a sua obra com três mil palavras; Shakespeare usou 29 mil, o vocabulário mais rico de que se tem notícia em autor de língua inglesa (e provavelmente de qualquer outra). Isso justamente porque, ao contrário dos clássicos franceses, Shakespeare e todos os seus contemporâneos pertenciam a um mundo em expansão, um mundo de descobertas, um mundo recém-libertado dos formalismos e misticismos medievais, em que tudo era belo, principalmente o que era humano e terreno. Havia poesia no ar, mas também na terra, na água e no fogo, os *elementos* que tanto serviriam de imagem à suprema exaltação da morte de Cleópatra quanto à alquimia de Ben Jonson e Robert Greene. A poesia de Shakespeare era escrita com todas as palavras de seu mundo, sem as escravizantes hierarquias que determinavam o vocabulário do classicismo francês.

Por outro lado, Shakespeare foi um homem moderno de seu tempo; e foi um homem de teatro. Sua linguagem não poderia ser mais contemporânea, mais acessível, mais popular, pois sua arte, bem como sua intuitiva busca de *todo* o seu público, tornavam imperativo que ele fosse compreendido *de imediato* durante o espetáculo. Assim, não compreendo que possa haver justiça, ou mesmo justificativa, em qualquer tentativa arcaizante na tradução

shakespeariana, da mesma forma que não se pode tampouco situá-la artificialmente em uma situação de excessiva atualidade, ou cair em um vocabulário transitório de regionalismo ou coloquialismo menor.

A grande preocupação desta tradução foi, para mim — a quem coube a ingrata tarefa de cobrar diariamente seu término —, a de ter em mãos um instrumento com o qual pudesse contagiar meus alunos com o micróbio da paixão shakespeariana. Quanto ao resto, confesso que não tive que fazer mais do que confiar tranquilamente na capacidade de um poeta de inspirar outro. O *verso branco* dos elisabetanos, para eles um pentâmetro iâmbico, para nós um decassílabo (sem rima), pode, quando dotado de ritmo autêntico, ser apoio extraordinário para o ator. Se é difícil chegar a dominar o verso, uma vez dominado, ele passa a ser magistral servidor de dois amos: ajuda o ator em seu trabalho e ajuda-o a bem servir o autor. O que se fazia necessário, enfim, era um texto através do qual o leitor, ou o ator, ou o diretor pudessem captar o *todo* da obra, lendo-a até mesmo de um só fôlego, para sentir-lhe o impacto de uma só vez, mas também uma tradução que permitisse parar ao longo do caminho para admirar ou analisar passagens sem perda dos valores poéticos que fazem do *Hamlet* o que ele é, tanto quanto seu conteúdo conceitual, sua história, seu enredo ou sua caracterização. O número de felicidades verbais contidas na tradução foi comprovado principalmente pelo número de vezes em que tive o extraordinário prazer de ver iluminar-se o rosto de um aluno ao contato com esta ou aquela passagem da obra.

A escolha da peça a ser traduzida recaiu sobre a que parecia reunir o maior número de qualidades para os fins a que se dirigia. Assim poderíamos enumerar (sem contar a incontestável curiosidade criada em torno do texto por sua universal aclamação) as seguintes razões: a) ser ela altamente representativa da dramaturgia elisabetana; b) seu exemplar aproveitamento do palco elisabetano; c) seu exemplo excepcional do aproveitamento de material anterior por Shakespeare; d) ser obra da maturidade, na qual a poesia — em prosa ou verso — se tornou mais realmente dramática do que em qualquer outro momento; e) ser obra de transição entre o elisabetano e o jaimesco, na qual estão presentes elementos característicos de ambos os períodos; e f) ser obra de excepcionais qualidades de estrutura ou caracterização, que a tornam particularmente interessante tanto para atores quanto para diretores.

Examinemos, rapidamente, essas razões.

A dramaturgia elisabetana é uma fórmula conciliatória de rara felicidade

que aproveita o melhor de dois mundos, o medieval e o renascentista. Séculos de extraordinária popularidade e vitalidade do teatro épico, didático, moralizante e salutarmente desbocado da Idade Média, impediram que, na Inglaterra, essa vital tradição popular fosse (como o foi na França, por exemplo) destruída pelas eruditas preocupações imitativas do renascimento. O longo hábito de ouvir histórias da Bíblia (ou lições morais passadas em termos alegóricos que fixavam infalíveis pontos de referência para o estabelecimento do caráter positivo ou negativo do personagem), a exuberância do jogo, a aceitação da mistura humana da tragédia e da comédia, o hábito da criação da imagem visual pelo ouvido (que exigia do público medieval uma participação ativa na criação do ambiente), a natureza, enfim, essencialmente participante da manifestação dramática medieval depois que esta se libertou da férrea disciplina da Igreja, tudo isso fez com que os modos imitativos da renascença fossem repudiados. Por que razão um público que via passar diante de seus olhos toda a história do mundo, da Criação ao Juízo Final, haveria de conformar-se com a apresentação de alguma coisa ligada a um dia, um local e uma única ação? Por que não poderia ele rir durante uma tragédia se nas mais ponderosas moralidades o diabo, eterno derrotado, se havia transformado em personagem *cômico*? Nas universidades foi tentada a imitação, mas a força da tradição medieval era grande demais para que fosse admitida a mera narração de mortes ou batalhas, muito mais fascinantes quando testemunhadas, com a imaginação complementando a convenção. Mas sem dúvida havia o que aprender: a concepção do herói, principalmente o herói senecano, herói estoico que, como na peça medieval Todomundo, era campo de batalha entre o bem e o mal, mas que tinha uma dimensão de autoconhecimento que servia magistralmente à curiosidade do elisabetano em conhecer tanto a si mesmo quanto a tudo o mais à sua volta. A noção de estrutura do enredo, a maior disciplina do material para formar a imagem de uma ideia dominante, a ótica humana da renascença, essas eram as características que faziam o teatro ainda mais teatro, e foram portanto aceitas. A pantomima, tão cara a Sêneca, encontrava eco no público que tinha aprendido a compreender além do que via; e a violência de Sêneca correspondia bem à violência daquele povo que crescia, que se afirmava em impressionante demonstração coletiva de individualismo extremo.

Tudo isso está em *Hamlet*, e se *Hamlet* é mais do que tudo isso é porque William Shakespeare é a cristalização perfeita de um longo processo de

amadurecimento completado somente quando poetas como ele souberam aprimorar a linguagem popular de suas origens medievais até atingir as culminâncias da expressão poética sem perda da perspectiva dessas mesmas origens, sem se afastarem da sequiosa massa inculta mas ávida de saber, ávida de se ver retratada e estimulada, ávida de ver reafirmada a ideia de que o homem pode tudo. E sem dúvida alguns dos mais decantados "problemas" de *Hamlet* emanam da síntese medieval-renascentista da obra, sendo da maior importância a interpretação de Peter Alexander de que Hamlet, pai, representa uma idade heroica em que o bravo vence lealmente, só perde quando traído e deve ser vingado, enquanto Hamlet, filho, pertence a uma outra geração, universitária e humanística, na qual valores mais altos se avultam, donde sua dificuldade em executar um ato de vingança.

Mas é a vingança que torna a peça tão altamente representativa, pois a partir da *The Spanish Tragedy* [Tragédia espanhola], de Thomas Kyd, a sanguinolência, a loucura (real e fingida) e a vingança eram das mais populares formas dramáticas da época.

A diferença entre *The Spanish Tragedy* e *Hamlet* é a diferença entre Kyd e Shakespeare. O primeiro quis escrever um espetáculo teatral de efeito, o segundo — com uma visão infinitamente mais profunda e mais poética — deu a seu protagonista uma tarefa de vingança a executar e em torno dela criou toda uma avaliação da vida humana que chega às suas últimas consequências na famosa dúvida tão singelamente expressada: *ser ou não ser.* Não apenas "ser", por certo; "ser" só merece esse título quando plenamente vivido, pois quando as concessões e os compromissos têm de conduzir à rastejante e corrupta subserviência de um Polônio, é melhor "não ser". Para dizer isso, Shakespeare teve de escrever cinco atos e quase quatro mil linhas (o dobro de sua tragédia mais curta, *Macbeth*, e quase mil linhas mais longa do que qualquer outra obra sua), e, no entanto, é incontestável a verdade (tão conhecida) de que a melhor, a mais sucinta, a mais despojada forma de se dizer o que Shakespeare quis dizer ao escrever *Hamlet* é — precisamente — o total de *Hamlet.*

Ali nada é gratuito: tudo se ilumina e se esclarece mutuamente. Senão, vejamos: Hamlet deve vingar o pai, o mesmo que devem ou querem fazer Laertes e Fortimbrás; Hamlet finge-se de louco, e Ofélia fica louca; Cláudio é rei e ator, pois representa para todos (até mesmo para Gertrudes), e o ator é ator e rei; Hamlet recebe ordens de seu pai e não as obedece, com consequências graves — mas serão menos graves as consequências de ter Ofélia

obedecido às ordens de seu pai? A interferência dos coveiros, herança da tradição medieval do alívio cômico, não constitui ela mesma uma visão inteiramente nova da posição de Ofélia?

Do mesmo modo é preciso não perder de vista a firmeza com que Shakespeare "amarra" a peça em seu todo, situando-a com clareza e precisão em um contexto que em si mesmo projeta todos os problemas debatidos a uma dimensão muito maior do que teriam isoladamente em qualquer outro contexto. Não é por esnobismo que Shakespeare cria um mundo de reis e príncipes, e sim porque as consequências para todo o estado de o fato de Cláudio, o rei, ser um assassino são infinitamente maiores do que as advindas da mesma condição em um súdito — e nem são menores as consequências de se ter um rei assassinado.

Quando, no início da Cena I do Ato III, Rosencrantz concorda com Cláudio em que Hamlet deve ser afastado para não ameaçar a vida do rei, dizendo:

"(…) [a] majestade
Não sucumbe sozinha; mas arrasta
Como um golfo o que a cerca; é como a roda
Posta no cume da montanha altíssima,
A cujos raios mil menores coisas
São presas e encaixadas; se ela cai,
Cada pequeno objeto, em consequência,
Segue a ruidosa ruína"

vemos até que ponto Shakespeare domina seu instrumento, a mestria com que usa a ironia dramática, pois o pressuroso Rosencrantz, ao pronunciar suas bajuladoras palavras, não sabe que o processo a que se refere já está em curso, justamente porque Cláudio matou um rei, crime que já trouxe, e trará ainda, trágicas consequências para o reino.

Assim, e só assim, numa visão global que contenha em si o múltiplo alcance desta obra-prima dramática, é que pode e deve ser lido, visto ou compreendido *Hamlet*. Se o papel de Hamlet é o mais longo que existe na dramaturgia ocidental, ele só é protagonista em função da situação que o cerca,

e a concepção romântica de uma figura ensimesmada, preocupada exclusivamente com suas angústias existenciais, é tão errada quanto a famosa definição do "nada", ou seja, *Hamlet* sem Hamlet. A dramaturgia elisabetana, por sua natureza panorâmica, épica, é de extraordinária flexibilidade. Permite ao autor que domina total e apaixonadamente seu material selecionar as situações, os locais e os personagens que considera necessários para a composição da imagem global a ser transmitida. A Cena inicial da peça — exemplo excepcionalíssimo de aproveitamento dinâmico da exposição e passada entre personagens menores, alguns dos quais desaparecem inteiramente depois do primeiro ato — não só é fundamental para a compreensão do enredo como também cria o clima, introduz aspectos básicos da temática e apresenta o personagem que vai não só encerrar a peça como tornar-se, a partir daquele momento, responsável pelos destinos da Dinamarca.

A mobilidade da dramaturgia elisabetana só existe em função da forma de seu palco: o campo neutro do palco exterior, projetado para o centro de um pátio onde ficavam de pé os espectadores de menos posses, transformava-se no que quisesse o autor, desde que sua poesia lhe assegurasse a participação da imaginação do público; o palco interior podia ser, se necessário, transformado em quarto ou sala do trono ou em qualquer outro local de identificação indispensável, enquanto que o superior permitia a Shakespeare não só fazer Hamlet acompanhar o fantasma de seu pai até a mais alta plataforma do castelo de Elsinore como também escrever a Cena do balcão de *Romeu e Julieta* ou a do mausoléu de *Antônio e Cleópatra* ou a da muralha de Harfleur em *Henrique V*, enquanto que talentos menores o utilizavam pura e simplesmente quando queriam uma Cena de tom "elevado". No limite do "avental" do palco exterior, o protagonista elisabetano, cercado pelo público por três lados, tinha com ele tal intimidade que lhe saía fácil o monólogo no qual revelava seus planos ou seus mais íntimos pensamentos. No chão desse mesmo avental havia alçapões (herança medieval enriquecida por truques renascentistas) de onde saíam aparições ou onde se podia enterrar Ofélia.

Desse palco serviu-se Shakespeare com domínio incomparável. As cenas se sucedem, curtas ou longas, segundo as necessidades do desenvolvimento que o autor deseja dar ao tema, fazendo ótimo uso da mobilidade permitida pela convenção, que frequentemente acompanha acontecimentos quase simultâneos para dar ao espectador várias perspectivas de uma mesma situação. E de todo esse complexo Shakespeare se serve para estimular o espectador a participar

tanto emocional quanto intelectualmente, ligando os vários elementos por seu supremo domínio da poesia dramática, implantando ideias não só pela sequência lógica do diálogo discursivo como também pelos misteriosos e evocativos caminhos de uma imensa riqueza imagística. Com a flexibilidade de seu palco e a beleza de seu verso, Shakespeare pôde expandir a limites inimagináveis o universo do teatro.

Como Molière depois dele e como os gregos anteriormente, não teve Shakespeare qualquer preocupação com a originalidade de seu material. O importante em sua obra é o que resulta de alguma história mais do que conhecida anteriormente à qual seu gênio imprimiu vida nova por sua capacidade de, mudando o ponto de vista, tirar do antigo material sentidos novos, dar-lhe maior alcance, intensificar-lhe o conteúdo por meio de novas formas.

Hamlet, com suas longínquas origens na *Edda*, já chegou às mãos de Shakespeare retrabalhado por vários períodos e vários autores. Claro que o desaparecimento de *Ur-Hamlet* elisabetano (de Kyd?) faz com que desconheçamos a versão prévia mais próxima do autor. Mas a transformação de uma lenda heroica em uma obra de introspecção é o fenômeno mais fascinante de toda a obra shakespeariana. Em suas origens, o pai de Amleth é assassinado quando este ainda é criança, a loucura fingida não passa de matreiro recurso para escapar de igual fado das mãos do tio, e o final é o clássico *happy ending* da epopeia popular, com a vingança executada, e Amleth, o bom rei, para todo o sempre… Uma loucura fingida que é usada como defesa, mas defesa contra o próprio perigo da loucura que poderia advir da extrema tensão emocional e intelectual é algo de muito diverso, como muito diverso do singelo herói da saga é o príncipe renascentista intelectual, cruel, amigo leal e inimigo perigoso, introspectivo e exímio em esgrima, multiforme e paradoxal como sua época. Como em todas as outras ocasiões em que se utilizou de material alheio, Shakespeare não fez mais do que mudar a ótica para realizar o total do potencial antes desperdiçado.

Datado provavelmente de 1601, *Hamlet* é arauto de uma nova posição mais sombria e inquisidora do que aquela que pode receber realmente o rótulo de elisabetana. Não têm sido poucas as críticas feitas a Henry Bolingbroke, o usurpador Henrique IV, por serem consideradas mesquinhas e politiqueiras (na melhor das hipóteses) suas recomendações ao filho, o futuro Henrique V, de que se ocupe com guerras estrangeiras, pois enquanto estiver ocupado com

elas o povo não lhe dará preocupações domésticas. Não foram necessários muitos anos para que a Inglaterra provasse, ela mesma, a veracidade (louvável ou não) dessas palavras. Toda a dramaturgia propriamente elisabetana é a dramaturgia de um país em ascensão. A sede de afirmação, a sede de conquista, a luta contra a Espanha, tudo isto uniu o povo em torno de Elizabeth, até que o país fosse reconhecido pela Europa inteira como grande potência. Os grandes exemplos dessa linhagem são os heróis marlovianos ou qualquer dos patriotas das peças históricas de Shakespeare.

Estabelecida a supremacia, destruídos os inimigos, enriquecida a nação, muito breve chegou o momento em que se tornou inevitável uma autoanálise, seja de métodos, seja de objetivos, ao mesmo tempo em que a inesperada longevidade da Rainha Virgem — e portanto sem herdeiros diretos — provocava em uma nobreza livre das preocupações das guerras estrangeiras uma luta pelo poder tão violenta e tão sórdida quanto as dos velhos tempos da Guerra das Rosas. O *malcontent*, o insatisfeito, era o *angry young man* do início do século XVII, usufruindo dos benefícios da rapacidade e capacidade de construção de seus superiores, mas totalmente incapaz de aceitar seus valores, avaliando-lhe e condenando-lhe cada ação. Não estavam esquecidas as lições dramáticas das moralidades, e toda a dramaturgia jaimesca reflete essa introspecção, essa avaliação, essa desesperada indagação sobre a condição do homem, a natureza do bem e, principalmente, do mal. A ascensão de James I em 1603 configura mais nitidamente esse clima, mas o século já nascera sob o signo desses conflitos extremos.

Depois do período das tetralogias históricas, depois de escrever *Júlio César*, Shakespeare nunca mais deixou de incorporar o tema político às suas tragédias — até mesmo *Otelo*, a mais doméstica, vê um governador militar executar o que julga ser um ato de justiça. Em *Hamlet* todo esse novo e sombrio mundo de avaliações, buscas e julgamentos dos processos públicos e privados de se ser ou não ser são apresentados em conjunto pela primeira vez e com maior sucesso em sua realização do que jamais seria alcançado por qualquer dos muitos outros dramaturgos que tentaram tema semelhante.

Não há, por certo, peça mais fascinante para atores ou diretores do que esse mundo em que a própria condição humana é posta em questão: o problema de enfrentarmos tarefas que não buscamos mas que nos são impostas, e de termos por isso de aprofundar-nos em uma dolorosa análise de nós mesmos, a quem devemos conhecer antes de tomar qualquer atitude em relação à tarefa

proposta. Acompanhar a evolução de uma obra na qual um homem do gabarito de Hamlet, universitário de Wittemberg, príncipe renascentista, evolui da posição em que diz "maldito fado/Ter eu de consertar o que é errado" até chegar a "o estar pronto é tudo" é uma das experiências mais provocantes e enriquecedoras que podemos ter por intermédio de uma obra de arte. Tudo em *Hamlet* provoca o pensamento, a conscientização; e a forma, os caminhos percorridos para a apreensão total da tragédia são, em si, parte do que deve ser dito, excitando-nos a percepção, permitindo-nos viver, graças à intimidade que podemos ter para com a obra, um pouco mais na dimensão de um Shakespeare.

A essa intimidade, espero e confio, é que esta tradução há de convidar o leitor. Confesso que por várias vezes tenho sonhado com a possibilidade de novamente ler *Hamlet* pela primeira vez; mas por outro lado convido todos a lerem muitas vezes a peça — não por ser "difícil", não por considerar que seja necessária qualquer preparação especial para se poder apreciá-la, mas porque é realmente impossível deixar de descobrir alguma coisa de novo a cada leitura. E creio que esta tradução permitirá esse tipo de leitura repetida, supremo teste para qualquer obra.

Barbara Heliodora, 1968

Introdução à 2ª edição de Hamlet

Famoso por seus "problemas", o texto de *Hamlet* tem uma complexa história editorial: dado seu imenso sucesso desde a estreia em 1601, já em 1603 foi "pirateado", como se diz, por um ator que fazia pequenos papéis, o que resultou na publicação do notório *bad quarto*, uma aberração muito mais curta do que a obra de Shakespeare, com trechos sem nexo e incluindo não só frases e falas de outros autores como também descrições de algumas piadas posteriormente publicadas como de autoria do ator Tarleton. Normalmente as companhias não queriam que suas peças fossem publicadas (para não serem copiadas ou imitadas), mas quando era publicado algo tão despropositado quanto esse Q1, o quadro mudava, e em 1604 é publicado o alentado Q2, possivelmente uma transcrição do manuscrito inicial de Shakespeare. Por ocasião da publicação das obras completas em 1623, no entanto, há novas alterações, pois desaparecem cerca de 225 linhas do Q2 e aparecem cerca de 85 linhas privativas do F1, possivelmente reflexo do que efetivamente fora apresentado no palco. Todas as edições modernas abarcam tanto o incluído em uma quanto em outra das formas impressas.

Primeira das quatro "grandes" tragédias, *Hamlet* aparece como consequência de um caminho de aprofundamento que pode ser identificado com clareza na sequência *Henrique V*, *Júlio César*, *Hamlet*: na primeira dessas três peças Shakespeare retrata um protagonista admirável, porém subordinado ao interesse maior que continua a ser o do estudo do estado, e limitado pela censura política, já que se fala de história da Inglaterra e de um rei cristão, ungido e hereditário. Já em *Júlio César*, que trata de um universo romano e não cristão, Shakespeare sente-se bem mais livre para enfrentar o debate político em termos do conflito mortal entre convicções que dominam os antagonistas, mas o processo político é tão forte que ainda se sobrepõe a todos os personagens. Ao escrever *Hamlet*, Shakespeare finalmente vai entrar pela forma dramática mais alta e significativa, a da tragédia, unindo tudo o que já

observara sobre relações interpessoais como também sobre as relações entre o indivíduo e o Estado, governantes e governados, a fim de investigar comportamentos humanos em situações extremas, de valores últimos, de crenças e convicções cruciais. O caminho foi abandonar a precisão histórica e, ao manipular e mesclar crônica e lenda, conceber situações e personagens que viessem a ser veículos adequados para a aventura maior de sua capacidade criativa.

Foi em uma figura que tem suas origens nas sagas nórdicas, na *Edda*, que Shakespeare encontrou o protagonista que buscava para sua grande obra reflexiva sobre os valores últimos de bem e mal, vida e morte. Isso não significa que o poeta tenha andado lendo as velhas lendas em si: a figura original de Amleth já passara pelas mãos de Saxo Grammaticus, Belleforest, e até mesmo de um autor teatral, possivelmente Thomas Kyd, que teria escrito uma antiga versão da mesma história — chamada *Ur-Hamlet* — que desapareceu sem deixar vestígios e hoje não passa de uma hipótese. Com pequenos acidentes de percurso que alteram detalhes, a linha geral da trama permanece sempre mais ou menos a mesma.

A transformação da rotineira lenda de heroísmo medieval na tragédia de Shakespeare é um dos mais famosos mistérios da literatura universal, principalmente em função do desaparecimento de *Ur-Hamlet*, no qual uma etapa significativa — a do amadurecimento do herói — já começasse a ficar delineada. Kyd é o autor de *Tragédia espanhola*, primeiro exemplo do gênero tipicamente elisabetano da "tragédia de vingança", ao qual pertence *Hamlet*. O gênero tem sua origem não só no tradicional sistema de vingança que prevalece em todas as sociedades onde não existe uma estrutura de estado que estabeleça uma justiça pública, responsável pelo julgamento e punição de todo crime, como também na grande popularidade que tinham as tragédias de Sêneca, com seus notáveis retratos de crimes, criminosos e as consequências desses atos terríveis. A par disso, Sêneca era exemplo do magistral uso da retórica em todos os colégios da Inglaterra, enquanto sua filosofia estoica foi determinante para a criação de personagens de altas convicções morais, como Horácio na opinião de Hamlet:

"(…) sempre foste
Diante das dores, como quem não sofre,

Um homem que recebe como idênticos
Golpes ou recompensas da fortuna,
E igualmente agradece; abençoados
Aqueles cujo sangue e julgamento
Tão bem comungam, pois não são brinquedos
Nos dedos da fortuna, tão volúveis,
Dançando ao seu prazer. Dá-me esse homem
Que não se torna escravo da paixão
E eu o trarei no fundo do meu peito,
No coração do próprio coração,
Como eu te tenho."

William Shakespeare tinha 36 anos de idade e cerca de treze de carreira quando escreveu *Hamlet*, e é interessante que a peça ocupe posição tão central em sua obra, que se completaria cerca de treze anos mais tarde. Poucas obras de arte terão merecido tanta atenção crítica, em poucas se tem procurado com tanto afinco encontrar defeitos e contradições. Tudo começou quando, quase duzentos anos depois da peça ser escrita, alguém ter arbitrado que Hamlet demorava demais para cumprir a tarefa que lhe era imposta pelo fantasma do pai. Como na dramaturgia elisabetana, escrita especificamente para um teatro a céu aberto onde tudo era convenção, tempo e lugar são sempre muito menos precisos do que ação e personagem, a demora de Hamlet é imprecisa, e só dele próprio temos a informação de que a vingança estaria sendo postergada. A partir desse momento um sem-número de teorias, estudos e desmandos têm sido elaborados, mas vale a pena lembrar que, em cena, em momento algum o espectador sente que haja demora injustificada na vingança.

Hamlet pertence ao gênero "tragédia de vingança", que tem suas exigências específicas, dentre as quais podemos salientar, por exemplo:

1) Um fantasma pede vingança repetidamente;
2) É revelado um crime secreto que precisa ser esclarecido;
3) O vingador, depois de jurar, tem dúvidas que precisam ser superadas;
4) O vingador finge loucura, mas há na ação exemplo de loucura verdadeira;

5) A vingança custa a ser realizada e o vingador se culpa;
6) A demora é contrastada com ação paralela na qual há precipitação;
7) Tanto o vingador quanto seu antagonista usam dissimulação;
8) Em algum ponto da ação é usado o teatro dentro do teatro;
9) O antagonista tenta apanhar o protagonista em erro por meio de ardil.
10) O protagonista reflete sobre o suicídio;
11) O ambiente em que se passa a ação é de corrupção;
12) O protagonista quase perde a razão por dor e frustração.

As exigências do gênero são ainda mais numerosas, e só duas obras das incontáveis escritas no período elisabetano apresentam todas as características: *Tragédia espanhola*, de Thomas Kyd, e *Hamlet,* de William Shakespeare. Alguns dos problemas discutidos no mar de comentários sobre a peça são, na verdade, apenas produtos da dramaturgia e do modo pelo qual se pensava o teatro ao tempo de Elizabeth I.

O que tem permitido que ao longo de quase quatro séculos essa peça teatral continue a fascinar a todos que entram em contato com ela? Seus atrativos são vários, e já foi sugerido que todos nós nos sentimos um pouco Hamlet, já que a vida que recebemos ao nascer seria uma tarefa imposta do mesmo modo que a ele a da vingança imposta pelo pai. A coragem de Hamlet, sua posição de isolamento na defesa da verdade e da integridade, sua reflexão na busca de suas mais íntimas convicções, tudo isso torna o personagem atraente, a par da beleza de suas falas, altamente reveladoras de uma figura complexa e rica.

Seria gravíssimo engano atribuir exclusivamente ao protagonista o interesse despertado pela tragédia, magistralmente construída. A partir da primeira cena, expositória, etapa por etapa é acrescida de modo a, primeiro, ampliar o alcance e a complexidade da crise e, a seguir, propiciar sua solução. Como em todas as suas obras, uma vasta teia de imagens enriquece subliminarmente o caminho escolhido para expressar aquela incursão específica por um universo no qual o mal penetra e perturba o bom governo e o bem-estar da comunidade. Em *Hamlet* as imagens dominantes são as de podridão, doença, corrupção, cancro, todas as que podem refletir o que acontece à Dinamarca quando sobe ao trono um usurpador que conquistou o poder derramando no ouvido do irmão um

veneno que de imediato se espalhou por todo o seu corpo e o matou — do mesmo modo que ele mesmo vai corrompendo todo o reino.

A riqueza do texto completo de *Hamlet* é tamanha que se torna impossível determinar, por exemplo, que no palco sua interpretação terá de ser exclusivamente esta ou aquela; mesmo eliminando possíveis tolices, há muitos caminhos para interpretações válidas, cada uma delas privilegiando determinados aspectos da vasta riqueza oferecida pelo poeta. É privilégio do leitor fazer sua própria montagem imaginária e refazê-la, alterá-la, aprimorá-la, segundo as descobertas que irá fazendo a cada nova leitura desse texto inesgotável.

Barbara Heliodora, 1995

Introdução à 3ª edição de Hamlet

Já lá se vão mais de quarenta anos desde que esta tradução foi feita. Ao relê-la ainda uma vez com cuidado, preparando-a para mais esta edição, o tempo fez com que me visse forçada a ter a ousadia de fazer algumas alterações no texto. Estas alterações são, basicamente, de tratamento. Para a comunicação com o espectador ou leitor, hoje em dia, o tratamento na segunda pessoa do plural parece distante, e por isso mesmo ele só foi preservado quando os personagens se dirigem diretamente a alguém da família real, em ocasiões formais.

Do mesmo modo, a crescente intimidade com a peça sugeriu algumas (muito poucas) alterações de palavras ou frases, que pareciam necessárias para serem ou mais fiéis ou mais acessíveis.

A não ser por isso, nada mudou nesse exemplar trabalho de tradução.

Barbara Heliodora, 2004

Dramatis personae

HAMLET, príncipe da Dinamarca.
CLÁUDIO, rei da Dinamarca, tio de Hamlet.
O FANTASMA do finado rei, pai de Hamlet.
GERTRUDES, a rainha, mãe de Hamlet, agora mulher de Cláudio.
POLÔNIO, conselheiro de Estado.
LAERTES, filho de Polônio.
OFÉLIA, filha de Polônio.
HORÁCIO, amigo e confidente de Hamlet.
ROSENCRANTZ, GUILDENSTERN, cortesãos, antigos colegas de colégio de Hamlet.
FORTIMBRÁS, príncipe da Noruega.
VOLTEMAND, CORNÉLIO, conselheiros, embaixadores à Noruega.
MARCELO, BERNARDO, FRANCISCO, membros da Guarda Real.
OSRIC, um cortesão tolo.
REINALDO, criado de Polônio.
ATORES.
UM CAVALEIRO, da corte.
UM PADRE.
UM COVEIRO.
O COMPANHEIRO DO COVEIRO.
UM CAPITÃO, do exército de Fortimbrás.
Embaixadores ingleses.
Nobres, Damas, Soldados, Marinheiros, Mensageiros e Criados.

A CENA: Elsinore: a Corte e seus arredores.

ATO I

Cena I — Elsinore. A plataforma do castelo.

(*Francisco, de guarda, em seu posto. Entra Bernardo.*)

BERNARDO
Quem está lá?

FRANCISCO
Responde tu; pra trás e diz quem és.

BERNARDO
Viva o rei!

FRANCISCO
É Bernardo?

BERNARDO
É ele mesmo.

FRANCISCO
Chegas exatamente em tua hora.

BERNARDO
Acaba de soar a meia-noite.
Vai tu pra casa; vai dormir, Francisco.

FRANCISCO
Muito obrigado, porque assim me rendes;
'Stá frio e o coração trago oprimido.

BERNARDO
Foi calma a guarda?

FRANCISCO
Não se ouviu um rato.

BERNARDO
Muito bem. Boa noite. Se encontrares
O Horácio e o Marcelo, companheiros
Desta noite, eu te peço que os apresses.

FRANCISCO
Creio que os ouço. Em guarda! Quem vem lá?

(*Entram Horácio e Marcelo*.)

HORÁCIO
Amigos do país.
MARCELO
Fiéis ao rei.
FRANCISCO
Boa noite.
MARCELO
Até breve, bom soldado.
Quem veio te render?
FRANCISCO
Bernardo fica.
Que tenhas boa noite.

(*Sai*)

MARCELO
Olá! Bernardo!
BERNARDO
Quê? Horácio está aqui?
HORÁCIO
Um pouco dele.
BERNARDO
Sejas bem-vindo, Horácio; e tu, Marcelo.
MARCELO
Aquela aparição veio esta noite?
BERNARDO
Eu nada vi.
MARCELO
Horácio diz que é simples fantasia
E que ele não aceita a nossa crença
Dessa visão que duas vezes vimos.
Por isso convidei-o para hoje

Vir conosco guardar alguns minutos;
Pois se de novo vier esse fantasma,
Ele confirmará os nossos olhos
E poderá falar-lhe.

HORÁCIO

Não aparecerá.

BERNARDO

Senta-te um pouco;
Deixa-nos repetir aos teus ouvidos,
Tão prevenidos contra a nossa história,
O que duas vezes vimos.

HORÁCIO

Bem, sentemo-nos
E ouçamos o que vai contar Bernardo.

BERNARDO

Ontem à noite,
Aquela mesma estrela ali a oeste,
Tendo feito o seu curso e iluminado
Esta parte do céu onde arde agora,
Marcelo e eu, ao badalar uma hora…

MARCELO

Cala-te, Por favor; ei-lo que volta!

(*Entra o Fantasma.*)

BERNARDO

É o próprio rosto do defunto rei.

MARCELO

Tu, que és um mestre, vai falar-lhe, Horácio!

BERNARDO

Não é igual ao rei? Repara, Horácio.

HORÁCIO

Igual: isso me assusta e causa espanto.

BERNARDO

Vamos falar-lhe.

MARCELO

E interrogá-lo, Horácio.

HORÁCIO

Quem és tu, que usurpaste a escura noite,
E nesse aspecto de gentil guerreiro
Com o qual o nosso rei, agora morto,
Marchou um dia? Pelos céus, responde!

MARCELO

Ele ofendeu-se.

BERNARDO

Vê; vai afastar-se.

HORÁCIO

Fica! Fala! Por Deus, eu te conjuro!

(*Sai o Fantasma.*)

MARCELO

Foi-se, e não respondeu.

BERNARDO

Então, Horácio; estás tremendo e pálido?
Não julgas isto mais que fantasia?
Que pensas disso?

HORÁCIO

Diante de Deus, eu não o acreditara,
Sem o sincero e firme testemunho
Dos meus olhos.

MARCELO

Não é igual ao rei?

HORÁCIO

Como tu a ti mesmo:
Aquela era sem dúvida a armadura
Que usou contra a ambição da Noruega;
'Stava assim carrancudo, quando em fúria

Destruiu os polacos sobre o gelo.
Isto é estranho!

MARCELO

Assim, por duas vezes
Passou, forte e marcial, por nossa guarda.

HORÁCIO

Não sei qual o propósito que o trouxe,
Porém, na minha rude opinião,
É mau presságio para o nosso reino.

MARCELO

Senta-te agora e conta-nos, se o sabes,
Por que esta severa e estrita guarda
Todas as noites fica aqui, atenta;
E por que cada dia os canhões chegam
Com outros apetrechos para a guerra?
E por que convocar tantos ferreiros,
Cuja rude missão não vê domingo?
Que vai acontecer? Que essa tarefa,
Pesada e rude, junta a noite e o dia?
Quem me pode informar?

HORÁCIO

Creio que o posso.
Ao menos o que consta. O velho rei,
Cuja imagem há pouco aqui tivemos,
Foi provocado pelo Fortimbrás
Da Noruega, em seu ferido orgulho,
Para um combate; e o nosso bravo Hamlet
(Que assim o chama toda a nossa gente)
Matou a Fortimbrás, que, por promessa
Ratificada pela lei e a heráldica,
Perdia, com a vida, as terras todas
Em sua posse, para o vencedor:
Outros terrenos, em contrapartida,
Empenhou nosso rei, para legá-los
Como direito e herança a Fortimbrás,
Fosse ele o vencedor. Pelo emprazado,

E em razão dessa cláusula citada,
Herdou-as Hamlet. Pois o filho agora,
Com ardor juvenil e malguiado,
Aqui e ali, nas faldas da Noruega,
Juntou alguns velhacos sem abrigo
Em troca de alimento, numa empresa
Que muito tem de ousada: nada mais
— Como tão bem percebe o nosso reino —
Busca recuperar de nós, co'a força,
E termos compulsórios, essas terras
Perdidas por seu pai; isso, eu suponho,
É o motivo de tais preparativos,
A causa desta guarda, e a principal
Razão deste apressado movimento.

BERNARDO

Creio que seja assim; e mais ainda
Que agora essa figura portentosa
Chega armada até nós, igual ao rei
Que foi e é a causa dessas guerras.

HORÁCIO

Uma coisa perturba a minha mente:
No altíssimo e feliz torrão de Roma,
Antes da queda do possante Júlio,
Os túmulos mostraram-se agitados,
E as figuras estranhas dos defuntos
Gritavam e corriam pelas ruas;
Cometas chamejantes suavam fogo,
O Sol ficou convulso e a estrela túmida,
Cuja força ergue o império de Netuno,
Quase estava em desmaio num eclipse,
Como iguais precursores de desgraças.
Como arautos precoces do destino,
E prólogo de agouros pressentidos,
Terras e céus unidos advertiram
O nosso clima e os nossos conterrâneos.
(*Entra o Fantasma.*)

Silêncio! Vede! Ei-lo que vem de novo!
Vou enfrentá-lo, mesmo que me arrase!
(*O Fantasma empunha suas armas.*)
Para, ilusão! Se tens voz ou palavra,
Fala-me!
Se há qualquer coisa certa a ser tentada
Que te possa ajudar e eu o mereça,
Fala-me!
Se és sabedor de crime em tua pátria
Que se possa evitar por conhecê-lo,
Oh, fala!
Se juntaste um tesouro em tua vida
E o guardaste no ventre desta terra,
E por ele andas morto pelo mundo,
Fala! Detém-te e fala!
(*O galo canta.*)
Não o deixes!

MARCELO

Devo tocá-lo a golpes de alabarda?

HORÁCIO

Deves, se não parar.

BERNARDO

Cá está.

HORÁCIO

Está aqui!

(*Sai o Fantasma.*)

MARCELO

Foi-se!
Ferimo-lo em sua majestade,
Dando demonstrações de violência;
Porque ele é como o ar, invulnerável,
E o nosso inútil golpe, simples farsa.

BERNARDO

Ia falar, quando cantou o galo.

HORÁCIO

E então ele partiu, qual condenado,
Sob uma intimação. Ouvi o galo
Que, como a clarinada da manhã,
Com sua voz aguda e penetrante,
Acorda o deus do dia; e ao seu alarma
No mar, no fogo, no ar, como na terra,
Os errantes espíritos se apressam
Aos seus negros confins; dessa verdade
O nosso próprio caso é bem a prova.

MARCELO

Ele esvaiu-se com o cantar do galo.
Dizem que quando chega a estação
Que celebra o Natal do Salvador,
A ave da aurora canta a noite toda
E não deixa os espíritos à solta;
As noites são saudáveis; os planetas
Não ardem, nem as bruxas, feiticeiras,
Têm o poder para exercer encantos,
Tão sagrado e tão doce é esse tempo.

HORÁCIO

Assim ouvi, e creio nisso, em parte.
Mas olha, a aurora, com seu manto róseo,
Já pisa o orvalho nos distantes montes!
Terminemos a guarda e, a meu conselho,
Contemos o que vimos esta noite
Ao jovem Hamlet; pois, por minha vida,
Esse espírito, mudo para nós,
Só quer falar com ele; se o quereis,
Vamos dar-lhe notícia do ocorrido
Cumprindo, por amor, nosso dever!

MARCELO

Vamos fazê-lo, peço; e já conheço
A maneira melhor de vê-lo hoje.

(*Saem.*)

Cena II — Uma sala no castelo.

(*Entram o Rei, a Rainha, Hamlet, Polônio e seu filho, Laertes, Voltemand, Cornélio, Lordes e séquito.*)

REI

Conquanto viva na memória a morte
De Hamlet, nosso irmão, e nos assente
Manter em luto nossos corações,
E todo o nosso reino se concentre
Num aspecto severo de desgraça,
Nós, em discreta luta com a tristeza,
Com mais serena dor pensamos nele,
Lembrando-nos de nós ao mesmo tempo.
Assim, nossa ex-irmã, hoje rainha,
Viúva que partilha deste império
Belicoso — com mágoa na alegria,
Com olhos auspiciosos, mas molhados,
Sorrisos no enterro e cantos fúnebres
Nas bodas, repartindo a dor e o júbilo —
Tomamos por esposa: não fugimos
Aos conselhos dos sábios, que julgaram
Esse caso: obrigado eu sou a todos.
Acontece que o jovem Fortimbrás,
Num fraco avaliar da nossa força,
Ou pensando que, à morte do meu mano,
Nosso país seria desmembrado;
Juntando a isso sonhos ambiciosos,
Não hesitou em nos mandar ameaças,

No sentido da entrega dessas terras
Perdidas por seu pai, dentro da lei,
Para o nosso valente rei e irmão.
Sobre isso, basta. E quanto a nós, reunidos
Nesta assembleia, aqui vos informamos
Desse assunto: escrevemos sugerindo
Ao tio desse jovem Fortimbrás —
Que impotente e acamado mal conhece
A empresa do sobrinho — que suspenda
A marcha contra nós, porquanto as tropas,
Com tudo o que as equipa, são tomadas
De suas possessões. Ora enviamos
Cornélio e Voltemand, quais mensageiros
De nossa saudação ao Norueguês;
A ambos dando autoridade estrita
Para tratar co'o Rei, quanto requeiram
E permitam tais cláusulas ingratas.
Adeus; cumpri depressa esse dever.

VOLTEMAND

Nisso, como no mais, o cumpriremos.

REI

Não duvidamos. Boa sorte. Adeus.
(*Saem Voltemand e Cornélio.*)
Então, Laertes, quais as novidades?
Falaste num pedido; o que é, Laertes?
Nada podes pedir ao soberano
Que não obtenhas; qual a tua súplica,
Que eu não mude em oferta, e não pedido?
A ideia não é mais ao coração,
A mão mais instrumento para a boca,
Que o trono desta mesma Dinamarca
Para o teu pai. Que queres tu, Laertes?
Qual tua pretensão?

LAERTES

Oh, meu senhor,
A vossa permissão e o vosso auxílio

Para voltar à França, de onde vim
Gostosamente à Dinamarca, há pouco,
Em reverência à vossa coroação.
Porém agora, esse dever cumprido,
Confesso que voltar desejo à França,
E a vós me curvo e peço-vos perdão.

REI

Permitiu-o o teu pai? Que diz, Polônio?

POLÔNIO

Ele obteve, senhor, minha licença,
Em demorada, longa, petição;
Assim, dei-lhe afinal consentimento:
Suplico, pois, que vós o consintais.

REI

Assim seja, Laertes. Teus desejos
Sejam os guias do teu próprio tempo.
E agora, Hamlet, meu sobrinho e filho,

HAMLET

(*à parte*)
Mais que parente, menos do que filho.

REI

Por que ainda te cobrem essas nuvens?

HAMLET

Não, não, senhor. Estou em pleno sol.

RAINHA

Meu filho, deixa agora a cor noturna,
E deita olhos amigos sobre o rei.
Não continues sempre de olhos vagos,
Procurando teu pai no pó da terra:
Sabes como é fatal — tudo o que vive
Há de morrer, passando à eternidade.

HAMLET

Ai, senhora, é fatal.

RAINHA

Mas se é fatal
Por que é que te parece algo anormal?

HAMLET

"Parece", não, senhora; é, não "parece".
Não é apenas meu casaco negro,
Boa mãe, nem solene roupa preta,
Nem suspiros que vêm do fundo da alma,
Nem o aspecto tristonho do semblante,
Co'as formas todas da aparente mágoa
Que mostram o que sou: esses "parecem",
Pois são ações que o homem representa:
Mas eu tenho no peito o que não passa;
Meus trapos são o adorno da desgraça.

REI

É doce e até louvável que tua alma
Guarde assim esse luto por teu pai;
Mas, bem sabes, teu pai perdeu o pai;
Esse perdeu o dele; essa é a cadeia
De deveres filiais, que por seu turno,
Cada qual vai sofrendo. Mas manter-se
Em obstinado luto é teimosia
De ímpia obstinação; é desumano;
Mostra uma injusta oposição aos deuses,
Um coração sem força, uma impaciência,
Um fraco entendimento, uma ignorância,
A tudo que sabemos que há de ser.
Ao que é comum, vulgar, ao nosso senso,
Por que, numa atitude impertinente,
Nos devemos opor? É contra os céus,
Pecado contra os mortos, contra o mundo,
Absurdo sem razão, pois cabe aos pais
Morrer antes dos filhos, desde sempre…
E a estes, chorá-los; ontem como agora.
Há de ser sempre assim. Nós te pedimos,
Lança por terra essa tristeza inútil,
Pensa em nós como um pai: pois saiba o mundo
Que és o herdeiro mais próximo do trono;
E que não é menor o nobre afeto

Que aquele que um pai dedica ao filho,
Que eu te dedico. Quanto ao teu intento
De voltar para a escola em Wittemberg,
Isso é muito contrário ao nosso anseio:
Nós te rogamos, fica ao nosso lado,
No conforto e calor da nossa vista,
Primeiro cortesão, e nosso filho.

RAINHA

Não deixes tua mãe perder-se em preces;
Não nos deixes, não vás a Wittemberg.

HAMLET

A vós, senhora, eu obedecerei.

REI

Essa é uma resposta bela e amável.
Sejas como nós mesmos, nesta terra.
Vinde, senhora; esse gentil acordo
Sorri ao meu espírito: em sua honra,
O alegre brinde que hoje beba o rei,
Nosso grande canhão dirá às nuvens,
E o céu celebrará essa homenagem
Repetindo o trovão. Vamos, senhora.

(*Clarinada. Saem todos, menos Hamlet.*)

HAMLET

Oh, se esta carne rude derretesse,
E se desvanecesse em fino orvalho!
Ou que o Eterno não tivesse oposto
Seu gesto contra a própria destruição!
Oh, Deus! Como são gestos vãos, inúteis,
A meu ver, esses hábitos do mundo!
Que horror! São quais jardins abandonados
Em que só o que é mau na natureza
Brota e domina. Mas chegar a isto!

Morto há dois meses só! Não, nem dois meses!
Tão excelente rei, em face deste,
Seria como Hipério frente a um sátiro.
Era tão dedicado à minha mãe
Que não deixava nem a própria brisa
Tocar forte o seu rosto. Céus e terras!
Devo lembrar? Ela se reclinava
Sobre ele, qual se a força do apetite
Lhe viesse do alimento; e dentre um mês
— Não, não quero lembrar — Frivolidade,
O teu nome é mulher. Um mês apenas!
Antes que se gastassem os sapatos
Com que seguiu o enterro de meu pai,
Como Níobe em prantos… eis que ela própria —
Oh, Deus, um animal sem raciocínio
Guardaria mais luto — ei-la casada
Com o irmão de meu pai, mas tão diverso
Dele quanto eu de Hércules: um mês!
E apenas essas lágrimas culposas
Deixaram de correr nos falsos olhos,
Casou-se: Oh, pressa infame de lançar-se
Com tal presteza entre os lençóis do incesto!
Não 'stá certo, nem pode ter bom termo:
Estala, coração — mas guarda a língua!

(*Entram Horácio, Marcelo e Bernardo.*)

HORÁCIO

Salve, senhor!

HAMLET

Como me alegro em vê-los.
Horácio! Ou me esqueço de mim mesmo.

HORÁCIO

Eu mesmo, este seu servo, meu senhor.

HAMLET

Senhor! Meu bom amigo; esse é o nome
Que trocarei contigo. Mas que fados
Te trouxeram aqui, de Wittemberg?
A ti, Horácio? Salve, Marcelo.

MARCELO

Meu bom senhor…

HAMLET

Muito me alegra vê-lo.
(*para Bernardo*)
Boa noite.
Mas, enfim, o que te trouxe aqui, de novo?

HORÁCIO

Uma vontade de vadiar, senhor.

HAMLET

Não quisera ouvir isso do inimigo,
Nem quero em meus ouvidos a violência
De ouvir-te confirmar essa notícia
Contra ti mesmo; pois não és vadio.
Mas que assunto te traz a Elsinore?
Aprender a beber? Somos bons mestres.

HORÁCIO

Senhor, vim para o enterro de seu pai.

HAMLET

Peço-te não zombar de mim, colega;
Vieste para as bodas da rainha.

HORÁCIO

Na verdade, foi logo em seguimento.

HAMLET

Economia, Horácio! A carne assada
Do enterro serviu fria para as bodas.
Encontrasse eu no céu meu inimigo
Antes que ter vivido aquele dia!
Meu pai… como que o vejo aqui, meu pai.

HORÁCIO

Onde, senhor?

HAMLET

Nos olhos da memória.

HORÁCIO

Eu o vi uma vez; um belo rei.

HAMLET

Ele era um homem, e, pelo seu todo,
Não mais verei ninguém igual a ele.

HORÁCIO

Senhor, creio que o vi ontem à noite.

HAMLET

Viu? Quem?

HORÁCIO

Senhor, o rei seu pai.

HAMLET

Meu pai?

HORÁCIO

Contenha seu espanto alguns segundos
De ouvido atento; até que eu lhe revele
Com o testemunho destes cavalheiros,
Esse milagre.

HAMLET

Sim, deixa-me ouvi-lo.

HORÁCIO

Duas noites seguidas, esses jovens,
Marcelo e mais Bernardo, em sua guarda,
Na morta escuridão da noite em meio,
Tiveram esse encontro. Uma figura,
Como a do rei, armado de alto a baixo,
Surge diante dos dois, e em nobre passo
Anda lento e solene; assim três vezes
Diante de olhos atônitos, surpresos,
Passou-lhes bem por perto; eles, sem sangue,
Não lhe falaram; mas me confiaram
O terrível segredo que guardavam.
Eu fui com eles na terceira noite
À guarda; e no local onde estiveram,

Da mesma forma, como o tinham visto,
Volta o fantasma. Eu conhecia o rei;
É realmente igual.

HAMLET

Onde foi isso?

HORÁCIO

Na plataforma onde fazemos guarda.

HAMLET

Não lhe falaste tu?

HORÁCIO

Falei, senhor.
Mas não me respondeu; a certa altura,
Ele ergueu a cabeça e parecia
Que ia mover os lábios e falar;
Mas nesse instante cantou alto o galo;
Ao ouvi-lo, tremeu, partiu depressa;
E desfez-se no ar.

HAMLET

É muito estranho.

HORÁCIO

Por minha vida, digo-lhe a verdade.
E nós julgamos que o dever se impunha
De fazê-lo saber o ocorrido.

HAMLET

Certo, amigos. Mas isso me perturba.
Dareis guarda esta noite?

MAR., BER.

Sim, daremos.

HAMLET

Estava armado?

MAR., Ber.

Sim, senhor; armado.

HAMLET

De alto a baixo?

MAR., Ber.

Da cabeça aos pés.

HAMLET
E não vistes, assim, a sua face?
HORÁCIO
Vimos, senhor; tinha a viseira erguida.
HAMLET
Tinha o aspecto zangado ou carrancudo?
HORÁCIO
Parecia mais triste que zangado.
HAMLET
Pálido ou entumescido?
HORÁCIO
Muito pálido.
HAMLET
Fixou acaso os olhos sobre vós?
HORÁCIO
Constantemente.
HAMLET
Se eu estivesse lá!
HORÁCIO
Teria tido um grande e rude choque.
HAMLET
Por certo. Quanto tempo demorou-se?
HORÁCIO
O tempo de, com calma, contar cem.
MAR., BER.
Mais do que isso.
HORÁCIO
Não quando eu o vi.
HAMLET
Tinha a barba grisalha, não?
HORÁCIO
A barba
Era como eu a vi em sua vida.
Cor de areia prateada.
HAMLET
Irei à guarda.

Talvez venha de novo.

HORÁCIO

Isso eu garanto.

HAMLET

Se ele assume a aparência de meu pai,
Falar-lhe-ei nem que o inferno m'o proíba
E impeça de falar! Eu peço a todos,
Se até agora silenciaram isso,
Guardai silêncio ainda por mais tempo.
E do que acontecer durante a noite,
Dai vosso entendimento, não palavras.
Vossa amizade eu recompensarei.
Até logo: entre as onze e a meia-noite
Irei vê-los.

TODOS

As nossas homenagens.

HAMLET

Vossa amizade, como a minha. Adeus.
(*Saem todos, menos Hamlet.*)
O vulto de meu pai armado! É grave.
Talvez uma cilada. Venha a noite!
Até lá, paz, minh'alma: a vilania
Mesmo oculta, há de vir à luz do dia.

(*Sai.*)

Cena III — Em casa de Polônio.

(*Entram Laertes e Ofélia.*)

LAERTES

Minha bagagem embarcou; adeus.

E, minha irmã, se o vento for amigo
E houver comboio, não demores muito
Em me mandar notícias.

OFÉLIA

Mas tens dúvidas?

LAERTES

Quanto a Hamlet, e às suas gentilezas,
Deves tomá-las por brinquedo ou farsa;
Uma flor da primeira juventude,
Ardente, não fiel; doce e não firme,
O perfume e a brandura de um minuto,
Não mais.

OFÉLIA

Assim, não mais?

LAERTES

Não penses nisso.
A natureza não se desenvolve
Apenas em volume; enquanto cresce,
O corpo, a alma e o espírito se estendem,
Crescem também. Talvez ele te ame
Agora, e não há mácula ou embuste
Que manche o seu desejo; mas, cuidado:
Ele é um nobre, e assim sua vontade
Não lhe pertence, mas à sua estirpe.
Ele não pode, qual os sem valia,
Escolher seu destino: dessa escolha
Dependem segurança e bem do Estado;
Assim, o seu desejo se submete
À voz e ao comando desse corpo,
Do qual ele é a cabeça. Se ele afirma
Que te ama, cabe a ti acreditar
Somente no que possam permitir
A sua posição e a Dinamarca.
Pesa então o perigo da tua honra,
Se de crédulo ouvido ouves seu canto,
Se dás o coração e o teu tesouro

De pureza ao seu ímpeto incontido.
Teme-o, Ofélia; teme-o, irmã querida;
Conserva o teu tesouro de pureza
Longe do alcance e risco do desejo.
A jovem mais prudente ainda é pródiga
Se exibe os seus encantos ao luar:
Virtude não escapa da calúnia;
O verme fere a flor da primavera,
Às vezes antes que o botão desponte;
E no orvalho sutil da mocidade
São comuns os contágios que corrompem.
O medo é a melhor arma da virtude;
Pois o desejo engana a juventude.

OFÉLIA

Guardarei a lição que me ofereces
Para me defender. Mas, meu irmão,
Não faças como às vezes os pastores
Que nos mandam, entre urzes, para o céu,
Enquanto que eles próprios, libertinos,
Vão na trilha de flores que nos perde,
Sem ouvir bons conselhos.

LAERTES

Não o temas.
Já tardo muito; mas, lá vem meu pai.
(*Entra Polônio.*)
Bênção dobrada é uma dupla graça;
Que a ocasião sorria ao novo adeus!

POLÔNIO

Ainda aqui, Laertes! Corre a bordo!
O vento sopra as velas do teu barco,
E tu ficas. Recebe a minha bênção!
Guarda estes poucos lemas na memória:
Sê forte. Não dês língua a toda ideia,
Nem forma ao pensamento descabido;
Sê afável, mas sem vulgaridade.
Os amigos que tens por verdadeiros,

Agarra-os a tu'alma em fios de aço;
Mas não procures distração ou festa
Com qualquer camarada sem critério.
Evita entrar em brigas; mas se entrares,
Aguenta firme, a fim que outros te temam.
Presta a todos ouvido, mas a poucos
A palavra: ouve a todos a censura,
Mas reserva o teu próprio julgamento.
Veste de acordo com a tua bolsa,
Porém sê rico sem ostentação,
Pois o ornamento às vezes mostra o homem,
Que em França os de mais alta sociedade
São seletos e justos nesse ponto.
Não sejas usurário nem pedinte:
Emprestando há o perigo de perderes
O dinheiro e o amigo; e se o pedires,
Esquecerás as normas da poupança.
Sobretudo sê fiel e verdadeiro
Contigo mesmo; e como a noite ao dia,
Seguir-se-á que a ninguém serás falso.

LAERTES

Humilde me despeço, meu senhor.

POLÔNIO

O tempo corre; segue os teus criados.

LAERTES

Adeus, Ofélia; e guarda para sempre
O que eu disse.

OFÉLIA

'Stá trancado em minha mente,
E só tu mesmo tens a chave dela.

LAERTES

Adeus.

(*Sai.*)

POLÔNIO

Que foi, Ofélia, que te disse?

OFÉLIA

Algo que diz respeito ao nobre Hamlet.

POLÔNIO

Ora, isso é bem lembrado. Ultimamente,
Dizem que ele se ocupa e se distrai
Muito tempo contigo; e que tu mesma
Tens sido muito assídua e generosa.
Se é assim — e isso muito me preocupa
E me causa cuidado —, eu te previno:
Tu não vês a ti mesma com clareza,
Como convém à tua própria honra.
Que é que existe entre vós? Diz a verdade.

OFÉLIA

Ele tem confessado ultimamente
Sua afeição por mim.

POLÔNIO

Sua afeição!
Falas como criança inexperiente,
Ingênua nessa causa perigosa.
Crês nessas confissões, se assim as chamas?

OFÉLIA

Eu não sei, meu senhor, o que pensar.

POLÔNIO

Eu te ensino: és apenas uma criança,
Tomaste essas palavras por moedas,
Mas são falsas. Precisas ter consciência
Do teu valor; ou — para ser mais claro —
Não quero que me faças de idiota.

OFÉLIA

Senhor, ele me mostra o seu amor
De forma honrada.

POLÔNIO

Ai, pura fantasia.

OFÉLIA

Ele apresenta sempre a sua fala
Cercada de promessas celestiais.

POLÔNIO

São armadilhas para apanhar rolas.
Eu bem sei como o sangue, quando ferve,
É pródigo em promessas; essas brasas
Dão mais luz que calor, e quando morrem
— Mera promessa — não perdura nada.
Não as tomes por fogo. De hoje em diante,
Sê da tua presença mais avara;
Põe mais alto o objetivo de teus rogos,
Mero pretexto de aproximação.
Em relação a Hamlet, crê apenas
Que ele é jovem e a ele é permitido
Andar de freio largo; não a ti.
Ofélia, não te iludas com essas juras,
Pois não são o que mostram na roupagem,
Mas simples rogos para fins profanos,
Soando como preces e murmúrios
Pra melhor atrair. Numa palavra,
Não quero que repitas, de ora avante,
Essas conversas com o nobre Hamlet.
Ouve bem; eu te ordeno: segue agora
O teu caminho.

OFÉLIA

Eu obedecerei.

(*Saem.*)

Cena IV — A plataforma.

(*Entram Hamlet, Horácio e Marcelo.*)

HAMLET

O ar corta como lâmina. Que frio!

HORÁCIO

Faz um frio mordente e penetrante.

HAMLET

Que horas são?

HORÁCIO

Não ainda meia-noite.

MARCELO

Sim, já soou.

HORÁCIO

Realmente? Eu não ouvi.
Aproxima-se então a hora propícia
Em que o espírito faz o seu passeio.
(*Ouvem-se, fora, um toque de trombetas e dois disparos de canhão.*)
Que significa isso, meu senhor?

HAMLET

O rei não dorme e, erguendo sua taça,
Rege o banquete e as danças saltitantes,
Enquanto de um só trago bebe o Reno.
As trompas e os tambores lhe proclamam
Os feitos triunfais.

HORÁCIO

Isso é costume?

HAMLET

Dos mais antigos; mas pra mim, embora
Seja filho da terra e tenha sido
Criado sempre afeito aos velhos hábitos,
É costume que deve ser banido,
Em vez de conservado. A leste e oeste,
Outros povos acusam-nos e apontam —
Por causa dessas farras — como bêbados,
E nos tacham de porcos e relapsos.
Realmente isso nos tira os altos feitos,
A força e a essência da reputação.
Isso acontece às vezes com um homem,

Que só por marca vil da natureza,
Traz em si vício único e inato,
Do qual não é culpado, pois a vida
Não escolhe as origens — ou ainda
Por um exuberante e oculto impulso
Que lhe quebra os limites da razão;
Ou por costume, que domina e invade
As boas normas — essa criatura,
Que traz, repito o estigma de um defeito,
Por herança infeliz ou má estrela,
Suas virtudes — sejam as mais puras
Ou infinitas quanto possam ser —
Ficarão corrompidas ao contato
Dessa pecha, essa gota venenosa,
Que apaga às vezes toda a nobre essência,
Para o seu mal.

HORÁCIO

Ei-lo que vem, senhor!

(*Entra o Fantasma.*)

HAMLET

Anjos e forças celestiais, guardai-nos!
Sejas um bom espírito ou demônio;
Tragas contigo auras de paraíso
Ou rajadas de inferno; sejam puros
Ou maus os teus intentos, vens com forma
Tão cara e tão estranha que eu desejo
Falar contigo: eu vou chamar-te Hamlet;
Rei, pai, dinamarquês real: Responde!
Não me deixes morrer nesta ignorância;
Diz por que é que teus ossos abençoados,
Sepultados na terra, arrebentaram
Os panos da mortalha; e o teu sepulcro,

Onde te vimos enterrado e quieto,
Abriu de novo a poderosa goela
Para te rejeitar? Que significa
Que tu, morto, de novo em aço armado,
Voltes assim sob o clarão da lua,
Tornando horrenda a noite, e a nós, pasmados,
Fazendo-nos tremer horrivelmente
Com pensamentos que a alma não atinge?
Diz, que é isto? Por quê? E o que faremos?

(*O Fantasma acena para Hamlet.*)

HORÁCIO

Ele o chama para que o siga,
Como se lhe quisesse, e a si somente,
Dizer alguma coisa.

MARCELO

Veja o gesto
Polido com que ele acena e o convida
A segui-lo; não julgo aconselhável
Fazê-lo.

HORÁCIO

E não irá, senhor, de modo algum.

HAMLET

Ele não vai falar; irei com ele.

HORÁCIO

Não, não vá, senhor.

HAMLET

Por que temê-lo?
Minha vida não vale um alfinete;
E minh'alma, que risco há para ela,
Sendo ele imortal como ela mesma?
Eis que outra vez me chama; vou segui-lo.

HORÁCIO

E se ele o levar para a corrente,
Ou para esses rochedos perigosos
Que pendem debruçados sobre o mar,
E lá venha a tomar formas terríveis
Que o possam privar da lucidez
E conduzi-lo à loucura? Repare:
Só o cenário deste ponto estranho
Pode levar ao desespero a mente
Daquele que contempla esses fantasmas
Do próprio mar, ouvindo o uivar embaixo.

HAMLET

me acena. Vamos! Vou seguir-te!

MARCELO

Não há de ir, senhor!

HAMLET

Não me segures.

HORÁCIO

Seja sensato. Não vá.

HAMLET

O meu fado
Me conclama e me torna cada artéria
Tão rija quanto os nervos do leão
De Nemeia. Outra vez ele me chama:
Largai-me, meus amigos; pelos santos,
Farei fantasma quem me detiver!
Largai-me, digo! Vamos, vou segui-lo!

(*Saem Hamlet e o Fantasma.*)

HORÁCIO

Ele se exalta na imaginação.

MARCELO

Vamos segui-lo. Não o obedeçamos.

HORÁCIO

Vamos. Em que dará tudo isto?

MARCELO

Algo está podre aqui na Dinamarca.

HORÁCIO

Os céus decidirão.

MARCELO

Vamos segui-lo.

(*Saem.*)

Cena V — Outro ponto da plataforma.

(*Entram o Fantasma e Hamlet.*)

HAMLET

Onde me levas? Fala; eu não prossigo.

FANTASMA

Ouve.

HAMLET

Ouvirei.

FANTASMA

Está chegando a hora
Em que devo voltar para os tormentos
Das chamas sulfurosas.

HAMLET

Pobre espectro!

FANTASMA

Não me lamentes, mas escuta, atento,
O que revelo.

HAMLET

Fala; é meu dever
Ouvir-te.

FANTASMA

E após ouvir, deves vingar-me.

HAMLET

O quê?

FANTASMA

Sou o espectro de teu pai;
Condenado a vagar durante a noite,
Por algum tempo, e a jejuar de dia
Preso no fogo, até que este consuma
E purifique as faltas criminosas
Que cometi em vida. Mas proibido
De contar os segredos do meu cárcere,
Pois se os narrasse, a mínima palavra
Cortaria tu'alma e gelaria
O próprio sangue jovem do teu corpo;
Faria teus dois olhos, como estrelas,
Saltar das órbitas, e os teus cabelos
Eriçarem-se rijos, como as cerdas
Se eriçam no irritado porco-espinho.
Mas revelar não posso o eterno arcano
Aos ouvidos humanos. Ouve! Escuta!
Ouve! Se amaste um dia um pai querido…

HAMLET

Oh, Deus!

FANTASMA

Vinga a sua alma e o seu assassinato!

HAMLET

Assassinato?

FANTASMA

inato, sim, sempre covarde,
Mas desta vez mais torpe e mais covarde.

HAMLET

Conta-me logo, pra que eu, com asas
Rápidas como a ideia ou como o amor,
Voe à vingança!

FANTASMA

Era o que esperava.
Serias mais apático e mais lento
Que a raiz que apodrece junto ao Letes,
Se não fizesse isso. Agora, Hamlet,
Escuta: Dizem que eu, quando dormia
No meu jardim, fui vítima da raiva
De uma serpente; e assim, na Dinamarca
Toda, essa história em torno a mim forjada
Foi repetida como verdadeira.
Mas tu, meu nobre jovem, toma nota
De que a serpente que tirou a vida
De teu pai, usa agora a sua coroa.

HAMLET

Oh, minh'alma profética; meu tio!

FANTASMA

Essa víbora, adúltera e incestuosa,
Cujos feitiços, cujos dons traiçoeiros,
Pérfidos dons, que prendem e seduzem,
Souberam conquistar para a luxúria
A aparente virtude da rainha.
Oh, Hamlet, que terrível decadência!
Do meu amor, cheio de dignidade,
Que andava sempre unido ao nobre voto
Que fizera ao casar-me, ir declinando,
Cedendo ao miserável, cujos dotes
Naturais são tão pobres junto aos meus!
Mas se a virtude é forte, é inabalável,
Ainda que a lascívia ande a tentá-la;
Já a luxúria, embora unida a um anjo
Resplendente, sacia-se de um leito
Puro e vai repastar-se num monturo.
Mas, alto lá. Pressinto o ar da manhã.
Devo ser breve. Como de costume,
Dormia eu à tarde, no jardim;
Teu tio, aproveitando essa hora incauta,
Furtivamente, conduzindo um frasco

Com a maldita essência do memendro,
Me fez cair nas conchas das orelhas
Essas gotas terríveis, cujo efeito
Tem tal inimizade ao sangue humano
Que, lesta como o azougue, elas percorrem
Todas as veias e canais do corpo
E, de repente, coagulam e talham
O sangue fino e fluido. Assim, meu sangue
De rápida erupção cobriu meu corpo,
Como se eu fosse um lázaro, co'a crosta
Mais vil e repelente.
Dormia eu, pois, quando essa mão fraterna
Roubou-me a vida, o cetro e a rainha:
Ceifou-me em plena flor dos meus pecados,
Sem sacramentos, sem extrema-unção,
Sem ter prestado contas dos meus erros,
Cheio de imperfeições em minha mente.
É horrível, horrível, mais que horrível!
Se tens consciência em ti, não o toleres;
Não deixa o leito real da Dinamarca
Ser guarida do incesto e da luxúria.
Mas, como quer que cumpras esse feito,
Não mancha o teu espírito, nem deixa
Tu'alma agir contra tua mãe: entrega-a
Aos céus; e que os espinhos que ela guarda
No seio a firam de remorso. Adeus,
Agora, a vaga luz intermitente
Do vagalume prenuncia a aurora
E começa a perder seu frágil fogo.
Adeus! Adeus! Recorda-te de mim!

(*Sai.*)

HAMLET

Hostes dos céus! Oh terra! E o que mais?
Devo juntar o inferno? Ai, coração,
Não estala! Nem vós, meus pobres nervos,
Não rompei; sustentai-me com firmeza.
Recordar-te! Por certo, alvo fantasma!
Enquanto houver memória neste globo
Atônito. Lembrar-te! Certamente!
Apagarei das tábuas da memória
Tudo o que de supérfluo ali perdure,
Leituras, sentimentos, impressões
Que a mocidade ali gravou um dia;
Só o teu mandamento permaneça
Nas páginas do livro do meu cérebro,
Destacado de tudo. Pelos céus!…
Oh mulher perniciosa!
Oh vilão sorridente, mas danado!
É mister que eu escreva os meus preceitos:
Alguém pode sorrir e ser um crápula;
Pelo menos, é certo, nesta terra
Da Dinamarca; assim és tu, meu tio
(*Escrevendo*.)
Agora, uma palavra por divisa:
"Adeus! Adeus! Recorda-te de mim!"
Jurei-o.

HORÁCIO

(*fora*)
Senhor!

MARCELO

(*fora*)
Príncipe Hamlet!

HORÁCIO

(*fora*)
Deus o guarde!

HAMLET

Assim seja!

MARCELO

(*fora*)

Olá! Olá, meu senhor!

HAMLET

Olá! Olá, rapaz! Vem, passarinho!

(*Entram Horácio e Marcelo.*)

MARCELO

Que tal, nobre senhor?

HORÁCIO

Que novidades?

HAMLET

Assombrosas!

HORÁCIO

Senhor, conte-nos isso!

HAMLET

Não, pois ireis contá-las.

HORÁCIO

Pelos céus!
Eu não, senhor; eu, não.

MARCELO

Nem eu, tampouco.

HAMLET

Que dizem disto? Um coração humano
Iria, por acaso, imaginá-lo?
Guardareis um segredo?

HOR., MAR.

Pelos céus!

HAMLET

Não há um só vilão na Dinamarca
Que não seja um velhaco.

HORÁCIO

Pra dizê-lo,
Não é preciso que um fantasma saia

De sua cova.

HAMLET

É certo; é muito certo;
E assim, sem mais rodeios, separemo-nos:
Vós pr'onde vos leve algum negócio,
Ou um desejo; pois não há criatura
Que não tenha negócios ou desejos.
Quanto a mim, pela minha humilde parte,
Vede, eu irei rezar.

HORÁCIO

Mas que palavras
Tão estranhas, senhor, e desconexas.

HAMLET

Lamento se as palavras vos ofendem.
Sinto-o deveras.

HORÁCIO

Não houve ofensa.

HAMLET

Mas certamente houve também ofensa,
Por são Patrício, e grande, neste caso.
Quanto à visão, é um fantasma honesto;
Isso eu vos digo: e quanto ao vosso anseio
De saber o que houve entre ele e eu,
Tereis de vos conter. E agora, amigos,
Pois sois amigos, mestres e soldados,
Faço-vos um pedido.

HORÁCIO

Qual, senhor?

HAMLET

Não conteis a ninguém o que aqui vistes.

OS DOIS

Senhor, não contaremos.

HAMLET

Não; jurai.

HORÁCIO

Por minha fé, não eu.

MARCELO

Nem eu, senhor.

HAMLET

Sobre esta espada.

MARCELO

Mas nós já juramos.

HAMLET

Digo-vos, sobre a espada! Assim!

FANTASMA

(*Gritando sob o palco*.)

Jurai!

HAMLET

Olá, rapaz. Estás aí, amigo?
Vamos, ouvistes essa voz oculta?
Consenti em jurar.

HORÁCIO

Com que palavras?

HAMLET

Nunca falar daquilo que hoje vistes,
Jurai sobre esta espada.

FANTASMA

Sim, jurai!

(*Eles juram*.)

HAMLET

Hic et ubique?
Vamos nós, portanto,
Mudar de ponto. Vinde, meus senhores,
E ponde as mãos de novo sobre a espada:
Nunca falar daquilo que hoje ouvistes,
Jurai por minha espada.

FANTASMA

Sim, jurai!

(*Eles juram.*)

HAMLET

Dizes bem, oh toupeira! Tão depressa
Caminhas sob a terra? És sapador?
Mais uma vez mudemos de lugar.

HORÁCIO

Dia e noite! Isso é muito estranho!

HAMLET

Pois como estranho demo-lhe acolhida!
Há mais coisas, Horácio, em céus e terras,
Do que sonhou nossa filosofia.
Mas vinde. Agora e sempre (o céu nos valha),
Por estranho que eu possa parecer-vos
— Se por acaso, doravante, eu queira
Tomar uma atitude extravagante —,
Jurai que nunca, quando assim me virdes,
Não tereis nenhum gesto, nem meneio,
Nem direis qualquer frase duvidosa,
Como "Ora, nós sabemos" ou "Podíamos,
Se quiséssemos" ou "Se nós falássemos",
"Há quem possa falar", ou outra frase
Ambígua, pela qual se desconfie
Algo de mim. Jurai. Nesses momentos,
Graça e misericórdia vos ajudem!

FANTASMA

Jurai!

(*Eles juram.*)

HAMLET

Descansa, espírito agitado!
Com todo o meu afeto eu me despeço:
E tudo o que o meu pobre ser consiga
Para exprimir estima e simpatia,
Se Deus o permitir, não faltará.
Entremos. E guardai este segredo.
O tempo é de terror. Maldito fado
Ter eu de consertar o que é errado.
Vamos, entremos juntos, camaradas.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — A casa de Polônio.

(*Entram Polônio e Reinaldo.*)

POLÔNIO

Entregue-lhe esta carta e este dinheiro.

REINALDO

Sim, senhor.

POLÔNIO

Porém mostre a perspicácia
De indagar, antes de ir visitá-lo,
Do seu procedimento.

REINALDO

Eu o farei.

POLÔNIO

Muito bom, muito bom. Veja, senhor,
Se me pode indagar que conterrâneos

Há em Paris, e como e com que meios
Vivem eles; e o gasto, e as companhias.
Procure, com rodeios e cuidados,
Saber se eles conhecem o meu filho;
Se conhecerem, pode ir mais longe,
Interrogando mais diretamente.
Finja que o conhece de longe e pouco;
Diga: conheço o pai e seus amigos,
Ele bem pouco; ouviu-me bem, Reinaldo?

REINALDO

Sim, ouvi, meu senhor.

POLÔNIO

Ele, bem pouco. Não conheço bem;
Mas se é quem penso, é um rapaz estranho,
Desregrado e vadio: pode pôr-lhe
As invenções que ocorram; não tão graves
Que o possam desonrar — cuidado nisso —,
Mas, senhor, esses vícios e defeitos
Que são os companheiros mais frequentes
Da juventude livre.

REINALDO

Como o jogo.

POLÔNIO

Sim, como o jogo, a bebida, a vadiagem,
As brigas, os caprichos, as mulheres…

REINALDO

Mas, senhor, isso iria desonrá-lo.

POLÔNIO

Qual nada, se souber bem moderar
A acusação. Não o acuse de escândalo,
Da mais completa incontinência; isso
Não é o que pretendo — mas, jeitoso,
Sopre seus erros com tamanha astúcia
Que pareçam senões da liberdade;
Explosões de um espírito fogoso,
Erros de um sangue jovem e indomado,

Comuns na juventude.

REINALDO

Mas, senhor…

POLÔNIO

E por que é que eu quero que o faça?

REINALDO

Isso é o que eu, senhor, quero saber.

POLÔNIO

Este é o meu plano, que parece certo,
Mais que seguro: acusará meu filho
Dessas pequenas falhas, qual se fossem
Atritos naturais de seu estado.
Repare, que a pessoa que o ouve
Pode ter visto o jovem acusado
Praticar esses atos que citamos:
Nesse caso, ele diz em consequência,
Assim: "Bom senhor", ou "cavalheiro",
De acordo com a linguagem e as maneiras
Usadas pelo povo do país.

REINALDO

'Stá bem, senhor.

POLÔNIO

E nesse ponto, o mesmo…
Que é mesmo que eu dizia? Pela missa,
Eu estava dizendo alguma coisa;
Onde foi que eu parei?

REINALDO

"Em consequência";
Em "meu amigo" ou "meu senhor".

POLÔNIO

Parei
Em "consequência"; e ele "eu conheço o jovem",
"Eu o vi ontem, ou há poucos dias",
Tal e tal dia, com fulano ou outro.
Como disse, jogava em tal lugar;
Noutro lugar, mostrou-se embriagado,

Ou noutro logo terminou brigando;
Dirá talvez que o viu entrar na casa
De uma mulher, ou antes, num bordel…
Ou coisa assim. Veja como com a isca
Da mentira pescou toda a verdade.
Assim fazemos nós, com descortino,
Chegando ao alto por sinuosas curvas.
Com estes meus conselhos e preceitos,
Tudo há de descobrir sobre o meu filho.
O senhor me entende, não?

REINALDO

Sim, meu senhor.

POLÔNIO

Então, adeus. Que a viagem seja boa.

REINALDO

Bem, meu senhor, adeus.

POLÔNIO

Vá observá-lo
Em sua própria inclinação.

REINALDO

Irei.

POLÔNIO

Veja-o mostrar qual é a sua missa.

REINALDO

Está bem, meu senhor. Adeus.

POLÔNIO

Adeus.
(*Sai Reinaldo.*)
(*Entra Ofélia, muito agitada.*)
Que tens, Ofélia?

OFÉLIA

Pai, tive tal susto!

POLÔNIO

Por Deus, mas como foi que te assustaste?

OFÉLIA

Senhor, 'stava eu cosendo no meu quarto,

Quando o príncipe Hamlet, maltrajado,
Sem chapéu, tendo as meias enroladas
Pelas pernas, sem ligas, branco e pálido
Como o linho, os joelhos tremulantes,
Com o olhar de tão fúnebre expressão
Como se nos viesse dos infernos
Falar de horrores — vem diante de mim.

POLÔNIO

Louco por teu amor?

OFÉLIA

Senhor, não sei,
Mas temo que seja assim.

POLÔNIO

Que te disse?

OFÉLIA

Tomou-me pelos pulsos fortemente:
Logo afastou-se ao longo de seu braço,
E co'a outra mão erguida sobre os olhos
Pôs-se a mirar-me o rosto de tal modo,
Como para sorvê-lo; muito tempo
Assim ficou; depois tomou-me o braço
E abanando a cabeça de alto a baixo
Arrancou um suspiro tão profundo
Que pareceu-me ser bastante abalo
Para levá-lo à morte. Então deixou-me,
E curvando a cabeça sobre o ombro,
Caminhou desprezando os próprios olhos,
Pois saiu pela porta sem usá-los,
Mantendo sempre em mim a sua luz.

POLÔNIO

Anda comigo; vou falar ao rei.
Esse é o chamado êxtase do amor,
Cuja violência chega a destruir-se,
E leva os seres para o desespero,
Mais vezes que as paixões que, neste mundo,
Afligem os mortais. Eu o lamento.

Terás, acaso, usado ultimamente
Palavras muito duras?

OFÉLIA

Não, senhor.
Mas, observando aquilo que ordenou,
Repeli suas cartas e neguei
Sua presença.

POLÔNIO

Isso tornou-o louco.
Lamento não ter tido mais cuidado
Nem julgado melhor; temia sempre
Que brincasse contigo e te trouxesse
Algum pesar. Perdoa o meu ciúme.
Parece que é comum, na minha idade,
Ser sombrio demais no julgamento,
Do mesmo modo que é comum ao jovem
Falar sem discrição. Vamos ao rei!
Ele deve saber o que, escondido,
Causará maior mal que em ser ouvido.

(*Saem.*)

Cena II — Sala do castelo.

(*Entram o Rei, a Rainha, seguidos por Rosencrantz, Guildenstern e Séquito.*)

REI

Bem-vindos, Rosencrantz e Guildenstern!
Além do nosso anseio pra revê-los,
Causou nosso chamado o precisarmos
De vosso auxílio. Certo, alguma coisa

Já vos falaram da transformação
Que houve em Hamlet; assim a chamaremos,
Já que nem na aparência e nem no ânimo
Ele é o mesmo. A causa deste fato,
Além da morte de seu pai, que tanto
O pôs fora do próprio entendimento,
Não posso nem sonhar. Eu vos imploro,
Por serdes seus amigos de criança,
Companheiros da sua adolescência,
Que concordeis em demorar na corte
Por uns tempos, lhe dando companhia,
Arrastando-o a prazeres, e buscando,
Conforme a ocasião que se ofereça,
O que é que assim aflige o seu espírito
Que, revelado, possa ter remédio.

RAINHA

Senhores, ele fala sempre em vós;
E estou certa que não há na vida
Quem mais sincero afeto lhe mereça.
Se nos quereis mostrar boa vontade
E gentileza, aqui ficando um pouco
Para cumprir as nossas esperanças,
Terá vossa visita recompensas
Dignas de um rei.

ROSENCRANTZ

Vós poderíeis antes
Mandar, e não pedir, oh majestades,
Com poder soberano sobre nós.

GUILDENSTERN

Mas nós obedecemos, e fazemos
A entrega de nós mesmos ao serviço
Que voluntariamente dedicamos
Ao vosso mando.

REI

Graças, Rosencrantz;
E gentil Guildenstern, muito obrigado.

RAINHA

Agradeço também a Guildenstern,
E ao gentil Rosencrantz. E aqui vos peço
Que visiteis imediatamente
Meu tão mudado filho. Um de vós vá
Levar estes dois jovens junto a Hamlet.

GUILDENSTERN

Sejam nossa presença e nossos atos
De utilidade para ele!

RAINHA

Amém.

(*Saem Rosencrantz, Guildenstern e outros.*)
(*Entra Polônio.*)

POLÔNIO

Senhor, os emissários da Noruega
Voltaram satisfeitos.

REI

Vós ainda
Fostes o portador de boas-novas.

POLÔNIO

Fui, meu senhor? E posso assegurar-vos
Que cuido o meu dever como a minh'alma,
Ambas para o meu Deus e o meu bom rei!
E penso — ou meu cérebro hesitante
Não mais segue o caminho do costume —
Que encontrei o motivo verdadeiro
Da demência de Hamlet.

REI

Falai disso;
Anseio por ouvir a explicação.

POLÔNIO

Dai entrada primeiro aos emissários;

Minhas notícias coroarão a festa.

REI

Fazei as honras, e trazei-os logo,
(*Sai Polônio.*)
Ele me diz, Gertrudes, que encontrou
O que traz a seu filho o destempero.

RAINHA

Duvido que não seja o mesmo sempre:
A morte de seu pai e este apressado
Casamento.

REI

Veremos o que sabe.
(*Volta Polônio, com Voltemand e Cornélio.*)
Bem-vindos, bons amigos. Voltemand,
Trazeis novas do rei da Noruega?

VOLTEMAND

Retribui cumprimentos e bons votos.
Logo que nos ouviu, mandou sustar
As hostes do sobrinho, que supunha
Serem preparações contra a Polônia.
Mas, reparando, viu que realmente
Se erguiam contra vossa majestade.
Sentindo que o iludiam — velho e fraco —,
Chama por Fortimbrás: este obedece,
Aceita a repreensão, e jura ao rei
Nunca mais contra vós armar-se em guerra.
O velho rei, tomado de alegria,
Dá-lhe por ano trinta mil coroas
E investe-o da missão de ir combater
A Polônia co'os mesmos elementos
Alistados por ele contra nós;
E envia a petição, que aqui vos trago,
De permitirdes que essas mesmas tropas
Atravessem em paz e segurança
Vossos domínios para a operação,
Conforme aqui propõe.

REI

Isso me apraz;
Depois de refletir e ler com tempo
Esse texto, enviaremos a resposta.
Enquanto isso, agradeço o vosso zelo:
Agora, descansai — à noite, juntos,
Festejaremos essa alegre volta.

(*Saem Voltemand e Cornélio.*)

POLÔNIO

Esse negócio teve um bom final.
Meu rei, minha senhora — especular
O que é a majestade, o que é dever,
Por que o dia é dia e a noite, noite,
E o tempo, tempo, é perder noite e dia
E tempo. Se ser breve é ter espírito,
Se o tédio é feito de floreios óbvios,
Resumo: vosso filho enlouqueceu.
Ficou louco, e a loucura verdadeira
Não se define: é louco quem é louco.
Mas basta.

RAINHA

Mais verdade e menos arte.

POLÔNIO

Juro, senhora, que não uso de arte.
Que está louco, é verdade; e é muito triste.
E é triste ser verdade: um pobre louco!
Mas não prossigo, pois não uso de arte.
Louco está, com certeza; resta agora
Descobrirmos a causa deste efeito,
Ou antes, a razão deste defeito,
Pois efeito e defeito hão de ter causa.
Resta encontrá-la, e assim saber o resto.

Ponderai!
Tenho uma filha — tenho-a enquanto é minha —
Que, com docilidade e obediência,
Deu-me isto: lede, e concluí vós mesmos.
(*Lê a carta.*)
"*Celestial Ofélia, idolatrada de minh'alma,*
formosa, mais que bela"
É uma frase infeliz e sem finura,
Porém tendes de ouvir. Sigo, portanto:
"*Em seu marmóreo seio, estas*"

RAINHA

Foi Hamlet quem mandou isso a Ofélia?

POLÔNIO

Um momento, senhora; eu sou fiel. (*Lê.*)
"*Duvida que as estrelas tenham fogo,*
Duvida que o Sol tenha luz e ardor;
Duvida da verdade como um jogo,
Mas não duvides, não, do meu amor.
Querida Ofélia, eu não sou bom poeta e não tenho arte para traduzir meus gemidos. Mas que te amo mais que a tudo, oh muito mais, crê sempre. Teu para sempre, enquanto lhe pertencer esta máquina.
Hamlet."
Isto mostrou-me a filha obediente
E depois disso todos os seus rogos,
Por vários meios, horas e lugares,
Me foram transmitidos.

REI

Porém ela,
Como o aceitou?

POLÔNIO

Por quem me tomais vós?

REI

Por um homem honrado e verdadeiro.

POLÔNIO

Pretendo ser; mas que diríeis vós
Se, ao ver esse amor tomando vulto,

Como eu o vi, antes que minha filha
O confessasse — o que diríeis vós,
Ou a nobre rainha aqui presente,
Se eu tivesse servido de correio
Ou feito ouvidos surdos e olhos cegos,
Ou feito vista grossa a esse amor.
Que pensaríeis vós? Não! Fui direto
Ao que importava, assim dizendo à filha:
"Hamlet é um nobre, além da tua estrela;
Isto não pode ser." E aconselhei-a
Que ela se recolhesse e se isolasse,
Não recebesse cartas nem lembranças.
Ela ouviu docilmente os meus conselhos.
Em resumo: eis que Hamlet, repelido,
Cai em tristeza; segue-se o fastio,
Depois a insônia, e logo, enfraquecido,
Cai na melancolia e, em consequência,
Na loucura em que agora se debate,
E que nós lamentamos.

REI

Crês que é isso?

RAINHA

Pode muito bem ser.

POLÔNIO

Já houve caso
Em que eu dissesse positivamente
"É isso", e não o fosse?

REI

Não que eu saiba.

POLÔNIO

Tirai esta cabeça destes ombros
Se não é como acabo de dizer.
Se os fatos me ajudarem, acharei
A verdade escondida, nem que esteja
Enterrada.

REI

Mas como proceder?

POLÔNIO

Sabemos que ele anda horas a fio
Nas galerias.

RAINHA

Isso é bem verdade.

POLÔNIO

Mando, então, encontrá-lo, minha filha.
Juntos, atrás de uma tapeçaria,
Os veremos a sós. Se ele não a ama,
E não tiver por isso enlouquecido,
Deixarei este posto no governo
E irei ser fazendeiro.

REI

Tentaremos.

(*Entra Hamlet, lendo um livro.*)

RAINHA

Mas vede como vem, tristonho, lendo.

POLÔNIO

Deixai-me, por favor; deixai-me, ambos.
Vou dirigir-me a ele, sem demora.
Deixai-me.
(*Saem o Rei e a Rainha.*)
Como passa o meu príncipe?

HAMLET

Bem, graças a Deus.

POLÔNIO

Sabeis quem sou?

HAMLET

Sei muito bem. O senhor é um peixeiro.

POLÔNIO

Eu não, senhor.

HAMLET

Pois gostaria que fosse homem assim tão honesto.

POLÔNIO

Honesto, meu senhor?

HAMLET

Sim, senhor. E ser honesto, no mundo como anda, é ser um homem entre dez mil.

POLÔNIO

Lá isso é verdade, senhor.

HAMLET

Pois se o Sol gera larvas num cão morto, que é boa carcaça para beijar… Tem uma filha?

POLÔNIO

Tenho, senhor.

HAMLET

Não a deixe andar ao Sol. A concepção é uma bênção, mas não como possa conceber a sua filha. Amigo, cuidado.

POLÔNIO

(*à parte*)
Que me dizem disso? Sempre insistindo em minha filha. No entanto, a princípio não me conheceu; disse que eu era um peixeiro. Está muito mal. E na verdade em minha juventude sofri muito pelos extremos do amor; fiquei quase assim. Vou falar-lhe de novo. O que estais lendo?

HAMLET

Palavras, palavras, palavras.

POLÔNIO

Qual a intriga, senhor?

HAMLET

Entre quem?

POLÔNIO

Falo do que está lendo, senhor.

HAMLET

Calúnias, senhor; pois o cínico calhorda diz aqui que os velhos têm barbas grisalhas, que suas faces são enrugadas, seus olhos purgam âmbar espesso e goma de ameixeira, e que têm

completa falta de discernimento, a par de coxas fracas. Em tudo o que, senhor, acredito firmemente, mas não creio que seja decente dizê-lo assim, em um livro. Pois o senhor mesmo chegaria à minha idade se pudesse andar para trás, como um caranguejo.

POLÔNIO

(*à parte*)
Embora isso seja loucura, mesmo assim há nela certo método. Quereis deixar estes ares, senhor?

HAMLET

Para o meu túmulo?

POLÔNIO

Por certo lá estaríeis sem ar. —
(*à parte*)
Como suas respostas são penetrantes — uma felicidade que a loucura alcança às vezes, e que a razão e a sanidade não têm a sorte de encontrar. Vou deixá-lo, para armar logo os meios de o fazer encontrar com a minha filha. — Senhor, tomo a liberdade de retirar-me.

HAMLET

Não poderia, senhor, tirar-me nada de que me separasse com mais gosto: exceto a minha vida, exceto a minha vida, exceto a minha vida.

POLÔNIO

Passai bem, senhor.

HAMLET

Esses velhos tolos e cacetes!

(*Entram Rosencrantz e Guildenstern.*)

POLÔNIO

Estão procurando o senhor Hamlet. Está ali ele.

ROSENCRANTZ

Salve, senhor.

(*Sai Polônio.*)

GUILDENSTERN

Meu nobre senhor!

ROSENCRANTZ

Meu prezado senhor!

HAMLET

Meus excelentes amigos! Com vai, Guildenstern?
Ah, Rosencrantz! Rapazes, como vão?

ROSENCRANTZ

Como simples mortais, filhos da terra.

GUILDENSTERN

Felizes, mas não mais do que felizes.
Não estamos no topo da Fortuna.

HAMLET

Nem tampouco na sola de seus pés?

ROSENCRANTZ

Também não, senhor.

HAMLET

Vivem então em torno de sua cintura, em meio aos seus favores?

GUILDENSTERN

Por nossa fé, na sua intimidade.

HAMLET

Nas partes secretas da fortuna? É verdade; ela é uma rameira.
Quais as novidades?

ROSENCRANTZ

Nenhuma, senhor, senão que o mundo se tornou honesto.

HAMLET

Então é o fim do mundo. Mas suas novidades não são verdadeiras. Deixem-me interrogá-los mais de perto. O que, meus bons amigos, mereceram das mãos da fortuna que ela os mandasse aqui para a prisão?

GUILDENSTERN

Prisão, senhor?

HAMLET

A Dinamarca é uma prisão.

ROSENCRANTZ

Então o mundo também é.

HAMLET

Uma grande prisão, onde há clausuras, celas e calabouços, sendo a Dinamarca uma das piores.

ROSENCRANTZ

Não julgamos assim, senhor.

HAMLET

Ora, não será assim então para vocês; pois não existe nada de bom ou de mau que não seja assim pelo nosso pensamento. Para mim, é uma prisão.

ROSENCRANTZ

Ora, então é sua ambição que a faz assim; é estreita demais para o seu espírito.

HAMLET

Oh Deus, eu poderia viver preso numa casca de noz e me sentir um rei de espaços infinitos, se não fossem os maus sonhos que tenho.

GUILDENSTERN

Tais sonhos são decerto ambições, pois a própria essência do ambicioso não passa da sombra de um sonho.

HAMLET

Um sonho é, ele mesmo, apenas sombra.

ROSENCRANTZ

Sem dúvida; e eu julgo a ambição qualidade tão leve e irreal que não passa da sombra de uma sombra.

HAMLET

Então nossos mendigos são os corpos, e nossos monarcas e grandes heróis, as sombras dos mendigos. Vamos à corte? Pois por minha fé, não sou capaz de raciocinar.

ROS., GUI.

Estamos aqui para servi-lo.

HAMLET

Nada disso. Não irei confundi-los com o resto de meus serviçais, pois para falar a verdade, sou terrivelmente servido. Mas em nome da nossa velha amizade, o que fazem em Elsinore?

ROS., GUI.

Viemos visitá-lo, senhor. Não há outra razão.

HAMLET

Mendigo que sou, sou pobre até no agradecer, mas lhes agradeço: e por certo, caros amigos, mesmo um vintém é demais para pagar-me a gratidão. Não foram chamados? Foi sua a inclinação? É uma visita livre? Vamos, vamos, sejam leais comigo. Digam tudo.

GUILDENSTERN

O que poderemos dizer, senhor?

HAMLET

Qualquer coisa, mas dentro do assunto. Foram chamados, e há uma espécie de confissão em seus olhos, que suas modéstias não têm malícia bastante para disfarçar. Sei que o bom rei e a rainha os mandaram chamar.

ROSENCRANTZ

Mas com que fim, senhor?

HAMLET

Isso vocês têm de me dizer. Mas deixem que eu lhes implore, pelos direitos do companheirismo, a harmonia de nossa juventude, a obrigação do amor sempre presente, e por qualquer outra boa razão que eu lhes possa apresentar, sejam claros e diretos comigo, se foram ou não chamados.

ROSENCRANTZ

(*à parte, a Guildenstern*)

O que me diz?

HAMLET

Não, estou olhando vocês. Se me amam, não recusem.

GUILDENSTERN

Senhor, fomos chamados.

HAMLET

E eu lhes direi por quê: assim, minha antecipação os impedirá de

revelar, e não cairá uma só pluma do seu dever para com o rei. Ultimamente — não sei por quê — perdi toda a alegria, desprezei todo o hábito dos exercícios e, realmente, tudo pesa tanto na minha disposição que este grande cenário, a terra, me parece agora um promontório estéril; este magnífico dossel, o ar, vejam, esse belo e flutuante firmamento, este teto majestoso, ornado de ouro e flama — não me parece mais que uma repulsiva e pestilenta congregação de vapores. Que obra de arte é o homem, como é nobre na razão, como é infinito em faculdades e, na forma e no movimento, como é expressivo e admirável, na ação é como um anjo, em inteligência, como um deus: a beleza do mundo, o paradigma dos animais. E, no entanto, para mim, o que é essa quintessência do pó? O homem não me deleita, não, nem a mulher, embora o seu sorriso pareça dizê-lo.

ROSENCRANTZ

Senhor, não houve tal intenção em meus pensamentos.

HAMLET

Por que se riram, então, quando disse que o homem não me deleita?

ROSENCRANTZ

Por imaginar, senhor, que se não se deleita com os homens, que triste acolhida os atores de si terão. Nós os encontramos no caminho, e estão vindo oferecer-lhe os seus serviços.

HAMLET

O que representar o rei será bem-vindo; sua Majestade terá o seu tributo; o cavaleiro andante terá sua lança e seu escudo; o amante não há de suspirar em vão, o cômico terminará em paz o seu papel; o palhaço fará rir quem tiver pulmões sensíveis, e a dama dirá livremente o que pensa — pois senão o verso vai sair de pé quebrado. Que atores são eles?

ROSENCRANTZ

Os mesmos que o senhor costumava ouvir com tanto gosto, os trágicos da cidade.

HAMLET

Por que estão viajando? Ficar em casa seria mais útil para sua

reputação e seu proveito.

ROSENCRANTZ

Creio que suas dificuldades vêm da recente inovação.

HAMLET

Gozam eles ainda da mesma fama de que gozavam quando eu estava na cidade? Têm tanto público?

ROSENCRANTZ

Não, na verdade não têm mais.

HAMLET

Por quê? Estão enferrujando?

ROSENCRANTZ

Não; seus esforços mantêm-nos na antiga forma; mas há, senhor, um grupo de pirralhos, filhotes de falcão, que gritam mais que os outros, e são delirantemente aplaudidos por isso. Eles estão em moda, e de tal modo atacam os teatros populares — como os chamam — que muitos espadachins têm medo dessas penas de ganso, e quase não vão lá.

HAMLET

Mas, são crianças? Quem os mantém? Como se sustentam? Acaso só seguem a profissão enquanto podem cantar? Não dirão mais tarde, se se tornarem atores populares — o que é provável, se não encontrarem melhor meio de vida —, que os autores os prejudicaram, fazendo-os clamar contra sua própria profissão?

ROSENCRANTZ

A verdade é que tem havido muito barulho de ambas as partes, e o povo não julga pecado atiçá-los à luta. Durante algum tempo, não houve interesse financeiro por nenhuma peça a não ser que o poeta e o ator não brigassem aos murros pela questão.

HAMLET

Será possível?

GUILDENSTERN

Oh, tem havido muito desperdício de cérebro.

HAMLET

E os meninos ganharam?

ROSENCRANTZ

Ganharam tudo, senhor. Até a carga de Hércules.

HAMLET

Isso não é de estranhar; pois meu tio é rei da Dinamarca, e aqueles que faziam pouco dele enquanto meu pai era vivo dão hoje vinte, trinta, quarenta e cem ducados por seu retrato em miniatura. Pelas chagas de Cristo, há nisso qualquer coisa além do natural, se a filosofia o pudesse decifrar.

(*um toque de clarins*)

GUILDENSTERN

Aí estão os atores.

HAMLET

Cavalheiros, sejam bem-vindos a Elsinore. Deem-me aqui suas mãos: o complemento das boas-vindas são a cerimônia e a forma: deixem-me cumpri-las, assim, para com ambos, a fim de que minha saudação aos atores — que, aviso, terá de mostrar-se mais expansiva — não pareça mais acolhedora do que a sua. São bem-vindos; mas meu tio-pai e minha tia-mãe estão logrados.

GUILDENSTERN

Em quê, meu caro senhor?

HAMLET

Eu estou louco apenas para o noroeste; quando sopra o sul, sei distinguir um falcão de uma coruja.

(*Entra Polônio.*)

POLÔNIO

Cavalheiros, a paz esteja convosco.

HAMLET

Atenção, Guildenstern; você, também — a cada ouvido um ouvinte. Esse grande bebê que veem aí ainda não saiu dos cueiros!

ROSENCRANTZ

Talvez os use pela segunda vez, pois dizem que um velho é duas vezes uma criança.

HAMLET

Profetizo que ele vem me falar dos atores. Reparem. — É como disse, senhor, era segunda de manhã, era sem dúvida.

POLÔNIO

Senhor, tenho novidades a vos contar.

HAMLET

Senhor, eu tenho novidades a lhe contar. Quando Roscius era ator em Roma…

POLÔNIO

Os atores estão vindo aí, senhor.

HAMLET

Bla-blá-blá.

POLÔNIO

Palavra de honra…

HAMLET

E cada ator chegou em seu jumento…

POLÔNIO

Os melhores atores do mundo, tanto para tragédia como para comédia, história, pastoral, pastoral-cômica, histórico-pastoral, trágico-histórica, trágico-cômica-histórico-pastoral, cena indivisível, ou poema ilimitado. Sêneca não pode ser pesado demais, nem Plauto por demais leve. Para peças clássicas, ou obras livres, eles são os únicos.

HAMLET

Oh Jefté, juiz de Israel, que tesouro possuíste!

POLÔNIO

Que tesouro tinha ele, senhor?

HAMLET

Ora,
Uma filha, única e linda,
Que ele amava por demais.

POLÔNIO

(*à parte*)
Ainda sobre a minha filha.

HAMLET

Não é verdade, velho Jefté?

POLÔNIO

Se me chamais Jefté, senhor, eu tenho uma filha que amo muito.

HAMLET

Não, isso não se segue.

POLÔNIO

O que se segue então, senhor?

HAMLET

Ora,
Deus que lhe deu, fado seu,
e depois, sabe
Aconteceu, e assim pareceu.
A primeira estrofe da piedosa canção há de mostrar-lhe mais, pois aí vêm os que me interrompem.
(*Entram quatro ou cinco Atores*.)
Sejam bem-vindos, mestres, bem-vindos todos. Alegra-me vê-los bem. — Bem-vindos, bons amigos. — Oh, velho amigo, ora essa, seu rosto criou franjas desde que o vi pela última vez. Veio pôr-me barbas na Dinamarca? — Ora, minha jovem namorada! Pela Virgem, a senhorita chegou mais perto do céu desde que a vi pela última vez pela altura de um coturno. Reze a Deus que sua voz não esteja quebrada, como moeda de ouro fora de uso. — Mestres, são todos bem-vindos. Vamos logo ao que interessa como os falcoeiros franceses, que voam contra tudo o que veem. Vamos, deem-nos um gostinho de sua qualidade. Vamos, uma fala apaixonada.

1º ATOR

Que fala, meu bom senhor?

HAMLET

Ouvi-o dizer certa vez uma fala, mas nunca foi representada, ou se foi, não mais de uma vez — pois a peça, eu me lembro, não agradava as multidões, era caviar para o povo. Mas era, tal como a compreendi — e para outros, cujo julgamento nesses assuntos era mais alto do que o meu — uma excelente peça, bem-

equilibrada nas cenas, escrita com tanta singeleza quanto mestria. Lembro-me que alguém disse que não havia tempero nos versos para dar sabor ao assunto, nem assunto nas frases que pudesse indiciar o autor por afetação, mas chamou-as de um método honesto, tão salutar quanto doce, e muito mais belo do que burilado. Uma fala agradou-me especialmente — era a narrativa de Eneias para Dido e, nela, em particular, a descrição do assassinato de Príamo. Se ela ainda lhe vive na memória, comece na linha… vejamos…

O hirsuto Pirrus, como fera hircânea…

Não é assim; começa com Pirrus —

O hirsuto Pirrus, cujas negras armas,
Negras como o seu fito e como a noite,
Quando ele andava oculto em seu cavalo,
Ostenta agora horrível face negra
De heráldica mais triste; de alto a baixo
'Stá ele todo em goles recoberto;
Sangue de pais e mães, filhos e filhas,
Grosso e pastoso sobre o chão das ruas
Empresta luz tirânica e danada
Ao matador; queimando de ódio e fogo,
Untado com suor de sangue e lama,
Olhos em brasa, o pavoroso Pirrus
Procura o velho Príamo, o ancestral.

Agora, continue.

POLÔNIO

Por Deus, senhor, falou bem, com boa dicção e muito critério.

1º ATOR

Logo o encontra, atacando inutilmente
Os gregos; sua espada de outros tempos,
Rebelde à sua mão, jaz onde tomba,
Recusando o comando. Cheio de ira,
Cai Pirrus sobre Príamo; erra o golpe,
Mas co'ar que desloca a forte espada
Cai o velho, sem forças. A insensata
Troia, como que sob o golpe, cai

Flamejante por terra; e o horrível som
Parece fazer Pirrus prisioneiro,
Pois a espada que desce sobre a neve
Da cabeça do velho venerando
Paira no ar, e Pirrus fica inerte,
Parecendo a imagem de um tirano,
Parado entre o desígnio e a realidade,
E nada faz.
Como às vezes ao vir da tempestade
Há silêncio nos céus, as nuvens param,
O vento cala e a terra fica imóvel,
Mas logo estala o hórrido trovão.
Assim, depois da pausa, ergue-se Pirrus;
A febre da vingança dá-lhe forças,
E jamais os ciclópicos martelos
Caíram sobre Marte — armas eternas —
Mais sem remorso do que a espada em sangue
De Pirrus cai agora sobre Príamo.
Vai-te, fortuna adversa, prostituta!
E vós, oh deuses, em conclave uníssono,
Privai-a do poder: tomai-lhe roda,
Quebrai-lhe os raios, destruí-lhe os dentes.
Fazei rolar o globo do alto Olimpo
Até o negro inferno.

POLÔNIO

É muito longo.

HAMLET

Ela irá ao barbeiro com suas barbas. Por favor, continue. Ele é pelas jigas ou histórias obscenas, senão, dorme. Continue, vamos a Hécuba.

1º ATOR

Mas — ai! — quem visse a rainha ultrajada…

HAMLET

"A rainha ultrajada"?

POLÔNIO

Essa é boa.

1º Ator

Correr de um lado ao outro, os pés descalços,
Vencendo as chamas, cega pelas lágrimas,
Um trapo rodeando aquela fronte
Que ostentara a coroa, e por vestido,
Sobre os quadris, outrora tão fecundos,
Um pano que, ao fugir cheia de medo,
Apanhou. Quem assim agora a visse,
De língua saturada de veneno,
A julgaria como criminosa
De traição contra o reino da fortuna.
Porém, se os próprios deuses a avistassem,
Quando ela presenciou o horrendo Pirrus
Em malicioso jogo de crueldade
Picar à espada os membros do marido,
E o grito lancinante que soltou —
A não ser que de todo não se alterem
Com as coisas mortais —, teriam feito
Jorrar pranto dos céus e dor dos peitos.

Polônio

Vede se não empalidece e se não há lágrimas em seus olhos. Por favor, basta.

Hamlet

Muito bem, declamará o resto dentro em pouco. Meu bom senhor, poderia encarregar-se de acomodar os atores? Lembre-se que devem ser muito bem-tratados, pois são o resumo e a crônica de nosso tempo; seria melhor ter um mau epitáfio depois de sua morte do que a sua maledicência enquanto está vivo.

Polônio

Senhor, hei de tratá-los de acordo com seu merecimento.

Hamlet

Pelo amor de Deus, homem, muito melhor! Trate cada homem segundo o seu merecimento, e quem escapará à chibata? Trate-o segundo sua própria honra e dignidade; quanto menos eles o merecerem, tanto maior será a sua generosidade. Leve-os.

POLÔNIO

Venham, senhores.

HAMLET

Sigam-no, amigos; amanhã teremos uma peça.
(*Sai Polônio, com todos os atores, menos o 1º Ator.*)
Escute, velho amigo; pode levar *O assassinato de Gonzaga*?

1º ATOR

Sim, senhor.

HAMLET

É o que teremos amanhã. Poderia, se necessário, decorar uma fala de doze ou dezesseis linhas, se eu as escrevesse e as intercalasse nela, não?

1º ATOR

Poderia, senhor.

HAMLET

Muito bem. Siga aquele senhor; e trate de não caçoar dele.
(*Sai o 1º Ator.*)
(*para Rosencrantz e Guildenstern*)
Meus amigos, deixo-os até a noite; sejam bem-vindos a Elsinore.

ROSENCRANTZ

Meu bom senhor.

(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)

HAMLET

Vão com Deus. Agora estou sozinho.
Que camponês canalha e baixo eu sou!
Não é monstruoso que esse ator consiga
Em fantasia, em sonho de paixão,
Forçar sua alma a assim obedecer-lhe
A ponto de seu rosto ficar pálido,
Ter lágrimas nos olhos, o ar desfeito,
A voz cortada, e todo o desempenho

E as expressões do acordo com o papel?
E tudo isso por nada! Só por Hécuba!
Que lhe interessa Hécuba, ou ele a ela,
Para que chore assim? E que faria
Se tivesse os motivos de paixão
Que eu tenho? Inundaria com seu pranto
O palco, e rasgaria com palavras
Horríveis os ouvidos da assistência;
Poria louco o réu, medroso o livre,
Conturbado o ignorante, e estuporados
Os sentidos da vista e dos ouvidos…
Mas eu, canalha inerte, alma de lodo,
Arrasto-me, alquebrado, um João de Sonho,
Nada digo, porquanto não me enfronho
Em minha causa; causa que é de um rei
A cujo patrimônio e à própria vida
Foi imposta uma trágica derrota.
Sou acaso um covarde? Quem me chama
De vilão? Quem me parte o crânio e arranca
As barbas, pra em rosto m'as lançar?
Quem me torce o nariz? Quem me desmente
E jura que há de pôr-me pela goela,
Atingindo os pulmões, o que é mentira?
Quem me faz isso? Ai, bem o mereço:
Não o devia ser, mas sou um fraco;
Falta-me o fel que amarga as opressões,
Senão, eu já teria alimentado
Os milhafres do céu co'os restos podres
Desse vilão lascivo e ensanguentado!
Vilão cruel, traidor e incestuoso!
Oh, vingança!
Ah, que jumento eu sou! Isso é decente,
Que eu, filho de um pai assassinado,
Chamado a agir por anjos e demônios,
Qual meretriz sacie com palavras
Meu coração, co'as pragas das rameiras

E das escravas!
Arre, que asco! Mas ergue-te, meu cérebro:
Ouvi dizer que quando os malfeitores
Assistem a uma peça que os imita,
Sentem na alma a perfeição da cena
E confessam de súbito os seus erros.
Pois o crime de morte, sem ter língua,
Falará com o milagre de outra voz.
Esses atores, diante de meu tio,
Repetirão a morte de meu pai;
Vou vigiar-lhe o olhar, sondá-lo ao vivo;
Se trastejar, eu sei o que farei.
O fantasma talvez seja um demônio,
Pois o demônio assume aspectos vários
E sabe seduzir; ele aproveita
Esta melancolia e esta fraqueza,
Já que domina espíritos assim,
Para levar-me à danação. Preciso
Encontrar provas menos duvidosas.
É com a peça que penetrarei
O segredo mais íntimo do rei.

(*Sai.*)

ATO III

Cena I — Elsinore. Uma sala do castelo.

(*Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz e Guildenstern.*)

REI

E não puderam, com fala habilidosa,
Obter-lhe a confissão desse desvairo,
Que assim perturba a calma dos sentidos
Com turbulenta e perigosa insânia?

ROSENCRANTZ

Ele confessa que a razão lhe foge,
Mas de nenhuma forma diz por quê.

GUILDENSTERN

Nem se mostra disposto a ser sondado;
Com uma hábil loucura, vai distante
Se queremos trazê-lo à confissão
Do que ele sente.

RAINHA

Recebeu-os bem?

ROSENCRANTZ

Como convém a um nobre.

GUILDENSTERN

Mas forçando
Sua disposição.

ROSENCRANTZ

Falando pouco,
Mas pronto a responder-nos as perguntas.

RAINHA

Procurastes levá-lo a um passatempo?

ROSENCRANTZ

Aconteceu, senhora, que em caminho,
Encontrarmos, na vinda, alguns atores.
Falamos deles e, ao ouvi-lo, o príncipe
Mostrou-se interessado e jubiloso.
Estão na corte e penso que esta noite
Devem representar para ele.

POLÔNIO

É fato;
E ele pede que vossas majestades
Venham ouvir e ver esse espetáculo.

REI

De coração; e isso me alegra muito,
Saber que ele se encontra interessado.
Amigos, ajudai esse interesse,
E induzi-o a esse tipo de prazer.

ROSENCRANTZ

Assim procederemos.

(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)

REI

Retirai-vos,
Doce Gertrudes, também vós. Deixai-nos.
Mandamos em segredo chamar Hamlet,
Pra que, como se fosse por acaso,
Encontre Ofélia.
Seu pai e eu — como espiões honrados —
Vamos nos esconder onde os vejamos
Sem sermos vistos, para que possamos
Julgar do seu encontro francamente,
E assim saber, conforme ele se porte,
Se é ou não por amor que ele se aflige
E sofre desse modo.

RAINHA

Eu obedeço;
E do teu lado, Ofélia, o que desejo
É que a tua beleza seja a causa
Da loucura de Hamlet; pois espero
Sejam tuas virtudes sua cura,
Para honra de ambos.

OFÉLIA

Seja assim, senhora.

POLÔNIO

Ofélia, vem aqui; nós dois, a postos,
Se vos apraz, senhor. (*para Ofélia*) Lê este livro;

Esta é a ocupação que justifica
O teu isolamento. Muitas vezes
Temos culpa e, com ares de devotos
E atos piedosos, 'stamos pondo açúcar
Sobre o próprio demônio.

REI

Isso é verdade.
(*à parte*)
Como me ferem a alma essas palavras!
A face da rameira, embelezada,
Não se torna tão feia às suas tintas
Quanto os meus atos diante das palavras
Que uso pra mentir e disfarçá-los.
Oh, dura carga!

POLÔNIO

Ei-lo que vem; fujamos!

(*Ocultam-se.*)
(*Entra Hamlet.*)

HAMLET

Ser ou não ser, essa é que é a questão:
Será mais nobre suportar na mente
As flechadas da trágica fortuna,
Ou tomar armas contra um mar de escolhos
E, enfrentando-os, vencer? Morrer — dormir,
Nada mais; e dizer que pelo sono
Findam-se as dores, como os mil abalos
Inerentes à carne — é a conclusão
Que devemos buscar. Morrer — dormir;
Dormir, talvez sonhar — eis o problema:
Pois os sonhos que vierem nesse sono
De morte, uma vez livres deste invólucro
Mortal, fazem cismar. Esse é o motivo

Que prolonga a desdita desta vida.
Quem suportara os golpes do destino,
Os erros do opressor, o escárnio alheio,
A ingratidão no amor, a lei tardia,
O orgulho dos que mandam, o desprezo
Que a paciência atura dos indignos,
Quando podia procurar repouso
Na ponta de um punhal? Quem carregara
Suando o fardo da pesada vida
Se o medo do que vem depois da morte —
O país ignorado de onde nunca
Ninguém voltou — não nos turbasse a mente
E nos fizesse arcar co'o mal que temos
Em vez de voar para esse, que ignoramos?
Assim nossa consciência se acovarda,
E o instinto que inspira as decisões
Desmaia no indeciso pensamento,
E as empresas supremas e oportunas
Desviam-se do fio da corrente
E não são mais ação. Silêncio agora!
A bela Ofélia! Ninfa, em tuas preces
Recorda os meus pecados.

OFÉLIA

Meu senhor!
Como está, que o não vejo há tantos dias?

HAMLET

Humilde eu lhe agradeço; bem, bem, bem.

OFÉLIA

Senhor, tenho comigo umas lembranças
Vossas, que há muito quero devolver-vos.
Por favor, recebei-as.

HAMLET

Não; não eu;
Nunca te dei presentes.

OFÉLIA

Meu honrado senhor, sabeis que os destes;

E com eles palavras tão suaves
Que os tornavam mais ricos. Mas agora,
Ido o doce perfume, recebei-os;
Pois para um nobre espírito, os presentes
Tornam-se pobres quando quem os dera
Se torna cruel. Tomai-os, meu senhor.

HAMLET

És honesta?

OFÉLIA

Senhor?

HAMLET

És também bela?

OFÉLIA

Que quereis dizer, senhor?

HAMLET

Que se fores honesta e bela, a tua honestidade não deveria admitir diálogo com a tua beleza.

OFÉLIA

Poderia a beleza, senhor, ter melhor convívio do que com a virtude?

HAMLET

Certamente, pois é mais fácil ao poder da beleza transformar a virtude em libertinagem do que à força da honestidade moldar a beleza à sua feição. Isto foi outrora um paradoxo, mas agora os tempos o provam. Eu já te amei um dia.

OFÉLIA

É verdade, senhor; fizestes com que eu acreditasse que sim.

HAMLET

Não devias ter acreditado em mim; pois a virtude não poderia ter inoculado tanto o nosso velho tronco que não restasse o gosto dele. Eu nunca te amei.

OFÉLIA

Maior a minha decepção.

HAMLET

Entra para um convento. Por que desejarias conceber pecadores? Eu próprio sou passavelmente honesto; mas poderia ainda assim

acusar-me a mim mesmo de tais coisas, que seria melhor que minha mãe não me tivesse concebido. Sou muito orgulhoso, vingativo, ambicioso, com mais erros ao meu alcance do que pensamentos para expressá-los, imaginação para dar-lhes forma, ou tempo para cometê-los. O que podem fazer sujeitos como eu a arrastar-se entre o céu e a terra? Somos todos uns rematados velhacos; não acredites em nenhum de nós. Entra para um convento. Onde está teu pai?

OFÉLIA

Em casa, meu senhor.

HAMLET

Fecha sobre ele as portas, para que não faça papel de bobo senão em sua própria casa. Adeus.

OFÉLIA

(*à parte*)
Oh, ajudai-o, céus misericordiosos!

HAMLET

Se casares, dar-te-ei esta praga como dote: sejas casta como o gelo, pura como a neve, não escaparás à calúnia. Entra para um convento, adeus. Ou se tiveres mesmo que casar, casa-te com um tolo; pois os homens de juízo sabem muito bem que monstros vós fazeis dele. Para um convento, vai — e depressa; adeus.

OFÉLIA

(*à parte*)
Oh, poderes celestiais, curai-o!

HAMLET

Tenho ouvido também falar muito de como vos pintai. Deus vos deu uma face e vós vos fabricais outra; dançais, meneais, ciciais, arremedando as criaturas de Deus, e mostrais vosso impudor como se fosse inocência. Vamos, basta; foi isso o que me fez louco. Digo-te: não haverá mais casamentos. Daqueles que já estão casados, todos, menos um, viverão; os restantes ficarão como estão. Para um convento, vai.

(*Sai.*)

OFÉLIA

Como está transtornado o nobre espírito!
O olhar do nobre, do soldado a espada,
Do letrado a palavra, a esperança,
A flor deste país, o belo exemplo
Da elegância, o modelo da etiqueta,
Alvo de tanto olhar — assim desfeito!
E eu, a mais infeliz entre as donzelas,
Que o mel provei dos seus sonoros votos,
Ver agora a razão mais alta e nobre,
Como um sino de notas dissonantes,
Badalar sem os sons harmoniosos.
Cortada pela insânia a forma e o viço
Da juventude. E eu, pobre miserável,
Tendo visto o que vi, ver o que vejo.

(*Entram o Rei e Polônio.*)

REI

Amor? Não tende a isso o seu espírito,
Nem o que disse, embora um pouco estranho,
Parecia loucura. Há qualquer coisa
Na qual se escuda essa melancolia;
E eu prevejo que, abertas as comportas,
Venha o perigo; temos que evitá-lo,
E eu tomo agora a determinação
De mandá-lo à Inglaterra sem demora,
Em busca do tributo que nos devem.
A viagem por mar, as novas terras,
Com várias sensações, expelirão
Esse ponto cravado no seu peito;
Seu cérebro, remoendo o mesmo tema,

Põe-no fora de si. Que pensais disso?

POLÔNIO

Há de fazer-lhe bem, conquanto eu creia
Que a fonte e o começo de seus males
Vêm do amor rejeitado. Então, Ofélia?
Não precisas contar-nos o que disse.
Ouvimos tudo. Fazei como vos apraza,
Senhor; deixai, porém, se concordardes,
Que depois do espetáculo a rainha
Tente arrancar-lhe, a sós, esse segredo
De sua dor. Deixai que ela o interrogue
A sós, e eu ficarei, se vos agrada,
Para ouvir a conversa, sem ser visto.
Se ela não conseguir o seu intento,
Enviai-o à Inglaterra, ou internai-o
Onde achardes melhor.

REI

Assim farei.
Quando um grande da corte fica louco,
Para o vigiar todo cuidado é pouco.

(*Saem.*)

Cena II — Uma sala do castelo.

(*Entram Hamlet e dois ou três Atores.*)

HAMLET

Repeti o trecho, por favor, como eu o pronunciei, com naturalidade; mas se o dizeis afetadamente, como muitos atores fazem, admito até que o pregoeiro público vá bradar pelas ruas as minhas linhas. Não gesticuleis, tampouco, assim, serrando o ar

com as mãos; usai de moderação, pois na própria torrente, tempestade ou, direi mesmo, torvelinho da paixão, deveis adquirir e empregar um controle que lhe dê alguma medida. Oh, ofende-me até a alma ouvir rasgar uma paixão em farrapos, em verdadeiros molambos, e ferir os ouvidos da plateia que, na maior parte, não é capaz senão de apreciar pantomimas e barulho. Eu mandaria chicotear tal camarada, por exagerar o papel de Termagante. Isso é super-herodiar Herodes. Por favor, evitai isso.

1º ATOR

Eu o garanto a sua alteza.

HAMLET

Não sejais fracos, tampouco, mas deixai que o vosso critério seja o vosso mestre. Ajustai o gesto à palavra, a palavra à ação; com esta observância especial, que não sobrepujeis a moderação natural. Pois qualquer coisa exagerada foge ao propósito da representação, cujo fim, tanto no princípio como agora, era e é oferecer como se fosse um espelho à natureza, mostrar à virtude seus próprios traços, ao ridículo sua própria imagem, e à própria idade e ao corpo dos tempos sua forma e aparência. Ora, o exagero, como a deficiência, conquanto façam rir os incompetentes, não podem causar senão desgosto ao criterioso, e a censura deste deve constituir na vossa estima mais do que um teatro lotado pelos outros. Oh, há atores que eu vi representar — e aos quais ouvi muita gente louvar, e muito — para não falar profanamente, que não tinham nem pronúncia de cristão, nem andar de cristão pagão ou homem; pavoneavam-se e urravam tanto que julguei terem sido feitos por pobres operários da natureza, e os fizeram malfeitos, tão abominavelmente imitavam eles a humanidade.

1º ATOR

Espero que tenhamos corrigido isso razoavelmente entre nós.

HAMLET

Oh, corrijam-no completamente. E que aqueles que fazem os papéis de bobos não digam mais do que foi escrito para eles; pois há entre eles os que querem rir a fim de fazer rir também certo

tipo de néscios espectadores, conquanto nesse ínterim algum ponto importante da peça devesse ser valorizado. Isso é vil, e demonstra uma patética ambição no tolo que o pratica. Ide, aprontai-vos.
(*Saem os Atores.*)
(*Entram Polônio, Rosencrantz e Guildenstern.*)
Então, senhor, o rei virá assistir a essa obra-prima?

POLÔNIO

E a rainha também, e logo, logo.

HAMLET

Diga aos atores que se apressem.
(*Sai Polônio.*)
Poderão ajudá-los a apressar-se?

ROS., GUI.

Pois não, senhor.

(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)

HAMLET

Olá! Horácio!

(*Entra Horácio.*)

HORÁCIO

Aqui estou, meu senhor, para servi-lo.

HAMLET

Tu és o homem mais justo e equilibrado
Com quem jamais privei.

HORÁCIO

Meu caro príncipe…

HAMLET

Não penses que eu te quero bajular;
Que pedirei a ti, que não desfrutas

De rendas, a não ser teu bom espírito,
Para roupa e alimento? Quem bajula
O pobre espera o quê? Deixa que a língua
Açucarada lamba a absurda pompa
E se curve de joelhos diante dela,
Com esperança de lucro. Estás ouvindo?
Des' que esta alma foi capaz de escolha,
E pode distinguir os homens, ela
Marcou-te para si; pois sempre foste
Diante das dores, como quem não sofre,
Um homem que recebe como idênticos
Golpes ou recompensas da fortuna,
E igualmente agradece; abençoados
Aqueles cujo sangue e julgamento
Tão bem comungam, pois não são brinquedos
Nos dedos da fortuna, tão volúveis,
Dançando ao seu prazer. Dá-me esse homem
Que não se torna escravo da paixão,
E eu o trarei no fundo do meu peito,
No coração do próprio coração,
Como eu te tenho. E chega por agora.
Há hoje um espetáculo a que o rei
Vem assistir. Uma das cenas mostra
As mesmas circunstâncias que cercaram
A morte de meu pai, que te contei.
Peço-te, quando vires essa cena,
Que uses da mais aguda observação
Sobre o meu tio. Se o seu crime oculto
Não se denunciar em certo ponto,
Então é um mau fantasma que nós vimos,
E as suspeitas que tenho, malforjadas
Nas forjas de Vulcano. Atenta nele.
Pois os meus olhos estarão bem fixos
No seu rosto; e depois compararemos
Nosso juízo de suas expressões.

HORÁCIO

Muito bem; se ele acaso escamoteia,
E consegue furtar-se, frente à peça,
À nossa observação, eu pago o roubo.

HAMLET

Já chegam para a festa. Eu tenho agora
De ficar distraído. Vai sentar-te.

(*Entram o Rei, a Rainha, Polônio, Ofélia, Rosencrantz, Guildenstern e outros Nobres, além da guarda do rei, com tochas.*)

REI

Como passa nosso sobrinho Hamlet?

HAMLET

De modo excelente, com a dieta do camaleão. Como ar, recheado de promessas. Não se pode cevar capões assim.

REI

Não tenho nada com essa resposta, Hamlet. Essas palavras não são minhas.

HAMLET

E nem minhas, agora.
(*para Polônio*)
Senhor, disse que certa vez representou na universidade?

POLÔNIO

Representei, senhor, e era tido como bom ator.

HAMLET

O que representou?

POLÔNIO

Representei *Júlio César. Fui morto no Capitólio. Brutus me matou.*

HAMLET

Foi bruto da parte dele matar bezerro tão importante. Estão prontos os atores?

ROSENCRANTZ

Estão, senhor; esperam sua permissão.

RAINHA

Vem cá, querido Hamlet; senta-te junto a mim.

HAMLET

Não, boa mãe; está aqui metal mais magnético.

POLÔNIO

(*à parte, para o Rei*)
A-há! Ouvistes isso?

HAMLET

(*Deitando-se aos pés de Ofélia.*)
Permite a jovem que eu me recline em seu regaço?

OFÉLIA

Não, meu senhor.

HAMLET

Quero dizer, a cabeça em seu regaço.

OFÉLIA

Sim, meu senhor.

HAMLET

Pensavas que eu falava em bandalheiras?

OFÉLIA

Não penso nada, senhor.

HAMLET

É um belo pensamento, o de deitar-se entre as pernas de uma donzela.

OFÉLIA

O quê, meu senhor?

HAMLET

Nada.

OFÉLIA

Estais alegre, meu senhor.

HAMLET

Quem, eu?

OFÉLIA

Sim, meu senhor.

HAMLET

Oh, Deus, só o seu bobo. Que pode fazer um homem senão ficar alegre? Pois veja como minha mãe está contente, e meu pai morreu há apenas duas horas.

OFÉLIA

Não, são duas vezes dois meses, meu senhor.

HAMLET

Tudo isso? Pois então que o diabo vista o preto, que eu usarei zibelinas. Oh, céus, morto há dois meses, e ainda não esquecido? Então há esperanças que a memória de um grande homem possa sobreviver-lhe por meio ano; mas, por Nossa Senhora, é preciso que ele tenha construído igrejas, pois de outro modo terá de aturar não ser lembrado, como o cavalinho de pau cujo epitáfio é "Pois ora, ora, o cavalinho de pau foi esquecido".

(*Soa uma trombeta. Segue-se um espetáculo mudo.*)
(*Entram um rei e uma rainha, a rainha a abraçá-lo, e ele a ela. Ela se ajoelha e faz gestos de dedicação a ele. Ele a faz levantar-se e inclina a cabeça sobre o pescoço dela. Ele se deita em um banco de flores. Ela, vendo-o dormir, deixa-o. No mesmo instante entra outro homem, tira-lhe a coroa, beija-a, derrama veneno no ouvido do que dorme e o deixa. A rainha volta, encontra o rei morto e faz gestos apaixonados. O envenenador com mais três ou quatro entra de novo. Eles parecem apresentar condolências a ela. O corpo morto é levado embora. O envenenador corteja a rainha com presentes. Ela parece ríspida por algum tempo, porém no fim aceita o seu amor.*)
(*Saem.*)

OFÉLIA

O que quer dizer isso, meu senhor?

HAMLET

Ora, safadeza disfarçada. Quer dizer maldade.

OFÉLIA

Parece que o mostrado conta o argumento da peça.

(*Entra o Prólogo.*)

HAMLET

Saberemos por esse camarada. Atores não sabem guardar segredo. Contam tudo.

OFÉLIA

E nos dirá o que quis dizer aquela cena?

HAMLET

Certo; ou qualquer cena que lhe mostrar. O que não tiveres vergonha de mostrar, ele não terá vergonha de explicar.

OFÉLIA

Sois maldoso, sois maldoso. Vou ver a peça.

PRÓLOGO

Para nós, digna audiência,
Pedimos vossa clemência,
E vossa atenta paciência.

(*Sai.*)

HAMLET

Isso é prólogo, ou inscrição em anel?

OFÉLIA

É breve, senhor.

HAMLET

O amor de uma mulher.

(*Entram os atores rei e rainha.*)

ATOR REI

Trinta voltas o carro do áureo Apolo
Deu em torno a Netuno e sobre o solo
De Telus; trinta dúzias de luares
Com sua falsa luz viram os mares,
Depois que o amor nos une num abraço,
E Himeneu fez eterno o nosso laço.

ATOR RAINHA

Outras tantas jornadas Sol e Lua
Façam sem que este amor se nos destrua!
Mas, ai de mim, 'stás tão mudado agora,
Tão longe da alegria e humor de outrora,
Que eu te estranho. E conquanto isso me doa,
Não te quero afligir, magoar à toa,
Pois o amor da mulher iguala o medo:
Ou não os tem, ou sofre tarde ou cedo.
Agora que este amor provou que existe
Meu medo é igual, e isso me torna triste.
Se amor é grande, a dúvida é temor;
E onde o medo cresceu, cresceu o amor.

ATOR REI

Meu amor, vou deixar-te sem demora;
Minhas forças vitais se vão embora
E tu deves viver num mundo lindo,

Cercada de honra e amor; e alguém, sorrindo,
Te virá desposar.

ATOR RAINHA

Não sigas, não!
Um novo amor seria uma traição,
Um outro casamento, um ato odioso;
Só se casa outra vez quem mata o esposo.

HAMLET

(*à parte*)
Olha o veneno.

ATOR RAINHA

As razões de aceitar segundas bodas
Não são de amor: são de interesse, todas.
Mato de novo o esposo falecido
Quando no leito beijo outro marido.

ATOR REI

És sincera, eu o creio, nessas frases;
Mas nossas decisões são bem falazes.
Intenções são escravas da memória,
São fortes, mas têm vida transitória,
Qual fruto verde que se ostenta, duro,
E há de cair quando ficar maduro.
É fatal que esqueçamos de nos dar
O que a nós mesmos temos de pagar:
Aquilo que juramos na paixão,
Finda a mesma, perdeu a ocasião.
A violência das dores e alegrias
Destrói as suas próprias energias.
Onde há prazer, a dor põe seu lamento,
Se a mágoa ri, chora o contentamento.
O mundo não é firme, e é bem frequente
O próprio amor mudar constantemente.
E ainda está para ficar provado
Se o fado guia o amor, ou este, o fado.
Se o grande cai, não possui mais amigos,
Sobe o pobre, e não tem mais inimigos.

E tanto o amor à morte se escraviza
Que amigos tem quem deles não precisa.
Quem na dor prova o amigo que é constante,
Prepara um inimigo nesse instante.
Mas para terminar como o começo,
Cada fato é à ideia tão avesso,
Que os planos ficam sempre insatisfeitos.
Julgas casar de novo indecoroso,
Mas casarás, quando morrer o esposo.

ATOR RAINHA

Neguem-me pão a terra e luz os astros,
Dia e noite, sem trégua, ande eu de rastros,
Mude a esperança em desesperação,
Seja meu alvo a cela da prisão,
Tudo o que fere e desfigura a face
Se oponha ao meu desejo e o despedace,
Persiga-me a má sorte eternamente,
Se uma vez viúva eu case novamente!

HAMLET

Se agora ela quebrasse o juramento…

ATOR REI

Forte jura. Mas deixa-me um momento.
Tenho o espírito tonto e gostaria
De repousar no sono este árduo dia.

(*Dorme.*)

ATOR RAINHA

Teu cérebro cansado embala, pois,
E nunca haja infortúnio entre nós dois.

(*Sai.*)

HAMLET

Senhora, que vos parece a peça?

RAINHA

A dama faz protestos demasiados.

HAMLET

Mas ela manterá sua palavra.

REI

Leste o argumento? Não contém ofensas?

HAMLET

Não; é tudo brincadeira — veneno de brincadeira. Nenhuma ofensa neste mundo.

REI

Como se chama a peça?

HAMLET

"A Ratoeira" — Pela Virgem, que metáfora! A peça é o relato de um assassinato em Viena. Gonzaga é o nome do duque; sua mulher, Baptista — já o vereis. É uma obra canalha; mas o que tem isso? A vossa majestade e a nós, que temos almas livres, isso não atinge. Que se acovarde o pangaré sarnento, nossos lombos não ficarão marcados.
(*Entra Luciano.*)
Esse é um tal Luciano, sobrinho do rei.

OFÉLIA

Sois tão bom quanto um coro, senhor.

HAMLET

Poderia narrar o que vai entre tu e o teu amante, se eu pudesse ver como se acariciam os títeres.

OFÉLIA

Sois agudo, senhor, sois agudo.

HAMLET

Custar-te-ia um gemido tirar-me essa agudeza.

OFÉLIA

Ainda melhor, ou antes, pior.

HAMLET

Assim é que enganais vossos maridos. — Começa, assassino. Pústula, deixa essas caretas danadas e começa. Vem, o corvo

grasna e clama por vingança.

LUCIANO

Negro intento, apta mão, droga terrível,
Ninguém que o veja, ocasião plausível,
Ervas à meia-noite preparadas
Co'a maldição de Hécate infectadas;
A mágica mistura horripilante
Usurpa a vida humana num instante.

(*Despeja veneno no ouvido do rei adormecido.*)

HAMLET

Ele o envenena no jardim por suas posses. Seu nome é Gonzaga. A história ainda existe, escrita em puro italiano. Ireis ver logo como o assassino consegue o amor da mulher de Gonzaga.

OFÉLIA

O rei se levanta.

HAMLET

O quê, assustado com fogo falso?

RAINHA

Como passa o meu senhor?

POLÔNIO

Parem a peça!

REI

Deem-me luz! Vamos.

POLÔNIO

Luzes, luzes, luzes.

(*Saem todos, menos Hamlet e Horácio.*)

HAMLET

Que gema o veado na agonia,
E o cervo vá brincando —

Enquanto um dorme, outro vigia;
E o mundo vai andando…
Será que isto, com uma floresta de plumas — se o resto da minha fortuna me der as costas — com rosas da Provença em seus sapatos esfarrapados, não me daria lugar numa matilha de atores?

HORÁCIO

Uma meia quota.

HAMLET

Uma inteira, digo.
"Pois Júpiter, Damon amigo,
Aqui reinou por um momento;
E agora reina, eu vos digo,
Um pobre, um mísero… pavão."

HORÁCIO

Poderia ter rimado.

HAMLET

Meu bom Horácio, jogo mil libras na palavra do espectro! Percebeste?

HORÁCIO

Perfeitamente, meu senhor.

HAMLET

Na cena do envenenamento?

HORÁCIO

Notei-o muito bem.

HAMLET

Ah, há! Vamos! Um pouco de música! Que venham as flautas!
Pois se o Rei não gostou da peça,
É que não gostou, ora essa…
Vamos, um pouco de música!

(*Entram Rosencrantz e Guildenstern.*)

GUILDENSTERN

Concedei-me, senhor, uma palavra convosco.

HAMLET

Senhor, toda uma história.

GUILDENSTERN

O rei, senhor…

HAMLET

Ora, o que é que há com ele?

GUILDENSTERN

Está em seus aposentos, terrivelmente perturbado.

HAMLET

Com bebida, senhor?

GUILDENSTERN

Não, meu senhor, com cólera.

HAMLET

Vossa sabedoria mostrar-se-ia mais esplendorosa relatando tudo isso a seu médico, pois ser purgado por mim talvez o afundasse em cólera ainda maior.

GUILDENSTERN

Meu bom senhor, falai com mais coerência e não fugi tão rudemente ao assunto.

HAMLET

Estou calmo. Proclamai.

GUILDENSTERN

A rainha, vossa mãe, na maior aflição de espírito, mandou-me procurar-vos.

HAMLET

Sois bem-vindo.

GUILDENSTERN

Não, meu bom senhor, essa cortesia não é de boa-fé. Se vos apraz dar-me resposta sensata, cumprirei as ordens de vossa mãe; se não, o vosso perdão e a minha volta serão o fim deste assunto.

HAMLET

Senhor, não posso.

GUILDENSTERN

O quê, meu senhor?

HAMLET

Dar-vos resposta sensata; meu espírito está enfermo; mas, senhor, as respostas que eu puder vos dar estão às vossas ordens, ou, como dissestes, às ordens de minha mãe; não resta, pois, senão o assunto. Minha mãe, dizíeis…

ROSENCRANTZ

Então, assim diz ela: vosso comportamento a deixou perplexa e cheia de espanto.

HAMLET

Oh filho admirável, que assim pode espantar a mãe! Mas não há consequências, por trás dessa admiração materna? Revelai-as.

ROSENCRANTZ

Ela deseja falar convosco, em seus aposentos, antes de irdes para o leito.

HAMLET

Nós lhe obedeceremos, fosse ela dez vezes nossa mãe. Tendes mais algum negócio a tratar comigo?

ROSENCRANTZ

Senhor, outrora fostes meu amigo.

HAMLET

E ainda sou, por todos os velhacos e ladrões.

ROSENCRANTZ

Meu bom senhor, qual é a causa de vosso destempero? Estais, por certo, fechando a porta de vossa própria liberdade, se negais vossos desgostos a vosso amigo.

HAMLET

Senhor, falta-me estímulo.

ROSENCRANTZ

Como pode ser isso, se tendes a palavra do próprio Rei a favor de nossa sucessão na Dinamarca?

HAMLET

Sim, senhor; mas "enquanto a grama cresce…" o provérbio está um tanto bolorento.

(*Entram os Atores com flautas doces.*)

Oh, as flautas. Deixe-me ver uma. Para terminar, por que ficais tentando girar-me contra o vento, como se quisésseis levar-me para a armadilha?

GUILDENSTERN

Senhor, se o meu dever é por demais ousado, minha amizade o torna doloroso.

HAMLET

Isso eu não compreendo. Quereis tocar esta flauta?

GUILDENSTERN

Senhor, eu não sei.

HAMLET

Eu vos peço.

GUILDENSTERN

Acreditai-me, não sei.

HAMLET

Eu vos suplico.

GUILDENSTERN

Eu não sei como se toca, meu senhor.

HAMLET

É tão fácil quanto mentir. Controlai esses orifícios com os dedos e o polegar, dai-lhe fôlego com a boca, e ela falará com música muito eloquente. Vede, é aqui que se dedilha.

GUILDENSTERN

Não sei fazê-los provocar qualquer sonoridade harmônica. Falta-me a habilidade.

HAMLET

Pois vede, então, que coisa sem importância fazeis de mim. A mim quereis tocar, meus controles parece que conheceis; quereis arrancar o âmago do meu segredo; fazer-me soar da minha nota mais baixa até o alto da minha escala; e há muita música, voz excelente neste pequeno órgão, e, no entanto, não podeis fazê-lo falar. Por Deus, pensais acaso que sou mais fácil de tocar do que uma flauta? Chamai-me do instrumento que vos aprouver; mesmo podendo dedilhar-me, não me podeis tocar.

(*Entra Polônio.*)

Deus o abençoe, senhor.

POLÔNIO

Meu senhor, a rainha vos quer falar, e agora.

HAMLET

Está vendo aquela nuvem que tem quase a forma de um camelo?

POLÔNIO

Pela santa missa, e é mesmo como um camelo.

HAMLET

Eu acho que parece uma doninha.

POLÔNIO

É; tem as costas de doninha.

HAMLET

Ou de baleia.

POLÔNIO

Muito de baleia.

HAMLET

Então irei ver minha mãe, logo, logo. (*à parte*) Brincam comigo até o fim de minha resistência. — Eu irei logo, logo.

POLÔNIO

Eu lhe direi.

(*Sai.*)

HAMLET

É fácil dizer "logo, logo". Deixai-me, amigos.
(*Saem todos, menos Hamlet.*)
Esta é a hora maléfica da noite,
Quando se abrem as campas e o inferno
Exala peste sobre o mundo. Agora
Eu poderia beber sangue quente,
E fazer coisas acres, que de dia
Nos fariam tremer. À minha mãe
Irei agora. Coração, sê forte;
Que a alma de Nero não me invada o peito,
Que eu seja cruel, não desumano.
Falarei de punhais, mas sem usá-los.
Minha língua e minh'alma que se traiam:

Por mais que de injunções eu a atormente,
Que a fira a ação, minh'alma, não consente.

(*Sai*.)

Cena III — Uma sala no castelo.

(*Entram o Rei, Rosencrantz e Guildenstern*.)

REI

Não gosto do que faz; nem é seguro
Deixar à solta um louco. Preparai-vos:
Vou despachar a vossa comissão:
Com ele partireis para a Inglaterra.
Não pode o nosso Estado tolerar
Perigo tão crescente, de hora em hora,
Como a sua loucura.

GUILDENSTERN

Partiremos.
É necessário esse piedoso zelo
Para manter a salvo tantas vidas
Que dependem de vossa majestade.

ROSENCRANTZ

A vida, por mais simples, tem deveres
Para manter-se e armar o pensamento,
Evitando as desgraças; e ainda mais,
Deve evitá-los um sereno espírito
Sobre cujo valor repousa o Estado,
E a vida de outros mil. A majestade
Não sucumbe sozinha; mas arrasta
Como um golfo o que a cerca; é como a roda
Posta no cume da montanha altíssima,

A cujos raios mil menores coisas
São presas e encaixadas; se ela cai,
Cada pequeno objeto, em consequência,
Segue a ruidosa ruína. O brado real
Faz reboar a voz universal.

REI

Armai-vos e aprontai-vos pra viagem;
Vamos agrilhoar esses temores
Que andam soltos.

ROS., GUI.

Já vamos preparar-nos.

(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)
(*Entra Polônio.*)

POLÔNIO

Ele já vai em busca de sua mãe.
Sob a tapeçaria, eu me disfarço,
Para ouvir a conversa; e estou seguro
De que ela lhe fará forte censura.
Como dissestes com palavras sábias,
Esse encontro precisa testemunha
Além da mãe, de vez que a natureza
Faz as mães parciais, alguém à escuta
Que o ouça com proveito. Adeus, senhor,
Eu ver-vos-ei antes de vos deitardes
E direi o que ouvi.

REI

Muito obrigado.
(*Sai Polônio.*)
Meu crime é como um cancro; fede aos céus;
Tem toda a maldição das velhas eras —
A morte de um irmão — Rezar não posso,
Embora o meu desejo seja intenso,

Meu pecado é mais forte que esse intento
E, como um homem preso a dois negócios,
Fico indeciso à escolha do primeiro
E ambos desprezo. Se o fraterno sangue
Tornasse mais escura a mão maldita,
Não haveria chuva que bastasse
Nos doces céus para torná-la branca?
De que serve o perdão, senão de apoio
Para enfrentar o crime? E que há na prece
Mais que o duplo poder de prevenir-nos
Para que não caiamos, e perdoar-nos
Quando caímos? Erguerei os olhos.
A minha falta é coisa do passado —
Porém, que forma de oração me cabe?
Perdoai-me o assassínio cometido?
Não serve. Estou de posse dos proventos
Pelos quais fiz o crime — eis a coroa,
Minha própria ambição, minha rainha.
Pode-se obter o perdão, guardando a ofensa?
Nas correntes corruptas deste mundo,
O crime afasta às vezes a justiça
Com mão dourada, e vemos muitas vezes
Que o prêmio do delito compra a lei.
Mas não é tal nos céus; lá não há manha:
Lá fica a ação co'a própria natureza,
E somos pois levados a mostrar
Até os dentes nossas próprias faltas,
E a depor à evidência. E então? Que resta?
Usemos o que pode a contrição.
E o que não pode? E se o arrependimento
Nos é vedado? Oh sorte miserável!
Alma negra de morte! Alma enredada,
Lutando por livrar-se e sempre, sempre,
Mais confundida! Oh, anjos, ajudai-me!
Tentai! Curvai-vos, joelhos obstinados!
Coração de aço, faz-te tão suave

Quanto os tendões de algum recém-nascido.
Tudo acabará bem.

(*Ajoelha-se.*)
(*Entra Hamlet.*)

HAMLET

Agora posso agir, eis que ele reza.
E vou fazê-lo.
(*Tira a espada.*)
E ele entrará no céu;
E eu estarei vingado. Mas, pensemos:
Um vilão mata o pai e, em consequência,
Eu, seu único filho, o criminoso
Mando aos céus.
Isso não é vingança, é paga e engano.
Ele colheu meu pai, forte e nutrido,
Em plena floração de seus pecados;
Na flor de maio; e só os céus conhecem
Como deu suas contas ao Criador.
Mas nessas condições, bem refletindo,
Pesa o castigo; e estarei eu vingado,
Levando-o quando está purgando a alma,
Preparado e disposto para o transe?
Não.
Alto, espada! Terás maior violência
Quando o vires dormindo, embriagado,
No prazer incestuoso do seu leito,
Jogando, blasfemando ou cometendo
Um ato que não tenha salvação.
Derruba-o então; de pernas para os céus;
E que sua alma seja negra e horrenda
Como é o inferno. Minha mãe me espera.
Este remédio um pouco mais afasta

O fim de tua vida tão nefasta.

(*Sai.*)

REI

(*Erguendo-se.*)
Voa a palavra, a ideia jaz no chão;
Palavras ocas nunca aos céus irão.

(*Sai.*)

Cena IV — Os aposentos da Rainha.

(*Entram a Rainha e Polônio.*)

POLÔNIO

Ele já vem. Falai-lhe seriamente;
Dizei-lhe que seus atos ultrapassam
Todo limite a suportar, e apenas
Vossa clemência o defendeu da cólera
Do rei. Eu vou ficar bem escondido.
Por favor, sede clara.

RAINHA

Não tenhais medo.
Escondei-vos, ouço-o chegar.

(*Polônio esconde-se atrás do reposteiro.*)
(*Entra Hamlet.*)

HAMLET

Então, que há, minha mãe?

RAINHA

Hamlet, causaste ofensas a teu pai.

HAMLET

Mãe, tu causaste ofensas a meu pai.

RAINHA

Vamos, tu me respondes com tolices.

HAMLET

Vamos, tu me interrogas com malícia.

RAINHA

Oh Hamlet, o que é que tens?

HAMLET

De que se trata?

RAINHA

Esqueceste quem sou?

HAMLET

Não, pela cruz.
És a rainha, a mulher de teu cunhado;
E — antes assim não fosse — és minha mãe.

RAINHA

Vou mandar-te quem possa interrogar-te.

(*Como que saindo.*)

HAMLET

Vem, vem sentar-te. E não te mexas.
Não irás sem que vejas num espelho
A mais íntima parte de ti mesma.

RAINHA

Que vais fazer? Acaso vai matar-me?
Ai, socorro!

POLÔNIO

(*atrás do reposteiro*) Socorro!

HAMLET

(*Tirando a espada.*)

Agora um rato?
Aposto um níquel que ele vai morrer!

(*Dá um golpe através do reposteiro.*)

POLÔNIO

(*atrás*)
Estou morto.

(*Cai e morre.*)

RAINHA

Oh, céus, o que fizeste?

HAMLET

Que sei eu? Será o rei?

(*Afasta o reposteiro e descobre Polônio, morto.*)

RAINHA

Oh insensato, que sangrenta ação!

HAMLET

Tão sangrenta, tão vil, quase tão torpe
Quanto matar um rei, oh mãe querida,
E casar com o irmão, logo em seguida.

RAINHA

Como matar um rei?

HAMLET

É o que eu disse.
Adeus, mísero tolo intrometido!
Tomei-te por alguém melhor; a sorte
Te castigou por seres tão solícito.

Não torças tanto as mãos. Senta-se, acalma,
E deixa que eu te torça o coração;
É isso o que farei, se ele for feito
De matéria sensível, penetrável,
Se o hábito do inferno não blindou-o
Em bronze e o fez infenso ao sentimento.

RAINHA

Que fiz eu, para assim me censurares
Levianamente, num clamor tão rude?

HAMLET

Um ato que desfaz graça e pudor,
Que deturpa a virtude e corta a rosa
Da pura fronte do inocente amor,
E põe nela um estigma, e torna os votos
Nupciais em falsas juras de traidores,
Um ato que do próprio matrimônio
Arranca a alma, e da doce religião
Faz um arranjo de palavras. Ato
Ante o qual se perturba o firmamento,
Sim, essa massa sólida e complexa
De rosto triste, como no crepúsculo,
Adoece de aflição.

RAINHA

Qual é esse ato,
Que clama assim tão forte, e assim troveja?

HAMLET

Olha neste retrato e neste outro
A representação de dois irmãos.
Olha a graça que paira nesta fronte;
Como lembra a feição do próprio Zeus,
Olhos de Marte, forte no comando,
O gesto de Mercúrio, o núncio alado,
Sobre a colina, quase alçado ao céu;
Um aspecto e uma forma que realmente
Pareciam dos deuses ter a marca
Que afirma ao mundo que está ali um homem.

Este era o teu esposo. Agora, observa
O teu marido de hoje, espiga podre
Que contamina a safra. Não tens olhos?
Pudeste abandonar essas alturas
Para cevar-te num paul? Tens olhos?
Não me fales de amor; na tua idade
O alvoroço do sangue é fraco e humilde,
E cede ao julgamento. Mas que escolha
Seria entre este e o outro? Certamente
Tens sentidos, mas 'stão paralisados,
Pois a própria loucura não faz erros
Assim; nem os sentidos são escravos
Que não conservem uma certa escolha,
Para servi-los nessa diferença.
Que diabo te logrou na cabra-cega?
Olhos sem senso, sensações sem olhos,
Ouvidos sem as mãos e sem os olhos,
Olfato só, ou parte dos sentidos,
Doente de um sincero sofrimento,
Não poderia transviar-te tanto.
Oh vergonha, onde estão os teus rubores?
Se o inferno exalta assim uma matrona,
Seja de cera a própria castidade
Na juventude, e se derreta em fogo:
Clamando que não há nenhum opróbrio
Quando ataca o furor, visto que o gelo
Também pode queimar, e que a razão
É alcoviteira da vontade.

RAINHA

Basta!
Voltas os olhos meus para minh'alma
E neles vejo tantos pontos negros
Que nunca sairão…

HAMLET

E isso somente
Para viver num leito conspurcado,

Em meio à corrupção. Fazendo amor
Em vil pocilga.

RAINHA

Não me fales mais.
Essas palavras entram como espadas
Nos meus ouvidos. Para, doce Hamlet!

HAMLET

Assassino e vilão, mísero escravo,
Que não vale um vigésimo do dízimo
Do teu antigo esposo, um rei palhaço,
Usurpador do reino e do comando,
Que roubou um precioso diadema
E o pôs no bolso…

RAINHA

Não, não fales mais!

HAMLET

Um rei de trapos e retalhos…
(*Entra o Fantasma.*)
Valei-me, e sobre mim abri as asas,
Guardas celestes! Que é que me quereis
Serena forma?

RAINHA

Está de fato louco.

HAMLET

Viestes pra ralhar com vosso filho
Que, preso de paixão e do momento,
Deixa passar a execução do ato
Que lhe ordenastes? Por favor, dizei-o!

FANTASMA

Não te esqueças. O fim desta visita
É avivar teu ânimo esgotado.
Mas vê que o espanto oprime a tua mãe;
Põe-te entre ela e su'alma conflagrada,
Que o mal domina o corpo que é mais fraco.
Fala-lhe, Hamlet.

HAMLET

Como estás, senhora?

RAINHA

Como estás tu, que fixas olhos vagos
No vácuo, e que te empenhas em conversa
Com o ar sem corpo? Filho, nos teus olhos,
Teu espírito espreita, alienado,
Como o soldado que desperta o alarme;
Teus cabelos, sedosos, acamados,
Como excrescências vivas se levantam
E estão de pé. Oh meu querido filho,
Deita o bálsamo frio da paciência
Sobre a chama e o calor do desvario.
Para onde estás olhando?

HAMLET

Oh, para ele!
Olha tu, como pálido fulgura!
Seu aspecto e sua causa, conjugados,
Se ele pregasse às pedras, mesmo às pedras
Tocariam! — Não me fites assim,
Senão, com esse olhar tão doloroso,
Abalais minhas rudes intenções.
O que tenho a fazer requer violência,
As lágrimas talvez mudando em sangue…

RAINHA

A quem falas assim?

HAMLET

Tu não vês nada?

RAINHA

Nada, mas vejo tudo o que nos cerca.

HAMLET

Nada ouviste?

RAINHA

Não, nada; exceto a nós.

HAMLET

Olha ali! Vê como ele se retira,
Meu pai, com o mesmo traje que ele usava!

Olha por onde vai, transpondo a porta!

(*Sai o Fantasma.*)

RAINHA

Essa é uma criação do teu espírito;
Esses vultos sem corpo — esses espectros —
São hábeis criações do teu delírio!

HAMLET

Delírio! Meu pulso é como o teu,
Seu ritmo é normal. Não é loucura
O que eu disse; tu podes pôr-me à prova:
Repetirei as frases que a loucura
Confundiria. Não, por Deus te peço,
Não continues a embalar tu'alma
Nessa ilusão que é minha loucura
Que fala no lugar das tuas faltas.
Isso seria um bálsamo nas úlceras,
Enquanto a corrupção te vai minando,
Invisível, cruel. Confessa aos céus,
Contrita, o teu passado. Evita os males
Que virão, e não ponhas mais estrume
Nas ervas más. Perdoai minha virtude
Que assim fala; na enxúndia destes dias
Obesos, a virtude se constrange,
Pede perdão ao vício, e curva a espinha,
A cortejá-lo pra fazer o bem.

RAINHA

Hamlet, partiste em dois meu coração.

HAMLET

Pois joga fora a parte mais corrupta,
Para viver mais pura co'a outra parte.
Boa noite. Mas não vás ao leito dele;
Se não és virtuosa, finge sê-lo;

O hábito, esse monstro que devora
O juízo, é por vezes como um anjo
Que nos dá a sotaina que se ajusta
Aos atos bons. Refreia-te esta noite;
E isso dará certa facilidade
À próxima abstinência; e mais à outra,
Pois o costume altera a natureza,
A ponto de vencer o próprio diabo,
Ou de expulsá-lo, com potência enorme.
Mais uma vez, boa noite. E se quiseres
Ser abençoada, eu pedirei a benção
Divina para ti. — Quanto a esse nobre,
Eu me arrependo; mas aprouve aos céus
Puni-lo com meu ato, e a mim com ele,
Servindo eu de castigo e de instrumento.
Vou escondê-lo e resgatar, por certo,
A morte que lhe dei. Então, boa noite!
Eu devo ser cruel pra ser honesto;
Começa o mal, pior será o resto.
Uma palavra mais.

RAINHA

Que farei eu?

HAMLET

Nada daquilo que eu peço que faças:
Deixa que o fátuo rei te leve ao leito,
Te belisque na face com luxúria,
E uma carícia no pescoço obtenha
De ti a história toda deste caso,
Que eu não sou louco, mas apenas finjo.
É bom que lhe confesses tudo isso;
Pois quem, não sendo mais que uma rainha
Bela, virtuosa e casta, esconderia
De um sapo, de um chacal, de um velho gato,
Tão boas-novas? Quem faria isso?
Não, apesar da sensatez discreta,
Abre essa cesta no telhado e deixa

Voar os passarinhos; como o mono,
Entra na cesta para ver o fundo
E quebra nessa queda o teu pescoço.

RAINHA

Fica certo, se o sopro das palavras
Vem do sopro da vida, eu não o tenho
Para dizer o quanto me disseste.

HAMLET

Tenho de ir à Inglaterra; sabes disso?

RAINHA

Eu o tinha esquecido, mas é certo.

HAMLET

Há papéis assinados; e os colegas,
Em quem confio como em duas víboras,
Vão limpar-me o caminho e vão guiar-me
A uma cilada. Pois que isso aconteça.
É divertido ver o sapador
Saltar com o seu petardo: vai ser duro,
Mas eu hei de cavar por sob as minas
E na explosão os mandarei à Lua.
Oh como é doce quando dois espertos
Se encontram, de repente, face a face.
Esse homem vai fazer com que eu me mova,
Arrastando-lhe as vísceras pra fora.
Mãe, boa noite. O nosso conselheiro
Quão sério agora está, grave, calado,
Que foi em vida um falador avoado.
Vamos, senhor, pôr fim ao vosso fado,
Boa noite, mãe.

(*Saem separadamente, Hamlet arrastando Polônio.*)

ATO IV

Cena I — Uma sala do castelo.

(*Entram o Rei, a Rainha, Rosencrantz e Guildenstern.*)

REI

Como estás ofegante, suspirando…
Algo existe que deves explicar.
Convém que eu saiba. Onde ficou teu filho?

RAINHA

Deixai-nos nesta sala por um pouco.
(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)
Ai, meu senhor, que vi agora à noite!

REI

O quê, Gertrudes? Como se acha Hamlet?

RAINHA

Louco, como se o mar e o vento em luta
Quisessem disputar qual o mais forte.
No seu estranho estado, ouvindo um ruído
Atrás de uma cortina, tira a espada,
Gritando "um rato, um rato", e em seu delírio,
Mata o bom velho oculto.

REI

Oh! feito odioso!
Se fosse eu a lá estar, faria o mesmo!
Livre, ele ameaça a todos nós,
E a cada um. Como daremos contas
Desse cruento feito? Vão julgar-nos
Culpados, pois a nossa providência
Devia ter forçado o afastamento
Do jovem louco. Mas o amamos tanto
Que não tomamos a medida urgente,
Como o doente de chaga repulsiva,
Para a manter secreta, deixa-a roendo
O âmago da vida. Onde foi ele?

RAINHA

Saiu puxando o corpo que matara,
E sobre o qual a sua própria insânia
Se mostra pura como a gota de ouro
Entre outros vis metais. Pois ele chora
O mal que fez.

REI

Oh, vamo-nos, Gertrudes!
Mal toque o Sol o cimo das montanhas,
Já terá de embarcar; e o feito ignóbil
Devemos, com cautela e majestade,
Esconder e perdoar. Ei, Guildenstern!
(*Entram Rosencrantz e Guildenstern.*)
Amigos, ide os dois dar-lhe assistência.
Hamlet está louco e assassinou Polônio;
E após, puxando o corpo, se afastou
Do quarto de sua mãe. Ide em procura
Dele, falai com doçura e trazei
Para a capela o corpo. Ide depressa!
(*Saem os dois.*)
Vamos, Gertrudes, convocar amigos,
Os mais sensatos, e dizer-lhes tudo,
O que iremos fazer, e o que foi feito.
Assim talvez a infâmia e o murmúrio,
Cujo sopro se espraia pelo mundo,
Certeiro como um tiro de canhão,
Nos erre o nome e fira o ar inócuo.
Vamos daqui! Minh'alma está repleta
De mágoa e confusão a mais completa.

(*Saem.*)

Cena II — Outra sala do castelo.

(*Entra Hamlet.*)

HAMLET

Já está oculto.

ROS., GUI.

Hamlet! Nobre Hamlet!

HAMLET

Silêncio! Que ruído é esse? Quem me chama? Ah, lá vêm eles.

(*Entram Rosencrantz e Guildenstern*)

ROSENCRANTZ

O que é que fez, senhor, do corpo inerte?

HAMLET

Misturei-o com o pó de onde proveio.

ROSENCRANTZ

Mas diga-nos onde ele está, para podermos achá-lo e então levá-lo para a capela.

HAMLET

Não o creiam.

ROSENCRANTZ

Crer o quê?

HAMLET

Que eu possa guardar o seu segredo e não o meu. E depois, ao ser interrogado por uma esponja, que resposta deve ser dada pelo filho de um rei?

ROSENCRANTZ

Toma-me por uma esponja, meu senhor?

HAMLET

Exato. É uma esponja que se ensopa nos favores do rei, em suas recompensas e autoridades. Mas tais servidores prestam, afinal, os melhores serviços ao rei: ele os conserva, como um macaco faz com as nozes, no canto do maxilar; é o que primeiro abocanha,

mas engole por último. Quando precisa daquilo que colheu, basta espremê-lo, e ficará seco novamente.

ROSENCRANTZ

Eu não o compreendo, meu senhor.

HAMLET

Isso me alegra. Uma fala safada dorme em um ouvido tolo.

ROSENCRANTZ

Senhor, deve dizer-nos onde está o corpo, e ir conosco à presença do rei.

HAMLET

O corpo está com o rei, mas o rei não está com o corpo. O rei é uma coisa…

GUILDENSTERN

Uma coisa, senhor?

HAMLET

De nada. Levem-me a ele.

(*Saem.*)

Cena III — Sala do castelo.

(*Entra o Rei com dois ou três Nobres.*)

REI

Mandai buscá-lo, e procurar o corpo.
Que perigo, deixá-lo assim à solta!
No entanto, não podemos castigá-lo:
Ele é querido pela multidão,
Que não segue a justiça, mas os olhos,
Vendo apenas o peso do castigo,
Nunca o do crime. Para sossegá-la,
Esta partida deve parecer

Deliberada e calma decisão.
Doenças graves, quando em desespero,
Serão curadas por violentos choques,
Ou não têm cura.
(*Entra Rosencrantz.*)
O que é que aconteceu?

ROSENCRANTZ

Senhor, não conseguimos que contasse
Onde escondeu o corpo.

REI

E onde está ele?

ROSENCRANTZ

Aí fora, senhor; e bem-guardado.
Às vossas ordens.

REI

Trazei-o à nossa presença.

ROSENCRANTZ

Oh, Guildenstern! Traz o nosso príncipe.

(*Entram Hamlet e Guildenstern.*)

REI

Vamos, Hamlet; onde está Polônio?

HAMLET

Numa ceia.

REI

Numa ceia? Onde?

HAMLET

Não onde come, mas onde é comido. Uma certa convocação de vermes políticos está ainda agora a atacá-lo. O verme é o único imperador da dieta: cevamos todas as outras criaturas para que nos engordem, e cevamos a nós mesmos para as larvas. O rei gordo e o mendigo esquelético não são mais que variedade de cardápio — dois pratos, para a mesma mesa. Esse é o fim.

REI

Que pena! Que pena!

HAMLET

Um homem qualquer pode pescar com o verme que engoliu um rei, e depois comer o peixe que engoliu o verme.

REI

Que queres dizer com isso?

HAMLET

Nada, a não ser mostrar como um rei pode passar em cortejo pelas tripas de um mendigo.

REI

Onde está Polônio?

HAMLET

No céu. Mandai procurá-lo por lá. Se vosso mensageiro não o encontrar, ide vós mesmo procurá-lo no outro lado. Em verdade, se não o encontrardes dentro de um mês, sentireis o seu cheiro quando subirdes a escada da galeria.

REI

(*aos Criados*)
Ide procurá-lo por lá.

HAMLET

Ele há de chegar até que cheguem.

(*Saem os Criados.*)

REI

Hamlet, por este fato e a segurança
De tua própria vida — embora a mágoa
Que nos custaste esteja bem presente —,
Faz com que te afastes sem demora.
Prepara-te, portanto. A embarcação
Está pronta, o vento sopra favorável,
Companheiros à espera, e de partida
Para a Inglaterra.

HAMLET

Para a Inglaterra?

REI

Isso, Hamlet.

HAMLET

Bem.

REI

E é mesmo, se conhecesses nossos propósitos.

HAMLET

Vejo um anjo que os sabe. Mas vamos, para a Inglaterra. Adeus, querida mãe.

REI

Teu pai que o ama, Hamlet.

HAMLET

Minha mãe. Pai e mãe são marido e mulher, marido e mulher uma só carne; então, minha mãe. Vamos, para a Inglaterra.

(*Sai.*)

REI

Segui-o de bem perto. E embarcai-o
Sem demora. — Que parta ainda esta noite.
Ide: está tudo pronto e preparado
Para a partida. E parti depressa.
(*Saem Rosencrantz e Guildenstern.*)
E se, rei da Inglaterra, algo me prezas —
E meu grande poder deve valer-me,
Já que inda tens sangrentas cicatrizes
Da nossa espada, e rendes homenagem
Do teu respeito —, não verás sem zelo
Este ato soberano, que consiste
Em cartas, que explicam nosso intuito,
De pronta morte para o pobre louco.
Fá-lo, Inglaterra; pois igual à tísica

Ele raiva no meu sangue, e vais curar-me.
Até que eu saiba o meu mandado feito,
Não terei um só dia satisfeito.

(*Sai.*)

Cena IV — Uma planície na Dinamarca.

(*Entram Fortimbrás, um Capitão e soldados, marchando.*)

FORTIMBRÁS

Vai, capitão, levar meus cumprimentos
Ao rei da Dinamarca. Vai dizer-lhe
Que, como foi assente, Fortimbrás
Pede-lhe escolta para a sua marcha
Neste reino. Já sabe onde é o encontro.
Se sua majestade concordar,
Iremos exprimir pessoalmente
Nosso respeito.

CAPITÃO

Assim farei, senhor.

FORTIMBRÁS

Avante, devagar.

(*Saem todos, menos o Capitão.*)
(*Entram Hamlet, Rosencrantz e Guildenstern.*)

HAMLET

Meu senhor, de quem são esses exércitos?

CAPITÃO

Do rei da Noruega, meu senhor.

HAMLET

Para onde se dirigem, se permite?

CAPITÃO

Contra uma parte da Polônia.

HAMLET

Quem os comanda?

CAPITÃO

O sobrinho do rei; é Fortimbrás.

HAMLET

Vão contra toda a terra da Polônia,
Ou para alguma fronteira?

CAPITÃO

Para falar a verdade, sem rodeios,
Vamos tomar uma pequena terra
Que nada vale além do simples nome.
Nem por cinco moedas a quereria
Pra cultivar; e o resto da Polônia
Ou a Noruega não teriam mais
Se a vendessem em livre operação.

HAMLET

A Polônia não há de defendê-la.

CAPITÃO

Sim, ela já se acha guarnecida.

HAMLET

Duas mil almas, vinte mil ducados
Não são o preço dessa ninharia!
Esse é o abscesso da paz e da opulência,
Que arrebenta por dentro e não exibe
Qual a causa da morte. — Humildemente
Eu lhe agradeço.

CAPITÃO

Adeus, senhor.

(*Sai.*)

ROSENCRANTZ

Podemos ir, senhor?

HAMLET

Eu os encontro logo. Vão na frente.
(*Saem todos, menos Hamlet.*)
Como as coisas se ligam contra mim
E incitam minha tímida vingança.
O que é um homem, se o seu grande bem
É dormir e comer? Um bruto, apenas.
Aquele que nos fez com descortino,
Com passado e futuro, certamente
Não nos dotou dessa razão divina
Para mofar sem uso. Seja, entanto,
Esquecimento ou escrúpulo covarde,
De pensar claramente no que ocorre —
Cérebro que possui somente um quarto
De consciência e três quartos de baixeza —,
Eu nem sei por que vivo e apenas digo
Isso deve ser feito, pois não faltam
Razões, vontade e força, e os próprios meios
Para fazê-lo. Exemplos evidentes
Me exortam a lutar. Como essa armada
Tão vultosa e tão cara, conduzida
Por um príncipe jovem e sensível,
Cuja paixão, numa ambição divina,
Faz muxoxo às possíveis consequências,
Expondo o que é mortal e duvidoso
A toda essa aventura, à morte, ao risco,
Por uma casca de ovo… Pois ser grande
Não é mover-se sem motivo sério,
Mas com grandeza se bater por nada
Se a honra está em jogo. Como posso
Eu, que tenho o pai morto e a mãe infame —
Estímulos do espírito e do sangue —,
Deixar tudo dormir, enquanto vejo,
Para vergonha minha, a sorte absurda

De vinte mil soldados, que por causa
De um sonho, ou da promessa de uma glória,
Vão para a tumba como para o leito,
Lutam por um pedaço de terreno
Onde não cabem todos os seus corpos,
Para a todos servir de sepultura?
Doravante, terei ódio sangrento,
Ou nada valerá meu pensamento.

(*Sai.*)

Cena V — Elsinore. Uma sala no castelo.

(*Entram a Rainha, Horácio e um Cavalheiro.*)

RAINHA

Não, não quero falar-lhe.

CAVALHEIRO

Ela, contudo,
Insiste, realmente tresloucada.
Seu estado merece compaixão.

RAINHA

Mas que quer ela?

CAVALHEIRO

Fala de seu pai,
Diz que sabe os enganos deste mundo,
Bate no peito e chora, descontrola-se.
Diz coisas dúbias, frases sem sentido,
Dessas que têm ideias por metade.
Quem a ouve, e procura compreendê-la,
Completa com os seus próprios pensamentos
Suas palavras que, com gestos vagos,

Fazem com que se possa suspeitar,
Embora incertos, graves infortúnios.

HORÁCIO

Seria bom falar-lhe, pois maldosas
Mentes podem dar pasto a conjecturas.

RAINHA

Deixai-a entrar.
(*Sai o Cavalheiro*.)
(*à parte*)
Para minh'alma doente,
Como acontece sempre no pecado,
Cada fato sugere um mal latente.
A culpa tem tais coisas a temer,
Que se mata, com medo de morrer.

(*Volta o Cavalheiro, com Ofélia*.)

OFÉLIA

Onde está essa bela majestade?

RAINHA

Então, Ofélia?

OFÉLIA

(*Canta*.)
Como de outro distinguir
Teu fiel apaixonado?
Pelo tipo de chapéu,
A sandália e o cajado.

RAINHA

Linda jovem, que dizes nesse canto?

OFÉLIA

Quereis saber? Por favor, atentai.
(*Canta*.)
Ele morreu e se foi
Está morto e repousa agora;

A cabeça num canteiro,
E os pés nas pedras, senhora.

RAINHA

Mas não, Ofélia…

OFÉLIA

Reparai, por favor.
(*Canta.*)
O sudário é de neve da montanha…
(*Entra o Rei.*)

RAINHA

Ai, ai, vê só, senhor.

OFÉLIA

(*Canta.*)
Alimentado de flores
Baixou à campa entre lágrimas
Dos olhos dos seus amores.

REI

Como está, linda jovem?

OFÉLIA

Bem, como Deus quer. Dizem que a coruja era filha de um padeiro. Senhor, nós sabemos o que somos, mas não o que poderemos vir a ser. Deus esteja à vossa mesa.

REI

Está pensando no pai.

OFÉLIA

Por favor, não falemos nisso. Mas quando vos perguntarem o que quer dizer, dizei assim:
(*Canta.*)
Amanhã é dia santo,
Dia de São Valentim;
Na janela desde cedo
Tu vais esperar por mim,
Pra ser tua Valentina.
Ele ergueu-se e se vestiu,
Abriu a porta do quarto,
Deixou entrar a menina,

A donzela Valentina,
Que donzela não saiu.

REI

Pobre Ofélia!

OFÉLIA

Na verdade, sem lamentos, vou pôr fim a esta história:
(*Canta.*)
Por Cristo e por caridade,
Que tristeza e que vergonha,
Em tendo oportunidade
Os rapazes farão isso;
E são culpados de tudo.
Pois antes de eu ter caído,
Jurastes ser meu marido.
E ele responde:
(*Canta.*)
Eu teria casado, satisfeito,
Se não tivesses tu vindo ao meu leito.

REI

Mas há quanto tempo ela está assim?

OFÉLIA

Espero que tudo acabe bem. É preciso ter paciência, mas eu não posso deixar de chorar quando penso que o deitaram no chão frio. Meu irmão vai saber de tudo. Assim, eu vos agradeço pelo vosso bom conselho. — Vem, minha carruagem! Boa noite, senhoras; boa noite, lindas senhoras; boa noite, boa noite.

(*Sai.*)

REI

Vigiai-a. Segui-a bem de perto.
(*Sai Horácio.*)
Esse veneno de profunda mágoa
Vem todo do desgosto de ver morto

O pai. Vê tu, Gertrudes, oh Gertrudes!
Os males nunca vêm como escoteiros,
Mas em massa. Primeiro o assassinato;
Depois o exílio do teu filho; o povo
Perturbado, confuso, remoendo
A morte de Polônio — e nós erramos
Sepultando-o sem pompas. Hoje Ofélia
Fora de si, perdida a lucidez,
Sem a qual somos como os animais.
Não menos grave a volta inesperada
Do irmão, que aqui chegou secretamente,
E se nutre de dúvidas estranhas.
Não faltam vozes que encham seus ouvidos
Da morte de seu pai; falho de provas,
Não sentirá escrúpulos em dar-nos
Como culpados, e de ouvido a ouvido
Isso irá, qual ribombo de canhão.
Vejo a morte a soprar por muitos lados,
Minha cara Gertrudes.
(*ruído fora*)
Que razão
Há para tanto tumulto? Alerta, alerta!
Os suíços, onde estão? Guardem a porta.
(*Entra um Mensageiro.*)
Que é que há?

MENSAGEIRO

Senhor, ponde-vos a salvo.
O oceano, quando passa os seus limites,
Não lambe a terra com maior violência
Do que o jovem Laertes, com um bando
De vossos oficiais. Chamam-no Chefe,
E como se a nação recomeçasse,
Esquecido o passado, em novos hábitos,
Retificados por palavra e atos,
Gritam "Façamos de Laertes rei!"
Gorros, línguas e mãos aplaudem, loucos,

"Laertes será rei, Laertes rei."

RAINHA

Como se lançam nessa pista falsa.
Isso é vil, falsos cães da Dinamarca.

(*mais ruído fora*)

REI

As portas cedem!

(*Entra Laertes, armado, com Seguidores.*)

LAERTES

Onde está esse rei? — Fiquem lá fora.

SEGUIDORES

Não! Queremos entrar!

LAERTES

Deixem-nos, peço.

SEGUIDORES

Está bem, está bem.

LAERTES

Assim; guardem a porta.
(*Saem os Seguidores.*)
E tu, vil rei, devolve-me meu pai!

RAINHA

(*Segura-o.*)
Calma, meu bom Laertes.

LAERTES

Uma gota
De sangue calmo e eu não seria eu mesmo.
Marcaria o ferrete de rameira
Na fronte casta e pura de minha mãe.

REI

Por que razão a tua rebeldia
Toma essas gigantescas proporções?
Deixa-o, Gertrudes; não tenhamos medo.
Tal é a divindade em torno ao rei
Que a traição mal consegue, pelas frestas,
Ver aquilo que quer. Eis-me, Laertes;
Por que tão grande ardor? Deixa-o, Gertrudes.
Fala, homem.

LAERTES

Aonde está meu pai?

REI

Está morto.

RAINHA

Mas não pelo teu rei.

REI

Deixa que indague tudo o quanto queira.

LAERTES

Como morreu? Ninguém queira enganar-me.
Para o inferno a lealdade. As minhas juras,
Leve-as o demo! Que a consciência e a graça
Se vão com ele! Enfrento a danação.
Cheguei ao ponto de não ter respeito
A este mundo nem ao outros. Venha
O que vier, hei de vingar meu pai;
Vingá-lo inteiramente.

REI

Quem o impede?

LAERTES

Minha vontade, não a deste mundo.
E quanto aos meios, hei de controlá-los
Tão bem que farão muito com tão pouco,
Ao desejar saber toda a verdade.

REI

Da morte de teu pai, pede a vingança
Que atinjas ao acaso, com teus golpes,
Amigo ou inimigo, vencedor

Ou derrotado?

LAERTES

Apenas inimigos.

REI

Desejas conhecê-los, pois, Laertes?

LAERTES

A amigos dele estes meus braços
Se abrirão, e qual nobre pelicano
Hei de nutri-los com meu sangue.

REI

Agora
Falas como um bom filho e um cavalheiro.
Que não me cabe a culpa nessa morte,
E que ela me causou profunda mágoa,
Penetrará tão claro em teu juízo
Como o dia que surge ao teu olhar.

DINAMARQUÊS

Deixai-a entrar!

LAERTES

Mas que rumor é esse?
(*Volta Ofélia.*)
Calor, seca-me o cérebro! Oh lágrimas
Sete vezes salgadas, que os meus olhos
Se queimem e não mais sirvam à vista.
Céus! Pagarei tua loucura a peso,
Até que desça o prato da balança.
Rosa de maio, doce irmã, Ofélia!
Oh céus, como é possível que o espírito
De uma jovem se mostre tão precário
Quanto a vida de um velho? A natureza
É bela em seu amor, e quando é bela
Manda um precioso signo dela mesma
Sobre o objeto que ama.

OFÉLIA

(*Canta.*)
Levaram-no sem véu no seu caixão,

Ai, na, na, na, na, ai, na, na, na;
E sobre ele correu pranto em porção…
Adeus, minha rola.

LAERTES

Se em juízo perfeito me incitasses
À vingança, talvez não me causasses
Tão profunda emoção.

OFÉLIA

Tu deves cantar *Para baixo, para baixo*, e vós *Chamem-no por baixo*. Como fica bem para a roda! Foi o falso mordomo que roubou a filha do patrão.

LAERTES

Esse nada é mais que muito.

OFÉLIA

Aqui tens rosmaninho, para recordação — eu te peço, amor, recorda-te. E temos amores-perfeitos para o pensamento.

LAERTES

Ensinamentos na loucura: pensamentos unidos às lembranças.

OFÉLIA

Aqui está funcho para vós, e colombinas. Eis arruda para vós. E aqui está um pouco para mim. Podemos chamá-la erva-da-graça aos domingos. Vós deveis usar vossa arruda por outro motivo. Eis uma margarida. Gostaria de dar-vos algumas violetas, mas todas murcharam quando meu pai morreu. Dizem que ele teve um bom fim.
(*Canta.*)
Pois o lindo e doce Robin é todo o meu prazer.

LAERTES

Pensamento e aflição, paixão, inferno.
Tudo ela muda em graça e em beleza.

OFÉLIA

(*Canta.*)
E ele não mais há de voltar?
E ele não mais há de voltar?
Não, ele morreu,
Foi no sepulcro descansar.

Ele não mais há de voltar.
A sua barba era de neve,
O seu cabelo era de linho.
Ele morreu, ele morreu,
Não adianta mais chorar.
Deus que o recolha em seu carinho.
E a todas as outras almas cristãs. Deus esteja convosco.

(*Sai.*)

LAERTES

Estais vendo isso, oh Deus?

REI

Laertes, eu comungo em tua dor,
Ou me negas justiça. Vai, escolhe
Os amigos mais sábios e sensatos,
E eles irão julgar entre nós dois.
Se por meio direto ou indireto
Me julgarem culpado, eu te darei
Vida, coroa, e tudo o que possuo,
Para tua vingança; mas se o negam,
Que te contente usar de paciência
E nós iremos, junto de tua alma,
Dar-lhe satisfação.

LAERTES

Pois assim seja.
Sua morte, seu triste funeral —
Sem espada, troféus ou galas fúnebres,
Sem nobre rito ou justa ostentação —
Clama por ser ouvida a céus e terras,
E eu devo investigar.

REI

De acordo, amigo.
E onde o crime surgir, virá castigo.

Agora vem comigo, por favor.

(*Saem.*)

Cena VI — Outra sala do castelo.

(*Entra Horácio, com um Criado.*)

HORÁCIO

Quem quer falar comigo?

CRIADO

Homens do mar;
Dizem que trazem cartas pr'o senhor.

HORÁCIO

Pois que entrem.
(*Sai Criado.*)
Não sei quem poderia
Enviar-me saudações, no mundo inteiro,
A não ser meu nobre amigo Hamlet.

(*Entram Marinheiros.*)

1º MARINHEIRO

Deus vos guarde, senhor.

HORÁCIO

E a ti também.

1º MARINHEIRO

Ele o fará, senhor, se o bem quiser. Aqui está uma carta para o senhor. Ela veio de um embaixador que foi mandado à Inglaterra — se o seu nome é Horácio, como me disseram que é.

HORÁCIO

(*Lê.*)
Horácio, quando tiveres lido esta, encaminha esses homens para o rei. Levam cartas para ele. Mal estávamos havia dois dias no mar, um pirata de equipamento muito guerreiro nos deu caça. Vendo-nos muito fracos de vela, fomos obrigados a mostrar muita bravura, e na abordagem saltei-lhes ao barco. Nesse instante eles se desprenderam de nossa nave, e assim só eu tornei-me seu prisioneiro. Trataram-me como ladrões generosos: mas sabiam o que estavam fazendo; terei de retribuir-lhes o favor. Faz com que o rei receba as cartas que mandei, e vem encontrar comigo aqui onde estou, tão depressa quanto se estivesses fugindo da morte. Tenho coisas a dizer em teu ouvido que te deixarão mudo; no entanto, serão leves demais para o calibre deste assunto. Esses bons sujeitos te trarão para onde estou. Rosencrantz e Guildenstern continuam a viagem para a Inglaterra; deles terei muito o que te contar. Adeus.
Aquele que sabes teu,
Hamlet.
Vou conduzi-los pra entregar as cartas;
Sejam ligeiros, para após levar-me
Àquele que os mandou até aqui.

(*Saem.*)

Cena VII — Outra sala do castelo.

(*Entram o Rei e Laertes.*)

REI

Agora, em consciência, tu me absolves
E me guardas no peito como amigo,
Depois que ouviste, e com que sábio ouvido,

Que aquele que matou teu nobre pai
Buscava a minha vida.

LAERTES

Mas, dizei-me
Por que não procedestes contra os fatos
Tão criminosos e de tal violência,
Se por vossa grandeza e segurança
Éreis tão provocado.

REI

Dois motivos,
Que podem parecer-te sem valia,
Mas são fortes pra mim. Pela rainha,
Sua mãe, que só vive para ele;
E por mim mesmo… Por bem ou por mal,
A tenho tanto unida ao corpo e à alma
Que, como a estrela que se move apenas
Na sua esfera, eu vivo só por ela.
A outra causa de eu não ir a público
É o grande amor que o povo tem por ele,
Afogando os seus erros nesse afeto,
Tal como a fonte que faz pão da pedra,
Lhe mudaria as faltas em adornos,
E as minhas frágeis flechas, contra o vento,
Voltariam ao arco, sem chegarem
Ao alvo que eu visava.

LAERTES

Desse modo,
Perdi meu pobre pai, e vejo agora
Minha irmã arrastada ao desespero —
Cujo valor, louvando o que ela foi,
Desafiou o píncaro dos tempos,
Por suas perfeições. Hei de vingar-me.

REI

Não percas o teu sono. Não presumas
Que somos feitos de tão vil matéria
Que vejamos o mal às nossas barbas

E o tomemos por graça. Em pouco tempo
Ouvirás mais. Eu tinha por teu pai
Grande amizade. E a temos por nós mesmos.
Isso, espero, fará com que compreendas…
(*Entra um Mensageiro, com cartas.*)
Que é que há?

MENSAGEIRO

Cartas, senhor, de Hamlet.

REI

De Hamlet? Quem as trouxe?

MENSAGEIRO

Marinheiros,
Senhor, segundo dizem. Não os vi;
A mim foram entregues pelo Cláudio,
Que deles recebeu-as.

REI

Vais ouvi-las,
Laertes. Deixa-nos.
(*Sai o Mensageiro.*)
(*Lendo.*)
Alto e poderoso. Sabei que fui deixado nu em vosso reino. Amanhã pedirei permissão para ver os vossos reais olhos, quando, primeiro pedindo o vosso perdão, vos contarei as circunstâncias da minha súbita e, mais que tudo, estranha volta.
Hamlet.
Que quer isto dizer? Voltaram todos?
Ou trata-se de abuso, e é tudo falso?

LAERTES

É sua a letra?

REI

Sim, de Hamlet. "Nu"…
E nos *post-scriptum* diz "sozinho". Entendes?

LAERTES

'Stou confuso, senhor; mas que ele venha!
Consola-me o dorido coração
Poder viver para atirar-lhe ao rosto

"Isto fizeste tu!"

REI

Assim, Laertes;
E tem de ser assim; como o contrário?
Queres seguir agora o meu conselho?

LAERTES

Contanto que não seja pela paz.

REI

A tua própria paz. Se ele hoje volta —
Se ele abandona a viagem e pretende
Não mais fazê-la —, eu hei de conduzi-lo
A certa empresa que já tenho em mente,
Na qual ele terá de sucumbir.
Dessa morte não pode haver censura;
E a sua própria mãe 'stará de acordo
Em chamá-la acidente.

LAERTES

Eu me submeto:
E é melhor que, o plano estando urdido,
Eu possa executá-lo.

REI

Estamos certos.
Desde que viajaste, toda a gente
Fala em teu nome — e Hamlet sabe disso —
Sobre um dom em que dizem que tu brilhas:
Teus muitos outros dons não lhe causaram
Tamanha inveja; e esse é, no meu conceito,
Um dos mais fracos.

LAERTES

Mas que dom, senhor?

REI

Um laço no chapéu da juventude,
Mas necessário; à mocidade calham
As roupas leves e sem pompa que usa,
Como aos mais velhos martas e roupagens
Que refletem seu siso e gravidade.

Há dois meses esteve nesta corte
Um normando — eu servi contra os franceses,
Conheço-lhes o garbo em montaria:
Mas aquele era um mágico; crescia
Na sela; tais proezas realizava
Com seu cavalo, que dir-se-ia um corpo
Único, o que formava com o corcel.
De tal forma excedeu meu pensamento
Que eu, sonhando figuras e artifícios,
Fiquei aquém do que ele realizou.

LAERTES

Um normando?

REI

Um normando.

LAERTES

Por meu sangue,
Lamord.

REI

O próprio.

LAERTES

Eu o conheço bem.
Ele é esplêndido, uma joia excelsa,
Um orgulho de todo o seu país.

REI

Ele te reconhece superior,
E de tal forma nos narrou teus feitos
Na arte e no exercício da defesa,
Especialmente no que toca a espada,
Que clamou "que espetáculo seria"
Se alguém pudesse te enfrentar, porquanto
Os esgrimistas seus compatriotas
Não teriam ataque, vista ou guarda
Ao medir-se contigo. E, ouvindo-o, Hamlet
Se envenenou de inveja, desejando
Apenas que depressa regressasses
Para contigo se bater. Portanto…

LAERTES

Portanto o quê, senhor?

REI

Caro Laertes,
Amavas tu teu pai sinceramente?
Ou és somente o aspecto de uma dor,
Face sem coração?

LAERTES

Por que indagais?

REI

Não que eu pense que tu não o estimavas,
Mas sei que o amor varia com o tempo
E vejo, em circunstâncias que o comprovam,
Esmorecer co'o tempo o ardor e a flama.
Dentro do amor existe uma centelha
Que abranda e que definha com o tempo;
Nada perdura sempre na bonança,
Pois o bem, quando sobe ao próprio excesso,
Morre por ser demais. O que queremos
Fazer deve ser feito na hora exata;
Pois o próprio "querer" muda e declina,
Ferido quando adiado. Mas vejamos:
Que vai provar o teu amor de filho
Mais que as palavras?

LAERTES

Quero degolá-lo
Na igreja.

REI

Nem ali o crime pode
Santificar-se. É certo que a vingança
Não deve ter fronteiras; mas, Laertes,
É melhor que te feches no teu quarto.
Hamlet, chegando, saberá tua volta:
Faremos o louvor do teu prestígio,
Dando novo verniz à grande fama
Que te deu o francês para, afinal,

Fazer com que se encontrem face a face,
Havendo apostas sobre um e outro.
Hamlet é displicente e sem malícia,
Nem cuidará das armas; desse modo,
Poderás escolher a tua espada
Sem proteção na ponta, e num bom passe
Terás vingado a morte de teu pai.

LAERTES

Isso farei; e pra ter mais certeza
Untarei minha espada de um veneno
Que comprei de um pirata, tão mortal
Que uma faca, uma vez imersa nele,
Se tira sangue a alguém, não há no mundo
Emplastro feito de ervas virtuosas
Que salve esse infeliz da morte certa,
Por mais leve que seja a arranhadura.
Será banhada ali a minha ponta,
Para que esta, ao feri-lo levemente,
Logo o faça morrer.

REI

Depois veremos.
Pensemos qual a hora e a contingência
Que servirão melhor ao nosso plano;
Pois se esse fracassar, e vier a lume
O nosso estratagema, melhor fora
Nem o tentar. Assim, esse projeto,
Se tiver de explodir durante a prova,
Tem de estar garantido por um outro
Que o venha assegurar. Calma! Vejamos!…
Apostaremos na destreza de ambos…
Já sei!
Quando lutardes, com calor e sede —
Para isso atacarás com violência —,
E ele pedir um gole, já teremos
Preparada uma taça especial:
Se apenas lhe provar o conteúdo,

Mesmo que escape ao golpe venenoso,
Nosso projeto vencerá. Mas, calma;
Que ruído é esse?
(*Entra a Rainha.*)
Entrai, doce rainha!
Dizei-nos, o que está acontecendo?

RAINHA

Uma desgraça corre atrás de outra
Com tanta pressa: a tua irmã está morta,
Laertes; afogou-se.

LAERTES

Como? Aonde?

RAINHA

Onde um salgueiro cresce sobre o arroio,
E espelha as flores cor de cinza na água,
Ali, com suas líricas grinaldas
De urtigas, margaridas e rainúnculos,
E as longas flores de purpúrea cor
A que os pastores dão um nome obsceno
E as virgens chamam "dedos de defunto",
Subindo aos galhos para pendurar
Essas coroas vegetais nos ramos,
Pérfido, um galho se partiu de súbito,
Fazendo-a despencar-se e às suas flores
Dentro do riacho. Suas longas vestes
Se abriram, flutuando sobre as águas;
Como sereia assim ficou, cantando
Velhas canções, apenas uns segundos,
Inconsciente da própria desventura,
Ou como ser nascido e acostumado
Nesse elemento. Mas durou bem pouco
Até que as suas vestes encharcadas
A levassem, envolta em melodias,
A sufocar no lodo.

LAERTES

Ai, afogou-se?

RAINHA

Afogou-se, afogou-se.

LAERTES

Já tens água demais, oh, pobre Ofélia,
Por isso eu me proíbo de chorar.
Mas é nosso costume, e a natureza
O guarde, embora digam que é vergonha.
Findo o pranto, o meu lado feminino
Terá cessado. Adeus, senhor. A chama
Que inflamava as palavras que eu dizia
Vem de extinguir-se agora.

(*Sai.*)

REI

Vem, Gertrudes;
Como custou para conter-lhe a cólera!
E temo agora que este novo golpe
Faça-a explodir. Vamos segui-lo, pois.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Um cemitério.

(*Entram dois Coveiros.*)

1º COVEIRO

Deve ser enterrada em sepultura cristã aquela que buscou voluntariamente a salvação?

2º COVEIRO

Digo-te que deve; portanto, abre logo essa cova. O pontífice informou-se de tudo e deliberou que o enterro fosse cristão.

1º COVEIRO

Como pode ser isso, a não ser que ela se afogasse em sua própria defesa?

2º COVEIRO

Ora, foi decidido assim.

1º COVEIRO

Deve ter sido *se offendendo*, nem pode ser de outro modo. Pois esse é o ponto: se eu me afogo voluntariamente, isso indica ato, e um ato tem três partes, a saber: agir, fazer e consumar. *Ergum*, ela afogou-se voluntariamente.

2º COVEIRO

Não; mas, escuta, mestre cavuqueiro…

1º COVEIRO

Com licença. Aqui está a água, bem; aqui está o homem, bem; se o homem vai para esta água e se afoga, queira ou não queira, é ele que vai. Presta atenção: mas se a água vem para ele e o afoga, não é ele que se afoga; *ergum*, ele não é o culpado de sua própria morte, ele não encurta a própria vida.

2º COVEIRO

Mas isso é lei?

1º COVEIRO

É, sim, senhor; lei de borla e capelo.

2º COVEIRO

Queres saber a verdade? Se ela não fosse nobre, seria enterrada fora do ritual cristão.

1º COVEIRO

Assim o disseste; e é uma lástima que os grandes deste mundo tenham o direito de afogar-se ou de enforcar-se, mais do que qualquer outro cristão. — Vamos, a minha há. Não há gentis homens mais antigos do que os jardineiros, os cavadores e os coveiros; eles conservam a profissão de Adão.

(*Começa a cavar.*)

2º COVEIRO

E ele era um gentil-homem?

1º COVEIRO

Ele foi o primeiro a portar armas.

2º COVEIRO

Ora, ele não tinha nenhuma.

1º COVEIRO

Como? És pagão? Como é que entendes as Escrituras? A Escritura diz "Adão cavou a terra"; como é que ele ia cavar sem armas? Vou fazer-te outra pergunta; se não me respondes certo, confessa que…

2º COVEIRO

Vamos a ela.

1º COVEIRO

Quem é que constrói mais solidamente do que o pedreiro, o construtor naval e o carpinteiro?

2º COVEIRO

O que constrói a forca, pois essa estrutura sobrevive a mais de mil inquilinos.

1º COVEIRO

Aprecio a tua esperteza, para fazer a verdade; a forca calha bem; mas calha bem como? Calha bem aos que fizeram mal. Agora, tu fazes mal em dizer que a forca é mais forte que a igreja; *ergum,* a forca poderá calhar-te bem. Outra vez, vejamos.

2º COVEIRO

Quem constrói mais forte que o pedreiro, o construtor naval e o carpinteiro?

1º COVEIRO

Isso mesmo; descalça essa bota.

2º COVEIRO

Claro; agora posso dizer.

1º COVEIRO

Então diz.

2º COVEIRO

Pela Santa Missa, não sei.

(*Entram, ao longe, Hamlet e Horácio*.)

1º COVEIRO

Deixa de quebrar a cabeça por causa disso, pois burro empacador não anda com pancada; e quando de outra vez te fizerem essa pergunta, responde: "Um coveiro". As casas que ele faz duram até o dia do Juízo Final. Vamos, vai até o Yaughan e traz-me uma caneca de vinho.

(*Sai o 2º Coveiro. O 1º Coveiro cava e canta*.)

1º COVEIRO

Quando em jovem eu amava, eu amava,
Achava a vida muito doce.
Encurtar os meus dias não buscava,
Ai, não queria que assim fosse.

HAMLET

Esse camarada não tem consciência de seu mister, cantando assim enquanto abre uma cova?

HORÁCIO

O hábito fez disso, para ele, uma coisa facílima.

HAMLET

É isso mesmo; a mão que é pouco usada tem o tato mais fino.

1º COVEIRO

(*Canta*.)
Mas a idade, em passos insensíveis,
Em suas garras me apanhou;
E me arrastou até a terra
Como eu agora nela estou.

(*Atira para o alto um crânio.*)

HAMLET

Essa caveira já teve uma língua, já pôde cantar, um dia. Olha como esse idiota a atira ao solo, qual se fosse a queixada de Caim, que cometeu o primeiro assassinato. Ela pode ter sido o crânio de um político, que esse asno supera agora, de alguém que desejasse enganar a Deus, não podia?

HORÁCIO

Bem pode ter sido, senhor.

HAMLET

Ou de um cortesão que dizia "Bom dia, caro senhor. Como passa o meu bom senhor?" Pode ter sido o senhor de Tal e Tal, que elogiava o cavalo do senhor Tal e Tal, quando pretendia pedi-lo, não *é* verdade?

HORÁCIO

Verdade, senhor.

HAMLET

É isso mesmo; e agora pertence aos vermes, descarnado e golpeado nos queixos pela pá de um coveiro; eis uma bela evolução, se tivéssemos o poder de vê-la. Custou tão pouco formar esses ossos, que agora só servem para se jogar malha? Os meus doem só de pensar nisso.

1º COVEIRO

(*Canta.*)
Com picareta e uma pá, uma pá,
Em torno uma branca mortalha:
Um punhado de cal cai na cova,
E um novo corpo se agasalha.

(*Atira outro crânio.*)

HAMLET

Aí está outra; por que não poderá ser a caveira de um jurista? Onde estão agora as suas cavilações, os seus processos, as suas sutilezas, os seus truques, as suas trapaças? Como é que ele agora suporta que esse maroto lhe pespegue pancadas com uma pá imunda, sem processá-lo por lesões corporais? Hum! Esse camarada pode ter sido, no seu tempo, grande comprador de terras, com seus títulos e contratos, com suas obrigações a solver, suas multas, suas duplas testemunhas, suas cobranças. Será este o cobro de suas cobranças, a paga de seus contratos, ficar com seu belo crânio cheio do mais fino pó? Será que seus avalistas não lhe avalizarão mais as promissórias, por mais garantidas que sejam, além do comprimento e da largura de um par de promissórias imbricadas? As próprias escrituras de suas terras não caberiam neste caixão, e o próprio herdeiro não necessita de mais terra do que aquela em que cabe, não é?

HORÁCIO

Nem um pingo mais, senhor.

HAMLET

O pergaminho não é feito de pele de carneiro?

HORÁCIO

É, senhor. E de vitela, também.

HAMLET

São carneiros ou vitelas os que procuram nisso as suas garantias. Vou falar a esse camarada. De quem é essa cova?

1º COVEIRO

Minha, senhor.
(*Canta.*)
Um punhado de cal cai na cova
E um novo corpo se agasalha.

HAMLET

Creio que é tua, realmente, pois estás dentro dela.

1º COVEIRO

Estais fora dela, senhor, portanto não é vossa. Da minha parte, não jazo nela, mas é minha.

HAMLET

Mentes ao dizeres que é tua porque estás nela; isto é para os

mortos, não para os vivos.

1º COVEIRO

Mentira viva, senhor, que vivamente passa de mim para vós.

HAMLET

Para que homem a estás cavando?

1º COVEIRO

Para homem nenhum, senhor.

HAMLET

Para que mulher, então?

1º COVEIRO

Para nenhuma, meu senhor.

HAMLET

Quem vai ser enterrado nela?

1º COVEIRO

Alguém que foi mulher, senhor; mas, paz à sua alma, agora está morta.

HAMLET

Como é preciso esse sujeito. Temos de falar muito claro, ou nos perderemos em seus equívocos. Por Deus, Horácio, nos últimos três anos tenho observado, os tempos são tão estranhos que a ponta do pé do camponês chega no calcanhar do cortesão e lhe roça as frieiras. — Há quanto tempo és coveiro?

1º COVEIRO

Entre todos os dias do ano, comecei este ofício no dia em que nosso último rei Hamlet venceu Fortimbrás.

HAMLET

E quanto tempo faz?

1º COVEIRO

Vós não o sabeis? Qualquer idiota é capaz de informá-lo. Foi no próprio dia em que o jovem Hamlet nasceu, esse que está louco e foi mandado para a Inglaterra.

HAMLET

Deveras? E por que foi ele mandado para a Inglaterra?

1º COVEIRO

Ora, porque estava louco: deverá recobrar o juízo por lá; se não se recuperar, isso não terá muita importância.

HAMLET

Por quê?

1º COVEIRO

Porque lá não será notado. Os homens lá são todos tão loucos como ele.

HAMLET

Como é que ele ficou louco?

1º COVEIRO

Dizem que de maneira muito estranha.

HAMLET

Estranha como?

1º COVEIRO

Por minha fé, foi perdendo o juízo.

HAMLET

E o que deu lugar a isso?

1º COVEIRO

Este lugar aqui mesmo, a Dinamarca. Tenho sido coveiro aqui, homem e rapazola, estes trinta anos.

HAMLET

Por quanto tempo jaz na terra um homem até apodrecer?

1º COVEIRO

Por minha fé, se ele ainda não estiver podre antes de morrer — pois hoje em dia vejo muito cadáver tão pesteado que mal resiste ser posto na cova —, isso deve durar uns oito ou nove anos. Um curtidor durará nove anos.

HAMLET

Por que mais que os outros?

1º COVEIRO

Ora, senhor; seu couro já vem tão curtido com o ofício que impede a água de entrar por longo tempo. E a água é a úlcera que destrói o corpo de qualquer cadáver filho da mãe. Aqui está uma caveira que jazeu na terra vinte e três anos.

HAMLET

De quem era?

1º COVEIRO

De um louco filho da mãe. De quem acha que ela foi?

HAMLET

Não, não sei.

1º COVEIRO

Uma praga para esse patife louco! Uma vez ele me despejou sobre a cabeça uma garrafa de vinho do Reno. Esta caveira aqui, senhor, era de Yorick, o bobo do Rei.

HAMLET

(*Tomando a caveira.*) Esta?

1º COVEIRO

Esta mesmo.

HAMLET

Ai, ai, pobre Yorick. Eu o conheci, Horácio, um tipo de infinita graça e da mais excelente fantasia. Carregou-me nas suas costas mais de mil vezes, e agora — agora como é horrível imaginar essas coisas! Aperta-me a garganta ao pensar nisso. Aqui ficavam os lábios que eu beijei nem sei quantas vezes. Onde estão agora os teus gracejos? As tuas cabriolas? As tuas canções? Teus lampejos de espírito que eram capazes de fazer gargalhar todos os convivas? Nenhum mais agora, para zombar dos teus próprios esgares? Caiu-te o queixo? Vai agora aos aposentos de minha dama e diz-lhe que, por mais grossas camadas de pintura ela ponha sobre a face, terá de chegar a isto. Vai fazê-la rir com essa ideia. Por favor, Horácio, diz-me uma coisa.

HORÁCIO

Que coisa, senhor?

HAMLET

Acreditas que o próprio Alexandre tenha esse aspecto, dentro da terra?

HORÁCIO

Esse mesmo.

HAMLET

A que baixa condição nós temos de volver, Horácio! Por que não poderá nossa imaginação rastrear as nobres cinzas de Alexandre até encontrá-las tapando uma pipa?

HORÁCIO

Seria uma consideração um tanto curiosa, essa.

HAMLET

Não, por minha fé; nem um pouco, é só segui-lo até esse ponto com bastante modéstia, e a probabilidade a guiar-nos. Alexandre morreu, Alexandre foi enterrado, Alexandre voltou ao pó, o pó é terra, da terra se faz a argila, e por que essa argila em que ele se converteu não poderia ser usada para selar um tonel?
César, imperador, morto e em barro mudado,
Poderia vedar um furo contra o vento.
Essa terra que pôs o mundo apavorado,
Vai tapar na parede um sopro friorento!
Mas calma, devagar. É o rei que chega.
E a rainha e os cortesãos.
(*Entram Padres, em procissão; o corpo de Ofélia, Laertes e os que a choram: o Rei, a Rainha e Séquito.*)

Quem enterram?

Por que os ritos mutilados? Vê-se
Que o corpo a sepultar, com mão violenta
Destruiu a própria vida. E era da corte.
Vamos dissimular-nos e observar.

(*Afasta-se para um canto, com Horácio.*)

LAERTES

Que cerimônia mais?

HAMLET

Esse é Laertes,
Um jovem muito nobre; reparemos.

LAERTES

E então, que cerimônia mais?

SACERDOTE

As exéquias tiveram a amplitude
Autorizada. A morte foi suspeita;
Se não houvesse imposto alto comando,
Ela teria que dormir num chão

Sem bênçãos o seu último descanso;
Em vez de preces, seixos e calhaus
Lhe seriam lançados sobre a tumba.
Nós lhe admitimos virginais grinaldas,
Castas flores deitadas sobre a campa,
O enterro conduzido ao som de sinos.

LAERTES

Nada mais será feito?

SACERDOTE

Nada mais.
Profanaríamos o ofício fúnebre
Cantando o réquiem e a encomendação,
Que só se usa pra quem vai em paz.

LAERTES

Deita-a pois por terra, e dessa carne
Bela e impoluta brotarão violetas!
E tu, grosseiro padre, ouve o que digo —
Minha irmã vai ser anjo de bondade
Enquanto tu uivares no teu túmulo.

HAMLET

A linda Ofélia?

RAINHA

Oh, doce entre as mais doces!
(*Espalhando flores.*)
Adeus! Eu tinha feito um sonho lindo
De que fosses as esposa do meu Hamlet;
Quisera ornar-te o leito nupcial
E não a campa.

LAERTES

Que as desgraças todas
Se multipliquem sobre esse maldito
Cujo delito horrendo lhe roubou
O juízo. Não a cubram já de terra;
Que espere a terra ainda alguns momentos

Até que uma vez mais lhe estenda os braços!
(*Salta dentro da cova.*)
Lançai agora sobre o vivo e a morta
A terra, até que cresça uma montanha
Mais alta do que o Polio, e que a celeste
Cabeça azul do Olimpo.

HAMLET

(*Avançando.*)
Quem é esse
Cuja mágoa é tão forte e tem tal ênfase,
Cujas palavras sobem às estrelas
E as enchem de estupor? Aqui estou eu,
Hamlet, o Dinamarquês.

(*Salta para dentro da cova.*)

LAERTES

Maldito sejas!

(*Lutam.*)

HAMLET

Tu não sabes rezar. Afasta os dedos
Do meu pescoço, peço-te, porque
Se não sou rancoroso e nem colérico,
Tenho contudo algo de perigoso
Que terá de temer. Tira essa mão!

REI

Afastai-os!

RAINHA

Hamlet! Hamlet!

Todos

Cavalheiros!

HORÁCIO

Meu bom senhor, acalme-se.

HAMLET

Eu lutarei com ele sobre o caso
Até que minhas pálpebras sucumbam.

RAINHA

Oh, meu filho, que caso?

HAMLET

Amei Ofélia;
Quarenta mil irmãos, por mais que amassem,
Não somariam mais que o meu amor.
Que queres tu fazer então por ela?

REI

Laertes, ele é louco.

RAINHA

Eu vos suplico,
E por amor de Deus, deixai-o agora.

HAMLET

Pelas chagas de Cristo, que pretendes?
Chorar? Lutar? Jejuar? Despedaçar-te?
Beber fel? Engolir um crocodilo?
Eu o farei. Vieste pra queixar-te?
Desafiar-me, saltando em sua cova?
Enterra-te com ela, e eu o farei.
Se falas de montanhas, que nos cubram
Jogando sobre nós milhões de acres,
Até que a nossa tumba, chamuscada
No topo por tocar as zonas tórridas,
Faça do Ossa um botão! Se o que pretendes
É atroar os ares, eu te sigo
E clamarei tão alto como tu.

RAINHA

Isto é a própria loucura; e num acesso
Vai operar sobre o seu nobre ser.
Depois, como uma pomba delicada,
Quando um par de filhotes rompe a casca

Dos ovos, a ostentar penugem de ouro,
Seu silêncio será sereno e doce.

HAMLET

Senhor, por que é que me tratas assim?
Eu sempre te estimei — mas não importa;
Deixe que Hércules cumpra o que porfia —
Miará o gato, e o cão terá seu dia.

(*Sai.*)

REI

Peço-vos, bom Horácio; olhai por ele.
(*Sai Horácio.*)
(*para Laertes*)
Pensa com paciência na conversa
Mantida ontem: vamos, sem demora,
Pô-la em execução. Cara Gertrudes,
Mandai que não lhe falte vigilância.
Vamos pôr nessa campa um monumento;
Breve teremos horas de quietude;
Seja calma, até lá, nossa atitude.

(*Saem.*)

Cena II — Uma sala do castelo.

(*Entram Hamlet e Horácio.*)

HAMLET

Sobre este caso, basta; agora o outro.
Lembras-te bem das várias circunstâncias?

HORÁCIO

Lembro-me bem, senhor.

HAMLET

Dentro do peito eu tinha algo lutando
Que me impedia de dormir. Sentia-me
Pior que entre grilhões. Irrefletido,
E a irreflexão nos seja abençoada,
Pois nossa insensatez nos vale às vezes,
Quando falham os planos bem-pensados.
A divindade nos acerta os fins,
Quando nós os lascamos.

HORÁCIO

Isso é certo.

HAMLET

Saí do beliche de roupão, nas trevas;
Fui procurá-los, tateando; achei-os,
Tomei-lhes o despacho e, finalmente,
Voltei ao meu beliche, na afoiteza,
Esquecendo o bom-tom, como os temores,
Rompi o selo do diploma e achei,
Horácio — oh real torpeza —, o texto exato,
Repleto de motivos e pretextos,
Visando o bem da Dinamarca e o deles,
Com tais calúnias sobre a minha vida —
Para que ao lê-lo, e sem maior demora,
Antes mesmo que afiassem o machado,
Cortassem-me a cabeça.

HORÁCIO

Isso é possível?

HAMLET

Aqui tens o despacho. Lê com calma.
Mas não queres ouvir como eu agi?

HORÁCIO

Senhor, lhe rogo.

HAMLET

Dentro dessa trama —
Nem mesmo havia um prólogo em meu cérebro,

E a peça começara — Eu me sentei
E escrevi outro texto, bem-escrito.
Julgava outrora, como muitos nobres,
Baixo ofício ostentar caligrafia,
E fiz por esquecer o que aprendera;
Mas ela me prestou grande serviço.
Queres saber o que escrevi?

HORÁCIO

Decerto.

HAMLET

Uma solene comissão do rei —
Como a Inglaterra é tributária fiel —
Para que o amor floresça entre os dois povos,
Para que a paz conserve essa coroa,
E seja um traço de união de amigos,
Por muitas outras coisas importantes —
Que lendo e conhecendo essa mensagem,
Sem nenhuma demora e sem temores,
Mandasse à morte os próprios portadores,
Sem mesmo receber os sacramentos.

HORÁCIO

Como a selou?

HAMLET

Com o favor dos céus,
Tinha o sinete de meu pai na bolsa,
Que foi molde do selo do país.
Dobrei o escrito pela forma do outro,
Assinei-o, selei-o e fui guardá-lo.
Ninguém notou a troca. No outro dia,
Deu-se o combate, e o mais tu já conheces.

HORÁCIO

Com isso Rosencrantz e Guildenstern
Já seguem para a morte.

HAMLET

Eles buscaram
Esse desfecho. A minha consciência

Não me pesa; a derrota que os aguarda
Cresce por culpa deles. É um perigo
Para os fracos postar-se entre a passagem
E as pontas venenosas do inimigo.

HORÁCIO

Oh, mas que rei, o nosso!

HAMLET

Pensa um pouco,
Não é forçoso para mim agora —
Diante daquele que matou meu pai,
Maculou minha mãe e se insinuou
Entre o meu fado e as minhas esperanças,
Quis cortar a minha própria vida,
Isso com tal ardil —, não é justiça
Que eu o faça pagar por minhas mãos?
Não é crime deixar que novos males
Sejam feitos por esse cancro humano?

HORÁCIO

Não tardarão notícias da Inglaterra,
Narrando a conclusão daquele caso.

HAMLET

Não tardarão; mas o entreato é meu.
A vida do homem dura um nada, apenas.
Mas causa-me tristeza, caro Horácio,
Que eu me tenha excedido com Laertes;
Vejo na sua dor a mesma imagem
Da minha causa; vou tentar movê-lo.
Porém a ostentação de sua mágoa
Levou-me ao desespero.

HORÁCIO

Olá, quem chega?

(*Entra Osric.*)

OSRIC

Vossa alteza é bem-vinda, em sua volta.

HAMLET

Humilde, eu lhe agradeço. Conheces esse inseto?

HORÁCIO

Não, meu senhor.

HAMLET

Estás em estado de graça, pois é um pecado conhecê-lo. Tem muitas terras, e férteis; um animal que é senhor de animais terá sua manjedoura à mesa do rei. É uma gralha, mas, como eu disse, poderoso na posse de imundícies.

OSRIC

Caro senhor, se vossa alteza estiver disposta a ouvir-me, eu lhe darei uma comunicação da parte de sua majestade.

HAMLET

Eu a receberei com toda a diligência de espírito. Ponha o gorro no lugar para que foi feito, a cabeça.

OSRIC

Eu agradeço a vossa alteza; está muito calor.

HAMLET

Não, creia-me, está muito frio; o vento vem do norte.

OSRIC

Está mais ou menos frio, realmente.

HAMLET

Não obstante, creio que está muito abafado e quente para a minha pele.

OSRIC

Excessivamente, meu senhor; está muito abafado — como se estivesse… não sei dizer como. Mas, meu senhor, sua majestade pediu-me para comunicar-lhe que ele fez uma grande aposta sobre a sua cabeça. Eis o assunto, senhor.

HAMLET

Peço de novo que se lembre.

(*Acenando para que Osric ponha o chapéu.*)

OSRIC

Não, na verdade; fico assim mais cômodo, na verdade. Senhor, acontece que Laertes chegou há pouco à corte; crede-me, senhor, um verdadeiro fidalgo, cheio de excelentes predicados, de agradável convívio e elegante aparência. Realmente, falando dele com o conhecimento de seus méritos, ele é um modelo de cortesia, pois nele se acham todas as virtudes que um cavalheiro pode ter.

HAMLET

Senhor, nada lhe falta no modo pelo qual o descreve; no entanto, eu sei, analisá-lo ou inventariá-lo seria muito difícil para a aritmética da memória, pois todo esse esforço não conseguiria acompanhar-lhe a rapidez da vela. Mas, com verdadeira exaltação, eu o tomo por uma alma de grande valor, e sua essência é de tal valor e raridade que, para descrevê-lo fielmente, só encontro o seu espelho. O que mais poderia acompanhar-lhe os passos? A sua sombra, e nada mais.

OSRIC

Vossa alteza o descreve de maneira infalível.

HAMLET

Que quer dizer tudo isso? Por que estamos envolvendo esse cavalheiro na nossa rude linguagem?

OSRIC

Como?

HORÁCIO

Não poderia entender a si mesmo em outro idioma? Tente, senhor, que o há de decifrar.

HAMLET

Que sentido tem a menção desse cavalheiro?

OSRIC

De Laertes?

HORÁCIO

(*à parte*, *a Hamlet*)
Sua bolsa já está vazia; já gastou todas as suas palavras de ouro.

HAMLET

Dele mesmo, meu senhor.

OSRIC

Sei que não sois ignorante…

HAMLET

Gostaria que o soubesse, senhor; conquanto, por minha fé, isso não me recomendasse muito. E então, senhor?

OSRIC

Não sois ignorante da excelência de Laertes…

HAMLET

Não ouso confessar tanto. Poderia parecer que quero comparar-me a ele em excelência, pois conhecer bem um homem é conhecer a si mesmo.

OSRIC

Quero dizer, alteza, no manejo das armas. Pela forma que lhe atribuem eles, nesse mérito ele não tem igual.

HAMLET

Qual é a sua arma?

OSRIC

Punhal e espada.

HAMLET

Essas são duas de suas armas. Mas, vá lá.

OSRIC

O rei, alteza, apostou com ele seis cavalos da Barbária, aos quais ele contrapôs, segundo ouvi, seis espadas francesas com seus acessórios, talma, correias e o mais. Três das carretas, na verdade, são muito prezadas pela fantasia, respondendo demais aos punhos das espadas, carretas delicadíssimas, de requintado acabamento.

HAMLET

O que é que chama de carretas?

HORÁCIO

(*à parte, a Hamlet*)
Eu previa que fossem necessárias notas explicatórias antes que isso acabasse.

OSRIC

As carretas, senhor, são as correias.

HAMLET

A frase ficaria mais de acordo com o assunto se pudéssemos levar canhões a tiracolo. Até lá, deixemos que permaneçam correias. Mas, vamos: seis cavalos da Barbária contra seis espadas francesas, seus acessórios e três carretas requintadamente acabadas, eis a aposta francesa contra a dinamarquesa. Por que se "contrapõe" isso, como diz o senhor?

OSRIC

O rei, senhor, apostou que, numa dúzia de assaltos entre vós e ele, ele não vos excederá em três toques: apostou doze contra nove. E a prova teria início imediatamente, se vossa alteza se dignasse responder.

HAMLET

E se eu responder que não?

OSRIC

Quero dizer, senhor, se concordardes em pôr à prova a vossa pessoa.

HAMLET

Senhor, vou caminhar aqui pelo salão; com a vênia de sua majestade, este é o momento do meu repouso. Que venham as lâminas; esteja disposto o cavalheiro, e se o rei mantiver o seu propósito, eu vencerei para ele, se puder. Se não puder, não ganharei mais que vergonha e o excesso dos toques.

OSRIC

Devo transmitir nesses termos a vossa reposta?

HAMLET

Desde que lhes guarde o sentido, senhor, poderá floreá-la de acordo com a sua natureza.

OSRIC

Eu me recomendo a vossa alteza.

HAMLET

Todo seu, todo seu.
(*Sai Osric.*)
Ele faz bem de recomendar a si mesmo, pois não acharia quem o quisesse fazer.

HORÁCIO

O pintinho vai correndo, com a casca do ovo na cabeça.

HAMLET

E fez mesuras à clara, antes de sugá-la. Assim tem ele — e outros tantos, da mesma ninhada, que a nossa frívola época tanto aprecia — apenas o tom da moda e, com as aparências do convívio, uma espécie de conjunto pastoso, que os leva até mesmo aos ambientes mais seletos e rarefeitos; mas se o sopramos um pouco, as bolhas se desfazem.

(*Entra um Nobre.*)

NOBRE

Meu senhor, sua majestade enviou-vos saudações pelo jovem Osric, que de volta informou que vós o esperais aqui no salão. Manda saber se continua a ser de vosso agrado bater-se com Laertes, ou se preferis ter mais tempo.

HAMLET

Sou constante em meus propósitos; eles coincidem com o prazer do rei. Se ele está preparado, eu estou pronto. Agora ou em qualquer outro momento, desde que esteja tão apto quanto agora.

NOBRE

O Rei e a Rainha, e todos estão descendo.

HAMLET

Em boa hora.

NOBRE

A Rainha deseja que sejais amável com Laertes, antes de começarem a jogar.

HAMLET

Ela aconselha bem.

(*Sai o Nobre.*)

HORÁCIO

Perderá a aposta, meu senhor.

HAMLET

Não creio. Desde que ele foi para a França, eu tenho treinado constantemente. Eu vencerei, com a vantagem que me oferecem. Mas não podes imaginar a angústia que sinto aqui no coração; mas não importa.

HORÁCIO

Mas, não, meu bom senhor.

HAMLET

Isso é tolice, mas é a espécie de pressentimento que talvez perturbasse uma mulher.

HORÁCIO

Se o seu espírito rejeita alguma coisa, obedeça-o. Eu impedirei que venham para cá, dizendo que não se sente disposto.

HAMLET

De modo algum. Nós desafiamos o augúrio. Há uma providência especial na queda de um pardal. Se tiver de ser agora, não está para vir; se estiver para vir, não será agora; e se não for agora, mesmo assim virá. O estar pronto é tudo. Se ninguém conhece nada daquilo que aqui deixa, que importa deixá-lo um pouco antes? Seja o que for!

(*Entram o Rei, a Rainha, Laertes, Nobres, Osric. Vários criados trazem as espadas, e uma mesa com taças sobre ela.*)

REI

Vem, Hamlet; esta mão eu te ofereço.

(*O Rei põe a mão de Laertes na de Hamlet.*)

HAMLET

Peço perdão, senhor, por meu agravo.
Perdoa-me, já que és um cavalheiro.

Esta assistência sabe,
E deves ter ouvido, certamente,
Como esta insânia me vem castigando.
Tudo o que fiz, ferindo com violência
Tua honra, teu amor de irmão e filho,
Eu te asseguro aqui, foi por loucura.
Hamlet ofendeu Laertes? Nunca Hamlet!
Se Hamlet estava fora de si mesmo,
E sem estar em si fere Laertes,
Então Hamlet não foi, Hamlet o nega.
Quem foi, então? Foi a loucura dele.
E se assim é, Hamlet foi agravado;
A loucura é também sua inimiga.
Senhor, diante de todos,
Deixa que eu negue intencional ofensa,
E que isso me absolvendo em teu espírito
Faça crer que eu lancei a minha seta
Sobre a casa e feri meu próprio irmão.

LAERTES

Dou-me por satisfeito, cavalheiros,
No que concerne o meu amor filial,
Que no caso é o que mais pede vingança.
Mas no que diz respeito à minha honra,
Não concordo, e querendo o nome ileso,
Não me reconcilio, até que obtenha
De mestres mais idosos, de honra altiva,
Uma sentença que nos seja exemplo
De paz que deixa a honra inviolada.
Até então, recebo essa amizade
Como amizade, e não lhe faltarei.

HAMLET

A ela eu me confio. E sem reservas
Lutarei neste encontro fraternal.
Que venham as espadas.

LAERTES

Dai-me a minha.

HAMLET

Laertes, eu serei o teu contraste;
Como uma estrela na sombria noite,
Tua destreza brilhará nos lances.

LAERTES

Mofa de mim, senhor.

HAMLET

Por minhas mãos que não.

REI

Dai-lhes as espadas, jovem Osric. Primo Hamlet,
Conheces a aposta?

HAMLET

Sim, senhor.
Destes vantagens para o lado fraco.

REI

Não tenho medo; eu vi jogar a ambos,
Mas como ele é melhor, dei-te vantagens.

LAERTES

Esta é muito pesada; dai-me outra.

HAMLET

Esta me agrada. São de igual medida?

(*Eles preparam-se para lutar.*)

OSRIC

São iguais, meu senhor.

(*Entram criados trazendo garrafas de vinho.*)

REI

Ponde os jarros de vinho sobre a mesa.
Se for de Hamlet o primeiro toque,
Ou o segundo, e ele der resposta ao outro,

Farei ecoar em torno a artilharia:
O rei está a beber ao teu triunfo,
E na taça será lançada pérola
De mais alto valor que as que adornaram
A coroa dos reis da Dinamarca.
Dai-me as taças; e ora o gongo anuncie
À trombeta, e esta diga ao artilheiro,
E digam os canhões ao céu e à terra:
"O rei brindou Hamlet." Começai.
E juízes, olhai de olhar atento.

HAMLET

Vamos, senhor.

LAERTES

Vamos lá, meu senhor.

(*Eles lutam.*)

HAMLET

Um toque.

LAERTES

Não.

HAMLET

Julgamento.

OSRIC

Um toque bem patente.

LAERTES

Bem, outra vez.

REI

Parai. Quero beber. Hamlet, a ti
Dou esta pérola. À tua saúde.
(*Soam as trombetas.*)
Dá-lhe a taça.

HAMLET

Quero primeiro o assalto. Ponde-a ali.

Um momento.
(*Lutam.*)
Outro toque. O que dizes?

LAERTES

Um toque. Eu o confesso.

REI

O nosso filho vencerá.

RAINHA

Ele sua. Engordou e está sem fôlego.
Hamlet, toma meu lenço. Enxuga a testa.
A rainha saúda a tua sorte.

HAMLET

Que bondade.

REI

Não, não bebas, Gertrudes; eu te peço.

RAINHA

Quero beber, senhor; peço perdão.

(*Ela bebe e oferece a taça para Hamlet.*)

REI

(*à parte*)
A taça envenenada! Agora é tarde.

HAMLET

Não ouso ainda beber — daqui a pouco.

RAINHA

Vem, Hamlet; deixa que eu te enxugue o rosto.

LAERTES

Hei de feri-lo agora.

REI

Não o creio.

LAERTES

(*à parte*) Mas quase contra a minha consciência.

HAMLET

Vamos, Laertes, ao terceiro. Eu creio
Que brincas. Ataca-me com violência.
Temo que me trates como criança.

LAERTES

É o que pensa? Vamos!

(*Eles tornam a lutar.*)

OSRIC

Nada de um ou outro.

LAERTES

Vou atacar!

(*Laertes fere Hamlet; e depois, na confusão, trocam de espadas.*)

REI

Separai-os. Enlouqueceram!

HAMLET

Não; de novo!

(*Ele fere Laertes. A Rainha cai.*)

OSRIC

A rainha! Socorrei-a!

HORÁCIO

Ambos sangram. Como está, meu senhor?

(*Laertes cai.*)

OSRIC

Como estás, Laertes?

LAERTES

Qual caçador
Que cai no laço que ele próprio armara,
Mata-me, com justiça, a própria insídia.

HAMLET

Como está a rainha?

REI

Desmaiada,
Ao ver o sangue deles.

RAINHA

Não! O vinho!
O vinho, o vinho, meu querido Hamlet!
Estou envenenada.

(*Morre.*)

HAMLET

Deus, que infâmia!
Fechai as portas! Há traição! Buscai-a!

LAERTES

Ela aqui está. Está perdido, Hamlet.
Nenhum remédio poderá curá-lo.
Não tem nem meia hora mais de vida;
O instrumento mortal 'stá nos seus dedos,
Violento e envenenado. A vil ação
Voltou-se contra mim. Aqui tombei
Para não mais me erguer. Sua mãe foi morta
Pelo veneno. Eu não posso mais.
O rei, o rei é o único culpado.

HAMLET

A ponta também está envenenada!
Então, veneno, faz o teu serviço!

(*Fere o Rei.*)

TODOS

Traição! Traição!

REI

Amigos, defendei-me!
'Stou apenas ferido.

HAMLET

Aqui, assassino
Incestuoso e danado, bebe agora
Esta poção. Nela está tua jura.
Vai, segue a minha mãe.

(*O Rei morre.*)

LAERTES

Fez-se justiça.
É um veneno por ele preparado.
Perdoem-nos os dois, meu nobre Hamlet:
A morte de meu pai e a minha própria
Não caiam sobre si; e nem a sua
Sobre mim.

(*Morre.*)

HAMLET

Que os céus te absolvam. Eu sigo
O teu caminho. Horácio, eu sinto a morte —
Adeus, pobre rainha! A vós, tão pálidos
E trêmulos diante desta desgraça,
Só testemunhas mudas deste ato,
Tivesse eu tempo — mas o duro braço
Da morte é tão severo — eu contaria…
Mas seja tudo como for. Horácio:
Eu já estou morto e tu 'stás vivo; conta

Toda a verdade sobre a minha causa
Aos que a ignoram.

HORÁCIO

Não creia que o faça.
Sou mais romano antigo que de hoje:
Ainda ficou alguma gota…

HAMLET

Se *és* um homem, entrega-me essa taça!
Larga-a! Peço-te! Hei de alcançá-la!
Oh, Deus, Horácio! Que manchado nome
Deixarei eu. Se um dia me estimaste,
Transfere um pouco essa felicidade,
E arrasta o teu alento pelo mundo
Pra contar a minha história.
(*Ouvem-se, fora, marchas e tiros*.)
Mas, que é isso?

OSRIC

É Fortimbrás, voltando vitorioso
Da luta na Polônia e homenageando
O embaixador inglês.

HAMLET

Eu morro, Horácio!
O violento veneno me domina
O espírito. Eu não vivo até que cheguem
Notícias da Inglaterra. Mas auguro
Que a eleição será de Fortimbrás.
Dou-lhe o meu voto, embora na agonia.
Diz-lhe o que se passou e as ocorrências
Que me envolveram. O resto é silêncio.

(*Morre*.)

HORÁCIO

Partiu-se agora um nobre coração.

Boa noite, doce príncipe. E que os anjos
Venham em coro lhe embalar o sono.
(*Soa marcha, fora.*)
Por que soam tambores nesta hora?

(*Entram Fortimbrás e Embaixadores ingleses, com tambores, bandeiras e Séquitos.*)

FORTIMBRÁS

Que cena é essa?

HORÁCIO

Que é que procurais?
Se é um quadro de desgraça, aqui o tendes.

FORTIMBRÁS

Os despojos revelam a carnagem,
E tu, morte arrogante, que festejos
Preparas no teu reino, que, de um golpe
Sanguinário, derrubas tantos príncipes?

EMBAIXADOR

Que quadro horrível! Chegam atrasadas
As notícias que temos da Inglaterra:
Já não nos ouve aquele a quem trouxemos
Notícias de que a ordem foi cumprida,
Que Rosencrantz e Guildenstern 'stão mortos.
De quem teremos agradecimentos?

HORÁCIO

Não dessa boca, inda que fosse viva.
Mas já que aqui chegais na hora sangrenta,
Vós da Polônia, e os outros da Inglaterra,
Ordenai que esses corpos sejam postos
Num patamar bem alto, ante este povo.
E deixai-me dizer a quem não sabe
Como as coisas correram: ouvireis
Atos carnais, sangrentos e incestuosos,

Mortes causadas por traições astutas,
E, afinal, intenções inconfessadas
Que caíram nas frontes que as tramaram.
Tudo isso eu contarei, pois é verdade.

FORTIMBRÁS

Vamos ouvir os fatos, sem demora,
E chamar a nobreza como audiência.
Quanto a mim, com tristeza aceito a sorte:
Tenho tradicional direito ao reino,
Que agora sou chamado a reclamar.

HORÁCIO

Tenho algo a dizer também sobre isso,
Repetindo a palavra deste nobre,
Que há de arrastar consigo muitas outras.
Mas seja feito agora o que eu vos disse,
Enquanto estão turbados os espíritos,
Antes que outras desgraças aconteçam,
E outros erros.

FORTIMBRÁS

Que quatro capitães
Conduzam Hamlet, como bom soldado,
Ao catafalco. Pois, ao que parece,
Se ele vivesse e ocupasse o trono,
Tornar-se-ia um grande soberano.
Por sua morte falem
Música militar, ritos guerreiros.
Levai os corpos. A uma guerra calha
Muito bem este campo de batalha;
Não aqui.
Ide. Que atirem os soldados.

(*Saem marchando e carregando os corpos, depois do que soa uma salva de canhão.*)

Otelo, o mouro de Veneza

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Segunda das "quatro grandes" tragédias, *Otelo* data de 1603 ou 1604 (a 1º de novembro é documentada apresentação na corte), e a seu respeito já foi dito que, mesmo não sendo a maior peça de Shakespeare, ela seria sem dúvida a melhor, do ponto de vista da construção dramática. Escorreita, a obra é totalmente centrada no único tema da confrontação entre a inabalável integridade do Mouro e a malévola mesquinharia de Iago. Em *Hamlet* temos os paralelos de Laertes e de Fortimbras; em *Macbeth* o destino da própria Escócia, em termos do que fazem Malcolm e McDuff, por exemplo, contrasta-se com o do usurpador; e em *Rei Lear* toda a trama em torno de Glaucester e seus filhos é um constante contraponto com a linha principal que trata do próprio rei. Mas em *Otelo* não existe um único episódio que não seja diretamente relacionado ao general mouro que luta em nome de Veneza.

A tragédia é, entre outras coisas, mais um exemplo da capacidade de Shakespeare para transformar tramas de obras alheias em textos absolutamente originais, de conteúdo e significado bem distintos dos da fonte. Shakespeare encontrou a trama de *Otelo* em uma *novella* do *Hecatomithi*, uma popular coletânea de contos de Giovanni Battista Giraldi, chamado Cinthio. Desse original apenas um nome é usado por Shakespeare, o de Desdêmona (Disdemona no original). Otelo era Christophoro Moro; Iago, apenas Alfieri (Alferes); Cassio, *o capo di squadra*; e assim por diante. Muito embora a trama seja seguida com considerável fidelidade, o texto italiano é apenas uma história de intriga barata e muita brutalidade, com o Alferes querendo vingar-se do Moro por ter sido rejeitado como amante por Disdemona.

Mesmo por motivos bem diversos dos do insidioso Iago, o vilão italiano também usa um lenço para confirmar as suspeitas do marido "enquanto ela brinca com seu filho" (e aqui a alteração shakespeariana é crucial). Juntos, o Mouro e o Alferes planejam um assassinato sórdido, programando fazer cair em cima da morta um pedaço do teto do quarto, para criar a ideia de acidente.

Muito se tem escrito a respeito da questão do tempo duplo em *Otelo*: no Ato I, Cassio não tem ideia de com quem se teria casado Otelo, e a ação, a partir da chegada a Chipre, quando se dá a entender que teria lugar a verdadeira noite de núpcias, termina dentro de 48 horas, o que torna absolutamente impossível toda a história do adultério de Desdêmona. Fica bastante claro que a ideia da passagem de um longo período de tempo, que tornasse plausível a acusação, vem da história de Cinthio, onde o casal chega mesmo a ter um filho; mas em Shakespeare o memorável é o tratamento que ele dá a Otelo, para quem, em sua perturbação, o tempo passa a ter um valor puramente emocional, permitindo-lhe acreditar na acusação de Iago, com a precipitação dos acontecimentos servindo para a intensificação da crise emocional.

Muito se tem escrito, igualmente, a respeito da forma como Otelo acredita em Iago, que seria de uma exagerada ingenuidade, mas toda a obra é farta em evidências de que todos acreditavam no "honesto Iago" e o prestigiavam, não apenas o Mouro; e, muito ao contrário de querer fazer de Otelo um tolo, creio que, em nenhuma outra das tragédias, Shakespeare tomou tanto cuidado para apresentar seu protagonista como nobre e respeitado. A desonestidade e a capacidade de intriga de Iago, logo na abertura da tragédia, assim como sua preocupação em retratar Otelo da forma mais desfavorável, são usadas exatamente para ressaltar a alta categoria deste a partir de sua primeira entrada; entre outras coisas, Otelo é o único general capaz de salvar Veneza…

Shakespeare, assim como seus contemporâneos, não tem maior conhecimento sobre a etnia dos mouros e descreve Otelo (do mesmo modo que o Mouro Aaron em *Titus Andronicus*) como negro. Por isso não têm sido poucos os trabalhos interpretativos que tentam situar a tragédia como uma abordagem do problema de preconceito de cor, ou como um puro e simples caso de ciúmes. Na verdade a visão shakespeariana é mais profunda e mais ampla: a cor da pele se apresenta, penso eu, como informação fácil de chegar ao espectador, como indício dos diferentes universos culturais a que pertencem Otelo e Desdêmona. O conflito desses valores é a espinha dorsal da tragédia.

O amor, como sempre em Shakespeare, entra pelos olhos, mas, para se estabelecer como uma relação sólida, ele precisa encontrar pontos de contato mais amplos, menos frágeis do que simplesmente, como diz Otelo:

Ela me amou porque passei perigos,
E eu a amei porque sentiu piedade.

Infelizmente, em *Otelo*, o amor idealizante assim nascido entre "um bárbaro errante" e "uma veneziana sofisticada" leva a um precipitado casamento, que é atacado por Iago antes de ter tempo de se solidificar através de um melhor conhecimento entre o maduro guerreiro e a ingênua e inexperiente quase adolescente.

Toda a tragédia, tal como Shakespeare a concebeu, só poderia acontecer exatamente nessas circunstâncias, isto é, afetando um relacionamento de romantismo tão exacerbado, e em função do próprio caráter do protagonista: do mesmo modo que o *Hamlet* que o precedeu, *Otelo* ainda reflete alguns aspectos de *Júlio César*, a quase tragédia que faz a ponte entre a grande fase das peças históricas e o esplendor do período trágico. Hamlet era um reflexivo, como Brutus, enquanto Otelo, também como Brutus, é de tal modo íntegro que não lhe ocorre que os outros não o sejam, por isso acaba por tomar por verdade a simples aparência da integridade; quando Iago acusa Desdêmona de infidelidade, não ocorreria sequer a um homem como Otelo a possibilidade de alguém efetivamente mentir a respeito de assunto tão sério — exatamente como jamais ocorreu a Brutus que os que conspiravam contra César não fossem tão puros e idealistas quanto ele mesmo era em relação às suas convicções republicanas.

Muito se tem escrito a respeito de uma suposta ausência de motivo para as ações de Iago — já que Shakespeare abandonou completamente a ideia de ele ser um amante rejeitado; mas não me parece justo afirmar que ele age sem motivo, só pelo prazer do mal pelo mal. Sem dúvida Iago tem um caráter negativo, malévolo; mas é possível que o aspecto mais doloroso da tragédia seja justamente o da destruição de um Otelo pela mesquinharia de um Iago, que se sente preterido e quer o posto de Cassio.

Otelo, o mouro que vive em Veneza, não pode lutar contra seus valores absolutos, mais característicos de culturas mais primitivas: ele age segundo suas convicções, sem investigar a procedência das acusações a Cassio e, a seguir, a Desdêmona. E, como os mais clássicos heróis trágicos, aprende pelo sofrimento; graças à influência de Sêneca sobre a dramaturgia elisabetana, Otelo tem um grande momento de serenidade antes da morte. Como

acontece em todas as grandes obras de Shakespeare, o que cada uma nos oferece torna irrelevante tentar saber se qualquer delas é a melhor ou maior.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

OTELO, um nobre Mouro a serviço do Estado Veneziano
BRABANTIO, senador de Veneza e pai de Desdêmona
CASSIO, tenente de Otelo
IAGO, Alferes de Otelo
RODRIGO, um cavalheiro veneziano
O DUQUE DE VENEZA
Outros Senadores
MONTANO, predecessor de Otelo no governo de Chipre
GRAZIANO, irmão de Brabantio
LUDOVICO, parente de Brabantio
CÔMICO, criado de Otelo
DESDÊMONA, filha de Brabantio e mulher de Otelo
EMÍLIA, mulher de Iago
BIANCA, uma cortesã
Marinheiro, Mensageiro, Arauto, Oficiais, Cavalheiros, Músicos e Criados

Ato I: Veneza
Atos II a V: Chipre

ATO I

Cena I — Veneza. Uma rua.

(*Entram Rodrigo e Iago.*)

RODRIGO

Não digas isso; e eu sinto-me ofendido
Que tu, Iago, que da minha bolsa
Controlas os cordões, soubesses disso.

IAGO

Mas, diabo, será que não me ouves?
Se algum dia sonhei com uma tal coisa,
Odeia-me.

RODRIGO

Tu me disseste que o odiavas.

IAGO

Despreza-me se não: três grandes nomes
Da cidade, pra ver-me seu tenente,
Suplicaram por mim; e tenho fé
Que sei meu preço e que mereço o posto
Mas ele, só pensando em seus caprichos,
Escapa-lhes, com pompa e muita argúcia,
Ornamentadas com termos guerreiros!
E, para concluir,
Renega aos que me apoiam: "Juro", diz,
"Que já selecionei meu oficial."
E quem é ele?
Um grande aritmético, sem dúvida,
Um tal Michele Cassio, florentino,
Amaldiçoado com uma bela esposa,
Que nunca pôs em campo um esquadrão,
Nem sabe como as tropas são dispostas
Melhor que uma mulher; exceto em livros,

Onde os togados cônsules teóricos
São mestres, como ele: são soldados
Que falam, mas não fazem. Pois foi ele
O eleito, enquanto eu, que já dei provas
Em Rodes, Chipre, e muitos outros campos,
Cristãos ou não, devo encolher as velas,
Ser guarda-livros desse matemático:
Pois ele, agora, é que será tenente,
E eu, por Deus, Alferes do ilustríssimo.

RODRIGO

Eu preferia ser o seu carrasco.

IAGO

Não há remédio; a praga da carreira
É a promoção por cartas e amizades,
E não, como antes, por antiguidade,
Com o segundo herdando do primeiro.
Julga, então, se eu tenho algum motivo
Pra amar o Mouro.

RODRIGO

Eu não o seguiria!

IAGO

Podes ficar tranquilo!
Eu só o sirvo pra servir-me dele!
Nem todos são senhores, nem são todos
Os senhores seguidos lealmente.
Há muito tolo, preso ao seu dever,
Que encantado com a própria subserviência
Cumpre o seu tempo como asno do amo,
Só por ração; e, velho, é enxotado.
Honesto assim, pra mim, vai pra chibata.
Outros mantêm o aspecto do dever,
Mas guardam para si seus corações;
E, servindo os seus amos na aparência,
Lucram com eles; e, enchida a bolsa,
Saem honrados. Esses, sim, têm alma —
E proclamo-me um deles… pois, senhor,

Tão certo quanto tu sejas Rodrigo,
Se eu fosse o Mouro, eu não seria Iago:
Seguindo a ele eu sigo-me a mim mesmo.
Deus sabe que o dever, como o amor,
Não são pra mim; finjo só pros meus fins.
Quando o que eu faço revelar aos outros
O aspecto e os atos do meu coração
No exterior, hão de me ver em breve
A carregar na mão o coração,
Pra dar aos pombos: não sou o que sou.

RODRIGO

Mas que sorte total tem o beiçudo,
Se ganha esta!

IAGO

Vai! Desperta o pai!
Provoca-o, envenena o seu prazer,
Acusa-o pelas ruas, chama os primos,
E, mesmo que ele viva em clima ameno,
Cobre-o de moscas; se estiver feliz,
Propicia mudanças vexatórias
Que empalideçam tudo.

RODRIGO

Essa é a casa de pai. Eu vou chamar.

IAGO

Chama com o grito assustador e agudo
Igual ao que, na noite, de um descuido,
Nasce o do fogo nas cidades grandes.

RODRIGO

Olá, Brabantio! Olá, senhor Brabantio!

IAGO

Pega ladrão! Brabantio! Acorda, acorda!
Olha a casa, olha a filha, olha os teus cofres!

(*Brabantio aparece ao alto, em uma janela.*)

BRABANTIO

Qual a razão de tal clamor terrível?
O que é que houve?

RODRIGO

Senhor, sua família está em casa?

IAGO

Trancou as portas?

BRABANTIO

Mas por que perguntam?

IAGO

Foi roubado, senhor; vista o casaco.
Seu coração partiu, sua alma foi-se;
Neste momento um bode velho e preto
Cobre a sua ovelhinha; venha logo.
Vá despertar com o sino os que dormiam,
Senão o demo vai fazê-lo avô.
Levante logo.

BRABANTIO

O quê? Estão insanos?

RODRIGO

Reverendo senhor, sabe quem fala?

BRABANTIO

Eu, não; quem é?

RODRIGO

O meu nome é Rodrigo.

BRABANTIO

E és malvindo.
Mandei que não rondasses minha porta;
Em linguagem bem clara eu já te disse
Que minha filha não é para ti;
E agora como louco, farto e bêbado,
Com bravura maldosa ousas vir
Perturbar meu repouso?

RODRIGO

Senhor, senhor…

BRABANTIO

Mas tu deves saber
Que em sangue e posição tenho poder
Pra fazer-te amargar.

RODRIGO

Senhor, paciência.

BRABANTIO

Por que falas de roubo? Isto é Veneza,
Não moro em granja…

RODRIGO

Vetusto Brabantio,
Com a alma pura e simples aqui venho…

IAGO

Pelas chagas de Cristo, senhor, parece ser dos que não servem a Deus nem que o diabo apareça. Porque aqui viemos para prestar-lhe um serviço, julga-nos rufiões; terá sua filha coberta por um garanhão da Barbaria; terá netos que relincham, terá corcéis por primos e ginetes por consanguíneos.

BRABANTIO

Que infeliz profano és tu?

IAGO

Alguém, senhor, que lhe vem dizer que sua filha e o Mouro estão agora formando a besta de duas costas.

BRABANTIO

És um vilão.

IAGO

E tu um senador.

BRABANTIO

Hás de responder por isso, Rodrigo.

RODRIGO

Respondo tudo, senhor; mas só pergunto
Se é seu prazer e sábia aquiescência
(Parece ser) que sua bela filha,
No lusco-fusco alerta desta noite,
Fosse levada, sem melhor escolta
Que um lacaio comum, um gondoleiro,
Ao chulo abraço de um lascivo Mouro.

Se já sabia disso e o permitira,
Fomos rudes e ousados com o senhor;
Mas, não sabendo, diz-me a etiqueta
Que é injusta a sua ira, pois não creia
Que, abandonando toda cortesia,
Eu viesse brincar com a sua honra.
Sua filha (sem sua permissão,
Repito) fugiu-lhe com baixeza,
Ligando herança, espírito e beleza
A um estranho errante e extravagante,
Sem rumo certo. Veja por si mesmo;
Se ela estiver no quarto, ou nessa casa,
À justiça do Estado eu presto contas
Por tal engano.

BRABANTIO

Acendam logo o fogo!
Deem-me uma tocha! Chamem minha gente!
Isso não deixa de lembrar meu sonho,
E por crer nele já me sinto opresso.
Luzes, eu disse!

IAGO

Adeus, devo deixar-te.
Não convém, nem é bom para o meu posto,
Ser apanhado como oposto ao Mouro,
Como seria aqui; pois sei que o Estado,
Embora o repreenda por seu ato,
Não tem como afastá-lo, em segurança,
Já que o embarcam, com o mais alto aplauso,
Para as guerras de Chipre que, inda agora,
Recrudescem; e nem por suas almas
Terão alguém de igual envergadura
Pra liderar sua causa. Sendo assim,
Embora eu o odeie como o inferno,
Devo enfeitar-me com os sinais do afeto,
Sinais, apenas. Pra encontrá-lo logo,
Conduz a busca ao Sagitário,

Onde estarei com ele. Agora, adeus.

(*Sai.*)

BRABANTIO

O mal é verdadeiro, ela se foi:
E o que virá do tempo que me resta
Não passa de amargura. Diz, Rodrigo,
Aonde a viste? (Filha desgraçada!)
Disseste o Mouro? (Para que ser pai?)
Como soube que é ela? (Me enganaste
Mais que nem sei!) Que disse ela? Tochas!
Chamem os meus; será que estão casados?

RODRIGO

Em verdade, eu o creio.

BRABANTIO

Oh, céus! Como saiu? Traição do sangue!
Que nunca mais um pai julgue saber
O que pensam os filhos por seus atos.
Não há encantos pelos quais se abuse
Da virgindade? Sabes tu, Rodrigo,
Se há coisas assim?

RODRIGO

Já li que sim, senhor.

BRABANTIO

Oh, meu irmão! Antes fosse ela tua!
Umas dão certo, outras não. Mas não sabes
Onde a encontraremos, com o Mouro?

RODRIGO

Creio que a encontrarei, se lhe aprouver
Chamar a guarda e vir junto comigo.

BRABANTIO

Por favor, guia-me. Não há morada
Onde eu não peça, e até comande, auxílio.

Às armas! Tragam quem 'stá de vigília!
Eu honrarei teus favores, Rodrigo.

(*Saem.*)

Cena II — O Sagitário.

(*Entram Otelo, Iago e criados, com tochas.*)

IAGO

Na guerra matei homens por ofício,
Mas tenho como base de consciência
Jamais matar com premeditação.
Falta-me o mal que tanta vez nos serve.
Pensei dez vezes em furar-lhe o peito.

OTELO

Melhor assim.

IAGO

Não; ele matraqueava
Usando tais baixezas ofensivas
Contra a sua honra,
Que a pouca santidade que me é dada
E que me fez aguentá-lo. Mas, ouça,
Está mesmo casado? Pois, por certo,
O magnífico é mais do que estimado
E tem a seu dispor voto tão forte
Quanto o do Duque; ele há de divorciá-lo,
Ou de impor-lhe as restrições ou penas
Que a lei (dado o poder que tem pra usá-las)
Lhe permitir.

OTELO

Que se queixe à vontade;

O muito que eu servi à *Signoria*
Há de falar mais alto; o que não sabem —
E quando gabolice trouxer honra,
Hei de dizê-lo — minha vida e sangue
Vêm de estirpe real. Meus muitos méritos
Com a cabeça erguida fazem frente
A essa grande fortuna que alcancei.
Pois saiba, Iago, que não fora o amor,
Que à suave Desdêmona eu dedico,
Minha vida sem teto e sem amarras
Eu não restringiria, nem que fosse
Por todo o mar. Mas que luzes vêm lá?

IAGO

É o pai, com os amigos que alertou.
É bom entrar.

OTELO

Eu, não; que eles me encontrem:
Meus feitos, títulos, minh'alma íntegra,
Hão de falar por mim; são eles, mesmo?

IAGO

Por Janus, parece que não.

(*Entram Cassio e oficiais, com tochas*.)

OTELO

São agentes do Duque e o meu Tenente.
Que a bondade da noite os cubra, amigos!
O que há de novo?

CASSIO

As saudações do Duque,
Que pede, General, a toda pressa,
Sua presença.

OTELO

Mas por que razão?

CASSIO

Segundo penso, é algo a ver com Chipre;
E assunto sério, pois os galeões
Já enviaram dúzias de mensagens
Só esta noite, uma atrás da outra.
Muitos dos conselheiros convocados
Já estão com o Duque e o chamam com aflição,
Pois, não sendo encontrado onde se hospeda,
O senado mandou três companhias
Pra buscá-lo.

OTELO

Foi sorte ver-me a sua;
Eu só direi uma palavra em casa
E o acompanho.

(*Sai*.)

CASSIO

O que faz ele aqui?

IAGO

Abordou esta noite uma carraca
Que se for presa fiel o faz pra sempre.

CASSIO

Não entendo.

IAGO

Casou-se.

CASSIO

Mas, com quem?

(*Entra Otelo*.)

IAGO

Ora, com… vamos, Capitão?

OTELO

'Stou pronto.

CASSIO

Já vem por lá mais gente a procurá-lo.

(*Entram Brabantio, Rodrigo e outros, com tochas e armas*.)

IAGO

General, é Brabantio; fique alerta.
Pois têm más intenções.

OTELO

Alto, quem vem!

RODRIGO

É o Mouro, senhor.

BRABANTIO

Pega o ladrão!

(*Ambas as partes tiram as espadas*.)

IAGO

Vem, avança, Rodrigo; tu és meu!

OTELO

Guardai as vossas lâminas brilhantes
Antes que o orvalho venha enferrujá-las.
Sua idade, senhor, comanda mais
Que as suas armas.

BRABANTIO

Ladrão, onde escondeste a minha filha?
Sendo danado, tu a encarceraste;
Pois eu pergunto a tudo o que é sensível
(Não sendo presa por grilhões de mágica)
Se uma jovem feliz, suave e bela
É tão infensa às bodas que fugiu
À corte dos mais ricos dentre os nossos,
Haveria jamais (pra ser chacota)
De fugir da tutela pro negrume

De um peito como o teu, que só traz susto?
Julgue o mundo se não fica bem claro
Que nela usaste sórdidas magias
E violaste a sua juventude
Com drogas que enfraquecem a vontade.
É o provável e exijo julgamento.
Portanto aqui o prendo e o acuso
Como faltoso ao mundo e praticante
De artes proibidas e ilegais;
Agora amarrem-no e, se resiste,
Que corra os riscos de ser dominado.

OTELO

Parem todos, de uma e outra partes:
Fosse meu caso a luta, e o saberia
Sem seus conselhos; pr'onde quer que eu vá
Ouvir a acusação?

BRABANTIO

Pra prisão, até quando
A lei, em seu tempo e seu processo,
Pedir-lhe contas.

OTELO

E, se o obedeço,
Como satisfazer, então, ao Duque,
Cujos arautos aqui me ladeiam
E, por questão de Estado, agora urgente,
Levam-me a ele?

OFICIAL

É verdade, senhor;
O Duque está em conselho, e estou bem certo
Fostes chamado.

BRABANTIO

O Duque está em conselho?
A esta hora da noite? Pois que o levem;
A minha causa é séria, e o próprio Duque,
Bem como os meus irmãos neste governo,
Sentirão esta ofensa como sua.

Pois, se um ato desses for coonestado,
Pagãos e escravos vão reger o Estado.

(*Saem.*)

Cena III — Veneza. Um salão no Senado.

(*Entram o Duque e os Senadores, em torno de uma mesa, com séquito e tochas.*)

DUQUE

Não vejo coerência nessas novas
Que lhes dê crédito.

SENADOR 1

Não se combinam:
Nesta carta, são mais de cem galeras…

DUQUE

Nesta, 140.

SENADOR 2

Aqui duzentas.
Mas mesmo sem que somem conta certa
(E em casos de relatos como esse
Sempre há enganos) tudo isto confirma
Que uma frota dos turcos vai pra Chipre.

DUQUE

Mais que o bastante pra nos convencermos.
Não vamos iludir-nos com esses erros,
Pois as linhas gerais eu reconheço
Como gravíssimas.

MARINHEIRO

(*fora*)
Olá! Olá!

OFICIAL

Mensagem das galeras.

(*Entra um marinheiro.*)

DUQUE

Quais as novas?

MARINHEIRO

As velas turcas rumam para Rodes.
Isso me ordena que informe o Duque
O Senhor Ângelo.

DUQUE

Que dizem da mudança?

SENADOR 1

É impossível;
Não faz sentido… é só manobra falsa,
Pra enganar-nos os olhos: se pensarmos
Na importância de Chipre para os turcos,
Bastando que tornemos a lembrar
O quanto mais que Rodes lhes importa,
E quão mais fácil lhes será tomá-la,
Por não contar com recursos guerreiros,
Destituída que está do equipamento
Que adorna Rodes. Se pensarmos bem,
Não devemos julgar que os turcos, tolos,
Deixem pra trás seu máximo interesse
E larguem o que é fácil, proveitoso,
Para apostar em um perigo inócuo.

DUQUE

Estou bem certo que não vão pra Rodes.

OFICIAL

Eis mais notícias.

(*Entra um Mensageiro*.)

MENSAGEIRO

Os Otomanos, reverendos amos,
Navegando direto para Rodes,
Lá fizeram junção com um'outra frota —

SENADOR 1

Como pensávamos; de quantas velas?

MENSAGEIRO

Umas trinta que, corrigido o rumo,
Voltam atrás e singram francamente
Com rumo a Chipre. E o Senhor Montano,
Seu servidor fiel e corajoso,
Por seu livre dever se recomenda
E roga-lhes que o creiam no que diz.

DUQUE

Então é mesmo Chipre.
Não está na cidade Marcus Lucius?

SENADOR 1

Está em Florença.

DUQUE

Escrevam-lhe que parta, a toda pressa.

SENADOR 1

Lá vem Brabantio, com o bravo Mouro.

(*Entram Brabantio, Otelo, Cassio, Iago, Rodrigo e Oficiais*.)

DUQUE

Bravo Otelo, é preciso usá-lo agora
Contra o inimigo turco de nós todos.

(*para Brabantio*)
Eu não o vi; bem-vindo, bom senhor;
Hoje eu preciso seu conselho e ajuda.

BRABANTIO

E eu do seu; com perdão de sua graça,
Nem meu posto, nem nada neste assunto
Despertou-me; e nem a causa pública
Possui-me agora, já que a minha dor
É inundação de natureza tal
Que engole e engloba qualquer outra mágoa,
Mas permanece a mesma.

DUQUE

O que é que houve?

BRABANTIO

A minha filha!

DUQUE

Morta?

BRABANTIO

Sim, pra mim.
Ela me foi roubada e corrompida
Por drogas, sortilégios de ciganos;
Pois errar de tal modo a natureza
(Sem ser deficiente, cega ou falha)
É impossível sem mágica.

DUQUE

Seja quem for que assim, com sordidez,
Desse modo enganou a sua filha
E ao senhor, as mais sangrentas leis
Há sua voz de ler, em cada letra,
E como a entender, inda que a ação
Colha o meu filho.

BRABANTIO

Humilde eu agradeço.
Eis o homem, o Mouro que, parece,
Um seu mandato especial, de Estado,
Trouxe pra cá.

TODOS

Mas é de lamentar.

DUQUE

(*para Otelo*)
O que pode dizer de sua parte?

BRABANTIO

Nada, senão que é verdade.

OTELO

Reverendos senhores, poderosos,
Meus amos comprovadamente nobres:
Que a filha deste velho está comigo
É verdade, como é que nos casamos.
O auge e a dimensão da minha ofensa
Não passam disso. Rude eu sou de fala;
Falta-me a benção das frases da paz,
Pois estes braços, desde os sete anos
Até há nove luas, só empenharam
Suas forças agindo em campo aberto;
E pouco deste mundo eu sei dizer
Que não pertença a lutas e batalhas.
E, assim, não farei bem à minha causa
Se falo eu mesmo; mas (se o permitirdes)
Eu farei o relato sem enfeites
Do curso deste amor; que drogas, ritos,
Que invocações e mágicas potentes
Teria usado (pois assim me acusam)
Pra ter-lhe a filha.

BRABANTIO

Moça recatada.
Tranquila e quieta a ponto de o mover-se
Fazê-la enrubescer; e apesar disso,
De idade, pátria, nome e tudo o mais,
Viria a amar o que temia ver?
É raciocínio falso e imperfeito
Julgar que a perfeição pode errar tanto
Contra as leis naturais, sendo mister

Buscar nas práticas do próprio inferno
Causas pra tanto; e por isso afirmo
Que com filtros mais fortes do que o sangue
Ou com poções criadas para isso,
Ele a envolveu.

DUQUE

Afirmar não é prova,
Sem evidência clara e mais concreta;
Só trapos gastos, só contrafações
De fatos simples, deu-nos contra ele.

SENADOR 1

Mas diga, Otelo,
Por meios sub-reptícios e forçados
Conquistou com veneno o amor da moça?
Ou veio ele de um pedido honesto
E de doces questões que alma com alma
Se permitem?

OTELO

Eu peço humildemente
Que alguém a vá buscar no Sagitário,
E que ela fale ao pai a meu respeito.
Se em seu relato eu parecer faltoso,
Que o posto e a confiança que me deram
Não só eu perca, mas que a sua sentença
Me leve a vida.

DUQUE

Vão buscar Desdêmona.

OTELO

Iago está a par; que seja o guia.
(*Saem Iago e dois ou três criados.*)
E até que venha, assim como confesso
Aos céus tudo que é vício do meu sangue,
Assim aos seus ouvidos narrarei
Como ganhei o amor da bela jovem,
E ela o meu.

DUQUE

Pois fale, Otelo.

OTELO

Seu pai me amava e, ao convidar-me,
Sempre indagava sobre a minha vida,
Ano por ano; os cercos e batalhas
Por que passei.
Eu revi tudo, desde a minha infância
Até o momento em que me fez falar.
Falei então de acasos desgraçados,
De atos terríveis em dilúvio e campo;
Como escapei da morte por um triz,
Como fui prisioneiro do inimigo,
Vendido como escravo e redimido;
E, junto a isso, o quanto viajei.
Falei de vastos antros, de desertos,
De rochas cujos topos vão aos céus.
Foi minha sina, pois tais são os fatos:
Também dos canibais, que se entrecomem,
E de antropófagos, cujas cabeças
Lhes crescem entre os ombros; a escutar-me
Desdêmona tendia seriamente:
Os trabalhos da casa a afastavam,
Mas, tão logo depressa os atendesse,
Ela voltava e com ouvido sôfrego
Devorava o narrado; eu, ao notá-lo,
Achei uma hora livre e consegui
Ouvir dela um pedido emocionado,
Pra que eu contasse todo o meu caminho,
Do qual só lhe coubera ouvir pedaços,
Sem atenção. Com isso eu concordei
E muitas vezes arranquei-lhe lágrimas
Ao relatar passagem mais terrível
Vivida quando jovem. Terminando,
Ela pagou-me as penas com suspiros;

Jurou-me que era estranho, muito estranho;
Que era de dar pena, imensa pena;
Não o quisera ouvir, mas desejava
Que dela o céu fizesse um homem tal.
Agradeceu-me e pediu-me que, no caso
De eu ter algum amigo que a amasse,
Eu devia ensinar-lhe a minha história,
Pra cortejá-la. E eu, então, falei:
Ela me amou porque passei perigos,
E eu a amei porque sentiu piedade.
Foi essa toda a mágica que usei:
Lá vem a dama, que ela o testemunhe.
(*Entram Desdêmona, Iago e Criados.*)

DUQUE

Eu creio que um relato como esse
Ganharia também a minha filha…
Bom Brabantio…
Faça o melhor que pode do malfeito;
Armas partidas sempre servem mais
Que mãos vazias.

BRABANTIO

Ouça o que ela diz;
Se confessar que fez parte da corte,
Que a maldição me atinja, se eu a ele
Com a minha. Doçura, venha cá:
De todos que aqui estão, a quem diria
Dever mais obediência?

DESDÊMONA

Meu bom pai,
Eu vejo aqui um dever dividido:
Devo ao senhor educação e vida,
E vida e educação me ensinaram
A respeitar quem tudo me merece.
Até aqui fui filha, mas, casada,
Tanto respeito quanto a minha mãe
Lhe teve, preterindo assim seu pai,

Ouso afirmar que devo dedicar
Ao Mouro, meu marido.

BRABANTIO

Deus o quis;
Pra mim acabou tudo e, Senhor Duque,
Vamos passar ao que interessa, o Estado.
É melhor adotar que gerar filhos.
Venha cá, Mouro:
Aqui lhe dou, de coração, aquilo
Que se não fosse seu, de coração,
Jamais daria. Só por você, joia,
Alegro-me por não ter outra filha,
Pois sua fuga havia de ensinar-me
A ser cruel tirano. Já acabei.

DUQUE

Que eu fale em seu lugar, dando sentença
Que aos amantes ajude no caminho
De seu favor.
Quando não há remédio vai-se a dor,
Pois, se encara o pior sem esperança,
Pois lamentar o mal que já passou
É quase que pedir um novo mal.
Do que a fortuna impede de evitar
A paciência ri, se alguém chorar.
O roubado que ri rouba o ladrão,
Rouba a si mesmo o que lamenta em vão.

BRABANTIO

Então pr'os turcos Chipre pode ir;
Não a perdemos, pois basta sorrir.
Aguenta bem a pena quem aguenta
Só palavras de apoio que acalenta;
Mas quem aguenta da sentença a dor
Com paciência paga o seu valor.
Sentenças de sabores contrastados
Confundem, sendo fortes pr'os dois lados.

DUQUE

O turco, fortemente preparado, ruma para Chipre; Otelo, as condições de força dessa praça lhes são mais conhecidas do que a ninguém, e, embora tenhamos lá um substituto de reconhecida eficiência, mesmo assim a opinião geral, a grande soberana da eficácia, lhe dá seu voto de maior segurança: terá portanto de empanar o brilho de sua recente fortuna, com esta expedição mais rude e retumbante.

OTELO

Senadores, o hábito tirano
Fez do leito metálico da guerra
O meu colchão de plumas: reconheço
Encontrar alegria natural
Em tal rudeza e 'stou pronto a engajar-me
Na guerra de hoje contra os Otomanos.
Humildemente, então, peço ao Estado
Pra minha esposa providências justas,
Segundo o seu lugar, e tratamento
Que acorde com o seu berço.

DUQUE

Se o quiser,
Que seja com o pai dela.

BRABANTIO

Isso eu não quero.

OTELO

Nem eu.

DESDÊMONA

Nem eu também lá ficaria
Para trazer incômodo a meu pai,
Por ter-me ante os seus olhos. Senhor Duque,
Prestai vosso alto ouvido à minha história,
Para que eu possa, com a vossa voz,
Fortalecer minha simplicidade.

DUQUE

Diga o que desejar.

DESDÊMONA

Que amava o Mouro pra viver com ele
A minha violência e desafio
Gritam ao mundo. Assim, meu coração
Aceita a profissão de meu senhor:
Vi o rosto de Otelo em sua mente,
E à sua honra e à sua valentia
Eu consagrei minh'alma e o meu destino.
Assim, senhores, se eu ficar aqui,
Mariposa da paz, com ele na guerra,
Eu arcarei com dor o longo tempo
De sua ausência. Deixai-me ir com ele.

OTELO

Senhores, vossos votos; e eu vos rogo
Atender-lhe o pedido. Não o peço
Para atender desejos de apetite,
Nem pra servir fervores ditos jovens,
Que em mim já são passados, ou pro gozo
De uma satisfação própria e correta
Mas, sim, pra 'star tranquilo quanto a ela;
E peço aos céus que nunca vos ocorra
Julgar que eu poderia ser relapso
Por tê-la ao lado. Não; quando brinquedos
Ou asas de cupido, com luxúria,
Tolherem-me a razão e atividade,
E o meu prazer manchar o meu trabalho,
Que o meu escudo vire frigideira,
E que as mais sórdidas adversidades
Venham manchar minha reputação!

DUQUE

Tudo será como determinarem;
Fique ela ou vá, o assunto é de urgência
E a pressa impera; parta inda esta noite.

DESDÊMONA

Esta noite?

DUQUE

Esta noite.

OTELO

E de bom grado.

DUQUE

Pelas dez da manhã nos reunimos.
Otelo, deixe aqui um oficial
Que há de levar-lhes nossas instruções,
Mais tudo que de honra e etiqueta
Lhe for devido.

OTELO

Senhor, o meu Alferes
É um homem honesto, confiável,
E peço que ele escolte a minha esposa,
Levando o que pareça necessário
Me seja entregue.

DUQUE

Seja tudo assim.
Boa noite a todos; meu nobre senhor,
Se a virtude bonita é em seu desvelo,
Seu genro é menos negro do que belo.

SENADOR 1

Bom Mouro, adeus; cuide bem de Desdêmona.

BRABANTIO

Se tem olhos pra ver, cuide-a, sim;
Pode enganá-lo, se enganou a mim.

(*Saem Duque, Senadores, Oficiais etc.*)

OTELO

Aposto a vida em sua honra. Iago,
A ti devo entregar minha Desdêmona.
Peço que tua mulher a ajude em tudo,
E a traga-me depois, com toda a pompa.
Vamos, Desdêmona; uma hora apenas
De amor e providências mais mundanas,

Obedecendo ao tempo é o que nos resta.

(*Saem Otelo e Desdêmona.*)

RODRIGO

Iago!

IAGO

O que queres, meu coração?

RODRIGO

O que acha que eu devo fazer?

IAGO

Ora; ir para a cama, dormir.

RODRIGO

Vou afogar-me imediatamente.

IAGO

Se o fizeres, não contes nunca mais com o meu amor.
E por que, meu tolo cavalheiro?

RODRIGO

Viver é uma bobagem, se é tormento; e a receita que temos é morrer, se a morte é nosso médico.

IAGO

Mas que vergonha! Já olhei o mundo quatro vezes sete anos e sei distinguir o benefício da injúria. Nunca encontrei um homem que soubesse amar a si mesmo: antes de dizer que iria afogar-me por causa de uma frangota, trocaria minha condição de homem pela de um macaco.

RODRIGO

O que devo fazer? Confesso ser vergonha amar tanto, mas não tenho em mim virtude para evitá-lo.

IAGO

Virtude? Ora, pílulas! É em nós mesmos que somos assim ou assim: nossos corpos são jardins, dos quais nossas vontades são os jardineiros, de modo que podemos plantar urtigas, ou semear alfaces, criarmos hissopo ou arrancarmos ou colhermos tomilho;

cultivá-lo com um gênero de ervas ou dispersá-lo com muitas; tê-lo estéril pelo ócio ou estrumado pela indústria — ora, o poder, como a autoridade corretora dele reside em nossa vontade. Se a balança de nossas vidas não tivesse uma medida de razão para contrabalançar a outra metade de sensualidade, o sangue e a baixeza de nossas naturezas nos conduziriam a conclusões desatinadas. Porém nós temos razão para esfriar nossas emoções mais desabridas, nossas ferroadas carnais, nossa luxúria descontrolada; o que me leva a tomar isso que tu chamas de amor por ramo ou enxerto.

RODRIGO

Não pode ser.

IAGO

É só uma luxúria do sangue, e uma concessão da vontade. Vamos, sejas homem; afogar-te? Afogamos gatinhos e cãezinhos cegos: eu me digo teu amigo, confesso-me ligado aos teus interesses com fios de força duradoura; e eu jamais poderia ajudar-te tanto quanto agora. Põe dinheiro em tua bolsa; vai com estas guerras, altera o teu aspecto com uma barba emprestada; eu te digo, põe dinheiro em tua bolsa. Não é possível que Desdêmona continue a amar o Mouro por muito tempo… põe dinheiro em tua bolsa… e nem ele a ela; foi um começo violento, e verás um final equivalente, mas põe dinheiro em tua bolsa… Esses mouros são inconstantes em seus desejos… enche a tua bolsa de dinheiro. A comida que para ele agora é tão deliciosa quanto a caroba daqui a pouco lhe parecerá amarga como jiló. Ela terá de trocá-lo pela juventude. Quando ela estiver saciada do corpo dele, descobrirá o erro de sua escolha. Ela vai precisar de uma mudança; vai ser preciso. Portanto, põe dinheiro em tua bolsa. Se quiseres danar-te, procura meio mais delicado que o afogamento; arranja todo o dinheiro que puderes. Se uma cerimônia e um juramento fraco entre um bárbaro errante e uma veneziana super-requintada não forem demais para a minha esperteza unida a todas as tribos do inferno, hás de gozá-la; portanto, arranja dinheiro… Dane-se o

afogamento; é fora de propósito: melhor pensar em enforcar-te ao ganhar tua alegria do que em te afogares e passar sem ela.

RODRIGO

Ficará firme com minhas esperanças?

IAGO

Tem confiança em mim… anda, vai arranjar dinheiro… Já te disse muitas vezes, e te repito e repito, eu odeio o Mouro. Minha causa é forte; tuas razões não são menores; ajamos juntos em nossa vingança contra ele: se lhe pões chifres, para ti será um prazer, para mim, divertimento. Há muito para acontecer no ventre do tempo, que será parido. Anda, vai, arranja dinheiro, amanhã falamos mais. Adeus.

RODRIGO

Onde nos encontramos de manhã?

IAGO

Onde estou alojado.

RODRIGO

Irei logo cedo.

IAGO

Anda, vai; até… compreendes, Rodrigo?

RODRIGO

O que foi?

IAGO

Nada mais de afogamentos; viste?

RODRIGO

Mudei de ideia.

IAGO

Anda, vai; adeus! Põe dinheiro em tua bolsa.
(*sai Rodrigo*)
Faço assim de meu bobo minha bolsa.
Seria profanar o que aprendi
Gastar meu tempo com um palerma desses,
Senão pra lucro meu; odeio o Mouro,
E dizem por aí que em meus lençóis
Ele fez meu papel; não sei se é certo…
Mas, para mim, só suspeitar é o mesmo

Que certeza, no caso. Ele me estima,
O que me facilita abusar dele.
Cassio é direito. Eu preciso pensar…
Pra ter-lhe o posto e cumprir meu desígnio,
Baixeza dupla… Como? Deixe eu ver.
Depois de um tempo, sussurrar a Otelo
Que Cassio é muito livre com sua esposa:
Ele é suave de aspecto e de maneiras,
Tem jeito de fazer mulher trair.
O Mouro é de nascença franco e aberto,
Julgando honesto quem o aparenta,
Tão fácil de levar pelo nariz
Quanto um asno.
'Stá planejado. O inferno e a escuridão
Pro nosso mundo o monstro parirão.

(*Sai.*)

ATO II

Cena I — Um porto em Chipre.

(*Entra Montano, com dois Cavalheiros.*)

MONTANO
Do cabo, o que se pode ver no mar?
CAVALHEIRO 1
Nada; a maré está alta e revolta;
E eu não consigo, entre o céu e as ondas,
Ver qualquer vela.
MONTANO
Parece-me que o vento grita, em terra,

E sacode as muralhas como nunca;
Se maltratou assim também o mar,
Que viga de carvalho, ante tais ondas,
Fica no encaixe?… Que novas teremos?

CAVALHEIRO 2

A desagregação da frota turca;
Pois basta olhar da praia espumejante
Pra ver as cristas atacando o céu.
O vasto mar batido pelo vento
Jorra água na Ursa flamejante,
Qual querendo apagar o polo fixo;
Eu jamais vi igual perturbação
No mar revolto.

MONTANO

Se a esquadra turca
Não tiver arribado, naufragou;
É impossível que enfrente isto.

(*Entra o Cavalheiro 3.*)

CAVALHEIRO 3

Novas, senhores; terminou a guerra.
A tempestade bateu tanto nos turcos
Que interrompeu seus planos; outra nau
Veneziana viu os graves danos
Em quase toda a frota.

MONTANO

Isso é verdade?

CAVALHEIRO 3

A nau já 'stá no porto;
E uma nau leve, e Michele Cassio,
Tenente do guerreiro mouro Otelo,
Desembarcou: o Mouro está no mar,
E com plenos poderes vem pra Chipre.

MONTANO

Alegro-me. É um governador de mérito.

CAVALHEIRO 3

Mas o tal Cassio, apesar do conforto
Das perdas turcas, tem aspecto triste,
Reza pro Mouro estar em segurança,
Pois separaram-se na violência
Da horrenda tempestade.

MONTANO

Queira Deus,
Pois já servi com ele, que comanda
Como bom militar. Vamos à praia!
Tanto pra ver a nave que chegou
Quanto pra procurar o bravo Otelo
Até fazermos onda e céu azul
Não mais se distinguirem.

CAVALHEIRO 3

Vamos lá,
Pois a cada minuto há expectativa
De mais chegada.

(*Entra Cassio.*)

CASSIO

Graças aos bravos desta grande ilha
Por honrarem o Mouro; e que os céus
Lhe deem defesa contra os elementos,
Pois o perdi num mar tumultuado.

MONTANO

Tem boa nau?

CASSIO

E de vergas bem fortes, e o piloto
É especialista mais que comprovado.
Minha esperança, pois, sem ser extrema,

Tem boa base.

(*Fora*)
"Uma vela! uma vela! uma vela!"

(*Entra um Mensageiro*.)

CASSIO
Que barulho é esse?
MENSAGEIRO
'Stá vazia a cidade. À beira-mar
Juntou-se o povo, e gritam "Uma vela!".
CASSIO
Que espero seja a do governador.

(*Uma salva*.)

CAVALHEIRO 2
Foi disparada a salva em cortesia;
É amigo.
CASSIO
Senhor, peço que vá
Saber ao certo quem está chegando.
CAVALHEIRO 2
Já vou.

(*Sai*.)

MONTANO
Mas, bom Tenente, o general casou-se?
CASSIO
Com grande sorte, conquistou donzela

Que supera retratos e elogios,
Que fica além da pena que mais louva,
E simplesmente como foi criada
É marco de excelência.
(*Volta o Cavalheiro 2.*)
Quem chegou?

CAVALHEIRO 2

O Alferes do general, um tal Iago.

CASSIO

Teve bons ventos para a travessia:
Até o mar, a tempestade e os ventos,
Rochas profundas, e bancos de areia,
Armadilhas pra quilhas inocentes,
Sensíveis à beleza, repudiam
Sua natureza e deixam passar livre
Desdêmona divina.

MONTANO

Quem é ela?

CASSIO

A capitã de nosso capitão.
Foi escoltada pelo bravo Iago,
Cuja arribada adiantou-se até
Ao pensamento. Zeus, protege Otelo
E enfuna as suas velas com teu sopro,
Pra sua nau abençoar a praia
E ele correr pros braços de Desdêmona,
Reacender nosso espírito abafado
E trazer conforto a Chipre…
(*Entram Desdêmona, Iago, Emília e Rodrigo.*)
Mas vejam —
A riqueza da nau está em terra!
Homens de Chipre, agora, de joelhos!
Salve, Senhora! E que a graça divina
Na frente, atrás, por todo lado enfim,
Sempre a envolva!

DESDÊMONA

Obrigada, bom Cassio.
Que novas pode dar-me de meu amo?

CASSIO

Que esteja em terra eu não tenho notícia;
Só que está bem, e que vai chegar breve.

DESDÊMONA

Mas temo… Como foi que se perderam?

(*Fora*)
"Uma vela! Uma vela!"

CASSIO

A grande luta entre o mar e o céu
Nos separou. Mas, ouçam! Uma vela!

CAVALHEIRO 2

'Stão dando salvas para a cidadela;
É amigo, também.

CASSIO

Eu digo o mesmo.
Bem-vindo, Alferes,
(*para Emília*)
Bem-vinda, senhora.
Não se deixe irritar, meu bom Iago,
Por meu gesto excessivo. São meus modos
Que me fazem ousar na cortesia.

(*Beija Emília.*)

IAGO

Senhor, se ela lhe desse em lábios
Tudo o que me dá em língua,
Acharia bastante.

CASSIO

Ela nem fala!

IAGO

Fala até demais
Pro meu gosto. Quando quero dormir,
Ela reflete, com a mão no coração,
E só pensando castiga.

EMÍLIA

Você não tem motivos pra dizê-lo.

IAGO

Eu sei. Na rua são como retratos;
Na sala, sinos; na cozinha, feras.
Santas se ofendidas, demos na ofensa.
Na casa brincam, o ofício é na cama.

DESDÊMONA

Mas que vergonha, caluniador!

IAGO

Pois eu sou turco, se não for verdade.
De pé, só brincam; trabalham deitadas.

EMÍLIA

Só não quero que seja quem me faça
O elogio.

IAGO

E nem eu fazê-lo.

DESDÊMONA

Que diria de mim, para louvar-me?

IAGO

Senhora, não me peça que o faça,
Pois sempre fui um crítico ferrenho.

DESDÊMONA

Vamos, tente. Alguém já foi ao porto?

IAGO

Foi, senhora.

DESDÊMONA

Não 'stou alegre, mas vou disfarçando
O que estou, dando aspecto de outra coisa.
Vamos ver! Como, então, me louvaria?

IAGO

'Stou pensando, porém minha invenção

Foi grudada, parece, na cabeça,
Secando o cérebro. Mas minha Musa
Trabalhou muito, e agora já parteja:
Se a bela é clara e sensata também.
Uma é pra uso, a outra pr'usar bem.

DESDÊMONA

Muito bem! E se for escura e viva?

IAGO

Se viva, mesmo sendo imitação,
Um branco há de escolher-lhe a escuridão.

DESDÊMONA

'Stá piorando.

EMÍLIA

E se for linda e tola?

IAGO

Ser tola a moça linda eu nunca vi:
A bela faz tolinhos para si.

DESDÊMONA

Esses são paradoxos velhos e bobos, que fazem os tolos rirem nas tascas. Que elogio mísero não tem você, então, para a que é tola e feia?

IAGO

Nunca houve ninguém tão tola e feia
Que, como a bela, não armasse teia.

DESDÊMONA

Mas quanta ignorância! Faz o melhor elogio para a pior. E que elogio faria você a uma mulher realmente merecedora? Aquela cuja autoridade, por seu mérito, exigisse o bem até da própria maledicência?

IAGO

Aquela que foi bela sem orgulho;
Teve ouro porém não se excedendo;
Ao desejo fugiu, mesmo podendo;
À que irada, e com vingança ao lado
Deixou fugir o desprazer tomado;
A que o saber não fez, enfraquecida,

Tomar gato por lebre nesta vida;
A que pensou sem nunca contar nada,
E aos que a seguiam nunca deu olhada;
Essa, sim, se existiu foi criatura

DESDÊMONA

Para fazer o quê?

IAGO

Dar de mamar e falar de costura.

DESDÊMONA

Mas que final capenga e impotente! Não aprenda com ele, Emília, embora seja seu marido. O que diz, Cassio; ele não é um conselheiro profano e abusado?

CASSIO

E grosseiro, senhora, em seu falar; há de apreciá-lo mais como soldado do que como intelectual.

IAGO

(*à parte*)
Ele a toma pela mão. Isso, muito bem, segrede. Com uma teiazinha dessas eu apanho uma mosca do tamanho de Cassio. Isso, sorria um pouco mais para ela. Vou enredá-lo em sua própria corte. Disse a verdade? É isso mesmo. Se truques como esses o privarem de sua tenentice, teria sido melhor que não beijasse seus próprios dedos tantas vezes, como irá fazer já de novo, para ser cavalheiro. Muito bem; beijou bem, vai bem a cortesia! De novo os dedos nos lábios? Para você, seria melhor que fossem clisteres! (*clarinada*)
O Mouro! Conheço o toque!

CASSIO

É verdade.

DESDÊMONA

Pois vamos recebê-lo.

CASSIO

Lá vem ele!

(*Entra Otelo, com séquito.*)

OTELO

Minha bela guerreira!

DESDÊMONA

Otelo amado!

OTELO

E com tanta alegria quanto assombro
Que eu te vejo, alegria da minh'alma!
Se toda tempestade traz tal calma,
Que os ventos soprem acordando a morte,
E que os cascos escalem montes de água
Até o Olimpo, pra afundar tão longe
Quanto o inferno do céu. Morrer agora
Seria o auge da felicidade,
Pois temo que minh'alma ora alcance
Nível tão alto de contentamento
Que outro momento tão confortador
Não apareça no porvir.

DESDÊMONA

Que os céus
Permitam que eles e o amor só cresçam
Até nossa velhice.

OTELO

Amém aos deuses!
Não consigo falar de tanto bem.
Ele sufoca; é alegria demais.
(*beijam-se*)
E seja este o auge da discórdia
De nossos corações.

IAGO

(*à parte*)
'Stá afinado!
Mas eu solto a cravelha dessa música!
Juro que solto.

OTELO

Vamos pro castelo.
Os turcos se afogaram; foi-se a guerra.
Como estão meus amigos na cidade?
Você será benquista em Chipre, amada;
Sempre encontrei amor aqui. Doçura,
Falo demais e fico degustando
Meu bem-estar. Por favor, bom Iago,
Desembarque no cais os meus baús;
Conduza o Mestre até a cidadela —
Ele é dos bons, e sua competência
Pede respeito. Vem, então, Desdêmona;
Repito que é feliz o encontro em Chipre!

(*Saem todos menos Iago e Rodrigo.*)

IAGO

(*A soldados que saem.*)
Me encontrem logo, logo, no porto.
(*A Rodrigo*)
Vem cá! Se és valente — e dizem que os piores homens, quando apaixonados, passam a ter uma nobreza de natureza maior do que a que lhes é inata — escuta-me. O Tenente está de vigília esta noite, no pátio da guarda. Primeiro, preciso dizer-te o seguinte: Desdêmona está abertamente apaixonada por ele.

RODRIGO

Por ele? Ora, não é possível!

IAGO

Tapa a boca e deixa tua alma ser aconselhada. Lembra-te da forma violenta por que ela se apaixonou pelo Mouro, só por ele se gabar e contar umas mentiras fantásticas. Será que iria continuar a amá-lo por sua tagarelice? Que o teu criterioso coração nem pense nisso. Os olhos dela precisam ser alimentados. E que prazer terá ela em olhar para o diabo? Quando o sangue ficar anestesiado com o ato da luxúria, teria de

haver, para reinflamá-lo e dar à saciedade novo apetite, encanto de aspecto, sintonia de idade, Hábitos e beleza; e em tudo isso o Mouro peca pela falta. E, por sentir falta dessas conveniências desejadas, sua delicada ternura acabará por sentir-se abusada, começará a sentir engulhos, a não apreciar e a abominar o Mouro. A própria natureza vai instruí-la nisso e empurrá-la para uma segunda escolha. E então, meu senhor, uma vez isso admitido — que é uma conclusão muito ponderada e nada forçada — quem fica tão eminentemente qualificado quanto Cassio? Um crápula muito volúvel, que pouco se importa de apresentar os modos mais corteses e corretos para ter oportunidade de alcançar seu desejo e sua disfarçada luxúria imoral: um crápula escorregadio e sutil, um descobridor de oportunidades; com um olho capaz de criar e forjar vantagens, quando não tiver vantagens verdadeiras; um crápula diabólico! Além do que o crápula é bonitão, jovem, com todos os requisitos que as cabeças verdes e tolas procuram. Um crápula pestilento e total; e a mulher já está de olho nele.

RODRIGO

Não acredito nisso: o comportamento dela é dos mais abençoados.

IAGO

Abençoado uma figa! O vinho que ela bebe é feito de uvas. Se fosse abençoado, ela jamais teria amado o Mouro. Não viste ainda agora como ela alisava a palma da mão dele?

RODRIGO

Notei, sim; mas foi só por cortesia.

IAGO

Juro que foi por luxúria! Indício e obscuro prelúdio de uma história de luxúria e pensamentos sórdidos. Seus lábios chegaram tão perto que seus hálitos se abraçaram. Quando tais simpatias mútuas abrem o caminho, logo, logo, chega a atividade maior e principal, a conclusão corpórea. Deixa-te guiar por mim. Eu te trouxe de Veneza. Fica de guarda esta noite; para tua informação, Cassio não te conhece. Eu não estarei longe de onde estiveres. Encontra algum meio de irritar Cassio, seja por

falar alto, por desrespeitar a disciplina, ou qualquer outro meio que te agrade, segundo o momento propiciar.

RODRIGO

Está bem.

IAGO

Senhor, ele é esquentado, zanga-se num repente, e talvez te atinja com seu bastão de comando. Provoca-o a fazê-lo; pois, só com isso, eu consigo fazer os cipriotas se revoltarem e não ficarem satisfeitos senão com a demissão de Cassio. E assim será mais curto o teu caminho para os teus desejos, pelos meios que eu terei, então, para promovê-los, sendo removido com grande proveito esse obstáculo, sem o quê não teremos esperanças de prosperarmos.

RODRIGO

Eu o farei, se encontrar qualquer oportunidade.

IAGO

Com o meu apoio. Encontra-me daqui a pouco na cidadela. Eu tenho de desembarcar a tralha dele. Adeus.

RODRIGO

Adeus.

(*Sai.*)

IAGO

Que Cassio a ame, bem que eu acredito;
Que ela a ele, acho bem plausível.
O Mouro (mesmo que eu não o suporte)
É de si nobre e constante no amor,
E aposto que será, para Desdêmona,
Um marido querido. A ela eu amo,
E não só por luxúria (embora incorra
Em pecado de monta equivalente),
Mas sou movido, em parte, por vingança,
Já que suspeito que o lascivo Mouro

Ocupou meu lugar; e pensar nisso
Me tritura as entranhas qual veneno;
Minh'alma não irá se contentar
Antes do acerto, mulher por mulher;
Ou quero, ao menos, afundar o Mouro
Em um ciúme tão desatinado
Que o pensar não dá cura. E para isso
Se esse lixo de Veneza, que instigo
Pra caçar mais depressa, cumpre o trato,
Eu consigo alcançar Michele Cassio,
O acuso como quero junto ao Mouro,
(Creio que ele também usou-me a cama),
E faço o Mouro, grato, por amor
Pagar-me por fazê-lo egrégio asno,
E perturbar sua paz e paciência
Até a loucura. É isso; está confuso,
Mas safadeza só se vê com o uso.

(*Sai.*)

Cena II — Chipre. Diante do castelo de Otelo.

(*Entra o Arauto de Otelo, com uma proclamação.*)

ARAUTO

É desejo de Otelo, nosso nobre e amado general, que, em função de certas novas ora chegadas, informando da total perda da esquadra turca, que todos comemorem o triunfo, alguns dançando, alguns fazendo fogueiras, cada um se divertindo e celebrando como sua preferência quiser. Pois, além dessas boas-novas, estarão comemorando suas núpcias. Assim desejou que fosse proclamado. Todos os locais públicos já estão abertos, e

estão todos livres para festejar desde agora, às cinco horas, até o sino badalar as 11. Que o céu abençoe a ilha de Chipre e nosso nobre general Otelo!

Cena III — Chipre. Dentro do castelo.

(*Entram Otelo, Desdêmona, Cassio e criados.*)

OTELO

Faça guarda hoje à noite, bom Michele:
Fiquemos nós em limites honrosos,
Que não firam a discrição.

CASSIO

Iago já deu ordens para tudo:
Mas mesmo assim estarei, em pessoa,
Olhando tudo.

OTELO

Iago é muito sério;
Boa noite, Michele, amanhã cedo
Venha falar comigo; amada, vamos:
A compra feita, hão de seguir-se os frutos,
Os lucros 'stão por vir, para nós dois.
Boa noite.

(*Saem Otelo e Desdêmona.*)
(*Entra Iago.*)

CASSIO

Bem-vindo, Iago, temos de ir para a guarda.

IAGO

Agora, não, tenente, ainda não são dez horas; o nosso general nos deixou cedo assim por amor à sua Desdêmona, e portanto não o culpemos: ele ainda não gozou os prazeres da noite com ela, que é diversão para Júpiter.

CASSIO

Ela é uma senhora do maior requinte.

IAGO

E aposto que cheia de encantos.

CASSIO

Em verdade, é uma criatura cheia de frescor e delicadeza.

IAGO

E que olhos! A mim parecem um desafio ou provocação.

CASSIO

Um olhar amável, porém sempre modesto.

IAGO

E, quando fala, é um alarma para o amor.

CASSIO

De fato ela é perfeita.

IAGO

Que tenham lençóis felizes!… Vamos, tenente, eu tenho um garrafão de vinho, e aqui fora há um par de galantes de Chipre que gostariam de beber um gole à saúde do negro Otelo.

CASSIO

Não esta noite, meu bom Iago; tenho a cabeça tristemente fraca para bebida: gostaria que a cortesia inventasse um outro tipo de costume para festejar.

IAGO

Ora, são amigos nossos… só um copo: eu bebo por você.

CASSIO

Já tomei um copo esta noite, e mesmo assim diluído, e veja as novidades que já criou aqui: tenho a infelicidade dessa moléstia e não ouso expor minha fraqueza a mais nenhum.

IAGO

O que é isso, homem; é uma noite de festa, nossos amigos estão pedindo.

CASSIO

Onde estão eles?

IAGO

Aí na porta. Peço que os convide a entrar.

CASSIO

Vou convidar, mas é a contragosto.

IAGO

Se eu o faço engolir sequer um copo,
Além daquele que tomou mais cedo,
Vai ficar mais briguento e ofensivo
Que cachorro de moça… E o pateta
Do Rodrigo, que por amar Desdêmona
Está insano, já festejou muito,
E bebeu mais ainda, está de guarda:
Três jovens cipriotas, fanfarrões
Que botam lá no alto a sua honra,
E tipificam os brilhos da ilha,
Já saturei de bebida esta noite,
E também 'stão de guarda. Co'esses bêbados
Eu meto Cassio em uma confusão
Que ofende a ilha toda.
(*Entram Montano, Cassio e outros.*)
Aí vêm eles.
Se disso tudo eu colher o que sonho,
Meu velame 'stará bem enfunado.

CASSIO

Eu sei que já tomei uma rodada.

MONTANO

Só um pouquinho, só uma caneca,
Palavra de honra.

IAGO

Olá, tragam vinho!
(*Ele canta.*)
"Deixe a caneca canecar!
Deixe a caneca canecar!
Um soldado é um varão,
A vida não dura, não,

Soldado só quer entornar!
Vinho, rapazes!"

CASSIO

Palavra que é uma canção e tanto!

IAGO

Aprendi na Inglaterra, onde eles são de fato uns bebedores poderosos: os dinamarqueses, os alemães, até os holandeses pançudos — vamos, bebam! — não são nada perto dos ingleses.

CASSIO

Mas o inglês é mesmo assim tão bom de bebida?

IAGO

Ora, ele derruba facilmente qualquer dinamarquês; para ganhar de alemão, nem sua; e o holandês já esta vomitando enquanto o inglês enche mais um canecão.

CASSIO

À saúde do nosso general!

MONTANO

Apoiado, tenente; e aqui está o meu, também!

IAGO

À doce Inglaterra!
(*Ele canta.*)
"O rei Estevão era um bom rapaz
Cuja calça custou uma coroa;
Para ele seis *pence* eram demais
E o alfaiate um sujeito à toa.
Ele é homem de fama e coração,
E você não passa de ralé;
O orgulho é que estraga esta nação,
Pois então vista a capa e dê no pé".
Mais vinho, vamos!

CASSIO

Juro por Deus que essa canção ainda é melhor do que a outra.

IAGO

Quer ouvi-la outra vez?

CASSIO

Não, porque considero quem faz essas coisas indigno deste

lugar: muito bem, Deus está no alto, e há almas que devem ser salvas, e almas que não devem ser salvas.

IAGO

Lá isso é verdade, bom tenente.

CASSIO

Da minha parte, sem querer ofender o general nem ninguém.

IAGO

E eu também, tenente.

CASSIO

Ah, mas com sua licença, não antes de mim; o tenente deve ser salvo antes do Alferes. Agora chega disso, e vamos ao que nos importa: Deus que perdoe nossos pecados! Cavalheiros, vamos ao trabalho. Não pensem os senhores que esteja bêbado; este é o meu Alferes, esta, a minha mão direita, e esta, minha mão esquerda: neste momento eu não estou bêbado, posso ficar de pé muito bem, e falar muito bem.

TODOS

Mais do que bem.

CASSIO

Muito bem, então; mas não devem pensar que eu esteja bêbado.

(*Sai*.)

MONTANO

Para a plataforma, amigos. Vamos dar guarda.

IAGO

Veja o homem que foi à sua frente,
Como soldado ele é digno de César,
E até de comandar: porém seu vício
É um equinócio pras suas virtudes,
Da mesma dimensão: é de dar pena,
E temo que, por confiar o Mouro nele,
Um dia de fraqueza como este

Abale a ilha.

MONTANO

Mas isto é frequente?

IAGO

Sempre acontece antes de ir dormir:
Pode dar guarda dois dias seguidos
Se fica sem beber.

MONTANO

Seria bom
Que o general fosse informado disso;
Talvez não o perceba, ou, porque é bom,
Só veja em Cassio a virtude aparente,
E não olhe pros males: não é isso?

(*Entra Rodrigo.*)

IAGO

(*à parte, a ele*)
Como é, Rodrigo,
Vá atrás do tenente, como eu peço.

(*Sai Rodrigo.*)

MONTANO

É uma pena, mesmo, que o nobre Mouro
Ponha em risco um tal posto de comando
Com alguém que sofre desse mal inato:
Seria ação honesta ir contá-lo
Ao Mouro.

IAGO

Mas eu, nem por toda a ilha:
Gosto de Cassio, e faria de tudo

VOZES FORA

"Socorro!" "Socorro!"

IAGO

Pra curá-lo do mal: — mas o que é isso?

(*Entra Cassio, empurrando Rodrigo.*)

CASSIO

Raios, calhorda, vagabundo!

MONTANO

Mas o que foi, tenente?

CASSIO

Um safado, a me ensinar a dar guarda! Mas eu amasso o safado com uma garrafa de palha.

RODRIGO

Me amassa?

CASSIO

E ainda fala, crápula?

(*Bate em Rodrigo.*)

MONTANO

Bom tenente; por favor, abaixe a mão.

CASSIO

Me largue, ou eu lhe arrebento a cabeça.

MONTANO

Vamos, vamos, o senhor está bêbado.

CASSIO

Bêbado?

(*Eles brigam.*)

IAGO

(*à parte a Rodrigo*)
Depressa, vá gritar que há um motim.
(*Sai Rodrigo.*)
Não, bom tenente; pelo amor de Deus,
Socorro, amigos! Tenente! Montano!
Ajudem, afinal isto é uma guarda,
(*Soa um sino.*)
Quem 'stá tocando o sino? — Ora, diabos…
Acordou a cidade; por Deus pare!
Tenente, isso o mancha para sempre.

(*Entram Otelo e Cavalheiros, armados.*)

OTELO
O que houve aqui?
MONTANO
Diabo, 'stou sangrando,
'Stou ferido, é mortal.
OTELO
Parem ou morram!
IAGO
Bom tenente, Montano, cavalheiros —
Esquecem onde estão e o seu dever?
Mas que vergonha! O general falou!
OTELO
Vamos, vamos; como é que começou?
Viramos turcos e a nós mesmos fazemos
O que o céu impediu aos Otomanos?
Sejam cristãos e parem com essa briga;
Quem se mexer pra agradar sua raiva
Esquece a alma e, ao mover-se, morre;
Parem o sino; alarma toda a ilha
Em seu repouso. O que foi, senhores?
Honesto Iago, de ar tão lamentoso,

Diga — quem começou? Amigo, eu peço.

IAGO

Não sei, estavam todos se entendendo,
Nos termos e no jeito, como noivos
Se despindo pra deitar; de repente,
Como se algum planeta os atingisse,
Saltam espadas contra um peito e outro,
Em combate sangrento. Eu não sei bem
Quem começou essa luta mesquinha;
Pena é não ter perdido em guerra nobre
As pernas com que entrei em coisa assim!

OTELO

Esqueceu-se, Michele, de quem era?

CASSIO

Peço perdão; não posso nem falar.

OTELO

Bravo Montano, sempre tão cortês,
E cuja criteriosa juventude
O mundo conheceu, dando ao seu nome
O elogio dos sábios; o que houve,
Pra assim manchar sua reputação
E trocar o respeito pelo nome
De baderneiro? Quero uma resposta.

MONTANO

Nobre Otelo, eu estou muito ferido,
O Alferes Iago é que pode informá-lo —
Enquanto eu calo, pois falar me custa —
De tudo o quanto sei, e não sei nada
De reprovável no que disse ou fiz,
A não ser que ter honra seja vício,
E defender-nos seja hoje pecado
Se nos atacam.

OTELO

Juro, pelos céus,

Que o sangue já começa a dominar-me,
E a paixão, me atacando o julgamento,
Ameaça vencer. Por Deus, se eu ajo,
Se levanto este braço, o mais capaz
Dentre vocês afunda: digam logo
Como e por quem foi começada a briga,
E o culpado provado desta ofensa,
Mesmo que gêmeo meu, do mesmo parto,
Me perderá: numa cidade em guerra,
Perturbada, e com o povo apavorado,
Criar batalhas pessoais, domésticas,
À noite, e no pátio onde se guarda?
É monstruoso, Iago. Quem fez isso?

MONTANO

Se por conluio ou por peso de posto
Não contar a verdade pura e simples,
Não é soldado.

IAGO

Não me agrida assim,
Eu prefiro perder a minha língua
Que ter de macular Michele Cassio;
Mas creio que dizer o que é verdade
Não poderá feri-lo. General:
'Stando Montano e eu a conversar,
Chegou alguém, gritando por socorro,
E atrás dele, Cassio, com uma espada
Em riste: e Montano, com cortesia,
Pediu a Cassio que parasse logo;
Eu atendi o outro, que gritava,
Pra que a cidade (como aconteceu)
Não se assustasse; porém ele, rápido,
Escapou-me; e eu então voltei,
Por ouvir o canglor dessas espadas,
E Cassio, com blasfêmias que até hoje
Não o ouvira usar: quando voltei
(Foi tudo rápido), eles 'stavam juntos,

Atracados e aos murros, como estavam
Quando o senhor chegou para apartá-los.
Mais do que isso não sei relatar,
Mas sei que todo homem cai em falta;
E embora Cassio o possa ter ferido,
Como se faz na raiva até a um amigo,
'Stou certo de que Cassio também teve
Do outro que fugiu alguma ofensa,
Que não pôde engolir.

OTELO

Bem sei, Iago,
Que é por honestidade e amor que fala
Favorecendo Cassio: Cassio, eu o amo,
Mas nunca mais pra oficial dos meus.
(*Entram Desdêmona e outros.*)
Veja que despertou o meu amor!
Você será um exemplo!

DESDÊMONA

O que é que houve?

OTELO

'Stá tudo bem; vamos deitar, doçura;
Senhor, de suas feridas cuido eu mesmo;
Podem levá-lo.
(*Montano é levado embora.*)
Iago, olha bem pela cidade,
E acaba com essa briga desastrada.
Vamos, querida; vida militar
Deita em paz e acorda pra lutar.

(*Saem todos menos Iago e Cassio.*)

IAGO

Como é, tenente, está ferido?

CASSIO

Para além de qualquer cura.

IAGO

Santa Mãe, que Deus não o permita!

CASSIO

Reputação, reputação, perdi minha reputação! Perdi a parte imortal, senhor, de mim mesmo, e o que resta é animal; minha reputação, Iago; minha reputação!

IAGO

Honestamente, pensei que havia recebido algum ferimento no corpo, que é bem mais grave do que na reputação: reputação é uma invenção inútil e fabricada muitas vezes conseguida sem mérito e perdida sem merecimento. Ninguém perde nada de reputação a não ser que se considere como perdedor; vamos, homem, há muitos jeitos de se conquistar de novo o general: o senhor foi só apanhado em um mau momento dele, punido mais por política do que por inimizade, isso mesmo, assim como quem espanca seu cachorro inofensivo para espantar algum leão ameaçador: basta que o procure, como suplicante, que ele será seu de novo.

CASSIO

Eu suplicaria antes para ser desprezado do que para enganar um comandante tão bom com um oficial tão fútil, tão bêbado e tão indiscreto. Bêbado?, e falando como papagaio? e discutindo? e se exibindo? a debater idiotices pomposas com a própria sombra? Oh espírito invisível do vinho, se não és conhecido por nenhum nome conhecido, vamos chamar-te diabo!

IAGO

Quem foi que o senhor saiu perseguindo com a espada? O que lhe fez ele?

CASSIO

Eu não sei.

IAGO

Será possível?

CASSIO

Eu me lembro de um montão de coisas, mas nenhuma distintamente; uma briga, mas sem motivo. Meu Deus, como

podem os homens enfiar um inimigo na boca, a fim de lhes roubar o cérebro; ou nós com alegria, festa, prazer e aplauso, transformarmo-nos em animais!

IAGO

Mas o senhor agora parece muito bem; como se recuperou desse modo?

CASSIO

Por capricho do demônio embriaguez, que cedeu lugar ao demônio ira; uma imperfeição revela-me ainda outra, e faz-me desprezar a mim mesmo.

IAGO

Vamos, é moralista muito severo; na época, o local e a condição em que se encontra esta terra, claro que desejaria que isto não tivesse acontecido; mas, tudo estando como está, remende-o em seu próprio benefício.

CASSIO

Se eu lhe pedir meu posto de volta, ele há de me dizer que sou um bêbado: tivesse eu tantas bocas quanto a Hidra e tal resposta as taparia todas: ser agora um homem sensato, daí a pouco um tolo, e logo adiante uma fera! Todo copo desatinado é maldito, tudo o que ele contém, um demônio.

IAGO

Ora vamos, o bom vinho é uma criatura familiar, sendo bem usado; deixe de clamar contra ele; e, bom tenente, creio que sabe que o amo.

CASSIO

Creio que já o provei, senhor… eu, bêbado!

IAGO

O senhor, como qualquer homem vivo, pode ficar bêbado a algum momento: eu lhe direi o que fará… A esposa de nosso general é agora o general; posso dizê-lo pelo seguinte, que ele está totalmente devotado e entregue à contemplação, à observação e à apreciação de todas as suas partes e graças. Confesse-se livremente a ela, importune-a para que ela o ajude a reconquistar seu posto; ela é tão franca, tão bondosa, tão viva, de disposição tão abençoada, que considera defeito, em sua

bondade, não fazer mais do que lhe pedem. Essa briga entre o senhor e o marido dela, peça-lhe que remende, e ponho meu futuro contra qualquer aposta de monta, que a rachadura em seu amor ficará ainda mais forte do que era antes.

CASSIO

É bom conselho.

IAGO

E, eu garanto, dado com a sinceridade do amor, e na mais pura bondade.

CASSIO

Vou pensar bem, e logo de manhã irei rogar à virtuosa Desdêmona que se empenhe por mim; eu desespero de qualquer futuro, se for dispensado aqui.

IAGO

E tem razão. Boa noite, tenente; tenho de ir para a guarda.

CASSIO

Boa noite, honesto Iago.

(*Sai.*)

IAGO

E quem dirá que eu ajo qual vilão,
Se dou conselho honesto assim, de graça,
Sujeito a provas, e o caminho certo
Pra ter de novo o Mouro? Pois é fácil
Persuadir Desdêmona, suave,
A tudo o que é honesto; é generosa
Como os livres elementos. Portanto,
Levar o Mouro a negar seu batismo,
Ou tudo o mais que redime o pecado,
Co'a alma dele escrava desse amor,
Ela faz ou desfaz, como quiser,
Enquanto o apetite for o deus
Que o enfraquece. Como sou vilão
Aconselhando Cassio a um tal caminho,
Que só lhe trará bem? Bendito inferno!

Pra cometer seus mais negros pecados,
Os demônios começam celestiais,
Como eu agora: enquanto o tolo honesto
Pede a Desdêmona que o ajude e salve,
E ela por ele há de implorar ao Mouro,
Eu derramo em seu ouvido o veneno
Que é por luxúria que ela o quer de volta;
E, quanto mais buscar ela ajudá-lo,
Mais o desacredita junto ao Mouro;
Transformo assim sua virtude em piche,
E com sua bondade eu teço a rede
Que há de enredar os três.
(*Entra Rodrigo.*)
Então, Rodrigo?

RODRIGO

Estou nesta caçada não como o cão que lidera, mas como qualquer um da matilha: meu dinheiro já quase acabou, e esta noite apanhei uma boa surra. Creio que o resultado vai ser que só ganharei experiência com tudo o que estou passando, seja lá o que for, sem dinheiro nenhum, e de volta a Veneza só com o que aprendi.

IAGO

Como são pobres os impacientes!
Feridas não se curam só aos poucos?
Jogamos co'esperteza, não com mágica,
Espírito, pra agir, precisa tempo.
Pois não vai tudo bem? Cassio espancou-te
Mas, com essa dor, tu demitiste Cassio;
Se muita coisa cresce à luz do sol,
Primeiro fruto amadurece logo;
Contenta-te, portanto; é de manhã;
Prazer e ação encurtam nossas horas:
Vai deitar-te, onde estás aquartelado,
Vai logo, mas depois saberás mais:
Não, vai-te logo.
(*Sai Rodrigo.*)

Há muito o que fazer,
Emília há de pedir por Cassio à ama,
Eu a instigarei.
Quanto a mim, pego o Mouro um pouco à parte,
E o levo de surpresa aonde Cassio
Suplica à sua mulher: é essa a hora;
Não posso perder tempo com demora.

(*Sai*.)

ATO III

Cena I — Diante do castelo.

(*Entra Cassio, com Músicos e o Cômico*.)

CASSIO

Toquem aqui, senhores, que eu lhes pago, Algo breve, e um "Bom-dia" ao general.

(*Eles tocam*.)

CÔMICO

Minha gente, será que seus instrumentos andaram em Nápoles, para falar assim pelo nariz?

1º MÚSICO

Como é, senhor, como é?

CÔMICO

Esses aí, se faz o favor, são chamados instrumentos de sopro?

1º MÚSICO

Claro que sim, senhor.

CÔMICO

Isso é história de rabo.

1º MÚSICO

Como história de rabo, senhor?

CÔMICO

Ora, senhor, segundo muitos instrumentos de sopro que conheço. Mas, moçada, eis aqui o seu dinheiro; e o general gosta tanto de sua música que deseja que os senhores, por amor dos amores, parem de fazer barulho com ela.

1º MÚSICO

Pois muito bem, senhor, nós não faremos.

CÔMICO

Se tiverem alguma música que não se possa ouvir, podem tocar mais; mas, como se costuma dizer, ouvir música não é coisa que o general goste muito de fazer.

1º MÚSICO

Dessas nós não temos, senhor.

CÔMICO

Então enfiem suas flautas na sacola, que eu já vou; vão embora, desapareçam!

(*Saem os Músicos*.)

CASSIO

Ouviu, meu honesto amigo?

CÔMICO

Não, não ouvi seu honesto amigo, ouvi o senhor.

CASSIO

Pare com essas bobagens, olhe aqui uma moeda de ouro para você: se a senhora que serve a esposa do general já estiver de pé, diga-lhe que um tal Cassio lhe implora o favor de umas palavras… Será que pode?

CÔMICO

De pé já está, e se o pé der para chegar até aqui, eu a informarei.

(*Entra Iago.*)

CASSIO

Vá, meu amigo.
(*Sai o Cômico.*)
Em boa hora, Iago.

IAGO

O senhor não dormiu, então?

CASSIO

Não. Era dia quando nos deixamos:
Tomei a liberdade, Iago,
De chamar sua esposa… Meu pedido
É que me obtenha algum modo de acesso
À virtuosa Desdêmona.

IAGO

Há de vir,
E eu, com arte, hei de afastar o Mouro
Deste caminho para que conversem
Mais livremente.

CASSIO

Humilde eu lhe agradeço.
(*Sai Iago.*)
Eu nunca vi
Florentino mais honesto e bondoso.

(*Entra Emília.*)

EMÍLIA

Bom dia, bom tenente; eu sinto muito
Seu desprazer, mas tudo há de dar certo,
O general e a esposa falam disso,
E ela o defende muito: diz o Mouro
Que quem feriu tem grande fama em Chipre,
E grandes ligações, e por bom senso,

Só podia afastá-lo. Mas que o ama,
E não precisa mais que sua afeição
Pra aproveitar ocasião propícia
E trazê-lo de volta.

CASSIO

Mesmo assim,
E se julgar correto assim fazê-lo,
Peço um momento pr'algumas palavras
Com Desdêmona a sós.

EMÍLIA

Por favor, entre;
Vou levá-lo onde há de encontrar tempo
Pra abrir o coração.

CASSIO

Muito obrigado.

(*Saem.*)

Cena II — No mesmo local.

(*Entram Otelo, Iago e outros Cavalheiros.*)

OTELO

Leva estas cartas, Iago, pro piloto,
E por ele cumprimentos ao Estado:
Isso feito, vou indo pro arsenal,
Vai ter lá comigo.

IAGO

Irei, bom senhor.

OTELO

Senhores, vamos ver nossas defesas?

CAVALHEIROS

Estamos às suas ordens.

(*Saem.*)

Cena III

(*Entram Desdêmona, Cassio e Emília.*)

DESDÊMONA

Esteja certo, bom Cassio, que eu farei
De tudo a meu alcance pra ajudá-lo.

EMÍLIA

Boa senhora, eu sei que meu marido
Sofre como se fosse ele.

DESDÊMONA

É homem muito honesto… E creia, Cassio,
Eu hei de ter a si e ao meu senhor
Amigos como antes.

CASSIO

Que bondade.
Venha a ser o que for Michele Cassio,
Ele será pra sempre um seu criado.

DESDÊMONA

Senhor, sei que ama o meu amo,
Já o conhece bem; tenha a certeza
De que não fica mais tempo afastado
Do que exige a política.

CASSIO

Sei, senhora,
Mas a exigência pode ser tão longa,

Alimentada por dieta fria,
Ou transbordar por causas esquisitas,
Que, eu ausente e o posto ocupado,
Olvide o general serviço e amor.

DESDÊMONA

Nada disso. Eu, aqui, diante de Emília,
Garanto-lhe o seu posto; fique certo
Que, se juro amizade, cumpro o dito.
A meu senhor eu não darei repouso:
Quieta ou falando acabo-lhe a paciência;
Aulas na cama ou sermões à mesa,
Hei de mesclar tudo o que ele fizer
Com o preito de Cassio; fique alegre,
Pois sua defensora há de morrer
Antes que abandonar a sua causa.

(*Entram Otelo e Iago*.)

EMÍLIA

Eis meu senhor, Madame.

CASSIO

Madame, eu me retiro.

DESDÊMONA

Fique, para me ouvir falar.

CASSIO

Agora não, 'stou constrangido,
Sem jeito pra ajudar meu caso.

DESDÊMONA

Muito bem, seja como preferir.

IAGO

Ah, eu não gosto disso.

OTELO

O que me disse?

IAGO

Nada, senhor, ou se… eu não sei bem.

OTELO

Não foi Cassio que deixou minha esposa?

IAGO

Cassio, senhor?., não posso acreditar
Que se esgueirasse assim, com ar de culpa
Só por vê-lo.

OTELO

Pois creio que era ele.

DESDÊMONA

Como está, meu senhor?
'Stava falando com um suplicante,
Que muito sofre por seu desprazer.

OTELO

Fala de quem?

DESDÊMONA

Meu bom senhor, de Cassio, o seu tenente;
Se eu tiver o poder de comovê-lo,
Reconcilie-se logo com ele,
Pois se há alguém que o ama,
Que erra por engano e não por manha,
Então não sei julgar um rosto honesto.
Chame-o de volta.

OTELO

Ele saiu agora?

DESDÊMONA

Saiu, sim; 'stava tão humilhado
Que sua dor ficou parte comigo.
Sofro com ele, amor; chame-o de volta.

OTELO

Agora não; depois, doce Desdêmona.

DESDÊMONA

Porém breve?

OTELO

Mais breve porque o pede.

DESDÊMONA

Esta noite, ao jantar?

OTELO

Não esta noite.

DESDÊMONA

Ao de amanhã?

OTELO

Não vou jantar em casa,
Mas sim com os capitães, na cidadela.

DESDÊMONA

Senão de noite, então na terça-feira,
Seja manhã, tarde, ou noite, ou na quarta
Por favor, diga o dia, mas sem ser
Mais do que três; ele está penitente,
E o seu pecado, em nosso entendimento
(A não ser porque a guerra faz exemplos
De seus melhores), quase nem é erro
Ralhado em casa: quando deve vir?
Diga-me, Otelo: a minha alma indaga
O que me pediria que eu negasse?
Ou hesitasse assim? Michele Cassio?
Que acompanhou-o tanto em sua corte —
Que se eu, acaso, a si desmerecia
Tomava o seu partido — custar tanto
Pra ter perdão? Pela Virgem, eu faço…

OTELO

Chega; e que ele venha quando quiser,
Eu não lhe nego nada.

DESDÊMONA

Nem deu nada;
É como eu lhe lembrar que use as luvas,
Ou coma bem, ou fique agasalhado,
Ou implore que busque algum bom lucro
Para si mesmo. Quando eu pedir algo
No qual o seu amor esteja em jogo,
Terá muitos tropeços e obstáculos,
De árdua concessão.

OTELO

Nada eu lhe nego,
E só lhe peço que permita agora
Que eu fique só por mais alguns momentos.

DESDÊMONA

E hei de negá-lo? Não, adeus, senhor.

OTELO

Adeus, minha Desdêmona. Irei já.

DESDÊMONA

Vamos, Emília; seja o que quiser,
O que imaginar, eu obedeço.

(*Saem Desdêmona e Emília.*)

OTELO

Doce tolinha, maldita a minha alma
Se eu não a amo; e, quando a não amar,
É a volta do caos.

IAGO

Nobre senhor…

OTELO

O que me diz, Iago?

IAGO

Durante a sua corte, soube Cassio
Do seu amor?

OTELO

Desde o início… Mas por que pergunta?

IAGO

Só pra satisfazer um pensamento.
Sem mais mal.

OTELO

Mas no que pensou, Iago?

IAGO

Eu não julgava que ele a conhecesse.

OTELO

Serviu-nos de correio muitas vezes.

IAGO

É mesmo?

OTELO

É mesmo? É mesmo: mas o que vê nisso?
Ele não é honesto?

IAGO

Honesto, senhor?

OTELO

Honesto? Sim, honesto.

IAGO

Senhor, no que eu saiba.

OTELO

O que está pensando?

IAGO

Pensando, senhor?

OTELO

Pensando, senhor? Por Deus, faz de eco,
Como se ele pensasse em algum monstro,
Feio demais pra vista: o que é que pensa?
Ouvi, há pouco, que não gosta disso,
Quando Cassio saiu; do quê não gosta?
E quando disse que sabia tudo,
Durante minha corte, disse "É mesmo?"
Franzindo nesse instante a sua testa,
Como tentando trancar em seu cérebro
Alguma ideia horrível: se me ama,
Diga o que pensa.

IAGO

Senhor, sabe que o amo.

OTELO

Assim o creio,
E que eu saiba, com amor e honestidade,
Pesa as palavras antes de dizê-las,
E me assusta, portanto, ao hesitar;

Tais coisas em velhaco desleal
São truques de rotina; mas, no justo,
Apontam pro que vem do coração,
Indisfarçável.

IAGO

No que tange Cassio,
Ouso dizer que o penso ser honesto.

OTELO

Eu também.

IAGO

Todos devem parecer
O que são; ou então não parecê-lo.

OTELO

Por certo devem ser o que parecem.

IAGO

Então penso que Cassio seja honesto.

OTELO

Não; há algo mais aí:
Diga-me, por favor, seu pensamento,
O que rumina, e, ao pior que pensa,
Dê os termos piores.

IAGO

Me perdoe;
Embora esteja preso aos meus deveres,
Não estou naquilo em que é livre o escravo:
O que eu penso? Pode ser vil e falso:
Qual o palácio em que o que é mais sórdido
Não entra às vezes? Ou que há tão puro
Em cujo peito apreensões infectas
Não ponham tribunais e neles julguem
Com termos legalistas?

OTELO

Porém conspira contra o amigo, Iago,
Quem o pensa ofendido e o deixa estranho
Ao que lhe vai na mente.

IAGO

Eu lhe imploro,
Porque eu, talvez, suspeite com malícia,
(A minha natureza sofre a praga
De ver em tudo abuso, e o meu ciúme
Vê erro onde não há), eu rogo, então,
Diante de conjecturas tão sem corpo,
Que não as note, e nem se preocupe
Pelo que observei assim, de leve;
Não lhe trará sossego, ou bem tampouco,
E nem a meu bom senso ou honestidade,
Contar-lhe o que pensei.

OTELO

Chagas de Cristo!

IAGO

Pra homem ou mulher bom nome é tudo;
De nossas almas é a mais cara joia:
Quem rouba a minha bolsa rouba nada,
Era minha, hoje é dele, foi de mil;
Mas quem de mim arranca meu bom nome
Não enriquece com o que me tirou,
Mas a mim deixa pobre, realmente.

OTELO

Juro que hei de saber seu pensamento.

IAGO

Nem me tirando o coração o pode,
Muito menos enquanto ele for meu:
Ah, cuidado com o ciúme;
É o monstro de olhos verdes que debocha
Da carne que o alimenta. Vive o corno
Ciente feliz, se não amar quem peca:
Mas como pesa cada hora àquele
Que ama, duvida, suspeita e mais ama!

OTELO

Miséria!

IAGO

São ricos pobres e ricos satisfeitos,

Mas a maior riqueza é indigente
Pro que vive com medo de ser pobre.
Que Deus e a minha tribo me defendam
De ter ciúmes!

OTELO

Mas por que diz isso?
Julgas que eu viveria ciumento?
A esperar cada fase da lua
Com novas suspeitas? Não, se duvido,
Resolvo logo. Chamem-me de bode
Quando eu chegar a entregar minh'alma
A problemas nojentos e voláteis
Como os que sugeriu: não dá ciúmes
Dizer que é bela e cortês minha esposa,
Que fala bem, que toca, dança e canta;
Onde há virtude, essas são virtuosas:
Nem de meus poucos méritos eu tiro
Qualquer temor, ou penso que ela peque
Pois, tendo olhos, escolheu a mim.
Só duvido se eu vir, e vir com provas:
E, havendo prova, o que resta é isto:
Renego, juntos, o amor e o ciúme!

IAGO

Alegro-me, pois ora tenho causa
Pra demonstrar-lhe amor, como dever,
Sendo mais livre; e como prometi
Ouça o que digo: não falo de provas;
Olhe bem a sua esposa com Cassio;
Com um olhar sem ciúme ou segurança.
Não quero vê-lo, nobre e generoso,
Ser por isso abusado; fique alerta:
Conheço os hábitos de nossa pátria;
Em Veneza elas deixam Deus ver coisas
Que não ousam mostrar a seus maridos:
O feito só não pode ser sabido.

OTELO

O que me diz?

IAGO

Ela enganou o pai para casar-se,
E, ao parecer temer o seu aspecto,
Ela o amava.

OTELO

Amava, sim.

IAGO

E então…
Se tão jovem podia fingir tanto,
Cegando o pai a ponto de ele crer
Que houvesse bruxaria; mas me culpo,
E só imploro pelo seu perdão,
Por tanto amá-lo.

OTELO

Pra sempre, obrigado.

IAGO

Mas percebo que isso o abateu um pouco.

OTELO

Mas nem um pouco.

IAGO

Eu receio que sim.
Peço que considere que eu falei
Apenas por amor: mas, se o toquei,
Imploro que não leve a minha fala
Pra sentidos mais baixos ou mais amplos
Que os da suspeita.

OTELO

Não o farei.

IAGO

Se o fizesse, senhor,
Tornaria em vileza o que lhe disse,
O que não quero; Cassio é meu amigo:
Senhor, o vejo aflito.

OTELO

Nada disso;

Pra mim Desdêmona é sempre honesta.

IAGO

Que assim viva, e o senhor assim a pense.

OTELO

No entanto, a natureza pode errar —

IAGO

Esse é o problema; pois, se ouso dizê-lo,
Pois recusar tantos partidos bons,
De sua terra, compleição e grau,
Para os quais apontava a natureza;
Isso tresanda a capricho bem vil,
Anomalia suja, e antinatural.
Mas, perdão: não me vejo em posição
De falar dela assim, embora tema
Que o seu desejo, pensando melhor,
Recaia sobre alguém de seus costumes,
E se arrependa.

OTELO

Adeus; se perceber
Alguma coisa mais, diga-me e mande
Sua mulher observá-la; pode ir.

IAGO

(*saindo*)
Senhor, eu me despeço.

OTELO

Por que casei-me? Esse amigo honesto
Por certo sabe mais, e vê, do que revela.

IAGO

(*voltando*)
Quem me dera, senhor, poder dizer-lhe
Que não pensasse nisso por um tempo:
Mesmo que Cassio deva ter seu posto,
Pois para preenchê-lo ele é capaz,
Se pudesse adiá-lo por um pouco,
Poderá observá-lo e a seus atos;
E ver se sua esposa roga muito,

Se o importuna com grande veemência,
O que é revelador; nesse ínterim
Deixe que eu pense que temi demais
(O que temo, por ser tão grande a causa);
E a julgue inocente, meu senhor.

OTELO

Não tema por meu critério.

IAGO

De novo eu me despeço.

(*Sai*.)

OTELO

É grande a honestidade desse homem,
E é sábio quando afere as qualidades
Do ser humano. Se a provo indomada,
Mesmo peada às fibras do meu peito,
Eu a empurro, batida pelo vento,
Pro seu fado. Quiçá por ser eu preto,
E faltar-me as artes da conversa
Dos cortesãos, ou por estar descendo
Para o vale dos anos — mas nem tanto —
Ela foi-se, ofendeu-me, e o meu alívio
Tem de ser odiá-la. Casamento
Maldito, que nos dá tais criaturas,
Mas não seus apetites! Antes ser
Um sapo no vapor de um calabouço
Que ter só parte de uma coisa amada,
Pr'uso dos outros: é praga dos grandes,
Com mais direito a isso que os menores,
Destino inevitável, como a morte:
Essa maldita praga bifurcada
É nossa de nascença. Eis Desdêmona,
Se ela é falsa, o céu de si faz pouco.

Não acredito.

(*Entram Desdêmona e Emília.*)

DESDÊMONA

Caro Otelo, então?
A ceia e a boa gente desta ilha
Que convidou estão à sua espera.

OTELO

É culpa minha.

DESDÊMONA

Por que a voz tão fraca? Não está bem?

OTELO

Eu estou com uma dor aqui na testa.

DESDÊMONA

É trabalho demais; já vai passar;
Eu lhe amarro a cabeça e, em uma hora,
Já estará bem.

OTELO

Mas seu lenço é pequeno:
(*Ela deixa cair o lenço.*)
Deixe pra lá; eu entro com você.

DESDÊMONA

Lamento que se sinta mal assim.

(*Saem Otelo e Desdêmona.*)

EMÍLIA

Foi bom ter eu encontrado esse lenço;
Sua primeira lembrança do Mouro,
Meu caprichoso esposo, por cem vezes
Pediu que eu o roubasse, porém ela
O adora e ele quer que o guarde sempre,

De modo que ela o leva sempre junto,
Beija-o e fala-lhe. Vou copiá-lo
Pra dá-lo a Iago; o que irá fazer
Deus é que sabe, não eu.
Não sei nada, senão o seu capricho.

(*Entra Iago.*)

IAGO

Olá, que faz você aqui sozinha?

EMÍLIA

Calma; tenho uma coisa pra você.

IAGO

Uma coisa pra mim? É coisa à toa…

EMÍLIA

Hein?

IAGO

Ter uma esposa boba.

EMÍLIA

Só isso? Pois então quanto me dá
Por aquele tal lenço?

IAGO

Mas que lenço?

EMÍLIA

Que lenço?
Ora, o que o Mouro fez presente a ela,
E que tanto pediu-me que eu roubasse.

IAGO

E já roubou?

EMÍLIA

Ela o deixou cair, por distração,
E, tendo assim a chance, eu o apanhei:
Veja, 'stá aqui.

IAGO

Pois me dê; muito bem.

EMÍLIA

Que vai fazer com ele, que me ronda
Com tanto empenho para que eu o roube?

IAGO

(*agarrando-o*)
Ora essa, o que lhe importa?

EMÍLIA

Se não for para coisa de importância,
Dê-me aqui, que a coitada fica louca
Assim que der por falta.

IAGO

Saiba só que tenho uso pra ele…
Vá, deixe-me aqui.
(*Sai Emília.*)
Eu deixo o lenço aonde dorme Cassio,
Para que ele o encontre: tais bobagens
Pro ciumento são provas tão firmes
Quanto o Evangelho; pode funcionar.
O meu veneno 'stá mudando o Mouro:
A ideia perigosa é um tal veneno,
Que se a princípio incomoda pouco,
Mesmo um pouco, mesclado no sangue,
Queima igual ao enxofre. É como eu digo
(*Entra Otelo.*)
Lá vem ele; papoula nem mandrágora,
Nem no mundo qualquer entorpecente,
Vai conseguir levá-lo ao doce sono
De que ontem gozava.

OTELO

O quê? Trair-me a mim?

IAGO

O que é isso, general? Agora chega.

OTELO

Vá-se embora, que está me torturando.
Antes prefiro ser muito traído

Que só saber um pouco.

IAGO

Mas, senhor?

OTELO

De sua luxúria o que sabia eu?
Não via, não pensava, não sofria,
Dormia bem, era livre e alegre;
Não tinham gosto de Cassio seus beijos;
Quem é roubado mas não dá por falta,
Se não souber, não foi roubado, enfim.

IAGO

Lamento ouvi-lo.

OTELO

Estaria feliz se toda a tropa
Seu doce corpo houvesse já provado,
Sem eu sabê-lo. Para sempre, agora,
Adeus, mente tranquila, adeus repouso:
Adeus tropa emplumada, grandes guerras,
Que dão virtude à ambição. Oh, adeus
Adeus corcel que grita, adeus trombetas,
Adeus tambor que excita, flauta aguda;
Estandarte real, todo atributo,

Orgulho, pompa, e mais glórias da guerra!
E máquinas letais, cujas gargantas
Criam clamor como o do eterno Júpiter;
Adeus; a ocupação de Otelo foi-se!

IAGO

É possível, senhor?

OTELO

É bom provar que o meu amor é puta,
(*Toma-o pela garganta.*)
Quero certeza, provas oculares,
Ou, pela alma imortal do homem,
Melhor seria que nascesse um cão
Que despertar-me a ira.

IAGO

É isso, então?

OTELO

Faça-me ver, ou ter tal prova ao menos,
Que não me reste aspecto nem detalhe
Que deixe dúvida: pois senão, morre!

IAGO

Meu nobre senhor…

OTELO

Se a ela calunia e a mim tortura,
Nunca mais reze, esqueça do remorso.
Sobre o terror empilhem-se terrores:
Trazendo pranto ao céu, espanto à terra,
Nada fará pior sua danação,
Do que ora fez.

IAGO

Que graça e o céu defendam-me
Será que é homem, com alma e sentidos?
Por Deus, leve-me o posto — Oh infeliz,
Que vê sua honestidade ser um vício!
Mundo nojento, anote, anote, Oh mundo,
Que é inseguro ser honesto e claro;
Agradeço a lição, e doravante

Não amo amigo, já que o amor ofende.

OTELO

Espere, não; seja honesto pra sempre.

IAGO

Quero ser sábio; a honestidade é tola,
E perde o que procura.

OTELO

Pois lhe juro,
Por vez a creio honesta, por vez não;
Por vez sei que é correto, por vez não;
Quero prova: meu nome era tão claro
Como o de Diana casta; e ora é tão negro
Quanto o meu rosto: havendo corda ou faca,
Fogo, veneno ou rio que sufoca,
Não vivo assim; quem me dera saber!

IAGO

Já vi que se consome de paixão
E me arrependo já de haver falado;
Então quer ter certeza?

OTELO

Quero e vou.

IAGO

É possível; mas ter certeza como?
Vai olhar, boquiaberto, um guarda obsceno?
Vê-la coberta?

OTELO

Ah, morte! Ah, maldição!

IAGO

Eu creio ser difícil e tedioso
Levá-la a tanto, para maldizê-los;
Pois ninguém, a não ser seus próprios olhos,
Os vê acasalar. E então? E então?
Que direi eu? Como lhe dar certeza?
É impossível que o senhor os visse,
Nem que fossem quais bodes ou macacos,
Orgulhosos quais lobos, ou tão tolos

Quanto um idiota bêbado; mas digo-lhe,
Se implicação ou forte circunstância,
Que levam reto à porta da verdade,
O satisfazem, elas serão suas.

OTELO

Dê-me um indício forte que ela é falsa.

IAGO

Não me apraz a tarefa,
Mas já que até aqui entrei no caso,
Por tolice de amor e honestidade,
Eu falo: há dias pernoitei com Cassio,
E, sofrendo com forte dor de dentes,
Eu não pude dormir.
Certos homens têm alma tão devassa
Que até no sono falam de seus casos,
E um desses tais é Cassio:
Ouvi-o murmurar "Doce Desdêmona,
Fique alerta; ocultemos nosso amor"
E depois, agarrando a minha mão,
Gritou "Doçura!" e me beijou com força,
Como se pra arrancar pela raiz
Os beijos que cresciam nos meus lábios,
Cobriu-me a coxa co'a perna, e, entre beijos,
Maldisse o fado que a doara ao Mouro!

OTELO

É monstruoso!

IAGO

Não; era só sonho.

OTELO

Mas que denota conclusão patente.

IAGO

E uma dúvida amarga, embora sonho,
E serve pra adensar algumas provas
Que sejam em si leves.

OTELO

Fa-la-ei em pedaços.

IAGO

Não, seja sábio; nada ainda vimos,
Talvez seja inda honesta; mas, me diga,
Algumas vezes já não viu um lenço,
Com estampa de morangos, nas mãos dela?

OTELO

Eu lhe dei um; meu primeiro presente.

IAGO

Isso eu não sei; porém um lenço assim —
Da sua esposa, eu sei — vi
Cassio hoje usar em sua barba.

OTELO

Se assim for…

IAGO

Sim, sendo esse, ou qualquer outro dela,
Depõe contra a mulher, com as outras provas.

OTELO

Tivesse a escrava quarenta mil vidas!
Uma não basta pra minha vingança:
Ora vi que é verdade; escute, Iago,
Meu tolo amor foi pro céu em pedaços…
Acabou-se.
Negra vingança, salta de tua cova,
Amor, cede a coroa, o terno trono,
Parte pro ódio, peito que ora pesas
Co'a tirania dos ferrões de abelhas!

(*Ele se ajoelha.*)

IAGO

Calma, eu lhe peço.

OTELO

Sangue, Iago, sangue!

IAGO

Muita calma; talvez mude de ideias.

OTELO

Jamais, Iago. Assim como o mar Pôntico,
Com seu curso gelado e inelutável,
Não sente maré baixa e sempre corre
Para o Propôntico e o Helesponto:
Minha sangrenta ideia, em largos passos,
Pra trás não olha, em vazante de amor,
Antes que uma vingança, ampla e abrangente,
Engula os dois. Por esse céu de mármore,
E com o empenho de um voto sagrado,
Dou a minha palavra.

IAGO

Não levante,
(*Iago ajoelha-se.*)
Testemunhem, celestes luzes fixas,
E elementos que a todos nós envolvem,
Testemunhem que Iago aqui abdica
O melhor de seu braço e coração
Ao serviço de Otelo injustiçado:
Não cumprir seu comando será culpa,
Por sangrento que seja.

OTELO

O que recebo
De forma generosa, não gratuita,
E desde logo uso os seus serviços:
Nestes três dias quero ouvir dizer
Que Cassio não 'stá vivo.

IAGO

Ele está morto:
Feito como pediu; mas que ela viva!

OTELO

Maldita seja a rameira: maldita!
Vamos, venha comigo e, em segredo,
Hei de achar meios de matar depressa
A bela infame: agora é meu tenente.

IAGO

Sou seu pra eternidade.

(*Saem.*)

Cena IV — No mesmo local.

(*Entram Desdêmona, Emília e o Cômico.*)

DESDÊMONA

Sabe, rapaz, onde se abriga o Tenente Cassio?

CÔMICO

E quem sou eu pra dizer se ele briga?

DESDÊMONA

O que é isso, homem?

CÔMICO

Ele é soldado, e dizer se há briga para soldado sempre acaba em facada.

DESDÊMONA

Deixe disso; não sabe onde ele se hospeda?

CÔMICO

Dizer onde se hospeda é comprar briga pra mim.

DESDÊMONA

Existe algum modo de conseguir sentido nisso?

CÔMICO

Não sei onde se hospeda, e se inventar um lugar e disser que o abriga, ou que há briga onde está, é comprar uma briga com mentira.

DESDÊMONA

Será que poderia indagar e ficar mais instruído pelo que ouvir?

CÔMICO

Vou catequizar o mundo por ele, isto é, fazer perguntas e por elas conseguir respostas.

DESDÊMONA

Procure-o, peça-lhe que venha aqui, que implorei a meu senhor em favor dele e espero que tudo saia bem.

CÔMICO

Fazer isso fica dentro da abrangência humana, e portanto eu tentarei fazê-lo.

DESDÊMONA

Onde terei perdido o lenço, Emília?

EMÍLIA

Não sei, senhora.

DESDÊMONA

Juro que antes perderia a bolsa
Com cruzados, pois, se meu nobre Mouro
Não fosse firme, e livre de baixezas
Como as dos ciumentos, isso bastava
Pra que pensasse mal.

EMÍLIA

Não tem ciúmes?

DESDÊMONA

Quem, ele? O sol que o viu nascer, eu penso,
Sugou-lhe esses humores.

(*Entra Otelo.*)

EMÍLIA

Lá vem ele.

DESDÊMONA

E agora não o deixo. Chame Cassio
Pra que venha. Meu senhor, como passa?

OTELO

Bem, senhora:
(*à parte*)

Mas é duro fingir!
Como passa, Desdêmona?

DESDÊMONA

'Stou bem.

OTELO

Dê-me a mão; está úmida, senhora.

DESDÊMONA

Não sente ainda a idade ou a tristeza.

OTELO

Então é fértil, tem bom coração;
Úmida e quente, a sua mão requer
Muito controle, preces e fastio,
Com muita penitência e devoção;
Pois um jovem demônio sua aqui,
Que tende à rebeldia. É uma mão boa.
E franca.

DESDÊMONA

Isso pode dizer, sem dúvida,
Pois foi a que doou meu coração.

OTELO

Mãos liberais outrora o peito dava,
Mas hoje são só mãos, sem coração.

DESDÊMONA

Isso eu não sei. E então, sua promessa.

OTELO

Que promessa, menina?

DESDÊMONA

Mandei vir Cassio pra falar consigo.

OTELO

'Stou cheio de um catarro que me irrita
Onde está seu lenço?

DESDÊMONA

Aqui, senhor.

OTELO

O que eu lhe dei.

DESDÊMONA

Não está comigo agora.

OTELO

Não?

DESDÊMONA

Digo que não, senhor.

OTELO

É falta grave.
Uma egípcia é que o deu à minha mãe;
Era maga, que lia a mente alheia,
E lhe disse que, enquanto ela o guardasse,
Sendo gentil, prenderia meu pai
Só para o seu amor; mas se o perdesse,
Ou o desse a alguém mais, os olhos dele
A veriam com ódio, e buscariam
Outros amores: morrendo, ela m'o deu,
E pediu-me que, se eu tivesse esposa,
O desse a ela. Eu o fiz; pense bem,
Cuide-o com amor, para que, a seus olhos,
Perdê-lo ou dá-lo seja perdição
Que nada iguale.

DESDÊMONA

Mas será possível?

OTELO

É bem verdade; há mágica na trama;
Uma sibila, que já vira o mundo
Cercar o sol mais de duzentas vezes,
Com sua fúria profética teceu-o;
Vindo a seda de larvas consagradas,
E tingida com múmias que conservam
Corações de donzelas.

DESDÊMONA

Isso é verdade?

OTELO

Mais que verdade; portanto, cuidado.

DESDÊMONA

Quisera Deus jamais eu tê-lo visto!

OTELO

Ah, é? Por quê?

DESDÊMONA

Por que fala tão grosso e ameaçador?

OTELO

Perdeu-o? Foi-se? Diga, desapareceu?

DESDÊMONA

Deus nos acuda!

OTELO

O que disse?

DESDÊMONA

Não o perdi; mas se perdesse?

OTELO

Ah!

DESDÊMONA

Digo que não perdi.

OTELO

Vá então buscá-lo.

DESDÊMONA

Eu posso ir, senhor; mas não agora;
Isso é só truque pra mudar de assunto
Mas peço que receba Cassio agora.

OTELO

Busque o lenço; minha mente sofre.

DESDÊMONA

Ora, vamos,
Jamais terá homem mais competente.

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Por favor, fale de Cassio.

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Um homem que, sua vida inteira,
Contou com seu amor em seu destino,

Passou perigos com o senhor…

OTELO

O lenço!

DESDÊMONA

Na verdade, a culpa é sua.

OTELO

Pelas Chagas de Cristo!
(*Sai.*)

EMÍLIA

E esse homem não tem ciúmes?

DESDÊMONA

Nunca vi isso antes:
O lenço deve ter algum encanto,
E eu estou muito triste por perdê-lo.

EMÍLIA

Um ano ou dois não nos mostram um homem:
São estômagos todos, nós, comida;
Engolem-nos com fome e, saciados,
Nos arrotam.
(*Entram Iago e Cassio.*)
Eis Cassio e o meu marido.

IAGO

Não há outro caminho; ela é que pode,
E veja aqui que sorte! Vá falar-lhe.

DESDÊMONA

Então, bom Cassio, quais as suas novas?

CASSIO

Sempre as mesmas, senhora: e aqui imploro
Que por sua virtude eu possa ser
De novo eu mesmo e goze o amor daquele
A quem meu coração e o meu dever
Sempre honraram; não quero mais esperas:
Se a minha ofensa é tão mortal assim,
Que nem o que servi, nem o que sofro,
Nem o sonho de méritos futuros
De volta ao seu amor podem levar-me,

Que para mim, então, baste sabê-lo;
Pra que eu envergue aceitação forçada,
E me entregue a algum outro caminho
Pra esmolar meu fado.

DESDÊMONA

Gentil Cassio,
Minha defesa está desafinada;
Meu senhor não é ele; e, se mudasse
Assim de rosto, eu nem o conhecia.
Que as almas do céu todas me ajudem;
Falando em seu favor, fiz o que pude,
E virei alvo de seu desprazer
Por ter falado: tem que ter paciência;
O que possa eu farei, que será mais
Do que por mim eu ouso. Que isso baste.

IAGO

Meu amo está zangado?

EMÍLIA

Foi-se agora,
Na mais estranha das inquietações.

IAGO

Ele se zanga? Pois já vi canhões
Atirarem suas tropas pelos ares;
E (qual demônio) de seu próprio braço
Arrastar seu irmão; ele se zanga?
Deve ser importante; vou buscá-lo,
É coisa grande, se ele assim se zanga.

DESDÊMONA

Sim, por favor; na certa é algo de Estado,
Ou de Veneza, ou algum plano oculto
Descoberto por ele aqui em Chipre,
Que lhe turbou a mente, e em tais casos
Os homens lutam com coisas menores
Embora as grandes sejam o problema.
E assim mesmo; pois se dói um dedo,
Todas as nossas partes, mesmo sãs,

Concentram-se na dor; lembremos sempre
Que os homens não são deuses;
Nem deles esperemos atenções
Como das bodas: que vergonha, Emília,
Eu estava (pois sou um mau soldado)
A acusá-lo de mau com minha alma:
Mas vejo que comprei a testemunha
E ele foi falsamente indiciado.

EMÍLIA

Eu rezo pr'as razões serem de Estado,
Como pensa, e não ciúmes loucos
A seu respeito.

DESDÊMONA

Que tristeza; jamais eu lhe dei causa!

EMÍLIA

Isso não basta pr'alma ciumenta;
Não é por causa que se tem ciúme,
Só se o tem porque se o tem; é um monstro
Que é gerado e parido por si mesmo.

DESDÊMONA

Que ele não entre na mente de Otelo!

EMÍLIA

Senhora, amém!

DESDÊMONA

Vou procurá-lo; Cassio fique aqui;
Se estiver bem, eu defendo o seu caso,
E faço tudo para resolvê-lo.

CASSIO

Eu lhe agradeço, senhora.

(*Saem Desdêmona e Emília.*)
(*Entra Bianca.*)

BIANCA

Salve Cassio!

CASSIO

Que faz fora de casa?
Bianca tão bela, está passando bem?
Na verdade, querida, eu ia vê-la.

BIANCA

E eu a você, onde se hospeda, Cassio;
Uma semana longe? Sete dias?
Cento e sessenta e oito horas distante,
Que sem amor parecem mais tediosas,
Fazendo contas!

CASSIO

Me perdoe, Bianca!
Todo esse tempo a mente eu tive opressa,
Mas se encontrar momento mais ameno
Compensarei a ausência, doce Bianca.
(*Dá-lhe o lenço de Desdêmona.*)
Copie-me o desenho.

BIANCA

De onde veio?
Isso é lembrança de uma nova amiga;
Senti a ausência, agora sinto a causa;
Chegou a isso, então?

CASSIO

Chega, mulher;
Atire vis ideias pro diabo,
De onde vieram; tem ciúme agora
Achando que é lembrança de uma amante.
Não, eu juro, Bianca.

BIANCA

De quem é?

CASSIO

Não sei, querida; achei-o no meu quarto;
O desenho é bonito, e antes que o peçam,

Como é provável, quero que o copie;
Leve e o faça, e por agora deixe-me.

BIANCA

Mas deixá-lo por quê?

CASSIO

Aguardo aqui que venha o general,
E não é meu desejo, e nem de ajuda,
Que me veja com mulher.

BIANCA

Por que não?

CASSIO

Não que a não ame.

BIANCA

Porém não me ama:
Acompanhe-me um pouco, por favor,
E diga-me se o vejo logo à noite.

CASSIO

Só posso ir com você por um pouquinho;
Devo esperar; porém a verei logo.

BIANCA

Está bem; compreendo as circunstâncias.

(*Saem.*)

ATO IV

Cena I — O mesmo local.

(*Entram Iago e Otelo.*)

IAGO

Mas pensa assim?

OTELO

Se penso, Iago?

IAGO

O quê?

Um beijo oculto?

OTELO

Um beijo proibido.

IAGO

Ou ficar nua ao leito com um amigo
Por uma hora ou tal, sem ser por mal?

OTELO

Nua no leito, Iago, e não por mal?
Seria hipocrisia contra o demo:
Se os virtuosos agem desse modo,
O demo os tenta, e eles tentam o céu.

IAGO

Sem fazer nada, é venial o erro;
Porém se eu dou um lenço à minha esposa.

OTELO

O quê?

IAGO

Ele é dela, senhor; e, sendo dela,
Pode dá-lo, penso eu, a qualquer homem.

OTELO

Ela é a guardiã de sua honra;
Pode dá-la também?

IAGO

A honra é essência que ninguém enxerga,
Muitas vezes a têm os que a não têm:
Mas quanto ao lenço…

OTELO

Oh, Deus! Quem me dera eu esquecê-lo:
Segundo disse (ora vem-me à lembrança,
Como o corvo a uma casa de doenças,
Com mau agouro) o lenço está com ele.

IAGO

Sim, e daí?

OTELO

Não é tão bom, agora.

IAGO

E se eu disser que o vi a ofendê-lo?
Ou que o ouvi — como faz o canalha
Que, só por insistir em seus pedidos,
Ou pela adoração de alguma amante
Conseguiu triunfar, não tem escolha
Senão gabar-se —

OTELO

Ele disse algo assim?

IAGO

Disse, senhor, mas pode ter certeza
Que há de jurar que não.

OTELO

Que disse ele?

IAGO

Bem, que ele fez… não sei o que ele fez.

OTELO

Mas o quê?

IAGO

Deitou.

OTELO

Com ela?

IAGO

Ou nela, eu sei lá.

OTELO

Deitou-se com ela, deitou-se nela? Digamos deitou-se nela e deitemos culpa nela — deitou-se com ela, pelas Chagas de Cristo, isso é nojento! O lenço — confissões — o lenço! Confessar e se enforcar por isso. Primeiro ser enforcado, e depois confessar; tremo à ideia. A natureza não se lançaria à paixão tão obscura sem ter algum sentido. Psh! Narizes, orelhas e lábios. Será possível? — Confessar? — O lenço? — Ah, demônio!

(*Ele cai.*)

IAGO

Vamos, trabalha!
Avante, meu remédio: assim os crédulos,
Assim os tolos e as mulheres castas
Sem culpa são punidos. Meu senhor!
Ouça, senhor! Otelo!
(*Entra Cassio.*)
Então, Cassio?

CASSIO

O que houve?

IAGO

O meu amo caiu, com epilepsia;
É um novo ataque; teve um outro ontem.

CASSIO

Lhe esfregue as têmporas.

IAGO

Não, não; espere.
A letargia tem um curso certo,
Se não segui-lo, baba, e daí a pouco
Fica louco e selvagem; vê, se move:
É melhor afastar-se por um pouco:
Logo se cura; e, quando ele sair,
É hora pra nós dois conferenciarmos.
(*Sai Cassio.*)
Senhor, como é? Machucou a cabeça?

OTELO

Zomba de mim?

IAGO

Zombar, eu? Não, eu juro.
Tem de enfrentar seu fado como um homem!

OTELO

Homem cornudo é um monstro, uma fera.

IAGO

Há muita fera então, numa cidade,
E muito monstro urbano.

OTELO

Confessou ele?

IAGO

Senhor, seja homem;
Lembre que todo homem preso à canga
Faz junta com o senhor; pois milhões vivem
Dormindo toda noite em cama alheia
Que dizem suas; seu caso é melhor
É o pior deboche do demônio,
Beijar perdida em leito garantido,
Supondo-a casta. Não; quero saber,
E sabendo o que sou sei o futuro.

OTELO

Eu sei que é sábio.

IAGO

Afaste-se um pouquinho,
Esconda-se e escute com atenção:
Enquanto aqui ficou, louco de dor —
Paixão que não cai bem a nenhum homem
Cassio aqui esteve, mas eu o afastei
Dando boa desculpa pro seu êxtase;
Mas pedi que viesse conversar,
E ele aceitou: mas esconda-se bem,
E repare os muxoxos, os deboches,
Que marcam todo o aspecto de seu rosto;
Pois eu farei com que repita a história,
Onde, como, quantas vezes, e quando
Ele esteve e vai estar com sua esposa:
Repare nos seus gestos; mas com calma,
Senão eu digo-lhe que está maluco,
E nem é homem mais.

OTELO

Pois sabe, Iago?
Eu serei ardiloso na paciência;
Porém — ouviu? — sangrento.

IAGO

Isso vai bem:
Mas tudo no seu tempo; quer sair?
(*Otelo afasta-se.*)
Com Cassio, agora, eu falarei de Bianca,
Rapariga que vende os seus desejos
Pra comprar pão e roupa; adora Cassio,
E a praga da rameira é seduzir
A muitos mas por um ser seduzida.
(*Entra Cassio.*)
Já ele, ao falar dela, não consegue
Deixar de gargalhar; ei-lo que chega,
E há de sorrir, enlouquecendo Otelo,
Pois seu ciúme iletrado vai ler
O riso e o jeito do meu pobre Cassio
Completamente errado. Então, tenente?

CASSIO

Fico pior só por ouvir tal título,
Cuja falta me mata.

IAGO

Se insistir com Desdêmona o terá;
Mas é claro que se fosse Bianca,
Tudo corria mais.

CASSIO

Eu sei, coitada!

OTELO

Já está rindo!

IAGO

Não há mulher que ame tanto um homem.

CASSIO

Coitada, eu sei; parece que ama mesmo.

OTELO

Nega de leve, e ainda ri-se dela.

IAGO

É mesmo, Cassio?

OTELO

Agora ele provoca,
Para que continue; muito bem!

IAGO

Ela espalhou que vai casar com ela,
É o que planeja?

CASSIO

Ha, ha, ha!

OTELO

E triunfa, romano? Inda se gaba?

CASSIO

Casar com ela? o quê? sou cliente;
Por favor, pense mais do meu bom senso,
Não pense que sou louco. Ha, ha, ha!

OTELO

Isso, isso, isso: o riso sempre ganha.

IAGO

Pois corre que vai se casar com ela.

CASSIO

Por favor, fale sério.

IAGO

Sou vilão se é mentira.

OTELO

Marcou-me, então? Muito bem.

CASSIO

Isso foi a macaca que espalhou; está convencida de que eu vou casar com ela, graças a seu amor e imaginação, e não por ter eu feito qualquer promessa.

OTELO

Iago acena. Vai começar a história.

CASSIO

Ela esteve aqui ainda há pouco, me persegue por toda parte. No outro dia eu estava à beira-mar, com uns venezianos, e lá veio a tonta; palavra que pulou no meu pescoço…

OTELO

Como gritando "Cassio, meu querido!": é o que quer dizer seu gesto.

CASSIO

E se pendura em mim, e chora, e se sacode; e me saúda e puxa, ha, ha, ha!

OTELO

Agora está contando como ela o levou para o meu quarto. Estou vendo bem o seu nariz, mas não o cão para o qual vou jogá-lo.

CASSIO

Bom, vou ter de abandoná-la.

(*Entra Bianca.*)

IAGO

Raios me partam; lá vem ela.

CASSIO

Essa não passa de um gato bravo, perfumado. Que história é essa de ficar me perseguindo?

BIANCA

Que o diabo e a mãe dele o persigam, que quis dizer com aquele lenço que me deu há pouco? Fui uma tola em levá-lo; eu tenho de copiar todo aquele desenho, um trabalho de primeira, e o senhor o achou em seu quarto mas não sabe quem o deixou lá! Pois dê pra puta de quem o ganhou, que eu não vou copiar bordado nenhum.

CASSIO

O que é isso, doce Bianca, que é isso, que é isso?

OTELO

Pelos céus, deve ser o meu lenço!

BIANCA

Se vier cear hoje à noite, pode trazê-lo; se não, venha quando estiver bem-preparado.

(*Sai.*)

IAGO

Vá lá; corra atrás dela!

CASSIO

Tenho de ir, senão grita pela rua.

IAGO

E vai cear com ela?

CASSIO

É o que pretendo.

IAGO

Pode ser que vá vê-lo, pois quero ter uma conversa.

CASSIO

Pois então venha, por favor.

IAGO

Nem precisa insistir; vá.

OTELO

(*avançando*)
Como hei de assassiná-lo, Iago?

IAGO

Percebeu como ri de sua devassidão?

OTELO

Oh, Iago!

IAGO

E viu o lenço?

OTELO

Era o meu?

IAGO

Por esta mão, o seu: e vê que valor dá àquela tola da sua mulher!
Ela deu a ele, ele já o deu à sua puta.

OTELO

Queria levar nove anos matando-o; uma mulher boa, uma
mulher linda, uma mulher doce!

IAGO

Não; é preciso esquecer-se.

OTELO

E que ela apodreça, e pereça e vá pro inferno esta noite, pois não viverá; não, meu coração virou pedra; se o golpear, machuco a mão: Ah, o mundo não contém criatura mais doce; poderia deitar-se ao lado de um imperador e determinar-lhe as tarefas.

IAGO

Não, seu caminho não é esse.

OTELO

Que morra, digo apenas o que ela é: tão delicada com a agulha, musicista admirável, Ah, seu canto domina a selvageria de um urso; de espírito e fantasia tão finos e generosos!

IAGO

Por isso mesmo ainda pior.

OTELO

Mil, mil vezes mais: de tão alto berço!

IAGO

Até demais!

OTELO

Isso é certo, mas que pena que dá, Iago: Ah, Iago, que pena que dá, Iago!

IAGO

Se ama tanto sua iniquidade, dê-lhe permissão para ofender, pois, se não atinge o senhor, não importa a mais ninguém.

OTELO

Vou fazer picadinho dela… Cornear-me!

IAGO

Ela é imunda!

OTELO

Com um oficial meu!

IAGO

O que é mais imundo ainda!

OTELO

Arranje-me veneno, Iago; inda esta noite; não quero discutir com ela, para que seu corpo e sua beleza não me enfraqueçam de novo a mente; esta noite, Iago.

IAGO

Não use veneno, estrangule-a na cama, na mesma cama que ela contaminou.

OTELO

Bom, bom, essa justiça me agrada, muito bem.

IAGO

Quanto a Cassio, deixe que eu me encarregue dele: terá mais novidades à meia-noite.

OTELO

Excelente,
(*fanfarras fora*)
Que fanfarra é essa?

(*Entram Ludovico, Desdêmona e séquito.*)

IAGO

Por certo é de Veneza; é Ludovico,
Vindo do duque; vem com sua esposa.

LUDOVICO

Deus salve o grande general!

OTELO

Senhor!

LUDOVICO

O duque e os senadores o saúdam.

(*Dá-lhe uma carta.*)

OTELO

E eu beijo o instrumento de seu gesto.

(*Abre a carta e lê.*)

DESDÊMONA

Quais as novas, bom primo Ludovico?

IAGO

Muito me alegro por vê-lo, senhor.
Bem-vindo a Chipre.

LUDOVICO

Sou grato; como está o Tenente Cassio?

IAGO

Vive, senhor.

DESDÊMONA

Deu-se, meu primo, entre ele e o meu senhor,
Ruptura que o senhor há de curar.

OTELO

Está certa disso?

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO

(*lendo*)
"Não deixe de cumpri-lo, já que há de…"

LUDOVICO

Ele não disse nada; 'stá ocupado.
Mas há deveras luta entre ele e Cassio?

DESDÊMONA

Das mais tristes; e eu faria muito
Pr'atenuá-la, por amor a Cassio.

OTELO

Fogo e enxofre!

DESDÊMONA

Senhor?

OTELO

Não tem juízo

DESDÊMONA

'Stará zangado?

LUDOVICO

Talvez a carta o toque;
Pois creio que o removem para casa,
E indicam Cassio pro governo aqui.

DESDÊMONA

Isso me alegra.

OTELO

É mesmo?

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO

Apraz-me vê-la louca.

DESDÊMONA

Doce Otelo.

OTELO

Demônio.

(*Dá-lhe um tapa.*)

DESDÊMONA

Não mereci isso.

LUDOVICO

Em Veneza, senhor, não o crerão,
Se eu jurar que vi isso; é um despropósito,
Peça perdão, ela chora.

OTELO

Oh, demônio!
Se co'esse pranto ela emprenhasse a terra,
Gerava um crocodilo cada lágrima.
Fora daqui!

DESDÊMONA

Não fico, se o ofendo.

(*Vai saindo.*)

LUDOVICO

Uma dama deveras obediente:
Eu lhe imploro, senhor; chame-a de volta.

OTELO

Mulher!

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO

Senhor, que quer com ela?

LUDOVICO

Eu, senhor?

OTELO

Sim, pois pediu que a fizesse voltar:
E ela pode voltar, e girar, e voltar mais,
Girando aos prantos; sim, senhor, aos prantos;
E, como disse o senhor, é obediente;
É muito obediente. Vá chorar.
Quanto a isto, senhor — Oh paixão bela! —
Sou comandado… saia já daqui,
Mando chamá-la logo… Eu cumpro as ordens,
E volto pra Veneza… Vamos, fora!
(*Sai Desdêmona.*)
Cassio terá meu posto; e, meu senhor,
Rogo que à noite nós ceiemos juntos.
Bem-vindo a Chipre. Bodes e macacos!

(*Sai.*)

LUDOVICO

É este o nobre Mouro que o senado
Chama impecável? Essa a natureza
Tão imune à paixão? Cujas virtudes
O golpe acidental, a seta a esmo
Não marca e nem penetra?

IAGO

Mudou muito.

LUDOVICO

Está segura a esposa? Ele está louco?

IAGO

Está como está; não me cabe arbitrar
Se está ou não; mas, se não estiver,
Bom fora estar.

LUDOVICO

Bater assim na esposa?

IAGO

Sim, não foi certo; mas eu só espero
Que isso seja o pior!

LUDOVICO

Mas já é hábito?
Ou o abalaram de tal modo as cartas,
Que provocaram isso?

IAGO

Ai, ai; ai, ai!
Eu não me sinto honesto assim falando
Do que já vi e sei; há de observá-lo,
A fim de que eu não fale: porém, siga-o,
E repare se insiste.

LUDOVICO

Eu lamento iludir-me tanto com ele.

(*Saem.*)

Cena II — Uma sala no castelo.

(*Entram Otelo e Emília.*)

OTELO

Nunca viu nada, então?

EMÍLIA

E nem ouvi, e nem desconfiei.

OTELO

Está bem, mas já a viu junto com Cassio.

EMÍLIA

Mas nada vi de errado, e sempre ouvi
Cada palavra que entre os dois passou.

OTELO

O quê? Não sussurravam?

EMÍLIA

Não, senhor.

OTELO

Nunca a mandou sair?

EMÍLIA

Nunca.

OTELO

Pra buscar máscara, a luva, o leque?

EMÍLIA

Nunca, meu senhor.

OTELO

É estranho.

EMÍLIA

Ouso apostar, senhor, até minh'alma
Que ela é honesta: se não pensa assim,
Afaste tal ideia, que o ofende.
Se algum maldito o fez pensar assim,
Que céu mande a serpente pra daná-lo,
Pois, se ela não for casta, fiel e honesta,
Não há homem feliz e, das mulheres,
A mais pura é imunda.

OTELO

Vá chamá-la.

(*Sai Emília.*)

Disse bem; mas é mulher simplória,

Não sabe nada; essa puta é sutil,
Que tranca à chave seus mais vis segredos,
E reza de joelhos, que eu já vi.

(*Entram Desdêmona e Emília.*)

DESDÊMONA

Que quer, senhor?

OTELO

Menina, venha cá.

DESDÊMONA

O que deseja?

OTELO

Deixe eu ver seus olhos…
Olhe-me o rosto.

DESDÊMONA

O que o horroriza?

OTELO

(*para Emília*)
Fulanas do seu ramo
Deixam sozinhos os procriadores,
E inda tossem, à porta, se alguém chega;
É seu mister, é seu mister; vá embora.

(*Sai Emília.*)

DESDÊMONA

De joelhos; do que é que está falando?
Compreendo que há fúria no que diz,
Porém não as palavras.

OTELO

E você, o que é?

DESDÊMONA

Sua esposa, senhor, casta e leal.

OTELO

Jure e dane sua alma;
Senão, sendo do céu, até os demônios
Temerão agarrá-la; então, se dane,
Jure que é honesta.

DESDÊMONA

O céu sabe que sou.

OTELO

O céu a sabe falsa como o inferno.

DESDÊMONA

A quem, senhor? Com quem? Como sou falsa?

OTELO

Ah, Desdêmona, vá-se embora; vá!

DESDÊMONA

Mas que dia aziago, por que chora?
Senhor, sou eu a causa dessas lágrimas?
Se acaso desconfia que meu pai
Foi instrumento pr'essas novas ordens,
Não ponha em mim a culpa; se o perdeu,
Também eu o perdi.

OTELO

Quisesse o céu
Pôr-me à mais dura prova e me banhado
A cabeça com chagas e vergonhas,
Me enterrado em miséria até a boca,
Aprisionado a mim e ao que aspiro,
E eu acharia, em um ponto da alma,
Um pingo de paciência; mas fazer-me
Um alvo fixo pro escárnio do tempo,
Apontar o seu lento dedo imóvel…
Ai, até isso eu também aguentava:
Mas aqui, onde guardo o coração,
Onde devo viver, ou não ter vida,
A fonte, de onde vem minha corrente,
Que, senão, seca; ser banido dela,

Ou tê-la qual cisterna aonde os sapos
Cruzam e geram. Vire aqui o rosto;
Paciência, lábios rosados de anjo,
Eu ora os vejo duros como o inferno!

DESDÊMONA

Espero que meu amo me ache honesta.

OTELO

Sim, como a mosca do estio no açougue,
Que emprenha até com o vento:
Musgo horrendo, por que inda é tão bela?
Cheira tão bem que os sentidos me doem,
Quem dera aos céus não tivesse nascido!

DESDÊMONA

Que pecado, que ignoro, eu cometi?

OTELO

Mas foi feita essa página, ou esse livro,
Para se escrever "puta"?... Que cometeu?
Que cometeu! Prostituta de todos!
As minhas faces virariam forjas
Nas quais em cinzas fazem-se os pudores,
Falando de seus atos. Cometeu!
O céu torce o nariz, a lua pisca,
O vento, cáften que beija o que encontra,
Escondeu-se na mina oca da terra
Pra não ouvi-los... O que cometeu?
Puta vil...

DESDÊMONA

Pelo céu, me calunia!

OTELO

Então não é rameira?

DESDÊMONA

Não, por Deus:
Se preservar meu corpo pro meu amo,
Contra o toque odioso ou ilegal,
É não ser meretriz, eu não o sou.

OTELO

Não é puta?

DESDÊMONA

Por minha salvação.

(*Entra Emília.*)

OTELO

Será possível?

DESDÊMONA

Oh céus, perdão.

OTELO

Eu é que me desculpo,
Tomei-a pela puta de Veneza
Que se casou com Otelo; aí, você,
Que ocupa cargo oposto ao de são Pedro,
E guarda as portas do inferno, sim, você!
Já terminamos; 'stá aqui seu preço,
Passe a chave, e a boca bem calada. (*Sai.*)

EMÍLIA

Ai, ai, que inventou esse senhor?
Minha boa senhora, como está?

DESDÊMONA

Quase dormindo, na verdade.

EMÍLIA

Senhora, o que há com o meu senhor?

DESDÊMONA

Com quem?

EMÍLIA

Ora, o que há com o meu amo, senhora?

DESDÊMONA

E quem é o seu amo?

EMÍLIA

O seu, senhora.

DESDÊMONA

Não tenho amo; e não me fale, Emília,
Não tenho lágrimas, nada a dizer,
Senão o dito em pranto; e pr'esta noite
Ponha na cama meus lençóis de núpcias;
Chame aqui seu marido.

EMÍLIA

Que mudanças!

(*Sai*.)

DESDÊMONA

Se o merecesse, estava muito bem;
Como me comportei que ele pudesse
Condenar-me a menor das transgressões?

(*Entram Iago e Emília*.)

IAGO

Que deseja, senhora? Como passa?

DESDÊMONA

Não sei dizer. Os que ensinam crianças
O fazem com cuidado, pelo fácil;
Assim me devia ter repreendido,
Sou criança em castigos.

IAGO

O que há, senhora?

EMÍLIA

Meu amo de tal modo a ofendeu,
Com tal desprezo e termos tão grosseiros,
Que não o atura um puro coração.

DESDÊMONA

Sou esse nome, Iago?

IAGO

Mas, que nome?

DESDÊMONA

Esse tal que o meu amo diz que eu sou?

EMÍLIA

Chamou-a puta. Um mendigo bêbado
Não trataria assim sua rameira.

IAGO

Mas por que o fez?

DESDÊMONA

Eu não sei, mas eu sei que isso não sou.

IAGO

Não chore, não chore não; que tristeza!

EMÍLIA

Deixou pra traz pretendentes tão nobres,
Seu pai, o seu país, tantos amigos,
Pra ser chamada puta? E sem chorar?

DESDÊMONA

É o meu fado.

IAGO

Maldito seja ele!
O que lhe deu para isso?

DESDÊMONA

Só Deus sabe.

EMÍLIA

Quero morrer se algum velhaco vil,
Algum safado pronto a bajular,
Crápula sórdido atrás de um cargo,
Não fosse quem mentiu. Quero morrer!

IAGO

Deixe disso; não existe homem assim!

DESDÊMONA

Mas, se existir, peço a Deus que o perdoe!

EMÍLIA

Perdão na forca, e podridão no inferno!

Puta por quê? Com quem passa o seu tempo?
Onde, quando, como, de que modo?
Algum devasso é que enganou o Mouro,
Algum crápula pútrido, nojento;
Que os céus descubram o tal camarada,
A toda mão honesta dê um açoite,
Para açoitá-lo nu por este mundo,
De leste a oeste.

IAGO

Tenha compostura.

EMÍLIA

Maldito seja! É como o tal sujeito
Que entulhou sua cabeça de sujeira,
E o fez desconfiar de mim com o Mouro.

IAGO

Você é uma idiota.

DESDÊMONA

Ah, meu bom Iago,
Que fazer pra de novo ter meu amo?
Vá procurá-lo, amigo; pelo céu,
Não sei como o perdi. 'Stou de joelhos:
Se contra o seu amor pequei um dia,
Em pensamentos, palavras, ou obras,
Ou se meus olhos, ou quaisquer sentidos
Procuraram prazer em outra imagem,
Ou se algum dia, agora, no passado,
Ou por vir (mesmo que ele me abandone
Em mísero divórcio) não o amar,
Seja eu maldita! O malquerer faz muito;
E dele o malquerer me tira a vida,
Mas não mancha o amor. "Puta" eu não digo;
Eu me abomino só por pronunciá-lo;
Fazer o ato que merece o título
Nem pelo mundo inteiro eu poderia.

IAGO

Mas tenha paciência; isso é capricho,

Os negócios de Estado o preocupam,
E ele agride a senhora.

DESDÊMONA

Se for só isso…

IAGO

E é, sim; eu garanto.
(*fanfarra*)
Ouça, o toque já chama para a ceia,
E os delegados de Veneza aguardam:
Vá e não chore: tudo vai dar certo.
(*Saem Desdêmona e Emília.*) (*Entra Rodrigo.*)
Então, Rodrigo?

RODRIGO

Não me parece que tenhas agido bem comigo.

IAGO

O que indica o contrário?

RODRIGO

Todo dia me afastas com desculpas, Iago, e antes me manténs, parece, privado de qualquer vantagem do que me ofereces qualquer garantia de esperança: eu na verdade não vou mais aguentar, e nem estou disposto a aceitar em paz tudo o que por tolice já passei.

IAGO

Queres ouvir-me, Rodrigo?

RODRIGO

Na verdade já te ouvi demais, pois tuas palavras e atos não se parecem em nada.

IAGO

Me acusas com a maior injustiça.

RODRIGO

Apenas com a verdade. Já gastei tudo o que é meu: as joias que te dei, para Desdêmona, teriam corrompido uma vestal: tu dizes que ela as recebeu e reagiu dando-me esperanças e promessas, de respeito e de encontros,
mas não dão em nada.

IAGO

Então vai, avante; muito bem.

RODRIGO

Muito bem, vai, avante, não posso ir, homem, e não está muito bem; palavra que está tudo uma porcaria, e estou começando a pensar que me fiz de bobo.

IAGO

Muito bem.

RODRIGO

Não está nada bem: vou dar-me a conhecer a Desdêmona; se ela devolver minhas joias, eu desisto de minha corte e me arrependo dessa insistência ilegal; se não, podes ter a certeza de que buscarei satisfação contigo.

IAGO

Agora está dito.

RODRIGO

Está; e não disse nada que não tivesse a intenção séria de fazer.

IAGO

Agora vejo que tu tens coragem, e a partir deste momento faço melhor juízo de ti do que jamais fizera antes. Dá-me a mão, Rodrigo: fizeste contra mim reclamação das mais justas, mas mesmo assim garanto que tenho agido com a maior correção nos teus interesses.

RODRIGO

Pois não pareceu.

IAGO

Admito que não tenha parecido, e tua suspeita fala com espírito e critério: mas, Rodrigo, se tens em ti o que eu, realmente, tenho mais razão para crer agora do que nunca, quero dizer, perseverança, coragem e bravura, mostra-o esta noite; e, se na noite seguinte não gozas de Desdêmona, tira-me deste mundo por traição, trama contra a minha vida.

RODRIGO

Bem, e é coisa razoável e que se possa fazer?

IAGO

Pois chegou uma ordem especial de Veneza, que coloca Cassio no lugar de Otelo.

RODRIGO

É verdade? Então Otelo e Desdêmona voltam para Veneza.

IAGO

Não; ele vai para a Mauritânia, e leva consigo a bela Desdêmona, a não ser que sua permanência seja prolongada por algum incidente, sendo nenhum tão determinante quanto a remoção de Cassio.

RODRIGO

Que queres dizer com sua remoção?

IAGO

Ora, torná-lo incapacitado para ocupar o lugar de Otelo, arrebentando-lhe os miolos.

RODRIGO

E é isso que queres que eu faça?

IAGO

Sim, e se quiseres fazer-te um serviço e um proveito, ele ceia esta noite com uma rameira, onde irei encontrá-lo. Ele não sabe ainda de sua boa sorte: se o observas ao sair de lá, o que farei acontecer entre as 12 e a uma, podes tomá-lo ao teu prazer: estarei perto para apoiar teu ataque, e entre nós dois, ele cai: vamos, não fiques aí assim, tão espantado, mas vem comigo, pois hei de provar uma tal necessidade em sua morte, que hás de julgar-te obrigado a fazê-lo. Já é hora da ceia, e a noite vai passando; ao trabalho!

RODRIGO

Quero ouvir mais razões para isso.

IAGO

Vou satisfazer-te.

(*Saem.*)

Cena III — Outra sala no castelo.

(*Entram Otelo, Ludovico, Desdêmona, Emília e séquito.*)

LUDOVICO

Ora, senhor, não se incomode mais.

OTELO

Perdão, o caminhar me fará bem.

LUDOVICO

Senhora, boa noite e obrigado.

DESDÊMONA

O senhor é bem-vindo.

OTELO

Caminhamos?
Ah, Desdêmona…

DESDÊMONA

Meu senhor?

OTELO

Vá para a cama, eu volto em um instante, dispense sua criada…
faça tudo assim.

DESDÊMONA

Farei, meu senhor.

(*Saem Otelo, Ludovico e séquito.*)

EMÍLIA

Como está? Ele pareceu mais calmo.

DESDÊMONA

Ele diz que retorna incontinenti:
Ordenou-me que eu fosse para a cama,
E que eu te dispensasse.

EMÍLIA

O quê? A mim?

DESDÊMONA

Foi seu pedido; e então, boa Emília,
Dá-me as roupas de noite, e então adeus;

Não devemos desagradá-lo agora.

EMÍLIA

Queria que jamais o houvesse visto!

DESDÊMONA

Mas eu não; meu amor tanto o aprova,
Que até sua teimosia e rabugice —
Desabotoa aqui — têm seus encantos.

EMÍLIA

Eu botei os lençóis que me pediu.

DESDÊMONA

Tanto faz: são tão tolas nossas mentes!
Se morro antes de ti, eu te suplico
Que me amortalhes neles.

EMÍLIA

Como fala!

DESDÊMONA

A minha mãe teve uma aia, Bárbara,
Que muito amou; mas seu amor, um louco,
Deixou-a. Ela cantava de um "chorão",
Canção velha, mas como a sua vida;
E ela morreu cantando. Essa canção
Não me sai da lembrança, e mal me impeço
De pender a cabeça para um lado
E cantar como a Bárbara. Depressa.

EMÍLIA

Quer uma capa?

DESDÊMONA

Não; é só abrir;
É um homem elegante, o Ludovico.

EMÍLIA

Ele é muito bonito.

DESDÊMONA

Fala bem.

EMÍLIA

Eu conheço uma dama em Veneza que andava descalça até a Palestina por um toque de seu lábio inferior.

DESDÊMONA

(*canta*)
A pobre alma suspira cantando
O verde do chorão;
Mão no peito, a cabeça curvando,
Chora, chora, chorão.
O rio junto a ela vai gemendo,
Chora, chora, chorão;
Seu pranto as pedras vai amolecendo…
Arruma isto:
Chora, chora, chorão.
Depressa, por favor. Ele já vem.
O canto do chorão é minha palma.
Não o condenem, seu desprezo é certo…
Não, não é isso. Ouve! Quem bateu?

EMÍLIA

É o vento.

DESDÊMONA

Chamei falso o meu amor, ele clama;
Chora, chora, chorão:
Cada traição só enche mais tua cama.
Boa noite. Vai. 'Stão coçando os meus olhos;
Quer dizer choro?

EMÍLIA

Não quer dizer nada.

DESDÊMONA

Ouvi dizer. Ai, os homens, os homens!
Em sã consciência pensas tu, Emília,
Que haja mulher que ofenda o seu marido
Com tal grosseria?

EMÍLIA

Algumas há.

DESDÊMONA

Por um mundo de ouro, tu o farias?

EMÍLIA

O mundo é muito grande, prêmio enorme,

Por um vício pequeno.

DESDÊMONA

Eu não o creio.

EMÍLIA

Dou minha palavra que acho que o faria, mas desfazia depois de feito; pela Virgem, não o faria por um anel de duas argolas; ou por um corte de linho, nem por vestidos, saiotes ou toucados, nem coisas de exibição; mas por todo o ouro do mundo? Pelo amor de Deus, quem não corneava o marido para fazê-lo um monarca? Por isso eu arriscava o purgatório.

DESDÊMONA

Maldita fosse eu, se assim errasse,
Nem pelo mundo inteiro.

EMÍLIA

Ora, o erro só é erro ante o mundo; e, tendo ganho o mundo por seu trabalho, é um erro em seu próprio mundo, e a senhora pode em um instante torná-lo um acerto.

DESDÊMONA

Eu não creio que existam tais mulheres.

EMÍLIA

Sim, uma dúzia e ainda muito mais,
Pra popular o mundo por que jogam.
Mas eu creio que a culpa é dos maridos,
Se a mulher falha: esquecem seus deveres,
Dando o nosso tesouro a outros corpos;
Ou por ataques de ciúmes mesquinhos,
Mantêm-nos presas: ou por nos baterem,
Cortar-nos verbas por mesquinharia.
Nós também temos fel; se somos doces,
Sabemos nos vingar. Saibam os homens,
Que nós temos sentidos, que nós vemos,
Cheiramos, separamos doce e amargo,
Assim como os maridos. O que fazem
Os que nos trocam por outras? Só brincam?
Creio que sim: a causa foi paixão?
Creio que sim. Por fraqueza é que erram?

É também. E não temos nós paixões?
E fome de brincar, fracas como eles?
Pois que nos usem bem; e tomem tino:
Os nossos erros vêm do seu ensino.

DESDÊMONA

Boa noite. Que Deus possa me ensinar
A não pagar mal com mal, mas consertar.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Uma rua.

(*Entram Iago e Rodrigo.*)

IAGO

Fica atrás do balcão; ele já vem,
Mantém a adaga nua, acerta o alvo,
Depressa e sem temor; 'stou logo atrás.
Com essa temos tudo ou nos perdemos;
Pense nisso, e ataque com firmeza.

RODRIGO

Fique por perto; eu posso fracassar.

IAGO

'Stou logo aqui; coragem, pega a espada.

(*Oculta-se.*)

RODRIGO

Não sinto entusiasmo pelo ato;

Porém ele me deu razões bastantes.
É só um homem: um golpe e ele morre.

IAGO

Eu esfreguei a bolha até doer,
E agora está zangado: se ele mata
A Cassio, ou este a ele, ou morrem ambos,
Tudo faz o meu jogo; se este vive,
Vai exigir que eu restitua tudo,
O ouro e as joias que eu arranquei dele
Como sendo presentes pra Desdêmona:
Não pode ser; se sobrevive Cassio,
Ele tem tal beleza em sua vida,
Que me faz feio; e, mais, o Mouro pode
Desmentir-me ante ele. É um perigo:
Tem de morrer. Que seja. Lá vem ele.

(*Entra Cassio.*)

RODRIGO

Conheço o passo, é ele; cão, tu morres!

(*Ataca Cassio.*)

CASSIO

Esse golpe ia ser forte inimigo,
Mas meu casaco é mais forte que pensas;
Pois vejamos o teu.

(*Puxa a espada e fere Rodrigo.*)

RODRIGO

Ai, estou morto!

(*Iago, por trás, fere Cassio na perna e sai.*)

CASSIO

'Stou aleijado. Assassino! Assassino!

(*Cai.*) (*Entra Otelo.*)

OTELO

A voz de Cassio; Iago é de palavra.

RODRIGO

Mas que vilão eu sou.

OTELO

Ouçam, é mesmo.

CASSIO

Olá, socorro! Luzes aqui! Um médico!

OTELO

É ele; bravo Iago, honesto e justo,
O nobre gesto feito pelo amigo
Será meu mestre… gigolô, 'stás morto,
Teu fado 'stá cumprido. Eu já vou, puta;
Sem seus olhos, meu peito será aço;
E mancho em sangue o seu leito devasso.

(*Sai.*)
(*Entram Ludovico e Graziano.*)

CASSIO

Olá; não há nem guarda? Assassinato!

GRAZIANO

O que é que houve? O grito é lancinante.

CASSIO

Socorro!

LUDOVICO

Escute!

RODRIGO

Vilão maldito.

LUDOVICO

Há dois ou três gemendo; mas que noite.
Mas pode ser cilada; é inseguro
Atender esses gritos sem ajuda.

RODRIGO

Não vem ninguém; e eu sangro até morrer.

(*Entra Iago, com uma tocha.*)

LUDOVICO

Olá!

GRAZIANO

Lá vem alguém, em camisa e armado.

IAGO

Quem está aí? Que barulho é esse, com gritos de assassinato?

LUDOVICO

Eu não sei.

IAGO

Mas não ouviu que gritavam?

CASSIO

Aqui, por Deus, me ajudem!

IAGO

O que houve?

GRAZIANO

Creio que esse é o Alferes de Otelo.

LUDOVICO

Isso mesmo, e um sujeito valente.

IAGO

E quem são os que dão gritos tão tristes?

CASSIO

Iago! Fui atacado por uns dois vilões,

Preciso ajuda.

IAGO

Oh, meu tenente! Que vilão fez isso?

CASSIO

Eu creio que um deles 'stá caído,
E não pode fugir.

IAGO

Vilões traidores!
Quem está aí?
Me ajudem, por favor.

(*Para Ludovico e Graziano.*)

RODRIGO

Ajuda, aqui!

CASSIO

Esse é um deles.

IAGO

Vilão! Assassino!

(*Apunhala Rodrigo.*)

RODRIGO

Maldito Iago… cão desumano… ai!

IAGO

Matá-lo no escuro? Que é dos ladrões?
Mas que silêncio! Socorro! Assassinato!
Quem são vocês, são do bem ou do mal?

LUDOVICO

Só julgue-nos depois que nos provarmos.

IAGO

Senhor Ludovico?

LUDOVICO

Ele, senhor.

IAGO

Peço perdão; vilões feriram Cassio.

GRAZIANO

Cassio!

IAGO

Como está passando, irmão?

CASSIO

'Stá mutilada a perna.

IAGO

Deus nos livre!
Mais luz!
Com a minha camisa eu amarro.

(*Entra Bianca.*)

BIANCA

O que houve aqui? De quem foram os gritos?

IAGO

De quem foram os gritos?

BIANCA

Ai, meu querido Cassio, doce Cassio!
Cassio, Cassio!

IAGO

Grande rameira! Tem ideia, Cassio,
Ou suspeita de quem o atacou?

CASSIO

Não.

GRAZIANO

Lamento vê-lo assim. Eu o buscava.

IAGO

Deem cá uma liga. Assim… e uma cadeira
Pra levá-lo daqui!

BIANCA

Ai, ele desmaiou! Cassio! Meu Cassio!

IAGO

Senhores, desconfio que esse lixo
Esteja nisso; paciência, Cassio:
Deem-me uma luz; será que é conhecido?
É meu compatriota e meu amigo:
Rodrigo? Não — mas, sim, meu Deus, Rodrigo

GRAZIANO

O de Veneza?

IAGO

Ele mesmo, senhor; o conhecia?

GRAZIANO

Se o conhecia? Sim.

IAGO

Senhor Graziano, eu peço-lhe perdão:
Tudo isto abalou minhas maneiras,
Que o esqueceram.

GRAZIANO

Alegro-me em vê-lo.

IAGO

Como está, Cassio? Olá, uma cadeira!

GRAZIANO

Rodrigo!

IAGO

É ele mesmo.
(*Trazem uma cadeira.*)
Muito bem; a cadeira:
Que um homem forte o carregue daqui,
Preciso o médico do general.
(*para Bianca*) Fora, mulher; ninguém a quer aqui.
Esse aí, Cassio, ferido de morte
É meu amigo; há ódio entre vocês?

CASSIO

Nem pode haver; eu sequer o conheço.

IAGO

(*para Bianca*)

Empalidece? Levem-no pra dentro!
(*Cassio e Rodrigo saem carregados.*)
Amigos, um momento; então está pálida?
Não perceberam como move os olhos?
Se der um passo… depois nós falamos:
Observem-na bem; reparem só:
Viram, senhores? A culpa, é verdade,
Fala mesmo quando não há língua.

(*Entra Emília.*)

EMÍLIA
O que é que houve? O que houve, marido?

IAGO
Cassio foi atacado aqui, no escuro,
Por Rodrigo, e mais outros que escaparam.
Ele está pra morrer, Rodrigo, morto.

EMÍLIA
O pobre cavalheiro! Ai, bom Cassio!

IAGO
Dá nisso andar com putas; ouve, Emília,
Descobre onde ceiou Cassio esta noite:
Por que treme assim?

BIANCA
Ceou em minha casa, e eu não tremo.

IAGO
Ah, foi lá? Pois então vá comigo.

EMÍLIA
Que vergonha, rameira!

BIANCA
Não sou rameira, mas de vida honesta
Como a dos que me ofendem.

EMÍLIA
É? Pois sim!

IAGO

Cavalheiros, vamos ver Cassio cuidado;
E vem, mulher, contar uma outra história.
Emília, corre à cidadela
E informa os meus amos do ocorrido.
Podemos ir?
(*à parte*)
Esta noite de lida
Ou me garante ou então me liquida.

(*Saem.*)

Cena II — Um quarto no Castelo.

(*Desdêmona, no leito, adormecida.*)
(*Entra Otelo, com uma tocha.*)

OTELO

É a causa, sim, a causa, minh'alma,
Não a nomeio ante as castas estrelas:
É a causa; mas sangue não derramo,
Nem mancho sua pele, alva de neve
E lisa como a glória do alabastro;
Porém tem de morrer, senão trai outros.
Apago a luz e, então, apago a luz:
Se a ti eu sufocar, oh flama ardente,
Posso de novo restaurar-te a luz,
Se me arrependo; mas, se a você apago,
Molde sagaz na natureza excelsa,
Desconheço calor de Prometeu
Que a reacendesse: já colhida,
Não posso dar à rosa força viva;

Tem de secar; vou cheirá-la no galho.
(*Beija-a.*)
Hálito quente assim quase convence
A justiça a trair-se uma vez mais:
Se ficar assim morta, vou matá-la,
E amá-la depois: mais uma, a última,
E o doce mais fatal: agora choro,
Mas é pranto cruel, dor celestial
Que golpeia o que ama: ela desperta.

DESDÊMONA

Quem está aí? Otelo?

OTELO

Sim, Desdêmona.

DESDÊMONA

E vem deitar-se, meu senhor?

OTELO

Fez suas orações?

DESDÊMONA

Fiz, meu senhor.

OTELO

Mas, se puder lembrar-se de algum crime
Ainda sem perdão do céu e a graça,
Implore-o logo.

DESDÊMONA

Ai, ai, senhor; que quer dizer com isso?

OTELO

Seja breve, que eu ando um pouco aqui;
Não desejo matar alma em pecado;
Não, Deus me livre de matar-lhe a alma.

DESDÊMONA

Fala em matar?

OTELO

Eu falo.

DESDÊMONA

Então que o céu
Tenha pena de mim!

OTELO

Amém, de coração!

DESDÊMONA

Se o diz, espero então que não me mate.

OTELO

Hum!!

DESDÊMONA

Porém o temo, pois tem ar fatal
Girando assim os olhos: por que temo
Não sei, se sou sem culpa; mas o temo.

OTELO

Pense no que pecou.

DESDÊMONA

Só por amá-lo.

OTELO

E só por isso morre.

DESDÊMONA

Só mata por amor morte anormal;
Ai, ai, mas por que morde assim o lábio?
Uma paixão sangrenta o abala todo;
Sãos maus agouros, mas espero, espero,
Que não sejam pra mim.

OTELO

Calada e quieta!

DESDÊMONA

Pronto, eu já 'stou; o que há?

OTELO

O lenço que eu lhe dei e amava tanto,
Deu logo a Cassio.

DESDÊMONA

Não, por minha alma!
Chame o homem e pergunte.

OTELO

Doce alma, cuidado com o perjúrio,
Em seu leito de morte.

DESDÊMONA

Mas não hoje.

OTELO

Sim, e dentro em pouco:
Confesse então os seus pecados todos,
Pois nem jura que negue cada um deles
Pode abalar a forte convicção
Por que eu gemo tanto; vai morrer!

DESDÊMONA

Deus tenha piedade de mim.

OTELO

Amém.

DESDÊMONA

E o senhor também. Nunca na vida
O ofendi… e nem nunca amei Cassio
Senão do modo que o permite o céu
Que eu o amasse. Nunca lhe dei nada.

OTELO

Por Deus, eu vi o lenço em suas mãos:
Perjura, por seu coração de pedra,
Faz-me chamar o que quero fazer
De assassinato, quando é sacrifício;
Eu vi o lenço.

DESDÊMONA

Então ele o encontrou.
Eu nunca o dei a ele; chame-o aqui,
Pra confessar o certo.

OTELO

E confessou

DESDÊMONA

O quê, senhor?

OTELO

Que ele …a usou.

DESDÊMONA

Pecaminosamente?

OTELO

Sim.

DESDÊMONA

Não o dirá.

OTELO

Calou-se sua boca;
O honesto Iago o providenciou.

DESDÊMONA

Meu medo diz, então…
Como? Está morto?

OTELO

Mesmo com mil vidas
Minha vingança alcançaria todas.

DESDÊMONA

Foi traído, e fiquei eu desgraçada.

OTELO

Puta… inda o chora, mesmo em minha frente

DESDÊMONA

Exile-me, senhor; mas não me mate.

OTELO

Deite aí, puta!

DESDÊMONA

Mas mate-me amanhã, não esta noite.

OTELO

Não, e se luta…

DESDÊMONA

Só meia hora, pr'eu poder rezar!

OTELO

Tarde demais

(*Ele a sufoca.*)

DESDÊMONA

Ai, meu Deus, ai, meu Deus!

EMÍLIA

(*fora*)

Senhor, senhor! Responda, meu senhor!

OTELO

Que voz é essa? Não está morta, então?
Mesmo sendo cruel, eu sou piedoso,
Não quero que demore a sua dor…
Assim, assim.

EMÍLIA

(*fora*)
Olá! Senhor! Meu amo!

OTELO

Quem 'stá aí?

EMÍLIA

(*fora*)
Meu bom senhor, preciso lhe falar!

OTELO

'Stá bem; já vou, Emília: ela está morta:
Na certa vem dizer que morreu Cassio;
O barulho era aqui; não, não se mexe,
'Stá como um túmulo: deixo a outra entrar?
Parece que se move; o que fazer?
Entrando, vai buscar minha mulher.
Mulher? Mas qual? Eu não tenho mulher;
Insuportável peso desta hora!
Devia haver, parece, um grande eclipse
De sol e lua, e que o globo atônito
Devia abrir-se diante do ocorrido.

EMÍLIA

(*fora*)
Eu peço por favor para falar-lhe…
Meu bom senhor!

OTELO

Eu me tinha esquecido: entra, Emília.
Já vou; deixe eu fechar o cortinado.
Aonde estás?
(*Abre a porta.*)
(*Entra Emília.*)

O que é que há contigo?

EMÍLIA

Lá fora houve um horrível morticínio!

OTELO

O quê? Agora?

EMÍLIA

Inda agora, senhor.

OTELO

Isso são erros da lua
Que está mais perto do que de costume,
E deixa os homens loucos!

EMÍLIA

Cassio, senhor, matou um veneziano,
Um tal Rodrigo.

OTELO

Rodrigo morto,
E Cassio morto?

EMÍLIA

Cassio não está morto.

OTELO

Não morreu Cassio? Então a morte errou,
E o açúcar da vingança está amargo.

DESDÊMONA

E eu morta por mentira!

EMÍLIA

Quem gritou?

OTELO

Gritou? Quem?

EMÍLIA

Dia aziago, é a voz da minha ama;
Socorro, fale inda uma vez, senhora!

DESDÊMONA

Morro uma morte sem culpas.

EMÍLIA

Ai, quem fez isso?

DESDÊMONA

Ninguém, eu mesma, adeus:
Eu recomendo-me ao meu amo; adeus!

(*Morre.*)

OTELO

Por que seria morta?

EMÍLIA

Ai, quem sabe?

OTELO

Tu a ouviste dizer que não fui eu.

EMÍLIA

Que ela o disse eu ouvi, na verdade.

OTELO

Por mentirosa foi queimar no inferno;
Eu a matei.

EMÍLIA

Mais anjo então é ela,
E o senhor, mais negro demo!

OTELO

Deu-se à luxúria; era uma rameira.

EMÍLIA

Isso é calúnia, e o senhor, um demônio.

OTELO

Foi falsa como a água.

EMÍLIA

E o senhor, fogo
Que queima sem pensar. Ela era honesta!

OTELO

Cassio a montou, pergunta ao teu marido;
Quero queimar no fundo dos infernos
Se não agi com base na justiça
Nesse terror; o teu marido o sabe.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Teu marido.

EMÍLIA

Que ela traiu o casamento?

OTELO

É, com Cassio; se ela fosse fiel,
Se o céu me construísse um novo mundo
De uma só crisólita sem mácula,
Eu nunca a venderia por tal preço.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Pois foi quem me contou,
Honesto como é, que odeia o limo
Que se prende ao que é sujo.

EMÍLIA

Meu marido?

OTELO

Que repetes assim? Foi teu marido.

EMÍLIA

Ama, um vilão brincou com o seu amor!
O meu marido disse que era falsa?

OTELO

Já disse, o teu marido; não compreendes?
O teu marido, o amigo e honesto Iago.

EMÍLIA

Se o disse, que sua alma perniciosa
Gota a gota apodreça! Ele mente,
Ela adorava o lixo que abraçou.

OTELO

Ha!

EMÍLIA

Isso que fez merece tanto o céu
Quanto o senhor a ela.

OTELO

Cala a boca.

EMÍLIA

Sua força pra ferir não é metade
Que a minha pra sofrer: tolo, simplório,
Pior que ignorante; fez um ato…
Que me importa essa faca; eu contaria
Até por vinte vidas; Ai, socorro!
O Mouro assassinou a minha ama!

(*Entram Montano, Graziano, Iago e outros.*)

MONTANO

O que é que houve? General, que foi?

EMÍLIA

Então, Iago, que fez de tão certo
Pra responder pelos crimes dos outros?

TODOS

O que houve?

EMÍLIA

Desminta esse vilão, se é mesmo homem;
Diz ele que você a disse falsa,
Sei que não, pois não pode ser tão vil:
Fale logo, ou meu coração estoura.

IAGO

Eu disse o que pensava, e nada mais
Do que ele constatou ser bem verdade.

EMÍLIA

Mas chegou a dizer que ela era falsa?

IAGO

Cheguei.

EMÍLIA

Mentiu. Só disse o que é mentira odiosa;
Eu juro por minh'alma, vil mentira!
Falsa com Cassio; disse-lhe com Cassio?

IAGO

Sim, com Cassio, mulher; cala essa boca.

EMÍLIA

Não calo, não; é meu dever falar:
Minh'alma jaz ali, assassinada.

TODOS

Que Deus nos livre!

EMÍLIA

E sua fala preparou a morte.

OTELO

Não se espantem, senhores; é verdade.

GRAZIANO

Verdade estranha.

MONTANO

Oh, ato monstruoso!

EMÍLIA

Vilania!
Quando penso… eu cheirava a vilania!
Sempre pensei: vou me matar de dor:
Ah, vilania, vilania!

IAGO

Está maluca? Vai então pra casa.

EMÍLIA

Bons cavalheiros, deixem-me falar;
É certo obedecê-lo, mas não hoje:
É possível que eu nunca vá pra casa.

OTELO

Oh! Oh! Oh!

(*Cai na cama.*)

EMÍLIA

Isso, deite pra gemer,
Pois matou a mais doce e inocente

Que jamais existiu.

OTELO

(*levantando*)
Não! Era imunda:
Tio que mal conheço, eis sua sobrinha,
Cujo alento estas mãos vêm de cortar;
Sei que esse ato lhe parece horrível.

GRAZIANO

E sorte estar morto o seu pai, Desdêmona;
Tua boda lhe foi mortal: pura dor
Cortou-lhe o alento: fosse vivo agora,
Este quadro o levava ao desespero,
Com pragas que, banindo-lhe o bom anjo,
Levava à danação.

OTELO

É lamentável, mas Iago sabe
Que com Cassio ela faltou à vergonha,
Pecou mil vezes;
Cassio confessou-o,
E ela compensou-lhe o ato do amor
Com a primeira lembrança que lhe dei
Do nosso amor; a vi em suas mãos,
Era um lenço, um regalo muito antigo
Que meu pai deu à minha mãe.

EMÍLIA

Meu Deus, meu Deus do céu!

IAGO

Cala essa boca!

EMÍLIA

Tem de ser revelado: não me calo,
Eu vou falar, tão livre quanto o ar;
Se os céus, os homens e os diabos, todos,
Gritam minha vergonha, ainda falo.

IAGO

Juízo, e vai pra casa.

EMÍLIA

Não.

(*Iago tenta apunhalar Emília.*)

GRAZIANO

Que é isso?
Punhal numa mulher?

EMÍLIA

Mouro obtuso, esse lenço de que fala
Eu achei por acaso e dei a Iago;
Pois muitas vezes, com o maior empenho,
Pedira que o roubasse.

IAGO

Puta imunda!

EMÍLIA

Dá-lo a Cassio? Por azar eu o achei
E o dei ao meu marido.

IAGO

Lixo, mentes!

EMÍLIA

Pelo céu, cavalheiros, que não minto;
Idiota assassino! O que tal tolo
Faz com mulher tão boa?

OTELO

Não há pedras
No céu senão pra trovejar? Maldito.

(*Ele avança pra Iago. Iago apunhala Emília.*)

GRAZIANO

Ela cai, ele matou sua esposa.

EMÍLIA

Deitem-me junto à minha ama.

(*Sai Iago*.)

GRAZIANO

Ele fugiu; a mulher está morta.

MONTANO

É um completo vilão. Tome esta arma,
Foi a que eu confisquei das mãos do Mouro:
Guardem a porta; e, se tentar sair,
Antes matá-lo; eu vou atrás do outro,
Um cão maldito.

(*Saem Montano e Graziano*.)

OTELO

Eu sequer sou valente,
Qualquer ventinho arranca a minha espada;
Mas que honra vive sem honestidade?
Que se vá tudo.

EMÍLIA

A canção era aviso!
Será que inda me ouve? Vou ser cisne,
Com canto eu vou morrer:
(*canta*)
Chora, chorão.
Sendo casta, ela o amava, Mouro cruel;
Por minha salvação digo a verdade.
E dizendo o que penso eu morro, eu morro.

(*Morre*.)

OTELO

Eu tenho uma outra arma neste quarto,
Uma espada espanhola, temperada;
Aqui 'stá; tio, eu tenho de sair.

GRAZIANO

(*fora*)
Se o tentar, paga caro por isso;
Desarmado, na certa há de perder.

OTELO

Venha aqui pra ver-me, então, e falar-me,
Ou então, assim nu hei de atacá-lo.

(*Entra Graziano.*)

GRAZIANO

Que aconteceu?

OTELO

Veja, eu tenho uma arma,
A melhor que jamais esteve junto
À coxa de um soldado: e houve tempo
Em que, só com este braço e esta espada,
Atravessei obstáculos vinte vezes
Maiores que esse seu: mas que vanglória!
Quem controla o seu fado? A hora é outra.
Não tenham medo, mesmo eu estando armado
Meu caminho acabou, este é o meu fim;
E o porto final da minha vela.
Recuam pálidos? É medo inútil:
Qualquer palha no peito, e logo Otelo
Se bate em retirada. Mas, pra onde?
Agora, como está? Moça infeliz,
Branca de linho; no acertar das contas,
Seu rosto há de banir do céu minh'alma,
Pro diabo agarrar. Fria, menina,

Como a sua pureza; escravo vil!
Açoitem-me, demônios,
Me privem de poder ter tal visão!
Batam-me ao vento! Queimem-me no enxofre,
Lavando-me num mar de fogo líquido!
Desdêmona, Desdêmona! 'Stá morta!
Oh, oh, oh!

(*Entram Ludovico, Montano, Oficiais, Iago preso e Cassio em uma cadeira.*)

LUDOVICO
Onde está o infeliz precipitado?

OTELO
Se é quem era Otelo, aqui estou.

LUDOVICO
E onde a víbora? Tragam o vilão.

OTELO
Eu olhei os seus pés, mas isso é lenda;
Se és o diabo, não posso matar-te.

(*Fere Iago.*)

LUDOVICO
Tirem-lhe a espada.

IAGO
Eu só sangro; estou vivo.

OTELO
Não o lamento; eu te quero vivo,
Pois para mim felicidade é a morte.

LUDOVICO
De si, Otelo, que foi bom outrora
E rebaixou-se aos atos de um escravo,

Que se pode dizer?

OTELO

Seja o que for;
Um assassino honrado, se quiserem,
Pois não agi por ódio, e sim por honra.

LUDOVICO

Esse canalha confessou sua culpa:
E matar Cassio foi plano dos dois?

OTELO

Foi.

CASSIO

Meu general, nunca lhe dei motivo.

OTELO

Assim o creio, e peço-lhe perdão;
Quer, por favor, indagar do demônio
Por que foi que enredou meu corpo e alma?

IAGO

Não me perguntem; o que sabem sabem.
Não falo nunca mais, de ora em diante.

LUDOVICO

Nem para orar?

GRAZIANO

Com tortura abre a boca.

OTELO

Sabes o que é melhor.

LUDOVICO

Senhor, vai compreender o acontecido,
Que creio não saber: eis uma carta,
Encontrada no bolso de Rodrigo;
E eis uma outra: numa se decide
Que Rodrigo é que havia de empreender
A morte de Cassio.

OTELO

Ah, vilão!

CASSIO

Dos mais vis e mais grosseiros!

LUDOVICO

E aqui, escrita com insatisfação,
Outra do mesmo bolso que, parece,
Rodrigo ia enviar ao cão maldito,
Mas Iago, ao que parece, por acaso,
Explicou-se inda a tempo.

OTELO

Ah, sordidez!
Cassio, como chegou às suas mãos
Um lenço de Desdêmona?

CASSIO

Eu o achei
Assim como ele disse, no meu quarto;
Ele o deixou ali, com o objetivo
De alcançar seu desejo.

OTELO

Ah, tolo, tolo!

CASSIO

Informa ainda a carta de Rodrigo
Que ele acusa Iago por fazê-lo
Atacar-me na guarda, o que acabou
Por perder-me; e afirmou ainda há pouco,
Já parecendo morto, que foi Iago
Que o instigou e que o apunhalou.

LUDOVICO

O senhor deve agora vir conosco,
Pois já perdeu o comando e o poder.
Cassio governa Chipre: e o canalha,
Se houver ardilosa crueldade
Que muito e longamente o atormente,
Ele a terá: o senhor fica preso
Até que se conheçam os seus erros
No Estado veneziano; vamos.

OTELO

Uma palavra ou duas, por favor:
Fiz serviços ao Estado; eles o sabem —

Não importa. O que peço é que nas cartas
Em que contarem estes tristes fatos,
Falem de mim qual sou; não deem desculpas,
E nem usem malícia. Falem só
De alguém que, não sabendo amar, amou
Demais. De alguém que nunca teve fáceis
Os ciúmes; porém que — provocado —
Inquietou-se ao extremo; cujos dedos,
Como os do vil hindu, jogaram fora
Uma pérola rara, mais preciosa
Que toda a sua tribo; alguém que, alheio
Ao hábito das lágrimas, verteu-as
Em abundância, como verte a goma
A seiva de uma árvore da Arábia.
E digam que em Alepo, certo dia,
Quando um maligno turco de turbante
Agrediu um varão veneziano
E insultou rudemente a sua terra,
Peguei a goela ao cão circuncidado
E o golpeei assim!

(*Apunhala-se.*)

LUDOVICO

Oh fim sangrento!

GRAZIANO

A palavra é inútil.

OTELO

A beijei ao matá-la; e a saída
É sobre um beijo eu acabar com a vida.

(*Cai sobre a cama e morre.*)

CASSIO

Temia-o; mas pensei não ter armas.
Foi um grande coração.

LUDOVICO

Cão danado,
Pior que a angústia, do que a fome ou o mar,
Olha a tragédia que essa cama abraça:
Tua obra é veneno para os olhos;
Que a ocultem. Graziano, guarde a casa
E a fortuna do Mouro assuma agora,
Já que é o herdeiro: em si, governador,
Recai a punição deste demônio,
Com hora e forma da tortura: cumpra-a!
Eu mesmo pra Veneza vou zarpar,
A fim de esta desgraça relatar.

(*Saem.*)

Macbeth

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Penúltima das chamadas "quatro grandes" tragédias, *Macbeth* tem como único texto substantivo o Primeiro Fólio de 1623. De todas as tragédias é a mais curta, com apenas 2.107 linhas, pouco mais da metade das 3.924 de *Hamlet*. O texto foi provavelmemente copiado de um *prompt-book*, livro de contrarregra já todo preparado como roteiro do espetáculo, segundo ensaios. A modesta dimensão de *Macbeth* levou a incontáveis teorias a respeito do fato, havendo toda uma escola que acredita que faltam uma ou duas cenas, embora a opinião mais geralmente aceita seja a de que a peça foi terminada um pouco às pressas. A razão da suposta pressa seria a necessidade de uma encenação na corte de Jaime I. Na verdade, no último ato aparecem alguns versos até simplórios, se comparados ao resto da peça e a outras obras da mesma época, enquanto a própria ação é levada um pouco precipitadamente para a conclusão. A par disso, uma série de questões têm sido levantadas em torno da interferência de Thomas Middleton no texto recebido. A cena de Hécate e suas repreensões às bruxas são óbvia interpolação, e as canções indicadas na mesma cena ("Come away, come away" e "Black Spirits") aparecem na peça de Middleton *The Witch* (A bruxa), em raríssimo original manuscrito, guardado na Biblioteca Bodleian da Universidade de Oxford. Isso levou vários estudiosos a admitir que Middleton tivesse sido chamado a colaborar com Shakespeare e fosse o responsável pelo quinto ato e seus problemas.

Não há qualquer informação clara que dê a data da peça como sendo 1606, mas não faltam indícios nesse sentido: a ocasião que teria obrigado Shakespeare a concluir rapidamente a obra seria, por exemplo, a das festas realizadas na corte, exatamente em 1606, por ocasião da visita do rei Cristiano IV da Dinamarca. Outra possibilidade seria a de que a peça tivesse sido apresentada alguns meses antes no Globe, mas tivesse recebido cortes para a montagem na corte. A referência ao fazendeiro "que se enforcou pela expectativa da fartura"

(que abaixaria o preço de seus produtos) era quase um ditado, porém os preços do trigo alcançaram níveis excepcionalmente baixos em 1606.

Na cena do Porteiro, as muitas referências a *equivocator* e *equivocation* são inevitavelmente ligadas ao padre jesuíta Garnet, por ocasião de seu julgamento por participação no notório *Gunpowder Plot* (Complô da Pólvora), quando a intenção fora explodir o Parlamento em dia de visita do rei. No julgamento, Garnet alegou que mentira ante seus acusadores, graças ao uso da "teoria do equívoco", que justificava a dissimulação em determinadas circunstâncias. Garnet, além do mais, usara o nome falso de Farmer (fazendeiro), e durante todo o ano de 1606 o julgamento foi assunto muito em evidência.

O rei Jaime I era escocês e, o que é muito significativo, se tinha em conta de competente demonólogo, o que torna *Macbeth* uma peça particularmente apropriada para o grupo que agora era chamado de "Os homens do rei" (e não mais do Lorde Camerlengo, como fora durante quase uma década). Shakespeare, que no momento continuava profundamente envolvido com suas investigações sobre a natureza do mal, e sobre os vários modos pelos quais o homem lida com a presença deste em sua existência, usou do recurso que tantas vezes empregara nas peças históricas: consultou as crônicas históricas inglesas — e neste caso específico, as escocesas — para encontrar o rei ou o reino por meio do qual lhe seria possível dizer o que queria e, a partir dessa base, manipulou os fatos segundo suas necessidades, já que o que escrevia não era história, e sim teatro.

Para elaborar sua investigação sobre a natureza do mal quando este se manifesta no próprio protagonista, Shakespeare usou principalmente duas fontes: suas habituais *Crônicas da Inglaterra, Escócia e Irlanda*, de Raphael Holinshed, e, para vários detalhes, a *História e as crônicas da Escócia*, de John Bellenden (resultado da mescla de três outras obras). Para a linha geral da peça, Shakespeare segue o que Holinshed diz a respeito do reinado de Macbeth, mas para o episódio da morte de Duncan ele aproveitou o relato do assassinato de um rei mais antigo, Duff, por Donwald. Este último, segundo Holinshed, foi, como Macbeth, encorajado por uma mulher ambiciosa. Interessante é o fato de Shakespeare ter encontrado a inspiração para suas três bruxas e suas profecias a respeito do futuro de Macbeth em um desfile cívico apresentado em Oxford, em agosto de 1605. Três jovens, "vestidos como ninfas ou sibilas" lembrando-se de que outrora haviam profetizado que a linhagem de Banquo é que viria a reinar, saudaram James com as palavras:

Salve, tu que governas a Escócia!
Salve, tu que governas a Inglaterra!
Salve, tu que governas a Irlanda!

Em algumas outras fontes, Shakespeare foi buscar o grande talento e a grande ambição de Macbeth, a história da floresta de Birnam avançando para Dunsinane, a autoconfiança de Macbeth que o faz acreditar na melhor interpretação possível no que lhe dizem as bruxas etc.

Apesar do uso de tantas fontes — ou exatamente por serem tantas —, o resultado é uma criação exclusiva do poeta. *Macbeth* não é de modo algum a mera história de um criminoso; Shakespeare não está escrevendo um policial. Não se trata aqui de apanhar e punir um culpado, mas sim de se acompanhar a terrível trajetória de um homem cheio de qualidades, bom súdito e melhor general, que a certa altura é dominado pela ambição. É exatamente porque a Shakespeare o que interessa é o processo por que Macbeth passa até poder reavaliar seus atos com maior sabedoria, que seu ponto de crise, sua ação crítica — seu primeiro assassinato — chega bem cedo, na primeira cena do Ato II.

Até a morte de Duncan, é claro, testemunhamos toda a luta interior que antecede o ato; Macbeth não só já participou de várias batalhas sangrentas, sabendo portanto o que é uma morte sangrenta, como sua imaginação trabalha contra a execução do ato que o levaria ao trono. Sua mulher, Lady Macbeth, no entanto, jamais testemunhou uma morte violenta ou viu um corpo estraçalhado, faltando-lhe a capacidade para imaginar o que seria o crime — que para ela não passa de uma palavra. Apesar do muito que se escreve a respeito, é preciso não esquecer que o papel de Lady Macbeth é pequeno: no início da peça a presença dela é necessária justamente para ser possível ao poeta retratar o conflito desse protagonista que traz o mal em si mesmo. Querer atribuir a Lady Macbeth peso decisivo na posição de Macbeth é ignorar pelo menos três dados fundamentais fornecidos por Shakespeare na composição da obra: em primeiro lugar, a tragédia leva o título exclusivo de *Macbeth*; em segundo, não há herói trágico shakespeariano que não seja integral e exclusivamente responsável por seus atos; e terceiro, antes da carta, antes que sua mulher apareça pela primeira vez, tanto o vaticínio das irmãs bruxas

quanto a notícia de que o rei o fez *thane* de Cawdor abalam Macbeth porque a ideia do assassinato já vivia em seu pensamento.

As *weird sisters*, estranhas irmãs, precisam também ser examinadas: assim como Lady Macbeth, elas servem de apoio para Macbeth optar pelo crime, mas todo o público da época, e muito particularmente Jaime I, que se considerava especialista no assunto, tinha conhecimento dos vários tipos de bruxas e aparições aceitos como parte integrante do universo cotidiano da experiência humana, sabendo portanto que as dessa categoria tinham poderes para prever o futuro, mas não para determiná-lo. As bruxas, aliás, em momento algum sugerem que Macbeth mate o rei, ou sequer que isso fosse necessário para que Macbeth chegasse a usar a coroa.

A partir do assassinato de Duncan é que *Macbeth* envereda pelo caminho que a distingue de todas as outras tragédias, ou seja, as consequências do crime para a experiência de vida do criminoso. A partir desse momento é cada vez maior a separação do casal antes tão unido — e que tivera a ilusão de que conquistando a coroa, mesmo ao preço de um assassinato, estaria alcançando a felicidade suprema para ambos. Os caminhos de marido e mulher separam-se e é o dele que Shakespeare toma como tema maior: nada que Macbeth pudesse ter imaginado, como preço da culpa, se aproxima do seu tormento; mas antes de atingir seu momento de reflexão, em que admite para si mesmo a insensatez de seus atos, antes de admitir integralmente o erro de sua opção pelo crime, Macbeth dá a impressão de buscar um suicídio moral, matando de novo e de novo, em uma espécie de esperança de que o hábito anestesie a consciência. Para Lady Macbeth, que, perdendo a função de *alter ego* do marido, desaparece de cena, Shakespeare reserva um fim irônico, pois aquela mulher supostamente corajosa, que afirmava não ver problemas em matar Duncan, enlouquece só por tê-lo visto morto e se suicida em sua loucura.

Nenhuma outra obra de Shakespeare tem seu universo tão ligado à criação de um clima emocional específico, pois nesta extraordinária investigação sobre a natureza do mal, uma riqueza de imagens sem paralelo sequer na própria obra do poeta expressa as inexoráveis transformações do mundo de todo o grupo social afetado. Quando o crime leva ao poder, e o poder é exercido por meio do crime, as consequências abalam a comunidade cujo bem-estar é o único objetivo legítimo do governo; quando a visão do artista criador é essa, sua apaixonada preocupação com os governados tem de encontrar expressão voltada em sua essência para esses. É exatamente o que acontece em *Macbeth*,

onde a riqueza, a variedade e a dimensão imaginativa das imagens encontram sua fonte sempre na experiência do cotidiano, mesmo em momentos de suprema poeticidade.

De todas as imagens privativas da obra, a mais famosa e precisa será a que por várias vezes Macbeth usa em relação a si mesmo (e finalmente outro usa a respeito dele), a das roupas que não servem por serem grandes demais — imagem irretocável para um homem que quer ocupar o trono que não é seu. Em toda a sua obra podemos dizer que Shakespeare identifica a luz com a virtude e a vida, e a escuridão com o mal e a morte, ideia aliás difundida na obra de diversos autores; mas em *Macbeth* a ideia é levada adiante, e a escuridão aparece como condição indispensável para a maldade e o crime: a peça vai ficando progressivamente mais escura — e vale a pena lembrar que em apenas duas cenas a claridade se afirma: a da chegada do bom rei Duncan ao castelo de Macbeth e, no final, após a morte do rei usurpador — chamado nada menos que 17 vezes de "tirano".

Na escuridão dos crimes há sangue, e, quando Macbeth e Lady Macbeth agem ou pensam em relação aos crimes, eles se decompõem: os olhos enganam os outros sentidos, eles veem a morte como imagem do sono (e vice-versa), eles recebem informações que são encaradas como distantes do eu do agente, um rosto falso oculta um coração falso, as mãos parecem agir quase que independentemente, são elas que ficam sujas de sangue, guardam o cheiro do assassinato ou transformam em rubro o verde mar. A escuridão tem importância nessa decomposição, impedindo os olhos de ver o que a mão faz, por exemplo.

Embora a ação de *Macbeth* seja totalmente secular, os crimes de Macbeth levam à perda de sua alma, e a identificação do mal com a danação aparece não só em si mesma, como fica ressaltada pelas referências à imposição das mãos pelo rei inglês, Eduardo, o Confessor, cujos dons de cura ficam assim contrastados com as muitas imagens de doença que servem para evocar o que acontece à Escócia sob Macbeth. Estas causam grande impacto, sobretudo por ficarem concentradas justamente na parte final da peça, pouco antes da queda de Macbeth, e quando ele mesmo reflete sobre as consequências de sua opção pelo mal.

Macbeth, privilegiado como potencial humano e no quadro social em que aparece, é talvez a expressão máxima do engajamento de Shakespeare com o tema que o interessava no momento: sua investigação quanto à natureza do

mal faz com que ele crie não um herói, mas um protagonista em quem não aparecem a generosidade e a grandeza humana de um Hamlet, de um Otelo ou de um Lear. O que Shakespeare investiga em *Macbeth* é justamente o que acontece a um indivíduo altamente dotado quando um de seus atributos, a ambição, que até então fizera dele um guerreiro bravo que servia bem à pátria e ao rei, passa a ser a dominante e destrói toda a escala de valores do bom cidadão, permitindo que seu potencial passe a servir aos interesses do mal. A par das terríveis consequências para o Estado, testemunhamos a destruição do próprio Macbeth como ser humano, e seu doloroso aprendizado, desde o momento em que, estimulado ainda mais pelas bruxas, sonha com a glória e a felicidade no poder, como fica dito na carta que manda à mulher:

> *…referindo-se a um tempo inda por vir com "Salve, quem vai ser rei!"*
> *Tudo isto julguei por bem comunicar a ti, minha adorada parceira de grandeza, para que não percas os dividendos do regozijo, ficando na ignorância da grandeza que te é prometida.*

Até o desencanto final, a constatação de que o caminho percorrido não trouxe a felicidade, mas sim uma perda total:

Quase esqueci que gosto tem o medo.
[…] *Estou farto de horrores:*
O pavor, íntimo do meu pensar,
Já nem me assusta
[…] *A vida é só uma sombra: um mau ator*
Que grita e se debate pelo palco,
Depois é esquecido; é uma história
Que conta o idiota, toda som e fúria,
Sem querer dizer nada.

Talvez seja por isso mesmo que em *Macbeth* tenhamos tão forte a sensação de desperdício, embora a violência do mal também nos faça refletir com alento sobre todos aqueles que o enfrentam e conseguem superar sua força destruidora.

Barbara Heliodora

Nota sobre a 2ª edição

O texto foi todo revisto, corrigidos vários erros e omissões que encontramos na 1ª edição, mas também, em alguns poucos casos, foi impossível à tradutora resistir à tentação de substituir palavras, ou até mesmo versos inteiros, por expressões que, na releitura, lhe ocorreram como sendo mais fiéis, ou mais adequadas, ou simplesmente mais atraentes ao ouvido.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

DUNCAN, rei da Escócia.

DONALBAIN, MALCOLM — seus filhos.

MACBETH, BANQUO — generais do exército do rei.

MACDUFF, LENOX, ROSSE, MENTEITH, ANGUS, CATHNESS — nobres da Escócia.

FLEANCE, filho de Banquo.
SIWARD, Conde de Northumberland, general das forças inglesas.
JOVEM SIWARD, seu filho.
SEYTON, oficial a serviço de Macbeth.
MENINO, filho de Macduff.
UM MÉDICO INGLÊS
UM MÉDICO ESCOCÊS
UM SOLDADO
UM PORTEIRO
UM VELHO
LADY MACBETH
LADY MACDUFF
DAMA, a serviço de Lady Macbeth.
HÉCATE
TRÊS BRUXAS
Lordes, Cavalheiros, Oficiais, Soldados, Assassinos, Criados e Mensageiros.
O Fantasma de Banquo e outras Aparições.

A ação no final do Ato IV se passa na Inglaterra; todo o restante da peça se passa na Escócia.

ATO I

Cena I — Uma planície aberta.

(*Trovões e relâmpagos. Entram as três Bruxas.*)

1ª BRUXA

Quando iremos nos juntar?
Com a chuva a trovoar?

2ª BRUXA

Só com a bulha arrefecida,
Ganhar a luta perdida.

3ª BRUXA

Antes da noite caída.

1ª BRUXA

Onde?

2ª BRUXA

A charneca é o lugar.

3ª BRUXA

Para Macbeth encontrar.

1ª BRUXA

Já vou, bichano!

2ª BRUXA

O sapo chama.

3ª BRUXA

Eu já vou!

TODAS

Bom é mau e mau é bom;
Voa no ar sujo e marrom.

Cena II — Um acampamento.

(*Fanfarra fora. Entram o rei Duncan, Malcolm, Donalbain, Lenox, com séquito. Encontram um capitão ensanguentado.*)

DUNCAN

Que homem é esse, todo ensanguentado?
Pelo estado, ele pode dar notícias
Dessa revolta.

MALCOLM

Sim, esse é o sargento
Que lutou, bom soldado, bravo e forte,
Contra a minha captura. Salve, amigo!
Conte ao rei o que sabe do conflito
Quando o deixou.

CAPITÃO

O quadro estava dúbio;
Eram dois náufragos que, se agarrando,
Sufocavam o nado um do outro.
O implacável Macdonwald (a quem calha
O nome de rebelde, pois pululam
Nele os vícios que há na natureza)
Trouxe tropas da Irlanda. E a fortuna
Sorriu-lhe, qual rameira de rebelde:
Mas por pouco. Pois Macbeth (que honra o nome),
Ignorando a fortuna, brande a espada
Que, fumegando de justiça e sangue,
Qual favorito do valor trinchou
O seu caminho até achar o biltre,
Que, sem saudar e sem dizer adeus,
Descoseu do umbigo até a goela,
E fincou-lhe a cabeça nas ameias.

DUNCAN

Meu bravo primo! Nobre valoroso!

CAPITÃO

Como o brilho do Sol, também do leste
Vêm trágicas tormentas e naufrágios;

E de lá, ao invés de vir conforto,
Nasce o horror. Escute, rei da Escócia,
Mal a justiça, armada com bravura,
Obriga os irlandeses a fugirem,
O norueguês, entrevendo vantagem,
Co'armas novas e tropas descansadas,
Fez novo ataque.

DUNCAN

E não intimidou
Os nossos capitães, Macbeth e Banquo?

CAPITÃO

Como o pardal à águia, ou a lebre ao leão.
Pra falar a verdade, pareciam
Dois pesados canhões de tipo duplo
Que redobravam golpes no inimigo:
Se era um banho de sangue que buscavam,
Ou se era celebrar um novo Gólgota,
Não sei.
Socorro pr'estes talhos. Estou fraco.

DUNCAN

Louvo tanto as feridas quanto a fala:
Sabem a honra. Carregai-o aos médicos.

(*Sai o capitão, amparado. Entram Rosse e Angus.*)

MALCOLM

Quem vem lá?
O grande *Thane* de Rosse.
Que pressa tem nos olhos! São assim
Os que falam do estranho.

ROSSE

Salve o rei!

DUNCAN

De onde vem, nobre Rosse?

ROSSE

Meu rei, de Fife;
Onde a Noruega desafia o céu
Com flâmulas que esfriam nossa gente.
Seu próprio rei, com tropa aterradora,
E ajudado pelo infiel traidor,
O Thane de Cawdor, faz ataque horrível,
Até que o noivo de Belona, armado,
Enfrentou-o e mostrou-se seu igual;
Ponta contra ponta, braço a feroz braço,
Domou-lhe ele a coragem; e, afinal,
A vitória foi nossa.

DUNCAN

Que alegria!

ROSSE

Pois agora
Sweno da Noruega pede arreglo;
Mas negamos enterro à sua tropa
Enquanto não pagasse, em Colme's Inch,
Os dez mil dólares para nosso uso.

DUNCAN

Pois Cawdor nunca mais abusará
De nosso afeto. Ordene a sua morte,
E saúde Macbeth com esse título.

ROSSE

Farei o que ordenou.

DUNCAN

O que ele perde, Macbeth já ganhou.

(*Saem.*)

Cena III — Uma charneca.

(*Trovão. Entram as três Bruxas.*)

1ª BRUXA

Por onde andou, irmã?

2ª BRUXA

Matando porcos.

3ª BRUXA

Irmã, e você?

1ª BRUXA

A mulher de um marujo bem no colo
Tinha castanhas que ela ruminava;
Falei "Me dá!" e ela disse "Sai, bruxa!"
Seu marido, do Tigre, está em Alepo:
Pra lá eu navego só,
E como um rato cotó
Eu faço, eu faço, e eu faço.

2ª BRUXA

Eu lhe dou um vento.

1ª BRUXA

Que bondade.

3ª BRUXA

E eu mais outro.

1ª BRUXA

E os outros todos são meus.
Todos os portos batidos,
E quadrantes conhecidos,
Em toda a rosa dos ventos.
Como palha eu vou secar:
Nunca o sono há de pesar
Pra fazê-lo adormecer;
Maldito ele há de viver.
Sete noites vezes nove,
Ele míngua e não se move,
E, mesmo sem afundar,
No vento ele vai dançar.

Vejam só o que tenho.

2ª BRUXA

Mostre, mostre.

1ª BRUXA

De um piloto o polegar,
Que naufragou ao voltar.
O tambor 'stá a rufar,
É Macbeth que vai chegar.

TODAS

As três irmãs, de mãos dadas,
Por terra e mar viajadas,
Assim vão girar, girando:
Três pra você, três pra mim,
O encanto está começando!

(*Entram Macbeth e Banquo.*)

MACBETH

Dia tão lindo e feio eu nunca vi.

BANQUO

Falta muito pra Forres? — Quem são essas,
Tão secas e tão loucas no vestir,
Que não parecem habitar a terra
Mas 'stão aqui. 'Stão vivas? São capazes
De responder? Parecem compreender.
Pelo gesto que fazem com os dedinhos
Nos lábios secos. Parecem mulheres,
Mas as barbas proíbem que eu afirme
Que o são.

MACBETH

Se falam, digam-nos quem são.

1ª BRUXA

Salve, Macbeth; oh, salve, *Thane* de Glamis!

2ª BRUXA

Salve, Macbeth; oh, salve, *Thane* de Cawdor!

3ª BRUXA

Salve, Macbeth; que um dia há de ser rei!

BANQUO

Senhor, por que se assusta e por que teme
Coisas de som tão belo? — Na verdade,
São fantasia ou são vocês de fato
O que aparentam? Meu nobre parceiro
Saúdam no presente com honrarias
E, no porvir, com esperanças reais
Que o estonteiam — mas a mim não falam.
Se podem ler as sementes do tempo,
Saber o grão que cresce e o que não vinga,
Falem a mim, que não peço e nem temo
Seu favor ou seu ódio.

1ª BRUXA

Salve!

2ª BRUXA

Salve!

3ª BRUXA

Salve!

1ª BRUXA

Menor, porém maior, do que Macbeth!

2ª BRUXA

Menos feliz, no entanto mais feliz!

3ª BRUXA

Não será rei, mas será pai de reis!

MACBETH

Um momento; foi pouco, falem mais!
Sei que a morte de Sinel me fez Glamis;
Mas como Cawdor? Cawdor está vivo,
E é nobre e próspero. Quanto a ser rei,
Fica além do horizonte do admissível —
Assim como ser Cawdor. Digam de onde
Vêm novas tão estranhas, ou por que
Nos param neste charco desgraçado

Com saudações proféticas! Me digam!

(*As Bruxas desaparecem*.)

BANQUO

A terra, como a água, tem borbulhas;
E essas vêm de lá. Para onde foram?

MACBETH

Assim no ar, essas formas corpóreas
Derreteram com o vento. Se ficassem…

BANQUO

Mas, falamos de algo que aqui esteve,
Ou comemos raízes que enlouquecem
Fazendo o cérebro seu prisioneiro?

MACBETH

Seus filhos serão reis.

BANQUO

O senhor, rei!

MACBETH

E também Cawdor. Não foi essa a história?

BANQUO

Em letra e música. Mas quem vem lá?

(*Entram Rosse e Angus*.)

ROSSE

Macbeth, com gáudio o rei foi informado
Do seu sucesso; e, após ter lido
Seus feitos pessoais neste levante,
Seu espanto e louvores ora lutam
Pra saber o que é seu e o que é dele.
Revendo o panorama deste dia,
Ele o vê, entre as hostes norueguesas,

Que enfrenta sem temor, enquanto cria
Estranhas visões de morte. Qual granizo,
Vêm os correios, um a um trazendo
Loas à sua luta pelo reino,
Que ante ele derramam.

ANGUS

O rei mandou
Apresentar-lhe a gratidão real,
Pedindo que o chamasse *Thane* de Cawdor.
Com esse título o saúdo, *Thane*,
Pois ele é seu.

BANQUO

O demo diz verdades?

MACBETH

Mas Cawdor vive. Por que hão de vestir-me
Com roupas emprestadas?

ANGUS

Cawdor vive,
Mas sob acusações; vive ainda a vida
Que merece perder. Se tendo aliado
À Noruega, ou à linha rebelde
Com ajuda escondida, ou se com ambos
Lutou pela ruína do país
Não sei; mas as traições que confessou
o destruíram.

MACBETH

Glamis e *Thane* de Cawdor!
O melhor 'stá por vir.
(*A angus e Rosse*)
Muito obrigado.
(*a Banquo*)
Não pensa, então, em ver seus filhos reis,
já que os que me disseram *Thane* de Cawdor
Não lhe previram menos?

BANQUO

E o crer nisso

Inda pode levá-lo até a coroa,
Além de já ser Cawdor. É estranho:
Muita vez, pra levar-nos para o mal,
As armas do negror dizem verdades;
Ganham-nos com tolices, pra trair-nos
Em questões mais profundas.
Primos, uma palavra

MACBETH

(*à parte*)
Duas verdades
São prelúdio feliz da grande pompa
Do tema imperial.
(*alto*)
Eu lhes sou grato.
(*à parte*)
A tentação do sobrenatural
Não pode nem ser má e nem ser boa:
Se má, por que indica o meu sucesso,
De início, com a verdade? Já sou Cawdor;
Se boa, por que cedo à sugestão
Cuja horrível imagem me arrepia
E bate o coração contra as costelas,
Negando a natureza? Estes meus medos
São menos que o terror que eu imagino;
Meu pensamento, cujo assassinato
Inda é fantástico, tal modo abala
A minha própria condição de homem,
Que a razão se sufoca em fantasia,
E nada existe, exceto o inexistente.

BANQUO

Como ficou perplexo o nosso amigo!

MACBETH

(*à parte*)
Se o fado me quer rei, que me coroe

Sem que eu me mova.

BANQUO

Essas honras lhe caem
Como trajes estranhos que só servem
Com muito uso.

MACBETH

(*à parte*)

Estou por tudo agora;
Até mau dia tem seu tempo e hora.

BANQUO

Bravo Macbeth, 'stamos ao seu dispor.

MACBETH

Perdão; a minha mente se ocupava
Com coisas esquecidas. Cavalheiros,
A sua cortesia está nas páginas
Que doravante eu lerei todo dia.
Vamos ao rei.
(*a Banquo*)
Pondere o acontecido;
Depois de o tempo operar, falaremos
De coração aberto.

BANQUO

Com prazer.

MACBETH

Até então já basta. — Amigos, vamos.

(*Saem.*)

Cena IV — Forres. Uma sala no palácio.

(*Fanfarra. Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Lenox e séquito.*)

DUNCAN

Cawdor já foi executado? Ou inda
Não voltou a comissão?

MALCOLM

Meu senhor,
Ainda não voltou; porém falei
A alguém que o viu morrer, e informou
Que admitiu com franqueza sua traição,
Pediu o seu perdão, e demonstrou
'Star muito arrependido. Em sua vida
Nada lhe foi tão bem quanto o deixá-la.
Morreu como se a vida fosse ensaio
Pra morrer, descartando o bem da vida
Como se fora lixo.

DUNCAN

Não há arte
Que veja a mente só por ver o rosto:
Foi um homem em quem depositei
Confiança total.
(*Entram Macbeth, Banquo, Rosse e Angus*.)
Meu bravo primo!
O pecado de minha ingratidão
Me pesava. Mas andas tão na frente
Que a veloz gratidão tem voo lento
Para alcançar-te: merecesses menos,
E minha cota de agradecimento
Seria a dominante! Só me resta
Dizer que devo mais que qualquer paga.

MACBETH

O que devo, em serviço e lealdade,
Paga-se apenas por seu cumprimento.
Nosso dever pertence a Vossa Alteza,
Sendo devido a vós, ao Estado e aos vossos;
Não passa de dever fazermos tudo
Pra guardar vosso amor e vossa honra.

DUNCAN

Bem-vindo!
Comecei a plantar-te e hei de fazer-te
Crescer ao máximo. Meu nobre Banquo,
Não mereceste menos, nem se deve
Proclamar-te menor; quero abraçar-te
Junto ao meu coração.

BANQUO

Se aí crescer,
A safra é vossa.

DUNCAN

Tais farturas minhas
Nesses excessos buscam disfarçar-se
Em gotas de tristeza. Filhos, nobres,
E aqueles que mais perto estão de nós,
Sabei que nossa herança ora outorgamos
A nosso filho Malcolm, doravante
A ser chamado Príncipe de Cumberland.
Honras assim não devem vir sozinhas;
E sinais de nobreza, como astros,
Hão de brilhar em todos que a merecem.
Para Inverness! E, lá, vos ligaremos
Ainda mais a nós.

MACBETH

Resta labuta, que não é pra vós;
Serei eu mesmo o arauto que, contente,
Dirá a minha esposa que estais vindo.

DUNCAN

Caro Cawdor!

MACBETH

(*à parte*)
O filho príncipe! Esse é um tropeço
Que me derruba se eu não superar;
Pois está em meu caminho. Apaga, estrela,
Pra luz não ver os meus desígnios negros.

Fique o olho cego à mão, porém insisto
Que o que ele teme, feito, seja visto.

DUNCAN

Verdade, meu bom Banquo. Ele é tão bravo
Que o alimento que me traz seu mérito
É o meu banquete. Sigamos agora
Quem se apressou pra nos fazer bem-vindos:
É uma parente sem par.

(*Saem.*)

Cena V — Inverness. Uma sala do castelo de Macbeth.

(*Entra Lady Macbeth, lendo uma carta.*)

LADY MACBETH

"Encontraram-me no dia do triunfo e soube, pelas mais seguras fontes, que têm conhecimento acima dos mortais. Quando queimava de desejo de interrogá-las mais um pouco, transformaram-se em ar, no qual desvaneceram. Enquanto fiquei transido de espanto, chegaram missivas do rei que me saudavam como '*Thane* de Cawdor', por cujo título essas estranhas irmãs me haviam antes chamado, referindo-se a um tempo inda por vir com 'Salve quem vai ser rei!'
"Tudo isso julguei por bem comunicar a ti, minha adorada parceira de grandeza, para que não percas os dividendos do regozijo, ficando na ignorância da grandeza que te é prometida. Guarda-o no coração, e que tudo vá bem."
Já és Glamis e Cawdor, e serás
O resto. — Mas temo-te a natureza:
Sobra-lhe o leite da bondade humana
Para tomar o atalho. Sonhas alto,

Não te falta ambição, porém privada
Do mal que há nela. Teus mais altos sonhos
Têm de ser puros; temes o ser falso,
Mas não o falso lucro. Tu precisas
Quem diga: "Glamis, faz se é o que queres;
Se é o que não fazes mais por medo
Do que por desejar não ser feito."
Vem, para que eu jorre brio em teus ouvidos,
E destrua com a bravura desta língua
O que te afasta do anel de ouro
Com que o destino e a força metafísica
Te querem coroar.
(*Entra um Mensageiro*.)
Que novas traz?

MENSAGEIRO

O rei hoje vem cá.

LADY MACBETH

Isso é loucura!
Não está com ele o amo? Se assim fosse
Ele me avisaria, pra aprontar-me.

MENSAGEIRO

Por favor, é verdade: o *Thane* já vem;
Um companheiro veio mais depressa
E já quase sem fôlego, só o teve
Para dar o recado.

LADY MACBETH

Cuidem dele:
Traz grande nova!
(*Sai o Mensageiro*.)
É rouco o próprio corvo
Que anuncia a fatídica chegada
Do rei à minha casa. Vinde, espíritos
Das ideias mortais; tirai-me o sexo:
Inundai-me, dos pés até a coroa,
De vil crueldade. Dai-me o sangue grosso
Que impede e corta o acesso do remorso;

Não me visitem culpas naturais
Para abalar meu sórdido propósito,
Ou me fazer pensar nas consequências;
Tomai, neste meu seio de mulher,
Meu leite em fel, espíritos mortíferos!
Vossa substância cega, onde andar,
Espreita e serve o mal. Veias, negra noite!
Apaga-te na bruma dos infernos,
Pra não ver minha faca o próprio golpe
E nem o céu poder varar o escuro
Para gritar-me 'Para! Para!'
(*Entra Macbeth*.)
Meu grande Glamis! Meu valoroso Cawdor!
Que saudação maior inda há de ter!
Tua carta transportou-me para além
Deste pobre presente, e sinto agora
O porvir neste instante.

MACBETH

Meu amor,
Duncan chega hoje aqui.

LADY MACBETH

E quando parte?

MACBETH

Amanhã, por seus planos.

LADY MACBETH

Mas jamais
Verá o sol tal amanhã.
Teu rosto, *Thane*, é um livro aonde os homens
Podem ler suspeições; para enganá-los,
Usa aspecto enganoso, e boas-vindas
Brilhem-te nos olhos, mãos e língua.
Sê a inocente flor que nutre a víbora.
Devemos preparar-nos pra quem chega;
E deixa em minhas mãos as providências
Dos negócios tratados nesta noite
Que a todo dia e noite por chegar

Um poder soberano hão de outorgar.

MACBETH

Falaremos depois.

LADY MACBETH

Mas pensa bem:
Só muda de pensar quem medo tem.
Deixa o resto comigo.

(*Saem.*)

Cena VI — O mesmo local.

(*Entram Duncan, Malcolm, Donalbain, Banquo, Lenox, Macduff, Rosse, Angus e séquito.)*

DUNCAN

O sítio do castelo é agradável;
O doce e leve ar se recomenda
Aos meus sentidos.

BANQUO

A ave do estio,
A andorinha do templo, prova assim,
No amado muro, que o alento dos céus
Exala aqui: não há quina nem beira,
Pilastra ou belvedere em que esta ave
Não penda um ninho pra procriação:
E onde se multiplicam, tenho visto,
O ar é delicado.
(*Entra Lady Macbeth.*)

DUNCAN

Nossa anfitriã!
O amor que nos é dado traz problemas

Que chamamos de amor. E isso ensina-lhes
Como Deus abençoa o seu trabalho
Feito por nós.

LADY MACBETH

Este nosso serviço,
Sendo dobrado e depois redobrado,
É muito pouco se for comparado
Com as vastas e profundas honrarias
Com que vós nos cobris. Pelas antigas,
Como as honras recentes recebidas,
Somos romeiros.

DUNCAN

Mas onde está Cawdor?
Viemos a galope, com intento
De ser seu intendente; mas, velozes,
As esporas do amor o ajudaram.
Somos seus hóspedes.

LADY MACBETH

Vossos servos,
Têm a vosso dispor a si e aos seus,
Para a vosso prazer prestar suas contas
Devolvendo o que é vosso.

DUNCAN

A sua mão;
Leve-me ao castelão. Nós o amamos,
E sempre há de ter ele nossas graças.
Com sua permissão, senhora.

(*Saem.*)

Cena VII — O mesmo local. Uma sala no castelo.

(*Oboés e tochas. Entram e cruzam o palco um provador e diversos criados com pratos e travessas. Depois, entra Macbeth.*)

MACBETH

Ficasse feito o feito, então seria
Melhor fazê-lo logo: se o matar
Trancasse as consequências e alcançasse,
Com seu cessar, sucesso; se este golpe
Pudesse ter um fiar de tudo aqui,
E só aqui, nesta margem do tempo,
Riscava-se o futuro. Mas tais casos
Têm julgamento aqui que nos ensina
Que os truques sanguinários que criamos
Punem seus inventores; e a justiça
Conduz o cálice que envenenamos
Aos nossos lábios. Ele está aqui!
Por dupla confiança, ao meu cuidado:
Primeiro, sou seu súdito e parente —
São ambos contra o ato. E, hospedeiro,
Devia interditar o assassino
E não tomar eu mesmo do punhal.
Duncan, além do mais, tem ostentado
Seu poder com humildade e tem vivido
Tão puro no alto posto, que seus dotes
Soarão, qual trombeta angelical,
Contra o pecado que o destruirá;
E a piedade, nua e recém-nata,
Montada no clamor, ou os querubins
A cavalgar os correios dos céus,
A todo olhar dirão o feito horrível,
Fazendo a lágrima afogar o vento.
Para esporear meu alvo eu tenho apenas
Esta alta ambição cujo salto exagera
E cai longe demais.
(*Entra Lady Macbeth.*)

Então, que há?

LADY MACBETH

O rei ceiou. Por que deixaste a sala?

MACBETH

Ele chamou por mim?

LADY MACBETH

Então não sabes?

MACBETH

Não vou levar avante esse negócio.
Ele vem de me honrar; e eu conquistei
O ouro do respeito dessa gente;
Devo agora ostentá-lo no seu brilho,
Não descartá-lo assim.

LADY MACBETH

Estava bêbada
A ambição que vestias? E dormiu?
E acorda para olhar pálida e verde
Pro que, livre, pensara? Doravante
julgo assim o teu amor. Tens tanto medo
De seres, com teus atos e coragem,
Igual aos teus desejos? Queres ter
O que julgas da vida o ornamento,
Ou viver um covarde aos próprios olhos,
Deixando o "quero" curvar-se ao "não ouso",
Como o gato pescando?

MACBETH

Paz, eu peço.
Eu ouso tudo que convém a um homem;
Quem ousa mais não o é.

LADY MACBETH

Que fera, então
Levou-te a sugerir-me tal empresa?
Quando o ousaste é que foste um homem.
E para vir a ser mais do que foste
Devias ser mais homem. Nem local
Nem hora, no momento, nos serviam,

Porém tu te esforçaste por dobrá-los;
Pois agora por si são adequados,
E tu tremes. Eu já amamentei,
E sei o quanto é doce o sugar do neném;
Mas poderia, enquanto me sorria,
Roubar-lhe o seio da gengiva mole
E arrebentar-lhe o cérebro, se houvesse
Jurado que o faria.

MACBETH

E se falharmos?

LADY MACBETH

Falharmos? Com a coragem retesada
Não falharemos. Quando o rei dormir —
Ao que a dura viagem deste dia
Há de chamá-lo — seus dois camareiros
Hei de embalar com tanta e tal bebida
Que a guardiã do cérebro, a memória,
Fará, com seus vapores, da razão
Mero alambique. Chafurdando em sono,
Tão encharcados que pareçam mortos,
O que não poderemos perpetrar
Um Duncan desguardado? Ou imputar
A tais esponjas, que arcarão com a culpa
De nosso crime?

MACBETH

Dá à luz só machos,
Pois tua têmpera indômita só deve
Gerar varões. Não hão de julgar todos,
Se cobrimos com sangue os camareiros,
Dormindo junto às armas que usaremos,
Que foram eles?

LADY MACBETH

Quem dirá que não,
Se com clamor gritamos nossa dor
Pela morte?

MACBETH

Estou pronto, e cada nervo
Será um tenso agente desse horror
Vamos; mostrando ar sereno e são,
O rosto esconde o falso coração.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — No mesmo lugar. Um pátio no castelo.

(*Entra Banquo, com Fleance, que carrega uma tocha.*)

BANQUO
A quanto vai a noite, menino?
FLEANCE
Pôs-se a lua. Não ouvi o relógio.
BANQUO
Ela se põe às doze.
FLEANCE
Então já passam.
BANQUO
Pega aqui a espada. O céu é econômico;
Apagou suas velas. Pega aqui.
Algo me chama que parece um chumbo,
No entanto não dormi. Forças do bem,
Cortai em mim o mal que a natureza
Libera no repouso. Dá-me a espada.
(*Entram Macbeth e um Criado, com uma tocha.*)
Quem vai lá?
MACBETH
Um amigo.

BANQUO

Senhor! Inda de pé? O rei deitou-se:
Ele teve prazer pouco comum,
Mandando grande dote pros seus cofres.
Doa este brilhante à sua esposa,
A quem chama bondosa anfitriã,
E deitou-se feliz.

MACBETH

Despreparados,
Nossa vontade curvou-se aos defeitos,
E de outro modo seria mais livre.

BANQUO

Está tudo bem.
Ontem à noite sonhei com as três Bruxas:
Disseram-lhe verdades.

MACBETH

Não me afligem;
Porém, se nos ocorre uma hora vaga,
Podemos conversar sobre esse assunto,
Se me ceder seu tempo.

BANQUO

Ao seu dispor.

MACBETH

'Star do meu lado quando calhar bem
Lhe trará honra.

BANQUO

Des' que não a perca
Por querer aumentá-la e, sim, mantenha
Meu peito livre e minha lealdade,
'Stou aberto a conselhos.

MACBETH

Bom repouso!

BANQUO

O mesmo, e obrigado, meu senhor.

(*Saem Banquo e Fleance.*)

MACBETH

Pede à tua ama que, pronta a bebida,
Toque o sino. Vai pra cama agora.
(*Sai Criado.*)
Será um punhal que vejo, à minha frente,
Com o cabo para mim? Vem que eu te agarro!
Não te alcanço, mas fico sempre a ver-te!
Então não és, visão fatal, sensível
Ao tato como aos olhos? Não és mais
Que uma adaga da mente, peça falsa
Nascida da opressão sobre o meu cérebro?
Vejo-te ainda, forma tão palpável
Quanto esta que ora empunho.
Tu guias no sentido em que eu já ia,
E arma igual a ti eu usaria.
Ou é bobo o olhar dos mais sentidos,
Ou vale ele por todos. Aí estás;
Mas ora pinga sangue a tua lâmina
Antes seca. Mas nada disso existe;
É meu plano sangrento que o inventa
Para os meus olhos. Ora em meio mundo
'Stá morta a natureza e sonhos maus
Abusam de quem dorme. A bruxaria
Celebra Hécate, e o Assassinato,
Desperto pelo lobo, sentinela
Cujo uivo é o seu alarme, pisa manso —
Qual Tarquínio estuprador — para o seu alvo,
Como um fantasma. Tu, ó terra firme,
Não ouças pr'onde eu ando, só por medo
Que as tuas pedras contem pr'onde eu vou.
E priva este momento do terror
Que a ele cabe. Eu falo, ele respira;
Verbo aos atos todo calor tira.

(*Toca o sino.*)
Vou e está feito. O sino me convida;
Não o ouça, Duncan, pois esse dobrar
Pro céu ou para o inferno o vai chamar.

(*Sai.*)

Cena II — O mesmo.

(*Entra Lady Macbeth.*)

LADY MACBETH
O que os embebedou deu-me coragem;
O que os saciou incendiou-me.
Sh!
Foi a coruja, o sineiro fatal
Que agoura boa noite. Ele age agora.
Portas abertas, tontos os criados,
Seu ronco é zombaria do dever;
Seus vinhos eu droguei, e a natureza
Neles luta com a morte pra saber
Se vivem ou se morrem.

MACBETH
(*Fora.*)
Quem 'stá aí?

LADY MACBETH
Temo que acordem sem 'star tudo feito.
A tentativa, não o ato em si,
Pode perder-nos. Deixei os punhais
Lá bem à mão. Não podia enganar-se.
Se ele, dormindo, não se parecesse
Com o meu pai, eu o faria eu mesma.

(*Entra Macbeth carregando dois punhais sangrentos.*)
Marido!

MACBETH

Fiz o feito. Não ouviste barulhos?

LADY MACBETH

A coruja a gritar, e o som do grilo.
Que disse?

MACBETH

Quando?

LADY MACBETH

Agora.

MACBETH

Inda descia?

LADY MACBETH

Sim.

MACBETH

Atenção!
Quem fica no outro quarto?

LADY MACBETH

Donalbain.

MACBETH

(*Olhando as mãos.*)
É uma triste visão.

LADY MACBETH

Que tolice dizer que é visão triste.

MACBETH

Um riu, dormindo; o outro uivou "Matança!",
Acordando-se os dois. Fiquei ouvindo;
Mas eles só rezaram, pra depois
Voltar ao sono.

LADY MACBETH

Os quartos são pra dois.

MACBETH

Disse um "Louvado seja Deus!", o outro, "Amém!".
Conto se vendo estas mãos de carrasco,
Não pude, ao seu pavor, dizer "Amém",

Quando os ouvi dizer "Louvado seja!".

LADY MACBETH

Não pense tanto nisso.

MACBETH

Por que não pude eu dizer "Amém"?
Precisava de bênçãos, mas o "Amém"
Travou na minha boca.

LADY MACBETH

Não se pode
Pensar dessa maneira nesses feitos;
Assim ficamos loucos.

MACBETH

Me parece
Que ouvi uma voz gritar "Não dorme mais!
Macbeth matou o sono" — o mesmo sono
Que trança o fio fino do cuidado,
Morte diária, banho da labuta,
Bálsamo bom de mentes machucadas,
Pra natureza uma segunda via,
Alimento maior da vida.

LADY MACBETH

O quê?

MACBETH

"Não dorme mais!" gritou pra toda a casa;
Matou o sono Glamis, e então Cawdor
Não dorme mais; Macbeth não dorme mais.

LADY MACBETH

Mas quem gritou assim? Meu nobre *Thane*,
Por que curvar tua grande força a ideias
Assim doentes? Pega um pouco d'água
E lava as provas dessas mãos sangrentas.
Por que trouxeste de lá os punhais?
Precisam ficar lá. Volta e besunta
Com sangue os dois que dormem.

MACBETH

Nunca mais.

Eu temo quando penso no que fiz;
Não posso mais olhá-lo.

LADY MACBETH

Temeroso!
Dá-me os punhais. Os que dormem e os mortos
São só quadros. Só quem é criança
Vê o que temer em diabo pintado.
Se ele sangrar, pintarei os dois guardas,
Pra mostrar sua culpa.

(*Sai*.)

MACBETH

(*Batem, fora*.)

Quem bateu?
Por que todo ruído me apavora?
Que mãos são essas que me arrancam os olhos?
Será que o vasto oceano de Netuno
Pode lavar o sangue destas mãos?
Não; nunca! Antes estas mãos conseguiriam
Avermelhar a imensidão do mar
Tornando rubro o verde.

(*Entra Lady Macbeth*.)

LADY MACBETH

Tenho as mãos da tua cor; mas me envergonho
De ter tão branco o coração.
(*Batem, fora*.)
Já batem
Na porta sul. Voltemos para o quarto.
Um pouco d'água limpa-nos do feito;
Como é fácil, então! Tua consciência

Parece abandonar-te.
(*Batem.*)
Mais batidas!
Põe camisa de noite, pra evitar
Nos mostrarmos assim despertos. Não te percas
Tão mal em pensamentos.

MACBETH

Melhor não conhecer-me que tomar
Consciência do meu feito.
(*Batem mais.*)
Acordem Duncan com o seu bater.
Quem dera o conseguissem!

(*Saem.*)

Cena III — O mesmo.

(*Entra um Porteiro.*)
(*Batidas fora.*)

PORTEIRO

Isso é que é bater! Se um homem fosse Porteiro do Inferno, ia ficar velho de virar a chave.
(*Batem.*)
Pam, pam, pam. Quem está aí, em nome de Belzebu? É um fazendeiro que se enforcou por causa da fartura anunciada: pode entrar, seu esperto; e traz muitos lenços, porque aqui se sua muito.
(*Batem.*)
Pam, pam, pam. Quem está aí, em nome do outro diabo — Palavra que é um equivocando,[2] capaz de jurar pelos dois pratos da balança, um contra o outro; que traiu muito em nome de

Deus, mas nem equivocando entrou no céu: Oh, podem entrar para equivocar aqui.
(*Batem.*)
Pam, pam, pam. Quem está aí? — Palavra que é um alfaiate inglês, preso por roubar umas calças francesas; entre, alfaiate, venha assar o seu peru.
(*Batem.*)
Pam, pam, pam. Mas não descansa nunca! Você é o quê? Mas isto aqui é frio demais para Inferno. Não vou mais bancar Porteiro do Inferno; eu pensava já ter deixado entrar gente de todas as profissões, que foram pulando de flor em flor para a fogueira eterna.
(*Batem.*)
Já vou, já vou: por favor, não se esqueçam do Porteiro.

(*Abre o portão, entram Macduff e Lenox.*)

MACDUFF

Foi tão tarde para a cama, meu amigo, que está deitado até tão tarde?

PORTEIRO

Na verdade, senhor, ficamos festejando até o segundo cantar do galo; e a bebida, senhor, provoca muito três coisas.

MACDUFF

Quais as três coisas que a bebida provoca mais especialmente?

PORTEIRO

Ora, senhor, pintura de nariz, sono e urina. A luxúria, senhor, ela provoca e desprovoca: provoca o desejo, mas liquida o desempenho.
Portanto, pode-se dizer que muita bebida equivoca a luxúria: ela a ajuda e a estraga: empurra para cima e empurra para baixo; a convence e a desencoraja; levanta e deslevanta: em resumo, equivoca-se no sono e, desmentindo-a, deixa-a deitada.

MACDUFF

E parece que a bebida o desmentiu ontem à noite.

PORTEIRO

Isso mesmo, senhor, na minha goela: mas eu devolvi
a mentira; sendo forte demais para ela, quando ela me
pegou pelas pernas eu consegui botá-la para fora.

MACDUFF

Teu amo está de pé?
(*Entra Macbeth.*)
Batendo o acordamos. Lá vem ele.

LENOX

Bom dia, meu senhor.

MACBETH

Bom dia a ambos.

MACDUFF

Já levantou-se o rei?

MACBETH

Ainda não.

MACDUFF

Ele ordenou-me que o chamasse cedo;
Quase perdi a hora.

MACBETH

Eu o conduzo.

MACDUFF

Sei que a tarefa é alegre pro senhor,
Mas é tarefa.

MACBETH

Tarefa de prazer compensa a dor;
É essa a porta.

MACDUFF

Eu vou ousar chamar,
Pois tal me foi pedido.

(*Sai.*)

LENOX

O rei vai hoje?

(*Entra Macbeth.*)

MACBETH

Vai. Assim o quis.

LENOX

A noite foi inquieta. Onde dormia,
O vento derrubou as chaminés;
E dizem que no ar gemeu a morte,
Profetizando em tons assustadores
Terríveis combustões e desatinos
Paridos de má hora. A ave aziaga
Piou a noite inteira. E a Terra, dizem,
Tremeu de febre.

MACBETH

A noite foi terrível.

LENOX

Minha memória jovem não lhe iguala
Nenhuma outra.

(*Volta Macduff.*)

MACDUFF

Horror, horror, horror!
Língua nem coração podem dizê-lo!

MACBETH, LENOX

Mas o que houve?

MACDUFF

O caos realizou sua obra-prima!
O assassino sacrílego arrombou
O templo do ungido do Senhor,

Roubando a sua vida!

MACBETH

O quê? A vida?

LENOX

Mas quer dizer Sua Majestade?

MACDUFF

Vão ao quarto e destruam sua visão
Com nova Górgona. — Não me perguntem:
Vejam por si, para falar depois.
(*Saem Macbeth e Lenox*.)
Alarme! Alarme!
Tocai o alarme! Homicídio e traição!
Banquo e Donalbain! Acorda, Malcolm!
Deixai o sono, imitação da morte,
E olhai a própria morte! Vinde ver
O Juízo Final! Malcolm e Banquo,
Subi, como se espíritos, da tumba
Pra enfrentar o terror.

(*O sino toca*.)
(*Entra Lady Macbeth*.)

LADY MACBETH

Que houve aqui
Pr'essa tropa terrível convocar
Os que dormem na casa? Falem, falem!

MACDUFF

Gentil senhora,
Não é pra seus ouvidos o que digo:
Repeti-lo ao ouvido feminino
É matá-lo ao chegar.
(*Entra Banquo*.)
Banquo! Banquo!
Mataram nosso real amo!

LADY MACBETH

Ai, ai!
Em nosso lar?

BANQUO

Cruel em qualquer parte.
Eu te peço, Macduff, que te renegues,
E digas que é mentira.

(*Voltam Macbeth e Lenox*.)

MACBETH

Se eu morresse uma hora antes do havido,
Minha vida seria abençoada.
Pois doravante nada há mais de sério
No mundo dos mortais. Tudo é brinquedo.
Morreram fama e graça; foi-se o vinho
Da vida, e ao mundo só restou a borra
Para jactar-se.

(*Entram Malcolm e Donalbain*.)

DONALBAIN

Quem se feriu?

MACBETH

Vós mesmos, se o soubésseis:
A fonte, o chefe de vossa linhagem
'Stão cortados; sua fonte secou.

MACDUFF

Vosso real pai foi morto.

MALCOLM

Por quem?

LENOX

Os seus guardas de quarto, ao que parece;

Têm mãos e faces cobertas de sangue,
E as facas, ainda sujas, encontramos
Em suas camas. 'Stão fora de si;
Não se pode confiar vida a eles.

MACBETH

Mesmo assim eu lamento a minha fúria
Quando os matei.

MACDUFF

Por que razão fez isso?

MACBETH

Quem é sábio quando atônito, em fúria,
Leal e neutro a um tempo? Não, ninguém:
A força do meu violento amor
Venceu o senso da razão. O rei
Jazia ali em seu sangue dourado;
Cada talho feria a natureza
Pra admitir a ruína; os assassinos
Lá 'stavam coloridos pelo seu ofício,
Vestidos de entranhas. Como parar
Quem tem amor no coração e neste
Coragem pra exibi-lo?

LADY MACBETH

Quem me ajuda?

MACDUFF

Ajudem a senhora.

MALCOLM

(*à parte, para Donalbain*)
Por que calamos nós, com mais direito
A reclamar o assunto?

DONALBAIN

(*à parte, para Malcolm*)
O que dizer
Aonde o fado, oculto em uma ponta,
Pode nos agarrar? Vamos fugir:
Não ferve nosso pranto.

MALCOLM

(*à parte, para Donalbain*)
Nem nossa dor
Já fez por se expressar.

BANQUO

Cuidem da dama.
(*Lady Macbeth é carregada para fora.*)
E depois de cobrir nossa nudez,
Que sofre sendo exposta, vamos juntos
Investigar esse ato sangrento
Para compreendê-lo. O medo nos abala:
Estou na mão de Deus, de onde
Lutarei contra a falsidade oculta
Da maldosa traição.

MACDUFF

E eu.

TODOS

E todos.

MACBETH

Vamos pôr nossas vestes varonis
Pra juntar-nos na sala.

TODOS

Foi bem dito.

(*Saem todos menos Malcolm e Donalbain.*)

MALCOLM

O que farás? Não tratemos com eles:
Mostrar dor que não sente é uma tarefa
Que o falso cumpre bem. Vou pra Inglaterra.

DONALBAIN

E eu pra Irlanda: trilhas separadas
Nos deixam mais seguros; onde estamos
Há punhais nos sorrisos: ter seu sangue
Pode fazer sangrar.

MALCOLM

A fatal flecha
Ainda não pousou, e o mais seguro
É evitar o alvo. Então, montemos;
E esquecendo de adeuses delicados
Partamos logo. Está certo o ladrão
Que foge de onde não há coração.

(*Saem.*)

Cena IV — Fora do Castelo.

(*Entram Rosse e um Velho.*)

VELHO

De setenta eu me lembro muito bem;
E no limite desse tempo eu vi
Horas terríveis; porém esta noite
Tornou-as brincadeiras.

ROSSE

Ai, paizinho,
Veja que o céu, aflito com o erro humano
Ameaça seu palco em sangue. É dia,
Mas o negror sufoca a tocha exausta.
É só a noite ou vergonha do dia
Que enterram em negror todo este
Quando a luz viva o devia beijar?

VELHO

É anormal, como o ato perpetrado.
Na terça-feira um falcão altaneiro
Foi trucidado por uma coruja.

ROSSE

E os cavalos de Duncan (muito estranho).
Exemplos de beleza e agilidade,
Como feras fugiram da cocheira,
Negando obediência e parecendo
Estar em guerra.

VELHO

E se comeram, dizem.

ROSSE

Comeram; para o espanto dos meus olhos
Que tudo viram.
(*Entra Macduff.*)
Eis o bom Macduff.
E como está o mundo?

MACDUFF

Então não vê?

ROSSE

Já se sabe quem fez o ato sangrento?

MACDUFF

Aqueles que Macbeth matou.

ROSSE

Que dia!
Mas o que pretendiam?

MACDUFF

Foram pagos.
Malcolm e Donalbain, filhos do rei,
Fugiram escondidos; o que os deixa
Sob suspeita.

ROSSE

Também é anormal.
A sôfrega ambição devora tudo —
E até mesmo a vida! — Então parece
Que o soberano deve ser Macbeth.

MACDUFF

Já designado, ele foi para Scone
Pra investidura.

ROSSE

E onde está o corpo?

MACDUFF

Foi levado a Colme-kill,
Tumba sagrada de seus ancestrais,
Onde ficam seus ossos.

ROSSE

Irá a Scone?

MACDUFF

Não, primo; vou pra Fife.

ROSSE

Pois eu vou lá.

MACDUFF

Que veja tudo lá bem-feito: — Adeus!
Pra que os trajes de outrora não nos caiam
Melhor que as roupas novas de hoje em dia!

ROSSE

Adeus, paizinho.

VELHO

Leve a bênção de Deus sempre consigo;
O que quer bem, não mal, é sempre amigo.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Forres. Uma sala no Palácio.

(*Entra Banquo.*)

BANQUO

Glamis, Cawdor, rei, tu já tens tudo agora,
Que as bruxas prometeram; temo, entanto,

Que agiste mal pra tê-lo; mas foi dito
Que nada passaria a teus herdeiros,
E que seria eu pai e raiz
De muitos reis. Se elas dizem verdades
(E em ti, Macbeth, rebrilham suas falas),
Então segundo o que a ti já trouxeram,
Não seriam pra mim também oráculo,
Fazendo-me esperar? Mas chega disso.

(*Fanfarra. Entram Macbeth, como rei, Lady Macbeth, como rainha, Lenox, Rosse, Lordes e séquito.*)

MACBETH

Nosso conviva principal!

LADY MACBETH

Que se esquecido
Seria falha em nossa grande festa,
Calhando muito mal.

MACBETH

Senhor, requisitamos sua presença
Na ceia que daremos esta noite.

BANQUO

Vossa Alteza comanda os meus deveres,
Que a vós já são ligados para sempre,
De forma indissolúvel.

MACBETH

Vai montar hoje à tarde?

BANQUO

Sim, senhor.

MACBETH

Teria ouvido a sua opinião
(Sempre sóbria e sempre proveitosa.)
Neste conselho; fica pra amanhã.
Pretende ir longe?

BANQUO

O bastante, senhor, que cubra o tempo
De agora até a ceia: se for lento,
Eu pedirei à noite por empréstimo
Uma hora ou duas.

MACBETH

Mas não falte à festa.

BANQUO

Senhor, não faltarei.

MACBETH

Nossos primos sangrentos, nos informam,
Fugiram pra Inglaterra e pra Irlanda;
Sem confessar seu cruel parricídio,
Saturam seus ouvintes com invenções
Estranhas. Amanhã nós conversamos,
Quando, além dessa, outras questões de Estado
Já nos chamam. Adeus — vá cavalgar
Até a noite. Fleance também vai?

BANQUO

Vai sim, senhor. E é hora de partirmos.

MACBETH

Que montem patas firmes e velozes;
E a dorsos fortes eu os recomendo.
Adeus.
(*Sai Banquo.*)
Que sejam todos donos de seu tempo
Até a noite, às sete;
Para tornar mais doce o nosso encontro,
Até a ceia ficaremos sós;
Que Deus 'steja com todos até lá.
(*Saem todos, exceto Macbeth e um Servo.*)
Venha cá, moço.
Os homens nos aguardam?

SERVO

Sim, senhor;
Mas fora do palácio.

MACBETH

Vá buscá-los.
(*Sai o Servo.*)
Que vale estar aqui este segurança?
Nosso medo de Banquo
Vai fundo, e em sua nobre natureza
Está tudo o que temo: ele ousa muito,
Porém a têmpera da sua mente
De modo sábio guia o seu valor
Para agir com segurança. A não ser ele,
Eu não temo ninguém. Mas ante ele
Meu gênio se rebaixa, como dizem
O de Antônio ante César. Quando as Bruxas
Me chamaram de rei, repreendeu-as
E quis que lhe falassem; profetisas,
Elas o honraram como pai de reis:
A coroa que uso não dá frutos
E um cetro estéril tenho em minha mão,
Que me será tirado sem linhagem,
Sem filho como herdeiro. Se assim foi,
Pela prole de Banquo maculei-me;
Minha taça de paz enchi de fel
Só por seus filhos; minha joia eterna
O Inimigo do Homem recebeu
Pra fazer reis da semente de Banquo!
Antes disso, meu fado, entra na liça
Pra me ajudar no combate mortal!
Quem 'stá aí?
(*Volta o Servo, com dois Assassinos.*)
Vá pra porta e espere o chamado.
(*Sai o Servo.*)
Não estivemos conversando ontem?

1º ASSASSINO

Estivemos, Alteza.

MACBETH

Muito bem;

Pensaram no que eu disse? Perceberam
Que no passado ele é que os levou
Aos sofrimentos pelos quais julgavam
Ser eu o responsável? Tudo isso
Eu já lhes disse antes, e provei
Que foram enganados, perseguidos,
E lhes disse por quem, somando ainda
O bastante pra que até um tolo
Dissesse "Banquo o fez".

1º ASSASSINO

O senhor disse.

MACBETH

Eu sei, e fui mais longe, o que agora
É o tema deste encontro. Consideram
Ter natureza assim tão paciente
Que possam esquecê-lo? São tão santos
Que rezam por tal homem e seus filhos,
Depois que sua mão tentou matá-los
E os deixou na miséria?

1º ASSASSINO

Somos homens.

MACBETH

Sim, sei que num catálogo são homens,
Como galgo, mastim e veadeiro,
Pastor ou vira-lata são chamados
Pelo nome de cão: o bom arquivo
Distingue o lento, o veloz e o sutil,
O guarda e o caçador, cada um deles
Segundo os dotes com que a Natureza
O premiou, razão por que recebe
Um nome diferente do que aquele
Que faz todos iguais; assim com os homens.
Se tiverem lugar na humanidade
Que não seja o pior, peço que o digam;
E eu darei a seus peitos certo encargo
Que, destruindo um seu próprio inimigo,

Prende-os ao nosso amor e coração.
Que, adoentados pela vida dele,
Sua morte cura.

2º ASSASSINO

Eu sou um homem
Que os golpes e as pancadas deste mundo
Tanto marcaram, que pra mim pouco importa
O quanto ofenda o mundo.

1º ASSASSINO

Enquanto eu,
Exausto e tão batido de infortúnios,
Entrego a minha vida a qualquer risco
Que a cure ou lhe dê fim.

MACBETH

É inimigo de ambos.

2º ASSASSINO

Sim, senhor.

MACBETH

Meu também; e em tão letal medida
Que cada alento seu torna-se um golpe
Em minha própria vida. Embora eu possa
De cara limpa varrê-lo da vista,
Calcado na vontade, não convém;
Pois há certos amigos dele e meus
Que não posso perder, e haveriam
De prantear a queda de quem cai
Golpeado por mim. Tais os motivos
Porque venho abraçar sua assistência,
Negociando longe desses olhos
Por razões ponderosas.

2º ASSASSINO

Nós faremos,
Senhor, o que mandar.

1º ASSASSINO

Mesmo que as vidas.

MACBETH

O seu valor transpira. Em uma hora
Eu lhes direi aonde devem ir,
Mostrando com perfeita precisão
A hora certa. Há que ser esta noite,
E longe do palácio. Tendo em mente
Que preciso certeza e que com ele
(Pra que não restem máculas da empresa)
Seu filho Fleance, que está com ele,
E cuja ausência não me é menos básica
Do que a do pai, terá de partilhar
Da hora fatal. Mantenham-se escondidos.
Eu os procuro logo.

2º ASSASSINO

Está acertado.

MACBETH

Eu já irei chamá-los; vão pra dentro.

(*Saem os Assassinos.*)

MACBETH

Está feito. Banquo, sua alma, ao voar,
No céu só nesta noite pode entrar.

(*Sai.*)

Cena II — O mesmo, uma outra sala.

(*Entram Lady Macbeth e um Servo.*)

LADY MACBETH

Banquo saiu da corte?

SERVO

Senhora, sim; mas 'stá de volta à noite.

LADY MACBETH

Diga ao rei que espero me conceda
Umas poucas palavras.

SERVO

Sim, senhora

(*Sai*.)

LADY MACBETH

Não há ganhos, tudo é perda
Se o desejo se alcança sem prazer:
É mais tranquilo ser o que foi findo
Que ficar inseguro destruindo.
(*Entra Macbeth*.)
Então, senhor? Por que fica tão só,
Na companhia de lembranças tristes
E ideias que deviam ter morrido
Com os que as relembram? Coisas sem remédio
Não têm valor; o feito já está feito.

MACBETH

Nós ferimos a cobra, não matamos.
Vai reviver, enquanto o nosso fel
Inda periga ante as suas presas.
Que as coisas se destrocem, céus e terra
Sofram, antes que em medo nós comamos,
Dormindo na aflição de pesadelos
Que à noite nos abalem. Antes mortos
Com aqueles que à paz por paz mandamos,
Que deitarmos, a mente torturada,
Em sono inquieto. Duncan 'stá na tumba,
Dormindo após a febre desta vida;
A traição triunfou. Nada, nem aço,

Malícia em casa, veneno ou tributo,
Inda pode tocá-lo.

LADY MACBETH

Senhor, venha:
Abrande seu aspecto assim sombrio;
Seja alegre esta noite, com os convivas.

MACBETH

Eu o farei; faça o mesmo, senhora;
Desvie o pensamento para Banquo:
Cubra-o de honras com os olhos e a língua.
Enquanto incertos,
Lavemos nossa honra em elogios,
Mascarando com o rosto o coração,
Escondendo o que somos.

LADY MACBETH

Deixe disso!

MACBETH

Escorpiões entopem minha mente,
Querida! Banquo e Fleance vivem.

LADY MACBETH

Nem pra eles é eterna a natureza.

MACBETH

É um consolo sabê-los vulneráveis.
Alegria! Antes mesmo que o morcego
Alce seu soturno voo, ou que Hécate
Chame insetos, zunindo no monturo,
Pio voraz dobre da noite, há de vir
Um feito aterrador.

LADY MACBETH

O que farão?

MACBETH

Fique ignorante e inocente, tolinha,
Até louvar o feito. Noite cega,
Vem selar o suave olho do dia,
E com mão sangrenta e invisível
Rasga em pedaços o fio de vida

Que me tem preso! A luz vai se espessando:
Voa o corvo pra selva enegrecida;
Já começa a murchar o bem do dia.
E a noite para a presa agora guia.
Espanta-se? Aguarde para ver:
Só o mal pode o mal fazer crescer.
Por favor, venha comigo.

(*Saem.*)

Cena III — O mesmo. Um parque, com um caminho que leva ao Palácio.

(*Entram três Assassinos.*)

1º Assassino
Quem o mandou juntar-se a nós?
3º Assassino
Macbeth.
2º Assassino
Por que desconfiar? Já que ele exerce
O mesmo ofício e o que é nossa tarefa,
Com o mesmo mando.
1º Assassino
Então fique conosco.
Inda há laivos de dia no Ocidente;
O viajante atrasado aperta o passo
Na busca de um abrigo desejado.
E já chega o objetivo desta guarda.
2º Assassino
São cavalos.
Banquo
(*fora*)

Tragam-me luz aqui!

2º ASSASSINO

É ele; pois os outros convidados
Já 'stão na corte.

1º ASSASSINO

Os cavalos se afastam.

3º ASSASSINO

Quase uma milha; esse é o seu costume,
Como de todos. Daqui ao palácio
Este é o caminho.

(*Entram Banquo e Fleance, com uma tocha.*)

2º ASSASSINO

Uma luz! Uma luz!

3º ASSASSINO

É ele!

1º ASSASSINO

Alerta!

BANQUO

Vai chover esta noite.

1º ASSASSINO

Pois que caia!

(*1º Assassino apaga a tocha enquanto os outros dois atacam Banquo.*)

BANQUO

Isso é traição! Bom Fleance, foge! Foge!
Podes vingar-me. Crápula!

(*Banquo morre. Fleance escapa.*)

3º Assassino

Quem apagou a luz?

1º Assassino

Não era o certo?

3º Assassino

Caiu um só. Fugiu o filho.

2º Assassino

Perdemos
A melhor metade do trato.

1º Assassino

Bom, vamos embora.

(*Saem.*)

Cena IV — Um salão de Estado no Palácio. Um banquete preparado.

(*Entram Macbeth, Lady Macbeth, Rosse, Lenox, Lordes e séquito.*)

Macbeth

Conhecem seus lugares. Ao primeiro
E até ao último dou boas-vindas.

Lordes

Obrigados a Vossa Majestade.

Macbeth

Nós vamos misturar-nos aos presentes,
Fazendo-nos de humilde anfitrião.
A anfitriã fica no trono e, em tempo,
Lhe pedirei que dê as boas-vindas.

Lady Macbeth

Dê-as por mim, senhor; o coração
Fala pra receber nossos amigos.

(*Entra, pela porta, o 1º Assassino.*)

MACBETH

Também com o coração respondem eles;
As partes se equivalem: vou sentar-me
No meio, com alegria. Em um momento,
Bebemos todos. (*Vai até a porta.*)
Há sangue no seu rosto.

ASSASSINO

Só de Banquo.

MACBETH

Melhor fora em você que dentro nele.
Despachou-o?

ASSASSINO

Senhor, cortei-lhe a goela;
Foi o que fiz.

MACBETH

Melhor dos corta-goelas!
Tão bom quanto o que fez o mesmo a Fleance.
Se foi você, não há melhor no mundo.

ASSASSINO

Meu mui real senhor. Fleance fugiu.

MACBETH

Sinto outro ataque quando, de outro modo,
Tema a perfeição marmórea e íntegra,
Firme qual rocha e ampla como os ares:
Mas ora estou cercado, preso, atado
A dúvidas e medos. Banquo é certo?

ASSASSINO

Sim, senhor; ele jaz em uma vala
Com vinte golpes fundos na cabeça
Todos eles mortais.

MACBETH

Muito obrigado.
Morre a víbora-pai; o verme-filho

Vai recompor-se e destilar veneno;
Mas não agora. Saia, e amanhã
Conversaremos.

(*Sai Assassino*.)

LADY MACBETH

Senhor meu rei,
Não estais comemorando; a festa é paga,
Se não há cortesia e boas-vindas;
Comer em casa é sempre o que é melhor;
Mas, fora, o tempero é o protocolo:
Festa sem ele é pobre.

MACBETH

Bem lembrado!
Pra boa mesa, boa digestão;
Saúde em ambos!

LENOX

Vossa Alteza não se senta?

MACBETH

Aqui 'staria a honra do país
Se aqui tivéssemos Banquo;
(*Entra o Fantasma de Banquo e se senta na cadeira de Macbeth*.)
Que prefiro acusar de negligência
Que chorar por tropeço.

ROSSE

Essa ausência
Desmente sua promessa. Vossa Alteza
Não nos honra com sua companhia?

MACBETH

'Stá cheia a mesa.

LENOX

É vosso este lugar.

MACBETH

Aonde?

LENOX

Aqui, senhor. O que é que o perturba?

MACBETH

Mas quem, aqui, fez isso?

LADY MACBETH

O quê, senhor?

MACBETH

Não podes me acusar; e nem sacudas
Pra mim o teu cabelo ensanguentado.

ROSSE

Vamos, senhores; o rei não está bem.

LADY MACBETH

Sentai-vos, meus amigos: Meu senhor
Desde a infância que passa mal assim.
Ficai sentados. Passa em um momento;
Já estará bem, e só se o reparardes
É que o ofendeis, agravando a paixão.
Comei e esquecei-o.
(*a Macbeth*)
Não é homem?

MACBETH

Sim, e bravo, que ousa olhar de frente
O que assusta o Demônio.

LADY MACBETH

Grande coisa!
Isso é bem o retrato do seu medo;
É o punhal de ar que, como disse,
Levou-o a Duncan. Tais sustos e ataques
(Impostores do medo) ficam bem
Nos contos de comadre que, no inverno,
Conta a velha à lareira. Que vergonha!
Mas por que tais esgares? Pra, no fim,
Olhar uma cadeira.

MACBETH

Olhe! Veja!
Não está vendo? E agora, o que é que diz?
O que importa?
(*para o Fantasma*)
Fala, se puderes
Se ossário e tumba agora nos devolvem
Os que enterramos, nossos monumentos
Serão ração de abutres.

(*O Fantasma desaparece*.)

LADY MACBETH

O que é isso?
Já deixou de ser homem, com a loucura?

MACBETH

Estou certo que o vi.

LADY MACBETH

Mas que vergonha!

MACBETH

Muito sangue correu na antiguidade
Antes que leis domassem os humanos;
E desde então já houve assassinatos
Dos mais apavorantes: houve tempo
Em que, sem cérebro, um homem morria,
E isso era o fim; agora eles retornam,
Com vinte mortes certas na cabeça,
Sentando em nosso banco. É mais estranho
Que o próprio assassinato.

LADY MACBETH

Meu senhor,
Vossos amigos sentem vossa falta.

MACBETH

Perdão; e não vos espanteis, amigos.
Sofro de mal estranho, coisa pouca

Pra quem já sabe. A todos vós, saúde!
Já vou sentar-me. E dai-me muito vinho!
Bebo a todos os que estão à mesa,
E ao querido Banquo, que nos falta.
Quisera vê-lo aqui!
(*Volta o Fantasma.*)
A vós e a ele,
Bebamos fundo.

LORDES

A nosso fiel dever.

MACBETH

Fora! Longe dos olhos! Volta à terra!
Teus ossos estão ocos, frio o sangue.
Não tens penetração com esses teus olhos,
Com os quais me fitas.

LADY MACBETH

Julgai, caros nobres,
Que isso é rotina e nada mais; apenas
Vem perturbar esta hora de prazer.

MACBETH

Eu ouso o que ousa o homem:
Vem a mim qual selvagem urso russo,
Como um rinoceronte ou tigre hircano;
Toma outra forma qualquer e os meus nervos
Jamais se abalarão; ou vive agora,
E chama-me co'a espada pro deserto;
Se eu tremer então, podes chamar-me
Brinquedo de criança. Vai-te, sombra;
Arremedo irreal, desaparece!
(*Sai o Fantasma.*)
Ele se foi e eu sou de novo um homem;
Sentai-vos por favor.

LADY MACBETH

Senhor, vós acabastes com a alegria,
Rompendo a festa com os vossos desmandos.

MACBETH

Podem tais coisas existir e sombrear-nos,
Qual nuvem de verão, sem ser com espanto?
Vós me fazeis um estranho de mim mesmo
Se sois capazes de ver tais visões
Mantendo o natural rubi da face,
Quando eu empalideço de terror.

ROSSE

Mas que visões, senhor?

LADY MACBETH

Silêncio, eu peço.
Esquecei de momento a hierarquia;
Perguntas o pioram. Boa noite;
Ide logo.

LENOX

Boa noite e saúde
A Sua Majestade!

LADY MACBETH

Boa noite!

(*Saem Lordes e Criados*.)

MACBETH

Ele quer sangue: sangue pede sangue;
Pedras correram, árvores falaram,
Augúrios, muitas concatenações,
Por gralhas e por corvos, revelaram
O sangue mais secreto. Ainda é noite?

LADY MACBETH

Luta com o dia para ver qual é qual.

MACBETH

Que diz de ter Macduff ficado ausente,
Ante nossa alta ordem?

LADY MACBETH

Foi chamado?

MACBETH

Ouvi que sim; mas eu hei de chamá-lo.
Não resta mais ninguém sem ter em casa
Alguém em minha paga. E amanhã
(Já era tempo.) irei buscar as Bruxas.
Hão de falar-me; anseio por saber
Pelos piores meios o pior.
Em meu proveito tudo há que ceder;
Estou tão fundo em sangue que, se paro,
A volta e a travessia são iguais.
Eu tenho em mente estranhas empreitadas.

LADY MACBETH

Falta-lhe o sono, que tempera a vida.

MACBETH

Vamos dormir. Minha estranha ilusão
É um temor que se cura com ação:
Inda somos novatos em tais feitos.

(*Saem.*)

Cena V — A charneca.

(*Trovão. Entram as três Bruxas. Encontram Hécate.*)

1ª BRUXA

O que há, Hécate? Parece irada.

HÉCATE

Megeras vis, e não é para estar?
Com seu abuso até de ousar
Com Macbeth tratar nos cantos,
Falar de morte e de encantos,
E eu, que sou sua patroa,

Em toda essa maldade boa
Nem fui chamada a tomar parte,
Na glória desta nossa arte?
E, o que é pior, o que foi feito
Foi para um filho tão sem jeito,
Que só tem ódio e, nesta vez,
Age pra si, não pra vocês.
Pra paga vão até a fonte
Onde aparece o Aqueronte:
De manhãzinha ele há de vir
Pra saber de seu porvir.
Levem panelas e encantos
Com mágicas e com quebrantos;
De noite eu voo para o mal,
Pois vou fazer feito fatal:
Antes que chegue o meio-dia,
Num canto da lua fria,
Há uma gotinha de vapor;
Nele, caindo, a mão vou pôr:
Por mágica manipulada,
Sendo por elfos elevada,
Com a força de sua ilusão
Vai aumentar-lhe a confusão:
Desafiando fado e morte,
Pr'além de medo, graça e sorte;
E sabem: confiar demais
É o inimigo dos mortais.
(*É cantado, fora, "Venha embora, venha embora" etc.*)
Muita atenção: 'stão me chamando;
O espírito 'stá me esperando.

(*Sai.*)

Cena VI — Em algum ponto da Escócia.

(*Entram Lenox e um outro Lorde.*)

LENOX

Só falei pra acordar seu pensamento,
Que pode ver mais longe: eu só afirmo
Que as coisas 'stão estranhas. Do bom Duncan
Teve pena Macbeth — pois está morto;
Saiu à noite o valoroso Banquo,
E quem quer diz que Fleance o matou,
Pois fugiu. Não é bom sair à noite.
Quem não sabe o que foi de monstruoso
O ato de Malcolm e de Donalbain,
Matando seu pai? É um fato horrendo.
Como sofreu Macbeth! Tanto que, logo,
Em fúria santa não matou os crápulas
Atordoados com bebida e sono?
Não foi um gesto nobre? Não foi sábio?
Pois não há coração que não se irasse
Ouvindo os dois negar a sua culpa.
Digo eu que ele agiu bem: e penso, mais
Que se prendesse os filhos do rei morto
(Que o céu não o permita) eles veriam
O que é matar um pai. Fleance também.
Mas saiba que se diz que, por negar
Sua presença à festa do tirano,
Macduff 'stá desgraçado. Sabe, acaso,
Para onde foi?

LORDE

Sei que o filho de Duncan
De cuja herança o tirano privou,
Vive na corte inglesa, e é recebido
Por Eduardo, o piedoso, com tal graça,
Que a crueldade da fortuna em nada

Lhe tira o alto respeito. Lá Macduff
Foi procurar intercessão do rei santo
Pra despertar Northumberland e Siward
Pra que, com Sua ajuda (e o apoio d'Ele,
Lá no céu), nós possamos novamente
Dar carne às mesas, sono às nossas noites,
Livrar de sangue festas e banquetes,
Fazer juras leais, ter honras livres,
Que são nossos anseios. Tal notícia
Exasperou em tal medida o rei
Que ele já se prepara para a guerra.

LENOX

E ele mandou chamar Macduff?

LORDE

Mandou, e ante um peremptório "Não!"
O sombrio emissário deu-me as costas
E resmungou dizendo "Haverá tempo
Pra lamentar tal resposta."

LENOX

É melhor
Dizer-lhe que se cuide e fique longe
Como melhor pensar. Que algum anjo
Voe até a corte inglesa e lá revele
Sua mensagem antes que ele chegue,
Para que logo, logo, abençoada
Volte a ser nossa pátria que hoje sofre
Sob mão maldita!

LORDE

Ele tem minhas preces.

(*Saem.*)

ATO IV

Cena I — Uma caverna escura. No meio, um caldeirão fervendo.

(*Trovão. Entram as três Bruxas.*)

1ª BRUXA

Três vezes miou o gato.

2ª BRUXA

Três guinchou o porco-espinho.

3ª BRUXA

Grita a Harpia: É hora, é hora!

1ª BRUXA

O caldeirão vai girando,
As tripas envenenando;
Sapo que na pedra fria
Todo mês, de dia a dia,
Seu veneno destilado
Ferve no pote encantado.

TODAS

Dobrem males e aflição
Nas bolhas do caldeirão.

2ª BRUXA

Cobra de terra encharcada,
No caldeirão cozinhada;
Pó de sapo e de girino,
Lã de morcego, cão latido;
Língua dupla de serpente.
Verme de veneno quente;
Perna de lagarto coxo,
Asa de corujo roxo;
Pra criar muita aflição
No inferno do caldeirão.

TODAS

Dobrem males e aflição
Nas bolhas do caldeirão.

3ª BRUXA

Mau dragão, dente de lobo,
Múmia de bruxa com lodo;
Tubarão louco e salgado,
Veneno à noite apanhado;
Fígado de mau judeu,
Fel de ovino que escorreu
Em luar empratecido;
Nariz de turco e bandido,
Dedo de neném matado,
Por puta no chão jogado,
Faz um caldo bem pesado;
Com sangue de tigre-fera
Nosso caldeirão tempera.

TODAS

Dobrem males e aflição
Nas bolhas do caldeirão.

2ª BRUXA

Sangue de macaco esfria
E bom encanto se cria.

(*Entra Hécate, com as outras três Bruxas*.)

HÉCATE

Gostei — ninguém fez bobagem:
Todas ganharam vantagem;
Em torno do caldeirão
Cantemos nossa canção,
Pra fazer encantação.

(*Música e uma canção "Black Spirits" etc.*
Saem Hécate e as outras três Bruxas.)

2ª BRUXA

Pinica meu polegar:
Algo mau 'stá pra chegar.
Abre logo a fechadura,
Pra quem bate e nos procura.

(*Entra Macbeth.*)

MACBETH

Bruxas secretas desta noite negra,
Que estão fazendo?

TODAS

O que nunca tem nome.

MACBETH

Eu as conjuro, pelo que professam:
Respondam-me, não importa como o saibam:
Mesmo que soltem ventos, e os atirem
Contra igrejas; e as mais imensas ondas
Entorteçam navios e os engulam,
Que matem trigo e que derrubem árvores,
Que castelos desabem sobre os guardas,
Palácios e pirâmides recurvem
Suas torres mais altas sobre as bases,
E germes naturais se mesclem todos,
Até que a própria destruição se enoje,
Quero resposta àquilo que pergunto.

1ª BRUXA

Fala.

2ª BRUXA

Pergunta.

3ª BRUXA

Nós responderemos.

1ª BRUXA

Diz se preferes que falemos nós,
Ou nossos mestres?

MACBETH

Eles. Quero vê-los.

1ª BRUXA

Derrama sangue de leitoa
Que devorou a prole à toa;
Joga na chama do destino
Sebo de forca de assassino.

TODAS

Alto a baixo, fim e início,
Mostra-te, e ao teu ofício.

(*Trovão. Aparece uma cabeça armada.*)

MACBETH

Diz-me, poder ignoto...

1ª BRUXA

Ele já sabe
Teu pensamento. Ouve e não diz nada.

1ª APARIÇÃO

Macbeth! Macbeth! Cuidado com Macduff!
Cuidado com o *Thane* de Fife. Já basta.

(*Desce.*)

MACBETH

Sejas quem fores, grato pelo aviso!
Apoiaste o meu medo. Apenas mais.

1ª BRUXA

Ele não ouve ordens. Eis um outro,
Ainda mais potente.

(*Trovão. 2ª Aparição. Uma criança ensanguentada.*)

2ª APARIÇÃO

Macbeth! Macbeth! Macbeth!

MACBETH

Tivesse eu três ouvidos pra te ouvir!

2ª APARIÇÃO

Sê ousado, sangrento e resoluto:
Ri dos homens, pois ninguém parido
Por mulher fere Macbeth.

(*Desce.*)

MACBETH

Então vive, Macduff! Por que temer-te?
Mas mesmo assim prefiro garantir-me,
Firmando o fado: não hás de viver,
Pr'eu mostrar ao meu medo que ele mente
E dormir, apesar do trovejar
(*Trovão. 3ª Aparição. Uma criança coroada, com uma árvore na mão.*)
O que é isso,
Que se levanta, um herdeiro real,
Que ostenta, em sua testa de criança,
A glória do poder?

TODAS

Ouve, não fala.

3ª APARIÇÃO

Com bravo orgulho de leão ignora
Quem chora, quem reclama, quem conspira:
Macbeth jamais será vencido enquanto
A floresta de Birnam não subir
Contra ele em Dunsinane.

(*Desce.*)

MACBETH

Isso é impossível:
Recrutar matas? Mas quem pede à árvore
Que desloque a raiz? Que bom augúrio!
Mortos rebeldes só levantam quando
Birnam mover-se; e o supremo Macbeth
Com vida natural terá, no tempo,
O alento dos mortais. Mas o meu peito
Quer saber mais: diz, se a tua arte
Pode dizê-lo, se a raça de Banquo
Irá reinar aqui?

TODAS

Não busques mais.

MACBETH

Eu tenho de saber. Se isso me negas,
Eterna maldição recaia em ti.
Fala! Onde vai o caldeirão? Que ouço?

(*Fora, tocam oboés*.)

1ª BRUXA

Mostra.

2ª BRUXA

Mostra.

3ª BRUXA

Mostra.

TODAS

Mostra aos olhos, corta o coração!
Como sombras, vêm e vão!

(*Um desfile de oito reis, o último dos quais com um espelho na mão, Banquo os segue*.)[3]

MACBETH

És por demais como o espectro de Banquo!
Queima-me a vista a tua coroa. Vai-te!
Como é igual este outro coroado!
O terceiro também: bruxas malditas!
Pra que mostrar-me? Um quarto? Saltem, olhos!
O quê? A fila chega ao fim do mundo?
Ainda um outro? O sétimo? Não olho!
Mas ainda um oitavo, com um espelho
Que mostra muito mais. (Alguns, eu vejo,
Carregam orbe duplo e cetro triplo.
Visão terrível!) Era, então, verdade;
Pois Banquo, ensanguentado, me sorri,
Mostrando sua estirpe. Então, é isso?

1ª BRUXA

Sim, senhor, é tudo assim... mas por que
Fica Macbeth tão espantado?
Alegremos, irmãs, o seu espírito,
Mostrando-lhe os prazeres que comandam.
Eu crio um som pro nosso ar,
Só pra ver você dançar;
Pra que o rei com bondade aprenda
Que cumprimos a encomenda.

(*Música. As Bruxas dançam e depois desaparecem.*)

MACBETH

Foram-se todas? Que esta hora má
Seja maldita em todo o calendário!
Entre, quem 'stá lá fora!

LENOX

O que deseja?

MACBETH

Viram as Bruxas Irmãs?

LENOX

Não, meu senhor.

MACBETH

Não passaram por ti?

LENOX

Creio que não.

MACBETH

Infectado seja o ar por onde passam;
Maldito seja quem confia nelas!
Ouvi galopes — quem está chegando?

LENOX

Dois ou três que vieram informá-lo:
Macduff foi pra Inglaterra.

MACBETH

Pra Inglaterra?

LENOX

Sim, meu bom senhor.

MACBETH

(*à parte*)
O tempo antecipou meu ato horrível.
A ideia célere nunca é atingida
Sem ação que vá junto. Doravante
O primogênito do coração
O será desta ruão. E ainda agora
Vou coroar a ideia com os meus atos
É pensar e fazer. Vou surpreender
O castelo do *Thane*, conquistar Fife,
Passar na espada os filhos, a mulher,
Todo o seu sangue. É tolo eu me gabar;
Hei de fazê-lo antes de esfriar.
Mas basta de visões! Onde estão eles?
Leva-me aonde estão.

(*Saem.*)

Cena II — Fife. Uma sala do castelo de Macduff.

(*Entram Lady Macduff, seu Filho e Rosse.*)

LADY MACDUFF
Mas que fez ele, pra ter de fugir?
ROSSE
Tenha paciência.
LADY MACDUFF
Mas ele não teve.
Foi louco em fugir. Se não os nossos atos,
Os nossos medos fazem-nos traidores.
ROSSE
Não sabe se foi sábio ou temeroso.
LADY MACDUFF
Sábio! Se deixa aqui mulher e filhos,
Sua casa, seus títulos, na terra
Da qual ele foge? Não nos ama;
Não tem sentimento. A cambaxirra,
Das aves a mais pequena, luta sempre
Pra proteger os filhos da coruja.
Mas nele tudo é medo, nada é amor;
Não há sabedoria onde a fuga
Vai tão contra a razão.
ROSSE
Querida prima,
Peço que se controle: o seu marido
É nobre, sábio, austero, e sabe bem
Como são os caprichos destes tempos.
Mais não ouso dizer. Há crueldade
Quando somos traidores sem saber;
Quando há rumores de um medo sem nome,
Flutuando em um mar bravo e revolto,
Sempre à deriva. Agora eu me despeço:
Mas não demorarei em voltar cá.

O que atingiu o fundo ou para, ou sobe
Para onde estava antes. Meu priminho,
Que Deus o abençoe!

LADY MACDUFF

Um pai o fez, mas ele não tem pai.

ROSSE

Seria um louco se ficasse mais:
Eu me perco, e à senhora comprometo.
Já me vou.

(*Sai*.)

LADY MACDUFF

Menino, seu pai morreu;
Que vai fazer? E como vai viver?

FILHO

Como as aves, mamãe.

LADY MACDUFF

De mosca e verme?

FILHO

Do que eu pegar, que é o que elas fazem.

LADY MACDUFF

Coitado! Que não teme rede ou linha,
Tiro ou alçapão.

FILHO

Por que temer, mãe?
Ninguém pensa em pegar ave pequena;
Pode dizer, mas meu pai não 'stá morto.

LADY MACDUFF

'Stá, sim; e agora, como arranja um pai?

FILHO

E a senhora? Arranja algum marido?

LADY MACDUFF

Posso comprar uns vinte no mercado.

FILHO

Mas compra pra vender depois de novo.

LADY MACDUFF

Você, falando assim, é muito esperto;
Esperto até demais pra sua idade.

FILHO

Mãe, meu pai era traidor?

LADY MACDUFF

Sim, ele era.

FILHO

O que é um traidor?

LADY MACDUFF

Quem jura e mente.

FILHO

E são traidores todos que assim fazem?

LADY MACDUFF

Todos os que assim fazem são traidores e têm de ser enforcados.

FILHO

E têm de ser enforcados todos os que juram e mentem?

LADY MACDUFF

Todos.

FILHO

E quem tem de enforcá-los?

LADY MACDUFF

Ora, os homens honestos.

FILHO

Então os mentirosos e juradores são bobos; pois há bastantes mentirosos e juradores para ganhar dos homens honestos e enforcá-los.

LADY MACDUFF

Que Deus o proteja, macaquinho! Mas o que vai fazer para arranjar um pai?

FILHO

Se ele estivesse morto, a senhora choraria por ele; e, se não, seria bom sinal de que eu logo teria um outro pai.

LADY MACDUFF

Pobre matraqueador; como você fala!

(*Entra um Mensageiro*.)

MENSAGEIRO

Que Deus a abençoe. Não me conhece,
Embora eu saiba bem seu posto e honra.
Temo que haja perigo muito perto:
Se aceita de um humilde um bom conselho,
Não fique aqui. Fuja com seus filhinhos!
Sei que é grosseiro assustá-la com isso,
Porém cruel é fazer-lhe inda pior,
Como o que se aproxima. Deus a tenha!
Não ouso ficar mais.

(*Sai*.)

LADY MACDUFF

Fugir pra onde?
Não fiz mal a ninguém. Porém me ocorre
Que vivo neste mundo, onde agir mal
Às vezes é louvável, mas o bem
É tido qual loucura perigosa:
Como usar a defesa feminina,
A de dizer que não fiz mal?
Mas que rostos são esses?

(*Entram Assassinos*.)

ASSASSINO

Onde está seu marido?

LADY MACDUFF

Não em local tão privado de bênçãos
Que alguém como tu possa encontrá-lo.

ASSASSINO

Ele é traidor.

FILHO

'Stás mentindo, vilão!

ASSASSINO

Seu ovinho! Filhote da traição!

(*Apunhala-o.*)

FILHO

Ele me assassinou! Foge, mamãe!

(*Morre.*)
(*Sai Lady Macduff, gritando "Assassinos!" e perseguida por eles.*)

Cena III — Inglaterra. Uma sala no Palácio do rei.

(*Entram Malcolm e Macduff.*)

MALCOLM

Busquemos uma sombra desolada
Onde esgotar em pranto nossos peitos.

MACDUFF

Tomemos antes espadas fatais,
E como homens honestos dominemos
Nossa terra natal. A cada dia
Uivam novas viúvas, novos órfãos;
As dores ferem o rosto do céu,
Que ressoa como a sentir com a Escócia,

E ecoa sua dor.

MALCOLM

Choro o que creio;
Creio o que sei; o que possa curar
E tiver tempo pra abrigar, farei.
O que me disse pode ser, talvez;
Esse tirano, cujo nome fere
As nossas línguas, outrora já foi
Julgado honesto, e o senhor o amou;
Ele inda não o tocou. Eu sou jovem:
O senhor pode lucrar, junto a ele,
Graças a mim ser sábio, oferecendo
Um cordeirinho fraco e inocente
Para aplacar um deus irado.

MACDUFF

Não sou traiçoeiro.

MALCOLM

Mas Macbeth o é.
A natureza boa se retrai
A voz imperial. Mas me perdoe;
O que eu penso não pode transformá-lo:
Os anjos brilham, apesar de Lúcifer;
Embora horrores mostrem puro aspecto,
Tem de mostrá-lo a Graça.

MACDUFF

Eu desespero.

MALCOLM

Talvez nasçam daí as minhas dúvidas.
Por que deixou o seu lugar ao desamparo
(Laços de amor, motivos preciosos)
E sem se despedir? Mas eu lhe imploro:
Tal suspeita não é sua desonra,
Só minha segurança: será justo,
Pense eu o que pensar.

MACDUFF

Oh, pátria, sangra!

Grande tirano, firma as tuas bases,
Pois os bons não te enfrentam! Mostra o mal
Como título honrado! — Adeus, senhor:
Não seria o vilão que me julgou
Nem por todas as posses do tirano,
Mais as joias do Leste.

MALCOLM

Não se ofenda.
Falei não por temê-lo tanto assim.
Sob uma carga a pátria está curvada;
Pranteia e sangra; e a cada dia um talho
Aumenta os ferimentos. Penso, então,
Que muitas mãos por mim se ergueriam;
E da doce Inglaterra eu tenho oferta
De alguns milhares: porém mesmo assim,
Quando eu pisar em cima do tirano,
Ou ostentar na espada a sua cabeça,
A pobre pátria inda terá mais vícios
Que antes, e verá mais sofrimentos
Nas mãos do sucessor.

MACDUFF

Mas quem é ele?

MALCOLM

Eu falo de mim mesmo, em quem conheço
Tais detalhes de vícios arraigados
Que, ao florescerem, o negro Macbeth
Há de parecer neve, e o pobre Estado
O terá por cordeiro, comparado
Com o meu mal sem limites.

MACDUFF

Nem na tropa
Que habita o inferno pode haver demônio
Pior do que Macbeth.

MALCOLM

Sei que ele é falso,
Sangrento, enganador, luxurioso,

E cheira a todo tipo de pecado
Que tenha nome. Porém não há limites
Para a minha volúpia: suas filhas,
Mulheres e donzelas não saturam
A vala de luxúria e de desejo
Que venceriam todo impedimento
Que a mim se opusesse; antes Macbeth,
Que alguém assim reinar.

MACDUFF

Tal descontrole
Na natureza é tirano, e já foi
Causa de muito rei vagar seu trono
Em queda prematura. Mas não tema
Reclamar o que é seu. Há de encontrar
Espaço pra gozar os seus prazeres
Com aspecto sério — os tempos o permitem.
Sempre há damas dispostas; no senhor
Não pode haver um corvo que devore
Todas as que aos grandes se querem dar,
Quando buscadas.

MALCOLM

E com isso ainda cresce
Em minhas afeições, tão anormais,
Avareza insaciável que, se rei,
Eu tiraria aos nobres suas terras;
Tirando joias de uns, casas de outros,
Num querer-mais cujo sabor traria
Fome sempre maior, que me faria
Forjar lutas iníquas entre os bons,
Só para ter seus bens.

MACDUFF

Tal avareza
Vai mais fundo e é mais perniciosa
Que a luxúria de estilo; e ela tem sido

Espada contra reis: porém não tema;
A rica Escócia tem para bastar-lhe,
Só em bens da coroa. É suportável
Quando há outras graças.

MALCOLM

Pois a mim faltam todas as reais:
Justiça, Verdade, Temperança,
Misericórdia e Generosidade,
Perseverança, Humildade e Coragem,
Paciência, Firmeza e Equilíbrio
Não me apetecem; eu sou antes pródigo
Em todo aspecto dos mais vários crimes,
E todos eu cometo. Com poder,
Mandava ao diabo o leite da concórdia,
Quebrava a paz universal, matando
A unidade da terra.

MACDUFF

Competente
Pra governar? Não, nem para viver!
Triste nação, cujo cetro de sangue
'Stá com um tirano sem direito a ele.
Quando verás teus dias com saúde,
Se o herdeiro legítimo do trono
Por sua própria boca é acusado,
E macula sua raça? O rei seu pai
Foi sempre um santo, e sua real mãe
Vivia ajoelhada mais que em pé,
Morrendo a cada dia. Então, adeus!
Os males que lançou sobre si mesmo
Baniram-me da Escócia. Peito meu,
Ora foi-se a esperança.

MALCOLM

Tal paixão,
Filha de integridade, de minh'alma
Matou as dúvidas e convenceu-me
Que é leal. O demônio Macbeth

Com muitos truques já tentou pegar-me
Em suas mãos; e o cuidado ensinou-me
A não ter pressa em crer; mas que só Deus
Se ponha entre nós dois! Pois doravante
Entrego-me à sua orientação,
E desdigo o que disse. Aqui abjuro
Culpas e manchas de que me acusei,
E que me são estranhas. Até hoje
Não conheci mulher, não quebrei jura,
Mal cobicei sequer o que era meu:
Cumpri deveres, e não trairia
Sequer o Demo a um companheiro seu.
Vida e verdade são pra mim iguais;
Só incuti ao falar a meu respeito
Eu mesmo servirei a si e à pátria:
Pra onde, antes de sua chegada
O velho Siward, com dez mil guerreiros,
Em armas 'stavam prontos a partir.
Agora vamos juntos: que o sucesso
Coroe a justa causa. Por que cala?

MACDUFF

O que é bem-vindo e não a um só tempo
Custo a conciliar.

(*Entra um Médico.*)

MALCOLM

Depois falamos.
Por favor, o rei sai hoje?

MÉDICO

Sai, senhor, pois um bando de infelizes
Espera a sua cura: suas doenças
Derrotam toda arte; mas seu toque

De tão santas o céu lhe fez as mãos,
As cura logo.

MALCOLM

Obrigado, doutor.

(*Sai o Médico*.)

MACDUFF

De que doença fala?

MALCOLM

Da chamada
O Mal: e faz milagres o bom rei
Que muita vez, estando na Inglaterra,
Testemunhei. Como invoca ele o céu,
Só ele sabe; mas males estranhos,
Chagas inchadas que dá pena olhar,
E derrotam o inédito, ele cura.
Ele pendura, em torno dos pescoços,
Com muita reza, uma moeda de ouro
E dizem que transmite à sua linhagem
A bênção de curar. E a tal virtude
Junta ele ainda o dom da profecia:
As muitas bênçãos que cercam seu trono
Proclamam sua graça.

(*Entra Rosse*.)

MACDUFF

Olhe quem chega.

MALCOLM

É meu patrício, mas não sei quem seja.

MACDUFF

Seja bem-vindo aqui, meu gentil primo.

MALCOLM

Não o conheço; que o bom Deus afaste

Tudo o que nos faz desconhecidos.

ROSSE

Amém, Senhor.

MACDUFF

A Escócia continua a mesma?

ROSSE

Ai, ai,
Quase com medo de se conhecer.
Não é mais nossa mãe, é nossa tumba,
Onde só o ignorante ainda ri,
Onde o uivo de dor que corta o ar
Vibra sem ser notado; e onde a dor
Mesmo violenta parece rotina,
E ninguém sabe por quem dobra o sino.
O homem bom dura menos do que a flor,
Por morte ou por doença.

MACDUFF

Que relato
Detalhado e horrível!

MALCOLM

Há dores novas?

ROSSE

A de há uma hora envergonha quem conta:
Nascem a cada instante.

MACDUFF

E minha esposa?

ROSSE

Ora, bem.

MACDUFF

E meus filhos?

ROSSE

Bem, também.

MACDUFF

O tirano não malhou a sua paz?

ROSSE

Eles 'stavam em paz quando parti.

MACDUFF

'Stá usuro de fala; o que é que há?

ROSSE

Quando vim transportar essas notícias
Que me pesavam, eu ouvi boatos
Que muita gente boa estava em armas;
E vim a ter testemunho do fato,
Vendo o tirano com a tropa em alerta.
A hora da ajuda é já. O seu olhar
Na Escócia criaria mil soldados;
Contra tal dor a mulher lutaria.

MALCOLM

Que seja o seu conforto a nossa ida.
Do rei inglês temos dez mil e Siward;
Não há guerreiro mais experimentado
Em toda a cristandade.

ROSSE

Quem dera eu ser conforto! A minha fala
Devia ser uivada no deserto,
Para não ser ouvida.

MACDUFF

E a quem toca?
A causa toda, ou a dor extrema
Tem por alvo um só peito?

ROSSE

Ninguém bom
Deixa de partilhá-la, mas no bruto
Só pertence ao senhor.

MACDUFF

E se ela é minha,
Não a oculte de mim, conte-me logo.

ROSSE

Que o seu ouvido não odeie a língua
Que lhe transmite o mais pesado som
Que ele jamais ouviu.

MACDUFF

Já o adivinho.

ROSSE

Em seu castelo sua mulher e filhos
Foram selvagemente assassinados:
Relatar os detalhes juntaria
Às mortes dos cordeiros, sua própria.

MALCOLM

Meu Deus misericordioso!
Vamos, homem! Não cubra assim o rosto!
Expresse a dor, pois a dor que não fala
Sussurra no coração para explodi-lo.

MACDUFF

Também os filhos?

ROSSE

Família, criados,
Todos os que encontraram.

MACDUFF

E eu tão longe!
Minha mulher 'stá morta?

ROSSE

Está.

MALCOLM

Console-se
Façamo-nos remédios de vingança,
Para matar a dor mortal.

MACDUFF

E ele não tem filhos. Os meus lindos?
Disse todos? Demônio infernal! Todos?
O quê? A mãe e os lindos pintainhos?
De um só golpe?

MALCOLM

Enfrente-o como homem.

MACDUFF

Vou fazê-lo;
Mas como homem tenho de senti-lo.
Mas como não lembrar tudo o que era,

Se para mim era tudo precioso?
O céu viu tudo e não os defendeu?
Macduff maldito, o golpe foi por ti;
Mísero, por tuas faltas, não as deles,
Deu-se a chacina: que o céu lhes dê paz!

MALCOLM

Afia nessa pedra a tua espada:
Da dor faz ira, e duro o coração.

MACDUFF

Eu posso nos meus olhos ser mulher,
E homem na palavra. Mas, oh, céu!
Corta o intervalo e põe-nos cara a cara
Com esse monstro que domina a Escócia,
Ao alcance da espada; e, se escapar,
Que o céu o perdoe.

MALCOLM

Isso é viril!
Vamos ao rei; nossas hostes 'stão prontas;
Só falta a despedida. Esse Macbeth
'Stá pronto pra cair; e o próprio céu
'Stá armado. Aceite essa alegria:
Até a noite longa acaba em dia.

ATO V

Cena I — Dunsinane. Uma sala no castelo.

(*Entram um Médico e uma Dama de Companhia.*)

MÉDICO

Há duas noites que velo com a senhora; porém não encontrei verdade em seu relato. Quando andou ela pela última vez?

DAMA

Desde que Sua Majestade partiu para o campo, eu a vi levantar-se de seu leito, atirar uma capa sobre o corpo, abrir o armário, tirar um papel, dobrá-lo, escrever nele, depois selá-lo e finalmente voltar para a cama. E tudo isso enquanto estava profundamente adormecida.

MÉDICO

É grande perturbação da natureza a um só tempo gozar do benefício do sono e dos efeitos da vigília! Nessa agitação adormecida, além do andar e outras ações concretas, o que, a qualquer tempo, a ouviu dizer?

DAMA

Coisas, senhor, que não relatarei sobre ela.

MÉDICO

Mas a mim pode; e é obrigação fazê-lo.

DAMA

Nem ao senhor e nem a ninguém; pois não tenho testemunhas que confirmem o que eu disser.
(*Entra Lady Macbeth com uma tocha.*)
Olhe só! Aí vem ela. É bem assim que se apresenta; e, por minha vida, em sono pesado. Observe-a: fique perto.

MÉDICO

Como conseguiu ela essa vela?

DAMA

Ora, estava a seu lado: ela mantém sempre uma luz junto a si; é ordem sua.

MÉDICO

Veja, seus olhos estão abertos.

DAMA

Eu sei, mas a razão está fechada.

MÉDICO

O que faz ela agora? Olhe, parece esfregar as mãos.

DAMA

Isso é uma de suas ações costumeiras, esse parecer que está lavando as mãos. Eu já a vi continuar a fazê-lo por todo um quarto de hora.

LADY MACBETH

Mas ainda há uma mancha aqui.

MÉDICO

Atenção! Está falando. Vou anotar o que vem dela, para satisfazer com maior precisão minha memória.

LADY MACBETH

Sai, mancha maldita! Sai, eu disse! — Uma, duas: mas então é hora de agir. — O inferno é tenebroso. — Que vergonha, meu senhor, que vergonha! Um soldado, com medo? — Por que teremos de temer quem o saiba, quando ninguém puder pedir contas ao nosso poder? — Mas quem haveria de pensar que o velho tivesse tanto sangue?

MÉDICO

Ouviu isso?

LADY MACBETH

O *Thane* de Fife tinha uma esposa: onde está ela, agora? — Mas como, estas mãos não ficarão limpas nunca? — Chega disso, meu senhor, chega disso: estragará tudo com esses seus repentes.

MÉDICO

Vamos, vamos; a senhora esteve ouvindo o que não devia.

DAMA

Ela falou o que não devia, disso estou certa: só os céus sabem o que ela já passou.

LADY MACBETH

Aqui ainda há cheiro de sangue: nem todos os perfumes da Arábia hão de adoçar esta mãozinha. Oh! Oh! Oh!

MÉDICO

Mas que suspiro! O coração está dolorosamente oprimido.

DAMA

Eu não queria um coração assim em meu peito, nem pela dignidade do corpo inteiro.

MÉDICO

Bem, bem, bem.

DAMA

Deus permita que esteja, senhor.

MÉDICO

Tal doença fica além da minha arte; no entanto, já vi gente que andava dormindo morrer santamente em sua cama.

LADY MACBETH

Lave as mãos, vista a camisa de noite; não se mostre assim tão pálido. — Vou dizer-lhe de novo, Banquo está enterrado; ele não pode sair da tumba.

MÉDICO

Então é isso?

LADY MACBETH

Ao leito! Ao leito! Estão batendo no portão. Venha, venha, venha, venha; dê-me sua mão. O que está feito não pode ser desfeito. Ao leito, ao leito, ao leito.

(*Sai.*)

MÉDICO

E agora irá deitar-se?

DAMA

Imediatamente.

MÉDICO

Há boatos terríveis; feitos vis
Geram males doentes: mentes más
Contam ao travesseiro seus segredos.
Ela precisa mais pastor que médico.
Deus! Que Deus nos perdoe! Cuide dela;
Afaste-a do perigo de ferir-se.
E fique de olho nela. Boa noite.
Tenho a mente confusa, os olhos tontos;
Não ouso falar, mas penso.

DAMA

Boa noite.

(*Saem.*)

Cena II — Campo aberto, perto de Dunsinane.

(*Entram, com trompas e bandeiras, Menteith, Cathness, Angus, Lenox e Soldados.*)

MENTEITH

'Stá perto a tropa que lideram Malcolm,
Seu tio Siward e o bom Macduff.
A vingança queima neles; sua causa
Levaria à sangria da batalha
Até um morto.

LENOX

Junto ao bosque Birnam
Os encontramos; é por lá que chegam.

CATHNESS

Sabem se Donalbain 'stá com o irmão?

LENOX

Estou certo que não. Tenho uma lista
Dos nobres todos: há o filho de Siward
E muitos jovens crus que nesta hora
Fazem prova viril.

MENTEITH

E o tirano?

CATHNESS

Fortificou o grande Dunsinane;
O dizem louco, e quem o odeia menos
Fala de brava fúria; mas o certo
É que não fecha mais seu destempero
Com o cinto da razão.

ANGUS

Pois sente agora
Presos às mãos os seus crimes secretos;
Mil revoltas condenam sua traição:
Os que comanda só cumprem comandos,
Mas sem amor; seu título parece

Vesti-lo como o manto de um gigante
Em um larápio anão.

MENTEITH

E quem condena
Os sobressaltos de sua mente insana
Se tudo dentro dele se condena
Por 'star ali?

CATHNESS

Pois muito bem; marchemos
Pra prestar nosso preito onde é devido.
Demos remédios à nação doente;
Para purgar a pátria, derramemos
O nosso sangue.

LENOX

Apenas o preciso
Para regar a soberana flor
E afogar a erva má na dor.
Marchemos para Birnam.

(*Saem, marchando.*)

Cena III — Dunsinane. Uma sala no castelo.

(*Entram Macbeth, um Médico e alguns Criados.*)

MACBETH

Não quero mais notícias. Pois que fujam!
Até Birnam chegar a Dunsinane
O medo não me atinge. Quem é Malcolm?
Então não foi parido? Quem conhece
Toda a mortal sequência me informou:
"Nada temas, Macbeth; ninguém parido

Por mulher terá força sobre ti."
Podem todos fugir, nobres traidores
Pra juntar-se aos ingleses comilões.
O coração e a mente que sustento
Não duvidam nem temem um momento.
(*Entra um Criado.*)
Que o demo o enegreça, tolo pálido!
Como alcançaste esse teu ar de ganso?

CRIADO

São dez mil.

MACBETH

Gansos?

CRIADO

Soldados, senhor.

MACBETH

Faz o teu rosto rubro de bravura
Com beliscões, covarde! Tropas, tolo?
Alma perdida, tuas faces lívidas
Sussurram medo. Mas que tropas, tonto?

CRIADO

A força inglesa, meu senhor.

MACBETH

Vai embora.
(*Sai o Criado.*)
Seyton! Eu tenho opresso o coração.
Quando penso… Olá, Seyton! Este embate
Me garante pra sempre ou me destrona.
Eu já vivi bastante. A minha vida
Já murchou, conto a flor esmaecida;
E tudo o que nos serve na velhice —
Honra, respeito, amor, muitos amigos,
Não posso ter, mas, sim, em seu lugar,
Pragas contidas, honras só de boca,
Dadas sem coração, por covardia.
Seyton!

(*Entra Seyton.*)

SEYTON

O que deseja?

MACBETH

Há notícias novas?

SEYTON

'Stão confirmados todos os relatos.

MACBETH

Eu luto até ficar osso sem carne.
Minha armadura!

SEYTON

Ainda não é hora.

MACBETH

Quero vesti-la.
Mandem cavalos percorrer a área!
Enforquem os medrosos! A armadura!
Doutor! E a doente?

MÉDICO

Não tão mal
Quanto agitada por más fantasias
Que a privam de repouso.

MACBETH

Cure-a disso:
Não pode ministrar mentes doentes,
Matar lembranças de tristeza antiga,
Apagar males escritos no cérebro,
E, com um doce antídoto, limpar
Do peito opresso a carga perigosa
Que pesa o coração?

MÉDICO

Nisso o doente
Tem de curar-se a si mesmo.

MACBETH

Aos cães a medicina; não me serve.

(*a Seyton*)
Vem, quero armar-me; dá-me o meu bastão.
Seyton, manda. Doutor, os nobres fogem.
(*a Seyton*)
Anda logo. Se pudesse, doutor,
Achar qual a doença que há nas águas
Da minha terra e, então, purificá-la
Para voltar à saúde, eu haveria
De aplaudi-lo até o eco responder.
Faça isso! Que erva ou purgativo
Expulsa esses ingleses? Não os ouve?

MÉDICO

Sim, Milord. As preparações reais
São bem audíveis.

MACBETH

Venha atrás de mim.
Medo de morte não me há de tocar,
Se a Dunsinane a mata não chegar.

MÉDICO

(*à parte*)
Ah, se eu pudesse daqui me afastar,
Nem ouro me faria aqui voltar.

(*Saem.*)

Cena IV — Campo de Dunsinane. À vista, uma floresta.

(*Entram, com tambores e bandeiras, Malcolm, o velho Siward e seu filho, Macduff, Menteith, Cathness, Angus, Lenox, Rosse e Soldados, marchando.*)

MALCOLM

Primos, espero estar chegando o dia
Da segurança em casa.

MENTEITH

Não há dúvida.

SIWARD

Que mata é essa à nossa frente?

MENTEITH

Birnam.

MALCOLM

Que cada homem corte dela um ramo
E o carregue ante si: encobriremos
Assim o nosso número, pra espias
Errarem seu relato.

SOLDADO

Assim faremos.

SIWARD

Só nos informam sempre que o tirano
'Stá firme em Dunsinane para enfrentar
O nosso cerco.

MALCOLM

Que é sua esperança;
Pois todos que puderam já se foram.
Fortes e fracos já se revoltaram,
Ninguém o serve senão constrangido,
E não com o coração.

MACDUFF

Que os nossos cálculos
Se ajustem à verdade; e atuemos
Com empenho militar.

SIWARD

Já chega a hora
Que a decisão nos vai dizer, sabemos
O que dizemos ter e o que devemos.
Especular dá esperança incerta,
Só o que é certo arbitra a luta aberta.
Pra isso avance a guerra.

(*Saem, marchando.*)

Cena V — Dunsinane. Dentro do castelo.

(*Entram, com tambores e bandeiras, Macbeth, Seyton e Soldados.*)

MACBETH

Içai bandeiras fora das paredes!
"Ataque!" é a senha, e o castelo ri-se.
Desdenhamos o cerco. Eles que fiquem
Até que a fome e a febre os coma inteiros.
Se os que eram nossos não os reforçassem,
Com ousado desafio, cara a cara,
Já 'stariam vencidos. Que foi isso?

(*Um grito de mulher.*)

SEYTON

É um grito de mulheres, bom senhor.

(*Sai.*)

MACBETH

Quase esqueci que gosto tem o medo.
Outrora meus sentidos gelariam
Com um guincho à noite; e a minha cabeleira
Com um relato de horror ficava em pé,
Como se viva. Estou farto de horrores:
O pavor, íntimo do meu pensar,

Já nem me assusta.
(*Volta Seyton.*)
Quem gritou assim?

SEYTON

A rainha está morta, senhor.

MACBETH

Ela devia só morrer mais tarde;
Haveria um momento para isso.
Amanhã, e amanhã, e ainda amanhã
Arrastam nesse passo o dia a dia
Até o fim do tempo pré-notado.
E todo ontem conduziu os tolos
À via em pó da morte. Apaga, vela!
A vida é só uma sombra: um mau ator
Que grita e se debate pelo palco,
Depois é esquecido; é uma história
Que conta o idiota, todo som e fúria
Sem querer dizer nada.

(*Entra um Mensageiro.*)

MENSAGEIRO

Meu bom senhor,
Devo contar o que digo que eu vi,
Porém eu não sei como.

MACBETH

É só falar.

MENSAGEIRO

Quando eu estava de guarda na colina,
Olhei pra Birnam e me pareceu
Que a floresta avançava.

MACBETH

Falso escravo!

MENSAGEIRO

Que eu sinta a vossa ira se for falso.
A três milhas vereis que, como disse,
Um bosque anda.

MACBETH

E se contas mentiras
Tu hás de pender vivo de uma árvore,
para morrer de fome. Se verdade,
Pouco me importa se o tanto a mim fazes —
Adio o julgamento, mas começo
A duvidar daquele ser equívoco
Que mente com a verdade. "Nada temas
Se Birnam não chegar a Dunsinane."
E agora o mato vem! Todos em armas!
Se isso que ele afirma aparecer,
Não há como fugir ou resistir.
Já me canso de sol e ora desejo
Que a forma do universo se rompesse.
Soai o alarme! Vinde, vento forte!
Armado eu lutarei até a morte!

Cena VI — O mesmo. Uma planície diante do castelo.

(*Tambores e bandeiras. Entram Malcolm, o velho Siward, Macduff etc., e seu exército, com os ramos.*)

MALCOLM

Aqui está bom: abaixem os disfarces
E relevem-se; o senhor, nobre tio,
Vai liderar, com meu primo, seu filho,
O ataque inicial. Macduff e nós
Arcaremos com tudo o que mais resta,
Segundo o planejado.

SIWARD

Então, adeus —
Se hoje esse tirano eu encontrar,
Antes perder que não saber lutar.

MACDUFF

Falem as trompas; deem liberdade
Aos arautos

(*Saem. Os alarmes continuam a tocar.*)

Cena VII — O mesmo. Uma outra parte do campo.

(*Entra Macbeth.*)

MACBETH

Estou atado ao tronco; não há fuga.
Tenho de seguir sempre, como o urso.
Mas, dentre eles, qual não foi parido?
Só a ele temo, e a mais ninguém.

(*Entra o Jovem Siward.*)

JOVEM SIWARD

Qual o teu nome?

MACBETH

Tu vais temer, se ouvi-lo.

JOVEM SIWARD

Nem que seja mais quente do que os outros
Que estão no inferno.

MACBETH

O meu nome é Macbeth.

JOVEM SIWARD

Nem o diabo falaria de outro
Que me seja mais odioso.

MACBETH

Ou temível.

JOVEM SIWARD

Mentes, tirano vil; com esta espada
Mostro que mentes.

(*Eles lutam, e o Jovem Siward é morto.*)

MACBETH

Tu foste parido:
Rio de espada, da areia que quiser,
Na mão de homem parido por mulher. (*Sai.*)

(*Alarme. Entra Macduff.*)

MACDUFF

Vem de lá o ruído; tirano, mostra-te:
Se fores morto sem um golpe meu,
Hão de assombrar-me minha esposa e filhos.
Não quero golpear os irlandeses
Que pagas pra lutar; ou tu, Macbeth,
Ou então minha espada, inda perfeita,
Volta à bainha. Deves 'star aqui:
Pelo clamor, alguém muito importante
Se anuncia. Que seja meu, Fortuna!
Mais eu não peço.

(*Sai. Alarme.*)
(*Entram Malcolm e o velho Siward.*)

SIWARD

Aqui, Milord. O castelo rendeu-se:
Há homens do tirano dos dois lados;
Os *thanes* na guerra se mostraram bravos.
O próprio dia quase diz que é seu;
Pouco resta a fazer.

MALCOLM

Vi inimigos
Lutar por nós.

SIWARD

Pro castelo, senhor.

(*Saem. Alarme.*)

Cena VIII — Uma outra parte do campo.

(*Entra Macbeth.*)

MACBETH

Por que morrer como um romano tolo,
Na própria espada? E, onde vejo vivos,
Melhor ferir a eles do que a mim!

(*Volta Macduff.*)

MACDUFF

Vira-te, cão do inferno!

MACBETH

Entre todos os homens te evitei:
Mas foge, pois minh'alma já está farta
Do peso do teu sangue.

MACDUFF

Eu não falo —
A espada é minha voz, vilão mais vil
Do que eu possa expressar.

(*Lutam.*)

MACBETH

Perdes teu tempo:
Vai lutar com quem seja vulnerável!
Vivo de encantos, e homem que é parido
Não me derrota.

MACDUFF

Não adianta encanto:
E deixa o Anjo Mau a quem serviste
Dizer-te que Macduff foi arrancado
Fora do tempo ao ventre de sua mãe.

MACBETH

Maldita a língua que me conta isso,
Pois me acuou e me fez menos homem.
Não creia mais ninguém em falsas bruxas,
Que nos enganam com sentidos duplos.
Cada palavra é dada ao nosso ouvido,
Mas traída se agimos com esperança:
Não combato contigo.

MACDUFF

Então, covarde,
Entrega-te pra ser exposto ao tempo:
Pois tu, igual aos monstros que são raros,
Serás pintado ao alto de uma lança,
Escrito embaixo: "Aqui vê-se um tirano."

MACBETH

Não me entrego!
Não beijarei o chão aos pés de Malcolm,

Não ouvirei insultos da ralé.
Mesmo com Birnam vindo a Dunsinane,
E tu, meu inimigo, não parido,
Combato até o fim. Vem cá, Macduff!
Só meu escudo, sempre afeito à guerra,
Agora a mim protege e a ti afasta:
Maldito o que primeiro gritar "Basta!".

(*Saem, lutando. Alarmes. Voltam, lutando, e Macbeth é morto.*)

Cena IX — Dentro do castelo.

(*Toque de retirada. Fanfarra. E entram, com tambores e bandeiras, Malcolm, o velho Siward,* Thanes *e Soldados.*)

MALCOLM
Desejo a salvo os que inda 'stão ausentes.

SIWARD
Alguns têm de partir; mas os que vejo
Dizem ser baixo o preço deste dia.

MALCOLM
Estão faltando o seu filho e Macduff.

ROSSE
Pagou seu filho o resgate fatal:
Viveu apenas pra chegar a homem.
Mas tão logo afirmou o seu valor,
No inabalável posto onde lutou
Como homem morreu.

SIWARD
Então, 'stá morto?

ROSSE
Foi tirado do campo. A sua dor

Não deve se medir por seu valor
Que é sem fim.

SIWARD

Foi ferido na frente?

ROSSE

Na frente.

SIWARD

Então, que vá lutar por Deus!
Se meus cabelos fossem filhos,
Não podiam ter morte mais bonita.
Seu dobre já soou.

MALCOLM

E o seu valor
Vale mais dor do que a que nós sentimos.

SIWARD

Não mais. Morreu bem com as contas pagas.
Que Deus o tenha. Mais conforto chega.

(*Volta Macduff, com a cabeça de Macbeth.*)

MACDUFF

Salve, rei, pois o sois. Olhai aqui
A cabeça maldita do tirano:
O tempo agora é livre. E eu vos vejo
Cercado pelas pérolas do reino —
De cuja saudação eu sou a voz:
Mas cujas vozes quero junto à minha
Pra gritar alto "Salve, rei da Escócia"!

TODOS

Salve, rei da Escócia!

(*Fanfarra.*)

MALCOLM

Não gastaremos tempo muito largo
Antes de compensarmos seu amor,
Pagando dívidas. *Thanes* e parentes,
Sejam agora condes, os primeiros
Com tal nome na Escócia. Quanto ao mais
Que deve ser plantado nesta hora,
Como chamar ao lar quem 'stá no exílio,
Fugindo à teia alerta do tirano;
Mostrar ao mundo os ministros cruéis
Do real carniceiro e a diabólica
Rainha que por suas próprias mãos
Deixou a vida — toda obrigação
Que hoje nos cabe por graça da Graça,
Há de ter seu lugar, medida e hora.
A um e a todos, nossa gratidão,
Convidando-os a Scone, pra coroação.

Notas

2 O termo "equivocar" e suas flexões ficaram em moda após o julgamento do jesuíta Garnet, que, dizia-se, tentou evitar a condenação dando respostas "equívocas". A peça foi escrita logo depois. (N.T.)

3 O então rei da Inglaterra, James I, tinha-se como descendente de Banquo.

Grandes obras de SHAKESPEARE

VOLUME 2

1ª edição

A megera domada

Sonho de uma noite de verão

O mercador de Veneza

A tempestade

A megera domada

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

No início de sua carreira, William Shakespeare experimentou escrever uma comédia de estrutura romana, ou seja, uma comédia na qual, com o riso, uma situação é criticada e acaba por ter conserto, a *Comédia dos erros* modelada em Plauto, mas com alguns elementos românticos; logo adiante ele experimentou a nova forma da comédia romântica, na qual o esquema é o de uma série de tropeços a fim de se alcançar um objetivo final um tanto idealizado, como em *Os dois cavalheiros de Verona* (que, aliás, não chegou a ser um sucesso completo). Foi provavelmente por volta de 1593 (ninguém sabe a data certa) que pela primeira vez Shakespeare misturou, com maior segurança, uma sólida estrutura de comédia clássica com os encantos da comédia romântica, em *A megera domada*, uma das obras do Bardo de mais constante popularidade, muito embora ela seja compreendida de forma diversa em momentos diversos.

Autor de pouquíssimos enredos novos, e de incontáveis enredos originais, não se sabe nada a respeito da fonte principal da trama da megera a ser domada, sendo um dos grandes mistérios shakespearianos como seria uma peça desaparecida intitulada "The Taming of *a* Shrew" e não "The Taming of *the* Shrew" como é a de Shakespeare, e qual seria a relação entre as duas, pois essa seria a única fonte para a história de Kate e Petrucchio. Já a história de Bianca é tirada de "I Suppositi" de Ariosto, por intermédio da adaptação inglesa de George Gascoigne, "Supposes", que inclui toda a história da troca de identidade entre patrão e criado.

Não há nada na obra de Shakespeare que o caracterize como um autor machista (várias de suas protagonistas de comédia são antepassadas das famosas "caçadoras" de Bernard Shaw, que caçam os machos com os quais desejam fundar dinastias…), e é indispensável salientar que os piores excessos de violência no processo de domação de Kate têm sido sempre produtos de encenações e não do texto: a única agressão física que está em Shakespeare é o tapa que Kate dá em Petrucchio, e ele ameaça bater nela se ela repetir o gesto.

Mas por outro lado, não podemos nunca esquecer que ele escreveu no final do século XVI e no princípio do XVII, e que, portanto, sua visão do mundo não pode ser a de nosso tempo.

A situação que Shakespeare descreve é, como deve ser toda situação cômica, um quadro de confusão que, para seu "final feliz", se transforma em um quadro harmônico, um quadro de equilíbrio e consciência. No pensamento elisabetano um conceito básico era o do "encadeamento dos seres", que era válido para tudo o que havia neste mundo, a que eles chamavam de universo sublunar: nesse encadeamento tudo e todos tinham seus lugares certos a ocupar, tudo era melhor do que alguma coisa pior do que alguma coisa: entre os animais, vamos do leão ao mais humilde verme, entre os metais, do ouro à poeira, e o mesmo é válido para os seres humanos, que ficam acima dos animais e abaixo dos anjos. Na estrutura familiar elisabetana, então, o marido era o chefe da família, e logo abaixo dele ficava a mulher; mas havia um outro aspecto nessa história: a mulher tanto quanto o marido tinha direitos e atributos que lhe eram privativos, e Kate teria de ser domada, principalmente, para ocupar devidamente o seu lugar, merecedor de direitos e obrigações que só a ela caberiam.

É uma pena que se pense sempre em violência entre o mais que temperamental casal protagonista da comédia, mas poucos se deem ao trabalho de notar que Shakespeare (que jamais inclui material inútil em suas peças) deixa bem claro que a revolta e a violência de Kate são produto da disparidade do tratamento que recebem de Batista, seu pai, as duas irmãs, sendo a caçula, que o sabe adular, a favorita clamorosa do velho: o que faltou a Kate foi carinho, foi o ser tratada como, de acordo com o já falado encadeamento dos seres, deveria ser tratada a primogênita da casa.

Também não é do século XX a franqueza de Petrucchio ao afirmar que veio a Pádua para procurar uma noiva rica; segundo as regras da Antiguidade, essa seria a primeira obrigação de qualquer rapaz; é só em função da visão romântica que apareceu no século XII e deu lugar ao nascimento de todos os romances de cavalaria e cantigas de amor que inundaram a Europa desde então é que a ideia da necessidade de amor no casamento apareceu. O interesse que ele tem pela megera que os amigos lhe pintam será, pelo menos, de curiosidade; mas a mim sempre pareceu que no momento em que Kate e Petrucchio se viram pela primeira vez cada um deles sentiu que ali estava seu parceiro ideal — em Shakespeare o amor sempre entra pelos olhos —, e todo

o processo no qual Kate é domada pode e deve ser interpretado como um glorioso jogo entre os dois, durante o qual se medem um ao outro e, uma vez que se conhecem, entram em perfeito acordo, seja quanto à vida que levarão, seja quanto ao quadro que apresentarão aos outros.

Shakespeare jamais gastaria tanto tempo com a história de Bianca e Lucentio, se não fosse seu intento mostrar, também, o quanto pode ser precário o casamento que se deve apenas ao olhar, ao amor romântico sem conhecimento mútuo: habituada a conquistar o pai com uma sonsa docilidade, ela fez o mesmo com Lucentio, que acredita na aparência e — sem conhecê-la — só vai descobrir seu verdadeiro temperamento depois de casado. E no caso de Hortênsio, que casa também com a viúva sem saber nada a seu respeito, a não ser o fato de estar ansiosa por se casar de novo, o resultado não parece ser muito encorajador.

Seria falso afirmar que na harmonia final da comédia não fica estabelecida a supremacia do marido na estrutura do casal, porém se Petrucchio doma Kate, é preciso não esquecer que quando ela diz que a mão dela está pronta para que ele a pise, o que ela faz é apenas pedir-lhe um beijo…

A megera domada ainda tem muita influência da comédia romana; no futuro, as grandes obras-primas serão mais puramente românticas, mas aqui já temos um Shakespeare mestre de seu ofício, que sabe dosar personagens e situações a fim de criar uma fábula alegre e inteligente.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

PRÓLOGO

CHRISTOPHER SLY, um funileiro
TAVERNEIRO
UM LORD
PAJEM, CAÇADORES e CRIADOS que servem o Lord
Uma COMPANHIA DE ATORES

A MEGERA DOMADA

BATISTA MINOLA, rico cidadão de Pádua
KATHERINA, a megera, filha mais velha de Batista
PETRUCCHIO, um cavalheiro de Verona, que corteja Katherina
GRUMIO, criado particular de Petrucchio
CURTIS, chefe da criadagem de Petrucchio no campo
Um ALFAIATE
Um MASCATE
CINCO OUTROS CRIADOS de Petrucchio
BIANCA, filha mais moça de Batista
GRÊMIO, rico e velho cidadão de Pádua, que corteja Bianca
HORTÊNSIO, um cavalheiro de Pádua, que corteja Bianca
LUCENTIO, um cavalheiro de Pisa, que corteja Bianca
TRÂNIO, criado particular de Lucentio
BIONDELLO, criado de Lucentio
VINCENTIO, rico cidadão de Pisa, pai de Lucentio
Um PEDANTE de Mântua
Uma VIÚVA
CRIADOS de Batista

Prólogo

Cena I — Uma rua.

SLY

Eu lhe dou uns sopapos.

TAVERNEIRO

Você vai pro cepo, canalha.

SLY

O senhor é um lixo, os Sly não são canalhas. Procura só nas Crônicas; nós viemos com Ricardo, o Conquistador. Portanto, *paucas pallabris*, e o mundo que se dane. *Cessa!*

TAVERNEIRO

O senhor vai pagar os copos que quebrou?

SLY

Não, nem um tostão. Vá embora. Vá, por são Jeroninho, vá para sua cama fria e se esquente.

TAVERNEIRO

Eu sei o que te cura. Vou chamar o meirinho.

SLY

Meirinho, comecinho ou finalzinho, eu respondo com a lei. Ele que venha, e com muita bondade.

(*Clarins. Entra, da caça, um Lord, com seu séquito.*)

LORD

Caçador, cuide bem dos meus cachorros,
Faça a cadela exausta respirar,
E cruze o Crowder com a cadela grande.
Menino, viu como andou bem o Silver,
Quando secou a pista dos coelhos?
Esse eu não troco nem por vinte libras.

1º CAÇADOR

Milord, o Belman é páreo pra ele;

Quando a pista secou ele latiu,
E duas vezes farejou um nada.
Acredite, senhor, ele é melhor.

LORD

Não seja tolo; se ele fosse rápido,
O Eco valia uma dúzia dele.
Mas dê ração e cuidados a todos.
Quero caçar outra vez amanhã.

1º CAÇADOR

Muito bem, meu senhor.

LORD

O que é isso? Morto ou bêbado? Vejam se ainda respira.

2º CAÇADOR

Inda; mas sem o calor da cerveja
Não dormiria em cama tão gelada.

LORD

Mas que monstro! Ele dorme como um porco!
Morte, como é asquerosa a tua imagem!
Senhores, vou brincar com este ébrio.
Acham que sendo levado pr'um leito,
Com roupas limpas e joias nos dedos,
Um banquete supimpa junto à cama,
Criados pr'atendê-lo ao acordar,
Que esse mendigo esquecia quem é?

1º CAÇADOR

E nem teria outra escolha, Milord.

2º CAÇADOR

Ao acordar veria em si um estranho.

LORD

Qual fantasia tonta ou sonho bobo.
Pois peguem-no e cuidem bem da farsa:
Carreguem-no pro meu mais belo quarto,
Pendurem nele meus quadros eróticos,
Lavem com ervas o cabelo imundo,
Queimem perfume pr'adoçar o cômodo.
Pro momento em que acorde quero música

Que só produza sons celestiais.
Se acaso ele falar, 'stejam alertas,
E com mesura profunda e submissa
Digam "Que nos ordena Vossa Honra?"
Que alguém lhe traga a bacia de prata
Co'água de rosas e cheia de flores;
Um outro o jarro e outro uma toalha
Dizendo "Quer Milord lavar as mãos?"
Estejam prontos com um traje bem caro
E perguntem o que quer vestir hoje.
Falem também de seus cães e cavalos,
Digam que a esposa chora a sua doença,
Convençam-no que esteve enlouquecido,
E se disser que está digam que sonha,
Pois ele sempre foi um grande Lord.
Façam tudo com jeito e com bondade:
Será um excelente passatempo
Se todos brincam dentro de limites…

1º CAÇADOR

Milord, faremos os nossos papéis
De modo tal que ele há de acreditar
Não ser menos que aquilo que dizemos.

LORD

Tomem cuidado e levem-no pra cama.
E estejam prontos quando ele acordar.
(*Sly é carregado para fora. Clarinada.*)
Moço, vá ver quem é que toca assim.
(*Sai um criado.*)
Talvez um senhor nobre que aqui busque
Lugar pra repousar por esta noite.
(*Entra o criado.*)
Então? Quem é?

CRIADO

São atores, senhor,
Que querem trabalhar para Milord.

LORD

Mandem entrar
(*Entram os atores.*)
Amigos, são bem-vindos.

ATORES

Obrigado, senhor.

LORD

Pretendem se hospedar comigo hoje?

1º ATOR

Se Milord aceitar nosso serviço.

LORD

De coração. Me lembro de um ator
Desde que fez o filho de um campônio,
Fazendo bela corte a uma nobre
O seu nome esqueci, mas o papel
Foi bem-feito em aspecto e atuação.

2º ATOR

Eu creio que o senhor fala de Soto.

LORD

Isso mesmo, e trabalhou muito bem.
Deram aqui numa hora propícia,
Pois nos metemos numa brincadeira
Em que me ajuda muito o seu talento.
Um Lord vai assistir à peça logo,
E eu só temo que seu autocontrole,
Ao vê-lo comportar-se estranhamente —
Pois o nobre jamais viu uma peça —
Desmande-se com chistes e com risos
E o ofenda; pois eu lhes garanto
Que o mínimo sorriso o desatina.

1º ATOR

Não tema, meu senhor; ficamos sérios
Ante o mais louco dos loucos do mundo.

LORD

Você, aí, leve a todos pra copa e dê a todos muito boas-vindas:
Que tenham tudo do que há na casa.
(*Sai um criado com os atores.*)

Vá procurar Bartolomeu, meu pajem,
Para ele ser vestido como dama.
Leve-o depois ao quarto do mendigo,
Chame-o "madame", trate-o com mesuras,
Diga que se ele pensa em me agradar,
Que se comporte de maneira honrada,
Como tem observado as damas nobres
Fazerem ao tratar com seus maridos.
Ele deve fazer o mesmo ao bêbado,
Com fala doce e muita cortesia
Dizer "O que me ordena, meu senhor?
Em que pode sua dama e humilde esposa
Mostrar-lhe seu dever e o seu amor?"
E depois, entre abraços e beijinhos,
Que ele incline a cabeça no seu peito,
E chore um pouco, como de alegria,
Por ver o seu senhor assim curado
Depois de imaginar, por sete anos,
Não ser melhor que um mendigo nojento.
Se lhe falta o talento feminino
De verter lágrimas por encomenda,
Uma cebola ajuda nesse transe,
Pois sendo ela apertada em um lenço
Sempre fabrica lágrimas nos olhos
Que isso seja feito a toda pressa;
Daqui a um pouco eu dou mais instruções.
(*Sai um criado.*)
Eu sei que o pajem vai dar bem a graça,
A voz, o andar e os gestos de uma dama.
Quero ouvi-lo dizer "marido" ao bêbado,
E ver meus homens tentando não rir
Ao fazer tanta festa a um camponês.
Vou instruí-los, pois minha presença
Talvez consiga evitar brincadeiras
Que podem acabar sendo excessivas.

(*Saem todos.*)

Cena II

(*Entram, ao alto, Sly com a criadagem; alguns trazem roupas, bacia e gomil, como outros complementos; e o Lord.*)

SLY

Uma cervejinha, pelo amor de Deus.

1º CRIADO

Sua Senhoria não prefere vinho?

2º CRIADO

Milord não quer uns doces confeitados?

3º CRIADO

E que traje prefere vestir hoje?

SLY

Eu sou Christopher Sly, e parem de me chamar de senhorias e lordices.
Eu nunca bebi vinho em minha vida.
Não quero doces confeitados, e sim carne temperada.
E não perguntem que trajes prefiro, porque não tenho mais coletes do que costas, mais meias do que pernas, nem mais sapatos que pés — não, às vezes tenho mais pés do que sapatos, ou sapatos que deixam os dedos ficar espiando pela tampa.

LORD

Que os céus curem Milord de tais humores!
É triste que um varão de tal linhagem,
De poses tais, e tal reputação,
Fosse tomado por tão mau espírito!

SLY

O que é isso? Quer me fazer de maluco? Então eu não sou Christopher Sly, filho do velho Sly de Burton Heath, mascate de nascença, treinado para fazer cardar, transformado em pastor

de ursos, e hoje em dia funileiro de profissão? Pergunte a Marian Hacket, a cervejeira de Wincot, se ela não me conhece. Se não disser que estou devendo 14 pence só de cerveja, pode me pendurar como o maior mentiroso da cristandade.
(*Um criado lhe traz uma caneca de cerveja.*)
O quê! Não estou louco coisa nenhuma. À saúde de…

(*Bebe.*)

3º CRIADO

Isso é o que faz chorar sua senhora.

2º CRIADO

Isso é o que deixa tristes os criados.

LORD

Por isso seus parentes não vêm cá,
Afastados por sua insanidade.
Senhor, pense em quão nobre foi seu berço,
Traga de volta a sensatez banida,
E bana esses abjetos sonhos vis.
Veja só como o servem seus criados,
Todos prontos a servi-lo em tudo.
Quer música? Escute, Apolo toca,
(*música*)
E nas gaiolas cantam rouxinóis.
Quer dormir? Pois terá de nós um leito
Mais doce do que a cama de luxúria
Encomendada por Semiramides.
Prefere andar? Há de ser sobre flores.
Cavalgar? Os cavalos 'stão selados,
Ajaezados com muito ouro e pérolas.
Ama as caçadas? Pois seus falcões voam
Mais alto que na aurora a cotovia;
Seus cães fazem troar o próprio céu,
E dos cantos da terra tiram ecos.

1º CRIADO

Irá correr? Pois tem galgos mais rápidos
Que corças, mais ágeis do que cabritos.

2º CRIADO

Gosta de quadros? Posso trazer logo
Junto ao riacho um Apolo pintado,
E Citereia escondida nas sebes,
Que parecem dançar com seu alento,
Como balança a folhagem ao vento.

LORD

Há de ver Io quando inda donzela,
Como foi enganada e surpreendida,
Tudo tão vivo quanto foi o ato.

3º CRIADO

Ou Dafne passeando pelo bosque,
Parecendo sangrar quando se coça,
E Apolo chorar com essa visão,
Tão bem-feitos estão o sangue e as lágrimas.

LORD

O senhor é um Lord, sempre foi Lord;
Tem uma esposa muito mais bonita
Que qualquer dama destes tempos tristes.

1º CRIADO

E até o pranto que verteu por si
Marcar como dilúvio as suas faces,
Não havia mais bela em todo o mundo;
E inda hoje não há melhor que ela.

SLY

Então sou Lord, e tenho uma tal Lady?
Será que sonho? Ou sonhava antes?
Não 'stou dormindo. Vejo, ouço, falo,
Cheiro o que é doce, apalpo o que é suave.
Pois vai que eu sou nobre de verdade,
Não Christopher Sly, o funileiro.

Pois tragam nossa dama aos nossos olhos,
E mais um copo dessa cervejinha.

2º CRIADO

Sua imponência quer lavar as mãos?
Que bom, vê-lo com a ideia no lugar!
Se soubesse de novo quem já foi!
O senhor vem sonhando há 15 anos,
E acordado, pior do que dormindo.

SLY

Quinze anos! É um cochilo e tanto.
E nesse tempo todo eu não falei?

1º CRIADO

Falou, Milord; mas só palavras tolas,
Pois mesmo aqui, deitado no seu quarto,
Afirmava que fora escorraçado,
E inda xingava a anfitriã da casa,
Dizendo que a mandava pra justiça
Porque vendia garrafões sem selo.
E mandava chamar Cicely Hacket.

SLY

Eu sei; ela é criada lá na adega.

3º CRIADO

Mas, Milord, que adega e que criada;
Não as conhece, nem os outros nomes.
Um Stephen Sly, um tal John Naps da Grécia,
Ou Peter Turph, ou Henry Pimpernell,
Ou mais uns vinte homens dessa espécie,
Que não existem, nunca foram vistos.

SLY

Graças a Deus por esta minha cura.

TODOS

Amém.

(*Entra o pajem como uma dama, com criadagem. Um criado dá uma caneca de cerveja a Sly.*)

SLY

Obrigado. Não perderá com isso.

PAJEM

Como passa o meu nobre Lord?

SLY

Pela Virgem, aqui 'stá tudo alegre. Onde está minha esposa?

PAJEM

Aqui, Milord; o que deseja dela?

SLY

Esposa, e não me chama de marido?
Milord é pra criado; sou esposo.

PAJEM

É meu esposo e meu senhor, Milord;
E eu sua esposa, sempre obediente.

SLY

Disso eu já sei. Como é que eu chamo ela?

LORD

Madame.

SLY

Madame Alice ou madame Joana?

LORD

Só madame, que assim fazem os lords.

SLY

Madame esposa, dizem que eu sonhei,
E andei dormindo mais de 15 anos.

PAJEM

Que para mim parecem trinta ou mais.
Por ter ficado longe do seu leito.

SLY

Tanto assim. Criados, saiam todos.
(*Saem os criados*.)
Madame, tire a roupa e já pra cama.

PAJEM

Meu nobre amo, peço por favor
Que me desculpe uma noite ou duas;
Ou pelo menos até logo à noite.

Pois os seus médicos deixaram claro,
Que por perigo de uma recaída
Devo ausentar-me ainda do seu leito.
Essa razão na certa me desculpa.

SLY

É, desse jeito vou ter de demorar ainda um pouco. Mas não quero começar a sonhar tudo de novo. De modo que vou esperar um pouco mais, apesar da carne e do sangue.

(*Entra um mensageiro.*)

MENSAGEIRO

Seus atores, sabendo de sua cura,
Querem montar uma comédia alegre;
O que os doutores acham muito bom,
Já que a tristeza regelou seu sangue,
E o frenesi vem da melancolia.
Portanto acharam bom que ouvisse a peça,
Voltando o pensamento pra a alegria,
Que corta os males e prolonga a vida.

SLY

Muito bem. Quero ver. Mas não bobagem,
Festinha de Natal ou cambalhotas?

PAJEM

Não, Milord; isto é coisa bem melhor.

SLY

Coisa de casa?

PAJEM

Uma espécie de história.

SLY

Vamos ver. Madame esposa, sente aqui;
Vai-se o tempo, e ninguém fica mais moço.

ATO I

Cena I

(*Clarinada. Entram Lucentio e seu criado Trânio.*)

LUCENTIO

Como foi sempre o meu desejo, Trânio,
Conhecer Pádua, esse berço das artes,
Aqui cheguei à fértil Lombardia,
Doce jardim da nossa grande Itália;
E armado com o carinho de meu pai,
As bênçãos dele e a sua companhia,
Meu criado querido e confiável,
Aqui vivamos e talvez eu siga
A trilha do saber com bons estudos.
Pisa, famosa por seus cidadãos,
Deu vida a mim e, antes, a meu pai —
Mercador conhecido pelo mundo —,
Vincentio, da linhagem Bentivolii.
A mim, seu filho, educado em Florença,
Fica bem, pra servir tais esperanças,
Cobrir a sorte com ações virtuosas.
Por isso, Trânio, de momento estudo
A virtude e, na filosofia, a parte
Que é conquistada só pela virtude.
Diga o que pensa, pois saí de Pisa
E estou em Pádua, como o que abandona
Um lago raso pra pular no fundo
Só por querer saciar a sua sede.

TRÂNIO

Mi perdonato, meu patrão gentil;
Em tudo o meu afeto é igual ao seu,
E alegro-me por vê-lo resolvido

A sugar da filosofia o mel.
Mas, meu amo, mesmo enquanto admiramos
A virtude e a disciplina moral,
Não sejamos estoicos ou estúpidos,
E nem tão presos às leis de Aristóteles
A ponto de abjurar de todo Ovídio.
Fala de lógica com seus amigos,
Na conversa comum use a retórica;
A música e a poesia sempre animam,
E quanto aos números e à metafísica,
Procure-os quando o estômago pedir.
Não há proveito onde não há prazer:
Estude, enfim, aquilo de que gosta.

LUCENTIO

Obrigado por seu conselho, Trânio.
E se Biondello tivesse aportado
Já poderíamos nos aprontar,
Alugado um lugar pra receber
Os amigos que Pádua vai nos dar.
Mas, um momento; quem é essa gente?

(*Lucentio e Trânio se afastam para um lado. Entram Batista com suas duas filhas, Katherina e Bianca, Grêmio [um pantalão] e Hortênsio [cortejador de Bianca].*)

BATISTA

Cavalheiros, não me importunem mais,
Pois estou firmemente resolvido:
Não hei de conceder minha caçula
Antes de eu ter marido pra mais velha.
Se algum dos dois amar a Katherina,
Já que os conheço e a ambos quero bem,
Terá licença para a cortejar.

GRÊMIO

Pr'a aturar. Ela é muito grosseira.
Como é, Hortênsio; não quer uma esposa?

KATHERINA

Senhor meu pai, será do seu desejo
Me fazer égua pr'uma tal parelha?

HORTÊNSIO

Não haverá parelha pra senhora,
Enquanto não tiver modos mais calmos.

KATHERINA

Quanto ao senhor, não precisa ter medo:
Não faz o tipo do coração dela;
Se fizesse, ela logo ia querer
Encher sua cabeça de pancada
E maquiá-lo, para o usar de bobo.

HORTÊNSIO

De um demônio como esse, Deus nos livre!

GRÊMIO

Meu bom Deus, a mim também!

TRÂNIO

Veja, patrão, que bom divertimento!
A moça é louca, ou é muito abusada.

LUCENTIO

Mas no silêncio da outra eu só vejo
Bons modos e o pudor de uma donzela.
Silêncio, Trânio.

TRÂNIO

Bem-dito, amo. Quieto, e olhe bem.

BATISTA

Senhores, tenho o intento de cumprir
O que já disse — Bianca, vá para dentro.
Eu não quero magoá-la, boa Bianca,
E nem por isso a amo menos, filha.

KATHERINA

Tão bonitinha! Se arranjasse desculpa, já chorava.

BIANCA

Irmã, fique contente: eu já estou triste.

Senhor, ao seu prazer eu me submeto.
Ficam comigo a música e os livros;
Com eles eu me ocupo, mesmo só.

LUCENTIO

Escutou, Trânio? É Minerva falando.

HORTÊNSIO

Senhor Batista, por que ser tão duro?
Lamento que esta corte só provoque
Tristeza para Bianca.

GRÊMIO

Vai perdê-la,
Senhor Batista, por essa demônia,
Penando a outra pela língua desta?

BATISTA

Senhores, já 'stá certo; agora, aceitem.
Pra dentro, Bianca.
E como sei que o que lhe dá prazer
São música, instrumentos, poesia,
Hei de manter em casa professores
Que calhem pr'uma jovem. Se conhecem,
Hortênsio e Senhor Grêmio, um que sirva,
Mandem-no aqui; pois sendo competente
Há de me ver bondoso e liberal
Pra com quem educar minhas meninas.
Adeus. A Katherina fica aqui;
Eu preciso ver Bianca mais um pouco.

(*Sai*.)

KATHERINA

Bom, então acredito que também possa ir, não é?
Ou será que vão marcar as horas para mim, como se não
soubesse o que posso e o que não posso?

(*Sai.*)

GRÊMIO

Pode ir pro diabo que a carregue, pois ninguém aqui a prende. Amor de mulher não é tão duradouro, Hortênsio, que não dê para esperar soprando os dedos pra esquentar, ou fazendo jejum. Nosso bolo solou todo. Adeus. Mas pelo amor da doce Bianca, se por acaso encontrar um homem que lhe ensine aquilo em que tem prazer, despacho-o para seu pai.

HORTÊNSIO

Eu também, Senhor Grêmio. Mas uma palavra, por favor. Embora a natureza de nossa luta não admita diálogo, fique sabendo que, pensando bem, nos cabe a ambos — para que voltemos a ter acesso à nossa bela amada, e a ser rivais felizes pelo amor de Bianca — trabalhar para realizar uma empreitada especial.

GRÊMIO

Que seria qual?

HORTÊNSIO

Ora, senhor, arranjar um marido para a irmã.

GRÊMIO

Um marido? Um demônio.

HORTÊNSIO

E eu digo um marido.

GRÊMIO

E eu digo um demônio. Acaso pensas, Hortênsio, que mesmo o pai sendo rico há um homem bastante tolo para se casar com o inferno?

HORTÊNSIO

Ora, Grêmio. Talvez fique além da sua paciência e da minha aturar a gritaria dela, mas fique sabendo que há muito homem no mundo — e podemos encontrar um deles — que a aceitaria com todos os seus defeitos, desde que viesse com dinheiro suficiente.

GRÊMIO

Isso eu não sei. Mas para mim era o mesmo que dizer que com o dote eu teria de ser espancado no pelourinho todo dia de manhã.

HORTÊNSIO

Tem razão. Seria escolher entre duas maçãs podres. Mas vamos; já que a proibição nos deixa amigos, esta amizade terá de ser mantida até que, arranjando um marido para a filha mais velha de Batista, libertemos a mais moça para ter um marido, e nos atraquemos de novo. Doce Bianca! Boa sorte para ele! Quem correr mais ganha a noiva. O que diz, Senhor Grêmio?

GRÊMIO

Concordo. E daria a ele o melhor cavalo de Pádua para que começasse sua corte, a namorasse inteira, casasse, a levasse para a cama e livrasse a casa dela. Vamos.

(*Saem Hortênsio e Grêmio.*)

TRÂNIO

Mas diga, amo: será que é possível
Um amor nos pegar tão de repente?

LUCENTIO

Ah, Trânio, até sentir como é verdade
Jamais pensei possível ou provável.
Mas quando assim, à toa, eu só olhava,
Eu descobri que existe o amor perfeito,
E com franqueza eu o digo a você,
Em quem confio e sabe os meus segredos,
Como Ana os da Rainha de Cartago.
Meu Trânio, eu queimo, eu choro, eu vou morrer,
Se não conquisto essa moça tão doce.
Dê-me um conselho, Trânio; eu sei que pode. Me ajude,
Trânio; eu sei que há de querer.

TRÂNIO

Meu amo, não é hora pra censuras;

Ninguém destrói amor passando pito.
Se o amor o tocou, mudou pra sempre:
Redime te captum quam queas minimum.

LUCENTIO

Obrigado. Gostei. Pode falar.
'Stou confortado. O seu conselho é bom.

TRÂNIO

Olhou pra ela de olhos tão compridos,
Que eu acho que nem viu o principal.

LUCENTIO

Mas vi. Vi como é bela a sua face,
Tanto quanto a da filha de Agenor,
Que fez Zeus humilhar-se à sua mão,
Beijando ajoelhado a praia em Creta.

TRÂNIO

Não viu mais nada, não viu quando a irmã
Começou a gritar e a trovejar,
Quase estourando os ouvidos mortais?

LUCENTIO

Vi-a mover seus lábios de coral
E perfumar os ares com seu hálito.
Tudo o que vi era doce e sagrado.

TRÂNIO

É hora, então, de livrar-se do transe.
Acorde, por favor. Se ama a moça
Pense em como atingi-la. O caso é este:
A irmã é maldita e indomável,
E enquanto o pai não 'stiver livre dela,
A sua, amo, vai ficar solteira.
E o pai mandou trancá-la, bem-guardada,
Pra não ser perturbada com namoros.

LUCENTIO

Ah, Trânio, que cruel é esse pai!
Mas não notou que ele tomou cuidado

De procurar bons mestres para ela?

TRÂNIO

Notei, senhor — e está tudo arranjado.

LUCENTIO

Eu já sei, Trânio.

TRÂNIO

Amo, até aposto
Que as nossas invenções são uma só.

LUCENTIO

Diga a sua.

TRÂNIO

Meu amo vai ser mestre,
Dedicado a educar essa donzela.
É a sua ideia?

LUCENTIO

É. Será que posso?

TRÂNIO

Impossível. Quem faz o seu papel
E banca o filho de seu pai em Pádua,
Recebe em casa, estuda, vê amigos,
Faz visita aos patrícios, dá banquetes?

LUCENTIO

Basta! Já chega, pois já resolvi.
Nós não entramos, inda, em casa alguma,
E ninguém sabe, só de olhar os rostos,
Quem é amo ou criado. E assim sendo,
No meu lugar você é o amo, Trânio:
Como eu, cuide casa e criadagem.
Eu serei outro, acaso um florentino,
Napolitano ou pobretão de Pisa.
'Stá pronto; é isso. Trânio, agora mude
De roupas. Vista meu chapéu e capa.
Quando chegar, Biondello irá servi-lo,
E eu o convenço de ficar calado.

(*Trocam casacos, chapéus, adereços.*)

TRÂNIO

Não vai ser fácil.
Enfim, como é do seu desejo,
E eu estando aqui pra obedecer —
Pois seu pai me falou, quando partimos,
"Sirva sempre meu filho", disse ele,
Embora com intenção bem diferente —
Eu me resigno então a ser Lucentio,
Pelo muito que eu gosto de Lucentio.

LUCENTIO

Pois seja, Trânio, de quem também gosto.
E eu seja escravo, pra chegar à moça
Cuja visão tanto feriu meus olhos.
(*Entra Biondello.*)
Lá vem a peste. Aonde é que esteve?

BIONDELLO

Aonde estive? Mas são vosmecês?
Amo, o Trânio roubou a sua roupa,
O senhor a dele, os dois, ou o quê?

LUCENTIO

Venha cá. Não é hora pra bobagens;
Portanto, se comporte como deve.
Pra me salvar a vida, aqui o Trânio
Assume a minha roupa e posição,
Como eu, pra escapar, assumo as dele.
Pois em briga que tive após chegar
Matei um homem, e fui visto, eu acho.
Deve servi-lo como serve a mim
Enquanto eu fujo, pra salvar a vida.
Me compreendeu?

BIONDELLO

Não, senhor; nada, mesmo.

LUCENTIO

E nada de dizer o nome Trânio;
O Trânio agora chama-se Lucentio.

BIONDELLO

Melhor pra ele. Pena não ser eu.

TRÂNIO

Também acho. Mas o que quero mesmo
É que o amo se case com a caçula.
Por ele, não por mim, o aconselho
A ver como se porta se há estranhos.
Quando estamos sozinhos eu sou Trânio,
Mas, fora isso, sou Lucentio, o amo.

LUCENTIO

Vamos, Trânio.
Mais uma coisa vai ter de fazer:
Ser um dos pretendentes. Não pergunte
Por quê, mas tenho ótimas razões.

(*Saem.*)
(*Falam, no palco superior, os apresentadores do Prólogo.*)

1º CRIADO

Milord cochila; não 'stá vendo a peça.

SLY

(*Acordando, assustado.*) Por Sant'Ana que estou. É um assunto muito interessante. Inda tem mais?

PAJEM

Milord, mal começou.

SLY

É uma obra muito excelente; minha madame Lady.
Tomara que acabe logo!

(*Eles sentam e olham.*)

Cena II

(*Entram Petrucchio e seu criado Grumio.*)

PETRUCCHIO

Verona, por uns tempos me despeço
Pra visitar meus amigos em Pádua,
O mais querido entre todos eles,
Hortênsio; e esta aqui é a casa dele.
Vamos, Grumio, bata logo aqui.

GRUMIO

Bater eu, senhor? Bater em quem? Será que alguém ofendeu Sua Senhoria?

PETRUCCHIO

Moleque, eu disse pra bater-me aqui.

GRUMIO

Bater no senhor, senhor? Ora, senhor, quem sou eu para bater no senhor, senhor.

PETRUCCHIO

Vilão, bata-me já nesse portão,
E bata bem, senão bato em você.

GRUMIO

Que amo briguento. Se eu bato primeiro, só quero ver quem leva a pior.

PETRUCCHIO

Não é mesmo?
Se não bater, eu puxo a campainha
E vamos ver se você canta bem.

(*Puxa-lhe a orelha.*)

GRUMIO

Socorro, senhores! Meu amo está louco!

PETRUCCHIO

Me bata quando eu mandar, seu canalha.

(*Entra Hortênsio.*)

HORTÊNSIO

O que aconteceu? Meu velho amigo Grumio e meu velho amigo Petrucchio! — Como estão todos em Verona?

PETRUCCHIO

Veio apartar a briga, amigo Hortênsio?
Con tutto il cuore ben trovato, digo.

HORTÊNSIO

Alla nostra casa benvenuto, molto honorato signor mio Petrucchio.
Levante, Grumio; vamos resolver essa briga.

GRUMIO

O que ele diz em latim, senhor, não tem importância. Mas se isto não é causa legal para eu deixar o seu serviço, escute só, senhor. Ele me pediu que batesse nele, com toda a força, senhor. Muito bem, seria certo um criado fazer isso com o amo que, no que eu pudesse ver, já podia ter tomado umas e outras?
Deus sabe que se eu bato de saída,
Não é ele quem perde nesta vida.

PETRUCCHIO

Canalha e louco. Meu querido Hortênsio,
Eu pedi que batesse em seu portão,
Sem conseguir, por nada, que o fizesse.

GRUMIO

Bater no portão? Santo Deus! O senhor não disse, direitinho, "Bata logo aqui", "Bata-me já, e com força?"
E agora vem com essa história de que mandou bater no portão?

PETRUCCHIO

Moleque, suma logo ou cale a boca.

HORTÊNSIO

Paciência, amigo. Eu respondo por Grumio;
É muito triste esse mal-entendido

Entre você e o seu fiel criado.
Mas diga-me, querido, que bons ventos
O sopraram pra Pádua, de Verona?

PETRUCCHIO

Os que espalham os jovens pelo mundo
Pra buscar sorte bem longe da casa
Onde pouco acontece. Resumindo,
Senhor Hortênsio, o meu caso é este:
Meu velho pai, Antônio, faleceu,
E eu me atirei então nesta aventura
Pra vencer e casar como puder.
A bolsa tenho cheia, bens em casa,
E então parti, pra conhecer o mundo.

HORTÊNSIO

Petrucchio, vou falar-lhe francamente:
Aceita esposa feia e diabólica?
Não há de agradecer-me pela oferta,
Porém prometo que ela há de ser rica,
E muito rica. Mas é meu amigo,
Não me dá gosto impingi-la a você.

PETRUCCHIO

Mas entre amigos tais que nós, Hortênsio,
poucas palavras bastam. Se conhece
Noiva rica o bastante pra ser minha —
Pois com ouro é que soa a minha corte —
Seja ela a mais horrenda das amadas,
Mais velha que Sibila, mais maldita
Que a Xantipa de Sócrates — pior —
Pouco me importa, e nem tampouco altera
A afeição que há em mim, nem que ela tenha
Mais fúria do que as ondas do Adriático.
Eu vim por boda rica aqui em Pádua,
Se rica então feliz aqui em Pádua.

GRUMIO

Então viu, senhor; ao senhor ele diz claro o que tem em mente.
Assim, se lhe der ouro bastante, casa com uma boneca

engonçada ou uma caveirinha, ou com uma bruxa velha sem um só dente na cara, mesmo que tenha doenças para 52 cavalos. Enfim, nada é ruim quando o dinheiro é bom.

HORTÊNSIO

Petrucchio, já que entrou assim no assunto,
Da brincadeira eu passo a falar sério.
Eu posso conseguir-lhe uma mulher
Rica o bastante, jovem e bonita,
Criada como cabe a uma fidalga.
O seu defeito — e desse um só já basta —
É ser malditamente insuportável,
Desmedida em grossura e teimosia…
Com ela, se eu 'stivesse sem tostão,
Nem por minas de ouro me casava.

PETRUCCHIO

Calma, Hortênsio; não sabe o que ouro faz.
Basta me dar o nome do pai dela
Que eu a conquisto nem que urre tanto
Quanto o trovão nos temporais de outono.

HORTÊNSIO

Seu pai é Batista Minola,
Um cavalheiro afável e cortês,
Seu nome é Katherina Minola,
Famosa em Pádua por sua língua vil.

PETRUCCHIO

Eu conheço seu pai, mas não a ela;
Era amigo de meu pai falecido.
Não dormirei, Hortênsio, até que a veja.
Portanto, me perdoe se o deixo
Neste encontro primeiro que aqui temos,
A não ser que deseje vir comigo.

GRUMIO

Eu lhe peço, senhor, deixe-o ir enquanto dura a vontade. Palavra que se ela o conhecesse tão bem quanto eu, ia saber que desaforo com ele não adianta. Digamos que o chame de canalha umas seis vezes. Nem faz mossa; mas quando ele começa, é uma

fieira que não tem mais fim. Eu lhe digo, senhor, que se ela resistir a ele um pouquinho que seja, ele atira uma tal descompostura na cara dela que ela fica cega de tão descomposta.
O senhor não o conhece.

HORTÊNSIO

Petrucchio, espere; eu irei com você,
Pois meu tesouro quem guarda é Batista.
É dele a joia pela qual eu vivo,
Sua filha caçula, a linda Bianca,
Que ele esconde de mim e de outros mais,
Todos eles rivais do meu amor,
Sempre supondo que seja impossível,
Por causa dos defeitos que eu contei,
Jamais ver Katherina cortejada.
Por isso deu Batista ordem estrita
Que ninguém mais tivesse acesso a Bianca
Até a irmã maldita ter marido.

GRUMIO

Maldita Katherina,
É um belo título pr'uma mocinha.

HORTÊNSIO

Petrucchio amigo, agora por favor
Ofereça-me com roupas sóbrias,
A Batista como se eu fosse mestre
Capaz de ensinar música a Bianca,
Para eu poder ao menos, com esse truque,
Ter calma pra falar do meu amor —
E ao menos escondido namorá-la.

GRUMIO

Não é por safadeza! Mas vemos como para enganar os velhos, os jovens sempre juntam suas cabeças.
(*Entram Grêmio e Lucentio, disfarçado de Cambio, um Mestre-escola.*)
Meu amo, olhe só! Quem é aquele?

HORTÊNSIO

Calma, Grumio. É meu rival no amor.

Petrucchio, afaste-se um pouco.

GRUMIO

Um rapagão, e bem apaixonado!

(*Afastam-se.*)

GRÊMIO

'Stá muito bem — já li a lista toda.
Ouça; eu quero os livros bem atados —
E só livros de amor; tome atenção —
Não dê outra lição nenhuma a ela.
Ouça-me com atenção. Afora e além
Do que o Senhor Batista lhe pagar,
Dou mais um pouco. Não esqueça da lista.
Veja que os livros 'stejam perfumados,
Já que é mais doce que perfume aquela
Pra quem vão eles. Qual vai ler pra ela?

LUCENTIO

Leia o que ler, será pelo senhor,
Que é meu patrão; disso esteja tão certo,
Quanto estaria estando em meu lugar;
E até talvez obtendo mais sucesso
Do que teria, já que não é sábio..

GRÊMIO

Ah, esse saber, que coisa é ele!

GRUMIO

(*à parte*)
Esse pateta, que jumento é ele!

PETRUCCHIO

(*à parte*)
Silêncio, moleque!

HORTÊNSIO

(*à parte*)
Grumio, silêncio!
(*avançando*)
Salve, Senhor Grêmio.

GRÊMIO

Mas que prazer, Senhor Hortênsio!
Sabe onde vou? A Batista Minola.
Eu prometi procurar com cuidado
Um Mestre-escola para a bela Bianca,
E tive a sorte de acaso encontrar
Este rapaz, erudito e correto,
Bom para ela, sábio em poesia
E em outros livros — todos bons, garanto.

HORTÊNSIO

Que bom. E eu encontrei um cavalheiro
Que prometeu levar-me até um outro
Pra ensinar música a nossa amada.
Não fico atrás em nada no que devo
À bela Bianca, a quem eu amo tanto.

GRÊMIO

Eu é que amo, e provo com meus atos.

GRUMIO

Prova com as suas sacolas.

HORTÊNSIO

Não é hora de gritar nosso amor.
Ouça, Grêmio; e se falar direito
Dou-lhe notícias boas pra nós dois.
Eis um fidalgo, que acaso encontrei,
Que por acordo que ele aceita e aprova
Vai cortejar Katherina, a maldita,
E até casar, se o dote for de gosto.

GRÊMIO

Se é assim, dito e feito, que bom!
Mas, Hortênsio, contou-lhe os seus defeitos?

PETRUCCHIO

Já sei que é irritante e barulhenta;
Se é só isso, amigos, tudo bem.

GRÊMIO

Falar é fácil. De onde vem, amigo?

PETRUCCHIO

De Verona, filho do velho Antônio
Morto meu pai, vivo eu em sua fortuna.
Quero ver dias longos e felizes.

GRÊMIO

Vai ser difícil, com mulher assim.
Mas se quer mesmo, que Deus o proteja;
E eu o ajudarei no que puder.
Mas vai cortejar a fera?

PETRUCCHIO

Estou vivo?

GRUMIO

E se não conquistar eu a enforco.

PETRUCCHIO

E por que 'stou aqui, senão pra isso?
Um barulhinho me afeta os ouvidos?
Será que nunca ouvi leão rugir?
Ou o mar, perturbado pelos ventos,
Dar guinchos como um javali ferido?
Já não ouvi troar canhões no campo.
E nem a artilharia dos trovões?
Já não ouvi, na hora da batalha,
Bater de armas, trompas e relinchos?
E falam de uma língua de mulher,
Que não faz a metade do barulho
De uma fogueira para assar castanhas?
Vão assustar meninos com mosquitos!

GRUMIO

Não tem medo de nada…

GRÊMIO

Hortênsio, escute:
Esse rapaz chegou bem a propósito,
Para o bem dele mesmo e de nós dois.

HORTÊNSIO

Eu prometi que nós ajudaríamos,

Arcando com as despesas do namoro.

GRÊMIO

Concordo, mas contanto que a conquiste.

GRUMIO

É mais certo que um bom jantar pra mim.

(*Entram Trânio, bem-vestido, e Biondello.*)

TRÂNIO

Que Deus os salve, amigos. Se permitem,
Podem dizer qual o melhor caminho
Pr'onde reside Batista Minola?

BIONDELLO

Fala do pai das duas filhas lindas?

TRÂNIO

Desse mesmo, Biondello.

GRÊMIO

Escute aqui; fala delas também?

TRÂNIO

Dele e delas, senhor, o que lhe importa?

PETRUCCHIO

Só peço que não mexa com a que grita.

TRÂNIO

Não gosto de malucas; vem, Biondello.

LUCENTIO

Foi bem, Trânio.

HORTÊNSIO

Senhor, uma palavra.
Pretende a mão da moça de que fala?

TRÂNIO

E é ofensa pretender, senhor?

GRÊMIO

Não se calar a boca e for embora.

TRÂNIO

Ora, senhor; a rua não é livre
Também pra mim?

GRÊMIO

Porém ela não é.

TRÂNIO

Por que razão?

GRÊMIO

Porque, quero que saiba,
Porque a elegeu o Senhor Grêmio.

HORTÊNSIO

E é a eleita do Senhor Hortênsio.

TRÂNIO

Calma, senhores; se são cavalheiros
Façam-me a cortesia de me ouvir.
Batista é um notável cavalheiro
De quem meu pai não é desconhecido;
E fosse sua filha inda mais bela
Poderia ter mais um candidato.
Por uns mil foi Helena cortejada:
A bela Bianca pode ter mais um.
E terá; pois Lucentio está na lista,
Mesmo que Páris entre na conquista.

GRÊMIO

O moço bate todos na palavra.

LUCENTIO

Podem dar rédeas; ele é pangaré.

PETRUCCHIO

Hortênsio, mas para o quê tanta palavra?

HORTÊNSIO

Já viu, acaso, a filha de Batista?

TRÂNIO

Não, senhor; mas me dizem que tem duas:
Uma famosa pela língua solta,
E a outra por beleza e bons costumes.

PETRUCCHIO

Nem pense na primeira: essa é minha.

GRÊMIO

Deixe pro Hércules um tal trabalho,
Que vai ser bem pior que os outros 12.

PETRUCCHIO

Senhor, ouça o que eu digo com cuidado:
Essa filha menor, à qual aspira,
O pai esconde dos que a cortejam.
Sem prometê-la a quem quer que seja
Antes da irmã mais velha se casar,
A caçula 'stá livre; mas não antes.

TRÂNIO

Se for assim, e se o senhor é o homem
Que vai dar chance a todos — e a mim —
Se quebra o gelo e realiza o feito,
Prende a mais velha e liberta a caçula
Para nós, que então veremos quem a ganha.
Fidalgos, não podemos ser-lhe ingratos.

HORTÊNSIO

Disse bem, e pensou da forma certa.
E já que diz ser um dos candidatos,
Como nós vai pingar pro cavalheiro
A quem nós somos todos devedores.

TRÂNIO

Não faltarei. E pra dar uma amostra
Terei prazer em recebê-los hoje
Para beber à saúde de Bianca:
Como fazem, nas leis, os adversários,
Que são amigos sempre que há banquete.

GRUMIO, BIONDELLO

Boa proposta! Amigos, vamos lá!

HORTÊNSIO

É boa ideia, sim; 'stá aprovada.
Petrucchio, eu lhe darei boas-vindas.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I

(*Entram Katherina e Bianca.*)

BIANCA

Não me maltrate, irmã, nem me condene
Querendo me fazer criada e escrava.
Não gosto disso. Mas quanto aos enfeites,
Se me soltar as mãos eu mesma tiro
Os trajes novos e até as anáguas;
Eu farei tudo aquilo que mandar
Pois sei dos meus deveres com os mais velhos.

KATHERINA

De todos que a cortejam diga, então,
Qual é o seu preferido. E não me minta.

BIANCA

Creia, irmã, que entre os homens que hoje vivem
Eu nunca vi o rosto especial
Que me atraísse mais que qualquer outro.

KATHERINA

'Stá mentindo, menina. E Hortênsio?

BIANCA

Se quer a ele, irmã, eu juro agora
Que luto eu mesma pra dá-lo a você.

KATHERINA

Vai ver, então, que o que quer é dinheiro,
E então quer Grêmio para sustentá-la.

BIANCA

Por causa dele, então, é que me inveja?
Está brincando, e agora eu compreendo
Que o tempo todo só brincou comigo.
Por favor, Kate, liberte as minhas mãos.

KATHERINA

Como vê, tudo é só de brincadeira.

(*Bate nela.*)
(*Entra Batista.*)

BATISTA

Vamos, moça; pra que tanta insolência?
Venha cá, Bianca; a coitadinha chora.
Vá costurar; não se meta com ela.
Mas que vergonha, bruxa dos diabos;
Por que maltrata quem não lhe fez mal?
Acaso ela lhe disse alguma ofensa?

KATHERINA

Seu silêncio me ofende; eu vou vingar-me.

(*Parte para cima de Bianca.*)

BATISTA

Na minha frente? Bianca, vá pra dentro.

(*Sai Bianca.*)

KATHERINA

O quê? A mim não quer? Eu já vi tudo:
Querida é ela; marido é para ela,
Danço eu descalça na festa das bodas.
No que lhe importa, eu posso ir para o inferno;
Não fale mais comigo; eu vou chorar
Até encontrar uma vingança boa.

(*Sai.*)

BATISTA

Que homem já sofreu mais do que eu?
Mas quem vem lá?

(*Entram Grêmio, Lucentio [com traje pobre, disfarçado de Cambio]*; *Petrucchio, com Hortênsio [disfarçado de Litio]; e Trânio [disfarçado de Lucentio]*, *com seu criado Biondello carregando livros e um alaúde*.)

GRÊMIO

Bom dia, vizinho Batista.

BATISTA

Bom dia, vizinho Grêmio.
Deus os salve, cavalheiros.

PETRUCCHIO

E ao senhor. O senhor tem uma filha
Katherina, que é bela e virtuosa?

BATISTA

Tenho uma filha Katherina, sim.

GRÊMIO

Assim é muito; vá mais devagar.

PETRUCCHIO

Não é verdade; por favor, me deixe.
Senhor, sou um fidalgo de Verona;
Sabendo que é bonita e tem espírito,
Que é muito afável, tímida e modesta,
Que é dotada, e suave em seu trato,
Ouso mostrar-me hóspede abusado
Da sua casa, pr'os meus olhos verem
A verdade de tudo que me é dito.
E como entrada, pra ser recebido,
Desejo apresentar-lhe um homem meu,
(*Apresenta Hortênsio*.)
Sabido em músicas e matemática,
Pronto pra instruí-la em tais ciências,

Das quais sei que ela não é ignorante.
Aceite-o, pois se não me faz desfeita.
Seu nome é Litio, e é nascido em Mântua.

BATISTA

O senhor e seu homem são bem-vindos;
Mas sei que a minha filha Katherina
Não lhe serve, por mais que eu o lamente.

PETRUCCHIO

Já vi que não se quer separar dela,
Ou então não gostou deste meu jeito.

BATISTA

Não me interprete mal. Digo o que penso.
De onde vem, senhor? Qual o seu nome?

PETRUCCHIO

Eu sou Petrucchio, e sou filho de Antônio,
Um homem conhecido em toda a Itália.

BATISTA

E por mim. Seja bem-vindo, em seu nome.

GRÊMIO

Sem contê-lo, Petrucchio, agora eu peço
Deixe falar os outros candidatos.
Esperare! É demais oferecido.

PETRUCCHIO

Senhor Grêmio! Perdão, 'stou excitado.

GRÊMIO

Não duvido, senhor; mas é capaz de atrapalhar sua corte.
Vizinho, sei que este é um presente bem-vindo. Para mostrar que minhas intenções também são boas eu — que mais lhe devo em bondade do que qualquer outro, dou-lhe de coração este jovem sábio,
(*Apresenta Lucentio.*)
que estudou em Reims, tão sábio em grego, latim e outras línguas quanto é o outro em música e matemática. Seu nome é Cambio. Por favor aceite os seus serviços.

BATISTA

Mil vezes obrigado, Senhor Grêmio. Bem-vindo, bom Cambio.

(*para Trânio*)
Mas, caro senhor, parece ser um estranho aqui. Permite-me a ousadia de indagar a razão de sua visita?

TRÂNIO

Perdão, senhor; a ousadia é minha,
Por, mesmo sendo estranho na cidade,
Dizer-me candidato à sua filha,
À mão de Bianca, virtuosa e bela.
Não ignoro sequer o seu intento
De querer dar primeiro a irmã mais velha.
O único favor que aqui lhe peço
É que, sabendo de quem sou nascido,
Seja eu bem-vindo entre os que a cortejam,
Tendo o acesso e o favor que têm os outros.
E para a educação de suas filhas
Eu trouxe aqui este instrumento simples,
E estes livros em grego e em latim.
Se os aceitar, aumenta o seu valor.

BATISTA

O seu nome é Lucentio? De onde vem?

TRÂNIO

Sou de Pisa, sou filho de Vincentio.

BATISTA

Muito importante em Pisa. Pelo nome
Conheço muito bem. Seja bem-vindo.
(*a Hortênsio*)
Leve o alaúde
(*a Lucentio*)
e você leve livros.
Vão logo procurar suas pupilas.
Olá!
(*Entra um criado.*)
Menino, leve os cavalheiros
Às minhas filhas; diga ainda às duas
Que são tutores e que os tratem bem.
(*Saem criado, Hortênsio, Lucentio, Biondello.*)

Vamos dar uma volta no pomar
E, depois, para a ceia. São bem-vindos
E assim espero que todos se sintam.

PETRUCCHIO

Senhor Batista, o meu caso tem pressa,
E lazer pra namoro eu tenho pouco.
Conheceu o meu pai, e hoje sou ele,
Único herdeiro de seus bens e terras
Que, ao invés de gastar, eu aumentei.
Se eu conquistar o amor de sua filha,
Diga: que dote me virá com a noiva?

BATISTA

Quando eu morrer, a metade das terras;
E já, de posse, vinte mil coroas.

PETRUCCHIO

Contra esse dote eu garanto a ela
Na viuvez, se a mim sobreviver,
Tudo o que tenho, seja em terra ou posse.
Vamos pois redigir contratos claros
Pra que ambos saibam o que estão jurando.

BATISTA

Sim, depois que obtiver o principal,
Ou seja, o seu amor, que é o crucial.

PETRUCCHIO

Isso é bobagem. Pois lhe digo, pai,
Sou tão firme quanto ela é orgulhosa;
E quando se confrontam duas chamas
A fúria que as sustenta logo queima.
Qualquer foguinho cresce com uma brisa;
Mas vento forte apaga fogo e tudo.
Eu faço o mesmo, e o fogo cede a mim —
Sou duro, não namoro como infante.

BATISTA

Faça como quiser, e boa sorte.
Melhor armar-se pra palavras duras.

PETRUCCHIO

Como as montanhas se armam pros ventos,
Que sopram sempre mas não as abalam.

(*Entra Hortênsio, com a cabeça quebrada.*)

BATISTA

O que é, amigo; por que está tão pálido?

HORTÊNSIO

Garanto que é de medo, se 'stou pálido.

BATISTA

A minha filha vai ser boa música?

HORTÊNSIO

Eu acho que dá mais pra ser soldado.

BATISTA

Ela então não se deu com o alaúde?

HORTÊNSIO

Senhor, ela me deu com o alaúde.
Só disse que ela confundira os trastes,
E tentei consertar seu dedilhado,
Quando ela, parecendo mais diabo,
Disse "São trastes? Pois vou trasteá-lo"
E, falando, ela bateu-me na cabeça,
E furou a viola com o meu coco.
Por um tempo eu fiquei apatetado,
Preso num cepo feito de alaúde;
E ela a me chamar de rabequeiro,
Zeca das cordas e outros termos vis.
Parecendo ter planejado tudo.

PETRUCCHIO

Palavra que ela é moça decidida,
E já a amo umas dez vezes mais.
'Stou louco para conversar com ela.

BATISTA

Pois não se preocupe; venha logo.
Continue a dar aulas à caçula;
Vai aprender e ainda agradecer-lhe.

Senhor Petrucchio, prefere ir comigo,
Ou que eu mande pr'aqui a minha Kate?

PETRUCCHIO

Peço que a mande. Eu espero aqui.
(*Saem todos menos Petrucchio.*)
Pr'um namoro animado quando vier.
Se gritar, eu lhe digo simplesmente
Que ela canta melhor que um rouxinol;
Se franze a testa eu digo que parece
Mais clara e linda que a rosa orvalhada;
Se ficar muda, sem dizer palavra;
Eu elogio a sua falastrice,
Digo que fala com eloquência rara;
Se me mandar embora, eu agradeço
Por insistir que eu fique aqui mais tempo;
Se disser que não casa, eu marco o dia
Pra correrem os banhos e pras bodas.
Lá vem ela. Petrucchio, fale agora.
(*Entra Katherina.*)
Bom dia, Kate; ouvi que esse é o seu nome.

KATHERINA

Pois se ouviu, é que é surdo das orelhas;
Pra quem fala de mim sou Katherina.

PETRUCCHIO

Isso é mentira; todos dizem Kate;
Kate boa, ou então é Kate maldita,
A mais linda das Kates da cristandade,
Kate a morgada, Kate a delicada.
Fique sabendo, Kate do meu consolo,
Que depois de escutar tantos louvores
À sua doçura, virtude e beleza,
Sempre menores do que os que merece,
Fui levado a querê-la por esposa.

KATHERINA

Levado? Pois o que o levou pra cá
O leve embora. Vi desde o princípio

Que era móvel:

PETRUCCHIO

Que era móvel como?

KATHERINA

Um banquinho.

PETRUCCHIO

Acertou. Sente-se em mim.

KATHERINA

Burro e você são feitos para carga.

PETRUCCHIO

Bela carga é a que é feita de mulheres.

KATHERINA

Eu não sou pangaré como você.

PETRUCCHIO

Querida Kate, eu não lhe pesarei!
Pois sabendo como é jovem e leve…

KATHERINA

Leve demais pra que você me pegue,
Mas tendo todo o peso que me cabe.

PETRUCCHIO

Só de carne?

KATHERINA

Falou como urubu.

PETRUCCHIO

E urubu, doce pomba, não a pega?

KATHERINA

Mas pra pomba, isso tudo é comer sapo.

PETRUCCHIO

Vamos, vespa; não 'stá com tanta raiva.

KATHERINA

Se sou vespa, cuidado com o ferrão.

PETRUCCHIO

O remédio que tenho é arrancá-lo.

KATHERINA

Um tolo assim não sabe onde ele fica.

PETRUCCHIO

Quem não sabe onde 'stá o ferrão da abelha?
No rabo.

KATHERINA

Na língua.

PETRUCCHIO

Língua de quem?

KATHERINA

Se é por grossura, na sua; e adeus.

PETRUCCHIO

Que é isso? A minha língua no seu rabo?
Ora, Kate; sou cavalheiro.

KATHERINA

Eu vou ver.

(*Bate nele.*)

PETRUCCHIO

Eu te arrebento, se bater de novo.

KATHERINA

Mas perde na moral.
Se me bater, cavalheiro não é;
Não sendo, não tem mão pr'oferecer.

PETRUCCHIO

Ora, Kate, é você quem dá nobreza?

KATHERINA

E o seu brasão, é uma crista de bobo?

PETRUCCHIO

Galo sem crista, com você galinha.

KATHERINA

Não quero galo com voz de capão.

PETRUCCHIO

E pra que essa cara tão franzida?

KATHERINA

Fica assim quando vejo maçã podre.

PETRUCCHIO

Se aqui não há, não fique aborrecida.

KATHERINA

Se há, se há.

PETRUCCHIO

Então me mostre.

KATHERINA

Só tendo um espelho.

PETRUCCHIO

A minha cara?

KATHERINA

Mirou bem, prum jovem.

PETRUCCHIO

Jovem forte demais para você.

KATHERINA

Com rugas.

PETRUCCHIO

De cuidados.

KATHERINA

O que me importa?

PETRUCCHIO

Escute, Kate. Não pense que me escapa.

KATHERINA

Eu só o irrito; deixe-me ir embora.

PETRUCCHIO

Nem pensar. Eu a acho tão gentil…
Diziam que era grossa e emburrada,
Mas agora 'stou vendo que mentiram;
Que é agradável, alegre e cortês,
Lenta de fala, doce como as flores;
Não se zanga, não olha atravessado,
Não morde o lábio como dona brava;
Nem tem prazer em fala malcriada;
Recebe bem quem vem fazer a corte,
Com conversinha doce e delicada.
Por que dizem que Kate puxa da perna?

Que calúnia! É reta como um tronco;
Como a avelã é toda marronzinha,
E inda mais doce. Ande aí para eu ver.

KATHERINA

Idiota! Dê ordens a quem pode.

PETRUCCHIO

Terá Diana embelezado o campo
Co'a graça que tem Kate em sua casa?
Seja Diana então, e ela Kate —
E seja casta Kate, livre Diana.

KATHERINA

Onde foi que estudou toda essa tala?

PETRUCCHIO

É dom materno. 'Stou improvisando.

KATHERINA

A mãe é sábia, o filho nem sabido.

PETRUCCHIO

Não sou sábio.

KATHERINA

Nem sabe se esquentar.

PETRUCCHIO

Mas vou saber, e bem, na sua cama.
E portanto, deixando de conversa,
Falemos claro: o seu pai consentiu
Que nos casemos; já tratei do dote;
Queira ou não queira, eu caso com você.
Marido bom pra você, Kate, sou eu;
Pois pela luz que me faz ver que é bela,
Co'essa beleza que atraiu meu gosto,
Você casa comigo ou com ninguém.
(*Entram Batista, Grêmio e Trânio.*)
Lá vem seu pai. Não ouse negar nada;
Quero ter e vou tê-la por esposa.

BATISTA

Senhor, como se deu com minha filha?

PETRUCCHIO

Como podia ser, senhor? Fui bem.

BATISTA

Oh, filha Katherina, está tristonha?

KATHERINA

Me chama filha? Pois vou lhe contar
Que demonstrou grande zelo paterno
Desejando que eu case com um maluco,
Cafajeste brigão e desbocado,
Que quer resolver tudo só no grito.

PETRUCCHIO

Meu pai, escute: o senhor e o mundo
Estão errados do que dizem dela.
Se ela é megera, é de caso pensado —
Ela é tão tímida quanto uma pomba;
Não se esquenta, é morninha como a aurora;
Em paciência ela ganha de Griselda
E em castidade ganha de Lucrécia.
Pra concluir, nós nos demos tão bem
Que o casamento sai neste domingo.

KATHERINA

Domingo é bom pra você ir pra forca.

GRÊMIO

Petrucchio, ela quer vê-lo na forca.

TRÂNIO

Isso é que é bem? Lá se foi nossa aposta.

PETRUCCHIO

Calma, senhores. Ela é a minha escolha;
Se está bom pra nós dois, que têm com isso?
Quando sozinhos nós dois combinamos
Que na frente dos outros ela grita.
Eu lhes digo, não dá pra acreditar
O quanto ela me ama. Doce Kate!
Pendurando-se em mim me beijou tanto,
Com tal vontade e fazendo tais juras,
Que eu lhe entreguei o meu amor na hora.
São muito ingênuos; precisavam ver,

Quando ficam sozinhos macho e fêmea,
A pombinha que vira a grande peste.
Kate, dê-me a sua mão; vou a Veneza
Comprar meus trajes para o casamento;
E, pai, fazes convites para a festa.
'Stá tudo bem com a minha Katherina.

BATISTA

Dê aqui a mão; não sei o que dizer;
Felicidades, filha; 'stá tratado.

GRÊMIO E TRÂNIO

Amém, amém, nós somos testemunhas.

PETRUCCHIO

Pai e mulher, senhores, até breve;
Vou a Veneza. O domingo está perto.
Vamos ter coisas, anéis, muito enfeite.
Um beijo, Kate; o casório é domingo.

(*Saem Petrucchio e Katherina*.)

GRÊMIO

Que boda foi armada tão depressa?

BATISTA

Senhores, eu pareço mercador
Me aventurando em mercado de risco.

TRÂNIO

E o seu estoque que andava encalhado
Agora vai dar lucro ou afundar.

BATISTA

O lucro que procuro é que dê certo.

GRÊMIO

O fato é que ele deu um golpe certo.
Mas agora, Batista; e a caçula?
Este é o dia que todos esperavam.
Sou vizinho, e o primeiro a cortejá-la.

TRÂNIO

E eu aquele que ama Bianca mais
Do que possa dizer — e até pensar.

GRÊMIO

Jovem não ama tanto quanto eu.

TRÂNIO

Amor de velho gela.

GRÊMIO

E o seu frita.
Desista, tolo; a idade é que alimenta.

TRÂNIO

Mas é com um jovem que uma moça esquenta.

BATISTA

Calma, senhores, que eu resolvo a briga.
Pro prêmio falam fatos; e, dos dois,
O que garanta mais a minha filha
Terá o amor de Bianca.
Diga então, Senhor Grêmio, o que oferece.

GRÊMIO

Primeiro, a minha casa — como sabe —
É bem fornida de ouro, de prataria,
Jarro e bacia pra lavar as mãos.
Minhas tapeçarias são de Tiro,
Em cofres de marfim guardo moedas,
Em baús de cipreste, ricas colchas.
Cobertas caras, tendas e dosséis.
Linho e coxins são bordados de pérolas.
E as rendas de Veneza são com ouro.
Tenho estanho, latão e tudo o mais
Que uma casa precisa. Na fazenda,
Tenho cem vacas só pra leite e queijo;
Estabulados, 120 bois;
E tudo o mais que complete um tal dote.
Confesso que já sou entrado em anos,
E se morro amanhã é tudo dela,
Des' que seja só minha enquanto vivo.

TRÂNIO

Bem-aplicado o "só". Senhor, escute:
Eu de meu pai sou o único herdeiro.
Se eu tiver sua filha como esposa,
Lhe deixo, em Pisa, três ou quatro casas
Tão boas quanto o amigo Senhor Grêmio
Tiver aqui em Pádua. E além disso,
Dois mil ducados em renda, por ano,
De terra fértil que é parte do dote.
O que foi, Senhor Grêmio; essa doeu?

GRÊMIO

Dois mil ducados anuais em terras!
(*à parte*)
Nem toda a minha terra chega a isso…
Tudo isso ela terá, além de um barco
Que faz agora a rota de Marselha.
O quê; eu o engasguei com o meu veleiro?

TRÂNIO

Grêmio, é sabido que meu pai possui
Três caravelas, mais dois galeões,
E 12 barcos leves. Tudo é dela,
E mais o dobro de sua nova oferta.

GRÊMIO

Já fiz a minha; não tenho mais nada;
Não posso dar a ela mais que tenho.
Se me escolher, tem a mim e o que é meu.

TRÂNIO

Então, diante do mundo a moça é minha,
Pelo que prometeu. Grêmio perdeu.

BATISTA

Confesso que sua oferta é a melhor.
E se seu pai der sua garantia,
Ela é sua: porém, se acontecer
De morrer antes dele, qual o dote?

TRÂNIO

'Stá cavilando. Ele é velho, eu sou jovem.

GRÊMIO

Jovem não é mortal, igual a velho?

BATISTA

Pois muito bem, senhores.
Já resolvi: domingo, como sabem,
Vai casar minha filha Katherina;
No domingo seguinte caso a Bianca
Com o senhor, se me der a garantia.
Se não, com o Senhor Grêmio.
Agora me retiro. E obrigado.

GRÊMIO

Adeus, vizinho.
(*Sai Batista.*)
Agora não o temo
Moleque à toa, o seu pai será tolo
Se lhe der tudo pra, depois de velho,
Comer à sua mesa. Está brincando!
Raposa velha não faz caridade.

(*Sai.*)

TRÂNIO

Raios o partam, seu safado esperto.
Mas enfrentei os trunfos na mão dele.
Na cuca eu tenho o bem do meu patrão,
Porém já vi que este falso Lucentio
Tem de arranjar um bom falso Vincentio.
Vai ser milagre. Em geral são os pais
'Que arranjam filhos; mas neste namoro
Se eu não for tolo um filho gera um pai.

(*Sai.*)

ATO III

Cena I

(*Entram Lucentio, Hortênsio e Bianca.*)

LUCENTIO

Já chega, rabequeiro; isso é abuso.
Será que se esqueceu assim depressa
Da lição que levou de Katherina?

HORTÊNSIO

Mas, pedante metido, esta é
A padroeira dos sons celestiais.
Por isso devo eu ter prerrogativas:
Quando acabar nossa hora de música
Sua lição terá o mesmo tempo.

LUCENTIO

Seu bestalhão, que nunca sequer leu
Que o motivo pra ser criada a música
Foi o do homem refrescar a mente
Após seus estudos e cansaços!
Enquanto eu ensinar filosofia,
Durante as pausas você harmoniza.

HORTÊNSIO

Moleque, não aturo os seus abusos…

BIANCA

Senhores, não me ofendam duplamente
Brigando pelo que é da minha escolha.
Não sou criança para ser mandada;
Eu me recuso a ficar presa a horário;
Só aprendo as lições que me agradarem.
Vamos sentar, para acabar com a briga.
Pegue o seu instrumento e vá tocando;
Enquanto afina, a lição dele acaba.

HORTÊNSIO

Larga a lição tão logo eu afinar?

LUCENTIO

Só em são Nunca. Pegue o instrumento.

BIANCA

Onde paramos?

LUCENTIO

Aqui, madame:
Hic ibat Simois, hic est Sigeia tellus
Hic steterat Priami regia celsa senis.

BIANCA

Pode analisar.

LUCENTIO

Hic ibat, como disse antes — *Simois*, eu sou Lucentio — *hic est*, filho de Vincentio de Pisa — *Sigeia tellu*s, disfarçado para conseguir seu amor — *Hic steterat*, e o Lucentio que lhe faz a corte — *Priami*, é meu homem Trânio — *regia*, ostentando meu aspecto — *celsa senis* para podermos enganar o velho pantalão.

HORTÊNSIO

Madame, o instrumento está afinado.

BIANCA

Deixe-me ouvir. Que horror! O baixo guincha.

LUCENTIO

Cuspa lá dentro, homem; e afine de novo.

BIANCA

Agora vou tentar analisar *Hic ibat Simois*, não o conheço — *hic est Sigeia tellus*, não me merece confiança — *Hic steterat Priami*, cuidado para não nos ouvirem — *regia*, não presuma — *celsa senis*, nem desespere.

HORTÊNSIO

Madame, 'stá afinado.

LUCENTIO

Falta o baixo.

HORTÊNSIO

Também o baixo. O resto é baixaria.
(*à parte*)

Como é fogoso e metido o pedante!
Juro que está de olho em minha amada.
Pedantinho, inda acabo com você.

BIANCA

Talvez confie um dia; agora, não.

LUCENTIO

Não desconfie, pois o próprio Ecides
Era Ajax mesmo, com o nome do avô.

BIANCA

Devo crer em meu mestre. De outro modo,
Continuaria a insistir na dúvida.
Deixe pra lá. Litio, agora é o senhor.
Não quero que se ofenda, meu bom mestre,
Só porque brinco assim com todos dois.

HORTÊNSIO

(*a Lucentio*)
Vá passear; nos dê licença um pouco.
Minha lição não tem nada pra trio.

LUCENTIO

É tão formal? Está bem, eu espero.
(*à parte*)
Mas de olho, pois se não me engano
O nosso músico 'stá apaixonado.

HORTÊNSIO

Senhora, antes que toque no instrumento,
Pr'aprender como eu faço o dedilhado,
Vou começar com os princípios da arte.
Pra ensinar-lhe a escala mais depressa,
De modo mais feliz e eficaz
Que os que usam outros do meu ramo,
Ei-lo aqui todo escrito e desenhado.

BIANCA

Eu passei das escalas já faz tempo.

HORTÊNSIO

Mas tem de ler essa escala de Hortênsio.

BIANCA

(*lê*)
"Sou a Escala, a base da harmonia —
A ré, para cantar o amor de Hortênsio —
B mi, Bianca o aceita por marido —
C fá, dó, ele a ama com paixão —
D sol, ré, duas notas numa clave —
E lá, mi, tenha pena, senão morro."
Chama isso de escala? Eu não gostei!
Gosto mais da forma antiga. Eu não quero
Trocar as regras por invencionices.

(*Entra um criado.*)

CRIADO

Ama, seu pai mandou que deixe os livros
Para enfeitar o quarto de sua irmã.
Amanhã, como sabe, é o casamento.

BIANCA

Adeus, meus doces mestres; já vou indo.

(*Saem Bianca e o criado.*)

LUCENTIO

Não tenho então mais razão pra ficar.

(*Sai.*)

HORTÊNSIO

Tenho eu para espiar esse pedante;
A mim parece quase apaixonado.
Mas, Bianca, se você pousa tão baixo
Que olhe pra qualquer coisa que passe,

Que vá com um deles. Se a pegar infiel,
Hortênsio a larga e muda de quartel.

(*Sai*.)

Cena II

(*Entram Batista, Grêmio, Trânio, Katherina, Bianca, Lucentio e séquito*.)

BATISTA

Senhor Lucentio, é hoje o dia marcado
Pra Katherina casar com Petrucchio
Mas não tenho notícias de meu genro.
O que dirão? Como vão debochar
De faltar noivo quando o padre espera
Pra realizar o ritual da boda!
Que diz Lucentio do nosso vexame?

KATHERINA

A vergonha é só minha. Fui forçada
A dar a mão, contra meus sentimentos
A um cafajeste louco e caprichoso
Com pressa pra noivar, mas não pra boda.
Eu disse a todos que ele era maluco
Que faz piadas pra esconder que é grosso
Para ser tido como brincalhão.
Ele namora mil, marca o casório,
Planeja a festa, faz correr os banhos
Mas nunca casa com quem namorou.
O mundo vai se rir de Katherina
Dizendo: "É a mulher daquele louco"
Isso se ele aparece pra casar.

Trânio

Paciência, Katherina e bom Batista;
Eu juro que Petrucchio age por bem
Seja o que for que o impede de aqui estar.
Embora sem requinte, é muito sério,
E embora seja alegre, ele é honesto.

KATHERINA

Quem dera eu o jamais tivesse visto.

(*Sai chorando, seguida por Bianca e criados*.)

BATISTA

Pois vá; e eu não a culpo por chorar.
Injúria como essa irrita um santo,
Que dirá uma megera impaciente.

(*Entra Biondello*.)

BIONDELLO

Patrão, patrão, novidades!
Tão velhas que nem dá para escutar.

BATISTA

São novidades velhas? Como é isso?

BIONDELLO

Não é novidade saber que Petrucchio vem aí?

BATISTA

Ele chegou?

BIONDELLO

Ora, não, senhor.

BATISTA

E então?

BIONDELLO

Ele vai chegar.

BATISTA

Quando estará aqui?

BIONDELLO

Quando pisar onde estou e olhar para o senhor aí.

TRÂNIO

Mas, afinal, quais são as novidades velhas?

BIONDELLO

Ora, que Petrucchio vem aí de chapéu novo e colete velho; a calça é de terceira encarnação; as botas já serviram pra candeias, sendo uma de fivela e uma de laçada; a espada enferrujada vem do arsenal público, com o punho quebrado e a bainha furada; o cavalo tem a espinhela caída, a sela será mofada e os estribos são diferentes — e além disso é perebento e todo sapecado, com febre de cavalo, furúnculos e bolhas infectadas, com as juntas inchadas, com amarelão, sem cura pras maleitas, mancando das patas, o ombro caído, a mão direita torta, o freio e o bridão malcolocados, e uma rédea de couro de carneiro, que de tanto ser puxada para ele não tropeçar já arrebentou e foi remendada muitas vezes; a barrigueira está em seis pedaços; um rabicho de mulher, todo de veludo com as iniciais dela marcadas em tachas, tudo preso com alfinetes.

BATISTA

Quem vem com ele?

BIONDELLO

Ah, senhor, seu lacaio, ajaezado igualzinho ao cavalo; com uma meia de linho em uma perna e uma bota de malha na outra; com uma tira vermelha e branca para liga; um chapéu velho e quarenta restos fantásticos enfiados nele como pluma; um monstro, um monstrengo de roupa, que não parece nem moleque cristão e nem lacaio de cavalheiro.

TRÂNIO

Alguma coisa o leva a tudo isso.
Às vezes ele anda muito simples.

BATISTA

De um modo ou outro, ainda bem que vem.

BIONDELLO

Mas ele não vem, senhor.

BATISTA

Mas você não disse que ele vem?

BIONDELLO

O quê? Que Petrucchio veio?

BATISTA

Isso, que Petrucchio veio.

BIONDELLO

Não, senhor. Digo que seu cavalo está vindo, com ele nas costas.

BATISTA

Ora, isso é a mesma coisa.

BIONDELLO

Não, por são Janjão,
Eu lhe dou um tostão.
Um homem e um totó
São juntos mais que um só,
Mas não uma porção.

(*Entram Petrucchio e Grumio.*)

PETRUCCHIO

Cadê a moçada? Quem está em casa?

BATISTA

Bem-vindo, senhor.

PETRUCCHIO

Mesmo sem vir bem.

BATISTA

No entanto, sem parar.

TRÂNIO

Gostaria de o ver mais elegante.

PETRUCCHIO

Não é melhor ter pressa e vir assim?
Onde está Kate, a minha noiva linda?
E meu pai? Por que todos com ar zangado?

Por que razão essa gente simpática
Parece olhar pr'alguma coisa estranha,
Algum cometa, algum prodígio raro?

BATISTA

Senhor, sabe que é hoje que se casa.
Primeiro o susto foi que não viesse;
Susto maior é o chegar com esse aspecto.
Vamos, tire essa roupa vergonhosa,
Um olho roxo na cara da festa!

TRÂNIO

E diga-nos que foi tão importante
Que o atrasou pra ver sua mulher
E o fez apresentar-se assim mudado.

PETRUCCHIO

É um tédio pra contar e para ouvir;
Importa é que aqui cumpra o que tratei,
Apesar de uns desvios no caminho
Que com tempo esclareço de tal forma
Que todos se darão por satisfeitos.
Mas que é de Kate? Não quero esperar tanto.
'Stá tarde. Já é hora de ir pra igreja.

TRÂNIO

Não vá ver sua noiva nesses trapos;
Venha comigo, eu lhe empresto umas roupas.

PETRUCCHIO

Nem pense nisso. Assim é que irei vê-la.

BATISTA

Mas espero que não se case assim.

PETRUCCHIO

Assim mesmo. Já chega de conversa;
Ela casa comigo, não com as roupas.
Pudesse o que ela vai gastar em mim
Ser de fácil remendo como as roupas,
Seria bom pra Kate e pra mim ótimo.
Mas pra que perder tempo conversando,
Quando eu quero saudar a minha noiva

E selar tudo com um gostoso beijo.

(*Saem Petrucchio e Grumio.*)

TRÂNIO

Alguma ele pretende com essa roupa.
Mas se possível vamos convencê-lo
De vestir-se melhor para a igreja.

BATISTA

Vou segui-lo, pra ver no que dá isso.

(*Saem Batista, Grêmio, Biondello e criados.*)

TRÂNIO

Patrão, o que nós 'stamos precisando
É agradar o pai dela — e para isso,
Como já disse antes pro senhor,
Vou conseguir um homem — qualquer um
Pode servir, nós damos jeito nele —
Para o papel de Vincentio de Pisa,
Que dará garantias, cá em Pádua,
De soma inda maior que a prometida.
Você goza seu sonho sem problemas
Tendo licença pra casar com Bianca.

LUCENTIO

Pois se o meu companheiro Mestre-escola
Não vigiasse a Bianca o tempo inteiro,
Nós podíamos fugir pra casar.
Uma vez feito, nem a gritaria
Do mundo inteiro tira ela de mim.

TRÂNIO

Eu vou ver, de mansinho, se é possível,
E de que jeito, fazer o que ele quer:

Derrotamos pra isso o velho Grêmio,
O olho de lince do velho Minola,
E o músico amoroso, o tal de Litio.
Tudo isso só por meu amo Lucentio.
(*Entra Grêmio.*)
Já está vindo da igreja, Senhor Grêmio?

GRÊMIO

E nem da escola saí tão contente.

TRÂNIO

A noiva e o noivo 'stão vindo pra casa?

GRÊMIO

O noivo, disse? É mais cavalariço,
E a moça inda vai ver que dos piores.

TRÂNIO

Mais maldito que ela? É impossível.

GRÊMIO

Ele é um diabo, é um demo, um demônio.

TRÂNIO

E ela diaba; ela é a mãe do cão.

GRÊMIO

O quê? Com ele é pomba, é cordeirinho.
Eu lhe digo, Lucentio: quando o padre
Disse "Quer Katherina como esposa?"
"Raios o partam se não quero", disse
Aos gritos; e o padre — só de susto —
Deixou cair o livro e, no apanhá-lo,
O noivo louco deu-lhe um bofetão
Que caiu livro, padre e livro.
E inda gritou "Quem quiser que os levante".

TRÂNIO

Que disse a noiva, enquanto o levantavam?

GRÊMIO

Só tremia, enquanto ele xingava,
Como se o padre o quisesse enganar.
E quando as cerimônias terminaram,
Pediu vinho. "Saúde!" disse, aos gritos,

Qual se estivesse a bordo, com marujos,
Depois da chuva. Entornou vinho doce,
Jogando a borra bem no sacristão,
Sem ter qualquer motivo.
Senão o de ter ele barba rala
E parecer, ao beber, 'star faminto.
Depois pegou a noiva pela nuca
E sapecou-lhe um beijo tão sonoro
Que chegou a dar eco em toda a igreja.
Ao vê-lo, vim de lá, envergonhado
E atrás de mim, eu sei, vem toda a gente.
Nunca vi casamento tão maluco.
Atenção, 'stão tocando os menestréis.

(*Tocam música. Entram Petrucchio, Katherina, Bianca, Batista, Hortênsio, Grumio e criadagem.*)

PETRUCCHIO

Amigos, cavalheiros, obrigado.
Sei que esperam cear comigo hoje,
E o banquete da boda é mais que farto.
No entanto, eu tenho pressa de partir
E por isso eu agora me despeço.

BATISTA

Mas esta noite mesmo vai partir?

PETRUCCHIO

Vou hoje e antes do cair da noite.
Não se espantem. Se soubessem por quê,
Pediriam que eu fosse, não ficasse.
Bons amigos, a todos agradeço
Que aqui me vissem doar a mim mesmo
A essa esposa doce e virtuosa.
Jantem aqui, bebam à minha saúde;
Mas eu tenho de ir; adeus a todos.

TRÂNIO

Eu lhe peço que fique até a ceia.

PETRUCCHIO

Impossível.

KATHERINA

Permita que eu lho peça.

PETRUCCHIO

Eu permito.

KATHERINA

Permite que fiquemos?

PETRUCCHIO

Permito que me peça pra eu ficar.
Ficar, não; mas pedir pode à vontade.

KATHERINA

Se me ama, fique.

PETRUCCHIO

Grumio, meus cavalos.

GRUMIO

Sim, senhor; estão prontos. Já comeram
A aveia todos eles.

KATHERINA

Muito bem.
Faça como quiser. Eu não vou hoje.
Nem amanhã; só vou quando quiser.
'Stá ali a porta; é aquele o seu caminho.
Vá trotando, enquanto a bota está nova.
Mas eu só vou quando tiver vontade.
Pelo visto vai ser noivo trombudo,
Pra ser mandão assim, já de saída.

PETRUCCHIO

Com calma, Kate. Peço que não se zangue.

KATHERINA

Me zango, sim. Que tem você com isso?
Quieto, pai; ele tem de me esperar.

GRÊMIO

Agora vamos ver como é que fica.

KATHERINA

Cavalheiros, entremos pro banquete.
Mulher acaba com papel de boba
Se não mostrar vigor pra resistir.

PETRUCCHIO

Por ordem sua, Kate, todos irão;
Obedeçam à noiva, convidados.
Vão à festa beber, comemorar,
Brindar bem alto a sua virgindade.
Podem festejar bem, ou se enforcar,
Mas minha linda Kate tem de ir comigo.
Não gritem, sapateiem ou se agitem;
Do que a mim pertence eu sou senhor.
Ela é meus móveis, utensílios, casa,
Meus pertences, meu campo, meu celeiro,
Meu cavalo, meu boi, meu asno, tudo.
E aqui está ela. Que a toque quem ousar!
Darei o que fazer ao mais garboso
Que tentar me impedir de ir pra Pádua.
Puxe da espada, Grumio; estou cercado.
Se é homem, salve agora a sua ama.
Não tenha medo, Kate; ninguém a pega. Pra defendê-la eu enfrento um milhão.

(*Saem Petrucchio, Katherina e Grumio.*)

BATISTA

Pois que se vá esse casal tranquilo.

GRÊMIO

Eu morria de rir, se não saíssem.

TRÂNIO

Nunca vi par tão louco da cabeça.

LUCENTIO

E o que pensa a senhora de sua mana?

BIANCA

Que, louca, tem o louco que merece.

GRÊMIO

Petrucchio está Kateado, ao que parece.

BATISTA

Vizinhos, muito embora faltem noivos
Pra completar os lugares na mesa,
Saibam que não há falta de quitutes.
Lucentio, fique com o lugar do noivo,
Enquanto Bianca ocupa o da irmã.

TRÂNIO

A doce Bianca ensaia ser a noiva?

BATISTA

Isso mesmo, Lucentio; agora, vamos!

(*Saem.*)

ATO IV

Cena I

(*Entra Grumio.*)

GRUMIO

Raios partam todos os pangarés exaustos, todos os amos loucos e todas as estradas ruins! Haverá homem que tenha apanhado tanto? Será que alguém já ficou tão sujo? Será que alguém já ficou tão cansado? Me mandam na frente pra acender o fogo, e eles vêm depois, pra se esquentar. Mas se eu não fosse pequenino e esquentado, meus lábios congelavam nos dentes, minha língua no céu da boca, meu coração na minha barriga, antes que eu arranjasse um fogo pra me derreter. Mas eu vou me

esquentar de tanto assoprar o fogo, e pensar que em tempo como este, um cara mais alto se resfriava. Olá! Ei! Curtis!

(*Entra Curtis*.)

CURTIS

De quem é esse chamado frio?

GRUMIO

De uma pedra de gelo. Se duvida, pode deslizar do meu ombro até o pé, só pulando a cabeça e o pescoço. Um fogo, bom Curtis.

CURTIS

Meu amo e a mulher estão vindo, Grumio?

GRUMIO

Isso mesmo, Curtis. Portanto faça fogo, muito fogo, e sem molhar!

CURTIS

E ela é megera tão quente quanto dizem?

GRUMIO

Era, bom Curtis; antes dessa geada. Mas você sabe que o inverno doma homem, mulher e bicho, e já domou meu velho amo, minha nova ama, e a mim.

CURTIS

Sai dessa, amostra de idiota! Eu não sou bicho.

GRUMIO

E eu sou amostra? Pois seu chifre é bem grande, e com esse tamanho eu tenho a ver. Mas acenda logo o fogo, senão eu dou queixa à nossa patroa, cuja mão, agora que ela está à mão, você vai logo sentir esquentando o seu frio, por não ter preparado o calor.

CURTIS

Mas diga, Grumio, como anda o mundo?

GRUMIO

Frio pra todos, pra todo trabalho menos o seu; portanto, taca um fogo aí. Faça o que deve para ter quem te deva, pois o patrão e a patroa estão quase mortos congelados.

CURTIS

Olha aí o fogo, Grumio; conta as novidades.

GRUMIO

Pois então aumenta o fogo, já que eu fiquei no maior frio. Cadê o cozinheiro? Quero saber se o jantar está pronto, a casa arrumada, as teias de aranha varridas, os criados de fatiota nova, de meias brancas, e todos os administradores com as roupas do casamento. Os copeiros de copos cheios cá dentro, as copeiras sem eiras lá fora, os tapetes esticados e tudo em ordem.

CURTIS

Está tudo pronto; de modo que pode dar as novidades.

GRUMIO

Em primeiro lugar, meu cavalo está cansado, e o meu amo e a minha ama já se esborracharam.

CURTIS

Como?

GRUMIO

Caindo da sela na lama; quero dizer, subindo feito rabo!

CURTIS

Como é que é, Grumio?

GRUMIO

Na orelhinha de lá.

CURTIS

A de cá.

GRUMIO

A de lá.

(*Bate nele.*)

CURTIS

Eu queria ouvir, não sentir, as novidades.

GRUMIO

Pois assim elas têm sentido; o bofetão foi para bater na porta da orelha e pedir audiência. Vou começar. Primeiro, descemos uma porcaria de um morro, meu amo cavalgando atrás da minha ama.

CURTIS

Os dois em um cavalo?

GRUMIO

E que diferença faz isso?

CURTIS

A diferença de um cavalo.

GRUMIO

Ora, conta você. Se não tivesse me amolado ia saber como o cavalo dela se esparramou, e ela debaixo dele; ia saber como ela se emporcalhou toda em um lamaçal e como ele deixou ela lá, debaixo do cavalo, e ainda me bateu porque o cavalo da ama tropeçou; como ela ainda teve de sair chapinhando na lama para tirar ele de mim, e ele esbravejou, e ela que nunca tinha implorado implorou, e eu gritei, e os cavalos fugiram, o bridão do dela quebrou, eu perdi meu chicote, e uma porção de coisas que merecem ser lembradas e agora vão morrer esquecidas, com você na sepultura sem saber de nada.

CURTIS

Mas pelo que diz, ele é mais megera do que ela.

GRUMIO

É; o que você e qualquer outro espertalhão vão perceber quando ele chegar em casa. Mas pra que é que eu fico aqui falando? Chamem Nathaniel, Joseph, Nicholas, Philip, Walter, o Papa de Açúcar e todo o resto. Quero todos penteados, os casacos azuis escovados e as ligas combinando. Têm de fazer reverência com a perna esquerda, e coitado de quem puser um dedo em um cavalo antes de beijar as mãos dos patrões. Estão todos prontos?

CURTIS

Estão.

GRUMIO

Mande vir tudo aqui.

CURTIS

Estão ouvindo? Têm todos de enfrentar o patrão para dar as caras com a patroa.

GRUMIO

Ela tem a própria cara.

CURTIS

E quem não sabe disso?

GRUMIO

Você, que está dizendo que vai dar cara para a patroa.

CURTIS

Eu só disse para eles que têm de dar crédito a ela como patroa.

GRUMIO

Ora, ela não vai querer empréstimo de nenhum deles.

(*Entram quatro ou cinco criados*.)

NATHANIEL

Bem-vindo de volta, Grumio.

PHILIP

Oba, Grumio.

JOSEPH

Oi, Grumio.

NATHANIEL

Como é, velho.

GRUMIO

Bom ver vocês. Que tal, pessoal? Como é, caras? Chega de saudações. Então, companheiros, está tudo pronto, as coisas todas em ordem?

NATHANIEL

As coisas estão todas prontas. A que distância está o amo?

GRUMIO

Está bem perto, já quase desmontando, agora.
Portanto, não… Deus que me ajude, silêncio!

Estou ouvindo o patrão.

(*Entram Petrucchio e Katherina*.)

PETRUCCHIO

Cadê a corja? Eu não tenho ninguém
Pra me apear e levar meu cavalo?
Cadê Nathaniel, Gregory, Philip?

TODOS

Aqui, senhor; senhor, olha eu aqui!

PETRUCCHIO

Aqui, senhor; senhor olha eu aqui!
Cabeças-ocas, criados boçais!
Ninguém me serve? Respeita? Obedece?
Cadê o tolo que mandei na frente?

GRUMIO

Aqui, senhor; tão tolo quanto antes.

PETRUCCHIO

Bronco burro! Filho da mãe inútil!
Eu não disse pra m'encontrar no parque,
Levando com você toda essa corja?

GRUMIO

Nathaniel estava sem casaco;
A bota de Gabriel perdeu o salto;
Faltou carvão pra pintar os chapéus;
E uma bainha pra faca do Walter.
Prontos só 'stavam Adam, Rafe e Gregory;
O resto estava roto, espandongado,
'Stá tudo aqui, no estado, pra saudá-lo.

PETRUCCHIO

Safados, vão buscar a minha ceia.
(*Saem alguns criados*.)
(*canta*)

Cadê a vida que eu levava?
Onde estão as…
Bem-vinda, Kate; pode sentar. Comida!
(*Entram criados com a ceia.*)
Então, como é? Boa Kate, fique alegre.
Tirem-me as botas! Como é, calhordas?
(*canta*)
Um frade todo cinzentinho
Partiu e foi no seu caminho…
Fora, safado! Me torceu o pé.
Tome, para tratar melhor o outro.
(*Bate nele.*)
Kate, fique alegre! Tragam água! Andem!
(*Entra um criado trazendo água.*)
E o meu cachorro Troilus? Sai, bandido.
E vá chamar meu primo Ferdinand.
Quero que o beije e que o trate bem.
Os meus chinelos! Vão trazer-me a água?
Venha lavar-se, Kate; muito bem-vinda.
Filho da mãe, por que deixou cair?

(*Bate no criado.*)

KATHERINA

Tenha paciência, não foi por querer.

PETRUCCHIO

Mosquito filho da mãe e safado!
Sente-se, Kate; eu sei que está com fome.
Quem reza, doce Kate; eu ou você?
Isso é carneiro?

1º CRIADO

É.

PETRUCCHIO

E quem mandou?

PETER

Fui eu.

PETRUCCHIO

Está queimado, como a carne.
Mas que cachorros! Que é do cozinheiro?
Como ousam, vilões, trazer pra mesa
Coisas feitas de um jeito que eu não gosto?
Levem tudo: as bandejas, copos, tudo.
(*Atira neles pratos e comida*.)
Seus cabeças de mula, seus grosseiros!
'Stão reclamando? Eu curo vocês todos.

(*Saem os criados*.)

KATHERINA

Marido, por favor, não se apoquente. Com boa vontade, a carne estava boa.

PETRUCCHIO

Eu disse, Kate, 'stava queimada e seca,
E eu fico proibido de tocá-la
Porque provoca cólera e enraivece;
Melhor ficarmos ambos em jejum,
Sendo que somos todos dois coléricos,
Do que comer essa carne tostada.
Paciência; amanhã tudo se ajeita;
Mas esta noite jejuamos juntos.
E agora venha ao leito nupcial.

(*Saem*.)

(*Entram criados vindos de pontos separados*.)

NATHANIEL

Peter, você já viu uma coisa assim?

PETER

Vai sufocá-la com seu próprio humor.

(*Entra Curtis*.)

GRUMIO

Onde está ele?

CURTIS

No quarto dela.
Depois de pregar muito a continência,
Grita e pragueja até que a pobre alma
Nem sabe para onde se virar:
Parece que acordou apatetada.
Tudo pra fora, que ele vem aí.

(*Saem*.)

(*Entra Petrucchio*.)

PETRUCCHIO

Com muita astúcia comecei meu reino,
E espero terminá-lo com sucesso.
Meu falcão já está oco de faminto,
E até baixar o voo ela não come,
Pois como está ela nem vê a isca.
Hei de encontrar caminho pra moldar
Minh'ave-fera até que reconheça
O chamado que a traz para o seu dono;
Ou seja, vou ficar de olho nela
Como em ave que custa a obedecer.
Não comeu e nem come carne hoje,
Não dormiu ontem e nem dorme hoje.
Como na carne, um defeito inventado

Eu encontro na cama ou no enxergão,
Jogo longe o colchão e os travesseiros,
Pra cá a colcha e pra lá os lençóis,
Sempre insistindo, em meio à baderna,
Que tudo é feito por respeito a ela.
Vai ficar toda a noite de vigília;
Se cochilar, eu grito e esbravejo,
Pra mantê-la acordada com o barulho.
Assim se mata a esposa com bondade,
E assim acabo com o mau gênio dela.
E quem domar melhor uma megera,
Por favor fale logo, sem espera.

(*Sai.*)

Cena II

(*Entram Trânio e Hortênsio.*)

TRÂNIO

Será possível, Litio, que a Bianca
Se engrace por alguém que não Lucentio?
Ela me trata muito bem, garanto.

HORTÊNSIO

Pois se quer prova do que eu disse há pouco,
Fique aqui, pr'observar os tais estudos.

(*Entram Bianca e Lucentio.*)

LUCENTIO

Senhora, tem lucrado com o que lê?

BIANCA

'Stá lendo, Mestre? Explique o que está aí.

LUCENTIO

Leio o que sinto; é *A arte de amar*.

BIANCA

'Spero que seja mestre em sua arte.

LUCENTIO

Só se for mestre de meu coração.

HORTÊNSIO

Estudam muito! E agora diga, eu peço,
Se ousa jurar que sua amada Bianca
Ama Lucentio mais que o mundo inteiro.

TRÂNIO

Amor traído, oh mulher inconstante!
Litio, eu lhe digo, isso é um assombro!

HORTÊNSIO

Já chega de enganá-lo; eu não sou Litio,
E nem um músico, como aparento,
Mas alguém que despreza este disfarce
Por alguém que abandona um cavalheiro
Pra endeusar um calhorda igual a esse.
Saiba, senhor, que o meu nome é Hortênsio.

TRÂNIO

Senhor Hortênsio, muito ouvi falar
Da profunda afeição que tem por Bianca,
E com os meus olhos vendo o quanto é fútil,
Eu e o senhor, se concorda, juramos
Repudiar pra sempre o amor de Bianca.

HORTÊNSIO

Veja esses beijos, a corte, Lucentio.
Eis minha mão, e nesta hora eu juro
Jamais buscá-la, e ignorá-la para sempre
Como indigna de meu passado afeto,
Dado com tal largueza e cortesia.

TRÂNIO

E agora faço eu jura sincera:

Co'ela não caso nem que o mundo o peça.
É o fim! Ela é que avança em cima dele.

HORTÊNSIO

Tomara que só sobre ele pra ela!
Quanto a mim, pra cumprir meu juramento,
Vou me casar com uma viúva rica,
Nestes três dias. Me amou todo o tempo
Que eu dediquei a essa bruxa falsa.
Portanto, adeus, Senhor Lucentio.
Não a beleza, a bondade, agora,
Conquista o meu amor; eu já vou indo,
Resolvido a fazer o que jurei.

(*Sai*.)

TRÂNIO

Dona Bianca, bendita a sua graça,
Que cabe bem no abraço de um amante!
Ao pegá-la em flagrante, doce amada,
Abri mão da senhora, como Hortênsio!

BIANCA

É sério, Trânio? Os dois ma abandonaram?

TRÂNIO

Verdade, sim.

LUCENTIO

De Litio estamos livres.

TRÂNIO

Ele arranjou u'a viúva garbosa
Que ele corteja e casa em um só dia.

BIANCA

Boa sorte pra ele.

TRÂNIO

Pois é. E vai domá-la.

BIANCA

É o que diz.

TRÂNIO

Entrou num curso para domadores.

BIANCA

De domadores? Isso existe, mesmo?

TRÂNIO

Sim, senhora; e Petrucchio é o Mestre-escola.
Que ensina todo truque direitinho
Pra domar a megera — e com carinho.

(*Entra Biondello.*)

BIONDELLO

Patrão, 'stou de vigia há tanto tempo,
'Stou de língua de fora, mas achei
Um anjo velho descendo a colina
Que acho que serve.

TRÂNIO

Mas quem é, Biondello?

BIONDELLO

Patrão, um mercador, ou um pedante.
Não sei bem, mas 'stá muito bem-vestido,
E o andar e o jeito são de pai.

LUCENTIO

Que acha, Trânio?

TRÂNIO

Se for tolo e embarcar na minha história,
Vai gostar bem de parecer Vincentio,
Dando a Batista toda a garantia
Que daria o Vincentio de verdade.
Entre com ela, e me deixe sozinho.

(*Saem Lucentio e Bianca. Entra um Pedante.*)

PEDANTE

Senhor, bons dias.

TRÂNIO

Bom dia e bem-vindo.
Ainda vai longe, ou aqui já chegou?

PEDANTE

Uma semana ou duas fico aqui,
Mas depois sigo, pois quero ir pra Roma
E até Trípoli, se Deus permite.

TRÂNIO

Em que lugar nasceu, senhor?

PEDANTE

Em Mântua.

TRÂNIO

Mântua, senhor? Por Deus, não diga isso!
Pra vir a Pádua deve odiar a vida.

PEDANTE

A vida? Como? Isso é coisa séria.

TRÂNIO

Pra Mantuano é sentença de morte
Entrar em Pádua. Não sabe da história?
Prendem seus barcos em Veneza, e o Doge
Por brigas, lá entre o seu Duque e ele,
Faz a proclamação, falada e escrita.
Se não 'stivesse assim, recém-chegado,
Já o teria escutado por aí.

PEDANTE

Ai de mim, no meu caso é bem pior!
Pois trago promissórias de Florença
Que aqui em Pádua é que eu receberia.

TRÂNIO

Pois bem, senhor, por cortesia
Isso eu resolvo, e ainda o aconselho:
Mas diga antes — já conhece Pisa?

PEDANTE

Sim, senhor; já lá estive muitas vezes;

Pisa, famosa por seus homens sérios.

TRÂNIO

E dentre esses, conheceu Vincentio?

PEDANTE

Não em pessoa; só de ouvir falar,
Um mercador de indizível riqueza.

TRÂNIO

Ele é meu pai; e falando a verdade,
Lembra muito o senhor, em seu aspecto.

BIONDELLO

(*à parte*)
Um ovo com um espeto, mais ou menos.

TRÂNIO

Pra salvar sua vida, neste aperto,
Pensando nele eu lhe faço um favor:
Portanto, nunca julgue pouca sorte
Ser parecido com o Senhor Vincentio;
Assuma agora o seu nome e seu crédito,
E sinta-se bem-vindo em minha casa.
Compreendeu? Pois assim pode ficar
Até a conclusão dos seus negócios.
Se achar que é bom, aceite a cortesia.

PEDANTE

Acho, senhor, e o direi para sempre
Meu patrono de vida e liberdade.

TRÂNIO

Venha comigo, então, p'ra acertar tudo.
Por falar nisso, eu preciso informá-lo,
Meu pai é esperado a qualquer dia
Pra avaliar o dote e o casamento
Entre mim e a caçula de Batista.
Hei de instruí-lo sobre as circunstâncias;
Na minha casa terá trajes certos.

Cena III

(*Entram Katherina e Grumio.*)

GRUMIO

Palavra que esse risco é que eu não corro.

KATHERINA

Quanto mais me maltrata mais se irrita.
Casou pra me fazer morrer de fome?
Os mendigos, à porta de meu pai,
Quando pedem, recebem logo esmola;
Se não, têm caridade em outro canto.
Mas eu, que nunca soube mendigar,
Nem, na verdade, precisei pedir,
Morro de fome e de falta de sono,
Sempre acordada por pragas e gritos,
E alimentada só pela zoeira.
E o que me irrita mais do que essas faltas
É ele dizer que tudo é por amor,
Dando a entender que alimento ou sono
Fossem pra mim moléstia — e até fatal.
Eu lhe peço: me arranje uma comida;
Sendo saudável serve qualquer coisa.

GRUMIO

O que me diz de uns chispes?

KATHERINA

Muito bom; pode trazer, por favor.

GRUMIO

Eu acho que é colérico demais;
Mas que tal umas tripas bem grelhadas?

KATHERINA

Gosto muito. Bom Grumio, vá buscar.

GRUMIO

Não sei; talvez também seja colérico.
O que diz de um bom bife com mostarda?

KATHERINA

Sempre foi um dos pratos que mais gosto.

GRUMIO

Sei. Mas mostarda é um pouco quente.

KATHERINA

Então o bife; esqueça a mostarda.

GRUMIO

De jeito algum. Tem de ser com mostarda.
De outro jeito Grumio não traz carne.

KATHERINA

Então os dois, ou um, como quiser.

GRUMIO

'Stá bem, então mostarda sem a carne.

KATHERINA

Saia daqui, escravo enganador,
(*Bate nele.*)
Que me alimenta com o nome de carne.
Maldito seja você, mais a tropa
Que se diverte com o meu sofrimento!
Ande, eu já disse, saia logo!

(*Entram Petrucchio e Hortênsio, trazendo carne.*)

PETRUCCHIO

Como está, minha Kate; abatidinha?

HORTÊNSIO

Senhora, como está?

KATHERINA

Estou gelada.

PETRUCCHIO

Anime-se! Me encare com alegria!
Veja, amor, como fui eficiente:
Preparei eu a carne pra você.
Bondade assim merece um "obrigada".

Não diz nada? Já vi que não gostou.
E afinal foi em vão o meu esforço.
Levem o prato.

KATHERINA

Por favor, que fique.

PETRUCCHIO

Diz-se obrigado ao menor dos favores,
E sem agradecer não toca a carne.

KATHERINA

Obrigada, senhor.

HORTÊNSIO

Que vergonha, Petrucchio! A culpa é sua!
Far-lhe-ei companhia, Dona Kate.

PETRUCCHIO

(*à parte*)
Engula tudo, Hortênsio, se me ama.
Há de fazer-lhe bem ao coração.
Coma depressa, Kate. E agora, doce,
Vamos voltar à casa de seu pai,
Pra festejar como reis da elegância:
Toda a roupa de seda, anéis de ouro,
Golas, punhos, corpetes, saia armada,
Lenços, leques, vários trajes novos,
Pulseiras de âmbar, contas enfeitadas.
Já almoçou? O alfaiate a espera
Pra cobrir o seu corpo de tesouros.
(*Entra o Alfaiate.*)
Vamos ver as belezas, alfaiate.
Abra o vestido.
(*Entra o Mascate.*)
O que nos traz de novo?

MASCATE

Eis o toucado que me encomendou.

PETRUCCHIO

Mas foi panela que usou pra forma?
É veludo cozido! Feio e sujo!
É um caramujo, uma casca de noz;
É um brinquedo, uma touca de bebê?
Leve embora! Quero ver coisa maior.

KATHERINA

Eu não quero maior. Está na moda;
É o toucado das damas requintadas.

PETRUCCHIO

Pois terá um quando for requintada;
Mas antes, não.

HORTÊNSIO

(*à parte*)
O que não será logo.

KATHERINA

Espero ter licença pra falar.
E hei de falar. Não uso mais cueiros,
Melhores que você já me escutaram;
Se não quiser, que tampe os seus ouvidos.
Eu vou falar da raiva no meu peito,
Senão meu coração, que a sente, estoura.
E artrites que isso se dê, eu vou ser livre
No que me der vontade de dizer.

PETRUCCHIO

E com razão. O toucado é chinfrim,
Parece um doce, uma torta de seda,
Mais eu te amo por não gostar dele.

KATHERINA

Ame ou não ame, eu gosto do toucado.
E ou fico com ele ou sem nenhum.

PETRUCCHIO

Sem vestido? Alfaiate, traga aqui.
(*Sai o Mascate.*)
Ora, meu Deus! Que fantasia é essa?
Que é isso? Manga? Parece um canhão!
Toda cortada; é torta de maçã?

E picada, talhada, furadinha,
Parece fumegador de barbeiro.
Que raios; como chama isso, alfaiate?

HORTÊNSIO

(*à parte*)
Não vai ganhar vestido nem toucado.

ALFAIATE

Senhor, pediu que fosse um bom trabalho,
Segundo a moda dos tempos de agora.

PETRUCCHIO

E pedi mesmo. Mas, se bem me lembro,
Não foi de modo a desmandar a moda.
Vá cair da sarjeta por aí;
Minha encomenda é que não pega aqui.
Não quero nada. Arranje-se com outro.

KATHERINA

Eu jamais vi vestido tão bem-feito,
Original, bonito e atraente.
Vai ver que quer que eu fique uma palhaça.

PETRUCCHIO

Foi isso que ele a fez: uma palhaça.

ALFAIATE

Diz ela que o senhor deseja isso.

PETRUCCHIO

Seu fiapo abusado, seu dedal,
Seu meio metro, seu ponta de unha,
Pulga, cocô de mosca, grilo magro!
Me desafia, em casa, com um retrós?
Fora trapo, pedaço, nesga, resto,
Senão o meço tanto com seu metro
Que nunca mais esquece em sua vida.
Já disse que o vestido errou na moda.

ALFAIATE

Erra Vossa Excelência; ele foi feito
Justo como o meu amo o encomendou.
Grumio explicou o que era pra ser feito.

GRUMIO

Expliquei nada; eu só dei o tecido.

ALFAIATE

E como desejava fosse feito?

GRUMIO

Ora, senhor, usando agulha e linha.

ALFAIATE

Mas não pediu que ele fosse cortado?

GRUMIO

Mas não tanto bordado e desfiado.

ALFAIATE

Desfiei, sim.

GRUMIO

Mas não me desafie. Sei que olha muita gente de viés, mas não sou de desaforos enviesados. Disse a seu amo para cortar o vestido, mas não para retalhá-lo. *Ergo*, está mentindo.

ALFAIATE

Está aqui na nota com o feitio para provar.

PETRUCCHIO

Leia.

GRUMIO

A nota mente desavergonhadamente se disser que eu mandei.

ALFAIATE

(*lendo*)
"*Primeiribus*, um vestido bem solto."

GRUMIO

Patrão, se algum dia eu disse vestido solto, que me cosam dentro da saia, e me surrem até morrer com um carretel de linha marrom.

PETRUCCHIO

Continue.

ALFAIATE

"Com uma pequena capa redonda."

GRUMIO

A capa eu confesso.

ALFAIATE

"Com mangas de balão."

GRUMIO

Confesso até duas.

ALFAIATE

"As mangas terão corte curioso."

PETRUCCHIO

Aí é que começa a pouca vergonha.

GRUMIO

Erro na nota, senhor; erro na nota! Pedi que as mangas fossem cortadas e cosidas; e para provar que estou certo, eu o desafio nem que fique todo armado com dedais.

ALFAIATE

Eu estou dizendo a verdade; se o pego em lugar adequado, você ia só ver.

GRUMIO

É quando quiser. Pegue o bastão, me dê seu metro, e vamos ver quem sai mais curto.

HORTÊNSIO

Pelo amor de Deus, Grumio, aí é que ele mede tudo errado.

PETRUCCHIO

Em poucas palavras, não quero o vestido.

GRUMIO

Faz muito bem; ele é para a patroa.

PETRUCCHIO

Seu amo faça co'ele o que quiser.

GRUMIO

Não leva, não, canalha!
Levar o vestido da patroa para o seu amo usar!

PETRUCCHIO

Mas o que é que o senhor está pensando?

GRUMIO

Meu pensamento é mais profundo do que imagina! O vestido da patroa para o amo dele usar. Que vergonha!

PETRUCCHIO

(*à parte*)
Hortênsio, diga que garanto que o alfaiate será pago. — Vá-se

embora! Ande! Leve isso aí, e mais nem uma só palavra.

HORTÊNSIO

(*à parte*)
Alfaiate, amanhã pago o vestido.
Não se ofenda com o dito assim na pressa.
Vá logo, e recomende-me ao seu amo.

(*Sai o Alfaiate.*)

PETRUCCHIO

E agora, Kate, à casa de seu pai,
Com nossas roupas simples e honestas.
Com trajes pobres temos bolsas cheias,
Pois é a mente que enriquece o corpo,
E como o sol penetra um céu nublado
Brilha a honra nos trajes mais humildes.
Vale menos que um gaio a cotovia
Só por serem suas plumas mais bonitas?
É a coral melhor do que a enguia
Porque sua pele agrada mais aos olhos?
Não, boa Kate; você não vale menos
Por estar pobre de trajes e enfeites.
Se achar vergonha, atire a culpa em mim.
Portanto alegre-se. Vamos partir
Pra festejar, na casa de seu pai.
(*para Grumio*)
Chame meus homens; vamos partir logo.
Traga os cavalos pra porta da frente;
Nós descemos a pé pra montar lá.
Vejamos: creio que são sete horas;
Podemos bem chegar para o almoço.

KATHERINA

Ouso afirmar que já são quase duas;
Só chegamos na hora do jantar.

PETRUCCHIO

Só monto no cavalo às sete horas.
Atente pro que eu digo, faço ou penso,
Pois continua me contrariando.
Esqueçam tudo; não viajo hoje;
Partida é só na hora que eu disser.

HORTÊNSIO

O bonitão comanda até o sol.

(*Saem.*)

Cena IV

(*Entra Trânio com o Pedante vestido como Vincentio.*)

TRÂNIO

A casa é esta. O senhor quer que eu bata?

PEDANTE

Mas é claro que sim. Se não me engano,
Talvez o dono lembre-se de mim
De quando há mais ou menos vinte anos
Numa locanda em Gênova nos vimos.

TRÂNIO

Tudo bem; só aguente o jeito e a pose
De austeridade que vai bem a um pai.

PEDANTE

Isso eu garanto.
(*Entra Biondello.*)
Aí vem seu criado.
Melhor que ele esteja bem-treinado.

TRÂNIO

Fique tranquilo. Moleque Biondello.

Agora cumpra o seu dever direito,
Finja que é o Vincentio de verdade.

BIONDELLO

Confie em mim.

TRÂNIO

Já cumpriu sua tarefa com Batista?

BIONDELLO

Eu disse que seu pai 'stava em Veneza
E que o esperava qualquer dia em Pádua.

TRÂNIO

Bom rapaz. Tome aqui pr'uma cerveja.
Lá vem Batista; cuidado com a pose.
(*Entram Batista e Lucentio.*)
Senhor Batista, que sorte encontrá-lo.
Foi deste cavalheiro que falamos.
Seja bom pai pra mim neste momento,
E dê-me Bianca pra meu patrimônio.

PEDANTE

Calma, filho.
Senhor, se me permite, vindo a Pádua
Pra cobrar certas contas, meu Lucentio
Veio falar-me de um assunto sério:
O amor entre ele e a sua filha.
E pelo bem que a seu respeito ouvi,
E o amor que ele tem por sua filha —
E ela por ele — não serei tropeço.
Eu concordo, com o zelo de um bom pai,
Que ele se case, e se isso lhe agrada
Não menos do que a mim, num bom acordo
Há de achar-me contente e inclinado
A consentir que ela venha a ser dele.
Eu não posso inventar dificuldades
Quando o Senhor Batista é tão louvado.

BATISTA

Senhor, perdão pelo que digo agora:
Me aprazem a franqueza e a concisão.

Na realidade o seu filho Lucentio
Ama minha filha e é por ela amado,
A não ser que ambos sejam dois fingidos.
Se me disser, portanto, apenas isto,
Que como pai agirá bem por ele,
Dando um dote bastante à minha filha,
Ficam noivos, e tudo resolvido.
Consinto: a minha filha é do seu filho.

TRÂNIO

Obrigado, senhor. Onde prefere
Que assinemos o acordo e as garantias
Que serão dadas a uma parte e outra?

BATISTA

Na minha casa, não. Lucentio sabe
Que sobram lá criados e ouvidos.
E mais, o velho Grêmio ainda ronda.

TRÂNIO

Se preferir, então, na minha casa.
Lá hospedo meu pai e, logo à noite,
Podemos conversar com discrição.
Mande um criado chamar sua filha,
Que eu mando convocar o escrivão.
O único problema é que esta pressa
Faça que a ceia seja bem fraquinha.

BATISTA

Tudo bem. Cambio, corra até lá em casa
E diga a Bianca que se apronte logo.
Se quiser, conte a ela a novidade
Que o pai de Lucentio está em Pádua
E ela irá ser a esposa de Lucentio.

(*Sai Lucentio.*)

BIONDELLO

Eu espero que sim, de coração.

TRÂNIO

Não perca tempo à toa. Vá-se embora.
(*Sai Biondello. Entra Peter, um criado.*)
Senhor Batista, eu lhe mostro o caminho.
Bem-vindo, hoje a ceia é um prato só.
O passadio é bem melhor em Pisa.

BATISTA

Eu vou segui-lo.

(*Saem.*)
(*Entram Lucentio e Biondello.*)

BIONDELLO

Cambio.

LUCENTIO

O que há, meu amigo Biondello?

BIONDELLO

Viu meu amo piscar para o senhor?

LUCENTIO

Ora, e daí?

BIONDELLO

Nada, palavra. Mas ele me deixou aqui, para trás, para eu discorrer sobre o significado ou moral de seus sinais e indícios.

LUCENTIO

Pois então eu peço que discorra.

BIONDELLO

É o seguinte: Batista está seguro, conversando com o falso pai de um filho falso.

LUCENTIO

E o que faz ele?

BIONDELLO

O senhor tem de levar a filha dele para cear.

LUCENTIO

E daí?

BIONDELLO

O padre velho da igreja de São Lucas está à sua disposição a qualquer hora.

LUCENTIO

E por que tudo isso?

BIONDELLO

Eu não sei, a não ser por estarem eles ocupados com um contrato fingido. Melhor é o senhor acertar seu contrato com ela *cum privilegium ad imprimendum solum*. Para a igreja! Leve o padre e o escrivão, e algumas testemunhas suficientemente honestas. Se não é o que queria, de mim nada mais arranca, mas diga para sempre adeus a Bianca.

LUCENTIO

Escute aqui, Biondello.

BIONDELLO

Não posso ficar. Eu conheci uma moça que se casou quando foi à horta buscar salsa para rechear um coelho. O senhor também pode, senhor; por isso, *adieu*, senhor. Meu amo ordenou que eu fosse até São Lucas para pedir ao padre que fique pronto para quando o senhor aparecer com seu apêndice.

LUCENTIO

E assim farei, se ela está confessada.
Se ela quer, por que hei de hesitar?
Hei de tê-la pro melhor ou pior —
Pior é Cambio não ter seu amor.

Cena V

(*Entram Petrucchio, Katherina, Hortênsio e criados.*)

PETRUCCHIO

Vamos! Avante! À casa de meu pai!
Senhor Deus, como brilha bela a lua!

KATHERINA

A lua? O sol! Não há luar agora.

PETRUCCHIO

Eu digo que quem brilha forte é a lua.

KATHERINA

Mas eu sei que é o sol que brilha forte.

PETRUCCHIO

Pelo filho de minha mãe, eu mesmo,
É lua, estrela, ou o que eu disser,
Antes que eu vá à casa de seu pai.
(*para os criados*)
Podem trazer os cavalos de volta.
Só sabe discordar, contrariar.

HORTÊNSIO

Ou faz o que ele quer ou nós não vamos.

KATHERINA

Já que estamos aqui, vamos em frente.
Seja isso lua, sol, ou o que quiser.
E se disser que é só vela de sebo,
Doravante eu concordo inteiramente.

PETRUCCHIO

Disse que é lua.

KATHERINA

Pois eu sei que é lua.

PETRUCCHIO

'Stá mentindo: é o sol abençoado.

KATHERINA

Deus me abençoe, é o sol abençoado.
Mas não é sol, se você diz que não.
E a lua muda como a sua mente,
E se acaso quiser mudar o nome,
De hoje em diante eu só aceito o novo.

HORTÊNSIO

Vá lá, Petrucchio. Ganhou a batalha.

PETRUCCHIO

Avante! Assim deve correr a bola,
E não dando o azar de desviar.
Silêncio, que aí temos companhia.
(*Entra Vincentio*.)
(*para Vincentio*)
Bons dias, jovem dama; pr'onde vai?
Doce Kate, diga agora — e com verdade —
Acaso já viu dama mais viçosa?
Vermelho e branco lutam por suas faces!
Que estrelas brilham tão belas no céu
Quanto seus olhos em rosto celeste?
Linda donzela, uma vez mais bom dia;
Doce Kate, beije e abrace essa donzela.

HORTÊNSIO

O velho fica louco, de donzela.

KATHERINA

Formosa, delicada, jovem virgem:
Pra onde vai, ou onde — acaso — mora?
Felizes são os pais de uma tal filha,
E mais feliz o homem cuja estrela
A faz de companheira de seu leito.

PETRUCCHIO

Espero que não 'steja louca, Kate.
Este é um homem, fraco e enrugado,
Não uma moça, como você disse.

KATHERINA

Perdoa, pai; o erro dos meus olhos,
Tão ofuscados pela luz do sol,
Que tudo pra que olhei parece verde.
Vejo agora que é um velho respeitável,
Peço perdão pelo meu louco engano.

PETRUCCHIO

Vovô, perdoe e informe-nos, também,
Em que direção vai; se for na nossa,
Será prazer ter a sua companhia.

VINCENTIO

Meu bom senhor, minha alegre senhora,
Cujo encontro me trouxe tanto espanto,
O meu nome é Vincentio e sou de Pisa,
Indo pra Pádua, a fim de visitar
Um filho que não vejo há muito tempo.

PETRUCCHIO

Qual o seu nome?

VINCENTIO

Lucentio, senhor.

PETRUCCHIO

Prazer pra mim; e maior pro seu filho.
Pela lei, hoje, além de pela idade,
Posso eu, então, chamá-lo amado pai.
A irmã desta dama, minha esposa,
Casou-se, a esta altura, com seu filho.
Não se espante ou lamente. Ela tem nome,
Um rico dote e berço de alto nível;
E ela em si revela qualidades
Que a tornam noiva digna até de um nobre.
Velho Vincentio, deixe-me abraçá-lo,
E vamos encontrar seu filho honesto,
Que há de alegrar-se por vê-lo chegar.

VINCENTIO

Isso é verdade, ou acham divertido,
Viajantes alegres, fazer troça
Com viajantes que acaso encontrem?

HORTÊNSIO

Eu lhe garanto, pai. Isso é verdade.

PETRUCCHIO

Venha então constatar essa verdade;
Nosso riso o deixou desconfiado.

(*Saem todos menos Hortênsio.*)

HORTÊNSIO

Petrucchio, suas novas me encorajam.
A viúva! E se ela for abusada,
Você mostrou a Hortênsio a estrada.

ATO V

Cena I

(*Grêmio entra primeiro. Entram Biondello, Lucentio e Bianca.*)

BIONDELLO

Senhor, depressa; o padre está esperando.

LUCENTIO

Vou correndo, Biondello.
Talvez precisem de você em casa; portanto, deixe-nos.

(*Sai com Bianca.*)

BIONDELLO

Não; só quando ele já estiver saindo da igreja é que eu corro o mais rápido que puder para a casa do meu amo.

(*Sai.*)

GRÊMIO

Não sei por que Cambio ainda não veio.

(*Entram Petrucchio, Katherina, Vincentio, Grumio e criadagem*.)

PETRUCCHIO

Essa é a porta da casa de Lucentio;
A de meu pai é mais para o mercado.
Tenho de ir pra lá, e o deixo aqui.

VINCENTIO

Tem de beber comigo antes de ir;
Creio poder saudá-lo nesta casa,
Onde é provável que tenhamos festa.

(*Bate*.)

GRÊMIO

'Stão ocupados. Bata com mais força.

(*O Pedante aparece à janela*.)

PEDANTE

Quem é que está batendo aí embaixo?

VINCENTIO

O Senhor Lucentio está em casa?

PEDANTE

Está; mas não quer falar com ninguém.

VINCENTIO

Nem com um homem que traz cem ou duzentas libras para festejar?

PEDANTE

Guarde as suas libras. Ele não precisará delas enquanto eu viver.

PETRUCCHIO

Eu lhe disse que seu filho era querido em Pádua. Está ouvindo, senhor? Deixando de lado as frivolidades, por favor diga ao

Senhor Lucentio que seu pai chegou de Pisa e está aqui na porta querendo falar com ele.

PEDANTE

Mentira. O pai dele chegou de Mântua e está debruçado aqui nesta janela.

VINCENTIO

Você é o pai dele?

PEDANTE

Sou, segundo diz sua mãe, se é que posso acreditar nela.

PETRUCCHIO

(*para Vincentio*)
Como é isso, cavalheiro!
É muito pouca vergonha tomar para si o nome de outro homem.

PEDANTE

Prendam o vilão. Creio que está querendo dar um golpe em alguém nesta cidade.

(*Entra Biondello*.)

BIONDELLO

Já botei os dois juntos na igreja. Que Deus lhes traga muita coisa boa! Mas quem está aí? Meu velho amo Vincentio! Estamos descobertos e estrepados.

VINCENTIO

(*para Biondello*)
Venha cá, seu enforcado.

BIONDELLO

Espero que só vá se eu quiser, senhor.

VINCENTIO

Venha cá, moleque. O que, já me esqueceu?

BIONDELLO

Esqueci? Não, senhor. E nem podia esquecer de quem nunca tinha visto na vida.

VINCENTIO

O que, grande canalha; nunca viu Vincentio, o pai do seu amo?

BIONDELLO

O quê, o meu respeitadíssimo velho amo?
Claro que sim. Ele está olhando da janela.

VINCENTIO

É mesmo?

(*Bate em Biondello*.)

BIONDELLO

Socorro! Socorro! Tem um louco querendo me matar!

(*Sai*.)

PEDANTE

Socorro, filho! Socorro, Senhor Batista!

(*Sai da janela*.)

PETRUCCHIO

Kate, por favor, venha aqui para o lado, para podermos ver o fim dessa confusão.

(*Entram Pedante, Batista, Trânio e criados*.)

TRÂNIO

Quem é o senhor para bater no meu criado?

VINCENTIO

Quem sou eu? Não, quem é o senhor? Ah, deuses imortais! Vilão horrendo! Um colete de seda, pernas de veludo, capa

escarlate, chapéu de copa alta! Estou perdido, estou perdido! Enquanto junto economias em casa, meu filho e meu criado gastam tudo na universidade.

TRÂNIO

Ora essa, o que é que há?

BATISTA

O que foi? Esse homem é louco?

TRÂNIO

Senhor, o senhor parece ser um cavalheiro já de idade, por seus trajes; mas por suas palavras é um louco. Ora, senhor, o que lhe importa que eu use pérolas ou ouro? Graças a meu bom pai, posso dar-me a esses luxos.

VINCENTIO

Seu pai? Vilão! Ele é um pobre fabricante de velas em Bérgamo!

BATISTA

O senhor se engana, se engana. Por favor, qual pensa que seja o nome dele?

VINCENTIO

Seu nome? Como se eu não soubesse o seu nome! Eu o criei desde os três anos de idade, e seu nome é Trânio.

PEDANTE

Fora, louco estúpido! O nome dele é Lucentio, único filho e herdeiro das terras que pertencem a mim, Senhor Vincentio.

VINCENTIO

Lucentio? Ai, ele assassinou seu amo! Eu lhes peço que o prendam, em nome do Duque. Ai, o meu filho! Diga, bandido, onde está meu filho Lucentio?

TRÂNIO

Chamem um oficial.
(*Entra um oficial.*)
Levem esse louco cafajeste para a prisão. Pai Batista, encarrego-o de providenciar para que ele se apresente na hora certa.

VINCENTIO

Levar-me para a prisão?

GRÊMIO

Espere, oficial. Ele não irá para a prisão.

BATISTA

Não fale, Senhor Grêmio. Eu digo que ele vai para a prisão.

GRÊMIO

Cuidado, Senhor Batista, para não ser enganado nessa história. Ouso jurar que o Vincentio certo é este.

PEDANTE

Jure, se ousar.

GRÊMIO

Não, não ouso jurá-lo.

TRÂNIO

Seria o mesmo que dizer que eu não sou Lucentio.

GRÊMIO

Sim, eu o conheço como o Senhor Lucentio.

BATISTA

Levem o velho gagá para a cadeia!

VINCENTIO

Assim são tratados e ofendidos os forasteiros! Vilão maldito!

(*Entram Biondello, Lucentio e Bianca.*)

BIONDELLO

Estamos fritos; lá está ele. Negue tudo, não o conheça, senão estamos perdidos.

LUCENTIO

(*de joelhos*)
Perdão, meu doce pai.

VINCENTIO

'Stá vivo, filho?

(*Saem Biondello, Trânio e o Pedante, a toda a pressa.*)

BIANCA

Perdão, meu pai.

BATISTA

O que me fez de errado?
Aonde está Lucentio?

LUCENTIO

Estou aqui.
O filho certo do Vincentio certo
Que, por casar, fiz minha a sua filha,
Enganando os seus olhos com supostos.

GRÊMIO

Enganou-nos a todos essa trama.

VINCENTIO

Aonde foi o danado do Trânio
Que, descarado, me desafiou?

BATISTA

Mas digam, esse aí não é meu Cambio?

BIANCA

O Cambio, agora, mudou para Lucentio.

LUCENTIO

É milagre do amor. O amor de Bianca
Fez-me trocar de posição com Trânio.
Enquanto na cidade ele era eu,
Eu tive a sorte de poder chegar
Ao céu sonhado da felicidade.
Tudo o que Trânio fez, foi a meu mando;
Peço, por isso, pai, perdão pra ele.

VINCENTIO

Vou cortar o nariz do vilão que queria me botar na cadeia.

BATISTA

Mas então, senhor, casou com a minha filha sem pedir o meu consentimento?

VINCENTIO

Não se aflija, Batista; nós o satisfaremos.
Mas eu vou entrar, para me vingar desse desaforo.

(*Sai*.)

BATISTA

E eu também, pra entender a trama toda.

(*Sai*.)

LUCENTIO

Calma, Bianca; o seu pai não vai zangar-se.

(*Saem Lucentio e Bianca*.)

GRÊMIO

O meu bolo solou, mas eu vou lá;
Sem esperanças, dá pra festejar.

(*Sai*.)

KATHERINA

Marido, vamos ver o fim da história.

PETRUCCHIO

Se me beijar primeiro, Kate, nós vamos.

KATHERINA

O que, no meio da rua?

PETRUCCHIO

Por quê? Tem vergonha de mim?

KATHERINA

Não, Deus me livre. Vergonha do beijo.

PETRUCCHIO

Vamos pra casa, então. Moleque, em frente!

KATHERINA

Eu beijo, pronto! Amor, vamos ficar.

PETRUCCHIO

Não ficou bem assim, querida?
Antes tarde que nunca, nesta vida.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entram Batista, Vincentio, Grêmio, o Pedante, Lucentio, Bianca, Petrucchio, Katherina, Hortênsio e a Viúva. Atrás, os criados, com Trânio, Biondello e Grumio trazendo um banquete.*)

LUCENTIO

Estamos finalmente em sintonia;
É hora de acabar a guerra fria
E sorrir dos perigos superados.
Minha Bianca, acolha bem meu pai,
Enquanto acolho cortesmente o seu;
Irmão Petrucchio e irmã Katherina,
Você, Hortênsio, e sua meiga Viúva,
Bem-vindos sejam ao meu lar em festa.
Meu banquete é o fecho para o estômago,
Depois das comemorações. Sentados,
Poderemos conversar, não só comer.

PETRUCCHIO

É só sentar, sentar, comer, comer!

BATISTA

Nisso Pádua é gentil, filho Petrucchio.

PETRUCCHIO

Já vi que Pádua é toda gentilezas.

HORTÊNSIO

Pro nosso bem, tomara que assim fosse.

PETRUCCHIO

Juro que Hortênsio já teme a viúva.

VIÚVA

Pode estar certo que eu não temo nada.

PETRUCCHIO

É bom senso, mas não o meu sentido;
Eu disse apenas que Hortênsio a teme.

VIÚVA

O tonto acha que quem gira é o mundo.

PETRUCCHIO

Grande resposta.

KATHERINA

O que quer dizer, dona?

VIÚVA

É o que ele me levou a conceber.

PETRUCCHIO

Eu a levei a…? O que diz, Hortênsio?

HORTÊNSIO

Fala da história que ela concebeu.

PETRUCCHIO

Bom remendo. Dê-lhe um beijo, Viúva.

KATHERINA

"O tonto acha que quem gira é o mundo."
Peço que explique o que isso significa.

VIÚVA

Casado com megera, o seu marido
Ao meu marido empresta as suas dores.
Agora entende o que diz minha imagem?

KATHERINA

Imagem de bobagem.

VIÚVA

É; a sua.

KATHERINA

Faço bobagem, sim, ao respeitá-la.

PETRUCCHIO

A ela, Kate!

HORTÊNSIO

A ela, Viúva!

PETRUCCHIO

Cem marcos como Kate vai derrubá-la.

HORTÊNSIO

Isso é tarefa minha.

PETRUCCHIO

A voz do dono! Isto é à sua saúde!

(*Bebe a Hortênsio.*)

BATISTA

Grêmio, o que acha dessa turma esperta?

GRÊMIO

Trocam marradas com muita elegância.

BIANCA

São coices e marradas. De relance,
Cabeça e rabo só me lembram chifres.

VINCENTIO

E isso foi que despertou a noiva?

BIANCA

Mas não deu susto; vou dormir de novo.

PETRUCCHIO

Isso é que não; pois já que começou,
Vamos ver se resiste a um chiste ou dois.

BIANCA

Sou ave sua? Vou mudar de galho.
Arme o seu arco pra ver se me pega.
São todos bem-vindos.

(*Saem Bianca, Katherina e a Viúva.*)

PETRUCCHIO

Essa fugiu. Vejamos, Senhor Trânio,
Que mirou bem mas não ficou com a ave,
À saúde de quem erra no alvo.

TRÂNIO

Senhor, fui cão mandado por Lucentio,
Desses que amarram para o amo caçar.

PETRUCCHIO

Resposta boa prum cachorro magro.

TRÂNIO

Inda bem que o senhor caçou sozinho;
Dizem que a presa o mantém acuado.

BATISTA

Petrucchio! Trânio foi direto ao alvo.

LUCENTIO

Grato por essa espetadela, Trânio.

HORTÊNSIO

Confessa que ele o acertou, agora?

PETRUCCHIO

Confesso que serviu pra me irritar,
Porém se em mim só pegou de raspão,
Dou dez por um que os acertou em cheio.

BATISTA

Filho Petrucchio, eu lamento dizê-lo,
Mas creio que megera, mesmo, é a sua.

PETRUCCHIO

Pois eu acho que não. E pra prová-lo,
Vamos mandar chamar nossas mulheres —
E o com a esposa mais obediente,
A que venha depressa, ao ser chamada,
Ganha a aposta que aqui acertaremos.

HORTÊNSIO

Concordo. Quanto é?

LUCENTIO

Vinte coroas.

PETRUCCHIO

Vinte coroas?

Isso eu aposto por cão ou falcão;
Minha Kate vale vinte vezes isso.

LUCENTIO

Então cem.

HORTÊNSIO

Eu concordo.

PETRUCCHIO

Eu também. Feito!

HORTÊNSIO

Quem começa?

LUCENTIO

Começo eu.
Biondello, vá dizer que eu 'stou chamando.

BATISTA

Eu meio com você, se ela vier.

LUCENTIO

Nada disso. Eu respondo pelo todo.
(*Entra Biondello.*)
O que é que há?

BIONDELLO

Meu amo, a ama disse
Que 'stá ocupada e que não pode vir.

PETRUCCHIO

O quê? Não vem? Está muito ocupada?
Isso é resposta?

GRÊMIO

É; e delicada.
Reze pra sua não mandar pior.

PETRUCCHIO

Espero que melhor.

HORTÊNSIO

Senhor Biondello, peça à minha esposa
Que venha logo aqui.

(*Sai Biondello.*)

PETRUCCHIO

Mas foi pedido!
Então terá de vir.

HORTÊNSIO

Temo, senhor,
Que a sua, não adiante nem pedir.
(*Entra Biondello.*)
Onde está minha esposa?

BIONDELLO

Disse que o senhor está brincando,
Que não vem, não. Que, se quiser, vá.

PETRUCCHIO

Vai de mal a pior: "que não vem, não".
Isso é vergonha mais que intolerável.
Moleque Grumio, diga à sua ama
Que eu ordeno que venha até aqui.

HORTÊNSIO

Sei a resposta.

PETRUCCHIO

Qual é?

HORTÊNSIO

Que não vem.

PETRUCCHIO

Então azar o meu, é assim e pronto!

(*Entra Kate.*)

BATISTA

Virgem Maria, lá vem Katherina!

KATHERINA

Mandou chamar, senhor? O que deseja?

PETRUCCHIO

Onde estão sua irmã e a viúva?

KATHERINA

'Stão conversando, perto da lareira.

PETRUCCHIO

Vá buscá-las. Se não quiserem vir,
Com uns tapas traga as duas pros maridos.
Vá depressa, já disse; e as traga logo.

(*Sai Katherina.*)

LUCENTIO

É o mais miraculoso dos milagres!

HORTÊNSIO

Se é. Só quero ver no que é que dá.

PETRUCCHIO

Por Deus, em paz, amor, vida tranquila,
Sempre macia, e o mando em mãos corretas.
Em resumo, o que é doce e feliz.

BATISTA

Que tenha boa sorte, bom Petrucchio!
À aposta que ganhou eu acrescento
Às perdas deles vinte mil coroas,
Um dote novo pr'uma filha nova.
'Stá mudada; não é mais como antes.

PETRUCCHIO

Não quero — vou ganhar melhor aposta,
Mostrar melhor a sua obediência,
Sua nova virtude e paciência.
(*Entram Katherina, Bianca e a Viúva.*)
Lá vem ela, trazendo as más esposas;
Prisioneiras da lábia de mulher.
Kate, não lhe vai nada bem o seu toucado;
Livre-se dele; arrebente-o com os pés.

(*Ela obedece.*)

VIÚVA

Senhor, que eu nunca venha a suspirar
Antes de me tornar assim tão tola.

BIANCA

Que vergonha! E inda diz que isso é dever?

LUCENTIO

Quem dera fosse tola assim também.
O seu dever tão sábio, cara Bianca,
Já custou, nesta ceia, cem coroas.

BIANCA

Pela tolice de me impor deveres.

PETRUCCHIO

Kate, diga a essas moças caprichosas
Seu dever pra com o marido e senhor.

VIÚVA

Chega de asneiras. Não me diga nada.

PETRUCCHIO

Diga logo, e comece com essa aí.

VIÚVA

Não vai dizer nada.

PETRUCCHIO

Digo que vai. E comece com esta.

KATHERINA

Que vergonha!
Não franza assim a testa,
Nem lance assim olhares de desprezo
Para ferir seu amo, rei, senhor.
Isso a enfeia como a neve os campos,
Pisa-lhe o nome como o vento as flores,
E não é nunca certo ou agradável.
Mulher feroz é fonte perturbada
Enlameada, grossa, sem beleza,
E enquanto assim não há secura ou sede
Que lhe queiram beber uma só gota.
Seu marido é senhor, é vida, é guarda;
Seu chefe e soberano, ele é que a cuida.

Ele a sustenta; seu corpo ele dedica
Ao mais árduo labor, em terra e mar,
Na noite horrenda e no frio do dia,
Pra deixá-la no lar segura e quente.
E só pede a você, por recompensa,
Amor, beleza e doce obediência —
Pouca paga pra dívida tão grande.
Dever como o do súdito ao monarca
Deve a mulher também a seu marido;
Quando é metida, amarga ou emburrada,
O que é ela senão rebelde em luta,
Traidora vil de seu marido amante?
É um vexame a mulher ser tão ingênua,
Fazer guerra e não implorar a paz,
Ou aspirar mando e supremacia
E não amar, servir, obedecer.
Por que temos o corpo tão suave,
Inapto pra problemas e trabalhos,
Senão pra suavidade e coração
Ficar de acordo com o aspecto externo?
Vamos, vamos, seus vermes abusados,
Já tive pretensões iguais às suas,
Coragem e razão inda maiores,
Brigando com palavra e cara feias.
Mas vejo que são palha nossas lanças,
Com força fraca e uma fraqueza imensa,
Querendo aparentar o que não temos.
Deixem, então, esse orgulho indevido,
Pondo a mão sob o pé de seu marido,
Como sinal do que, se o quer a sorte,
A mão 'stá pronta — que ela o reconforte.

PETRUCCHIO

Mulher é isso! E agora um beijo, Kate!

LUCENTIO

Já ganhou, velho; vai tudo no azeite.

VINCENTIO

É bom o som de criança amansada.

LUCENTIO

Mas dói no ouvido a mulher abusada.

PETRUCCHIO

Venha, Kate; vamos deitar;
Três casaram, mas dois irão penar.
(*para Lucentio*)
Ganhei a aposta, mas você também;
E o ganhador diz: "Durmam todos bem!"

(*Saem Petrucchio e Katherina*.)

HORTÊNSIO

Viva quem doma megera danada.

LUCENTIO

Milagre, mesmo, é ver que foi domada.

(*Saem todos*.)

Sonho de uma noite de verão

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Esta comédia lírica e fantasiosa, misto de romance, mágica e ingênuo humor popular, tem sido a grande favorita do público desde que Shakespeare a escreveu, por volta de 1595-96. A primeira edição, no popular e pequeno formato in-quarto, publicada em 1600, está entre as que apresentam melhor qualidade editorial e menos erros tipográficos, e já na página de rosto lemos:

"Como tem sido por várias vezes apresentada publicamente pelos servos do Mui Honorável Lorde Camerlengo." Tanto a frequência da encenação quanto a publicação, em relativamente pouco tempo após a estreia, são testemunho de um sucesso que só tem crescido nos últimos quatrocentos anos. Durante o governo puritano da *Commonwealth* de Oliver Cromwell, depois de 1642, quando todos os espetáculos foram proibidos e os teatros, fechados e destruídos por serem obra do diabo, os atores ingleses ficaram reduzidos à apresentação de pequenos esquetes, chamados *drolls*, em casa de nobres dispostos a exercer — às escondidas — essa forma de protesto contra os exageros da ditadura religiosa; Robert Cox foi o ator que criou a forma, e uma de suas primeiras apresentações foi a de *Os alegres conceitos de Zé Bobina, o tecelão*, que ele engendrou a partir de *Sonho de uma noite de verão*.

A constante popularidade, no entanto, nem sempre encontrou eco na crítica: o famoso *Diário* de Samuel Pepys, que registra uma infinidade de espetáculos montados logo após a Restauração (da monarquia inglesa), em 1660, anota em 29 de setembro de 1662: "[fui] ao Teatro do Rei, onde vimos *Sonho de uma noite de verão*, que eu jamais havia visto, nem verei de novo, pois é a peça mais insípida e ridícula que vi em toda a minha vida." Montada então em um pequeno palco italiano, e com o texto mutilado recheado de bailados inúteis, não é de espantar que Pepys não tenha gostado desse *Sonho*. As apreciações negativas têm sido sempre resultado de excesso de ênfase dos encenadores sobre os aspectos visuais, ou da cegueira de eruditos em captar a visão nascida do fantástico entrelaçamento de três tramas em um enredo (já

por si uma prova do cuidado na construção dramática), ou do elaborado conteúdo que esse jogo tão trabalhosamente refinado abriga. Felizmente para nós, do século XX, o despojamento cênico, nascido da redescoberta do palco elisabetano, tem caminhado ao lado da preocupação com a transmissão da temática do *Sonho*. E as opiniões desde há muito deixaram de ter qualquer coisa a ver com a ostentada por Pepys…

A respeito de determinados aspectos do *Sonho*, há total consenso: uma das mais curtas obras de Shakespeare, ela foi escrita para as comemorações de um casamento realizado em alguma grande mansão particular, e a versão que conhecemos é o resultado de ligeiras alterações feitas pelo poeta para sua peça poder ser apresentada ao grande público do teatro profissional. Uma delas é a substituição da *masque* final, que seria muito pessoal, pela bênção dos noivos e da casa, totalmente coerente com a ação, porém de significado mais abrangente. Bem menos consenso, no entanto, existe em torno de qual teria sido o casamento que motivou a composição da comédia; depois de uns quatro ou cinco candidatos andarem no páreo, hoje restam apenas dois: o de Elizabeth Vere com William, Conde de Derby, realizado em Greenwich a 26 de janeiro de 1595, e o de Elizabeth Carey com Thomas, filho de Henry, Lorde Berkeley, realizado a 19 de fevereiro de 1596. Para a identificação das bodas em questão, é indispensável a presença da rainha Elizabeth I na festa, motivo para os óbvios elogios do poeta (normalmente pouco dado a isso) à monarca. No primeiro caso, a presença real é documentada; no segundo, não há documentação, porém a noiva era filha de Sir George Carey, primo da rainha pelo lado de sua mãe, Ana Bolena. Tanto George Carey quanto seu pai, Henry, ostentaram o título de Lorde Hunsdon, ambos ocuparam o cargo de Lorde Camerlengo e ambos foram patronos da companhia (Lorde Chamberlain's Men) para a qual Shakespeare escreveu durante toda a sua carreira profissional documentada. É mais do que provável que Elizabeth I comparecesse ao casamento da filha de um primo, por quem sempre mostrou afeto e a quem sempre distinguiu; mais provável ainda é que seu patrono requisitasse o talento da companhia teatral que usava seu nome para participar desses festejos.

Só o talento de um Shakespeare escolheria para comemorar um casamento um tema que englobasse não só a realização de uma cerimônia igual à que estava sendo celebrada, como também todas as incoerências, os caprichos e descaminhos do amor, com todos os tropeços e agruras por que este passa até

chegar a se realizar em um casamento harmônico e permanente. Um dos mitos criados a respeito de Shakespeare diz que ele não criava enredos originais, mas o *Sonho* não tem fontes conhecidas, a não ser algumas sugestões para nomes ou detalhes de situações: Teseu e Hipólita, cujo casamento é o motivo ostensivo da ação, não têm absolutamente nada a ver com seus homônimos da lenda grega; e, se Teseu tampouco tem qualquer conexão com o retratado em Plutarco, talvez pudesse reconhecer-se ao menos como parente distante do Teseu do "Conto do Cavaleiro", dos *Contos de Cantuária*, de Chaucer. Quem aparece na comédia com esse nome, na verdade — e apesar de tudo se passar nominalmente na Grécia —, é um nobre inglês que planeja a festa de seu casamento exatamente como o faria qualquer compatriota seu no mesmo nível social e econômico ao tempo de Elizabeth I.

Mais misteriosa ainda é a origem dos habitantes do reino das fadas: Oberon havia aparecido na peça *James IV*, de Robert Greene, com função semelhante, mas não com o mesmo tipo de personalidade, e Shakespeare pode ter encontrado seu nome no romance francês *Huon de Bordeaux*. Já Titânia parece ter sido batizada com um dos nomes de Circe, em Ovídio, mas também sem a mais remota ligação com a personalidade desta. As fadas que a servem, como pode ser visto por seus nomes, não saíram das tradicionais matrizes do lendário medieval, mas sim do folclore campestre de Stratford-upon-Avon: Semente de Mostarda, Ervilha-de-Cheiro, Teia de Aranha e Mariposa não têm nada a ver com as fontes remotas dos Grimm ou de Perrault, mas ficariam perfeitamente à vontade na "grega" floresta de Arden, bem vizinha à cidade natal do poeta, onde seria encontrado igualmente Puck, tão moleque e folclórico quanto o nosso Saci.

Não há dúvida de que, em sua Stratford natal e seus arredores, Shakespeare deve ter encontrado mais de uma vez grupos de teatro amador tão incompetentes e tão comoventes quanto o formado pelos respeitáveis artesãos que, como faziam os colonos das grandes propriedades de nobres ingleses, apresentavam seus espetáculos em ocasiões festivas daquele entorno de que suas vidas giravam: só a riquíssima tradição teatral inglesa produziria a *Mui lamentável comédia e crudelíssima morte de Píramo e Tisbe*. E, para completar o quadro do elenco, restam ainda os dois casais de namorados, de certo modo uma nova e sofisticada concepção das incríveis confusões entre aparência e realidade que deram vida à *Comédia dos erros*.

Como diz John Russell Brown em seu notável *Shakespeare and His*

Comedies, no *Sonho*, Shakespeare ilustra irretocavelmente "a verdade do amor"; e não há dúvida de que essa verdade é caprichosa e mutável até que quem ama amadureça e compreenda o amor como algo mais do que aquela primeira impressão que chega pelos olhos. A verdade de quem ama não tem nada a ver com "a verdade" absoluta, se é que esta realmente existe — muito propositadamente, Shakespeare cria Lisandro e Demétrio praticamente indistinguíveis: ambos são bem-apessoados, bem-nascidos, ricos, nobres e mais ou menos igualmente tolos; mas, mesmo assim, a verdade do amor de Hérmia faz com que ela *adore* Lisandro e *odeie* Demétrio. Aliás, Shakespeare, já por vezes acusado de machista, mostra suas duas heroínas bem mais fiéis, dedicadas e conscientes de seu amor do que os dois rapazes, que a par de sua natural inconstância têm a perturbá-los as estripulias de Puck e o suco do amor-perfeito pingado nos olhos, que provoca paixão tão cega e arbitrária pelo primeiro ser vivo visto quanto a que nasce espontaneamente nos quatro jovens amantes da peça.

O amor, então, entra pelos olhos, mesmo que no momento em que isso acontece o recém-apaixonado acredite firmemente que o que os olhos veem seja exclusivamente determinado pela mente — e, na verdade, é esta a realmente afetada. Shakespeare sublinha magistralmente essa conflituada convicção de verdade, ao mostrar que Titânia acha normal sua repentina paixão por Bobina transformado em asno, e os rapazes argumentando que são sensatos seus confusos amores, enquanto Hérmia defende a verdade de seu amor, desejando que Egeu, seu pai, visse Lisandro com os olhos dela…

O casamento de Teseu e Hipólita, a realizar-se dentro de quatro dias, desde quando começa a peça, não constitui a principal ação da trama do *Sonho*, mas estabelece o esquema dentro do qual todos os conflitos terão de ser solucionados. Não há dúvida de que se pode até certo ponto afirmar que o casal não é essencial, e que o casamento de qualquer outro par poderia cumprir essa tarefa de "moldura" da trama principal; mas, dentro do quadro de desencontros e conflitos amorosos afinal resolvidos com sucesso, que escolha poderia ser melhor do que a deste casal que se enfrentou em termos de guerra para só depois descobrir um amor suficientemente estável para levá-los ao casamento? Na corte, na serena convicção dos sentimentos desses dois amantes antes inimigos, nem tudo é propício ao amor: Egeu não quer que a filha se case com quem ama, mas sim com quem ele escolhe — e as leis de "Atenas" confirmam seu poder de vida e morte sobre a filha; Hérmia e Lisandro

resolvem fugir, são perseguidos por Helena e Demétrio, e os quatro se perdem na floresta, assim como estão perdidos para a harmonia das relações humanas em função de suas emoções. Na floresta, ficam a salvo das pressões familiares e legais, mas continuam conflituados em suas imaturas emoções, o que logo vemos que não é privilégio dos humanos: Oberon e Titânia, apesar de sua total liberdade de reis do mundo das fadas, têm desavenças matrimoniais tão corriqueiras quanto as dos pressionados pelos vários tipos de autoridade do grupo social constituído. E na floresta estão também, ensaiando, os artesãos que vão apresentar sua tragédia sobre o amor contrariado — em cuja interpretação fracassam por serem prisioneiros de sua ingênua incapacidade de expressar corretamente sentimentos que não sejam realmente os seus; em sua tentativa de criarem "arte", mostram-se tão incapazes quanto os apaixonados de distinguir entre aparência e realidade, entre o real e o imaginário.

Todos tropeçam em seus caminhos, mas mesmo que Puck — que não tem sentimentos — possa dizer "Senhor, que tolos são esses mortais!", não há qualquer tipo de moralização, de conselhos, de conclusões de almanaque: a natureza assim fez os humanos, e eles têm de aprender com sua própria experiência a encontrar o caminho do equilíbrio na vida interior. Extraordinário é que nas sequências da floresta, mantendo o lirismo e a brincadeira em equilíbrio suficientemente instável para assustar qualquer malabarista, Shakespeare consiga transmitir, muito claramente, que seus jovens e seus artesãos passam por uma forte e enriquecedora experiência que transformará suas vidas de modo permanente e, implicitamente, transmite que nós devemos compreender melhor os que passam por tais crises.

Sonho de uma noite de verão pertence à mesma fase intensamente lírica de *Romeu e Julieta* e *Ricardo II*, e para a criação de seu universo múltiplo, três grupos distintos de personagens — as fadas, os artesãos e os nobres — se entrelaçam para retratar os acertos, desacertos, arbitrariedades, conflitos, altruísmos, egoísmos, agruras e ternuras pelos quais passam os que amam até ficarem prontos para o equilíbrio e a realização do casamento. Shakespeare opta por um caminho complexo; com menos de 20% de seu texto em prosa, mesmo sem contar as canções, Shakespeare usa rima em ligeiramente mais do que 56,5% dos versos, que evocam os mais variados climas e emoções. Só os artesãos usam a prosa como veículo normal de expressão, e suas incursões pelos mistérios do verso da comédia que representam são tão perturbadas quanto as dos dois jovens casais de namorados pelos perigos da floresta e do amor. Em

todas as tramas, como em todos os caminhos, é perene a preocupação de Shakespeare com a aparência e a realidade, talvez o tema mais constante de toda a sua obra.

Sonho de uma noite de verão, enfim, é uma prova viva de que o leve e o divertido não precisam ser sinônimos do vazio ou do gratuito; a mais fantasiosa e delicada das comédias pode nos fazer compreender um pouco mais e aceitar um pouco mais a condição humana.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

TESEU, Duque de Atenas
HIPÓLITA, rainha das Amazonas, noiva de Teseu

LISANDRO
DEMÉTRIO
} jovens cortesãos apaixonados por Hérmia

HÉRMIA, apaixonada por Lisandro
HELENA, apaixonada por Demétrio
EGEU, pai de Hérmia
FILOSTRATO, mestre dos festejos de Teseu
OBERON, rei das fadas
TITÂNIA, rainha das fadas
FADA, a serviço de Titânia
PUCK, ou ROBIN GOODFELLOW, bobo e servidor de Teseu

ERVILHA-DE-CHEIRO
TEIA DE ARANHA
MARIPOSA
SEMENTE DE MOSTARDA
} fadas a serviço de Titânia

QUINA, o carpinteiro — Prólogo no Interlúdio
BOBINA, o tecelão — Píramo no Interlúdio
SANFONA, o remendão de foles — Tisbe no Interlúdio
JUSTINHO, o marceneiro — Leão no Interlúdio
BICUDO, o funileiro — Muro no Interlúdio
FOMINHA, o alfaiate — Luar no Interlúdio
Outras fadas no séquito de Oberon e Titânia
Nobres e criados dos séquitos de Teseu e Hipólita

ATO I

Cena I

(*Entram Teseu, Hipólita, Filostrato e séquito.*)

TESEU

Aproxima-se a hora, bela Hipólita,
De nossas núpcias. Quatro alegres dias
Trarão a lua nova; mas, pra mim,
Como é lento o minguante! Ao meu desejo
Ele lembra a madrasta ou tia velha
Que custa a dar ao jovem sua herança.

HIPÓLITA

Quatro dias em breve serão noites;
Quatro noites do tempo farão sonhos:
E então a lua nova, arco de prata
Retesado no céu, verá a noite
De nossas bodas.

TESEU

Filostrato, vai!
Conclama a Atenas jovem para a alegria;
Desperta o espírito do riso leve;
Melancolia é bom pra funerais:
Não quero gente triste em nossa festa.
(*Sai Filostrato.*)
Querida, fiz-lhe a corte com uma espada,
E conquistei-lhe o amor com rudes golpes;
Mas vamos nos casar num outro tom,
Com pompas, com triunfos e com festas.

(*Entram Egeu, sua filha Hérmia, Lisandro e Demétrio.*)

EGEU

Salve, Teseu, nosso afamado duque!

TESEU

Bom Egeu, obrigado. O que há de novo?

EGEU

Aqui venho vexado, pra queixar-me,
E acusar a Hérmia, minha filha.
Demétrio, vem aqui. Nobre senhor,
Este homem teve a minha permissão
Pra casar-se com ela. Aqui, Lisandro.
Mas este, meu senhor, com encantamentos,
Prendeu-me a filha. Tu lhe deste versos,
Trocaste juras com a minha Hérmia,
Fizeste-lhe serestas ao luar,
Fingindo amor com voz esganiçada,
Captando toda a sua fantasia,
Com fios de cabelo, anéis, bobagens,
Berloques, florezinhas e até doces
(Que falam forte à fraca juventude).
Com mil ardis roubaste o coração
De minha filha, e sua obediência
(Que era minha) agora é teimosia.
Bom duque, se ela aqui, aos vossos olhos,
Não aceitar casar-se com Demétrio,
Invoco a antiga lei ateniense:
Sendo minha, posso eu dela dispor;
Ou ela vai pra este cavalheiro,
Ou pra morte, segundo a nossa lei,
Que abrange todo caso igual a este.

TESEU

O que diz, Hérmia? E pense bem, mocinha:
Seu dever é ter seu pai como um deus,
Aquele que compôs sua beleza,
Pra quem você não passou de uma cera
Que ele mesmo moldou, com seu poder
De dar-lhe forma ou de a desfigurar.

Demétrio é um rapaz de grande mérito…

HÉRMIA

E Lisandro também.

TESEU

Como pessoa.
Porém, não tendo o voto de seu pai,
Temos de achar que o outro mais merece.

HÉRMIA

Se ao menos meu pai visse co'os meus olhos.

TESEU

Antes os seus devem julgar co'os dele.

HÉRMIA

Eu rogo a Vossa Alteza que perdoe;
Não sei que força encontro para ousar,
Nem como ofendo, assim, o meu pudor,
Por proclamar aqui meus pensamentos.
Mas rogo a Vossa Graça que me informe
Qual o pior castigo a que me arrisco,
Se eu me recuso a desposar Demétrio.

TESEU

Ou a pena de morte ou o repúdio
Eterno da presença masculina.
Portanto, bela Hérmia, questione
Seus desejos de jovem e o seu sangue,
Pra saber se, negando a voz paterna,
Vai suportar o hábito de freira,
Presa pra sempre em obscuro claustro,
Vivendo irmã estéril toda a vida,
Cantando, à lua fria, frias loas.
Benditas as que o sangue assim dominam
E fazem casta peregrinação;
Porém é mais feliz, aqui na Terra,
A rosa destilada do que aquela
Que, murchando no espinho, virgem cresce,
Vive e morre em solidão abençoada.

HÉRMIA

Senhor, que assim eu cresça, viva e morra,
Antes que eu ceda a minha virgindade
À opressão de um amo indesejado,
Que minh'alma não quer por soberano.

TESEU

Reflita até chegar a lua nova,
Data que une a mim o meu amor
E faz-nos companheiros para sempre.
Esteja pronta, então, para morrer
Por não querer obedecer seu pai.
Ou obedece e casa com Demétrio,
Ou no altar de Diana vai jurar
Viver pra todo o sempre casta e austera.

DEMÉTRIO

Concorde, Hérmia; e Lisandro, ceda
Sua posse louca ao meu direito certo.

LISANDRO

Demétrio, você tem o amor do pai,
Eu o de Hérmia; case-se com ele.

EGEU

Desdenhoso Lisandro, é bem verdade:
Ele tem meu amor; e o que é meu
O meu amor dará a ele; e ela
É minha e meus direitos sobre ela
Eu concedo a Demétrio.

LISANDRO

Senhor, eu sou igual a ele em berço
E dotes; meu amor inda é maior;
Minha fortuna em tudo é semelhante,
Senão mais rica do que a de Demétrio.
E, mais que tudo que ele possa ter,
Eu sou amado pela bela Hérmia.
Não devo então buscar o meu direito?
Demétrio, e eu lhe digo isso na cara,
Antes de Hérmia namorou Helena;
Ganhou-lhe a alma e a pobre adora

Com devoção, e até com idolatria,
Esse homem infiel e inconstante.

TESEU

Confesso que já tive tal notícia
E pensei em falar disso a Demétrio;
Ocupado, porém, com assuntos meus,
Acabei esquecendo. Mas, Demétrio,
Venha comigo; e Egeu também. A ambos
Quero dar instruções particulares.
Hérmia, você precisa preparar-se
Pra submeter seus sonhos a seu pai;
Senão a lei de Atenas a entrega
(E não podemos nunca atenuá-la)
À morte ou ao voto de celibatária.
Vamos, Hipólita. O que foi, amor?
Demétrio e Egeu, venham comigo agora;
Quero dar-lhes tarefa que é ligada
Às nossas núpcias, e falar um pouco
De um outro assunto, que lhes diz respeito.

EGEU

Nós o seguimos, por dever e amor.

(*Saem todos, menos Lisandro e Hérmia*.)

LISANDRO

Então, amor? Por que ficou tão branca?
Por que já feneceram essas rosas?

HÉRMIA

Talvez falta de chuva; mas eu posso
Regá-las com a torrente dos meus olhos.

LISANDRO

Em tudo aquilo que até hoje eu li,
Ou em lendas e histórias que eu ouvi,
O amor nunca trilhou caminhos fáceis:

Seja por desavenças de família —

HÉRMIA

Ó cruz, grande demais para ser leve —

LISANDRO

Ou por um desacerto nas idades —

HÉRMIA

Ó ódio, que separa velho e jovem —

LISANDRO

Ou por interferência dos amigos —

HÉRMIA

Ó inferno, ver o amor com olhos de outros —

LISANDRO

Ou, quando existe acordo na escolha,
A guerra, a morte ou a doença atacam
E o transformam em som que mal se ouve,
Em sombra célere, em sonho rápido,
Em breve raio no negror da noite
Que em um momento mostra o céu e a terra,
Mas antes que alguém possa dizer "Veja!"
É devorado pela escuridão:
O que brilha num instante se confunde.

HÉRMIA

Se o verdadeiro amor sempre sofreu
Deve ser uma regra do destino.
Ensinemos então às nossas dores
A paciência, cruz que é costumeira
Tão devida ao amor quanto lembrança,
Sonhos, suspiros, lágrimas, desejos,
Que são o séquito da fantasia.

LISANDRO

É bem lembrado, mas agora escute:
Tenho uma tia, de há muito viúva,
De grandes posses, mas que não tem filhos —
Que mora a sete léguas de Atenas
E que me tem como seu filho único —,
Hérmia, lá nós podemos nos casar

E lá não pode a rude lei de Atenas
Nos perseguir. Se, então, você me ama,
Foge amanhã da casa de seu pai
E à noite, já bem fora da cidade,
Na floresta (onde a encontrei um dia
Junto com Helena nos festins de maio)
Espero por você.

HÉRMIA

Meu bom Lisandro,
Eu juro pelo arco de Cupido,
Pela ponta de ouro de sua flecha,
Pela pureza das pombas de Vênus,
Pelo que as almas une e o amor fomenta,
Pelo fogo que a Dido consumiu
Quando partiu o pérfido troiano,
Por toda jura por homem quebrada
(E são bem mais que a por mulher partida),
No local que você determinar,
Com você amanhã hei de encontrar.

LISANDRO

Não falte, meu amor. Lá vem Helena.

(*Entra Helena.*)

HÉRMIA

Bela Helena, mas de onde vem correndo?

HELENA

Disse bela? Pode ir se desdizendo.
Bela é você, que Demétrio aprecia:
Seus olhos são o norte, e a melodia
De sua língua é o canto do pastor
Quando o trigo está verde e o campo em flor.
Doença pega; por que não a face?
Quem me dera que a sua me pegasse!

O meu ouvido ia captar seu tom,
Meu olho o seu, a minha voz seu som.
Se o mundo fosse meu, eu só tirava
Pra mim Demétrio; o resto eu lhe entregava.
Diga que olhar… que foi… que jeito deu,
Que o coração de Demétrio prendeu?

HÉRMIA

Fico emburrada e o amor dele cresce!

HELENA

Se o meu sorriso esse efeito tivesse!

HÉRMIA

É só xingar que ele fala de amor.

HELENA

Mas nem rezando eu consigo esse ardor.

HÉRMIA

Mais o odeio, mais ele me rodeia.

HELENA

Mais o rodeio, mais ele a mim odeia.

HÉRMIA

Se ele está louco, a culpa não é minha.

HELENA

Mas é bela, e a beleza não é minha.

HÉRMIA

Alegre-se: o meu rosto vai sumir;
Lisandro e eu daqui vamos partir.
Até o dia em que o conheci,
Atenas era um céu que eu tinha aqui;
Não sei por quê, mas este amor tão terno
Transformou o meu céu em um inferno.

LISANDRO

Nosso plano a você vou revelar:
Amanhã, quando a lua for olhar
No reflexo das águas seu semblante,
Para orvalhar a folha tremulante
(Hora que esconde o amante foragido),
Nós dois de Atenas vamos ter fugido.

HÉRMIA

E na floresta onde nós, unidas,
Deitávamos nas amplidões floridas,
Contando o que trazíamos no peito,
Lisandro e eu temos encontro feito;
Depois, Atenas nós não mais veremos.
Adeus, amiga. E se por nós orar,
A sorte o seu Demétrio há de lhe dar.
O nosso amor, Lisandro, vai jejuar
Até amanhã do alimento do olhar.

(*Sai.*)

LISANDRO

Sei disso, Hérmia. Helena, agora adeus;
Que os sonhos de Demétrio sejam seus.

(*Sai.*)

HELENA

Que bom alguém por outro ser feliz!
Eu também sou bonita; é o que se diz;
Mas Demétrio não acha. O que fazer?
Só ele ignora o que não quer saber.
Se ele é tolo ao amar o olhar dela,
Ao amá-lo, eu caí numa esparrela.
Às coisas vis, que não têm qualidade,
O amor empresta forma e dignidade:
Porque não vê co'os olhos, mas co'a mente,
Cupido é alado e cego, à nossa frente:
Amor não tem nem gosto nem razão;
Asas sem olhos dão sofreguidão.
Se Cupido é criança, a causa é certa:

Sua escolha muitas vezes é incerta.
Como o menino rouba em brincadeira,
Também Cupido trai, a vida inteira.
Antes de pôr em Hérmia o seu olhar,
Ele chovia juras de me amar;
Mas quando Hérmia um vago alento deu,
Parou a chuva e ele derreteu.
Eu vou contar que Hérmia vai fugir,
E amanhã pra floresta ele há de ir
Atrás dela; e por essa informação,
Hei de ter, de Demétrio, gratidão.
Com isso a minha dor eu só aumento,
Mas terei seu olhar por um momento.

(*Sai.*)

Cena II

(*Entram Quina, o carpinteiro; Justinho, o marceneiro; Bobina, o tecelão; Sanfona, o remendão de foles; Bicudo, o funileiro; e Fominha, o alfaiate.*)

QUINA

A companhia está toda aqui?

BOBINA

É melhor chamar todos em conjunto, de um em um, como está nos papéis.

QUINA

Esta é a lista do nome de todos os homens que Atenas inteira achou capazes de representar nosso drama, na frente do duque e da duquesa, no dia do casamento dele, de noite.

BOBINA

Primeiro, meu bom Quina, diga do que trata o drama, depois leia o nome dos atores, e no final faz ponto e pronto!

QUINA

Muito bem; o nosso drama é *A mui lamentável comédia e crudelíssima morte de Píramo e Tisbe*.

BOBINA

Palavra que é uma obra muito notável e muito alegre. E agora, Pedro Quina, chame os atores pela lista.

QUINA

Respondam quando eu chamar. Zé Bobina, o tecelão!

BOBINA

Pronto! Diga qual é o meu papel e vá em frente.

QUINA

Você, Zé Bobina, está marcado pra ser Píramo.

BOBINA

E o que é o Píramo? Amante ou tirano?

QUINA

Um amante que se mata muito galantemente por amor.

BOBINA

Isso vai exigir muita lágrima para ser bem-representado. Se for eu, que a plateia cuide muito bem de seus olhos: vou abalar as tempestades e apresentar algumas condolências.
Mas, mesmo assim, meu talento maior é pra tirano. Eu podia fazer muito bem de Hércules; e em papéis de rachar os peitos eu faço eles arrebentarem:

A pedra dura,
Da terra a tremura
Quebram a fechadura
Do portão da prisão.
E de Fibo a corrida,
Lá longe acendida,
Constrói ou liquida
O fado bobão.

QUINA

Juca Sanfona, consertador de foles!

SANFONA

'Tou aqui, Pedro Quina.

QUINA

Sanfona, você tem de enfrentar Tisbe.

SANFONA

E Tisbe é o quê? Um cavaleiro andante?

QUINA

É a dama pela qual Píramo se apaixona.

SANFONA

Nada disso; de mulher eu não faço. Já está nascendo barba aqui nos queixos.

QUINA

Não faz diferença; você vai usar a máscara. E pode falar com a voz mais magrinha que arranjar.

BOBINA

Se pode esconder a cara, deixa eu fazer a Tisbe também. Eu sei falar com a voz monstruosamente fina. "Tisbe! Tisbe! Tisbe!"; "Ai, Píramo, meu amante adorado! Sou tua Tisbe querida, tua dama adorada!"

QUINA

Não; você faz o Píramo; e você, Sanfona, a Tisbe.

BOBINA

Então, continua.

QUINA

Beto Fominha, o alfaiate!

FOMINHA

Presente, Pedro Quina.

QUINA

Fominha, você tem de fazer a mãe de Tisbe. Toninho Bicudo, o funileiro!

BICUDO

'Tou aqui, Pedro Quina.

QUINA

Você é o pai de Píramo, eu, o de Tisbe. Justinho, o marceneiro, faz o papel do leão. E acho que com isso o drama está inteiro.

JUSTINHO

Você já tem aí escrito o papel do leão? Se tiver, me dá logo, que eu sou lento de estudo.

QUINA

Pode fazer de improviso; é só ficar rugindo.

BOBINA

Deixa eu fazer o leão também. Meu rugido é tão bom que alegra o coração de qualquer um. Vou rugir tanto que o duque vai gritar: "Ruge mais! Ruge de novo!"

QUINA

E se rugir assim de jeito tão terrível, vai assustar a duquesa e as outras senhoras, elas começam a gritar e nós acabamos na forca.

TODOS

Nós todos, até o último filho da mãe.

BOBINA

Eu sei muito bem, meus amigos, que se vocês deixarem aquelas senhoras todas malucas de medo, a melhor escolha que elas podem fazer é nos enforcar. Mas eu posso agravar minha voz de tal modo que vou rugir delicado, igual a uma pombinha; rugir que nem fosse um rouxinol.

QUINA

Você não pode fazer papel nenhum a não ser Píramo, porque o Píramo era um moço de cara boa, um moço às direitas, um moço da mais fina finura: é por isso que você tem de fazer o papel de Píramo.

BOBINA

Pois então eu faço. Qual é a melhor barba para eu usar?

QUINA

Ora essa, a que quiser.

BOBINA

Eu vou realizar meu desempenho com uma barba bem vermelha; ou cor de ouro; ou então com uma barba de cabelo de milho.

QUINA

Cabelo de milho cai e você acaba careca da barba. Mas, seus mestres, aqui estão seus papéis, e eu vou pedir a vocês, implorar

a vocês, e solicitar a vocês que decorem tudo até amanhã; e me encontrem na floresta do palácio, um quilômetro pra fora da cidade, ao luar. Lá é que nós vamos ensaiar, porque se nos reunirmos na cidade vamos ser aperreados por um bando de gente, e nossos golpes de teatro acabam descobertos. Nesse meio-tempo eu vou fazer a lista de todo o material de cena de que o espetáculo precisa. Por favor, não me deixem de aparecer.

BOBINA

Vamos nos reunir todos juntos, e lá vamos poder ensaiar com obscenidade e coragem. Façam muita força pra ficarem perfeitos. Adeus!

QUINA

O encontro é no carvalho do duque.

BOBINA

Combinado. Chova ou faça sol.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I

(*Entra por um lado uma fada e Puck pelo outro.*)

PUCK

Salve, espírito! Aonde vai?

FADA

Por morros e por colinas,
Por arbustos e floradas,
Por parques e cercas finas,
Inundações e queimadas,
Eu vou por todo lugar,

Mais rápido que o luar.
Sirvo à rainha das fadas,
Deixo as flores orvalhadas;
Sua guarda de soldados
São buquês todos dourados,
E os que merecem louvor
Ela perfuma de cor.
Agora eu vou buscar gotas de orvalho
Pra jogar pérolas sobre este galho.
Adeus, espírito, que eu vou embora;
A rainha e as fadas vêm, agora.

PUCK

Hoje de noite o rei vem festejar;
Melhor ela fugir deste lugar,
Pois Oberon ficou muito zangado
Depois que ela arranjou como criado
Um menino roubado do Oriente.
Nunca se viu tão lindo adolescente:
E por ciúmes Oberon deseja
Que ele em seu séquito bem logo esteja.
Ela o retém consigo na floresta,
Coroado de flores, sempre em festa.
Quando se encontram em floresta ou prado,
Em fonte clara ou campo enluarado,
Brigam tanto que a fada e o duende
Escondem-se em toda flor que pende.

FADA

Será que eu me enganei completamente
Ou estou vendo aquele saliente
Que chamam Robin? Não é o canalha
Que espanta as moças e que o leite coalha,
Mete-se no pilão e na moenda,
Põe ranço na manteiga da fazenda,
Acaba com o fermento e com o lêvedo,
Ri-se de quem se perde e sente medo?
Só quem o chama Puck, o bem-amado,

É que tem sorte e ainda é ajudado.
Não é você?

PUCK

Minha resposta é esta:
Sou eu que alegro as noites da floresta.
Meu trabalho é fazer rir Oberon;
Sei enganar cavalo só com o som
De relincho de égua; e eu sei também
Me esconder em panela muito bem,
E parecer uma maçã assada;
E quando a cozinheira, esfomeada,
Me leva à boca, eu faço ela babar.
A velha, que tristezas vai contar,
Pensa que eu sou um banco de madeira —
Eu escapo, ela bate com a traseira!
É tanto grito que acaba tossindo;
E todo o mundo, então, começa rindo,
Co'um riso muito forte, de alegria,
Achando que é a melhor hora do dia.
Saia, fada; meu rei já vem chegando.

FADA

Também Titânia; vê se vai andando.

(*Entram Oberon, o rei das fadas, por uma porta, com seu séquito, e Titânia, pela outra, com o dela.*)

OBERON

Desdenhosa Titânia, que infeliz
É este nosso encontro à luz da lua.

TITÂNIA

Mas isso são ciúmes? Vamos, fadas:
Repudiei seu leito e companhia.

OBERON

Um momento, mulher; não sou seu amo?

TITÂNIA

Então eu devo ser sua senhora;
Mas eu o vi fugir de nossa terra
Vestido de pastor, e o dia inteiro
Tocar canções de amor em sua flauta
A Fílida amorosa. E por que vir
Lá dos confins da Índia se não fosse
Só porque a Amazona sedutora,
Sua amante querida e toda armada,
Vai casar com Teseu, e o seu desejo
É abençoar seu leito com bons votos.

OBERON

É incrível, Titânia, que você
Ouse falar comigo sobre Hipólita,
Quando eu sei que você ama Teseu.
Não foi você que o fez rugir, à noite,
De Perígona, que ele violou?
Ou que o ajudou a trair Aglaé
Com Ariadne e até com Antíopa?

TITÂNIA

Isso tudo é mentira de ciúme:
E nunca, desde o meio do verão,
Nós nos juntamos em floresta ou campo,
Em fonte límpida, n'água de um rio,
Ou em praia de areia junto ao mar,
Para dançar em roda, ao som do vento,
Sem que seus gritos, brigas e arruaças
Viessem perturbar nossos folguedos.
Por isso os ventos, que em vão cantavam,
Por vingança assopraram, lá dos mares,
Miasma doentio que, na terra,
Inchou de orgulho todos os riachos
E os transbordou pra fora de seus leitos.
Por isso os bois em vão fizeram força,
E só perda alcançou o lavrador
Quando suou no arado; e o milho verde

Apodreceu sem ver crescida a barba;
O aprisco sob as águas 'stá vazio
E os gaviões comem ovelhas mortas;
As sementeiras 'stão cheias de lama
E os labirintos, que eram riscos verdes,
Sem ter cuidados, nem se enxergam mais;
As gentes têm inverno sem ter festas,
As noites não têm música nem bênçãos.
Por isso a lua, que governa as águas,
Branca de fúria, inundou os ares
Com enxurradas de catarro enfermo;
E desse destempero as estações
Se alteram, e a geada toda branca
Pinga o vermelho do botão da rosa,
Enquanto que nos cumes mais gelados,
A ironia coloca uma guirlanda
De flores perfumadas. Primavera,
Verão, o morno outono e o triste inverno
Trocam-se as roupas, e um mundo atônito
Não os distingue, nessa confusão.
Toda essa geração de malefícios
Nasce de nossa briga e desacordo:
Nós somos os seus pais e a sua origem.

OBERON

Conserte tudo, então. É com você.
Por que Titânia briga com Oberon?
Eu só pedi que me desse o menino
Pra ser meu pajem.

TITÂNIA

Pode estar tranquilo:
Essa criança nem seu reino compra.
Sua mãe sempre foi vestal das minhas;
Nas perfumadas noites indianas
Quantas vezes falamos, descansando

Nas areias douradas de Netuno,
Olhando as naus singrando pelos mares.
Como rimos ao ver velas redondas,
Engravidadas pelos livres ventos,
Que ela, flutuando, já pesada
(Pois tinha então no ventre esse meu pajem),
Copiava e velejava sobre a terra
Para trazer-me presentinhos lindos
Como se fossem carga de valor.
Mas como era mortal, morreu de parto,
E é por ela que eu crio esse seu filho
E não desejo separar-me dele.

OBERON

Por quanto tempo fica na floresta?

TITÂNIA

Até depois das bodas de Teseu.
Se quiser, com respeito, ver as danças
E nossas outras festas ao luar,
Venha comigo; mas, se assim não for,
Evite-me, como eu hei de evitá-lo.

OBERON

Dê-me o menino que eu a acompanho.

TITÂNIA

Nem por todo o seu reino. Vamos, fadas;
Ficando mais, temos brigas armadas.

(*Saem Titânia e seu séquito.*)

OBERON

Vá, mas não pense que deixa a floresta
Sem ser punida por tamanha injúria.
Meu bom Puck, venha cá. Você se lembra
Da vez em que eu sentei num promontório

E ouvi uma sereia, num golfinho,
Cantar em tons tão doces da harmonia
Que domou o mar rude com seu canto
E as estrelas saltaram das esferas,
Pra ouvir o canto da sereia?

PUCK

Eu lembro.

OBERON

Naquele dia eu vi (mas você não),
Flutuando entre a terra e a lua fria,
Cupido todo armado: ele mirou
Numa vestal que vive no Ocidente,
E disparou a flecha de seu arco
Com amor para matar cem corações.
Porém a seta em fogo de Cupido
Apagou-se nas águas do luar
E a imperial donzela prosseguiu,
Meditando com livre fantasia.
Eu reparei onde caiu a flecha:
Numa pequena flor, outrora branca,
Que as feridas do amor fizeram roxa —
As moças chamam-na de amor-perfeito.
Busque-me uma flor dessas, cujo suco,
Pingado em pálpebras adormecidas,
Faz aquele que dorme apaixonar-se
Pelo primeiro ser vivo que vir.
Apanhe-me essa planta e volte aqui,
Mais rápido que o monstro do oceano.

PUCK

Eu dou a volta neste globo inteiro
Em quarenta minutos.

(*Sai.*)

OBERON

Tendo o suco,
Espero ver Titânia adormecida
E derramo o licor sobre seus olhos.
Seja o que for que veja, ao acordar
(Seja um leão, um touro, lobo ou urso,
Seja um macaco ou seja até um mico),
Ela o perseguirá apaixonada.
E antes que de seus olhos tire o encanto
(O que eu posso fazer com uma outra erva)
Farei com que ela a mim entregue o pajem.
Mas quem vem lá? Como eu 'stou invisível,
Vou escutar o assunto em discussão.

(*Entra Demétrio, seguido por Helena.*)

DEMÉTRIO

Eu não a amo; pare de seguir-me.
Onde estão Lisandro e a linda Hérmia?
A ele eu mato, e ela me faz morrer.
Você disse que os dois vinham para cá
E eu, perdido e louco na floresta,
Não consigo encontrar a minha Hérmia.
Saia, vá embora, e não me siga mais.

HELENA

Você é o ímã que me atrai o coração,
Que não é ferro; é aço verdadeiro.
Quando você deixar de me atrair,
Eu não terei mais forças pra segui-lo.

DEMÉTRIO

Eu a procuro? Ou eu tento agradá-la?
Ou vai negar que, usando de franqueza,
Digo em alto e bom som que não a amo?

HELENA

E só por isso eu inda o amo mais.
Demétrio, eu sou igual a um cachorrinho
Que faz mais festas quando é espancado.
Pois pode me tratar como um cachorro,
Me bater, me ignorar; mas só me deixe
Seguir você, mesmo que eu não mereça:
Não posso pedir menos a você
— Mas para mim só isso já é muito —
Que ser tratada como seu cachorro.

DEMÉTRIO

Não fique provocando assim meu ódio;
Fico doente só de ver você.

HELENA

E eu doente quando não o vejo.

DEMÉTRIO

Você já compromete a sua honra
Ao sair da cidade e se entregando
Nas mãos de alguém que não lhe tem amor,
Ao confiar à noite, que é propícia,
Ou ao convite de um local deserto,
A riqueza da sua virgindade.

HELENA

É o seu próprio valor que me protege:
Nunca é noite quando eu lhe vejo o rosto,
Por isso, para mim, não é de noite;
E nem me falta muita companhia,
Já que você, pra mim, é o mundo inteiro.
Como posso dizer que estou sozinha
Se o mundo inteiro está aqui comigo?

DEMÉTRIO

Eu vou embora, me esconder no mato,
E você que se arranje aqui com as feras.

HELENA

Seu coração é bem pior que o delas.
Pode ir; eu só vou mudar a lenda:
Apolo foge, e Dafne corre atrás.

A pomba segue o grifo, e a pobre corça
Persegue o tigre — louca é a corrida
Em que o covarde sai caçando o bravo!

DEMÉTRIO

Chega de discussão, eu vou embora;
Se você me seguir, pode estar certa
De que na floresta eu lhe farei mal.

HELENA

Ora, no templo, na cidade ou campo
Você só me faz mal. Sabe, Demétrio,
Você me faz envergonhar meu sexo;
A regra, pra mulher, no amor é dada:
Não cortejar, mas só ser cortejada.
(*Sai Demétrio.*)
O inferno dele eu corro pra fazer,
Mesmo que seja só para eu morrer.

(*Sai.*)

OBERON

Ninfa, antes de sair deste lugar,
Você há de fugir e ele te amar.
(*Entra Puck.*)
Já tem aí a flor? Bem-vindo, amigo.

PUCK

Aqui está ela.

OBERON

Então, pode me dar.
Conheço um campo onde dança a cravina,
Onde cresce a violeta e a bonina,
Que a madressilva cobre com seu manto,
Junto à rosa-moscada e o agapanto.
Titânia dorme ali, de vez em quando,
Com o acalanto de flores dançando,

Recoberta com a pele envernizada
Da cobra que protege cada fada.
Com este suco seus olhos vou pintar,
E com monstrengos ela irá sonhar.
Leve um pouco; e procure, na galhada,
Uma moça de Atenas, maltratada
Por um rapaz vaidoso. É só pingar,
E garantir que o seu primeiro olhar
Seja pra moça! Por seu traje belo
De ateniense irá reconhecê-lo:
Eu quero… veja lá! Tome cuidado!
Que ele ame mais do que é hoje amado.
Esteja aqui de volta antes da aurora.

PUCK

Então, pra obedecer-lhe, eu vou embora.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entra Titânia, rainha das fadas, com seu séquito.*)

TITÂNIA

Fadas, eu quero uma dança de roda;
E, ao fim de um terço de minuto, saiam:
Algumas pra matar vermes nas rosas,
Ou bem arrancar asas de morcegos,
Pra fazer casaquinhos pros duendes.
Outras façam que calem as corujas
Que nos assustam. Cantem pr'eu dormir!
Andem logo, que eu quero descansar.

(*As fadas cantam.*)

1ª FADA

Cobra de língua dobrada
Deve sumir, com a doninha;
Batráquios, não façam nada,
Fiquem longe da rainha.

CORO

O rouxinol vai cantar
Sua canção de ninar
Nana, nana, ninou; nana, nana, ninar
Nem feitiço, nem encanto,
Por aqui podem passar:
A noite é pra descansar.

1ª FADA

Larga a teia e vai-se embora
A aranha de perna torta;
O besouro dá o fora
E o verme se comporta.

CORO

O rouxinol etc. etc.

2ª FADA

Vão que tudo está aquietado.
Fique um só guarda postado.

(*Titânia dorme.*)
(*Entra Oberon e faz cair o suco nos olhos de Titânia.*)

OBERON

O que vir ao acordar
Por amor tem de tomar,
E por ele suspirar.
Seja onça, urso ou gado,
Tenha pelo arrepiado,

Aos seus olhos há de ser,
Quando acordar, seu prazer.
Acorde, pr'um monstro ver.

(*Sai.*)
(*Entram Lisandro e Hérmia.*)

LISANDRO

Amor, você está quase sem sentidos,
E eu confesso que nós 'stamos perdidos.
Vamos deitar aqui, pra descansar,
E esperemos o dia recomeçar.

HÉRMIA

'Stá bem, Lisandro; encontre onde deitar
Que eu, neste canto, vou me recostar.

LISANDRO

Vamos ambos usar a mesma grama;
Será um leito só pra quem se ama.

HÉRMIA

Não, bom Lisandro; por mim faça o certo:
Deite mais longe, não assim tão perto.

LISANDRO

Não interprete mal minha inocência;
Meu coração falou por conveniência.
Eu quis dizer que os nossos corações
São como um só nas minhas intenções.
O nosso peito e o nosso pensamento
'Stão ligados por nosso juramento.
Não me negue ficar hoje a seu lado;
Não serei falso por estar deitado.

HÉRMIA

Lisandro fala bem.
Maldito seja o meu comportamento
Se o julguei falso por um só momento.

Mas, meu amigo, o amor, como o respeito,
Pede que seja mais pra lá seu leito.
Essa distância — e negue, se é capaz —
Convém a uma donzela e um rapaz.
Tenha, lá longe, noite bem-dormida,
E amor que não se altere pela vida!

LISANDRO

Eu digo amém a essa doce prece;
Que, co'a traição, a minha vida cesse!
Aqui eu vou dormir. Repouse bem!

HÉRMIA

É o meu desejo pra você também.

(*Eles dormem.*)
(*Entra Puck.*)

PUCK

Pela floresta eu corri
E ateniense eu não vi
Em cujos olhos pingar
Meu licor que faz amor.
Mas silêncio! Quem 'stá aqui?
Roupa de Atenas eu vi:
É ele que o meu patrão
Diz que não tem coração.
E ali a repudiada
Dorme na terra encharcada.
Nem pôde fazer a cama
Perto de quem não a ama.
Em seu olho indiferente
Jogo este suco potente:
Que o amor, em seu olhar
Não o deixe descansar,
Desperte quando eu partir.

Volto pr'Oberon servir.

(*Sai.*)
(*Entram Demétrio e Helena, correndo.*)

HELENA

Demétrio, pare! Isto é morte pra mim!

DEMÉTRIO

Pois fique, ou vá, mas não me siga a mim!

HELENA

Você vai-me deixar aqui, no escuro?

DEMÉTRIO

Não sei, mas que eu só vou sozinho eu juro!

HELENA

Eu estou sem ar, correndo atrás da caça,
Mais eu rezo, menos alcanço a graça.
Feliz é Hérmia, por aí, fugindo,
Que tem a bênção de um olhar tão lindo.
Por que seus olhos sempre brilham tanto?
Pois os meus brilham mais, se valer pranto.
Eu devo parecer um monstro horrendo:
Até fera, me olhando, sai correndo;
Não é surpresa que Demétrio fuja
De mim como uma fera feia e suja.
Mas que espelho lembrou de comparar
Com os olhos de Hérmia o meu olhar?
Mas o que é isso? Lisandro, no chão?
Morto ou dormindo? Não há sangue, não.
Lisandro! Amigo! Acorde, por favor!

LISANDRO

(*Acordando.*)
E até ao inferno eu vou, por seu amor!
A natureza, Helena, no seu peito
A mim revela um coração perfeito.

Demétrio, onde está? Eu juro agora
Que a minha espada o mata, a qualquer hora!

HELENA

Mas nem pensar, Lisandro, em coisa assim!
Que importa ele amar Hérmia e não a mim?
Hérmia ama a você! Eu compreendo!

LISANDRO

Hérmia me ama? Como eu me arrependo
Do tempo que atrás dela andei correndo.
Não é Hérmia que eu amo, e sim Helena:
Trocar corvo por pomba vale a pena!
Nossa vontade é a razão quem guia
E ela diz que você tem mais valia.
Nada fica maduro antes da hora
E eu, também, só fiquei maduro agora;
Pra chegar a agir com correção
Minha vontade ouviu minha razão;
E eu leio nos seus olhos, com fervor,
Belas histórias do livro do amor.

HELENA

Mas eu nasci pra ser desrespeitada?
Que fiz pra merecer tal caçoada?
Já não basta pra mim, seu atrevido,
Eu nunca, nem jamais, ter conseguido
De Demétrio um olhar mais carinhoso,
E você inda vem pra mim com gozo?
Palavra, é debochar da minha sorte
Você fingir que é a mim que faz a corte.
Vou embora! Mas eu vou dizer direto:
Sempre pensei que fosse mais correto.
É incrível que uma moça maltratada
Ainda leve, de outro, essa patada.

(*Sai*.)

LISANDRO

Nem viu Hérmia! Que durma muito assim!
E nunca mais se aproxime de mim.
Até de muito doce a gente enjoa,
E toma horror ao que era coisa boa,
Assim como heresia renegada
É por aquele que iludiu odiada;
Assim você de quem me empanturrei,
É a pior das coisas que odiei.
Vou dedicar o meu amor inteiro
A honrar Helena e ser seu cavaleiro.

(*Sai.*)

HÉRMIA

(*Acordando assustada.*)
Socorro, meu Lisandro! Sou tão fraca!
Salva-me da serpente que me ataca!
Que pavor! Foi um horrível pesadelo!
'Stou tremendo de medo de não vê-lo.
Sonhei que me atacava uma serpente
E que você sorria de contente.
Lisandro! Foi-se? Onde está, querido?
Não ouve? E eu não escuto um só ruído!
Onde está? Diga, se está escutando;
Fale, amor! Eu 'stou quase desmaiando.
Silêncio! Ele então não está por perto;
Vou buscá-lo — ou à morte — no deserto.

(*Sai.*)

ATO III

Cena I

(*Entram Quina, Bobina, Justinho, Sanfona, Bicudo e Fominha.*)

BOBINA

Já estamos todos ajuntados?

QUINA

Na horinha, mesmo; este lugar é maravilhosamente conveniente para o nosso ensaio. O gramado, aqui, vai ser nosso palco, esse arbusto de espinhos, nossa coxia, e vamos poder fazer tudo com ação, do mesmo modo como vamos fazer na frente do duque.

BOBINA

Pedro Quina!

QUINA

O que foi, meu Bobinão?

BOBINA

Tem umas coisas nessa comédia de Píramo e Tisbe que nunca vão conseguir agradar. Primeiro, Píramo tem de puxar da espada para se matar, coisa que as madames não suportam. O que é que você me diz disso?

BICUDO

É palavra que vão ter um medo muito perigoso.

FOMINHA

Eu acho que, pensando bem, temos que deixar as matanças de fora.

BOBINA

Nada disso; eu tenho uma ideia para dar jeito em tudo. É só me escreverem um prólogo, e no prólogo avisamos todo mundo que não vamos fazer mal a ninguém com nossas espadas e que Píramo não é morto de verdade; e, para maior garantia, fica dito a eles, também, que eu, Píramo, não sou Píramo, mas sim Zé Bobina, o tecelão. Isso tira todo o medo deles.

QUINA

Muito bom; vamos arranjar um prólogo desses; tudo em versos com os pés muito bem-contados.

BOBINA

Tudo igualzinho. Nada de um maior que o outro.

BICUDO

Será que as donas vão ficar com medo do leão?

FOMINHA

Palavra que eu tenho medo que vão.

BOBINA

Meus senhores, vocês precisam pensar com seus botões. Fazer um leão — que Deus nos proteja! — entrar perto das madames é uma coisa apavorantíssima, pois não existe dragão grifo mais amedrontante que um leão vivo; e nós temos de ficar de olho.

BICUDO

Então um outro prólogo tem de dizer que ele não é leão.

BOBINA

Não; você tem de dizer o nome dele, e metade da cara dele tem de ser vista através do pescoço do leão; e ele mesmo tem de falar pelo buraco, se contradizendo assim: "Senhoras" ou "Lindas senhoras, eu desejaria que vós" ou "eu requereria que vós" ou "eu imploraria que vós não vos amedrontásseis, que não tremêsseis: dou minha vida para garantir a vossa. Se pensásseis que eu vim aqui como leão, minha vida não valeria nada. Mas não sou nada disso, eu sou homem, igual a qualquer outro homem". E aí, então, ele que diga o nome dele, falando com todas as letras que ele é Justinho, o marceneiro.

QUINA

Pois vamos fazer assim. Mas tem duas coisas muito difíceis; estou falando de trazer o luar para dentro de uma sala, já que vocês todos sabem que Píramo e Tisbe se encontravam ao luar.

BICUDO

E vai ter lua de luar na noite em que a gente representar a nossa peça?

BOBINA

Um calendário! Um calendário! Procurem em almanaque, descubram o luar! Descubram o luar!

QUINA

É. A lua brilha nessa noite, sim.

BOBINA

Nesse caso, é só deixar uma janela do salão em que a gente vai representar aberta, e a lua brilha pela janela.

QUINA

Isso; ou então alguém tem de entrar com um feixe de gravetos e uma lanterna, dizendo que veio para representar a pessoa desfigurada da lua. E ainda tem mais: vamos precisar de um muro no salão, porque o que a história diz é que é por uma brecha do muro que Píramo e Tisbe conversavam.

BICUDO

Ah, mas muro não dá pra ninguém levar lá pra dentro. O que é que você acha, Bobina?

BOBINA

Um sujeito qualquer tem de ser o muro, e ele tem de ter um pouco de gesso, um pouco de barro e um pouco de argamassa, o que vai querer dizer muro, e ele tem de ficar com os dedos abertos, assim, para parecer a racha através da qual Píramo e Tisbe vão cochichar.

QUINA

Se conseguirmos fazer assim fica tudo bem. E agora, todos que forem filhos de mãe sentam aqui e começam a ensaiar seus papéis. Píramo, começa você: depois que você disser sua fala, vai para trás daquele arbusto. E todos vão fazer assim, de acordo com as deixas de cada um.

(*Entra Puck ao fundo*.)

PUCK

Que fazem esses trapos barulhentos
Tão próximos do leito da rainha?
O que é isso? Uma peça? Eu vou ouvir
E, se achar que é preciso, viro ator.

QUINA

Fala, Píramo. Tisbe, chega para a frente.

BOBINA

"Tisbe, são doces as odiosas flores…"

QUINA

Olorosas! Olorosas!

BOBINA

"Olorosas flores,
Como o hálito seu, Tisbe querida.
Ouço um ruído! Aguarde sem tremores
Que eu vou e volto já, numa corrida!"

(*Sai.*)

PUCK

Píramo mais estranho eu nunca vi!

(*Sai.*)

SANFONA

É agora que eu falo?

QUINA

Claro que fala. Vê se compreende que ele só saiu para ir ver um barulho que ele ouviu, e volta já.

SANFONA

"Radioso Píramo, do tom do lírio,
Cor da rosa vermelha ou da bonina,
Juvenoso judeu em seu delírio,
Qual um corcel que nunca desanima.
Vou encontrar-vos na tumba da Nina."

QUINA

Tumba de Ninius, homem! Mas você não pode dizer isso ainda; isso é a resposta que você dá a Píramo. Você está dizendo todo o seu papel de uma vez só, deixas e tudo. Píramo, entra! Sua deixa é "nunca desanima".

SANFONA

"Qual um corcel que nunca desanima."

(*Entram Puck e Bobina, este com cabeça de burro.*)

BOBINA

"Se eu fosse lindo, Tisbe, eu seria vosso."

QUINA

Que monstro! Que horror! É assombração! Todo mundo reza e dá no pé! Fujam! Socorro!

(*Saem Quina,Justinho, Sanfona, Bicudo e Fominha.*)

PUCK

Isso! Venham comigo passear!
Por bosque, pântano, ou por selva espessa;
Por cão ou por cavalo eu vou passar,
Ou fogo-fátuo, ou mula sem cabeça;
Com latido e grunhido, ou relinchando,
Em cão, urso ou corcel eu vou mudando.

(*Sai.*)

BOBINA

Por que fugiram? Isso é uma safadeza deles para me assustar.

(*Entra Bicudo.*)

BICUDO

Bobina, você está diferente! O que é isso que eu estou vendo em você?

BOBINA

O que é que você está vendo? Só podia ser a sua cabeça de burro, ora essa.

(*Sai Bicudo.*)
(*Entra Quina.*)

QUINA

Deus que o abençoe, Bobina! Você está transmudado!

BOBINA

Estou vendo essa sujeira: vocês estão vendo se conseguem me fazer de burro, pra me assustar. Pois eu vou ficar aqui mesmo andando de um lado para o outro, e cantando, para eles ouvirem que eu não estou com medo.
(*Canta.*)
O melro, negro no peito,
Tem o bico alaranjado;
O tordo canta direito,
O pintassilgo é pintado.

(*Seu canto acorda Titânia.*)

TITÂNIA

Que anjo me tira do florido leito?

BOBINA

(*Cantando.*)
O pardal e a cambaxirra,
O cuco que mal emposta,
Com quem todo o mundo embirra
Mas que ninguém dá resposta.

E, fora de brincadeira, quem haveria de querer se meter com um pássaro bobo daqueles? Quem é que vai poder saber se ele

está dizendo a verdade ou não?

TITÂNIA

Gentil mortal, canta de novo, eu peço:
O meu ouvido adora o teu cantar
E o meu olhar adora a tua forma;
São as tuas virtudes que me impelem
A sentir, desde logo, que eu te amo.

BOBINA

Minha madame, acho que a senhora não tem muita razão para isso. Mas, para falar a verdade, hoje em dia a razão e o amor não costumam andar muito juntos. É uma pena que algum amigo não obrigue os dois a serem amigos. Bem que de vez em quando minhas piadinhas são profundas.

TITÂNIA

Tu és tão sábio quanto deslumbrante.

BOBINA

Nem tanto assim. Se eu fosse esperto o bastante para sair desta floresta, já era o suficiente para mim.

TITÂNIA

Não desejes partir deste meu bosque:
Aqui hás de ficar, queiras ou não.
Eu não sou um espírito qualquer;
O verão inda é meu servidor
E eu te amo; vem comigo, então.
Fadas eu te darei para servir-te;
Elas te buscarão joias no mar,
E hão de cantar junto ao teu leito em flor.
O teu corpo mortal eu purgarei,
Pra que cruzes os ares co'os espíritos.
Mostarda, Mariposa, Ervilha, Teia!

(*Entram as quatro fadas, Semente de Mostarda, Mariposa, Ervilha-de-Cheiro e Teia de Aranha.*)

ERVILHA

Aqui!

TEIA

Aqui!

MARIPOSA

Aqui!

MOSTARDA

Aqui!

TODAS

O que quer?

TITÂNIA

Sejam gentis com este cavalheiro;
Saltem e dancem para que ele veja:
Deem-lhe abricós e framboesas,
Uvas vermelhas, figos e morangos;
Vão roubar bagos de mel nas colmeias
E cera, pra fazer tochas pras noites:
Acendam-nas co'a luz dos vaga-lumes,
Pro meu amor deitar e levantar.
De asas de borboletas façam leques
Para abanar seus olhos com luar,
Tudo com reverências e mesuras.

ERVILHA

Salve, mortal!

TEIA

Salve!

MARIPOSA

Salve!

BOBINA

Muito obrigado a Vossas Senhorias, de coração. Como é o nome da Vossa Senhoria?

TEIA

Teia de Aranha.

BOBINA

Vou desejar mais de vosso conhecimento, senhora Teia: quando cortar o dedo, hei de vos aproveitar. E o seu nome, honrada

senhoria?

ERVILHA

Ervilha-de-Cheiro.

BOBINA

Peço que me recomende à senhora Vagem, sua mãe, e ao Senhor Cheiro, seu pai. Senhoria Ervilha-de-Cheiro, também vou desejar mais do vosso conhecimento. E o vosso nome, senhoria?

MOSTARDA

Semente de Mostarda.

BOBINA

Senhoria Semente de Mostarda, conheço bem a fama de vossa paciência. E sei que bois e vacas enormes têm devorado muitos integrantes honrados de vossa família: e confesso que muitos de seus parentes já me trouxeram lágrimas aos olhos. E vou desejar também mais de vosso conhecimento, minha boa mestria Semente de Mostarda.

TITÂNIA

Levem-no agora para o meu recanto.
A lua em seu olhar está orvalhada
E, quando chora, as flores dão seu pranto,
Lamentando a pureza violada.
Que ele venha em silêncio, a língua atada.

(*Saem.*)

Cena II

(*Entra Oberon, rei das fadas.*)

OBERON

Quero saber se Titânia acordou

E o que bateu primeiro em seu olhar,
Pra ser objeto de paixão sem fim.
(*Entra Puck.*)
Meu mensageiro! O que há, meu louco?
Que trouxe a noite à floresta encantada?

PUCK

Um monstro traz Titânia apaixonada.
No bosque onde agora faz seu lar,
Na hora em que dormiu pra repousar,
Alguns artífices, sem condição,
Que nas lojas de Atenas ganham pão,
Ensaiavam um drama desastrado,
Pra ser no casamento apresentado.
O mais boçal de toda a triste escória,
Que fazia de Píramo da história,
Saiu de cena e entrou por um arbusto,
E eu, aproveitando, dei-lhe um susto:
Um focinho de burro para usar
E, como ele com Tisbe ia falar,
Voltou logo — e quando os outros viram,
Igual aos gansos que pavor sentiram,
Como um bando de gralhas assanhadas
Que, assustadas por armas disparadas,
Saem voando e sobem para o céu,
Co'os outros, só de vê-lo, é o que se deu.
Co'o meu pé eu alguns fiz tropeçar,
E todos começaram a gritar.
Assim perdidos, tão amedrontados,
Sentiam-se por tudo ameaçados.
Suas roupas nos galhos agarraram,
E o que estava jogado eles pegaram.
Levei embora o grupo apavorado,
Mas deixei lá o amante transformado.
Titânia despertou nesse momento
E 'stá louca de amor pelo jumento.

OBERON

Isso saiu melhor do que eu sonhei.
Mas já botou o sumo que eu lhe dei
Nos olhos do rapaz, como eu pedi?

PUCK

Está feito. Ele dormia e eu agi.
E a moça estava logo ali ao lado.
Quando acordou, só pode ter olhado.

(*Entram Demétrio e Hérmia*.)

OBERON

Lá vem o ateniense; fique esperto.

PUCK

É ela, sim; mas ele não está certo.

(*Os dois afastam-se para um lado*.)

DEMÉTRIO

Por que condena quem lhe tem amor?
Reserve pro inimigo esse furor.

HÉRMIA

Condeno agora, só pra começar:
Se foi você, dá pr'amaldiçoar.
Se assassinou Lisandro adormecido,
Se num banho de sangue está metido,
Mate-me a mim também:
O sol nunca foi tão fiel ao dia
Quanto ele a mim. Será que fugiria
De Hérmia adormecida? É mais provável
A terra ficar sendo permeável
E a lua atravessá-la, lado a lado,
Pra brilhar no que era ensolarado.
Só posso acreditar que o assassinou:

Só fica com essa cara quem matou.

DEMÉTRIO

Ou quem morreu. A sua ingratidão
Cortou e destruiu meu coração.
E no entanto você, que é assassina,
É bela como a Vênus que a ilumina.

HÉRMIA

E daí? Onde está Lisandro, enfim?
Meu bom Demétrio, não quer dá-lo a mim?

DEMÉTRIO

Prefiro dar seus ossos pro meu cão!

HÉRMIA

Fora, cachorro! Nem educação
Me serve agora. Então o assassinou?
Pois sua vida, então, já terminou!
Diga a verdade, se quer meu agrado:
Você o enfrentaria, se acordado?
Mas o matou dormindo; que beleza!
Só mesmo cobra é que faz tal baixeza:
Como uma cobra, agindo falsamente,
Você o feriu, com língua de serpente.

DEMÉTRIO

Você usa paixão em caso errado;
Se Lisandro morreu, não sou culpado.
E nem que esteja morto prova eu tive.

HÉRMIA

Então garanta, eu peço, que ele vive.

DEMÉTRIO

E pela garantia o que vou ter?

HÉRMIA

A certeza de nunca mais me ver.
Eu odeio você e vou sumir:
Com ele vivo ou morto, eu vou fugir.

(*Sai.*)

DEMÉTRIO

Não adianta seguir quem grita tanto;
Vou ficar aqui mesmo, por enquanto.
O peso da tristeza vai crescendo
Porque o sono, na dor, fica devendo.
Vou ver se acerto um pouco o pagamento,
Deitando aqui ao menos um momento.

(*Deita-se e dorme. Oberon e Puck avançam.*)

OBERON

Que foi fazer? Você fez tudo errado;
Pingou no olhar de algum apaixonado,
E o resultado dessa confusão
Já não vai ser amor e, sim, traição.

PUCK

Foi o destino; e lá, se um é honesto,
Quebra palavra e juras todo o resto.

OBERON

Vá como o vento pelo bosque afora,
Para encontrar Helena sem demora;
Ela anda pálida e desanimada,
Que é marca de que está apaixonada.
Quero que a traga para aqui depressa:
Preparo tudo e espero que apareça.

PUCK

Eu vou, eu vou, vou pela brecha
Eu vou mais rápido que a flecha.

OBERON

(*Pingando o sumo nos olhos de Demétrio.*)
Flor de roxo colorida
Já por Cupido ferida,
No olho fique metida.
Quando ela for pressentida,

Que ela brilhe como a vida,
Ou Vênus resplandecida.
Quando acordar, em seguida,
Há de implorar-lhe guarida.

(*Entra Puck.*)

PUCK

Capitão de nosso bando,
Helena está aqui chegando,
Junto co'o rapaz trocado
Que se diz apaixonado.
Vamos ver que fazem mais?
Que tolos esses mortais!

OBERON

Quieto! Esses dois vão gritar
Até Demétrio acordar.

PUCK

Os dois cortejando Helena
Não é diversão pequena;
Pra mim o mais engraçado
É aquilo que sai errado.

(*Ambos afastam-se para um lado.*)
(*Entram Lisandro e Helena.*)

LISANDRO

Por que estaria eu só caçoando?
Desdém se cobre em pranto desde quando?
Veja que eu choro, e a jura em pranto dada
É verdade que nasce confirmada.
Como pode pensar que é brincadeira
Uma paixão assim tão verdadeira?

HELENA

Você para mentir tem tal talento
Que o céu e o inferno vão se confundir.
E Hérmia? É esquecida, num momento?
Toda jura, em você, tende a sumir:
Suas juras, a nós, numa balança
Não merecem — nem dela — confiança.

LISANDRO

Amei Hérmia quando eu não estava em mim.

HELENA

E agora está pior, traindo assim.
É só a ela que Demétrio adora!

DEMÉTRIO

(*Despertando.*)
Helena! Deusa! Beleza sem-par!
A que seus olhos hei de comparar?
Cristal é opaco. E cerejas sem-par
São os seus lábios, feitos pra beijar!
A alvura da colina mais gelada
É negra como um corvo, comparada
Co'a sua mão. Princesa da brancura!
Deixe eu selar co'um beijo a minha jura!

HELENA

Mas que inferno! Agora os dois vão fingir,
E à minha custa vão se divertir!
Se a sua educação 'stivesse inteira,
Não ia me ofender dessa maneira.
Por que não se contentam em me odiar?
Será que inda é preciso caçoar?
Se vocês fossem homens de verdade,
Não iam me tratar com essa maldade:
Me fazem juras, só ouço elogio,
Mas ambos só me têm um ódio frio.
Ambos rivais pro coração de Hérmia,
Ambos rivais pra caçoar de Helena.
Mas, pra dois homens, que façanha bela!

Fazer chorar assim uma donzela
Com caçoadas. Não vejo nobreza
Em ofender uma moça indefesa:
E divertir-se em tê-la como presa.

LISANDRO

Demétrio, você 'stá agindo errado,
Pois seu amor por Hérmia é proclamado.
Neste instante, e de todo o coração,
Do amor de Hérmia lhe dou meu quinhão.
Se o de Helena a mim você legar,
A ela, até morrer, eu hei de amar.

HELENA

Como os dois falam, só pra caçoar!

DEMÉTRIO

Pode ficar com Hérmia pra você;
Se eu gostei dela, eu nem sei mais por quê.
Meu coração com ela se hospedou,
Mas com Helena um lar ele encontrou
Onde morar.

LISANDRO

Isso não é verdade.

DEMÉTRIO

Você não sabe o que é fidelidade
E, se metendo, arrisca a sua vida.
Aí vem seu amor, sua querida.

(*Entra Hérmia*.)

HÉRMIA

A escuridão tira a força do olhar,
Mas sempre faz o ouvido melhorar;
Se o olho fica assim prejudicado,
O ouvido fica mais que compensado.
Não pude achar Lisandro com o olhar,

Sou grata à sua voz por me guiar.
Por que me abandonou tão cruelmente…

LISANDRO

Por que ficar? O amor apressa a gente.

HÉRMIA

Que amor pode tirá-lo do meu lado?

LISANDRO

O de Lisandro, que o fez apressado:
A bela Helena, que ilumina o céu
Mais do que os fogos com que ele nasceu.
Por que me procurou? Devia ver
Que foi o ódio que me fez correr.

HÉRMIA

Você não pensa assim. Não é possível!

HELENA

Ela também 'stá nessa trama horrível!
Já percebi que os três se reuniram
Pra ver de mim que gargalhada tiram.
Hérmia maldosa! Mas que moça ingrata!
Será que urdiu, que conspirou com eles
Pra me irritar com todo esse deboche?
Será que tudo que nós conversamos,
Nossas juras de irmãs, as horas juntas,
Chorando todo o tempo que corria
Pra separar-nos — tudo está esquecido?
Nós duas, Hérmia, parecendo deusas,
Fizemos, em bordado, a mesma flor,
De um mesmo risco e sobre a mesma tela;
Cantamos num só tom uma canção,
Como se nossas mãos, vozes e mentes
Se entrelaçassem. Juntas nós crescemos
Qual frutas gêmeas, meio separadas,
Mas sempre unidas na separação.
Duas cerejas de uma mesma haste,
Nós com dois corpos e um só coração,
Como um par de brasões num mesmo escudo

Que são unidos por uma coroa.
E você vai matar todo esse amor
Ajudando esses dois a me humilhar?
Não é coisa que alguma amiga faça:
Eu e o nosso sexo a condenamos,
Embora só eu sofra toda a injúria.

HÉRMIA

Eu me espanto de ouvir toda essa grita;
Se há caçoada aqui, ela é só sua.

HELENA

Foi você que mandou Lisandro aqui,
Pra caçoar de mim com elogios;
E ainda fez seu outro amor, Demétrio,
Que há pouco me tratava a pontapés,
Me apelidar de deusa e ninfa rara,
Celestial e preciosa. Que razão
Ia levá-lo a falar dessa maneira
A quem odeia? E por que Lisandro
Renega o seu amor, tão raro outrora,
Para ofertar a mim sua afeição,
Se você não deixasse e não mandasse?
O que tem que eu não seja abençoada
Como você, tão coberta de amor,
Mas tenha o azar de amar sem ser amada?
Eu devo inspirar pena, e não chacota.

HÉRMIA

Eu não sei o que quer dizer com isso.

HELENA

Continuem fingindo que estão tristes,
Pra depois rir de mim nas minhas costas,
Piscando, e sustentando a brincadeira,
Pra mais tarde contar a história toda.
Co'um pouco de piedade ou cortesia
Nunca teriam feito isso comigo.
Pois passem bem. Eu sei que a culpa é minha,
E, pra pagar, desapareço ou morro.

LISANDRO

Helena, fique, e escute as minhas preces.
Meu amor, minha vida, Helena bela!

HELENA

Bonito!

HÉRMIA

Meu amor, não ria dela!

DEMÉTRIO

Ela pediu, mas eu 'stou ordenando.

LISANDRO

Nem ordem nem pedido escutarei:
Ameaças nem preces têm valor.
Por minha vida, Helena, eu a amo;
Eu juro, e a minha vida arriscarei
Contra aquele que nega o meu amor.

DEMÉTRIO

Eu digo que eu a amo mais que ele.

LISANDRO

Pois, então, prove o que disse com a espada.

DEMÉTRIO

Vamos, depressa!

HÉRMIA

O que é isso, Lisandro?

LISANDRO

Saia você, etíope!

DEMÉTRIO

Não, não, ele…
Vai parecer lutar.
(*para Lisandro*)
Grita que ataca,
Mas não ataca! Você é um covarde!

LISANDRO

Pra fora, gata, lixo! Larga, droga!
Ou eu torço você como uma cobra.

HÉRMIA

Por que tal grosseria? O que mudou,

Meu amor?

LISANDRO

Seu amor? Fora, encardida!
Remédio ruim, veneno amargo, fora!

HÉRMIA

Está brincando?

HELENA

Assim como você.

LISANDRO

Demétrio, eu lhe dou minha palavra.

DEMÉTRIO

Eu preferia um contrato escrito:
A palavra que dá não vale nada.

LISANDRO

Você quer que a espanque, ou que a mate?
Isso eu não faço, mesmo que a odeie.

HÉRMIA

E existe mal maior do que o seu ódio?
Odiar-me? Por quê? Que é isso, amor?
Eu não sou Hérmia, nem você Lisandro?
Em tudo eu sou tão bela quanto era.
Ontem você me amava — e me deixou.
Mas, então, me deixou — Deus me proteja —
A sério, mesmo?

LISANDRO

Sim, por minha vida!
E não desejo vê-la nunca mais.
Não tenha dúvidas, nem esperanças:
Pode estar certa que não 'stou brincando;
Eu odeio você e amo Helena.

HÉRMIA

Ai de mim! (*para Helena*) Saltimbanca! Erva daninha
Ladra de amor! Você veio, de noite,
Roubar o coração do meu amor!

HELENA

É o cúmulo! Você não tem vergonha?

Nem traço de pudor? Quer provocar
Minha língua a dizer respostas feias?
Arremedo de gente! Sua anã!

HÉRMIA

Anã? Ah, é? Então o jogo é esse?
'Stou vendo que ela faz comparação
Co'a minha altura! E que usou seu tamanho,
E que foi com a estampa, o tamanhão,
Foi com a altura que ela o conquistou!
E ele? Só a tem em alta conta
Porque eu sou baixa como uma anãzinha?
Eu sou tão baixa, varapau pintado?
Sou baixa? Fale! Baixa, mas não tanto
Que não dê para unhar a sua cara!

HELENA

Embora vocês dois riam de mim,
Não deixem que me bata. Eu não sou má;
Nunca tive talento pra megera;
A minha covardia é feminina.
Não deixem que me bata. É bem possível
Que pensem que, por ela ser baixinha,
Eu seja igual a ela.

HÉRMIA

Viu? "Baixinha!"

HELENA

Hérmia, não fique amarga assim comigo.
Toda a vida a amei, Hérmia querida.
Guardei os seus segredos, fui fiel,
A não ser quando, por amar Demétrio,
Contei-lhe a sua fuga pra floresta.
Ele a seguiu e eu, por amor, a ele;
Mas ele me enxotou, me ameaçou
De me bater e até de me matar.
Se agora você deixa eu ir embora,
Minha loucura eu levo para Atenas
E não a sigo mais. Deixe-me ir:

Verá que eu sou tão dócil quanto boba.

HÉRMIA

Ora essa, pois vá! Quem a impede?

HELENA

Meu tolo coração que aqui eu deixo.

HÉRMIA

Ah, deixa? Com Lisandro?

HELENA

Com Demétrio.

LISANDRO

Não tema, que ela não lhe fará mal.

DEMÉTRIO

Não fará mesmo; nem com a sua ajuda.

HELENA

Ela, zangada, fica que nem fera;
No tempo do colégio era uma peste
E, embora pequenina, é violenta.

HÉRMIA

De novo? É só "pequena", é só "baixinha"?
Como deixa que ela me ofenda assim?
Se nela eu ponho a mão…

LISANDRO

Sai fora, anã;
Sua coisinha, grama e emaranhada,
Seu caroço!

DEMÉTRIO

Você está muito afoito
Pra defender aquela que o despreza.
Deixe-a em paz! E não fale de Helena,
Não a defenda, pois se tem vontade
De lhe mostrar qualquer sinal de amor,
Pagará caro.

LISANDRO

Ela não me segura.
E agora siga-me, se quer lutar,
Pra saber quem tem mais direito a Helena.

DEMÉTRIO

Segui-lo? Vamos juntos, lado a lado.

(*Saem Lisandro e Demétrio*.)

HÉRMIA

A culpa disso tudo é da senhora.
Não fuja, não.

HELENA

Não confio em você,
Nem quero sua maldita companhia.
Suas mãos gostam muito de bater,
Mas minhas pernas são para correr.

(*Sai*.)

HÉRMIA

Estou tonta e não sei o que dizer.

(*Sai*.)
(*Oberon e Puck avançam*.)

OBERON

Mas isso é negligência. Foi descaso,
Ou quis fazer das suas, de propósito?

PUCK

Rei das sombras, eu juro, foi engano.
O senhor não mandou que eu procurasse
Um tal rapaz com roupa ateniense?
Pois pra provar que eu não trapaceei,
Foi num ateniense que eu pinguei.
Mas gostei muito do que aconteceu

E achei gozada a confusão que deu.

OBERON

Os dois rapazes vão querer brigar:
Pois veja se escurece esse luar;
Cubra a luz das estrelas com fumaça,
E negro como inferno esse céu faça;
Os dois rivais confunda sem cessar
E impeça que eles possam se encontrar.
Use a voz de Lisandro pra falar,
Provocando Demétrio sem parar;
Fale como Demétrio em outro canto
E assim a cada um confunda um tanto,
Até que um sono calmo como a morte
Envolva a ambos num abraço forte.
Nos olhos de Lisandro passe, então,
Esta planta, cujas virtudes são
As de apagar os erros desta hora
E o fazer ver com o mesmo olhar de outrora.
Quando os dois acordarem pensarão
Que esta loucura foi uma ilusão;
E para Atenas todos vão voltar
Co'o compromisso eterno de se amar.
Enquanto você põe tudo na linha
Eu vou pedir o pajem à rainha;
Depois, do encanto eu livro o seu olhar
E, sem o monstro, a paz há de reinar.

PUCK

Meu senhor, é preciso andar depressa;
Pelas nuvens a noite já se apressa.
Lá longe já cintila a madrugada,
Que obriga o espírito e alma penada
A voltar para a tumba. O condenado,
Que no mar ou na estrada é enterrado,
Já foi de volta pro seu leito imundo,
Pra não mostrar sua vergonha ao mundo;
Ele mesmo abandona a luz diurna

Para viver na escuridão noturna.

OBERON

Mas nós somos de classe diferente,
Que co'a manhã brinca frequentemente,
E pode pelos bosques passear
Quando o portão do leste, a flamejar,
Lança sobre Netuno suas rajadas
Tornando as águas verdes em douradas.
Mas mesmo assim não quero mais demora;
Quero acabar com tudo antes da aurora.

PUCK

Pra lá, pra cá, pra lá, pra cá,
Eu vou guiar pra lá, pra cá;
O mundo já com medo está.
Duende, vai pra lá, pra cá.
Lá vem um.

(*Entra Lisandro.*)

LISANDRO

Para onde foi, Demétrio presunçoso?

PUCK

Pr'aqui, vilão. Armado e ansioso.

LISANDRO

Eu vou pegá-lo.

PUCK

É só seguir atrás
Até o campo.

(*Sai Lisandro, seguindo a voz.*)
(*Entra Demétrio.*)

DEMÉTRIO

Lisandro, fale mais.
Fujão, covarde, onde está metido?
Fale mais, em que arbusto está escondido?

PUCK

Covardão, é você que grita e berra
Que está maluco por entrar em guerra,
Mas nega fogo! Venha aqui, pamonha!
Eu vou dar-lhe uma surra, que é vergonha
Usar arma com você.

DEMÉTRIO

Os sons já somem?

PUCK

Venha logo saber quem é mais homem.

(*Saem os dois.*)
(*Entra Lisandro.*)

LISANDRO

Ele me desafia e sai correndo,
Eu só o vejo desaparecendo.
Ele tem pé mais rápido que o meu:
Mais eu corria, mais ele correu.
Neste caminho escuro estou caindo,
Aqui vou descansar.
(*Deita-se.*)
Vem, dia lindo:

Se um fiapo de luz eu encontrar,
Vejo Demétrio e hei de me vingar.

(*Dorme.*)
(*Entram Puck e Demétrio.*)

PUCK

Como é, covarde; então, não aparece?

(*Os dois se perseguem correndo pelo palco*.)

DEMÉTRIO

Espere, se tem peito. A mim parece
Que você corre pra mudar de posto,
Porque não ousa me encarar no rosto.
Onde está?

PUCK

Mas por que não chega perto?

DEMÉTRIO

Pode brincar, mas vai pagar bem caro
Se eu enxergar seu rosto em dia claro.
Vá embora; eu, por fraqueza, sou forçado
A me estender neste leito gelado.

(*Deita e dorme*.)
(*Entra Helena*.)

HELENA

Oh noite de cansaço e longas penas,
Acaba logo! E brilha amigo, oh dia,
Para eu poder, com a luz, voltar a Atenas;
Aqui não querem minha companhia.
Que o sono feche um pouco o meu olhar;
Preciso de mim mesma me afastar.

(*Deita e dorme*.)
(*Entra Hérmia*.)

HÉRMIA

Morrendo de tristeza e de cansaço,
Pingando orvalho e toda machucada,
Eu não consigo dar mais nem um passo:
Minha perna não anda nem mandada.
Até o amanhecer vou me deitar.
(*Deita.*)
E Deus guarde Lisandro, se lutar.

(*Dorme.*)

PUCK

No chão duro
Dorme puro;
No olhar
Vou pingar,
Amante, sua cura agora.
(*Pinga nos olhos de Lisandro.*)
Hoje acorda
E recorda
O prazer
De rever
A sua amada de outrora.
É costume de dizer
Todo ser quer outro ser;
Quando acordarem, vão ver:
Maria vai ter João: Acabou-se a confusão.
Toda corda vai ter sua caçamba, e tudo vai dar muito certo.

(*Sai.*)

ATO IV

Cena I

(*Lisandro, Demétrio, Hérmia e Helena continuam deitados, dormindo.*)
(*Entram Titânia, rainha das fadas, com Bobina, Ervilha-de-Cheiro, Teia de Aranha, Mariposa, Semente de Mostarda e outras fadas. Oberon, ao fundo, sem ser visto.*)

TITÂNIA

Senta-te aqui, neste leito florido.
Enquanto afago as tuas lindas faces,
Prendo rosas no teu crânio polido,
Beijando-te as orelhas, se o deixasses.

BOBINA

Onde está Ervilha-de-Cheiro?

ERVILHA

Pronto!

BOBINA

Coce minha cabeça, Ervilha. Onde anda a madame Teia de Aranha?

TEIA

Aqui!

BOBINA

Madame Teia, boa senhora, pegue as suas armas e mate-me uma abelha vermelha que esteja pousada em uma flor; e, senhora, traga um bago de mel. Não mexa muito na hora, senhora, para a senhora tomar cuidado para o bago não se quebrar; eu não gostaria nada de vê-la toda derramada com mel. Onde está a senhoria Semente de Mostarda?

MOSTARDA

Presente!

BOBINA

Dê-me aqui a sua pata, senhoria Mostarda. Por favor, nada de cerimônias, senhora madame.

MOSTARDA

O que deseja?

BOBINA

Nada, madaminha, a não ser que queira ajudar a Senhora Teia a coçar. Eu preciso ir ao barbeiro, porque parece que fiquei muito derrepentemente cabeludo pelas faces. Mas eu sou uma besta tão delicada que mal um cabelinho faz cócegas, preciso logo me coçar.

TITÂNIA

Não quer ouvir um pouco de música, meu amor?

BOBINA

Eu tenho o ouvido muito bom pra música. Podem tocar com ferro e osso.

TITÂNIA

Diz, meu doce amor, o que desejas comer?

BOBINA

Para dizer a verdade, um tantinho de forragem; e bem que eu mastigava uma boa aveia seca. Mas o que ia gostar, mesmo, era de um amarrado de feno; não há quitute que se compare a um feninho doce.

TITÂNIA

As minhas fadas buscarão, velozes,
As nozes dos tesouros dos esquilos.

BOBINA

Eu prefiro um ou dois punhados de ervilhas partidas. Mas o que peço é que não deixe a sua gente me perturbar. Estou com disposição para dormir.

TITÂNIA

Dorme, que eu te aconchego nos meus braços;
Fadas, saiam, e fiquem bem para longe.
(*Saem as fadas*.)
Assim se abraçam duas madressilvas
Com suavidade; e a hera, feminina,
Enlaça os dedos fortes do carvalho.
Como eu te amo, oh! Como eu te adoro!

(*Eles dormem*.)

(*Entra Puck.*)

OBERON

(*Avançando.*)
Meu Robin, já viu quadro mais bonito?
Mas desse amor começo a ter piedade;
Pois acabo de vê-la, na floresta,
Mendigando o amor desse idiota;
Eu reclamei, e nos desentendemos:
Pois ela, essa cabeça assim peluda,
Vinha de coroar com lindas flores;
E aquele orvalho que, por vez, nas rosas
Repousa como pérola oriental,
Nos olhos dessas flores parecia
Lágrimas pra chorar sua vergonha.
Quando eu, ao meu prazer, a atormentei
E ela implorou, tão doce, paciência,
Eu lhe pedi o jovem pajenzinho,
Que ela, sem hesitar, me deu na hora,
Mandando-o pro meu reino co'uma fada,
Agora que ele é meu, vou apagar
A imperfeição terrível de seus olhos.
E, doce Puck, arranque esse focinho
Do escalpo desse pobre ateniense,
Para que ele e os outros, acordando,
Já possam todos retornar a Atenas,
Sem se lembrar dos feitos desta noite
A não ser como um sonho um tanto estranho.
Porém, devo acordar minha rainha!
(*Pinga o sumo nos olhos dela.*)
Sê como costumas ser,
Vê como costumas ver;
O amor-perfeito aqui prensado
É com essa força abençoado.
Minha rainha, acorda, está na hora.

TITÂNIA

(*Despertando.*)
Meu rei, mas que visões eu tive agora!
Pensei que o meu amor era um jumento.

OBERON

Eis seu amor.

TITÂNIA

Como houve um tal evento?
Como ele enoja agora o meu olhar!

OBERON

Silêncio. Robin, tire essa cabeça.
Titânia, ordene música que mate
Mais que o sono os sentidos dessa gente.

TITÂNIA

Quero criar um sono musical!

PUCK

(*Tirando a cabeça de burro de Bobina.*)
Acorde como burro ao natural.

OBERON

Toquem!
(*Começa uma música de dança.*)
Minha rainha, dê-me a mão,
Para embalar os que dormem no chão.
(*Oberon e Titânia dançam.*)
Somos agora amigos novamente
E à noite de amanhã, solenemente,
Nas bodas dançaremos triunfantes,
Levando bênçãos e prosperidade.
E, junto com Teseu, os namorados
Com muita festa se verão casados.

PUCK

Meu rei, atenção agora:
É a cotovia, da aurora.

OBERON

Então, rainha, é melhor
Correrrmos, antes do albor.

O globo vamos cruzar,
Mais depressa que o luar.

TITÂNIA

Enquanto vamos voando,
À noite vá explicando,
Conte-me qual a razão
Daqueles mortais no chão.

(*Saem. Os namorados e Bobina continuam dormindo.*)
(*Ao som de trompas — nos bastidores — entram Teseu, Hipólita, Egeu e séquito.*)

TESEU

Alguém procure o guarda-florestal,
Pois nosso ritual já foi cumprido;
E como o dia ainda mal começa
Meus cães irão cantar pro meu amor.
Podem soltar a matilha do oeste!
Vão logo ver o guarda-florestal.
(*Sai um servo.*)
E nós, rainha, do alto da montanha
Vamos ouvir a confusão sonora
Dos latidos e ecos desta hora.

HIPÓLITA

Eu fui com Hércules e Cadmo um dia,
Para a caça de um grande urso de Creta,
Com cães de Esparta; e eu jamais ouvi
Uivar tão lindo; pois, além dos bosques,
Os céus e as fontes, como tudo em volta,
Eram um grito só; nunca escutei
Discórdia e trovoada tão melódicas.

TESEU

Meus cães também têm raça de espartanos
Na queixada, na cor e na cabeça;

Têm imensas orelhas orvalhadas
E barbelas de touros da Tessália.
São lentos; mas na voz têm campainhas
De todo tom; mais bela melodia
Jamais soou, em voz ou em trombeta,
Em Esparta ou em Creta ou na Tessália.
Julgue ao ouvi-los. Mas o quê, são ninfas?

EGEU

Senhor, eis minha filha adormecida,
E aqui Lisandro, e aqui, também, Demétrio;
E esta é Helena, a filha de Nedar.
É uma surpresa vê-los aqui juntos.

TESEU

Na certa madrugaram pra cumprir
Os festejos de maio; e, à nossa espera,
Vieram pr'ajudar o nosso rito.
Mas diga, Egeu, não era este o dia
Em que Hérmia daria sua resposta?

EGEU

Era, senhor.

TESEU

Que a trompa da caçada soe, então.
(*Gritos e toques de trompas nos bastidores. Os namorados acordam e levantam-se assustados.*)
Bom dia; já não é São Valentim;
'Stão atrasados pra acasalar-se.

LISANDRO

Perdão, senhor.

(*Os namorados ajoelham-se.*)

TESEU

Todos de pé, eu peço.
Eu sei que os dois são rivais inimigos;

Como se explica, então, essa harmonia,
Que tanto apaga o ódio do ciúme,
Que dorme, junto a ele, sem temê-lo?

LISANDRO

Senhor, vou responder meio espantado,
Inda meio dormindo, mas eu juro
Que não sei bem como eu cheguei aqui.
Pra falar a verdade, eu acredito
Que vim com Hérmia e que nossa intenção
Era fugir de Atenas pra um lugar
Onde escapar à lei ateniense.

EGEU

Chega, senhor! Isso já é o bastante!
Quero o peso da lei sobre esse homem!
Os dois iam fugir, não vês, Demétrio,
Para poder roubar a mim e a ti:
A tua esposa e a minha autoridade,
Autoridade que te dava a esposa.

DEMÉTRIO

Senhor, a bela Helena me contou
Que os dois iam fugir para a floresta;
Eu, furioso, vim atrás dos dois,
E a bela Helena, por amor, comigo.
Mas, meu senhor, não sei por que poder —
Mas poder foi — o meu amor por Hérmia
Derreteu como a neve e hoje parece
A lembrança de alguma brincadeira
Que eu tivesse adorado em minha infância.
Toda a fé que hoje tem meu coração,
O objeto e a atração do meu olhar
São só Helena. Dela, meu senhor,
Estive noivo antes de amar Hérmia;
Doente, eu recusei este alimento,
Mas, com saúde, o gosto já voltou
E agora a quero, a amo e a desejo,
E ao meu gosto eu serei sempre fiel.

TESEU

Amantes, este encontro foi feliz
E disso falaremos brevemente.
Egeu, vou suplantar sua vontade:
No templo, daqui a pouco, junto a nós,
Os dois casais serão pra sempre unidos.
Como a manhã 'stá quase terminando,
Vamos juntos pr'Atenas; três e três
Farão a sua festa de uma vez.
Vamos, Hipólita.

(*Saem Teseu, Hipólita, Egeu e séquito.*)

DEMÉTRIO

Tudo parece vago e pequenino,
Como os altos dos cumes entre as nuvens.

HÉRMIA

Eu vejo tudo só com meio olhar;
Vejo tudo dobrado.

HELENA

É o que parece.
E a Demétrio eu vejo como joia
Que é minha e não é minha.

DEMÉTRIO

Têm certeza
De que estamos despertos? Me parece
Que ainda dormimos e sonhamos.
O duque esteve aqui? Nos convidou?

HÉRMIA

Esteve, sim; co'o meu pai.

HELENA

E com Hipólita.

LISANDRO

Ele nos disse pra segui-lo ao templo.

DEMÉTRIO

Então 'stamos despertos; vamos logo,
E a caminho contemos nossos sonhos.

(*Saem.*)

BOBINA

(*Acordando.*)
Quando for a minha deixa, é só chamar que eu respondo. A próxima é "Meu belo Píramo". Olá! Pedro Quina? Sanfona, o consertador de foles? Bicudo, o funileiro? Fominha? Meu Deus, que vida! Fugiram e me deixaram dormindo! Eu tive uma visão de grande raridade. Tive um sonho que foge à capacidade dos homens dizer que sonho foi. Mas qualquer homem é burro se sair por aí exposicionando um sonho desses. Me parece que estava… ninguém sabe dizer o quê! Me parece que eu era, me parece que eu tinha… mas qualquer homem não passa de um bobo rematado se se oferecer para dizer que me parece que eu tinha. O olho do homem não ouviu, o ouvido do homem não viu, a mão do homem não provou, sua língua não concebeu, nem seu coração relatou o que foi o meu sonho. Eu vou pedir a Pedro Quina para escrever uma balada com o meu sonho: e ela vai se chamar "Sonho de Bobina", porque foi uma bobinada; e eu canto ela no final do drama, na festa do duque. É até capaz de, para tornar as coisas mais bonitas, eu a cantar na hora da morte dela.

(*Sai.*)

Cena II

(*Entram Quina, Sanfona, Bicudo e Fominha.*)

QUINA

Mandaram ver na casa do Bobina? Ele já chegou em casa?

FOMINHA

Ninguém teve nenhuma notícia dele. Não há dúvida de que ele foi transportado.

SANFONA

Se ele não aparecer, o drama empaca e não vai mais para diante, não é?

QUINA

É impossível. Não há homem em Atenas capaz de se desencarregar de Píramo, a não ser ele.

SANFONA

Não, mesmo. Ele é simplesmente o mais esperto de todos os artesãos de Atenas.

QUINA

Isso; e a melhor pessoa, também; e ele é o parabelo das vozes doces.

SANFONA

Você quer dizer paradigma. Parabelo, que Deus me abençoe, é uma bobagem muito leve.

(*Entra Justinho, o marceneiro.*)

JUSTINHO

Mestres, o duque está vindo do templo e haverá mais dois ou três nobres e nobrezas se casando. Se nossa festa tivesse ido adiante, estávamos todos feitos.

SANFONA

Ah, Bobina querido! Deu jeito de perder seis moedas por dia pro resto da vida; menos de seis, nem pensar. Queria que me enforcassem se o duque não tivesse dado seis moedas diárias de

pensão pelo modo dele representar Píramo. E merecido: para um Píramo daqueles, ou seis moedas ou nada.

(*Entra Bobina.*)

BOBINA

Onde está a rapaziada? Onde estão, meus corações?

QUINA

Bobina! Que dia corajoso! Que momento feliz!

BOBINA

Mestres, vou discursar maravilhas: mas não me perguntem quais, pois que se eu contar não sou ateniense de verdade. Eu vou dizer tudo, tudo direitinho como foi acontecendo.

QUINA

Conte logo, Bobina querido.

BOBINA

De mim, nem uma só palavra. O que digo a vocês é que o duque já ceou. Preparem seus trajes, com barbantes fortes para as barbas, laços novos nos sapatos. Vão depressa pro palácio; e todo o mundo torna a passar muito bem seu papel; pois, pra falar a verdade, o que tenho a dizer é que o nosso drama foi promovido. De qualquer modo,Tisbe que esteja com a roupa bem limpa; e não deixem quem faz o leão cortar as unhas, porque elas têm de ficar para fora, feito garra de leão. E, meus atores queridos, ninguém pode comer alho, porque é preciso ficar de hálito doce; e eu tenho a certeza de que eles vão dizer que é uma comédia deliciosa. Chega de falar! Vamos! Vamos logo!

(*Saem.*)

ATO V

Cena I

(*Entram Teseu, Hipólita, nobres e servos, entre eles Filostrato.*)

HIPÓLITA

É estranho, meu Teseu, o que eles contam.

TESEU

Bem mais que verdadeiro; eu nunca fui
De crer em fadas ou em fantasias.
Loucos e amantes têm mentes que fervem
Com ideias tão fantásticas, que abrangem
Mais que a razão é capaz de apreender.
O poeta, o lunático e o amante
São todos feitos de imaginação;
Um vê mais demos do que há no inferno:
E o louco; o amante, alucinado,
Pensa encontrar Helena em uma egípcia;
O olho do poeta, revirando,
Olha da terra ao céu, do céu à terra,
E enquanto o seu imaginar concebe
Formas desconhecidas, sua pena
Dá-lhes corpo e, ao ar inconsistente,
Dá local de morada e até um nome.
Tal é a força da imaginação.

HIPÓLITA

Mas toda a história dessa longa noite
E das mudanças conjuntas de suas mentes
Testemunha algo mais que fantasia
E transformou-se em algo mais constante,
Mas, mesmo assim, estranho e admirável.

(*Entram os amantes: Lisandro, Demétrio, Hérmia e Helena.*)

TESEU

Ei-los cá, estourando de contentes:
Amigos, alegria e muito amor
Cerquem seus corações.

LISANDRO

E, mais que os nossos,
Os caminhos reais, sua mesa e leito!

TESEU

Vamos! Que danças e que mascaradas
Teremos pra gastar as longas horas
Depois da ceia e antes de deitar?
Onde está nosso mestre de festas?
Quais os festejos? Há alguma peça
Pra afastar as tristezas uma hora?
Onde está Filostrato?

FILOSTRATO

Aqui, meu duque.

TESEU

O que temos para encantar a noite,
Teatro ou música? Como encurtar
Esta demora senão com prazeres?

FILOSTRATO

Aqui temos a lista dos festejos;
Qual deles meu senhor quer ver primeiro?

(*Entrega-lhe um papel.*)

TESEU

(*Lendo.*)
"Balada do Centauro, a ser cantada,
Com harpa, pelo eunuco ateniense?"
Nem pensar; já contei à minha amada
Essa aventura de meu primo Hércules.
(*Lendo.*)
"O Desvario das Bacantes Bêbadas,

Quando matam Orfeu em sua fúria?"
É tragédia já velha e apresentada
Quando voltei de Tebas, vencedor.

HIPÓLITA

(*Lendo.*)
"As Nove Musas, lamentando a morte
Do Saber, falecido de pobreza?"
Parece sátira, aguda e crítica,
Nada adequada à festa nupcial.
(*Lendo.*)
"Breve cena de tédio sobre Píramo
E Tisbe, seu amor; tragédia alegre?"
Alegre e trágica, tediosa e breve?
Isso é gelo queimando, neve estranha!
Como haverá acordo em tal discórdia?

FILOSTRATO

É uma peça, senhor, de dez palavras,
Sendo a peça mais curta que eu já vi.
Pois essas dez, no entanto, são demais
E causam tédio, pois na peça inteira
Não há palavra e nem ator correto.
É bem certo, senhor, que seja trágica,
Pois, nela, Píramo se suicida,
Fato que, no ensaio, eu lhe confesso,
Trouxe-me lágrimas — de riso — aos olhos,
Pois nunca vi paixão tão engraçada.

TESEU

Mas quem são os atores?

FILOSTRATO

Atenienses de mãos calejadas
Que estreiam hoje no trabalho o cérebro,
Aplicando memórias destreinadas
Nesse espetáculo pras suas bodas.

TESEU

É o que veremos.

FILOSTRATO

Não, meu bom senhor;
Não é para os senhores; eu a vi,
E não é nada, não é nada, mesmo,
A não ser que divirta a intenção —
Toda troncha, e de parto doloroso —
Que foi honrá-lo.

TESEU

Eu quero ver a peça;
Pois nunca pode haver nada de errado
No que é criado por dever singelo.
Faça-os entrar; senhoras, seus lugares.

(*Sai Filostrato.*)

HIPÓLITA

Não gosto que se abuse de quem sofre,
Nem que se fira o que o respeito faz.

TESEU

Ora, querida, aqui não verá disso.

HIPÓLITA

Mas já foi dito que eles não são bons.

TESEU

Maior nossa bondade em agradecer-lhes:
Tomemos por encanto os seus enganos;
O que o respeito tenta e não consegue,
No olhar do nobre é mérito.
Por onde andei, quantos sábios tentaram
Saudar-me com discursos preparados,
Quando eu os vi tremer, ficando pálidos,
Fazer parágrafos em meio a frases,
Só de medo engrolar sua dicção,
Ficando, às vezes, mudos no caminho,
Sem dar as boas-vindas. Pois, amor,
Em tais silêncios sei que fui bem-vindo,

E na modéstia do respeito tímido
Eu já li tanto quanto em língua ativa,
Em eloquência audaz ou atrevida.
O amor e a singeleza que sufocam
Justo por falar menos mais me tocam.

(*Entra Filostrato*.)

FILOSTRATO

Senhor, o Prólogo já se prepara.

TESEU

Que ele entre.

(*Clarinada*.)
(*Entra Quina como Prólogo*.)

PRÓLOGO

Se ofendemos, é de todo coração;
Não pensem que viemos ofender,
Mas contentes por mostrar nosso talento:
Esse é o princípio desse nosso fim.
Creiam, pois, que aqui estamos por desprezo.
Não pensem que viemos pra agradá-los,
Pois é o que queremos. Pro seu prazer
Não estamos aqui. Pra entristecê-los,
Eis os atores. Pelo que farão
Saberão tudo o que há para saber.

TESEU

Ele não é muito de pontuação.

LISANDRO

Cavalgou seu prólogo como um potro bravio, sem saber onde ia parar. Uma boa moral para a história, senhor: não basta falar, é preciso falar certo.

HIPÓLITA

Na verdade ele fez com o prólogo o que uma criança faz com uma flauta: emite sons, porém desgovernados.

TESEU

Ele fala como uma corrente emaranhada: não está estragada, mas está confusa. E agora?

(*Entram, precedidos por um trombeteiro, Bobina como Píramo, Sanfona como Tisbe, Bicudo como o Muro, Fominha como o Luar e Justinho como o Leão.*)

PRÓLOGO

Talvez a peça vos confunda, ó nobres;
Tudo é confuso, até que fique claro.
Se vós queirais saber, aquele é Píramo
E aquela ali é a bela dama Tisbe.
Esse homem de argamassa representa
O cruel Muro que separa os dois;
Os dois, pelo buraco aqui do Muro,
Contentam-se em falar, o que é incrível.
Aquele ali, com cão, lanterna e espinhos,
Representa o Luar, pois sabereis
Que era ao luar que os dois se rebaixavam
A se ver e se amar no cemitério.
Esse monstro, que chamam de Leão,
Assustou certa noite a pobre Tisbe,
Que chegou antes, mas saiu correndo,
Perdendo na corrida o seu manto,
Que o Leão deixou todo ensanguentado.
Chega depois o belo e jovem Píramo
E encontra, assassinado, o manto dela;
E então, com horrenda e cabulosa espada,
Ele varou seu peito efervescente;
E Tisbe, escondida atrás da moita,

Morreu da própria faca. Quanto ao resto,
Leão, Luar, o Muro e os dois amantes
Dirão, com palavrório, à vossa frente.

(*Saem Prólogo, Píramo, Teseu, Leão e Luar.*)

TESEU

Será que o Leão vai falar?

DEMÉTRIO

Não será de espantar, senhor, quando os burros já falam.

MURO

Neste interlúdio acontece, aqui juro,
Que eu, Bicudo, represento o Muro.
E esse Muro que eu sou, fiquem sabendo,
Tinha uma fresta ou buraquinho horrendo
Por onde Píramo e Tisbe, amantes,
Vinham sempre falar por uns instantes.
A pedra e a argamassa que eu aperto
São provas de que eu sou um Muro certo;
E esta frestinha aqui é o lugar
Onde os mortais amantes vão falar.

TESEU

Quem poderia esperar que pedra e cal falassem melhor?

DEMÉTRIO

É o Muro mais espirituoso que já ouvi discursar, senhor.

(*Entra Píramo.*)

TESEU

Píramo já chega ao Muro; quietos!

PÍRAMO

Ó noite horrível, preta de tão negra!
Noite que sempre vem se não é dia!

Ó noite, ó noite, ó noite, ai, ai, ai!
Tisbe esqueceu-se, eu temo, deste encontro!
E tu, ó Muro, ó doce e lindo Muro,
Tu separas as terras do meu pai
Das do pai dela, doce Muro lindo.
Quero espiar por esse buraquinho.
(*O Muro estica os dedos, separados.*)
Muito obrigado, Muro: Zeus te guarde!
Mas o que vejo? Tisbe é que não vejo. Muro mau, que não mostra o paraíso.
Maldigo as tuas pedras, que me enganam!

TESEU

Parece-me que o Muro, tão sensível, devia, por sua vez, maldizê-lo também.

PÍRAMO

Não, senhor, não devia não. "Que me enganam" é a deixa de Tisbe: agora ela tem de entrar e eu tenho de espiar pelo Muro. Vão ver como vai sair tudo como eu disse: lá vem ela.

(*Entra Tisbe.*)

TISBE

Muro, que tanto escutas meus gemidos,
Por que separas meu Píramo de mim?
Meus lábios rubros beijam tuas pedras,
Pedras que a argamassa é que grudou.

PÍRAMO

Vejo uma voz! Já vou para o buraco
Para escutar o rosto da Tisbinha.
Tisbe!

TISBE

Tu és o meu amor querido!

PÍRAMO

Seja o que for, eu sou a tua graça;

Como Leandro eu mereço confiança.

TISBE

E como Ilena eu juro sem fiança.

PÍRAMO

Nem Romão e Julita amaram tanto.

TISBE

Mais que Julita e que Romão, garanto.

PÍRAMO

Beija-me aqui, por esse buraquinho.

TISBE

Porém é o Muro quem ganha o beijinho.

PÍRAMO

Vamos à tumba de Nina depressa.

TISBE

Ou vida, ou morte, eu vou com toda pressa.

(*Saem por direções diversas*.)

MURO

E assim eu, Muro, fiz a minha parte;
Vou-me embora, que acabou minha arte.

(*Sai*.)

TESEU

Caiu o Muro entre os dois vizinhos.

DEMÉTRIO

Não é de espantar que muros tão caprichosos assim caiam sem avisar.

HIPÓLITA

Isso tudo é a maior tolice que eu já vi.

TESEU

Os melhores nesse ofício são apenas sombras; e os piores não são piores, se a imaginação os emendar.

HIPÓLITA

Terá de ser então a sua imaginação, não a deles.

TESEU

Se não imaginarmos, deles, nada pior do que eles imaginaram de si mesmos, passarão por atores excelentes. Aí vêm duas bestas soberbas, um homem e um leão.

(*Entram o Leão e o Luar.*)

LEÃO

Senhoras, cujos corações têm medo
De um monstro de um ratinho pelo chão,
É possível que tremam e sacudam
Quando rugir este Leão selvagem.
Mas eu sou só Justinho, o marceneiro,
Nem leão, nem leoa, a sua mãe.
Se eu fosse um leão mesmo, fera brava,
Vivo deste lugar não escapava.

TESEU

Uma fera muito delicada e conscienciosa.

DEMÉTRIO

Pelo menos a melhor fera a que eu já assisti.

LISANDRO

O leão é uma raposa de bravura.

TESEU

Sem dúvida; e o discernimento de um ganso.

DEMÉTRIO

Não, meu senhor, pois sua bravura não dá para ganhar de seu discernimento, mas a raposa sempre ganha do ganso.

TESEU

Seu discernimento, estou certo, não tem condições de ganhar de sua bravura, pois não há ganso que ganhe de raposa. Tudo está

bem: ele que fique com seu discernimento; vamos ouvir a Lua.

LUA

Esta lanterna são os cornos da Lua…

DEMÉTRIO

Ele devia ter posto os cornos na própria cabeça.

TESEU

Como ele não é crescente, os cornos desaparecem na circunferência.

LUA

Esta lanterna são os cornos da Lua,
E eu 'stou parecendo o homem dela.

TESEU

Este é o maior erro de todos; o homem tinha de ficar dentro da Lua, senão como poderá ser o homem que vive nela?

DEMÉTRIO

Ele não entra por causa da vela; parece que já está meio queimado.

HIPÓLITA

Estou cansada dessa Lua. Ela bem podia mudar de fase!

TESEU

Parece, pela modéstia de sua luz, que está no minguante; portanto, por questão de cortesia, temos de ficar.

LISANDRO

Continue, Lua.

LUA

Só o que tenho que dizer é que a lanterna é a Lua, que eu sou o homem da Lua, que estes gravetos são meus gravetos e que este cachorro é o meu cachorro.

DEMÉTRIO

Deveriam todos ficar na lanterna para formar a Lua, ao que parece. Quietos! Lá vem Tisbe!

(*Entra Tisbe.*)

TISBE

Esta é a tumba; onde estás, amor?

LEÃO

Oh…

(*O Leão ruge. Tisbe, deixando cair o xale, sai correndo.*)

DEMÉTRIO

Bem rugido, Leão!

TESEU

Bem corrido,Tisbe!

HIPÓLITA

Bem brilhado, Lua! Realmente a Lua brilha muito bem.

(*O Leão fuça várias vezes o xale, depois sai.*)

TESEU

Bem fuçado, leão!

DEMÉTRIO

E então chegou Píramo…

LISANDRO

E o Leão desapareceu.

(*Entra Píramo.*)

PÍRAMO

Lua, obrigado pelo sol que trazes;
Muito obrigado porque brilhas tanto.
Só teus raios dourados, tão vivazes,
Me mostram do rosto de Tisbe o encanto.
Oh, que desgraça!
O que se passa?

Que tragédia espantada!
Não quero ver.
Não posso crer.
Ai, querida, ai, amada!
O xale achei;
Sangue encontrei?
Fúria, vem me matar!
Venha fado
Excomungado
Me bater e amassar!

TESEU

Uma tal paixão, aliada à morte de um ente querido, já quase que dá para deixar qualquer um entristecido.

HIPÓLITA

Pobre coitado; o homem merece piedade.

PÍRAMO

Por que a Natureza fez leões?
Um leão deflorou a minha amada
Que é — não, era — a dama mais bonita,
Bela, boa, brilhante e abençoada.
O pranto adere,
A espada fere
Deste Píramo o peito.
Na bateção
No coração
Essa morte eu aceito.
Agora morri,
Agora eu parti,
A minh'alma ao céu corre,
Me calo agora.
Lua, vai embora.
(*A Lua sai.*)
E aqui jaz e morre.

(*Morre.*)

DEMÉTRIO

O rapaz que jaz é um ás da morte.

LISANDRO

Ás que jaz é incapaz. Está morto; é um zero à esquerda.

TESEU

Com a ajuda de um médico é capaz de se recuperar e voltar a ser um asno.

HIPÓLITA

Como é que o luar foi embora antes de Tisbe voltar e encontrar seu amante?

TESEU

Ela encontrará pela luz das estrelas.
(*Entra Tisbe*.)
Aí vem ela, e com sua paixão a peça acaba.

HIPÓLITA

A mim parece que por um Píramo desses a paixão não deve prolongar-se muito. Espero que seja breve.

DEMÉTRIO

Um fio de cabelo desfaz o equilíbrio da balança se pusermos Píramo em um prato e Tisbe no outro para saber, que Deus nos livre, qual o melhor: se ele como homem, ela como mulher.

LISANDRO

Ela já o viu, com aqueles seus doces olhos.

DEMÉTRIO

E assim começa ela a gemer, se lhe permitem…

TISBE

Dormiu, amado?
Meu bem, matado?
Meu Píramo, desperta!
Mudo, sem fala?
Morto, na vala?
Lábios de lírio,
Nariz vermelho,
Face de flor de ouro.
Tudo vai embora,
O amante chora,

Tinh'olhos verde-louro.
Trio do fado,
Vem pro meu lado,
Com mãos brancas de leite;
Sangue as molhou,
Já que cortou
Sua vida com um estilete.
Língua, calada!
Vem, cara espada,
Entra nos peitos meus!
(*Enfiando a faca no peito.*)
Vejam! Já vou!
Tisbe acabou!
Adeus, adeus, adeus!

(*Morre.*)

TESEU

Restam o Luar e o Leão para enterrar os mortos.

DEMÉTRIO

É; e o Muro, também.

BOBINA

(*Levantando-se repentinamente.*)
Isso é que não; o Muro que separava os dois caiu.
(*Sanfona se levanta.*)
Preferem ver o epílogo ou ouvir dois ou três dos nossos atores dançando uma bergamasca?

TESEU

Epílogo não, por favor; pois sua peça não necessita de escusas. Nunca de escusas, pois quando os atores estão mortos, ninguém precisa ser culpado. Para falar a verdade, se quem escreveu a peça tivesse feito o papel de Píramo, e se enforcado com a cinta de Tisbe, teria sido uma ótima tragédia — como aliás foi

mesmo; e muito notavelmente executada. Mas vamos! A sua bergamasca! Deixe o seu epílogo em paz.
(*Entram Quina, Justinho, Bicudo e Fominha, dois dos quais dançam uma bergamasca, depois saem os artesãos, inclusive Bobina e Sanfona.*)
A meia-noite já cantou as doze:
Ao leito, amantes, que é hora das fadas.
Temo que não veremos a manhã,
Como hoje já tardamos pela noite.
Essa peça grosseira fez passar
A lentidão da noite; ao leito, amigos.
Por quinze dias nós teremos festas;
Toda noite alegrias como estas.

(*Saem.*)
(*Entra Puck.*)

PUCK

Agora ruge o leão,
O lobo uiva ao luar;
O roceiro ronca, são,
Exausto de trabalhar.
Mal brilha no fogo a lenha,
Enquanto a coruja grita
E assusta o que culpas tenha,
Que sua mortalha fita.
Esta é a hora sem lua
Em que os túmulos abertos
Põem espíritos na rua
Em cemitérios despertos.
Nós, duendes, que corremos
Com o trio da maldição,
E o que do sol esquecemos
No sonho da escuridão,
Vamos brincar. Nem ratinho

Vai perturbar este ninho.
Minha vassoura, ligeira,
Vai limpar toda a poeira.

(*Entram Oberon e Titânia, rei e rainha das fadas, com todo o seu séquito.*)

OBERON

Encham de luz toda esta casa,
Façam queimar de novo o fogo;
Todo elfo e fada que têm asa
Entre, qual pássaro, no jogo;
E esta canção cantem comigo,
Com dança alegre e som amigo.

TITÂNIA

É preciso decorar
Pra letra toda cantar;
De mãos dadas e bom grado
Deixar tudo abençoado.

(*Oberon, liderando, as fadas dançam e cantam.*)

OBERON

Agora, até de madrugada
Aqui teremos cada fada.
O próprio leito do noivado
Será por nós abençoado:
E quem dali vier ao dia
Terá fortuna e alegria.
E assim os três casais de amantes
Sempre serão no amor constantes;
E os erros vis da natureza
Não mancharão sua beleza;

Nenhum defeito ou cicatriz
Lhes virá dar prole infeliz,
Ou desprezada por nascer —
Como acontece a tanto ser.
Com este orvalho consagrado,
Fadas, fazei o ordenado!
E — abençoado em cada sala —
Neste palácio a paz se instala:
Todos terão doce repouso
E o seu senhor será ditoso.
Parti agora,
E sem demora,
Vinde encontrar-me à luz da aurora.

(*Saem todos menos Puck.*)

PUCK

Se nós, sombras, ofendemos,
Acertar tudo podemos:
É só pensar que dormiam
Se visões apareciam,
E que esse tema bisonho
Apenas criou um sonho.
Plateia, não repreenda;
Com perdão, tudo se emenda.
Puck afirma, sem mentir:
Se conseguirmos sair
Daqui sem ninguém vaiar,
Prometemos melhorar:
Juro que não 'stou mentindo;
Boa noite, eu vou saindo.
Se aplaudirem, como amigos,
Puck os salva de perigos.

(*Sai*.)

O mercador de Veneza

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Nenhuma comédia de William Shakespeare tem passado por gama tão ampla e variada de interpretações quanto *O mercador de Veneza*, nem nenhum de seus personagens tem sido encarado de modos tão diversos e conflitantes quanto o judeu Shylock, a figura que parece dominar a peça inteira, apesar de só participar de cinco de suas vinte cenas. A comédia *O mercador de Veneza* foi publicada pela primeira vez em 1600, tendo sido devidamente registrada, para fins de publicação, na repartição adequada, que era o *Stationers' Register*, em julho de 1598. Torna-se óbvio, desde então, que é Shylock quem capta mais eficientemente a imaginação do público, já que no pequeno volume da primeira edição a obra aparece com o seguinte título: "A muito excelente História do Mercador de Veneza. Com a extrema crueldade de Shylock, o judeu para com o dito Mercador, cortando uma justa libra de carne: e a obtenção de Pórcia pela escolha das três arcas. Como tem sido várias vezes representada pelos Servos do Lorde Camerlengo. Escrita por William Shakespeare. Em Londres. Impressa por J.R. [James Roberts] para Thomas Heyes e para ser vendida no Adro da Igreja de São Paulo, no sinal do Dragão Verde. 1600." A área junto à catedral de São Paulo era um grande centro de vendas e trocas, sendo o principal ponto de comercialização de livros na época. Na falta de numeração nas ruas, as lojas eram conhecidas por suas tabuletas, nas quais eram pintados os "sinais" ou figuras que simbolizavam cada negociante. Em 1619, a comédia teve uma segunda edição, fraudulenta e sub-reptícia, inclusive falsamente datada também de 1600. Mas, fraudulenta ou não, essa nova edição atesta a continuada popularidade da peça. O texto que aparece no *Folio* de 1623 é uma reprodução da primeira edição, um texto particularmente bom, muito provavelmente impresso a partir do manuscrito original de Shakespeare, ainda sem indicações de normatização para fins de encenação.

A trama de *O mercador de Veneza* é o resultado da mistura de duas outras de origens diversas, mas dotadas ambas de fortes características de narrativas tradicionais, como os contos de fadas ou os do folclore. Uma escolha a ser feita entre três opções, duas erradas e uma certa — e que podem ser tanto objetos quanto pessoas —, tem sido apresentada em incontáveis manifestações, com toda espécie de variantes, como, por exemplo, em *O amor de três laranjas*, *Cinderela* ou as três irmãs do *Rei Lear*; mas a quase totalidade do enredo, tal como ele se apresenta nesta comédia, Shakespeare o encontrou na história de Gianetto, em uma coletânea de *novelle* italianas intitulada *Il Pecorone*, que foi escrita — ou talvez apenas organizada — por *Ser* Giovanni Fiorentino, de quem não se conhece qualquer outra obra. Nessa fonte, no entanto, a prova pela qual o candidato tem que passar para a conquista da moça é aguentar uma noite inteira acordado, sendo que os dois primeiros são adormecidos com soníferos ministrados às escondidas; a variante com três arcas, por outro lado, o poeta pode ter tirado do poema *Confessio amantis*, de John Gower, do *Decameron*, de Boccaccio, ou da veneranda *Gesta Romanorum*, que nasceu no século XIV, mas teve duas edições em inglês no século XVI.

A história do pagamento de uma dívida por meio de uma libra de carne também poderia ser encontrada em bom número de fontes, sendo que ao menos duas seriam de fácil acesso para Shakespeare, a popular *A balada da crueldade de Geruntus*, que data de antes de 1590, e *O orador*, uma coletânea de orações, entre as quais se encontra a que leva o título *De um judeu, que queria, por uma dívida, obter uma libra de carne de um cristão*. Existia uma terceira fonte, que muitos consideram ter sido provavelmente a mais imediata, mas que infelizmente desapareceu antes que fosse feito qualquer estudo comparativo com *O mercador de Veneza*; trata-se de uma peça, *O judeu*, que é descrita por Stephen Gosson, em 1576, como "representando a avareza dos que optam pelo mundo e a sanguinolência da mente dos usurários". Alguns estudiosos admitem que a frase pode fazer referência às arcas e à libra de carne, mas não existe qualquer possibilidade de verificação.

A criação de *O mercador de Veneza*, por outro lado, parece refletir com bastante precisão a forte onda de antissemitismo que varreu Londres em 1593-94; Roderigo Lopez, um judeu português que havia atingido a elevada posição de médico pessoal da rainha Elizabeth I, envolveu-se em uma complexa trama política (em torno de Portugal, não da Inglaterra) e acabou acusado de tomar parte em uma conspiração para assassinar a soberana. Hoje em dia, há quase

total certeza de que a acusação feita a Lopez foi forjada, mas na época o clima ficou muito violento, e o médico judeu foi enforcado em junho de 1594. Em função dos fanáticos sentimentos do momento, a peça *O judeu de Malta*, de Christopher Marlowe, escrita em 1589 e dotada de um protagonista de inacreditáveis sordidez e ferocidade, foi remontada pela companhia dos Homens do Lorde Almirante, a mais famosa rival do grupo ao qual pertencia Shakespeare; e, muito embora isto não pareça digno de um Shakespeare considerado sacrossanto por alguns adoradores de hoje, não é absolutamente improvável que a Chamberlain's Men tenha sugerido a seu principal autor que uma peça a respeito de um judeu poderia ser extraordinariamente saudável para a bilheteria do grupo. O judeu da peça de Marlowe, Barrabás, é um tal monstro de vilania que, em 1964 — ano do quarto centenário do nascimento de Shakespeare e também de seu colega —, a peça *O judeu de Malta* foi montada na Inglaterra como uma grande comédia de humor negro, muito embora seu autor a tenha rotulado de tragédia. Mas Shakespeare, tanto como personalidade (pois era chamado de "*gentle master* Shakespeare") quanto como autor, era radicalmente diferente de Marlowe (que, ambicioso e aventureiro, morreu assassinado). Quando Shakespeare completou a peça, que poderia ser resultado de sua tentativa de atender a tal pedido, o clima era outro, e Shylock, apesar de manter fortes características condenáveis, é um ser humano que sofre e tem motivações compreensíveis. Tão complexo resultou o personagem que, principalmente durante o período da Segunda Guerra Mundial, Shylock foi interpretado como impressionante defensor da dignidade de sua raça, vítima de constantes perseguições de um cristianismo cruel.

A extraordinária eficiência teatral da figura de Shylock faz com que volta e meia alguém perca de vista o fato de que, em sua estrutura total, *O mercador de Veneza*, mesmo que diferente de todas as outras comédias, também é uma comédia romântica centrada na ideia da conquista da felicidade. Como Shakespeare não é um autor realista, as duas tramas de conto de fadas servem para a apresentação não de um, mas de vários exemplos e caminhos do mesmo fenômeno; e nunca é demais lembrar que, como sempre em Shakespeare, o perigo e até a morte colorem os obstáculos a serem superados na trajetória a ser cumprida pelos que desejam a felicidade, um reflexo incontestável da convicção do autor de que ela não pode ser alcançada com facilidade. Na luta pela conquista de seus objetivos, todos se arriscam: Pórcia, apaixonada por Bassânio, prefere correr o risco de perdê-lo no cumprimento da escolha entre

as três arcas a desrespeitar os desejos de seu pai morto; Bassânio, que aos olhos do século XXI pode parecer um mero caçador de dotes que se apresenta como candidato à mão de Pórcia coberto de riquezas emprestadas, cumpre esses rituais de lenda estando realmente apaixonado por ela e corre conscientemente os riscos da escolha; Jéssica, ao fugir e roubar parte das riquezas do pai para buscar sua felicidade junto ao cristão Lorenzo, corre o risco da maldição paterna. Antônio, o mercador do título, arrisca-se a ter uma libra de carne cortada do próprio corpo para conseguir o dinheiro para financiar a corte de Bassânio a Pórcia; Lancelote Gobbo, o cômico, arrisca seu emprego certo com o rico judeu Shylock para servir a Bassânio; e o próprio Shylock, é claro, arrisca seu dinheiro ao emprestá-lo a Antônio e arrisca a própria vida ao tentar fazer valer a legislação de Veneza contra um cidadão cristão no tribunal. Aliás, para os que, ao lerem o texto, considerarem arbitrário e implausível o argumento legalista de Pórcia, informamos que era exatamente assim que as coisas se processavam e que o argumento usado na defesa de Antônio tem base histórica.

Um pouco inevitavelmente, é em *O mercador de Veneza* que com maior força se manifesta um dos aspectos básicos que John Russell Brown apresenta em seu livro *Shakespeare and his Comedies* (Methuen, 1957): o da riqueza do amor. O argumento do crítico é de que há julgamentos éticos implícitos na aparente superficialidade das comédias e, no desenvolvimento de sua tese, sustenta ele que tais julgamentos giram em torno de quatro conceitos muito bem definidos, que são a riqueza do amor, a verdade do amor, a ordem do amor e as provações do amor. O amor vê a verdade com seus próprios olhos, ele traz a ordem de seu próprio equilíbrio e enfrenta toda espécie de dificuldades com extraordinária coragem. O aspecto da riqueza é o mais original, pois Shakespeare — não só nesta peça — apresenta o amor como uma forma de comércio, que se distingue do comércio propriamente dito pelo fato de, no amor, lucrar mais não quem mais luta para ganhar, mas, antes, o que é mais generoso, menos egoísta, menos empenhado em buscar seus interesses pessoais. No comércio do amor há também lucro, que, no caso, são os filhos, o que constitui o *julgamento* (o termo é de Russell Brown) a respeito, digamos assim, da funcionalidade do amor na vida do indivíduo em seu grupo. Na belíssima cena em que Bassânio enfrenta o desafio das arcas, tanto quanto nas cenas no Rialto, nas quais o mundo dos negócios é crucial, os termos do comércio são usados para ressaltar a força das posições assumidas. Isso não

significa, de modo algum, que os outros critérios de julgamento do amor não estejam também presentes em *O mercador de Veneza*.

Já tem sido argumentado que a força do personagem Shylock é tamanha que, com seu desaparecimento, no final do Ato IV, a peça não teria mais razão para continuar; mas é no último ato, na verdade, que se conclui que a trama principal da obra é a conquista da felicidade. Com a feliz reunião de Pórcia e Bassânio, Nerissa e Graziano, bem como de Jéssica e Lorenzo, vale a pena deixar para o leitor a reflexão a respeito da situação de Antônio, o mercador. Ao contrário de Shylock, ele é reunido com suas riquezas, mas da felicidade dos amantes ele acaba sendo tão alijado quanto Shylock, e não podemos escapar da ideia de que Shakespeare parece ver o mercador, tanto quanto o judeu, como um obstáculo a ser vencido no caminho da conquista da felicidade.

Em *O mercador de Veneza*, tanto os personagens quanto as situações são bem mais complexos e sutis do que em *A comédia dos erros*. A questão da justiça e da misericórdia tem aqui ênfase jamais sequer sonhada, sendo o próprio tema não só da parte da trama relacionada com a libra de carne, como da mais famosa fala de Pórcia. A aparência e a realidade surgem também de forma bem menos óbvia do que o recurso dos gêmeos idênticos usado em *A comédia dos erros*; toda a comédia tem mais consistência e mais peso, e o próprio estilo do poeta já se modifica: aumentam os percentuais de prosa e de verso branco (não rimado), pois a rima cai de 21,5% para 5,1% dos versos. E, no entanto, o clima lírico é sustentado como em poucas outras obras, e sempre de forma absolutamente coerente com cada personagem. No momento em que compôs *O mercador de Veneza*, Shakespeare já atingia a fase das obras-primas, que iriam suceder-se com espantosa frequência por um período de cerca de 17 anos.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

O DUQUE DE VENEZA
O PRÍNCIPE DE MARROCOS
O PRÍNCIPE DE ARAGÃO
} candidatos à mão de Pórcia

ANTÔNIO, um mercador de Veneza
BASSÂNIO, seu amigo, candidato à mão de Pórcia

GRAZIANO
SALÉRIO
SOLÂNIO
} amigos de Antônio e Bassânio

LORENZO, apaixonado por Jéssica
SHYLOCK, UM JUDEU
TUBAL, UM JUDEU, seu amigo
LANCELOTE GOBBO, um cômico, empregado de Shylock
O VELHO GOBBO, pai de Lancelote
LEONARDO, empregado de Bassânio
BALTASAR, empregado de Pórcia
STEFÂNIO, empregado de Pórcia
PÓRCIA, uma herdeira de Belmonte
NERISSA, sua aia
JÉSSICA, filha de Shylock
Magníficos venezianos, oficiais do Tribunal de Justiça,
um carcereiro, empregados e outros servidores.

A CENA: Veneza e a casa de Pórcia em Belmonte.

ATO I

Cena I — Veneza.

(*Entram Antônio, Salério e Solânio.*)

ANTÔNIO

Garanto que não sei por que estou triste;
A tristeza me cansa, como a vós;
Mas como a apanhei ou contraí,
Do que é feita, ou do que terá nascido,
Ainda não sei.
A tristeza me fez um tolo tal
Que é difícil até saber quem sou.

SALÉRIO

Sua mente é jogada pelo mar
Onde suas galeras, enfunadas
Como fidalgos ou burgueses ricos,
Estrelas do espetáculo do mar,
Passam os olhos nos barcos pequenos
Que as saúdam, humildes, quando passam
Voando, com suas asas bem tecidas.

SOLÂNIO

Se eu estivesse engajado em tais venturas,
A maior parte de minha afeição
Ficaria no mar, com os meus anseios:
Em cada folha eu só veria o vento,
Só pensaria em portos e roteiros;
E tudo onde pudesse ver perigo,
Pondo em risco o que é meu, deixar-me-ia
Por certo triste.

SALÉRIO

Só soprando a sopa
Teria logo um susto, ante a ideia

Do mal que um vento forte faz ao mar;
E bastaria olhar uma ampulheta
Para um banco de areia vir-me à mente
E eu ver meus barcos todos encalhados,
Adernados, com os cascos arranhados,
Beijando a morte; e quando fosse à igreja,
O templo santo, só por ser de pedra,
Me faria pensar em rochas rudes
Que, rasgando os costados delicados,
Espalhariam n'água suas cargas,
Vestindo as ondas com as minhas sedas;
Pensando, enfim, que o que valia muito
Pode não valer nada. E, se capaz
De pensar nisso, como não seria
Capaz de imaginar minha tristeza
Se algo como isso acontecesse?
Não peço explicações; eu sei que Antônio
Está triste porque pensa em seus negócios.

ANTÔNIO

Não creiam nisso; pois, por sorte minha,
Meus riscos não estão todos num só casco
E nem num só lugar. Meu patrimônio
Não vive dos sucessos de um só ano:
Não são negócios que me fazem triste.

SOLÂNIO

Então 'stá apaixonado!

ANTÔNIO

Nada disso!

SOLÂNIO

Então não é paixão? Então 'stá triste
Porque não está alegre. De igual modo
Pode rir e pular, dizer-se alegre
Por não estar triste. Mas, pelo deus Janus,
A Natureza faz gente esquisita!
Alguns têm olhos de sorriso eterno
E riem como papagaios loucos;

Há outros com aspecto tão azedo
Que não mostram os dentes num sorriso
Mesmo que os céus garantam que haja graça…
(*Entram Bassânio, Lorenzo e Graziano.*)
Lá vem Bassânio, seu gentil parente,
Com Graziano e Lorenzo. Até mais ver;
Vamos deixá-lo em melhor companhia.

SALÉRIO

Eu ficaria até torná-lo alegre
Se melhores amigos não chegassem.

ANTÔNIO

Eu o julgo tão bom quanto os mais caros;
Na certa algum negócio o chama agora
E usa desculpa pra partir.

SALÉRIO

Bons dias, meus senhores.

BASSÂNIO

(*a Salério e Solânio*)
Senhores ambos, quando festejamos?
Tornam-se estranhos; será necessário?

SALÉRIO

Quando quiser-nos, o prazer é nosso.

(*Saem Salério e Solânio.*)

LORENZO

Senhor Bassânio, já encontrou Antônio:
Nós os deixamos; mas de noite, à ceia,
Devemos encontrar-nos, não se esqueça.

BASSÂNIO

Não faltarei.

GRAZIANO

Signior Antônio, não tem bom aspecto;
É por levar o mundo tão a sério:

Ele não vale um preço assim tão caro.
Mas creia-me: mudou de forma incrível.

ANTÔNIO

O mundo é mundo para mim, Graziano:
Um palco, com um papel pra cada um;
E o meu é triste.

GRAZIANO

Pois que eu seja o bobo!
Que as rugas cheguem com alegria e riso,
E que antes ferva o fígado com vinho
Que gele o coração com penitência.
Se um homem tem nas veias sangue quente,
Por que há de comportar-se como um velho,
Sentado, qual estátua de alabastro?
Dormir, se está acordado? Apodrecer,
Só de teimoso? Pois lhe digo, Antônio
(E por amá-lo é que lhe falo assim),
Há homens que têm rostos tão parados
Que mais parecem lagos espelhados;
E que cultivam a imobilidade
Apenas pra, com isso, serem tidos
Por sábios, graves e conceituosos,
Como a dizer "Eu sou o só Oráculo,
E, quando falo, não há cão que ladre".
Ó meu Antônio, sei também de outros
Que só são conhecidos como sábios
Por seu silêncio; pois estou seguro
Que, falando, choveriam maldições,
Contra tais tolos, de quem os ouvisse;
Hei de contar-lhe mais de uma outra vez.
Melancolia usada como isca
Traz pesca pobre; é o que lhe digo:
Vamos, Lorenzo, basta por agora;
Após a ceia faço o meu discurso.

LORENZO

Até a ceia, então; vamos deixá-los.

Eu tenho de ser sábio no silêncio:
Graziano não me deixa abrir a boca.

GRAZIANO

Com mais dois anos gastos ao meu lado,
Esquecerá o som da própria voz.

ANTÔNIO

Bom dia; depois disso até eu falo.

GRAZIANO

Obrigado. O silêncio só vai bem
A língua seca e moça de vergonha.

(*Saem Graziano e Lorenzo*.)

ANTÔNIO

Será sabedoria?

BASSÂNIO

Graziano fala uma imensidão por nada (mais do que qualquer outro em Veneza) e suas razões parecem sempre dois grãos de trigo perdidos em dois sacos de joio: é preciso procurar o dia inteiro para achá-las, e quando se as encontra, não valem a busca.

ANTÔNIO

E agora diga-me qual é a moça
A quem jurou buscar qual peregrino
E de quem disse que me falaria.

BASSÂNIO

Você bem sabe, meu querido Antônio,
O quanto eu dissipei meu patrimônio
Por ostentar aspecto mais vistoso
Do que podiam meus recursos parcos.
E nem lamento ver-me rebaixado
Daquele nobre nível; mas me importa
Conseguir reparar as grandes dívidas
De que o passado (muitas vezes pródigo)

Deixou-me presa: é a você, Antônio,
A quem mais devo, em dinheiro e amor;
E é desse amor que tenho agora estímulo
Pra revelar os planos e objetivos
Que fiz pra me quitar do quanto devo.

ANTÔNIO

Meu bom Bassânio, continue, eu peço;
E se tudo estiver, como você,
Dentro da honra, pode ter certeza
Que minha bolsa, eu mesmo e os meus recursos
Estarão como sempre ao seu dispor.

BASSÂNIO

Quando menino, se eu errava o alvo,
Atirava outra flecha, de igual voo,
No mesmo alvo, mas com melhor mira;
E, muitas vezes, nesse risco duplo,
A ambas encontrava: lembro a infância
Porque o meu plano tem essa inocência.
Devo-lhe muito e tudo o quanto devo
Perdi com travessuras; mas se ousar
Arriscar outra flecha no sentido
Em que foi a primeira, eu lhe garanto
Que, num só alvo, encontrarei as duas;
Ou, pelo menos, pago o novo risco
E só fico devendo o anterior.

ANTÔNIO

Você já me conhece e perde tempo
Com tanto circunlóquio e indagação.
Você ofende mais meus sentimentos
Querendo dar limites aos meus gestos
Do que pedindo tudo o quanto é meu.
Basta pedir aquilo que deseja:
Desde que esteja em mim poder fazê-lo,
A palavra está dada; agora, fale.

BASSÂNIO

Há em Belmonte uma moça, muito rica,

Que é linda e — o que é mais lindo ainda —
É virtuosa. De seus belos olhos
Já recebi mensagens silenciosas.
Seu nome é Pórcia, e ela não vale menos
Que a filha de Catão, mulher de Brutus;
E nem o mundo ignora o seu valor,
Pois, de todo rincão, os quatro ventos
Trazem-lhe pretendentes os mais nobres.
Seu cabelo dourado cinge a testa
Como se fora velocino de ouro;
E Belmonte, qual fora o lar de Calcos,
Atrai muitos Jasões a cobiçá-la.
Ó meu Antônio; se eu tivesse os meios
Pra ser rival à altura desses outros,
Eu sinto em mim presságios de tais lucros
Que estou seguro de alcançar sucesso.

ANTÔNIO

Já sabe que os meus bens estão no mar;
Não tenho ouro nem mercadorias
Pra levantar tal soma; mas insisto
Que use do meu crédito em Veneza —
E tudo o que obtiver por meio dele
Há de levá-lo pra Belmonte e Pórcia.
Indague por aí, como eu também,
Onde há dinheiro; não questionarei
Se por meu nome ou crédito o terei.

(*Saem.*)

Cena II — Belmonte.

(*Entra Pórcia, com sua aia Nerissa.*)

PÓRCIA

Palavra de honra, Nerissa, que meu pequeno corpo está cansado deste imenso mundo.

NERISSA

Estaria, senhora, se suas misérias fossem tão abundantes quanto são as suas bênçãos e fortunas: mas, pelo que vejo, os que se saturam com excessos ficam tão doentes quanto os que minguam por falta; sempre é mais tranquilo ter-se um pouco menos; dinheiro demais compra cabelos brancos; um modesto conforto garante melhor vida.

PÓRCIA

Bem pensado e melhor dito.

NERISSA

E muito melhor ainda se seguido.

PÓRCIA

Se fazer fosse tão fácil quanto saber o que se deve fazer, as capelas seriam igrejas e as choupanas, palácios. Bom pregador é aquele que ouve e atende a seus próprios sermões; acho mais fácil dar bons conselhos a vinte pessoas do que seguir eu mesma um só deles; o cérebro é capaz de conceber leis para controlar o sangue, mas uma cabeça quente ignora todo e qualquer decreto frio. A juventude é louca como a lebre: foge aos pulos dos obstáculos que os bons conselhos custam para armar; mas não é com esse tipo de raciocínio que vou escolher meu marido. Ai de mim, por que dizer "escolher"! Não posso nem escolher quem quero, nem recusar quem não quero; pois os desejos de uma filha viva estão submetidos à vontade de um pai morto. Não é doloroso, Nerissa, não poder escolher um, nem recusar nenhum?

NERISSA

Seu pai foi sempre virtuoso; e os homens santos, ao morrer, sempre têm boas inspirações. Portanto, se concebeu as três arcas de ouro, prata e chumbo, entre as quais aquele que decifrar o enigma conquista a sua mão, é porque sabia que a escolha correta só será feita por alguém a quem a senhora certamente há

de amar. Mas que calor de afeto já sentiu por qualquer dos candidatos principescos que já se apresentaram aqui?

PÓRCIA

Peço-lhe que vá dizendo seus nomes; e, à medida que os disser, eu os descreverei; por minha descrição poderá avaliar o meu afeto.

NERISSA

Primeiro temos o príncipe napolitano.

PÓRCIA

Um belo potro, que só fala de cavalos e que parece contar entre suas melhores qualidades saber colocar as próprias ferraduras. Temo muito que a senhora sua mãe tenha sido infiel com algum ferreiro.

NERISSA

Depois vem o Conde Palatino.

PÓRCIA

Só sabe franzir a testa (como se estivesse a dizer "Que não seja a mim, mas escolha logo"). Ouve histórias galantes, mas não sorri (creio que será um filósofo chorão quando envelhecer, já que em jovem é de tristeza desagradável). Prefiro casar-me com uma caveira, de osso na boca, do que com qualquer um deles; que Deus me proteja dos dois.

NERISSA

E o nobre francês, *Monsieur* Le Bon?

PÓRCIA

Deus o fez, e, portanto, é preciso chamá-lo de homem — eu sei que é feio rir dos outros; mas esse! Em matéria de cavalo, é melhor que o napolitano; franze a testa mais do que o Conde Palatino: ele é todo mundo e ninguém; se um passarinho canta, ele sai dançando; e duela com a própria sombra. Se casasse com ele, me casaria com vinte maridos: se me odiasse, poderia perdoá-lo; mas, mesmo que me amasse à loucura, jamais poderia corresponder.

NERISSA

O que diz então de Falconbridge, o jovem barão inglês?

PÓRCIA

Não digo nada, pois não me compreende e eu não o compreendo: não sabe latim, nem francês, nem italiano, e você sabe que o meu inglês não dá para o gasto: é um belo retrato de homem; mas, ai, ai, quem pode conversar com uma coisa muda? E a roupa é muito esquisita! Parece que comprou a jaqueta na Itália, os calções na França e o boné na Alemanha, enquanto que as maneiras foram arrebanhadas um pouco aqui e ali.

NERISSA

E o que acha do Lorde escocês, vizinho dele?

PÓRCIA

Parece um vizinho correto; tomou emprestado uns tabefes do inglês, mas disse que os devolveria assim que fosse possível; parece que apresentou, como garantia, o francês, que acabou levando uns também, por procuração.

NERISSA

Mas não gosta do alemão, sobrinho do Duque da Saxônia?

PÓRCIA

Desagrada-me um pouco de manhã, quando está sóbrio, e muito à tarde, quando está bêbado; em seu melhor é um pouco pior que homem, em seu pior, um pouco melhor que fera — por pior que seja o meu caminho, só faço questão de não seguí-lo com ele.

NERISSA

Se ele fizer a escolha e escolher certo, a senhora estaria desobedecendo à vontade de seu pai se recusasse a aceitá-lo.

PÓRCIA

E, para evitar que isso aconteça, eu lhe imploro que coloque um imenso copo de vinho do Reno na arca errada, pois, mesmo com o diabo lá dentro, vendo essa tentação cá fora, há de escolhê-la. Farei qualquer coisa, Nerissa, menos me casar com uma esponja.

NERISSA

Não é preciso que se preocupe, senhora, em aceitar nenhum desses fidalgos, que me informaram de suas resoluções de voltarem a seus lares, sem insistirem mais em cortejá-la, a não ser

que possa ser conquistada por algum meio que não seja a imposição de seu pai, dependendo das arcas.

PÓRCIA

Se viver até ficar velha qual Sibila, hei de morrer casta qual Diana se não for conquistada pelo modo por que quis meu pai: alegra-me que essa leva de pretendentes seja tão razoável, pois não há dentre eles um só por cuja ausência eu não suspire; e rogo a Deus que lhes dê bons ventos que os levem!

NERISSA

A senhora não se lembra, ao tempo de seu pai, de um veneziano (estudioso e soldado) que aqui esteve em companhia do Marquês de Montferrat?

PÓRCIA

Sei, sei; era Bassânio; se me lembro, era assim que o chamavam.

NERISSA

Em verdade, senhora, e ele pareceu, a estes olhos tontos, que, de todos os homens que já viram, ele seria o mais merecedor de alguma dama nobre.

PÓRCIA

Lembro-me bem dele, e — se estou bem lembrada — ele merece seus elogios.
(*Entra um criado.*)
O que é que há?

CRIADO

Os quatro forasteiros procuram-na para se despedir; e o arauto de um quinto, o Príncipe de Marrocos, chega para avisar que seu amo estará aqui esta noite.

PÓRCIA

Se puder saudar o quinto com o mesmo prazer com que me posso despedir dos outros quatro, veria com alegria sua próxima chegada: mas se ele tiver natureza de santo, com aspecto de diabo, eu prefiro o convento ao casamento. Vamos, Nerissa.
(*para o criado*)
Vá você na frente: já bate à porta um outro pretendente.

(*Saem.*)

Cena III — Veneza.

(*Entra Bassânio, com Shylock, o judeu.*)

SHYLOCK

Três mil ducados, bem.

BASSÂNIO

Sim, senhor; por três meses.

SHYLOCK

Por três meses, bem.

BASSÂNIO

E pelos quais, como já lhe disse, Antônio ficará compro-metido.

SHYLOCK

Antônio ficará comprometido, bem.

BASSÂNIO

O senhor poderá ajudar-me? Poderá fazer-me esse favor? Pode dar-me alguma resposta?

SHYLOCK

Três mil ducados por três meses, e Antônio comprometido.

BASSÂNIO

Qual é sua resposta?

SHYLOCK

Antônio é um bom homem.

BASSÂNIO

Já ouviu alguma insinuação em contrário?

SHYLOCK

Ah, não, não, não, não: o que quero significar quando digo que ele é um bom homem é que espero que compreenda que ele é suficiente — no entanto, seus bens são meras suposições: ele tem

um barco que se destina a Trípoli, outro às Índias e, pelo que ouço dizer no Rialto, tem um terceiro rumo ao México, um quarto à Inglaterra e mais outras empresas que espalhou pelo estrangeiro. Mas barcos não passam de tábuas, marinheiros, de homens; há ratos de terra e ratos de água, ladrões de terra e ladrões de água (quero dizer piratas), além dos perigos das águas, dos ventos e dos rochedos: mas, apesar disso, o homem é suficiente — três mil ducados —, acho que posso aceitar o compromisso dele.

BASSÂNIO

Garanto-lhe que pode.

SHYLOCK

Mas só posso com garantias: e para que possa ficar garantido, estou pensando… poderia falar com Antônio?

BASSÂNIO

Se quiser nos dar o prazer de jantar conosco…

SHYLOCK

Eu sei, para cheirar porco e comer na habitação para a qual o seu profeta Nazareno conjurou o diabo: comprarei com os senhores, venderei com os senhores, falarei, andarei e assim por diante: mas não comerei com os senhores, não beberei com os senhores e nem farei as minhas orações com os senhores. Que novidades há no Rialto? Quem está vindo aí?

(*Entra Antônio.*)

BASSÂNIO

Este é o *Signior* Antônio.

SHYLOCK

(*à parte*)
Como está pronto, agora, a bajular!
Eu o odeio porque é cristão,
E ainda mais porque, ingênuo e tolo,
Empresta ouro grátis, rebaixando

Os juros que cobramos em Veneza.
Se consigo apanhá-lo num aperto,
Mato a fome de queixas muito antigas.
Por odiar minha nação sagrada,
Nos locais onde vão os mercadores
Agride a mim, meus lucros e poupanças,
A que chama de juros ou de usura.
Maldita seja a minha própria tribo
Se eu o perdoo.

BASSÂNIO

Está me ouvindo, Shylock?

SHYLOCK

Tentava avaliar os meus recursos
E, pelo que concluo de memória,
Não posso fornecer, neste momento,
O total dos três mil; mas o que importa?
Tubal (um rico hebreu de minha tribo)
Há de ajudar-me; ouça! Quantos meses
O senhor quer?
(*a Antônio*)
Bons dias, bom *Signior*,
Era de si que estávamos falando.

ANTÔNIO

Shylock, embora eu nunca empreste ou tome
Pra dar ou receber mais que o em jogo,
Mesmo assim, pra ajudar o meu amigo,
Quebro os meus hábitos.
(*a Bassânio*)
Ele já sabe o quanto você quer?

SHYLOCK

Sei, sei; três mil ducados.

ANTÔNIO

Por três meses.

SHYLOCK

Esqueci: são três meses.
(*a Bassânio*)

Já me disse.
Seu compromisso, então — mas, deixe eu ver —,
Parece-me que disse que não toma
Nem empresta por ganho.

ANTÔNIO

Nunca o faço.

SHYLOCK

Quando Jacó foi ser pastor de ovelhas
De seu tio Labão — sendo Jacó,
Graças à mãe, o terceiro a herdar —,
Sim, senhor, desde o santo Abraão…

ANTÔNIO

O que tem ele? Já cobrava juros?

SHYLOCK

Não, juros, não; ou pelo menos não
Juros diretos — veja o que fez ele:
Quando Labão e ele concordaram
Que as ovelhas malhadas ou pintadas
Seriam o salário de Jacó,
Estando as fêmeas prontas para os machos —
Sendo hora de fazer multiplicar,
Por cruza, os lanudos que criava —,
Descobriu o pastor algumas varas
Que colocou perto das fêmeas fortes
Que, emprenhadas, deram cria toda
Malhada, que ficou para Jacó.
Assim ele lucrou e foi bendito
E lucro é bênção se não for roubado.

ANTÔNIO

Mas Jacó trabalhou por tal acaso:
Não foi por poder seu que o conquistou;
Veio mandado pela mão do céu.
Diz isso pra justificar a usura?
Ou são carneiros sua prata e ouro?

SHYLOCK

Não sei, mas sei que os faço procriar

Com igual presteza. Ouça, bom *Signior*…

ANTÔNIO

Repare bem, Bassânio, que o diabo
Cita em seu próprio bem as Escrituras!
A alma vil, com testemunho santo,
É igual ao vilão de rosto amável,
À maçã rubra que por dentro é podre.
Que aspecto encantador tem a mentira!

SHYLOCK

Três mil ducados é uma boa soma…
Por três bons meses — vamos ver os juros.

ANTÔNIO

Bem, Shylock; vamos ser seus devedores?

SHYLOCK

Signior Antônio; muita, muita vez
Buscou menosprezar-me no Rialto,
Por meus dinheiros e minhas usuras.
Aturei tudo só com um dar de ombros
(Pois suportar é a lei da minha tribo).
Chamou-me de descrente, de cão vil,
Cuspiu na minha manta de judeu,
Apenas porque eu uso do que é meu.
Mas agora, parece, quer ajuda:
Agora chega; vem a mim e diz:
"Shylock, hoje preciso do seu dinheiro",
O senhor, que escarrou na minha barba,
Afastou-me com o pé, como a um cachorro,
Da sua porta, agora quer dinheiro.
Que devo dizer eu? Devo dizer
"Cão tem dinheiro? Pode um vira-lata
Emprestar a alguém três mil ducados?".
Ou devo rastejar e, em tom servil,
Quase sem voz, com um sussurro humilde,
Dizer apenas:
"Na quarta-feira o senhor cuspiu-me,
Humilhou-me tal dia e, certa vez,

Chamou-me cão: por tantas cortesias
Vou emprestar-lhe todo esse dinheiro"?

ANTÔNIO

Irei chamá-lo novamente assim,
Hei de cuspir e hei de desprezá-lo.
Se emprestar o dinheiro, não o faça
Como a amigos seus, pois que amizade
Toma do amigo cria de metal?
É melhor emprestá-lo a um inimigo,
Para que, se falhar, possa, feliz,
Cobrar-lhe a multa.

SHYLOCK

Eu o quero amigo, ter sua afeição,
Esquecer as vergonhas que me impôs,
Atender a seu pedido, sem ganhar
Um tostão por meu ouro; mas não me ouve…
A oferta é boa.

BASSÂNIO

Quanta bondade.

SHYLOCK

Eu a mostrarei,
Se for comigo ao notário e lá selar
Um compromisso simples que dirá
(Por brincadeira) que, se não pagar
Em certo dia e local a soma ou somas
Mencionadas na nota, a multa imposta
Fica arbitrada numa libra justa
De sua carne alva, a ser cortada
E tirada da parte de seu corpo
Que na hora da escolha me aprouver.

ANTÔNIO

De boa-fé assino um tal acordo,
E direi que há bondade num judeu.

BASSÂNIO

Eu não permito que por mim o assine,
Prefiro continuar necessitando.

ANTÔNIO

Não tenha medo; não haverá multa.
Nestes dois meses — um antes do prazo
Do compromisso — espero ter de volta
Mais que três vezes o que assumo agora.

SHYLOCK

Ai, Abraão, mas que cristãos são esses,
Que fazem tanto mal que já suspeitam
Do que fazem os outros? Digam lá —
Se ele passar do prazo, o que é que eu ganho
Em obrigá-lo a me pagar tal multa?
Pois se uma libra dessa carne humana
Não vale tanto nem traz tanto ganho
Quanto a de vacas, cabras ou carneiros.
Para ter seu favor faço tal gesto —
Pra ser amigo! Se não quer, adeus!
E, por favor, não tentem me enganar.

ANTÔNIO

Sim, Shylock; eu assino o compromisso!

SHYLOCK

Pois então vamos já para o notário:
Que ele redija nosso alegre trato!
Eu vou buscar a bolsa e os ducados,
Ver minha casa, que está malguardada,

Por um covarde, de mão muito aberta.
Mas volto logo.

(*Sai.*)

ANTÔNIO

Vai, judeu bondoso;
O hebreu está ficando bom cristão.

BASSÂNIO

Não gosto de vantagem de homem vil.

ANTÔNIO

Não há por que sofrer por esse caso:
Meus barcos chegarão antes do prazo.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — Belmonte.

(Fanfarras. Entram o Príncipe de Marrocos — um mouro trigueiro, todo de branco — e três ou quatro seguidores, com Pórcia, Nerissa e seu séquito.)

PRÍNCIPE DE MARROCOS

Que não vos seja hostil o meu aspecto,
Reflexo obscuro do meu sol em chamas,
Vizinho junto ao qual sempre vivi.
Trazei-me o nórdico mais lindo e claro,
Que venha de onde o sol mal toque as neves,
E se, por vosso amor, sangramos ambos,
Não mais rubro que o meu será seu sangue.
Garanto-vos, senhora, que este rosto,
Se espantou bravos — dentre os de meu clima —,
Pode dizer também que foi amado
Por moças nobres: e eu não trocaria
O tom de minha pele a não ser
Para atrair-vos, ó minha rainha.

PÓRCIA

Em minha escolha eu não sou só guiada
Pelo que me sugere o meu olhar;

Além do quê, a rifa do meu fado
Proíbe-me que escolha livremente:
Não tivesse o meu pai ditado as normas
Pra conceder a outorga de mim mesma,
Que me farão esposa de quem tenha
O dom de me encontrar neste sorteio,
O vosso aspecto, príncipe, seria
Comparável a todos os demais
Dos pretendentes à minha afeição
Que aqui já vi.

PRÍNCIPE DE MARROCOS

Por isso eu vos sou grato;
E peço-vos que me leveis às arcas
Tentar a sorte: pela cimitarra
Que matou reis e príncipes da Pérsia
E por três vezes venceu Soliman —
Preferiria monstros enfrentar,
Bater-me com o mais fero coração,
Roubar as crias da selvagem ursa,
Disputar com o leão a sua presa,
Pra ganhar-vos, senhora. Mas é triste!
Se Hércules e Lichas jogam dados
Pra ver qual o melhor, o ganhador
Pode ser o pior, mas com mais sorte:
Se Alcides foi batido por seu pajem,
Poderei eu perder-vos para um outro
De menor mérito, por ter por guia
A Fortuna, que é cega, e assim morrer
Só de paixão.

PÓRCIA

É um risco que tomais:
Ou nem sequer tentar, aqui, a escolha,
Ou, se escolher errado, aqui jurar
Jamais ousar falar em casamento
A qualquer outra. É bom pensar.

PRÍNCIPE DE MARROCOS

Assim farei. Quero arriscar a sorte.

PÓRCIA

Primeiro, ao templo. Logo após a ceia
Fareis a escolha.

PRÍNCIPE DE MARROCOS

E entre os homens serei,
Só pela sorte, desgraçado ou rei!

(*Fanfarras. Saem.*)

Cena II — Veneza.

(*Entra Lancelote Gobbo, o cômico, sozinho.*)

LANCELOTE

É claro que a consciência vai me ajudar muito para eu fugir do judeu meu amo: o demônio fica bem aqui do lado e me tenta, dizendo: "Gobbo, Lancelote Gobbo, meu bom Lancelote" ou "Bondoso Gobbo, para o que é que servem essas pernas? Anda, dá no pé, sai correndo". Aí, minha consciência vira e diz: "Não. Pensa bem, honestíssimo Lancelote; pensa bem, honesto Gobbo", ou então, "Um homem exemplório como você não pode escafeder-se, não pode só assim dar nas pernas". Mas aí o demo, que é mais metido, quer que eu dê o fora, gritando: "Passa fora!" É assim que grita: "Passa!" E ainda diz que os céus inspiram as grandes inteligências a fugir como o diabo da cruz! Aí a minha consciência, agarrada no pescoço do meu coração, me diz, sapeca, com a maior sabedoria: "Meu honesto amigo Gobbo" — honesto porque sou filho de um homem honesto, ou melhor, de uma mulher honesta, porque, pra falar a verdade, de meu pai eu não diria tanto; sabe como é, tem qualquer

coisinha que não me cheira bem — bem, mas aí a consciência diz: "Firme!"
Aí eu digo: "Consciência, você dá ótimos conselhos", e se fosse para eu obedecer à consciência eu ficava mesmo com meu amo judeu, que (Deus que me perdoe) é assim uma espécie de meio diabo; e se eu obedecer ao diabo eu fujo do judeu, que (com o perdão da palavra) é o diabo em pessoa; é, eu acho que não há dúvida de que o judeu é a própria encarnação do diabo, e se eu puser mesmo a mão na consciência, vou acabar vendo que a minha consciência é uma consciência meio empedernida, pra ficar me dizendo assim que eu devo ficar com o judeu: o conselho do demônio é, assim, um conselho assim mais amigável: demônio, eu vou dar o fora, e minhas pernas ficam a seu comando, sempre à sua disposição: eu vou embora mesmo.

(*Entra o velho Gobbo, com uma cesta*.)

GOBBO

Patrãozinho, senhor patrãozinho, por favor, onde é que fica a casa do mestre judeu?

LANCELOTE

(*à parte*)
Pelo amor de Deus! É meu pai, o único pai que eu pus no mundo, e que não me conhece porque é mais cego que toupeira brincando de cabra-cega — e eu vou aproveitar, assim, para confusioná-lo. Brincar de confundi-lo.

GOBBO

Senhor meu patrãozinho, por favor, como é que eu chego na casa do mestre judeu?

LANCELOTE

Quebra a mão direita na próxima esquina, depois, na outra, quebra o cotovelo para a esquerda; e logo adiante, quando chegar na esquina que não dobra para lado nenhum, é só descer em frente que dá direitinho na casa do judeu.

GOBBO

Os santos que me ajudem, que o caminho não é dos mais fáceis. E o senhor sabe me informar se um tal de Lancelote, que mora na casa dele, também mora lá, ou não?

LANCELOTE

Está falando do jovem mestre Lancelote?
(*à parte*)
Reparem só a mentira que eu vou armar agora: está falando do jovem mestre Lancelote?

GOBBO

Mestre eu não sei de quê, já que ele é um bom filho de um pobre que (embora seja eu quem o diga) é um homem honesto mas paupérrimo e que (graças a Deus) dá graças a Deus de estar vivo.

LANCELOTE

Pois olhe, deixe que esse pai seja o que lhe der na telha; eu estou falando do jovem mestre Lancelote.

GOBBO

Isso deve ser um Lancelote lá qualquer, que é seu amigo.

LANCELOTE

Mas por favor, *ergo*, meu senhor, *ergo*, por favor, o senhor está falando não é do jovem mestre Lancelote?

GOBBO

A senhoria de Vossa Senhoria que me perdoe, mas eu só estou falando de Lancelote.

LANCELOTE

Ergo de mestre Lancelote — não quero saber do pai de mestre Lancelote, pois o jovem cavalheiro (segundo os Fados e os Destínicos Fados e coisas nesse gênero, tais como as tais das Três Irmãs Parcas e outros ramos científicos congenéricos), para falar a verdade, ficou recentemente falecido, ou seja, para falar mais claro, partiu ainda faz poucamente para o céu.

GOBBO

Deus me livre! O rapaz era o próprio cajado da minha velhice, meu único apoio.

LANCELOTE

(*à parte*)
Mas vejam só se eu tenho cara de vara ou de muleta ou de bengala, tenho? Papai, o senhor não me conhece?

GOBBO

Sinto muito, não o conheço, jovem cavalheiro, mas peço que me diga: o meu filho (que Deus o tenha!) está vivo ou morto?

LANCELOTE

O senhor não me conhece, pai?

GOBBO

Sinto muito, senhor, mas eu sou muito cabra-cega e não o conheço.

LANCELOTE

Vai ver que nem que o senhor enxergasse muito bem era capaz de não me reconhecer. Olhe que é preciso ser um pai muito esperto para saber e reconhecer quem são seus próprios filhos. Mas escute aqui, meu velho, vou dar-lhe notícias de seu filho. (*Ajoelha-se.*)
Dê-me a sua bênção — a verdade sempre aparece; assassinato não se esconde, filho às vezes se pensa que se dá um jeito, mas, no fim, a verdade aparece mesmo.

GOBBO

Por favor, meu senhor, fique de pé; eu tenho a certeza de que o senhor não é meu filho Lancelote.

LANCELOTE

Bom, vamos acabar com toda essa bobajada; e ande logo com essa bênção: eu era seu filhinho, sou seu filho e vou continuar a ser para toda a vida.

GOBBO

Mas o senhor não pode ser meu filho.

LANCELOTE

Se posso ou não posso, eu não sei; mas eu sou Lancelote, o criado do judeu, e tenho certeza de que sua mulher, Margery, é minha mãe.

GOBBO

O nome é Margery, mesmo — raios me partam se você não é Lancelote, carne de minha carne, sangue do meu sangue: Deus

me abençoe, mas com essa barba toda você até parece uma dessas senhorias por aí! Tem mais pelo na sua cara do que a minha mula tem no rabo!

LANCELOTE

Então ele está crescendo ao contrário, porque quando eu saí de casa o rabo dela era muito mais peludo que a minha cara.

GOBBO

Como você está mudado! Como é que você está se dando com seu amo? Eu trouxe um presente para ele; como é que vocês estão se dando?

LANCELOTE

Muito bem, mas muito bem, mesmo; mas de minha parte achei por bem, por meu lado, ter resolvido fugir daqui. Vou dar o fora e só parar quando estiver muito fora daqui, mesmo; meu amo é o próprio judeu! Dar presente pra ele? Só se for corda para ele se enforcar — eu passo fome na casa dele! Olha só: pode dar uma contada nas minhas costelas. Mas estou muito contente que esteja aqui, papai, e quero que dê o seu presente ao Senhor Bassânio, que aquele, sim, veste bem os criados! Se eu não for trabalhar para ele vou dar o fora por aí afora até o fim do mundo. Mas que sorte! Lá vem ele ali. Fale com ele, papai, pois quero ser judeu se continuar a trabalhar para o judeu!

(*Entra Bassânio com Leonardo e um ou dois seguidores*.)

BASSÂNIO

Pode ser, mas quero que apressem a ceia de modo que fique pronta no máximo às cinco e meia: entregue essas cartas, encomende as librés e peça a Graziano para vir imediatamente à minha casa.

(*Sai um de seus seguidores*.)

LANCELOTE

Ataca, papai.

GOBBO

Deus abençoe Vossa Senhoria.

BASSÂNIO

Amém. Deseja alguma coisa comigo?

GOBBO

Este aqui é meu filho, meu senhor, um rapaz pobre.

LANCELOTE

Não sou nenhum mendigo, não senhor, sou criado do judeu rico, como o meu pai vai acabar conseguindo informacionar.

GOBBO

Ele está com uma forte infecção, como se diz, de trabalhar…

LANCELOTE

Em poucas palavras, eu trabalho para o judeu e tenho um desejo que meu pai vai explicacionar…

GOBBO

O amo e ele (que Vossa Senhoria me perdoe a má palavra) não são exatamente farinha do mesmo saco…

LANCELOTE

Em resumo, a verdade é que, já que o judeu não andou bem comigo, isso é a causa daquilo que meu pai (sendo, como espero, mais velho) há de frutificar para o senhor…

GOBBO

Eu tenho aqui um bom prato de pombos que gostaria de transferir em doação a Vossa Senhoria, e o meu pedido é…

LANCELOTE

Em poucas palavras, o pedido é impertinente para mim mesmo, como poderá Vossa Senhoria saber por esse honesto velho que — muito embora seja eu quem o diga —, embora velho, embora pobre, ainda é honesto e é meu pai.

BASSÂNIO

Que um fale pelos dois; o que desejam?

LANCELOTE

Servi-lo, Senhor.

GOBBO

Esse é exatamente o defeito do pedido, Senhor.

BASSÂNIO

Já o conheço bem e atendo o seu pedido;
Shylock, seu amo, já falou comigo.
Mas eu não sei se é tão bom negócio
Deixar um judeu rico pra seguir
Um cavalheiro pobre como eu.

LANCELOTE

O velho ditado fica muito bem dividido entre o meu amo Shylock e Vossa Senhoria. Para Vossa Senhoria fica "a graça de Deus" e, para ele, "basta".

BASSÂNIO

Muito bem dito; vai, pai, com seu filho;
Despeçam-se do seu antigo amo
E vão pra minha casa.
(*a um seguidor*)
A libré dele.
Deve ser das mais ricas. Podem ir.

LANCELOTE

Vamos entrar, pai. Eu não ia conseguir outro emprego, pois sim! Não sei falar, nem dizer o que penso! Pois muito bem…
(*Olhando a palma da mão.*)
Só quero ver se existe na Itália algum sujeito com melhor mão para poder jurar na Bíblia que vai ter boa sorte!… Olhem só aqui: uma linha de vida muito simples, com um pequeno detalhe na questão de mulheres — ai, ai, quinze esposas não é nada, ainda tem mais onze viúvas e nove virgens, o que já é um bom começo para qualquer homem. Vou escapar de três afogamentos, mas vou correr grande perigo de vida nas beiradas de um colchão de plumas. Ainda tem mais umas aventurazinhas… Está tudo bem; a Fortuna é mulher e sabe se virar muito bem nesse tipo de coisa… Vamos, pai. Eu me despeço do judeu num abrir e fechar de olhos.

(*Lancelote e Gobbo entram na casa de Shylock*.)

BASSÂNIO

Bom Leonardo, peço-lhe atenção:
Estando tudo providenciado,
Volte depressa, pois festejo, à noite,
Meus melhores amigos. Vá bem rápido.

(*Sai Leonardo. Quando vai sair, entra Graziano*.)

GRAZIANO

Onde está o seu amo?

LEONARDO

Ali vai ele.

(*Sai*.)

GRAZIANO

Signior Bassânio!

BASSÂNIO

Viva, Graziano!

GRAZIANO

Tenho um pedido.

BASSÂNIO

Que eu já atendi.

GRAZIANO

Preciso que me leve pra Belmonte.

BASSÂNIO

Então, precisa; mas escute, amigo:
Seu gesto e voz estão exagerados;
Seus excessos alegres ficam bem
Aos nossos olhos, por sabermos vê-los —
Mas junto àqueles que não o conhecem

Parecem liberdades. Eu lhe imploro:
Salpique com um pouco de modéstia
O seu ardor, pro seu comportamento
Não me levar a ser incompreendido
Aonde vou, fazendo-me perder
Minha esperança.

GRAZIANO

Ouça-me, Bassânio,
Se eu não me comportar de modo sóbrio,
Falar com muito tino e poucas pragas,
Ler livros de orações com ar piedoso,
E, mais, se quando ouvir alguém dar graças
Não suspirar "amém" com os olhos baixos:
Se eu não usar de toda a cortesia
Com o mais cuidado aspecto de tristeza
Que usamos para agradar nossos avós,
Então, nunca mais confie em mim.

BASSÂNIO

Pois bem; vejamos como se comporta.

GRAZIANO

Mas hoje, não. Não quero que me julgue
Por hoje à noite.

BASSÂNIO

Isso eu não faria.
Pelo contrário, peço-lhe que ostente
Seu mais brilhante traje de alegria,
Pois vamos divertir-nos entre amigos.
Adeus; tenho negócios a tratar.

GRAZIANO

Eu vou ter com Lorenzo e os outros todos;
Mas logo, à ceia, iremos visitá-lo.

Cena III — Veneza.

(*Entram, vindos da casa, Jéssica e Lancelote.*)

JÉSSICA

É pena que você deixe o meu pai;
Nossa casa é um inferno, mas você
(Um diabinho alegre) lhe roubava
Um pouco do sabor de eterno tédio.
Boa sorte, e aqui está o seu ducado;
Lancelote, você verá, à ceia,
Lorenzo, convidado do seu amo;
Dê-lhe esta carta, mas muito em segredo.
Adeus; não quero que o meu pai me veja
Falando com você.

LANCELOTE

Adeus! As lágrimas é que me servem de língua. Linda pagã, doce judia! Ou muito me engano, ou algum cristão esperto virá roubá-la um dia destes; mas, adeus! Essas tontas dessas gotas parecem que estão atrapalhando um pouco a minha virilidade; adeus!

(*Sai.*)

JÉSSICA

Adeus, bom Lancelote!
Ai, ai, como é terrível meu pecado,
Em ter vergonha do meu próprio pai!
Mas mesmo sendo filha do seu sangue
Não sou de seu pensar… Ó meu Lorenzo,
A minha dor só pode terminar,
Ao ver que tua jura não é vã
E que eu serei sua mulher cristã.

(*Ela torna a entrar na casa.*)

Cena IV — Veneza.

(*Entram Graziano, Lorenzo, Salério e Solânio.*)

LORENZO

Durante a ceia nós escapulimos!
Nos disfarçamos lá na minha casa
E voltamos em menos de uma hora.

GRAZIANO

Mas a preparação não foi bem-feita.

SALÉRIO

Nem sequer temos quem carregue as tochas.

SOLÂNIO

E fica horrível se não for bem-feito;
É melhor, nesse caso, nem tentar.

LORENZO

São quatro horas, inda temos duas
Pra preparar-nos.
(*Entra Lancelote com uma carta.*)
O que é, Lancelote?

LANCELOTE

Se o senhor se der ao trabalho de abrir aqui, acho que irá perceber que ela vai explicar o que significa.

LORENZO

Conheço a letra — e que letra tão linda —
De mão mais branca que o papel que usou
Inda mais belas.

GRAZIANO

São coisas de amor.

LANCELOTE

Com licença, senhor.

LORENZO

Aonde vai?

LANCELOTE

Ora essa, vou convidar o meu antigo amo judeu para cear esta noite com meu novo amo cristão.

LORENZO

Espere — tome aqui e diga a Jéssica
Que eu não faltarei — fale em segredo.
(*Sai Lancelote.*)
Meus senhores,
Vão preparar-se para a mascarada?
Já tenho quem carregue a nossa tocha.

SALÉRIO

Se está tudo acertado eu já vou indo.

SOLÂNIO

Eu também vou.

LORENZO

E, dentro de uma hora,
Nos veremos em casa de Graziano.

SALÉRIO

Estamos combinados.

(*Saem Salério e Solânio.*)

GRAZIANO

Era da bela Jéssica essa carta?

LORENZO

Eu tenho de contar! Ela me explica
Como tirá-la da casa do pai,
Que ouro e joias vai trazer consigo,
E que já tem sua libré de pajem.
Se o judeu que é pai dela for pro céu,
Há de ser por ter filha tão suave;
E a desventura nunca a tocará,
A não ser com a desculpa de ela ser
Nascida filha de um judeu herege.
Venha comigo e leia a carta dela.

Quem leva a minha tocha é a bela Jéssica.

(*Saem.*)

Cena V — Veneza.

(*Entram Shylock, o judeu, e seu antigo criado Lancelote.*)

SHYLOCK

Seus próprios olhos é que vão julgar
A diferença entre mim e Bassânio;
Ó Jéssica! Não vai comer à farta
Como na minha casa. Olá, Jéssica!
Ou roncar, estragando as roupas novas.
Ó Jéssica, olá! Vem logo!

LANCELOTE

Jéssica!

SHYLOCK

Quem disse pra chamar? Eu não pedi.

LANCELOTE

O senhor estava sempre me dizendo que eu nunca fazia nada sem o senhor pedir!

(*Entra Jéssica.*)

JÉSSICA

O senhor me chamou? O que deseja?

SHYLOCK

Fui convidado pruma ceia, Jéssica;
Cá estão as chaves. Mas por que vou lá?
O convite não foi de coração;

Acharam necessário bajular-me:
Irei por ódio, pra me alimentar
Do pródigo cristão. Escuta, Jéssica,
Cuida da casa; eu não quero ir;
Há um mal que quer turvar o meu sossego,
Pois esta noite eu sonhei com ouro.

LANCELOTE

Peço que vá, senhor, pois meu jovem amo está contando com a sua ofensa.

SHYLOCK

E eu com a dele.

LANCELOTE

E todos conspiram — não digo que o senhor verá uma mascarada, mas, se acontecer, então não foi por nada que meu nariz sangrou na última segunda-feira magra, às seis da manhã, que naquele dia caiu na quarta-feira de cinzas quando eram quatro horas da tarde.

SHYLOCK

Então há mascarada? Ouve, Jéssica:
Tranca as portas, e quando ouvires tambores
E os vis agudos dessas flautas tortas,
Não subas curiosa pras janelas,
Nem vires a cabeça para a rua
Pra ver loucos cristãos todos pintados:
Fecha as janelas, os ouvidos da casa;
Não permitas que fúteis sons penetrem
Meu sóbrio lar. Eu juro por Jacó
Que não desejo festas hoje à noite.
Porém irei; vai na frente, rapaz;
Diz que eu irei.

LANCELOTE

Eu vou indo na frente.
Patroa, fica olhando na janela.
E aí um cristão há de chegar
Que da judia valerá um olhar.

(*Sai.*)

SHYLOCK

Que tolice diz o filho de Hagar?

JÉSSICA

Só disse "adeus, patroa" e nada mais.

SHYLOCK

O tonto não é mau; come demais,
Dá pouco lucro e dorme todo o dia,
Igual a um gato: eu não crio zangões
Por isso o deixo, e o deixo para quem
Eu espero que ele ajude a jogar fora
A bolsa que emprestei. Vai, entra, Jéssica.
Eu poderei voltar de imediato;
Faz como eu digo: fecha bem as portas.
Quem fecha, acha —
É bom provérbio pra quem quer poupar.

(*Sai.*)

JÉSSICA

Adeus; e se a Fortuna não me trai,
Tu perdeste uma filha e eu, um pai.

(*Ela entra na casa.*)

Cena VI — Veneza.

(*Entram, mascarados, Graziano e Salério.*)

GRAZIANO

É esta a arcada sob a qual Lorenzo
Deseja que paremos.

SALÉRIO

Já é tarde.

GRAZIANO

Fico surpreso de ele se atrasar:
Quem ama chega sempre adiantado.

SALÉRIO

Vênus tem pombos que são mais velozes
Se voam pra selar novos amores
Que quando vão honrar juras antigas.

GRAZIANO

Isso é verdade: quem sai de uma mesa
Com o empenho que lhe deu o apetite?
Qual o corcel que faz, no adestramento,
Com igual ímpeto, na ida e à volta,
A pista de obstáculos? Na busca
Há sempre mais paixão do que no gozo.
Qual jovem pródigo, embandeirado,
O veleiro abandona o porto calmo
E entrega-se aos maus ventos da Fortuna;
E volta, filho pródigo e esquálido,
Gasto, batido, co'o velame em trapos,
Que a rameira deixou na mendicância!

(*Entra Lorenzo.*)

SALÉRIO

Lá está Lorenzo. Por agora, chega!

LORENZO

Amigos, que esperaram com paciência
(Não foi por mim, e sim por meus negócios),
Quando forem, como eu, ladrões de noivas,

Estarei ao seu dispor: venham aqui!
É a casa do meu pai judeu. Olá!

(*Entra Jéssica, ao alto, vestida como um rapaz*.)

JÉSSICA

Quem está aí? Diga, para eu ter certeza,
Embora eu jure que conheço a voz.

LORENZO

Lorenzo e o seu amor.

JÉSSICA

Por certo que Lorenzo é meu amor,
Pois a quem amo tanto? Mas quem sabe,
Senão você, se eu serei o seu?

LORENZO

O céu e o meu pensar são testemunhas.

JÉSSICA

Pegue esse cofre; ele vale o esforço.
Que bom que é noite e você não me vê —
Sinto vergonha deste meu aspecto:
Se o amor é cego, quem ama não vê
As ousadas loucuras que comete;
Pois o próprio Cupido, se me visse,
Coraria de ver que eu sou rapaz.

LORENZO

Desça, pra carregar a minha tocha.

JÉSSICA

Que horror! Pra iluminar minha vergonha?
Na noite escura eu sinto que ela brilha;
Não quero vê-la mais iluminada,
Mas, sim, oculta.

LORENZO

É pra estar oculta
Que o seu encanto agora é de rapaz.

Mas venha logo!
Pois o escuro da noite vai passando
E temos de ir à festa de Bassânio.

JÉSSICA

Vou trancar tudo e junto-me a você
Um pouco mais dourada de ducados.

(*Sai, ao alto.*)

GRAZIANO

Pelo que vejo, a judia é gentil.

LORENZO

Maldito seja eu se eu não a amo;
Pois só posso julgá-la boa e sábia
E linda, se não mentem os meus olhos —
E que não mentem tenho muitas provas.
E por ser boa, sábia, linda e fiel,
Hei de prezá-la sempre em minha alma.
(*Entra Jéssica.*)
Já veio? Meus senhores, a caminho!
Os outros mascarados nos esperam.

(*Sai com Jéssica e Salério; Graziano está a ponto de segui-los. Entra Antônio.*)

ANTÔNIO

Quem vai lá?

GRAZIANO

Signior Antônio!

ANTÔNIO

Olá, Graziano; onde estão os outros?
São nove horas; tudo está à espera.
Nada de mascaradas; há bom vento:

Bassânio já precisa ir pra bordo.
Eu mandei vinte homens procurá-los.

GRAZIANO

São boas novas — e que mais prazer
Que partir logo posso eu querer?

(*Saem.*)

Cena VII — Belmonte.

(*Fanfarras. Entram Pórcia e o Príncipe de Marrocos, com seus séquitos.*)

PÓRCIA

Afastem as cortinas pra mostrar
As várias arcas a este nobre príncipe:
Podeis fazer agora a vossa escolha.

PRÍNCIPE DE MARROCOS

A primeira é de ouro, com a inscrição:
"Eu tenho o que desejam muitos homens."
A segunda, de prata, aqui promete:
"Quem me escolher terá o que merece."
A terceira, de chumbo, afirma, rude:
"Escolhe a mim quem dá e arrisca tudo."
Como saber qual é a escolha certa?

PÓRCIA

Uma contém o meu retrato, príncipe:
Se a escolherdes, serei pra sempre vossa.

PRÍNCIPE DE MARROCOS

Que os deuses guiem minha decisão!
Vejamos novamente o que elas dizem.
Que diz esta de chumbo?
"Escolhe a mim quem dá e arrisca tudo."

Quem dá — por quê? Por chumbo, só por chumbo!
É uma ameaça — os que arriscam tudo
O fazem pra alcançar vantagens certas:
A mente de ouro não cobiça escória;
Pelo chumbo eu não dou e nem arrisco.
O que me diz a prata virginal?
"Quem me escolher terá o que merece."
O que merece… atenta aí, Marrocos,
E pesa com equilíbrio o teu valor —
Avaliado na própria estimativa
Tu mereces bastante, mas bastante
Pode não ser bastante pra incluí-la:
Porém ter medo que me falte mérito
Já me desabilita por fraqueza.
O que eu mereço é a própria dama.
Mereço-a por berço e por fortuna,
Por dotes, e até mesmo por preparo:
Mereço-a, mais que isso, por amor —
Não será esta a escolha que procuro?
Ouçamos novamente a voz do ouro:
"Eu tenho o que desejam muitos homens."
É ela, com quem sonha o mundo inteiro:
Dos quatro continentes têm chegado
Aqueles que na vida só almejam
Beijar o altar desta santa mortal.
Os desertos hircânios e os agrestes
Da vasta Arábia hoje são caminhos
Pra príncipes que sonham em ver Pórcia.
O reino de Netuno, cujas ondas
Desafiam os céus, não são barreiras
A estrangeiros que o atravessam
Como mero riacho, pra ver Pórcia.
Numa está sua imagem divina.
Seria o chumbo? Mas seria ofensa
Pensar em tal; seria o mesmo que
Dar-lhe mortalha vil em tumba pobre —

Ou devo vê-la presa nesta prata
Tão menos valiosa do que o ouro?
Mas que pecado! Nunca uma tal gema
Foi montada sem ouro. Na Inglaterra
Há uma moeda em que se vê um anjo
Cunhado no ouro; mas fica por fora:
Aqui o anjo está encastoado
Dentro de um leito áureo. Dai-me a chave.

PÓRCIA

Ei-la aqui. Se aí jaz o meu retrato,
Então sou vossa!

(*Ele abre a arca de ouro.*)

PRÍNCIPE DE MARROCOS

Mas, ó Deus, que horror!
Nas órbitas vazias da caveira
Há uma mensagem, que me diz assim:
"Nem tudo o que luz é ouro,
É verdade repetida;
Muita gente vende a vida
Só para olhar um tesouro —
Mesmo em túmulos de ouro
Os vermes têm moradia;
Mais siso do que ousadia
Traria melhor agouro.
Com a resposta aqui achada,
Tua corte está acabada."
Acabada e sem remédio:
Foi-se a vida, chega o tédio.
Ó Pórcia, adeus; meu coração partido
Parte em silêncio, porque foi vencido.

(*Sai com seu séquito.*)

PÓRCIA

Reponham tudo como estava antes;
E escolha igual façam seus semelhantes.

(*Sai.*)

Cena VIII — Veneza.

(*Entram Salério e Solânio.*)

SALÉRIO

Eu vi quando Bassânio fez-se ao mar.
Graziano também partiu com ele:
Mas Lorenzo não está naquele barco.

SOLÂNIO

O vil judeu gritava de tal modo
Que o Duque foi com ele para o cais.

SALÉRIO

Chegaram tarde; já se fora o barco.
Porém o Duque já ouviu dizer
Que foram vistos juntos numa gôndola.
A apaixonada Jéssica e Lorenzo
Não estavam com Bassânio em seu navio.

SOLÂNIO

Eu nunca ouvi paixão assim confusa,
Tão estranha, ultrajante e variada
Quanto a que o cão judeu gritava à rua —
"A minha filha! Os meus ducados! Filha!
Fugida com um cristão! Justiça! Lei!
Meus ducados cristãos! Ai, minha filha!
Dois sacos de ducados, um de ouro,
Roubados pela minha própria filha!

E joias, duas pedras preciosíssimas
Que ela levou! Justiça! Vão achá-la!
Ela levou as pedras e os ducados!"

SALÉRIO

E a meninada toda ia atrás
Gritando: "A filha, as pedras, os ducados!"

SOLÂNIO

É bom Antônio honrar o prazo certo,
Senão quem paga tudo isto é ele.

SALÉRIO

Bem lembrado. E ainda ontem um francês
Contou-me que, no estreito que separa
França e Inglaterra, foi à garra um barco
Que vinha carregado de tesouros:
Pensei logo em Antônio e orei baixinho
Pra que não fosse a dele a tal riqueza.

SOLÂNIO

É melhor relatar tudo a Antônio;
Mas com jeito, pra não deixá-lo aflito.

SALÉRIO

Não há no mundo homem mais gentil.
Eu vi Bassânio e Antônio a despedir-se;
Bassânio garantiu que apressaria
A volta ao máximo; e o outro disse:
Nada de pressas só por mim, Bassânio;
Tudo tem prazo pra amadurecer.
O meu acordo com o judeu não pode
Entrar em sua mente apaixonada:
Mas alegre-se e pense, tão apenas,
Em cortejar com os rituais do amor
Que são devidos nessas circunstâncias.
Foi aí que (com os olhos marejados)
Voltou o rosto e, com a mão para trás,
Com o mais terno e sentido dos afetos,
Cerrou a de Bassânio e foi-se embora.

SOLÂNIO

Antônio ama o mundo só por ele —
Venha comigo, vamos procurá-lo,
Aliviar a tristeza que ele abraça,
Dando-lhe algum prazer.

SALÉRIO

Que boa ideia.

(*Saem*.)

Cena IX — Belmonte.

(*Entram Nerissa e criado*.)

NERISSA

Faça o favor de abrir logo as cortinas,
Pois Aragão também já prestou jura
E vai fazer agora a sua escolha.

(*Fanfarra. Entram o Príncipe de Aragão e seu séquito, Pórcia e seu séquito*.)

PÓRCIA

Vede: aqui estão as arcas, nobre príncipe;
Se escolherdes aquela na qual estou,
Comemoramos logo a nossa boda;
Mas, se falhardes, sem uma palavra
Deveis partir daqui pra nunca mais.

PRÍNCIPE DE ARAGÃO

A jura me traz três obrigações:
Não dizer a ninguém qual foi a arca
Escolhida por mim é a primeira.

Pela segunda, com o fracasso eu juro
Jamais pensar de novo em casamento.
E, por fim,
Se a minha escolha for de má fortuna
Devo deixar-vos imediatamente.

PÓRCIA

Tais compromissos são sempre assumidos
Por quem se arrisca por meus poucos méritos.

PRÍNCIPE DE ARAGÃO

Assim fiz eu — e que a Fortuna, agora,
Me ajude o coração! Prata, ouro e chumbo.
"Escolhe a mim quem dá e arrisca tudo";
Devias ser mais bela para tal risco.
E na de ouro? Ah, deixa-me ver:
"Eu tenho o que desejam muitos homens";
Desejam muitos homens… Esse "muitos"
Pode falar de todos que se prendem
Às aparências, sem olhar mais fundo,
Qual andorinha que, desavisada,
Faz seu ninho ao relento, em qualquer muro.
Eu não escolho o que desejam muitos;
Não sou igual a espíritos comuns,
Não me equiparo à turba rude e bárbara.
Vamos a ti, então, tesouro argênteo,
Vejamos outra vez o que tu dizes:
"Quem me escolher terá o que merece!"
Muito bem dito. Pois quem poderá
Buscar Fortuna de maneira honrada,
Sem ser por mérito? Só o presunçoso
Ostenta dignidade imerecida.
Se posses, honrarias e funções
Não fossem atingidas por corruptos —
Se o prêmio só coubesse a quem merece —
Estaria coberto muito nu,
E muito comandante comandado!
Quanto joio seria rebaixado,

Que hoje passa por trigo de nobreza!
Quanto bom nome, hoje escurecido,
Voltaria a brilhar! Mas escolhamos!
"Quem me escolher terá o que merece";
Creio em meu mérito; co'a chave desta,
Neste instante eu desvendo a minha sorte.

(*Abre a arca de prata.*)

PÓRCIA

A pausa é muito longa pro que viu.

PRÍNCIPE DE ARAGÃO

Aqui está retratado um idiota
Que apresenta um escrito: é melhor ler.
Como diferes dessa linda Pórcia,
De minhas esperanças e meus méritos!
"Quem me escolher terá o que merece"!
Não valho eu mais do que um semblante tolo?
É tal meu prêmio? Apenas tal meu mérito?

PÓRCIA

Ofender e julgar são bem diversos,
Opostos naturais.

PRÍNCIPE DE ARAGÃO

Que diz aqui?
"O fogo diz sete vezes
O que já julgaram sete:
Pra acertar estes reveses,
Quem de sonhos se acomete
Só tem sorte em sonho, às vezes.
Há muito tolo perfeito
Como este, prateado;
Se esposa levas ao leito,
Será de tolo o teu fado.

Podes ir, 'stás derrotado."
Mais tolo parecerei
Custando a me despedir —
Como um tolo cortejei,
Tolo duplo vou partir.
Amada, adeus! Embora dura,
Manterei a minha jura!

(*Saem o Príncipe de Aragão e seu séquito*.)

PÓRCIA

A chama atrai e queima a mariposa:
Que tolos presunçosos! Pra escolher
Tanto pensam, que acabam por perder.

NERISSA

Tem razão quando diz o bom ditado
Que morte e casamento vêm com o fado.

PÓRCIA

Nerissa, já podemos fechar tudo.

(*Entra um mensageiro*.)

MENSAGEIRO

Onde está a senhora?

PÓRCIA

O que deseja?

MENSAGEIRO

Acaba de arribar à sua porta
Um jovem veneziano anunciando,
Senhora, a chegada de seu amo,
De quem traz saudações as mais gentis,
Feitas não só das mais doces palavras,
Mas de ricos presentes; nunca vi

Embaixada de amor tão agradável.
Jamais o azul de abril anunciou
Tão docemente o próximo verão,
Quando fez esse arauto a seu senhor.

PÓRCIA

Não fale mais, pois fico com receio
Que vá dizer que é algum parente seu,
Já que o elogia com tamanho empenho!
Vamos, Nerissa, pois quero saber
O que o Cupido manda me dizer.

NERISSA

Meu Deus, faça Bassânio aparecer!

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Veneza.

(*Entram Solânio e Salério.*)

SOLÂNIO

Quais são as novidades no Rialto?

SALÉRIO

Continua a correr abertamente que Antônio tem um barco de carga riquíssima naufragado no estreito; creio que o local se chama Goodwins; é um trecho raso e mortífero onde, ao que parece, jazem enterradas as carcaças de muitos galeões — isto, se a minha amiga Dona Novidadeira for mulher de palavra.

SOLÂNIO

Eu gostaria que, ao menos nesse caso, ela fosse mais mentirosa que a mais desonesta das vendeiras ou do que a velha que

mastiga gengibre ou convence a vizinhança que está chorando a morte do terceiro marido; mas é verdade, em poucas palavras e falando claro, que o bom Antônio, o honesto Antônio — quem me dera encontrar um título adequado para fazer companhia a esse nome…

SALÉRIO

Vamos, chegue logo ao fim.

SOLÂNIO

O quê? No fim de tudo, ele perdeu um barco.

SALÉRIO

Só desejo que seja esse o fim de suas perdas.

SOLÂNIO

Deixe-me dizer logo "amém", antes que o diabo se atravesse em minhas preces, pois aí vem ele, em forma de judeu.
(*Entra Shylock.*)
Então, Shylock: quais são as novas entre os mercadores?

SHYLOCK

O senhor sabia, melhor que qualquer outro, da fuga da minha filha.

SALÉRIO

Isso é verdade. Conheço — e muito bem — o alfaiate que teceu as asas com as quais ela fugiu.

SOLÂNIO

E Shylock, por seu lado, sabe que quando a ave empluma é de sua natureza abandonar o ninho.

SHYLOCK

Maldita seja por isso!

SALÉRIO

Sem dúvida, se o diabo for o juiz.

SHYLOCK

Rebelar-se, a minha própria carne!

SOLÂNIO

Velho safado! Ela ainda se rebela?

SHYLOCK

Eu disse que minha filha é a minha própria carne!

SALÉRIO

Há mais diferença entre a carne dela e a sua que entre o ébano e o marfim; mais entre os seus dois sangues que entre o vinho vermelho e o do Reno: mas, ouça aqui, ouviu dizer se Antônio teve ou não perdas no mar?

SHYLOCK

Esse é outro mau parceiro que arranjei: um falido, um pródigo, que mal ousa mostrar o rosto no Rialto, um mendigo que antes se mostrava tão vaidoso no mercado; ele que cuide do que prometeu! Ele, que emprestava dinheiro a troco de cortesias cristãs, ele que se cuide no nosso acordo!

SALÉRIO

Mas tenho a certeza de que se ele não puder cumpri-lo, o senhor não vai tomar-lhe a carne. Pra que lhe serviria ela?

SHYLOCK

Para servir de isca aos peixes. Se não nutrir mais nada, nutrirá minha vingança. Ele me desgraçou, prejudicou-me em meio milhão; riu-se das minhas perdas, caçoou dos meus lucros, escarneceu minha estirpe, atrapalhou meus negócios, esfriou minhas amizades, afogueou meus inimigos; e por que razão? Eu sou judeu. Um judeu não tem olhos? Um judeu não tem mãos, órgãos, dimensões, sentidos, afeições, paixões? Não é alimentado pela mesma comida, ferido pelas mesmas armas, sujeito às mesmas doenças, curado pelos mesmos meios, esquentado e regelado pelo mesmo verão e inverno, tal como um cristão? Quando vós nos feris, não sangramos nós? Quando nos divertis, não nos rimos nós? Quando nos envenenais, não morremos nós? E se nos enganais, não haveremos nós de nos vingar? Se somos como vós em todo o resto, nisto também seremos semelhantes. Se um judeu enganar um cristão, qual é a humildade que encontra? A vingança. Se um cristão enganar um judeu, qual deve ser seu sentimento, segundo o exemplo cristão? A vingança, pois. A vileza que me ensinais eu executo, e, por mais difícil que seja, superarei meus mestres.

(*Entra um criado de Antônio.*)

CRIADO

Senhores, meu amo Antônio está em casa e deseja falar com ambos.

SALÉRIO

Nós o temos procurado em toda parte.

(*Entra Tubal.*)

SOLÂNIO

Lá vem outro da tribo — impossível encontrar um terceiro igual a esses, a não ser que o próprio diabo vire judeu.

(*Saem Solânio e Salério com o criado.*)

SHYLOCK

Então, Tubal! Que notícias tem de Gênova? Encontrou minha filha?

TUBAL

Em muitos pontos ouvi notícias dela, mas não pude encontrá-la.

SHYLOCK

Bem, bem, bem, bem! Um dos brilhantes que se foram custou-me dois mil ducados em Frankfurt — a maldição só caiu sobre nosso povo agora; eu nunca a senti antes — dois mil ducados numa pedra — e outras joias muito preciosas. Eu a preferiria morta a meus pés, com as joias em suas orelhas! Eu a preferiria amortalhada a meus pés, os ducados no caixão — não há notícia alguma? Mas por quê? E já perdi a conta do quanto estou gastando na busca. Vejam só — é perda sobre perda! Um tanto foi com a ladra, outro tanto para achá-la, e nenhuma satisfação, nenhuma vingança, nenhum azar neste mundo a não ser o que cai sobre os meus ombros, nenhum suspiro a não ser os que eu solto, nenhuma lágrima, a não ser as que eu choro.

TUBAL

Eu sei; mas outros homens têm azar — Antônio, segundo eu ouvi em Gênova…

SHYLOCK

O quê, o quê, o quê? Azar? Azar?

TUBAL

… teve naufragado um veleiro que vinha de Trípoli…

SHYLOCK

Deus seja louvado! Deus seja louvado! É verdade? É verdade?

TUBAL

Falei com alguns dos marinheiros que escaparam do naufrágio.

SHYLOCK

Obrigado, meu bom Tubal; boas-novas, boas-novas; ha! Ouviu dizer em Gênova!

TUBAL

Sua filha gastou muito em Gênova, segundo ouvi; oitenta ducados numa noite.

SHYLOCK

Está-me cravando um punhal na carne — nunca mais verei meu ouro — oitenta ducados de uma vez; oitenta ducados!

TUBAL

Vários credores de Antônio vieram para Veneza em minha companhia e juram que ele não pode deixar de falir.

SHYLOCK

Isso me alegra muito — vou infernizá-lo, torturá-lo —, me alegra muito.

TUBAL

Um deles mostrou-me um anel que sua filha deu por um macaco.

SHYLOCK

Infeliz! Você me tortura com isso, Tubal; era a minha turquesa, que ganhei de Lia quando era solteiro: eu não o daria nem por uma floresta inteira de macacos.

TUBAL

Mas Antônio certamente está perdido.

SHYLOCK

Lá isso é verdade — vá, Tubal, contrate-me um oficial de

justiça; quero que fique comprometido com duas semanas de antecedência; se ele não pagar eu lhe arranco o coração, pois sem ele em Veneza eu poderei fazer os negócios que quiser; vá, Tubal, e depois encontre-me na sinagoga — vá, bom Tubal —, na sinagoga, Tubal.

(*Saem.*)

Cena II — Belmonte.

(*Entram Bassânio, Pórcia, Graziano, Nerissa e seus séquitos.*)

PÓRCIA

Eu lhe peço que espere um dia ou dois
Para arriscar-se, pois se escolhe errado
Perco sua companhia; aguarde um pouco —
Algo me diz (mas que não é amor)
Que eu não quero perdê-lo, e o senhor sabe
Que não é ódio que aconselha assim;
Mas pra que eu saiba que me compreende…
Embora eu deva me manter calada —
Eu desejo retê-lo um mês ou dois
Antes de se arriscar. Eu poderia
Ensiná-lo a escolher, porém não posso;
Não o farei — e, então, pode perder-me…
E, em me perdendo, me fará pecar —
Querendo ter falado. Esses seus olhos
Enfeitiçaram-me e dividiram-me:
Eu sou metade sua e o resto, sua;
Isto é, metade minha e, sendo assim,
Sou toda sua porque o meu é seu.
É triste que entre o dono e seu direito

Existam condições e obstáculos!
E, sendo sua, não puder ser sua,
Terei sido maldita sem pecar.
Eu falo assim só pra passar o tempo,
Enchê-lo e esticá-lo o mais possível
Para impedir a escolha.

BASSÂNIO

Mas escolho,
Porque, qual estou, eu vivo torturado.

PÓRCIA

Torturado, Bassânio? Então confesse
Que traição está mesclada em seu amor.

BASSÂNIO

Nenhuma, a não ser a insegurança
De temer não poder gozar o amor —
Fogo e neve têm tanta afinidade
Quanto têm a traição e o meu amor.

PÓRCIA

Eu receio que, como o torturado,
Diga, forçado, não importa o quê.

BASSÂNIO

Se prometer-me a vida, então confesso.

PÓRCIA

Confesse e viva, então.

BASSÂNIO

Confesso e amo:
Esse é o total da minha confissão.
Como é doce o tormento, se o carrasco
Ensina-me a falar com liberdade!
Quero arriscar, agora, o fado e as arcas!

PÓRCIA

Pois bem! Estou trancada numa delas.
Se me ama, com certeza há de encontrar-me.
Nerissa e todos mais, cheguem para longe;
Enquanto escolhe, eu quero que haja música,
Pois assim, se perder, será qual cisne

Que falece cantando. E dos meus olhos
Nascerá, nesse quadro, a correnteza
Que o acolherá na morte. E se ganhar?
Por que a música? Porque a música
É a clarinada a que se curva o súdito
Do rei recém-ungido. Ela é igual
Aos doces sons da aurora que se esgueiram
Pelo ouvido do noivo adormecido
E chamam para a boda. Agora vá —
Com a mesma nobreza e mais amor
Que Alcides, jovem, quando resgatou
O prêmio virginal devido ao monstro
Por Troia. E hoje sou eu a imolada.
As outras, afastadas, são troianas
Que, com os olhos inundados, velam
Pelo final da luta. Avante, Hércules!
Viva por mim! Eu sofro mais por ver
A luta, que você por combater.

(*Canção com música enquanto Bassânio comenta consigo as três arcas.*)

SOLO

Como nasce o amor no mundo?
Vem do coração bem fundo
Ou é da mente oriundo?

TODOS

Quem sabe, quem sabe?

SOLO

Num olhar é engendrado
E morre depois de olhado;
No berço em que é embalado,
Dobra o sino, está acabado.

TODOS

Di-lim, de-lem, da-lão.

BASSÂNIO

O aspecto pode ser contrário à essência —
O mundo muito engana na aparência —
Na lei, que causa chega tão corrupta,
Que a palavra sonora e adocicada
Não lhe atenue o erro? E, na igreja,
Que pecado não tem quem, muito austero,
O abençoe, citando as Escrituras,
Ocultando o que é sórdido com o belo?
Não há vício tão claro que não traga
Vislumbre de virtude em seu aspecto;
Quantos covardes cujos corações
Não são mais firmes que muros de areia,
Não têm aspecto de Hércules ou Marte,
'Stando, por dentro, pálidos de medo?
Mas, só por terem ares de coragem,
Eles ficam famosos. E a beleza
Que vemos, muitas vezes é comprada
A peso e, alterando a natureza,
Torna levianas as que mais carregam:
Os cachos que, dourados, serpenteiam
Tão cheios de malícia, quando ao vento,
Muitas vezes, sabemos, são presentes,
A essas falsas belezas, de outro crânio
Que ora jaz em alguma sepultura.
O ornamento é a praia traiçoeira
De um mar bravio, o deslumbrante véu
Que encobre a bela hindu. Em uma palavra,
A aparente verdade com que o esperto
Engana o sábio. E então, ouro vulgar,
Alimento de Midas, não te quero,
Nem a ti, que és a pálida criada
Do comércio entre os homens: mas a ti,
O pobre chumbo, que me falas mais
De ameaças que promessas, eu darei
A minha escolha. Que ela seja alegre!

PÓRCIA

(*à parte*)
Todas as paixões mais se desvanecem:
O medo, os olhos verdes do ciúme.
Amor, modera-te; controla o êxtase;
Faz cair leve a chuva da alegria!
Evita o excesso! Sinto bênçãos tais,
Tão enormes, que deves diminuí-las
Para eu não sufocar.

BASSÂNIO

Que vejo aqui?
(*Abre a arca de chumbo.*)
O retrato de Pórcia. Mas que Deus
Fez tal imitação? Eu já não sei
Se esses olhos se movem ou se os meus
É que os fazem mover-se. Eis os lábios
Apenas entreabertos — separados
Por seu gentil arfar — qual doce obstáculo
A separar irmãos; e seus cabelos
O pintor fez-se aranha pra tecer
Uma trama dourada que captura
Mais corações que teias a insetos.
Mas como viu seus olhos e pintou-os?
O primeiro pintado já teria
Força bastante pra cegar-lhe ambos,
Ficando assim sem par: por mais injusto
Que seja o meu louvor a esse reflexo,
Inda maior é o vale que separa
Esse reflexo do original. Eis a mensagem
Que diz o que me coube por fortuna:
"Quem o aspecto não tentou
Escolheu bem, na verdade;
Se a fortuna te tocou,
Não busques mais novidade.
Se alegria ela te dá,
E riquezas benfazejas,

Beija a noiva que aqui está,
Se é a ela que desejas."
Essa mensagem, como pode ver,
É promissória pra dar e receber.
Assim como, no fim de uma contenda,
Um lutador pressente que agradou,
Mas ao ouvir o aplauso que o consagra
Ainda tonto fica sem saber
Se os louvores são seus ou são do outro,
Assim, bela entre as belas, estou eu —
Sem crer nessa fortuna que me é dada,
Sem tê-la, por sua voz avalizada.

PÓRCIA

Senhor Bassânio, aqui me vê agora
Tal como eu sou; e embora por mim mesma
Não tivesse ambição de ser melhor
Do que aquilo que sou, por sua causa
Desejaria eu ser multiplicada
Por mil no aspecto, dez mil na riqueza,
Tão só pra merecer a sua estima.
Queria em bens e belezas e virtudes
Ser muito pródiga, mas me resumo
Na resumida soma que, no todo,
É uma moça sem lustro ou experiência,
Mas que é feliz por ser ainda jovem
Para aprender; e mais feliz ainda
Por não nascer sem dotes que permitam
Que venha a aprender; e felicíssima
Por poder entregar o seu espírito
Ao seu, para que possa orientá-la
Como seu amo, seu senhor, seu rei.
Eu e o que é meu a si e ao que é seu
Nos entregamos. Inda até há pouco
Era eu o senhor desta mansão
Na qual reinava: mas daqui em diante
A casa, a criadagem e até eu

Somos seus, meu senhor, com este anel:
Se o senhor o perder, der ou tirar,
Nisso eu verei o fim do seu amor,
Cabendo-me o direito do protesto.

BASSÂNIO

Senhora, não me restam mais palavras;
O meu sangue pulsando é que lhe fala.
Em meus sentidos há o burburinho
Que, ao findar a magnífica oração
De um príncipe adorado, faz-se ouvir
Na multidão feliz e murmurante,
Quando um milhão de coisas, misturadas,
Tornam-se nada num só todo alegre
Que, sem dizer, diz tudo; se algum dia
Eu deixar este anel, é o fim da vida!
E aceito que proclamem minha morte!

NERISSA

Meus amos, é chegada agora a vez
Daqueles que tiveram atendidas
Suas preces em vê-los tão felizes.
De todo o coração, felicidades.

GRAZIANO

Bassânio, senhor meu; minha senhora:
Eu lhes desejo tudo o que sonharem,
Pois creio que não sonham com o que é meu:
Mas quando for momento de selar
O seu solene compromisso, imploro
Que me deixem casar-me, também eu.

BASSÂNIO

De todo o coração, se é que tem noiva.

GRAZIANO

É graças ao senhor que a alcancei.
Meus olhos são iguais aos do meu amo:
Ele viu a senhora e eu, a aia:

Ele amou, eu amei — pois as demoras
Agradam tanto a mim quanto ao senhor.
Se a sua sorte dependeu das arcas,
Também a minha delas dependeu;
Pois cortejando até suar em bicas,
Jurando amor até secar o céu
Da boca, finalmente consegui
Que a minha bela aqui me prometesse
O seu amor, mas só se a boa sorte
Lhe desse a ama.

PÓRCIA

Foi assim, Nerissa?

NERISSA

Foi, sim, e eu espero que lhe agrade.

BASSÂNIO

Pretende agir de boa-fé, Graziano?

GRAZIANO

Da melhor, meu senhor.

BASSÂNIO

Sua boda alegrará nossa festa.

GRAZIANO

E mil ducados pro primeiro macho!

NERISSA

E depois, a aposta não levanta?

GRAZIANO

Levanta, sim — isso nós garantimos!
Mas quem vem lá? Lorenzo e a infiel?
E Salério, velho amigo de Veneza?

(*Entram Lorenzo, Jéssica e Salério.*)

BASSÂNIO

Boas-vindas a Lorenzo e Salério.
Se a minha posição, recém-nascida,

Permite que eu as dê, querida Pórcia;
Com sua permissão faço bem-vindos
Aqui os meus amigos.

PÓRCIA

E eu também.

LORENZO

Eu agradeço, mas, de minha parte,
Não tinha planos para vir aqui;
Salério, que encontrei em meu caminho,
Chamou-me, sem deixar que eu recusasse,
A vir com ele.

SALÉRIO

Assim foi, meu senhor.
E com boas razões. O nobre Antônio
Envia saudações.

(*Dá a carta a Bassânio.*)

BASSÂNIO

Antes que eu abra,
Dê-me notícias do meu bom amigo.

SALÉRIO

Nem doente, a não ser em pensamento,
Nem são, senão em pensamento. A carta
Dirá seu estado.

(*Bassânio abre a carta.*)

GRAZIANO

Nerissa, vá cuidar da triste infiel.
Salério, sua mão — que há em Veneza?
Está bem Antônio, o nosso mercador?
Ele há de apreciar nossa ventura:

Somos Jasões, ganhamos velocinos.

SALÉRIO

Mas não ganharam o que ele perdeu.

PÓRCIA

Naquela carta há notícias más;
A face de Bassânio empalidece —
A não ser pela morte de um amigo,
Não sei o que traria tais mudanças
A um homem tão constante. Mas piora!
Perdão, Bassânio; mas, metade sua,
Eu devo arcar, assim, com uma metade
Do que lhe trouxe a carta.

BASSÂNIO

Doce Pórcia,
Estão aqui palavras das mais trágicas
Que já vi num papel! Ó doce amada,
Quando primeiro eu lhe falei de amor,
Eu disse abertamente que a riqueza
Que eu tinha era a do sangue bem-nascido
E não menti; mas, mesmo assim, querida,
Ao afirmar que não valia nada,
Verá que me gabava, já que em vez
De dizer que era nada, eu deveria
Dizer que ainda era menos, pois pra vir,
Eu empenhei-me com um grande amigo,
Empenhando-se ele a um inimigo
Para eu ter meios. Aqui nesta carta
Está o próprio corpo desse amigo:
Cada palavra é uma ferida aberta,
Perdendo sangue e vida. Mas, Salério,
É verdade? Está tudo malogrado?
De Trípoli, do México e Inglaterra,
De Lisboa, da Índia e da Barbaria,
Nem um só casco escapou aos ataques
Das rochas inimigas?

SALÉRIO

Nem um só.
E, mais, parece que se ele tivesse
Neste instante o dinheiro pro judeu,
Este já não o aceita. Eu nunca vi
Ninguém que, tendo forma e aspecto humanos,
Sonhasse tanto com o fim de um homem.
Ele importuna o Duque noite e dia,
Diz que, se perde a causa, esta república
Renega as suas leis. O próprio Duque,
Vinte dos mercadores e o senado
Já tentaram, por tudo, dissuadi-lo.
Mas não há quem o abale em seu intento
De, com o protesto, ver cumprida a multa.

JÉSSICA

Eu mesma estava lá quando jurou
A Tubal e a Chus, de sua tribo,
Que preferia a carne desse Antônio
A vinte vezes o valor da soma
Do que este lhe devia; e sei também
Que, se não há defesa pela lei,
As coisas serão duras para Antônio.

PÓRCIA

É o seu amigo que tem tais problemas?

BASSÂNIO

O meu melhor amigo e o mais nobre
Dos homens, o mais generoso espírito.
O mais cortês, em quem podemos ver —
Mais do que em qualquer outro, nesta Itália —
A honra dos romanos de outro tempo.

PÓRCIA

E, ao judeu, que soma deve ele?

BASSÂNIO

Por mim, três mil ducados.

PÓRCIA

Mas só isso?
Dê-lhe seis mil pra resgatar o título,

Duas vezes seis mil, ou até três,
Antes que amigo tal como o pintou
Perca um cabelo graças a Bassânio.
Primeiro, a igreja pra chamar-me esposa,
Depois, para Veneza e o seu amigo:
Não quero que se deite junto a Pórcia
Com a alma inquieta. Logo terá ouro
Que pague vinte vezes a tal dívida.
Depois de paga, traga o seu amigo —
Nerissa e eu, durante a sua ausência,
Somos virgens-viúvas. Vão a toda!
É preciso partir após a boda.
Bem-vindos sejam; vamos celebrar
O quanto me custou poder amar!
Deixe-me ver a carta que chegou.

BASSÂNIO

(*Lendo.*)
"Doce Bassânio, todos os meus navios estão perdidos; meus credores tornaram-se cruéis, minhas posses estão em baixa, meu compromisso com o judeu, vencido, e — já que, ao pagá-lo, é impossível que eu sobreviva — dou como quitadas todas as dívidas entre você e eu; gostaria, porém, de poder vê-lo antes de morrer: mas aja apenas segundo o seu prazer — se o seu amor não o persuadir a vir, que a minha carta não o faça tampouco."

PÓRCIA

Amor — liquide tudo e parta logo!

BASSÂNIO

Se permite que vá, então eu ouso
Apressar-me em partir; e, até voltar,
Nenhuma cama me dará repouso,
Nem descanso nos há de separar.

(*Saem todos.*)

Cena III — Veneza.

(*Entram Shylock, o judeu, Solânio e Antônio, com o guarda da prisão.*)

SHYLOCK

Cuidado, guarda — nada de mercê —
Esse é o tolo que empresta grátis…
Cuida bem dele.

ANTÔNIO

Ouve aqui, bom Shylock.

SHYLOCK

Quero a multa; não há como negá-la.
Antes do acordo me chamava cão…
Pois se sou cão, cuidado com os meus dentes.
O Duque há de ser justo — e eu me espanto,
Guarda imbecil, que por fraqueza tenha
Vindo aqui, só porque ele o desejou.

ANTÔNIO

Eu lhe rogo que me escute…

SHYLOCK

Eu quero a multa. E não quero ouvi-lo.
Eu quero a multa; não me fale mais.
Ninguém vai me fazer de tolo fraco,
Que suspira, hesita e entrega os pontos
A apelos cristãos; não adianta —
Não quero ouvir mais nada; eu quero a multa.

(*Sai.*)

SOLÂNIO

É um cão empedernido, que não pode
Viver em meio aos homens.

ANTÔNIO

Deixe-o estar;
Não quero prosseguir com preces vãs.
Eu sei por que ele quer a minha vida:
Muitas vezes livrei, de suas penas,
A devedores seus que me buscavam.
Por isso é que me odeia.

SOLÂNIO

Sei que o Duque
Não há de permitir que pague a multa.

ANTÔNIO

O Duque não tem como ir contra a lei;
Pois muitos forasteiros, com interesses
Cá em Veneza — se ele assim agisse —,
Iriam criticar nossa justiça,
Já que o comércio e o lucro da cidade
Vêm de muitas nações. Portanto, vai —
As minhas perdas me abateram tanto
Que amanhã mal terei a minha libra
De carne para dar ao meu credor.
Agora, vamos. Oxalá Bassânio
Ainda venha pra me ver pagar
A sua dívida. E depois, que importa!

(*Saem.*)

Cena IV — Belmonte.

(*Entram Pórcia, Nerissa, Lorenzo, Jéssica e Baltasar, um criado de Pórcia.*)

LORENZO

Senhora, mesmo ante seus ouvidos,
Devo dizer que tem belo conceito
Do que seja amizade, como mostra
Ao enfrentar a ausência do seu amo.
Mas se soubesse a quem faz esse gesto,
A que alma nobre manda a sua ajuda,
A que extremado amigo de Bassânio,
O seu prazer seria inda maior
Que aquele que a bondade sempre traz.

PÓRCIA

Eu nunca lamentei o bem que fiz.
Nem o farei agora, pois amigos
Com quem se fala pra passar o tempo,
Com cujas almas se partilha o amor,
Precisam ter conosco semelhança
Em maneiras, critérios e em espírito;
O que me leva a crer que esse Antônio,
Amigo muito amado de Bassânio,
Deve ser como ele. E, se assim é,
Como é pequeno o preço que paguei
Pra salvar o reflexo de minh'alma
da infernal crueldade em que se via!
Assim, parece que me estou louvando…
Vamos falar, portanto, de outras coisas.
Lorenzo, eu vou deixar em suas mãos
O cuidado geral de minha casa
Na ausência do meu amo: quanto a mim,
Fiz aos céus, em segredo, uma promessa,
De viver no retiro da oração,
Servida apenas por minha Nerissa,
Até que voltem nossos dois maridos —
Há um mosteiro aqui perto, p'ronde irei.
Não quero que me negue esse pedido,
Que o meu amor e a crise que atravesso
Ora lhe fazem.

LORENZO

É de coração,
Senhora, que obedeço a seus desejos.

PÓRCIA

Os meus criados já estão informados
E a si e a Jéssica obedecerão
Como o fariam a Bassânio e a mim.

LORENZO

Que as horas passem calmas e felizes!

JÉSSICA

Com o coração em paz, minha senhora!

PÓRCIA

Eu agradeço os votos que me fazem
E lhes desejo o mesmo. Adeus, amigos.
(*Saem Jéssica e Lorenzo.*)
Agora, Baltasar,
Preciso ainda uma vez da lealdade
Que sempre me mostraste: toma aqui
Esta missiva e corre; vai levá-la
Com toda a pressa a Pádua, pra Bellario,
O meu parente que é doutor em leis.
As vestes e os papéis que ele te der
Vem entregar-me logo, a toda pressa,
Na gôndola que faz a travessia
Direto pra Veneza; anda depressa —
Pois eu estarei lá antes de ti.

BALTASAR

Irei, senhora, com a maior das pressas.

(*Sai.*)

PÓRCIA

Vamos, Nerissa; vamos fazer coisas
Das quais ainda não sabe; e vamos ver

Nossos maridos antes de que pensam.

NERISSA

Eles também irão nos ver, senhora?

PÓRCIA

Irão, Nerissa; mas com tal aspecto,
Que irão julgar que nós somos dotadas
De algo que não temos. E aposto já
Que quando nos vestirmos como homens,
Serei o mais bonito dos rapazes,
Usando a minha adaga com mais prosa,
Com voz meio rachada de menino
Que vira homem e, mudando o andar,
Pra dar largas passadas, vou gabar-me
De lutas e conquistas. Vou mentir
A respeito de damas que me amaram
E que morreram porque não as quis.
Depois eu me confesso arrependido,
Lamento ter causado as suas mortes,
Enfim, eu vou contar tanta mentira,
Que os homens que me ouvirem vão pensar
Que faz um ano que saí da escola.
Conheço mil estórias como essas,
Que os fanfarrões espalham pela vida,
E vou usá-las.

NERISSA

Vamos virar homens?

PÓRCIA

Que coisa feia pra se perguntar!
A frase pode ter sentido mau!
Mas vou contar-lhe já todo o meu plano
Quando entrarmos no coche, que já espera
Por nós no parque; mas vamos correr,
Pois temos vinte milhas pra vencer.

(*Saem.*)

Cena V — Belmonte.

(*Entram Jéssica e Lancelote.*)

LANCELOTE

É verdade; todo o mundo sabe que os pecados dos pais escorregam sobre os filhos e, portanto, juro que estou tremendo por você — sempre fui franco e, agora, tenho de lhe dizer que estou muito preocupadíssimo com o assunto; portanto, alegrize-se, pois eu realmente acho que você foi maldita. Só há uma esperança que pode ser que a ajude; e mesmo assim é uma esperança meio filha da mãe.

JÉSSICA

E que esperança é essa?

LANCELOTE

Ora essa, que você não tenha sido preconcebida por seu pai, pois, nesse caso, você não era mais filha do judeu.

JÉSSICA

Não vejo como legitimar tal ideia, já que — nesse caso — recaíram sobre mim os pecados de minha mãe.

LANCELOTE

Então acho que você fica mesmo maldita de pai e mãe, porque se procura escapar do monstro Cila que é seu pai, cai no redemoinho de Caribde que é sua mãe. De um jeito ou de outro, está perdida.

JÉSSICA

Mas serei salva por meu marido — ele me fez cristã!

LANCELOTE

O que o torna mais culpado, pois já havia cristãos bastantes — até mesmo demais — que davam justo para uns viverem à custa dos outros; essa história de fabricar cristão vai aumentar o preço dos leitões — se todo o mundo começa a comer porco, daqui a pouco ninguém mais vai ter dinheiro que dê para o toucinho…

JÉSSICA

Vou contar a meu marido o que você disse — aí vem ele!

(*Entra Lorenzo.*)

LORENZO

Lancelote, vou acabar com ciúmes de você, que está sempre em algum cantinho com a minha mulher!

JÉSSICA

Não é preciso, Lorenzo. Lancelote e eu estamos de mal — ele me disse claramente que não há misericórdia no céu para mim, porque sou filha de judeu: e que você não é bom cidadão porque, convertendo judeus em cristãos, está aumentando o preço da carne de porco.

LORENZO

O que sempre é melhor do que fazer crescer a barriga de uma negra: a moura está grávida de Lancelote.

LANCELOTE

É muito mourejar para expandecer uma moura; mas se ela é honesta, isso não desdoura a moura.

LORENZO

Qualquer tolo sabe brincar com palavras! Creio que as pessoas de espírito em breve ficarão reduzidas a completo silêncio, e que a fala só será aplaudida nos papagaios; vá lá dentro, rapaz, e diga que eu mando dizer que todos se preparem para o jantar.

LANCELOTE

Quem tem estômago está sempre preparado.

LORENZO

Meu Deus, que piadista cansativo! Então peça-lhes que preparem o jantar.

LANCELOTE

Isso também já está feito. Só falta servir.

LORENZO

Você, eu já vi que não me serve.

LANCELOTE

Nem sempre, meu senhor. Só quando é meu dever.

LORENZO

Mas que discussão gratuita! Será que é preciso fazer *todas* as graças ao mesmo tempo? Faça o favor de compreender a linguagem simples de um homem simples: vá lá dentro e diga que ponham a mesa e sirvam a comida, que nós já queremos entrar para jantar.

LANCELOTE

A mesa não precisa ser posta lá dentro, senhor; sempre esteve lá. A comida será servida se servir; e o senhor entra onde e quando quiser.

(*Sai*.)

LORENZO

Pobres palavras, como são usadas!
O bobo tem guardado na cabeça
Um batalhão de ótimas palavras…
Mas sei de bobos que, em outros cargos,
Fazem, como ele, enorme confusão
E mudam o que dizem em bobagem.
Como está, minha Jéssica querida?
E diga agora a sua opinião
A respeito da esposa de Bassânio.

JÉSSICA

Nem sei o que dizer — eu só espero
Que ele queira viver com dignidade —,
Pois recebendo a bênção dessa esposa
Ele alcançou o céu aqui na Terra;
E, se não merecê-lo por aqui,
Não é provável que ele chegue ao céu!
Se num jogo divino entre dois deuses
Fosse o caso apostar em dois mortais,
E Pórcia fosse uma, a pobre outra
Teria de juntar a si mais algo,
Pois nosso mundo rude não conhece

A sua igual.

LORENZO

Mas você conquistou,
No marido, o que ela é como esposa!

JÉSSICA

Por que não pede a minha opinião?

LORENZO

Já vou pedir. Mas, antes, o jantar.

JÉSSICA

Com fome eu sou mais dada a elogios…

LORENZO

Prefiro ser conversa de jantar
Porque, assim, o que é dito com a comida
Fica mais fácil para eu digerir…

JÉSSICA

Pois sendo assim, eu vou servi-lo à mesa

(*Sai com Lorenzo*.)

ATO IV

Cena I — Veneza. Um Tribunal.

(*Entram o Duque, senadores, Antônio, Bassânio, Graziano, Salério e outros*.)

DUQUE

Antônio está presente?

ANTÔNIO

Estou pronto, Vossa Graça.

DUQUE

Sinto por vós, pois tendes de enfrentar
Adversário cruel e desumano,
Tão implacável quanto é incapaz
Da mais vaga piedade.

ANTÔNIO

E eu já soube
Que Vossa Graça fez por suavizar
O rigor que ele exige; mas, se insiste,
E não há leis que possam me livrar
Do ódio dele, aqui eu ofereço
Paciência à sua fúria, e estou disposto
A encarar de espírito tranquilo
A tirania dessa sua ira.

DUQUE

Que chamem o judeu ao tribunal.

SALÉRIO

Ele está pronto e vem aí, senhor.

(*Entra Shylock.*)

DUQUE

Deixai-o entrar, pr'eu vê-lo face a face.
O mundo julga, Shylock, como eu,
Que ostentarás tua malícia apenas
Até a última hora, pra, depois,
Mostrar o teu perdão com mais surpresa
Do que a surpresa desta crueldade:
E que tu, que ora clamas pela multa,
Que é uma libra da carne desse homem,
Não só abrirás mão do contratado
Mas, também, por bondade e amor humanos,
Perdoarás parcela do emprestado
Por ter piedade das imensas perdas

Que se abateram sobre ele, há pouco.
Elas abalam qualquer mercador
E inspiram pena, pelo que ele enfrenta,
Aos mais duros e frios corações —
A turcos e até a tártaros selvagens —,
Gerando cortesia e terna ajuda.
Que resposta gentil nos dás, judeu?

SHYLOCK

Já disse o que desejo a Vossa Graça
E já jurei, por tudo o que é sagrado,
Que quero a multa que o contrato indica.
Se ela me for negada, que o perigo
Desça sobre a cidade e suas leis!
Vossa Graça irá me perguntar
Por que prefiro a carne a receber
Três mil ducados — isso eu não respondo!
Digamos que é capricho — serve assim?
Se houvesse um dia um rato em minha casa
E me agradasse dar dez mil ducados
Pra liquidá-lo… Serve essa resposta?
Há homens que não gostam de ver porco;
Outros que endoidam quando encontram gatos!
Há quem não possa reter as urinas
Se ouve gaita de foles — os caprichos
São mestres das paixões e — ao acaso —
Viram amor ou ódio — por que causa?
Não há razão que explique bem por que
Este não gosta de olhar pra porco,
Aquele não suporta um bichaninho,
O outro, a gaita; mas acabam, todos,
Passando por vergonhas e ofendendo
Os outros porque algo os ofendeu.
Assim, não dou razão — e nem darei.
Por esse ódio fixo, essa ojeriza,
Que tenho a Antônio é que levo avante
Essa causa contra ele; eu respondi?

BASSÂNIO

Mas, insensível, só essa resposta
Não justifica a sua crueldade.

SHYLOCK

Não tenho de lhe dar satisfações!

BASSÂNIO

Os homens matam tudo a que odeiam?

SHYLOCK

Alguém odeia sem querer matar?

BASSÂNIO

Nem toda ofensa é ódio, quando nasce.

SHYLOCK

Quer que uma cobra o morda duas vezes?

ANTÔNIO

Lembre com quem você está lutando —
Pedir a esse judeu é a mesma coisa
Que rogar à maré que suba menos;
Será melhor argumentar com um lobo
Pr'obter a segurança dos cordeiros:
É o mesmo que negar a algum pinheiro
Direito de vergar ou de chorar
Quando se vê torcido pelo vento.
É o mesmo que querer amolecer
O que há de mais curtido — como seja
Um coração judeu. Portanto, eu peço
Que pare de pedir e oferecer
E que, de forma rápida e decente,
Eu receba a sentença e ele, a multa.

BASSÂNIO

Eu dou seis mil pelos três mil ducados!

SHYLOCK

Se cada um desses seis mil ducados
Se transformasse novamente em seis,
Eu recusava, preferindo a multa!

DUQUE

De onde espera perdão, se não o dá?

SHYLOCK

Por que temer, se não cometo erros?
Vós tendes entre vós muitos escravos,
Que usais como se fossem cães ou mulas;
Que usais para as tarefas mais abjetas,
Porque os comprastes — devo eu vos dizer
"Libertai-os, casai-os com os vossos?
Por que mourejam eles? Que seus leitos
Sejam também macios, seus jantares
Cozidos como os vossos"? Vós direis:
"Os escravos são nossos." Também eu
Digo que a carne que estou exigindo
Comprei-a caro, é minha e eu a quero:
Se ma negais, adeus às vossas leis!
Veneza não garante os seus decretos!
Quero a sentença — vamos! Ela é minha?

DUQUE

Terei de dispensar o tribunal,
A não ser que Bellario, um grande sábio,
A quem pedi viesse ouvir o caso,
Chegue logo.

SALÉRIO

Meu Duque, está lá fora
Um mensageiro que traz cartas dele,
Vindo de Pádua.

DUQUE

Trazei-as, e chamai o mensageiro!

BASSÂNIO

Vamos, Antônio, um pouco mais de ânimo!
Eu antes hei de dar da minha carne
Que deixar o judeu ter sangue seu.

ANTÔNIO

Sou o pior cordeiro do rebanho;
O melhor pra morrer. O fruto fraco

Cai logo ao solo; e eu me sinto assim.
Não há melhor destino pra você
Que viver e escrever meu epitáfio.

(*Entra Nerissa, vestida como auxiliar de advogado.*)

DUQUE

O senhor vem de Pádua, de Bellario?

NERISSA

E a vós saúdo em nome do doutor.

(*Apresenta uma carta.*)

BASSÂNIO

Por que afia desse modo a faca?

SHYLOCK

Para cobrar a multa de quem deve!

GRAZIANO

Não é assim da palma, mas da alma,
Que vem o fio agudo que lhe dá.
Não há arma no mundo tão cortante
Quanto a inveja de seu coração.
Será que não há prece que o demova?

SHYLOCK

Nenhuma concebida em seu espírito.

GRAZIANO

Maldito seja, cão abominável!
E maldita a justiça que o defende!
Você quase que abala a minha fé
Para fazer-me crer, qual Pitágoras,
Que, às vezes, almas de animais penetram
No corpo humano. Seu maldito espírito
E presa de algum lobo antropofágico

Cuja alma, que escapou ao cadafalso,
Entrou no ventre mau que o envolvia
Para infectá-lo, pois os seus anseios
Só podem ser de lobo esfomeado.

SHYLOCK

Palavras não apagam promissórias;
Gritar assim ofende os seus pulmões.
Aprenda a controlar-se ou seu destino
Não vai ser bom. A lei 'stá do meu lado.

DUQUE

A carta de Bellario recomenda
Um jovem sábio ao nosso tribunal.
Onde está ele?

NERISSA

Aguarda fora apenas
A vossa permissão pra apresentar-se.

DUQUE

Está dada. Ide buscá-lo, alguns de vós,
E escoltai-o com respeito à corte.
A carta será lida enquanto entra.
(*Lê.*)
"Vossa Graça há de compreender que, ao receber vossa carta, encontrava-me eu muito doente. Porém, no momento em que vosso mensageiro chegou, em visita de amizade, achava-se comigo um jovem doutor romano, chamado Baltasar. Informei-o a respeito da causa que envolve a controvérsia entre o judeu e Antônio, o mercador, e consultamos juntos inúmeras obras. Ele está a par de minha opinião e (aprimorando-a com sua própria sabedoria, cuja grandeza não tenho palavras para expressar) ele irá, por insistência minha, atender em meu lugar vosso pedido. Rogo-vos que sua juventude não se torne empecilho para que mereça reverência e estima, pois nunca conheci corpo tão moço com cabeça tão madura: entrego-o à vossa graciosa aceitação, seguro de que esse julgamento só servirá para proclamar mais imediatamente os seus méritos."
(*Entra Pórcia vestida como um doutor em leis.*)

Ouvistes o que disse o bom Bellario?
E aqui está o doutor, segundo penso.
A vossa mão. Vós vindes de Bellario?

PÓRCIA

Sim, Vossa Graça.

DUQUE

Sois bem-vindo aqui.
Tomai vosso lugar. Já conheceis
A essência dessa causa que julgamos?

PÓRCIA

Conheço muito bem a causa toda:
Quem é o mercador? Quem o judeu?

DUQUE

Apresentai-vos, Shylock e Antônio.

PÓRCIA

Chama-se Shylock?

SHYLOCK

Esse é o meu nome.

PÓRCIA

É duro e muito estranho o que pleiteia;
Mas tem tal forma que estas leis daqui
Não podem impugnar o seu pedido.
O senhor 'stá, então, em poder dele?

ANTÔNIO

Parece.

PÓRCIA

A nota é válida?

ANTÔNIO

É, sim.

PÓRCIA

Então, o judeu tem de perdoar.

SHYLOCK

Eu tenho? Então dizei-me o que me força.

PÓRCIA

A graça do perdão não é forçada;
Desce dos céus como uma chuva fina

Sobre o solo: abençoada duplamente,
Abençoa a quem dá e a quem recebe;
É mais forte que a força: ela guarnece
O monarca melhor que uma coroa;
O cetro mostra a força temporal,
Atributo de orgulho e majestade,
Onde assenta o temor devido aos reis;
Mas o perdão supera essa imponência:
É um atributo que pertence a Deus,
E o terreno poder se faz divino
Quando, à piedade, curva-se a justiça.
Assim, judeu, se clamas por justiça,
Pondera: na justiça não se alcança
Salvação; e se oramos por justiça,
Essa mesma oração ensina os gestos
E os atos do perdão. Falei, portanto,
Mitigando a justiça dessa causa,
Pois, se a cumprir, a corte de Veneza
Dará sentença contra o mercador.

SHYLOCK

Respondo por meus atos! Pela lei,
Exijo a pena e a multa do meu trato.

PÓRCIA

Ele não tem a soma necessária?

BASSÂNIO

Tem; e em seu nome eu a entrego à corte —
Até o dobro e — se não bastar —
Aceito até pagar dez vezes mais
Ou dar minha cabeça, ou coração.
Se isso não basta, deve ficar claro
Que ele age com malícia. E eu vos rogo
Que, hoje, a lei submeta-se ao poder
E que, para alcançar um grande bem,
Concordeis em fazer um mal pequeno,
Para que esse diabo não triunfe.

PÓRCIA

É impossível; pois não há poder
Que altere qualquer lei já promulgada.
E o precedente que nós criaríamos
Seria usado pra mil causas podres
Nas nossas cortes. Isso é impossível.

SHYLOCK

Um Daniel me julga! Um Daniel!
Ó jovem sábio, o quanto eu vos respeito!

PÓRCIA

Por favor, quero ler o compromisso.

SHYLOCK

Ei-lo aqui. Reverência, ele aqui está.

PÓRCIA

Judeu, o triplo foi-lhe oferecido.

SHYLOCK

Eu jurei, eu jurei, aos céus jurei —
Devo perder minh'alma num perjúrio?
Nem por Veneza inteira.

PÓRCIA

Este título
Está vencido e o judeu, segundo a lei,
Pode cortar uma libra de carne
Bem junto ao coração do mercador.
Tenha piedade: dê-lhe o seu perdão;
Aceite o triplo, rasgue esse papel.

SHYLOCK

Depois de pago, tal como previsto.
Parece que vós sois um bom juiz
E que sabeis as leis. E é pelas leis
Que peço a vós, que sois seu defensor,
Que julgueis logo a causa. Por minh'alma,
Não há poder na língua de ninguém
Pra me abalar. Eu quero o que tratei.

ANTÔNIO

Eu rogo à corte, com o maior empenho,
Que faça o julgamento.

PÓRCIA

Que assim seja.
Prepare então seu peito para a faca.

SHYLOCK

Nobre juiz! É um jovem excelente!

PÓRCIA

Pois o intento e sentido de uma lei
Compreende exatamente a multa imposta
No aceito neste título por ambos.

SHYLOCK

É verdade; o juiz é sábio e íntegro!
Sois bem mais velho que esse aspecto jovem.

PÓRCIA

Prepare o peito, então.

SHYLOCK

É isso, o peito;
'Stá escrito, não está, nobre juiz?
"Perto do coração", diz assim mesmo.

PÓRCIA

Certo. E há balança aqui para pesar
A carne?

SHYLOCK

Já tenho aqui.

PÓRCIA

Pague um médico, então, para atendê-lo,
E evitar que ele sangre até morrer.

SHYLOCK

Está dito aí que isso é exigido?

PÓRCIA

Não está; mas que importa o que foi dito?
É bom que o faça, só por caridade.

SHYLOCK

Não vejo nada aqui; não vejo nada.

PÓRCIA

O mercador não tem nada a dizer?

ANTÔNIO

Bem pouco. Eu estou pronto e preparado —
Dê-me sua mão, Bassânio; e Deus o tenha.
Não chore eu ter caído por você,
Pois a Fortuna foi bem mais bondosa
Do que costuma; ela em geral tem hábito
De deixar o infeliz sobreviver à
Sua riqueza, pra sofrer, enfim,
Uma velhice pobre; de tal pena,
Lenta e cruel, ao menos sou poupado.
Recomendo-me à sua nobre esposa:
Conte-lhe a história do final de Antônio;
Diga-lhe como o amei, relate tudo
E, ao terminar, peça-lhe então que julgue
Se um dia o amor não visitou Bassânio.
Basta que chore a perda deste amigo,
Que ele não chorará ter pago a dívida.
Pois se o judeu cortar bastante fundo,
Hei de pagá-la — e de coração.

BASSÂNIO

Antônio, sou casado com uma esposa
Que me é mais cara do que a própria vida;
Porém nem ela, nem vida, nem mundo,
Não me valem o mesmo que você;
Eu perderia tudo, em sacrifício
A esse demônio, para libertá-lo.

PÓRCIA

Sua mulher não agradeceria,
Se aqui estivesse pra escutar a oferta.

GRAZIANO

Tenho uma esposa a quem eu amo muito —
Estivera ela no céu para poder
Interferir na ira do judeu.

NERISSA

Inda bem que o deseja em sua ausência,
Pois, em casa, essa prece ia dar briga.

SHYLOCK

(*à parte*)
Que maridos cristãos! Ai, minha filha!…
Eu preferia Barrabás por genro
A vê-la entregue a algum cristão assim!
Perdemos tempo; qual é a sentença?

PÓRCIA

Uma libra de carne desse peito
É sua, pela corte e pela lei.

SHYLOCK

O juiz é mais que sábio!

PÓRCIA

Deve cortar a carne desse peito
Segundo a lei e a permissão da corte.

SHYLOCK

Sábio juiz! Deu a sentença; pronto!

PÓRCIA

Espere um pouco, que há mais uma coisa.
A multa não lhe dá direito a sangue;
"Uma libra de carne" é a expressão:
Cobre a multa, arrebanhe a sua carne,
Mas se, ao cortar, pingar uma só gota
Desse sangue cristão, seu patrimônio
Pelas leis de Veneza é confiscado,
Revertendo ao Estado.

GRAZIANO

Ó juiz sábio!
Veja, judeu, como ele é erudito!

SHYLOCK

Essa é a lei?

PÓRCIA

Pode ver por si mesmo.
Pois pedindo a justiça, fique certo
Que terá mais justiça que pediu.

GRAZIANO

Sábio juiz! Judeu, como ele é sábio!

SHYLOCK

Aceito a oferta. Paguem-me esse triplo
E soltem o cristão.

BASSÂNIO

Está aqui o dinheiro.

PÓRCIA

Calma!
O judeu quer justiça; muita calma!
Só pode receber a multa justa.

GRAZIANO

Ai, ai, judeu; mas que juiz mais sábio!

PÓRCIA

Prepare-se, portanto, pra cortar;
Mas não derrame sangue; e corte apenas
Uma libra de carne, pois se cortar
Ou mais ou menos que uma libra justa —
Nem que seja pra alterar o peso
Pela mínima parte de um vigésimo
De um quase nada — se a balança mexe
O espaço de um só fio de cabelo —,
O senhor perde a vida e as propriedades.

GRAZIANO

Ó judeu! Veja! Um novo Daniel!
Apanhou pelo pé esse infiel!

PÓRCIA

Por que espera, judeu? Cobre sua multa!

SHYLOCK

Dai-me o valor do empréstimo, que basta.

BASSÂNIO

Está aqui à sua espera há muito tempo.

PÓRCIA

Mas ele o recusou no tribunal:
Só pode ter justiça e a multa certa.

GRAZIANO

Um Daniel! Um novo Daniel!
Aprendi com o judeu essa expressão!

SHYLOCK

E não terei sequer o que emprestei?

PÓRCIA

Não terá nada que não seja a multa —
Com a exceção do risco de cobrá-la…

SHYLOCK

Pois que o diabo lhe dê o gozo dela:
Eu abandono a causa.

PÓRCIA

Espere um pouco:
A lei ainda o acusa de algo mais.
Nas leis venezianas fica dito
Que quando há provas de que um estrangeiro —
Por caminhos frontais ou indiretos —
Buscou privar de vida um cidadão,
Aquele contra quem ele tramou
Ficará com a metade de seus bens,
Revertendo ao Estado a outra metade —
Enquanto que a vida do culpado
Só será salva por mercê do Duque.

GRAZIANO

Implore ao Duque pra poder matar-se —
Mas como perdeu tudo, não terá
Nem sequer o dinheiro pr'uma corda:
Pode enforcar-se à custa do Estado.

DUQUE

Pra mostrar que existe um outro espírito,
Eu lhe dou sua vida sem que a peça.
Antônio tem metade do que é seu,
Para o Estado vai a outra metade —
Que a piedade talvez comute em multa.

PÓRCIA

A do Estado, sim; de Antônio, não.

SHYLOCK

Tomai a minha vida junto ao resto.

Pra que serve o perdão se me tomais
Minha casa e mais tudo o que a sustenta:
Ao tomar-me os meus meios de viver,
Vós tomastes de mim a própria vida.

PÓRCIA

Que mercê pode dar a ele, Antônio?

GRAZIANO

A corda para a forca, e nada mais.

ANTÔNIO

Se o Duque e toda a corte concordarem,
Eu pago a multa que cobrar o Estado,
Se me der usufruto do que resta,
O que, por morte dele, será dado
Ao cavalheiro que lhe roubou a filha.
Com duas condições: pelo que faço,
Ainda hoje ele há de ser cristão
E mais — aqui na corte há de firmar
A doação de tudo o que tiver
Na hora da morte pra Lorenzo e Jéssica.

DUQUE

Se o não fizer eu repudio aqui
O perdão que acabei de proclamar.

PÓRCIA

Fica contente assim, judeu? Que diz?

SHYLOCK

Fico contente.

PÓRCIA

(*para o escrivão*)
Lavre a doação.

SHYLOCK

Deixai que eu vá-me embora, por favor.
Não estou bem. Mandai-me o documento
Que assinarei.

DUQUE

Está bem; mas se assinar.

GRAZIANO

E no batismo terá dois padrinhos —
Sendo eu o juiz teria dez,
Pra ir à forca, nunca ao batistério.

(*Sai Shylock.*)

DUQUE

Eu vos convido a vir jantar conosco.

PÓRCIA

Rogo a mercê de vosso bom perdão,
Mas devo estar em Pádua inda esta noite —
E, para tanto, devo partir já.

DUQUE

Quisera que tivésseis mais lazer.
Antônio, recompense este senhor
Pois, para mim, a ele deve muito.

(*Saem o Duque e seu séquito.*)

BASSÂNIO

Preclaro mestre, o meu amigo e eu
Livramo-nos aqui, pelo seu mérito,
De duras penas, em lugar das quais
Três mil ducados — o total do empréstimo —
Aqui lhe damos para agradecer-lhe.

ANTÔNIO

Ficando-lhe pra sempre devedores
Em afeição, em préstimos, em tudo.

PÓRCIA

Está bem pago quem se diz contente
E eu estou contente só por libertá-lo,
Sendo essa toda a paga a que eu aspiro.
Me falta o interesse mercenário:

Só peço que, ao me ver, me reconheçam;
E passem muito bem, que eu vou-me embora.

BASSÂNIO

Senhor, eu lhe imploro inda uma vez:
Aceite uma lembrança, pelo menos —
Como tributo, mais que pagamento.
Eu lhe peço fazer-me dois favores —
Perdoar-me e receber a prenda.

PÓRCIA

Pois já que insiste eu tenho de ceder —
Para lembrá-lo, dê-me as suas luvas
E, em sinal de afeição, quero esse anel.
Por que afasta a mão? Não peço muito;
Sua afeição não vai negar tão pouco!

BASSÂNIO

Esse anel, meu senhor, é coisa pouca;
Seria vergonhoso dar-lhe isso!

PÓRCIA

Pois não quero outra coisa e creio, mesmo,
Que, de repente, me é importante tê-lo!

BASSÂNIO

Há mais do que valor em jogo aqui.
Vou proclamar que busquem, por Veneza,
O mais valioso anel, para eu lhe dar;
Mas rogo que se esqueça do que eu uso!

PÓRCIA

Já vi que é generoso nas palavras…
Mandou que eu escolhesse para, agora,
Tratar-me qual pedinte inoportuno.

BASSÂNIO

Senhor, minha mulher deu-me este anel
E, ao colocá-lo, fez-me prometer
Não dá-lo, não vendê-lo e não tirá-lo.

PÓRCIA

São desculpas de quem reluta em dar,
A não ser que sua esposa seja louca.

Após saber por que o mereci
Não haveria de ficar zangada
A vida inteira, só porque o senhor
Me desse o anel. A paz esteja convosco.

(*Saem Pórcia e Nerissa.*)

ANTÔNIO

Bassânio, é necessário dar-lhe o anel —
Junte ao mérito dele o meu amor
E os pese contra a ordem de uma esposa.

BASSÂNIO

Graziano, corre e vê se inda o apanha;
Dá-lhe o anel e vê se ele volta
Para a casa de Antônio — vai depressa.
(*Sai Graziano.*)
Vamos pra lá nós dois e, amanhã,
Iremos pra Belmonte; vem, Antônio.

(*Saem.*)

Cena II — Veneza.

(*Entram Pórcia e Nerissa.*)

PÓRCIA

Vá à casa do judeu e dá-lhe o trato
Pra que o assine — nós partimos hoje
Pra estar de volta antes dos maridos.
O documento é bom para Lorenzo!

(*Entra Graziano.*)

GRAZIANO

Ainda bem, senhor, que o encontrei:
Bassânio, tendo ouvido mais conselhos,
Lhe manda o seu anel e o convida
Para cear com ele.

PÓRCIA

É impossível.
Quanto ao anel, aceito e agradeço
E rogo que lho diga. Quer mostrar
Onde mora o judeu ao meu rapaz?

GRAZIANO

Pois não.

NERISSA

Uma palavra, meu senhor.
(*à parte, a Pórcia.*)
Vou ver se pego o anel do meu marido —
Aquele que jurou guardar para sempre.

PÓRCIA

É fácil, vamos ter os dois jurando
Que foi a homens que os ofereceram…
Nós juramos que não, como sabemos!
Vá depressa; e já sabe onde a espero.

NERISSA

Pode mostrar-me agora, meu senhor?

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Belmonte.

(*Entram Jéssica e Lorenzo.*)

LORENZO

A lua brilha — numa noite assim
Quando a brisa beijava, suave, as folhas
E elas calavam — numa noite assim
Troilo subiu as muralhas de Troia
E olhou, sofrendo, as tendas gregas onde
Dormia Créssida.

JÉSSICA

Numa noite assim
Tisbe, tremendo, pisou sobre o orvalho,
Viu sombra de leão antes de vê-lo
E fugiu, tonta.

LORENZO

Numa noite assim
Com um ramo à mão Dido ficou imóvel
Na praia, onde chamou o amor de volta
Para Cartago.

JÉSSICA

Numa noite assim
Colheu Medeia as ervas encantadas
E Jasão viveu.

LORENZO

Numa noite assim
Fugiu Jéssica ao ouro do judeu
E foi, com o amado pobre, de Veneza
Para Belmonte.

JÉSSICA

Numa noite assim
Jurou Lorenzo, jovem, que a amava,
Roubando-lhe a alma com mil belas juras,
Mas falsas, todas.

LORENZO

Numa noite assim
A feiticeira Jéssica, tão linda,
Seu amor calunia e ele perdoa.

JÉSSICA

De noite em noite eu inda iria indo,
Se não ouvisse os passos que vêm vindo!…

(*Entra Stefânio, um mensageiro.*)

LORENZO

Quem corre assim, na noite silenciosa?

STEFÂNIO

Um amigo!

LORENZO

Que amigo? Não tem nome?

STEFÂNIO

Stefânio é meu nome e trago novas
De que a senhora chega muito breve
Em Belmonte, depois de ter parado
Para rezar, em vários santuários,
Por um feliz futuro.

LORENZO

Ela vem só?

STEFÂNIO

Vem com um santo ermitão e sua aia.
E, por favor, meu amo não chegou?

LORENZO

Ainda não e nem mandou notícias —
Vamos pra dentro, minha amada Jéssica,
Pra preparar, com toda a cerimônia,
Alguma coisa pra chegada dela.

(*Entra Lancelote, o cômico.*)

LANCELOTE

Sola! Sola! Ho, ha, ho! Sola! Sola!

LORENZO

Quem chama?

LANCELOTE

Alguém viu o Senhor Lorenzo? Senhor Lorenzo! Sola! Sola!

LORENZO

Para essa gritaria, homem, o que é que há?

LANCELOTE

Sola! Onde? Onde?

LORENZO

Aqui!

LANCELOTE

Pois diga a ele que chegou correio do meu amo, com os cornos cheios de boas-novas — meu amo vai chegar antes da aurora.

(*Sai.*)

LORENZO

Amada, entremos pra esperar por eles.
Não sei por quê — não há por que entrar.
Stefânio, meu amigo, avise a todos
Na casa que a senhora vai chegar —
Mas diga aos músicos que venham cá.
(*Sai Stefânio.*)
Como é doce o luar sobre essas encostas!
Aqui fiquemos, pra que os sons da música
Encham o nosso ouvido: a noite calma
Combina com os sons dessa harmonia.
Senta, Jéssica. Vê o chão do céu
Patinado de ouro flamejante:
Não há uma só órbita no espaço
Que, ao se mover, não cante como um anjo,
Pra acalentar os doces querubins —

Tal canto está nas almas imortais,
Mas enquanto esta podre lama humana
Nos encobrir, não podemos ouvi-lo…
(*Entram os músicos.*)
Entrem e toquem pra acordar Diana:
Que sons divinos entrem nos ouvidos
De Pórcia e a atraiam para casa.

(*música*)

JÉSSICA

Nunca me alegra a doçura da música.

LORENZO

É porque teu espírito é sensível;
Basta-nos ver a manada selvagem
Ou a horda de potros não domados
Que salta e guincha, louca e desmedida.
Se por acaso escutam uma trombeta,
Se alguma melodia chega a elas,
Verá que, normalmente, se acomodam
E o olhar desvairado fica calmo,
Só com o poder da música. E o poeta
Diz que Orfeu encantou rochas e enchentes,
Porque não há nada de tão rude ou mau
Que a música não mude e não transforme.
O homem que não tem música em si,
Que a doce melodia não comove,
É feito pra traição e para o crime;
É como a noite o tom de seu espírito;
Seus sentimentos, negros como Erebus;
Não é de confiança. Escuta a música!

(*Entram Pórcia e Nerissa.*)

PÓRCIA

A luz que vemos vem de minha sala:
Que longe alcança a chama de uma vela!
É como um ato bom num mundo mau.

NERISSA

Mas, com o luar, nós não vimos a vela.

PÓRCIA

Uma glória maior cobre a pequena —
Um substituto brilha como rei
Até que chegue o rei e, então, sua pompa
Deságua, qual riacho ou afluente,
Na torrente maior. Mas ouve a música!

NERISSA

Senhora, são os músicos da casa.

PÓRCIA

O bem, parece, é sempre relativo —
Ela soa mais doce que de dia.

NERISSA

A calma em torno aumenta-lhe a virtude.

PÓRCIA

O corvo iguala o tom da cotovia
Quando canta sozinho: o rouxinol,
Eu penso, se cantasse em pleno dia,
Quando grasnam os gansos, não seria
Julgado mais cantor do que o pardal!
Quanta coisa, por vir na hora certa,
Atinge, nesse clima, a perfeição!
Paz! Veja, a lua foi dormir com Endymion
E não quer despertar!

(*A música para.*)

LORENZO

Se não me engano

O que ouvimos foi a voz de Pórcia.

PÓRCIA

Me reconhece como o cego ao cuco —
Pela má voz!

LORENZO

Bem-vinda ao lar, senhora!

PÓRCIA

Fizemos preces por nossos esposos,
Rogamos que o sucesso os bafejasse.
Já estão aqui?

LORENZO

Ainda não, senhora;
Mas veio um mensageiro pra avisar
Que chegam logo.

PÓRCIA

Entre lá, Nerissa,
E ordene que ninguém na criadagem,
E nem você, Lorenzo, ou sua Jéssica,
Comente a nossa ausência desta casa.

(*fanfarra*)

LORENZO

É seu marido; já ouvi sua trompa —
Pode confiar que não diremos nada.

PÓRCIA

Esta noite é um dia adoentado,
Um pouco pálido — é como o dia
Que fica cinza porque o sol se esconde.

(*Entram Bassânio, Antônio, Graziano e seus séquitos*.)

BASSÂNIO

Nós teríamos dia, qual antípodas,
Se você insistisse em não ter sol.

PÓRCIA

Prefiro a luz, mas não qual mariposa:
Esposa-mariposa traz problemas,
Que espero nunca dar ao meu Bassânio:
Que Deus nos tenha! Meu senhor, bem-vindo!

BASSÂNIO

Obrigado, senhora, e ora saúde
Meu grande amigo Antônio, o mesmo homem
A quem sou infinito devedor.

PÓRCIA

E, creio, muito preso a essa dívida,
Já que ele esteve preso por você.

ANTÔNIO

A dívida está paga e esquecida.

PÓRCIA

Senhor, seja bem-vindo à nossa casa:
E o faremos sê-lo mais por atos
Que por gastarmos tempo com palavras.

GRAZIANO

(*a Nerissa*)
Eu juro que você está enganada!
Eu dei pro auxiliar do advogado!
Que ele seja capado por levá-lo,
Já que você ficou assim magoada.

PÓRCIA

Os dois brigando? Mas por quê, rapaz?

GRAZIANO

Uma argola de ouro, um anelzinho
Que ela me deu e onde estava escrito
Como um versinho desses de mascate,
"Ama-me sempre, nunca me abandones."

NERISSA

Que me importa o versinho ou o mascate?
Você jurou, quando eu lhe dei o anel,

Que o usaria até a hora da morte
E que ele iria com você pro túmulo —
Se não por mim, ao menos pelas juras
Você não poderia dá-lo nunca —
A um escrivão! Pois sim! Juro por Deus
Que nunca terá barba esse escrivão!

GRAZIANO

Terá, quando for homem.

NERISSA

Mulher não vira homem.

GRAZIANO

Estou dizendo que eu o dei a um jovem;
Era um menino, um tanto mirradinho,
Um escrivão assim do seu tamanho,
Que o reclamou à guisa de honorários
De forma que eu não pude recusar.

PÓRCIA

Devo dizer que agiu de forma errada
Ao dar assim o primeiro presente
De sua esposa — e que jurou guardar.
A jura era o bastante pra guardá-lo
De forma permanente à sua carne.
Eu dei um anel ao meu amor, pedindo
Que ele jurasse não tirá-lo, e agora
Juro por ele que ele ainda o tem —
E que nada no mundo o levaria
A tirá-lo do dedo, nem que fosse
O maior dos tesouros. Graziano,
Você deu grande dor à sua esposa
E eu, no caso, ficava indignada.

BASSÂNIO

(*à parte*)
É melhor eu cortar a mão esquerda,
Jurando que a perdi só pelo anel!

GRAZIANO

Mas o senhor Bassânio deu o anel

Ao juiz que o pediu e, na verdade,
O mereceu; depois, o escrivão,
Que ajudou com os papéis, pediu o meu.
Por paga, amo e servo só quiseram
Os dois anéis.

PÓRCIA

Que anel lhe deu, senhor?
Espero que não seja o que eu lhe dei.

BASSÂNIO

Não vou juntar ao erro uma mentira
E negá-lo: meu dedo, como vê,
Não traz o anel, porque ele já se foi.

PÓRCIA

Do mesmo modo que o seu coração
Tão falso não traz nada de verdade.
Não irei ao seu leito sem voltar
A ver o meu anel!

NERISSA

Nem eu tampouco
Sem ver o meu.

BASSÂNIO

Minha adorada Pórcia,
Mas se soubesse a quem eu dei o anel,
Se soubesse por quem eu dei o anel,
Se pensasse por que eu dei o anel,
E o quanto me custou dar o anel,
Não ficaria assim tão transtornada.

PÓRCIA

Se conhecesse os dons daquele anel,
Ou o valor de quem lhe deu o anel,
Ou sua honra em manter o anel,
Não poderia, então, ter dado o anel.
Existe alguém tão pouco razoável
(Se o defendesse com o devido empenho)
Capaz da imprudência de exigir
Algo que o dono visse como sacro?

Nerissa tem razão, e eu também penso
Que é uma mulher que usa o meu anel!

BASSÂNIO

Por minha honra, sim, por minha alma,
Não é mulher, mas um jurista sábio,
Que não quis receber três mil ducados,
Mas pediu o anel — que eu lhe neguei,
Deixando até partir, em desagrado,
Aquele que salvara a própria vida
Do meu amigo. Que fazer, senhora?
Fui forçado a mandá-lo para ele.
Tive vergonha, em minha cortesia,
De empanar minha honra de tal forma
Com ingratidão: perdão, minha senhora;
Mas pelas velas que aqui dão suas bênçãos,
Se estivesse presente, eu estou certo,
Que daria ao doutor o meu anel.

PÓRCIA

Que o doutor jamais venha à minha casa,
Pois já que usa a joia que eu amava —
E que você jurou usar por mim —
Pode ser que eu me mostre liberal
E não lhe negue nada do que é meu,
Nem mesmo o corpo, ou o leito conjugal.
Eu hei de conhecê-lo, esteja certo.
Portanto, fique atento. E jamais passe
Uma só noite longe desta casa:
Se não me vigiar, se eu ficar só,
Por minha honra (que ainda é minha)
Eu dormirei bem junto ao seu doutor.

NERISSA

E eu com o escrivão: está avisado
De que eu nunca devo estar sozinha.

GRAZIANO

E eu que o veja aqui, se for capaz —
Se o pego, eu quebro a perna do rapaz.

ANTÔNIO

Eu sou a causa dessas brigas todas.

PÓRCIA

Mas, mesmo assim, bem-vindo: não se culpe.

BASSÂNIO

Pórcia, perdoe, pois errei forçado:
Perante esses amigos que aqui estão
Eu juro, por seus belos olhos claros,
Nos quais me vejo…

PÓRCIA

Vejam só, senhores,
Vendo em dois olhos ele se vê duplo,
Um para cada olho; e jura dupla
Merece confiança?

BASSÂNIO

Não; escute!
Se perdoar-me o erro cometido,
Eu juro que jamais serei perjuro.

ANTÔNIO

Eu empenhei meu corpo por dinheiro
E, se não fosse por quem tem o anel,
Estaria perdido. Mas, agora,
Empenho a própria alma, garantindo
Que o seu marido não trairá sua jura.

PÓRCIA

Será seu fiador. Dê-lhe este anel,
Pedindo-lhe que o guarde com mais zelo.

ANTÔNIO

Aqui, Bassânio: guarde sempre o anel…

BASSÂNIO

Mas é o mesmo que eu dei ao doutor!

PÓRCIA

Foi ele quem mo deu; perdão, Bassânio,
Mas, pelo anel, deitei-me com o doutor.

NERISSA

Eu quero seu perdão também, Graziano —

Mas, pelo anel, deitei-me com o rapaz.

GRAZIANO

Saiu pior a emenda que o soneto?
Já somos cornos antes de casar?

PÓRCIA

Não seja rude — é tudo uma surpresa.
Leiam mais tarde a carta que aqui trago.
Foi redigida em Pádua por Bellario —
E aí vão ver que Pórcia era o doutor
E Nerissa, o escrivão. Lorenzo, aqui,
É testemunha de que parti logo
E acabo de voltar. Eu vou entrar
Na casa onde Antônio é tão bem-vindo.
E trago para si melhores novas
Do que esperava: veja nessa carta
Que três de suas naus, bem carregadas,
Chegaram de surpresa ao nosso porto.
Mas nunca saberá por que acidente
A carta veio ter às minhas mãos.

ANTÔNIO

É incrível!

BASSÂNIO

Você era o doutor e eu não soube?

GRAZIANO

E é você que pretende me pôr chifres?

NERISSA

Não creio que o rapaz possa fazê-lo,
A não ser que consiga virar homem.

BASSÂNIO

Doce doutor, nós vamos dormir juntos
E, em minha ausência, terá a minha esposa.

ANTÔNIO

Senhora, deu-me a vida e subsistência,
Pois leio aqui que enfim os meus navios

Chegaram salvos.

PÓRCIA

Venha cá, Lorenzo.
Você também tem novas do escrivão.

NERISSA

Verdade, e eu entrego sem cobrar:
Está aqui a doação, feita por Shylock,
A Jéssica e você, de tudo aquilo
Que a ele pertencer na hora da morte.

LORENZO

Senhoras, isso vem como um maná
Que cai do céu em bocas esfaimadas.

PÓRCIA

Está quase amanhecendo e, no entanto,
Eu sei que ainda há muito o que contar.
Vamos entrar — perguntem à vontade
Que nós vamos depor sobre a verdade.

GRAZIANO

Começarei meu interrogatório
Perguntando a Nerissa, sob palavra,
Se é depor por mais tempo que ela quer,
Ou ir pra cama, que está perto o dia:
De dia eu vou sonhar com a escuridão
Só pra poder dormir com o escrivão.
E na vida, o maior cuidado meu
Será cuidar do anel que ela me deu.

(*Saem todos.*)

A tempestade

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Aparecendo em primeiro lugar entre as comédias desde a primeira edição das obras completas de Shakespeare, em 1623, *A tempestade* durante décadas foi a primeira peça do autor lida nos colégios de língua inglesa, graças à simplicidade e à elegância de sua estrutura, no tempo em que todos insistiam em afirmar que suas comédias eram encantadoras, mas vazias de significado… Sendo na realidade a última peça que Shakespeare escreveu sozinho (depois de "aposentado", em Stratford, ele colaborou com John Fletcher em duas ou três ocasiões), hoje em dia *A tempestade* recebe classificação de romance, junto com três outras obras também de seus últimos anos de atividade, que têm características muito específicas, a mais básica das quais é o tom conciliatório: o que poderia ser um tema para tragédia acaba tendo um final harmonioso, sendo em todas elas esse tom encontrado graças a uma nova geração: com os filhos derrotando, por sua compreensão e seu amor, o ódio dos pais. Esta última peça, no entanto, tem ainda bem mais a dizer e, se é sem dúvida possível gostar dela sem maiores reflexões, o prazer pode ser bem maior para os que quiserem apreciar suas imensas riquezas.

É sabido que Shakespeare raramente criava enredos originais, e as fontes usadas para *A tempestade* são suficientemente numerosas para sugerir a variedade de ideias que incorporou na trama. Ele entrelaçou elementos tirados de todas elas, sendo que do ensaio *Dos canibais*, de Montaigne, é que saiu a ideia significativa de que o Novo Mundo oferecia um exemplo de vida inteiramente natural, não corrompida pela civilização. O notável tradutor de Shakespeare para o alemão no século XIX, Ludwig Tieck, por sua vez, sugeriu o uso de elementos de *Die Schöne Sidea*, de Jacob Ayer, onde há um mágico bondoso, um príncipe carregando toras de madeira e uma filha do mágico. Por outro lado, esteve muito em moda na Itália, no século XVI, dentro do vasto repertório da *commedia dell'arte*, o gênero da tragicomédia pastoral. É de alguns desses exemplos que Shakespeare parece ter tirado várias das ideias que

aparecem na peça: em um certo grupo, ligado ao tema da "ilha perdida", sempre aparece um mágico benévolo, devidamente equipado com sua varinha e seu livro, que controla espíritos etc. Estes, que são mantidos presos em uma caverna, são chamados para cumprir tarefas que o mágico determina — sendo quase todas as suas mágicas usadas para resolver velhas brigas e promover um final feliz para o amor de um jovem casal. No roteiro "La Nave" temos um barco que afunda, mas todos os supostos mortos se salvam; no "La Pazzia" aparecem cenas cômicas semelhantes às de Trínculo e Stephano com Caliban; em "Il Capriccio", um banquete aparece por milagre e depois é levado embora por espíritos, enquanto em "Gli Tre Satire" um nativo da ilha conspira com náufragos para roubar o livro do mágico, para conhecer seus segredos.

O único mistério fica por conta de como um autor teatral elisabetano teria acesso a todos esses *scenarii*... É preciso acrescentar que foram divulgados, em 1609 e 1610, detalhes sobre um naufrágio, na altura das Bermudas, de um navio que ia para a América e sobre a vida que os sobreviventes levaram numa ilha.

Reunindo tudo isso mais, naturalmente, sua própria imaginação, Shakespeare criou um enredo em que os méritos da bondade natural e os benefícios do cultivo e da educação são analisados. Também o são os do bom governo, da ética, do respeito à natureza e sua ordem, que resulta na descoberta por Próspero — o duque banido de Milão — de que o perdão é melhor do que a vingança, ficando implícita sua descoberta, de igual ou maior importância, de que voltando a seu ducado terá de abandonar a mágica, cujos recursos não serão válidos para o bom governo.

Tudo indica que *A tempestade* tenha sido escrita em 1611, e é possível que alguma parte de sua ação inicial tenha sido cortada para que fosse inserida a *masque*, a representação das figuras mitológicas gregas desejando felicidade ao casamento de Miranda e Ferdinand. Esse tipo de espetáculo era comum na corte e nas grandes casas da Inglaterra do tempo de Shakespeare e sempre se referia diretamente a integrantes da plateia; no caso, a peça, por ser apropriada, foi apresentada na corte no inverno de 1612-13 durante a visita do noivo da filha de Carlos I, e por isso mesmo tem tom diverso do resto da obra.

O encanto especial de *A tempestade* vem do que o gênio dramático de um Shakespeare consegue fazer a partir de todo esse material; Próspero não é mais um mágico puro e simples, mas um estudioso da humanidade e da magia

branca, que lhe deu poderes excepcionais sobre os espíritos que encontrou na ilha à qual foi dar quando banido de seu ducado; Miranda, sua filha, expressa até que ponto o ensino pode ser proveitoso para quem foi bem-dotada pela natureza; Ariel é o melhor da natureza positiva em estado puro, enquanto Caliban expressa o que há de brutal e impermeável a qualquer melhoria nessa mesma natureza; e se o bom Gonzalo é capaz de conceber um Estado perfeito a partir de uma comunidade intocada pelos valores da chamada civilização, os vilões Antônio e Sebastian mostram que nem sempre são bons os resultados alcançados com aqueles que tiveram acesso à educação.

A grande vantagem de uma dramaturgia antirrealista, como a dos elisabetanos, é justamente a de tornar possível usar algo que tem todo o aspecto de um conto de fadas para se refletir sobre tantos temas relevantes para a realidade: em plena tempestade, quando o velho Gonzalo quer que o contramestre se lembre de quem leva a bordo, soa como muito autêntico este responder:

> *Ninguém de quem eu goste mais do que de mim mesmo. O senhor é conselheiro. Se puder calar os elementos e trazer paz ao presente, nós não tocamos mais em uma só corda; use a sua autoridade. Mas se não puder, dê graças por ainda estar vivo…*

Por seu lado, o velho conselheiro também sabe com quem fala, pois comenta:

> *Esse sujeito me conforta; não me parece trazer marcas de afogamento; seu aspecto é perfeito para a forca.*

Mas depois mostra seu lado utópico quando explica o que faria se fosse rei da ilha (agora em verso, porque está falando sério):

> *A natureza fartaria a todos*
> *Sem esforço ou suor. Traição e crime,*
> *Espadas, facas, ou necessidade*
> *De todo engenho eu jamais teria.*

Pois de si jorraria a natureza
Em abundância sua colheita boa,
Pr'alimentar o meu povo inocente.

A falta de preocupação com o realismo permite que a pureza da ilha, que Gonzalo quer preservar, afete até mesmo Caliban, que, embora não compreenda por quê, sabe que a ilha não traz o mal em si:

Não tenha medo; há ruídos na ilha,
Sons, árias doces; dão gosto e não ferem.
Saiba que às vezes mil cordas tangidas
Murmuram-me no ouvido; outras, vozes
Que, se eu acordo depois de um bom sono,
Me adormecem de novo; e então, sonhando,
Nuvens que se abrem mostram-me tesouros
Prontos pra chover em mim e, acordando,
Choro para sonhar de novo.

Enquanto isso, Miranda acha admirável o Mundo Novo que contém tantas maravilhas — ironicamente, humanos capazes de toda espécie de maldade.

Como só acontecera antes no que pode ter sido sua primeira peça, *A comédia dos erros*, também na última Shakespeare faz a ação se passar toda no mesmo dia, no período de algumas horas. Isso talvez aconteça por ter ele sentido que os enganos de uma e o encantamento da outra não poderiam ser sustentados indefinidamente: a fábula, quase um conto de fadas, diz tudo o que tem a dizer com toda a concisão que a forma dramática exige, e quando Próspero, após seus 12 anos de exílio e reflexão, aprende a perdoar e a acreditar que ninguém pode governar com mágica, ele quebra a vara e afoga o livro, pronto para acreditar em sua simples potencialidade humana. Todos, neste romance leve e encantador, aprendem suas lições.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

ALONSO
SEBASTIAN
PRÓSPERO
ANTÔNIO
FERDINAND
GONZALO
ADRIAN } Lords
FRANCISCO } Lords
CALIBAN
TRÍNCULO
STEPHANO
MESTRE, de uma nau
CONTRAMESTRE
MARINHEIROS
MIRANDA, filha de Próspero
ARIEL, um espírito do ar
ÍRIS
CERES
JUNO
NINFAS
CEIFADORES
ESPÍRITOS

ATO I

Cena I — A bordo de um navio no mar: ouve-se ruído de tempestade, trovões e raios.

(*Entram um Mestre e um Contramestre.*)

MESTRE

Contramestre!

CONTRAMESTRE

Olá, Mestre: tudo em ordem?

MESTRE

Tudo; diga aos marinheiros que se não trabalharem rápido, encalhamos: mexam-se, mexam-se!

(*Entram os marinheiros.*)

CONTRAMESTRE

Eia, meus corações! Muito ânimo, meus corações! Depressa, recolham a mezena.
De ouvido no apito do Mestre. Sopra até perder o fôlego, se der para isso!

(*Entram Alonso, Sebastian, Antônio, Ferdinand, Gonzalo e outros.*)

ALONSO

Cuidado, Contramestre. Aonde está o Mestre? Controle seus homens.

CONTRAMESTRE

Por favor, fiquem lá embaixo.

ANTÔNIO

Onde está seu superior, Contramestre?

CONTRAMESTRE

Não está ouvindo? Estão atrapalhando o serviço: fiquem nos camarotes; estão ajudando a tempestade.

GONZALO

Não, meu amigo; tenha paciência.

CONTRAMESTRE

Quando o mar tiver. Fora! O que é um rei para essas ondas? Pros camarotes! Silêncio! Não nos atrapalhem.

GONZALO

Muito bem; mas lembrem-se de quem têm a bordo.

CONTRAMESTRE

Ninguém de quem eu goste mais do que de mim mesmo. O senhor é conselheiro; se puder calar os elementos e trazer paz ao presente, nós não tocamos mais numa só corda; use a sua autoridade. Mas se não puder, dê graças por ainda estar vivo e vá se preparar no camarote para os riscos do que pode acontecer numa hora dessas. Ânimo, meus corações! Já falei, saiam do caminho.

(*Sai.*)

GONZALO

Esse sujeito me conforta; não me parece trazer marcas de afogamento: seu aspecto é perfeito para a forca. Cumpra à risca, bom Fado, seu caminho de enforcado: faz da corda do destino dele nosso fio de vida. Se ele não nasceu para ser enforcado, nosso caso está perdido…

(*Saem.*)
(*Volta o Contramestre.*)

CONTRAMESTRE

Recolham a mezena! Depressa! Mais baixo! Recolham tudo menos a grande.
(*Um grito, fora.*)
Maldita gritaria! Fazem mais barulho do que o tempo, ou do que nós trabalhando.
(*Voltam Sebastian, Antônio e Gonzalo.*)
Mas de novo! Fazendo o quê aqui? Preferem desistir e se afogarem? Estão querendo afundar?

SEBASTIAN

Maldita a sua garganta, cão que gane e blasfema sem piedade.

CONTRAMESTRE

Faça o serviço, então.

ANTÔNIO

Vá se enforcar, cachorro! Vá se enforcar, seu filho da puta barulhento. Temos menos medo de afogamento do que você.

GONZALO

Ele tem seguro, mesmo que o navio seja mais fraco que uma noz, ou tão furado quanto moça sem-vergonha.

CONTRAMESTRE

Virem para a praia! Icem o traquete e o grande; para o mar, para fora!

(*Entram marinheiros molhados.*)

MARINHEIROS

'Stamos perdidos, rezem, rezem! Perdidos!

CONTRAMESTRE

Será que temos de ficar de boca fria?

GONZALO

O Rei e o filho oram. Ajudemos.
A causa é nossa.

SEBASTIAN

Perdi a paciência.

ANTÔNIO

Uns bêbados nos roubam as nossas vidas:
Esse aí é um canalha boquirroto;
Em dez mares se afogue.

GONZALO

Ele é pra forca;
Mesmo que essa onda toda diga não
E o queira engolir
(*gritos confusos fora*)
"Misericórdia!"
'Stamos rachando! Adeus, mulher e filhos!
Adeus, irmãos! 'Stamos abrindo, abrindo!

ANTÔNIO

Vamos afundar com o Rei.

SEBASTIAN

Vamos despedir-nos dele.

(*Saem Antônio e Sebastian.*)

GONZALO

Daria agora milhares de braças de mar por um pedaço de terra qualquer, estéril, de urzes, espinhos ou giestas. Seja feita a vontade dos céus! Mas preferia ter morte mais seca.

(*Saem todos.*)

Cena II — A ilha. Diante da cela de Próspero.

(*Entram Miranda e Próspero.*)

MIRANDA

Se com sua Arte, pai querido, fez

Rugirem as águas loucas, acalme-as:
O céu parece que quer verter piche;
Mas o mar sobe à face da atmosfera
E apaga o fogo. Ai, como eu sofri
Com os que vi sofrer! A brava nave
(Carregando, na certa, um ente nobre)
Estraçalhada. Os gritos atingiram
Meu coração! Pobres almas, morreram!
Fosse eu deus poderoso e afundaria
Na terra o mar, antes que a nave boa
Fosse engolida com a carga.

PRÓSPERO

Mais calma;
Chega de sustos, diga ao coração
Que mal não houve.

MIRANDA

Ai, ai.

PRÓSPERO

Não houve mal.
Tudo o que fiz foi pensando em você;
Você, querida; você, minha filha,
Que ignora quem é, já que não sabe
De onde vim, nem que eu seja mais que Próspero,
Ou mais do que seu pai.

MIRANDA

O saber mais
Jamais me veio à mente.

PRÓSPERO

Mas é hora
De informá-la melhor. Dê-me sua mão
E ajude-me a tirar a capa mágica.
(*pousa a capa*)
Jaz aí, minha Arte. Enxugue os olhos;
Console-se: a visão desse naufrágio
Horrível, que tocou-lhe a compaixão,
Eu ordenei, com o apoio da minha Arte,

Com segurança tal que alma nenhuma…
Não, nem sequer a perda de um cabelo
Teve qualquer criatura nesse barco
Que, pelos gritos, pensou que afundara.
Sente-se, agora,
Pois tem de saber mais.

MIRANDA

Por várias vezes
Começou a dizer-me quem sou
Mas parou, me deixando sem resposta
E concluindo: "Ainda não é hora."

PRÓSPERO

Pois a hora chegou.
Pede o momento que me dê ouvidos:
Preste muita atenção. Inda se lembra
De antes de quando viemos pr'esta ilha?
Eu não creio que o possa, pois não tinha
Três anos completos.

MIRANDA

Senhor, eu lembro…

PRÓSPERO

Lembra o quê? Outra casa? Outras pessoas?
Diga se alguma coisa, alguma imagem,
Ficou-lhe na lembrança.

MIRANDA

Bem de longe,
Parece mais um sonho que certeza
Que a memória garanta. Mas não tive
Quatro ou cinco mulheres pra cuidar-me?

PRÓSPERO

E até mais, Miranda. Como pôde
Isso viver em sua mente? O que vê
No escuro abismo do tempo passado?
Se se lembra de coisas desse tempo,
Sabe, talvez, como viemos.

MIRANDA

Não.

PRÓSPERO

Miranda, há doze anos, doze anos,
Era seu pai o Duque de Milão,
Um grande príncipe.

MIRANDA

Não é meu pai?

PRÓSPERO

Sua mãe, virtuosa, sempre disse
Que era minha; e o seu pai,
O duque, de quem é única herdeira,
Princesa bem-nascida.

MIRANDA

Pelos céus,
Que ato malvado nos tirou de lá,
Ou será que foi bênção?

PRÓSPERO

Ambos, filha.
A sordidez nos afastou de lá,
Bênção nos trouxe aqui.

MIRANDA

Está sangrando
Meu coração pela dor que eu lhe trouxe,
Que nem me lembro. Continue, pai.

PRÓSPERO

O meu irmão, seu tio, que é Antônio…
Peço que note como pode um irmão
Ser assim pérfido… aquele a quem,
Fora você, mais amava no mundo,
Fiz administrador do meu Estado,
O primeiro daquele principado,
Como era Próspero o primeiro Duque,
Não só por dignidade mas por ímpar
Nas Artes liberais, por cujo estudo
Entreguei o governo ao meu irmão,
Tornando-me um estranho ao meu Estado,

Estudando o secreto. O tio falso…
Está me ouvindo?

MIRANDA

E com muita atenção.

PRÓSPERO

Quando aprendeu a atender pedidos,
Como se os nega, se promove e a quem,
Se pune por querer demais, refez
Os quadros que eu criara, por mudá-los
Ou criar novos; já que tinha as chaves
De todo posto, afinou corações
Em tons que o agradassem; transformou-se
Na hera que sugava a minha seiva
E me ocultava. Está atenta ainda?

MIRANDA

Senhor, estou.

PRÓSPERO

Por favor, note bem:
Eu, esquecido do mundo e dedicado
Sempre ao oculto e ao cultivo da mente
Com aquilo que, por ser muito avançado,
Não atrai muita gente, do irmão falso
Despertei o pior: minha confiança,
Como em muito pai bom, gerou no oposto
Falsidade das mesmas proporções
Da minha fé, que era sem limites,
Confiança total. Ele, no mando
Não só do que lhe davam minhas rendas,
Mas de tudo que o poder propicia,
Por repetir inventou a verdade,
E obrigando a memória pecadora
A crer no que mentia, acreditou
Que era mesmo o Duque; só com a troca
Dos aspectos externos da realeza
E sua pompa; donde a ambição…
Ouviu?

MIRANDA

Seu relato cura a surdez.

PRÓSPERO

Sem nada separando o seu papel
De quem o interpretava, precisou
Ser o próprio Milão. Pra mim, meus livros
Já eram um ducado; pra reinar,
Arbitrou-me incapaz e arreglou,
Sequioso de poder, com o rei de Nápoles,
Pagar tributo e render-lhe homenagem,
Avassalar-se à coroa maior
E curvar o ducado então altivo
E jamais subjugado… Ai, Milão!…
A submissão ignóbil.

MIRANDA

Pelos céus!

PRÓSPERO

Veja o que era, o que ele fez, e diga
Se isso é um irmão.

MIRANDA

Eu pecaria
Se não julgasse nobre a minha avó.
Bons ventres dão maus filhos.

PRÓSPERO

Ouça o trato:
O rei de Nápoles, meu inimigo
Figadal, dá ouvido ao meu irmão,
Mas pede que em lugar das honrarias,
E não sei quanto em tributo,
Ele extirpe depressa a mim e aos meus
Do ducado, pra conferir Milão
Com as honras ao meu irmão; e por isso,
Com uma tropa traidora, certa noite
Pra isso destinada, Antônio abriu
As portas de Milão; e em hora morta
Um grupo especial de lá me arranca,

E mais você, chorando.

MIRANDA

Que maldade!
E como não me lembro desse choro,
Choro de novo agora; é uma história
Que faz pingar meus olhos.

PRÓSPERO

Ouça mais,
Para eu trazê-la até os fatos de hoje
Que estamos vendo, sem o quê a história
Não faz sentido.

MIRANDA

Mas por que razão
Não fomos destruídos?

PRÓSPERO

Bem pensado;
O relato o provoca. Não ousaram,
Tanto me amava o povo; e não queriam
Marcar com sangue o ato; pois queriam
Enfeitar os seus fins com belas cores.
Numa barca com pressa nos levaram
Pro mar aberto, para uma carcaça
Podre e sem mastros, que eles prepararam,
Sem leme ou vela, que até mesmo os ratos
Por instinto largaram. Lá ficamos,
A gritar só pros rugidos do mar,
A suspirar pro vento que, de pena,
Só nos fazia mal com suas carícias.

MIRANDA

Quantas penas eu devo ter lhe dado!

PRÓSPERO

Pois me salvou, meu anjo. O seu sorriso
Com uma força divina me inundou.
Quando eu verti no mar gotas de sal,
Gemendo com essa carga, ele me trouxe
A coragem crescente de aguentar

O que estava por vir.

MIRANDA

Como aportamos?

PRÓSPERO

Pela Divina Providência.
Tínhamos água e um pouco de comida
Porque Gonzalo, um bom napolitano,
Por caridade, sendo designado
Chefe do plano, deu-nos, e inda trajes
Ricos, com roupa branca e o necessário,
Que nos serviram bem; e por bondade,
Sabendo que amo os livros, forneceu-me
Volumes que, da minha biblioteca,
Amo mais que ao ducado.

MIRANDA

Quem me dera
Um dia vê-lo.

PRÓSPERO

Ora eu chego ao ponto:
Bem tranquila ouça o fim dessa viagem.
Arribamos por fim a esta ilha
E aqui, sem Mestre-escola, preparei-a
Melhor que outras princesas, com mais tempo
Para horas vãs e tutores relapsos.

MIRANDA

Graças a Deus; mas por favor, senhor,
Continuo a indagar que razão teve
Pra causar a tormenta?

PRÓSPERO

Saiba agora.
Por estranho acidente a boa Fortuna
(Que eu hoje estimo) trouxe a esta praia
Meus inimigos; e eu pude prever
Que o meu destino, pra atingir seu ápice,
Depende de uma estrela que, nest'hora,
Se eu não exploro, terei má fortuna

Pra todo o sempre. Chega de perguntas.
Está com sono; é uma boa modorra…
Ceda a ela, pois não tem outra escolha.
(*Miranda dorme.*)
Meu servo, venha logo. Já 'stou pronto.
Chegue perto, meu Ariel.

(*Entra Ariel.*)

ARIEL

Salve, meu amo! Meu senhor, cá 'stou
Pra atender seu prazer, seja voar,
Nadar, entrar no fogo, cavalgar
As nuvens; pra cumprir as suas ordens,
Eis Ariel e seus pares.

PRÓSPERO

Espírito,
Criou a tempestade que ordenei?

ARIEL

Em todos os detalhes.
Subi a bordo; na proa, na popa,
No porão, ponte, deque ou camarote
Deixei espanto: às vezes dividido,
Queimava em vários pontos: no alto mastro,
Na verga e no gurupés criei fogo
Que então juntei. Nem os raios de Zeus
Anunciam trovões com maior bulha
Ou brilham mais depressa: o fogo e o estrondo
Dos urros sulfurosos, na aparência,
Cercam Netuno, sacudindo as ondas
Até o seu tridente.

PRÓSPERO

Bravo espírito!
Quem tão firme e constante que esse abalo

Não lhe infecte a razão?

ARIEL

Todos sentiram
A febre dos insanos e tentaram
Coisas incríveis. Só os marinheiros
Não pularam no mar, deixando a nave
Coberta com o meu fogo: o jovem príncipe
Com os cabelos em pé… como raízes…
Pulou logo, gritando "Estão aqui
Os demônios!".

PRÓSPERO

Meu espírito, bravos!
Mas foi perto da praia?

ARIEL

Foi, meu amo.

PRÓSPERO

E estão a salvo?

ARIEL

Ninguém sofreu nada;
Não há uma só mancha em suas vestes,
Que estão mais novas; como me ordenou,
Espalhei-os em grupos pela ilha.
Só o filho do rei deixei sozinho,
A resfriar o ar com seus suspiros
Num recanto escondido. Está sentado,
Fazendo um nó com os braços.

PRÓSPERO

E o que fez
Com a nave real, a marinhagem
E o resto da frota?

ARIEL

Bem no porto
'Stá a nave do rei, na enseada
Onde me convocou à meia-noite
Para fazer orvalho das Bermudas.
Está oculta, com a tripulação,

A qual, com o meu encanto e o seu trabalho,
Deixei dormindo, e o resto da frota,
Que dispersei, já se juntou de novo
E está agora no Mediterrâneo,
Em tristonho caminho para Nápoles
Pensam ter visto seu rei naufragado,
Morta a sua pessoa.

PRÓSPERO

Meu Ariel,
Você fez tudo certo; mas há mais.
Que horas são?

ARIEL

Passou do meio-dia.

PRÓSPERO

Duas horas ao menos. Até seis
Temos de usar muito bem nosso tempo.

ARIEL

Mais trabalho? Desde que me dá pena,
Deixe-me que eu o lembre da promessa
Que não cumpriu ainda.

PRÓSPERO

O quê? Rebelde?
O que pode exigir?

ARIEL

A liberdade.

PRÓSPERO

Antes da hora? Nada disso.

ARIEL

Eu peço
Que não se esqueça de como o tenho servido.
Sem mentir ou enganar trabalhei
Sem resmungos ou queixas. Prometeu-me
Descontar todo um ano.

PRÓSPERO

Já esqueceu
De que tormentos eu o libertei?

ARIEL

Não.

PRÓSPERO

Creio que sim; e acha exagerado
Pisar o mar profundo,
Correr com o vento que sopra o norte,
Cumprir tarefas nas veias da terra
Quando geladas.

ARIEL

Eu não esqueci.

PRÓSPERO

Mentira, coisa vil! Já esqueceu
A bruxa Sycorax, toda curvada
Pela inveja e velhice? Esqueceu dela?

ARIEL

Não, senhor.

PRÓSPERO

Creio que sim. Diga lá,
Aonde nasceu ela?

ARIEL

Em Argel.

PRÓSPERO

Isso!
Digo uma vez por mês tudo o que foi,
Para lembrá-lo. A besta Sycorax,
Por suas muitas maldades e magias
Horríveis pros humanos, foi banida
De Argel, como já sabe. E uma coisa
Salvou-lhe a vida. Não é verdade?

ARIEL

É, sim, senhor.

PRÓSPERO

Estava prenhe a bruxa de olho azul,
E os marinheiros aqui a deixaram.
Você, escravo meu, servia a ela,
E só por ser delicado demais

Para cumprir seus comandos nojentos
E atender seus pedidos, foi trancado
Co'a ajuda de outros monstros, mais potentes,
E por ter ela fúria incontrolável,
Num pinheiro rachado, em cuja fenda
Você ficou, em dor e prisioneiro,
Por doze anos. Durante esse tempo
Ela morreu e o deixou ali,
Gemendo mais que o moinho. Na ilha —
Sem ser o filho que ela aqui pariu,
Um monstrengo malhado — não havia
Forma humana.

ARIEL

Só Caliban, seu filho.

PRÓSPERO

E o que eu disse, asno! Caliban,
Que está a meu serviço. A que tormentos
Você foi sujeitado! Seus gemidos
Faziam uivar lobos, penetrando
No coração do urso. Era um tormento
A ser dado aos danados, mas que a bruxa
Não soube desmanchar. Só minha Arte,
Quando cheguei e o ouvi, pôde abrir
O pinheiro e livrá-lo.

ARIEL

E eu agradeço.

PRÓSPERO

Se ainda resmungar, abro um carvalho
E o prendo nas entranhas da madeira
Pra gemer doze invernos.

ARIEL

Perdão, amo.
Eu obedeço a tudo que mandar,
Como espírito bom.

PRÓSPERO

Em dois dias

Eu o libertarei.

ARIEL

Meu bom senhor!
O que devo fazer? Diga-me, o quê?

PRÓSPERO

Quero que seja uma ninfa do mar
Só vista por nós dois; quero-o invisível
Aos outros olhos. Vá mudar de forma
E volte nela. Agora vá, depressa.
(*Sai Ariel.*)
Acorda, coração! Já dormiu bem.
Acorda!

MIRANDA

Tudo o de estranho nessa sua história
Pesou em mim.

PRÓSPERO

Sacuda o peso e venha;
Vamos ver meu escravo Caliban,
Que jamais é cortês.

MIRANDA

Ele é um vilão
Que não gosto de olhar.

PRÓSPERO

Mas mesmo assim
Ele fez falta. É quem faz o fogo,
Corta a lenha e executa outras tarefas
Que nos servem. Escravo! Caliban!
Terra! Coisa! Fala!

CALIBAN

(*fora*)
Tem lenha aí.

PRÓSPERO

Aqui, falei! Tu tens mais a fazer.
Vem, tartaruga. Como é?

(*Entra Ariel como uma ninfa das águas*.)
Que bela aparição! Meu Ariel,
Escuta aqui, no ouvido.

ARIEL

Já está feito.

PRÓSPERO

Escravo vil, que o diabo gerou
Em bruxa má, vem, aparece logo!

(*Entra Caliban*.)

CALIBAN

Que o orvalho pior que a minha mãe
Tirou do charco com pena de corvo
Caia em vocês. Que o vento do sudeste
Os cubra inteiros de bolhas!

PRÓSPERO

Só por falar assim tu vais ter cãibras,
Dores no lado de perder o fôlego,
E a noite vai juntar uns mil ouriços
Pra te atacar. Tu vais ser ferroado
Por toda uma colmeia, e cada abelha
Pior que outra.

CALIBAN

Eu quero o meu jantar.
A ilha é minha, da mãe Sycorax,
Que você me tirou. Logo que veio,
Me afagava, mimava, inda me dando
Umas frutinhas, e ainda me ensinou
A chamar a luz grande e a pequena,
Que queimam dia e noite. E eu te amava,
E mostrei a você tudo na ilha —
As fontes, onde é estéril e onde é fértil.
Maldito seja! Todos os encantos

De Sycorax — sapos, escaravelhos
E morcegos, te ataquem todos juntos!
Pois eu sou o seu único vassalo.
Eu era rei. Você me fez de porco
Nestas pedras, guardando pra você
A ilha toda.

PRÓSPERO

Escravo mentiroso
Que açoite e não bondade afeta. Usei-te,
Mesmo imundo, com carinho, e abriguei-te
Na minha cela até que ameaçaste
A honra de minha filha.

CALIBAN

O ho, ho, quem dera eu conseguir!
E se não me impedisse eu populava
A ilha de Calibans.

PRÓSPERO

Vil escravo,
Que é incapaz de assimilar bondade,
Capaz de todo mal! Eu tive pena,
Cuidei pra que falasses e ensinei-te
Isto e aquilo. Quando nem sabias,
Selvagem, o que eras, resmungando
Como uma fera, eu te dei objetivos
E meios de expressá-los. Mas tua raça,
Mesmo aprendendo, tinha o que almas boas
Não podem suportar. Foste, por isso,
Preso a uma rocha com muito motivo,
Pois só prisão mereces.

CALIBAN

Agora eu sei falar, e o meu proveito
É poder praguejar. Que a peste o pegue,
Por me ensinar sua língua!

PRÓSPERO

Passa, bruxo!
Vai pegar lenha — e depressa, pois tenho

Mais cargas para ti. Inda reclamas?
Pois se fizeres mal, com má vontade,
O que eu mandar, eu vou dar-te mais cãibras,
Dores nos ossos e fazer-te urrar
Tanto que os bichos vão tremer com o som.

CALIBAN

Não, por favor!
(*à parte*)
Tenho de obedecer. É tal sua Arte
Que domina Setebos, que é meu deus,
E o faz seu servo.

PRÓSPERO

Sai, escravo. Passa!

(*Sai Caliban. Entram Ferdinand e Ariel, invisível, tocando e cantando*.)

ARIEL

CANÇÃO DE ARIEL
Vem para a areia dourada
E toma a mão que te é dada;
O teu beijo já domou
O mar que em ondas estourou:
Com o pé pode pisar,
Doces elfos vão cantar
O refrão. Ouve! Ouve!

VÁRIAS VOZES

Bau-uau.

ARIEL

Os cães de guarda latem.

VÁRIAS VOZES

Bau-uau.

ARIEL

Ouve! Ouve! Eu ouço só

O galo Cocoricó
Cantando

VÁRIAS VOZES

Cocoricó.

FERDINAND

De onde vem a canção? Da terra ou ar?
Já não se ouve; e estou certo que serve
Algum deus desta ilha. Ali, sentado,
Chorando inda uma vez o pai perdido,
Vinda das águas ouvi essa música
Acalmando sua fúria e minha dor
Com sua melodia. Eu a segui,
Ou ela me atraiu. Mas acabou.
Não; já começou de novo.

ARIEL

CANÇÃO DE ARIEL

Teu pai repousa a cinco braças;
Seus ossos hoje são coral,
Em pérolas seus olhos traças
Nada dele acaba, afinal.
E só mudado pelo mar
Em algo rico, algo sem par,
Ninfas, seus sinos vão dobrar,
Ding, dong, ouço badalar
(*refrão*)
Ding, dong.
Ouve! Ouve, eu ouço — ding, dang, dong.

FERDINAND

A canção me recorda meu pai morto.
Não veio de coisa morta, nem um som desses
Se deve à terra. Inda o ouço lá do alto.

PRÓSPERO

Abre a cortina de franja dos olhos
E diga-me o que vê.

MIRANDA

O que é? Um espírito?
Como olha em volta! Acredite, senhor,
Tem bela forma. Mas é um espírito.

PRÓSPERO

Não, filha. Come, dorme e tem sentidos
Iguais aos nossos. O jovem que vê
'Stava no barco. E a não ser umas manchas
De dor nessa beleza, eu o diria
Uma boa figura. Está perdido,
Procura os companheiros.

MIRANDA

E eu diria
Que é divino, pois eu nunca vi
Nada tão nobre.

PRÓSPERO

(*à parte*)

Tudo está seguindo
Como quer a minh'alma. Mais dois dias
E eu o liberto, espírito, por isso.

FERDINAND

Por certo essa é a deusa
Que servem esses ares. Co'esta prece,
Quero saber se mora nesta ilha
E se é capaz de dizer como devo
Me comportar aqui. Mais importante
É o que vem no final — ó maravilha! —,
Inda é donzela?

MIRANDA

Não sou maravilha,
Mas sou donzela.

FERDINAND

Céus! A minha língua!
Sou o primeiro dentre os que a ela falam,
Quando estou lá.

PRÓSPERO

O que diz? O melhor?
O que serias, se te ouvisse Nápoles!

FERDINAND

O mesmo que ora sou, muito espantado
De ouvir falar em Nápoles. Ele me ouve,
E choro porque me ouve. Eu sou Nápoles.
Que com um olhar de maré cheia vi
Naufragar o rei meu pai.

MIRANDA

Ai, coitado!

FERDINAND

Sim, com sua corte; o Duque de Milão
Com o filho são dois.

PRÓSPERO

(*à parte*)
O Duque de Milão
Co'a brava filha podem contrariar-te,
Na hora certa. Com o primeiro olhar
Seus olhos mudam. Delicado Ariel,
Vou libertá-lo.
(*a Ferdinand*)
Amigo, uma palavra.

MIRANDA

Por que fala o meu pai de modo rude?
Terceiro homem que vejo, é o primeiro
Por quem suspiro. Que o meu pai, por pena,
Se incline pro meu lado.

FERDINAND

Sendo virgem,
Sem nunca ter amado, eu a farei
A rainha de Nápoles.

PRÓSPERO

Com calma!
(*à parte*)
'Stão presos um ao outro. Mas tal pressa
Eu devo perturbar, pois o que é fácil

Desvaloriza o prêmio. Uma palavra!
Exijo que me ouças! Tu usurpas
Nome que não é teu e aqui chegas
Na ilha qual espião, para roubá-la
De mim, que aqui governo.

FERDINAND

Não, eu juro!

MIRANDA

Não há mal que resida em templo assim.
Se o mal habita uma casa tão bela,
O que é bom vai lutar pra morar lá.

PRÓSPERO

(*para Miranda*)
Não o defenda. Ele é traidor. Vem cá,
Terás grilhões no pescoço e nos pés,
Pra beber, água salgada; e a comida
Serão lesmas, raízes secas, cascas
De antigas pinhas. Segue-me.

FERDINAND

Não vou!
Resistirei a esse tratamento
Até meu inimigo ter mais força.

(*Tira a espada, mas fica imobilizado por encantamento*.)

MIRANDA

Pai querido,
Não o trate de forma tão cruel.
Ele é gentil, não temível.

PRÓSPERO

O quê?
Meu pé me ensina? Guarda a espada, traidor,
Que faz um gesto porém não golpeia,
Tão culpado se sente. Baixa a guarda!

Eu posso desarmar-te com esta vara,
Fazer cair tua arma.

MIRANDA

Pai, eu peço!

PRÓSPERO

Saia e largue a minha roupa.

MIRANDA

Piedade!
Eu respondo por ele.

PRÓSPERO

Agora basta!
Uma palavra e posso até odiá-la.
Defender um traidor? O quê? Silêncio!
Pensa que com essa forma não há outros
Porque só viu Caliban. Como é tola!
Ele é um Caliban pros outros homens,
Os outros, anjos pra ele.

MIRANDA

Pois seja
Humilde o meu afeto. Não aspiro
A ver homens mais belos.

PRÓSPERO

Obedeça!
Teus nervos 'stão de novo em tua infância,
Privados de vigor.

FERDINAND

Assim me sinto.
'Stá perdido num sonho o meu espírito.
A perda de meu pai, minha fraqueza,
A perda dos amigos, as ameaças
Se este homem que me abusa, são um nada
Se uma vez cada dia, na prisão,
Puder ver essa moça. A liberdade
Pode ficar com o mundo. Pra mim basta
Uma prisão assim.

PRÓSPERO

(*à parte*)
Funciona,
(*a Ferdinand*)
Vem.
Trabalhou bem, Ariel,
(*a Ferdinand*)
Vem comigo.
(*para Ariel*)
Eis o que vai fazer.

MIRANDA

Fique tranquilo.
Meu pai, senhor, tem índole melhor
Do que o que diz. É fora do comum
Tudo o que fez.

PRÓSPERO

(*para Ariel*)
Você vai ficar livre
Como o vento nos montes; mas fazendo
Exato o que eu mandei.

ARIEL

Em cada sílaba.

PRÓSPERO

Vem. Segue-me. (*para Miranda*) Não quero que o defenda.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I

(*Entram Alonso, Sebastian, Antônio, Gonzalo, Adrian, Francisco e outros.*)

GONZALO

Alegre-se, senhor. Tem justa causa —
Como nós — de alegria. Os que escaparam
Muito excedem as perdas. Nossa dor
É comum. Diariamente a mulher
De um marinheiro, mestre ou mercador
Tem dor como esta. Mas quanto ao milagre,
A nossa salvação, mal um em mil
Pode dizer o mesmo. Pese bem
O nosso bem com o mal.

ALONSO

Por favor, paz.

SEBASTIAN

(*à parte, a Antônio*)
O consolo, pra ele, é mingau frio.

ANTÔNIO

(*à parte, a Sebastian*)
Mas não desiste, esse visitador.

SEBASTIAN

(*à parte, a Antônio*)
Veja, está dando corda nas ideias. Daqui a pouco toca.

GONZALO

Senhor…

SEBASTIAN

Uma… fale.

GONZALO

Se se cultiva toda dor possível,
Quem a abriga…

SEBASTIAN

Por paga…

GONZALO

Sim, terá por paga muita dor. O senhor disse mais verdade do que quis.

SEBASTIAN

E o senhor entendeu com mais sabedoria do que devia.

GONZALO

(*a Alonso*)
Portanto, Milord…

ANTÔNIO
Ai, como ele desperdiça a língua!

ALONSO
Eu peço que me poupe.

GONZALO
Já terminei. No entanto…

SEBASTIAN
Ele tem de falar.

ANTÔNIO
Qual dos dois, entre ele e Adrian, aposta que cacareja primeiro?

SEBASTIAN
O galo velho.

ANTÔNIO
O galeto.

SEBASTIAN
Feito. A aposta?

ANTÔNIO
Uma risada.

SEBASTIAN
Combinado.

ADRIAN
Embora a ilha pareça deserta…

ANTÔNIO
Ha, ha, ha!

SEBASTIAN
Então já está pago.

ADRIAN
Inabitável e quase inacessível…

SEBASTIAN
Mesmo assim…

ADRIAN
Mesmo assim…

ANTÔNIO
Essa ele não perdia.

ADRIAN

Deve ser sutil, suave e delicadamente temperada.

ANTÔNIO

A temperada é uma moça muito delicada.

SEBASTIAN

Se é, e sutil, como disse ele com tanta sabedoria…

ADRIAN

O ar exala sobre nós com muita doçura.

SEBASTIAN

Como se tivesse pulmões, aliás, podres.

ANTÔNIO

Ou como se perfumado por um charco.

GONZALO

Tudo aqui traz benefício à vida.

ANTÔNIO

Verdade, menos meios de viver.

SEBASTIAN

Desses, há pouco ou nada.

GONZALO

Como é luxuriante a relva! Como é verde!

ANTÔNIO

O chão é bem tostado.

SEBASTIAN

Com um nadinha de verde.

ANTÔNIO

Ele não perde nada.

SEBASTIAN

Não, mas confunde a verdade inteiramente.

GONZALO

Mas o que é raro nela… o que de fato é quase inacreditável…

SEBASTIAN

Como se sabe que são sempre as raridades…

GONZALO

É que nossas roupas, tendo sido como foram encharcadas no mar, retenham apesar disso seu frescor e brilho, parecendo mais recém-tingidas do que manchadas por água salgada.

ANTÔNIO

Se algum de seus bolsos pudesse falar, será que não dizia que ele mente?

SEBASTIAN

Ou então embolsava falsamente o relato.

GONZALO

Nossos trajes parecem-me tão novos quanto quando os estreamos na África, para o casamento da linda filha do rei, Claribel, com o rei de Túnis.

SEBASTIAN

Foi um doce casamento, e a volta também está sendo um sucesso.

ADRIAN

Túnis jamais foi abençoada antes com rainha tão perfeita.

GONZALO

Não desde o tempo da viúva Dido.

ANTÔNIO

Viúva? Ora, raios. De onde apareceu essa viúva? Viúva Dido!

SEBASTIAN

E se ele dissesse "o viúvo Enéas" também? É preciso ter paciência!

ADRIAN

A "viúva Dido" disse? Tenho de estudar o assunto. Ela era de Cartago, não de Túnis.

GONZALO

Esta Túnis, senhor, antes era Cartago.

ADRIAN

Cartago?

GONZALO

Eu lhe garanto, Cartago.

ANTÔNIO

Suas palavras fazem mais do que a harpa miraculosa.

SEBASTIAN

Ele constrói o muro, e as casas também.

ANTÔNIO

Que questão impossível será a próxima, para ele tornar fácil?

SEBASTIAN

Penso que irá carregar esta ilha para casa no bolso, e dá-la ao filho, como uma maçã.

ANTÔNIO

E, deixando cair as sementes no mar, fará nascer mais ilhas.

GONZALO

É.

ANTÔNIO

Não é sem tempo.

GONZALO

Senhor, estávamos dizendo que nossas vestes parecem tão novas agora quanto estavam em Túnis, no casamento de sua filha, hoje rainha.

ANTÔNIO

A mais rara que já lá existiu.

SEBASTIAN

Exclua, eu lhe imploro, a viúva Dido.

ANTÔNIO

A viúva Dido? Ai, é, a viúva Dido.

GONZALO

Não está, senhor, meu casaco tão novo quanto quando o usei pela primeira vez? Quero dizer, de certo modo.

ANTÔNIO

Esse "modo" foi muito bem-pescado.

GONZALO

Quando o usei no casamento de sua filha.

ALONSO

Tudo o que diz entulha o meu ouvido
Contra o estômago do senso. Quem dera
Não se casasse lá. Pois nesta volta
Perdi um filho e, pra mim, também ela,
Pois ora vive tão longe da Itália
Que jamais a verei. Ai, meu herdeiro
De Nápoles e de Milão, que peixe
Fez de ti refeição.

FRANCISCO

Mas talvez viva.
O vi a debater-se sobre as ondas
E cavalgá-las. Golpeava as águas
Afastando o inimigo e, peito aberto,
Ia de encontro às ondas. A cabeça
Ele mantinha acima do mar rude
E usando braços fortes como remos
Rumou pra praia cuja areia gasta
Pareceu recebê-lo. Eu 'stou certo
Que chegou vivo à terra.

ALONSO

Não; se foi.

SEBASTIAN

Só tem a si pr'agradecer tal perda,
Por não doar à Europa a sua filha,
Premiando um africano.
Ela, sim, foi banida de seus olhos,
Que não têm causa pra pranto.

ALONSO

Paz, eu peço.

SEBASTIAN

Todos nós lhe imploramos, de joelhos,
E a própria bela alma pesou muito
Pra saber, entre o horror e a obediência,
Para qual se inclinar. Seu filho, eu temo,
'Stá perdido mesmo. Milão e Nápoles
Ganharam mais viúvas co'esta empresa
Que os homens que levamos pr'apoiá-las.
A falta é sua.

ALONSO

E minha a maior perda.

GONZALO

Milord Sebastian,
Falta à sua verdade gentileza

E hora certa. Está abrindo a ferida
Quando devia fechá-la.

SEBASTIAN

Está bem.

ANTÔNIO

E de forma cirúrgica.

GONZALO

(*a Alonso*)
É tempo mau pra todos nós, Senhor,
Se o vemos sombrio.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
Mau tempo?

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
Muito.

GONZALO

Se a ilha fosse minha plantação, Senhor…

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
Semeava de espinhos.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
Ou de malva.

GONZALO

E sendo dela o rei, o que faria?

SEBASTIAN

(*à parte, a Antônio*)
Ficava sóbrio, por falta de vinho.

GONZALO

Pro bem-estar geral, eu contra os hábitos
Faria tudo. Pois nenhum comércio
Admitiria. E nem magistrados;
Nada de letras. Riqueza e pobreza,
Qual serviços, nada. Nem sucessões,
Contratos, vinhas, limites de terra;

Nem uso de metais, milho, óleo ou vinho.
Nenhuma ocupação. No ócio o homem,
Como a mulher, mas puros e inocentes,
Nada de soberania.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
E ele rei.

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
O fim do bem-estar geral esqueceu do começo.

GONZALO

A natureza fartaria a todos,
Sem esforço ou suor. Traição e crime,
Espadas, facas, ou necessidade
De todo engenho eu jamais teria.
Pois de si jorraria a natureza
Em abundância sua colheita boa,
Pr'alimentar o meu povo inocente.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
Nada de casamentos entre os súditos?

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
Nada, homem; todos no ócio — putas e calhordas.

GONZALO

Governaria eu tão bem, senhor,
Que excederia à Idade do Ouro.

SEBASTIAN

Salve, Sua Majestade!

ANTÔNIO

Longa vida a Gonzalo!

GONZALO

E… está ouvindo, Senhor?

ALONSO

Por favor, chega. Não me dizes nada.

GONZALO

Bem creio em Sua Alteza. Eu só falei para passar o tempo desses dois cavalheiros, de pulmões tão sensíveis e ágeis que sempre se riem de nada.

ANTÔNIO

Era do senhor que ríamos.

GONZALO

Que, nesta espécie de alegre brincadeira, não sou nada para os senhores, de modo que podem continuar a rirem-se de nada.

ANTÔNIO

Que grande golpe foi dado aqui!

SEBASTIAN

Seria, se não fosse dado com o lado da lâmina.

GONZALO

Os senhores são cavalheiros de muito bom metal. Seriam capazes de arrancar a lua de sua órbita, se ao menos ela passasse cinco semanas sem mudar de fase.

(*Entra Ariel, tocando música solene.*)

SEBASTIAN

Arrancávamos, e usávamos a luz para ir caçar passarinho a pau.

ANTÔNIO

Não, bom Milord. Não fique zangado.

GONZALO

Não, por certo; não ponho em jogo meu bom senso por razões tão fracas. Será que me embalavam com seu riso, que já sinto a cabeça pesada?

ANTÔNIO

Pois pode dormir, ouvindo-nos.

(*Dormem todos, menos Alonso, Sebastian e Antônio.*)

ALONSO

Já dormindo? Quem dera que os meus olhos
Co'eles fechassem os meus pensamentos.
E parecem querê-lo.

SEBASTIAN

Senhor, durma;
Não recuse o torpor que lhe oferecem,
É raro na tristeza; e quando ocorre,
Só traz conforto.

ANTÔNIO

E nós ambos, senhor,
Guardamos sua pessoa e seu descanso,
Por segurança.

ALONSO

Grato. Muito tonto.

(*Alonso dorme. Sai Ariel.*)

SEBASTIAN

Que estranha sonolência os possuiu!

ANTÔNIO

É o tipo de clima.

SEBASTIAN

Então, por que
Ele não fecha também nossas pálpebras?
Eu não me sinto inclinado a dormir.

ANTÔNIO

Tampouco eu. Tenho o espírito alerta.
Caíram todos juntos, por acordo,
Golpeados por um raio. Que poder,
Nobre Sebastian? Que poder? Mas, basta!
No entanto eu penso ver nesse seu rosto
O que devia ser. A hora o afeta,
E estou imaginando uma coroa

Caindo em sua fronte.

SEBASTIAN

E isso acordado?

ANTÔNIO

Não me ouve falar?

SEBASTIAN

Ouço, e por certo
É linguagem de sonho e você fala
Em meio ao sono. O que foi que me disse?
É estranho esse repouso, em que se dorme
De olhos abertos, andando e falando,
porém dormindo.

ANTÔNIO

Meu nobre Sebastian,
Deixa dormir — ou morrer — a fortuna,
Fechando o olhar desperto.

SEBASTIAN

Agora ronca;
Mas existe sentido nos seus roncos.

ANTÔNIO

Eu nunca estive tão sério, e você
Bem sério tem de ouvir-me, pois fazê-lo
Vai triplicá-lo.

SEBASTIAN

Pois ser só vazante
É o que me ensinam ócio e tradição.

ANTÔNIO

Ah, se soubesse o quanto ama a ideia
Enquanto faz que ri! E a valoriza
Ao fazer pouco! Homens de vazante
Em geral correm só bem junto ao fundo
Por seu medo ou preguiça.

SEBASTIAN

Fale mais.
Seus olhos e seu rosto me proclamam
Que o assunto é grave; em verdade é um parto

De dores mais que férteis.

ANTÔNIO

Pois, senhor,
Embora este senhor de má memória,
Que ficará tão pouco na memória
Depois de morto, quase persuadisse —
E ele é a própria persuasão; só quer
Persuadir… o rei que o filho vive.
É tão impossível que não se afogasse
Quanto que o que dorme nade.

SEBASTIAN

Não espero
Que ainda viva.

ANTÔNIO

E essa "não esperança"
Que esperanças lhe dá! Não esperar
É uma outra via pra esperanças tais
Que nem a Ambição pode entrever
O que há pr'além delas. Crê, então,
Que Ferdinand morreu.

SEBASTIAN

Foi-se.

ANTÔNIO

Então diga,
Quem herdará Nápoles?

SEBASTIAN

A Claribel!

ANTÔNIO

Que é rainha em Túnis; que reside
A dez léguas da vida; que de Nápoles
Só teria notícias — pelo Sol,
A Lua é lenta — quando queixos ralos
Tiverem barba, aquela por quem hoje
Quase o mar nos engole, embora alguns
Salve o destino, pra fazer um gesto
Do qual é prólogo o que passou;

O porvir é pra nós.

SEBASTIAN

Que história é essa?
Minha sobrinha é rainha de Túnis
E herdeira de Nápoles, e os dois
São separados por algum espaço…

ANTÔNIO

Que parece clamar, em cada cúbito,
"Que significa Claribel voltar
Pra nós em Nápoles? Que fique em Túnis,
E Sebastian desperte". Fosse a morte
O que ora os afeta, não 'stariam
Pior que agora. E há quem reine em Nápoles
Tão bem quanto os que dormem, e tagarelas
Que falem tanto e tão sem precisão
Quanto Gonzalo. Uma gralha que eu treino
Fala tão sério assim. Se a sua mente
Pensasse como a minha! Que triunfos
Lhe traria um tal sono. Compreendeu-me?

SEBASTIAN

Creio que sim.

ANTÔNIO

E como pensa então
Tratar sua boa sorte?

SEBASTIAN

Se me lembro,
O senhor suplantou seu irmão Próspero.

ANTÔNIO

Verdade. E veja como hoje me caem
Os trajes novos. Homens que o serviam
Eram iguais a mim. Hoje são meus.

SEBASTIAN

E a sua consciência?

ANTÔNIO

Senhor, aonde fica? Uma frieira
Eu sinto no sapato; mas tal deusa
Não sinto no meu peito. Vinte delas
Entre eu e Milão, carameladas,
Derreteriam sem me incomodar!
Eis seu irmão, nem um pouco melhor
Que a terra onde se deita, se estivesse
O que aparenta — morto. Eu poderia,
Com três dedos de aço, adormecê-lo
Pra sempre; enquanto um gesto seu, igual,
Encaminhava para um sono eterno
Esse velho petisco, d. Prudência,
Pra não recriminar-nos. Quanto aos outros,
Engolem tudo como um gato o leite,
E batem qual relógio qualquer hora
Indicada por nós.

SEBASTIAN

Seu caso, amigo,
Será meu precedente. Tem Milão,
Eu pego Nápoles. Tome da espada;
Um golpe finda o tributo que paga
E dá-lhe um rei amigo.

ANTÔNIO

Agora, juntos!
E ao levantar meu braço, faça o mesmo
Pra golpear Gonzalo.

SEBASTIAN

Só uma palavra.

(*Eles falam, afastados.*)
(*Volta Ariel, invisível, com música e canto.*)

ARIEL

Meu amo bem previu esse perigo

Que corria o amigo e aqui mandou-me,
Pra que ele viva — senão, vai-se o plano.
(*Canta no ouvido de Gonzalo.*)
Enquanto estiver ressonando
Conspiração, se alastrando,
Ficou bem esperta.
Se a vida quer protegida
Abandona essa dormida.
Desperta! Despertai.

ANTÔNIO

Ambos, bem rápido.

GONZALO

E ora, bons anjos
Protejam o rei!

(*Os outros despertam.*)

ALONSO

Que foi? Despertas? E de espada em punho? Por que esse ar horrível?

GONZALO

Que é que houve?

SEBASTIAN

'Stando de guarda para o seu repouso,
Ainda agora ouvimos gritos roucos,
Quais touros ou leões. Não despertaram?
O impacto em meus ouvidos foi terrível.

ALONSO

Não ouvi nada.

ANTÔNIO

Foi barulho para assustar um monstro,
Um terremoto! E por certo o rugido
De um bando de leões.

ALONSO

Ouviu, Gonzalo?

GONZALO

Juro, senhor, que eu ouvi um murmúrio
Dos mais estranhos, que me despertou.
Gritei e sacudi-o. Abrindo os olhos,
Vi as espadas nuas. Houve um som,
É verdade. Melhor montarmos guarda
Ou deixar o local. Armas em punho!

ALONSO

Longe daqui procuremos de novo
Meu pobre filho.

GONZALO

E que o céu o proteja
Das feras nesta ilha.

ALONSO

Vá na frente.

ARIEL

Ao meu amo o que fiz eu vou contar,
E o rei, a salvo, o filho vai buscar.

Cena II

(*Entra Caliban com uma carga de lenha. Ouve-se trovoada.*)

CALIBAN

Que todas as doenças que o sol suga
Da lama, charco e lixo tornem Próspero
Aos poucos em doença! Seus espíritos
Me escutam se eu praguejo. Não beliscam,
Me assustam com fantasmas, nem me picham
Ou levam pelo escuro qual corisco
Pr'eu me perder, a não ser que ele mande.
Mas por dá cá aquela palha atacam;

Às vezes são macacos falastrões
Que me mordem, ou bancam porco-espinho
Onde eu piso descalço, pondo espinhos
Debaixo dos meus passos; e outras vezes
Me enrolam todo em cobras, cujas línguas
Chiam pra me deixar louco.
(*Entra Trínculo.*)
Olha, olha!
Esse ele mandou cá me torturar
Para apressar a lenha. Se eu deitar,
Quem sabe nem me nota.

TRÍNCULO

Aqui não tem mato nem arbusto que proteja do tempo; e lá vem mais tempestade; estou ouvindo ela cantar no vento; aquela nuvem mesma, aquela enorme, parece um tonel imundo querendo entornar todo o caldo. Se trovejar como antes, não sei onde enfiar a cabeça: aquela tal nuvem não tem escolha, vai cair tudo de balde. O que é isso? É homem ou peixe? Morto ou vivo? É peixe! O cheiro é de peixe; um fedor muito antigo e peixoso; uma espécie de badejo nada novo. Que peixe esquisito! Se eu estivesse na Inglaterra, agora, como já estive, e mandasse pintar esse peixe, não passava um otário de um forasteiro que não me desse por ele uma moeda de prata; lá, qualquer monstro faz um homem de qualquer um: não dão um vintém pra aliviar um mendigo, mas desperdiçam dez para ver um índio morto. Tem perna feito homem! E as nadadeiras parecem braços! Palavra que está quente! Agora vou libertar minha opinião, que eu não seguro mais: isto não é peixe e sim um ilhéu, que acaba de ser atingido por um raio.
(*trovoada*)
Ai, ai, lá vem a tempestade de novo! Melhor é eu me enfiar debaixo da capa dele; não há nenhum outro abrigo por aqui; a miséria traz para a gente uns companheiros de cama muito esquisitos.
Vou me embrulhar aqui até acabarem as últimas gotas da tempestade.

(*Entra Stephano cantando, com uma garrafa na mão.*)

STEPHANO

Eu não vou mais pro mar, pro mar,
Vou morrer aqui na praia.
É uma canção muito safada para cantar no enterro de um homem; bem, este aqui é o meu consolo.
(*Bebe e canta.*)
O bom mestre, o taifeiro, o contramestre e eu
Mais o artilheiro e a cambada
Amávamos Tuquinha e Maria do Céu,
Mas ninguém quis a Dadada:
Tinha uma língua de amargar,
Mandava a gente se afogar!
Não gostava do cheiro de breu e alcatrão,
Mas deixava o alfaiate passar bem a mão!
Pro mar! E ela que se afogue!
Essa também é muito safada; mas meu
consolo está aqui.

(*Bebe.*)

CALIBAN

Não me atormente. Ai!

STEPHANO

O que foi? Temos diabos por aqui? Querem nos fazer mágicas com selvagens e índios? Eu não escapei de me afogar para agora ter medo de suas quatro pernas; já ouvi dizer que ninguém faz recuar um homem decente que ande em quatro pernas; e vão dizer de novo enquanto Stephano respirar pelas narinas.

CALIBAN

O espírito me atormenta. Ai!

STEPHANO

Isto é algum monstro da ilha, com quatro pernas, que pelo que vejo está com febre terçã. Onde diabos terá ele aprendido a nossa língua? Vou dar um pouco de alívio a ele, só por isso. Se conseguir curar ele, domar e chegar a Nápoles com ele, é presente para qualquer imperador que já pisou em couro.

CALIBAN

Por favor, não me torture; eu levo a lenha mais depressa.

STEPHANO

Ele está tendo um ataque, e não fala com muito siso. Deixe só ele provar da minha garrafa. Se nunca bebeu antes, deve quase que acabar com o ataque. Se conseguir curar ele, domar ele e chegar a Nápoles com ele, não vou pedir muito por ele; quem quiser ficar com ele, paga o que quiser, direitinho.

CALIBAN

Até agora, você só me machucou pouco; mas já vem mais, eu sei pela sua tremedeira; isso é o Próspero trabalhando em você.

STEPHANO

Deixa disso; abre a boca; é isto aqui que vai fazer você falar, gato: abre a boca; isto sacode toda a sua tremura, estou dizendo, e de jeito! Você não sabe quando encontrou um amigo: abre a queixada de novo.

TRÍNCULO

Eu devia conhecer essa voz: devia ser… mas ele se afogou; e aqui é tudo demônio: — O céu que me proteja!

STEPHANO

Quatro pernas e duas vozes — é um monstro muito delicado! A voz da frente é, bem, para falar bem dos amigos; a voz de trás é para dizer falas nojentas e desmoralizar. Se todo o vinho da minha garrafa curar ele, eu dou um jeito nos arrepios dele. Vamos! — Amém! Deixa eu botar um pouco mais na outra boca.

TRÍNCULO

Stephano! Se você é Stephano, me pega, fala comigo; pois eu sou Trínculo — não tenha medo —, seu grande amigo Trínculo.

STEPHANO

Se você é Trínculo, apareça; vou te puxar pelas pernas mais curtas: se algumas dessas pernas são de Trínculo, têm de ser estas. E é Trínculo mesmo! Como é que você virou trono desse aborto? Será que ele peida Trínculos?

TRÍNCULO

Eu pensei que ele tinha sido morto por um raio. Mas então você não se afogou, Stephano? Eu espero que não esteja afogado. A tempestade acabou? Eu me escondi debaixo da capa do aborto com medo da tempestade. E você está vivo, Stephano? Puxa, Stephano, dois napolitanos escaparam!

STEPHANO

Por favor, não me vire; meu estômago não está muito firme.

CALIBAN

(*à parte*)
Essas coisas são ótimas, se não forem espíritos. Esse é um deus e tanto, e traz um licor celeste. Vou me ajoelhar para ele.

STEPHANO

Como é que você escapou? Como chegou até aqui? Jura, por esta garrafa, como chegou até aqui. Eu escapei em um tonel de vinho, que um marinheiro jogou no mar, por esta garrafa! Que eu fiz da casca de uma árvore, com minhas próprias mãos, depois que fui jogado na praia.

CALIBAN

Eu juro, por essa garrafa, ser seu súdito fiel; pois esse licor não é deste mundo.

STEPHANO

Aqui; jura, então, como você escapou.

TRÍNCULO

Homem, nadei até a praia, como um pato: eu juro que sei nadar igual a um pato.

STEPHANO

Aqui, beije o livro. Embora você saiba nadar como um pato, é feio igual a um ganso.

TRÍNCULO

Ah, Stephano, você ainda tem mais disto?

STEPHANO

Um tonel inteiro, homem; minha adega está numa rocha na praia, onde está escondido o meu vinho. Como é, aborto? Como estão as tremuras?

CALIBAN

Será que o senhor não caiu do céu?

STEPHANO

Da lua, eu te garanto: antigamente eu era o homem da lua.

CALIBAN

Já vi o senhor nela, e o adoro;
Vi o senhor, o cachorro e o graveto.

STEPHANO

Vamos, jura tudo isso; beija o livro; logo, logo, eu renovarei seu conteúdo.

TRÍNCULO

Pela luz que me alumia, esse é um monstro muito superficial; eu com medo dele? É um monstro fraquinho! O homem da lua! É um monstro muito crédulo! Um bom gole, monstro, pra falar a verdade.

CALIBAN

Eu mostro pro senhor todos os recantos férteis da ilha e beijo os seus pés. Por favor, seja o meu deus.

TRÍNCULO

Pela luz que me alumia, um monstro muito pérfido e bêbado! Quando o deus dele dormir, ele vai e rouba a garrafa dele.

CALIBAN

Eu beijo os seus pés; eu juro que vou ser súdito.

STEPHANO

Então, vem logo: abaixa e jura.

TRÍNCULO

Eu vou morrer de rir com esse filhotinho de monstro. Um monstro muito do xexelento! Tenho a impressão que podia dar uns bons sopapos nele.

STEPHANO

Vem. Beija.

TRÍNCULO

Mas aquele pobre monstro está de porre. Um monstro abominável.

CALIBAN

Mostro as melhores fontes, colho frutas,
Pesco para o senhor, carrego lenha.
Que a peste leve o tirano que sirvo!
Não dou lenha pra ele, só pr'ocê,
Que é homem maravilhoso.

TRÍNCULO

Um monstro muito ridículo, a fazer desse bêbado uma maravilha!

CALIBAN

Deixa eu mostrar onde tem caranguejo;
Com minhas unhas eu cavo coquinhos;
Eu sei onde tem ninho e ainda ensino
A apanhar o mico mais arteiro;
Eu mostro as avelãs e às vezes pego
Pintassilgo filhote. Vem comigo?

STEPHANO

Pois então peço que mostre o caminho, e chega de conversa. Trínculo, o rei e toda a nossa companhia estando afogados, nós ficamos herdeiros aqui: toma aqui; você carrega a minha garrafa; camarada Trínculo, daqui a pouco nós enchemos ela de novo.

CALIBAN

(*canta, bêbado*)
Adeus, meu amo; adeus, adeus!

TRÍNCULO

Um monstro que uiva! Um monstro bêbado!

CALIBAN

Cercar peixe, nunca mais;
Lenha não pego nem acendo,
Só porque ele está querendo;
Seus pratos não lavo mais.
Ban, ban, ban, Caliban

Tem amo novo amanhã.
Liberdade, viva! Viva a liberdade!
Liberdade, vivoooooô!

STEPHANO

É um monstro e tanto! Mostra o caminho.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Diante da cela de Próspero

(*Entra Ferdinand, carregando uma acha de lenha.*)

FERDINAND

Há esportes cujo dolorido esforço
O prazer paga; e assim com nobreza
Se cumpre a humilhação; o vil começo
Aponta um rico fim. Esta tarefa
Deveria trazer seu peso em ódio;
Mas a que sirvo faz dos mortos vivos,
E do labor, prazer. Ela é dez vezes
Mais delicada que seu pai amargo
E rude em tudo. Eu devo carregar
Milhares dessas toras e empilhá-las,
Sob ameaça horrível; minha amada
Chora me vendo e diz que o que é tão baixo
Jamais coube a um nobre. Eu me distraí:
Mas pensar nisso adoça a minha dor,
E faço mais, pensando.

(*Entra Miranda. Próspero a distância, invisível.*)

MIRANDA

Por favor,
Trabalhe menos: quem me dera os raios
Queimassem toda a lenha que hoje empilha!
Peço que pouse e descanse: ao arder
A lenha vai chorar porque o cansou.
Meu pai 'stá lendo; venha descansar;
Sempre fica três horas.

FERDINAND

Cara amada,
O sol cairá antes que eu cumpra tudo
Que preciso fazer.

MIRANDA

Mas se sentar-se,
Por um pouco eu carrego. Dê-me isso;
Eu levo até a pilha.

FERDINAND

Não, preciosa.
Eu quebro as costas, rompo meus tendões,
Antes de a ver passar por tal desonra,
E eu à toa.

PRÓSPERO

Coitada, está perdida!
Esta visita o mostra.

MIRANDA

Está cansado!

FERDINAND

Não, nobre amada. Pra mim é manhã
Até de noite, a seu lado; e só peço —
Primeiro, pra invocá-lo em minhas preces —
Qual o seu nome?

MIRANDA

Miranda. Ah, meu pai…

Já disse muito.

FERDINAND

Admirada Miranda!
Auge de toda admiração! Que vale
os tesouros do mundo! Muitas damas
Já vi com belo aspecto, e muita vez
Suas doces vozes já aprisionaram
Meus ouvidos dispostos; e eu gostei
Em várias moças de variados dotes:
Mas sempre em suas almas um defeito
Brigava com a maior de suas graças
E as destruía. Mas você, você,
Tão perfeita e sem-par foi concebida
Com o melhor que há em todas.

MIRANDA

Não conheço
A ninguém de meu sexo; nem me lembro
De rosto de mulher senão aquele
Que num espelho eu vejo; e nunca vi
Quem possa chamar homem, meu amigo,
Senão você e meu pai. Qual o aspecto
De outros não sei, mas por minha modéstia,
A joia do meu dote, eu não desejo
Senão você pra parceiro no mundo;
Nem posso imaginar forma nenhuma
Senão a sua pr'eu gostar. Mas falo
Como uma tola, e o que ensinou meu pai
'Stou esquecendo.

FERDINAND

Eu sou, por posição
Um príncipe, Miranda; e, creio, um rei.
Quem dera não! Nem tampouco eu aturo
A escravidão da lenha mais disposto
Que a ter moscas na boca. Eis minh'alma.
No instante em que a vi, meu coração
Ficou ao seu serviço; ele lá vive

Pra me fazer escravo; e por você
Carrego lenha.

MIRANDA

Mas você me ama?

FERDINAND

Céus e terras, ouvi, quais testemunhas,
E coroai com bem o que professo,
Se o que digo é verdade! Se for falso,
Que vire mal o bem a mim fadado.
Eu, para além dos limites do mundo,
A amo, prezo e amo.

MIRANDA

E eu sou tola
Por chorar de alegria.

PRÓSPERO

Belo encontro
De raras afeições! Que chovam bênçãos
No que juntos criarem!

FERDINAND

Por que chora?

MIRANDA

O não ter méritos pra oferecer
O que desejo dar, nem pra aceitar
O que morro não tendo. Isso é tolice
Que quanto mais procura se esconder
Mais se mostra. Isso é ardil de sonsa!
Que me acuda a inocência pura e santa!
Sou sua esposa, se quiser casar:
Se não, morro sua serva: o ser igual
Você pode negar; mas vou servi-lo
Quer você queira ou não.

FERDINAND

Minha senhora;
E eu, humilde servo.

MIRANDA

Meu marido?

FERDINAND

Meu coração o quer tanto
Quanto o escravo o ser livre. Eis minha mão.

MIRANDA

A minha e o meu coração; adeus,
Até uma meia hora.

FERDINAND

Adeus mil vezes!

(*Saem Miranda e Ferdinand, separadamente.*)

PRÓSPERO

Não posso estar tão feliz quanto estão,
Assim surpreendidos; porém nada
Me alegraria tanto. Ao livro, agora;
Pois tenho de fazer, até a ceia,
Muita coisa que importa.

(*Sai.*)

Cena II — Um outro ponto da ilha.

(*Entram Caliban, Stephano e Trínculo.*)

STEPHANO

Cale a boca — quando acabar o tonel bebemos água, mas nem uma gota antes: portanto é içar e atracar. Criado-monstro, beba a mim!

TRÍNCULO

Criado-monstro! A loucura desta ilha! Dizem que só há cinco na ilha; nós somos três deles; se os outros dois tiverem bestunto

igual ao nosso, o Estado desaba.

STEPHANO

Beba, criado-monstro, quando eu mandar: os seus olhos estão quase acertados na sua cabeça.

TRÍNCULO

E onde deveriam eles se acertar? Ia ser um monstro muito importante se eles se acertassem no rabo.

STEPHANO

Meu homem-monstro afogou a ilha em vinho: do meu lado, não há mar que me afogue; eu nadei, antes de chegar na praia, umas trinta e cinco léguas, entre parar e andar. Pela luz que me alumia, você vai ser meu tenente, monstro, ou então meu porta-bandeira.

TRÍNCULO

Melhor tenente; não há porta para ele.

STEPHANO

Ninguém aqui vai correr, *Monsieur* Monstro.

TRÍNCULO

E nem andar tampouco; vai deitar, como cachorro, sem dizer nada.

STEPHANO

Mentecapto, fala uma vez na vida, se você é mentecapto dos bons.

CALIBAN

Como vai a Sua Honra? Deixa eu lamber seu sapato; a ele eu não sirvo, ele não é valente.

TRÍNCULO

Mentira, monstro ignorantíssimo: eu estou em condições de brigar com uma polícia. Ora, seu peixe, debochado, alguma vez algum covarde conseguiu beber o que eu bebi hoje? E você conta uma mentira monstruosa dessas, sendo meio peixe e meio monstro?

CALIBAN

Olha só como ele zomba de mim! E o senhor vai deixar, meu amo?

TRÍNCULO

Meu amo, disse ele? Como é que um monstro pode ser tão pateta?

CALIBAN

Olhe só! De novo! Mata ele de dentadas, por favor!

STEPHANO

Trínculo, dobre a língua! Se der uma de amotinado, vai para a primeira árvore! O pobre do monstro é meu súdito, não de sofrer indignidades.

CALIBAN

Agradeço ao meu nobre amo. Fará o senhor o favor de relembrar o pedido que eu lhe apresentei?

STEPHANO

Claro que sim; ajoelhe-se e repita; eu o escutarei de pé, eu e o Trínculo.

(*Entra Ariel, invisível.*)

CALIBAN

Como já disse antes, sou súdito de um tirano, um bruxo, que com seus ardis me surrupiou esta ilha.

ARIEL

Está mentindo.

CALIBAN

Você é que está mentindo, macaco piadista: só queria que o meu amo valente o destruísse! Eu não estou mentindo.

STEPHANO

Trínculo, se continuar a atrapalhar a história dele, por esta mão que te suplanto uns dentes.

TRÍNCULO

Ora, eu não disse nada.

STEPHANO

Então, quieto; chega. Prossiga.

CALIBAN

Disse por mágica tomou-me a ilha;

Tomou de mim. E se a Vossa Grandeza
Me vingar dele — como eu sei que ousa,
Mas essa coisa não…

STEPHANO

Lá isso é certo.

CALIBAN

Vai ser senhor de tudo, e eu o sirvo.

STEPHANO

Como é que eu vou fazer? Pode me levar até o indivíduo em questão?

CALIBAN

Posso, meu amo: eu o entrego dormindo,
Pr'enfiar na cabeça dele um prego.

ARIEL

Está mentindo; não pode.

CALIBAN

Que idiota malhado! Bobo sórdido!
Peço a Vossa Grandeza, bate nele
E tire-lhe a garrafa; pois sem ela
Só bebe água salgada, que eu não mostro
As fontes de água fresca.

STEPHANO

Trínculo, não procure mais perigo: se interromper o monstro com mais uma palavra, por esta mão que o enxoto pra fora da piedade, e te achato igual a peixe seco.

TRÍNCULO

Mas o que é que eu fiz? Eu não fiz nada! Vou ficar mais longe.

STEPHANO

Não disse que ele estava mentindo?

ARIEL

Você está mentindo.

STEPHANO

Ah, estou? Pois tome isso.
(*Bate nele.*)
Se gostou, torne a dizer que estou mentindo.

TRÍNCULO

Eu não disse que você estava mentindo. Será que perdeu o juízo e o ouvido também? Dane-se a sua garrafa! É isso que vinho e bebida fazem! Que a peste o pegue, monstro, o diabo leve os seus dedos!

CALIBAN

Ha, ha, ha!

STEPHANO

Agora, continue com sua história. Por favor, fique mais longe.

CALIBAN

Bate nele; e assim, depois,
Eu também bato.

STEPHANO

Mais longe. Prossiga.

CALIBAN

Como eu já disse, ele tem o costume
De cochilar de tarde; e nessa hora
Há de poder espirrar o seu cérebro.
Mas, antes, tira os livros. Com uma acha
Amassa o crânio, ou rasga com pancada,
Ou corta a goela com a faca. Só lembra
De pegar primeiro os livros; sem estes
É um tolo igual a mim; sem mais espíritos
Para mandar — todos eles o odeiam,
Igual a mim. É só queimar os livros.
Ele tem utensílios — como os chama —
Para arrumar se um dia tiver casa.
Mas o que tem de se pensar mais fundo
É na beleza da filha. Ele mesmo
A chama de sem igual; nunca vi
Fêmea além dela e da mãe, Sycorax;
E digo: ela supera Sycorax
Como o maior o menor.

STEPHANO

É tão linda?

CALIBAN

Sim, senhor; vai honrar a sua cama,

E é garantida de dar boa cria.

STEPHANO

Monstro, vou matar esse homem: a filha e eu seremos rei e rainha — se faz favor —, e Trínculo e você serão vice-reis. Gostou do enredo, Trínculo?

TRÍNCULO

Excelente.

STEPHANO

Dá cá a mão. Sinto ter te batido; mas se quer ficar vivo, dobra essa língua.

CALIBAN

Em meia hora ele estará dormindo:
Vai destruí-lo, então?

STEPHANO

Dou a palavra.

ARIEL

Isso eu hei de contar a meu amo.

CALIBAN

Você me alegra; estou que é só prazer:
Vamos gozar! Quer cantar o refrão
Que me ensinou ainda ontem?

STEPHANO

A seu pedido, monstro, eu faço o razoável. Vamos,
Trínculo, vamos cantar!
(*Cantam.*)
Soca eles, toca eles,
Toca eles, soca eles,
Pensar é livre.

CALIBAN

A música não é essa.

(*Entra Ariel, com pequeno tambor e flauta.*)

STEPHANO

Mas o que é isso?

TRÍNCULO

Essa é a música do nosso refrão, tocada pelo retrato de Ninguém.

STEPHANO

Se você é homem, mostre-se como parece; se for diabo, que você se leve!

TRÍNCULO

Ai, perdoai os meus pecados!

STEPHANO

Quem morre paga todas as contas: te 'sconjuro!
Tende piedade de nós!

CALIBAN

Está com medo?

STEPHANO

Não, monstro; eu não.

CALIBAN

Não tenha medo; há ruídos na ilha,
Sons, árias doces; dão gosto e não ferem.
Saibam que às vezes, mil cordas tangidas
Murmuram-me no ouvido; outras, vozes
Que, se eu acordo depois de um bom sono,
Me adormecem de novo; e então, sonhando,
Nuvens que se abrem mostram-me tesouros
Prontos pra chover em mim e, acordando,
Choro para sonhar de novo.

STEPHANO

Isto vai ser um ótimo reino para mim, onde vou ter minha música de graça.

CALIBAN

Quando Próspero for destruído.

STEPHANO

O que vai ser já, já. Lembro da história.

TRÍNCULO

O som está indo embora, vamos segui-lo e fazer depois nosso trabalho.

STEPHANO

Na frente, monstro. Nós seguimos. Eu queria era ver esse tamborador; ele sabe o que faz.

TRÍNCULO

Como é, não vai? Eu vou atrás, Stephano.

(*Saem.*)

Cena III — Outra parte da ilha.

(*Entram Alonso, Sebastian, Antônio, Gonzalo, Adrian, Francisco etc.*)

GONZALO

Pela Virgem, senhor; mais nem um passo;
Doem-me os ossos: isto é um labirinto,
Tantas retas e curvas! Por favor,
Preciso repousar.

ALONSO

Não o condeno,
Meu velho, se eu também estou exausto;
Co'a mente tonta; sente-se e descanse.
Aqui descarto a esperança, e a dispenso
De minha aduladora; ele afogou-se,
O que buscamos. Que se vá.

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
É muito bom perder ele a esperança.
Por um fracasso, não esqueça o alvo
Que planejou galgar.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
De uma outra
Vamos até o fim.

ANTÔNIO

(*à parte, para Sebastian*)
Hoje de noite,
Pois estando cansados da viagem
Não poderão manter a vigilância
De quem 'stá fresco.

SEBASTIAN

(*à parte, para Antônio*)
Esta noite. Silêncio.

(*Música solene e estranha; e Próspero ao alto [invisível]. Entram várias formas estranhas, trazendo um banquete; e dançam em torno, com ações delicadas de saudação; e, convidando o rei etc. a comer, saem*.)

ALONSO

Que harmonia é essa? Amigos, ouçam!

GONZALO

Que doce maravilha é a música!

ALONSO

Que os anjos nos protejam! Quem são esses?

SEBASTIAN

Um *guignol* vivo. Agora eu acredito
Que o unicórnio existia; e que na Arábia
Um tronco é trono pro fênix, e um fênix
Reina lá nesta hora.

ANTÔNIO

Eu creio em ambos;
E tudo o mais em que se duvidar,
Que venha a mim e eu juro ser verdade.
Viajante nunca mente, embora os tolos
Os condenem em casa.

GONZALO

Se eu em Nápoles
Relatasse isto tudo, quem creria?
Eu podia dizer: vi tais ilhéus —
Pois na certa esses são gente da ilha —
Que apesar de ter formas monstruosas
Têm modos mais bondosos e gentis
Do que em boa parte, quase todas,
Das gerações humanas que conheço.

PRÓSPERO

(*à parte*)
Disse bem, Lord honesto; e alguns aqui
São piores que demos.

ALONSO

Eu não me canso
De admirar formas, gestos, sons, que expressam
Mesmo sem usar língua, alguma espécie
De bela fala muda.

PRÓSPERO

(*à parte*)
Aplauda ao fim.

FRANCISCO

Foram-se de forma estranha.

SEBASTIAN

Não importa;
Ficou o que comer, e temos fome.
Senhor, não quer provar da ceia?

ALONSO

Eu, não.

GONZALO

Não há o que temer. Quando meninos,
Quem creria que houvesse montanheses
Com barbelas de touro e a garganta
Com sacos de pelanca; ou também homens
Com a cabeça no peito? E hoje não temos
Viajantes que já foram comprová-lo,

Só por apostas?

ALONSO

Pois irei à ceia;
Talvez a última; eu sinto mesmo
Que o melhor já passou. Meu irmão duque,
Sirva-se, como nós.

(*Raios e trovões. Entra Ariel de Harpia; bate as asas sobre a mesa, e por um recurso pitoresco o banquete some.*)

ARIEL

Vejo três pecadores. Que o Destino —
Que tem de instrumentar o mundo baixo
E o que há nele — o mar insaciável
Os fez cuspir pra fora, e nesta ilha
Onde não vive o homem — se entre os homens
Não merecem viver. Deixei-os loucos,
Com a bravura co'a qual homens se enforcam!
E inda se afogam.
(*Alonso e os outros puxam das espadas.*)
Tolos! Somos todos
Ministros do Destino: os elementos
Que temperam seu aço podem, antes,
Ferir os ventos, que riem dos golpes,
Matar as águas, ou tirar um fio
Das minhas plumas: meus irmãos-ministros
São intocáveis. Mesmo que não fossem,
Suas espadas estão tão pesadas
Que nem as podem levantar. Mas lembrem-se —
Pois esse é o meu aviso — vocês três,
Em Milão suplantaram o bom Próspero,
Expuseram ao mar, que hoje o pagou,
Ele e a filhinha; por tal crime horrendo,
Forças que tardam mas que não esquecem

Provocaram mar, praia e criaturas
Contra sua paz. Alonso, de seu filho
Já o privaram; e esta é a sentença:
Que lenta perdição — sempre pior
Que morte rápida — aos poucos domine
Você e o que faz; contra sua ira —
Que nesta ilha triste, de outro modo,
Cai na sua cabeça — só existem
O coração partido e a vida pura.

(*Ele desaparece com trovões; depois, com música suave, tornam a entrar as formas, com requebros e caretas, levando a mesa.*)

PRÓSPERO

Fez muito bem esse papel de Harpia,
Meu Ariel, atacava com graça.
De minhas ordens não tirou um nada,
No que tinha a dizer; e bem cumpriram,
Com estranha visão, os meus ministros,
As tarefas que tinham. Meus encantos
Conseguiram juntar meus inimigos
Ensandecidos; 'stão em meu poder,
E os deixo, tontos, enquanto visito
O Ferdinand que julgam afogado —
E a que ele e eu amamos.

GONZALO

Mas pelos céus, senhor, por que está assim,
Com olhar estranho?

ALONSO

Sim, é monstruoso!
Me pareceu que as ondas me apontavam;
O vento contou cantando; e o trovão,
Órgão profundo e terrível, gritou
O nome Próspero: clamam meu crime.

Por isso jaz o meu filho no limo,
E o buscarei mais fundo do que um prumo
Pra lá jazer com ele.

(*Sai.*)

SEBASTIAN

Um por um,
Eu venço legiões.

ANTÔNIO

Sou seu segundo.

(*Saem Antônio e Sebastian.*)

GONZALO

Os três se desesperam: sua culpa,
Qual veneno que adia o seu efeito,
Ora lhes morde a alma. E eu lhes peço,
Que por serem mais ágeis sigam logo,
E impeçam-nos do que êxtase tal
Neles provoque.

ADRIAN

Por favor, nos siga.

(*Saem todos.*)

ATO IV

Cena I — Diante da cela de Próspero.

(*Entram Próspero, Ferdinand e Miranda.*)

PRÓSPERO

Se o puni co'excessiva austeridade,
O seu prêmio o compensa, já que eu
Aqui lhe dei de minha vida um terço
De tudo por que vivi; e que outra vez
O entrego à sua mão: seus sofrimentos
Foram só provas pro amor; e você
Estranhamente resistiu à prova:
Pelos céus ratifico o meu presente.
Ferdinand, não sorria se me gabo;
Pois há de ver que ela supera as loas
Que ficam para trás.

FERDINAND

Eu creio nisso,
Mesmo contra um oráculo.

PRÓSPERO

Presente meu, mas sua aquisição,
Com mérito comprada, eis minha filha;
Mas se quebrar o nó da virgindade
Antes que o santo cerimonial
Como todo o rito seja ministrado,
Que os céus retenham a doce aspersão
Que torna a boda fértil; o ódio estéril,
O negro olhar do desdém e a discórdia
Cubram de tais horrores o seu leito
Que a ele ambos odeiem: pela luz
Do Himeneu, tome tento.

FERDINAND

Como anseio
Por dias calmos, filhos, longa vida
Com o amor intocado, nenhum antro,

Local conveniente ou sugestão
De nosso lado mau há de mudar
Minha honra em desejo, ou macular
O brilho dos festejos desse dia —
Prefiro que os corcéis de Febo manquem
Ou que não venha a noite.

PRÓSPERO

Disse bem.
Converse então com ela, que ela é sua.
Venha, Ariel, meu servo industrioso!

(*Entra Ariel.*)

ARIEL

Que quer, meu forte amo? Aqui 'stou eu.

PRÓSPERO

Você e seus asseclas bem cumpriram
A última tarefa; e quero usá-los
Em outro truque igual. Quero a ralé
Que pus em meu poder neste local:
Mande que ajam rápido, pois eu
Preciso aqui mostrar ao jovem par
Ornatos de arte; eu prometi
E de mim o esperam.

ARIEL

E isso, logo?

PRÓSPERO

Num piscar de olhos.

ARIEL

Antes que diga "venha" ou "vá",
Dê dois respiros ou louvar,
Vamos correr por cá e lá,
Voltando pra rir e brincar.
Como é, meu amor, vai me amar?

PRÓSPERO

Muito, delicado Ariel. E não volte
Enquanto eu não chamar.

ARIEL

Eu compreendi.

(*Sai*.)

PRÓSPERO

Seja fiel; não conceda às carícias
Rédea mui solta: as juras são só palha,
Para o fogo do sangue. Seja abstêmio
Ou adeus juras!

FERDINAND

Senhor, eu garanto;
A neve virgem de meu coração
Segura o ardor do fígado.

PRÓSPERO

'Stá bem.
Vamos, Ariel; eu quero uma guirlanda,
Não um espírito: Venham depressa!
Língua, não! Só olhos! Silêncio!

(*Música suave. Entra Íris*.)

ÍRIS

Fértil Ceres, tua planície cheia
De feno, trigo, cevada e areia,
Teus montes verdes, teu carneiro arisco
Que some e busca teto em seu aprisco,
Tuas margens, de flores guarnecidas,
Que abril, sempre molhado, faz sortidas
Pra coroar as fadas; tua rama,

Onde se abriga o infeliz que ama
Sem ter amada; tua vinha podada;
O mar, a costa estéril e empedrada
Que te areja; — a rainha do céu,
De quem arco e mensageiro sou eu,
Ordena-te que os deixes, e com graça.
(*Entra Juno*.)
Aqui no campo verde desta praça
Venhas brincar: já voam seus pavões;
Vem, rica Ceres, dar-lhes diversões.

(*Entra Ceres*.)

CERES

Salve arauto de cores que por nada
Diz não de Júpiter à esposa amada:
E co'asas de açafrão, nas florezinhas
Pinga com o mel de uma chuva fininha,
E que com o arco azul inda coroa
Meus bosques verdes, minha seca à toa,
Adorno da terra, por que me chama
Tua rainha ao verde desta grama?

ÍRIS

Pra celebrar um contrato de amor
Fazendo um dom, qual marca de favor
Ao par abençoado!

CERES

Arco celeste,
Será Vênus ou Eros, já soubeste
Quem serve a rainha? Depois de tramar
Pra minha filha a Dis sombrio dar
A companhia dela e do menino
Eu abjurei.

ÍRIS

De sua sociedade
Não tenha medo: eu vi a divindade
Voando para Pafos com o menino,
Pombos puxando o carro pequenino,
E tramavam encantos contra o par
Que fez juras de em leito não pecar
Até o himeneu. Tudo gorou
E o querido de Marte já voltou.
Quebrando as flechas, o menino jura
Que não atira mais, e é criança
Que brinca com aves.

CERES

Grande rainha,
Aí vem Juno. Eu sei como caminha.

JUNO

Como está, minha irmã? E agora venha
Dar ao par sua bênção, pra que tenha
Só honra em sua prole.
(*Elas cantam.*)
Honra, ouro, benta boda,
Cresçam pela vida toda.
Que plantios sempre cresçam
Juno canta a sua bênção.

CERES

Da terra frutos sadios,
Jamais celeiros vazios,
Vinhas por cachos pesadas,
Plantas com frutos curvadas,
Primavera deixe feita
A riqueza da colheita!
E a falta seja afastada
Por bênção por Ceres dada.

FERDINAND

Essa visão é das mais majestosas,

Por encanto e harmonia. Ouso pensar
Sejam espíritos?

PRÓSPERO

Sim, que minh'Arte
Fez vir de seus confins para encenar
Meus devaneios.

FERDINAND

Eu aqui pra sempre
Quero viver com pai tão sábio e mágico,
Que cria um paraíso.

(*Juno e Ceres sussurram e dão instruções a Íris*.)

PRÓSPERO

Quieta, amada!
Juno e Ceres trocam seriedades;
Algo vem por aí; fiquemos mudos,
Pra não quebrar o encanto.

ÍRIS

Náiades, ninfas de rios tortuosos,
Coroadas de flores, olhos bondosos
Deixem as águas e na terra amena
Atendam Juno que a vocês ordena:
Sensatas ninfas, venham celebrar
Esse pacto de amor, sem se atrasar.
(*Entram certas ninfas*.)
Ceifadores queimados por agosto,
Deixando o arado, venham ter seu gosto
Com seus chapéus de palha, bem contentes,
E, como as ninfas, juntem-se aos presentes
Numa dança campestre.

(*Entram certos ceifadores, devidamente trajados, que se juntam às ninfas numa dança graciosa, mais para o fim da qual Próspero, num repente,*

fala; depois do que, ao som de um barulho estranho, oco e confuso, eles desaparecem pesadamente.)

PRÓSPERO

(*à parte*)
Esqueci-me da vil conspiração
De Caliban e seus confederados
Pra me matar. A hora de seu plano
Quase chegou.
(*para os espíritos*)
Muito bem, e ora, vão!

FERDINAND

Que estranho! O seu pai 'stá perturbado
Por grande emoção.

MIRANDA

Eu nunca, até hoje,
O vira irado, tão destemperado.

PRÓSPERO

Você parece, filho, algo afetado,
Talvez desapontado. Mas alegre-se.
Nossa festa acabou. Nossos atores,
Que eu avisei não serem mais que espíritos,
Derreteram-se em ar, em puro ar;
E, como a trama vã desta visão,
As torres e os palácios encantados,
Templos solenes, como o globo inteiro,
Sim, tudo o que ela envolve, vai sumir
Sem deixar rastros. Nós somos do estofo
De que se fazem sonhos; e esta vida
Encerra-se num sono. 'Stou aflito,
Sou fraco e tenho a mente perturbada;
Não se incomode com a minha doença;
Por fineza, retirem-se pra cela,
Pra descansar; eu vou andar um pouco
Para acalmar a mente.

FERDINAND E MIRANDA

E tenha paz.

(*Saem.*)

PRÓSPERO

A terei logo, obrigado. Ariel!

(*Entra Ariel.*)

ARIEL

Eu sirvo o seu pensar. Que quer?

PRÓSPERO

Espírito,
Pra enfrentar Caliban nos preparemos.

ARIEL

Sim, comandante; e quando trouxe Ceres,
Pensei falar-lhe nisso; não o fiz
Por medo de irritá-lo.

PRÓSPERO

Mas aonde deixou esses canalhas?

ARIEL

Como disse, senhor, estavam bêbados;
Uns valentões que golpeiam o ar
Por soprar em seus rostos; dão no chão
Por lhes beijar os pés; mas sempre atentos
Ao plano perfeito. Eu bati meu tambor
E, refugando e com orelha em pé,
Esticaram os olhos e o nariz,
Que cheirou música; e nesse encanto
Os bezerros seguiram meu mugido
Por carrapicho, espinho, urzes afiadas
Que picaram as canelas: ficaram

Na poça podre atrás da sua cela
Dançando no fedor que o lago sujo
Lhes jogara nos pés.

PRÓSPERO

Muito bem, pássaro.
E permaneça na forma invisível:
Vá buscar meus engodos guardados;
São isca pra ladrão.

ARIEL

Já vou, já vou.

(*Sai.*)

PRÓSPERO

E um demônio nato, cuja têmpera
Nenhum tempero educa; os meus esforços,
Humanamente feitos, 'stão perdidos.
Com o seu corpo que o tempo enfeou,
A mente apodreceu. Vou persegui-los
Até que gritem.
(*Volta Ariel carregando roupagens brilhantes etc.*)
Prenda-as nessa linha.

(*Próspero e Ariel ficam invisíveis. Entram Caliban, Stephano e Trínculo, molhados.*)

CALIBAN

Por favor, pisem de leve, para a toupeira cega não ouvir os passos: estamos perto da cela.

STEPHANO

Monstro, a sua fada, que você diz que é um fado inofensivo, até agora só fez molecagem conosco.

TRÍNCULO

Monstro, eu estou cheirando a mijo de cavalo, com o quê meu nariz se sente muito indignado.

STEPHANO

O meu também. Ouviu, monstro? Se eu começo a sentir desprazer com você, fique sabendo…

TRÍNCULO

Você virava um monstro perdido.

CALIBAN

Meu amo, não me tire o seu favor;
Tenha paciência; o prêmio que terá
Compensa todo mal; mas fale baixo,
'Stá tudo quieto como a meia-noite.

TRÍNCULO

É; mas perder as garrafas na lagoa…

STEPHANO

Nisso não há só desgraça e desonra, monstro, mas também uma perda sem fim.

TRÍNCULO

É muito pior do que ficar molhado; esse é que é o seu fado inofensivo, monstro.

STEPHANO

Vou buscar minha garrafa de volta, nem que por meu trabalho me afunde até as orelhas.

CALIBAN

Meu rei, quieto, por favor. Olhe aí:
É a boca da cela; entre em silêncio.
Com uma boa maldade ganhe a ilha,
Para a ter para sempre, e Caliban,
Pra lamber suas botas.

STEPHANO

Aperte aqui. Já estou pensando sangue.

TRÍNCULO

Oh, rei Stephano! Oh, nobre! Oh, grande Stephano!
Veja só que grande guarda-roupa tem ali pra você!

CALIBAN

Deixe isso aí, idiota. Isso é lixo.

TRÍNCULO

Ah, não, monstro! Nós sabemos o que compensa ir pro brechó. Salve, rei Stephano!

STEPHANO

Tire essa capa, Tríinculo; por esta mão, eu é que quero essa capa.

TRÍNCULO

Vossa Graça a terá.

CALIBAN

Que a peste afogue o idiota. Por que perde
Tempo com trapos velhos? Vamos lá;
Primeiro o assassinato: se ele acorda,
Nos pinica dos pés até a cabeça,
Nos deixa muito esquisitos.

STEPHANO

Fique quieto, monstro. Senhor fio, esse jaleco não é meu? Agora o jaleco ficou embaixo do fio; e agora o jaleco, que está sem fio, vai ser um jaleco careca.

TRÍNCULO

Isso mesmo. Nós roubamos o fio do fio, que é como vai ser a sua salvação.

STEPHANO

Gostei do chiste; tome aqui uma roupa por ele: ninguém deixará de ser premiado quando eu for rei deste país. "Roubamos o fio do fio" é ótimo para a careca; tome só uma outra roupa por ele.

TRÍNCULO

Monstro, passa um fio de visco nos dedos e pega o resto todo.

CALIBAN

Não quero nada; vamos perder tempo
Virados em carunchos e macacos,
Com testas muito estreitas.

STEPHANO

Monstro, mãos à obra: ajude a carregar isto para onde está meu tonel de vinho; ou o ponho pra fora do meu reino: vamos, carregue isto.

TRÍNCULO

E isto.

STEPHANO

Isso; e mais isto.

(*Ouve-se ruído de caçadores. Entram diversos espíritos na forma de cachorros e cães de caça, farejando tudo por perto, com Próspero e Ariel a atiçá-los.*)

PRÓSPERO

Vamos, Montanha, vamos!

ARIEL

Prata, lá vai ele, Prata!

PRÓSPERO

Fúria! Fúria! Ali, Tirano, ali! Avante! Avante!
(*Caliban, Stephano e Trínculo são postos para fora.*)
Digamos aos gnomos que lhes vão nas juntas
Com tiques secos; prendam seus tendões
Com cãibras; e que os deixem mais pintados
Que onça de montanha.

ARIEL

Escute os gritos!

PRÓSPERO

Que sejam bem-caçados. Nesta hora
Meus inimigos 'stão nas minhas mãos;
Logo finda o meu trabalho; e você
'Stará livre no ar. Só por um pouco
Siga-me para me servir.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Diante da cela de Próspero.

(*Entram Próspero, em roupas mágicas, e Ariel.*)

PRÓSPERO

Agora os meus projetos vêm a furo:
Meus encantos não falham, meus espíritos
Obedecem a tempo. Que horas são?

ARIEL

São seis; exatamente a hora, amo,
Que disse terminar nosso trabalho.

PRÓSPERO

Disse, quando criei a tempestade.
Como estão o rei e a corte?

ARIEL

Retidos,
Todos juntos, assim como ordenou,
E os deixou; estão presos, senhor,
Pelo visgo que guarda a sua cela;
Sem ordem sua, não mexem. O rei,
O seu irmão e o dele estão perplexos.
Os outros se lamentam, junto a eles,
Transbordantes de dor; e mais que todos
Aquele a quem chamou "o bom Gonzalo"
Suas lágrimas correm pela barba
Como neve no inverno. O seu encanto
Tanto os afeta que os vendo teria
Tocado o sentimento.

PRÓSPERO

Acha, espírito?

ARIEL

Se humano, eu teria.

PRÓSPERO

E o meu terá.
Se você, que é só ar, fica afetado
Por suas aflições, não hei-de eu,
Que sou da espécie deles, e que nutro

Paixões iguais, sentir mais que você?
Os crimes deles me tocaram fundo,
Mas co'a razão, mais nobre, contra a fúria
Tomo partido: a ação mais rara
'Stá na virtude, mais que na vingança:
Se estão arrependidos, meu intento
Não franze mais o cenho. Vá soltá-los:
Quebro o encanto, lhes restauro o senso,
E serão eles mesmos.

ARIEL

Vou buscá-los.

(*Sai.*)

PRÓSPERO

Oh, elfos das colinas, rios, vales,
Que sem jamais deixar marcas na areia,
A fuga de Netuno perseguis
E cavalgais a glória do refluxo!
Oh, vós, semidemônios que talhais
O leite que não bebem as ovelhas,
E vós, cuja alegria à meia-noite
É fazer cogumelos que jubilam
Se a noite chega; por cuja arte —
Embora fosseis vós bem fracos mestres —
Escureci o sol do meio-dia,
O tumulto dos ventos conclamei,
Entre o verde do mar e o azul do céu
Criei a guerra, e ainda incendiei
O trovão que alucina, estraçalhando
De Júpiter o tronco do carvalho
Com o próprio raio — e o vasto promontório
Sacudi; e das bases arranquei
O pinho e o cedro; sob o meu comando

As tumbas libertaram seus defuntos,
Graças à minha arte. Mas tal mágica
Aqui renego; e quando houver pedido
Divina música — como ora faço —
Para alcançar meus fins pelos sentidos
Que tal encanto toca, eu quebro a vara,
A enfio muitas braças dentro à terra
E mais profundo que a mais funda sonda
Enterrarei meu livro.

(*Música solene. Aqui entra Ariel como antes; depois Alonso, com gesto frenético, atendido por Gonzalo; Sebastian e Antônio da mesma maneira, atendidos por Adrian e Francisco. Entram todos no círculo que Próspero fez, e ficam parados, presos por encanto; e Próspero, observando, fala.*)

Uma ária grave, que é o que mais conforta
A fantasia em caos, cure seus cérebros
Ora sem uso, queimando o crânio!
Parem, dentro do encanto,
Santo Gonzalo, honrado cavalheiro,
Meus olhos, só pela visão dos seus,
Pingam de amor. O encanto se dissolve;
E, como a aurora surpreende a noite
Derretendo o negror, os seus sentidos
Renascem e começam a banir
A névoa de ignorância que ora encobre
A razão clara. Ah, meu bom Gonzalo,
Meu salvador, mas súdito leal
Do a quem serve! Hei de pagar suas graças
Com palavras e atos. Com crueldade,
Usaste, Alonso, a mim e a minha filha;
O teu irmão foi cúmplice do ato.
Sebastian, hoje o pagas. Consanguíneo,

Você, irmão, cuja ambição baniu
Natureza e remorso, com Sebastian —
Tendo por isso as culpas mais terríveis —
Ia matar seu rei; eu o perdoo,
Por anormal que seja. O raciocínio
Já cresce neles; e a maré dessa enchente
Em breve toma a praia da razão,
Ora infecto lamaçal. Nenhum deles,
Nenhum me vê e nem conhece. Ariel,
Pegue na cela meu chapéu e adaga:
Tiro esta casca para apresentar-me
Como outrora em Milão; depressa, espírito;
Em breve estará livre.

(*Ariel canta e ajuda-o a vestir-se.*)

ARIEL

Onde sugam, vou sugar:
Nesta flor eu vou deitar;
Quando a coruja cantar.
No morcego eu vou voar
Pro verão eu ir buscar.
E alegre, muito alegre eu vou viver
Sob a flor que do galho eu vi pender.

PRÓSPERO

Esse é o meu Ariel; vou sentir falta,
Mas você será livre. Assim, assim.
Ao navio do rei; sempre invisível!
Vai encontrar dormindo os marinheiros
No porão, com o Mestre e o Contramestre.
Já acordados, traga-os para cá.
E logo, por favor.

ARIEL

Eu sugo o ar que enfrento e estou de volta

Antes que o pulso lhe bata duas vezes.

(*Sai.*)

GONZALO

Toda aflição, deslumbramento e espanto
Moram aqui: que o céu nos leve embora
Desta terra de medos.

PRÓSPERO

Senhor rei,
Eis o duque banido de Milão;
Pra lhe mostrar que é um príncipe bem vivo
Que aqui lhe fala, eu abraço o seu corpo;
E a si e à sua companhia eu dou
As boas-vindas.

ALONSO

Seja ele ou não,
Ou seja aparição pra me iludir,
Como já me fizeram, eu não sei.
Seu pulso bate, como em carne e osso;
Ao vê-lo a minha mente se curou
Que, temo, estava louca: tudo fala —
Se é que é verdade — de uma estranha história.
Seu ducado eu devolvo, e só lhe imploro
Que perdoe o meu erro — mas por que
Vive Próspero aqui?

PRÓSPERO

Antes, amigo,
Abraço sua velhice, cuja honra
Não pode ser medida.

GONZALO

Se isto tudo
Existe ou não, não sei.

PRÓSPERO

Ainda provam
Alguns truques da ilha que não deixam
Se ter certeza. Amigos, são bem-vindos!
(*à parte, a Sebastian e Antônio*)
Os senhores, Milordes, se eu quisesse,
Poderia fazer que Sua Alteza
Irado os conhecesse por traidores.
Mas por enquanto não conto o que sei.

SEBASTIAN

(*à parte*)
O demo fala nele.

PRÓSPERO

Não; você
Tão vicioso que chamá-lo irmão
Me infectaria a boca, eu perdoo,
E a todos os seus crimes — mas reclamo
De você meu ducado que, por força,
Me há de restaurar.

ALONSO

Se é o duque Próspero,
Conte em detalhe como se salvou;
E como aqui nos trouxe que, há três horas,
Na costa naufragamos; e eu perdi —
Que pontada de dor é só lembrá-lo —
O meu filho querido.

PRÓSPERO

Eu o lamento.

ALONSO

A perda é irreparável; e a paciência
Me diz que não há cura.

PRÓSPERO

Penso antes,
Que não buscou, senhor, o seu auxílio,
Cuja graça suave auxiliou-me,
Em perda igual, a dar-me por contente.

ALONSO

Mas teve perda igual!

PRÓSPERO

Igual e tão recente; e pra tornar
Suportável a perda, tenho meios
Mais fracos de consolo, pois perdi
A minha filha.

ALONSO

Uma filha?
Quem dera fossem vivos hoje em Nápoles,
Como rei e rainha! Pr'assim tê-los
Eu me daria ao leito lamacento
Onde o meu filho jaz. Quando a perdeu?

PRÓSPERO

Na tempestade de hoje. Esses lords
Pelo que vejo 'stão tão espantados
Com tudo que aqui há, que a razão foi-se
Não creem que seus olhos ou palavras
Sejam honestos: mas, por mais que fossem
Jogados seus sentidos, 'stejam certos
Que eu sou Próspero e aquele duque
Banido de Milão, que estranhamente
Chegou às praias onde naufragaram,
Pr'aqui reinar. Não se fala mais disso;
Pois é uma crônica pra muitos dias,
Não para um desjejum; e nem é próprio
Para um primeiro encontro. São bem-vindos.
A cela é a minha corte; meus criados
São poucos e não tenho nenhum súdito.
Olhe lá dentro; e, por dar-me meu ducado,
Vou pagá-lo com coisa de igual preço,
Ou criar maravilha que o contente
O tanto quanto a mim o meu ducado.

(*Aqui Próspero revela Miranda e Ferdinand jogando xadrez*.)

MIRANDA

Doce Lord, me enganou.

FERDINAND

Não, meu amor;
Por nada eu o faria.

MIRANDA

Sim, por vinte reinados lutaria,
E eu diria que bem.

ALONSO

Se isso for só
Uma visão da ilha, o filho amado
Perco de novo.

SEBASTIAN

É um grande milagre!

FERDINAND

O mar ameaça, mas tem compaixão;
E o maldisse sem causa.

ALONSO

E ora as bênçãos
De um pai feliz o envolvem. De pé,
E conte como aqui chegou.

MIRANDA

É sonho!
Mas quanta gente bela está aqui!
Todos belos! Que bravo é o mundo novo!
Pra conter gente assim!

PRÓSPERO

Vê tudo novo.

ALONSO

Quem é a moça com a qual jogava?
Não há inda três horas que a conhece;
É ela a deusa que nos separou
E nos uniu de novo?

FERDINAND

Ela é mortal

Mas a imortal Providência a fez minha:
Tomei-a sem poder ter de meu pai
O seu conselho. E o julgava perdido.
Ela é filha do Duque de Milão,
De cuja fama tanto ouvi falar,
Sem o ter visto; e de quem recebi
Uma segunda vida; um outro pai
Me faz dele esta moça.

ALONSO

Como eu dela:
Mas, oh, como parece estranho que eu
Tenha de pedir perdão à filha.

PRÓSPERO

Senhor, pare:
Não pesemos assim nossas lembranças,
Com mal que já passou.

GONZALO

Um pranto quieto
Não me deixou falar. Concedei, deuses,
A esse par coroa abençoada!
Pois fostes vós que abristes os caminhos
Que aqui nos trouxeram.

ALONSO

Amém, Gonzalo!

GONZALO

Foi banido Milão pra sua linhagem
Gerar os reis de Nápoles? Alegrem-se
Mais que nunca! E escrevam em ouro,
Em colunas eternas: numa viagem,
Claribel encontrou o esposo em Túnis,
E Ferdinand, seu irmão, uma esposa,
'Stando perdido. Próspero encontrou
Numa ilha um ducado; e nós, a nós,
Quando todos sem rumo.

ALONSO

(*para Ferdinand e Miranda*)

As suas mãos!
Que seja triste e só o coração
Que não lhes quiser bem.

GONZALO

Amém! Amém!
(*Volta Ariel, com o Mestre e o Contramestre, tontos, a segui-lo.*)
Olhe pr'ali, senhor; há mais de nós:
Eu disse bem que com forca na terra
Aquele não se afogava. Então, blasfemo,
Quem com pragas baniu da nau a graça
Não tem pragas na terra? O que é que há?

CONTRAMESTRE

O que há de bom, senhor, é que encontramos
O nosso Rei e a corte; e a nossa nau,
Que há só três horas demos por rachada,
'Stá pronta, com o velame tão perfeito
Quanto ao zarparmos.

ARIEL

(*à parte, para Próspero*)
Meu amo, tudo isso
Fiz depois que saí.

PRÓSPERO

(*à parte, para Ariel*)
Esperto espírito!

ALONSO

Tais ocorrências não são naturais;
É muito estranho. Como deu aqui?

CONTRAMESTRE

Se eu pensasse, senhor, 'star acordado,
Eu tentava dizer. Mortos de sono,
Fomos — como, não sei — parar no bojo,
Onde inda agora, com uns sons esquisitos,
De urros, guinchos, bater de correntes,
E mais uns outros, todos muito horríveis,
Nos acordaram e nos libertaram.
Muito limpos, então, demos com os olhos

Em nossa nau real e boa. O Mestre
Dançou de alegre; e em menos de um segundo,
Como num sonho — deixam outros lá
E nos trazem pra cá.

ARIEL

(*à parte, para Próspero*)
Não foi bem-feito?

PRÓSPERO

(*à parte, para Ariel*)
Agiu bem e depressa. Vai ser livre.

ALONSO

Nunca ninguém trilhou tal labirinto;
E nisto tudo há mais que a natureza
Jamais serviu: e só algum oráculo
Explica o que sabemos.

PRÓSPERO

Meu senhor,
Não infeste sua mente remexendo
O que há de estranho nisto; com o vagar
Que virá breve, eu hei de esclarecê-lo
Para que possa achar muito plausível
O acontecido; até então alegre-se,
E pense bem de tudo.
(*à parte, para Ariel*)
Venha, espírito:
Liberte Caliban e seus amigos,
Quebre o encanto.
(*Sai Ariel.*)
Alteza, como está?
Faltam ainda, de seus companheiros,
Alguns moleques dos quais não se lembra.

(*Volta Ariel, empurrando Caliban, Stephano e Trínculo, vestidos com roupas roubadas.*)

STEPHANO

Que cada um se vire pelos outros, e que ninguém cuide de si mesmo; pois tudo vai de fortuna — *coraggio*, monstro mandão, *coraggio*!

TRÍNCULO

Se forem espiões verdadeiros estes que eu uso na cabeça, esta é uma grande visão!

CALIBAN

Ai, meu Setebos, mas que bons espíritos!
Como está bem, meu amo! 'Stou com medo
Que ele me castigue.

SEBASTIAN

Ha-ha-ha!
O que são essas coisas, Lord Antônio?
Dinheiro as compra?

ANTÔNIO

É possível; um deles
É bem peixe; está pronto pro mercado.

PRÓSPERO

Reparem nas librés que ostentam, lords,
E vejam se é verdade. Esse monstrengo
É filho de uma bruxa; de tal força
Que controlava as marés e a lua,
E comandava o fora de sua alçada.
Me roubaram os três; e o semideus —
pois é bastardo — conspirou com eles
Para tirar-me a vida; dois dos três
Há de ver como seus; o ser das sombras
Eu sei que é meu.

CALIBAN

Eu vou morrer picado.

ALONSO

Esse não é o meu copeiro bêbado?

SEBASTIAN

Bêbado está; mas onde arranjou vinho?

ALONSO

Tríinculo cambaleia; aonde foi
Que se douraram com licor tão forte?
Como ficaram tão avinagrados?

TRÍNCULO

Me meti em cada vinagre desde a última vez que o vi, que tenho medo que meus ossos nunca se livrem do tempero: mas não vou mais precisar ter medo de mosca.

SEBASTIAN

Então, como é, Stephano?

STEPHANO

Não me toque; não sou Stephano, eu sou só uma cãibra.

PRÓSPERO

Queria ser o rei da ilha, moleque?

STEPHANO

Eu ia ser um rei todo doído.

ALONSO

(*aponta para Caliban*)
É a coisa mais estranha que já vi.

PRÓSPERO

É tão malfeito de comportamento
Quanto de forma. Já pra minha cela!
E leve seus amigos; se pretende
Ser perdoado, comporte-se bem.

CALIBAN

'Stá bem; e no futuro vou ter siso,
Buscando a graça. Mas que grande besta
Eu fui, chamando o bêbado de deus,
E adorando esse tolo!

PRÓSPERO

Ande! Vá!

ALONSO

Saia; e deixe a carga onde a encontrou.

SEBASTIAN

Ou, antes, a roubou.

PRÓSPERO

Senhor, convido Sua Alteza e a corte

A minha cela, a fim de repousarem
Por esta noite, uma parte da qual
Eu gastarei contando o que, 'stou certo,
A fará passar logo: a minha vida
E os muitos incidentes que se deram
Des'que vim para a ilha: e de manhã
Os levarei pra nau e, assim, pra Nápoles,
Onde espero poder ver as núpcias
Desses nossos queridos realizadas.
Depois do quê irei para Milão,
Onde hei de pensar muito na morte.

ALONSO

Anseio por ouvir a sua história,
Que soa muito estranha.

PRÓSPERO

Hei de contá-la;
E prometo mar calmo e vento bom
E velas céleres pr'inda alcançarmos
Sua frota real.
(*à parte, para Ariel*)
Meu Ariel,
Seu serviço acabou; por estes ares
Fique livre e feliz! Por favor, venham.

(*Saem todos.*)

Epílogo

DITO POR PRÓSPERO

Os meus encantos se acabaram,
E as minhas forças, que restaram,
São fracas, e eu sei verdadeiro
Que ou cá me fazem prisioneiro

Ou podem me mandar pro lar.
Não me obriguem a ficar —
Já que ganhei o meu ducado
E quem fez mal foi perdoado —
Nesta ilha que é só deserto,
Lançando-me encontro esperto.
Quebrem os meus votos vãos
Com a ajuda de suas mãos;
Minhas velas, sem suas loas,
Já murcham as propostas boas,
Que eram de agradar. Não tenho
Mais arte, espírito ou engenho:
Meu fim será desesperação
Se não tiver sua oração,
Que pela força com que assalta
Obtém mercê pra toda falta.
Quem peca e quer perdão na certa
Por indulgência me liberta.

Grandes obras de SHAKESPEARE

VOLUME 3

1ª edição

Ricardo III

Ricardo II

Júlio César

Antônio e Cleópatra

Nota introdutória

As doze peças que compõem estes três volumes estão entre as obras mais conhecidas e celebradas de William Shakespeare. Contemplam as várias fases de sua carreira, bem como os três gêneros em que escreveu — comédias, tragédias e peças históricas —, como estabelecida pelo *Primeiro Fólio* (1623), a reunião das obras dramáticas completas feita pelos amigos do dramaturgo, os atores John Heminges e Philip Condell.

De modo diverso do *Fólio*, entretanto, este terceiro volume inclui duas peças históricas inglesas — *Ricardo II* e *Ricardo III* — e duas históricas romanas — *Júlio César* e *Antônio e Cleópatra*. Nosso intuito com esta pequena alteração é o de responder ao interesse do público brasileiro, privilegiando as peças que têm recebido maior número de montagens teatrais no Brasil e que têm despertado maior interesse entre os nossos leitores.

Liana de Camargo Leão

Ricardo III

Tradução
Anna Amélia de Queiroz C. de Mendonça
Barbara Heliodora

Introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Escrita entre 1592 e 1593, logo depois da terceira e última parte de *Henrique VI,* e diversamente desse conjunto de três peças, que não tem rótulo especial de gênero, a última obra da primeira tetralogia shakespeariana chama-se *A tragédia de Ricardo III,* e dá clara ênfase ao binômio causa/efeito e à total responsabilidade de cada personagem por seus atos. Assim, Shakespeare começava a trilhar o caminho que o levaria, sete anos mais tarde, às grandes tragédias. Para a primeira tentativa bem-sucedida nessa linha, o poeta não usou o modelo grego, quase desconhecido na Inglaterra elisabetana. Usando a experiência das *moralidades* no sentido das confrontações radicais entre bem e mal, Shakespeare nelas se inspira, aproveitando vários aspectos de um de seus personagens mais tradicionais, Vício da Dissimulação, cujos humor e alegria ao fazer o mal aparecem em Ricardo sem que haja qualquer referência a isso nas biografias que lhe serviriam de fonte. De Sêneca o poeta tirou as constantes referências à vingança, o diálogo verso a verso e verbalmente imbricado da *stichomythia,* o caráter tirânico de Ricardo, os fantasmas que propiciam vitória e derrota antes da batalha final, a *hybris* de Hastings e Buckingham, por exemplo, supremamente confiantes em seu sucesso logo antes de suas quedas, e a natureza de *fúria* da velha rainha Margaret. Até mesmo o lirismo, que por vezes Sêneca tentara imitar da tragédia grega, aparece na grande cena (Ato IV, Cena V) em que o majestoso conjunto de três mulheres lamenta seus infortúnios.

Se, de modo geral, os vilões são mais fáceis de serem idealizados e encenados do que "anjos de candura", eles podem representar um grande obstáculo para seu criador. Ao eleger um vilão tirânico como protagonista, o autor esbarra em alguns problemas básicos: há perda de potencial trágico, na medida em que a queda do personagem identificado com o mal não leva o espectador à angustiante sensação do "desperdício trágico", podendo a derrocada ser vista como punição merecida; não menos importante, há perda

de simpatia, de solidariedade, por parte da plateia. Diante da figura de Ricardo III, Shakespeare encontrou solução para tais problemas tornando o personagem fascinante por sua capacidade de dissimulação e ousadia: ao testemunhá-la, envolta em fenomenal senso de humor (negro), o espectador, se não lhe é solidário, é tomado de curiosidade em saber se Ricardo irá ou não conseguir tudo aquilo a que se propõe logo na primeira cena do Ato I. Revelando diretamente à plateia seus planos em relação à coroa, Ricardo pode, então, exibir seus extraordinários dotes de ator (de Vício da Dissimulação), interpretando o papel de tímido, injustiçado, simplório, rejeitado etc. perante os que o rodeiam. É crucial para o bom funcionamento da peça que ele *não* se comporte como vilão na frente dos que com ele participam da ação. Se não fosse essa a intenção do autor, ele não perderia tanto tempo oferecendo informação diversa diretamente ao público.

A ambição de Ricardo, sua intenção de conquistar a coroa, seu distanciamento em relação aos sentimentos humanos ficariam ainda mais claros para o público elisabetano, que, poucos meses antes, assistira à terceira parte de *Henrique VI,* onde Ricardo tem falas altamente definidoras de toda a sua personalidade, como:

Farei meu céu sonhar com a coroa,
E viverei um inferno nesta terra
Até a cabeça deste tronco torto
'Star enfiada em coroa de ouro.
[…]
Eu sei sorrir, eu sei matar sorrindo,
Ficar contente com o que me tortura,
Lavar com falsas lágrimas as faces,
Mudar meu rosto pra cada momento.
Afundarei mais barcos que a sereia,
Matarei mais que o olhar do basilisco,
Discursarei melhor do que Nestor,
Dissimulado, enganarei como Ulisses,
Como Sinon tomarei outra Troia.
Sei colorir-me qual camaleão,
Mudar de forma melhor que Proteu,

Ensinar truques a Maquiavel.
Capaz disso, eu não pego essa coroa?
Mesmo mais longe eu inda a agarrava.
(Ato III, Cena II)

ou

Eu, sem piedade, sem amor, sem medo,
[…]
Não tenho irmão, não me assemelho a irmão,
E o amor, palavra que o velho abençoa,
Reside em homens que são parecidos,
E não em mim. Eu sou eu só, sozinho.
(Ato V, Cena VI)

Esse total repúdio a qualquer ação ligada ao bem, essa ausência de identificação com outros seres humanos, essa total privação do "leite da bondade humana" a que se refere Lady Macbeth são essenciais para a identidade negativa de Ricardo, pois em Shakespeare o mal é estéril e o bem, fértil. Numa época de florescimento pleno do humanismo, era crucial mostrar os aspectos anti-humanos do protagonista, e em *Ricardo III* tais aspectos são sublinhados pelas numerosas imagens de animais usadas em relação a ele por outros personagens.

O famoso monólogo que abre a peça tem outra função notável, a de constituir-se em uma das duas linhas mestras do arco de ação da obra, estipulando o que Ricardo quer e como pensa em obtê-lo. Já na Cena III do mesmo ato temos outra fala monumental — as maldições lançadas pela ex-rainha Margaret sobre quase toda a facção York, mais intensamente sobre Ricardo. A partir desse momento podemos acompanhar a ação como uma série de etapas que marcam, de um lado, a realização dos sonhos de Ricardo, de outro, a materialização das maldições de Margaret. O mais impressionante nessa construção, que assim descrita pode parecer primária, é sua considerável complexidade, bem como o fato de não resultar maniqueísta, mas, antes, antifônica — o que acaba por emprestar ao processo geral da ação uma aura de

ritual, cujo coroamento é o exorcismo do mal e a consequente purificação da Inglaterra.

É necessário um esclarecimento a respeito da presença de Margaret na Inglaterra durante o reinado de Ricardo III, algo completamente anti-histórico: Margaret, viúva de Henrique VI e muito conhecida do público por sua fortíssima participação nas três primeiras peças da tetralogia (partes 1, 2 e 3 de *Henrique VI*), é arbitrariamente trazida de volta à Inglaterra para ter, em *Ricardo III,* função puramente córica. Sem interferir diretamente nos acontecimentos, sem participar do desenvolvimento da trama, Margaret tem como função trazer para a consciência do público todo o conflito que por tanto tempo abalara a Inglaterra, de forma altamente dramática e, quanto ao estilo, perfeitamente coerente com a aparição dos fantasmas na véspera da batalha.

Contando com mais elementos do que qualquer outra obra de Shakespeare (são mencionados, com falas, nada menos que 54 personagens) e uma ação ricamente multifacetada, porém sempre relacionada ao tema único da trajetória do tirano, *Ricardo III* nem sempre foi bem-recebida pelos estudiosos, principalmente por aqueles mais ligados à forma neoclássica e todo o seu cortejo de teorias pseudoaristotélicas. Nos pequenos teatros à italiana, nos quais a iluminação (ou falta dela) tornava impossível o uso do palco em toda a sua profundidade, toda aquela movimentação, aquela rapidíssima mudança de espaço e tempo, parecia absolutamente inviável: a única conclusão possível era a de que o autor da peça era um incompetente. A diferença, claro, era o palco elisabetano, despojado de recursos cenográficos complexos, onde apenas a palavra do poeta é necessária para criar um mundo cênico no qual os atores são visíveis em todos os cantos do palco. Não se trata, por certo, de mera questão de quantidade de atores em cena, mas, antes, de o autor poder pôr em cena, dando quase uma sensação de simultaneidade, acontecimentos e personagens que, separadamente, vão tecendo os fios que compõem a teia completa da obra. Por exemplo, a partir da informação inicial dada pelo próprio Ricardo a respeito de seu verdadeiro caráter e suas reais intenções, o público tem condições de reagir inteligente e criticamente ante essa grande variedade de quadros, e só ele, por isso mesmo, pode configurar o todo a partir dessas visões parciais que lhe são sucessivamente oferecidas. Por meio do total domínio dos recursos do palco elisabetano, Shakespeare pôde criar o distanciamento indispensável para que o público viesse a refletir sobre o que via em cena.

É fundamental que se tenha em mente a severa censura político-religiosa que existia na Inglaterra Tudor. Subindo ao trono no momento em que nascia o conceito de monarquia nacional, Henrique VII (o Richmond triunfante do final de *Ricardo III*) conseguiu acabar com a Guerra das Rosas ao casar-se com a última York, aos poucos conquistando para si boa parte do poder antes pertencente à nobreza, agora enfraquecida pela guerra civil. Seu filho Henrique VIII fortaleceu-se ainda mais ao romper com a Igreja Católica e ao fundar a Igreja Anglicana, da qual se tornou líder, transformando-se assim em rei-pontífice, primeiro chefe de Estado ocidental totalmente independente de Roma, livre tanto para nomear bispos quanto para não pagar o dízimo.

Os Tudor foram o que de mais próximo a Inglaterra teve de monarcas absolutos, porém todos eles tiveram de negociar com o Parlamento, que desde 1322 controlava as verbas — de que Henrique VIII, por exemplo, estava sempre necessitado por ser muito gastador. Por outro lado, estava há muito consolidada a ideia de que o rei, tanto quanto o papa, era representante de Deus na Terra, embora apenas para assuntos temporais. Tal ideia acabava por gerar a convicção de que o rei não errava nunca, não podendo o monarca ser julgado por seus governados. O grande problema para um autor como Shakespeare era encontrar reis em cujos reinados houvessem ocorrido acontecimentos por meio dos quais lhe fosse possível expressar seus pensamentos ou indagações, sem acabar preso ou executado. Conhecendo Plutarco, Shakespeare sabia que era possível e legítimo avaliar os governantes; no caso, a fama de seu protagonista, filho mais moço de Ricardo Plantageneta, Duque de York, que tantos anos lutara para conquistar a coroa, e irmão de Eduardo IV, o primeiro rei York, já era suficientemente ruim para que não fosse particularmente chocante a afirmação de que ele fora um monstro assassino.

É preciso não esquecer que Shakespeare está escrevendo teatro, não uma biografia de Ricardo III: seu objetivo é completar o caminho iniciado nas três partes de *Henrique VI* e mostrar que a incompetência no governo acaba por levar ao pior dos reis. Se a imagem desejada é a do pior dos reis, é melhor começar a ação quando Eduardo IV está morrendo, eliminando assim qualquer chance de serem mencionados os dez anos de excelente administração realizada por Ricardo, então Duque de Gloucester, no norte da Inglaterra durante o reinado do irmão. A menoridade de um rei dera margem, sessenta anos antes, ao início da Guerra das Rosas; um novo rei menor oferece a

Ricardo aquele momento de insegurança no reino que lhe parece propício a um eficiente golpe de Estado. Se a censura reclamasse, Shakespeare só teria de alegar que esses eram exatamente os fatos que ele encontrara nas crônicas de Hall e Holinshed, bem como na famosa (embora inacabada) biografia de Ricardo III feita por sir Thomas More. É claro que o fato de o herói sem jaça que derrota Ricardo no final da peça ser avô da rainha Elizabeth só podia facilitar sua posição diante da censura…

Ricardo III foi muitas vezes criticada por julgarem alguns que sua estrutura de confrontação entre bem e mal é excessivamente formal e antifônica, mas o fato é que, desde sua estreia, a peça tem gozado de extraordinária popularidade. Caso único entre as peças históricas, sempre populares na Inglaterra, *Ricardo III* teve nada menos que seis edições individuais (no pequeno formato in-quarto) antes de ser incluída na memorável primeira edição das obras completas, em 1623. Essa popularidade jamais diminuiu, e a força do protagonista, que domina a obra quantitativa e qualitativamente, continua a deixar o público fascinado, pois o poeta o distancia de nós o suficiente para que possamos rir com seu humor, tanto quanto para constatarmos que sua ascensão e queda só são possíveis em um mundo no qual os nobres e poderosos são intrigantes e carreiristas — e só dois assassinos mercenários discutem com mais preocupação a questão da salvação da alma —, no qual a corrupção e o abandono de critérios éticos foram propiciados por um mau governo. Para livrar a Inglaterra de um tal desmando moral seria necessário, ao menos dramaticamente, um exorcismo, tal como aquele representado pela batalha de Bosworth Field, na qual morrem Ricardo, a Guerra das Rosas e a Idade Média na Inglaterra.

Barbara Heliodora

Dramatis Personae

RICARDO, Duque de Gloucester, futuro REI RICARDO III
DUQUE DE CLARENCE, George, irmão de Ricardo (depois, seu Fantasma)
SIR ROBERT BRAKENBURY
LORDE HASTINGS, camarista (depois, seu Fantasma)
LADY ANNE, viúva de Eduardo, Príncipe de Gales, filho de Henrique VI (depois, seu Fantasma)
RAINHA ELIZABETH, mulher do Rei Eduardo IV
LORDE RIVERS, irmão da Rainha Elizabeth (depois, seu Fantasma)
LORDE GREY, filho da Rainha Elizabeth (depois, seu Fantasma)
MARQUÊS DE DORSET, filho da Rainha Elizabeth
DUQUE DE BUCKINGHAM (depois, seu Fantasma)
STANLEY, Conde de Derby
RAINHA MARGARET, viúva do Rei Henrique VI
SIR WILLIAM CATESBY
Cavalheiro
1º Assassino
2º Assassino
GUARDIÃO DA TORRE
REI EDUARDO IV
SIR RICHARD RATCLIFFE
DUQUESA DE YORK, mãe de Ricardo, Eduardo IV e Clarence

Menino
Menina
} filhos de Clarence

1º Cidadão
2º Cidadão
3º Cidadão
ARCEBISPO DE YORK
RICARDO, Duque de York, caçula de Eduardo IV (depois, seu Fantasma)
EDUARDO, Príncipe de Gales, primogênito de Eduardo IV (depois, seu Fantasma)
CARDEAL BOURCHIER
Prefeito
Padre
SIR THOMAS VAUGHAN (depois, seu Fantasma)
BISPO DE ELY, John Morton
DUQUE DE NORFOLK
LORDE LOVELL
Escrivão

Dois Bispos (Shaa e Penker)
Pajem
SIR JAMES TYRREL
1º Mensageiro
2º Mensageiro
3º Mensageiro
4º Mensageiro
CHRISTOPHER URSWICK
Xerife
CONDE DE RICHMOND, depois REI HENRIQUE VII
CONDE DE OXFORD
SIR JAMES BLUNT
SIR WALTER HERBERT
CONDE DE SURREY
FANTASMA DE EDUARDO, Príncipe de Gales, filho de Henrique VI
FANTASMA DE HENRIQUE VI

ATO I

Cena I — Londres. Uma rua.

(*Entra Ricardo, Duque de Gloucester, sozinho.*)

RICARDO

Agora, o inverno de nosso desgosto
Fez-se verão glorioso pelo sol de York,[1]
E as nuvens que cobriam nossa casa
'Stão todas enterradas no oceano.
Nossas frontes ostentam as coroas
Da glória, os braços erguem-se em estátua;
O alarma foi mudado em bons encontros;
As marchas, em compasso de alegria.
E a guerra — com o semblante transformado —,
Em vez de galopar corcéis hirsutos
Para aterrar as almas do inimigo,
Vai saltitar no quarto de uma dama
Ao lascivo tanger de um alaúde.
E eu, sem jeito para o jogo erótico,
Nem para cortejar o próprio espelho;
Que sou rude, e a quem falta a majestade
Do amor para mostrar-me a uma ninfa;
Eu, que não tenho belas proporções,
Malfeito de feições pela malícia
Da vida, inacabado, vindo ao mundo
Antes do tempo, quase pelo meio,
E tão fora de moda, meio coxo,
Que os cães ladram se deles me aproximo;
Eu, que nesses fraquíssimos momentos
De paz não tenho um doce passatempo
Senão ver minha própria sombra ao sol
E cantar minha própria enfermidade,

Já que não sirvo como doce amante,
Para entreter esses felizes dias
Determinei tornar-me um malfeitor
E odiar os prazeres destes tempos.
Armei conspirações, graves perigos,
Profecias de bêbados, libelos,
Para pôr meu irmão Clarence e o rei
Dentro de ódio mortal, um contra o outro.
E se o Rei Eduardo for tão firme
Quanto eu sou falso, sutil e traiçoeiro,
Inda este dia Clarence será preso,
Pois uma profecia diz que "G"
Será o algoz dos filhos de Eduardo.
Fujam, pensamentos. Aí vem Clarence.
(*Entram Clarence, com a guarda, e Brakenbury.*)
Bom dia, irmão. Que significa esta guarda
Que tens em volta?

CLARENCE

Sua Majestade,
Para garantir minha segurança,
Mandou que me escoltassem para a Torre.

RICARDO

Por que motivo?

CLARENCE

É que meu nome é George.

RICARDO

Ai, senhor, mas não é por culpa tua;
Deveria acusar os teus padrinhos.
Mas talvez tenha ele um outro intento,
Que sejas novamente batizado
Na Torre. Mas o que há? Posso saber?

CLARENCE

Poderás saber quando eu souber,
Mas ainda não sei. Pelo que falam,
Ele vem dando ouvido a profecias
E tirou do alfabeto a letra G,

Dizendo que um mago lhe revelou
Que pelo "G" sua estirpe se deserda;
Como meu nome é George, tem G, logo,
Deduz seu pensamento que sou eu.
Essas e outras tolices semelhantes
Fizeram Sua Majestade prender-me.

RICARDO

Isso acontece aos que a mulher domina:
Não é o rei que te manda pra Torre,
Mas Lady Grey, sua mulher; é ela
Que o leva e que o amolda a tais extremos.
Não foram ela e esse homem de respeito,
Anthony Woodeville, seu irmão,
Que o fizeram mandar Hastings pra Torre,
De onde virá a sair inda hoje?
Não 'stamos seguros, irmão, não 'stamos.

CLARENCE

Ninguém está a salvo, co'a exceção
De amigos da rainha e dos arautos
Que rastejam entre o rei e a Senhora Shore.[2]
Tu não soubeste da humilde súplica
Que Hastings fez a ela pra ser solto?

RICARDO

Clamando humildemente a tal deidade,
O camarista obteve a liberdade.
Eu te digo que, agora, o que nos cabe,
Para obtermos o favor do rei,
É servi-la e vestir sua libré.
A viúva ciumenta e desprezada,[3]
E ela mesma — uma vez que nosso irmão
As fez damas da corte — são, as duas,
Poderosas comadres neste reino.

BRAKENBURY

Peço perdão a Vossas Senhorias,
Mas Sua Majestade deu-me o encargo
De impedir as conversas em segredo,

Sobre assunto qualquer, com seu irmão.

RICARDO

Ah, sim. E, por favor, Brakenbury,
Pode participar do que falamos:
Não tramamos traição. Dizemos
Que o rei é letrado e é virtuoso,
Que sua nobre rainha, entrada em anos,
Formosa e serena, não é ciumenta;
Que a esposa de Shore tem pés formosos,
Tem lábios de cereja, belos olhos,
Seus amigos são finos cavalheiros.
O que me diz, senhor? Irá negá-lo?

BRAKENBURY

Sobre isso, meu senhor, eu nada opino.

RICARDO

Nada co'a Senhora Shore? Pois eu lhe digo
Que quem trata com ela, a não ser um,
Deve fazê-lo a sós, secretamente.

BRAKENBURY

Quem é esse, senhor?

RICARDO

Seu marido, biltre. Queres atraiçoar-me?

BRAKENBURY

Peço perdão a Vossa Senhoria,
Mas devo proibir essa conversa
Em conferência com o nobre duque.

CLARENCE

Conhecemos seu dever, e obedecemos.

RICARDO

Somos abjetos servos da rainha
E devemos, portanto, obedecer.
Adeus, irmão. Eu vou até o rei
E, assim, qualquer missão que me confies,
Chamar de irmã a viúva de Eduardo,
Por exemplo, eu farei para salvar-te.
Este rude humilhar do amor fraterno

A mim afeta mais do que imaginas.

CLARENCE

A nenhum de nós dois isso é agradável.

RICARDO

Pois bem, tua prisão não será longa:
A ti libertarei, ou serei preso
Em teu lugar. Espera e tem paciência.

CLARENCE

Não tenho alternativa. Agora, adeus.

(*Saem Clarence, Brakenbury e a guarda.*)

RICARDO

Segue o caminho de onde não se volta,
Ingênuo Clarence! Eu te estimo tanto
Que mando em breve tua alma aos céus,
Se praz aos céus tomar de nossas mãos
Um tal presente. Mas quem vem aí?
É Hastings, inda agora libertado.

(*Entra Lorde Hastings.*)

HASTINGS

Bons dias para o meu gracioso Lorde!

RICARDO

O mesmo ao meu cortês Lorde camarista!
Seja bem-vindo ao ar da liberdade!
Como enfrentou, senhor, sua prisão?

HASTINGS

Com paciência, como prisioneiro.
Mas viverei, senhor, para dar graças
Aos que causaram a minha prisão.

RICARDO

Por certo, e assim também o fará Clarence,
Pois que seus inimigos são os dele,
E, como no seu caso, o dominaram.

HASTINGS

Pena é que a águia esteja enclausurada
E os milhafres pilhando em liberdade.

RICARDO

Que notícias nos vêm do exterior?

HASTINGS

Nenhuma vem tão má como as de casa.
O rei, doente, fraco, melancólico;
Por sua vida temem muito os médicos.

RICARDO

Por São João, esta nova é mesmo má.
Já há muito ele vive em má dieta,
Consumindo demais a real pessoa.
Não suporto sequer pensar no assunto.
Ele está de cama?

HASTINGS

Está.

RICARDO

Vá na frente, eu o sigo sem demora.
(*Sai Hastings.*)
Espero que não viva, mas não deve
Morrer antes que George alcance os céus.
Vou atiçar seu ódio contra Clarence
Com mentiras e fortes argumentos,
E, se não falho em meu profundo intento,
Clarence não vive nem um dia mais.
Isto feito, que Deus leve Eduardo
E deixe o mundo em glória para mim!
Caso-me co'a gentil filha de Warwick:
Por que razão matei-lhe o esposo e o pai?
O melhor a fazer, pra compensar,
É tornar-me para ela pai e esposo.
Isso farei, não tanto por amor

Mas por um outro intento, mais secreto,
Que preciso alcançar, ao desposá-la.
Mas 'stou correndo adiante do cavalo:
Clarence inda respira, enquanto Eduardo
Inda vive e reina. Eles indo embora,
Irei colher o que semeio agora.

(*Sai.*)

Cena II — Londres. Outra rua.

(*Entram o corpo de Henrique VI, com guardas armados, Lady Anne, chorando, Tressel e Berkeley.*)

ANNE

Pousai, pousai a vossa honrada carga —
Se honra pode jazer amortalhada —,
Enquanto eu faço ouvir o meu lamento
Pela queda fatal do nobre Lancaster,
Pobre estátua gelada de um rei santo!
Pálidas cinzas da casa de Lancaster!
Restos exangues de seu sangue real!
Possa eu invocar o teu espectro
Para ouvir o lamento da pobre Anne,
Esposa de Eduardo, esse teu filho
Apunhalado pela mesma mão
Que te causou essas mortais feridas!
Nas chagas donde te escapou a vida
Lanço o bálsamo inútil dos meus olhos.
Maldito o coração de quem as fez,
E o sangue de quem fez correr teu sangue.
Caia a desgraça sobre o desalmado

Que nos desgraça com a tua morte,
Horror maior que o que desejo às víboras,
Às aranhas e aos sapos rastejantes
Ou a qualquer outro animal imundo!
Se tiver filhos, sejam natimortos,
Ou trazidos à luz antes do tempo,
E com aspecto aleijado e desumano
Que assuste a própria mãe que anseia vê-los;
E que sejam herdeiros desta praga!
Se tiver uma esposa, que ela sofra
Maior miséria pela sua morte
Que eu pela tua e a de meu senhor!
Levai agora a vossa santa carga
A Chertsey, para lá ser enterrada,
Tendo sido trazida de são Paulo.
Mas, se estais cansados de seu peso,
Parai, enquanto eu choro o Rei Henrique.

(*Entra Ricardo.*)

RICARDO

Parai, vós que o levais, e descansai-o.

ANNE

Que negro feiticeiro vos conjura
A deter nossos gestos caridosos?

RICARDO

Vilões, baixai o corpo, ou por são Paulo
Farei cadáver quem desobedecer!

CAVALHEIRO

Senhor, deixai passar este ataúde.

RICARDO

Para tu, cão danado, ao meu comando!
Ergue a alabarda acima do meu peito,
Ou, por são Paulo, aos meus pés te golpeio

E te esmago, miserável, pela audácia!

(*Os guardas abaixam o caixão.*)

ANNE

O quê? Todos tremem? Estão com medo?
Ai, não posso acusar-vos, sois mortais,
E olhos mortais não fitam o demônio.
Vai-te, emissário horrível dos infernos!
Tu tiveste poder sobre o seu corpo,
Mas não terás su'alma. Vai-te embora.

RICARDO

Doce santa, não sejas tão malvada.

ANNE

Demônio vil, por Deus, não nos perturbe,
Pois fizeste da terra, antes serena,
Teu inferno de dor e imprecações.
Se tens prazer em ver teus feitos bárbaros,
Aqui tens bom exemplo das desgraças.
Olha aqui tua obra, carniceiro!
Vejam, senhores, como as chagas secas
De Henrique jorram sangue das aberturas.
Envergonha-te, monstro deformado,
Tua presença é que produz tal sangue
Nas veias frias onde já não corre.
Teus feitos, desumanos e perversos,
Provocam esse fluxo inexplicável.
Deus, que o criaste, vinga a sua morte!
Terra, que seu sangue bebe, vinga tal morte!
Abata o céu, com um raio, esse assassino;
Ou abra a terra a boca e o coma vivo,
Como absorve o sangue desse terno rei
Trinchado por mão vinda dos infernos!

RICARDO

Senhora, não sabeis da caridade,
As leis que com o bem pagam o mal.

ANNE

Tu ignoras, vilão, a lei de Deus:
Não há fera sem toque de piedade.

RICARDO

Não o tenho, portanto, não sou fera.

ANNE

Milagre! Um diabo diz a verdade!

RICARDO

Mais espanta ver anjo em tanta fúria.
Admitai, mais perfeita das mulheres,
Que eu me liberte de supostos crimes,
E pelas circunstâncias eu me absolva.

ANNE

Admita, ó mais corrupto dentre os homens,
Tantos crimes notórios que permitem
Que eu te maldiga nestas circunstâncias.

RICARDO

Bela, mais que a língua pode expressar,
Dai-me uma trégua para desculpar-me.

ANNE

Monstro mais que torpe, pra desculpar-se
Não podes fazer mais que te enforcares.

RICARDO

No desespero, eu só me acusaria.

ANNE

Desesperando, tu te escusarias,
Cumprindo uma vingança merecida
Sobre ti, assassino de outros homens.

RICARDO

E se não os matei?

ANNE

Então 'stão vivos.
Mas 'stão mortos por ti, demônio imundo.

RICARDO

Não matei vosso marido.

ANNE

Então 'stá vivo.

RICARDO

Não 'stá, foi morto pelas mãos de Eduardo.

ANNE

Mentes, garganta ignóbil. Margaret
Viu teu cutelo quente com seu sangue,
O mesmo que uma vez contra ela ergueste,
E teus irmãos souberam afastar.

RICARDO

Fui provocado pela sua língua,
Que lançou sobre mim os crimes deles.

ANNE

Provocou-te o teu cérebro sangrento,
Que nada mais sonhou do que matanças.
Não mataste este rei?

RICARDO

Eu o admito.

ANNE

Admites, porco-espinho? Deus permita
Que pagues no inferno pelo teu crime.
Ele era doce, bom, e virtuoso!

RICARDO

Melhor pro Rei dos Céus, que ora o guarda!

ANNE

Está no céu, pr'onde não irás nunca.

RICARDO

Ele que me agradeça se o ajudei
A ir pro céu, que é melhor do que a terra.

ANNE

A ti só te convém o próprio inferno.

RICARDO

Outro lugar também, se ouso dizê-lo.

ANNE

A prisão.

RICARDO

Vosso quarto de dormir.

ANNE

Desgraçado do quarto em que dormires.

RICARDO

É certo, até que eu vá dormir convosco.

ANNE

Assim espero.

RICARDO

Eu sei. Gentil Lady Anne,
Depois desse vivo encontro que tivemos,
Entremos num sistema mais sereno:
Não é o causador das duras mortes
De Henrique e Eduardo, os dois Plantagenetas,
Tão censurável quanto o executante?

ANNE

Tu foste a causa e mais o odioso efeito.

RICARDO

Vossa beleza foi a causa e o efeito —
Beleza que surgia no meu sono
E que exigia que eu matasse o mundo
Para que eu repousasse em vosso seio.

ANNE

Se o acreditasse, afirmo-te, assassino,
Destruiria eu mesma esta beleza
Arrancando-a da face com as unhas.

RICARDO

Estes olhos jamais tolerariam
Esse desastre, que não se daria
Se eu estivesse por perto; e como o mundo
É todo iluminado pelo Sol,
Eu sou por ela, meu dia, minha vida.

ANNE

Negra noite encobriu-te a luz do dia,
E a tua vida sombreou a morte.

RICARDO

Não te acuses assim, pois tu és ambas.

ANNE

Antes fosse, pra vingar-me de ti.

RICARDO

É contra a natureza esse desejo,
O de vingar-se daquele que te ama.

ANNE

É um desejo bem justo e natural,
Vingar-me de quem me matou o esposo.

RICARDO

Quem te privou assim de teu marido
Fê-lo para te dar melhor marido.

ANNE

Não há na terra alguém melhor do que ele.

RICARDO

Há quem te ame melhor do que ele amava.

ANNE

Quem é?

RICARDO

Plantageneta.

ANNE

Isso ele era.

RICARDO

O mesmo nome, mas um ser melhor.

ANNE

Onde ele 'stá?

RICARDO

Aqui.
(*Ela cospe nele.*)
Cospes em mim?

ANNE

Antes fosse pra ti mortal veneno!

RICARDO

Veneno nunca teve tal doçura.

ANNE

Nunca caiu sobre animal tão sujo.
Vai-te daqui! Tu infectas os meus olhos.

RICARDO

Os teus, senhora, infectam mais os meus.

ANNE

Antes fossem serpentes e matassem!

RICARDO

Antes causassem morte repentina,
Pois agora eles me matam em vida.
Teus olhos põem nos meus salgadas lágrimas,
Enchem-nos de vergonha e de tristeza,
Estes olhos, que nunca de remorsos
Choraram, nem vendo meu pai e irmão,
York e Eduardo, quando estes choravam
Ao ouvir o clamor feito por Rutland
Quando Clifford brandiu sobre ele a espada;
Nem quando ouviram o teu pai guerreiro
Contar a triste morte de meu pai
Soluçando e chorando qual criança,
De forma a comover os que o cercavam,
Que choravam qual árvore na chuva.
Meus olhos de homem riam-se das lágrimas,
E o pranto que esses males não causaram
Tua beleza causou, cegando-os.
Nunca implorei amigo ou inimigo,
Meu lábio nunca soube usar ternuras.
Mas, hoje, essa beleza é a recompensa
Que suplico e que me leva a falar.
(*Ela olha com desdém para ele.*)
Não ensina a teus lábios a ironia,
Foram feitos pro beijo, não pro desprezo.
Se tens um coração que não perdoa,
Olha, aqui tens este afiado gume;
Se o queres esconder em peito amante
E libertar esta alma que te adora,

Eu o ofereço aberto ao rude golpe,
E peço a morte, humilde e de joelhos.
(*Fica de joelhos e ela avança com a espada.*)
Não hesites, pois eu matei Henrique,
Mas foi tua beleza que o exigiu.
Vamos, golpeia; assassinei Eduardo,
Mas foi teu lindo rosto que o mandou.
(*Ela deixa cair a espada.*)
Apanha a espada ou fica, então, comigo.

ANNE

Levanta, falso; quero ver-te morto,
Mas não hei de ser eu o teu carrasco.

RICARDO

Diz-me então que me mate, eu o farei.

ANNE

Isso eu já disse.

RICARDO

Foi em meio à raiva:
Diz outra vez, e só com essa palavra
A mão que já matou o amor menor
Por teu amor mata este amor maior.
De ambas as mortes tu serás culpada.

ANNE

Quisera conhecer teu coração.

RICARDO

Está desenhado em minha fala.

ANNE

Creio que ambos são falsos.

RICARDO

Então é falso o homem.

ANNE

Bem, guarda a tua espada.

RICARDO

Diz que estamos em paz.

ANNE

Isso verás depois.

RICARDO

Mas terei esperança?

ANNE

Só dela vive o homem.

RICARDO

Toma, aceita este anel.

ANNE

Tomar não é ceder.

(*Coloca o anel no dedo.*)

RICARDO

Assim como este anel serve ao teu dedo,
Teu peito há de abrigar meu coração.
Use-os ambos, pois ambos te pertencem.
Se a este pobre servo é permitido
Suplicar-te um favor à mão graciosa,
Tu lhe darás felicidade eterna.

ANNE

O que é?

RICARDO

Mas deixe de lado essas exéquias
Aquele que tem causas mais profundas
Pra pranteá-las, e vás logo pra Crosby,
Onde — após enterrar o rei em Chertsey
E regar-lhe o jazigo com meu pranto
Arrependido — correrei a ver-te.
Por diversas razões, eu te suplico,
Concede-me essa graça.

ANNE

De todo o coração, e eu me consolo
De ver como te tornas penitente.
Tressel e Berkeley, acompanhem-me.

RICARDO

Diz-me um adeus.

ANNE

É mais do que mereces,
Mas, como me ensinaste a agradar-te,
Imagina que eu já me despedi.

(*Saem Lady Anne, Tressel e Berkeley*.)

RICARDO

Continuai, senhores, o cortejo.

CAVALHEIRO

Para Chertsey, senhor?

RICARDO

Pra Whitefriars. Aguardem minha chegada.
(*Saem todos, menos Ricardo*.)
Nesse tom, que mulher foi cortejada?
Nesse tom, que mulher foi conquistada?
Eu a terei, mas não por muito tempo.
Eu, que matei seu esposo e o pai dele,
Encontrá-la no extremo do seu ódio,
Com maldições na boca, água nos olhos,
Junto à prova sangrenta do meu ódio,
Tendo Deus, consciência e tantas forças
Contra mim, sem amigos do meu lado
A não ser o diabo e o fingimento,
E conquistá-la! O mundo contra um nada!
Ah!
Será que já esqueceu o bravo príncipe
Eduardo, seu senhor, que há só três meses
Por raiva apunhalei em Tewkesbury?
O mais doce e formoso cavalheiro,
Formado pela flor da natureza,
Jovem, valente, de real linhagem,
No mundo inteiro sem um outro igual:

E ela rebaixou-se a olhar pra mim,
Que matei esse belo e doce príncipe
E a fiz viúva em um leito triste?
Para mim, que não sou nem a metade
De Eduardo? Eu, o coxo e malformado?
O meu ducado por um vintém,
Caso me conheça completamente!
Pois vejam que ela acha — embora eu não —
Que sou um homem guapo e até correto.
Terei de encomendar um novo espelho,
Pagar toda uma penca de alfaiates,
Pesquisar moda pr'adornar meu corpo:
Se com este aspecto consegui favor,
Vou sustentá-lo co'o que há de caro.
Mas antes jogo esse em sua cova
Pra voltar, lamentoso, ao meu amor.
Sol, brilha até que eu compre um espelho
E veja a minha sombra quando eu passo.

(*Sai.*)

Cena III — Londres. Um aposento no Palácio.

(*Entram a Rainha Elizabeth, Lorde Rivers e Lorde Grey.*)

RIVERS

Tenha paciência, Sua Majestade
Logo recobrará sua saúde.

GREY

Ter pensamentos maus só o piora.
Assim, por Deus, mantenha-se serena,
Alegre-o, com olhares de mais ânimo.

ELIZABETH

Se ele morre, o que me acontecerá?

RIVERS

Só o mal do perder um tal senhor.

ELIZABETH

Perder um tal senhor inclui mil males.

GREY

O céu lhe deu a bênção de um bom filho
Para ser seu conforto se ele morre.

ELIZABETH

Ele é criança, e na minoridade
Terá como tutor Ricardo Gloucester,
Um homem contra mim e contra vós.

RIVERS

Foi resolvido que é o protetor?

ELIZABETH

Foi resolvido, mas não confirmado.
Mas assim tem de ser, se o rei se for.

(*Entram Buckingham e Stanley*.)

GREY

Chegam os lordes Buckingham e Derby.

BUCKINGHAM

Boa tarde, senhora, a Vossa Graça.

STANLEY

Deus vos faça contente como outrora!

ELIZABETH

A Condessa de Richmond, Milorde Derby,
Mal poderá dizer amém à prece.
Conquanto ela seja sua esposa,
E não goste de mim, bom Lorde, afirmo
Que não o odeio pelo orgulho dela.

STANLEY

Eu vos suplico, não acrediteis
Na inveja de seus falsos detratores,
Ou, se a acusam com real motivo,
Vede sua fraqueza qual nascida
Mais de doença do que de maldade.

RIVERS

Já viste hoje o seu rei, Milorde Derby?

STANLEY

Agora mesmo o duque aqui e eu
Voltamos da visita a Sua Majestade.

ELIZABETH

Que lhes parece o seu estado agora?

BUCKINGHAM

Muito bom, ele fala alegremente.

ELIZABETH

Deus lhe dê vida! Conversaram muito?

BUCKINGHAM

Sim, senhora. Ele quer ver feita a paz
Entre teus irmãos e o Duque Gloucester,
E entre eles e o Lorde camarista;
E mandou convocá-los junto a ele.

ELIZABETH

Que bom seria! — Mas não será nunca.
E a felicidade 'stá perto do fim.

(*Entram Ricardo, Hastings e Dorset.*)

RICARDO

Não posso suportar tanta calúnia!
Mas quem é que se queixou junto ao rei
Que sou violento e não lhes tenho amor?
São Paulo! Como amam pouco o rei
Enchendo seus ouvidos com discórdias.

Por não saber ser falso e adulador,
Sorrir, dissimular, fazer mesuras,
Curvaturas francesas, macaquices,
Passo por inimigo rancoroso.
Não pode alguém ser simples, sem malícia,
Sem que esses rebotalhos carreiristas
Abusem logo da sinceridade?

GREY

A quem, de entre nós todos, dirigi-vos?

RICARDO

A ti, que não és nobre nem honesto.
Quando te injuriei? Que mal te fiz?
A ti? A ti? Ou a qualquer um do grupo?
Malditos sejam todos! Sua Graça —
A quem Deus guarde melhor do que desejam —
Não pode repousar um só momento
Sem que o perturbeis com vossas queixas.

ELIZABETH

Irmão Gloucester, não confundas as coisas.
O rei, por sua própria decisão,
E não premido por nenhum vassalo,
Talvez em vista do teu ódio íntimo,
Que transparece no teu próprio aspecto,
Contra meus filhos, meus irmãos e eu mesma,
Chamou-te, pra saber qual é a causa
Do teu rancor, buscando removê-la.

RICARDO

Não sei; o mundo se tornou tão vil
Que as garriças procuram suas presas
Onde nem águias conseguem pousar.
Se João-Ninguém tornou-se um cavalheiro,
Há muitos cavalheiros João-Ninguém.

ELIZABETH

Vamos, nós entendemos o que dizes.
Invejas meu sucesso e meus amigos.
Deus não nos faça precisar de ti!

RICARDO

Mas Deus faz que de ti hoje eu precise.
Nosso irmão está no cárcere a teu mando,
Eu, na desgraça, e toda essa nobreza,
Humilhada, enquanto que honrarias
São concedidas todo dia àqueles
Que há dois dias atrás eram ninguém.

ELIZABETH

Por Deus, que me elevou a estas alturas
Do destino feliz em que eu vivia,
Nunca instiguei Sua Majestade
Contra o Duque de Clarence; ao contrário,
Fui fiel advogada em seu favor.
Tu fazes-me uma injúria vergonhosa,
Se lanças tal suspeita falsa e vil.

RICARDO

Podes negar que foste tu a causa
Da recente prisão de Milorde Hastings…

RIVERS

Pode, senhor, pois…

RICARDO

Pode sim, Lorde Rivers! Quem não o sabe?
Pode inda muito mais que negar isso:
Pode ajudar-te a prosperar deveras,
Depois negar sua ingerência nisso,
E pôr as honrarias em teu nome.
O que é que ela não pode? Ai, ela pode…

RIVERS

Que é que ela pode?

RICARDO

Ora, pode casar-se com um rei,
Um belo jovem, um gentil mancebo.
Sua avó teve sorte bem pior.

ELIZABETH

Lorde Gloucester, sofro há muito tempo
Teus desaforos e alusões irônicas.
Por Deus, vou informar Sua Majestade
Dessas grosserias que eu suporto.
Preferiria ser uma criada
A ser rainha nestas condições,
Insultos, ironias, e calúnias…
(*Entra, por trás, a Rainha Margaret.*)
Não folgo em ser Rainha da Inglaterra.

MARGARET

(*à parte*)
E peço a Deus que venha a folgar menos!
Teu estado, honra e posto é a mim que deves!

RICARDO

O quê? Ameaças de contar ao rei?
Conta, não poupes nada: o que eu te disse
Sustentarei diante do próprio rei,
Ousarei, mesmo podendo ir pra Torre.
É tempo de falar. Não tenho mágoas.

MARGARET

(*à parte*)
Fora, demônio! Eu as recordo todas:
Mataste meu marido, o Rei Henrique,
E meu filho Eduardo em Tewkesbury.

RICARDO

Antes que fôsseis vós meus soberanos,
Eu carreguei qual mula a causa dele.
Fui destruidor de muitos adversários,
Fonte de paga para seus amigos;
Por seu sangue real eu dei o meu.

MARGARET

(*à parte*)
E sangue bem melhor que o teu ou o dele.

RICARDO

Naquele tempo, tu e o teu marido
Éreis ligados à facção de Lancaster,
E tu, Rivers, também. O teu marido
Não foi morto em batalha, em Santo Albano?
Compara o que foste e o que és
Com tudo o que eu já fui e que hoje sou.

MARGARET

(*à parte*)
Um vilão assassino, o que és ainda.

RICARDO

Clarence desamparou o sogro, Warwick;
Virou traidor — que Jesus o perdoe!

MARGARET

(*à parte*)
Que Deus o vingue!

RICARDO

Para lutar com o grupo de Eduardo;
E como prêmio está encarcerado.
Quisera eu ser duro como Eduardo,
Ou que ele fosse dócil como eu:
Sou ingênuo demais para este mundo.

MARGARET

(*à parte*)
Vai para o inferno, foge deste mundo,
Gênio do mal! Pois o teu reino é lá.

RIVERS

Lorde Gloucester, nesses dias agitados
Em que nos quereis ver como inimigos,
Seguíamos o rei, nosso soberano;
Se fôsseis rei, a vós nós seguiríamos.

RICARDO

Se eu fosse rei! Antes ser um mendigo:
Longe, longe de mim tal pensamento.

ELIZABETH

Pouca ventura, como estás supondo,
Terias como rei deste país —

Como pouca podes supor em mim,
Que me cabe por ser sua rainha!

MARGARET

(*à parte*)
Bem pouca é a ventura da rainha
Pois eu o sou, e sempre em desventura.
Não posso mais manter a paciência.
(*Avança.*)
Ouvi-me, maus piratas, que disputam
O que de mim tiraram na pilhagem!
Qual de vós, ao fitar-me, não se agita?
Será por ser rainha que curvai-vos,
Ou tremeis ante aquela que banistes?
Gentil vilão, não vás embora ainda!

RICARDO

Que fazes, bruxa má, diante de mim?

MARGARET

Repito o que fizeste, depravado;
Isso farei antes de deixá-lo ir.

RICARDO

Não te baniram sob pena de morte?

MARGARET

Sim; mas achei mais dor no banimento
Do que na morte que me espera em casa.
Um marido e um filho tu me deves;
E tu, um reino. Obediência, todos:
A dor que tenho é, por direito, vossa;
E o prazer que usurpastes foi o meu.

RICARDO

A maldição que te lançou meu pai
Quando coroaste sua altiva fronte
Com papel, e arrancaste de seus olhos
Rios de pranto; e então, para secá-los,
Deste ao duque um farrapo umedecido
Com o sangue puro do formoso Rutland.
Suas pragas, do fundo de sua alma,

Te denunciaram, sobre ti caíram;
E Deus, não nós, puniu teu rubro feito.

ELIZABETH

E assim o justo Deus trata o inocente!

HASTINGS

Matar um infante é crime mais que horrível;
E esse foi mais torpe do que todos.

RIVERS

Sabê-lo fez chorar até tiranos.

DORSET

Choveram juras por sua vingança.

BUCKINGHAM

Chorou Northumberland, que estava lá.

MARGARET

Rosnavam todos antes de eu chegar,
Prontos a se esganarem uns aos outros,
E agora voltam o ódio contra mim?
Paira no céu a horrível maldição
De York de modo tal que a própria morte
De Henrique, a morte do meu belo Eduardo,
A perda do meu reino, o meu exílio,
São o resgate de um fedelho ousado?
Se é dado às maldições entrar no céu,
Abri-vos, nuvens, ao meu brado de ódio!
Que teu rei seja morto, não na guerra,
Mas pelo excesso, como assassinado
Morreu o nosso, pra fazê-lo rei!
Teu filho Eduardo, Príncipe de Gales,
Pelo meu Eduardo, que era o príncipe,
Morra jovem, também pela violência!
Tu, rainha, por mim que fui rainha,
Sobrevivas à glória, como eu mesma!
Vivas muito a chorar pelos teus filhos!
Vejas outra, como hoje vejo a ti,
Coberta dos direitos que hoje gozas,
Como estás instalada tu nos meus!

Morra tua alegria antes que morras;
E após as longas horas de tristeza
Morras não sendo mais mãe nem esposa,
Não sendo mais Rainha da Inglaterra!
Rivers e Dorset, fostes testemunhas,
Assim como vós, Hastings, que meu filho
Foi abatido por punhais sangrentos:
Peço a Deus que nenhum de vós desfrute
Uma vida normal, mas seja morto
Por qualquer acidente inesperado.

RICARDO

Lançaste o feitiço, bruxa odiosa.

MARGARET

Eu não te esqueço, cão; espera e ouve:
Se o céu possui alguma horrenda praga
Que exceda estas que eu lanço sobre ti,
Guarde-a até que sazonem teus pecados
E então derrame a sua indignação
Sobre ti, destruidor da paz do mundo!
Que o verme dos remorsos te roa a alma!
Que os amigos suspeites de traidores,
E tomes vis traidores por amigos!
Que o sono não te feche os olhos tristes,
Senão para algum sonho tormentoso
Que te amedronte como diabo horrendo!
Tu, cão maldito, assombração que ladra!
Tu, que foste marcado de nascença,
Escravo ignóbil, filho dos infernos;
Difamador do ventre em que pesaste,
Fruto odioso da ilharga de teu pai!
Trapo sem honra! Mais que abominável…

RICARDO

Margaret!

MARGARET

Ricardo!

RICARDO

Ah!

MARGARET

Não te chamei.

RICARDO

Peço perdão, então, pois pareceu-me
Que me chamavas de terríveis nomes.

MARGARET

E o fiz; mas não quero ter resposta.
Deixa que eu ponha um fim à minha praga!

RICARDO

O fim é meu, e esse fim é Margaret.

ELIZABETH

Rogaste a praga assim contra ti mesma.

MARGARET

Rainha de papel, por que espargir
Tanta doçura sobre a vil aranha
Cuja teia mortal te tem envolta?
Louca! Afias a espada que te mata.
Virá dia em que me quererás perto
Pra, juntas, maldizermos o sapo imundo.

HASTINGS

Falsa agourenta, cessa a praga louca,
Para teu mal, nos gastas a paciência.

MARGARET

Tristes de vós, que a minha já gastastes.

RIVERS

Uma boa lição vos serviria.

MARGARET

Pra me servir, eis a vossa lição:
A rainha sou eu, e vós meus súditos.
Vossa lição é o dever de servir.

DORSET

Não discutas com ela; ela é maluca.

MARGARET

Calma, senhor marquês; és insolente:
Teu recente brasão mal se conhece,

E essa nova nobreza ainda não sabe
O que é perdê-la, e ficar miserável.
Quem está no alto faz tremer os outros,
Mas se cair por terra, está perdido.

RICARDO

Que bom conselho! Ouve-o, marquês.

DORSET

Ele vos toca tanto quanto a mim.

RICARDO

E muito mais: mas eu nasci tão alto
Que nosso berço, o topo do alto cedro
Brinca com o vento e desafia o sol.

MARGARET

E torna o sol em sombra; testemunho
Disso é meu filho, hoje em sombria morte,
Cujo brilho sem par teu ódio negro
Envolveu para sempre em negras trevas.
Teu berço se formou por sobre o nosso:
Deus, que o estás vendo, não suportes isso!
O que o sangue ganhou assim se perca!

BUCKINGHAM

Paz! Por vergonha, se não por piedade!

MARGARET

Não me exijas vergonha nem piedade!
Comigo foste sempre um impiedoso,
Esquartejaste as minhas esperanças.
A minha caridade é um ultraje,
A vida, vergonha: nela vive meu ódio.

BUCKINGHAM

Mas chega! Chega!

MARGARET

Magnífico Buckingham, hei de beijar-te
A mão, em sinal de leal amizade.
Sejas feliz, co'a tua nobre casa!
Teus trajes não manchaste com meu sangue,
Nem te incluo no alcance dessas pragas.

BUCKINGHAM

Nem ninguém entre nós, porque essas pragas
Nunca passam dos lábios que as proferem.

MARGARET

Eu creio que elas sobem para os céus
Pra despertar de Deus o sono doce.
Oh Buckingham, teme o cão danado!
Quando ele rosna, morde! e quando morde
Seus dentes venenosos causam morte:
Não te ligues a ele, foge dele;
Pecado, morte e inferno estão com ele
E suas armas 'stão a seu serviço.

RICARDO

Que tem ela a dizer, meu Lorde de Buckingham?

BUCKINGHAM

Nada de sério, meu amável Lorde.

MARGARET

O quê, desdenhas o meu bom conselho?
E agradas o demônio que te aponto?
Mas vais lembrar-te disso um outro dia,
Quando ele te rasgar o coração.
Então dirás que Margaret foi profética! —
Que sejais todos alvos de seu ódio,
Ele do vosso, e todos do de Deus!

(*Sai.*)

HASTINGS

Tenho o cabelo em pé de ouvir-lhe as pragas.

RIVERS

E eu também. Por que 'stá em liberdade?

RICARDO

Eu não a culpo. Pela mãe de Deus,
Passou por muitos males; me arrependo

Da parte pela qual fui responsável.

ELIZABETH

Eu nunca lhe fiz mal, ao que me conste.

RICARDO

Mas foste quem lucrou co'os males dela.
Eu fui ardente para promover
Quem hoje é frio até para lembrá-lo.
Quanto a Clarence, já foi recompensado;
Está bem-pago pelos seus serviços;
Que Deus perdoe os que causaram tudo.

RIVERS

É conceito cristão e virtuoso
Rezar por todos que nos fazem mal.

RICARDO

(*à parte*)
E assim eu faço, sendo precavido —
Se praguejasse, era contra mim.

(*Entra Catesby.*)

CATESBY

Senhora, o rei vos chama com insistência;
E a vós, Alteza, e a vós, meus nobres lordes.

ELIZABETH

Eu já vou, Catesby. Vós vindes comigo?

RIVERS

Assim que vós quiserdes.

(*Saem todos, menos Ricardo.*)

RICARDO

O mal que faço eu mesmo denuncio.
Esses erros secretos que eu espalho

Logo os faço pesar no ombro de outrem.
A Clarence — que de fato eu dei às trevas —
Pranteio junto a tolos que manobro,
Ou seja, Hastings, Derby, Buckingham;
E digo que a rainha e seus comparsas
É que instigam o rei contra o irmão.
Eles o creem; chegam a atiçar-me
Pra que me vingue em Rivers, Dorset, Grey:
Eu suspiro, co'um trecho da Escritura,
Digo que Deus nos pede o bem em troca
Do mal; e assim eu visto a vilania
Com farrapos que arranco à própria Bíblia.
Quanto mais peco, mais pareço santo.
Mas cuidado! Aí vêm os meus carrascos.
(*Entram dois Assassinos.*)
Então, meus decididos companheiros!
Ides agora despachar o caso?

1º ASSASSINO

Queremos justamente o documento
Que nos permita entrar onde ele está.

RICARDO

Bem-lembrado — eu o tenho aqui comigo.
(*Dá-lhes a ordem.*)
Quando acabarem, venham ter a Crosby.
E sejam rápidos na execução,
De ouvidos surdos para as suas queixas.
Conheço Clarence; suas belas falas,
Se ouvidas, ferem muito o coração.

2º ASSASSINO

Qual, meu senhor, não somos de conversas.
Faladores não primam pela ação.
Vamos usar as mãos, e não as línguas.

RICARDO

Seus olhos só têm pedras, não têm lágrimas:
São dos que eu gosto. Vamos ao serviço.
Vamos, depressa.

AMBOS

É pra já, senhor.

(*Saem.*)

Cena IV— A Torre.

(*Entram Clarence e o Guardião da Torre.*)

GUARDIÃO

Por que tendes um ar tão contristado?

CLARENCE

Eu passei uma noite miserável,
Cheia de pesadelos e visões,
E juro, pela minha fé em Cristo,
Que outro momento assim não passaria
Nem para conquistar dias felizes —
Tão cheia de terror foi esta noite.

GUARDIÃO

Que pesadelo foi? Quereis contá-lo?

CLARENCE

Sonhei que estava fora desta Torre
E que embarcara pra ir à Borgonha,
Em companhia de meu mano Gloucester,
Que me induziu a ir para o convés.
De lá olhávamos para a Inglaterra,
E recordávamos duros momentos,
Durante as guerras entre York e Lancaster
Que nos feriram. E entre os lentos passos
Que dávamos, um pouco entontecidos,
Pareceu-me que Gloucester tropeçou;
E, ao cair, lançou-me para as águas,

Dentro do mar, revolto e encapelado.
Meu Deus! Como é horrível afogar-se!
Que ruído horrível de água em meus ouvidos!
Que fantasmas de morte nos meus olhos!
Julgava ver milhares de navios,
Muitos homens comidos pelos peixes,
Âncoras, barras de ouro, muitas pérolas,
Pedras preciosas, valiosas joias,
Espalhadas no fundo do oceano;
Algumas sobre crânios; e em buracos,
Que noutros tempos abrigavam olhos,
Por ironia penetraram gemas
Que brilham nas viscosas profundezas
E zombam das ossadas espalhadas.

GUARDIÃO

Mas pudestes assim, na hora da morte,
Pesquisar os segredos lá do fundo?

CLARENCE

Penso que pude; em luta, muitas vezes,
Pra libertar a alma. Mas as ondas
Inundavam-me a alma e não deixavam
Que ela buscasse a vastidão dos ares,
Prendendo-a em meu corpo palpitante,
Que se torcia pra lançá-la ao mar.

GUARDIÃO

Mas não acordastes dessa agonia?

CLARENCE

Não; meu sonho estendeu-se além da vida,
E veio então a tempestade da alma!
Co'o barqueiro fatal da poesia
Parece que cruzei o triste rio
E entrei no reino da perpétua noite.
Quem primeiro saudou minh'alma errante
Foi meu sogro, o famoso e forte Warwick,

Que alto bradou: "Que pena por perjúrio
Pode este reino dar ao falso Clarence?"
E desapareceu. E então chegou
Um vulto, como um anjo, todo louro,
Salpicado de sangue, que gritava
"Clarence chegou; o falso, o ignóbil Clarence,
Que me matou no campo junto a Tewkesbury:
Fúrias, prendei-o! Dai-lhe mil tormentas!"
Então uma legião de maus demônios
Cercou-me e repetiu aos meus ouvidos
Gritos tão fortes que somente ouvi-los
Me despertou, e por um largo tempo
Fiquei certo de estar no próprio inferno,
Tal a impressão do horrível pesadelo.

GUARDIÃO

Não espanta que ele assim vos assustasse.
Eu sinto medo só de vos ouvir.

CLARENCE

Ó guardião, eu fiz, é certo, coisas
Que, agora, são provas contra minh'alma,
Por Eduardo, e assim ele me paga!
Oh Deus, se não Te aplacam minhas preces
E queres ser vingado em minhas faltas,
Lança Teu ódio apenas sobre mim;
Poupa minha mulher e os nossos filhos!
São inocentes. Tu, fica ao meu lado;
Pesa-me a alma, e eu sinto-me dormir.

GUARDIÃO

Ficarei, meu senhor. Dormi tranquilo.

(*Clarence adormece.*)

(*Entra Brakenbury.*)

BRAKENBURY

A dor quebra o descanso e as horas calmas,
Faz da noite manhã e do Sol, noite.
Os nobres só têm títulos por glória,
E honras externas por internos danos;
E por coisas somente imaginadas
Sentem um mundo de cuidados vãos.
Entre seus títulos e humildes nomes
Só há de diferença a externa fama.

(*Entram os dois Assassinos.*)

1º ASSASSINO

Quem 'stá aqui?

BRAKENBURY

Que queres, camarada? E como chegaste até aqui?

2º ASSASSINO

Quero falar com Clarence, e cheguei aqui pelos meus próprios pés.

BRAKENBURY

Que explicação tão breve!

1º ASSASSINO

O que é sempre melhor que falar muito. Deixe-o ver nossas ordens e não fale mais.

(*Brakenbury lê.*)

BRAKENBURY

Este papel ordena que eu entregue
Em suas mãos o nobre Duque Clarence.
Não falarei do que isto significa
Porque não quero culpa neste assunto.
Eis as chaves; ali o duque dorme.

Eu vou ao rei, comunicar a ele
Que me demito, e que lhes passo o cargo.

1º Assassino

Faz bem, senhor; e passe muito bem.

(*Saem Brakenbury e o Guardião.*)

2º Assassino

Como é, vamos apunhalá-lo enquanto dorme?

1º Assassino

Não; depois dirá que fomos covardes, quando acordar.

2º Assassino

Quando acordar? Está louco? Esse só vai acordar no Juízo Final.

1º Assassino

Nesse caso, vai dizer que o apunhalamos enquanto dormia.

2º Assassino

Essa palavra "Juízo" faz nascer uma espécie de remorso dentro de mim.

1º Assassino

O que é isso, está com medo?

2º Assassino

Não de matá-lo, pois tenho aqui a ordem para fazê-lo; mas de ser condenado aos infernos por fazê-lo, contra o que não há ordem que me defenda.

1º Assassino

Pensei que já estava resolvido.

2º Assassino

E estou, mas a deixá-lo viver.

1º Assassino

Então eu volto para contar ao Duque de Gloucester.

2º Assassino

Espere um pouco; tenho esperança de que esse acesso de emoção desapareça logo. Em geral só aguenta até eu contar vinte.

1º Assassino

Como é que está se sentindo agora?

2º Assassino

Ainda estou sentindo uns restinhos de consciência dentro de mim.

1º Assassino

Lembre-se da recompensa depois do serviço.

2º Assassino

Raios! Ele morre: eu tinha esquecido a recompensa.

1º Assassino

Onde é que está sua consciência?

2º Assassino

Na bolsa do Duque de Gloucester.

1º Assassino

Quer dizer que quando ele abrir a bolsa para nos dar recompensa sua consciência aproveita e dá o fora.

2º Assassino

Pois que dê; hoje em dia quase ninguém se dá a esses luxos.

1º Assassino

E se ela volta?

2º Assassino

Não me meterei com ela: é coisa muito perigosa; faz o homem covarde; não se pode roubar, que ela o acusa; nem praguejar, que ela reclama; nem dormir com a mulher do vizinho, que ela descobre; é um espírito pudico e encabulado que cria tumultos no peito do homem, enche a gente de obstáculos; uma vez, me fez devolver uma bolsa cheia de ouro que eu havia encontrado por acaso; empobrece todo homem que a tem; é expulsa de vilas e cidades como perigosa; e todo homem que deseja viver bem aprende a confiar em si mesmo e a viver sem ela.

1º Assassino

Pelas chagas de Cristo, ei-la agora aqui, bem junto a mim, persuadindo-me a não matar o duque.

2º Assassino

Domina o demônio com o cérebro, e não acredite nele: ele só se mete em sua vida para fazê-lo sofrer.

1º Assassino

Sou resistente. Garanto que comigo não arranja nada.

2º Assassino

Falas como um bom homem que zela por sua reputação. Como é, vamos pôr mãos à obra?

1º Assassino

Acerte-o no coco com o punho de sua espada; e depois o jogamos no barril de vinho, no quarto ali ao lado.

2º Assassino

Que boa ideia! Fazer papinha dele.

1º Assassino

Cuidado! Mexeu-se!

2º Assassino

Ataque!

1º Assassino

Não, primeiro vamos argumentar com ele.

Clarence

(*Despertando.*)
Guardião? Dá-me um copo de vinho.

2º Assassino

Tereis bastante vinho, meu senhor.

Clarence

Por Deus, quem és?

2º Assassino

Um homem, como vós.

Clarence

Mas não, como eu, real.

1º Assassino

Nem vós, como eu, leal.

Clarence

Tendes voz de trovão, mas ar humilde.

1º Assassino

Minha voz é a do rei; o aspecto é meu.

Clarence

Que fala mais sombria e mais letal!
Teus olhos ferem: por que estás tão pálido?

Quem vos mandou aqui? Por que viestes?

AMBOS

Para, para…

CLARENCE

Matar-me?

AMBOS

É sim, é sim.

CLARENCE

Mal tendes coração para dizê-lo —
Assim, não o tereis para fazê-lo.
Em que, amigos, eu vos ofendi?

1º ASSASSINO

A nós não ofendestes, mas ao rei.

CLARENCE

Dentro em breve estarei de bem com ele.

2º ASSASSINO

Nunca, senhor. Prepare-se pra morrer.

CLARENCE

Fostes chamados, dentre o mundo inteiro,
Pra matar um inocente? Qual foi
A ofensa e de que crime me acusam?
Que justiça lançou o veredito
Sob o olhar de um juiz? Quem promulgou
Essa amarga sentença contra Clarence?
Antes que a lei me tenha condenado,
Ameaçar-me de morte é ilegal.
Ordeno, se sonhais com a redenção
Pelo sangue de Cristo derramado,
Que partais já, sem pôr as mãos em mim.
O ato que planejam é maldito.

1º ASSASSINO

O que faremos é cumprindo ordens.

2º ASSASSINO

E quem nos deu as ordens foi o rei.

CLARENCE

Vassalo infiel! O grande Rei dos Reis

Comanda nos preceitos da Sua Lei
Que tu não matarás; queres então
Desprezar Sua Lei pela de um homem?
Cuidado, que Ele tem nas mãos vingança
Para ferir quem quebra a Sua Lei.

2º Assassino

É essa vingança que se aplica a vós
Por ser perjuro e por assassinato.
Tivestes sacramento pra lutar
Por Lancaster nas guerras que passaram.

1º Assassino

Traístes vossa jura e o próprio Deus,
E com maldita espada de traidor
Esquartejastes o filho do rei.

2º Assassino

Que deveríeis amar e defender.

1º Assassino

Como invocar a Deus contra nós dois,
Quando vós O traístes a tal ponto?

Clarence

E por quem pratiquei todo esse crime?
Pelo irmão Eduardo, em seu favor:
Não há de ser por isso que me mata,
Pois nisso é tão culpado quanto eu.
Se Deus quer ser vingado por tal ato
Sabei que Ele o fará publicamente,
Não Lhe tireis da mão essa disputa;
Ele não usa meios tortuosos
Para punir aqueles que O ofendem.

1º Assassino

Quem vos deu um sangrento ministério
Quando o bravo e leal Plantageneta,
Flor da nobreza, foi por vós ferido?

Clarence

O amor de meu irmão, o diabo, e a raiva.

1º Assassino

O amor de vosso irmão, nosso dever
E teus erros mandam-nos matar-vos.

CLARENCE

Ó, se amais meu irmão, não me odieis;
Sou seu irmão e o amo ternamente.
Se fostes contratados por dinheiro
Voltai, que eu vos envio a Gloucester,
Que vos compensará por minha vida
Melhor que Eduardo pela minha morte.

2º ASSASSINO

'Stais enganado; Gloucester vos detesta.

CLARENCE

Ó não, ele me ama e me protege.
Ide mim a ele.

AMBOS

Nós iremos.

CLARENCE

Dizei-lhe: quando o Príncipe de York,
Nosso pai, abençoou seus três filhos
Com seu braço guerreiro vitorioso,
E exortou-nos a amar-nos um ao outro,
Nem pensou em possível divergência
Nessa amizade. Só de o recordar
Gloucester terá vontade de chorar.

1º ASSASSINO

Vai chorar pedra, como nos mandou.

CLARENCE

Mas que calúnia; ele é bom e suave.

1º ASSASSINO

Se é, qual neve pra colheita.
Vamos, vós estais enganado.
Foi ele quem nos mandou vir matá-lo.

CLARENCE

Não pode ser; quando eu lhe disse adeus
Apertou-me nos braços soluçando
E jurou que viria libertar-me.

1º Assassino

É o que faz, livrando-vos da negra
Escravidão da terra, e vos mandando
Gozar as alegrias celestiais.

2º Assassino

Rezai a Deus, pois morrereis, senhor.

Clarence

Tens n'alma sentimento tão sagrado
Que me aconselhas fazer as pazes
Com Deus, mas a própria alma tão cega
Que entra com Deus em guerra, assassinando?
Considerai, senhores, que o mandante
Só pagará com ódio o vosso ato.

2º Assassino

Que fazer?

Clarence

Cedei, salvai vossas almas.

1º Assassino

Ceder é covardia efeminada.

Clarence

Aquele que não cede é fera ou demo.
Se acaso algum de vós fosse
Filho de um príncipe, como eu,
Estando preso, como estou agora,
Se vísseis dois carrascos como vós,
Não lutaríeis pela própria vida?
Como suplicaríeis complacência
Se estivésseis na minha situação!
(*para o 2º Assassino*)
Amigo, há um vislumbre de piedade
Nos teus olhos. Se os olhos não são falsos,
Fica a meu lado e vem rogar comigo:
Que pobre não lamenta um pobre príncipe?

2º Assassino

Olhai atrás de vós, senhor.

1º ASSASSINO

Toma! Toma!
(*Apunhala-o.*)
E se não for bastante,
Eu te afogo no barril de malvasia.
(*Sai com o corpo.*)

2º ASSASSINO

Ato sangrento, e feito em desespero!
Com que prazer eu lavaria as mãos,
Como Pilatos, deste horrível crime!

(*Entra o 1º Assassino.*)

1º ASSASSINO

Então? Que pensas? Por que não me ajudas?
Por Deus, direi ao duque como és mole!

2º ASSASSINO

Eu gostaria de dizer ao duque
Que lhe salvara o irmão; podes dizer-lhe.
Guarda o dinheiro; estou arrependido
Da morte deste duque, e não o quero.

(*Sai.*)

1º ASSASSINO

Pois eu não estou; podes partir, covarde.
Esconderei o corpo em qualquer canto,
Até que o duque ordene o seu enterro;
E fugirei assim que me pagar;
O crime fala, e eu não posso ficar.

(*Sai.*)

ATO II

Cena I — Londres. Um quarto no Palácio.

(*Clarinada. Entram o Rei Eduardo, doente, a Rainha Elizabeth, Dorset, Rivers, Hastings, Buckingham, Grey e outros.*)

EDUARDO

Hoje tive um bom dia de trabalho.
Vós, meus pares, segui co'a união.
Espero a cada dia uma embaixada
Do Redentor, para me redimir;
E assim minh'alma em paz irá aos céus,
Já que entre meus amigos fiz a paz.
Rivers e Hastings, apertai as mãos;
Não quero fingimento, mas amor.

RIVERS

Pelo céu, em minh'alma não há ódio.
E aqui juro a amizade do meu peito.

HASTINGS

Também eu, em verdade, juro o mesmo.

EDUARDO

Cuidado! Não zombeis diante do rei;
Senão, aquele que é o Rei dos Reis,
Punindo vossa oculta falsidade,
Fará de cada um o algoz do outro.

HASTINGS

Dependa a minha vida deste amor!

RIVERS

E do que tenho a Hastings viva eu!

EDUARDO

Senhora, vós não estais isenta nisso;
Nem tu, meu Dorset; Buckingham, nem tu;
Vós tomastes partido uns contra os outros.

Mulher, ame Hastings, e permita-lhe
Beijar-vos a mão, sem ressentimento.

ELIZABETH

Sim, Hastings; nunca mais recordaremos
Nosso ódio antigo, por teu bem e o meu!

EDUARDO

Dorset, abraça-o; Hastings, sê amigo do marquês.

DORSET

Este pacto de amor, aqui prometo,
Será de minha parte inviolável.

HASTINGS

E assim também eu juro.

(*Abraçam-se.*)

EDUARDO

Magnífico Buckingham, sela este pacto,
Abraça os aliados da rainha,
Faça-me feliz com essa união.

BUCKINGHAM

(*para Elizabeth*)
Se acaso Buckingham voltar seu ódio
A Vossa Graça, em lugar de estimar
A vós e aos vossos, que me ponha Deus
Com o ódio dos que eu quero que me amem!
Que quando eu necessitar um amigo
Pra pedir, certo que ele é meu amigo,
Seja ele pra mim traidor e falso!
É o que peço a Deus se eu for falso
No zelo que prometo a vós e aos vossos.

(*Abraçam-se.*)

EDUARDO

Precioso agrado, excelente Buckingham,
É o que dás ao meu fraco coração.
Só falta agora aqui nosso irmão Gloucester
Pra concluir a glória desta paz.

BUCKINGHAM

Em bom momento
Eis que nos chegam Ratcliffe e o duque.

(*Entram Ricardo e sir Richard Ratcliffe*.)

RICARDO

Bons dias aos meus reis e soberanos,
Bons dias aos seus príncipes, bons dias.

EDUARDO

Realmente feliz foi este dia
Em que exercemos pura caridade:
Demos paz a inimigos, em vez de ódio,
Demos amor, entre os irados pares.

RICARDO

Abençoado labor, meu soberano.
Se alguém, neste ambiente principesco,
Por desentendimento ou por suspeita
Errônea me tomou por inimigo;
Se involuntariamente eu, por acaso,
Fiz qualquer coisa que ferisse o peito
De alguém aqui, desejo neste instante
Reconciliar-me à sua amiga paz:
Tenho horror de viver na inimizade,
Desejo o amor de todos que são bons.
Em primeiro lugar peço à rainha
A paz que pagarei com meus serviços;
De ti, meu nobre primo Buckingham,
Se alguma vez houve ódio entre nós dois,

De vós, Lorde Rivers, e Lorde Grey, de vós,
Que sem motivo algum me censurastes;
Duques, condes, ou lordes, nobres senhores —
Não sei de nenhum filho da Inglaterra
Contra o qual em minh'alma haja rancores
Mais do que n'alma dum recém-nascido:
Dou graças a Deus por minha humildade.

ELIZABETH

Que isto seja pra sempre consagrado:
Peço a Deus que as discórdias se componham.
Meu soberano, eu peço a Vossa Alteza
Que tome nosso Clarence em Vossa Graça.

RICARDO

Então, senhora, o amor que eu ofereço
É pra ser desse modo escarnecido?
Quem ignora que o duque faleceu?

(*Todos se espantam.*)

RIVERS

Quem ignora que é morto? Quem o sabe?

ELIZABETH

Ó céu que tudo vês, que mundo é este!

BUCKINGHAM

(*para Dorset*)
Estou tão pálido quanto os demais?

DORSET

Estais, senhor, e ninguém há por perto
Cujas faces não tenham descorado.

EDUARDO

Clarence morreu? A ordem foi sustada.

RICARDO

Morrera já, por vossa outra ordem,
A que levara algum Mercúrio alado;

O aleijão que tardou com a contraordem
Só chegou para vê-lo sepultado.
Deus queira que alguns outros, menos nobres,
E que sempre escapam à suspeição,
Iguais em ideias sangrentas, não no sangue,
Mereçam nada menos do que Clarence.

(*Entra Stanley*.)

STANLEY

Uma graça, senhor, por meus serviços!

EDUARDO

Peço-te paz, tenho a alma em dor profunda.

STANLEY

Não me erguerei, senhor, sem ser ouvido.

EDUARDO

Então diz, bem depressa, o que desejas.

STANLEY

Clemência pro meu servo, que matou
Hoje, de um golpe, um homem turbulento
Que, há tempos, serviu o Duque de Norfolk.

EDUARDO

Minha palavra mata meu irmão
E depois salva a vida desse escravo?
Meu irmão não matou ninguém; seu crime
É suposto, e puniu-o a amarga morte.
Quem me pediu por ele? Ou, quando irado,
Ajoelhou-se a meus pés, aconselhando-me?
Quem falou de amizade e amor fraterno?
Quem me lembrou que ele, contra Warwick,
Lutou por mim? Quem me contou a luta
No campo de batalha junto a Tewkesbury,
Quando Oxford me abateu e ele salvou-me,
E disse "Caro irmão, vive e sê rei"?

Quem me lembrou quando, ambos sobre o campo
Gelados quase à morte, ele enrolou-me
Nas próprias vestes, e entregou o corpo
Nu e transido à fria e negra noite?
Tudo isso um ódio rude me arrancou
Da lembrança, e nenhum dos que aqui estão
Por piedade alertou minha memória;
Mas quando um rude carreteiro, um servo,
Comete, embriagado, um assassínio,
Ferindo a Lei de nosso Redentor,
Cais de joelhos a pedir perdão;
E eu, injustamente, devo dá-lo.
Mas pelo meu irmão ninguém falou
Nem mesmo eu, infeliz, disse a mim mesmo
Por ele uma palavra. O mais soberbo
Entre vós lhe deveis muito na vida;
Mas nenhum se bateu por sua vida.
Ó Deus, temo que agora a Tua justiça
Recaia sobre mim, e os meus, e os vossos.
Vem, Hastings, conduzir-me para o quarto.
Ah, pobre Clarence!

(*Saem alguns com o Rei Eduardo e a Rainha Elizabeth.*)

RICARDO

Isto é o fruto do ódio. Não notaste
Como o grupo culpado da rainha
Ficou branco ao saber do fim de Clarence?
Deus o há de vingar. Vamos, senhores,
Dar ao rei nosso apoio e companhia.

BUCKINGHAM

Estamos ao dispor de Vossa Graça.

(*Saem.*)

Cena II — Um quarto no Palácio.

(*Entra a velha Duquesa de York com os dois filhos de Clarence.*)

MENINO

Vovó, dizei-nos, nosso pai 'stá morto?

DUQUESA

Não, menino.

MENINA

E por que é que chorais constantemente?
Bateis no peito e murmurais chorando
"Ó Clarence, ó meu filho desgraçado!"

MENINO

Por que olhais pra nós ansiosamente
Chamai-nos órfãos, pobres infelizes,
Se o nosso nobre pai ainda está vivo?

DUQUESA

Meus lindos netos, vocês dois se enganam;
Eu lamento a doença do meu rei,
Temo-lhe a morte, e não a de seus pais;
Seria mágoa vã por quem já foi.

MENINO

Então, vovó, concluís que está morto:
O rei, meu tio, é o culpado disso:
Deus há de castigá-lo; e eu, insistente,
Hei de rogar em preces todo dia.

MENINA

E eu também.

DUQUESA

Calma, crianças, calma! O rei os ama.
Inofensivos, puros, inocentes,
Vocês não podem nem imaginar
Quem causou a vil morte de seu pai.

MENINO

Podemos, sim, vovó; o bom tio Gloucester

Diz que o rei, por empenho da rainha,
Inventou mil razões para prendê-lo.
E falando-me assim ele chorava,
Me lamentava e me beijava a face;
Pediu-me que o quisesse como a um pai,
E disse que me amava como a um filho.

DUQUESA

O embuste pode usar formas amáveis
E a face da virtude esconde o vício!
É meu filho; aí 'stá minha vergonha.
De meu peito não herdou a maldade.

MENINO

Achais que meu tio mentiu, vovó?

DUQUESA

Sim, menino.

MENINO

Não posso acreditar. Que ruído é esse?

(*Entram a Rainha Elizabeth, com os cabelos soltos sobre as orelhas, Rivers e Dorset, atrás dela.*)

ELIZABETH

Ó, quem me impedirá de lamentar-me,
Chorar minha desgraça e atormentar-me?
'Stou cheia de pavor contra minh'alma,
Tornando-me inimiga de mim mesma.

DUQUESA

Por que uma tal cena de impaciência?

ELIZABETH

Pra falar de uma trágica violência.
Teu filho Eduardo, o nosso rei, morreu!
Por que crescem os galhos sem raízes?
Por que não secam folhagens sem seiva?

Pra viver, chora; pra morrer, sê breve
Para que nossas almas, junto à dele,
Qual alados vassalos o acompanhem
Para o seu reino de perpétua noite.

DUQUESA

Tenho tanto direito à tua mágoa
Quanto tinha o teu nobre e real marido!
Eu chorei um marido bom e honrado
E vivi de mirar suas imagens;
Mas hoje dois espelhos que o mostravam
Foram quebrados pela morte ignara.
E eu, por consolo, tenho um falso espelho
Que fere refletindo-me a vergonha.
Tu és viúva, mas também és mãe
E guardas o conforto de teus filhos:
Mas a morte arrancou-me o meu esposo
E tomou-me as muletas de meus braços —
Clarence e Eduardo — ó, por que razões —
Sendo tua dor metade da que eu sofro —
Cabe a mim sufocar-te a queixa e o pranto?

MENINO

Minha tia, não chorastes nosso pai;
Como podemos nós chorar convosco?

MENINA

Nossa orfandade não vos trouxe pranto;
Seja vossa viuvez também sem lágrimas.

ELIZABETH

Não quero ajuda para os meus lamentos;
Não sou estéril pra parir queixumes:
Todas as fontes correm aos meus olhos
Para que eu, que nasci na lua de águas
Espalhe o pranto meu e afogue o mundo.
Ai, choro o meu marido, o meu Eduardo.

CRIANÇAS

Ai! Pelo nosso pai, pelo Lorde Clarence!

DUQUESA

Por ambos, ambos meus, Eduardo e Clarence!

ELIZABETH

Que amparo tinha eu? Eduardo é morto.

CRIANÇAS

Nós só tínhamos Clarence, que morreu.

DUQUESA

Eu tinha os dois, apenas, e se foram.

ELIZABETH

Nunca viúva sofreu perda tão dura!

CRIANÇAS

Nunca órfãos sofreram perda tão dura!

DUQUESA

Nunca uma mãe sofreu perda tão dura!
Ai de mim, sou a mãe dessas desgraças!
Vossa dor se reparte, não a minha.
Ela chora Eduardo, bem como eu;
As crianças, como eu, choram por Clarence;
Eu choro por Eduardo, essas crianças, não —
Todos três, sobre mim, três vezes triste,
Derramai vossas lágrimas! Eu quero
Nutrir com queixas esta imensa dor.

DORSET

Reconfortai-vos, mãe: Deus não aprova
Que recebais seus atos com revolta.
Em coisas deste mundo, é ingratidão
Pagar de má vontade o que Ele empresta
Com generosa mão; e, certamente,
É ainda pior opor-se aos céus que cobram
A dívida real que concederam.

RIVERS

Senhora, reflita, qual mãe zelosa,
No vosso jovem filho: sim, chamai-o.
E coroai-o; é o vosso consolo.
Enterrai vossa dor na tumba real
E olhai com alegria o trono vivo.

(*Entram Ricardo, Buckingham, Stanley, Hastings, Ratcliffe e outros.*)

RICARDO

Consolai-vos, irmã; todos sofremos
Ao ver que se extinguiu a nossa estrela;
Mas ninguém cura o mal por lamentá-lo.
Senhora minha, peço-vos perdão;
Eu não vos vira; humilde, de joelhos
Peço-vos bênção.

(*Ajoelha-se.*)

DUQUESA

Deus te abençoe; e ponha no teu peito
Caridade, obediência, amor, justiça.

RICARDO

Amém!
(*Levanta-se.*) (*à parte*)
E me transforme num bom velho
Até a morte; essa é a ambição das mães.
É um milagre que o não tenha dito.

BUCKINGHAM

Tristes príncipes e infelizes pares,
Que suportais o peso deste luto,
Regozijai-vos nesse mútuo amor:
Conquanto esteja morta a real seara,
Vemos madura a seara de seu filho.
O rancor de feridos corações
Foi recomposto, e sua novel paz
Deve ser preservada com carinho:
Julgo por bem que, com pequeno séquito,
Venha logo de Ludlow o jovem príncipe,
Aqui pra Londres, para ser coroado.

RIVERS

Por que com pouco séquito, meu Lorde?

BUCKINGHAM

Porque senão, indo um enorme séquito,
A ferida recente, co'a malícia,
Correria o perigo de se abrir.
Estando o Estado ainda sem governo,
Cada cavalo ostenta as próprias rédeas
E pode galopar para onde queira;
Assim, com esse perigo, as aparências,
Penso eu, devem ser bem-resguardadas.

RICARDO

O rei nos deu a paz entre nós todos;
E esse acordo está firme e forte em mim.

RIVERS

Também em mim; creio que em todos nós:
Conquanto, sendo tudo tão recente,
Não deva parecer que há dissensões
Entre nós, como apraz a muita gente:
Por isso, penso como o nobre Buckingham,
Que é melhor pouca gente vir com o príncipe.

HASTINGS

'Stou de acordo.

RICARDO

Assim seja: decidamos quem vai.
Devem ir bem rápido para Ludlow.
Senhora, e vós, irmã — ireis conosco
Dar a vossa opinião neste assunto?

ELIZABETH E DUQUESA

De todo o coração.

(*Saem todos, menos Buckingham e Ricardo*.)

BUCKINGHAM

Senhor, seja quem for que vá co'o príncipe,
Por Deus, que não fiquemos para trás,

Pois aproveitarei a ocasião
Para, conforme o que já combinamos,
Separar os parentes da rainha do príncipe.

RICARDO

Ó meu sósia, meu conselho.
Oráculo, profeta! Caro primo,
Eu, qual criança, seguirei teus passos.
A Ludlow — não fiquemos para trás.

(*Saem.*)

Cena III — Uma rua de Londres.

(*Entram dois Cidadãos, que se encontram.*)

1º CIDADÃO

Bom dia, meu vizinho; vai correndo?

2º CIDADÃO

Eu juro que não sei o que há comigo:
Ouviu a grande nova?!

1º CIDADÃO

O rei morreu.

2º CIDADÃO

Más notícias, por Deus; nunca vêm boas:
Tenho medo que o mundo esteja louco.

(*Entra outro Cidadão.*)

3º CIDADÃO

Deus vos ajude.

1º CIDADÃO

Deus vos dê bom-dia.

3º CIDADÃO

Inda corre a notícia do bom rei?

2º CIDADÃO

É verdade, senhor; Deus nos ajude!

3º CIDADÃO

Vamos ver este mundo perturbado!

1º CIDADÃO

Não; Deus fará com que nos reine o filho!

3º CIDADÃO

Ai da pátria que é reino de criança!

2º CIDADÃO

No desta há esperança de governo;
Na sua infância ampara-o um conselho
E quando já for homem, por si mesmo,
Sem dúvida ele será bom governante.

1º CIDADÃO

Assim foi feito quando Henrique VI
Foi sagrado em Paris aos nove meses.

3º CIDADÃO

Ficou o Estado assim? Não, não, amigos;
Deus sabe que o país naquele tempo
Teve um sábio conselho; e então o rei
Tinha virtuosos tios protegendo-o.

1º CIDADÃO

Or'essa; este também, por pai e mãe.

3º CIDADÃO

Melhor se fossem todos por seu pai
Ou nenhum existisse desse lado;
Pois todos desejarão ser mais próximos
E isso nos tocará, salvo se Deus
O impedir. Gloucester é perigoso!
E os filhos da rainha, e seus irmãos!
Se eles fossem mandados, não mandantes,
Esta nação podia florescer.

1º CIDADÃO

Vamos, nada de medos, pois que tudo
Se arranjará pela melhor maneira.

3º CIDADÃO

Se há nuvens, é prudente preparar-se
Para a chuva; se as folhas vão caindo
É o inverno; se o sol se põe, é noite.
Tempestades prometem destruição.
Talvez vá bem; mas se Deus assim quer,
É mais que espero, ou do que merecemos.

2º CIDADÃO

Eu vejo os corações cheios de medo:
Não se troca palavra com um só homem
Que não pareça ansioso e preocupado.

3º CIDADÃO

Em dias de mudança assim é a vida:
Por um divino instinto o nosso espírito
Adivinha o perigo; isso acontece
Quando a água cresce antes da tempestade.
Mas confiemos em Deus. Aonde vais?

2º CIDADÃO

Pois não fomos chamados pelos juízes?

3º CIDADÃO

Eu também; vou fazer-lhes companhia.

(*Saem.*)

Cena IV — Londres. Um aposento no Palácio.

(*Entram o Arcebispo de York, o jovem Duque de York, a Rainha Elizabeth e a Duquesa de York.*)

ARCEBISPO

Ontem à noite estavam em Stony Stratford,
Hoje à noite estarão em Northampton;
Amanhã ou depois aqui estarão.

DUQUESA

Meu coração anseia ver o príncipe;
Já deve ter crescido muito mais.

ELIZABETH

Dizem que não, e que meu filho de York
Quase já o passou em crescimento.

YORK

Ó mãe, eu não queria que assim fosse.

DUQUESA

Por quê, meu neto? É sempre bom crescer.

YORK

Uma noite, vovó, quando ceávamos,
Tio Rivers admirou-se de como
Cresci mais que meu irmão; tio Gloucester
Disse: "As pequenas plantas são graciosas,
As ervas mais daninhas são maiores";
Desde então eu quisera ser mais lento:
As doces flores crescem devagar
Enquanto as ervas más crescem depressa.

DUQUESA

Talvez, porém jamais se deu com ele
Aquilo que objetou para o seu caso:
Ele em criança sempre foi mirrado,
Tão lento no crescer, tão vagaroso,
Que, sendo assim, devia ser gracioso.

ARCEBISPO

E certamente o é, minha senhora.

DUQUESA

O espero, mas duvido, como mãe.

YORK

Se acaso disso me tivesse lembrado,

Teria escarnecido do meu tio
Sobre sua altura, como fez da minha.

DUQUESA

Como, meu jovem? O que lhe diria?

YORK

Dizem que ele cresceu tão de repente
Que já mordia um pão logo ao nascer;
Eu só ganhei um dente com dois anos:
Seria bem mordaz a brincadeira.

DUQUESA

E diga cá, quem lhe contou tal chiste?

YORK

Sua ama, minha avó.

DUQUESA

Sua ama? Nasceste e já 'stava morta.

YORK

Se não foi ela, então não sei quem foi.

ELIZABETH

Não fale tanto. Tenha compostura.

DUQUESA

Não vos zangueis, senhora, co'o menino.

ELIZABETH

As paredes têm ouvido.

(*Entra um Mensageiro*.)

ARCEBISPO

Um mensageiro. Que novas nos trazes?

MENSAGEIRO

São tão más notícias,
Senhor, que me faz mágoa só trazê-las.

ELIZABETH

E o príncipe?

MENSAGEIRO

'Stá bem e com saúde.

DUQUESA

Que notícias, então?

MENSAGEIRO

Lorde Rivers e Lorde Grey foram mandados
Presos, pra Pomfret, com sir Thomas Vaughan.

DUQUESA

Mas quem os condenou?

MENSAGEIRO

Os poderosos
Duques de Gloucester e de Buckingham.

ELIZABETH

Que ofensa cometeram?

MENSAGEIRO

Já vos disse
Tudo o que sei e posso divulgar.
Por que foram os nobres condenados
Não pude conhecer, minha senhora.

ELIZABETH

Ai de mim, vejo a ruína desta casa!
O tigre avança sobre a frágil corça;
A tirania atira-se e se arroja
Sobre o inocente trono que está vago:
Bem-vindos, sangue, destruição e morte!
Vejo, como num mapa, o fim de tudo.

DUQUESA

Malditos dias de disputa e ódio,
Quantos de vós passastes aos meus olhos!
Meu marido morreu pela coroa;
Meus filhos, quantas vezes sacudidos
Pela sorte, vencendo ou derrotados,
Cabendo-me, por vez, rir ou chorar:
E depois de seguros, superadas
As domésticas rixas, eles mesmos
Conquistadores, se guerrearam todos,
Irmão co'o próprio irmão, sangue com sangue,

Um contra o outro; ó coisa indigna e horrível:
Cessa de vez com isso, ultraje absurdo,
Ou deixa-me morrer, fugindo à morte!

ELIZABETH

Vem, meu filho; tomemos santuário.
Senhora, adeus.

DUQUESA

Esperai, vou convosco.

ELIZABETH

Não há motivo.

ARCEBISPO

É bom irdes, senhora;
E levai vossos bens, vosso tesouro.
De minha parte, eu rendo a Vossa Graça
O selo de meu cargo; em vossas preces
Lembrai-me, como eu lembro a vós e aos vossos!
Vinde, eu vos levarei ao santuário.[4]

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Londres. Uma rua.

(*Soam as trombetas. Entram o jovem Príncipe Eduardo, Ricardo, Buckingham, o Cardeal Bourchier, Catesby e outros.*)

BUCKINGHAM

Bem-vindo a Londres, vosso lar, meu príncipe.

RICARDO

Bem-vindo, caro primo e soberano;
A dura viagem fez-te melancólico.

PRÍNCIPE

Não, tio; foram minhas aflições
Que a fizeram pesada e tediosa.
Quero mais tios pra me receber.

RICARDO

Doce príncipe, teus puros, verdes anos
Não te mostraram todos os enganos
Do mundo; inda não sabes distinguir,
Na aparência de um homem, o que de oculto,
Só Deus sabe, lhe vai no coração.
Esses tios que queres são nocivos;
Deste ouvidos à sua fala suave,
Mas não viste o veneno no seu peito:
Que Deus te livre dos falsos amigos!

PRÍNCIPE

Falsos amigos! Nunca o foram eles!

RICARDO

O Prefeito de Londres vem saudar-te.

(*Entram o Prefeito e seu séquito.*)

PREFEITO

Deus vos abençoe com saúde e alegria!

PRÍNCIPE

Meu Lorde, eu lhe agradeço, como a todos;
Pensei que minha mãe e o mano York
Viessem encontrar-nos no caminho.
(*Sai o Prefeito com séquito.*)
Que preguiçoso é Hastings, que não chega
Para dizer-nos se eles vêm ou não!

(*Entra Lorde Hastings.*)

BUCKINGHAM

Ei-lo que chega, molhado de suor!

PRÍNCIPE

Bem-vindo. Então, a minha mãe 'stá vindo?

HASTINGS

Por que razão Deus sabe, mas eu não,
A rainha tua mãe e teu irmão
Foram buscar asilo; o terno príncipe
Quisera vir comigo ao vosso encontro
Mas vossa mãe à força o impediu.

BUCKINGHAM

Que decisão estranha e impertinente
A dela! Cardeal, que Vossa Graça
Faça com que ela mande o Duque de York
Juntar-se ao príncipe-irmão, neste momento.
Se ela negar, Lorde Hastings, vá com ele
E à força o arranque a seus ciumentos braços.

CARDEAL

Lorde Buckingham, se a minha humilde fala
Consegue tirar York de sua mãe,
Logo o trarei aqui; mas se inflexível
Ela for ao meu rogo, Deus me livre
De infringir o sagrado privilégio
Do santuário! Nada neste mundo
Me faria incorrer em tal pecado.

BUCKINGHAM

Senhor, sois insensível e obstinado,
Cheio de cerimônia e tradição:
Porém, dada a baixeza destes tempos,
Fazê-lo vir não fere o santuário.
Os benefícios são garantidos
Aos que fizeram por necessitá-los
E aos que, co'argúcia, os solicitaram.
Nenhum dos dois é o caso desse príncipe,
Que não pode, portanto, ter direitos:
Trazendo quem jamais devia entrar

Não quebrais privilégio nem promessa.
Santuário, que eu conheço, é pra homens;
Criança em santuário eu nunca vi.

CARDEAL

Desta vez convencestes meu espírito;
Vamos, Lorde Hastings, quereis vir comigo?

HASTINGS

Irei, senhor.

PRÍNCIPE

Fazei-o o mais depressa que puderdes.
(*Saem o Cardeal e Hastings.*)
Diz-me, tio Gloucester, vindo o nosso irmão,
Até a coroação, onde pousamos?

RICARDO

Aonde preferir o real desejo.
Por uns dois dias posso sugerir
Que Sua Alteza repouse na Torre,
Para depois fazer a sua escolha
De um lugar que lhe dê maior prazer.

PRÍNCIPE

De todos, não gosto nada da Torre.
Foi Júlio César que a mandou erguer?

BUCKINGHAM

Foi ele que iniciou a construção;
Que desde então, em várias outras eras,
Foi sucessivamente reformada.

PRÍNCIPE

Isso consta de arquivos, ou é lenda
Que passa de era em era, que ele a ergueu?

BUCKINGHAM

Consta de arquivos, meu gracioso Lorde.

PRÍNCIPE

Pois mesmo que não fosse registrado
Eu penso que a verdade, sempre viva,
Seria propagada pelos tempos
Até o próprio dia do Juízo.

RICARDO

(*à parte*)
Quem é sábio tão jovem morre cedo.

PRÍNCIPE

Que dizes, meu tio?

RICARDO

Que nunca morre a fama do que é sábio.
(*à parte*)
Como o demônio da iniquidade
Eu brinco com o sentido do que digo.

PRÍNCIPE

Júlio César foi um homem famoso,
Que com valor enriquecia o espírito,
Do qual sempre nutriu o seu valor.
Um vencedor assim não é vencido
Pois se hoje é morto vive em sua fama.
E eu lhe garanto, primo Buckingham…

BUCKINGHAM

Garante o quê, gracioso senhor?

PRÍNCIPE

Se eu viver até de fato ser um homem
Farei valer nosso direito à França
Ou morrerei soldado, sendo rei.

RICARDO

(*à parte*)
Verão que chega logo, logo acaba.

BUCKINGHAM

Em boa hora chega o Duque de York.

(*Entram o jovem York, Hastings e o Cardeal.*)

PRÍNCIPE

Ricardo! Como vai, querido irmão?

YORK

Bem, meu senhor; assim devo chamá-lo.

PRÍNCIPE

Eu sei, irmão; pra sua e nossa dor.
Morreu quem soube usar tão bem o título
Que, morto ele, perde em majestade.

RICARDO

Como passa, meu primo, Lorde de York?

YORK

Bem, caro tio. Vós a mim dissestes
Que a erva má tem fácil crescimento:
Meu irmão cresceu muito mais que eu.

RICARDO

É verdade, senhor.

YORK

Por isso é mau?

RICARDO

Ó meu primo, eu não devo dizer tal.

YORK

Então o considera mais que a mim.

RICARDO

Sendo o soberano, ele me governa,
Mas teu poder sobre mim é o de parente.

YORK

Meu tio, quer ceder-me esse punhal?

RICARDO

O meu punhal, priminho? Com prazer.

PRÍNCIPE

Mendiga, irmão?

YORK

De meu tio, que eu sei que me dará;
Sendo brinquedo, não lhe custa dar.

RICARDO

Prenda maior daria ao jovem primo.

YORK

Maior? Então é a espada que vai dar.

RICARDO

Daria, se não fosse tão pesada.

YORK

Vejo que vais fazer presentes leves;
Coisas pesadas negais ao pedinte.

RICARDO

É muito peso para Sua Graça.

YORK

É um peso que eu carrego com leveza.

RICARDO

Quer minha arma, meu pequeno Lorde?

YORK

Seria assim meu agradecimento.

RICARDO

Assim, como?

YORK

Pequeno.

PRÍNCIPE

O Duque de York é muito respondão;
Meu tio tem paciência em suportá-lo.

YORK

E mais ainda em ser o meu suporte.
O mano, tio, ri-se de nós dois:
Por ser eu pequenino como um mico
Acha que devo andar sobre os seus ombros.

BUCKINGHAM

(*à parte, para Hastings*)
Com que agudeza raciocina ele!
Mitigando a chacota com seu tio,
Caçoa prontamente de si mesmo.
Tão vivo e tão criança, é formidável!

RICARDO

Quer prosseguir agora, meu senhor?
Eu e o meu caro primo Buckingham
Vamos ver sua mãe pra suplicar-lhe
Que na Torre lhe dê as boas-vindas.

YORK

O quê, senhor? Pretende ir para a Torre?

PRÍNCIPE

Assim o quer o meu Lorde protetor.

YORK

Não dormiria tranquilo na Torre.

RICARDO

O que poderia temer por lá?

YORK

Ora, o fantasma irado do tio Clarence:
Vovó me disse que o mataram lá.

PRÍNCIPE

Pois eu não temo tios falecidos.

RICARDO

Nem aqueles que vivem, eu espero.

PRÍNCIPE

Se estão vivos, não tenho que temê-los.
Vamos, senhor; co'o coração pesado,
Pensando neles, eu irei à Torre.

(*Clarinada. Saem todos, menos Ricardo, Buckingham e Catesby.*)

BUCKINGHAM

Não acha que esse York, tão falador,
Foi incensado pela mãe, astuta,
Pra que o escarnecesse desse modo?

RICARDO

Sem dúvida, é garoto perigoso,
Vivo, engenhoso, esperto, decidido,
É a mãe tal qual, da testa até os pés.

BUCKINGHAM

Deixa-os descansar. Catesby, vem cá.
Tu fazes parte a fundo, deste pacto,
E guardarás segredo deste intento.

Conheces as razões que nos norteiam:
Não julgas que será tarefa fácil
Trazer Lorde Hastings para o nosso lado,
Que quer ver instalado o nobre duque
No trono real desta famosa ilha?

CATESBY

Ele amou tanto o pai quanto ama o príncipe;
Nada o fará voltar-se contra ele.

BUCKINGHAM

O que pensas de Stanley? Pode vir?

CATESBY

Ele fará em tudo como Hastings.

BUCKINGHAM

Então, faz o seguinte, caro Catesby:
Um pouco assim de longe, sonda Hastings.
Vê como ele recebe nossa ideia;
Convoca-o amanhã para ir à Torre
Fazer os planos da coroação.
Se vês que está sensível ao projeto
Dá-lhe coragem, mostra-lhe as razões;
Se o vires frio, avesso, sem vontade,
Mostra-te assim também; corta a conversa
E me informa da inclinação dele:
Pois amanhã teremos dois conselhos,
Nos quais também terás uma função.

RICARDO

Diga a Lorde William que o saúdo e digo
Que o velho grupo de seus adversários
Em Pomfret amanhã será sangrado;
E pede-lhe que, alegre co'a notícia,
Dê outro doce beijo na Senhora Shore.

BUCKINGHAM

Bom Catesby, conduz firme esse negócio.

CATESBY

Senhores meus, farei do meu melhor.

RICARDO

Teremos logo uma palavra tua?

CATESBY

Tereis, Milorde.

RICARDO

Em Crosby com certeza hás de encontrar-nos.

(*Sai Catesby.*)

BUCKINGHAM

Amigo, o que então faremos nós
Se Lorde Hastings não entra no complô?

RICARDO

Cortamos-lhe a cabeça — algo faremos —,
E olha, quando eu for rei, podes pedir-me
O Condado de Hereford, mais os bens
Que pertenciam a meu irmão, o rei.

BUCKINGHAM

Reclamarei sem falta essa promessa.

RICARDO

Que com prazer por mim será cumprida.
Vamos logo cear, porque mais tarde
É esta trama que vamos digerir.

(*Saem.*)

Cena II — Diante da casa de Lorde Hastings.

(*Entra um Mensageiro, para à porta de Hastings.*)

MENSAGEIRO

(*Batendo.*)

Milorde! Milorde!

HASTINGS

(*de dentro*)
Quem bate?

MENSAGEIRO

Alguém da parte de Lorde Stanley.

HASTINGS

(*de dentro*)
Que horas são?

MENSAGEIRO

Já bateram as quatro.

(*Entra Hastings.*)

HASTINGS

Lorde Stanley não consegue dormir?

MENSAGEIRO

Assim creio, de acordo com o recado.
Primeiro, ele ao senhor se recomenda.

HASTINGS

E então?

MENSAGEIRO

Então ele o avisa que esta noite
Sonhou que o javali cortou-lhe o elmo;
E que, além disso, há hoje dois conselhos
E que em um deles podem ser tramadas
Coisas que, no outro, a ambos farão mal.
Assim, quer conhecer sua vontade —
Se quer, como ele pensa, montar logo,
Cavalgando os dois juntos para o norte,
Evitando o perigo que adivinha.

HASTINGS

Vai, camarada: volta ao teu patrão;
Diz-lhe que nada tema dos conselhos.

A sua honra e a minha estão de um lado,
E do outro lado o meu amigo Catesby;
Nada ali pode haver que nos atinja
De que este não me dê conhecimento.
Diz-lhe que seus receios são ingênuos,
E quanto ao sonho, espanta-me que seja
Tão fraco para crer em pesadelos.
Fugir do javali antes que ataque
Seria incentivá-lo a perseguir-nos
Quando talvez nem lhe ocorresse a ideia.
Vai, diz ao teu senhor que venha ver-me,
E iremos logo, juntos, para a Torre,
Ver quão bem nos recebe o javali.

MENSAGEIRO

Eu irei repetir-lhe o que me diz.

(*Sai.*)
(*Entra Catesby.*)

CATESBY

Bons dias, meu amigo e nobre Lorde!

HASTINGS

Bom dia, Catesby; como madrugou!
Que novidades, nesta terra inquieta?

CATESBY

De fato o nosso mundo está sem calma
E só se firmará, segundo eu penso,
Se Ricardo ostentar o emblema real.

HASTINGS

O emblema real? Tu falas da coroa?

CATESBY

Sim, meu bom Lorde.

HASTINGS

Antes ter a cabeça decepada

Do que ver a coroa tão malposta.
Mas julgas tu que ele a tem em mira?

CATESBY

Por minha vida. E espera o teu apoio
Para auxiliá-lo nessa magna empresa;
Para isso aqui te envia a boa-nova —
Que hoje mesmo serão decapitados
Em Pomfret os parentes da rainha.

HASTINGS

Não me causa desgosto tal notícia,
Porque eles sempre foram contra mim;
Mas dar meu voto pra coroar Ricardo,
Barrando os descendentes do meu rei,
Deus sabe que não o farei até a morte.

CATESBY

Deus te conserve nesse nobre espírito!

HASTINGS

Mas hei de rir daqui a doze meses —
Por viver pra poder ver a tragédia
De quem lançou meu amo contra mim.
Antes de envelhecer mais quinze dias
Enterrarei alguns que não esperam.

CATESBY

É terrível morrer, meu bom senhor,
Sem esperar, e sem 'star preparado.

HASTINGS

É monstruoso! Mas é o que acontece
Com Rivers, Vaughan, Grey, e outras pessoas
Que julgam 'star a salvo, qual nós dois —
Que, como sabes, somos estimados
Do magnífico Ricardo e de Buckingham.

CATESBY

Ambos fazem de ti grande conceito,
(*à parte*)
Tão grande que lhe querem a cabeça.

HASTINGS

Sei que fazem, e o tenho merecido.
(*Entra Stanley*.)
Que é isso, homem, não trazeis a lança?
Temeis o javali e andais sem armas?

STANLEY

Bons dias, meu senhor; bons dias, Catesby.
Podeis brincar, mas pela Santa Cruz
Não me agradam conselhos divididos.

HASTINGS

Senhor, a minha vida me é tão cara
Como a vossa vos é; e nunca estive
Tão certo disso como estou agora:
Se não sentisse plena segurança
'Staria triunfante como estou?

STANLEY

Os nobres que partiram para Pomfret
Saíram tão seguros e contentes —
Não tendo mesmo nada a desconfiar;
E, contudo, depressa veio o raio.
Esse golpe de ódio me preocupa:
Oxalá o meu medo seja tolo!
Vamos à Torre? O dia já vai alto.

HASTINGS

Vamos, vamos. Sabeis já que esses lordes
Hoje mesmo serão decapitados?

STANLEY

Leais, usavam as suas cabeças
Melhor que muitos outros, que os acusam,
Sabem usar, sequer, os seus chapéus.
Mas vamos, meu senhor, vamos embora.

(*Entra um Mensageiro*.)

HASTINGS

Irei após falar co'este camarada.
(*Saem Stanley e Catesby.*)
Então, como vai para ti o mundo?

MENSAGEIRO

Melhor porque o senhor assim pergunta.

HASTINGS

Quanto a mim, vou melhor neste momento
Do que da última vez que nos vimos;
Eu ia prisioneiro para a Torre,
Por sugestão de amigos da rainha.
Mas hoje — guarda isto para ti —,
Hoje esses inimigos vão à morte,
E eu me sinto melhor do que nunca.

MENSAGEIRO

Deus o conserve assim!

HASTINGS

Obrigado, bebe co'isto à minha saúde.

(*Dá-lhe uma bolsa com dinheiro.*)

MENSAGEIRO

Muito obrigado a Vossa Senhoria!

(*Sai.*)
(*Entra um Padre.*)

PADRE

Feliz encontro; folgo imenso em vê-lo.

HASTINGS

Obrigado, sir John, de coração.
'Stou-lhe devendo pelo que me fez;
Venha sábado e hei de pagar-lhe a dívida.

(*Segreda a seu ouvido.*)
(*Entra Buckingham.*)

PADRE

'Starei esperando Vossa Senhoria.

(*Sai.*)

BUCKINGHAM

Conversando com um padre, meu senhor?
Isso é pros amigos lá em Pomfret;
Não creio que se queira confessar.

HASTINGS

Tem razão; quando vi o santo homem
Esses nomes vieram-me ao espírito.
Vai dirigir-se à Torre?

BUCKINGHAM

Sim, senhor; mas não posso demorar-me:
Eu voltarei antes do meu amigo.

HASTINGS

É possível; pois eu lá irei jantar.

BUCKINGHAM

(*à parte*)
Cear também, embora não o saiba.
Vamos, então?

HASTINGS

Estou ao seu dispor.

(*Saem.*)

Cena III — Castelo de Pomfret.

(*Entra sir Richard Ratcliffe, com alabardas, conduzindo Rivers, Grey e Vaughan para a morte.*)

RATCLIFFE

Vinde, trazei aqui os prisioneiros.

RIVERS

Sir Richard Ratcliffe, deixai que vos diga
Que hoje aqui vereis morrer um súdito
Por verdade, dever, e lealdade.

GREY

Deus guarde o príncipe de vossa corja!
Sois todos gente vil e sanguinária.

VAUGHAN

Vivereis pra chorar o que fazeis.

RATCLIFFE

Depressa; vossas vidas terminaram.

RIVERS

Ó Pomfret! Ó prisão sanguinolenta!
Fatal aos nobres pares da Inglaterra!
Dentro destas muralhas criminosas
Foi Ricardo II trucidado;
E para maior fama de teus crimes
Nosso sangue inocente bebes hoje.

GREY

Cai sobre nós a maldição de Margaret,
A que, qual louca, lançou contra Hastings,
E contra nós, por termos assistido
Ricardo, impune, assassinar seu filho.

RIVERS

Ela amaldiçoou Ricardo e Buckingham
E depois Hastings. Ó lembrai-vos, Deus,
De ouvir seus rogos contra eles também!
E quanto à minha irmã e seus dois príncipes,
Que vos baste, meu Deus, o nosso sangue
Fiel, injustamente derramado.

RATCLIFFE

Apressai-vos; chegou a hora da morte.

RIVERS

Vamos, Grey, Vaughan, aqui nos abracemos;
Adeus, até nos vermos lá no céu.

(*Saem.*)

Cena IV — Londres. A Torre.

(*Entram Buckingham, Stanley, Hastings, o Bispo de Ely, Ratcliffe, Lovell, com outros à mesa.*)

HASTINGS

Nobres pares, a causa deste encontro
É marcarmos a nova coroação:
Falai, por Deus — quando será o dia?

BUCKINGHAM

'Stá tudo pronto para a cerimônia?

STANLEY

Tudo pronto, só falta a indicação.

BISPO

Então julgo amanhã um belo dia.

BUCKINGHAM

Alguém sabe o que pensa o protetor?
Quem está mais perto do sereno duque?

BISPO

Eu penso que ninguém mais que o senhor.

BUCKINGHAM

Quem, eu, senhor? Eu lhe conheço o rosto;
Mas ele não conhece meus sentimentos
Mais do que eu os vossos; e quanto aos dele,
Ignoro-os tanto quanto vós os meus.
Lorde Hastings, ele e vós são bons amigos.

HASTINGS

Sou grato por saber que ele me estima;
Mas sobre a coroação e seus projetos
Eu não sondei su'alma, nem, acaso,
Ele me disse o que sobre isso pensa.
Mas vós, meus nobres lordes, fixai o dia;
E vos darei meu voto pelo duque,
O que será bem-recebido, eu creio.

BISPO

Em boa hora eis que chega o duque.

(*Entra Ricardo.*)

RICARDO

Nobres primos e lordes, muito bom dia.
Dormi mais que devia, mas espero
Que minha ausência não tenha impedido
As conclusões que deviam ser tomadas.

BUCKINGHAM

Se não viésseis assim, tão a propósito,
Hastings faria aqui vosso papel,
Votando, isto é, pela coroação.

RICARDO

Ele, mais que ninguém, podia ousá-lo,
Pois me ama e me conhece muito bem.
Meu Lorde de Ely, estive há pouco em Holborn,
E vi lindos morangos em sua horta:
Peço-lhe que me mande vir alguns.

BISPO

Pois não, meu Lorde; de todo o coração.

(*Sai.*)

RICARDO

Meu primo Buckingham, uma palavra.
(*Leva-o à parte.*)
Catesby sondou a Hastings sobre o caso,
E viu que o nosso amigo é tão teimoso
Que prefere perder sua cabeça
A consentir que o filho de seu senhor —
Assim concebe a sua lealdade —
Perca a realeza e o trono da Inglaterra.

BUCKINGHAM

Sai um momento, que eu irei contigo.

(*Sai Ricardo, seguido por Buckingham.*)

STANLEY

Não marcamos ainda o grande dia:
Amanhã, a meu ver, é muito cedo;
Pois nem eu mesmo estou tão preparado

Quanto estaria, com mais algum tempo.

(*Entra o Bispo de Ely.*)

BISPO

Onde está Milorde, o Duque de Gloucester?
Já mandei vir pra ele estes morangos.

HASTINGS

Sua Graça 'stá hoje alegre e vivo;
Há qualquer coisa que lhe dá prazer,
Pois dá bom-dia assim, tão animado;
Não conheço ninguém na cristandade
Que menos dissimule amor e ódio;
Pelo rosto se lê seu coração.

STANLEY

O que sua face mostrou do coração,
Conforme a alegria que hoje ostenta?

HASTINGS

Ora, que não tem mágoa dos presentes;
Pois, do contrário, logo o mostraria.

STANLEY

Eu rogo a Deus que não a tenha, crede.

(*Entram Ricardo e Buckingham.*)

RICARDO

Dizei-me, por favor, o que merece
Quem conspira, tramando a minha morte,
Com danada magia que consegue
Cercar meu corpo de infernal feitiço?

HASTINGS

A afeição que vos tenho, nobre Lorde,
Me anima a reclamar nesta assembleia

A punição dos culpados, sejam eles
Quem forem; só lhes cabe a própria morte.

RICARDO

Pois sejam vossos olhos testemunhas
Do mal que causam; vede este meu braço
Descarnado e murchando como um tronco;
E a mulher de Eduardo, essa megera,
Unida a Shore, canalha prostituta
Que, por bruxaria, assim me marcou.

HASTINGS

Se elas fizeram isso, caro Lorde…

RICARDO

"Se"? Protegendo a tua meretriz
Vens me falar de "se"? És um traidor.
Cortemos-lhe a cabeça, por são Paulo!
Não jantarei sem tê-lo conseguido.
Lovell e Ratcliffe, cumpri esta ordem.
Os outros, que me estimam, que me sigam.

(*Saem todos, menos Hastings, Lovell e Ratcliffe.*)

HASTINGS

Pobre Inglaterra! Não choreis por mim;
Pois, tolo, eu não fiz por evitá-lo.
Stanley sonhou com o javali quebrando
Nossos elmos; mas eu não quis fugir:
Três vezes meu cavalo tropeçou,
Quase caindo, ao avistar a Torre,
Como se não quisesse aqui trazer-me.
Agora eu bem queria ter um padre;
E agora me arrependo de ter dito,
Triunfante, que o sangue do inimigo
Em Pomfret correria neste dia,
Estando eu seguro e garantido.
Ó Margaret! Tua horrível maldição
Pesa em minha cabeça desgraçada.

RATCLIFFE

Depressa, meu senhor; o duque espera.
Deve ser breve vossa paz com Deus,
Pois ele anseia por vossa cabeça.

HASTINGS

Ó graça transitória dos mortais,
Que ambicionamos mais do que a de Deus!
Quem põe sua esperança em seus favores
Vive qual marinheiro embriagado
Num mastro, sempre prestes a cair
Nas entranhas fatais do fundo oceano.

LOVELL

Vamos, de nada valem tais clamores.

HASTINGS

Sanguinário Ricardo! Pobre pátria!
Eu te predigo tempos mais nefandos
Que os de todos os séculos passados.
Levai-me à morte, e a ele a minha testa!
Vai morrer breve quem hoje dá festa.

(*Saem.*)

Cena V — As muralhas da Torre.

(*Entram Ricardo e Buckingham, com péssimo aspecto e com armaduras amassadas.*)

RICARDO

Primo, podes tremer, mudar de cor,
Sufocar pelo meio uma palavra,
Depois recomeçar, parar de novo,
Como se enlouquecesses de terror?

BUCKINGHAM

Posso imitar perfeitamente um trágico:
Falar pra trás, olhar todos os lados,
Tremer de medo ao ruído de uma palha,
Simular um terror o mais completo,
Fazer olhares vagos, falsos risos,
Tudo isso me obedece a qualquer hora
Para servir aos meus estratagemas.
Mas quê? Catesby saiu?

RICARDO

Saiu, e traz co'ele o Senhor Prefeito.

(*Entram o Prefeito e Catesby*.)

BUCKINGHAM

(*Como se levasse um susto*.)
Meu Senhor Prefeito…

RICARDO

Muita atenção com a ponte levadiça!

BUCKINGHAM

Ouço um tambor.

RICARDO

Catesby, vigia os muros!

(*Sai Catesby*.)

BUCKINGHAM

Senhor Prefeito, nós o trouxemos…

(*Entram Lovell e Ratcliffe, com a cabeça de Hastings*.)

RICARDO

Cuidado! Olhai atrás! E o inimigo!

BUCKINGHAM

Deus e a nossa inocência nos protejam!

RICARDO

Ratcliffe e Lovell! Esses são amigos!

LOVELL

Eis a cabeça do traidor ignóbil,
Hastings, de quem ninguém desconfiava.

RICARDO

Eu o estimava tanto que inda o choro.
Tomava-o pelo ser mais inocente
Que respirava neste mundo inteiro;
Fi-lo meu livro, onde minh'alma punha
Os seus mais reservados pensamentos;
Era tão hábil, encobrindo os vícios,
Tanta virtude apresentava a todos,
Que, não fora por seu crime indisfarçável —
Sua união com a mulher de Shore —,
Viveria sem sombra e suspeita.

BUCKINGHAM

Ele foi traidor dissimulado.
Podereis supor, ou imaginar —
Se não tivéssemos ainda vida
Para contar — que esse sutil traidor
Tinha tramado, dentro do conselho,
Assassinar-me a mim e ao Duque Gloucester?

PREFEITO

Como, ele assim fez?

RICARDO

Pensais que somos turcos infiéis?
Que iríamos agir sem os preceitos
Da lei, matando assim violentamente
Esse vilão, se a urgência do perigo,
A paz da pátria e a nossa segurança
Não exigissem essa execução?

PREFEITO

Agistes bem! Mereceu ele a morte.
Vossas Altezas foram precavidos
Dando esse exemplo aos vis conspiradores
Que pudessem fazer iguais violências.

BUCKINGHAM

Nunca olhei com bons olhos esse moço
Desde que se juntou à Senhora Shore.
No entanto, não queríamos matá-lo
Antes que viésseis vê-lo no seu fim;
Mas o zelo apressado dos amigos
Fez mais depressa o que determinamos;
Pois seria bom se o tivésseis ouvido
Confessar a traição que preparava,
Os seus propósitos e as suas táticas,
Para poder tudo isso divulgar
Aos cidadãos, que estavam iludidos,
Interpretando mal os nossos atos
E lamentando a morte que lhe demos.

PREFEITO

Mas meu bom Lorde, essas palavras bastam:
É como se eu tivesse visto e ouvido.
Tende pois, meus amigos, a certeza
De que farei saber a toda gente
A justiça da vossa decisão.

RICARDO

Por isso desejávamos que o ouvísseis
Evitando a censura dos maldosos.

BUCKINGHAM

Mas, por haveres chegado assim tarde,
Crede nas intenções do que afirmamos:
E assim, senhor, aqui nos despedimos.

(*Sai o Prefeito.*)

RICARDO

Acompanha-o, vá, meu primo Buckingham.
O prefeito com pressa se dirige
Ao Guildhall; no momento apropriado
Afirma serem bastardos os príncipes;
Diz que Eduardo assassinou um homem
Por ele dizer que faria de
Seu filho herdeiro da coroa real —
Referindo-se, é claro, à sua casa.
Fala de seus amores impudicos,
Da sua bestial concupiscência;
Que não poupava as filhas e as esposas
Dos seus criados, sempre que os seus olhos
Cobiçavam de súbito uma presa.
Podes mesmo fazer, se necessário,
Referências à honra da família;
Diz mais: que a minha mãe foi emprenhada
Desse sedento Eduardo quando York,
Meu nobre e real pai, estava ausente,
Guerreando na França; e computado
O tempo que a deixara, convenceu-se
De que não era sua essa criança,
Cujos traços não eram os seus traços.
Mas isso só refiras vagamente,
Pois, como sabes, minha mãe é viva.

BUCKINGHAM

Ficai tranquilo, primo; falarei
Como se o prêmio áureo que pleiteio
Fosse para mim próprio. Adeus, Milorde.

RICARDO

Se tiveres sucesso traz a todos
Ao Castelo de Baynard; lá estarei
Na perfeita e louvável companhia
De santos padres e letrados bispos.

BUCKINGHAM

Já vou; lá pelas três ou quatro horas

Já terás notícias minhas do Guildhall.

(*Sai.*)

RICARDO

Vai, Lovell, vai depressa ao dr. Shaa.
(*para Ratcliffe*)
Vai tu ao Frade Penker. Peçam a eles
Que dentro de uma hora venham ter
Comigo no Castelo de Baynard.
(*Saem Lovell e Ratcliffe.*)
Agora darei ordens reservadas
Pra que se escondam as crias de Clarence,
E pra deixar bem claro que ninguém
Pode chegar nem perto dos dois príncipes.

(*Sai.*)

Cena VI — Londres. Uma rua.

(*Entra um Escrivão, com um papel na mão.*)

ESCRIVÃO

Que bela letra usei na acusação
Do bom Lorde Hastings, que irá ser lida
Inda hoje em São Paulo. É muito estranho!
Gastei onze horas para transcrevê-la,
Pois Catesby a mandou ontem à noite —
E a minuta exigiu todo esse tempo.
Contudo, há cinco horas, mais ou menos,
Hastings ainda vivia em liberdade,

Sem qualquer acusação ou suspeita.
Que mundo é o nosso! Quem será tão tolo
Que não veja tão palpável artifício?
Mas quem terá coragem pra dizê-lo?
O mundo é mau; e tudo está perdido
Se dizer a verdade é proibido.

(*Sai.*)

Cena VII — Castelo de Baynard.

(*Entram Ricardo e Buckingham, e se encontram.*)

RICARDO
Então? Que diz o povo por aí?
BUCKINGHAM
Pela sagrada santa mãe de Cristo,
O povo está calado; nada diz.
RICARDO
Tocaste na questão da bastardia?
BUCKINGHAM
Toquei; e em seu amor com Lady Lucy,
E em seu contrato preparado em França;
Na sedenta ambição de seus desejos;
Na violência exercida co'as mulheres;
Na tirania com pequenas coisas;
Na própria bastardia do seu berço,
Pois nasceu quando o pai 'stava na França,
Não tendo o menor traço da família:
E lembrei logo que, com sangue puro,
És o retrato vivo de teu pai,
Na forma e na nobreza das ideias;

Recordei tuas vitórias na Escócia,
Teu batalhar na guerra, teu talento
Para guiar na paz; tua humildade;
Enfim, nada esqueci do que pudesse
Favorecer-te o plano; e, terminando,
Para encerrar com brilho o meu discurso,
Pedi que quem amasse a sua terra
Desse um viva a Ricardo, nosso rei!

RICARDO

E o fizeram?

BUCKINGHAM

Juro por Deus que não disseram nada;
Mas, como estátuas mudas, como pedras,
Olharam uns p'ros outros, muito pálidos.
Vendo isso, repreendi-os, perguntando
Ao prefeito as razões de tal silêncio.
Respondeu-me que o povo não costuma
Ouvir novas senão na voz do arauto.
Pois fiz com que ele repetisse tudo
E ele o fez, pondo sempre uma ressalva:
"Assim falou o duque", "o duque pensa"
Mas nada acrescentou que fosse seu.
Quando calou, alguns dos meus sequazes,
No fim da sala, erguendo seus bonés,
Gritaram "Viva o rei"! "Viva Ricardo!"
Então tomei vantagem desses poucos —
"Obrigado, senhores, bons amigos.
Esses aplausos e alegres gritos
Provam vosso juízo e amor ao duque."
E isso dizendo, retirei-me, e vim.

RICARDO

Mas que rochedos mudos! Não falaram?
Nem virão o prefeito e seus colegas?

BUCKINGHAM

Ele está aqui. Vê se te mostras tímido;
Não o receba… se não for vital!
Toma na mão um livro de orações,
Só entra acompanhado de dois padres,
Sobre o que vou fazer um bom sermão.
Não cedas facilmente ao nosso rogo;
Faz qual uma donzela: nega e aceita.

RICARDO

Se tu te empenhas tanto em convencer-me
Quanto eu em dizer não da minha parte,
'Stou certo que o sucesso será nosso.

BUCKINGHAM

Agora, sobe. O prefeito já vem.
(*Sai Ricardo.*)
(*Entram o Prefeito, vereadores e cidadãos.*)
Sede bem-vindo, Lorde. Estou à espera,
Porém o duque não quer ver ninguém.
(*Entra Catesby.*)
Que diz o duque ao meu pedido, Catesby?

CATESBY

Ele manda pedir, meu nobre Lorde,
Que amanhã venha vê-lo, ou outro dia;
Ele está com dois reverendos padres,
Entregue às preces e à meditação;
E nada há neste mundo que o desvie
Dos seus piedosos, santos exercícios.

BUCKINGHAM

Volta, bom Catesby, ao nosso nobre duque:
Diz-lhe que eu, o prefeito, e alguns senhores,
Com altos desígnios sobre assunto sério,
Que têm em vista o bem-estar geral,
Viemos ouvir-lhe a sábia opinião.

CATESBY

Irei dizer-lhe imediatamente.

(*Sai.*)

BUCKINGHAM

Não é nenhum Eduardo esse, Milorde!
Não se acha recostado em leito escuso
Mas de joelhos e em meditação;
Não goza com impudicas cortesãs
Mas conversa com sábios e doutores;
Não dorme, nem engorda o corpo mole
Mas reza, reverenciando a alma serena.
Feliz seria a pátria se esse príncipe
Tomasse para si o seu governo;
Mas não creio que aceite a nossa ideia.

PREFEITO

Deus não permita que ele diga não!

BUCKINGHAM

É o que temo.
(*Entra Catesby.*)
Eis que volta Catesby!
Então? O que responde Sua Alteza?

CATESBY

O duque não compreende que motivo
Pode trazer aqui tão grande grupo
Sem que fosse avisado. E até receia
Que nutram maus desígnios contra ele.

BUCKINGHAM

Lamento que o meu primo assim suspeite
De mim, que eu possa acaso ser-lhe adverso:
Por Deus, com nobres intenções viemos;
Assim, volta de novo em nosso nome.
(*Sai Catesby.*)
Quando homens tão piedosos e devotos
'Stão com o rosário, é cruel interrompê-los,
Tão doce é a hora da meditação.

(*Entra Ricardo, ao alto, entre dois bispos. Volta Catesby.*)

PREFEITO

Mas vede, é o duque, entre dois sacerdotes!

BUCKINGHAM

Dois esteios da fé de um bom cristão,
Que o defendem dos erros da vaidade.
E, vede, há um breviário em sua mão —
Verdadeiro ornamento de um devoto.
Plantageneta, bom e doce príncipe,
Prestai ouvidos ao nosso pedido;
Perdoai termos vindo interromper
O vosso ardente zelo de cristão.

RICARDO

Milorde, não há motivo pra desculpas:
Eu é que deveria desculpar-me;
Por estar tão entregue às minhas preces
Fui descortês com essa visita amiga.
Mas em que posso ser-vos agradável?

BUCKINGHAM

Em uma ação que agradará a Deus
Como aos homens de bem da nossa ilha.

RICARDO

Temo ter feito alguma grave ofensa
Que esta cidade veja com maus olhos;
E vindes censurar minha ignorância.

BUCKINGHAM

Fizestes, meu senhor. Prouvera a Deus
Que procurásseis reparar a falta.

RICARDO

Não seria cristão se o não fizesse.

BUCKINGHAM

Sabei que vosso crime é recusar
O alto assento do trono majestático,
O cetro que empunharam vossos pais,

Vosso direito antigo e hereditário,
Glória real de uma real família,
E entregar a um rebento de outro ramo,
Poluído e bastardo, essa grandeza:
Enquanto vos quedais na indiferença,
Adormecido em doces pensamentos
Que interrompemos para o bem da pátria.
Esta ilha nobre ignora as próprias forças,
Sua face está marcada pela infâmia,
Seu trono real cheio de vis enxertos,
E quase mergulhado na caverna
Do esquecimento e da destruição.
Para salvá-la nós solicitamos
A Vossa Alteza que se dê o encargo
De governar esta terra como rei:
Não como protetor ou substituto,
Ou qual simples feitor de qualquer outro,
Mas como sucessor do mesmo sangue,
Por direito de herança e nascimento.
Para esse fim, vêm respeitosamente
Estes vossos amigos verdadeiros,
Segundo acordo com os cidadãos,
Pedir-vos que atendais às nossas súplicas.

RICARDO

Não sei se ir-me embora sem falar-vos,
Ou se repreender-vos rudemente
É o mais correto para mim e vós.
Não respondendo, podereis supor-me
Tão vaidoso que cale consentindo
Suportar o supremo jugo de ouro
Que gentilmente vós me ofereceis;
Por outro lado, se vos repreendo
Parecerei ingrato aos bons amigos
Que me trazem tal prova de afeição.
Assim, não evitando responder-vos,
E não usando a outra alternativa,

Quero dizer, definitivamente:
Vossa amizade pede agradecimento,
Mas não valho escolha tão grandiosa.
Mesmo que não houvesse mil obstáculos,
E o caminho do trono fosse aberto
Ao meu direito por meu nascimento,
Eu sei que meu espírito é tão pobre,
Tão grandes e sérios os meus defeitos,
Que prefiro furtar-me a essa grandeza —
Não sendo barco afeito a tempestades —
Do que expor-me a perder-me na tormenta
E afogar-me nas ondas dessa glória.
Mas, Deus louvado, eu não faço falta —
Faltas faria sendo eu necessário —
A árvore real deu real fruto
Que, maduro com o passar do tempo,
Há de bem ajustar-se ao trono real,
Fazendo-nos felizes com seu reino.
Deponho nele o que quereis em mim;
O direito e a missão de sua estrela,
Que Deus me livre de lhe arrebatar.

BUCKINGHAM

Milorde, isso é exagero de consciência;
Vossos motivos, fracos e triviais,
Considerada a fundo a circunstância.
Eduardo é filho de seu irmão:
É verdade, mas não da esposa dele,
Pois foi antes prometido a Lady Lucy,
Como há de confirmar a vossa mãe;
Depois, por um segundo compromisso,
Uniu-se a Bona, irmã do Rei de França.
Traídas ambas, veio uma mendiga,
Mãe tresloucada já de muitos filhos,
Viúva de beleza fenescente
Que mesmo no ocaso de seus dias
Captou o cúpido olhar real

E fê-lo rebaixar-se de seu nível,
Caindo numa infame bigamia:
Por ela, e no seu leito dissoluto,
Teve esse filho, que chamamos príncipe.
Denúncias mais amargas eu faria
Se, por respeito a alguém que ainda vive,
Não quisesse pôr termo à minha fala.
Tomai, pois, meu senhor, nas mãos serenas
O benefício desta dignidade;
Se não para abençoar a vossa pátria,
Ao menos para dar prosseguimento
À nobreza ancestral e resguardá-la
Da corrupção destes perversos tempos,
Seguindo o curso da real linhagem.

PREFEITO

Aceitai, meu senhor; o povo implora.

BUCKINGHAM

Não recuseis a oferta da amizade.

CATESBY

Dai-lhes prazer, seguindo a lei do trono!

RICARDO

Ai de mim! Por que dai-me tais labores?
Não nasci para o Estado e a majestade.
Eu vos suplico: não me julgueis mal.
Não posso e nem desejo submeter-me.

BUCKINGHAM

Se recusais — se por amor e zelo
Vos repugna usurpar de uma criança
O trono que ocupava vosso irmão —,
Co'a bondade dos vossos sentimentos,
A ternura amorosa e feminina
Com que cereais os membros da família,
Como a todos os mais, isso não importa:
Quer aceiteis ou não nosso pedido
Esse menino nunca será rei;
Colocaremos outro sobre o trono

Para desgraça e opróbrio deste reino:
Com tal resolução nós vos deixamos.
Vamos! Por Deus, eu não insisto mais.

RICARDO

Não blasfemeis, meu Lorde de Buckingham.

(*Saem Buckingham, o Prefeito e os cidadãos.*)

CATESBY

Chamai-os, caro príncipe. Atendei-os;
Se recusais, todos lamentaremos.

RICARDO

Quereis impor-me um mundo de cuidados?
Pois bem; chamai-os. Eu não sou de pedra,
Cedo às vossas instâncias afetuosas,
Inda que contra a alma e a consciência.
(*Voltam Buckingham e os outros.*)
Meu primo Buckingham, senhores sábios,
Já que quereis lançar às minhas costas
Tão nobre fardo, embora eu não o queira
Devo ter paciência e resignar-me
A suportar o peso da missão.
Se a violência, a censura e o desvario
Resultarem da vossa imposição,
Essa ideia será minha desculpa
E levará as manchas e impurezas
Que possam marcar a minha atitude;
Pois Deus sabe, e vós mesmos podeis ver,
Como eu 'stou longe de aspirar a isto.

PREFEITO

Bendito seja! Nós o atestaremos.

RICARDO

Atestando-o, afirmais a verdade.

BUCKINGHAM

Então eu vos saúdo com este título:
Viva Ricardo, verdadeiro rei!

TODOS

Amém.

BUCKINGHAM

Permitis amanhã ser coroado?

RICARDO

Quando vos aprouver, já que o quisestes.

BUCKINGHAM

Amanhã, pois então, aqui estaremos.
E assim, alegres, nós nos retiramos.

RICARDO

(*para os bispos*)
Voltemos aos deveres sacrossantos!
Até breve, meu primo e meus amigos!

(*Saem.*)

ATO IV

Cena I — Londres. Diante da Torre.

(*Entram, de um lado, a Rainha Elizabeth, a Duquesa de York e Dorset; do outro, Anne, Duquesa de Gloucester, trazendo pela mão Lady Margaret Plantageneta, a jovem filha de Clarence.*)

DUQUESA

Quem nos encontra aqui? A minha neta,
Guiada pela tia Anne de Gloucester?
Creio que se dirigem para a Torre,
Para cumprimentar os jovens príncipes.
Que prazer, minha filha.

ANNE

Deus vos dê
Um dia bem feliz e bem alegre!

ELIZABETH

O mesmo a ti, boa irmã! Onde vão?

ANNE

Até a Torre, levadas, eu creio,
Pelo mesmo motivo que o vosso,
O de congratular os jovens príncipes.

ELIZABETH

Obrigada; podemos entrar juntas.
Mas eis que o comandante se aproxima.
(*Entra Brakenbury.*)
Meu comandante, pode me informar
Como se encontram meus queridos filhos?

BRAKENBURY

Muito bem, muito bem. Mas acontece
Que não posso deixar que os veja agora:
O rei o proibiu expressamente.

ELIZABETH

O rei? Que rei?

BRAKENBURY

O Lorde Protetor.

ELIZABETH

Deus me proteja de ele usar tal título!
Quer pôr barreiras entre mãe e filhos?
Sou sua mãe, quem não m'os deixa ver?

DUQUESA

Eu sou mãe de seu pai; desejo vê-los.

ANNE

E eu sua tia, que os quer qual mãe;
Leve-me a vê-los; tomarei a culpa
Em seu lugar, correndo todo o risco.

BRAKENBURY

Não, senhora; não posso consentir;
Estou comprometido em juramento.

Rogo o vosso perdão, mas não consinto.

(*Sai.*)
(*Entra Stanley.*)

STANLEY

Uma hora mais, e eu poderei saudá-la,
Vossa Graça de York, qual mãe provecta
E servidora de duas rainhas.
(*para Anne*)
Venha, senhora; levo-a pra Westminster,
Para ser coroada com Ricardo.

ELIZABETH

Por favor, afrouxai-me este vestido,
Para que o coração, cheio de angústia,
Tenha mais amplitude pra bater,
Senão, vou desmaiar co'esta notícia.

ANNE

Ó triste fado! Novidade horrível!

DORSET

Coragem, minha mãe. Como se sente?

ELIZABETH

Ó Dorset, não me fales; vai-te, foge!
A morte e a destruição te estão no encalço;
O nome de tua mãe é malfadado
E lança maldição sobre seus filhos.
Se queres escapar, cruza estes mares,
Vai ter com Richmond, longe deste inferno;
Foge, eu te peço, da mansão sangrenta,
Pra que não cresça o número de mortos;
E morra eu cumprindo a maldição
De não ser mãe, mulher, e nem rainha!

STANLEY

Seu conselho, senhora, é nobre e sábio!

(*para Dorset*)
Aproveita a vantagem desta hora.
Terás carta minha para meu filho,
Em teu favor, ainda no caminho.
Não demora em partir, que é arriscado.

DUQUESA

Ó vento de miséria e de desgraça!
Ventre maldito o meu, berço da morte,
Que trouxe a este mundo o basilisco
Que mata com o veneno do olhar.

STANLEY

Vamos, senhora; fui mandado às pressas.

ANNE

Vou segui-lo sem gosto e sem vontade.
Prouvera aos céus que o áureo cinto real
Que vai cingir-me a fronte fosse um aro
De ferro em brasa, e me queimasse o crânio!
Que eu seja ungida com mortal veneno
E morra antes de ouvir: "Viva a rainha!"

ELIZABETH

Vai, pobre alma; não lhe invejo a glória;
Não se deseje mal, é o que lhe peço.

ANNE

Não? Por quê? Quando o que hoje é meu marido
Buscou-me no desfile funerário
De Henrique, tendo ainda mal-lavadas
As mãos do sangue do meu nobre esposo,
Bem como o do bom rei que eu enterrava;
Quando eu olhei o rosto de Ricardo,
Foi este o meu desejo: "Sê maldito,
Por me tornar viúva inda tão moça!
E, se casares, que te envolva o leito
A tristeza, e a mulher que te receba
Seja tão miserável por tua vida
Como eu sou pela morte do meu amo!"
Antes que eu repetisse essas palavras,

Em tão curto momento, meu espírito
De mulher fez-se escravo de seus lábios
Mentirosos, e tornou-se o próprio objeto
Da minha maldição. Desde esse dia
Não mais meus tristes olhos repousaram,
Pois nunca, nem uma hora, no seu leito,
Pude gozar o doce bem do sono
Sem despertar com tristes pesadelos.
Ele me odeia também por meu pai, Warwick,
E sem tardar se livrará de mim.

ELIZABETH

Adeus, coitada! Como eu a lamento!

ANNE

Não mais do que eu lamento a sua sorte.

DORSET

Adeus, triste vítima da glória!

ANNE

Adeus, triste vítima sem ela!

DUQUESA

(*para Dorset*)
Vá ter com Richmond, e que Deus te guie!
(*para Anne*)
Vai com Ricardo, e os anjos a protejam!
(*para Elizabeth*)
Vai para o santuário, e que a acompanhem
Bons pensamentos nesse seu sossego!
Eu vou pra minha cova onde o repouso
E a paz hão de jazer sempre comigo.
Vivi oitenta anos de tormento;
Em cada hora, dez de sofrimento.

ELIZABETH

Olhemos um momento para a Torre.
Velhas pedras, velai pelas crianças
Que a inveja encarcerou entre esses muros,

Berço tão rude pra tanta beleza!
Babá cruel, maldoso companheiro,
Trata com amor os pobres filhos meus!
Louca de dor é que eu te digo adeus!

(*Saem.*)

Cena II — Londres. Uma sala oficial no Palácio.

(*Fanfarra. Entram Ricardo, em grande pompa, coroado, Buckingham, Catesby, Ratcliffe, Lovell, um Pajem, e outros.*)

RICARDO
Fiquem de lado. Primo Buckingham!
BUCKINGHAM
Meu bondoso soberano!
RICARDO
Dá-me tua mão.
(*Fanfarra. Ricardo sobe ao trono.*)
Por teu conselho e
Ajuda 'stá Ricardo coroado;
Tais honras serão nossas um só dia?
Ou serão duradouras e felizes?
BUCKINGHAM
Permita Deus que durem para sempre!
RICARDO
Ah! Buckingham, agora vou pedir-te
A prova de que és mesmo ouro de lei;
O pequenino Eduardo inda está vivo.
Pensa agora o que eu quero te dizer.
BUCKINGHAM
Diga-o, meu adorado senhor.

RICARDO

Buckingham, eu quero ser o rei.

BUCKINGHAM

Mas já o é, meu glorioso amo.

RICARDO

Sou, é verdade. Mas Eduardo vive.

BUCKINGHAM

Certo, meu nobre príncipe.

RICARDO

Ó desgraça
Que Eduardo esteja vivo! É a verdade!
Meu primo, tu não eras tão opaco:
Devo ser claro? Eu quero que os bastardos
Morram; e quero tudo bem depressa.
Que dizes tu? Fala depressa e claro.

BUCKINGHAM

Vossa Graça fará o que quiser.

RICARDO

Vejo que está gelado o teu afeto.
Diz: tu consentes que eles sejam mortos?

BUCKINGHAM

Um momento, senhor, dê-me uma pausa
Antes que eu manifeste a minha ideia:
Eu lhe darei depressa uma resposta.

(*Sai.*)

CATESBY

(*à parte, para um outro*)
O rei está zangado, morde os lábios.

RICARDO

(*à parte*)
Quero falar com loucos insensíveis,
Rapazes petulantes: não me agradam

Os que me dão olhares ponderados.
O duque está ficando ponderado!
Rapaz!

PAJEM

Senhor?

RICARDO

Tu conheces alguém que, corrompido
Pelo ouro, mate por interesse?

PAJEM

Eu conheço um fidalgo descontente
Cujas posses não são as que ambiciona;
O ouro será melhor que mil discursos
E, por dinheiro, fará qualquer coisa.

RICARDO

Como se chama?

PAJEM

Ele se chama Tyrrel.

RICARDO

Eu sei quem é. Corre a chamá-lo aqui.
(*Sai o Pajem.*)
(*à parte*)
O grande e astucioso Buckingham
Não mais será meu caro conselheiro.
Ele me acompanhava sem cansaço;
Para agora pra respirar. Que seja.
(*Para Stanley, que entra.*)
Então, Lorde Stanley, quais as novidades?

STANLEY

Senhor, ouvi dizer que o Marquês Dorset
Fugiu para poder ir ter com Richmond
No país que ele habita, além dos mares.

RICARDO

Vem aqui, Catesby; quero que espalhes
A notícia que Anne, minha esposa,
Está sofrendo de doença grave.
Vou dar ordens que fique confinada.

Procura um nobre obscuro e empobrecido
Para casá-lo imediatamente
Co'a filha de Clarence; quanto ao filho,
É um tolo que eu não temo. 'Stás sonhando?
Digo de novo, vai lançar a nova
Que Anne, minha esposa, vai morrer.
Anda logo; eu assim mato esperanças
Que, mais tarde, me podem ser nocivas.
(*Sai Catesby.*)
Devo casar co'a filha de meu irmão,
De outro modo o meu trono não tem base —
Matar seus dois irmãos e desposá-la!
É um meio duvidoso de vencer!
Mas estou tão manchado já de sangue
Que um pecado faz logo nascer outro:
A piedade não mora nestes olhos.
(*Entra o Pajem com Tyrrel.*)
Teu nome é Tyrrel?

TYRREL

James Tyrrel, meu senhor, um vosso servo.

RICARDO

De fato?

TYRREL

Experimente, Majestade!

RICARDO

Ousarias matar um meu amigo?

TYRREL

Certamente o faria; mas prefiro
Matar dois inimigos de uma vez.

RICARDO

Então, isso farás: dois inimigos,
Ferozes inimigos do meu sono,
Que me perturbam o doce descanso,
Aqueles contra os quais em ti confio,
São os bastardos que hoje estão na Torre.

TYRREL

Dai-me os meios de entrar, de ir até eles,
E estareis livre desses maus receios.

RICARDO

Tocaste ao meu ouvido doce música.
Aproxima-te, toma esta licença:
Agora chega o teu ouvido a mim.
(*Segreda.*)
E só isso. E depois de o teres feito
Eu serei teu amigo e protetor.

TYRREL

Vou logo executar vossas ordens.

(*Sai.*)
(*Entra Buckingham.*)

BUCKINGHAM

Senhor, considerei em meu espírito
A última proposta que me fez.

RICARDO

Bem, não falemos nisso. Ouvi há pouco
Que Dorset fugiu pra encontrar Richmond.

BUCKINGHAM

Ouvi esse boato, meu senhor.

RICARDO

(*para Stanley*)
Vossa mulher é mãe dele. Cuidado!

BUCKINGHAM

Majestade, cobro o que me é devido,
E que foi garantido por sua honra:
O Condado de Hereford e os haveres
Que outrora prometeu seriam meus.

RICARDO

Olhai por vossa esposa, Milorde Stanley:
Se ela levar bilhetes para Richmond

Sereis o responsável pelos mesmos.

BUCKINGHAM

O que diz Vossa Graça ao meu pedido?

RICARDO

Ouvi profetizar Henrique VI
Que seria rei o Conde Richmond;
E este era então uma criança apenas.
Um rei? Talvez, talvez…

BUCKINGHAM

Meu soberano…

RICARDO

Por que não me diria o rei-profeta
Que um dia eu mesmo o havia de matar?

BUCKINGHAM

Milorde, sua promessa do condado…

RICARDO

Richmond! Há pouco estive em Exeter,
E o prefeito, querendo ser amável,
Mostrou-me seu castelo, a que chamava
Rougemont: ao ouvi-lo estremeci,
Pois um bardo da Irlanda me dissera
Que eu morreria após ter visto Richmond.

BUCKINGHAM

Senhor!

RICARDO

Mas que horas são?

BUCKINGHAM

Ouso lembrar a Vossa Majestade
A promessa que me havia feito.

RICARDO

Mas que horas são?

BUCKINGHAM

'Stão batendo dez horas.

RICARDO

Pois que batam.

BUCKINGHAM

Mas por quê?

RICARDO

Porque exatamente como um tolo
Ficas aí soando as badaladas
Do teu pedido enquanto estou pensando.
Hoje não 'stou propenso a concessões.

BUCKINGHAM

Não diz se vai cumprir sua promessa?

RICARDO

És importuno. Não estou para isso.

(*Saem todos, menos Buckingham.*)

BUCKINGHAM

É assim, com recusas e desprezos,
Que recompensa a minha abnegação?
Foi para isso que o levei ao trono?
Ó Hastings, como penso em tua sina!
Embora o teu destino eu não mereça,
Eu fujo, enquanto tenho esta cabeça.

(*Sai.*)

Cena III — O mesmo.

(*Entra Tyrrel.*)

TYRREL

Consumou-se a sangrenta tirania,
O massacre mais torpe, o assassinato
Mais covarde já feito nesta terra.

Dighton e Forrest, a quem subornei
Para cumprir tal ato desumano,
Conquanto sejam vis cães sanguinários,
Deixaram-se tomar de compaixão,
E choravam contando a triste história.
Disse Dighton: "Já dormiam as crianças";
"Unidas", Forrest diz, "em mútuo abraço
Dos seus marmóreos braços inocentes.
Seus lábios eram, juntos, quatro rosas,
Que no auge da beleza se beijavam.
No travesseiro, um livro de orações,
O que quase me fez mudar de ideia.
Mas o demônio" — aqui calou-se Forrest —
E Dighton terminou: "Aniquilamos
O mais belo lavor da natureza
Jamais visto depois da criação."
Retiraram-se então com seus remorsos;
Nem podiam falar. E então deixei-os,
Para dar a notícia ao rei sangrento.
(*Entra Ricardo.*)
Ele aí vem. Saúde, ó soberano!

RICARDO

Bom Tyrrel, são felizes tuas novas?

TYRREL

Se o que me encarregastes de fazer
Vos dá felicidade, contentai-vos,
Pois está feito.

RICARDO

Tu mesmo os viste mortos?

TYRREL

Vi, senhor.

RICARDO

E enterrados também, Tyrrel?

TYRREL

O capelão da Torre os enterrou;
Mas onde, na verdade, eu não sei.

RICARDO

Procura-me, bom Tyrrel, após a ceia,
Pra contar-me os detalhes das suas mortes.
E vai pensando o que de mim desejas,
Que eu quero contentar tua vontade.
Adeus.

TYRREL

Humildemente eu me despeço.

(*Sai.*)

RICARDO

O filho do irmão Clarence eu prendi;
A filha, casei com um tipo obscuro.
Os filhos de Eduardo já não vivem,
E Anne, minha mulher, deixou o mundo.
Richmond, eu sei, é forte candidato
A mão de Elizabeth, minha sobrinha,
E co'esta ligação visa a coroa.
A ela irei, qual doce enamorado.

(*Entra Ratcliffe.*)

RATCLIFFE

Senhor!

RICARDO

Boas ou más notícias trazes
Para entrares assim tão rudemente?

RATCLIFFE

São más, senhor. Ely fugiu pra Richmond,
E Buckingham, co'o apoio dos galeses,
Está em campo, com crescente força.

RICARDO

Ely com Richmond me perturba mais
Que Buckingham com tropa improvisada.
Aprendi que a conversa pessimista
Acarreta a demora e a indecisão,
O que leva à impotência da miséria.
Eu quero ter as asas expeditas
Como Mercúrio, o arauto de um rei!
Marchemos: a bravura é meu escudo
Quando os traidores ameaçam tudo.

(*Saem.*)

Cena IV — Diante do Palácio.

(*Entra a Rainha Margaret.*)

MARGARET

Começa então a sorte a declinar
E a mergulhar na podridão da morte.
Por estes muros ando sempre à espreita
Pra ver a decadência do inimigo.
Já presenciei o início da derrota
E volto à França; espero que a sequência
Seja igualmente amarga, negra, e trágica.
Afasta-te, infeliz: quem vem aí?

(*Entram a Rainha Elizabeth e a Duquesa de York.*)

ELIZABETH

Ai meus pobres filhinhos! Ai, meus príncipes,
Tenros botões, flores ainda fechadas!

Se voam vossas almas neste espaço
Ainda livres da penumbra eterna,
Que abram sobre mim as frágeis asas
Pra inda ouvir meu lamento materno!

MARGARET

(*à parte*)
Pairai para dizer-lhe que é direito
Que negra morte lhe varasse o peito!

DUQUESA

Tanta miséria me perturba a fala!
Minha língua está muda e ressequida;
Por que morreste, Eduardo? Que desgraça!

MARGARET

(*à parte*)
Se um Plantageneta a outro mata
A morte de um Eduardo o outro resgata.

ELIZABETH

Ó Deus, por que abandonas os cordeiros
E os atiras às garras vis do lobo?
Dormias tu quando esse mal foi feito?

MARGARET

(*à parte*)
E na morte de Henrique? E a do meu filho?

DUQUESA

Morta-viva, olho cego, espectro horrendo,
Vergonha deste mundo, alma penada,
Vida roubada à cova, testemunho
De tanto dia triste, busca agora
Repouso para a tua inquietação
Na doce terra desta nobre pátria
(*Senta-se no chão.*)
Maculada com o sangue de inocentes.

ELIZABETH

Por que me serve a terra de repouso
Em vez de me servir de sepultura?
Meus ossos querem cova, não descanso.

Quem, senão eu, tem causas pra chorar?
(*Senta-se no chão.*)

MARGARET

(*Adiantando-se.*)
Se a dor mais velha é a que tem mais valia
Dai-me a vantagem da prioridade.
Pois minha mágoa tem maior direito,
Se o sofrimento aceita companhia.
(*Senta-se junto às outras.*)
Pelos meus podeis ver os vossos males:
Eu tive Eduardo, e Ricardo o matou;
Eu tive Henrique, e Ricardo o matou;
Tinhas Eduardo, Ricardo o matou;
Tinhas Ricardo, e Ricardo o matou.

DUQUESA

Tive Ricardo, a quem também mataste;
E Rutland, a quem tu também mataste.

MARGARET

Tiveste Clarence, e Ricardo o matou.
Do canil do teu ventre apareceu
Um cão danado que dá a todos
Até a morte; um infernal mastim
Que tem dentes agudos e olhos falsos,
Devorador de tenros cordeirinhos,
Destruidor das belezas da vida;
Um tirano terrível desta terra,
Que se nutre do sangue dos que choram.
Teu ventre vomitou-o neste mundo
Para nos perseguir até o túmulo.
Ó justo Deus, que o bem e o mal repartes,
Como agradeço teres permitido
Que o sanguinário cão ferisse o fruto
Do corpo desta mãe e lhe infligisse
A mesma dor, unindo-a às outras mães!

DUQUESA

Ó esposa de Henrique, não triunfes

Da minha dor, pois Deus é testemunha
Que eu contigo chorei os que perdeste.

MARGARET

Perdão: eu 'stou sedenta de vingança
E agora vou saciar os olhos tristes.
Teu Eduardo morreu, que o meu matou;
E pelo meu, morreu teu outro Eduardo;
Teu York foi de lambuja, pois nem juntos
Podiam igualar a perfeição
Da minha perda: assim morreu teu Clarence
Por ter apunhalado o meu Eduardo;
E as testemunhas desse drama trágico,
Os falsos Hastings, Rivers, Vaughan e Grey,
Cedo tombaram nas escuras covas.
Ricardo vive, embaixador do inferno;
Compra as almas na terra e as manda às trevas.
Mas vejo perto o triste fim que o espera:
Abre-se a terra, o inferno ferve, e os santos
Oram pra que daqui seja arrancado.
Ó Deus, corta-lhe a vida, eu te suplico
Pra eu viver e dizer "O cão está morto".

ELIZABETH

Tu predisseste que viria o tempo
Em que eu te pediria que ajudasses
A maldizer essa asquerosa aranha,
Esse sapo de dorso recurvado!

MARGARET

Chamei-te ladra, então, da minha glória
Rainha de papel, sombra sem cor;
Vã representação da minha vida;
Lisonjeira expressão de um triste espectro,
Erguida ao alto pra cair tão baixo;
Mãe de comédia de dois lindos anjos;
Um sonho do real; um sopro, um signo
Da dignidade; um pavilhão garboso
Servindo de alvo a perigosos tiros;

Rainha em fantasia, enchendo a cena.
Onde está teu marido? E os teus irmãos?
Onde estão teus dois filhos? E o teu garbo?
Quem se curva ao dizer "Salve a rainha"?
Onde se acham os nobres lisonjeiros?
Onde as tropas que guardam os teus passos?
Lembra tudo isso e vê o que és agora:
Foste esposa feliz, és triste viúva;
Alegre mãe, hoje não tens tal nome;
Aquela a quem pediam, é pedinte;
Em lugar da coroa de rainha
És hoje coroada de martírios;
A que me desprezou, hoje eu desprezo;
A que todos temiam, teme alguém;
A que mandava em todos, nada manda;
Assim mudou a roda da justiça
Deixando-te à mercê das circunstâncias,
Só tendo o pensamento do que foste
Para te torturar sendo o que és.
Usurpaste o lugar que me cabia;
Sabes hoje a extensão da minha dor?
Hoje teu colo altivo aguenta o jugo
Da metade da mágoa que eu carrego,
Da qual livro a cabeça fatigada
Para deixá-la inteira sobre ti.
Adeus, mulher de York; triste rainha:
Deixo a Inglaterra na desesperança
E de tua dor, hei de sorrir na França.

ELIZABETH

Mestra das pragas, fica um pouco ainda!
Me ensina a maldizer meus inimigos!

MARGARET

Afasta o sono à noite, passa o dia
Em jejum; pesa as mortas alegrias
Co'as mágoas vivas, pensa nos teus filhos,
Vendo-os mais lindos do que na verdade;

Julga o assassino ainda pior do que é:
Exaltando o passado, aumenta o ódio.
Isso te ensinará a praguejar.

ELIZABETH

Tenho palavras lentas, fica ainda
E ensina-me a excitá-la com as tuas!

MARGARET

Pesando o mal que tens e o bem que tinhas
Elas serão cortantes como as minhas.

(*Sai.*)

DUQUESA

Por que é a dor tão rica de palavras?

ELIZABETH

São advogadas vãs da dor perdida,
Herdeiras de alegrias não legadas,
Ofegantes patronas da miséria!
Deixemo-las sair em borbotão:
Só servem p'ra aliviar o coração.

DUQUESA

Se assim é, não te cales, vem comigo
E em palavras amargas sufoquemos
Meu filho odioso, que matou teus filhos.
(*Ouve-se um tambor.*)
É o seu tambor: não poupes teus clamores.

(*Entram Ricardo e seu séquito, inclusive Catesby, marchando, com tambores e trombetas.*)

RICARDO

Quem me interrompe em minha expedição?

DUQUESA

Quem te devia ter interrompido —
Te estrangulado no seu próprio ventre —
Na sequência de crimes que fizeste.

ELIZABETH

Esconde a tua fronte áurea coroa,
Quando a devias ter marcado a ferro,
Rubra de sangue, se justiça houvesse,
Co'a chacina do dono da coroa
E as mortes de meus filhos e irmãos.
Diz, vil escravo, onde estão meus filhos?

DUQUESA

Onde está, sapo vil, teu irmão Clarence?
E Ned Plantageneta, seu filhinho?

ELIZABETH

Onde se encontram Rivers, Vaughan e Grey?

DUQUESA

Onde está o bom Hastings?

RICARDO

Soem trompas, clarins; rufem tambores!
Que os céus não ouçam essas mentirosas
Que ofendem o ungido do Senhor!
Tocai! Rufai! Mais alto e mais vibrante!
(*fanfarras e rufares*)
Acalmai-vos; tratai-me com doçura
Ou o alarido e o estrépito da guerra
Abafarão vossos clamores loucos!

DUQUESA

És acaso meu filho?

RICARDO

Sim, graças a Deus, a meu pai e a vós.

DUQUESA

Pois ouve paciente minh'impaciência.

RICARDO

Senhora, herdei um pouco o vosso gênio;
E não sei suportar repreensões.

DUQUESA

Deixa que eu fale!

RICARDO

Sim, mas não escuto.

DUQUESA

Serei doce e serena em minha fala.

RICARDO

E breve, minha mãe, que tenho pressa.

DUQUESA

Tens pressa? Pois foi longa a minha espera
Que nascesses, em ânsias e agonias.

RICARDO

Mas não nasci, por fim, pra teu conforto?

DUQUESA

Não; pela Santa Cruz, tu não o ignoras;
Vieste tornar um inferno as minhas horas.
Sempre me foste um fardo bem pesado:
Criança, foste mau e malcriado;
Na escola, intolerável e violento,
Na juventude, audaz e turbulento;
Quando chegaste, enfim, a ser adulto,
Ficaste traiçoeiro e sanguinário,
Mais manso na aparência e, no entanto,
Mais perigoso no ódio e na vingança.
Podes dizer que eu tive um simples dia
Calmo e feliz na tua companhia?

RICARDO

Somente quando vós vos ausentastes
Para almoçar longe de mim. Portanto,
Se tão horrível sou aos vossos olhos,
Sigo a marcha, fugindo de ofender-vos.
Tocai, tambores.

DUQUESA

Ouve-me falar.

RICARDO

Vossa fala é só fel.

DUQUESA

Ouve o que digo,
Pois nunca mais eu falarei contigo.

RICARDO

E então?

DUQUESA

Ou morres, se assim for de Deus a ordem,
Sem voltar vitorioso desta guerra;
Ou eu, cheia de dor, velha e cansada,
Morro sem nunca mais te ver a face.
Assim, leva contigo a minha praga,
Que há de pesar-te mais nessa batalha
Que a pesada armadura que carregas!
Minhas preces serão pelo inimigo;
As almas dos meninos de Eduardo
Falem às almas desses adversários,
Prometendo sucessos e vitórias.
Morras em meio ao sangue, homem sangrento,
Seja horrendo o teu último momento.

(*Sai*.)

ELIZABETH

Com mais motivos, tenho menos força
Pra praguejar, por isso, digo amém.

(*Vai saindo*.)

RICARDO

Ficai; quero falar-vos um momento.

ELIZABETH

Não tenho mais nenhum filho real
Pra ainda ser por ti assassinado.
Minhas filhas serão piedosas freiras
E não rainhas tristes e chorosas;
Não são dignas, portanto, de ameaças.

RICARDO

Vós tendes uma filha, Elizabeth,
Virtuosa e linda, de uma graça régia.

ELIZABETH

Deve morrer por isso? Ó, que ela viva,
E eu corromperei suas maneiras,
Mancharei o cetim das suas faces.
Acusar-me-ei de infiel ao meu Eduardo,
Sobre ela lançarei o véu da infâmia.
Para que não a ameace a tua fúria,
Confessarei que ela é uma filha espúria.

RICARDO

Não mintais; ela é real princesa.

ELIZABETH

Para salvá-la negarei que o seja.

RICARDO

Seu nascimento é a sua salvação.

ELIZABETH

E por ele morreram seus irmãos.

RICARDO

Os astros eram contra as suas vidas.

ELIZABETH

Os maus amigos foram contra elas.

RICARDO

Ninguém pode fugir ao próprio fado.

ELIZABETH

Quando o crime e o mal vão lado a lado.
Eles teriam morte menos triste
Se a tua vida fosse menos vil.

RICARDO

Assim parece que matei meus sobrinhos.

ELIZABETH

Sim, eles eram deveras sobrinhos
Daquele que os privou da liberdade,
Da coroa real, do bem da vida;
A mão de quem feriu seus tenros corpos
Era guiada pelo teu espírito:
O punhal ficaria fraco e em dúvida
Se não o afiasse a pedra da tua alma
Para imolar meus débeis cordeirinhos.
Se o hábito da dor não a acalmasse,
Eu não diria o nome dos meus filhos
Sem ter as unhas dentro dos teus olhos;
E neste ancoradouro da desgraça
Como barca sem velas e sem remos,
Me despedaçaria contra as rochas
Do teu horrível coração de pedra.

RICARDO

Volte eu vencido desta dura guerra,
Fracassado na luta sanguinária,
Se o bem que vos desejo, como aos vossos,
Não for maior que o mal que vos causei!

ELIZABETH

Que bem pode existir sob estes céus
Que seja um bem para o meu coração?

RICARDO

A glória em vossos filhos, nobre dama.

ELIZABETH

Subindo ao cadafalso, sem cabeças?

RICARDO

Não; às maiores honras, dignidades,
Aos fastos imperiais da humana glória.

ELIZABETH

Não me embales a dor com essas falas.
Diz-me que dignidade, que honraria

Podes tu conceder a um de meus filhos?

RICARDO

Tudo o que tenho, a minha própria vida,
Eu quero oferecer à vossa estirpe;
E nas ondas de vossa alma irada
Afogarei as pérfidas lembranças
Do que julgais que eu vos tenha feito.

ELIZABETH

Sê breve; temo que esses bons propósitos
Durem menos que o tempo de expressá-los.

RICARDO

De toda a alma amo a vossa filha.

ELIZABETH

Com a alma o crê a mãe da minha filha.

RICARDO

Que credes vós?

ELIZABETH

Que amas minha filha com toda a alma;
Com todo o amor amavas seus irmãos.
Com o mesmo amor eu te agradeço tudo.

RICARDO

Não confundais, vos peço, o meu intento.
Amo de coração a vossa filha:
Vou fazê-la Rainha da Inglaterra.

ELIZABETH

E que rei lhe destina para esposo?

RICARDO

Só pode ser o que a fará rainha.

ELIZABETH

Quem, tu?

RICARDO

Sim, eu; que pensais vós?

ELIZABETH

Como a conquistarás?

RICARDO

É o que pergunto,

Já que vós conheceis a vossa filha.

ELIZABETH

Queres sabê-lo?

RICARDO

É tudo o que desejo.

ELIZABETH

Manda a ela, por mão dos assassinos,
Dois pequeninos corações sangrentos,
Neles tendo gravado Eduardo e York;
Então seus olhos se encherão de lágrimas;
Oferece-lhe então — tal como outrora
A teu pai estendeu a cruel Margaret,
Rubro do sangue que vertera Rutland —
Um lenço, que dirás ser encharcado
Do vivo sangue de seus dois irmãos;
E pede que com ele enxugue as lágrimas.
Se isso não inspirar o seu amor,
Manda-lhe a lista toda dos teus crimes:
Diz-lhe que foram mortos à tua ordem,
Clarence e Rivers, seus queridos tios;
E que igual sorte teve a tia Anne.

RICARDO

Zombais de mim; esse não é o modo
De vencer seu coração.

ELIZABETH

Não sei de outro,
A menos que, mudando teu aspecto,
Não sejais Ricardo, que isso tudo fez.

RICARDO

E se fiz o que fiz por amor a ela?

ELIZABETH

Então só poderá ela odiar
Quem com tanto sangue comprou o amor.

RICARDO

Os homens fazem coisas impensadas,
Das quais, mais tarde, muito se arrependem.

Se aos vossos filhos eu tirei o reino,
Como resgate dou-o à vossa filha.
E se matei a flor do vosso ventre,
Farei com ela nova dinastia.
Doce é o nome de avó, bem pouco menos
Que o dulcíssimo título de mãe;
Os filhos de uma filha serão vossos
Apenas em um grau mais afastado;
Feitos de vossa carne e vosso sangue,
Do vosso ser ainda serão parte;
Terão custado menos sofrimentos,
Padecidos por ela, em vez de vós.
Com os filhos padecestes quando moça,
Os meus consolarão o vosso ocaso.
Chorais por vosso filho não ser rei,
Mas vossa filha pode ser rainha.
Não posso reparar tudo o que devo,
Deveis, assim, tomar o que vos dou.
O vosso Dorset, que com alma trêmula
Foi viver descontente no estrangeiro,
Chamado à pátria pela união que auguro
Terá fortuna e grandes distinções:
O rei, chamando esposa à vossa filha,
Familiarmente o chamará de irmão.
Vós sereis novamente mãe de um rei,
E tereis as passadas desventuras
Resgatadas por novas alegrias.
Teremos muitos dias agradáveis:
Vossas lágrimas vertidas outrora
Tornar-se-ão pérolas do oriente,
Cujo resgate e juros vos darão
Felicidade já centuplicada.
Ide pois, minha mãe, à vossa filha:
Dai-lhe ânimo co'a vossa experiência;
Preparai-a pra ouvir minhas palavras;
Ponde em seu coração a flama ardente

Da ambição de reinar; dizei-lhe mais
Das doçuras da vida no himeneu:
E logo que este braço tenha dado
Castigo ao insensato Buckingham,
Coroado de louros voltarei
Para levar ao leito vossa filha,
A quem darei as glórias da vitória,
Para reinar sobre este vencedor.

ELIZABETH

Que lhe direi? Que o irmão de seu pai
Quer desposá-la? Ou dir-lhe-ei seu tio?
Ou quem matou seus tios, seus irmãos?
Que título usarei para tornar-te —
Segundo Deus, a lei, a honra, e o amor —
Mais atraente à sua juventude?

RICARDO

Dizei que esta união é a paz da ilha.

ELIZABETH

Que ela deve comprar com longa guerra.

RICARDO

Dizei que o rei nada lhe ordena, pede.

ELIZABETH

Para obter o que nega o Rei dos Reis.

RICARDO

Dizei que ela será grande e potente.

ELIZABETH

Para chorar depois, como sua mãe.

RICARDO

Dizei que hei de adorá-la para sempre.

ELIZABETH

E esse "sempre", quanto durará?

RICARDO

Durante todo o tempo de sua vida.

ELIZABETH

E quanto tempo vai durar-lhe a vida?

RICARDO

Tanto quanto prouver ao céu e à terra.

ELIZABETH

Quanto Ricardo e o inferno o permitirem.

RICARDO

Dizem que, sendo rei, sou seu escravo.

ELIZABETH

Mas ela, tua escrava, te despreza.

RICARDO

Usai em meu favor vossa eloquência.

ELIZABETH

Só o que é puro e simples persuade.

RICARDO

Contai-lhe então apenas que eu a amo.

ELIZABETH

Mentira simples não é bom estilo.

RICARDO

Vossas razões são vivas porém fracas.

ELIZABETH

Minhas razões são mortas e profundas,
Em fundas covas mortas: os meus filhos.

RICARDO

Não toqueis nessa corda, isso é passado.

ELIZABETH

Tocá-la-ei até que ela arrebente.

RICARDO

Por são Jorge, por Deus, pela coroa…

ELIZABETH

Profanados os dois; ela usurpada.

RICARDO

Eu juro…

ELIZABETH

Tu não tens mais juramentos:
Teu são Jorge perdeu a santidade.
Teu Deus, assim traído, não te escuta,
Tua coroa já não tem realeza.
Jura por algo em que creias ainda,

Coisa que inda não tenhas conspurcado.

RICARDO

Pelo mundo…

ELIZABETH

'Stá cheio dos teus crimes.

RICARDO

Pela morte de meu pai.

ELIZABETH

Já o desonraste.

RICARDO

Por mim mesmo.

ELIZABETH

Não passas de um vilão.

RICARDO

Então por Deus.

ELIZABETH

Por Deus é o mais errado.
Se temesses quebrar um juramento
Feito em Seu nome, não destruirias
A conciliação do reino feita
Pelo rei teu irmão, e nem terias
Assassinado assim os meus irmãos.
Se o temesses quebrar, esse diadema
Que te orna a testa agora adornaria
A doce e tenra fronte de meu filho;
E ambos os delfins estariam vivos,
Em vez de repousar no chão poeirento:
Teu perjúrio os tornou pasto dos vermes.
Por que coisa, afinal, podes jurar?

RICARDO

Pelo futuro.

ELIZABETH

Que os teus crimes todos
Antecipadamente já condenam;
Pois eu ainda tenho muitas lágrimas
Por enxugar, durante muito tempo,

Vertidas no passado, por teus erros.
Vivem crianças cujos pais mataste,
E cuja adolescência sem um guia
Legará suas mágoas aos mais velhos.
Vivem os pais daqueles que mataste,
Velhas árvores secas, cujos dias
Finais serão só lágrimas e prantos.
Não jures pois pelo futuro, o fado
Far-te-á pagar os crimes do passado.

RICARDO

Se não for meu intento reformar-me,
Morra eu nessa luta que empreendo
Contra o inimigo hostil! Que eu me destrua,
Que o céu me vede as horas de alegria!
Dia, leva-me a luz; noite, o descanso!
Sejam-me hostis os astros da ventura,
Se co'o mais puro amor do coração,
O mais santo e sagrado pensamento,
Eu não amo a princesa vossa filha!
Nela está minha sorte, como a vossa;
Sem ela, para vós e para mim,
Para o país e para a cristandade,
Não há senão a morte e a ruína;
Isso só poderá ser evitado
Por este enlace, e só o será por ele.
Assim, querida mãe — assim vos chamo —,
Sejais minha patrona junto a ela;
Pedi pelo que quero ser agora,
Não pelo que já fui; não pelos erros
Que cometi, mas pelo que desejo
E juro merecer: mostrai-lhe o ensejo
De esquecer mesquinhezas que odiamos
Para unir o país que tanto amamos.

ELIZABETH

Devo deixar assim tentar-me o demo?

RICARDO

Se o demônio vos tenta para o bem.

ELIZABETH

Posso esquecer quem sou e ser eu mesma?

RICARDO

Certo, se essa lembrança vos tortura.

ELIZABETH

Mas tu assassinaste meus filhinhos.

RICARDO

No ventre dessa filha hei de enterrá-los;
Onde, nesse recanto de delícias,
Eles renascerão p'ra teu consolo.

ELIZABETH

Ganharei minha filha ao teu desejo?

RICARDO

E sereis mãe feliz por tê-lo feito.

ELIZABETH

Eu vou. Mandai-me logo uma missiva
E por mim saberá do seu intento.

RICARDO

Levai-lhe o beijo do meu puro amor.
Até breve.
(*Sai a Rainha Elizabeth.*)

Mulher louca, inconstante!
(*Entra Ratcliffe, seguido por Catesby.*)
Então, quais as notícias?

RATCLIFFE

Majestade,
Na costa ocidental pode-se, ao longe,
Avistar uma esquadra poderosa:
Corre às praias enorme multidão
De equívocos amigos: homens rudes,
Desarmados e pouco preparados
Para detê-los; há muitas suspeitas
De que Richmond seja o chefe da esquadra,

E de que o inimigo espere apenas
Que Buckingham garanta o desembarque.

RICARDO

Mandemos um correio para Norfolk —
Tu, Ratcliffe, ou Catesby — onde está ele?

CATESBY

Aqui, senhor.

RICARDO

Vai logo ter co'o duque.

CATESBY

Eu vou, Majestade, com toda a pressa.

RICARDO

(*para Ratcliffe*)
E tu, Ratcliffe, parte já pra Salisbury,
E quando lá chegares…
(*para Catesby*)
Preguiçoso,
Que fazes tu aí, tolo e parado?

CATESBY

Primeiro dizei vós, meu soberano,
O que devo falar de vossa parte.

RICARDO

Tens razão! Vais pedir-lhe que convoque
A maior força que puder reunir
E que vá logo encontrar-me em Salisbury.

CATESBY

Já vou.

(*Sai.*)

RATCLIFFE

Que devo fazer eu em Salisbury?

RICARDO

Que havias de fazer sem que eu chegasse?

RATCLIFFE

Vossa Alteza me mandou ir antes disso.

(*Entra Stanley*.)

RICARDO

Mudei de ideia.
(*para Stanley*)
Que novas trazeis?

STANLEY

Nem boas pra vos dar satisfação,
Nem tão ruins para que eu não as conte.

RICARDO

Um enigma! Não são boas nem más?
Por que fazeis rodeios e disfarces
Quando podeis contar de pronto os fatos?
Mais uma vez: que novas me trazeis?

STANLEY

Richmond está nos mares.

RICARDO

Que se afunde
E que os mares o cubram no seu seio.
Por que se fez ao mar o renegado?

STANLEY

Não sei, nobre senhor, porém suponho…

RICARDO

Supondes vós?

STANLEY

Que haja sido estimulado por Dorset,
Buckingham e Morton, navegando
Para a Inglaterra em busca da coroa.

RICARDO

Estará vago o trono? O cetro largado?

O rei morreu? O império está sem dono?
Que herdeiro de York existe além de mim?
Quem reina aqui sem ser herdeiro de York?
Dizei-me, pois, que faz ele nos mares?

STANLEY

Sem ser esse, não vejo outro motivo.

RICARDO

Sem ser para tornar-se vosso rei,
Não podeis ver, então, por que motivo
Viria ele. Quereis revoltar-vos
E fugir para ele? É o que suponho.

STANLEY

Não, meu senhor, não me penseis infiel.

RICARDO

Qual é vosso poder para detê-lo?
E os vossos companheiros e vassalos?
Não 'stão na costa ocidental acaso,
Ajudando os rebeldes na chegada?

STANLEY

Não; meus amigos acham-se no norte.

RICARDO

Frios amigos para mim. Que fazem
Eles no norte quando deveriam
Servir seu soberano no ocidente?

STANLEY

Não os foram chamar, rei poderoso:
Se Vossa Majestade o desejar
Chamarei meus amigos sem demora
Para encontrar-vos onde vós quiserdes.

RICARDO

Eu sei que desejais correr pra Richmond.
Não creio em vós.

STANLEY

Potente soberano,
Não duvideis da minha fiel estima:
Não sou e nem serei amigo falso.

RICARDO

Ide então convocar homens armados
Mas deixai para trás seu filho, George.
Sede valente e firme; do contrário,
Pouco segura está sua cabeça.

STANLEY

Procedei vós com ele como eu mesmo
Procederei com Vossa Majestade.

(*Sai.*)
(*Entra um Mensageiro.*)

MENSAGEIRO

Meu nobre soberano, em Devonshire —
Segundo informação de bons amigos —,
Sir Eduardo Courtney junto com o altivo
Bispo de Exeter, seu irmão mais velho,
Com muitos outros homens 'stão em marcha.

(*Entra o 2º Mensageiro.*)

2º MENSAGEIRO

Em Kent, senhor, os Guilfords 'stão em armas;
E a cada instante novos companheiros
Aumentam mais a força dos rebeldes.

(*Entra o 3º Mensageiro.*)

3º MENSAGEIRO

Senhor, as forças de Lorde Buckingham…

RICARDO

Fora, ave agourenta; só me trazem

Contos de morte?
(*Bate no Mensageiro.*)
Toma esta lembrança
Pra me trazeres novas mais alegres.

3º MENSAGEIRO

As notícias que eu tenho para vós
São que, por uma súbita revolta
Das águas, toda a tropa de Lorde Buckingham
Dispersou-se e desfez-se com as enchentes;
Ele mesmo perdeu-se e anda sozinho,
Ninguém sabe por onde.

RICARDO

Ó, perdoai-me:
Eis minha bolsa pra curar-te o golpe.
Algum fiel amigo proclamou
Que recompensarei quem o prender?

3º MENSAGEIRO

Já foi lançada essa proclamação.

(*Entra o 4º Mensageiro.*)

4º MENSAGEIRO

Sir Thomas Lovell e o Marquês de Dorset
Em Yorkshire, como dizem, 'stão em armas.
Mas trago um bom conforto a Vossa Alteza:
A esquadra bretã foi dispersada
Por uma tempestade. Os de Richmond
Enviaram um barco para a praia
Perguntando se os homens que ali estavam
Eram a seu favor ou contra eles;
Respondeu-lhes alguém que tinham vindo
Da parte de Lorde Buckingham pra unir-se
A força deles; mas, desconfiados,
Voltaram, os que vinham, pra Bretanha.

RICARDO

Marchemos, já que em armas nos achamos;
Se não contra inimigos estrangeiros,
Contra os traidores desta própria terra.

(*Entra Catesby*.)

CATESBY

Senhor, foi preso o Duque de Buckingham;
É a nova melhor que aqui vos trago.
Mas que o Conde de Richmond com a sua tropa
Poderosa invadiu a costa em Milford,
É má notícia que deveis saber.

RICARDO

Vamos a Salisbury! Enquanto estamos
Aqui falando, uma real batalha
Poderia ser ganha ou ser perdida.
Que alguém ordene que me tragam Buckingham
A Salisbury; os mais, marchem comigo.

(*Fanfarra. Saem todos*.)

Cena V — Um aposento na casa de Stanley.

(*Entram Stanley e sir Christopher Urswick*.)

STANLEY

Eu peço, Urswick, que informe a Richmond
Que na pocilga do vil javali
Meu filho George está como refém:
Se eu me rebelo, cai sua cabeça;

Essa ameaça detém minha adesão.
Ao seu senhor eu mando o meu saudar
E a nova: que a rainha, com alegria,
Concorda em dar-lhe a mão de Elizabeth.
Mas, diga-me, onde está agora Richmond?

URSWICK

Em Pembroke, ou em Ha'rfordwest, em Gales.

STANLEY

Que homens ilustres ficam a seu lado?

URSWICK

Sir Walter Herbert, militar famoso;
Sir Gilbert Talbot e sir William Stanley;
Oxford, Pembroke temido, sir James Blunt;
E Rice ap Thomas, com valentes tropas;
E muito mais, de nobre nome e fama,
Dirigem suas forças para Londres,
A menos que um exército os detenha.

STANLEY

Volta a Richmond, a quem me recomendo:
As cartas que lhe mando em suas mãos
Fá-lo-ão conhecer o meu intento.
Adeus.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Salisbury. Um local aberto.

(*Entram o Xerife, com alabardas, e Buckingham, sendo conduzido para a execução.*)

BUCKINGHAM

Não deixa o rei que eu lhe fale, então?

XERIFE

Não, meu bom Lorde. Por isso, resignai-vos.

BUCKINGHAM

Hastings, os filhos de Eduardo, Rivers,
Grey, o bom Rei Henrique, o belo Eduardo,
Mais Vaughan, e todos vós que perecestes,
Às mãos corruptas de um tirano injusto —
Se as vossas almas, através das sombras,
Contemplam o momento em que vivemos —
Vede como vingança a minha morte!
É dia de Finados, não é mesmo?

XERIFE

É, meu senhor.

BUCKINGHAM

Pois, pro meu corpo é o dia do Juízo!
Este é o dia que, ao tempo de Eduardo,
Pedi que me coubesse se eu passasse
Por infiel aos seus filhos e à rainha;
Este é o dia em que desejei morrer
Pela traição do amigo mais querido;
Este dia soturno de Finados
É para mim o dia do castigo,
Para os meus erros, para as minhas culpas.
Mas Deus, de quem zombei com essas preces
Fingidas, consentiu que elas valessem
E tornou realidade os falsos votos.
Assim faz Ele a espada dos malvados
Voltar-se contra o peito de seus donos.
A maldição de Margaret se abate
Sobre a minha cabeça. Ela dizia:
"Quando a dor te ferir o coração
Lembra que Margaret foi boa profeta."
Vamos! Levai-me ao cepo que redime;
Mal paga o mal, e o crime paga o crime.

(*Saem.*)

Cena II — Planície perto de Tamworth.

(*Entram Richmond, Oxford, Herbert, Blunt e outros, com tambores e bandeiras.*)

RICHMOND

Companheiros de armas, muito amados,
Feridos sob o jugo do tirano:
Cheguei até o coração da pátria
Marchando sem qualquer impedimento;
E encontramos aqui, do nosso pai Stanley,
Cartas de estímulo e encorajamento.
O javali sangrento e usurpador
Que destruiu as vinhas e as colheitas
Sacia-se com sangue em vez de água,
E faz seu cocho em vossos próprios corpos.
Esse imundo chacal se encontra agora
No centro desta ilha, muito perto
Da cidade de Leicester, ao que ouvimos:
De Tamworth lá a marcha é só de um dia.
Vamos com Deus, amigos corajosos,
Colher o fruto da perpétua paz,
Através da tragédia desta guerra.

OXFORD

Seja cada consciência mil espadas
Para lutar contra o assassino ignóbil.

HERBERT

'Stou certo que até mesmo os seus amigos
Virão para aumentar as nossas hostes.

BLUNT

Não tem amigos, só tem quem o tema;
Na hora do perigo, o deixarão.

RICHMOND

Deus nos guie na marcha que começa —
As asas da esperança vós tereis
Que faz reis deuses e, de homens, reis.

(*Saem.*)

Cena III — O campo de Bosworth.

(Entra o Rei Ricardo, armado, com o Conde de Surrey, Norfolk, Ratcliffe, e outros.)

RICARDO

Aqui em Bosworth nós acamparemos.
Meu Lorde Surrey, por que estais tão triste?

SURREY

'Stá mais alegre o coração que o rosto.

RICARDO

Meu Lorde de Norfolk…

NORFOLK

Aqui, meu senhor.

RICARDO

Os golpes vão voar, não é verdade?

NORFOLK

Temos de dar e receber, senhor.

RICARDO

Ergam a tenda. Aqui dormirei hoje;
(*Os soldados começam a armar a tenda.*)
Mas aonde amanhã? Pouco me importa.

Foi calculada a soma dos traidores?

NORFOLK

Uns seis ou sete mil, talvez nem tanto.

RICARDO

As nossas tropas são três vezes isso.
Só o nome do rei é um baluarte
Que falta aos facciosos adversários.
Ergam a tenda! Nobres cavalheiros,
Vamos ver as vantagens do terreno;
Chamai homens de firme entendimento.
Não faltem disciplina nem apuro,
Pois amanhã será um dia duro.

(*Saem.*)
(*Entram, do outro lado do campo, Richmond, sir William Brandon, Oxford, Herbert, Blunt, e outros. Alguns soldados levantam a tenda de Richmond.*)

RICHMOND

O Sol caiu num horizonte de ouro
E o rasto do seu carro flamejante
Promete um lindo dia pra amanhã.
Sir William, levareis meu estandarte.
Dai-me pena e tinteiro em minha tenda:
Desenharei o esquema da batalha
Repartindo em perfeita proporção
Nossas pequenas forças. Meu Lorde Oxford,
E vós, sir William Brandon, e o amigo
Sir Walter Herbert, ficareis comigo;
O Conde de Pembroke, com a própria tropa.
Capitão Blunt, dizei-lhe que o saúdo,
E que às duas desta madrugada
Peço ao conde que venha à minha tenda.
Mais uma coisa, caro capitão:

Sabeis por onde acampa o Lorde Stanley?

BLUNT

Se eu não tiver confundido suas cores
Co'as de outro — e eu bem sei que não me engano —
Seu regimento está a meia milha,
Pelo menos, ao sul da tropa real.

RICHMOND

Se for possível, sem correr perigo,
Caro Blunt, gostaria que lhe désseis
De minha parte estas preciosas notas.

BLUNT

Por minha vida, correrei o risco.
Meu senhor, boa noite eu vos desejo.

RICHMOND

Boa noite, meu capitão.
(*Sai Blunt.*)
Vinde, senhores, vamos entender-nos
Sobre os planos guerreiros de amanhã.
Entrai na minha tenda. O ar 'stá frio.

(*Richmond, Brandon, Oxford e Herbert entram na tenda. Os outros saem.*) (*Entram Ricardo, Norfolk, Ratcliffe, Catesby e outros.*)

RICARDO

Que horas são?

CATESBY

São horas de cear. São nove horas.

RICARDO

Não vou cear. Dai-me papel e tinta.
Meu elmo está mais cômodo? A armadura
Já 'stá completa e em minha tenda?

CATESBY

Está, senhor. Está tudo preparado.

RICARDO

Caro Norfolk, voltai às vossas tropas.
E atenção ao escolher as sentinelas.

NORFOLK

Já vou, senhor.

RICARDO

E levantai-vos cedo, gentil Norfolk.

NORFOLK

Sim, meu senhor. Garanto que o farei.

(*Sai.*)

RICARDO

Catesby?

CATESBY

Sim, meu senhor?

RICARDO

Manda um arauto
Ao encontro de Stanley. Eu lhe peço
Que traga suas tropas muito cedo —
Antes do sol nascer — se não deseja
Que o seu filho mergulhe em noite eterna.
(*Sai Catesby.*)
Dai-me um pouco de vinho e minha vela.
Amanhã vou montar o branco Surrey.
Que as lanças sejam fortes, porém leves.
Ratcliffe!

RATCLIFFE

Meu senhor?

RICARDO

Viste o melancólico Lorde Northumberland?

RATCLIFFE

Ele em pessoa, mais o Conde de Surrey
Percorreram as tropas, uma a uma,

Animando os soldados para a luta.

RICARDO

'Stou satisfeito. Dá-me agora o vinho:
Faltam-me o entusiasmo e a alegria
De espírito que sempre foram meus.
(*É trazido o vinho.*)
Deixai-o aí. Que é do papel e tinta?

RATCLIFFE

'Stá tudo preparado, meu senhor.

RICARDO

Diz à guarda que esteja vigilante,
E deixa-me, Ratcliffe. Pelo meio
Da noite vem até a minha tenda
E ajuda-me a vestir minha armadura.
Deixa-me agora; quero ficar só.

(*Saem Ratcliffe e os outros. Ricardo entra em sua tenda.*)
(*Entra Stanley na tenda de Richmond.*)

STANLEY

Que a glória desça sobre a tua fronte!

RICHMOND

Que toda a calma de uma boa noite
Vale por ti, nobre padrasto e amigo.
Diz-me, como se encontra minha mãe?

STANLEY

Em nome dela eu te abençoo, filho.
Ela reza por ti, por tua glória:
Mas basta sobre o assunto. As horas passam
E no oriente a luz já se anuncia.
Prepara-te, o mais cedo que puderes,
Para entrar em combate esta manhã;
E põe tua fortuna sob o arbítrio
Dos sangrentos azares de uma guerra.

Eu, quanto possa — é menos do que quero —
Contemporizarei, enchendo as horas,
Para te dar auxílio neste encontro
De armas: mas não terei ação violenta
Do teu lado, porque, se me descobrem
Aqui, teu pobre irmão, o jovem George,
Será executado ante os meus olhos.
Adeus. A urgência e a gravidade da hora
Impedem que eu renove os meus protestos
De amizade, e me entregue à dedicada
Troca de votos e de amáveis falas
Tão gratas aos amigos que se encontram
Depois de longo tempo separados:
Deus nos dê ocasião desse convívio!
Adeus, adeus, sê forte e sê feliz.

RICHMOND

Senhores, conduzi-o ao regimento.
Eu vou tentar dormir porque receio
Que o sono depois pese sobre mim,
Quando deve ter asas para a glória.
Uma vez mais, boa noite, meus amigos.
(*Saem todos, menos Richmond.*)
Ó Deus, de quem me faço capitão,
Lança o divino olhar pras minhas tropas;
Põe nestas mãos os raios de tua cólera,
Para que elas esmaguem o inimigo,
E abatam sua força usurpadora.
Faz de nós teus ministros do castigo
Para que te exaltemos na vitória!
Entrego-te minh'alma palpitante;
Acordado, dormindo ou fatigado,
Defende-me, senhor, a todo instante.

(*Dorme.*)
(*Entra o Fantasma do Príncipe Eduardo, filho de Henrique VI.*)

FANTASMA DE EDUARDO

(*para Ricardo*)
Que eu pese esta manhã sobre tu'alma!
Recorda o jovem ser que apunhalaste
Em Tewkesbury; e, em desespero, morre!
(*para Richmond*)
Coragem, Richmond! As penadas almas
Dos nobres trucidados pelo monstro
Sanguinário e cruel lutam por ti:
O herdeiro de Henrique te conforta.

(*Sai.*)
(*Entra o Fantasma de Henrique VI.*)

FANTASMA DE HENRIQUE VI

(*para Ricardo*)
Quando eu era mortal, meu corpo ungido
Foi por ti perfurado mortalmente;
Recorda-te da Torre! Henrique VI
O exige agora: desespera e morre!
(*para Richmond*)
Virtuoso e santo, sê tu vencedor!
Eu, que predisse que serias rei,
Venho abençoar-te: vive e sê feliz!

(*Sai.*)
(*Entra o Fantasma de Clarence.*)

FANTASMA DE CLARENCE

(*para Ricardo*)
Que eu pese em tu'alma esta manhã!
Eu, que fui afogado em vinho impuro,
Pobre Clarence, por ti levado à morte!

Amanhã, na batalha, pensa em mim,
Cai pela espada: desespera e morre!
(*para Richmond*)
Tu, que és o herdeiro da casa de Lancaster,
Os herdeiros de York rezam por ti!
Com o amor dos anjos, vive e sê feliz!

(*Sai.*)
(*Entram os Fantasmas de Rivers, Grey e Vaughan.*)

FANTASMA DE RIVERS
(*para Ricardo*)
Que eu pese na tu'alma esta manhã!
Por Rivers, morto, desespera e morre!
FANTASMA DE GREY
(*para Ricardo*)
Pensa em Grey, e tua alma desespere!
FANTASMA DE VAUGHAN
(*para Ricardo*)
Pensa em Vaughan, e, temendo em tua culpa,
Perde tua espada: desespera e morre!
TODOS
(*para Richmond*)
Seguro de que os crimes de Ricardo
Matam-lhe a alma, acorda e vence o dia!

(*Saem.*)
(*Entra o Fantasma de Hastings.*)

FANTASMA DE HASTINGS
(*para Ricardo*)
Sanguinário e culpado, acorda e pensa
Em teus crimes. Encerra a tua vida

Na sangrenta batalha que te espera!
Pensa em Lorde Hastings! Desespera e morre!
(*para Richmond*)
Alma quieta e sem mancha, acorda, acorda!
Arma-te e vai vencer pela Inglaterra!

(*Sai.*)
(*Entram os Fantasmas de Eduardo e Ricardo, filhos de Eduardo IV.*)

FANTASMAS DE EDUARDO E RICARDO

(*para Ricardo*)
Sonha co'a morte destes jovens príncipes!
Que a nossa sombra pese no teu peito
Como chumbo, e te arraste à ruína e à morte!
Por teus sobrinhos, desespera e morre!
(*para Richmond*)
Dorme em paz e desperta na alegria!
Anjos bons te protejam contra o monstro!
Vive e funda uma nova era de reis!
Os filhos de Eduardo te abençoam.

(*Saem.*)
(*Entra o Fantasma de Anne, mulher de Ricardo.*)

FANTASMA DE ANNE

(*para Ricardo*)
Ricardo, tua pobre, triste esposa,
Que contigo jamais dormiu tranquila,
Vem perturbar-te o sono com remorsos:
Amanhã, na batalha, pensa em mim,
E a tua espada cairá por terra.
Eu te conjuro: desespera e morre!
(*para Richmond*)

Tu, alma santa, dorme sossegado;
Sonha só com o sucesso e com a vitória!
Essa é a prece da esposa do inimigo!

(*Sai.*)
(*Entra o Fantasma de Buckingham.*)

FANTASMA DE BUCKINGHAM

(*para Ricardo*)
Fui o primeiro a te instigar ao trono,
E o último a sentir-te a tirania!
Em meio da batalha pensa em Buckingham,
E morre no terror dos teus pecados!
Teus sonhos sejam só de sangue e crime:
Que a ti, no desespero, venha a morte!
(*para Richmond*)
Morri antes que viesse em teu auxílio;
Mas sê forte, não percas a esperança:
Deus e os anjos se empenham do teu lado;
Ricardo será morto e derrotado.

(*Sai.*)
(*Ricardo acorda, assustado, de seus pesadelos.*)

RICARDO

Dai-me um outro corcel! Limpai-me o sangue!
Piedade, meu Jesus! Era só sonho!
Não me aflijas, covarde consciência!
Há uma luz azulada! É meia-noite.
Gotas frias me cobrem todo o corpo.
A quem temo? A mim mesmo? Estou sozinho.
Ricardo ama Ricardo. Eu sou eu mesmo.
Há um assassino aqui? Não, sim, sou eu:

Devo fugir? De quem? Fugir de mim?
Qual a razão? Vingança? De mim mesmo?
Não, eu me amo. E por quê? Por algum bem
Que eu mesmo tenha feito à minha alma?
Ó não! Horror! Eu antes me detesto
Pelos crimes cruéis que cometi.
Sou vilão: porém minto, não o sou.
Elogia-te, tolo! Tolo, humilha-te!
Minha consciência tem mais de mil línguas,
E todas me condenam por vilão,
Criminoso, perjuro em alto grau,
Assassino, no mais horrível grau.
Os pecados, uns mais e os outros menos,
Levam-me ao foro, chamam-me culpado.
Eu desespero, mas ninguém me ama,
E se eu morrer ninguém me chorará.
Por que me chorariam, quando eu mesmo
Não tenho piedade por mim mesmo?
Pensei que as almas todas dos finados
Que eu matei tinham vindo à minha tenda,
E a cada qual me fazia uma ameaça
De vingar-se matando-me na luta.

(*Entra Ratcliffe.*)

RATCLIFFE

Meu senhor.

RICARDO

Quem 'stá lá?

RATCLIFFE

Sou eu. O galo que madruga na aldeia
Já duas vezes fez soar seu canto;
Vossos amigos põem as armaduras.

RICARDO

Ó Ratcliffe, tive um sonho tão horrível!
Que pensas — todos me serão fiéis?

RATCLIFFE

Sem dúvida, senhor.

RICARDO

Ratcliffe, eu temo!

RATCLIFFE

Não temais, meu senhor, assombrações.

RICARDO

Pelo apóstolo Paulo, aquelas sombras
Causaram mais pavor ao meu espírito
Do que dez mil soldados adestrados
E comandados pelo forte Richmond.
Ainda não nasce o dia. Vem comigo;
Vamos fazer a ronda nas barracas
E ouvir se alguém pretende abandonar-me.

(*Saem Ricardo e Ratcliffe*.)
(*Entram os lordes para encontrar Richmond, deitado em sua tenda*.)

LORDES

Bom dia, Richmond!

RICHMOND

(*Acordando*.)
Bom dia, amigos e ativos senhores.
Perdoai o meu atraso preguiçoso!

LORDES

Como dormiu essa noite, senhor?

RICHMOND

Um sono co'os mais benfazejos sonhos
Que jamais me povoaram a cabeça;
Sonhei que as almas dos que foram vítimas
De Ricardo vieram a esta tenda
E me prenunciaram a vitória.

Confesso que me sinto jubiloso
Apenas co'a lembrança desse sonho.
Mas que horas são, senhores?

LORDES

Já passam das quatro horas.

RICHMOND

Já são horas de armar-me e dar as ordens.
(*Sai da tenda e ora junto a seus soldados*.)
Caros compatriotas, já vos disse
Tudo o que o tempo agora não permite
Que eu repita: no entanto, recordai-vos —
Deus e a Justiça estão do nosso lado;
Preces de santos, votos de defuntos,
Qual baluartes vão à nossa frente.
A exceção de Ricardo, os que atacamos
Preferem que a vitória nos pertença:
Porque, afinal, quem é que eles seguem?
Um assassino, um homicida cruel;
Erguido em sangue, em sangue entronizado;
Que não olhou os meios da conquista
E aniquilou aqueles que o ajudaram;
Uma pedra vulgar que tira o brilho
Da coroa em que está encastoada;
Alguém que sempre quis negar a Deus.
Portanto, se esse herege combateis,
Deus vos conhecerá como soldados
Divinos; se lutais contra um tirano
Vós dormireis em paz vendo-o por terra;
Se lutais contra os rudes inimigos
Da pátria, ela dará em pagamento
De vossa devoção, a liberdade;
Se lutais na defesa das esposas,
Elas vos saudarão pela vitória;
Se livrais do cutelo vossos filhos,
Os filhos desses filhos louvarão
A vossa glória — orgulho da velhice.

Assim, por Deus, e pela vossa pátria
Ergam-se para a luta os estandartes,
Preparem-se as espadas com confiança.
Por mim, se fracassar nesta campanha,
Irei dormir na fria terra amiga:
Mas se vencer, os ganhos da vitória
Repartirei convosco, como irmãos.
Soai, tambores e clarins, com glória!
De Deus e de são Jorge é a vitória!

(*Saem.*)
(*Entram Ricardo, Ratcliffe, séquitos e tropas.*)

RICARDO
Que diz Northumberland sobre esse Richmond?

RATCLIFFE
Que ele nunca exerceu o uso das armas.

RICARDO
Disse a verdade: e o que é que disse Surrey?

RATCLIFFE
Sorriu e disse: "Então, melhor para nós."

RICARDO
Estava certo; assim será, de fato.
(*Soa um relógio.*)
Que horas são? Dai-me aqui um calendário.
Alguém viu hoje o Sol?

RATCLIFFE
Eu não, senhor.

RICARDO
O Sol não quer brilhar; pois, pelo livro,
Devia há uma hora ter transposto
O oriente; é um dia negro para alguém.
Ratcliffe!

RATCLIFFE

Senhor?

RICARDO

Hoje não teremos Sol;
O céu franze o sobrolho ao nosso exército.
Eu preferia lágrimas de orvalho.
Não há sol hoje. E que me importa isso
Mais do que a Richmond? Esse horrendo céu
Que me escurece faz o mesmo a ele.

(*Entra Norfolk.*)

NORFOLK

Às armas! O inimigo avança em fúria!

RICARDO

Vamos! Selem e armem meu cavalo!
Chamem Lorde Stanley: que ele traga as tropas,
Eu vou levar meus homens à planície.
Esta será a ordem da batalha:
Minha vanguarda vai ser uma linha
Igualmente formada por infantes
E cavaleiros; bem no centro deles
'Starão os arqueiros, e essas tropas mistas
Terão em seu comando John de Norfolk,
E Thomas Surrey; quando estiver feita
Essa composição, segui-los-emos
Co'o corpo de batalha, que, nos flancos,
Terá o grosso da cavalaria.
Com isso, e com são Jorge, para a frente!
Que pensais, Norfolk?

NORFOLK

Boa linha, é certo. Boa direção.
Achei este papel na minha tenda.

(*Mostra-lhe o papel.*)

RICARDO

(*Lê.*)
"Jóquei de Norfolk, não te excites na batalha,
Pois teu patrão é vendido e canalha."
Uma provocação dos inimigos!
Ide, senhores, ao posto que vos cabe;
Não deixeis que bobagens nos assustem —
Consciência é uma desculpa dos covardes
Para enganar os fortes. Nossas armas
Sejam nossa consciência; a espada, a lei.
Marchemos juntos para o fado incerto;
Se não pro céu, pro inferno, que está perto.
(*Ora junto a seus soldados.*)
Que mais hei de dizer? Pensai naqueles
Contra quem lutarão: uns vagabundos,
Vilões e desertores, rebotalhos,
Escória de bretões, vis e covardes,
Que a terra saturada expele e incita
A riscos de aventuras e destruição.
Quando dormimos, trazem inquietude;
Se temos terras e abençoados lares,
Tentam raptar-nos tudo: lar e esposa.
E quem os guia? Um torpe aventureiro
Que há muito se abrigara na Bretanha
Às custas de um parente; um folgazão
Que nunca sentiu frio sobre a neve.
Vamos arremessá-los novamente
Ao mar, esses franceses arrogantes,
Esses mendigos cuja vida pesa,
E que, sem inventar esta campanha,
Famintos e sem forças, chegariam
A morte pelo próprio enforcamento;
Se temos de perder a liberdade,
Que nos conquistem homens de verdade,
E não esses bastardos da Bretanha
Que nossos pais bateram e espancaram

Na sua própria terra e, finalmente,
Deixaram como herdeiros da vergonha.
Virão eles gozar as nossas terras?
Violar nossas esposas, nossas filhas?
Atenção! Atenção! Ouço os tambores
Do inimigo. Lutai, nobres ingleses!
Bravos arqueiros, levantai as setas!
Esporeai os cavalos com bravura;
Entre rios de sangue galopando
Erguei ao firmamento vossa glória!
(*Chega um Mensageiro*.)
Que diz Lorde Stanley? Vem com suas tropas?

MENSAGEIRO

Não, meu nobre senhor; nega-se a vir.

RICARDO

Caia então a cabeça de seu filho!

MENSAGEIRO

O inimigo passou os alagados:
Deixemos esse Stanley pra depois.

RICARDO

Mil corações palpitam no meu peito:
Avancemos em cima do inimigo
Inspirados na audácia de são Jorge!
Aniquilemos qual feroz dragão!
Avancemos! A glória nos espera!

(*Saem*.)

Cena IV — Outra parte do campo.

(*Fanfarras e marchas. Entra Norfolk com seus soldados; ao encontro dele vem Catesby*.)

CATESBY

Socorro, Milorde Norfolk! Vinde, vinde!
O rei já fez proezas sobre-humanas,
Arrostando o perigo a cada instante:
Seu cavalo morreu, e ele prossegue
No combate, de pé, buscando o vulto
De Richmond, desafiando a própria morte.
Socorro, senão estamos derrotados!

(*Saem Norfolk e os soldados.*)
(*Fanfarras. Entra Ricardo.*)

RICARDO

Cavalo! Meu reino por um cavalo!

CATESBY

Vinde, senhor, que eu vos montarei!

RICARDO

Escravo, arrisco a vida neste jogo,
E aceito a sorte que marcar o dado:
Eu creio que há seis Richmonds neste campo,
E cinco eu já matei, em seu lugar.
Quero um cavalo em troca do meu reino!

(*Saem.*)

Cena V — Outra parte do campo.

(*Fanfarra, entram Ricardo e Richmond. Eles lutam. Ricardo é morto. Soa uma retirada, sai Richmond; o corpo de Ricardo é carregado para fora. Clarinada. Entram Richmond, Stanley, carregando a coroa, com outros nobres e soldados.*)

RICHMOND

Sejam louvados Deus e as vossas armas!
Vencemos e o sangrento cão jaz morto.

STANLEY

Ó bravo Richmond, tu foste um herói:
Eis a coroa que por tanto tempo
Ornou a fronte impura de Ricardo.
Arranquei-a da testa ensanguentada
Para adornar com ela a tua fronte;
Usa-a, defende-a, e cumpre um grande fado!

RICHMOND

Ó Deus do Céu, lança-nos tua bênção!
Dizei-me, o jovem George ainda está vivo?

STANLEY

Vivo e seguro em Leicester, meu senhor,
Para onde, se te apraz, nós partiremos.

RICHMOND

Que grandes homens foram hoje mortos
De um lado e de outro?

STANLEY

John, Duque de Norfolk; Walter, Lorde Ferrers;
Robert Brakenbury e sir William Brandon.

RICHMOND

Que seus corpos tenham dignos funerais.
Proclamai meu perdão para os soldados
Que fugiram e queiram submeter-se.
Depois, como fizemos juramento,
Uniremos as rosas branca e rubra.
Que o céu sorria sobre essa união,
Depois de ter chorado a inimizade.
Que traidor não dirá comigo "Amém"?
A Inglaterra sofreu seus próprios erros;
O irmão fez derramar sangue do irmão,
O pai sacrificou o próprio filho,
O filho massacrou o próprio pai:
Tudo isso dividiu York e Lancaster.

Foi um horrível desentendimento;
Unem-se agora Elizabeth e Richmond,
Legítimos herdeiros dessas casas,
Em sagrada união, diante de Deus.
E se tiverem filhos — Deus o queira —
Que eles leguem aos dias do futuro
Uma paz de abundância e de fartura!
Deus não permita que haja vis traidores
Para fazerem esta pobre pátria
Chorar de novo lágrimas de sangue!
Não vivam nesta próspera ventura
Aqueles que conspiram nesta Terra!
Curada a chaga, a paz é o nosso bem;
Pra quem a preservar, Deus diga "Amém"!

(*Saem todos.*)

Notas

1 "Pelo sol de York", "*by this sun of York*": Eduardo IV era filho de Ricardo Plantageneta, Duque de York, e, em inglês, *sun* (sol) e *son* (filho) são palavras homófonas.

2 A Senhora Shore foi amante de Eduardo IV.

3 Elizabeth Grey, depois Rainha Elizabeth, mulher de Eduardo IV, era viúva de sir Richard Grey, que morreu lutando ao lado de Henrique VI.

4 Pela lei medieval, santuário era o nome do direito à proteção e ao asilo de perseguidos políticos e criminosos em um local religioso (abadias, igrejas etc.), igualmente chamado santuário — no caso em questão, a Abadia de Westminster.

Ricardo II

Tradução de
Barbara Heliodora

Introdução

Em 1594, após quase dois anos de fechamento dos teatros em função de mais uma grande epidemia de peste, a companhia liderada pela família Burbage estava em fase de reorganização, e Shakespeare passou a fazer parte permanente da nova companhia adquirindo uma quota de seu capital. Não tivesse ele, àquela altura, seu talento amplamente reconhecido, no entanto, não haveria dinheiro que o fizesse ser aceito como membro permanente do grupo; caso único do teatro elisabetano, a partir de 1594, o poeta escreveu exclusivamente para essa companhia.

Shakespeare já havia escrito vários sucessos, e amadurecido muito tanto como artista e indivíduo; possivelmente influenciado pelos imponentes poemas, ou pelos notáveis sonetos que vinha compondo, o fato é que Shakespeare, o dramaturgo, entrara em uma fase de extremo lirismo, o que vai aparecer por razões fortes nessa primeira peça de sua volta aos aspectos políticos da história da Inglaterra.

Quando escreveu a primeira tetralogia *Henrique VI*, partes 1, 2 e 3 e *Ricardo III*, Shakespeare estava totalmente voltado para a questão da luta pelo poder e mostrar que o mau governo leva ao pior dos reis. No entanto, ao escrever o novo grupo histórico, composto por *Ricardo II*, *Henrique IV*, partes 1 e 2 e *Henrique V*, o dramaturgo se volta para a investigação da relação do rei com seu poder e suas responsabilidades, de como tal relação o afeta. Com a nova tetralogia o dramaturgo faz a caminhada oposta, mostrando como apenas o governo bom e responsável poder levar ao melhor dos reis.

Nos últimos anos da vida de Elizabeth I, fazia ela uma visita ao Arquivo Real, na Torre de Londres, quando o arquivista William Lambarde lhe mostrou alguns documentos a respeito de Ricardo II. A Rainha comentou "Eu sou Ricardo II, não sabe disso?", lembrando que a peça a respeito da deposição do rei fora encenada mais de quarenta vezes. Na realidade, quando o Conde de Essex teve a presunção de levantar o povo de Londres contra

Elizabeth I, ele pagou a companhia dos Burbages para apresentar novamente *Ricardo II*. Sem conhecer o motivo do pedido, os atores inicialmente alegaram que a peça estava fora de moda; mas, sendo a apresentação devidamente paga, cumpriu-se o desejo do jovem conde em 7 de fevereiro de 1601, um dia antes do golpe. Após o fracasso do levante, os atores foram interrogados pelo responsável pela segurança da rainha e do reino, e só escaparam de grave punição porque conseguiram persuadi-lo de sua ignorância a respeito das intenções de Essex.

Filho do Príncipe de Gales, o Príncipe Negro, que morreu muito jovem na guerra com a França, Ricardo II herdou a coroa do avô Eduardo III aos nove anos de idade, e sem dúvida foi habituado aos privilégios bem antes de assumir responsabilidades de um governante, o que talvez tenha pesado para convencê-lo de que gozava do direito divino dos reis.

A deposição de um rei hereditário devidamente ungido era, em si, assunto delicado e perigoso aos olhos de uma rainha que relutou durante anos até decretar a morte da prima Mary Stuart — não por qualquer maior simpatia por esta última, que se envolveu em várias conspirações contra Elizabeth, mas pelo precedente de se executar uma rainha ungida —, e Shakespeare parece ter tido clara consciência do problema que enfrentava, segundo algumas informações que podemos colher no texto que escreveu.

O tom lírico que vinha usando — *Ricardo II* é escrita na mesma época de *Sonho de Uma Noite de Verão* e *Romeu e Julieta*, e não tem uma única linha de prosa — foi sua opção para a criação da figura de seu protagonista, cujas falhas e erros políticos ficam bem claros, mas que é tornado atraente como pessoa humana. Ricardo é apresentado como uma figura que se dramatiza a todo momento e é altamente instável, porém sedutor exatamente pela riqueza de sua imaginação; ele tem toda uma série de falas de grande beleza, que o tornam atraente para bons atores. Por outro lado, essa mesma beleza não impede que suas falhas sejam apontadas. Exemplo memorável disso é a fala no ato III, cena II que expressa de forma excepcional a crença de Ricardo no direito divino dos reis. A confiança, mais adiante, de que os céus mandarão legiões de anjos para defendê-lo é facilmente quebrada pelas más notícias a respeito da volta à Inglaterra do primo que baniu, e essa instabilidade é explorada de forma impecável para a criação de um personagem de grande eficiência cênica.

Em contraste com Ricardo, o primo Henrique Bolingbroke, que irá

substituí-lo no trono, é apresentado de forma bem diversa: suas falas são fortes, objetivas, de emoções controladas; a solução de Shakespeare para superar os obstáculos da censura do "Master of the Revels" foi essa, a de evitar maiores elaborações para as falas de Henrique. Nas primeira e segunda partes de *Henrique VI*, Ricardo Plantageneta, Duque de York, sempre se apresenta ostensivamente fiel ao rei, mas tanto junto a possíveis aliados quanto em monólogos, é nitidamente apresentada a sua fome de poder e sua aspiração ao trono; a Henrique Bolingbroke, no entanto, não é dado um único monólogo ao longo de toda a peça, e ele aparece afirmando sempre que só voltou para reclamar o seu ducado de Lancaster, que o primo havia espoliado para enriquecer amigos e financiar a campanha da Irlanda. Bolingbroke é a todo momento o mais seguro, do ponto de vista político, mas Shakespeare tem o cuidado de fazer de Ricardo uma figura humana mais atraente.

Nesse início da tetralogia que trata da relação do governante com os governados, Ricardo II explora ao máximo seu direito divino ao trono, mas pouco ou nada se preocupa com os possíveis direitos de seus governados. E por mais cuidados que o poeta tenha tido ao lidar com seu tema, a verdade é que embora o sucesso da peça seja atestado pelo aparecimento de três edições antes da morte de Elizabeth I, uma em 1597 e duas em 1598, em nenhuma das três é incluído o Ato 4, ou seja, a cena da deposição do rei.

Barbara Heliodora

Dramatis personae

(Por ordem de entrada)

REI RICARDO II
JOHN DE GAUNT, Duque de Lancaster, tio do Rei
HENRY BOLINGBROKE, Duque de Hereford, filho de John de Gaunt, mais tarde Rei Henrique IV
THOMAS MOWBRAY, Duque de Norfolk
DUQUESA DE GLOUCESTER, viúva de Thomas de Woodstock, Duque de Gloucester
O LORD MARECHAL
DUQUE DE AUMERLE, filho do Duque de York
DOIS ARAUTOS
SIR HENRY GREENE
SIR JOHN BUSHY
SIR JOHN BAGOT
EDMUND DE LANGLEY, Duque de York, tio do Rei
HENRY PERCY, Conde de Northumberland
LORD ROSS
LORD WILLOUGHBY
ISABEL, a Rainha de Ricardo
UM CRIADO DO DUQUE DE YORK
HARRY PERCY, apelidado Hotspur, filho do Conde de Northumberland
LORD BERKELEY
CONDE DE SALISBURY
Um Capitão galês
O BISPO DE CARLISLE
SIR STEPHEN SCROOPE
Duas Damas que servem a Rainha Isabel
Um Jardineiro
Seu Ajudante
LORD FITZWATER
Um Lord
DUQUE DE SURREY
ABADE DE WESTMINSTER
DUQUESA DE YORK
SIR PIERS EXTON
Seu Criado
Um Cavalariço *da Cocheira do Rei Ricardo*
O Comandante da Prisão *em Pomfret*
Guardas, Soldados *e* Criados

A ação se passa na Inglaterra e em Gales.

ATO I

Cena I — Castelo de Windsor.

(*Entram Rei Ricardo, John de Gaunt, com outros Nobres e Servidores.*)

RICARDO

Velho Gaunt, venerando e honrado Lancaster,
Foi por seu compromisso e sua jura
Que aqui trouxe o seu filho, o ousado Hereford,
Pr'aqui provar troante acusação,
Que então faltou lazer para atendermos,
Contra o Duque de Norfolk, Thomas Mowbray?

GAUNT

Foi, senhor.

RICARDO

Diga-nos mais, se já dele indagou,
Se acusa o duque por malícia antiga,
Ou, como é justo que o faça um súdito,
Tendo por base alguma traição dele?

GAUNT

No que pude filtrar do que me disse,
Por parecer ver nele algum perigo
Que mira Sua Alteza, e não malícia.

RICARDO

Chame-os aqui ao trono; e face a face,
Cenho a cenho, haveremos de ouvir
Que dizem acusado e acusador.
Ambos são bravos, ambos 'stão irados,
Raivosos como o mar, e afogueados.

(*Entram Bolingbroke e Mowbray.*)

BOLINGBROKE

Anos de belos dias deem os fados
Ao meu bom rei, meu soberano amado!

MOWBRAY

E cada dia mais feliz que o outro,
Até que os céus, por inveja da terra,
Deem título imortal à sua coroa!

RICARDO

Sou grato a ambos; porém, um bajula,
Como o deixa evidente as suas vindas,
Pra se acusarem de alta traição:
Primo Hereford, o que aqui alega
Contra o Duque de Norfolk, Thomas Mowbray?

BOLINGBROKE

Primeiro — e o céu me seja testemunha!
Com toda a devoção do amor de um súdito,
Por zelo da segurança do príncipe,
E isento de qualquer ódio nefando,
Venho eu, acusador, à sua presença.
E agora a ti me volto, Thomas Mowbray,
E ouve o meu saudar; pelo que digo,
O meu corpo confirma aqui na terra,
E responde no céu a minha alma.
Tu és não só traidor, és um canalha,
Bom demais para o ser, mau pra viver,
Pois quanto mais cristalino é o céu,
Mais feia fica a nuvem que o atravessa.
De novo, pra tornar mais grave o tom,
Com o nome de traidor te estufo a goela,
E quero — se apraz ao rei — onde estou
Provar co'a espada o que a língua afirmou.

MOWBRAY

Não falta o zelo a estas palavras frias.
Não são júri de briga de mulher,
Ou barulheira de línguas ansiosas,
Que podem arbitrar a nossa causa;

O sangue quente terá de esfriar.
Porém não sou tão dócil e paciente
Pra ser calado e não ter o que diga.
Primeiro, honra ao monarca aqui me impede
De soltar rédea a um discurso livre,
Senão, com pressa, estava devolvido
À goela dele o nome de traidor;
Afastem-lhe o alto sangue azul,
E o parentesco com o meu soberano,
Aqui o desafio, e cuspo nele,
Chamando-o de covarde e de canalha,
O que sustento e ainda dou vantagem,
E o desafio, até mesmo indo a pé
Até os picos dos Alpes congelados,
Ou qualquer outra parte inabitável
Que inglês algum jamais ousou pisar.
Por ora, isto me prove a lealdade:
Juro por tudo que ele é falso e mente.

BOLINGBROKE

Covarde trêmulo, eu atiro a luva
Negando o parentesco com o meu rei,
Deixando de lado o sangue real,
Que por medo, e não respeito, alegou.
Se o culpado temor te deixa forças
Bastantes pra aceitá-la, então apanha-a.
Por esse, e os ritos mais de um cavaleiro,
Farei valer contra ti, braço a braço,
Tudo o disse ou pior, se possível.

MOWBRAY

Aqui a tomo; e juro, pela espada,
Que neste ombro me fez cavaleiro,
Que te respondo a qualquer nível justo,
Ou prova feita pra cavalaria;
E, montado, que eu não desmonte vivo,
Se for traidor ou lutar contra as leis!

RICARDO

De que o nosso primo acusa Mowbray?
Deve ser grave pra gerar em nós
Sequer um pensamento de mal dele.

BOLINGBROKE

Ouça o que digo, e co'a vida o provo:
Que Mowbray recebeu oito mil nobres,[5]
Suposto adiantamento para a tropa,
Que ele reteve para fins ignóbeis,
Como falso traidor, vilão doloso;
Digo mais, e o provarei em batalha,
Ou aqui ou no vergel mais distante
Jamais corrido por olhar inglês,
Que as traições todas que, há dezoito anos,
Foram tramadas nesta nossa terra,
Têm como início e fonte o falso Mowbray;
E acrescento, e ainda mais garanto,
Deixar provado, com a sua vida má,
Que a morte de Gloucester[6] foi seu plano,
Por saber incitar inimizades,
Para a seguir, qual covarde traidor,
Livrar-lhe a alma por rios de sangue,
Sangue que, como o de Abel, me chama,
Das cavernas sem língua desta terra,
A clamar por justiça e punição;
E, pela glória da minha linhagem,
Ou este braço o faz, ou perco a vida.

RICARDO

Que tom agudo tem sua acusação!
Thomas de Norfolk, o que diz a isso?

MOWBRAY

Que o soberano afaste um pouco o rosto,
Peça ao ouvido um pouco de surdez,
Até que eu diga à mancha de seu sangue
O quanto odeia Deus um mentiroso.

RICARDO

Mowbray, tenho imparciais olhos e ouvidos.
Fosse ele meu irmão, o meu herdeiro,
E ele é só filho de irmão de meu pai,
Por honra deste cetro agora eu juro,
Ser próximo ao meu sagrado sangue
Em nada o isenta ou torna parcial
A firmeza e a retidão da minh'alma.
Ele é meu súdito, como o é Mowbray:
Fala livre e sem medo eu lhe permito.

MOWBRAY

Pois até o coração, Bolingbroke,
Passando pela goela falsa, mentes.
Pra Calais foram três partes do obtido,
Com que paguei a tropa de Sua Alteza;
A outra reservei, com permissão,
Já que meu soberano estava em débito
Comigo pelo resto de despesas
Que tive em França buscando a rainha:
Engole essa mentira. E quanto a Gloucester,
Não o matei, mas por desgraça minha
Fui negligente em meu dever, no caso.
Quanto ao senhor, nobre Duque de Lancaster,
Honrado pai deste meu inimigo,
Outrora atentei contra sua vida,
Ofensa que até hoje dói-me a alma;
Mas antes da recente comunhão
O confessei, e com rigor pedi
Perdão a Sua Graça, e espero tê-lo.
Esse o meu crime — quanto a todo o resto,
Nasce só do rancor desse vilão,
Uma canalha, um traidor degenerado,
O que afirmarei com este meu corpo,
Lançando, em troca, a minha própria luva
Aos pés desse traidor tão arrogante,
Pra provar que sou um fidalgo leal

Ao melhor sangue que traga ele no peito.
Com pressa, e de coração eu peço
Que Sua Alteza marque logo o dia.

RICARDO

Nobres irados. Obedeçam-me;
Vamos purgar tal ira sem sangrar —
Sem sermos médico, damos receita;
Funda é a incisão pela malícia feita.
Concordem, esqueçam, perdoem as dores:
Não se sangra este mês, dizem doutores.
Tio, que finde na fonte o calor;
Acalmo Norfolk; o seu filho, o senhor.

GAUNT

Vai bem à minha idade buscar paz.
Jogue a luva do Duque, meu rapaz.

RICARDO

E Norfolk jogue a dele.

GAUNT

Harry, hesita?
Diz a obediência que eu não me repita.

RICARDO

Norfolk, nós já pedimos. É um engano.

MOWBRAY

Jogo a mim mesmo, aos pés do soberano;
Comande a minha vida, o brio, não:
Devo a primeira, mas reputação
Que, morto, em minha cova há de brilhar,
P'ra a desonra não há de m'a levar.
'Stou desgraçado, a honra maculada,
Ferido por calúnia envenenada,
(*Para Bolingbroke.*)
Só o seu sangue é bálsamo pra cura,
Pois é o veneno.

RICARDO

Controle essa ira.
Dê-me a luva. Leão doma leopardo.[7]

MOWBRAY

Mas não o muda. Sem arcar com o fardo
Da vergonha, eu entrego. Soberano,
O tesouro mais puro em nossa vida
É um nome sem jaça — se manchado,
Nós somos lama, ou barro pintado.
Joia trancada em cofre colossal
É o brio altivo num peito leal.
Minha honra e vida o tempo ligou;
Tire-me a honra, e a vida acabou.
Senhor, à luta a honra eu submeto;
Por ela eu vivo, por ela hei de morrer.

RICARDO

Primo, devolva a luva; dê esse sinal.

BOLINGBROKE

Que Deus me salve de um pecado tal.
Diante de meu pai ser humilhado?
Ou, pálido, manchar meu alto estado
Diante desse calhorda? Antes que a boca
Me manche a honra por razão tão pouca,
Ou negocie assim, meus fortes dentes
Arrancarão os meios do medo temente,
E os cuspirão, com o sangue dessa hora,
Em Mowbray, que é onde a vergonha mora.

RICARDO

Nasci não pra pedir, mas pra mandar;
Se os dois amigos não pude tornar,
Responderão co'a vida em luta, é certo,
Em Coventry, na festa de Lamberto.[8]
Lá, com o arbítrio de lanças e espadas,
Finda o conflito de iras inchadas.
Se não os acalmamos, numa liça,
A vitória é que proclama a justiça.
E Marechal, que os seus homens de armas

Se aprontem pra reger esses alarmas.

(*Saem.*)

Cena II — Na casa de John de Gaunt.

(*Entram John de Gaunt e a Duquesa de Glouceste.*)

GAUNT

A minha parte no sangue de Woodstock[9]
A mim provoca mais que os seus reclamos
Pr'agir contra os que o assassinaram;
Porém, com a punição nas mãos do autor
Da falta,[10] não podemos corrigi-la,
Entreguemos a nossa luta ao céu,
Que ao ver a hora certa aqui na terra,
Há de chover vingança em quem pecou.

DUQUESA

Só até isso leva o sangue irmão?
Não há mais fogo em teu sangue de velho?
Os sete filhos de Eduardo — e entre eles
Tu és um — eram sete claros frascos
Do seu sangue, ou sete ramos de um galho.
Alguns secaram pela natureza,
Alguns foi o Destino que cortou;
Mas Thomas, meu senhor e minha vida,
Frasco sagrado de tão nobre sangue,
Ramo florido de raiz real,
Foi partido, o seu néctar derramado,
Foi cortado, e murchou o seu verão,
Pelo golpe sangrento do assassino.
Ah, Gaunt, era o teu sangue! O mesmo leito,

O mesmo ventre, o molde do teu corpo,
Fizeram dele um homem; mesmo vivo,
Morreste nele; e em certa medida
Tu consentes na morte de teu pai
Vendo morrer teu desgraçado irmão,
Que era o molde de teu pai em vida.
Não fales de paciência; é desespero;
Se vês, assim, teu irmão trucidado,
Deixas a descoberto a tua vida,
Ensinas o assassino a abater-te.
Chamamos paciência nos humildes
O que no peito nobre é covardia.
Que dizer? Pra salvar tua própria vida,
Tens de vingar a morte do meu Gloucester.

GAUNT

Essa luta é de Deus: Seu substituto,
Seu deputado ungido ante Seus olhos,
Causou-lhe a morte; e se foi malfeito,
Que o céu se vingue, mas eu não levanto
Um braço irado contra o Seu ministro.

DUQUESA

Onde então posso queixar-me, ai, ai?

GAUNT

A Deus, que é das viúvas defensor.

DUQUESA

Assim farei; e adeus, meu velho Gaunt.
Tu vais pra Coventry, onde hás de ver
O primo Hereford lutar contra Mowbray.
Que a lança leve os males de meu Thomas
Quando Hereford ferir o assassino!
Ou se perder a primeira passada,
Que em Mowbray pesem tanto os seus pecados
Que ele quebre a espinha do cavalo,
Atirando na liça o cavaleiro,
Presa cativa de meu primo Hereford!
Adeus, Gaunt; tua outrora cunhada,

Vai, com a dor, acabar a sua vida.

GAUNT

Adeus, irmã; tenho de ir a Coventry.
É o mesmo aqui ficar ou ir comigo!

DUQUESA

Uma palavra — a dor que bate, salta
Não com o vazio, mas com grande peso.
Despeço-me inda antes do começo,
Mesmo acabada a tristeza não finda.
Dá lembranças ao meu irmão de York.
É tudo — não, não partas logo assim,
Não tão depressa, mesmo sendo o fim;
Há outra coisa. Pede-lhe — o quê? —
Que venha logo a Plashy visitar-me.
Ai, ai, que veria lá o velho York?
Quartos vazios, paredes desnudas.
Escritórios sem gente, pisos mudos;
Que ouviria de mim senão gemidos?
Dá-lhe minhas lembranças; que não venha
Procurar a tristeza que lá mora.
Desolada, vai pra lá a que morre:
E diz-lhe adeus o meu pranto que corre.

(*Saem.*)

Cena III — A liça em Coventry.

(*Entram o Lord Marechal e o Lord Aumerle.*)

MARECHAL

Lord Aumerle, 'stá armado Henry Hereford?

AUMERLE

Todo pronto, e ansioso por entrar.

MARECHAL

O Duque Norfolk, brioso e ousado,
Só espera os clarins do acusador.
E então os combatentes, preparados,
Esperam só chegar sua Majestade.

(*Os clarins soam e o Rei entra com os nobres; quando ocupam seus lugares entra armado Mowbray, o acusado.*)

RICARDO

Indague, Marechal, do combatente,
A causa de mostrar-se aqui, em armas;
Peça seu nome e, segundo as regras,
Que ele jure ser justa a sua causa.

MARECHAL

Por Deus e o Rei, declare aqui seu nome,
Por que aqui vem armado em cavaleiro,
Contra que homem vem, e qual a causa.
Jure a verdade como cavaleiro,
E assim o céu defenda sua bravura!

MOWBRAY

Sou Thomas Mowbray, o Duque de Norfolk,
E estou aqui com a palavra engajada
(E Deus não deixe traí-la um fidalgo)
Pra defender minha fé e lealdade
A meu Deus, ao meu rei, e sucessores,
Contra o Duque de Hereford que me acusa,
E, com a graça de Deus, este meu braço,
Ao defender-me comprova que ele
Traiu a Deus, ao Rei e a mim mesmo —
E, verdadeiro, que o céu me defenda!

(*Os clarins soam. Entra Bolingbroke, acusador, de armadura.*)

RICARDO

Indague, Marechal, do cavaleiro,
Qual o seu nome e por que vem aqui
Assim escudado nos trajes da guerra;
E formalmente, obedecendo as regras,
Nos fale da justiça de sua causa.

MARECHAL

Qual o seu nome? Por que vem aqui
Diante do Rei nesta liça real?
Contra quem vem? Qual sua querela?
E, pelo céu, fale qual cavaleiro!

BOLINGBROKE

Harry de Hereford, Lancaster e Derby
Sou eu, e vim aqui provar com armas,
Pela graça de Deus e o meu valor
Na liça contra Norfolk, Thomas Mowbray,
Que ele é traidor infame, e perigoso
A Deus, ao Rei Ricardo e a mim mesmo —
E, verdadeiro, que o céu me defenda!

MARECHAL

E sob pena de morte ninguém ouse
Só por desfaçatez tocar a liça,
Senão o marechal e os oficiais
Encarregados da ordem da luta.

BOLINGBROKE

Lord Marechal, quero beijar a mão
E ajoelhar-me ante o meu soberano:
Pois Mowbray e eu aqui estamos
Pra peregrinação longa e exaustiva;
Com cerimônia devemos partir,
E os amigos deixarmos com amor.

MARECHAL

O acusador saúda Sua Alteza
E pede a graça de beijar-lhe a mão.

RICARDO

Nós desceremos a fim de abraçá-lo.
Primo Hereford, se a sua causa é justa,
Que tenha sorte nesta real luta!
Adeus, meu sangue; se hoje derramado
Terá lamento, mas sem ser vingado.

BOLINGBROKE

Que o pranto não profane o olho real
Por mim, se morto por lança de Mowbray!
Confiante como o voo do falcão
Contra um pássaro, luto contra ele.
Senhor amado, de si me despeço;
Como de si, meu nobre primo Aumerle.
Trato com a morte sem estar doente,
Saudável, jovem, respirando alegre.
Como inglês numa festa, reservei
O melhor para o fim, pra ser mais doce.
A ti, autor terreno do meu sangue,
Cujo espírito jovem em mim vive
E com duplo vigor a mim sustenta
Pr'alcançar vitória além de mim,
Reforça com orações minha armadura,
E com tua bênção afia a minha lança,
Pra que ela entre na malha de Mowbray,
Brilhando mais o nome John de Gaunt
Com a bravura dos atos de seu filho.

GAUNT

Deus o defenda em sua boa causa;
Sê qual relâmpago na execução,
E que teus golpes, sempre redobrados,
Caiam como trovões assustadores
No elmo do inimigo pernicioso!
Com sangue jovem, sê valente e vive!

BOLINGBROKE

Minha inocência e São Jorge me guiem!

MOWBRAY

Seja qual for o fado que hoje tenha,
Vive ou morre fiel ao Rei Ricardo
Um cavalheiro íntegro e leal.
Jamais cativo com peito mais livre
Largou os seus grilhões e abraçou
A alforria dourada e sem limites,
Do que minh'alma dança e comemora
A festa desta luta com o inimigo.
Poderoso senhor, pares amigos,
Venham de minha boca anos felizes;
Gentil e alegre como para o esporte
Vou lutar; a verdade me dá sorte.

RICARDO

Adeus, Milord; 'stou certo de encontrar
A virtude e a bravura em seu olhar.
Que a prova ora comece, Marechal.

MARECHAL

Harry de Hereford, Lancaster e Derby,
Tome sua lança, e Deus defenda o certo!

BOLINGBROKE

Qual torre de esperança eu digo amém.

MARECHAL

Leve esta lança a Thomas, Duque Norfolk.

1º ARAUTO

Harry de Hereford, Lancaster e Derby,
Aqui por Deus, o Rei e por si mesmo,
Sob pena de ser tido como falso,
Para provar que Thomas, Duque Norfolk,
Traiu a Deus, ao Rei e a ele mesmo,
O desafia a mostrar-se para a luta.

2º ARAUTO

Eis aqui Thomas, o Duque de Norfolk,
Sob pena de ser tido como falso,
Pra defender-se e também provar
Que Harry Hereford, Lancaster e Derby,
Foi desleal com Deus, o Rei e ele,

Com coragem, e de livre vontade,
Esperando o sinal pra começar.

MARECHAL

Que toquem os clarins, e ambos avancem.
(*Há um toque de clarins.*)
Parem; o Rei abaixou seu bastão.

RICARDO

Ponham de lado os elmos e as espadas,
E que ambos retomem seus assentos.
Venham conosco e que as trompas ressoem
Quando dissermos o arbitrado aos duques.
(*Um toque longo e floreado.*)
Aproximem-se,
E ouçam o que fizemos, com o conselho.
Pra não mancharmos o solo do reino
Com o caro sangue que ele alimentou;
E por odiarmos o quadro hediondo
De feridas civis de armas vizinhas;
E por julgarmos que o orgulho alado
De pensamentos que sonham com os céus
E os guiou rivalidade odienta
Pra acordar nossa paz que, em nossa terra,
Dorme no berço um sono de criança,
Que despertado por rufar tão alto,
Com o ressoar dos gritos dos clarins
E o odioso bater de armas metálicas
Possa assustar a paz deste rincão,
Nos fazendo andejar em sangue irmão —
Nós os banimos deste território,
Meu primo Hereford, sob pena de morte
Até que dez verões tragam colheitas,
Não há de ver de novo estes domínios,
Mas só pisar o chão do banimento.

BOLINGBROKE

Assim seja. E há de ser o meu consolo
Saber que o sol que o aquece me ilumina,

E os raios de ouro que aqui derrama
Hão de atingir-me e dourar-me o exílio.

RICARDO

Norfolk, a sua pena é mais pesada,
E eu com relutância a pronuncio.
Não hão de terminar as horas lentas
Dos limites sem fim do seu exílio;
Não há esperança no "nunca mais volte"
Que eu lhe imponho, sob pena de morte.

MOWBRAY

Sentença dura, amado soberano,
Que jamais esperei desses seus lábios;
Prêmio mais alto, não pena profunda
Como a de ser atirado no mundo
Eu mereci das mãos de Sua Alteza.
A língua que aprendi quarenta anos,
O inglês nativo, devo abandonar,
Pois minha língua não terá mais uso
Que uma viola ou harpa sem as cordas,
Ou instrumento precioso no estojo —
Ou que se aberto vai cair em mãos
Que não sabem tocá-lo com harmonia.
Minha língua foi presa numa jaula
Com as grades duplas de dentes e lábios,
E a ignorância, insensível e estéril
É o carcereiro que me vai guardar.
Estou velho demais pra governantas,
Tenho idade demais pra ser aluno:
Sua sentença é morte muda e viva:
Eu só respiro na língua nativa.

RICARDO

Não adianta buscar compaixão;
Dada a sentença vai-se a ocasião.

MOWBRAY

Eu deixo então a luz da minha terra,
Para viver no negror da noite eterna.

RICARDO

Voltem; e levem consigo um juramento.
Em nossa espada pousem mãos banidas,
E jurem, por dever devido a Deus —
Nosso quinhão consigo nós banimos —
Manter o voto que ora ministramos:
Nenhum dos dois, sendo fiéis a Deus,
Há de buscar no exílio o amor do outro,
Nem hão de olhar a face um do outro,
Nem escrever, saudar ou conciliar
A tempestade desse ódio criado,
Nem se encontrarem de caso pensado
Pra conceber ou nutrir qualquer mal
Contra nós, contra o estado, povo, ou terra.

BOLINGBROKE

Eu juro.

MOWBRAY

E eu mantenho todo o dito.

BOLINGBROKE

Norfolk, meu inimigo permanente:
A esta altura, se o deixasse o rei,
Já voaria a alma de um de nós,
Banida do sepulcro desta carne,
Como é a carne banida do reino —
Confessa ser traidor antes de ir-te;
Pra viagem tão longa, não carregues
O peso enorme da alma culpada.

MOWBRAY

Não, Bolingbroke, se jamais fui traidor,
Suma o meu nome do livro da vida,
E seja eu do céu também banido!
Do que tu és, Deus, tu e eu sabemos,
E em breve, eu temo, vai sofrer o rei.
Adeus, senhor. Não me perco sozinho;
Afora a pátria, o mundo é o meu caminho.

(*Sai.*)

RICARDO

Meu tio, pelo espelho de seus olhos
Vejo um triste coração. Seu aspecto
Tirou do longo exílio de seu filho
Quatro anos.
(*A Bolingbroke.*)
Seis invernos passados,
Volta bem-vindo de seu banimento.

BOLINGBROKE

Quanto tempo, em palavra tão pequena!
Frio inverno e calor da primavera.
Assim acabam, se um rei o proclama.

GAUNT

Sou grato ao rei porque, pensando em mim,
Corta quatro anos do exílio do filho,
Porém pouca vantagem ganho nisso;
Pois antes que os seis anos dessa ausência
Mudando as luas tragam tal momento,
Minha lâmpada seca e luz mortiça
Com a idade já serão noite sem fim,
O meu naco de vela já queimado,
Cego com a morte, não mais hei de vê-lo.

RICARDO

Meu tio inda tem anos pra gozar.

GAUNT

Mas nem um só que o rei possa me dar:
Cortar meus dias pode, com dor vã,
Mas não pode me dar um amanhã;
Pode ajudar o tempo a me enrugar,
Mas não privar de marcas seu vagar;
Minha morte à palavra foi vendida,
Mas, morto, reino algum me compra a vida.

RICARDO

Seu filho foi banido por consenso,
E sua língua deu voto a favor:
Por que lastima, então, nossa justiça?

GAUNT

Muito doce tem digestão amarga.
Instou-me qual juiz; quem dera, ai, ai,
Que me pedisse argumentos de pai.
Se não fosse meu filho, e sim estranho,
Pena menor ele teria ganho.
Evitei ser julgado parcial
Com a própria vida acabei, afinal.
Pensei que alguém presente me dissesse
Não crer que pena tão severa eu desse;
Porém com minha língua concordaram
E que eu fizesse mal a mim deixaram.

RICARDO

Meu primo, adeus — e tio, faça-o ir,
Pra seu exílio ele tem de partir.

(*Clarinada. Saem Rei Ricardo e séquito.*)

AUMERLE

Primo, adeus; do que a ausência nos priva,
Que o papel nos dê em notícia viva.

MARECHAL

Milord, não digo adeus. Também montado,
Enquanto em terra, estarei a seu lado.

GAUNT

Por que ser tão avaro de palavras,
Que nem sequer saúda seus amigos?

BOLINGBROKE

Para dizer-lhe adeus elas me faltam;
A língua não é farta em seu ofício
Para expressar a dor de um coração.

GAUNT

Sua dor é a de ausência temporária.

BOLINGBROKE

Sem alegria, só há dor no tempo.

GAUNT

Só seis invernos? Passam num instante.

BOLINGBROKE

Para o triste, cada hora são dez.

GAUNT

Diga que é uma viagem de prazer.

BOLINGBROKE

Meu coração suspira com esse engano,
Sendo esta peregrinação forçada.

GAUNT

A soturna passagem de seus passos
Julgue só fundo fosco contra o qual
Há de brilhar a joia do retorno.

BOLINGBROKE

Muito ao contrário. O tédio dos meus passos
Só me fará lembrar por quanto mundo
Eu me afasto das joias a que eu amo.
Não tenho de servir aprendizado,
Em outras terras para, no seu fim,
Já livre não poder dizer senão
Que da tristeza fui um aprendiz?

GAUNT

Todo local que vê o olho do céu
É para o sábio porto e doce abrigo.
Ensine isso à sua precisão —
A virtude maior é o que é preciso.
Quem não se julga pelo rei banido,
É rei de si. Toda dor pesa mais
Quando é sustentada com fraqueza.
Vá, porque o mandei em busca de glória,
Não por ter sido exilado. Suponha
Que pestilência corre em nossos ares,

E que parte pra ter clima melhor.
Pense que o que sonha a sua alma
'Stá onde vai, e não de onde veio.
Pense em aves que cantam como músicos,
E que é a corte essa relva que pisa;
As flores, damas; cada passo seu,
Um compasso encantado, ou uma dança;
Pois a dor que corrói perde em poder
Ante o homem que dela assim descrer.

BOLINGBROKE

Quem pode segurar na mão o fogo
Só por pensar no congelado Cáucaso?
Ou embotar as dores do apetite
Só por pensar que está em um banquete?
Quem brinca nu nas neves de dezembro
Só por dizer que o estio está fervendo?
Não, não; apreendermos o que é bom
Nos faz sentir pior ainda o mal.
O veneno da presa é mais doído
Se não se corta o ponto que é mordido.

GAUNT

Vamos, filho; um pouco eu vou consigo;
Por não ser jovem é que não o sigo.

BOLINGBROKE

Adeus, oh terra inglesa, doce solo,
Mãe e ama que sempre me nutriram.
Vá onde for direi, sempre outra vez,
Sou exilado, mas nascido inglês.

(*Saem.*)

Cena IV — A corte.

(*Entra o Rei com Bagot e Greene por uma porta, e o Lord Aumerle pela outra.*)

RICARDO

Nós reparamos. Primo Aumerle,
Até onde escoltou o altivo Hereford?

AUMERLE

Levei o altivo Hereford, como o chama,
Até a outra estrada, onde o deixei.

RICARDO

E diga, muitas lágrimas caíram?

AUMERLE

Minha, nenhuma. Vento do nordeste,
Porém, soprando o frio em nossos rostos
Talvez tenha irritado algum defluxo,
E feito alguma lágrima correr.

RICARDO

Que disse nosso primo ao despedir-se?

AUMERLE

"Passe bem" —
E como o peito me impedia a língua
De profanar o termo, então fingi
Que tanto 'stava oprimido de tristeza
Que nela se enterravam as palavras.
Se "passe bem" tornasse horas mais longas,
E acrescentasse anos ao exílio,
De mim ele teria um monte deles;
Mas como não, de mim não tirou um.

RICARDO

É nosso primo, primo, mas não sei
Se quando o tempo terminar o exílio,
Nosso parente verá seus amigos.
Nós mesmos e Bushy
O vimos cortejando o povaréu,
E como entrava nos seus corações

Com cortesia humilde e familiar;
Que reverência gastou com os escravos,
Cortejando artesãos com seus sorrisos,
E arcando com paciência o seu destino.
Para levar, banidos, seus afetos,
Ele tira o chapéu a uma peixeira,
Dois carroceiros dizem "Vá com Deus"
E o seu joelho pagou tal tributo,
Com "Grato, meus patrícios, meus amigos" —
Como, mudado, o reino fosse dele,
E ele o herdeiro, para os nossos súditos.

GREENE

Mas já foi; e com ele tais ideias.
Porém agora os rebeldes na Irlanda
Exigem providências, meu senhor,
Antes que a lentidão lhes dê mais meios
Pra ganho deles e perda pro Rei.

RICARDO

Iremos em pessoa a essa guerra;
E se os cofres, por corte muito grande
E generosidade estão mais leves,
'Stamos forçados a arrendar o reino,
Com a renda assim obtida financiando
As questões que enfrentamos. Não bastando,
Os regentes, aqui, têm carta branca
Para, sabendo quais os homens ricos,
Fazê-los subscrever somas em ouro,
Que atenderão nossas necessidades;
Pois logo partiremos para a Irlanda.
(*Entra Bushy*.)
Bushy, quais as novas?

BUSHY

O velho Gaunt está muito doente,
Foi repentino e, a toda pressa,
Pede a Sua Majestade que o visite.

RICARDO

Onde está ele?

BUSHY

No Palácio Ely.

RICARDO

E agora, meu Deus, inspire o médico
A levá-lo pra cova bem depressa!
O forro de seus cofres vestirá
Nossos soldados nas guerras da Irlanda.
Vamos, senhores, vamos visitá-lo,
Rezando pra, depressa, chegar tarde.

TODOS

Amém.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — No Palácio Ely.

(*Entram John de Gaunt, doente, o Duque de York etc.*)

GAUNT

Será que o rei não vem par'eu expirar
Aconselhando bem sua juventude?

YORK

Não se apoquente, nem perca seu fôlego;
Todo conselho em seu ouvido é vão.

GAUNT

Dizem que a língua de quem está morrendo
Chama tanta atenção quanto a harmonia.
Quem só tem pouco tempo não o gasta;
Quem diz na dor só diz o que é verdade.

Ouve-se mais quem mais não vai dizer
Que o jovem, pra quem tempo é um jardim;
Deixa mais marca quem 'stá pra morrer.
O sol poente, a música no fim,
Como é mais doce o doce que acabou,
É o escrito sobre o tempo que passou:
Mesmo o rei sempre surdo tendo sido,
À minha morte ele há de dar ouvidos.

YORK

Estão tapados com bajulação,
Com loas, de que os sábios gostam tanto,
Versos lascivos, de sons venenosos,
A que o ouvido do jovem sempre ouve,
Novas da moda na garbosa Itália,
Que a nossa terra hoje macaqueia,
A se arrastar em vil imitação.
Que vaidade aparece neste mundo —
Desde que seja nova, até corrupta —
Que não chegue depressa aos seus ouvidos?
Mas demora o conselho a ser ouvido,
Onde o capricho luta com o bom senso.
Não guie quem já tem a sua estrada;
Não gaste o fôlego, já quase nada.

GAUNT

Eu me sinto um profeta iluminado
E, ao expirar, pra ele isto eu prevejo:
Sua chama impudente será breve,
Pois o fogo violento se consome;
Perdura a chuva fina, não a forte;
Cansa-se logo o que corre demais;
Engasga-se quem, sôfrego, abocanha;
A vaidade, que é corvo insaciável,
Depois de tudo o mais, come a si mesma.
Este trono de reis, ilha coroada,
Trono de Marte, terra majestosa,
Este outro Éden, quase um paraíso,

Forte que a natureza fez pra si
Contra o contágio e contra a mão da guerra;
Esta raça feliz, pequeno mundo,
Pedra preciosa presa em mar de prata,
Que a serve na função de uma muralha
Ou fosso defensivo de uma casa
Contra a inveja de povos infelizes;
Esta gleba, este reino, esta Inglaterra,
Ventre fértil que gerou tantos reis,
Famosos por seus feitos, mundo afora,
Por serviço cristão de cavaleiros
Como o sepulcro, entre os judeus teimosos,
Daquele que é o resgate deste mundo,
O abençoado filho de Maria;
Esta terra de almas tão queridas,
Cara por sua fama em todo o mundo,
'Stá arrendada, eu afirmo, morrendo,
Retalhada em pedaços de meeiros.
Inglaterra, cercada pelo mar,
Mas que repele o invejoso sítio
De Netuno, hoje é presa de vergonha,
De pergaminhos podres e manchados;
A Inglaterra, que outrora conquistava,
Derrotou-se, em conquista vergonhosa.
Findasse o escândalo com a minha vida,
Como seria boa a minha morte!

(*Entram o Rei, a Rainha, Aumerle, Bushy, Greene, Bagot e Willoughby*.)

YORK

Chegou o Rei. Tenha calma, ele é jovem;
Potro refuga quando sente a rédea.

RAINHA

Como está, nosso nobre tio Lancaster?

RICARDO

Como está? Como passa o velho Gaunt?

GAUNT

Como o nome condiz com meu estado![11]
O velho Gaunt 'stá mesmo muito velho.
A dor me motivou longo jejum;
Não fica magro quem não come carne?
De vigília ante uma pátria que dorme,
E ficar de vigília traz magreza.
O prazer que alimenta muitos pais
Pra mim é jejum — rosto de um filho;
Com tal jejum a mim emagreceste.
'Stou magro para a cova, como a cova,
Cujo ventre de mim só terá ossos.

RICARDO

Doente brinca tanto assim com o nome?

GAUNT

Miséria é que debocha de si mesma:
Como queres matar meu nome em mim,
Pra bajulá-lo, rei, eu faço assim.

RICARDO

Bajula o agonizante quem está vivo?

GAUNT

Não; os vivos bajulam os que morrem.

RICARDO

Porém, morrendo, diz que me bajula.

GAUNT

Não, tu estás morrendo; eu, doente.

RICARDO

Pois eu, saudável, o vejo doente.

GAUNT

O que me fez vê que o doente és tu,
E o quanto me faz mal ver-te tão mal.
O teu leito de morte é a tua terra,
Onde tu, com reputação enferma

E sendo paciente descuidado,
Entregas para a cura o corpo ungido
Aos médicos que a ti contaminaram:
Há mil bajuladores na coroa
Que não abraça mais que tua cabeça,
Mas mesmo presos só nesses limites
Jogam fora não menos que tua pátria.
Se o teu famoso avô fosse profeta
E visse o neto destruir seus filhos,
Não deixaria isto ao teu alcance,
Depondo-te, antes que tivesses posse
Do que possuis só pra seres deposto.
Primo, se fosses regente do mundo,
Seria triste o arrendar desta terra;
Mas se no mundo só tens esta terra,
Não é pior fazer tão mal a ela?
Aqui és senhorio, não és rei,
Com a terra escravizada pela lei,
E tu…

RICARDO

Um tolo esquálido e enlouquecido,
Usando os privilégios da doença,
Ousa, com essas geladas advertências,
Nos deixar pálidos, e o real sangue
Fugir com fúria de onde deve estar.
Pois pela majestade do meu trono,
Não sendo filho do grande Eduardo,
Essa sua língua que corre tão solta
Lhe arrancaria a cabeça dos ombros.

GAUNT

Não me poupes, filho do mano Eduardo,[12]
Só por ser filho de seu pai Eduardo;
Pois desse sangue, como o pelicano,
Tu já colheste e bebeste em orgias;
Meu irmão Gloucester, uma boa alma,
Que o céu o tenha em meio a almas boas,

Há de ser depoente e testemunha
Que não tens pejo de espalhar seu sangue.
Junta-te agora à doença que tenho,
E com a foice torta da velhice
Corta logo esta flor que já murchou.
Tua vergonha não morre contigo!
Que te atormente sempre o que te digo!
Levem-me ao leito e, após, à tumba em dor —
Só quer viver quem tem honra e amor.

(*Sai*.)

RICARDO

Pois que morra o que é velho e adoentado,
Quem 'stá assim deve ser enterrado.

YORK

Majestade, eu imploro que o aqui dito
Seja imputado à moléstia e à velhice;
Eu juro que ele o ama e tanto o sente
Quanto Hereford, estando aqui presente.

RICARDO

Verdade; o amor dos dois é bem igual;
Que assim seja; o meu é tal e qual.

(*Entra Northumberland*.)

NORTHUMBERLAND

Alteza, Gaunt a si se recomenda.

RICARDO

E o que diz?

NORTHUMBERLAND

Nada mais; tudo está dito:
A língua que tocou não tem mais cordas;

Palavras, vida, tudo, já gastou.

YORK

Que logo York possa acabar assim!
A morte é pobre, mas à dor traz fim.

RICARDO

A fruta podre é a que cai assim;
Foi-se o tempo na trilha do romeiro.
Mas chega. Quanto à Irlanda e seus guerreiros,
Vamos vencer esses aventureiros,
Que são o fel de onde o fel não existe.[13]
E onde só eles podem habitar.
Como causa tão grande gasta muito,
Para ajudar-nos, hoje sequestramos
Prata, dinheiros, rendas e o que é móvel,
Que possuía o nosso tio Gaunt.

YORK

Como ter paciência? E quanto tempo
O dever me fará aturar erros?
Nem Gloucester morto, ou Hereford exilado,
Repreensões de Gaunt, males da pátria,
As restrições ao pobre Bolingbroke
Pra suas núpcias, nem minha desgraça,[14]
Me trouxeram às faces amargura,
Ou franziram meu cenho para o rei.
Dos filhos de Eduardo eu sou o último,
Dos quais teu pai, de Gales, o primeiro.
Leão algum na guerra rugiu mais,
Nem foi cordeiro mais gentil na paz,
Que aquele jovem bravo e principesco.
Tu tens seu rosto, pois tal era ele
Quando tinha a idade que tens hoje.
Mas só ficava irado com os franceses,
Não com os amigos; sua nobre mão
Ganhava o que gastava, e não gastava
O que ganhara, triunfante, o pai;
Não derramou o sangue da família,

Mas foi sangrento com seus inimigos.
Ai, Ricardo! Não fosse tanta a dor
E York jamais iria comparar…

RICARDO

Que aconteceu, meu tio?

YORK

Ah, meu rei,
Se quiser, me perdoe; mas se não,
A falta de perdão não me incomoda.
Será que quer tomar, em suas mãos,
O que pertence a Hereford, exilado?
Não morreu Gaunt? E Hereford não está vivo?
Não era justo Gaunt? Hereford, fiel?
Não mereceu seu tio ter herdeiro?
Esse herdeiro não é filho de mérito?
Tirar-lhe seus direitos é, do tempo,
Tirar as suas leis e tradições;
Sem que venha amanhã depois de hoje:
Negue a si mesmo. Pois por que é rei
Senão por sequência e sucessão?
E por Deus — e que Deus não o permita —
Se errando priva Hereford do que é dele,
Nega as patentes que hoje ele reclama
Por intermédio de seus advogados,
Sua libré, e a homenagem que presta,
Em sua cabeça chovem mil perigos,
Perde mil corações que hoje o amam,
E em minha paciência enfia ideias
Que honra e fidelidade não admitem.

RICARDO

Pois que as tenha. Nesta mão serrarei
As terras dele, bens, pratas de lei.

YORK

Não o verei. Meu senhor, passe bem.

Ninguém pode prever o que aí vem;
Mas maus caminhos só levam a crer
Que bom proveito o mal não pode ter.

RICARDO

Vá logo, Bushy, ao Conde de Wiltshire,
E pede-lhe que a Ely se dirija
Pra falar disto. Depois de amanhã
Vamos pra Irlanda, pois está na hora.
E nomeamos, 'stando nós ausentes,
O tio York regente da Inglaterra;
Pois ele é um homem justo, que nos ama.
Rainha, amanhã nos separamos;
Vamos gozar este tempo que é pouco.

(*Saem o Rei, a Rainha, Aumerle, Bushy, Greene e Bagot.*)

NORTHUMBERLAND

Pois bem, senhores, Lancaster 'stá morto.

ROSS

E vivo, pois seu filho agora é o Duque.

WILLOUGHBY

Mal, mal, em título; em rendas, não.

NORTHUMBERLAND

Mas por justiça muito rico em ambos.

ROSS

Meu grande coração quebra em silêncio
Antes que a língua o possa aliviar.

NORTHUMBERLAND

Diga o que pensa, e que nunca mais fale
Quem o magoar em função do que diz.

WILLOUGHBY

Tende o que dizer pro Duque de Hereford?
Se for assim, que seja ousado, homem;
Meu ouvido só quer ouvir bem dele.

ROSS

Não há bem que eu possa lhe fazer,
Se não for bem apiedar-me dele,
Assim privado de seu patrimônio.

NORTHUMBERLAND

Por Deus que é uma vergonha que tais erros
Se abatam sobre um príncipe real,
Do nobre sangue desta terra em queda;
Perdeu-se o rei, guiado na baixeza
Por sabujos; e o que estes informarem
Meramente por ódio contra nós,
O rei condena com severidade,
Em nós, nossas famílias e herdeiros.

ROSS

O povo ele pilhou com altos impostos,
E perdeu-lhes o amor. Multando os nobres,
Pra lutas tolas, perdeu-lhes o amor.

WILLOUGHBY

E todo dia cria taxações,
Notas em branco, doações forçadas —
E só Deus sabe aonde vai tudo isso.

NORTHUMBERLAND

Não foi pra guerras, pois não guerreou,
Cedendo sempre, em acordos servis,
O que os avós ganharam combatendo;
Ele gastou mais na paz que eles na guerra.

ROSS

O Conde Wiltshire arrendou o reino.

WILLOUGHBY

O rei, quebrado, foi à bancarrota.

NORTHUMBERLAND

Culpa e devassidão o cobrem hoje.

ROSS

Não tem dinheiro pra guerra irlandesa,
Apesar dos impostos excessivos,
Se não roubar o bom Duque banido.

NORTHUMBERLAND

Um seu parente — rei degenerado!
Mas ouvimos rugir a tempestade
E não buscamos contra o tempo abrigo;
Vemos o vento maltratar as velas,
E sem as recolhermos, nós morremos.

ROSS

Nós vemos todo o mal que nos espera,
E o perigo se torna inevitável
Por consentirmos em tudo que o causa.

NORTHUMBERLAND

Não; nas vazias órbitas da morte
Vislumbro a vida; mas dizer não ouso
Quão estão perto novas que consolam.

WILLOUGHBY

Diga o que pensa, como nós dissemos.

ROSS

Tenha confiança e fale-nos, Northumberland:
Nós todos somos um e, ao falar-nos,
É como se pensasse. Seja ousado.

NORTHUMBERLAND

Então: eu recebi de le Port Blanc,
Baía na Bretanha, informações
Que Harry Hereford, com Rainold Lord Cobham
(Filho de Richard, Conde de Arundel)
Ora afastado do Duque de Exeter,
O irmão, que foi prelado em Canterbury,
Sir Thomas Erpingham e Sir John Ramston,
Sir John Norbery, Sir Robert Waterton e Francis Quoint,
Armados pelo Duque da Bretanha,
Co'oito navios e três mil soldados,
Estão vindo pra cá a toda pressa,
E devem tocar breve a costa norte.
Podiam chegar antes, mas esperam
Que antes o Rei embarque para a Irlanda.
Se desta escravidão vamos livrar-nos,

Curando a asa quebrada da nação
E redimindo a coroa empenhada,
Limpando o pó que oculta o ouro do cetro,
E dando à majestade seu aspecto,
Venham comigo logo a Ravenspurgh;
Mas se enfraquecem, por temer fazê-lo,
Ocultem tudo, e eu — só — provo o meu zelo.

ROSS

Pois vamos! Só duvida o que tem medo.

WILLOUGHBY

Com o meu cavalo, eu chegarei mais cedo.

(*Saem.*)

Cena II — No Castelo de Windsor.

(*Entram a Rainha, Bushy e Bagot.*)

BUSHY

Sua Majestade está triste demais.
E jurou, despedindo-se do Rei,
Deixar de lado esse peso nocivo,
E ter disposição bem mais alegre.

RAINHA

Para agradar o rei — mas por mim mesma
Não o posso fazer; porém não sei
Por que hospedaria tal tristeza,
Senão por despedir-me de um tal doce
Como é o meu Ricardo. Porém penso
Que a Fortuna em seu ventre está gerando
Alguma dor pra mim, e a minha alma
Treme por nada; por algo está sofrendo,

Que é mais que a despedida do meu rei.

BUSHY

Cada tristeza gera vinte sombras,
Que parecem tristezas, mas não são.
Porque seus olhos, vidrados de pranto,
De uma coisa fazem mil objetos,
São perspectivas[15] que, ao serem vistas,
Só mostram confusão; mas bem olhadas
Mostram forma. E sua doce Majestade,
Vendo torta a partida de seu amo,
Só vê dores pra nela prantear;
Mas se olhar bem vai ver que são só sombras
Do que não é; então, gentil rainha,
Não chore mais que a partida — não há
Mais a ser visto — ou só a falsa dor
Que não mostra o real, só fantasias.

RAINHA

Pode ser; mas o fundo de minh'alma
Me diz bem outra coisa. E sendo assim
Só posso ficar triste; sim, tão triste
Que mesmo sem pensar, meu pensamento
Me pesa quase ao desfalecimento.

BUSHY

São só ideias, graciosa senhora.

RAINHA

Pode ser; porém ideias nascem
De alguma dor antiga; não as minhas;
Pois que nada gerou as minhas dores,
Ou gerou algo o nada que me dói —
É o contrário o que me possui —
Eu não sei o que é; seja o que for,
Não tenho nome pr'essa minha dor.

(*Entra Greene.*)

GREENE

Bom dia, Majestade! Meus senhores.
'Spero que o rei não tenha ido pra Irlanda.

RAINHA

Por que espera? Esperamos que tenha,
Pois a sua esperança está na pressa.
Por que espera não tenha embarcado?

GREENE

Pra que nossa esperança manobrasse
Pra tirar a esperança do inimigo,
Que já botou pé forte nesta terra:
Bolingbroke anulou o banimento,
E com armas em punho já chegou
A Ravenspurgh.

RAINHA

Não o permita Deus!

GREENE

É verdade, senhora; e o que é pior,
O Lord Northumberland, com o filho Percy,
Os lords de Ross, Beaumont e Willoughby,
Com amigos fortes correm para ele.

BUSHY

Não foi Northumberland já proclamado
Traidor, com mais os outros revoltosos?

GREENE

Já foi; o que levou o Conde Worcester
A quebrar seu bastão e demitir-se,
Indo com ele o pessoal da corte
Pra Bolingbroke.

RAINHA

Greene é parteira desta minha dor,
E Bolingbroke o herdeiro do sofrer;
Minh'alma partejou o seu prodígio,
E eu, exausta mãe recém-parida,
Acrescentei tristeza à minha dor.

BUSHY

Mas não se desespere.

RAINHA

E quem me impede?
Desespero-me, e vejo inimiga
A esperança enganosa — é uma sabuja,
Parasita, que só protela a Morte,
Que tenta dissolver os nós da vida,
Aos quais, no fim, a Esperança se agarra.

(*Entra York.*)

GREENE

Eis que chega o Duque de York.

RAINHA

Já carregado com os sinais da guerra;
O seu aspecto é todo de problemas!
Por Deus, meu tio, traga algum conforto.

YORK

Se o fizesse, negava o pensamento;
Conforto vem do céu; 'stamos na terra,
Onde só vemos cruzes, dor e penas.
Seu marido foi salvar o distante,
Mas outros fazem com que perca em casa.
Deixou-me aqui pra sustentar a terra,
Que, velho, e fraco nem a mim sustento;
Agora chega o mal de seus excessos,
Pondo à prova os amigos que adularam.

(*Entra um Criado.*)

CRIADO

Quando cheguei, seu filho já partira.

YORK

Ah, já? Pois tudo vá pr'onde quiser!
Os nobres fogem, o povo está frio,
E vai voltar-se pro lado de Hereford.
Rapaz, procura em Plashy a irmã Gloucester,
E peça-lhe que mande-me mil libras.
Eis meu anel.

CRIADO

Senhor, eu esqueci de lhe contar:
Hoje passei por lá, ao vir pr'aqui —
E sinto ter de dar-lhe novas tais.

YORK

Que foi, rapaz?

CRIADO

Uma hora antes, morrera a Duquesa.

YORK

Misericordioso Deus, que onda de males
Corre assim, junta, pra terra que sofre!
Não sei o que fazer. Quisera Deus,
Des'que não fosse por deslealdade,
Ter o rei me matado com meu mano.
Ninguém mandou notícias para a Irlanda?
Que dinheiros teremos pr'estas guerras?
Vamos, irmã — perdão, minha sobrinha.[16]
Vá em casa, rapaz, e encha carroças
Com o armamento que achar por lá.
(*Sai o Criado.*)
Senhores, vão juntar as suas tropas?
Saber eu que fazer com tudo isso
Que veio ter-me às mãos em tal desordem,
Não acreditem. Os dois são parentes:
Um, meu rei, a quem tanto a minha jura
Quanto o dever exigem que eu defenda;
O outro, primo, que o rei injustiçou,
E a consciência manda compensar.
Algo faremos. E a si, minha prima,

Hei de guardar. Senhores, os seus homens
Tragam a Berkeley, com a pressa possível.
Eu devia ir a Plashy,
Mas não há tempo. Está tudo confuso
E cada roca já não tem seu fuso.

(*Saem York e a Rainha.*)

BUSHY

Está bom o vento pra informar a Irlanda,
Mas nada volta. Recrutarmos tropa
Que tenha as proporções da do inimigo
É mais que impossível.

GREENE

E estarmos perto do rei, em amor,
Nos traz o ódio dos que não o amam.

BAGOT

Como os comuns mutáveis, cujo amor
Jaz nos bolsos e, quem os esvazia
Lhes enche só de ódio o coração.

BUSHY

E nisso o rei é sempre condenado.

BAGOT

Se julgam eles, nós também o somos,
Só por estarmos sempre junto ao rei.

GREENE

Me refugio no castelo em Bristol,
Pois o Conde de Wiltshire já está lá.

BUSHY

Vou junto; pois a única tarefa
Que para nós fará o povo odioso
Será a de cortar-nos em pedaços.
Não vem conosco?

BAGOT

Não, vou pra Irlanda, procurar o rei.
Adeus, e se acontece o que prevemos,
Separados, nunca mais nos veremos.

BUSHY

Só se York derrotar a Bolingbroke.

GREENE

Pobre Duque; a tarefa que ele encara
É todo um mar gota a gota secar.
Pra cada amigo, mil vão debandar.
Então, adeus; não nos veremos mais.

BUSHY

Talvez um dia.

BAGOT

Temo que jamais.

(*Saem.*)

Cena III — Em Gloucestershire.

(*Entram Bolingbroke e Northumberland.*)

BOLINGBROKE

Inda estamos, senhor, longe de Berkeley?

NORTHUMBERLAND

Acredite-me, Milord,
Sou um estranho aqui em Gloucestershire.
Estes ventos selvagens, trilhas duras,
Alongam o caminho e o entediam,
Porém sua conversa foi qual mel
Que fez doce deleite o que é difícil.
Mas imagino só quão cansativo
O caminho de Ravenspurgh a Cotshall

Foi para Ross e Willoughby sem ela,
Que repito ter disfarçado muito
O tédio de viagem longa assim.
A deles só adoça a esperança
De gozar da benesse que hoje é minha,
E esperar é ter quase a alegria
Da alegria em si. E eles, cansados,
Hão de julgar mais curto o seu caminho
Sonhando com esta sua companhia.

BOLINGBROKE

Vale bem menos minha companhia
Que suas boas palavras. Quem vem lá?

(*Entra Harry Percy*.)

NORTHUMBERLAND

Esse é meu filho, o jovem Harry Percy,
Que vem mandado por meu irmão Worcester.
Como passa o seu tio, Harry?

PERCY

Pensava ter de si notícias dele.

NORTHUMBERLAND

Ele não está com a rainha?

PERCY

Não, senhor. Ele abandonou a corte,
Partiu o bastão e mandou dispersar
Toda a casa real.

NORTHUMBERLAND

Mas, por que?
Não pensava ele assim, quando eu o vi.

PERCY

Porque a si proclamaram qual traidor.
E ele, então, já foi pra Ravenspurgh
Buscar serviço com o Duque de Hereford,

Mandando que eu, em Berkeley, descobrisse
Que tropa York conseguira por lá,
E, ao sabê-lo, ir pra Ravenspurgh.

NORTHUMBERLAND

Rapaz, não lembra do Duque de Hereford?

PERCY

Não, senhor; pois não posso esquecer
O que nunca lembrei: pois eu, que saiba,
Jamais o tinha visto, em minha vida.

NORTHUMBERLAND

Pois conheça-o agora. Este é o Duque.

PERCY

Senhor, o meu serviço eu lhe ofereço,
Embora ainda verde, fraco, jovem,
Mas que o tempo amadurece e firma
Para serviço mais forte e meritório.

BOLINGBROKE

Eu agradeço, jovem, e estou certo
Que em nada eu me tenho tão feliz
Quanto em minh'alma honrar os meus amigos
E minha sorte cresce com seu amor,
Ela mesma será sua recompensa.
A mão confirma o que o coração jura.

NORTHUMBERLAND

A que distância está Berkeley; e o que faz
O velho York com sua tropa armada?

PERCY

O castelo é ali, além do bosque;
Está defendido por trezentos homens,
Nele estando os lords York, Berkeley e Seymor…
E ninguém mais famoso ou respeitado.

(*Entram Ross e Willoughby*.)

NORTHUMBERLAND

Eis aí os lords Ross e Willoughby
Que ainda sangram de espora e pressa.

BOLINGBROKE

Bem-vindos. Porém sabem que apoiam
Um traidor exilado. O meu tesouro
É apenas gratidão que, enriquecida.
Há de pagar tanto amor e trabalho.

ROSS

Sua presença já nos enriquece.

WILLOUGHBY

E vale muito mais que este trabalho.

BOLINGBROKE

Ser grato é erário único do pobre,
Porém, se a minha sorte amadurece,
Ele terá tesouros. Quem vem lá?

(*Entra Berkeley*.)

NORTHUMBERLAND

Creio que seja o Milord de Berkeley.

BERKELEY

Minha mensagem é pro Lord de Hereford.

BOLINGBROKE

Minha resposta, senhor, é — pra Lancaster,
Se vim buscar tal nome na Inglaterra,
Nos seus lábios devo encontrar tal título,
Antes de responder ao que disser.

BERKELEY

Não se engane, senhor; eu não pretendo
Privar a sua honra de um só título.
Venho vê-lo, senhor, por qualquer título,
De parte do regente desta terra,
Duque de York, pra saber o que o instiga

A aproveitar-se desta hora de ausência
Para assustar o povo assim armado.

(Entra York.)

BOLINGBROKE

Eu não preciso quem fale por mim;
Eis que chega sua graça. Nobre tio!

YORK

Respeite o coração, não o joelho,
Que se dobra por falsidade e engano.

BOLINGBROKE

Sua Graça, tio…

YORK

Não me venha com graças ou com tios,
De traidor não sou tio; e essa "graça"
Profana a boca de quem a perdeu.
Por que essas pernas banidas, proibidas,
Ousam tocar de novo a terra inglesa?
E ainda mais — por que ousam marchar
Tantas milhas por seu seio adentro,
Assustando as aldeias com essa guerra
E a ostentação de armas detestadas?
Veio por 'star ausente o rei ungido?
Rapaz insano, o rei ficou aqui;
Seu poder jaz em meu peito leal.
Tivesse eu hoje a quente juventude
De quando Gaunt, seu pai, e eu
Salvamos juntos o Príncipe Negro[17]
Das garras de milhares de franceses,
Mais que depressa iria este meu braço,
Detento da velhice, castigá-lo,
E dava punição a essa sua falta!

BOLINGBROKE

Gracioso tio, diga-me que falta:
Que qualidade tem, e onde está?

YORK

A qualidade é a pior possível —
Rebelião e traição detestável;
Foi banido, e assim mesmo vem aqui,
Antes que se esgotasse o tempo exato,
Brandindo armas contra o soberano.

BOLINGBROKE

Quando banido, fui banido Hereford;
Porém ao vir, eu venho como Lancaster.
E, nobre tio, imploro a Sua Graça
Que tenha olhar isento pros meus erros.
É meu pai, pois eu penso ver em si
O velho Gaunt em vida. Então, meu pai,
Vai permitir que eu seja condenado,
Um nômade infeliz, com os meus direitos
Roubados, como as posses, e doados
A arrivistas? Pra isso eu nasci?
Se o meu primo é rei desta Inglaterra,
Tem ele de me ver Duque de Lancaster.
O senhor tem um filho, o nobre Aumerle;
Morresse antes, fosse ele aviltado,
Teria ele um pai no tio Gaunt,
Pra combater-lhe os males, e os vencer.
Me é negada a imissão de posse,
Que tenho, pra provar, cartas patentes.
Os bens paternos gastos ou vendidos,
E todos eles foram mal-usados.
Que quer que eu faça? Eu ouso, como súdito,
Segundo a lei; me negam advogados,
E por isso em pessoa é que reclamo
A herança que tenho por linhagem.

NORTHUMBERLAND

O nobre Duque foi muito ofendido.

ROSS

E cabe a Sua Graça corrigi-lo.

WILLOUGHBY

Seus bens dão importância a gente vil.

YORK

Lords da Inglaterra, deixem que lhes diga:
Senti as injustiças ao meu primo
E fiz tudo o que pude pra poupá-lo.
Porém vir ele assim, de arma em punho,
Trinchar e não abrir o seu caminho,
Ganhar o certo com o erro — é impossível.
E quem o apoia se ele age assim
Cultua a rebelião e é rebelde.

NORTHUMBERLAND

O nobre Duque jura que aqui veio
Só pelo seu; e por direito a isso
Todos juramos dar-lhe nossa ajuda.
E que seja infeliz quem quebra a jura!

YORK

Só vejo em que resultam essas armas.
Não posso consertar, eu lhes confesso,
Pois meu poder é fraco e malformado.
Mas se pudesse, por Quem me deu vida.
Havia de prendê-los, submetendo-os
À piedade soberana do rei;
Como não posso, fiquem informados
Que permaneço neutro. E assim adeus;
A não ser que desejem repousar
Por esta noite aqui neste castelo.

BOLINGBROKE

Oferta, tio, que nós aceitamos.
Mas devemos, também, persuadi-lo
A ir a Bristol, que hoje está nas mãos

De Bushy, Bagot, mais os seus asseclas,
Ervas daninhas da comunidade,
Que eu jurei arrancar e jogar fora.

YORK

Talvez eu vá; mas devo refletir
Pois eu sou contra o desrespeito à lei.
São bem-vindos, sendo amigos ou não;
Coisas sem cura curadas estão.

(*Saem.*)

Cena IV — Um acampamento em Gales.

(*Entram o Conde de Salisbury e um Capitão Galês.*)

CAPITÃO

Esperamos dez dias, Milord Salisbury,
Mantendo a tropa junta com problemas,
E nunca chegam notícias do rei;
E ora vamos dispersar-nos. Adeus.

SALISBURY

Dê-nos um dia mais, fiel galês:
O rei tem toda a confiança em si.

CAPITÃO

Dizem que o rei 'stá morto. Não ficamos.
O loureiro secou em nossa terra,
Meteoros assustam as estrelas,
A branca lua a terra vê vermelha,
Profetas veem terríveis mudanças,
'Stá triste o rico, e pula o salafrário,
Um por temer perder o que hoje tem,
O outro por gozar com ódio e guerra.

Tudo anuncia que o rei cai ou morre.
Adeus, os meus patrícios já fugiram:
Morto Ricardo, todos se retiram.

SALISBURY

Ricardo, com o olhar da mente triste
Vejo sua glória, o risco de uma estrela,
Que cai do céu pra vileza terrena.
Seu sol se põe chorando no ocidente,
Vê tempestades, agitação dolente.
Quem era amigo já serve o inimigo,
E levam o que lhe era bom consigo.

(*Sai.*)

ATO III

Cena I — Bristol. Diante do Castelo.

(*Entram Bolingbroke, York, Northumberland, trazendo Bushy e Greene, prisioneiros.*)

BOLINGBROKE

Tragam cá esses homens.
Bushy e Greene, não lhes perturbo as almas,
Já que devem deixar logo seus corpos,
Falando de suas vidas perniciosas,
Por caridade; mas a fim de lavar
Seu sangue destas mãos, ante os presentes
Direi algumas causas de suas mortes:
Desencaminharam o rei, seu príncipe,

Que era feliz por seu sangue e linhagem,
Deixando-o infeliz e deformado;
De certo modo, com os vícios das horas,
Fizeram-no afastar-se da rainha,
Tomando posse do leito real,
Marcando as faces da bela rainha
Com lágrimas nascidas desses males;
Eu mesmo — por sorte de berço príncipe,
Próximo ao rei em sangue e afeição,
Até fazerem-no me entender mal —
Vi-me curvado por suas injúrias,
Suspirando em inglês a céus estranhos,
E amarguei o pão do banimento
Enquanto os dois comiam meu acervo,
Desmatavam meus parques e florestas,
Meus brasões arrancavam das janelas,
E de mais tudo, sem deixar sinal
A não ser a palavra de outros homens
Para o mundo saber que sou um nobre.
Tudo isso e mais, e duas vezes mais,
É que os condena à morte. Agora levem-nos,
Pra execução e para a mão da morte.

BUSHY

A execução pra mim é mais bem-vinda
Que Bolingbroke para a Inglaterra. Adeus.

GREENE

Meu consolo é que o céu quer nossas almas,
Mas manda a injustiça para o inferno.

BOLINGBROKE

Milord Northumberland; despache-os logo.
(*Saem Northumberland e os prisioneiros*.)
Disse-me, tio, que hospeda a rainha;
Por Deus, que seja instada com carinho;
Eu a saúdo com o maior respeito;
Cuide que isso lhe seja transmitido.

YORK

Já enviei a ela um homem meu
Com cartas de sua afeição por ela.

BOLINGBROKE

Grato, bondoso tio. Milords, vamos
Lutar contra Glendower e seus cúmplices:
Primeiro, trabalhar; depois, a folga.

(*Saem.*)

Cena II — Na costa de Gales.

(*Tambores, clarins, bandeiras. Entram o Rei Ricardo, Aumerle, o Bispo de Carlisle e Soldados.*)

RICARDO

Esse aí é o castelo de Barkloughly?[18]

AUMERLE

É, meu senhor. Agradam-lhe tais ares
Depois de tão jogado pelo mar?

RICARDO

Só podem agradar: eu choro de alegria
Só de pisar em meu reino de novo.
Terra amada, com as mãos eu te saúdo,
Embora cascos rebeldes te firam.
Como mãe junto ao filho após ausência
Brinca co'as lágrimas no doce encontro,
Assim, chorando e rindo, eu te saúdo,
E te dou o favor das mãos reais;
Não alimentes o inimigo, oh terra!
Nem o consoles com teus doces frutos;
Que as aranhas que sugam teu veneno,
Com os grandes sapos, coalhem seu caminho,

Atrapalhando esses pés traiçoeiros
Que te pisam com passo usurpador;
Urzes que queimam mostra ao inimigo;
Na flor que qualquer deles colha, acaso;
Peço que ponhas víboras à espreita,
Cujo toque mortal de línguas duplas
Mate o inimigo de teu soberano.
Não caçoem do meu pedido, lords;
Esta terra me sente, e estas pedras
Serão soldados antes que o seu rei
Venha a falhar, diante dos rebeldes.

CARLISLE

Senhor, não tema. O Poder que o fez rei
Tem poder pra mantê-lo sempre rei.
Deve abraçar os meios que o céu dá,
Não ignorá-los; senão, quer o céu
Porém nós não; os céus nos oferecem
E recusamos meios de socorro.

AUMERLE

Ele diz que nós somos negligentes,
E, Bolingbroke, nos vendo confiantes,
Aumenta a força, em tropas e armamento.

RICARDO

Primo desolador! Não sabe, então,
Que quando está oculto o olho do céu,
Atrás do globo, iluminando o inferno,
Ladrões e assaltantes se aventuram
A ousar por aqui morte e ultraje?
Mas quando ele aparece aqui na terra,
Acendendo os pinheiros do oriente,
E joga luz em culpas e cavernas,
Mortes, traições e odiosos pecados,
Sem o manto da noite pra cobri-los,
Ficando nus, entreolham-se tremendo?
E quando Bolingbroke, ladrão traidor,
Que nestes dias vem gozando a noite,

Enquanto nós vagamos co'os antípodas,
Nos vir surgir em nosso trono ao leste,
A traição o fará enrubescer,
Incapaz de enfrentar a luz do dia,
Assustado e tremendo com o pecado.
Nem toda a água do rude oceano
Lava de um rei o óleo que o ungiu;
E um hálito terreno não depõe
O deputado eleito do Senhor;
Pra cada um que com Bolingbroke brande
Seu aço contra o ouro da coroa,
Deus tem, em sua paga, por Ricardo,
Para lutar um anjo em si perfeito,
E o homem cai, se o céu é pelo direito.
(*Entra Salisbury*.)
Bem-vindo, Lord; onde está a sua tropa?

SALISBURY

Nem mais perto ou mais longe, meu bom rei,
Que este braço fraco; a língua triste
Só me leva a falar de desespero.
Temo que um dia de atraso, senhor,
Tenha nublado os seus dias na terra.
Chame ontem, faça o tempo voltar,
E terá doze mil homens armados!
Mas hoje, infeliz dia atrasado,
Tira-lhe amigos, posses e alegrias;
Os galeses, ouvindo que morrera,
Dispersados, buscaram Bolingbroke.

AUMERLE

Coragem, meu senhor; por que tão pálido?

RICARDO

Há pouco o sangue de vinte mil homens
Triunfavam em mim; porém fugiram;
E até que aqui me venha sangue igual
Não é certo ficar pálido e morto?
Junto a mim ninguém está assegurado,

Meu brio pelo tempo foi manchado.

AUMERLE

Coragem, meu senhor; pense em quem é.

RICARDO

Eu me esquecera. Não sou eu o rei?
Covarde majestade, acorda! Dormes;
O nome rei não vale vinte mil?
Arma-te, nome! Um vil súdito fere
A tua glória. Não olhem para baixo,
Favoritos do rei; não estão no alto?
Pensemos alto. Eu sei que o tio York
Tem tropas para nós. Mas quem vem lá?

(*Entra Scroope*.)

SCROOPE

Tenha o meu rei mais saúde e alegria
Do que lhe dá a minha língua aflita.

RICARDO

O coração está pronto para ouvir.
O seu pior será perda terrena.
Perdi meu reino? Ora, era só cuidados;
Que perda é livrar-se de cuidados?
Luta Bolingbroke pra ser meu igual?
Maior não pode ser. Se serve a Deus,
Nós também O servimos, qual colega.
O povo se revolta? Não há cura.
Rompem seus votos com Deus e comigo.
Proclamem fim e perda em voz bem alta,
Pior é a morte, e essa vem sem falta.

SCROOPE

Como é bom vê-lo assim, tão preparado
Para ouvir novas de calamidade.
Como uma tempestade inesperada,

Quando a prata do rio cobre as margens,
Como se o mundo se acabasse em lágrimas,
Tão acima das margens ruge a raiva
De Bolingbroke, que cobre a terra em susto,
Com aço, e corações ainda mais duros.
Barbas brancas armaram calvas fracas
Contra o senhor. Meninos de voz fina
Lutam pra falar alto, armam seus ossos
Quase de moça contra a sua coroa;
E até os mendigos curvam seus bastões
Malignamente contra o seu estado;
As rendeiras atiram velhos bilros
Contra o trono; velhos e novos gritam,
Nem sei dizer como vai tudo tão mal.

RICARDO

Pois bem demais conta novas tão más.
Onde estão Bagot e o Conde de Wiltshire?
O que se deu com Bushy? Onde está Greene?
Como deixam perigoso inimigo
Pisar as nossas terras com tal calma?
Se vencer, vou querer suas cabeças
Por terem feito sua paz com Bolingbroke.

SCROOPE

Paz com ele encontraram, meu senhor.

RICARDO

Víboras tais não terão redenção!
Cães, cuja bajulação todos compram!
Cobras que picam quem as acalenta!
Três Judas, cada um pior que Judas!
Fizeram paz? Pois que o maldito inferno
Venha a queimar suas almas maculadas!

SCROOPE

Vejo que o amor, mudando a qualidade,
É transformado em vil e fatal ódio.
Perdoe as suas almas; pois sua paz
Foi feita co'as cabeças, não co'as mãos;

A morte é que feriu os que maldiz,
E eles jazem em solo consagrado.

AUMERLE

Bushy, Greene, e o Conde de Wiltshire, mortos?

SCROOPES

Todos perderam a cabeça em Bristol.

AUMERLE

Onde está meu pai York com sua tropa?

RICARDO

O que importa? Ninguém fale em consolo.
Vamos falar de tumbas, vermes, epitáfios,
Fazer do pó papel e, usando o pranto,
Escrever de tristezas nesta terra.
Devemos escolher testamenteiros.
Mas, não — pois o que temos pra testar
Senão ao chão nosso corpo deposto?
Tudo o que é nosso é de Bolingbroke,
Só podemos chamar de nossa a morte
E o pequeno pedaço de chão árido
Que serve de coberta aos nossos ossos.
Peço por Deus, sentemo-nos no chão,
Pra relembrar tristes mortes de reis:
Uns depostos, ou mortos na guerra,
Ou por fantasmas dos que depuseram.
Outros assassinados pela esposa —
Pois na oca coroa que circunda
A cabeça mortal de todo rei,
A morte tem seu reino e ali impera,
Rindo de sua pompa e de seu trono.
Concede-lhe que — um dia — represente
Ser monarca, temido ao simples gesto,
Inflamando-lhe a chama da vaidade,
Como se a carne que sustenta a vida
Fosse bronze invencível; distraindo-o,
Pra no fim, com minúsculo alfinete,
Furar o muro do castelo e adeus,

Oh reis. Cubram então suas cabeças,
Não zombem com ritual de carne e ossos;
Desprezem tradições e cerimônias;
Pois me tomaram sempre por um outro:
Vivo também de pão, tenho desejos,
Sujeito a isso eu sofro, eu busco amigos;
Como podem dizer-me que sou rei?

CARLISLE

Senhor, os sábios nunca choram dores,
Antes buscam cortar razões pro choro.
O medo do inimigo corta a força,
Sua fraqueza aumenta a força dele,
E essa loucura luta contra si.
Temer é morte — não há nada pior;
Morrer lutando mata a própria morte,
Morrer temendo é a vergonha da sorte.

AUMERLE

Meu pai tem tropas; procure por ele
E faça de um só membro um corpo inteiro.

RICARDO

Falaram bem. Vaidoso Bolingbroke,
Nosso duelo será um juízo final.
A sombra do temor se foi no ar;
Pelo que é nosso é bem fácil lutar.
Scroope, onde está a tropa de meu tio?
Que fale doce esse aspecto bravio.

SCROOPE

Julgam os homens pela cor do céu
O que é de se esperar pra cada dia;
Faça o mesmo, por este aspecto meu:
O que direi traz mais melancolia.
Sou qual torturador que, pouco a pouco,
Inda prolonga o mal que é pra ser dito:
Seu tio York juntou-se a Bolingbroke,
Já entregou os castelos do norte,
E os fidalgos sulistas armados

Ao lado dele.

RICARDO

Já disse o bastante.
(*Para Aumerle.*)
Maldito seja, primo, por tirar-me
Da minha adaptação ao desespero!
Que diz agora? Como me conforta?
Juro por Deus que odeio para sempre
Quem me falar ainda de consolo.
Vamos a Flint; no castelo eu definho…
Rei escravo da dor, à dor se curva.
Dispersem minha tropa; que se vão
Arar a terra que ainda germine,
Mas que eu não tenho. Ninguém mais me fale
Pra mudar, pois conselho nada vale.

AUMERLE

Uma palavra.

RICARDO

Faz-me mal dobrado
O que com a língua me quer bajulado.
Dispensem todos; parta quem já ia.
Na minha noite, é de meu primo o dia.

(*Saem.*)

Cena III — Gales. Diante do Castelo de Flint.

(*Entram, precedidos por bandeiras e tambores, Bolingbroke, York, Northumberland e séquito.*)

BOLINGBROKE

Por tal inteligência ora sabemos

Que os galeses se foram; e que Salisbury
Foi encontrar o rei, recém-chegado
Com uns poucos amigos a esta costa.

NORTUMBERLAND

As notícias são boas, meu senhor;
Ricardo escondeu perto sua cabeça.

YORK

Seria próprio que o Conde de Northumberland
Dissesse "o Rei Ricardo". Triste o dia
Em que cabeça ungida se escondesse!

NORTHUMBERLAND

Engana-se Sua Graça; pra ser breve
Deixei de fora o título.

YORK

Houve tempo
Em que se fosse assim breve com ele
Ele o teria, para abreviá-lo,
Privado do tamanho da cabeça.

BOLINGBROKE

Não vá mais longe que devera, tio.

YORK

Não tome mais do que devera, primo,
Pra não errar. Os céus nos veem do alto.

BOLINGBROKE

Eu sei, meu tio, e jamais me oporia
Ao que eles querem. Mas quem chega?
(*Entra Percy*.)
Bem-vindo, Harry. Não cede o castelo?

PERCY

E está com régia guarda, senhor,
Pra impedir-lhe a entrada.

BOLINGBROKE

Régia?
Mas nele não há rei.

PERCY

Sim, meu senhor,

Há nele um rei. O rei Ricardo encontra-se
Nos limites daquela pedra e cal;
E com ele estão os lords Aumerle e Salisbury,
Sir Stephen Scroope, além de um sacerdote
De alto respeito; porém qual, não sei.

NORTHUMBERLAND

Provavelmente o Bispo de Carlisle.

BOLINGBROKE

Nobre Lord,
Vá às muralhas do velho castelo,
E com um toque de parlamentação
Proclame, a seus ouvidos arruinados:
Henry Bolingbroke
Ajoelhado beija as mãos do rei,
Jurando sujeição e lealdade
À sua real pessoa; aqui chegado,
Deponho armas e tropas a seus pés,
Des' que seja anulado o meu exílio,
E restauradas livres minhas terras;
Se não, uso a vantagem de minha tropa
E assento o pó do estio só com sangue
Que choverá de ingleses massacrados —
E o quão distante de meu pensamento
Está que uma chuva tal venha encharcar
A terra verde de meu Rei Ricardo.
Fica mostrado por quanto me inclino.
Vá dizer isso enquanto nós marchamos
Sobre o tapete verde da planície.
Marchemos sem que rufem os tambores,
Pra que das velhas torres do castelo
Possam ver como estamos bem-armados.
Creio que o Rei Ricardo e eu devemos
Nos enfrentar não menos imponentes
Que o fogo e a água quando o seu encontro
Traz pranto às faces nubladas do céu.
Seja ele o fogo, eu a água que cede;

Dele a fúria, enquanto a minha chuva
Cai sobre a terra, e não sobre ele.
Avance, e note o ar do Rei Ricardo.
(*Toque de parlamentação fora, respondido de dentro: então uma Clarinada. Entram, na muralha, Ricardo, Carlisle, Aumerle, Scroope e Salisbury.*)
Vejam, apareceu o Rei Ricardo,
Como um sol triste e enrubescido,
Vindo da porta fogosa do leste,
Quando entrevê que há nuvens invejosas
Querendo escurecer a sua glória
No caminho que trilha pro ocidente.

YORK

Mas parece sempre um rei. Seu olhar
Brilha qual o da águia, projetando
A sua majestade. Ai, ai, que pena
O mal manchar figura tão serena!

RICARDO

(*Para Northumberland.*)
Espantados, ficamos esperando
Pra vê-lo ajoelhar-se, respeitoso,
Julgando sermos o seu rei legítimo:
E se o somos, como ousam suas juntas
Falhar em seu dever diante de nós?
Não sendo, mostre-nos a mão de Deus
Que dispensou-nos de nossa tarefa;
Pois sabemos que mão de carne e osso
Não poderá nosso cetro empunhar
Sem profanar, roubar, ou usurpar.
Se crê que outros, pelo seu exemplo,
Perderam suas almas, nos traindo,
Deixando-nos estéreis, sem amigos.
Saiba, senhor, que Deus onipotente,
Recruta lá no céu, a meu favor,
Hostes de fel que hão de golpear
Seus filhos não nascidos, não gerados,

Vassalos que me querem atingir
E ameaçam-me a glória da coroa.
E diga a Bolingbroke, que vejo ali,
Que cada passo dado em minha terra
É vil traição. Pois veio para abrir
O sangrento testamento da guerra.
Mas antes que ele em paz tenha a coroa,
Vão sangrar as coroas[19] de dez mil,
Que, maculando a flor da face inglesa,
Mudarão a palidez da paz virgem
Em rubra indignação, e hão de regar
Com sangue inglês a relva das pastagens.

NORTHUMBERLAND

Que o Rei do Céu impeça o nosso rei
De vir a ser atingido por armas,
Civis ou não! Seu mais que nobre primo,
Bolingbroke, humilde lhe beija as mãos,
E jura, pela tumba tão honrada,
Onde jazem os ancestrais reais,
Pelo sangue real das veias de ambos,
Rios que nascem de uma só cabeça,
Pela mão do guerreiro e morto Gaunt,
E a honra e o valor que traz com ele,
— E mais não pode ser jurado ou dito —
Que sua vinda não almeja mais
Que seus reais direitos, e lhe implora
De joelhos perdão imediato
Que sendo de sua parte concedido,
Fará enferrujar a arma brilhante,
Para a cocheira mandará corcéis,
Dando a Sua Alteza um coração fiel.
Isso ele jura por ser justo e príncipe;
E eu, como fidalgo, creio nele.

RICARDO

Northumberland, assim responde o rei:
Seu nobre primo é bem-vindo aqui,

E tudo o que ele pede, com justiça,
Será aceito, sem contradição;
Com essa mesma elegância de palavra
Faça-o escutar a nossa saudação.
(*Para Aumerle.*)
Nós não nos rebaixamos, primo, quando
Falamos bem, estando assim tão mal?
Vamos chamar Northumberland de volta,
Desafiar o traidor, e assim morrer?

AUMERLE

Senhor, lutemos com boas palavras
Até o tempo nos dar armas e amigos.

RICARDO

Oh Deus! Que jamais a minha língua,
Que decretou o horrível banimento
Desse orgulhoso, agora o retirasse
Co'esses tons doces! Fosse eu tão grande
Quanto esta dor, ou menor o meu nome!
Pudesse eu esquecer quem eu já fui!
Ou não lembrar quem devo ser agora!
Incha-me o coração? Bata calado,
Já que o inimigo a nós dois vai bater.

AUMERLE

Já retorna de Bolingbroke o duque.

RICARDO

Que deve o rei fazer? Deve render-se?
O rei o faz. Deve ele ser deposto?
O rei o aceita. Ou terá de perder
O nome de rei? Por Deus, que se vá.
Eu darei minhas joias por um terço;
Meus lindos palácios por uma ermida;
Meus trajes pelos trapos de um mendigo;
As minhas taças por um prato rude;
Meu cetro por bastão de peregrino;
Meus súditos por santos esculpidos,
Meu vasto reino por pequena cova,

Bem pequenina, uma cova obscura,
Ou serei enterrado em uma estrada,
Uma comum, aonde os pés dos súditos
Possam pisar na cabeça do rei;
No coração, em vida eles já pisam:
E enterrado, por que não na cabeça?
Está chorando, Aumerle, meu doce primo?
Nosso pranto maldito traz mau tempo;
Ele e o vento vão matar o trigo,
Que falte tudo à terra revoltada.
Ou devemos brincar com as nossas dores
Num desafio de quem chora mais,
Juntando as lágrimas num só lugar,
Até que elas nos cavem duas covas
Dentro da terra — e digam que dois primos
Cavaram tumbas com o pranto dos olhos!
Isso não fica bem? Porém já vejo
Que por falar à toa o faço rir.
Notável príncipe, Milord Northumberland,
Que diz Rei Bolingbroke? Sua Majestade
Deixa Ricardo vivo até que morra?
Você se curva, e Bolingbroke diz sim.

NORTHUMBERLAND

Senhor, no pátio baixo ele o espera
Para falar-lhe; não pode descer?

RICARDO

Pra baixo eu vou, qual brilhante Faéton
Que não controla as suas montarias.
No pátio baixo? Onde os reis se abaixam,
Chamado por traidor, para agradá-lo!
Pro pátio baixo? Embaixo? Desce, rei!
Canta a coruja, não cotovia, eu sei.

(*Saem ao alto*.)

BOLINGBROKE

Que diz o Rei?

NORTHUMBERLAND

A dor no coração
O faz falar com o frenesi de um louco;
Mas vem.

(*Entram o Rei Ricardo e seu séquito, embaixo.*)

BOLINGBROKE

Todos se afastem,
E mostrem seu dever à Majestade
(*Ele se ajoelha.*)
Meu bondoso senhor.

RICARDO

Meu primo, não humilhe o seu joelho
Fazendo-o beijar terra tão baixa.
Eu preferia ter-lhe o amor no peito
Que ver, com desagrado, a reverência.
De pé, primo; seu coração 'stá alto,
Tão alto quanto está baixo o joelho.

BOLINGBROKE

Meu bom senhor, eu só busco o que é meu.

RICARDO

O seu é seu, como eu sou seu, com tudo.

BOLINGBROKE

Seja só meu, meu notável senhor,
No que eu servir merecer seu amor.

RICARDO

E o merece. Merecem sempre ter
Os que com força têm caminho firme.
(*Para York.*)
Meu tio, as suas mãos. Não, seque os olhos,
O pranto mostra o amor, mas não a cura.

(*Para Boling.*)
Sou muito jovem para ser seu pai,
Mas tem idade pra ser meu herdeiro;
O que quiser, eu dou, e com vontade,
Pois a força nos diz o que devemos.
É pra Londres que devo ora marchar?

BOLINGBROKE

Sim, meu senhor.

RICARDO

Não posso, então, negar.

(*Clarinada. Saem.*)

Cena IV — O jardim do Duque de York.

(*Entram a Rainha e duas Damas.*)

RAINHA

Que jogos vamos ter neste jardim,
Pr'afastar pensamentos de problemas?

DAMA

Vamos jogar croquê, senhora.

RAINHA

Vou pensar nos tropeços deste mundo,
E que na vida jogo em viés errado.

DAMA

Vamos dançar, senhora.

RAINHA

Minhas pernas não seguem a alegria
Com o coração marcando ritmo triste:
Portanto dança, não, menina. Uma outra coisa.

DAMA

Contar histórias, ama.

RAINHA

Alegres ou tristonhas?

DAMA

Uma ou outra.

RAINHA

Nenhuma, jovem.
Pois como a alegria está faltando,
Ela há de lembrar-me da tristeza;
E se for triste, tanta é a minha dor,
Que marca mais a falta de alegria;
Não preciso lembrar do que já tenho,
Nem devo lamentar o que me falta.

DAMA

Eu vou cantar.

RAINHA

'Stá bem, se tem motivos,
Porém a mim agradaria mais chorando.

DAMA

Se lhe fizesse bem, eu choraria.

RAINHA

Se chorar adiantasse, eu cantaria,
E não usava mais as suas lágrimas.
(*Entra um Jardineiro com dois Ajudantes*.)
Esperem; aí vêm os jardineiros.
Vamos ficar à sombra dessas árvores.
Aposto a minha dor contra alfinetes
Que falarão do Estado; o fazem todos
Quando há mudanças: a dor traz mais dor.

JARDINEIRO

Prenda aquele abricó que se balança,
E, criança travessa, obriga o pai
A curvar o seu peso exagerado
Pra sustentar os galhos recurvados.
Vá lá, e qual carrasco
Corte a cabeça dos galhos crescidos,

Que pareçam demais para o conjunto:
Tem de ser tudo qual nosso governo.
Enquanto trata disso, eu vou arrancar
As más ervas que sugam, sem proveito,
O solo fértil das flores saudáveis.

AJUDANTE

Por que devemos, em nosso terreno,
Manter a ordem, forma e proporção,
Mostrando, qual modelo, um estado firme,
Se em nossa terra, cercada por mar,
Pululam ervas, sufocam as flores,
Não se podam pomares e nem sebes,
Desmancham-se os canteiros, e ervas boas
'Stão cheias de lagartas?

JARDINEIRO

Fique quieto —
Quem permitiu o caos na primavera
Vê a si mesmo caindo no outono.
As ervas que abrigou o seu copado,
Que o comiam, com ar de sustentá-lo,
Bolingbroke arrancou pela raiz…
Falo do Conde Wiltshire, Bushy, Greene.

AJUDANTE

O quê, 'stão mortos?

JARDINEIRO

'Stão, e Bolingbroke
Prendeu o rei esbanjador. Que pena
Que ele não cuidasse a sua terra
Como nós do jardim! Nós, quando é hora,
Podamos bem as árvores frutíferas,
Pra que não exagerem seiva e sangue,
E por ricas demais resultem mal;
Se ele o fizesse aos grandes e aos que crescem,
Talvez vivesse para dar, e ele provar,
Os frutos do dever. Galhos inúteis
Cortamos, pra que os férteis sobrevivam;

Fazendo assim, inda usava a coroa,
Que perdeu por gastá-la aí, à toa.

AJUDANTE

Mas pensa então que o rei será deposto?

JARDINEIRO

Rebaixado ele já está, e deposto
Sem dúvida será. Chegaram cartas
Pr'um amigo do bom Duque de York,
Com novas negras.

RAINHA

Ai, eu sufoco, à falta de falar!
Tu, velho Adão, que cuidas do jardim,
Como ousa a tua língua dar tais novas?
Que Eva, que serpente, sugeriu-te
Fazer o homem cair outra vez?[20]
Por que proclamas que o rei foi deposto?
Será que ousas, barro sem valor,
Prever a sua queda? Diz-me como
Soubeste essa má nova? Fala, vil!

JARDINEIRO

Perdão, senhora; não é alegria
Contar tais novas, mas são verdadeiras.
O Rei Ricardo está nas mãos possantes
De Bolingbroke. Após ambos pesados,
Seu senhor ficou só no prato dele,
Feito mais leve por vaidades várias.
Porém, no prato do alto Bolingbroke
Com ele está a nobreza da Inglaterra;
E a diferença derrubou Ricardo.
Se for a Londres, vai acabar vendo
Que digo só o que o povo está sabendo.

RAINHA

Hábil desgraça, de passos tão leves,
Não me pertence a embaixada que trazes,
E sou a última a saber? Tu pensas
Que servida no fim essa tristeza

Demora mais? Partamos, por favor,
Para em Londres buscar o rei da dor.
O que, nasci pra com a minha tristeza
De Bolingbroke enfeitar a grandeza?
Jardineiro, por contar-me novas tais
Que enxertos teus não floresçam jamais.

(*Saem a Rainha e as Damas*.)

JARDINEIRO

Pobre rainha, se isso a consolasse,
Quem dera a maldição funcionasse.
Caiu aqui seu pranto, e no lugar
Um canteiro de arruda eu vou plantar.
A rude arruda cresce sem demora,
Honrando aqui a rainha que chora.

(*Saem*.)

ATO IV

Cena I — A Grande Sala de Westminster.

(*Entram, como se para o Parlamento, Bolingbroke, Aumerle, Northumberland, Percy, Fitzwater, Surrey, o Bispo de Carlisle, o Abade de Westminster, um outro Lord, o Arauto, Oficiais e Bagot*.)

BOLINGBROKE

Tragam Bagot.
Agora, Bagot, conte livremente
Que sabe da morte do nobre Gloucester,

Quem planejou com o rei, e quem cumpriu
A sangrenta tarefa do seu fim.

BAGOT

Que fique em frente a mim o Lord Aumerle.

BOLINGBROKE

Primo, avance, e olhe bem pr'esse homem.

BAGOT

Lord Aumerle, sei que a sua língua ousada
Não desdiz o que outrora declarou.
Quando a morte de Gloucester foi tramada,
Eu o ouvi dizer "Não tem meu braço
Tamanho pr'alcançar, da corte inglesa,
Em Calais, a cabeça de meu tio?"
Entre o mais que foi dito nessa hora
Ouvi-o então dizer que recusava
Antes oferta de cem mil coroas
Que o retorno ao país de Bolingbroke —
Acrescentando a bênção que seria
A morte desse primo.

AUMERLE

Nobres, príncipes,
Que devo responder a alguém tão vil?
Seria certo desonrar meu berço
Se aqui o punisse como meu igual?
Ou faço isso, ou mancho a minha honra
Com acusação de lábios caluniosos.
Eis minha luva, meu selo de morte,
Que o manda pro inferno. Mente, eu digo,
E hei de mostrar que o que disse é falso
Com o seu sangue, mesmo sendo baixo
Demais para manchar a minha espada.

BOLINGBROKE

Bagot, pare; não a apanhará.

AUMERLE

Exceto um, eu queria o melhor
Dentre os presentes a acusar-me assim.

FITZWATER

Se sua bravura exige berço igual,
Eis minha luva, Aumerle, pra desafio;
Pelo sol que me mostra onde está,
Eu o ouvi dizer, vangloriando-se,
Que foi a causa da morte de Gloucester.
Mesmo que o negue vinte vezes, mente;
E a sua mentira eu devolvo ao seu peito,
Onde nasceu, com este meu punhal.

AUMERLE

Não ousa viver para isso, covarde.

FITZWATER

Por Deus, quem dera fosse agora mesmo.

AUMERLE

Irá pro inferno por isso, Fitzwater.

PERCY

Mentira, Aumerle; pois ele é tão honrado,
No caso, quanto o senhor é injusto;
E pra dizer que o é, eis minha luva,
Que em si o há de provar até o extremo
De sua vida mortal. Se o ousar, tome-a.

AUMERLE

Se o não fizer, que me apodreça a mão
E nunca mais possa brandir a espada
Sobre o brilho do elmo do inimigo!

OUTRO LORD

Que a terra ostente a minha, falso Aumerle,
E o incite à luta com tantas mentiras
Quantas penetrem seu traidor ouvido
De sol a sol. A honra assim empenho;
Agarre-a pra provar-se, se o ousa.

AUMERLE

Quem mais me acusa? Enfrento a todos!
Eu trago mil espíritos no peito
Pra responder a vinte mil que tais!

SURREY

Milord Fitzwater, eu me lembro bem
Da hora em que conversou com Aumerle.

FITZWATER

É verdade; estava então presente,
Pode afirmar comigo que é verdade.

SURREY

Tão falso quanto o céu é verdadeiro.

FITZWATER

Mente, Surrey.

SURREY

Menino desonrado,
Essa mentira vai pesar-me a espada
De tal modo que minha vingança
Fará que o mentiroso também pese
Na terra qual caveira de seu pai.
Para prová-lo, eis meu penhor de honra:
Apanhe a luva e lute, se é que ousa.

FITZWATER

Que bom esporear o que já corre!
Se ouso comer, beber e respirar,
Ouso enfrentar Surrey num deserto
E cuspir-lhe ao afirmar que mente,
E mente, e mente. Eis meu compromisso,
Que é pregá-lo ao meu forte castigo.
Se aspiro viver bem na nova era,
Digo que Aumerle tem a culpa que acuso.
E ouvi ainda dizer Norfolk banido
Que o próprio Aumerle enviou homens seus
Para em Calais matar o nobre Duque.

AUMERLE

Que algum cristão me ajude a garantir
Que Norfolk mente — e aqui o desafio
Se ele puder voltar pra defender-se.

BOLINGBROKE

Tais diferenças só terão resposta
Com o perdão de Norfolk — que o terá,

Mesmo meu inimigo, restaurado
A terras e vivendas. E ao voltar
Terá lugar a prova contra Aumerle.

CARLISLE

Nunca virá a honra desse dia.
Muitas vezes lutou Norfolk banido
Por Jesus Cristo em campos de cristão,
Ostentando no peito a cruz de Cristo
Contra os pagãos, sarracenos e turcos;
E cansado de guerras, retirou-se
Para a Itália, e em Veneza entregou
Seu corpo ao chão de tão doce país,
E a alma a Cristo, o grande capitão,
Sob cujas cores tanto guerreou.

BOLINGBROKE

O quê, Bispo; Norfolk está morto?

CARLISLE

Assim como eu estou vivo, meu senhor.

BOLINGBROKE

Que a doce paz conduza a sua alma
Ao seio de Abraão! Lords apelantes,
Suas diferenças ficam em suspenso
Até marcarmos a data da luta.

(*Entra York.*)

YORK

Grande Lancaster, venho procurá-lo
Da parte de Ricardo, depenado,
Que humilde o adota como seu herdeiro
Cedendo o cetro às suas mãos reais.
Ascenda o trono do qual ele desce,
E viva Henrique, o quarto desse nome!

BOLINGBROKE

É em nome de Deus que subo ao trono.

CARLISLE

Que Deus não o permita!
Deixem que fale, na presença, o último,
Mas, parece, o melhor para a verdade.
Quem dera a Deus que em presenças tão nobres
Tivéssemos juiz nobre o bastante
Para o nobre Ricardo! Tal nobreza
O ensinaria a suportar tal crime.
Pode algum súdito julgar seu rei?
Quem aqui de Ricardo não é súdito?
Não se julga ladrão em sua ausência,
Nem mesmo quando a culpa é clamorosa;
Deve a imagem do Todo-Poderoso,
Seu capitão, preposto, deputado,
Ungido e coroado há tantos anos,
Ser julgado por seu inferior
E em sua ausência? Que Deus não permita
Que em solo cristão almas polidas
Cometam ato tão obsceno e imundo!
Eu sou um súdito que fala a súditos,
Que Deus mandou falar pelo seu rei.
Milord de Hereford, a quem chamam rei,
É vil traidor do rei do ousado Hereford
E se o coroarem, profetizo —
O sangue inglês vai adubar a terra
E o futuro chorar ato tão sórdido;
A paz irá pra turcos e infiéis,
E aqui, no lar da paz, guerras terríveis
Vão confundir linhagens e parentes.
Com desordem, terror, medo e motim
Aqui hão de viver, e o nosso nome
Será campo de Gólgota e caveiras —
Se fizerem lutar casa com casa,
Terão a divisão mais dolorosa
Que já caiu nesta terra maldita.

Impeçam, não permitam ato tal,
Pr'os netos não chorarem esse mal.

NORTHUMBERLAND

Argumentou muito bem. E por isso
É preso agora por alta traição.
Milord Westminster, que fique a seu cargo
Guardá-lo bem até seu julgamento.
Concedem, lords, o que lhes pede o povo?

BOLINGBROKE

Tragam Ricardo, pra que à vista do povo
Ele abdique; e possamos continuar
Sem suspeição.

YORK

Eu serei sua escolta.

BOLINGBROKE

Os senhores, milords, que aqui prendemos,
Busquem seus avalistas pra defesa.
Pouco devemos nós ao seu amor,
Pouco esperamos ter ajuda sua.

(*Volta York, com Ricardo, e oficiais carregando as insígnias reais.*)

RICARDO

Por que sou eu chamado ante um rei
Antes que eu deixe os reais pensamentos
Com que eu reinei? Inda não aprendi
A bajular, curvar o meu joelho.
Dê algum tempo à dor, pra que me ensine
A ser submisso. Inda me lembro bem
Que me adulavam. Não eram meus homens?
Não me gritaram, vez ou outra, "Viva!"
Como Judas a Cristo? Ele, em doze,
Teve onze; eu nem um fiel em milhares.
Deus salve o rei! E ninguém diz amém?

Sou padre e sacristão? Então, amém.
Deus salve o rei! Mesmo não sendo eu ele;
E amém também se o céu julgar-me ele.
A que serviço eu me vejo aqui?

YORK

Pra de livre vontade executar
O que a majestade gasta sugeriu:
Ora abrir mão de seu posto e coroa
A Henry Bolingbroke.

RICARDO

Dê-me a coroa. Primo, aqui a tome.
Veja, primo,
Minha mão deste lado, aí a sua.
A coroa de ouro agora é um poço
Com dois baldes que enchem um ao outro,
O mais vazio sempre dança no ar,
O outro, cheio, no fundo, invisível.
O que é cheio de lágrimas sou eu,
Que bebo dores ante a sua subida.

BOLINGBROKE

Pensei que de bom grado abdicava.

RICARDO

Sim a coroa; as dores eu não dava.
Pode depor-me as glórias que gozei
Porém, das dores sou ainda rei.

BOLINGBROKE

Parte das dores, co'a coroa, dá.

RICARDO

Sua nova dor as minhas não me tira.
A minha dor é velha, do passado,
O seu sofrer agora é conquistado.
Minhas dores eu tenho, mesmo as dando,
Vão com a coroa, comigo ficando.

BOLINGBROKE

Está de acordo em deixar a coroa?

RICARDO

Sim, não, não, sim; pois não devo ser nada;
Nada não nega, a abdicação foi dada.
Vejam agora eu acabar comigo:
Eu dou o que pesou-me na cabeça,
Este canhestro cetro em minha mão,
E o orgulho de ser rei no coração.
Eu lavo com o meu pranto a minha unção,
Com minha mão eu dou minha coroa,
Com minha língua eu nego a sagração,
Com minha voz libero os juramentos.
Eu repudio a pompa e a majestade,
Abro mão de castelos e de rendas,
Renego minhas leis e meus decretos.
Deus perdoe a quem quebra jura a mim,
Deus guarde toda jura feita a ti!
Que eu, sem nada, não tenha cuidado,
E tu benesses pelo conquistado.
Viva quem hoje este meu trono encerra,
E breve tenha eu cova na terra.
Deus salve o rei, quem era rei deseja;
E lhe dê sol e vida benfazeja.
Que falta agora?

NORTHUMBERLAND

Nada; a não ser ler aqui
Estas acusações e graves crimes
Que em pessoa ou por outros cometeu
Contra o Estado e o bem da nossa terra;
Tal confissão permite a muitas almas
Ver a justiça da deposição.

RICARDO

Será preciso? Devo porfiar
Minhas loucuras? Bom Northumberland,
'Stivessem registradas suas ofensas,
Não seria vergonha, entre os presentes,
Fazer leitura pública? Ao fazê-lo,
Teria de encontrar um fato odioso,

Incluindo a deposição de um rei,
E a quebra da corrente de uma jura,
Marca que dana no livro do céu.
Não; todos os que em torno aqui me olham,
Quando tanta desgraça aqui me acua,
Mesmo os que lavam as mãos qual Pilatos,
Fingindo ter piedade — são Pilatos
Que me entregam à minha amarga cruz,
E esse seu pecado nada lava.

NORTHUMBERLAND

Milord, depressa; assine esses artigos.

RICARDO

Meus olhos lacrimejam, não enxergo.
Porém o sal não chega a cegar tanto
Que eu aqui não veja só traidores.
Porém, se volto os olhos pra mim mesmo,
Vejo em mim um traidor igual ao resto.
Pois aqui minha alma concordou
Em desnudar de pompa o real corpo;
Tornar soberania em vil escrava,
Tornar o Estado vil, o rei um súdito.

NORTHUMBERLAND

Milord…

RICARDO

Eu não sou Lord de orgulho que me insulta;
Nem de ninguém. Não tenho nome ou título;
Até o nome que recebi na pia
Foi usurpado. Ai, ai, dia aziago,
Que após desperdiçar tantos invernos,
Não sei de nome pelo qual chamar-me!
Quem me dera ser só um rei de neve,
Postado ante o sol de Bolingbroke,
E assim me derreter em pingos d'água!
Bom rei, oh grande rei, mas não tão bom,
Se no país minha voz ainda é prata,
Que ela diga que tragam já um espelho

Que me mostre qual rosto eu hoje tenho,
Já que perdeu a Sua Majestade.

BOLINGBROKE

Que alguém procure e traga aqui um espelho.

(*Sai um dos Criados*.)

NORTHUMBERLAND

Leia o papel enquanto vem o espelho.

RICARDO

Não me torture, demo, antes do inferno.

BOLINGBROKE

Não deve insistir mais, Milord Northumberland.

NORTHUMBERLAND

Não ficam satisfeitos os comuns.

RICARDO

Hão de ficar. Eu lerei o bastante
Quando for encarar o próprio livro
Com meus pecados todos, que sou eu.
(*Entra alguém com um espelho*.)
Dê-me o espelho. É nele que eu vou ler.
Rugas tão rasas? Não vibrou-me a dor
Tamanhos golpes nesse rosto meu
Sem ferir fundo? Espelho adulador,
Igual a meus amigos de bons tempos,
'Stás me enganando. Esse rosto é o rosto
Cujo teto abrigava, dia a dia,
Uns dez mil homens? Era esse o rosto
Que como o sol fazia olhos piscarem?
É este o rosto que arrostou loucuras
Mas perdeu arrostando Bolingbroke?
Foi quebradiça a glória deste rosto
E quebradiço como a glória é o rosto,
(*Ele espatifa o espelho atirando-o ao chão*.)

Aí está ele, partido em cem lascas.
Vê, rei calado, a moral desse jogo —
Como depressa a dor destrói-me o rosto.

BOLINGBROKE

Da sua dor a imagem destruiu
A imagem do seu rosto.

RICARDO

Diz de novo.
A imagem da minha dor? Vejamos —
Eu sei que a minha dor é toda interna,
E as formas aparentes de lamento
São sombra e imagem da dor invisível
Que incha em silêncio torturando a alma.
Lá fica a substância. Rei, te sou grato
Pela bondade; tu não só me dás
Causa para sofrer, como inda ensinas
Como chorá-la. Eu te peço um favor,
E depois parto, sem mais perturbar-te.
Será que o tenho?

BOLINGBROKE

É só pedir, bom primo.

RICARDO

Bom primo! Eu sou mais que qualquer rei;
Pois, quando rei, os meus bajuladores
Eram só súditos; mas sendo súdito,
Eu tenho aqui um rei a bajular-me.
Sendo tão grande, não devo implorar.

BOLINGBROKE

Mas peça.

RICARDO

E o terei?

BOLINGBROKE

Terá.

RICARDO

Então dá-me licença para partir.

BOLINGBROKE

Para onde?

RICARDO

Para onde for, mas fora de teus olhos.

BOLINGBROKE

Guardas, aí; conduzam-no pra Torre.

RICARDO

Conduzam! Muito bem! É conduzindo
Que conseguem subir quando um rei cai.

(*Saem Ricardo e Guarda.*)

BOLINGBROKE

Quarta-feira que vem terá lugar
Nossa coroação. Milords, preparem-se.

(*Saem todos menos o Bispo de Carlisle, o Abade de Westminster e Aumerle.*)

ABADE

Que espetáculo triste aqui nós vimos.

CARLISLE

Pior virá. Os que estão por nascer,
Com os espinhos de hoje vão sofrer.

AUMERLE

Bom padre, não há plano ou invenção
Que livre o reino desse vil borrão?

ABADE

Milord,
Antes que eu fale abertamente nisso,
Não só receberá o sacramento
Pr'ocultar meu intento, e pra cumprir
Tudo aquilo que eu venha a engendrar.
Vejo em seu cenho o descontentamento,

Dores no coração, pranto nos olhos.
Venha cear comigo; hei de mostrar
Plano para melhor dia chegar.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — Londres. Uma rua no caminho para a Torre.

(*Entram a Rainha e suas Aias.*)

RAINHA

O rei vem por aqui. Este é o caminho
Pra infeliz torre que ergueu Júlio César,
A cujo seio de aço meu marido
Condenou o orgulhoso Bolingbroke.
Descansemos aqui, se o chão rebelde
Serve à mulher do legítimo rei.
(*Entra Ricardo, sob guarda.*)
Silêncio! Vejam, ou melhor, não vejam,
Minha rosa fanada — mas sim, vejam
Pra que a piedade não as torne orvalho,
E o relave com lágrimas de amor.
Oh tu, modelo da antiga Troia!
Mapa da honra! Tumba de Ricardo,
E não o Rei Ricardo! Doce abrigo,
Por que se hospeda em ti tamanha dor,
E o triunfo se muda pras tavernas?

RICARDO

Não te unas à tristeza, minha bela,
Pra ressaltar meu fim. Pensa, minh'alma,

Que a pompa anterior foi sonho alegre;
Mas despertos, a nossa realidade
Mostra-se esta. Sou irmão, doçura,
Da mais triste indigência, e ela e eu
Juntos vamos morrer. Foge pra França,
Recolhe-te a alguma casa religiosa.
De um mundo santo teremos coroas,
Depois de jogar fora estas daqui.

RAINHA

O quê? Em forma e mente o meu Ricardo
Mudou e enfraqueceu? Tirou-lhe o primo
Também o intelecto? E o coração?
O leão que agoniza estende a pata
E arranha pelo menos terra, louco
Por 'star vencido, e tu, qual escolar,
Aceitas castigo, beijas a cruz,
Com humildade bajulas os furiosos,
Quando és leão, quando és o rei das feras?

RICARDO

Das feras, sim, e se só fossem elas,
Teria sido um feliz rei dos homens.
Boa ex-rainha, vá logo pra França.
Pense-me morto, e que me dá agora,
Como em leito de morte, adeus pra sempre.
Nas longas noites frias, junto ao fogo,
Com velhos bons, ouça deles histórias
De tempos dolorosos, já passados;
E ao dar boa noite, agradecendo,
Pode narrar-lhes minha triste história,
Pra quem ouvi-la ir deitar-se em prantos,
Pois a lenha insensível vai ouvir
Os comoventes tons da sua língua,
E com pranto apagar, de pena, o fogo,
Chorando alguns com cinzas ou carvão
Por ver deposto o seu rei legítimo.

(*Entra Northumberland.*)

NORTHUMBERLAND

Milord, mudou de ideia Bolingbroke;
Deve ir pra Pomfret, e não para a Torre.
Para a senhora também temos ordens:
A toda pressa deve ir para a França.

RICARDO

Northumberland, escada com a qual
Rei Bolingbroke ascendeu ao meu trono,
Não hão de ter passado muitas horas
Depois disto, sem que o pecado cresça
E estoure em corrupção; e há de pensar —
Mesmo que a si ele der meio reino —
Ser pouco, já que deu a ele tudo;
E pensar ele que, se sabes o caminho
Pra plantar novos reis, irás de novo,
Com a mínima desculpa, encontrar outro
Pra tirá-lo de seu trono usurpado.
O amor dos homens maus acaba em medo,
O medo em ódio, e o ódio torna os dois
Em ameaça e morte merecida.

NORTHUMBERLAND

Que só minha cabeça pague a culpa.
Despeça-se, pois tem de partir logo.

RICARDO

Duplo divórcio! Homens maus, violam
Boda dobrada — minha com a coroa,
E ainda a minha com a minha esposa.
Com um beijo apago os votos entre nós;
Mas, não; pois com um beijo foram feitos.
Conde, separe-nos: eu para o norte,
Para onde o clima é frígido e doente;
Minha mulher pra França, de onde, em pompa,
Veio adornada como um maio doce,

E é devolvida num breve Finados.

RAINHA

Temos de dividir-nos, separar-nos?

RICARDO

Temos; as mãos e mais os corações.

RAINHA

Banam os dois, mandem o rei comigo.

NORTHUMBERLAND

Isso é bondade, porém má política.

RAINHA

Então, pr'onde ele vai, me deixem ir.

RICARDO

Pr'os dois, chorando, sua dor unir.
Chorando eu por ti e tu por mim,
Melhor é longe do que perto, assim.
Vai suspirando, fico aqui gemendo.

RAINHA

Pra tão longe, cada passo dois valendo.

RICARDO

Dois gemidos por cada passo dado,
Vou caminhar com o coração pesado.
Seja breve, com a dor, nosso noivado;
Casar com ela prolonga o mal passado:
Nos cala um beijo, na separação;
Dando-te o meu, ganho o teu coração.

RAINHA

Dá-me de volta o meu, não quero arcar
Com o ter teu coração para o matar.
Com o meu de volta, vai-te agora, amor,
Para que eu busque matá-lo de dor.

RICARDO

Bajulamos a dor, com esta demora;
Que fale só a dor, depois de agora.

(*Saem.*)

Cena II — Na casa do Duque de York.

(*Entram o Duque de York e a Duquesa.*)

DUQUESA

O senhor prometeu contar-me o resto
Quando o pranto cortou-lhe a narrativa
Da vinda dos dois primos para Londres.

YORK

Onde parei?

DUQUESA

Foi no triste momento,
Em que mãos tresloucadas, das janelas,
Jogavam lixo sobre o Rei Ricardo.

YORK

E depois o importante Bolingbroke,
Montado num fogoso garanhão,
Que, presunçoso como quem levava,
Lento e pomposo seguia o caminho,
E "Salve, Bolingbroke!", todos gritavam.
Parecia falar toda janela,
Tanto ávido olhar de moço e velho
Com fome era lançado pelos vãos
Sobre seu rosto; e as paredes todas,
Qual imagem pintada, proclamavam
"Que Deus o guarde! Viva Bolingbroke!"
E ele, virando para um lado e outro,

Sem chapéu, mais humilde que o cavalo,
Respondia "Obrigado, meus patrícios".
E assim fez, todo ao longo do caminho.

DUQUESA

Pobre Ricardo! O que fazia ele?

YORK

Como no palco os olhos da plateia,
Depois que um bom ator saiu de cena,
Mal olham pro que entra depois dele,
Achando sua fala um tédio só;
Assim, com mais desprezo, aquela gente
Olhou Ricardo, sem dizer "Que Deus o guarde!"
Nenhuma língua deu-lhe boas-vindas;
Jogaram pó em sua cabeça ungida,
Que ele limpou com triste suavidade.
Se ao rosto em luta entre o pranto e sorriso,
Sinais de sua dor e paciência,
Deus não houvesse dado maior força,
Os corações teriam derretido,
E até os bárbaros tido piedade.
Porém a mão do céu está em tudo,
E fazer-lhe a vontade nos acalma.
A Bolingbroke agora eu obedeço,
E a ele devo honrar, a qualquer preço.

(*Entra Aumerle.*)

DUQUESA

Lá vem meu filho Aumerle.

YORK

Que foi Aumerle,
E não é mais, por gostar de Ricardo;
Ora devemos chamá-lo só de Rutland.
Cabe a mim responder, no parlamento,
Por sua lealdade ao novo rei.

DUQUESA

Bem-vindo, filho. Quais as violetas
Que ora brilham na nova primavera?

AUMERLE

Não sei, senhora; e a mim pouco importa;

Uma ou nenhuma para mim dá no mesmo.

YORK

Pois siga a primavera com cuidado,
Pra não ser antes da hora podado.
Que ouve de Oxford? Seguem os festejos?

AUMERLE

Que eu saiba, seguem, meu senhor.

YORK

Irá pra lá, eu sei.

AUMERLE

Pretendo ir, se Deus não impedir.

YORK

Que selo é esse que pende em seu peito?
Por que empalidece? Eu quero ver.

AUMERLE

Não é nada.

YORK

Pois pode, então, ser visto.
Quero saber; deixe-me ver o escrito.

AUMERLE

Eu peço a Sua Graça que perdoe;
É coisa de pequena consequência,
Mas que tenho razões pra não mostrar.

YORK

E eu tenho razões pra querer ver.
Eu temo, eu temo…

DUQUESA

Mas por que temer?
Vai que entrou para um bando qualquer
Pra vestir-se de gala no triunfo.

YORK

Um bando? Pra metido nesse bando
Bandear-se? Mulher, não seja tola.
Menino, deixe eu ver aqui.

AUMERLE

Peço perdão, mas não posso mostrar.

YORK

Faço questão; e digo que me mostre.
(*Ele arranca o papel do peito do rapaz e o lê.*)
Vil traição! Vilão! Traidor! Calhorda!

DUQUESA

Do que se trata, Milord?

YORK

Alguém, aí! Vá selar meu cavalo!
Misericórdia! Que traição é essa?

DUQUESA

Ora, o que foi, Milord?

YORK

Tragam-me as botas! Selem meu cavalo!
Por minha honra, minha vida e jura,
Eu entrego o traidor.

DUQUESA

O que é que houve?

YORK

Cale-se, tola.

DUQUESA

Não me calo. Do que se trata, Aumerle?

AUMERLE

Silêncio, boa mãe — é coisa pouca
Que eu pagarei com a vida.

DUQUESA

Com sua vida!

YORK

As minhas botas. Eu irei ao rei.

(*Entra um criado com as botas.*)

DUQUESA

Bata-lhe, Aumerle. O rapaz 'stá em transe.
Saia, vilão! Nunca mais quero vê-lo!

YORK

As minhas botas, digo.

DUQUESA

Mas por que, York? Que vai fazer?
Não oculta uma transgressão de um filho?
Acaso temos outros? Ou teremos?
Já não passou o tempo em que fui fértil?
Vai tirar-me o meu filho nesta idade?
Vai roubar-me o feliz nome de mãe?
Ele não tem seu rosto? Não é seu?

YORK

Mulher tola e insana,
Quer esconder essa conspiração?
Doze deles tomaram comunhão
E todos juntos juraram que irão
Matar o rei em Oxford.

DUQUESA

Mas não vai;
O retemos aqui; que importa o resto?

YORK

Tola, fosse ele vinte vezes filho
O acusaria.

DUQUESA

Se por ele houvesse
Gemido como eu, teria dó.
Mas compreendo; está desconfiando
Ter sido eu infiel ao seu leito,
E ser ele bastardo, não seu filho.
Doce York, meu marido; esqueça disso;
Não há dois homens assim tão iguais,
Não tem sinal de mim ou no meu sangue,
Mas o amo.

YORK

Quero passar, teimosa!

(*Sai.*)

DUQUESA

Pegue-o, Aumerle! Monte o cavalo dele,
E antes dele chegue até o rei;
Antes que o acuse, implore por perdão.
Chegarei logo — mesmo estando velha,
Até York posso galopar com pressa;
E do chão jamais hei de levantar
Enquanto Bolingbroke não perdoar. Vá logo.

(*Saem.*)

Cena III — Castelo de Windsor.

(*Entram Bolingbroke, Percy e outros Lords.*)

BOLINGBROKE

Ninguém sabe do meu filho vadio?
Eu não o vejo há já uns bons três meses.
Se eu sofro de uma praga, ela é ele.
Só peço a Deus, senhores, que o descubram.
É perguntar nas tavernas de Londres,
Pois dizem que é essas que frequenta,
Com companheiros desclassificados,
Daqueles que circulam por ruelas,
Batem relógios, roubam os que passam.
E ele, vagabundo desfibrado,
Faz seu ponto de honra defender
Malta tão reles.

PERCY

Milord, faz uns dois dias vi o príncipe,
E contei-lhe os festejos que houve em Oxford.

BOLINGBROKE

E que disse o garboso?

PERCY

Respondeu que iria a um bordel,
Pegar a luva de uma meretriz,
Usá-la como pluma e, desse jeito,
Ganhar de qualquer um que o desafie.

BOLINGBROKE

Devasso e sem conserto! Mesmo assim
Nele ainda há fagulhas de esperança,
Que podem vir com o tempo a tomar vida.
Mas quem vem lá?

(*Entra Aumerle, assustado*.)

AUMERLE

O rei?

BOLINGBROKE

Que quer dizer
Meu primo, com olhar tão transtornado?

AUMERLE

Deus o salve! Majestade, eu lhe imploro
Uma conversa a sós com Sua Graça.

BOLINGBROKE

Retirem-se, e deixem-nos sozinhos.
(*Saem Percy e os outros lords*.)
E agora diga, primo, qual o problema?

AUMERLE

Fiquem plantados na terra os joelhos,
E corte a língua o céu do meu palato,
Se sem perdão eu me levanto ou falo.

BOLINGBROKE

A falta é planejada ou cometida?
Se a primeira, mesmo sendo hedionda,
Pra ganhar seu amor eu o perdoo.

AUMERLE

Dê-me licença pra girar a chave,
Pra não entrar ninguém até o fim.

BOLINGBROKE

Como quiser.

(*O Duque de York bate à porta e grita.*)

YORK

Eu o aviso, senhor; tenha cuidado.
'Stá com um traidor em sua companhia.

BOLINGBROKE

Eu o domino.

(*Puxa a espada.*)

AUMERLE

Pare a mão irada;
Não há por que temer.

YORK

Abram a porta,
Cuidado, rei insensato. O amor
Me faz falar traição! Abra essa porta,
Ou eu a ponho abaixo.
(*Entra York.*)

BOLINGBROKE

Fale, tio,
Retome o fôlego e diga-nos qual é
O tal perigo que eu devo enfrentar.

YORK

Leia esta carta e ficará sabendo
A traição que por pressa não lhe conto.

AUMERLE

Lembre-se, lendo, do que prometeu;
Arrependi-me, não leia aí meu nome,
Meu coração não concorda com o escrito.

YORK

Mas concordou, na hora de assiná-lo.
Senhor, eu arranquei-a do traidor;
A penitência é de medo, não de amor.
Esqueça o ter piedade, se a piedade
É serpente que morderá seu peito.

BOLINGBROKE

Conspiração, odiosa, forte, ousada!
Oh, pai leal de um filho traiçoeiro!
Fonte prateada, pura, imaculada,
De onde esse rio, atravessando a lama,
Fez sua água correr, tornar-se imunda,
O transbordo do bom tornado mal.
E é a sua abundância de bondade
Que dá perdão à mácula do filho.

YORK

Será então cafetina do vício;
Em sua vergonha vai-se a minha honra,
Qual quando um filho esbanja o ouro do pai.
Minha honra vive se morre a desonra,
Ou, com a desonra, eu vivo na vergonha;
Mata-me, se ele vive — com o alento dado,
Vive o traidor, executa-se o honrado.

DUQUESA

(*fora*)
Senhor! Peço por Deus! Deixe-me entrar!

BOLINGBROKE

Que aguda voz pedinte grita assim?

DUQUESA

Mulher e sua tia, rei — sou eu.

Ouça-me! Por piedade, abra essa porta!
Quem nunca mendigou, vem mendigar.

BOLINGBROKE

Nossa cena mudou; de coisa séria
Virou agora "A Mendiga e o Rei".
Admita sua mãe, primo malvado;
Sei que vem implorar por seu pecado.

YORK

Se o perdoar, pedindo quem pedir,
Desse perdão mais crimes hão de vir.
Cortada a junta podre, o resto é são;
Ficando ela, tudo é podridão.

(*Entra a Duquesa.*)

DUQUESA

Rei, não creia esse homem desalmado!
Sem amor, ninguém é por ele amado.

YORK

Louca mulher, que veio atrapalhar?
Mais um traidor, velha assim, quer criar?

DUQUESA

Seja paciente, York. Senhor, escute-me.

BOLINGBROKE

Levante, tia.

DUQUESA

Ainda não, imploro:
Pra sempre de joelhos andarei
E um dia alegre sequer eu verei
Até dar-me alegria, meu senhor,
Perdoando o meu filho transgressor.

AUMERLE

Junto ao que pede, os meus joelhos dobram.

YORK

E eu os meus, contra tudo o que obram.
Tenha mau fim, se cede ao que é proposto!

DUQUESA

Mas fala sério? Olhe só pro seu rosto.
Não chora, e ele implora de mau jeito,
Ele fala de boca, nós, do peito;
Pede fraco, deseja ser negado,
Nós de alma, e de coração pesado;
Suas juntas velhas querem se esticar,
Mas as nossas ao chão vão se ligar;
Ora com hipocrisia e falsidade,
E nós co'a mais profunda integridade;
Oramos com mais força; à nossa prece
Conceda a graça que a oração merece.

BOLINGBROKE

Tia, de pé!

DUQUESA

Não me levanto, não;
Diga "de pé" só depois de "perdão".
Se qual ama o tivesse de ensinar,
Com "Perdão" começaria a falar.
Nunca sonhei com uma palavra só,
Mas seu "Perdão" mostrará que tem dó;
Sendo bem curta, ela é muito adoçada;
E pra lábios de reis é indicada.

YORK

Diga como um francês, "pardonne moy"[21]

DUQUESA

Quer um perdão que ao perdão destrói?
Ah, meu amargo senhor e marido,
Que contra o mundo quer o mundo tido!
Diga "perdão" no nosso inglês natal,
Esse francês, compreendemos mal,
Já fala o olhar; pois que a língua o imite,
Ou que no ouvido o coração palpite,
E, ouvindo o nosso pranto a implorar

Venha, por pena, esse "perdão" tentar.

BOLINGBROKE

Tia, de pé.

DUQUESA

Não imploro por isso.
Ter seu perdão é só meu compromisso.

BOLINGBROKE

Eu o perdoo, e Deus que o faça a mim.

DUQUESA

Que vista linda, ajoelhada assim!
Porém, que medo! Diga-o novamente:
Não nega o dito, perdoar duplamente,
O fortalece!

BOLINGBROKE

E é de coração
Que o perdoo.

DUQUESA

E é deus neste meu chão.

BOLINGBROKE

Mas pro falso cunhado e o abade,
Com o resto da malta que juntaram,
O fim virá qual cão nos calcanhares.
Bom tio, ajude-me a enviar tropas
A Oxford, onde estão esses traidores.
Neste mundo eles não viverão mais;
Juro que os pego, ao saber onde estão.
Adeus, meu tio; e meu primo também:
Seja digno de prece tão sofrida.

DUQUESA

Que Deus lhe dê, meu filho, nova vida.

(*Saem.*)

Cena IV — Castelo de Windsor.

(*Entram Exton e Criados*.)

EXTON

Não repararam no que disse o rei?
"Amigo algum me livra desse medo?"
Não foi assim?

CRIADO

Nessas mesmas palavras.

EXTON

"Amigo algum", disse ele, duas vezes,
E repetiu duas vezes, não foi isso?

CRIADO

Foi.

EXTON

E ao dizê-lo me olhou, como pedindo,
Como dizendo "Quisera eu que fosses
Quem me livra desse terror no peito",
Ou seja, o rei em Pomfret, pr'onde eu sigo:
Amigo seu, o livro do inimigo.

(*Saem*.)

Cena V — Uma prisão no Castelo de Pomfret.

(*Entra Ricardo, só*.)

RICARDO

Venho estudando como comparar
Esta prisão onde eu vivo com o mundo;

Porém, por ser o mundo populoso,
E aqui, de criatura, ser só eu,
Não posso. Porém hei de consegui-lo.
Faço da mente a fêmea de minh'alma,
A alma, o pai,[22] e os dois hão de criar
Pensamentos que geram outros mais,
Com estes populando o meu mundinho,
Com a mesma variedade deste mundo;
Pois pensamento não para. Os melhores,
Os de coisas divinas, são mesclados
Co'escrúpulos que fazem a palavra
Lutar contra a palavra.
Como "Venham a mim, crianças", mas
"É mais difícil atingir o céu
Que um camelo passar por uma agulha".
Os pensamentos de ambição planejam
Incríveis maravilhas: unhas fracas
Rasgar passagem pelas duras pedras
Das muralhas que são minha prisão;
E, não podendo, morrem no apogeu.
Os de contentamento se bajulam
Só por não serem as primeiras vítimas,
E nem as últimas — como idiotas
Que sentados no tronco se consolam
Com os outros que ali já se sentaram;
Pensando assim eles sentem alívio,
Depositando os próprios infortúnios
Nas costas dos que antes já sofreram.
Assim de mim eu faço muita gente,
Ninguém contente. Por vezes sou rei,
Mas, co'a traição, eu sonho em ser mendigo,
Que é o que sou. Mas depois a penúria
Convence-me que era melhor ser rei;
Então sou rei de novo, e logo, logo,
Perco a coroa para Bolingbroke,
E não sou nada. Mas, seja o que for,

Nenhum homem que seja só um homem,
Aceitará o nada até 'star bem
Em não ser nada.
(*Tocam música.*)
É música que eu ouço?
Mantenha o ritmo; amarga é a música
Quando o andamento e a proporção se quebram.
Assim a música da nossa vida.
E nisso eu tenho ouvido bem sensível,
Pra condenar se a corda desafina;
Mas pro conjunto de meu tempo e posto
Não tive ouvido pra queda do ritmo:
Gastei meu tempo, e hoje o tempo me gasta;
O tempo fez de mim o seu relógio:
Ideias são minutos, que suspiram
Marcando em meu olhar, o mostrador,
A hora que o meu dedo, que é ponteiro,
Fica indicando, ao me limpar as lágrimas.
Saibam que o som que anuncia as horas,
São os gemidos de meu coração;
O sino, os suspiros; pranto, gemidos,
Mostram minutos e horas. Mas meu tempo
Corre só para Bolingbroke gozar,
Enquanto eu bato as horas com tolices.
A música enlouquece. Que ela pare;
Pois embora ela cure quem está louco,
A mim parece que enlouquece o são.
Mas seja abençoado quem m'a dá.
Pois é sinal de amor; e amar Ricardo
É joia rara em um mundo de ódio.

(*Entra um Cavalariço da Cocheira real.*)

CAVALARIÇO

Salve, príncipe real!

RICARDO

Sou grato, nobre;[23]
Pelo o menor de nós vintém é caro.
O que és? E por que vieste aqui,
Onde não vem ninguém senão o cão
Que traz comida e mantém viva a dor?

CAVALARIÇO

Pobre ajudante de cocheira, rei,
Quando foi rei; que, indo para York,
A muito custo consegui licença,
Pra ver o rosto do meu rei de outrora.
Que dor me atravessou o coração
Quando, em Londres, vi na coroação
Bolingbroke montar o seu malhado Barbary,
Que o senhor tantas vezes cavalgara,
E que eu tratei com tamanho cuidado!

RICARDO

Montou em Barbary? Pois diz-me, amigo,
Como se comportou debaixo dele?

CAVALARIÇO

Tão vaidoso que desdenhava o chão.

RICARDO

Por levar Bolingbroke nas suas costas!
O aguado que comeu da minha mão,
A mão real que o honrou com carinhos.
Nem sequer tropeçou? E nem caiu —
Pois todo orgulho cai — para quebrar
O pescoço do usurpador montado?
Perdão, cavalo! Por que hei de ofendê-lo,
Criado para respeitar os homens,
E carregá-los? Eu não sou cavalo,
Porém carrego carga qual jumento,
Surrado pelo alegre Bolingbroke.

(*Entra alguém trazendo carne para Ricardo.*)

CARCEREIRO

Sai, rapaz; já não pode mais ficar.

RICARDO

Se me amas, é hora de sair.

CAVALARIÇO

Calada a alma, o coração diz tudo.

(*Sai.*)

CARCEREIRO

Milord, por favor, quer começar?

RICARDO

Prove primeiro, como é de costume.

CARCEREIRO

Não ouso, meu senhor. Sir Pierce Exton,
Vindo do rei, deu ordens que o proíbem.

RICARDO

Malditos sejam tu e Henry Lancaster!
Chega de paciência, ela me cansa.

(*Bate no Carcereiro.*)

CARCEREIRO

Socorro! Socorro! Socorro!

(*Entram correndo os assassinos.*)

RICARDO

Que foi? Por que me assalta assim a morte?
A tua mão dá-me a arma mortal.[24]

Vai ocupar o teu quarto no inferno!
(*Aqui Exton o golpeia e derruba.*)
Essa mão vai queimar no fogo eterno,
Que ousa me atingir. Sua mão, Exton,
Manchou com sangue o rei e a sua terra.
Sobe, alma minha! Bem alto hás de viver,
Quando a carne cair, para morrer.

(*Morre.*)

EXTON

Em seu sangue real tinha bravura.
Ambos matei; fosse minha ação pura!
O demônio que antes me aplaudia
Agora diz que o inferno é que o aprecia.
O rei morto ao rei vivo eu vou levar.
Deixando o resto aqui, para enterrar.

(*Saem.*)

Cena VI — O Castelo de Windsor.

(*Fanfarra. Entram Bolingbroke, York, com outros Lords e Séquito.*)

BOLINGBROKE

Tio York, as notícias mais recentes
É que os rebeldes com fogo destruíram
A nossa Cicester[25] em Gloucestershire,
Mas vencidos ou mortos não sabemos.
(*Entra Northumberland.*)
Bem-vindo, Milord. Quais suas novas?

NORTHUMBERLAND

Seja feliz em seu sagrado trono.
E, depois disso, já mandei pra Londres
As cabeças de Salisbury, Spencer, Blunt e Kent:
Os meios por que foram derrotados
Neste papel aqui 'stão anotados.

BOLINGBROKE

Sou grato, gentil Percy, pelo feito,
E juntarei mais honra ao seu direito.

(*Entra Fitzwater.*)

FITZWATER

Milord, mandei de Oxford para Londres
As cabeças de Broccas e de Seely,
Dois perigos do grupo de traidores
Que tentaram, em Oxford, derrubá-lo.

BOLINGBROKE

Eu lembrarei, Fitzwater, do seu ato;
E quão grande é seu mérito, de fato.

(*Entram Percy e o Bispo de Carlisle.*)

PERCY

O traiçoeiro Abade de Westminster,
Pesada a melancólica consciência,
Ao túmulo entregou a sua carne.
Porém Carlisle 'stá vivo, pra sofrer
Sua sentença para o seu orgulho.

BOLINGBROKE

Carlisle, eis seu destino:
Vá pr'um local secreto, mais piedoso
Que os que tem tido, e viva lá a vida.

Vivendo em paz, não há morte sofrida;
Se tive sempre a sua inimizade,
Em si sempre houve toques de hombridade.

(*Entra Exton com o caixão.*)

EXTON

Grande rei, num caixão eu lhe apresento
Seu temor enterrado. Jaz aqui
Seu inimigo de maior poder,
Ricardo de Bordeaux, trago num leito.

BOLINGBROKE

Não te agradeço, Exton, o teu feito,
Um ato infame que com mão danosa
Atinge a mim e esta terra famosa.

EXTON

De sua boca nasceu minha ação.

BOLINGBROKE

Não ama o fel o que tem precisão,
Nem eu a ti. O queria enterrado,
Odeio quem matou, não o matado.
A culpa é a paga desse seu labor,
De mim não terás prêmio e nem favor;
Com Caim pelas sombras vá andar,
Sem nunca o rosto em dia ou luz mostrar.
(*Saem, carregando o caixão, Exton e seus homens.*)
Imensa dor na alma vou sentir,
Marcado assim de sangue pra subir.
Venham chorar comigo o que lamento,
Usando luto após este momento.
Irei até a Terra Abençoada,
Lavar o sangue desta mão culpada.
Que siga a minha dor marcha pesada,
Chorando esse caixão de hora errada.

(*Saem*.)

Notas

5 Moeda de ouro valendo cerca de meia libra.

6 Esse Duque de Gloucester não é o futuro Ricardo III mas, sim, o filho mais moço de Eduardo III e, portanto, tio do rei Ricardo II.

7 O brasão real mostrava três leões, e o de Norfolk um *lion tigré,* ou seja, uma espécie de leão com as pintas de um tigre.

8 17 de setembro. S. Lamberto foi, injustamente, privado de seu bispado. No tipo de combate determinado pelo rei, a vitória viria inevitavelmente ao combatente que tivesse razão.

9 O nome do Duque de Gloucester, tio do rei, era Thomas de Woodstock, dado pelo local onde nasceu.

10 O duque fora, efetivamente, assassinado por ordem do rei, seu sobrinho.

11 O nome Gaunt vem do fato de John ter nascido em Ghent, na atual Bélgica; mas a palavra "gaunt", em inglês, significa macilento, magro e acabado.

12 Ricardo II é neto de Eduardo III e filho de Edward Príncipe de Gales, o Príncipe Negro, irmão mais velho de John de Gaunt.

13 A referência é ao fato de dizer a lenda que São Patrício expulsou as cobras da Irlanda.

14 Ricardo impediu o casamento de Bolingbroke com uma princesa francesa, denunciando-o como traidor ao rei da França. York a certo momento retirara-se para seu castelo, por sentir-se desfeiteado.

15 Um dos grandes encantamentos da Renascença, na pintura, era com a variedade de perspectivas segundo as quais o pintor podia criar suas obras, principalmente retratos; é a essa variedade, inclusive distorções que, para mostrarem a figura corretamente, tinham de ser vistas por determinado ângulo, que Bushy se refere.

16 As palavras "irmã" e "sobrinha" mostram a perturbação de York, que confunde a Rainha, mulher do sobrinho, com a recém-morta duquesa, sua cunhada.

17 Príncipe de Gales, pai de Ricardo II, que morreu antes do filho. Era chamado Príncipe Negro por causa da cor da armadura que usava.

18 Em Holinshed, fonte de Shakespeare, aparece Barclowlie, uma forma errada de Hertlowli, hoje Harlech.

19 É muito frequente, em Shakespeare, o uso de "coroa" significando "cabeça".

20 Além do diálogo, Shakespeare faz a cena se passar no jardim, para evocar, diante de um público conhecedor da Bíblia, a primeira queda, que se deu no Éden.

21 "Pardonne-moy", naturalmente, é corruptela de "pardonnez-moi", e "moy" final é pronunciado "mói". Para os ingleses da época, é claro, chamar de francês era chamar de traidor.

22 A ausência do artigo definido, que expressa gênero, em inglês, ajuda a comparação.

23 Como normalmente só nobres tinham acesso ao rei, e Ricardo já está um pouco perturbado pela prisão — vide o seu monólogo —, ele se dirige assim ao cavalariço.

24 Shakespeare segue o cronista Raphael Holinshed, que afirma ter Ricardo arrancado a lança das mãos de um de oito atacantes, e matado quatro deles. Hoje essa história não tem credibilidade, e considera-se que Ricardo provavelmente morreu de fome ou dos maus-tratos em uma prisão fria e úmida.

25 Era assim chamada Cirencester.

Júlio César

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Escrita em 1599, a peça *Júlio César* fica, cronologicamente, entre *Henrique V* e *Hamlet*, e do ponto de vista dramatúrgico representa a passagem da forma da peça histórica para a da tragédia. Com 35 anos de idade, cerca de dez dos quais já passados em Londres e no mundo do teatro, William Shakespeare estava entrando no mais vívido período de sua já destacada carreira. Por duas vezes, antes, ele se aproximara da forma trágica: uma logo no início e não muito bem-sucedida, *Titus Andronicus*, mostrava ao lado do talento a falta de experiência e maturidade; a outra, *Romeu e Julieta*, uma de suas obras mais queridas, é tão lírica quanto tudo o mais que estava escrevendo naquele momento (1595-1596), e não seria o caminho que viria a trilhar, senequiano e sanguinolento, em sua fase áurea.

Se nas peças históricas o processo político via de regra manipula seus principais personagens, cuja ação tem de ser sempre uma ilustração, um reflexo do desenvolvimento dos acontecimentos, das mudanças quantitativas e qualitativas que têm lugar no período retratado, na tragédia o protagonista é muito mais individualizado; é o seu percurso de vida que contém o âmago do significado da obra. O que estabelece *Júlio César* como uma espécie de pré-tragédia é justamente a questão do protagonista trágico: já tem sido dito que a peça é constituída por duas tragédias, a de Júlio César na primeira parte, e a de Brutus na segunda, porém a mim, pelo menos, atrai muito mais a ideia de uma peça de estrutura irretocável, cujo evento central é a morte de Júlio César, que positivamente não é o protagonista trágico. Ele merece ser o personagem-título da obra, no entanto, exatamente porque toda a primeira parte é dedicada ao planejamento de sua morte, enquanto tudo o que acontece depois de seu assassinato, no início do Ato III, é dedicado à vingança dessa mesma morte.

O que Shakespeare faz, no entanto, e que nunca fez com tanta ênfase nas peças históricas, é identificar em determinados indivíduos a essência do conflito político. Antes de mais nada, aliás, é preciso lembrar que em *Júlio*

César o autor teve uma liberdade para abordar a essência dos conflitos políticos que não teve ao escrever as peças históricas inglesas: seria muito mais fácil fazer passar na censura do *Master of the Revels* um debate ideológico onde os envolvidos não eram ingleses, não eram monarcas cristãos devidamente ungidos, não viviam em regime de monarquia hereditária. Assim sendo, foi possível a Shakespeare identificar Brutus como um republicano convicto, para quem não havia homem no mundo, por mais talentoso e dedicado que fosse, que valesse a perda de qualquer parcela dos direitos e deveres do cidadão ou da própria natureza do governo republicano, enquanto para Marco Antônio, militar e aristocrata, na verdade a maioria dos cidadãos preferia cuidar de sua vida do que pensar no Estado. Portanto, se um homem tão talentoso e dedicado quanto Júlio César se propusesse a governar de forma que parte dos direitos e deveres dos cidadãos lhes fossem tirados, mesmo assim valeria a pena.

O que torna a obra fascinante é o quanto Shakespeare faz os representantes das duas posições coerentes com as mesmas, o quanto eles são sinceros em suas convicções diversas, e como ele faz toda a ação da peça depender de uma sequência de ações que são, inexoravelmente, resultado direto umas das outras. Em *Júlio César* fica perfeitamente ilustrada a afirmação de que "caráter é ação, e ação é caráter": não há qualquer discussão teórica ou abstrata em torno da visão política dos vários participantes da ação; eles agem, e suas ações têm consequências que afetam mais do que a eles, e resultam em transformações pessoais, sociais e institucionais.

Tudo isso é expresso em termos estritamente dramáticos, e o conflito em torno da morte de César ainda traz dentro de si um segundo tema, perfeitamente integrado ao primeiro: será que existe o assassinato político totalmente puro, totalmente livre de cargas emocionais, psicológicas? A questão é levantada com a criação dos vários conspiradores, e tem ainda de ser contrastada com as motivações de Marco Antônio, que em momento algum alega motivos ideológicos para as suas atitudes e ações, mesmo que talvez até inconscientemente estes certamente existam.

Ao escrever *Júlio César*, Shakespeare já era um autor muito experimentado (já tinha escrito cerca de vinte peças, dos mais variados gêneros), e seu domínio da dramaturgia e do palco era mais que pleno. A Inglaterra fora parte do Império Romano durante cerca de trezentos anos, e de todos os povos da Antiguidade, tanto pelo que os conquistadores haviam deixado no país quanto pelo forte influxo da Renascença, que trouxera a influência de Plauto e

Terêncio para a comédia e de Sêneca para a tragédia, esse seria o único a respeito do qual os ingleses teriam alguma ideia mais ou menos definida. Mas Shakespeare teria informações muito mais detalhadas sobre a cena romana nas biografias de César, Brutus e Marco Antônio que encontrou nas *Vidas paralelas* de Plutarco (cuja tradução clássica para o português era intitulada *Os varões*), e sem dúvida foi a partir de todo esse conjunto de fontes que ele acabou por criar o estilo de sua peça, onde a clareza do latim e a notória austeridade romana são reunidas numa linguagem de despojada beleza. Com o verso branco dominando a obra, de suas 2453 linhas, só 32 são rimadas, e 187 são em uma prosa usada com fins dramáticos muito específicos; o resultado cria um universo que de algum modo evoca Roma e os valores que norteavam a vida dos romanos.

Embora os eventos dos Idos de Março fossem históricos, é claro que Shakespeare não estava escrevendo nem a história de Roma nem a biografia de César e seus contemporâneos: estava apenas escrevendo uma peça teatral por meio de cuja ação queria dizer alguma coisa. César já aparecera nos palcos elisabetanos várias vezes antes da obra shakespeariana. Uma anotação um tanto vaga no diário de Henry Machym afirma: "no primeiro dia de fevereiro [1562], à noite, houve uma ótima masque, e diversos bons homens com armaduras douradas representaram com Júlio César"; segundo o notável diário de Henslowe (importantíssima documentação do teatro elisabetano), sua companhia encenou uma peça em duas partes sobre Júlio César em 1594, porém nada se sabe sobre a mesma. Polônio, no *Hamlet*, gaba-se de ter feito o papel de Brutus em uma peça sobre César "na universidade". Há indícios de várias outras, mas nenhuma serve exatamente de fonte ou modelo para a obra de Shakespeare. A postura arrogante e vaidosa de Júlio César não vem de Plutarco, tendo origem no século XVI, no *Hercules Oetaeus* de Sêneca; ele aparece no *César* de M.A. Muret (1544), em *La Mort de César* de Grévin, e, bem mais próximo de Shakespeare, na *Cornélie* de Robert Garnier, traduzida para o inglês por Thomas Kyd em 1594 com as mesmas características. Shakespeare evita os excessos, mas a sugestão de que César perdeu a medida exata das coisas e passou a se considerar superior aos outros homens é fundamental para justificar não só a conspiração como principalmente a posição do íntegro Brutus.

A figura de Brutus é a que apresenta aspectos mais abertos a debate: em Shakespeare, é verdade, nunca nada é preto ou branco, ninguém é todo bom

ou todo mau, não existem paradigmas idealizados, isentos das naturais contradições humanas. Brutus é de uma integridade a toda prova, porém, a contrapartida dessa integridade monolítica é a incapacidade para perceber que nem todo mundo é igual a ele. Quando Brutus se envolve na conspiração contra César, todos os outros — que agem por motivos mesquinhos e pessoais — o persuadem por se apresentarem como tão apaixonadamente republicanos quanto ele, e faz parte do caráter que Shakespeare cria para ele: a cegueira ante a realidade. O poeta sempre buscava meios para levar ao público caminhos acessíveis para o reconhecimento do caráter de cada personagem, e não há dúvida de que ele empresta a Brutus algo do culto da seriedade e da falta de senso de humor dos puritanos. Esse grupo de protestantes radicais vinha tendo cada vez mais força, e perseguia sistematicamente o teatro e quaisquer outras atividades de lazer, de modo que não é de espantar que Brutus não acredite que Marco Antônio seja capaz de qualquer atuação política simplesmente porque ele gosta de teatro e de tomar parte nos vários jogos romanos. Dois argumentos tornam paradoxal a posição de Brutus: por um lado, ele, que tanto critica César por ser alvo fácil para bajuladores, é também enredado pela bajulação dos conspiradores, que apelam escandalosamente para sua honradez, sua integridade, seu patriotismo, até fazê-los instrumentos de seus interesses; por outro, Brutus resolve matar César baseado apenas na crença de que este poderia se tornar um tirano distante dos interesses do bem comum: a morte, por assim dizer, preventiva não tem, portanto, justificativa plena.

Marco Antônio não é menos incoerente: general vitorioso, é popular com a tropa graças a sua participação pessoal corajosa nas batalhas e à facilidade com que compartilha da vida e das conversas de seus comandados. Bebe bastante, se diverte com entusiasmo e enxerga o direito ao poder como lógico e indiscutível — muito embora não tenha a capacidade de se concentrar exclusivamente em sua busca, como fará Otávio Augusto. Simpático, carismático, usa sem pejo essas suas qualidades a fim de vingar a morte de seu amigo César — e é brilhante por parte de Shakespeare deixar bem claro que é essa, quase que exclusivamente, sua motivação ao provocar a guerra civil que se segue ao assassinato de César. Se Brutus não sabe avaliar seus cúmplices de conspiração, Marco Antônio sabe exatamente como lidar com eles, e não tem o menor pudor de se fazer passar por covarde e subserviente para poder atingir seu objetivo.

O domínio de Shakespeare sobre a dramaturgia e os recursos literários

adequados apresenta em *Júlio César* um de seus mais brilhantes exemplos, na grande cena central do enterro de César: o republicano Brutus, com sua meridiana integridade, fala em prosa, a fim de ser o mais claro possível, diante do povo, quanto aos motivos que o levaram a agir como agiu, apelando para a responsabilidade e o raciocínio; Marco Antônio, em um momento em que todos estão abalados com o acontecimento, fala em verso e, com planejado e quase musical apelo à emoção, reverte a situação e provoca o ataque aos assassinos, sem mencionar uma só vez qual seria sua própria posição política…

Construindo com imponência romana sua grande ação política, Shakespeare faz a dedicação a um objetivo juntar os conspiradores na primeira parte e os vingadores na segunda. Como sempre acontece nas tragédias, uma ação crucial tem consequências bem diversas das sonhadas pelo seu autor; e sob esse aspecto Brutus seria realmente o protagonista trágico da peça, pois ele se propõe a preservar a república e, com seu ato, acaba por precipitar a instauração do império… E como sempre na obra do extraordinário Shakespeare, tudo é apresentado por meio de uma apaixonante ação dramática.

Barbara Heliodora

Dramatis Personae

JÚLIO CÉSAR

OTÁVIO CÉSAR MARCO ANTÔNIO M. EMÍLIO LÉPIDO	Triúnviros após a morte de Júlio César.
CÍCERO PUBLIUS POPILIUS LENA	Senadores.
MARCUS BRUTUS CASSIUS CASCA TREBONIUS LIGARIUS DECIUS BRUTUS METELLUS CIMBER CINNA	Conspiradores contra Júlio César.
FLAVIUS MARULLUS	Tribunos.

ARTEMIDORUS, um Sofista de Cnidos.
Um Vidente.
CINNA, o Poeta.
Outro Poeta.

LUCILIUS
TITINIUS
MESSALA
O JOVEM CATÃO
VOLUMNIUS
} Amigos de Brutus e Cassius.

VARRO
CLITUS
CLAUDIUS
STRATO
LUCIUS
DARDANIUS
} Criados de Brutus.

PINDARUS, Criado de Cassius.
Um Sapateiro, um Carpinteiro, e outros Plebeus.
Um Criado de César; um de Antônio; um de Otávio.
CALPÚRNIA, mulher de César.
PÓRCIA, mulher de Brutus.
O FANTASMA DE CÉSAR.
Senadores, Guardas, Servidores etc.

A CENA: a ação se passa, na maior parte da peça, em Roma. A seguir desloca-se para perto de Sardes e de Philippi.

ATO I

Cena I — Roma. Uma rua.

(*Entram Flavius, Marullus e gente do povo.*)

FLAVIUS

Saiam, desocupados. Vão para casa!
Será que é feriado, ou não sabem
Que sendo artífices não têm licença
De andar sem sinal da profissão
Em dia útil? Digam: o que são?

CARPINTEIRO

Ora, senhor; carpinteiro.

MARULLUS

E onde estão seu avental e régua?
Que faz assim, vestido para festa?
E o seu ofício, qual é?

SAPATEIRO

Se comparado a um artesão de primeira, sou apenas o que se chama de remendão.

MARULLUS

Mas qual o seu ofício? Responda direito.

SAPATEIRO

Ofício que espero poder exercer de consciência limpa, já que me faz remendar as almas[26] e as solas dos sapatos.

MARULLUS

O seu ofício, safado; o seu ofício.

SAPATEIRO

Por favor, meu senhor, não se zangue comigo; mas se a zanga lhe faz mal, eu posso remendá-la.

MARULLUS

O que quer dizer com isso, abusado? Remendar-me?

SAPATEIRO

Pois se eu sou remendão…

FLAVIUS

Você é sapateiro?

SAPATEIRO

Para falar a verdade, é com o furador que furo a minha vida; não piso em nada que é de artesão ou de mulher, mas mesmo assim sou médico de sapatos velhos: quando passam perigo eu os conserto. Tem muito homem por aí que pisa firme e caminha no que minha mão fez.

FLAVIUS

E por que não está hoje em sua loja?
Por que leva esses homens pela rua?

SAPATEIRO

Ora, para que gastem seus sapatos e assim me arranjem mais trabalho. Na verdade, o feriado é para vermos César, e comemorarmos seu triunfo.

MARULLUS

Comemorar o quê? Que conquistou?
Que novos tributários traz a Roma,
Para ornar, em correntes, sua biga?
Pedras tolas, piores que insensatos!
Oh romanos de coração de pedra,
Não conheciam Pompeu? Quantas vezes
Não subiram em muros e em ameias,
Em torres, em janelas, chaminés,
Com os filhos no colo, pra sentar
O dia inteiro em paciente espera
Pra ver Pompeu passar por esta Roma?
Se aparecia a sua carruagem,
Não se elevava um grito universal,
Fazendo o Tibre tremer em seu leito
Ao sentir a resposta de seu brado
Vibrar no côncavo de suas margens?
E agora vestem roupas de domingo?
E inda fabricam esse feriado?
E vêm cobrir de flores o caminho

De quem venceu o sangue de Pompeu?
Vão-se embora!
Vão para casa, e lá caiam de joelhos,
Pedindo aos deuses que retenham a praga
Que eles prometem pr'essa ingratidão.

FLAVIUS

Vão, gente boa; e pra pagar tal erro
Juntem-se a todos que também são pobres,
E nas margens do Tibre vão chorar
No leito até que as águas, ora baixas,
Alcancem com seu beijo as altas praias.
(*Sai todo o povo.*)
Veja que se comovem seus espíritos:
Mudos de culpa, já desaparecem.
Vão pro lado de lá, do Capitólio;
Eu vou pra cá; desnudem as imagens
Já decoradas para a cerimônia.

MARULLUS

Mas nós podemos?
Você sabe que hoje é a Lupercália.

FLAVIUS

Não importa; não deixe que as imagens
Sejam ornadas com os troféus de César.
Vou expulsar quem eu puder das ruas;
Faça o mesmo onde houver concentrações.
Se saem penas das asas de César
Nós mantemos o nível de seu voo,
Pra que não suba além de nosso olhar
E aqui nos prenda em temor servil.

(*Saem.*)

Cena II — Roma. Um local público.

(*Entram César, Antônio para a corrida, Calpúrnia, Pórcia, Decius, Cícero, Brutus, Cassius, Casca, um Vidente e uma grande multidão. Depois deles, Marullus e Flavius.*)

CÉSAR

Calpúrnia!

CASCA

Ouçam César falar.

CÉSAR

Calpúrnia!

CALPÚRNIA

Aqui, senhor.

CÉSAR

Ponha-se bem no caminho de Antônio,
Na corrida, quando passar. Antônio!

ANTÔNIO

César, meu senhor?

CÉSAR

Não te esqueças, Antônio, em tua pressa,
De tocar em Calpúrnia; pois os velhos
Dizem que o toque, nessa santa prova,
Quebra a maldição estéril!

ANTÔNIO

Prometo
Quando César me diz "Faz", já está feito.

CÉSAR

Pois vai, e cumpre todo o ritual.

VIDENTE

César!

CÉSAR

Olá! Quem chama?

CASCA

Chega de tanto barulho! Silêncio!

CÉSAR

Quem, nessa multidão, chama o meu nome?

Uma voz, mais aguda que as demais,
Chama "César!" Pois fala! César ouve!

VIDENTE

Cuidado com os Idos de Março!

CÉSAR

Quem?

BRUTUS

Alguém o alerta pr'os Idos de Março.

CÉSAR

Tragam-no cá; eu quero ver seu rosto.

CASSIUS

Sai da turba, rapaz; e olha pra César.

CÉSAR

O que me dizes agora? Repete!

VIDENTE

Cuidado com os Idos de Março.

CÉSAR

É um sonhador. Pode esquecer. Passemos.

(*Clarim. Saem. Ficam Brutus e Cassius.*)

CASSIUS

Não vai entrar para ver a corrida?

BRUTUS

Eu, não.

CASSIUS

Eu lhe peço que vá.

BRUTUS

Não sou de jogos; falta-me uma parte
Do espírito fogoso que há em Antônio.
Porém não deixe que eu o impeça, Cassius;
'Stou de partida.

CASSIUS

Brutus, há tempos que, ao observá-lo,

Não vejo em seu olhar a suavidade
Nem as marcas de amor que outrora via.
A sua mão anda pesada e estranha
No trato deste amigo que o estima.

BRUTUS

Não se iluda; se tenho o olhar velado,
Só volto a irritação do meu semblante
Para mim mesmo. Tenho, ultimamente,
'Stado irritado com paixões diversas
E conceitos que só a mim concernem,
Que acaso afetam meu comportamento.
Mas não quero que isso fira amigos
(E dentre esses Cassius sempre esteve),
Nem deduza da minha negligência
Senão que Brutus, com ele mesmo em guerra,
Esquece de mostrar amor aos outros.

CASSIUS

Muito enganei-me com seus sentimentos;
Razão por que meu peito sepultou
Ideias que merecem reflexão.
Diga-me, Brutus: pode ver seu rosto?

BRUTUS

Não, Cassius; pois os olhos não se veem
Senão por outras coisas que o reflitam.

CASSIUS

É certo.
E é muito lamentado em Roma, Brutus,
Que não haja um espelho que lhe mostre
O seu mérito, oculto ao seu olhar,
Para que visse ali a sua imagem.
Tenho ouvido os romanos mais notáveis
(Exceto César), ao falar de Brutus,
Gemendo sob a opressão destes tempos,
Querer que Brutus veja o que eles veem.

BRUTUS

A que perigos, Cassius, quer levar-me,

Querendo assim que eu busque em mim mesmo
O que em mim não há?

CASSIUS

Prepare-se, bom Brutus, para ouvir;
E já que não se pode ver senão
Por um reflexo, eu — o seu espelho —
Modestamente vou apresentar-lhe
O que você ignora de si mesmo.
Não suspeite jamais de mim, bom Brutus:
Se eu fosse um brincalhão, que costumasse
Fazer juras baratas de amizade
A qualquer um; ou se soubesse um dia
Que eu abracei e elogiei alguém
Pra depois caluniá-lo; e, mais ainda,
Que num banquete proclamei-me amigo
De gentalha, então, sim, seria perigo.

(*Toques de clarim e gritos, fora.*)

BRUTUS

Que grito é esse? Eu já temo que o povo
Escolha César pra rei.

CASSIUS

Então, teme?
Devo crer, nesse caso, que o não quer?

BRUTUS

Não quero, Cassius, muito embora o ame.
Mas qual a causa de reter-me assim?
O que deseja, enfim, comunicar-me?
Se for algo que vise ao bem comum,
Mostre a honra num olho e a morte no outro,
E aos dois hei de encarar com indiferença.
Os deuses sabem que amo mais a honra
Do que possa jamais temer a morte.

CASSIUS

Eu conheço as virtudes que tem, Brutus,
Tão bem quanto conheço o seu aspecto.
Pois bem, a honra é o tema desta história.
Não sei o que você ou qualquer outro
Pensa da vida; quanto a mim, prefiro
Não estar vivo a ver-me em condição
De subserviência a coisa igual a mim.
Nós dois nascemos livres como César;
Nutrimo-nos como ele; e ambos podemos,
Bem como ele, enfrentar o frio inverno:
Certa vez, num dia frio e ventoso,
Nas turbulentas margens do Tibre,
Perguntou-me César, "Cassius, ousas tu
Saltar comigo na torrente irada
E nadar até lá?" Mal terminou,
Vestido como estava eu mergulhei,
Pedindo que saltasse, o que ele fez.
A torrente rugia e nós, lutando,
Com braçadas viris a enfrentamos,
Disputando a vitória na contenda.
Mas antes de chegar ao ponto dado,
César gritou: "Socorro, Cassius, morro!"
Eu, como Eneias, nosso antepassado,
De Troia em chamas que carregou nos ombros
O velho Anquises, das águas do Tibre
Tirei o exausto César. E esse homem
Torna-se agora deus, enquanto Cassius
É um rebotalho, por dever curvado
Se César, por acaso, o cumprimenta.
Ele apanhou uma febre na Espanha;
E quando tinha ataques, eu notei
Como tremia; sim, o deus tremia —
De seus lábios covardes vi fugir
A sua cor, enquanto o seu olhar,
Cujo lampejo põe pavor no mundo,

Perdia o brilho. Eu o ouvi gemer;
E a mesma língua que pede aos romanos
Que o notem, copiem seus discursos,
Pedia "Dá-me de beber, Titinius",
Como donzela frágil. Sim, me espanto
Que um homem de tão fraca compleição
Vencesse, só, o mundo majestoso
Para levar a palma.

(*Fanfarras e gritos, fora.*)

BRUTUS

Um outro grito?
Já creio que as razões desses aplausos
Sejam César coberto de honrarias.

CASSIUS

Ele domina todo o estreito mundo
Como um Colosso; e nós, homens mesquinhos,
Sob suas pernas vamos caminhando
Para encontrarmos covas desonrosas.
O homem por vezes manda em seu destino:
A culpa, Brutus, não 'stá nas estrelas
Mas em nós mesmos, se nos submetemos.
Brutus e César; o que há nesse "César"?
Por que ecoa esse nome mais que o seu?
Escritos juntos, são de igual valor,
A boca os pronuncia de igual modo;
Em peso são iguais. "Brutus" ou "César",
Têm força igual pra conjurar espíritos.
Por nossos deuses todos eu pergunto
Que carne alimentou o nosso César
Pra que crescesse tanto? Tempo infame!
Roma perdeu suas estirpes nobres!
Mas quando, desde os tempos do dilúvio,

Teve ela fama apenas por um homem?
Quando pôde dizer-se, sobre Roma,
Que ela fosse ocupada por um homem?
Hoje Roma ficou bem pequenina,
Sendo toda ocupada por um homem.
Eu e você ouvimos nossos pais
Falar de um Brutus que, por certo, outrora,
Em Roma encararia como iguais
As cortes de um demônio ou as de um rei.

BRUTUS

Que você me quer bem eu não duvido;
E pr'onde quer que eu vá tenho uma ideia:
O que penso do assunto, e destes tempos,
Eu direi logo. Porém neste instante
Não gostaria (e eu lhe peço o favor)
De ir mais longe. O que aqui me disse
Hei de levar em conta; o que dirá
Ouvirei com paciência e encontrarei
Tempo e lugar pra debater tais temas.
Até então, amigo, pense nisto:
Pra Brutus, é melhor ser aldeão
Do que se proclamar filho de Roma
Nas duras condições que nestes dias
Se abatem sobre nós.

CASSIUS

Fico contente
De atear com palavras, mesmo fracas,
O fogo que há em Brutus.

(*Entram César e seu séquito.*)

BRUTUS

Os jogos terminaram e César volta.

CASSIUS

Quando Casca passar, pegue-lhe a manga,
Pois (com seu mau humor) há de contar
Se o acontecido foi digno de nota.

BRUTUS

Assim farei. Mas repare ali, Cassius,
A marca irada no cenho de César;
E os outros todos muito aborrecidos:
'Stá pálida Calpúrnia, enquanto Cícero
Mais parece um furão de olhos de fogo,
Como no Capitólio já o vimos
Quando contrariado por senadores.

CASSIUS

Casca nos contará o que se passa.

CÉSAR

Antônio.

ANTÔNIO

César?

CÉSAR

À minha volta eu só quero homens gordos,
Que durmam bem e de cabeça calma;
Cassius, ali, tem ar magro e faminto;
Pensa demais, seu tipo é perigoso.

ANTÔNIO

Não há perigo nele; não o tema,
Ele é um romano nobre e bem-dotado.

CÉSAR

Precisava engordar! Eu não o temo;
Mas se o meu nome fosse dado a medos
Não sei de homem que eu mais evitasse
Que esse Cassius magrela. Ele lê muito,
Observa ainda mais, e vê no fundo
Do que fazemos. Não ama o teatro
Como tu amas, Antônio; e nem música.
Raramente sorri, e quando o faz
Parece fazer pouco de si mesmo

Por chegar a sorrir de qualquer coisa.
Homens assim jamais ficam tranquilos
Se veem alguém maior do que eles mesmos,
E são por isso muito perigosos.
Eu estou te dizendo o que é temível,
Não o que temo, pois sou sempre César.
Fala aqui à direita; o esquerdo é surdo,
E diz-me o que tu pensas mesmo dele.

(*Clarins. Saem César e seu séquito.*)

CASCA

Puxou-me pela manga pra falar comigo?

BRUTUS

Sim, Casca; conte-nos o que é que houve,
Pra César estar tão triste.

CASCA

Pois, ora essa; não estava com ele?

BRUTUS

Se estivesse, pra que fazer perguntas?

CASCA

Ora, foi-lhe oferecida uma coroa; e ao lhe ser ela oferecida, ele a afastou com as costas da mão; e aí o povo todo gritou.

BRUTUS

E o segundo grito, pra que foi?

CASCA

Ora, para a mesma coisa.

CASSIUS

Mas gritaram três vezes; para o que foi o último?

CASCA

Ora, para a mesma coisa.

BRUTUS

A coroa lhe foi oferecida três vezes?

CASCA

E ora se não foi! E ele a afastou três vezes, cada uma mais delicadamente do que a outra; e a cada "afastação" o populacho dava gritos.

CASSIUS

Quem lhe ofereceu a coroa?

CASCA

Ora, Antônio.

BRUTUS

Conte-nos como tudo se passou, meu bom Casca.

CASCA

Podem me enforcar se eu souber contar como tudo se passou; foi tudo uma tolice, eu não reparei. Eu vi Marco Antônio oferecer-lhe uma coroa; mas não era bem uma coroa, era mais uma coroinha de enfeite; e, como eu lhes disse, ele a afastou a primeira vez; mas apesar disso, segundo eu penso, ele bem que queria ficar com ela. Então ele a ofereceu uma segunda vez, e ele tornou a recusar; mas, segundo penso, estava com bastante vontade de botar a mão nela. E então ele a ofereceu pela terceira vez. Ele a afastou pela terceira vez; e no momento em que ia recusando, a ralé guinchava e aplaudia com suas mãozinhas gordas, e jogava os bonés para o alto, e soltava uma montanha de mau hálito, só porque César recusava a coroa, o que deixou César sufocado, pois ele desfaleceu e caiu. E eu, de minha parte, não ousei rir, só por medo de, abrindo a boca, inspirar aquele ar contaminado.

CASSIUS

Um momento, por favor; César caiu, mesmo?

CASCA

Caiu, no mercado, espumando pela boca e sem poder falar.

BRUTUS

Não, César não; mas você, eu e o honesto Casca sofremos do mal-caduco.

BRUTUS

É provável; ele sofre do mal-caduco.

CASCA

Não sei o que quer dizer com isso, mas sei que César caiu. E se

a gentalha não o aplaudiu e vaiou, segundo ele a agradava ou não, como costuma fazer com os atores de teatro, não sou homem sério.

BRUTUS

Que disse ele ao voltar a si?

CASCA

Ora essa, pois antes de cair, quando percebeu que o populacho estava alegre porque ele recusara a coroa, ele abriu a blusa e ofereceu-lhes a garganta, para que a cortassem. E como sou um homem muito ocupado, se eu não o tomasse ao pé da letra, queria mandar para o inferno todos aqueles canalhas. Depois ele caiu. E quando voltou a si disse que se tivesse feito ou dito algo errado, implorava a suas senhorias que o atribuíssem à sua enfermidade. Duas ou três fulanas, perto de mim, gritaram "Ah, mas que boa alma!"e o perdoaram de todo o coração. Mas não se pode levar em conta o que dizem: se César lhes tivesse apunhalado as mães, elas não fariam menos.

BRUTUS

E depois disso é que saiu tristonho?

CASCA

Foi.

CASSIUS

Cícero disse alguma coisa?

CASCA

Disse. Falou em grego.

CASSIUS

Com que fim?

CASCA

Não sei. E eu lhes disse que jamais poderia encará-lo de novo. Os que o compreenderam sorriram uns para os outros e sacudiram a cabeça; mas, para mim, era grego. Mas posso contar-lhes uma novidade: Marullus e Flavius, por arrancarem os ornamentos das estátuas de César, foram silenciados. Passem bem. Houve ainda outras tolices, mas dessas eu me esqueci.

CASSIUS

Quer cear comigo esta noite, Casca?

CASCA

Não; já estou comprometido.

CASSIUS

Janta comigo amanhã?

CASCA

Sim, se estiver vivo, se você continuar disposto, e o seu jantar valer a pena.

CASSIUS

Pois eu estarei à sua espera.

CASCA

Está combinado. Passem ambos bem.

(*Sai*.)

BRUTUS

Em que grosseiro transformou-se ele!
E era um mercúrio nos tempos de escola.

CASSIUS

E ainda o pode ser quando executa
Qualquer tarefa nobre ou arriscada,
Embora se esconda nessa lentidão.
A rudeza é o tempero do talento,
Que fortalece o estômago de um homem
E o deixa digerir suas palavras
Com melhor apetite.

BRUTUS

Assim é! Por agora eu vou deixá-lo.
Se quiser amanhã falar comigo,
Irei à sua casa ou, se preferir,
Venha à minha, aonde o esperarei.

CASSIUS

Eu irei. Até lá, pense no mundo.
(*Sai Brutus*.)
Brutus é nobre mas, no entanto, eu vejo

Que a sua honra é metal a ser moldado
Pr'outros caminhos; e por isso é certo
Que à mente nobre cumpre andar apenas
Acompanhada de outras semelhantes.
Que firmeza não cede à sedução?
César me odeia, porém ama Brutus;
Se agora eu fosse Brutus e ele Cassius,
Eu não o atenderia. Logo à noite,
Variando a letra, por suas janelas —
Como vindas de vários cidadãos —
Jogarei cartas sobre a alta conta
Em que o tem Roma; e onde, de relance,
Será notada a ambição de César.
E depois disso, César, tem cuidado:
Ou cais tu, ou piora o nosso fado.

(*Sai*.)

Cena III — Roma. Uma rua.

(*Raios e trovões. Entram Casca e Cícero, que se encontram*.)

CÍCERO

Olá, Casca; levou César em casa?
Está sem fôlego? Que olhar é esse?

CASCA

E não o assusta que o curso da terra
Balance sem firmeza? Eu já vi, Cícero,
Tempestades nas quais ventos uivantes
Derrubaram carvalhos, e o oceano
Inchou com ambição e raiva a espuma
Até atingir ameaçadoras nuvens:

Mas até esta noite eu jamais vira
Tormenta cuja chuva é toda fogo.
Ou há guerra civil no próprio céu,
Ou este mundo, atrevido com os deuses,
Fê-los mandar-nos esta destruição.

CÍCERO

Mas viu alguma coisa inusitada?

CASCA

Um escravo conhecido levantou
A mão esquerda que ardia em chamas
Iguais a vinte tochas, mas a mão,
Insensível ao fogo, não queimou.
Mais além (inda estou com a espada em punho)
Vi um leão bem junto ao Capitólio,
Que me olhou e passou, mal-humorado,
Sem me atacar. Juntados numa pilha,
Cem fantasmas com aspecto de mulheres
Transtornadas de medo, garantiam
Ter visto homens queimando, pelas ruas;
E a coruja da noite, ontem mesmo,
Esteve no mercado ao meio-dia
Com seus pios e gritos. Ninguém diga
Sobre a combinação de tais prodígios
"Tudo isso se explica, tudo é natural",
Pois creio que são coisas portentosas
Pra região onde elas aparecem.

CÍCERO

Os tempos, na verdade, 'stão estranhos;
Mas a mente dos homens vê as coisas,
Quando quer, muito longe do que são.
César vai, amanhã, ao Capitólio?

CASCA

Creio que sim, pois pediu a Antônio
Que lhe dissesse que amanhã vai lá.

CÍCERO

Boa noite, Casca; não é bom sair

Com céu tão perturbado.

CASCA

Boa noite.

(*Sai Cícero. Entra Cassius.*)

CASSIUS

Quem vem lá?

CASCA

Um romano.

CASSIUS

É a voz de Casca.

CASCA

Tem bom ouvido. Cassius, mas que noite!

CASSIUS

Para homem honesto a noite é boa.

CASCA

Quando se viu céu tão ameaçador?

CASSIUS

Sempre que a terra pecou tanto assim.
Quanto a mim, tenho andado pelas ruas
Expondo-me aos perigos desta noite.
E, Casca, sem defesas, como vê,
Abri meu peito nu ante esses raios:
Quando a faísca azul buscou abrir
O seio celestial, coloquei-me
Mesmo na trilha do alvo de sua luz.

CASCA

Por que tentar os céus dessa maneira?
Cumpre aos homens temer e até tremer
Quando os potentes deuses nos enviam
Arautos tão terríveis pr'assustar-nos.

CASSIUS

Será você privado, tolo Casca,

Da fagulha que tem todo romano,
Ou não a usa? Esgazeado e pálido,
Todo medo, se mostra deslumbrado
Por ver do céu a estranha impaciência.
Mas se pensar na causa verdadeira
Por que tais fogos, por que tais fantasmas,
Por que todos os pássaros e feras,
Velhos, guris e tolos já calculam
Por que tais coisas mudam do normal —
Do que é ditado pela natureza
Pro monstruoso, há de descobrir
Que o céu os saturou com tais espíritos
A fim de fazer deles instrumentos
De medo e de advertência em relação
A alguns atos monstruosos.
Pois eu podia lhe falar de um homem
Em tudo semelhante a esta noite,
Pois abre tumbas, cria trovoadas,
E urra qual leão no Capitólio.
Que tem poder maior que o seu ou o meu,
Quando ele mesmo fez-se ora um prodígio,
Assustador como essas erupções.

CASCA

É de César que fala, não é, Cassius?

CASSIUS

Seja quem for, os romanos de hoje
Têm os membros e os nervos dos avós,
Mas, ai, 'stá morta a mente de seus pais:
O espírito materno é que os governa.

CASCA

É certo que amanhã os senadores
Já pretendem fazer de César rei,
Com direito à coroa em terra e mar,
Por toda parte à exceção da Itália.

CASSIUS

Então sei onde usar este punhal:
Cassius da escravidão vai livrar Cassius;
Com ele, deuses, fazeis forte o fraco;
Com ele, deuses, derrubais tiranos.
Nem torre pétrea, nem muros de bronze,
Nem masmorras e nem correntes de aço
Poderão confinar o forte espírito;
Mas a vida, cansada deste mundo,
Tem sempre força pra se terminar.
Sabendo disso, saiba o mundo todo:
Da cota de opressão com que hoje arco,
Posso livrar-me à vontade.

(*Ainda trovoadas.*)

CASCA

E eu também.
Todo servo carrega em suas mãos
Poder pra cancelar seu cativeiro.

CASSIUS

Por que deverá César ser tirano?
Ele jamais pensaria em ser lobo
Não vendo que os romanos são carneiros;
Só é leão porque o romano é lebre.
Quem quer fazer depressa um grande fogo
Começa com gravetos. Mas que lixo,
Que podridão e escória é esta Roma,
Para servir de entulho pra acender
Coisa vil como César! Mas, que horror,
Pra onde me levou? Falei, talvez,
Ante um escravo cordato, e nesse caso,
Sei a minha resposta. 'Stou armado
E os perigos me são indiferentes.

CASCA

Falas com Casca; e para um homem tal
Isso não é fala vã. Dê-me a mão:
Crie facção para vingar tais dores,
E este meu pé há de pisar tão longe
Quanto o do que for mais longe.

CASSIUS

Está feito.
Sabia, Casca, que eu já persuadi
Certos romanos, dos mais bem pensantes,
A empreender comigo uma tarefa
De consequência honrosa e perigosa;
E sei que pra tanto ora me aguardam
No pátio de Pompeu. Na noite horrenda
Ninguém se mexe ou anda pelas ruas,
E o aspecto geral dos elementos
Favorece o trabalho a ser cumprido,
Sangrento, violento e aterrador.

(*Entra Cinna*.)

CASCA

Quieto um instante; chega alguém com pressa.

CASSIUS

É Cinna. Eu o conheço pelo andar.
É amigo. Por que a pressa, Cinna?

CINNA

Vim procurá-lo. Esse é Metellus Cimber?

CASSIUS

É Casca, um dos já incorporados
Ao nosso plano. 'Stão à minha espera?

CINNA

Seja bem-vindo. Mas que noite horrível!
Alguns de nós vimos coisas estranhas.

CASSIUS

Não estão me esperando? Diga!

CINNA

'Stão.
Ah, bom Cassius; se a nós fosse possível
Ganhar o nobre Brutus para os nossos…

CASSIUS

Fique calmo. Bom Cinna, este papel
Deve ficar no assento do Pretor,
Onde Brutus o ache. E jogue este
Pela janela dele, e cole o outro
Na estátua do outro Brutus; tudo feito,
Junte-se a nós no pátio de Pompeu.
Decius Brutus e Trebonius 'stão lá?

CINNA

'Stão todos a não ser Metellus Cimber;
Que foi buscá-lo em sua casa.
Vou depressa espalhar estes papéis.

CASSIUS

E vá depois ao teatro de Pompeu.
(*Sai Cinna.*)
Vamos, Casca; nós dois, antes da aurora,
Visitar Brutus. Um terço dele
Já 'stá conosco, e o homem todo inteiro
Há de ser nosso com mais este encontro.

CASCA

Ele vive no coração do povo,
E o que em nós parece transgressão,
O seu semblante, qual rica alquimia,
Transforma logo em mérito e virtude.

CASSIUS

A nossa precisão, dele e seu mérito,
Você definiu bem. Agora, vamos.
Já passa a meia-noite; antes do dia,

Nós precisamos ter certeza dele.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — Roma.

(*Entra Brutus em seu pomar.*)

BRUTUS

Olá, Lucius, olá!
Não posso, pelo curso das estrelas,
Saber se chega o dia. Lucius, vamos!
Quisera eu pecar por tão bom sono…
Então, Lucius! Desperte! Vamos, Lucius!

(*Entra Lucius.*)

LUCIUS

Chamou, meu amo?

BRUTUS

Pegue uma tocha no escritório, Lucius;
Quando acendê-la, venha aqui me chamar.

LUCIUS

Sim, senhor.

(*Sai.*)

BRUTUS

Ele tem de morrer; e quanto a mim
Não tenho causa pra repudiá-lo,
Senão a pública. Se coroado,
Como isso o mudaria? É esse o ponto.
É a luz do sol que faz sair a cobra,
Exigindo cuidados no pisar.
Se o coroamos damos-lhe um ferrão,
Perigo pra ele usar a qualquer hora.
O abuso da grandeza é separar
O poder do remorso; e, na verdade,
Em César jamais vi a emoção
Pesar mais que a razão. Mas é sabido
Que a humildade é a escada da ambição,
Pra qual sempre se volta o carreirista;
Mas uma vez alcançando o ponto máximo,
Ele dá suas costas à escada,
Olha pras nuvens, despreza os degraus
Por que subiu. Talvez César o faça;
É impedi-lo pra evitar. E se à causa
Falta hoje base pelo que é agora,
Digamos antes que o que é, crescendo,
O levaria a tais atos extremos.
Temos de vê-lo um ovo de serpente
Que chocado, segundo o seu destino,
Virá a ser maligno e deve então
Ser morto inda na casca.

(*Entra Lucius*.)

LUCIUS

A tocha queima em sua sala, amo.
Ao buscar a faísca eu encontrei
Este papel selado; e estou bem certo

Que não estava lá quando eu deitei.

(*Entrega-lhe uma carta.*)

BRUTUS

Pois vá deitar de novo; não é dia.
Não são amanhã os Idos de Março?

LUCIUS

Não sei, senhor.

BRUTUS

Vá ver no calendário, pra dizer-me.

LUCIUS

Sim, senhor.

(*Sai.*)

BRUTUS

Os meteoros que voam nos ares
Dão luz bastante pra que eu leia isto:
(*Abre a carta e lê.*)
"*Brutus, tu dormes; desperta e faz justiça!*
Será que Roma…etc…etc…
Fala, vibra teu golpe, faz justiça!
Brutus, tu dormes; desperta."
Muitas instigações iguais a esta
Têm caído onde esta foi achada.
"Será que Roma…" O que devo pensar?
Que ela não pode curvar-se ante um homem?
Meus ancestrais expulsaram Tarquínio
De Roma quando foi chamado rei.
"Fala, vibra teu golpe", então me pedem
Que eu fale e aja? Roma a ti eu juro
Que se é por justiça tu hás de ter
Das mãos de Brutus tudo o que hoje pedes.

(*Entra Lucius*.)

LUCIUS

Quinze dias de março já se passaram.

(*Batem, fora*.)

BRUTUS

Muito bem. Veja a porta. Estão batendo.
(*Sai Lucius*.)
Desde que Cassius, pela primeira vez
Me atiçou contra César, que eu não durmo.
Entre a execução de algo terrível
E a primeira ideia, o ínterim
Nos fica qual fantasma, ou sonho horrível:
A mente e o fatídico instrumento
'Stão em debate, e o estado do homem
Como um pequeno reino passa então
Por um processo revolucionário.

(*Entra Lucius*.)

LUCIUS

Amo, está aí o seu cunhado Cassius
Pedindo para vê-lo.

BRUTUS

Ele está só?

LUCIUS

Há três ou mais com ele.

BRUTUS

Conhecidos?

LUCIUS

Não sei; os seus chapéus 'stão enterrados,

Os rostos encobertos pelas capas,
De modo que eu não pude perceber
Nenhum traço marcante.

BRUTUS

Mande entrarem.
(*Sai Lucius.*)
São os do grupo. Oh, conspiração,
Teu rosto tem vergonha até à noite,
Quando o mal é mais livre? Então, de dia,
Aonde hás de encontrar caverna escura
Que te mascare o rosto? Não a busques;
Oculta-o em sorrisos bem afáveis,
Pois se caminhas com teu próprio aspecto
Nem Érebus terá sombra bastante
Para evitar que te impeçam.

(*Entram os conspiradores Cassius, Casca, Decius, Cinna, Metellus Cimber e Trebonius.*)

CASSIUS

Sei que é ousadia invadir seu repouso:
Bom dia, Brutus. Nós o perturbamos?

BRUTUS

Já estava levantado, e não dormi;
Conheço todos os que 'stão aí?

CASSIUS

Todos e cada um, e nem um só
Que não o honre; e cada um deseja
Que o conceito que tem do senhor mesmo
Fosse o mesmo que tem todo romano.
Este é Trebonius.

BRUTUS

Seja bem-vindo.

CASSIUS

Este, Decius Brutus.

BRUTUS

Também é bem-vindo.

CASSIUS

Aqui Casca, Cinna e Metellus Cimber.

BRUTUS

Bem-vindos todos.
Que zelos e vigílias se interpõem
Entre seus olhos e a noite?

CASSIUS

Permite uma palavra?

(*Eles segredam.*)

DECIUS

Aqui é o leste. O dia já desponta?

CASCA

Não.

CINNA

Perdão, senhor; já, sim. Aquele cinza
Que fura as nuvens prenuncia o dia.

CASCA

Admitam ambos que estão enganados;
Onde aponto co'a espada nasce o Sol,
Que se mostra em desvio para o sul
Por causa da estação primaveril.
Em dois meses será mais para o norte
Que veremos seu fogo: o nobre leste
Fica pra lá, bem junto ao Capitólio.

BRUTUS

Eu quero a mão de todos, uma a uma.

CASSIUS

Juremos todos o ora resolvido.

BRUTUS

Juras, não. Se não bastam nossos rostos,
As penas de nossas almas, o mal dos tempos —
Se tais causas não bastam, desistamos
E que vão todos para a cama, em casa.
Que a tirania siga se alastrando
E o acaso nos ceife, um a um.
Porém se o fogo destes é o bastante
Para injetar coragem em covardes
E enrijecer mulheres, meus patrícios,
De que estímulo além de nossa causa
Precisamos para buscar justiça
Fora a palavra, já dada em segredo,
Que o romano não trai? Que outra jura,
Além da honestidade honestamente
Firmada, e que nos vale vida ou morte?
Juram padres, covardes e os cautelosos,
Rebotalhos e almas resignadas
Que aceitam erros; juram por más causas
Os de quem se duvida; não manchemos
A virtude sem-par de nossa empresa
Nem a nossa bravura de aço puro,
Pensando que na causa ou em seu gesto
Precisemos de jura, quando o sangue
Dos romanos, que é nobre em cada gota
Será culpado de ampla bastardia
Se quebrar, na mais mínima partícula,
Qualquer promessa que dele emanou.

CASSIUS

E quanto a Cícero; vamos sondá-lo?
Creio que nos daria forte apoio.

CASCA

Não o deixemos fora.

CINNA

Nem por nada.

METELLUS

Sim, busquemos seus cabelos brancos

Que hão de nos ganhar aprovação
E comprar vozes que nos recomendem.
Dirão que seu critério nos guiou,
Sem falar em paixão ou juventude,
Que enterrarão em sua gravidade.

BRUTUS

Nem falem nele; não lhe digam nada;
Pois ele nunca aceitará seguir
O que outros começaram.

CASSIUS

'Squeçam dele.

CASCA

Em verdade não nos serve.

DECIUS

E ninguém será tocado senão César?

CASSIUS

Boa lembrança, Decius. Não é bom
Que Antônio, tão amado que é por César,
O sobreviva; pois veremos nele
Um intrigante hábil; e se aprimora
Os meios que hoje tem, pode chegar
A nos incomodar. Para evitá-lo,
Antônio e César devem cair juntos.

BRUTUS

Nos mostraremos por demais sangrentos
Cortando os braços depois da cabeça,
Como se à ira que cerca essa morte
Se seguisse a inveja; pois Antônio
Não passa de um apêndice de César.
Oficiantes, não somos açougueiros:
Opomo-nos ao espírito de César,
E no espírito humano não há sangue.
Quem nos dera prender o seu espírito
Sem retalhar César! Mas, infelizmente,
César tem de sangrar. Meus bons amigos,
Matemos com bravura, não com ira;

Vamos trinchá-lo qual manjar pros deuses,
E não rasgar carcaça para cães.
Que nossos corações, quais sábios amos,
Mandem servos vibrar golpes irados
Parecendo, depois, repreendê-los.
Nosso objetivo assim parecerá
Necessário e não ato de invejosos;
E se os olhos do povo assim nos virem,
Nós não assassinamos, só purgamos.
Quanto a Antônio, nem pensemos nele;
Pois não faz mais do que o braço de César,
Com César sem cabeça.

CASSIUS

Pois o temo,
Só pelo grande amor que tem a César…

BRUTUS

Ai, ai, bom Cassius; nem pense mais nele:
Se ama César, o que pode fazer
É a si mesmo: pensar e matar-se,
O que é muito pra quem é sempre dado
A jogos, desatinos e muita festa.

TREBONIUS

Não há perigo nele; que não morra;
Pois se viver rirá de tudo isto.

(*O relógio badala.*)

BRUTUS

Paz! O relógio!

CASSIUS

Bateram as três.

TREBONIUS

É hora de partir.

CASSIUS

Ainda há dúvidas
Se César hoje sai de casa ou não;
Pois ele anda supersticioso,
Bem longe de sua antiga opinião
Dos sonhos, rituais e fantasias.
Os prodígios que hoje apareceram,
Os terrores tão raros desta noite,
E o que lhe predisseram os augúrios
Podem mantê-lo longe do senado.

DECIUS

Não tenham medo. Se ele pensar nisso
Eu posso convencê-lo, pois lhe apraz
Ouvir que um galho trai um unicórnio,
O vidro um urso, uma vala o elefante,
A rede o leão, e o elogio o homem.
Dizendo-lhe que odeia quem o bajula,
Ele, bem bajulado, diz que sim.
Deixem que eu o trabalho.
Pois eu sei bem domar os seus humores,
E eu hei de levá-lo ao Capitólio.

CASSIUS

Não; todos nós havemos de ir buscá-lo.

BRUTUS

A oitava hora será o limite?

CINNA

Não podemos falhar, esse é o limite.

METELLUS

Caius Ligarius tem mágoa de César,
Que o condenou por admirar Pompeu;
Espanta-me ninguém se lembrar dele.

BRUTUS

Meu bom Metellus, pode ir procurá-lo;
Ele me adora; dei-lhe bons motivos.
Mande-o pra cá que eu hei de convencê-lo.

CASSIUS

É quase dia; nós já vamos, Brutus.

Agora espalhem-se, se lembrem todos
Do que disseram sendo bons romanos.

BRUTUS

Senhores, tenham ar alegre e leve.
Nossos rostos não podem refletir
Nosso objetivo; eles devem, antes,
Ficar constantes como os dos atores
Que honram, sem cansar, os nossos palcos.
E, assim, bons dias para todos nós.
(*Saem. Permanece Brutus.*)
Menino! Lucius! Dorme? Não importa…
Aproveite o orvalho de um bom sono:
Você não vê visões e fantasias
Que dão trabalho ao cérebro dos homens;
Por isso dorme.

(*Entra Pórcia.*)

PÓRCIA

Meu senhor Brutus.

BRUTUS

Pórcia, o que é isso? Por que está de pé?
Não é bom pra saúde expor assim
Seu corpo frágil à manhã tão fria.

PÓRCIA

Tampouco para a sua. Indelicado,
Fugiu Brutus do meu leito. E inda ontem
Abandonou a mesa do jantar
Cruzando os braços pra pensar bem sério;
E quando eu perguntei o que ocorria,
Fixou-me um olhar aborrecido.
Eu insisti, mas, coçando a cabeça
Você bateu com o pé, impaciente.
Quando eu insisti mais, não respondeu.

Mas, com gesto irritado de sua mão,
Fez sinal para eu sair. Assim o fiz.
Não querendo agravar a impaciência
Já bastante insuflada e, além disso,
Esperando que fosse só um humor,
Como os que os homens sentem qualquer dia
E não deixa que comam, falem ou durmam.
Se pudesse marcar o seu aspecto
Como já fez ao seu temperamento,
Eu nem podia reconhecê-lo Brutus.
Meu senhor, conte a causa dessa dor.

BRUTUS

Não 'stou bem de saúde. É só isso.

PÓRCIA

Brutus é sábio e, com má saúde,
Iria buscar meios de curá-la.

BRUTUS

E assim faço. Vá deitar-se, Pórcia.

PÓRCIA

Brutus 'stá mal? E ao buscar a cura
Ele escapole do saudável leito
Pra enfrentar os contágios vis da madrugada,
E tentar os miasmas do ar impuro
A piorar seus males? Não, meu Brutus;
Algo doente ofende a sua mente
Que, em virtude da minha posição
Eu mereço saber. E de joelhos
Aqui conjuro, em memória da beleza
Que em mim outrora foi tão proclamada,
Pelo amor que me deu, e pela jura
Que nos incorporou e nos fez um,
Que a mim, sua metade, hoje revele
Por que 'stá triste e que homens, esta noite,
Vieram vê-lo, pois aqui estiveram
Uns seis ou sete, escondendo o rosto,
Até da escuridão.

BRUTUS

Mas não de joelhos,
Doce Pórcia.

PÓRCIA

Não me ajoelharia
Se você fosse ainda o doce Brutus.
Nos laços do himeneu, diga-me, Brutus,
É dito que eu não posso conhecer
Os seus segredos? Eu sou você mesmo;
Porém ao que parece, com limites,
Para atendê-lo bem em cama e mesa
E, às vezes, conversar? Viver na fímbria
Do seu prazer, apenas? Se é isso,
De Brutus sou rameira, não esposa.

BRUTUS

Você é minha esposa, fiel e honrada,
Tão cara quanto o sangue que me corre
No triste coração.

PÓRCIA

Se assim fosse eu saberia esse segredo.
Eu sei que sou mulher, mas, mesmo assim,
Uma mulher com quem Brutus casou,
Mulher de nome, filha de Catão;
Não serei eu mais forte que meu sexo,
Tendo tal pai e tendo tal marido?
Conte-me tudo, que eu não falarei.
Para dar forte prova de constância,
Vibrei em mim um golpe voluntário
Aqui na coxa; posso calar a dor
Porém não os segredos de um marido?

BRUTUS

Deuses! Fazei-me digno dessa esposa.
(*Batem.*)
Silêncio! 'Stão batendo. Saia, Pórcia;

E você logo há de partilhar
Todo segredo de meu coração.
Meus compromissos eu lhe explicarei,
E tudo o que sombreia a minha testa.
Saia logo…
(*Sai Pórcia.*)
Quem 'stá batendo, Lucius?

(*Entram Lucius e Ligarius.*)

LUCIUS

É um doente que quer lhe falar.

BRUTUS

É Ligarius, de que falou Metellus.
Pode ir, menino. Como está, Ligarius?

LIGARIUS

Aceite o meu bom-dia, embora fraco.

BRUTUS

Que momento escolheu, Caius Ligarius,
Pra se enfaixar. Eu quero vê-lo são!

LIGARIUS

Eu não 'stou mal se Brutus tem em mãos
Um plano que se possa chamar honra.

BRUTUS

É um plano assim que tenho em mãos, Ligarius,
Se o quiser ouvir com um ouvido saudável.

LIGARIUS

Pelos deuses aos quais se curva Roma,
Abandono a doença. Alma de Roma!
Bravo filho que vem de estirpe honrada!
Qual exorcista tu ressuscitaste
Meu espírito morto. Se me pedes,
Lutarei pr'alcançar o impossível,
Para vencer a todos. Que farei?

BRUTUS

Um trabalho que irá curar doentes.

LIGARIUS

Mas não trará doença para outros?

BRUTUS

Isso também. O que será, Ligarius,
Eu lhe direi enquanto caminhamos,
E a quem deve ser feito.

LIGARIUS

Pois caminha,
Que eu te seguirei, com o peito em chamas,
Pra fazer o que for. Para mim basta
Ser guiado por Brutus.

(*Trovões*.)

BRUTUS

Então siga-me.

(*Saem*.)

Cena II — A casa de César.

(*Raios, trovões. Entra César vestido de camisola*.)

CÉSAR

Não há paz hoje, no céu nem na terra.
Gritou Calpúrnia três vezes, dormindo:
"Socorro, mataram César!" Quem está aí?

(*Entra um Criado.*)

CRIADO

Senhor?

CÉSAR

Que os sacerdotes sacrifiquem logo
E venham me dizer o que preveem.

CRIADO

Sim, senhor.

(*Sai. Entra Calpúrnia.*)

CALPÚRNIA

O que faz, César? Pensou em sair?
Não há de pisar fora daqui hoje.

CÉSAR

César irá sair. Quem me ameaça
Só o faz pelas costas, pois ao ver
A minha face, desvanece.

CALPÚRNIA

César, jamais pensei em maus agouros
Mas hoje eles me assustam. Está lá dentro
Alguém que, além do que vimos e ouvimos,
Fala de horrores vistos pela guarda:
Uma leoa que pariu na rua,
Tumbas que, abertas, vomitaram mortos;
Guerreiros fortes lutando nas nuvens,
Em esquadrões segundo a lei da guerra,
Cujo sangue pingou no Capitólio;
O ruído da luta encheu os ares,
Cavalos relinchavam sem parar,
E fantasmas gemiam pelas ruas.

César, tais coisas são inusitadas
E eu as temo.

CÉSAR

E como evitaremos
O que é determinado pelos deuses?
Pois César sai, já que tais previsões
Servem tanto para César como para todos.

CALPÚRNIA

Não se vê cometas se morre um mendigo;
Mas há fogo no céu se morre um príncipe.

CÉSAR

Morre vivo mil vezes o covarde,
O bravo prova a morte uma só vez.
Entre todas as incompreensões,
A mais estranha é que os homens temam,
Já que a morte, afinal, é necessária,
E que chega quando chegar.
(*Entra um Criado.*)
E os augúrios?

CRIADO

Dizem que hoje não deve sair.
Arrancando as entranhas de uma ave,
A oferenda não tinha coração.

CÉSAR

Os deuses sempre humilham covardia:
Besta sem coração seria César
Se só por medo ficasse hoje em casa.
Mas César, não. O perigo bem sabe
Que eu sou mais perigoso do que ele.
Somos leões paridos num só dia,
Sendo eu o mais velho e mais terrível;
E César vai sair.

CALPÚRNIA

Ai, meu senhor,
Sua confiança matou seu critério.
Não saia hoje, diga que o meu medo

É que o prendeu em casa, não o seu.
Vamos mandar Marco Antônio ao Senado,
Pra dizer que o senhor não 'stá bem hoje.
Que eu, de joelhos, o convença disso.

CÉSAR

Marco Antônio dirá que eu não estou bem,
E que, por seu humor, eu fico em casa.
(*Entra Decius.*)
É Decius Brutus; ele lhes dirá.

DECIUS

Ave, César! Bom dia, nobre César.
Eu vim buscá-lo para ir ao Senado.

CÉSAR

E por sorte chegou na hora exata
Para ir saudar por mim os senadores,
E dizer-lhes que hoje não vou lá;
É falso que não posso ou que não ouso:
Hoje eu não vou. Diga-lhes isso, Decius.

CALPÚRNIA

Que está doente.

CÉSAR

César vai mentir?
Após tantas conquistas com este braço
Temer dizer a uns velhos a verdade?
Diga, Decius, que César não vai hoje.

DECIUS

Potente César, dê-me uma razão,
Para não rirem de mim quando falar.

CÉSAR

Só a minha vontade; hoje não vou.
Isso é o bastante pra satisfazê-los;
Mas pra satisfação somente sua,
Porque o amo, a você eu digo mais:
Minha Calpúrnia quer que eu fique em casa;

Ela ontem viu minha estátua em sonho
Que, como uma fonte de mais de cem bocas,
Jorrava sangue, enquanto bons romanos
Sorriam, e banhavam nela as mãos.
Ela a julga um aviso portentoso
De algum mal iminente e, de joelhos,
Rogou que eu hoje não deixasse a casa.

DECIUS

Mas o sonho foi mal-interpretado;
Pois essa é uma visão bela e feliz:
Sua estátua, com cem jatos de sangue,
Na qual, sorrindo, banham-se os romanos,
Quer dizer que é de si que Roma suga
Sangue que renova, e de que se buscam
Tinturas, marcas, saber e relíquias.
Assim se lê o sonho de Calpúrnia.

CÉSAR

Que você muito bem explicitou.

DECIUS

E confirma o que tenho a dizer.
Ouça agora: o Senado resolveu
Conceder hoje uma coroa a César;
Mas se mandar dizer que hoje não vai,
Talvez mudem de ideia. É um desrespeito
Que pode levar alguns a afirmar,
"Interrompamos a sessão um tempo,
Até Calpúrnia ter sonhos melhores".
Se César se esconde, talvez digam
"Vejam só; estará César com medo?"
César, perdão; é só meu grande amor
Ao seu destino que me faz falar,
Com a razão subordinada ao amor.

CÉSAR

Ficou bem todo o seu sonho, Calpúrnia!
Me envergonho de ter cedido a ele;
Dê-me o meu manto, pois eu vou sair.

(*Entram Brutus, Ligarius, Metellus, Casca, Trebonius, Cinna e Publius*.)
E veja Publius que me vem buscar.

PUBLIUS

Ave, César.

CÉSAR

Seja bem-vindo, Publius.
Ora, Brutus, já está de pé tão cedo?
Bom dia, Casca. Meu caro Ligarius,
César jamais foi tão seu inimigo
Quanto a febre que tanto o emagreceu.
Que horas são?

BRUTUS

César, já soaram as oito.

CÉSAR

A todos agradeço a cortesia.
(*Entra Antônio*.)
Vejam! Antônio, que à noite farreia,
Mesmo assim 'stá de pé. Bom dia, Antônio.

ANTÔNIO

O mesmo ao nobre César.

CÉSAR

Vá dar ordens
Que se apressem. Não gosto que me esperem.
Vamos, Cinna, Metellus e Trebonius;
Quero falar uma hora com os três;
Lembrem-se de me procurar mais logo;
Fiquem perto de mim, pra que eu me lembre.

TREBONIUS

'Stá bem, César. (*à parte*) Eu vou ficar tão perto
Que seus amigos hão de lamentar
Que'eu não tivesse ficado mais distante.

CÉSAR

Amigos, entrem para um vinho rápido;
Pois como amigos sairemos juntos.

BRUTUS

(*à parte*)
Tal paralelo não é bem, oh César,
Ideia que me agrade ao coração.

(*Saem.*)

Cena III — Uma rua perto do Capitólio.

(*Entra Artemidorus lendo um papel.*)

ARTEMIDORUS

César, cuidado com Brutus; presta atenção em Cassius; não te aproximes de Casca; fica de olho em Cinna; não confies em Trebonius; olha bem Metellus Cimber; Decius Brutus não te ama; fizeste mal a Caius Ligarius. Esses homens só têm um pensamento, que se volta contra César. Se não fores imortal, olha à tua volta. A segurança está dando lugar à conspiração, que os deuses potentes te defendam! O que te ama, Artemidorus.
Eu fico aqui até César passar
E entrego isto como petição.
Lamento que a virtude não possa
Viver longe dos dentes do invejoso.
Se leres isto, César, talvez vivas;
Se não, os fados têm letais convivas.

(*Sai.*)

Cena IV — Diante da casa de Brutus.

(*Entram Pórcia e Lucius*.)

PÓRCIA

Menino, por favor, corre ao Senado.
Não diga nada; é só ir correndo.
Por que demora?

LUCIUS

O que devo eu fazer?

PÓRCIA

Eu queria que fosse e já voltasse,
Mesmo antes de eu dizer o que fazer.
Constância, fica forte do meu lado;
Faz um muro entre o coração e a língua!
Mente de homem, força de mulher,
Como é difícil guardar um segredo!
Ainda aqui?

LUCIUS

O que é que eu faço?
É só correr até o Capitólio?
E depois volto sem fazer mais nada?

PÓRCIA

Venha dizer como passa o seu amo,
Pois 'stava adoentado; e note bem
O que faz César, quem lhe pede o quê.
Quieto, menino, que barulho é esse?

LUCIUS

Não ouço nada.

PÓRCIA

Ouça, com cuidado;
Ouvi ruídos como os de uma luta,
Com o vento que vem lá do Capitólio.

LUCIUS

Verdade, ama? Não escutei nada.

(Entra o Vidente.)

PÓRCIA

Venha cá, homem. De que lado veio?

VIDENTE

Minha senhora, eu vim de minha casa.

PÓRCIA

E que horas são?

VIDENTE

São mais ou menos nove.

PÓRCIA

Sabe se César foi ao Capitólio?

VIDENTE

Ainda não; eu vou tomar lugar
Para vê-lo passar pro Capitólio.

PÓRCIA

Você tem algo pra pedir a ele?

VIDENTE

Tenho, senhora, se agradar a César
Fazer a César o favor de ouvir-me;
Espero que seja amigo dele mesmo.

PÓRCIA

Por quê? Há quem lhe queira fazer mal?

VIDENTE

Não 'stou certo, mas sei que é bem possível.
Então, bom dia. A rua aqui é estreita;
A multidão que vem atrás de César,
Senadores, pretores e pedintes,
Quase que mata um fraco como eu;
Vou pr'aquele cantinho mais vazio;
Lá falarei com César, ao passar.

(*Sai.*)

PÓRCIA

Tenho de entrar. Ai de mim, como é fraco
O coração de uma mulher! Ai, meu Brutus,
Que os céus ajudem essa sua empresa!
(*à parte*) O menino me ouviu!
(*para Lucius*)
César não quer
Atender o que quer Brutus. (*à parte*) 'Stou fraca.
Corra, Lucius; saúda o meu senhor.
Diga-lhe que estou alegre, e volte
Pra me dizer o que lhe respondeu.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Roma. Uma rua diante do Capitólio.

(*Clarinada. Entram César, Brutus, Cassius, Casca, Decius, Metellus, Trebonius, Cinna, Antônio, Lépido, Artemidorus, Publius, Popilius e o Vidente.*)

CÉSAR

(*para o Vidente*)
Chegaram os Idos de Março.

VIDENTE

Mas inda não se foram.

ARTEMIDORUS

Ave, César! Leia esta nota.

DECIUS

Trebonius, pede-lhe que leia aqui,
Quando puder, seu humilde pedido.

ARTEMIDORUS

Leia primeiro o meu, pois meu pedido
Mais toca a César. Leia, grande César.

CÉSAR

O que a mim toca fica para o fim.

ARTEMIDORUS

Depressa, César; leia isso agora.

CÉSAR

O homem 'stá louco?

PUBLIUS

Saia do caminho.

CASSIUS

E petição é feita assim, na rua?
Entrem no Capitólio.

(*César entra no Capitólio. Os outros o seguem.*)

POPILIUS

Muito sucesso à sua empresa de hoje.

CASSIUS

Que empresa, Popilius?

POPILIUS

Passe bem.

(*Ele vai falar com César.*)

BRUTUS

Que disse Popilius Lena?

CASSIUS

Desejou sucesso à nossa empresa;
Temo que nosso plano esteja descoberto.

BRUTUS

Repare só como ele busca a César.

CASSIUS

Casca, depressa; tememos problemas.
E agora, Brutus? Se descobrem tudo,
Nem Cassius ou nem César viverão,
Pois eu me mato.

BRUTUS

Cassius, fique firme;
Popilius Lena não fala de nós.
Está sorrindo, e César não se altera.

CASSIUS

Trebonius sabe a hora; veja só
Como ele tira Antônio do caminho.

(*Saem Antônio e Trebonius.*)

DECIUS

Que é de Metellus Cimber? Está na hora
De ele fazer sua petição a César.

BRUTUS

'Stá indo. Aproximem-se e apoiem-no.

CINNA

Casca é o primeiro a levantar a mão.

CÉSAR

Estamos prontos? O que há de errado
Pra César e o Senado corrigirem?

METELLUS

(*Ajoelhando-se.*)
Meu exaltado e mui possante César,
Metellus Cimber prostra-se ante o seu trono
Um coração humilde…

CÉSAR

Chega, Cimber;
Curvaturas e grandes reverências
Podem afoguear homens comuns,

E transformar decretos e leis firmes
Em jogo de criança. Não se iluda;
Julgando tão rebelde este meu sangue,
Que se desvie da alta qualidade
E se derreta, tolo, com elogios,
Mesuras demonstrações bajuladoras.
Um decreto baniu o seu irmão;
Se por ele se curva e lambe e gane,
Eu o afasto com o pé, como a um cão.
Saiba que César não erra e, sem causa,
Não fica satisfeito.

METELLUS

Não há voz com mais força do que a minha,
E que pra César tenha tom mais doce,
Que reverta o exílio desse irmão?

BRUTUS

César, beijo-lhe a mão, sem bajular,
Para pedir que Publius Cimber possa
Contar com liberdade imediata.

CÉSAR

Como, Brutus?

CASSIUS

Perdão, César, perdão;
Aqui embaixo, a seus pés, se atira Cassius
Pra pedir que liberte Publius Cimber.

CÉSAR

Isso me tocaria se eu pudesse
Como você por isso ser tocado;
Se eu orasse, ouviria a sua prece.
Mas eu sou firme qual a Estrela d'Alva
Que, por seus muitos dotes de firmeza,
Não tem par nem igual no firmamento.
Pintam os céus milhares de faíscas,
Todas de fogo, todas rebrilhando;
Porém só uma permanece fixa.
Assim é o mundo bem fornido de homens,

Homens de carne e osso, que têm medo;
Mas nesse número só sei de um
Que mantém o seu posto, inabalável
Pela emoção; e esse um sou eu.
E vou mostrá-lo um pouco, neste caso:
Constante como fui ao punir Cimber,
E em mantê-lo banido sou constante.

CINNA

César!

CÉSAR

Chega! Quer abalar o Olimpo?

DECIUS

Grande César…

CÉSAR

Se Brutus fala em vão…

CASCA

Mãos, falem por mim!

(*Eles apunhalam César.*)

CÉSAR

Et tu, Brute? Então cai, César!

(*Morre.*)

CINNA

Liberdade! Morreu a tirania!
Corram a proclamar pelas ruas.

CASSIUS

Subam aos púlpitos e gritem alto:
Estamos livres, fomos libertados!

BRUTUS

Bom povo e senadores, não se assustem!

Não fujam; parem; a ambição foi paga!

CASCA

Suba ao púlpito, Brutus.

DECIUS

Também Cassius.

BRUTUS

Onde está Publius?

CINNA

Aqui, atônito com esse motim.

METELLUS

Resistam juntos, pra que alguém de César
Acaso não…

BRUTUS

Nada de resistência. Ânimo, Publius.
Ninguém tem intenção de fazer mal
A si ou a qualquer outro romano.
Diga-lhes, Publius.

CASSIUS

E saia, Publius, para que esse povo,
Ao nos buscar, não venha a molestá-lo.

BRUTUS

Sim, que ninguém responda pelo feito
Senão os que o fizeram.

(*Entra Trebonius*.)

CASSIUS

E Antônio?

TREBONIUS

Fugiu pra casa, assombrado.
Homens, mulheres e crianças gritam,
Fugindo ao fim do mundo.

BRUTUS

Vinde, destino;

Vamos todos morrer — é só a hora
E a espera que perturbam tanto os homens.

CASCA

Quem desta vida amputa vinte anos,
Corta esses vinte do temor da morte.

BRUTUS

Se assim for, então morte é benefício:
Nós, amigos de César, reduzimos
Seu prazo de temor. Ao chão, romanos;
Lavem as mãos nesse sangue de César,
E mais os braços, junto com as espadas;
Depois partamos juntos pro mercado,
E sacudindo as nossas rubras armas
Gritemos todos "Paz e liberdade!"

CASSIUS

Banhemo-nos. E num porvir distante
Este ato nobre há de ser encenado,
Por estados e línguas por nascer!

BRUTUS

Muito sangue de tinta há de correr
Desse César que jaz ante Pompeu,
Sem valer mais que pó.

CASSIUS

E a cada vez
Hão de chamar a nós, a este grupo,
De homens que à pátria deram liberdade.

DECIUS

Vamos sair?

CASSIUS

Sim, vamos sair todos:
Brutus à frente, nós a sua corte,
Feita de ousada elite de romanos.

(*Entra um Criado.*)

BRUTUS

Mas quem vem lá? É um amigo de Antônio.

CRIADO

(*Ajoelhando-se.*)
Pediu meu amo que me ajoelhasse;
Antônio me ordenou que assim caísse;
E só após prostrado assim dissesse:
Brutus é nobre, sábio, bravo e honesto;
César foi poderoso, régio e amante;
Diga que eu amo Brutus e que o honro;
Que a César eu temi, honrei e amei.
Se Brutus permitir que Marco Antônio
O veja em segurança e a ele explique
Como César mereceu sua morte,
Ele não amaria César morto
Mais do que a Brutus vivo, e seguiria
A fortuna e as ações do nobre Brutus
Pelos percalços do Estado atônito,
De boa-fé. Assim falou Antônio.

BRUTUS

Teu amo é um romano bravo e sábio;
Eu nunca o julguei menos que isso.
Diz-lhe que se quiser vir ter aqui
Ficará satisfeito; e empenho minha honra
Que partirá ileso.

CRIADO

Irei buscá-lo.

(Sai o Criado.)

BRUTUS

Sei que nele teremos um amigo.

CASSIUS

Espero; mas em minha mente o temo;

E geralmente aquilo que me assusta
Condiz com a realidade.

(Entra Antônio.)

BRUTUS

Mas ei-lo aí. Bem-vindo, Marco Antônio.

ANTÔNIO

Potente César! Como jazes baixo!
Será que glórias, saques e conquistas
Encolhem tanto assim? Que passes bem.
Senhores, eu não sei o que planejam,
Quem mais deve sangrar, quem julgam podre;
Se sou um deles não há melhor hora
Que a da morte de César, e nem armas
Que valham essas suas, que estão ricas
Com o sangue mais nobre deste mundo.
Eu lhes imploro, se me querem mal,
Que agora, enquanto as rubras mãos tresandam,
Tenham o seu prazer. Pois em mil anos
Nunca estarei tão pronto para a morte;
Nenhum lugar ou instrumento fatídico
Me agradará como este, junto a César,
Ceifado pelos homens que reúnem
A nata e a inteligência destes tempos.

BRUTUS

Antônio, não nos peça a sua morte.
Podemos parecer cruéis, sangrentos,
E assim as nossas mãos e os nossos atos
Levam a crer. Você só vê as mãos
E o gesto sangrento que cumpriram;
Não nossos corações, que têm piedade,
E por piedade dos males de Roma —
Como o fogo extingue um outro fogo,
E a piedade que mata por piedade —
Foi isto feito a César. Para Antônio

Nossas espadas têm pontas de chumbo;
Nossos braços cruéis e corações
De têmpera fraterna o recebem
Com amor, bons pensamentos e respeito.

CASSIUS

Com voz tão forte quanto todas mais
Na alocação de novas dignidades.

BRUTUS

Tenha só paciência até acalmarmos
A multidão fora de si de medo,
Quando então lhe daremos os motivos
Por que, amando César, ao matá-lo
Assim eu procedi.

ANTÔNIO

Sei que foi sábio.
Me deem todos suas mãos sangrentas.
Primeiro, Brutus, eu aperto a sua;
E a seguir a sua, Caius Cassius;
Agora Decius Brutus e Metellus;
A sua, Cinna; a sua, valente Casca;
Por fim, com igual amor, o bom Trebonius;
Cavalheiros, que posso dizer eu?
Meu crédito está hoje tão precário
Que hão de julgar-me mal de um modo ou outro:
Por ser covarde ou bajulador.
Que a ti amei, oh César, é verdade!
Se a tua alma, então, ora nos vê,
Não há de lamentar mais do que a morte
Ver teu Antônio aqui buscando a paz,
Cerrando as mãos sangrentas do inimigo,
Todos tão nobres, diante do teu corpo?
Se tantas chagas fossem olhos meus,
Jorrando com o sangue que perdeste,
Faria eu melhor do que buscando
Ter a amizade dos teus inimigos.
Perdoa, Júlio, corça aqui caçada!

Aqui caíste e aqui teus caçadores
Eu vejo rubros com as tuas entranhas.
O mundo foi o bosque dessa corça,
E deste mundo foste o coração.
E como caça abatida por príncipes
Aí jazes tu!

CASSIUS

Marco Antônio…

ANTÔNIO

Perdoe, Caius Cassius;
Se inimigos de César assim falam,
Isto é comedimento em um amigo.

CASSIUS

Não o condeno por louvar a César;
Mas que acordo deseja ter conosco?
Deseja ser contado entre os amigos,
Ou não devemos depender de si?

ANTÔNIO

Tomei suas mãos por isso, mas, de fato,
Perdi meu rumo quando olhei pra César.
Sou amigo de todos, amo a todos,
Só esperando saber suas razões
E como e quando César foi perigo.

BRUTUS

Não sendo, isto era um quadro de carnagem!
Nossas razões são tão justas e certas
Que até se César fosse pai de Antônio,
Antônio ficaria satisfeito.

ANTÔNIO

É o que quero. E peço apenas, mais,
Pra apresentar seu corpo no mercado
E lá, segundo cabe a um seu amigo,
Falar no rito de seu funeral.

BRUTUS

E assim fará!

CASSIUS

Uma palavra, Brutus
(*à parte, para Brutus*)
Você não sabe o que faz; não consinta
Que nesses ritos fale Marco Antônio.
Não vê que o povo pode comover-se
Com o que ele há de lhes dizer?

BRUTUS

Perdão:
Eu subirei ao púlpito primeiro,
Dando as razões por que matamos César.
O que Antônio puder falar, eu assegurarei
Ele dirá por nossa permissão,
E que a nós satisfaz que César tenha
As cerimônias e os ritos legais,
Isso só nos fará bem, e nunca mal.

CASSIUS

(*à parte, para Brutus*)
Não sei o que será, mas eu não gosto.

BRUTUS

Eis o corpo de César; tome-o, Antônio.
Não fale contra nós no funeral,
Mas diga o que quiser de bem de César,
Dizendo que tem nossa permissão.
Se assim não for, não poderá ter parte
No funeral de César. E seu discurso
Virá do mesmo púlpito que o meu,
Depois que eu acabar.

ANTÔNIO

Assim 'stá bem.
Eu não desejo mais.

BRUTUS

Prepare, então, o corpo, e depois siga-nos.

(*Saem. Antônio permanece.*)

ANTÔNIO

Eu te imploro perdão, barro sangrento,
Por ser servil ante esses assassinos.
És a ruína do homem mais nobre
Que jamais houve na maré dos tempos.
Pobre da terra que te derramou
O nobre sangue! E ante as tuas chagas —
Que abrem mudas os lábios de rubi
Pra pedir voz a esta minha língua —
Eu juro que uma praga há de abater-se;
Fúria doméstica e luta civil
Virão cobrir a Itália toda inteira.
Tão comuns serão sangue e destruição,
Horrores serão tão familiares,
Que mães irão sorrir ao deparar
Com o filho esquartejado pela guerra,
Sufocada a piedade pelo hábito:
E a alma de César pedirá vingança
Vinda do inferno, com Atê ao lado,
E com voz de monarca nestas plagas
Soltará com alarma os cães da guerra,
Até que este ato feda toda a terra
Com corpos podres a implorar enterro.
(*Entra um Criado de Otávio.*)
Você é servidor de Otávio César?

CRIADO

Sou, Marco Antônio.

ANTÔNIO

César lhe escreveu chamando-o a Roma.

CRIADO

Ele está vindo, por ter lido as cartas,
Pedindo que eu dissesse a ele mesmo…
Oh, César!

ANTÔNIO

Vi que tem coração. Vá chorar só.
A paixão tem contágio, pois meus olhos,
Vendo pingos de dor tremer nos seus,
Também correram. Seu amo não vem?

CRIADO

Hoje dorme a sete léguas de Roma.

ANTÔNIO

Vá depressa contar-lhe o ocorrido;
Roma está enlutada e perigosa,
Ainda sem segurança para Otávio.
Vá logo dizer isso a ele. Espere:
Não vá antes que eu leve este cadáver
Para o mercado, aonde irei testar
Com meu discurso a reação do povo
À ação cruel desses homens sangrentos.
Segundo o que ocorrer, você relata
A Otávio em que estado estão as coisas.
Me dê a mão.

(*Saem.*)

Cena II — O Fórum.

(*Entram Brutus, que sobe ao púlpito, e Cassius com os Plebeus.*)

PLEBEUS

Queremos satisfação, deem-nos uma satisfação.

BRUTUS

Então, amigos, deem-me sua atenção.
Cassius, vá você para a outra rua,
E repartamos essa gente.
Os que quiserem me ouvir, fiquem aqui;

Quem quiser seguir Cassius, vá com ele,
E a todos serão dadas as razões
Da morte de César.

1º PLEBEU

Quero ouvir Brutus.

2º PLEBEU

Vou ouvir Cassius, para compararmos
As razões que eles dão em separado.

(*Sai Cassius com alguns Plebeus*.)

3º PLEBEU

O nobre Brutus subiu. Silêncio!

BRUTUS

Ouvi com paciência até o fim. Romanos, compatriotas e amigos! Ouvi-me por minha causa, e ficai em silêncio para poder ouvir. Acreditai-me por minha honra, e respeitai minha honra para poder acreditar. Censurai- -me em vossa sabedoria e despertai vossos sentidos para julgar melhor. Se houver alguém nesta assembleia, algum querido amigo de César, a ele eu direi que o amor de Brutus por César não foi menor do que o seu. Se então ele perguntar por que Brutus levantou-se contra César, esta é a minha resposta: não foi porque amei menos a César, mas porque amei mais a Roma. Preferiríeis vós que César estivesse vivo, para que morrêsseis todos escravos, a que César estivesse morto, para viverdes livres? Porque César me amava, choro por ele; porque foi feliz, regozijo-me; porque foi bravo, honro-o; mas porque era ambicioso, matei-o. Há lágrimas por seu amor, regozijo por sua felicidade, honra por sua bravura e morte por sua ambição. Quem há aqui tão baixo que quisesse ser escravo? Se há alguém, que fale; pois a ele eu ofendi. Quem há aqui tão rude que não quisera ser romano? Se há alguém, que fale; pois a ele eu ofendi. Quem há aqui tão vil que não ame o seu país? Se há alguém, que fale; pois a ele eu ofendi. Espero uma resposta.

TODOS

Ninguém, Brutus, ninguém.

BRUTUS

Então não ofendi ninguém. Não fiz mais a César do que farieis vós a Brutus. Toda a questão de sua morte está lavrada no Capitólio; sua glória não está diminuída, pois ele a mereceu; nem são exageradas as suas culpas, pelas quais ele morreu.
(*Entram Marco Antônio e outros, com o corpo de César.*)
Eis que chega o seu corpo, pranteado por Marco Antônio que, muito embora não tenha participado de sua morte, receberá como benefício de seu passamento seu lugar na comunidade. E a qual de vós não acontecerá o mesmo? Com isso eu parto, eu que assassinei aquele a quem amava pelo bem de Roma, e tenho a mesma adaga para mim, quando aprouver ao meu país ter a necessidade da minha morte.

TODOS

Vive, Brutus, vive!

1º PLEBEU

Vamos levá-lo em casa, com um desfile.

2º PLEBEU

Fazer-lhe a estátua junto aos ancestrais.

3º PLEBEU

Que ele seja César.

4º PLEBEU

E o melhor.
De César será coroado em Brutus.

BRUTUS

Meus patrícios…

2º PLEBEU

Silêncio! Fala Brutus.

1º PLEBEU

Silêncio, todos!

BRUTUS

Bons patrícios, deixai-me partir só;
E, se me querem bem, fiquem com Antônio.
Honrem César e atentem pro discurso

Que glorifica César e que Antônio,
Com nossa permissão, pode fazer.
Peço para ninguém sair daqui.
Senão eu mesmo, até falar Antônio.

1º PLEBEU

Fiquem, então, para ouvir Marco Antônio.

3º PLEBEU

Que ele suba à plataforma pública;
Vamos ouvi-lo. Suba, nobre Antônio.

ANTÔNIO

Sou vosso devedor, graças a Brutus.

1º PLEBEU

César foi um tirano.

3º PLEBEU

Isso é certo.
É uma bênção ver Roma livre dele.

2º PLEBEU

Vamos ouvir o que nos diz Antônio.

ANTÔNIO

Bons romanos…

TODOS

Vamos ouvi-lo! Quietos!

ANTÔNIO

Amigos, cidadãos de Roma, ouvi-me;
Venho enterrar a César, não louvá-lo.
O mal que o homem faz vive após ele,
O bem se enterra às vezes com seus ossos.
Com César que assim seja. O honrado Brutus
Disse que César era ambicioso;
Se isso é verdade, era uma dura falta,
E duramente César a pagou.
Com permissão de Brutus e dos outros
(Pois Brutus é um homem muito honrado,
Tal como os outros, todos muito honrados.)
Venho falar no funeral de César.
Foi meu amigo, justo e dedicado;

Mas Brutus diz que ele era ambicioso,
E Brutus é um homem muito honrado.
Ele trouxe pra Roma mil cativos
Cujo resgate enchia os nossos cofres;
Mostrou-se assim a ambição de César?
Quando o pobre clamava, ele sofria:
Ambição deve ter mais duro aspecto;
Mas Brutus diz que ele era ambicioso,
E Brutus é um homem muito honrado.
Vós todos vistes que, no Lupercal,
Três vezes lhe ofertei a real coroa:
Três vezes recusou. Isso é ambição?
Mas Brutus diz que ele era ambicioso
E sabemos que é um homem muito honrado.
Não falo pra negar o que diz Brutus
Mas para aqui dizer tudo o que sei:
Todos vós o amastes, não sem causa;
Que causa vos impede de chorá-lo?
Bom senso, hoje existes só nas feras;
O homem perde a razão! Mas perdoai-me,
Meu coração com César vai, no esquife,
E eu calarei até que ele me volte.

1º PLEBEU

Acho que tem razão no que ele diz.

2º PLEBEU

Pensando bem em toda essa questão,
César foi muito injustiçado.

3º PLEBEU

Muito!
Eu só temo que venha outro pior.

4º PLEBEU

Ouviram? Ele não quis a coroa;
É óbvio que não era ambicioso.

1º PLEBEU

E se não era, alguém vai pagar caro.

2º PLEBEU

Vejam seus olhos, rubros de chorar!

3º PLEBEU

Não há romano mais nobre do que Antônio.

4º PLEBEU

Escutem! Ele vai falar de novo.

ANTÔNIO

Ainda ontem, com uma palavra,
César enfrentava o mundo. Hoje, ali,
Não tem um só mendigo para honrá-lo.
Oh, senhores! Quisesse eu comover-vos,
Em mente e coração até a revolta,
Faria mal a Brutus, mal a Cassius,
Que vós sabeis serem homens bem honrados.
Mas não lhes farei mal; prefiro, antes,
Fazê-lo ao morto, a vós e a mim mesmo,
Do que fazê-lo a homens tão honrados.
Eis um escrito com o selo de César;
Achei-o no seu quarto; é a sua palavra.
Se o povo ouvisse aqui seu testamento,
O qual, perdão, eu não pretendo ler,
Ele iria beijar essas feridas,
Molhar seus lenços no sangue sagrado,
Tentar guardar um cabelo de César
E, ao morrer, haveria de testar,
Deixando-o qual legado precioso,
Aos seus herdeiros.

4º PLEBEU

Nós queremos ouvi-lo. Leia, Antônio.

TODOS

O testamento! A vontade de César!

ANTÔNIO

Paciência, povo bom; mas eu não devo.
Não podeis conhecer o amor de César!
Não sois pau nem sois pedra: vós sois homens;
E, homens, conhecendo o testamento,
Vós ficaríeis loucos, inflamados.

É mau saberdes que vós sois herdeiros;
Pois se o soubésseis, que haveria então?

4º PLEBEU

Nós queremos ouvi-lo! Leia, Antônio!
Tem de ler o testamento de César!

ANTÔNIO

Não podem esperar? Ter paciência?
Eu fui longe demais falando nisso.
Temo magoar esses homens honrados,
Cujos punhais assassinaram César!

4º PLEBEU

Eram traidores! Que homens honrados!

TODOS

O testamento! A palavra de César!

2º PLEBEU

São vilões e assassinos! Leia logo!

ANTÔNIO

Quereis forçar-me a ler o testamento?
Ficai então à roda do cadáver
Que eu mostrarei quem fez o testamento.
Devo descer? Tenho a vossa licença?

TODOS

Desça!

(*Antônio desce do púlpito.*)

2º PLEBEU

Desça!

3º PLEBEU

Nós permitimos!

4º PLEBEU

Aqui! Façam um círculo!

1º PLEBEU

Vamos ficar afastados do corpo!

2º PLEBEU

Deixem espaço para o nobre Antônio!

ANTÔNIO

Não me aperteis assim; ficai mais longe!

TODOS

Para trás! Abram espaço! Para trás!

ANTÔNIO

Se tendes lágrimas, chorai agora.
Conheceis este manto. Eu inda lembro
A vez primeira em que ele o usou:
Era tarde de estio; em sua tenda,
No mesmo dia em que venceu os Nérvios.
Vede aqui onde Cassius o feriu,
E onde o rasgou a inveja de Casca.
Aqui o apunhalou o amado Brutus,
E quando este puxou pra fora a faca,
Vede o sangue de César a segui-la,
Assim como se corresse porta afora
Pra ver se o golpe fora do cruel Brutus.
Pois esse Brutus, como vós sabeis,
Era o anjo de César. Vós, oh deuses,
Julgai o quanto César o amava!
Essa foi a ferida mais cruel,
Pois quando César o viu golpeando-o,
A ingratidão, mais forte que os traidores,
Venceu e arrebentou seu coração;
E, protegendo o rosto com seu manto,
Junto à base da estátua de Pompeu,
Todo em sangue, caiu o grande César.
E que queda foi essa, meus patrícios!
Pois então vós e eu caímos todos,
Com o triunfo sangrento da traição.
Ora chorais e eu vejo que sentis
Dor e piedade. Esse é um belo pranto.
Por que chorais se vedes tão apenas
As feridas de um manto? Olhai agora,

Pra ver como a traição feriu seu corpo.

(*Antônio arranca o manto.*)

1º PLEBEU

Que espetáculo triste!

2º PLEBEU

Oh, nobre César!

3º PLEBEU

Que dia horrível!

4º PLEBEU

Oh, traidores! Vilões!

1º PLEBEU

Que visão sangrenta!

2º PLEBEU

Queremos vingança.

TODOS

Vingança! Vamos! Busquem! Queimem! Torrem!
Matem! Cacem! Não deixem vivo nem um só traidor!

ANTÔNIO

Esperem, meus patrícios.

1º PLEBEU

Calma! Vamos ouvir o nobre Antônio!

2º PLEBEU

Temos de ouvi-lo, de segui-lo, de morrer com ele.

ANTÔNIO

Bons amigos, não quero eu instigar-vos
Uma repentina onda de revolta.
Os que fizeram isso são honrados.
Lamento não saber as causas íntimas
Que os motivaram. São sábios e honrados,
E estou certo que vos darão razões.
Não vim roubar os vossos corações;
Eu não sou, como Brutus, orador:

Como sabeis, eu sou um homem simples
Que ama o seu amigo e bem o sabem
Os que deixaram que eu falasse dele.
Faltam-me espírito, palavra e mérito,
E força de expressão e de oratória
Pr'acalorar os homens; eu só falo.
Eu vos disse o que vós mesmos sabeis,
Eu só mostrei as feridas de César,
Pobres bocas, a cujos lábios mudos
Pedi que vos falassem. Fosse eu Brutus,
E fosse ele Antônio, esse Antônio
Poderia agitar vossos espíritos,
Dando uma língua a cada ferimento,
E havendo de levar todas as pedras
De Roma a amotinar-se num levante.

TODOS

Nós nos levantaremos.

1º PLEBEU

Vamos queimar a casa de Brutus!

3º PLEBEU

Em frente! Vamos pegar os conspiradores.

ANTÔNIO

Ouvi-me, conterrâneos, no que digo.

TODOS

Silêncio! Ouçam Antônio, o mais nobre Antônio!

ANTÔNIO

Amigos, não sabeis o que fazeis.
Qual a razão de vosso amor por César?
Ah, não sabeis! Pois devo então dizer-vos:
Vós esquecestes já do testamento.

TODOS

É verdade! O testamento! Vamos parar para ouvir o testamento.

ANTÔNIO

Aqui está ele, e selado por César.
Aos cidadãos romanos ele deixa,
A cada um, setenta e cinco dracmas.

2º PLEBEU

Nobre César! Nós temos de vingá-lo!

3º PLEBEU

Oh, régio César!

ANTÔNIO

Ouvi com paciência.

TODOS

Quietos! Silêncio!

ANTÔNIO

Além disso, deixou-vos seus passeios,
Seus bosques e pomares mais recentes,
Nesta margem do Tibre, para vós
E vossos filhos, pra sempre, pra terdes
O prazer do recreio ao ar livre.
Esse era um César! Quando haverá outro?

1º PLEBEU

Nunca, nunca! Vamos, vamos todos!
Vamos queimar seu corpo em solo sacro,
Depois atear fogo nos traidores.
Peguem o corpo.

2º PLEBEU

Vão buscar fogo.

3º PLEBEU

Arranquem os bancos.

4º PLEBEU

Os bancos, as janelas, qualquer coisa.

(*Saem os Plebeus com o corpo*.)

ANTÔNIO

Agora é só soltar. E que a maldade,
Que tomou vida, vá pr'onde quiser.
(*Entra um Criado*.)
O que é, rapaz?

CRIADO

Senhor, Otávio já chegou a Roma.

ANTÔNIO

E onde está?

CRIADO

'Stá na casa de César; 'stá com Lépido.

ANTÔNIO

Onde irei, logo, logo, visitá-lo.
Veio a calhar; a Fortuna está rindo,
E neste clima pode nos dar tudo.

CRIADO

Eu o ouvi dizer que Cassius e Brutus
Deixaram Roma, loucos, a cavalo.

ANTÔNIO

Na certa por ouvir até que ponto
Eu comovi o povo. Agora, a Otávio.

(*Saem.*)

Cena III — Roma. Uma rua.

(*Entram Cinna, o Poeta, e atrás dele o Povo.*)

CINNA

Eu sonhei 'star com César numa festa;
Porém, o azar manchou-me a fantasia.
Mesmo sem ter vontade de sair
Algo me guia para adiante.

1º PLEBEU

Qual é o seu nome?

2º PLEBEU

Para onde está indo?

3º PLEBEU

Aonde mora?

4º PLEBEU

É casado ou solteiro?

2º PLEBEU

Responda claramente a todos.

1º PLEBEU

E depressa.

4º PLEBEU

E com sabedoria.

3º PLEBEU

E é melhor que fale a verdade.

CINNA

Qual é o meu nome? Onde estou indo? Onde moro? Sou casado ou solteiro? Para responder a todos depressa e com sabedoria, sabiamente direi que sou solteiro.

2º PLEBEU

Isso é o mesmo que dizer que quem se casa é bobo.
Só por isso já vou dar um bofetão. Continue.

CINNA

Estou indo para o funeral de César.

1º PLEBEU

Como amigo ou inimigo?

CINNA

Como amigo.

2º PLEBEU

Essa teve resposta clara.

4º PLEBEU

Depressa, o endereço.

CINNA

Moro perto do Capitólio.

3º PLEBEU

E o seu nome, senhor, de verdade.

CINNA

Em verdade, meu nome é Cinna.

1º PLEBEU

Acabem com ele! É um conspirador!

CINNA

Eu sou Cinna, o poeta, Cinna, o poeta.

4º PLEBEU

Matem-no por seus maus versos! Matem-no por seus maus versos!

CINNA

Eu não sou Cinna, o conspirador.

4º PLEBEU

Não importa. Ele se chama Cinna; é só arrancar-lhe o nome do coração, e depois mandá-lo embora!

3º PLEBEU

Matem! Matem!

(*Eles atacam*.)

TODOS

Vamos! Peguem brasas, muitas brasas! Pra casa de Brutus! E de Cassius! Queimem tudo! Vão uns pra casa de Decius, outros de Casca, e outros pra de Ligarius. Andem! Vamos logo!

(*Saem os Plebeus com o corpo de Cinna*.)

ATO IV

Cena I — Roma. Uma sala na casa de Antônio.

(*Entram Antônio, Otávio e Lépido*.)

ANTÔNIO

Estes morrem; eu já marquei os nomes.

OTÁVIO

Seu irmão morre; 'stá de acordo, Lépido?

LÉPIDO

Estou.

OTÁVIO

Marque o seu nome, então, Antônio.

LÉPIDO

Sob condição que morra também Publius,
Que é filho de sua mana, Marco Antônio.

ANTÔNIO

Não viverá. Com esta marca o condeno.
Vá à casa de César você, Lépido;
E traga o testamento, pra julgarmos
Que itens é preciso eliminar.

LÉPIDO

Nos encontramos aqui?

OTÁVIO

No Capitólio.

(*Sai Lépido.*)

ANTÔNIO

Ele é um homem sem peso e sem mérito;
É bom pra ser mandado. Será certo
Num mundo tripartido que ele seja
Um dos três contemplados?

OTÁVIO

Pois pensou
Que sim, ao consultá-lo sobre as mortes,
As sentenças mais duras, banimentos.

ANTÔNIO

Otávio, já vivi mais que você;
Nós cobrimos de honras esse homem

Pra nos poupar de ataques e calúnias.
E como um asno ele carrega ouro
E grunhe e sua ao peso das tarefas,
Pra lá, pra cá, segundo nós mandamos.
Depois de transportar nosso tesouro,
Nós o descarregamos e soltamos
Pro asno sacudir suas orelhas
E pastar por aí.

OTÁVIO

Como quiser;
Mas é soldado bom e experiente.

ANTÔNIO

Meu cavalo também; por isso, Otávio,
Eu lhe reservo uma ração bem farta:
É um ser que eu treinei para lutar,
Correr, parar, atacar bem de frente,
Com minha mente a controlar seu corpo.
De certa forma, Lépido é assim:
Tem de ser ensinado e comandado;
Um espírito estéril, se alimenta
De coisas, artes ou imitações
Que, descartadas já por outros homens,
Ele toma por novas. Não o julgue
Mais que uma ferramenta. E agora, Otávio,
Ouça as boas-novas: Brutus e Cassius
'Stão se armando. Nós temos de agir logo;
Acertemos portanto nossa aliança,
Procuremos amigos e recursos
E resolvamos logo, num conselho,
Como melhor falar do inda oculto,
E responder ao que é perigo certo.

(*Saem.*)

OTÁVIO

Assim façamos; estamos cercados,
Atacados por muitos inimigos;
E muitos sorridentes corações
Geram maldades.

(*Saem.*)

Cena II — Acampamento perto de Sardes. Em frente à tenda de Brutus.

(*Rufam tambores. Entram Brutus, Lucilius, Lucius e o Exército. Titinius e Pindarus vêm ao seu encontro.*)

BRUTUS

Alto!

LUCILIUS

Qual é a senha? Alto!

BRUTUS

Como é Lucilius; Cassius já 'stá perto?

LUCILIUS

Está bem perto, e Pindarus 'stá aqui,
Pra nos trazer saudações de seu amo.

BRUTUS

Estou honrado. Mas seu amo, Pindarus,
Mudado em si, ou tendo maus agentes,
Deu-me razões demais pra desejar
Fosse desfeito o muito que foi feito.
Porém, se ele está prestes a chegar,
'Stou satisfeito.

PINDARUS

Eu não tenho dúvidas
De que meu nobre amo há de chegar

Tal como é, honrado e valoroso.

BRUTUS

Sem dúvida. Lucilius, uma palavra;
Como ele o recebeu? Quero saber.

LUCILIUS

Com bastante respeito e cortesia,
Mas não com aquela familiaridade,
E nem co'a amistosa liberdade
De outros tempos.

BRUTUS

Você descreveu
Um amigo que esfria. Meu Lucilius,
Todo amor que enfraquece e entra no ocaso
Adquire logo um ar de cerimônia.
O que é simples e aberto não tem truques;
O homem falso — e o cavalo esquentado —
Sempre querem mostrar tudo o que podem.
(*Uma marcha toca, baixo, fora.*)
Mas na hora de resistir à espora
Baixam a crina e, maus pangarés,
São reprovados. Ele traz a tropa?

LUCILIUS

Pretendem acampar já hoje em Sardes;
A maior parte, com a cavalaria,
Chega com Cassius.
(*Entra Cassius com suas Tropas.*)
Veja! Estão aí!
Avancem com cautela pra encontrá-lo.

CASSIUS

Alto!

BRUTUS

Alto aí, e passe adiante a ordem.

1º SOLDADO

Alto!

2º SOLDADO

Alto!

3º SOLDADO

Alto!

CASSIUS

Você me injustiçou, meu nobre irmão.

BRUTUS

Deuses! Sou eu injusto co'o inimigo?
Se não, por que magoar a um irmão?

CASSIUS

Seu ar solene, Brutus, cobre injúrias,
E quando as faz…

BRUTUS

Melhor ter calma, Cassius.
Reclame baixo, eu o conheço bem.
Diante dos olhos de nossos exércitos,
Que entre nós dois só devem ver amor,
Não vamos brigar. Mande que se afastem;
E em minha tenda faça as suas queixas,
Que eu ouvirei.

CASSIUS

Vá dar as ordens, Pindarus,
Pra todo comandante e sua tropa
Livrar um pouco este terreno.

BRUTUS

Lucius, faça outro tanto, e que ninguém
Entre na tenda antes de terminarmos.
Lucilius e Titinius montam guarda.

(*Saem todos, menos Brutus e Cassius*.)

Cena III — Na tenda de Brutus.

(*Brutus e Cassius*.)

CASSIUS

Foi clara a sua ofensa contra mim:
Condenou e destratou Lucius Pella,
E o disse subornado pelos sardos;
E a minha carta de apoio a ele,
Que é meu amigo, não teve atenção.

BRUTUS

A si mesmo ofendeu, ao escrevê-la.

CASSIUS

Não é correto em hora como esta
Ficar notando assim qualquer deslize.

BRUTUS

Pois eu lhe digo, Cassius: você mesmo
É condenado por mostrar ganância
E vender postos a peso de ouro
A quem não os merece.

CASSIUS

Por ganância!
Só Brutus é que fala assim comigo:
Um outro eu calaria para sempre.

BRUTUS

Se Cassius dá seu nome à corrupção,
Ele obriga o castigo a se esconder.

CASSIUS

Castigo!

BRUTUS

Deve lembrar-se dos Idos de Março;
Não sangrou César por justiça, então?
Que vilão o tocou, o apunhalou,
Senão pela justiça? E ora um de nós,
Que assassinamos o melhor dos homens
Por proteger ladrões, havemos nós
De nos sujarmos com subornos sórdidos,

Ou vender nossa honra em grandes nacos
A qualquer lixo capaz de alcançá-los?
Prefiro ser um cão a uivar pra lua
Do que um tal romano.

CASSIUS

Calma, Brutus;
Não posso suportar provocações.
Esquece de quem sou ao pressionar-me;
Eu sou soldado e como tal mais velho
E mais experiente que você
Pra fixar condições.

BRUTUS

Não é, não, Cassius.

CASSIUS

Sou, sim.

BRUTUS

Eu digo que não é.

CASSIUS

Não me tente ou esqueço de mim mesmo.
Pense em sua saúde, e não me tente.

BRUTUS

Vá embora, irresponsável!

CASSIUS

É possível?

BRUTUS

Ouça o que vou dizer.
Devo eu ceder à sua raiva tola?
Ter medo dos olhares de um insano?

CASSIUS

Deuses! Como hei de suportar tudo isso?

BRUTUS

Tudo isso e muito mais ainda.
Ou cujo peito estoura de gritar?
Vá mostrar cólera aos seus escravos,
Fazer tremer seus servos. Eu, ceder?
Devo eu ouvi-lo? Devo eu encolher-me

Por sua irritação? Mas, pelos deuses,
Você há de engolir seu próprio fel,
Mesmo que o estoure; e a partir de hoje
Eu só o usarei pra gargalhar
Quando irritar-se.

CASSIUS

Mas chegou a isto?

BRUTUS

Você se diz melhor soldado:
Pois mostre-o; comprove o que proclama.
É um prazer pra mim. E, do meu lado,
Eu gosto de aprender com homens nobres.

CASSIUS

Você me fez toda espécie de injúria;
Disse que era mais velho; não melhor.
Eu disse melhor?

BRUTUS

Se disse, não me importa.

CASSIUS

Nem César vivo me falava assim.

BRUTUS

Nem você ousaria assim tentá-lo.

CASSIUS

Não ousaria?

BRUTUS

Não.

CASSIUS

O quê? Não ousaria assim tentá-lo?

BRUTUS

Nunca na vida.

CASSIUS

Não se fie demais no meu amor,
Ou farei algo de que me arrependa.

BRUTUS

Você já fez por que se arrepender;
Não há terror nas suas ameaças.

A honestidade me arma de tal modo
Que elas passam por mim como uma brisa
Que eu não respeito. Eu mandei pedir-lhe
Um tanto em ouro que você negou-me:
Não sei obter dinheiro com baixezas;
Hei de antes cunhar meu coração
E dar sangue por dracmas que arrancar
Migalhas da mão dura do campônio
Por meios vis. Eu lhe mandei pedir
Ouro para pagar as legiões.
Você negou. É assim que age Cassius?
Responderia eu assim a Cassius?
Se Marcus Brutus foi um dia avaro
A ponto de negar isso a um amigo,
Que os deuses 'stejam prontos pr'arrasá-lo
Só com seus raios!

CASSIUS

Não lhe neguei nada.

BRUTUS

Negou.

CASSIUS

Não era mais que um tolo
O que trouxe a resposta. Brutus, hoje,
Partiu-me o coração. Um bom amigo
Perdoa em outro amigo suas fraquezas;
As minhas Brutus faz mais do que são.

BRUTUS

Eu só o fiz quando elas me afetaram.

CASSIUS

Não me ama mais.

BRUTUS

Não amo os seus defeitos.

CASSIUS

Mas um olhar amigo não os vê.

BRUTUS

Nem o bajulador, mesmo que fossem

Do tamanho do Olimpo.

CASSIUS

Que venha Antônio com o menino Otávio,
Pra que se vinguem ambos de Cassius,
Pois Cassius 'stá cansado deste mundo!
Odiado por quem ama, pelo irmão;
Tratado como escravo, com os defeitos
Contados, anotados, decorados,
E atirados na cara! Meu espírito
Posso verter em pranto. A minha adaga
Aqui está, com o meu peito nu;
Meu coração vale bem mais que ouro,
Se você é romano, arranca-o fora.
Eu que lhe neguei ouro, dou-o agora.
Fira-me, como a César, pois eu sei
Que mesmo ao odiá-lo, amou-o mais
Que jamais amou Cassius.

BRUTUS

Guarde a lâmina.
Pode expressar à larga a sua ira;
Tomarei por humor os seus insultos.
Oh, Cassius, seu parceiro é um cordeiro
Cuja raiva, qual fogo em pederneira,
Se provocada sai como faísca,
Mas logo esfria.

CASSIUS

Cassius viveu tanto
Pra ser o bobo do qual Brutus ri,
Quando a dor e os problemas o perturbam?

BRUTUS

Ao dizê-lo, eu estava perturbado.

CASSIUS

Então confessa? Dê-me a sua mão.

BRUTUS

E o coração.

CASSIUS

Ah, Brutus!

BRUTUS

O que há?

CASSIUS

O seu amor não poderá aturar-me
Quando o humor que herdei de minha mãe
Me faz errar?

BRUTUS

Claro, e de agora em diante
Se você se exceder junto ao seu Brutus,
Ele ouve sua mãe e fica nisso.

(*Entra um Poeta, seguido por Lucilius, Titinius e Lucius*.)

POETA

Eu quero entrar pra ver os generais;
Estão em desacordo, e não é certo
Que fiquem sós.

LUCILIUS

Não pode entrar pra vê-los.

POETA

Só a morte me impede.

CASSIUS

Então? O que é que há?

POETA

Generais, que vergonha! O que desejam?
Têm o dever de amar-se como amigos.
Eu já vivi bem mais que um e outro…

CASSIUS

Mas que loucuras diz, e que cinismo!

BRUTUS

Que sujeito abusado! Saia já!

CASSIUS

Paciência, Brutus; ele é mesmo assim.

BRUTUS

Se fala na hora certa, eu dou ouvidos;
Mas que fazer, na guerra, com idiotas?
Sujeito à toa, saia!

CASSIUS

Saia logo!

(*Sai o Poeta*.)

BRUTUS

Titinius e Lucilius vão pedir
Aos comandantes que acampem logo.

CASSIUS

E venham ambos, trazendo Messala,
Ter cá conosco.

(*Saem Lucilius e Titinius*.)

BRUTUS

Lucius, traga vinho.

(*Sai Lucius*.)

CASSIUS

Eu nunca o vira antes tão zangado.

BRUTUS

Cassius, são muitas as dores que sofro.

CASSIUS

O estoicismo não serve pra nada
Quando se cede ao mal acidental.

BRUTUS

Eu os enfrento bem. Pórcia está morta.

CASSIUS

O quê? Pórcia?

BRUTUS

Está morta.

CASSIUS

Como escapei da morte ao irritá-lo?
Oh, perda abaladora, insuportável!
Ficou doente?

BRUTUS

Sim, com a minha ausência.
E tristeza de Otávio e Marco Antônio
'Starem tão fortes. Co'a morte dela
Veio esta nova. Só, e em desespero,
Na ausência da serva engoliu fogo.

CASSIUS

Morreu assim?

BRUTUS

Assim.

CASSIUS

Oh, grandes deuses!

(*Entra o menino Lucius com vinho e tochas*.)

BRUTUS

Não falemos mais dela. Quero vinho.
A irritação vai nesta taça, Cassius.

(*Bebe*.)

CASSIUS

Eu estava sedento por tal brinde.
Lucius, encha-me a taça até a boca.

Ninguém bebe demais o amor de Brutus.

(*Sai Lucius. Entram Titinius e Messala.*)

BRUTUS

Entre, Titinius. Bem-vindo, Messala.
Sentemo-nos aqui bem junto à tocha
Pra questionar nossas necessidades.

CASSIUS

Pórcia se foi?

BRUTUS

Agora chega; eu peço.
Messala, recebi cartas narrando
Que Marco Antônio e o jovem Otávio
Vão atacar-nos com uma vasta força
Que estão conduzindo pra Philippi.

MESSALA

Dizem o mesmo as que eu recebi.

BRUTUS

E o que mais?

MESSALA

Que, por proscritos e foras da lei,
Otávio, Antônio e Lépido
Já mandaram matar cem senadores.

BRUTUS

Nisso não 'stão de acordo nossas cartas.
A minha fala de setenta senadores
Como proscritos, dentre esses Cícero.

CASSIUS

Cícero, então?

MESSALA

Sim, Cícero está morto.
Pelo decreto de sua proscrição.
Senhor, recebeu carta de sua esposa?

BRUTUS

Não, Messala.

MESSALA

E nem falaram dela nas que teve?

BRUTUS

Nada, Messala.

MESSALA

Isso é muito estranho.

BRUTUS

Por que pergunta? A sua fala dela?

MESSALA

Não, meu senhor.

BRUTUS

Se é bom romano, diga-me a verdade.

MESSALA

Como romano enfrente o que lhe digo:
Ela morreu, de modo muito estranho.

BRUTUS

Adeus, Pórcia. Messala, a morte é certa.
Sabendo que ela morreria um dia
Fico mais forte pra enfrentar agora.

CASSIUS

Penso como você em teoria,
Mas não me é natural sentir assim.

BRUTUS

À tarefa dos vivos. O que você acha
De marcharmos agora pra Philippi?

CASSIUS

Não acho bom.

BRUTUS

Por quê?

CASSIUS

Eis a razão:
Melhor que o inimigo nos procure;
Com isso gasta meios, cansa as tropas,
Perde com isso, enquanto nós, parados,

Preservamos o corpo e as defesas.

BRUTUS

Melhor razão tem de vencer as boas.
O povo, entre Philippi e este ponto,
Nos tem afeto apenas simulado;
O que nos deram foi de má vontade.
Se o inimigo marcha em meio a ele,
Com ele há de ampliar a sua tropa,
E chegar refrescado e encorajado.
Nós o impedimos de ter uma vantagem
Se em Philippi o vemos cara a cara,
Já longe dessa gente.

CASSIUS

Ouça-me, irmão…

BRUTUS

Peço perdão. Quero que notem, mais,
Que os amigos já deram o que podem;
As nossas legiões estão completas,
Nossa causa madura. O inimigo
Cresce todos os dias, porém nós
'Stamos no auge, prontos pro declínio.
Há uma maré nos assuntos humanos
Que, tomada na cheia, traz fortuna;
Se perdida, a viagem desta vida
Será só de baixios e misérias.
Nós flutuamos num tal mar em cheia,
E vamos co'a corrente favorável
Ou perdemos a carga.

CASSIUS

Vamos seguir o seu desejo, então;
Partamos pra encontrá-los em Philippi.

BRUTUS

A negra noite envolveu nossa fala
E temos de ceder à natureza
Que nós traímos repousando pouco.
Algo mais a dizer?

CASSIUS

Não. Boa noite.
Amanhã, logo cedo nós partimos.

BRUTUS

Lucius!
(*Entra Lucius*.)
A capa.
(*Sai Lucius*.)
Adeus, bom Messala.
Boa noite, Titinius; nobre Cassius,
Um bom repouso.

CASSIUS

Oh, meu caro irmão;
Que começo tão mau a noite teve.
Nunca mais quero ver-nos divididos!
Nunca mais, Brutus.

(*Entra Lucius trazendo a camisola para a noite*.)

BRUTUS

Está tudo bem.

CASSIUS

Boa noite, senhor.

BRUTUS

Irmão, boa noite.

TITINIUS E MESSALA

Meu senhor Brutus.

BRUTUS

Boa noite a todos
(*Saem Cassius, Titinius e Messala*.)
Dê-me a capa. Onde está sua harpa?

LUCIUS

Aqui na tenda.

BRUTUS

'Stá com tanto sono?
Eu não o culpo; 'stá sempre de guarda.
Vá chamar Claudius, e mais outros guardas;
Quero que durmam comigo na tenda.

LUCIUS

Varro e Claudius!

(*Entram Varro e Claudius.*)

VARRO

Chamou, senhor?

BRUTUS

Peço que durmam hoje em minha tenda;
Talvez em pouco tempo eu os desperte
Pra mandá-los a meu cunhado Cassius.

VARRO

Ficaremos de pé ao seu dispor.

BRUTUS

De modo algum; podem deitar-se, amigos;
Não 'stou certo que tenham de sair.
(*Varro e Claudius deitam-se.*)
Veja, Lucius; o livro que buscava.
Eu o coloquei no bolso da camisola.

LUCIUS

Sabia que o senhor 'stava com ele.

BRUTUS

Tem de ter paciência. Ando esquecido.
Inda pode ficar de olhos abertos
Pra dedilhar um pouco o instrumento?

LUCIUS

Se assim quiser, senhor.

BRUTUS

Quero, menino;
É trabalho; mas tem boa vontade.

LUCIUS

É meu dever, senhor.

BRUTUS

Não quero que se esforce mais que deve;
Eu sei que os jovens têm de descansar.

LUCIUS

Mas, meu senhor, eu já dormi um pouco.

BRUTUS

Fez muito bem; e há de dormir mais.
Não o prendo mais muito; se eu viver
Hei de ser bom pra você.
(*Música, uma canção.*)
Sono letal que produz tom tão morto!
Pesas qual chumbo sobre o meu rapaz,
Que te chama com música? Boa noite.
Eu não farei o crime de acordá-lo;
Se cabeceia, quebra o instrumento —
Vou tirá-lo, e boa noite, menino.
Vejamos: foi na página dobrada
Que eu parei de ler? Ah, aqui está!
(*Entra o Fantasma de César.*)
Como a tocha escurece! Quem vem lá?
É alguma fraqueza dos meus olhos
Que forma a monstruosa aparição.
Chega mais perto. És alguma coisa?
Será que és deus, que és anjo, ou que és demônio,
Que esfria o sangue e arrepia os cabelos?
Diz-me o que tu és.

FANTASMA

Teu mau espírito.

BRUTUS

Por que vens tu?

FANTASMA

Pra dizer que em Philippi me verás.

BRUTUS

Então nós nos veremos outra vez?

FANTASMA

Sim, em Philippi.

BRUTUS

Pois então nos veremos em Philippi.
(*Sai o Fantasma.*)
Me voltou a coragem e te vais!
Quero falar-te ainda, mau espírito!
Menino! Lucius! Varro! Acordem todos!
Claudius!

LUCIUS

As cordas não 'stão boas.

BRUTUS

Ainda pensa que está tocando.
Lucius, acorde!

LUCIUS

Senhor?!

BRUTUS

Você gritou porque estava sonhando?

LUCIUS

Senhor, se eu gritei foi sem saber.

BRUTUS

Gritou, sim. Mas não viu alguma coisa?

LUCIUS

Nada, senhor.

BRUTUS

Durma de novo. Claudius, chega aqui.
E tu, aí, acorda!

VARRO

Senhor?

CLAUDIUS

Senhor?

BRUTUS

Por que gritastes, inda adormecidos?

AMBOS

Nós gritamos, senhor?

BRUTUS

E nada vistes?

VARRO

Não vi nada, senhor.

CLAUDIUS

Nem eu, senhor.

BRUTUS

Recomendai-me a meu cunhado Cassius;
Que ele avance suas tropas logo cedo;
Nós o seguiremos.

AMBOS

Assim faremos.

(*Saem.*)

ATO V

Cena I — A planície em Philippi.

(*Entram Otávio, Antônio e seu Exército.*)

OTÁVIO

Nossa esperança se confirma, Antônio.
Você previu que eles não desceriam,
Preferindo ficar nas partes altas.
Não ficaram; suas tropas estão perto.
Pretendem enfrentar-nos em Philippi,
Agindo antes que os desafiemos.

ANTÔNIO

Conheço os seus segredos e bem sei
Por que o fazem. Eles gostariam

De estar em outra parte, e ora descem
Com bravura fingida, na ilusão
De nos fazer pensar que têm coragem;
Mas não têm.

(*Entra um Mensageiro*.)

MENSAGEIRO

Generais, preparai-vos.
O inimigo se mostra muito ativo;
A batalha sangrenta se anuncia.
Precisamos agir de imediato.

ANTÔNIO

Otávio, leve em silêncio os seus homens
Pela esquerda do campo aonde é plano.

OTÁVIO

Eu vou pela direita. A esquerda é sua.

ANTÔNIO

Por que me antagoniza nesta hora?

OTÁVIO

Não é essa a intenção. Mas vou por lá.

(*Marcha. Tambores. Entram Brutus, Cassius e o seu Exército, com Titinius, Messala e outros*.)

BRUTUS

Querem parlamentar. Fizeram alto.

CASSIUS

Firme, Titinius; vamos conversar.

OTÁVIO

Damos sinal para a batalha, Antônio?

ANTÔNIO

Não, César; aguardemos seu ataque.

Avante; os generais querem falar.

OTÁVIO

Ninguém se mexa antes do sinal.

BRUTUS

Palavras antes dos golpes, patrícios?

OTÁVIO

Não que as amemos mais, como você.

BRUTUS

As boas são melhores que os maus golpes.

ANTÔNIO

Brutus, no seu pior houve palavras;
Você furou o coração de César
Gritando "Viva César"!

CASSIUS

Antônio,
Quais são seus golpes ninguém sabe ainda;
Mas suas palavras roubam o mel
Da própria abelha.

ANTÔNIO

Mas não o ferrão.

BRUTUS

Também; e até a voz.
Você roubou-lhe o zumbido, Antônio;
E agora ameaça antes de ferrar.

ANTÔNIO

Mas vocês não, vilões, antes que as facas
Arrebentassem os flancos de César.
Quais macacos e cães bajuladores
Se curvaram beijando os pés de César,
Enquanto o biltre Casca, pelas costas,
Feria César. Ah, bajuladores!

CASSIUS

Bajuladores? Essa língua, Brutus,
Não 'staria hoje aqui pra ofendê-lo
Se Cassius fosse ouvido.

OTÁVIO

Ao ponto! Se suamos debatendo,
Na luta haverá gotas mais vermelhas.
Contra conspiradores tomo a espada;
Quando julgam que ela se calará?
Jamais, até que as 33 feridas
De Júlio César sejam bem-vingadas,
Ou até outro César inda aumentar
A matança das facas dos traidores.

BRUTUS

Não morrerás por mãos traidoras, César,
Se elas não vêm contigo.

OTÁVIO

Assim espero.
Não nasci pra morrer pela espada de Brutus.

BRUTUS

Se fosses o mais nobre do teu sangue,
Tu não terias morte mais honrosa.

CASSIUS

Guri levado, indigno de tal honra,
Parceiro de palhaço e mascarado.

ANTÔNIO

O velho Cassius!

OTÁVIO

Vamos logo, Antônio.
Traidores, eis o nosso desafio:
Venham pro campo, se ousam lutar hoje;
Se não, quando puderem ter coragem.

(*Saem Otávio, Antônio e seu Exército.*)

CASSIUS

Que venham ventos, nuvens e enchentes!
Nessa tormenta a sorte está lançada!

BRUTUS

Lucilius, venha cá; uma palavra.

LUCILIUS

(*Avançando.*)
Senhor?

(*Brutus e Lucilius falam, afastados.*)

CASSIUS

Messala!

MESSALA

(*Avançando.*)
Sim, meu general?

CASSIUS

Messala,
Eu comemoro hoje mais um ano
De nascimento. Dê-me a mão, Messala;
Quero que saiba aqui que, a contragosto,
Como Pompeu fui hoje compelido
A jogar tudo em uma só batalha.
Sabe que eu sempre admirei Epicuro
E o seu pensar. Porém mudei de ideia,
E em parte eu creio hoje em maus presságios.
Vindo de Sardes, sobre o nosso emblema
Pousaram duas águias poderosas,
Que comiam das mãos das próprias tropas
Que vieram conosco pra Philippi.
Esta manhã, voando, elas se foram
E em seu lugar só corvos e milhafres
Nos sobrevoam, olhando do alto,
Como se presas fôramos. Suas sombras
Formam dossel de morte sob o qual
Nossa tropa só espera pra expirar.

MESSALA

Não creia nisso.

CASSIUS

Eu só o creio em parte,
E o meu espírito 'stá resolvido
A ser constante em face do perigo.

BRUTUS

'Stá bem, Lucilius.

CASSIUS

E ora, nobre Brutus,
Sejam os deuses hoje benfazejos,
Pra na velhice termos paz e amor!
Mas como a vida humana é sempre incerta,
Pensemos que o pior nos aconteça.
Perdendo esta batalha, esta será
A última vez que, juntos, conversamos.
Que resolve fazer diante disso?

BRUTUS

Com o mesmo pensamento filosófico
Segundo o qual eu condenei Catão
Porque ele se matou — não sei por quê,
Mas considero ato covarde e vil,
Por temer o possível, limitar
A duração da vida — hoje eu prefiro
Aguardar paciente a providência
Dos poderes mais altos que governam
Tudo aqui embaixo.

CASSIUS

Se derrotado, então,
Há de aceitar ser levado em triunfo
Pelas ruas de Roma?

BRUTUS

Não, Cassius; não pense, nobre romano,
Que Brutus vá acorrentado a Roma.
Ele é maior que isso. Porém hoje
É que terminam os Idos de Março:
Não sei se novamente nos veremos;
Vamos então dizer um eterno adeus.

Pra sempre e sempre, Cassius, digo adeus.
Se nos virmos de novo, sorriremos;
Se não, a despedida foi bem-feita.

CASSIUS

Pra sempre e sempre, Brutus, digo adeus.
Se nos virmos, por certo sorriremos;
Se não, bem-feita foi a despedida.

BRUTUS

Avante, então; quem nos dera saber,
Antes que ele chegasse, o fim do dia;
Mas já basta sabermos que ele finda.
E então se sabe o fim. Vamos! Em frente!

(*Saem.*)

Cena II — Philippi. O campo de batalha.

(*Alarma. Entram Brutus e Messala.*)

BRUTUS

Monte, Messala; leve estas mensagens
Às legiões que estão lá do outro lado
(*alarma alto*)
Diga que avancem logo, pois percebo
Que a esquerda de Otávio está bem fria,
E uma surpresa pode derrotá-la.
Vá, Messala; que todos desçam logo.

(*Saem.*)

Cena III — Uma outra parte do campo.

(*Alarma. Entram Cassius e Titinius.*)

CASSIUS

Veja, Titinius; fogem os vilões;
Tornei-me um inimigo de meus homens.
Este porta-estandarte ia fugindo,
Eu o matei e tirei-lhe a bandeira.

TITINIUS

Cassius, Brutus falou cedo demais;
Tendo certa vantagem sobre Otávio,
Precipitou-se, e a tropa só saqueia,
Enquanto Antônio aqui nos tem cercados.

(*Entra Pindarus.*)

PINDARUS

Fuja, meu senhor; fuja pra longe!
Marco Antônio chegou às suas tendas.
Fuja então, nobre Cassius; vá pra longe!

CASSIUS

Já basta esta colina. Olhe, Titinius!
Aquele fogo vem das minhas tendas?

TITINIUS

Vem, meu senhor.

CASSIUS

Se me quer bem, Titinius,
Monte no meu cavalo e o esporeie,
Para que ele o leve até aquela tropa
E volte, pra que eu saiba, com certeza,
Se aquela gente é amiga ou inimiga.

TITINIUS

Rápido como um raio eu vou e volto.

(*Sai*.)

CASSIUS

Pindarus, suba mais nesta colina;
Minha visão é má. Olhe Titinius,
E diga-me o que nota em todo o campo.
(*Sai Pindarus*.)
Nesta data eu nasci. Fecha-se o ciclo.
E onde eu comecei devo acabar.
Minha vida esgotou-se. O que estou vendo?

PINDARUS

(*No alto*.)
Meu senhor!

CASSIUS

O que há de novo?

PINDARUS

Titinius 'stá cercado por cavalos
Que num repente foram contra ele;
Mas ele luta. Agora quase o prendem.
Eles desmontam. Titinius também.
(*Gritos*.)
Foi preso! E eles gritam de alegria.

CASSIUS

Pode descer; não olhe mais.
Que covarde sou eu, qu'inda estou vivo
Pra ver meu grande amigo capturado.
(*Entra Pindarus, vindo do alto*.)
Venha cá, moço.
Na Pártia eu o fiz meu prisioneiro,
E então o fiz jurar que, afora a vida,
Tudo o que algum dia eu lhe pedisse
Você faria. Agora cumpra a jura.
Fique hoje livre e, com esta mesma espada
Que a César retalhou, vare este peito.
Não me responda. Pegue aqui no punho

E quando, agora, eu cobrir o meu rosto,
Finque a ponta. César, estás vingado,
Com a própria espada que te assassinou.

(*Morre.*)

PINDARUS

'Stou livre; mas seria de outro modo
Se fosse por minha vontade, Cassius!
Vou fugir pra bem longe desta terra,
Pr'onde romano algum me há de buscar.
(*Sai.*)
(*Entram Titinius e Messala.*)

MESSALA

É a Fortuna, Titinius; pois Otávio
Foi vencido por Brutus e sua tropa,
Como Cassius pelas legiões de Antônio.

TITINIUS

Isso há de ser conforto para Cassius.

MESSALA

Onde o deixou?

TITINIUS

Deixei-o inconsolável
Nesta colina, com seu servo Pindarus.

MESSALA

Não é ele, deitado ali no chão?

TITINIUS

Não deita como vivo. Ai, meu peito!

MESSALA

Não é ele?

TITINIUS

Não; só quem era ele.
Não existe mais Cassius. Céu poente,

Como afundas na noite os rubros raios,
Em rubro sangue pôs-se também Cassius.
Caiu o sol de Roma. Foi-se o dia.
Nuvens, orvalhos e perigos, venham:
Os nossos atos já estão concluídos;
Temor que eu fracassasse é o que fez isto.

MESSALA

Foi temor do fracasso que fez isto.
Erro vil, fruto da melancolia,
Por que mostras à mente vulnerável
O que não é? Concebido na pressa,
Oh erro, jamais chegas a bom parto,
Pois tu matas a mãe que te engendrou.

TITINIUS

Olá, Pindarus! Onde estás, Pindarus?

MESSALA

Vá procurá-lo enquanto eu mesmo busco
O nobre Brutus, pra furar com a nova
Os seus ouvidos. E furar é o termo,
Pois o aço ou a ponta envenenada
Seriam tão bem-vindos para Brutus
Quanto este quadro.

TITINIUS

Corra, bom Messala;
Vou procurar por Pindarus um pouco.
(*Sai Messala.*)
Por que me mandou lá, meu bravo Cassius?
Não encontrei seus amigos, recebendo
Deles esta coroa de vitória
Pra que eu lha desse? Não ouviu seus gritos?
Mas, ai, ai, você compreendeu mal tudo.
Permita que eu coroe a sua fronte:
O seu Brutus pediu-me que o fizesse,
E eu obedeço. Brutus, venha logo
Pra ver como eu honrei a Caius Cassius.
Deuses, é de romano a minha ação:

Arma de Cassius, vem-me ao coração!

(*Mata-se.*)
(*Alarma. Entram Brutus, Messala, o jovem Catão, Strato, Volumnius e Lucilius.*)

BRUTUS

Diga, Messala, aonde jaz o seu corpo?

MESSALA

Ali, e a pranteá-lo está Titinius.

BRUTUS

Está pro alto o rosto de Titinius.

CATÃO

Ele está morto.

BRUTUS

Júlio César, ainda és poderoso!
Teu espírito volta as nossas lâminas
Contra as nossas entranhas.

CATÃO

Bom Titinius!
Vejam! Pôs a coroa em Cassius morto.

BRUTUS

Será que vivem mais desses romanos?
Último dos romanos, vá com os deuses!
É impossível que algum dia Roma
Gere o seu par. Amigos, devo mais
Em pranto a esse morto do que veem.
Hei de ter tempo, Cassius, hei de tê-lo.
Seu funeral será longe do campo,
Pra não trazer tristeza. Vem, Lucilius,
E vem, jovem Catão; vamos pro campo.
Labeo e Flavius, avancem a tropa.
São três horas, romanos, mas é certo
Que antes da noite estar terminada,

Outra batalha já será travada.

(*Saem*.)

Cena IV — Uma outra parte do campo.

(*Trompas. Entram Brutus, Messala, o jovem Catão, Lucius e Flavius*.)

BRUTUS

Romanos, sempre de cabeça erguida!

(*Sai*.)

CATÃO

Que crápula a abaixa? Quem me segue?
Vou proclamar meu nome pelo campo.
Ouçam! Sou filho de Marcus Catão,
Que ama o país e que odeia tiranos.
Ouçam! Sou filho de Marcus Catão!

(*Entram soldados e lutam*.)

LUCILIUS

E eu sou Brutus, Marcus Brutus, eu!
Brutus que ama a pátria, eu sou Brutus!

(*Saem. Jovem Catão cai*.)

LUCILIUS

Jovem Catão, tão jovem, já caíste?
Morreste com a bravura de Titinius
E, filho de Catão, serás honrado.

1º SOLDADO

Rende-te ou morre.

LUCILIUS

Pra morrer me rendo.
Há muito pelo que deves matar-me.
Mata Brutus e alcança assim a glória.

1º SOLDADO

Não devemos; é um prisioneiro nobre!

(*Entra Antônio.*)

2º SOLDADO

Brutus 'stá preso! Digam a Antônio.

1º SOLDADO

Eu vou dizer. Lá vem o general.
Senhor, Brutus foi preso, capturado.

ANTÔNIO

Aonde está?

LUCILIUS

A salvo, Antônio. Brutus 'stá a salvo.
Ouso afirmar que não há inimigo
Que um dia prenda Brutus inda vivo.
Que os céus o poupem de uma tal vergonha!
Quando for encontrado, vivo ou morto,
Hão de ver que é ainda o mesmo Brutus.

ANTÔNIO

Não é Brutus, amigo; mas garanto
Que tem igual valor. Guarda-o bem;
E usa-o com bondade. Eu quero antes
Ter amigos assim do que inimigos.
Vão ver se Brutus está morto ou vivo;

Traz à tenda de Otávio a informação
Sobre tudo o que acontecer.

(*Saem.*)

Cena V — Uma outra parte do campo.

(*Entram Brutus, Dardanius, Clitus, Strato e Volumnius.*)

BRUTUS

Pobres restos de amigos, descansemos.

CLITUS

Statilius fez sinal, mas, meu senhor,
Não retornou; ele está preso ou morto.

BRUTUS

Senta, Clitus. A senha hoje é matar;
É o que ficou em moda. Ouve, Clitus.
(*Sussurra.*)

CLITUS

Eu, meu senhor? Mas nunca neste mundo.

BRUTUS

Silêncio, então.

CLITUS

Prefiro me matar.

BRUTUS

Ouve, Dardanius.
(*Sussurra.*)

DARDANIUS

Eu, fazer tal coisa?

CLITUS

Ai, Dardanius!

DARDANIUS

Ai, ai, Clitus!

CLITUS

Que mau pedido Brutus fez a ti?

DARDANIUS

Que eu o matasse. Vê como ele pensa.

CLITUS

'Stá tão pleno de dor o nobre vaso
Que agora já transborda pelos olhos.

BRUTUS

Vem cá, Volumnius; ouve uma palavra.

VOLUMNIUS

Que diz, senhor?

BRUTUS

O seguinte, Volumnius.
O fantasma de César veio ver-me
Já duas vezes: uma vez em Sardes,
E ontem aqui, no campo de Philippi.
Minha hora chegou.

VOLUMNIUS

Não, meu senhor.

BRUTUS

Mas estou certo que chegou, Volumnius.
Tu vês, Volumnius, como está o mundo:
O inimigo está nos acuando.
(*Clarins, baixo.*)
Melhor pularmos nós para a armadilha
Que sermos empurrados. Bom Volumnius,
Sabes que fomos juntos à escola;
Pela velha amizade é que te peço
Que segure a espada pr'eu matar-me.

(*Clarins, fora.*)

VOLUMNIUS

Isso não é tarefa para amigo.

CLITUS

Fuja, fuja, senhor; não fique aqui.

BRUTUS

A ti e a ti, adeus; adeus, Volumnius.
Strato, 'stiveste dormindo até agora,
Adeus a ti também. Compatriotas,
Vibra meu coração porque, na vida,
Jamais encontrei homens desleais.
Nesta derrota encontrarei mais glória,
Muito mais do que Otávio e Marco Antônio
Alcançarão por sua vil conquista.
Adeus agora, pois a voz de Brutus
Já quase terminou a sua história.
Tenho a noite nos olhos; e os meus ossos
Desejam o repouso que merecem:
Eu vivi preparando este momento.

(*Clarins e gritos, fora: "Fujam, fujam, fujam!"*)

CLITUS

Fuja, senhor!

BRUTUS

Podem ir, que eu vou logo.
(*Saem Clitus, Dardanius e Volumnius.*)
Strato, eu te peço, fica com teu amo.
Sei que tu és um homem de respeito:
A honra tem tocado a tua vida.
Segura a minha espada, e vira o rosto
Enquanto eu salto nela. 'Stá bem, Strato?

STRATO

Primeiro a sua mão. Adeus, senhor.

BRUTUS

Adeus, Strato. César enfim se acalma.

Não o matei com tanto empenho de alma.

(*Mata-se.*)
(Alarma. Toque de retirada. Entram Antônio, Otávio, Messala, Lucilius e o Exército.)

OTÁVIO

Quem é esse homem?

MESSALA

Do meu senhor. Strato, onde está teu amo?

STRATO

Livre, e não preso como tu, Messala.
Os vencedores só podem queimá-lo,
Pois Brutus triunfou sobre si mesmo;
Sua morte não traz honra a ninguém mais.

LUCILIUS

É justo assim o vermos. Grato, Brutus,
Por comprovar o que eu já predissera.

OTÁVIO

Os que serviram Brutus eu recebo.
Rapaz, queres ficar comigo agora?

STRATO

Sim, se Messala me recomendar.

OTÁVIO

Faça-o, Messala.

MESSALA

Como morreu meu amo, Strato?

STRATO

Atirou-se na espada que eu firmei.

MESSALA

Otávio, então aceite pra segui-lo
O que serviu meu amo até o fim.

ANTÔNIO

Este foi o mais nobre dos romanos.

Todos que conspiraram, menos ele,
O fizeram de inveja ao grande César.
Só ele, por honesto pensamento,
E pelo bem comum, tornou-se um deles.
Foi bom em vida, e os elementos
Nele se uniram com tal equilíbrio
Que a Natureza pôde, finalmente,
Dizer ao mundo inteiro: "Eis um homem!"

OTÁVIO

Usemo-lo de acordo com seu mérito;
Que o funeral tenha rito e respeito.
Seu corpo fica hoje em minha tenda,
Seguindo as altas honras militares.
Descanse a tropa; a partida está dada,
Pra repartir as glórias da jornada.

(*Saem todos.*)

Nota

26 "Sale", no original, que possui o mesmo som de "soul" (alma), uma aproximação, portanto, à alma do sapato. (N.T.)

Antônio e Cleópatra

Tradução e introdução
Barbara Heliodora

Introdução

Se em *Júlio César*, no limiar do período trágico, Shakespeare compactou toda a obra em torno do significado de uma única ação, e com estilo despojado evocou a *gravitas* romana, em 1608, boa parte da tragédia de *Antônio e Cleópatra* vive da evocação da avassaladora amplitude do Império Romano: desde o início da carreira que Shakespeare vinha fazendo bom uso da neutralidade do palco elisabetano, mas nada se compara à mobilidade da cena desta tragédia de amor. A cena se desloca de Alexandria (vários locais) para Roma (também vários locais), para Messina, a área de Misenum, a galera de Pompeu no Mediterrâneo, uma planície na Síria, Atenas, e vários locais em torno de Actium, em um total de mais de trinta localidades diferentes, a fim de ilustrar tudo o que está em jogo, em última análise em função da vida particular, da paixão, de um dos três homens que governavam virtualmente todo o mundo conhecido. Como em *Júlio César*, no entanto, não há enredos secundários; todos os vários momentos e situações apresentados são em última análise relevantes para uma única ação central — o que acontece quando um general que cresceu e viveu segundo os proclamados códigos de disciplina e austeridade de Roma os abandona por amor e se entrega ao que, aos olhos romanos, era o pecaminoso e decadente quadro da languidez e da devassidão asiática.

Shakespeare usa toda uma série de recursos para estabelecer a dimensão do abalo para o mundo dessa alteração de comportamento: para poder corresponder à expansão do espaço, dificilmente a linguagem poética, imaginativa, poderia ser mais distante do despojamento e da austeridade de *Júlio César*, pois *Antônio e Cleópatra* tem lugar em um universo emocional muito diverso das outras peças romanas de cunho muito mais predominantemente político, a própria *Júlio César* e *Coriolano*. Para sugerir a vastidão do Império Romano, além da estonteante variação de locais, em nenhuma outra peça Shakespeare utilizou tanto imagens do mundo, dos

mares, do céu e das estrelas, tantas referências à pura e simples vastidão de tudo, que criam um universo de grandiosidade. Essa monumentalidade é também, em vários momentos, atribuída a sentimentos e atos humanos, bastando lembrar os termos em que Cleópatra fala da generosidade de Antônio:

> … a seu serviço
> Coroas, diademas, reinos, ilhas
> Caíam-lhe dos bolsos, quais moedas.

Shakespeare só escreveu duas tragédias de amor, e a pureza e a juventude de *Romeu e Julieta* formam clamoroso contraste com o outonal amor de um par de amantes já mais do que vividos, mas que nem por isso deixam de acabar por superar seus defeitos e limitações e, como o outro casal, morrer por amor. Mas para o papel de Cleópatra, plena de sensualidade, o poeta tinha de enfrentar um problema de excepcional dificuldade, já que o teatro inglês de seu tempo não podia contar com atrizes, uma bizarra consequência do próprio processo de desenvolvimento do teatro na Inglaterra: se nas origens religiosas do teatro moderno, ou seja, de uma atividade teatral contínua até os dias de hoje, eram monges que interpretavam as pequenas dramatizações realizadas dentro da própria igreja, quando esses espetáculos passaram a ser representados por irmandades leigas, das quais mulheres participavam, as atrizes apareceram no continente europeu. Na Inglaterra, no entanto, ao sair da igreja, o teatro foi para as mãos das corporações de ofício, as guildas, onde também não havia mulheres, estando estas restritas aos trabalhos domésticos. Quando o teatro se separou definitivamente dos espetáculos religiosos, a tradição de homens fazendo todos os papéis estava por demais estabelecida para ser alterada, e é por isso que via de regra as protagonistas shakespearianas são muito jovens, a serem interpretadas pelos aprendizes de ator antes de mudarem suas vozes.

O caso de Cleópatra, no entanto, é diferente: esta tragédia fala de um amor adulto e de grande intensidade sexual, e exigiu do autor a busca de soluções variadas e imaginativas para que pudesse contornar a dificuldade: a poesia é o instrumento mais importante do teatro elisabetano, e a figura de Cleópatra é privilegiada pelo número de referências que a exaltam quando ela não está em

cena, em particular pela famosa descrição que faz Enobarbus de sua aparição em Cydnus, quando Marco Antônio a conhece (no Ato II, Cena II), ou, ainda na mesma cena, sua reação quando Mecenas sugere que, agora casado com Otávia, Marco Antônio terá de abandoná-la:

Nunca; não pode:
O tempo não a seca, e nem gastam-se
Com o uso seus encantos; outras cansam
O apetite que nutrem; porém ela
Afaima o satisfeito. O que há de vil
Cai-lhe tão bem que até os sacerdotes
A abençoam quando é mais devassa.

A referência aos aspectos negativos da rainha egípcia é parte integrante da criação do personagem: seus caprichos, suas incoerências, sua instabilidade emocional emprestam a Cleópatra características de um "papel de composição", muito mais acessível ao ator adulto do que seria se fosse ela sempre carinhosa, feminina, suave. Porém, a amplidão do universo da tragédia e os fatos históricos é que oferecem a Shakespeare o mais eficiente recurso para a solução de seu problema: em uma peça composta por 42 cenas, Antônio e Cleópatra só estão ambos presentes em 13, sendo que em uma dessas só aparecem sucessivamente. Compensada pelas frequentes referências que lhe são feitas, Cleópatra aparece em cena muito menos que Antônio: em apenas quatro cenas, ela aparece sem ele, enquanto ele tem nada menos que 11 cenas sem a presença física da rainha.

A solução de limitar a presença em cena de Cleópatra não lhe tira, de modo algum, a importância de coprotagonista, valendo a pena citar o que diz a respeito o poeta A.C. Swinburne: "Parece ser um sinal ou marca de nascença só daqueles maiores entre os poetas o poder de elevar-se, momentaneamente, acima dos píncaros de sua capacidade narrativa inata, no instante em que pensam em Cleópatra. Assim foi, como sabemos todos, com Shakespeare [...] assim, desde sua primeira aurora imperial no palco de Shakespeare até o poente daquela estrela do oriente atrás de uma mortalha de nuvens

indissipáveis, podemos sentir o encanto e o terror e o mistério de sua alma absoluta e real."

Não é menos rica ou complexa a retratação de Antônio: o aristocrata que pressupõe seu direito ao poder aparece nesta tragédia como o mesmo Marco Antônio de *Júlio César*, com suas qualidades e seus defeitos acentuados pela idade. Com incrível capacidade de dedicação e fidelidade à figura que idealiza em cada estágio de sua vida, na primeira peça foi por César que ele agiu, e nesta se submete totalmente aos interesses de Cleópatra. A grande diferença entre as duas situações é que no primeiro caso ele permanece totalmente romano, enquanto que agora a sua tragédia terá como ação crítica o abandono de seu código romano de comportamento por influência de sua paixão egípcia, que o leva eventualmente a se tornar inimigo da própria Roma. Essa entrega a interesses de outrem é parte integral de sua generosidade, e a contrapartida desta é sua incapacidade de se dedicar com exclusividade à conquista do poder, a marca registrada de Otávio Augusto, também já presente desde *Júlio César*.

As diferentes atitudes dos dois triúnviros ante o poder determinam um aspecto fundamental da obra: assim como Cassius era sempre dominado pela personalidade de Brutus, também o "demônio" de Marco Antônio não consegue dominar o do jovem Otávio Augusto, que acaba por derrotá-lo apesar de toda a competência e a experiência militar do primeiro. Sem a dedicação à Cleópatra, no entanto, Antônio teria atacado por terra, onde todos acham que ele sairia vitorioso; mas Cleópatra tem orgulho de sua esquadra, e ele comete o erro fatal de concordar com ela.

Como em todas as peças de natureza ou fundo históricos que escreveu, Shakespeare não se prende aqui a uma transcrição fiel dos fatos, recriando, antes, a essência do que aconteceu no período. No caso presente, como no de *Coriolano*, quando escreve tragédias, e não peças históricas, a identificação do processo com características dos personagens que vivem o conflito domina claramente o quadro: *Antônio e Cleópatra* é a tragédia de um amor, outonal, mas como tal amor liga um triúnviro romano e a Rainha do Egito, as ações destes têm repercussão abaladora para o Estado. Como disse Laertes a Ofélia, advertindo-a para não confiar na possibilidade de Hamlet casar-se com ela:

Ele é um nobre e assim sua vontade
Não lhe pertence, e sim à sua estirpe:
Ele não pode, qual os sem valia,
Escolher seu destino; dessa escolha
Dependem a segurança e o bem do Estado.

A posição de Marco Antônio no poder o obrigaria a saber que não poderia amar Cleópatra sem cair em contradições insustentáveis, mas aquela dose de autoindulgência que o chamava para o prazer — e que já em *Júlio César* o tornava simpático, mas, mesmo assim, condenável aos olhos do circunspeto Brutus — o leva a acreditar que poderia ficar com o que lhe parecia o melhor de dois mundos…

A par das inúmeras imagens de céu, oceano, grandes expansões, uma outra ideia permeia toda a tragédia: a de mudança. Logo num primeiro momento nota-se o quanto a paixão de Antônio o transformou: os hábitos egípcios suplantaram os romanos, os prazeres suplantaram os deveres e, pior, transformaram-se em devassidão. Não sendo poucas as suas glórias passadas, não há dúvida de que a vitória final de Otávio Augusto e a morte de Antônio se apresentam como o fim de uma era: acabou-se a república, acabou a disfarçada ditadura dos triunviratos; a consequência final da morte de César é justamente o que Brutus pensava poder evitar — a implantação do sistema imperial, no qual a vontade de um homem seria suprema. A paixão de Marco Antônio expressa bem o outono de sua vida, que se torna descartável quando o novo César deixa bem claro que poder não é assunto para diletantes…

Cleópatra, que historicamente morreu em 30 a.C., com 38 anos, acaba por ser feita um pouco mais velha do que era, uma herança do período de César: filha de Ptolomeu Aletes, ela herdara o trono egípcio em 51 a.C., junto com o irmão/marido, cujos guardiães (ele era bem mais moço do que ela) a expulsaram do trono dois anos mais tarde. Mas ao trono ela voltou, em 48, com o apoio de Júlio César, cuja amante se tornou, e de quem teve um filho, Cesárion. Depois da morte de César ela conhece Marco Antônio (em 41), de quem também se tornou amante, e o apoia em seus conflitos com Otávio. A derrota da esquadra egípcia em Actium (em 31), no entanto, foi fatal para ambos: Cleópatra, amedrontada, faz correr o boato de sua morte e, ao saber da notícia, Marco Antônio, voltando a seus princípios romanos, se mata caindo

sobre a própria espada. Sem seu apoio, e com medo de ser levada para Roma como prisioneira, Cleópatra também se mata.

A ação da tragédia, portanto, cobre um período histórico de quase dez anos (de 41 a 30 a.C.), e as incontáveis mudanças de local servem, igualmente, para sugerir passagem de tempo. Em uma análise já clássica dessa passagem ficam identificados um total de 11 "dias" de ação, assim distribuídos:

1. Ato I, Cenas I-IV
2. Ato I, Cena V; Ato II, Cenas I-III
3. Ato II, Cena IV
4. Ato II, Cenas V-VII
5. Ato III, Cenas I-III
6. Ato III, Cenas IV e V
7. Ato III, Cena VI
8. Ato III, Cenas VII-X
9. Ato III, Cenas XI-XIII; Ato IV, Cenas I-III
10. Ato IV, Cenas IV-IX
11. Ato IV, Cenas X-XV; Ato V, Cenas I E II

Deve-se supor passagens mais prolongadas de tempo depois dos dias 1, 3, 4, 5, 6, 7 e 9; porém, a ilusão criada é a de uma ação contínua, de causa e efeito, com o processo pessoal e o político correndo paralelos, já que se influenciam mutuamente.

Toda tragédia fala de paixão, no sentido "de dicionário" da palavra: "Sentimento ou emoção levados a um alto grau de intensidade, sobrepondo-se à lucidez e à razão." No caso de Cleópatra e Marco Antônio, essa paixão é sexual, mas o que importa realmente é sua característica de levar à desmedida, ao descontrole, à incapacidade de se raciocinar com clareza. Essa paixão é que leva ao erro de julgamento a que se refere Aristóteles; que leva o herói trágico a passar da felicidade para a infelicidade. Pela desmedida de sua paixão, tanto Antônio quanto Cleópatra, governantes, negligenciam seus deveres e responsabilidades, mas Shakespeare faz, nessa última explosão de amor em sua obra, com que a mesma paixão leve os dois amantes, no final da catástrofe trágica, a se superarem graças ao mesmo amor que os levou ao erro, e a

morrerem um por amor ao outro, mesmo que separadamente, e alcançando, mesmo na hora da morte, aquele momento de serenidade que o estoico Sêneca desde cedo ensinara ao poeta ser parte da afirmação da dignidade humana que dá a verdadeira estatura da tragédia.

Barbara Heliodora

Dramatis Personae

ANTÔNIO
OTÁVIO CÉSAR — Triúnviros.
LÉPIDO

SEXTO POMPEU, rebelde contra os triúnviros.
DOMITIUS ENOBARBUS

VENTIDIUS
EROS
SCARUS
DERCETAS — Amigos de Antônio.
DEMÉTRIO
FILO

MECENAS
AGRIPPA
DOLABELLA
PROCULEIUS — Amigos de César.
TÍDIAS
GALLUS

MENAS
MENECRATES — Amigos de Pompeu.
VARRIUS

TAURUS, Tenente-general de César.
CANIDIUS, Tenente-general de Antônio.
SILIUS, um Oficial no Exército de Canidius.
Um "Mestre-escola" servindo de Embaixador de Antônio a César.

ALEXAS

Servidores de Cleópatra.

MARDIAN, um eunuco
DIOMEDES

SELEUCIUS, tesoureiro de Cleópatra.
Um Vidente
Um Cômico
CLEÓPATRA, rainha do Egito.
OTÁVIA, irmã de César.
CHARMIANA
IRAS
Oficiais, Soldados, Mensageiro e outros servos.

A CENA: Vários pontos do Império Romano.

ATO I

Cena I — Alexandria. Uma sala no Palácio de Cleópatra.

(*Entram Demétrio e Filo.*)

FILO

Essa tola paixão do general
Passa os limites: o seu nobre olhar
Que brilhou sobre tropas guerreiras,
Qual Marte armado, hoje gira e firma
Serviço e devoção de sua mira
Numa testa morena; e o coração
Que no calor da luta arrebentou
As fivelas do peito, sem controle
Tornou-se o fole e leque que refrescam
O cio da cigana.
(*Clarinada. Entram Antônio, Cleópatra, suas Damas, seu séquito, com eunucos a abaná-la.*)
Ei-los que vêm!
Repare bem, e poderá ver nele
Um dos pilares do mundo transformado
Em bobo de rameira: é só olhar.

CLEÓPATRA

Mas se sou mesmo amada, diga quanto.

ANTÔNIO

É pobre o amor que pode ser medido.

CLEÓPATRA

Vou limitar o quanto ser amada.

ANTÔNIO

Terá de encontrar novos céu e terra.

(*Entra um Mensageiro.*)

MENSAGEIRO

Novas de Roma.

ANTÔNIO

O que importa? Resuma.

CLEÓPATRA

Não, Antônio, deve ouvi-las.
Fúlvia pode zangar-se: e pode ser
Que o César meio imberbe nos mandasse
Ordens duras de: "Faça isso, ou isso;
Conquiste aquele reino, livre aquele;
Faça, ou está perdido."

ANTÔNIO

O que, amor?

CLEÓPATRA

Pode ser? Não, com certeza:
Aqui não fica; a tua demissão
Veio de César; então ouve, Antônio.
E o processo de Fúlvia? Ou de César? De ambos?
Chama os mensageiros. Por minha coroa
Estás corando, Antônio; e esse sangue
É honra a César; ou é por vergonha
Se Fúlvia grita. Entrem, mensageiros!

ANTÔNIO

Derreta Roma no Tibre; e que caia
O arco do império! Este é o meu espaço!
Reinos são barro! O esterco da terra
Homem e bicho alimenta. Nobreza
É agir assim: quando um par que se ama,
(*Abraça-a.*)
Assim como nós dois, determino
Que o mundo saiba, ou sofra punição,
Que não temos iguais.

CLEÓPATRA

Bela mentira!

Então casou com Fúlvia, sem amá-la?
Pareço boba, mas não sou. Antônio,
Seja você mesmo.

ANTÔNIO

Movido por Cleópatra.
Mas pelo amor do Amor, que é tão suave,
Não vamos perder tempo com disputas.
Não devemos viver um só minuto
Sem prazeres. Qual é o desta noite?

CLEÓPATRA

Ouvir os embaixadores.

ANTÔNIO

Oh, rainha!
À qual tudo cai bem — ralhar, sorrir,
Chorar: como em ti lutam as paixões
Para em ti serem belas e admiradas!
Mensageiro, só seu, e ambos sozinhos
À noite caminhemos pelas ruas
Pra ver o povo. Foi, minha rainha,
O que ontem desejou. (*para o mensageiro*) Não fales mais.

(*Saem Antônio e Cleópatra com seu Séquito*.)

DEMÉTRIO

Vale tão pouco César para Antônio?

FILO

Quando não é Antônio, vez por outra,
Fica ele bem aquém das qualidades
Que calham a Antônio.

DEMÉTRIO

Sinto muito
Que ele comprove os caluniadores
Que falam dele em Roma; mas espero
Que amanhã aja melhor. Passe bem!

(*Saem.*)

Cena II — No mesmo lugar. Outra sala.

(*Entram Enobarbus e um oficial Romano, um Vidente, Charmiana, Iras, Mardian, o Eunuco, e Alexas.*)

CHARMIANA

Senhor Alexas, doce Alexas, Alexas quase tudo, Alexas quase absoluto, onde está o vidente que prometeu à rainha? Quero conhecer esse marido que você garante terá os chifres cobertos de guirlandas!

ALEXAS

Vidente!

VIDENTE

O que deseja?

CHARMIANA

É esse? É o senhor, então, que sabe coisas?

VIDENTE

No livro de segredos da natureza
Um pouco eu posso ler.

ALEXAS

Dê-lhe a mão.

ENOBARBUS

Tragam logo o banquete; e muito vinho
Pra beber à saúde de Cleópatra.

(*Entram Criados com vinho e outras bebidas e saem.*)

CHARMIANA

Bom senhor, dê-me uma boa sorte.

VIDENTE

Eu não dou; apenas prevejo.

CHARMIANA

Então preveja-me uma.

VIDENTE

Você há de ficar melhor que é.

CHARMIANA

Ele fala da carne.

IRAS

Não; vai pintar-se na velhice.

CHARMIANA

Que as rugas não deixem!

ALEXAS

Não atrapalhem. Prestem atenção.

CHARMIANA

Silêncio!

VIDENTE

Vai amar mais do que será amada.

CHARMIANA

Antes esquentar o fígado com bebida!

ALEXAS

Não; escutem.

CHARMIANA

Agora quero alguma sorte ótima! Quero me casar com três reis de manhã, e ficar viúva de todos. Que eu tenha um filho aos cinquenta, e que Herodes dos Judeus o sirva. Descubra se vou casar com Otávio César, e me coloque em pé de igualdade com minha senhora.

VIDENTE

Há de viver mais do que a senhora a quem serve.

CHARMIANA

Ótimo! Gosto de vida longa mais do que de figos.

VIDENTE

Mas já viu e provou melhor sorte
Do que a que agora chega.

CHARMIANA

Então parece que meus filhos não terão nome. Por favor, quantos meninos e meninas terei?

VIDENTE

Tivessem úteros os seus desejos,
E fossem todos férteis, um milhão.

CHARMIANA

Chega, tolo! Eu lhe perdoo as tolices.

ALEXAS

Você pensa que só seus lençóis sabem dos seus desejos.

CHARMIANA

Vamos; agora diga a de Iras.

ALEXAS

Todos queremos saber nossa sorte.

ENOBARBUS

A minha, e a maior parte da nossa sorte para esta noite, será cairmos bêbados na cama.

IRAS

Eis uma palma que promete castidade, se não prometer mais nada.

CHARMIANA

Como o transbordo do Nilo promete fome.

IRAS

Parceira de cama louca, não sabe prever nada.

CHARMIANA

Se uma palma suarenta não for prognóstico fértil, eu não distingo água de vinho. Por favor, dê a ela só uma sorte bem medíocre.

VIDENTE

A sorte das duas é igual.

IRAS

Mas qual? Qual? Quero os detalhes.

VIDENTE

Já acabei.

IRAS

A minha não é nem um dedinho melhor do que a dela?

CHARMIANA

Bem, e se tivesse a sorte com um dedinho melhor que a minha, onde a havia de querer?

IRAS

Não no nariz do meu marido.

CHARMIANA

Que os céus corrijam nossos piores pensamentos! Alexas — vamos, a sorte dele, a dele! Que se case com uma mulher que não anda direito, doce Ísis, eu lhe imploro, e que ela morra logo, e outra ainda pior a seguir, e uma pior atrás de outra, até a pior de todas levá-lo rindo para a cova, cinquenta vezes corno! Boa Ísis, ouve-me esta prece, mesmo que me negues, pedido mais sério: boa Ísis, eu lhe imploro!

IRAS

Amém. Querida deusa, ouve a prece do povo! Pois assim como parte o coração ver homem bonito com mulher sem vergonha, é muito triste ver um safado não ser corneado. Portanto, querida Ísis, por uma questão de decoro, dê-lhe a sorte que ele merece!

CHARMIANA

Amém!

ALEXAS

Vejam só, se coubesse a elas fazer-me corno, estariam fazendo rameiras de si mesmas, mas mesmo assim o fariam.

ENOBARBUS

(*Ordena silêncio.*)
Shh, lá vem Antônio.

(*Entra Cleópatra.*)

CHARMIANA

Não, a rainha.

CLEÓPATRA

Viram o meu amo?

ENOBARBUS

Não…

CLEÓPATRA

Não estava aqui?

CHARMIANA

Não, minha senhora.

CLEÓPATRA

Queria divertir-se; e de repente
Pensou como um romano. Enobarbus!

ENOBARBUS

Senhora.

CLEÓPATRA

Procure-o.
(*Sai Enobarbus.*)
Onde está Alexas?

ALEXAS

A seu serviço. O meu amo está vindo.

CLEÓPATRA

Não o queremos ver; venham conosco.

(*Saem.*)
(*Entra Antônio com um Mensageiro.*)

MENSAGEIRO

Primeiro sua esposa Fúlvia veio a campo.

ANTÔNIO

Contra meu irmão Lucius?

MENSAGEIRO

Sim.
Mas tal guerra acabou, e o estado tempo
Os fez amigos, unidos contra César,
Cujo sucesso na guerra, da Itália,
Ao final da batalha, os expulsou.

ANTÔNIO

O que há de pior?

MENSAGEIRO

A má notícia infecta quem a dá.

ANTÔNIO

Se chega a um tolo ou um covarde. Fale!
Pra mim, o feito já acabou. E assim
Quem verdade me diz, mesmo de morte,
Recebo qual agrado.

MENSAGEIRO

Labieno —
É dura a nova — com sua tropa pártia
Conquistou a Ásia: a partir do Eufrates
Triunfou-lhe a bandeira, desde a Síria
Até a Líbia e a Jônia;
Enquanto…

ANTÔNIO

Antônio, ia dizer…

MENSAGEIRO

Senhor!

ANTÔNIO

Fale claro, diga o que dizem todos:
O que falam de Cleópatra em Roma;
Agrida como Fúlvia os meus defeitos
Com a força que a verdade e a malícia
Têm pra falar. Crescem ervas daninhas
Em mentes mortas; ouvir nossos erros
Ajuda a ará-las. Volte logo mais.

MENSAGEIRO

Ao seu nobre dispor.

(*Sai.*)
(*Entra um outro Mensageiro.*)

ANTÔNIO

Que novas vêm de Sícion? Fale logo!

2º MENSAGEIRO

O homem de Sícion —

ANTÔNIO

Desculpem-me
Ele está aí?

2º MENSAGEIRO

Aguarda ordens suas.

ANTÔNIO

Pois que entre.
(*Sai o 2º Mensageiro.*)
Se eu não partir estes grilhões egípcios
Me perco por amor.
(*Entra um outro Mensageiro, com uma carta.*)
Quem é você?

3º MENSAGEIRO

'Stá morta Fúlvia, sua esposa.

ANTÔNIO

E onde?

3º MENSAGEIRO

Em Sícion.
O curso da doença, e tudo o mais
Que lhe importa saber, está aqui.

(*Dá-lhe a carta.*)

ANTÔNIOme.
(*Sai o 3º Mensageiro.*)
Foi-se uma grande alma! Eu o quis.
Aquilo que afastamos com desprezo,
Nós queremos de volta. O prazer de hoje,
Baixando em sua órbita, acaba sendo
O seu contrário. Morta, ela é boa.
E a colheria a mão que a empurrou.
Devo quebrar o encanto da rainha,

Mil males mais que aqueles que conheço,
A minha inércia choca. Ei, Enobarbus!

(*Volta Enobarbus.*)

ENOBARBUS

O que deseja, senhor?

ANTÔNIO

Preciso partir daqui depressa.

ENOBARBUS

Mas matamos então nossas mulheres. Vemos a todo momento como qualquer indelicadeza é fatal para elas. Se tiverem de enfrentar nossa partida, é morte certa.

ANTÔNIO

Eu tenho de partir.

ENOBARBUS

Em um caso extremo, que as mulheres morram. Seria uma pena jogá-las fora por nada, embora entre elas e uma grande causa, tenham de ser consideradas como nada. Cleópatra, se captar o menor sussurro a respeito, morre na hora. Já a vi morrer vinte vezes por razões menos importantes. Penso que a morte deve ser muito potente, e atua sobre ela como um ato de amor, pois morre com grande rapidez.

ANTÔNIO

É mais ardilosa do que possamos imaginar.

ENOBARBUS

Nada disso, senhor; suas paixões são geradas da parte mais pura do amor. Não podemos chamar suas ventanias e aguaceiros de suspiros e lágrimas; são tormentas e tempestades maiores as dos almanaques. Não pode ser ardil. Se fosse, faria jorrar chuva tão bem quanto Júpiter.

ANTÔNIO

Quem me dera jamais a ter visto!

ENOBARBUS

Senhor, teria deixado sem ser vista uma obra maravilhosa, sem cujas bênçãos ficariam desacreditadas suas viagens.

ANTÔNIO

Fúlvia morreu.

ENOBARBUS

Senhor?

ANTÔNIO

Fúlvia morreu.

ENOBARBUS

Fúlvia?

ANTÔNIO

Morreu.

ENOBARBUS

Ora, senhor, ofereça aos deuses um sacrifício de agradecimento. Quando apraz aos deuses tirar a mulher de um homem é para mostrar-lhe quem são os alfaiates da terra; consolando-os com o saber que quando as roupas velhas se gastam, há quem lhes faça novas. Não houvesse mulher além de Fúlvia, teria recebido realmente um golpe, e o caso mereceria lamentos. Esta dor tem consolo, sua camisa velha vira um saiote novo, e na verdade são de cebola as lágrimas que regam tal tristeza.

ANTÔNIO

Os negócios que ela criou no Estado
Não suportam minha ausência.

ENOBARBUS

E os negócios que criou aqui não admitem sua falta, em particular os de Cleópatra, que depende integralmente de sua permanência.

ANTÔNIO

Chega de tolices. Ora proclame
A nossos oficiais o nosso intento.
Eu mesmo explico as novas à rainha,
E obtenho permissão para partir.
Outras questões, mais que a morte de Fúlvia,
Nos falam perto, como as muitas cartas
Sobre amigos que em Roma nos intrigam

Nos chamam para casa. Sexto Pompeu
Desafiou a César, e domina
O império do mar. E o povo, esquivo,
Cujo amor não dá a quem o merece
Senão quando já tarde, começa a jogar
Pompeu, o Grande e todos os seus méritos
Sobre o filho — que ao nome e poder,
Junta grande bravura, e se apresenta
Pra glória militar; e, sem controle,
Põe o mundo em perigo. 'Stá crescendo
Muita coisa que, como crina, já vive,
Mas inda sem veneno. Aos que mandamos,
Diz que só nosso prazer requer
Que partamos daqui.

ENOBARBUS

Assim farei.

(*Saem.*)

Cena III — No mesmo lugar.

(*Entram Cleópatra, Charmiana, Alexas e Iras.*)

CLEÓPATRA

Onde está ele?

CHARMIANA

Eu não o vi mais.

CLEÓPATRA

(*Para Alexas.*)
Vê onde está, com quem e o que faz:
Não te mandei. Se o encontras triste,
Diz-lhe que danço; e, se alegre, diz-lhe

Que, num repente, adoeci. Vai e volta.

(*Sai Alexas*.)

CHARMIANA

Senhora, eu creio que se o ama mesmo
Não é esse o caminho pra forçar dele
O mesmo amor.

CLEÓPATRA

O que devo fazer?

CHARMIANA

Ceder em tudo, e não contrariá-lo.

CLEÓPATRA

Ensinas mal; assim o perderia.

CHARMIANA

Não o tente tanto. Eu lhe peço que não.
O tempo faz o medo virar ódio.
(*Entra Antônio*.)
Chegou Antônio.

CLEÓPATRA

E eu me sinto mal.

ANTÔNIO

Eu lamento dar voz ao meu intento.

CLEÓPATRA

Ampara-me, Charmiana! 'Stou caindo!
Não posso durar muito; este meu corpo
Não o suporta.

ANTÔNIO

Querida rainha…

CLEÓPATRA

Fica longe de mim.

ANTÔNIO

Mas o que foi?

CLEÓPATRA

O teu olhar me diz que há boas novas.
Que foi? A esposa vai deixar-te ir?
Quem dera não te deixasse vir aqui!
Não diga ela que eu não te prendo aqui.
Não tenho esse poder, eu sei que é dela.

ANTÔNIO

Sabem os deuses…

CLEÓPATRA

Nunca uma rainha
Foi tão traída! Mas desde o princípio
Vi a traição plantada.

ANTÔNIO

Mas Cleópatra…

CLEÓPATRA

Como crer possas ser fiel e meu,
Nem que jures pelos teus deuses todos,
Se a Fúlvia foi falso? É insensatez
Ser enredada por juras de boca,
Partidas quando feitas!

ANTÔNIO

Doce amada…

CLEÓPATRA

Não procures enfeitar tua partida.
Diz adeus e vai. Quando quis ficar,
Foi hora de falar; não partiria.
Lábios e olhos falavam do eterno
E de felicidade: tudo em mim
Era parte do céu. E ainda é.
Ou o maior guerreiro deste mundo
É o maior mentiroso.

ANTÔNIO

Mas, senhora…

CLEÓPATRA

Tivesse eu tuas medidas e veria
Que há um coração no Egito.

ANTÔNIO

Ouve, rainha:
Fortes razões deste momento exigem
Meu serviço; porém meu coração
Aqui fica contigo. Em nossa Itália
Espadas brilham; e Sexto Pompeu
Já se aproxima do porto de Roma;
Duas forças domésticas iguais
Geram melindres; e o odiado forte,
Torna-se amor; Pompeu, o condenado,
Enriquecido com as glórias do pai,
Penetra em corações que não floriram
Neste governo, em números que assustam;
E a paz, cansada do descanso, busca
Qualquer saída louca. Mas a mim
O que mais toca e lhe dá mais sossego
É a morte de Fúlvia.

CLEÓPATRA

Pode a idade não me livrar da insânia,
Mas sim da ingenuidade. Fúlvia morre?

ANTÔNIO

Ela está morta, minha rainha.
(*Mostra-lhe as cartas*.)
Eis aqui, e com o tempo soberano
Lê tudo o que causou e, finalmente,
Como e quando morreu.

CLEÓPATRA

Pérfido amor!
Onde estão os vasos que deveria encher
De água em luto? Agora, sim, eu vejo
Por Fúlvia como receberás a minha morte.

ANTÔNIO

Não brigues mais e antes sabe, agora,
O que planejo, e que segue ou cessa
Segundo o teu conselho. Pelo fogo
Que aquece o limo do Nilo, daqui parto
Teu soldado, fazendo guerra ou paz

Segundo o teu desejo.

CLEÓPATRA

Vamos, Charmiana!
Deixa pra lá; fico doente ou sã
Segundo o amor de Antônio.

ANTÔNIO

Calma, agora;
E crê neste amor que se submete
A prova honrada.

CLEÓPATRA

Fúlvia assim me disse.
Primeiro, por favor, chora por ela,
Depois me diz adeus, e que essas lágrimas
São do Egito. Faz agora uma cena
De lindo fingimento, que pareça
Das mais honradas.

ANTÔNIO

Chega. Não me esquentes.

CLEÓPATRA

Sabes fazer melhor. Mas está boa.

ANTÔNIO

Por minha espada…

CLEÓPATRA

E alvo. Já conserta.
Mas inda faz melhor. Vê só, Charmiana,
Como o romano hercúleo representa
Todo o aspecto da fúria.

ANTÔNIO

Eu te deixo, senhora.

CLEÓPATRA

Uma palavra.
Senhor, nos separamos; não é isso;
Senhor, já nos amamos; não é isso;
Isso já se sabe. Mas há qualquer coisa…
Minha memória é como um Antônio,
E estou esquecida.

ANTÔNIO

A sua realeza
Controla o ócio; senão, ver-te-ia
Como o próprio ócio.

CLEÓPATRA

Trabalho imenso
Para quem, assim como Cleópatra,
Traz tal ócio no peito. Mas, perdoa-me,
Se as emoções me matam se não têm
Os teus bons olhos. É a honra que te chama,
Fica surdo e impiedoso a esta tola,
E vá com os deuses! Sobre a tua espada
Pousem louros, e que muitos sucessos
Rolem sob os teus pés.

ANTÔNIO

É hora. Vem.
Ao separar-nos somos tão confusos
Que mesmo ficando aqui irá comigo;
E eu, fugindo, fico aqui contigo.
Vamos!

(*Saem.*)

Cena IV— Roma. Na casa de César.

(*Entram Otávio César, lendo uma carta, Lépido, e seus Séquitos.*)

CÉSAR

Vê, Lépido, e sabe, agora e sempre,
Que em César não é vício inato o ódio
A seu grande rival. De Alexandria
Vêm novas que ele pesca, bebe e queima

A luz da noite em festa. É menos homem
Do que a rainha; e nem é Cleópatra
Mais mulher do que ele. Mal atende,
Nem admite parceiros. Nele veem
O homem que encerra em si todos os erros
Que segue o homem.

LÉPIDO

Não creio que existam
Males capazes de encobrir-lhe o bem.
Seus erros são quais máculas nos céus
Que brilham contra o escuro; hereditários,
Não criados; produtos do imutável,
Não da escolha.

CÉSAR

És indulgente. Admitamos não seja
Erro usar o leito de Ptolomeu,
Dar reinos só por graça, e se sentar
Para beber à vontade com um escravo,
Cambalear na rua, trocar socos
Com canalhas suarentos. Vá lá isso —
E é caráter bem raro, de fato,
Quem fica limpo assim — porém Antônio
Não foge da vergonha quando nós
É que aguentamos tal futilidade.
Se se entrega aos prazeres e à luxúria,
Indigestões e securas nos ossos
São seu preço. Mas desperdiçar tempo
Que tão alto o convoca pra enfrentar
Problemas de nós todos, tem de ser
Repreendido como ao rapazola
Que sabendo o dever corre ao prazer
E contesta o que é certo.

(*Entra um Mensageiro.*)

LÉPIDO

Aí vêm novas.

MENSAGEIRO

Foi feito o que ordenou. E de hora em hora,
Nobre César, receberá relatos
Do que aconteceu. Pompeu, forte no mar,
Parece ser amado por aqueles
Que a César só temem. Descontentes
Correm aos portos, e a voz do povo
O faz injustiçado.

(*Sai.*)

CÉSAR

É o que esperava.
Desde os primórdios nos ensina o tempo
Que quem é foi desejado até ser;
O que cai, nunca amado no poder,
Fica caro na ausência. E o povo em massa,
Como bandeira vagabunda ao vento,
Vai e volta, lacaio da maré,
Até apodrecer.

(*Entra um outro Mensageiro.*)

MENSAGEIRO

César, lhe informo
Que Menecrates e Menas, os piratas,
Mandam no mar que cortam e exploram
Com quilhas várias. E entram por caminhos
Em toda a Itália — as defesas da costa
Têm medo — e os jovens juntam-se à revolta.

Nave que sai do porto logo é vista
E dominada. O nome de Pompeu
É pior que uma guerra.

(*Sai.*)

CÉSAR

Marco Antônio,
Larga tuas farras! Quando foste outrora
Vencido em Modena, onde mataste
Hirtius e Pansa, seguiu teus passos
A fome, contra a qual lutaste
Em vida estranha à tua, com paciência
Maior que a dos selvagens. Tu bebias
Água de poça, urina de cavalo,
Que engasgavam bestas. E até comias
Frutos grosseiros de sebes sem trato.
Qual cervo em pastos cobertos de neve,
Tu provaste até troncos. E nos Alpes
Relatam que comias carne estranha
Que mata quem a olha. E tudo isso —
Fere tua honra mencioná-lo agora —
Com tal firmeza militar que o rosto
Sequer emagreceu.

LÉPIDO

É uma pena.

CÉSAR

Que a vergonha em que vive
O traga logo a Roma. Já é tempo
Que nós dois nos mostremos no campo;
Reunindo o conselho. Pois Pompeu
Lucra com a nossa inércia.

LÉPIDO

Amanhã, César,

Poderei informar com precisão
Com o que posso contar, em mar e terra,
Para um confronto agora.

CÉSAR

E esse confronto
É meu também. Adeus.

LÉPIDO

Adeus, senhor. Do que ouvires dizer
Do que acontece, eu te peço não deixes
De me informar.

CÉSAR

Não duvide, senhor.
É o meu dever.

(*Saem, separados*.)

Cena V — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Cleópatra, Charmiana, Iras e Mardian*.)

CLEÓPATRA

Charmiana!

CHARMIANA

Senhora?

CLEÓPATRA

(*Bocejando*.)
Ha, ha!
Quero mandrágora.

CHARMIANA

Por quê, senhora?

CLEÓPATRA

Pra que eu possa dormir o imenso tempo

Da ausência de Antônio.

CHARMIANA

Pensa demais nele.

CLEÓPATRA

Isso é traição!

CHARMIANA

Senhora, não o creio.

CLEÓPATRA

Tu, eunuco Mardian!

MARDIAN

O que deseja?

CLEÓPATRA

Não ouvi-lo cantar. Não há prazer
No que um eunuco tem. Convém-lhe bem,
Sendo castrado, que seus pensamentos
Fiquem no Egito. Não sentes afeições?

MARDIAN

Sinto, graciosa ama.

CLEÓPATRA

De fato?

MARDIAN

Não de fato, senhora; não consigo
Fazer senão o que é de fato honesto.
Mas sinto afeições fortes, e imagino
O que Vênus fez com Marte.

CLEÓPATRA

Ah, Charmiana,
O que achas que ele está fazendo agora?
Anda, senta, estará em seu cavalo?
Feliz cavalo, que sente o seu peso!
Vibra, cavalo; sabes a quem moves?
O semi-Atlas do mundo, a armadura
E a arma dos homens. E eis que fala:
"Minha serpente do Nilo, onde estás?"
Pois ele assim me chama. Eu hoje vivo
Do mais doce veneno. Pensa em mim

Toda marcada pelo amor de Febo
E com rugas do tempo. Quando César
Pisava ainda a terra, eu fui petisco
Para um monarca. E Pompeu, o Grande,
Ficava com o olhar em minha fronte
Como ancorado, e morreu refletindo sobre
Por que vivia.

(*Entra Alexas, vindo de Antônio.*)

ALEXAS

Salve, soberana!

CLEÓPATRA

Em nada te assemelhas a Marco Antônio!
Mas vindo dele, a cura universal
Cobriu-te de dourado!
Como vai o meu bravo Marco Antônio?

ALEXAS

Em seu gesto final, rainha amada,
Ele beijou — depois de muitos beijos —
Esta pérola. E eu guardo suas palavras.

CLEÓPATRA

As quer o meu ouvido.

ALEXAS

"Amigo", disse,
"Diz que o romano ao grande Egito manda
O tesouro de uma ostra; e a seus pés,
Pra compensar presente tão mesquinho,
Cubro-lhe o trono com reinos. Do Leste
Todo ela será senhora!" Acenou,
E sóbrio montou o seu corcel armado,
Cujo relincho, quando eu quis falar,
Me calou de tão forte.

CLEÓPATRA

Alegre ou triste?

ALEXAS

Como o tempo que não é frio ou quente,
Não 'stava ele triste e nem alegre.

CLEÓPATRA

Que divisão equânime! Repara,
Repara, Charmiana, como é ele!
Nem triste, pra mostrar seu brilho àqueles
Que vivem só de olhá-lo, e nem alegre,
Pra dizer-lhes que traz no pensamento
A alegria do Egito; entre um e outro.
Mistura celestial! Alegre ou triste
A violência de um e outro vai-lhe
Melhor que a qualquer outro. E meus correios?

ALEXAS

Eu me encontrei, senhora, com uns vinte.
Por que envia tantos?

CLEÓPATRA

O que nascer
Em dia em que eu não mande um a Antônio
Morre pobre. Quero papel e tinta.
Bem-vindo, Alexas. Será, Charmiana,
Que amei tanto a César?

CHARMIANA

Grande César!

CLEÓPATRA

Que tu te engasgues com esse entusiasmo;
Diz antes grande Antônio.

CHARMIANA

Bravo César!

CLEÓPATRA

Por Ísis, eu te tiro sangue com os dentes
Se uma outra vez tu comparas a César
Meu homem entre os homens.

CHARMIANA

Me perdoe,

Eu imito o seu canto.

CLEÓPATRA

Ainda jovem,
Verde de julgamento, frio o sangue,
Disse eu tais coisas. Mas agora, vamos,
Quero tinta e papel!
Ele terá saudações todo dia,
Ou acabo com a população do Egito.

(*Saem.*)

ATO II

Cena I — Messina. Na casa de Pompeu.

(*Entram Pompeu, Menecrates e Menas, com porte guerreiro.*)

POMPEU

Os justos deuses hão de dar apoio
Aos atos dos justos.

MENECRATES

Creia, Pompeu,
Que se a justiça tarda, ela não falha.

POMPEU

Mas enquanto imploramos, se arruína
O que pedimos.

MENECRATES

Nós, sendo ignorantes,
Pedimos nosso mal, que as forças sábias,
Para nosso bem nos negam. Assim lucramos
Ao perder nossas preces.

POMPEU

Vou vencer.
O povo me ama e o mar é meu;
Aumenta a minha tropa, e tudo indica
Que ficará completa. Marco Antônio
Come banquete egípcio, e não sai
Pra guerrear. César ganha em dinheiro
O que perde em amor: bajula Lépido,
Mas, bajulado, não ama um ou outro,
Que dele não gostam.

MENAS

César e Lépido
Estão em campo, e trazem grande força.

POMPEU

Como soubeste? É mentira.

MENAS

Por Silvius.

POMPEU

Estás sonhando. Eu sei que estão em Roma,
Buscando Antônio. Mas que o sal e o encanto
Do amor molhem o lábio de Cleópatra!
Que a magia, a beleza e a luxúria
Prendam o libertino em mar de festas,
Com o crânio embotado; e cozinheiros
Tornem-lhe mais agudo o apetite,
E pense só em sono e em comida
Até dormir no Letes…
(*Entra Varrius*.)
Como é, Varrius?

VARRIUS

Verdade certa é o que eu conto agora:
Antônio a qualquer hora é esperado
Em Roma. Desde que saiu do Egito
Já faz tempo…

POMPEU

Um assunto menor
Ouviria eu melhor. Não julguei, Menas,

Que esse amante devasso usasse o elmo
Pra guerra tão mesquinha. Nós devemos
Nos dar maior valor, se por agirmos
Salta do colo da viúva egípcia
O insaciável Antônio.

MENAS

Eu não creio
Que entrem em acordo César e Antônio.
Sua esposa falecida ofendeu César,
Seu irmão o atacou, embora eu pense
Não movido por Antônio.

POMPEU

Não sei, Menas,
Se os unirá maior inimizade.
Não fosse por nós sermos contra todos,
Era provável que entre si lutassem,
Pois ambos nutrem causas suficientes
Pra tirar a espada. Mas como o temor
A nós podem emendar essas discórdias,
Todas elas mesquinhas, não sabemos.
Os deuses mandam! Para vida ou morte,
Temos de usar a nossa mão mais forte.
Vamos, Menas.

(*Saem.*)

Cena II — Roma. Na casa de Lépido.

(*Entram Enobarbus e Lépido.*)

LÉPIDO

Bom Enobarbus; é um gesto nobre

Que te cai bem levar teu capitão
A falar com mais calma.

ENOBARBUS

Hei de pedir-lhe
Pra responder. Se César o irrita,
Que Antônio encare César bem do alto
E brade como Marte. Pois por Júpiter,
Se a barba que usa Antônio fosse minha,
Não a cortava hoje.

LÉPIDO

Não é hora
Pra brigas pessoais.

ENOBARBUS

Toda hora é hora
Pra se atender a assunto provocado.

LÉPIDO

Mas o mesquinho cede sempre ao grande.

ENOBARBUS

Não se chega primeiro.

LÉPIDO

Isso é paixão:
Mas não atices as brasas. E eis que chega
O nobre Antônio.

(*Entram Antônio e Ventidius.*)

ENOBARBUS

E César, logo além.

(*Entram César, Mecenas e Agrippa.*)

ANTÔNIO

Se concordarmos, vamos para Pártia:

Salve, Ventidius.

CÉSAR

Eu não sei, Mecenas; consulta Agrippa.

LÉPIDO

Meus nobres amigos,
É grande o que nos une, e não deixemos
Ação menor cindir-nos. Desavenças
Podem ter forma suave. Ao discutir
Diferenças aos brados, nós matamos
O que era pra curar. Meus nobres sócios,
É por isso que imploro, e com fervor,
Que em termos doces toquem os amargos,
Sem agravar o assunto.

ANTÔNIO

Disse bem.
Diante da tropa, e na hora da luta,
É o que eu faria.

(*Tocam clarins, fora.*)

CÉSAR

Bem-vindo a Roma.

ANTÔNIO

Obrigado.

CÉSAR

Sente-se.

ANTÔNIO

Sente-se.

CÉSAR

E então?

(*César senta-se e, depois, Antônio.*)

ANTÔNIO

Tomou por mal, eu soube, o que não o era:
Ou não o toca.

CÉSAR

Devo ser chacota,
Se por um nada ou por um pouco, eu dou-me
Por ofendido, e logo por você
No mundo inteiro; e ainda mais risível
Por não lhe ter respeito, se o citar
Seu nome não me toca?

ANTÔNIO

O que lhe importa,
César, estar eu no Egito?

CÉSAR

Não mais do que eu viver aqui em Roma
O afetará no Egito. Mas, se lá
Conspira contra mim, você no Egito
É questão minha.

ANTÔNIO

Como, conspirar?

CÉSAR

Talvez entenda o que quero dizer
Pelo que houve aqui. Sua esposa e irmão
Me guerrearam, e o tema do levante
Era você, de você veio a guerra.

ANTÔNIO

Você confunde as coisas. Meu irmão
Jamais lutou por mim. Eu indaguei,
E minha informação vem, na verdade,
Dalguns que com ele combateram. Não fez ele
Mais para solapar-me a autoridade,
Lutando contra a minha inclinação,
Ferindo a mim como a você? Minhas cartas
O esclareceram. E se quer brigar,
E está em busca de assunto pra fazê-lo,
Não há de ser por isso.

CÉSAR

Não se louve
Fazendo parecer que eu julgo mal;
São desculpas de trapos.

ANTÔNIO

Nada disso;
É impossível que não tenha tido
O pensamento lógico que eu,
Seu parceiro na causa contra a qual
Ele lutou, não poderia ver
Com bons olhos tal guerra que feria
A minha paz. E quanto à minha esposa,
Quisera um'outra fosse assim tão brava;
Do mundo um terço é seu, e com mão leve
O pode montar; mas não tal esposa.

ENOBARBUS

Quem dera a todos nós esposas tais, para que os homens pudessem ir à guerra com mulheres!

ANTÔNIO

O gênio dela, incontrolável, César,
Feito de impaciência — à qual juntava
Esperteza política — eu confesso
Lhe trouxe inquietações. Quanto a elas, saiba
Que nada pude eu fazer.

CÉSAR

Eu lhe escrevi,
Mas em Alexandria, em suas farras,
Guardou-me as cartas e, com ameaças,
Negou resposta ao meu correio.

ANTÔNIO

César,
Mas ele entrou sem que fosse admitido.
Eu festejara três reis e nem sabia
Quem era, de manhã. No outro dia
A ele expliquei tudo, que era o mesmo
Que pedir-lhe desculpas. Tal sujeito

É nada em nossa luta; em nossa rixa
Ele não conta.

CÉSAR

Você infringiu
Artigos que jurou, coisa que nunca
De mim pode dizer.

LÉPIDO

Com calma, César!

ANTÔNIO

Não, Lépido; é melhor que ele fale;
Ora ele fala de honra sagrada,
E me supõe em falta. Vamos, César,
O artigo que jurei.

CÉSAR

De me dar armas quando precisasse,
E as negou.

ANTÔNIO

Fui antes negligente;
E só quando o veneno me afastou
De meus sentidos. Serei penitente
Na medida do possível. Mas não posso,
Por ser honesto, perder a grandeza,
Nem ter poder sem ela. Na verdade,
Fúlvia fez guerras pr'eu deixar o Egito,
Pelo que eu, o ignorante motivo,
Peço perdão na medida em que a honra
Me permite em tal caso.

LÉPIDO

Falou bem.

MECENAS

Eu peço por favor que não agravem
As queixas mútuas; melhor é esquecê-las
E antes lembrar que o que é preciso hoje
É atenuá-las.

LÉPIDO

Isso, Mecenas!

ENOBARBUS

Se no momento se emprestarem um ao outro o seu amor,
quando não ouvirem mais falar de Pompeu poderão devolvê-lo.
Terão bastante tempo para disputas quando não tiverem mais o
que fazer.

ANTÔNIO

Tu és só soldado; agora, chega.

ENOBARBUS

Esqueci que se cala o que é verdade.

ANTÔNIO

Não diga mais; ofende esta presença.

ENOBARBUS

Peguem-se então! Consideram-se de pedra.

CÉSAR

Não me ofende o que diz, mas como o diz;
Pois não podemos ficar sempre amigos
Já que são, os nossos temperamentos,
Na ação tão diferentes. Mas se um elo
Nos pudesse manter firmes e juntos,
Eu iria buscá-lo.

AGRIPPA

Com licença.

CÉSAR

Fala, Agrippa.

AGRIPPA

Tens uma irmã pelo lado materno,
A nobre Otávia. O grande Marco Antônio
Hoje é viúvo.

CÉSAR

Nem o penses, Agrippa.
Se Cleópatra o ouvisse serias
Repreendido pelo teu abuso.

ANTÔNIO

Não sou casado, César. Quero ouvir
O que mais diz Agrippa.

AGRIPPA

Pra mantê-los unidos para sempre,
Vê-los irmãos, e os corações ligar-lhes
Com nó eterno, que Antônio tome
Otávia por esposa; tal beleza
Tem de casar-se com o melhor dos homens,
Cuja virtude e graças todas clamam
O que não expressamos. Com tal boda
O ciúme mesquinho, hoje aumentado,
Como os grandes temores e perigos,
Seriam nada. As verdades, boatos,
Quando hoje sussurros são verdades.
Amando a ambos, mútuo amor em ambos
Com ela nasceria. Me perdoem,
Mas a ideia é estudada, não de agora,
Nascida do dever.

ANTÔNIO

O que diz César?

CÉSAR

Nada antes de saber se o que foi dito
Tocou Antônio.

ANTÔNIO

Agrippa tem poder?
Se eu dissesse "Assim seja, Agrippa",
Pode cumpri-lo?

CÉSAR

O poder de César,
E o deste sobre Otávia.

ANTÔNIO

Pois que eu nunca
A tal bom intento, e dito assim tão bem,
Traga empecilhos! Que essa sua mão
Promova tal bênção. Doravante,
Peitos de irmãos dominem nosso amor,
E guiem nossas metas!

CÉSAR

Eis minha mão!
(*Apertam as mãos*.)
Dou-lhe uma irmã à qual irmão algum
Jamais amou tanto. Pois que ela viva
Pra juntar nossos reinos e afeições,
E nunca sofra o nosso amor!

LÉPIDO

Amém!

ANTÔNIO

Não pensei cruzar armas com Pompeu,
Pois fez-me há pouco grandes e estranhas
Cortesias. Preciso agradecer-lhe,
Para não ter má fama o meu bom nome,
E, após, desafiá-lo.

LÉPIDO

O tempo urge;
Temos de buscar Pompeu de imediato,
Antes que nos busque ele.

ANTÔNIO

Onde acampa?

CÉSAR

Junto ao Monte Misena.

ANTÔNIO

Com que força?

CÉSAR

Em terra é grande e cresce: mas no mar
É senhor absoluto.

ANTÔNIO

A fama é essa.
Devíamos já ter lutado. Há pressa,
Porém antes das armas, resolvamos
O negócio tratado.

CÉSAR

Com alegria,
Convido-o a visitar minha irmã,

Aonde o levo agora.

ANTÔNIO

Vamos, Lépido,
Não nos falte agora.

LÉPIDO

Nobre Antônio, nem doença me deteria.

(*Clarinada. Saem todos, menos Enobarbus, Agrippa e Mecenas.*)

MECENAS

Bem-vindo do Egito, senhor.

ENOBARBUS

Meio coração de César, valoroso Mecenas! Meu honrado amigo Agrippa!

AGRIPPA

Bom Enobarbus!

MECENAS

Temos razão para regozijo, tudo tendo sido tão bem- -resolvido. O Egito parece ter-lhe feito muito bem!

ENOBARBUS

Fizemos o dia ficar desconcertado, só dormindo; mas a noite iluminada clareávamos com bebida.

MECENAS

Oito javalis inteiros assados de manhã, e só para doze pessoas. É verdade?

ENOBARBUS

Isso é uma mosca comparada a uma águia. Nossos banquetes eram muito mais monstruosos, com todos, sempre, merecendo ser notados.

MECENAS

Ela é uma mulher mais que triunfal, se o que dizem a seu respeito for verdade.

ENOBARBUS

Ao conhecer Antônio, ela lhe conquistou o coração, no rio de Cydnus.

AGRIPPA

Aquilo é que foi uma aparição! Ou então o meu informante inventou grandes coisas a seu favor.

ENOBARBUS

Eu vou contar-lhes.
A barca em que sentava, trono ardente,
Queimava as águas; era de ouro a popa;
As velas púrpura e tão perfumadas
Que estavam tontos de paixão os ventos;
Eram de prata os remos bem-ritmados
Que, ao som das flautas, faziam as águas
Em que batiam correr mais depressa,
Como se amando os golpes. Quanto a ela,
Nenhum retrato a iguala: recostada
Em seu dossel — brocado todo de ouro —
Era mais bela do que a própria Vênus
Que, em sonhos, deixa pobre a natureza.
A seu lado, meninos quais cupidos,
Sorriam, tendo abanos multicores,
Com cujo vento abrasava o que arejavam,
Refazendo o desfeito.

AGRIPPA

Bom pr'Antônio!

EROS

Suas aias e damas, quais Nereidas,
Eram sereias que velavam sempre,
Cada gesto um adorno. Guia o leme
Sereia linda. E o velame de seda
Incha-se ao toque dessas mãos em flor
Que rápidas trabalham. Da galera,
Perfume estranho e invisível cobre
As margens circundantes. A cidade
Manda seu povo pra vê-la; e Antônio,
Só, no mercado, fica assobiando

Para o ar que, não fora pelo vácuo,
Iria vê-la também.

AGRIPPA

Rara egípcia!

ENOBARBUS

Tendo chegado, enviou-lhe Antônio
Convite pra cear ela. Respondeu:
Melhor seria fosse ele o hóspede,
Como implorava. E o cortês Antônio,
De quem mulher alguma escutou "não",
Muito bem-barbeado vai à festa;
E é com seu coração que paga a ceia
Que só come com os olhos.

AGRIPPA

Que rainha!
Fez César aposentar a sua espada pela cama:
Ele a plantou, e ela deu fruto.

ENOBARBUS

Um dia
Eu a vi num pé só cruzar a rua,
E por falar sem fôlego, e arfando,
Transformou o defeito em perfeição,
E até sem ar ela expirava força.

MECENAS

E agora Antônio tem de abandoná-la.

ENOBARBUS

Nunca! Não pode.
O tempo não a seca, e nem gastam-se
Com o uso seus encantos. Outras cansam
O apetite que nutrem, porém ela
Afaima o satisfeito. O que há de vil
Cai-lhe tão bem que até os sacerdotes
A abençoam quando é mais devassa.

MECENAS

Se beleza e modéstia sossegarem
O coração de Antônio, Otávia pode

Ser sorte abençoada.

AGRIPPA

Agora, vamos.
Bom Enobarbus, como convidado
Fique comigo em Roma.

ENOBARBUS

Eu lhe agradeço.

(*Saem.*)

Cena III — Roma. A casa de César.

(*Entram Antônio, César e Otávia, entre os dois.*)

ANTÔNIO

O mundo e meu ofício; vez por outra,
Nos irão separar.

OTÁVIA

E em tais momentos,
Hei de orar, de joelhos, ante os deuses,
Por si.

ANTÔNIO

Boa noite, senhor. Minha Otávia,
Não encare os meus erros como o mundo.
Se não andei na reta, o que há de vir
Há de seguir as leis. Boa noite, cara.

OTÁVIA

Boa noite, senhor.

CÉSAR

Boa noite.

(*Saem César e Otávia.*)
(*Entra o Vidente.*)

ANTÔNIO

Então, moleque! Queres voltar pro Egito?

VIDENTE

Lá devia ter ficado; e o senhor
Lá não ido.

ANTÔNIO

E por quê?

VIDENTE

É o que eu vejo
Na intuição, não na fala. Mas deve
Correr já pro Egito.

ANTÔNIO

Diz-me aqui:
Quem tem fado mais alto, eu ou César?

VIDENTE

É César.
Portanto, Antônio, não fique a seu lado.
O espírito — demônio — que o protege
É nobre, bravo, alto, inigualável,
E o de César não. Mas perto dele,
Seu anjo treme, dominado; e assim sendo
Fique afastado dele.

ANTÔNIO

Nunca repitas isso.

VIDENTE

Só a si. Nunca mais senão a si.
Quando jogar com ele qualquer jogo,
Perde na certa; ele vence com a sorte
Qualquer vantagem. Seu lustro diminui
Quando ele brilha. O seu demônio, insisto,

Tem medo de guiá-lo perto dele;
Porém, distante, é nobre.

ANTÔNIO

Vai-te embora:
Diga a Ventidius que eu quero falar-lhe.
(*Diz ao Vidente.*)
Irá para a Pártia. Por acaso ou arte,
Disse a verdade. Os dados o obedecem,
E em todo esporte a minha forma perde
Pra sorte dele. Ganha nos sorteios,
E os seus galos vencem sempre os meus
Contra o esperado; as suas aves todas
Ganham na rinha. Eu irei pro Egito,
Mesmo casando pra manter a paz
Meu prazer está no Leste.
(*Entra Ventidius.*)
Entre, Ventidius.
Tens de ir pra Pártia, as ordens já 'stão prontas;
Vem comigo buscá-las.

(*Saem.*)

Cena IV — Roma. Uma rua.

(*Entram Lépido, Mecenas e Agrippa.*)

LÉPIDO

Deixem disso. E sigam logo, eu lhes peço,
Seus generais.

AGRIPPA

Marco Antônio, senhor,
Tendo beijado Otávia, nós seguimos.

LÉPIDO

Até vê-los nos trajes militares
Que lhes vão bem, adeus.

MECENAS

Nós chegaremos,
Pelo que sei da marcha, antes de si
Ao Monte, Lépido.

LÉPIDO

Vão por atalho,
Meus objetivos pedem mais desvios;
Me ganham por dois dias.

AMBOS

Boa sorte!

LÉPIDO

Adeus.

(*Saem.*)

Cena V — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Cleópatra, Charmiana, Iras e Alexas.*)

CLEÓPATRA

Eu quero música com o clima certo
Pra quem vive do amor.

TODOS

Música! Vamos!

(*Entra o Eunuco Mardian.*)

CLEÓPATRA

Chega. Vamos pro bilhar. Vem, Charmiana.

CHARMIANA

Meu braço dói. Melhor jogar com Mardian.

CLEÓPATRA

Pra mulher, tanto faz brincar com eunuco
Quanto com outra. O senhor quer jogar?

MARDIAN

Farei o melhor que for capaz, senhora.

CLEÓPATRA

Quando fracassa, o de boa vontade
Já merece perdão. Não quero agora.
Dê-me o caniço; vamos lá pro rio,
Com a música ao longe. Hei de atrair
Peixes escuros. Meu anzol recurvo
Pode furar-lhes as bocas; e, ao puxá-los,
De cada um eu farei um Antônio,
E direi "Está preso!"

CHARMIANA

Era tão bom
Quando faziam apostas na pesca;
E o seu mergulhador prendia peixe seco
No anzol de Antônio.

CLEÓPATRA

Ah, naquele tempo!
De dia eu ria pra irritá-lo, e à noite
Meu riso o acalmava; e de manhã
Antes das nove já o embebedava,
Pra usar na cama a minha coroa,
E eu e a sua espada.
(*Entra um Mensageiro*.)
Oh, da Itália!
Choves tuas novas nestes meus ouvidos
Há tanto tempo secos.

MENSAGEIRO

Ai, senhora!

CLEÓPATRA

Antônio morto! Se falas assim, vilão,
Mata tua ama; mas se o anuncias saudável,
E livre, toma este ouro aqui e beija
Minhas veias azuis; na mão que reis
Roçando os lábios trêmulos beijaram.

MENSAGEIRO

Primeiro, ele está bem.

CLEÓPATRA

Toma mais ouro.
Porém, rapaz, outrora se dizia
Estarem bem os mortos. Se for isso,
Derreto o ouro que te dei e o derramo
Por tua goela.

MENSAGEIRO

Senhora, escute.

CLEÓPATRA

Eu te escuto. Fala;
Mas não 'stá bom teu rosto, 'stando Antônio
Livre e saudável. Tens ar muito amargo
Pra dares boas novas! Se ele está mal,
Devias parecer Fúria encimada
Por cobras, não um homem.

MENSAGEIRO

Quer ouvir-me?

CLEÓPATRA

'Stou pensando em bater-te antes que fales.
Porém se dizes que Antônio vive, e bem,
Que é amigo de César, não cativo,
Hei de cobrir-te com chuva de ouro,
E pérolas preciosas.

MENSAGEIRO

Ele está bem.

CLEÓPATRA

Que bom.

MENSAGEIRO

É amigo de César.

CLEÓPATRA

Isso é honesto.

MENSAGEIRO

Os dois são mais amigos do que nunca.

CLEÓPATRA

E nem tu tão rico.

MENSAGEIRO

Mas, senhora…

CLEÓPATRA

Não gosto desse "mas", que não combina
Com o precedente. Maldito seja o "mas"!
"Mas" é como um carcereiro que escolta
Malfeitor monstruoso. Meu amigo,
Jorra no meu ouvido todas as novas,
Juntas, boas e más. 'Stá bem com César,
Diz que está saudável, que está livre.

MENSAGEIRO

Livre não, senhora. Livre eu não disse.
Está preso a Otávia.

CLEÓPATRA

Preso para quê?

MENSAGEIRO

Pra ir pra cama.

CLEÓPATRA

Charmiana, 'stou pálida.

MENSAGEIRO

Senhora, ele se casou com Otávia.

CLEÓPATRA

Que a pior das pestes o infecte!

(*Bate nele.*)

MENSAGEIRO

Paciência, senhora.

CLEÓPATRA

O quê? Vai embora.
(*Torna a bater nele.*)
Vilão maldito, eu te arrebento os olhos
Como bolas! Arranco-te os cabelos!
(*Ela o sacode para um lado e para o outro.*)
Vou surrar-te com arame, escaldar-te em cal,
Fazer-te arder com sal.

MENSAGEIRO

Boa senhora.
Só trago as novas. Eu não os casei.

CLEÓPATRA

Se o desmentir dou-te uma província,
E faço-te a fortuna: e a pancada
Que te dei paga a ira a que me levou,
E inda te dou um pontapé com os brindes
Que quiseres.

MENSAGEIRO

Está casado, senhora.

CLEÓPATRA

Cão, já viveste demais!

(*Puxa uma faca.*)

MENSAGEIRO

Então eu fujo.
Que quer, senhora? Não fiz nada errado.

(*Sai.*)

CHARMIANA

Boa senhora, por favor, controle-se;
O homem é inocente.

CLEÓPATRA

Nem sempre escapa o inocente ao raio;
Derreta o Egito no Nilo! O que é bom
Vira serpente! Chama-o aqui de volta;
Nem mesmo 'stando louca eu mordo. Chama-o!

CHARMIANA

Está com medo.

CLEÓPATRA

Não hei de feri-lo.
(*Sai Charmiana.*)
Faltou nobreza às mãos que assim bateram
Em um inferior, pois fui eu mesma
Quem a mim fez mal.
(*Torna a entrar o Mensageiro.*)
Mensageiro, vem aqui.
Mesmo correto, a ninguém faz bem
Trazer más novas. Empresta às que são boas
Ricas linguagens, porém deixa as más
Falarem por si.

MENSAGEIRO

Só fiz meu dever.

CLEÓPATRA

Ele está casado?
Não posso odiá-lo mais do que já faço
Se tu dizes "Está".

MENSAGEIRO

Senhora, está casado.

CLEÓPATRA

Os deuses te confundem! Ainda insistes?

MENSAGEIRO

Devo mentir?

CLEÓPATRA

Quem dera que o fizesses,
Se meio Egito afundasse pra ser
Cisterna de serpentes! Vai-te embora;
Teu rosto, mesmo sendo o de Narciso,

Pra mim seria horrendo. Está casado?

MENSAGEIRO

Alteza, me perdoe.

CLEÓPATRA

Está casado?

MENSAGEIRO

Não se ofenda pois não quero ofendê-la:
Punir-me por fazer o que me manda
Não é justo. Casou-se com Otávia.

CLEÓPATRA

Os erros dele fazem-no um calhorda,
Mesmo não sabendo do que fala. Vai embora,
Toda a mercadoria que hoje trouxeste
De Roma é cara demais para mim.
Fique contigo e te destrua!

(*Sai o Mensageiro*.)

CHARMIANA

Paciência.

CLEÓPATRA

Louvando Antônio eu ofendi a César.

CHARMIANA

Muitas vezes, senhora.

CLEÓPATRA

Pago, claro.
Levem-me embora daqui. Eu desmaio.
Iras! Charmiana! Não importa.
Procura o homem, Alexas, e pede-lhe
Que te descreva Otávia: sua idade,
O seu modo de ser; e não se esqueçam
Da cor do cabelo. E tudo depressa.
(*Sai Alexas*.)
Que se vá pra sempre! Mas não — Charmiana,

Mesmo que em parte ele pareça a Górgona,
Por outra é Marte.
(*para Iras*)
Pede a Alexas
Também a altura. Piedade, Charmiana,
Mas não fala comigo. Pro meu quarto.

(*Saem.*)

Cena VI — Perto de Misenum.

(*Clarinada. Entram, por uma porta, Pompeu e Menas, com tambores e cornetas; pela outra, César, Lépido, Antônio, Enobarbus, Mecenas e Agrippa, com soldados marchando.*)

POMPEU

Eu tenho os seus reféns, vocês os meus;
Falemos antes de lutar.

CÉSAR

É certo
Primeiro usar palavras e, portanto,
Mandamos por escrito o que queremos,
Esperando que, lido, nos informe
Se assim se cala a espada da revolta,
E volta pra Sicília a mocidade
Que de outro modo morre.

POMPEU

A todos três,
Sabedorias isoladas do grande mundo,
Instrumentos dos deuses: eu não sei
Por que meu pai precisa de vingança
Tendo filho e amigos, já que César,

Aparecendo a Brutus em Philippi,
Lá os viu defendê-lo. O que foi
Que fez Cássio conspirar? E o que
Levou Brutus, de Roma o mais honrado,
A encharcar o Senado se não foi
Ver os homens só homens? Pois o mesmo
Armou a minha esquadra, arcando a qual
Espuma o mar irado, e com a qual
Quero acabar co'a ingratidão que Roma
Atirou em meu pai.

CÉSAR

Pense mais tempo.

ANTÔNIO

Pompeu, não nos assustam suas velas.
Vamos falar no mar. Em terra, sabe
Em quanto o superamos.

POMPEU

Em terra, sim,
Você ficou com a casa de meu pai:
Mas como o cuco não constrói pra si,
Pode ficar por lá.

LÉPIDO

Por favor, diga-nos —
'Stou falando de agora — como aceitou
As ofertas mandadas.

CÉSAR

Esse é o ponto.

ANTÔNIO

Ao qual não deve ceder, mas pesar
O que vale a pena.

CÉSAR

E o que se segue
Quando se pede mais.

POMPEU

Você me ofereceu
A Sicília e a Sardenha, mas preciso
Acabar com os piratas e enviar
Bocados de trigo a Roma. Assim feito,
Partir co'a espada intacta e os escudos
Sem marcas.

CÉSAR, ANTÔNIO E LÉPIDO

É nossa oferta.

POMPEU

Pois saibam,
Que aqui cheguei já pronto e preparado
Para aceitá-la. Porém Marco Antônio
Me deixou irritado. Embora eu perca
Em mérito ao contá-lo, saibam todos
Que ao se enfrentarem César e seu mano,
Sua mãe foi pra Sicília, onde teve
Boa acolhida.

ANTÔNIO

Sei disso, Pompeu,
E 'stou pronto a expressar a gratidão
Que a si eu devo.

POMPEU

Dê-me a sua mão:
(*Dão-se as mãos*.)
Eu não imaginava encontrá-lo aqui.

ANTÔNIO

Você do leito macio do leste
Me trouxe antes do que eu esperava.
Lucrei vindo, e agradeço.

CÉSAR

Desde a última
Vez que o vi mudou muito.

POMPEU

Bem, não sei
O que a má fortuna fez-me ao rosto,
Mas em meu peito nunca ela há de entrar

Pr'avassalar-me o coração.

LÉPIDO

Bem-vindo!

POMPEU

Assim espero, Lépido, se concordamos:
Espero que o acordo seja escrito
E selado entre nós.

CÉSAR

É o que faremos.

POMPEU

Vamos nos festejar a todos, e a sorte
Vai dizer quem começa.

ANTÔNIO

Eu, Pompeu.

POMPEU

Não; é por sorte. Mas primeiro ou último
Sua cozinha egípcia irá ganhar
As honras. Soube até que Júlio César
Lá engordou com festas.

ANTÔNIO

Ouviu muito.

POMPEU

De boas fontes.

ANTÔNIO

E belas palavras.

POMPEU

Pois ouvi muita coisa.
Ouvi que Apolodorus carregou…

ENOBARBUS

Agora chega! Ele o fez.

POMPEU

Fez o quê?

ENOBARBUS

Levou a César uma rainha envolta.

POMPEU

Eu o conheço. Como estás, soldado?

ENOBARBUS

Bem, melhor por eu já ter percebido
Que aí vêm quatro festas.

POMPEU

Dê-me a mão;
(*Dão-se as mãos.*)
Jamais o odiei. E em suas lutas
Já invejei-lhe o porte.

ENOBARBUS

Meu senhor,
Nunca gostei de si, mas muito o elogiei
Quando o seu mérito dez vezes mais valia
O que eu dizia.

POMPEU

Continue simples,
O que não lhe vai mal.
Convido a todos pra minha galera:
Vão na frente?

CÉSAR, ANTÔNIO E LÉPIDO

Mostre o caminho.

POMPEU

Vamos.

(*Saem todos, menos Menas e Enobarbus.*)

MENAS

(*à parte*)
Teu pai, Pompeu, jamais assinaria um tal tratado.
(*para Enobarbus*)
O senhor e eu já nos encontramos.

ENOBARBUS

Eu creio que no mar.

MENAS

Encontramos, senhor.

ENOBARBUS

Os seus se deram bem no mar.

MENAS

E os seus em terra.

ENOBARBUS

Eu elogio qualquer homem que me elogie, embora não se possa negar o que fiz em terra.

MENAS

Nem o que fiz eu no mar.

ENOBARBUS

Sim, mas há algo que pode negar para sua própria segurança: tens sido um grande ladrão no mar.

MENAS

Como o senhor em terra.

ENOBARBUS

Nisso eu nego meu serviço em terra. Mas dê-me a sua mão, Menas! (*Apertam as mãos.*) Se nossos olhos tivessem autoridade para isso, apanhariam aqui dois ladrões se beijando.

MENAS

Todo rosto de homem é verdadeiro, sejam o que forem as suas mãos.

ENOBARBUS

Mas não há mulher bonita que tenha rosto verdadeiro.

MENAS

Não é calúnia dizer que roubam corações.

ENOBARBUS

Nós viemos aqui para combatê-los.

MENAS

De minha parte, lamento que tudo tenha se tornado uma bebedeira. Pompeu hoje jogou fora, rindo, sua boa sorte.

ENOBARBUS

E se o fez, não há choro que a recupere.

MENAS

Disse bem, senhor. Não esperávamos que Marco Antônio estivesse aqui. Diga-me, ele está casado com Cleópatra?

ENOBARBUS

A irmã de César se chama Otávia.

MENAS

É verdade. Foi esposa de Caius Marcelus.

ENOBARBUS

E agora é a esposa de Marco Antônio.

MENAS

Não diga, senhor.

ENOBARBUS

É verdade.

MENAS

Então César e ele estão ligados para sempre.

ENOBARBUS

Se fosse obrigado a prever o futuro dessa união, não faria tal profecia.

MENAS

Creio que os objetivos políticos pesaram mais no casamento do que o amor entre as partes.

ENOBARBUS

Penso assim também. Mas verá que a corda que parece amarrar tal ligação é que haverá de estrangular sua amizade. Otávia é de diálogo santo, frio e quieto.

MENAS

E quem não gostaria de ter uma mulher assim?

ENOBARBUS

Não aquele que não é assim ele mesmo; ou seja, Marco Antônio. Ele irá voltar para seu quitute egípcio novamente. E então os suspiros de Otávia vão atiçar o fogo de César, e como já disse, o que é a força que os une vai se mostrar a causa de sua separação. Antônio vai viver sua paixão onde ela está. Seu casamento aqui foi coisa de ocasião.

MENAS

Pode ser que assim seja. Então, senhor, vamos a bordo? Lá lhe farei um brinde.

ENOBARBUS

Que aceitarei, senhor. Nós treinamos bem nossas gargantas no Egito.

MENAS

Então, vamos.

(*Saem.*)

Cena VII — A bordo da galera de Pompeu, ao largo de Misenum.

(*Músicos tocam. Entram dois ou três Criados com um banquete.*)

1º CRIADO

Aí vêm eles, homem. Alguns com as plantas já meio soltas das raízes, prontos para cair com qualquer ventinho.

2º CRIADO

Lépido está coradíssimo.

1º CRIADO

Eles o fizeram beber todos os restos.

2º CRIADO

Quando um começava a implicar com o outro, ele gritava "Chega!", reconciliando um com o outro, e ele mesmo com a bebida.

1º CRIADO

O que aumenta a guerra entre ele e sua discrição.

2º CRIADO

É nisso que dá ser incluído na companhia dos grandes homens. Eu prefiro ter um caniço que me sirva do que uma espada que eu não aguente.

1º CRIADO

Ser convocado para as altas esferas e não ser visto a mover- -se nelas é ficar como os buracos onde deveriam estar os olhos, um triste desastre para as faces.

(*Um toque de clarins. Entram César, Antônio, Pompeu, Lépido, Agrippa, Mecenas, Enobarbus, Menas, com outros Capitães e um menino cantor.*)

ANTÔNIO

(*para César*)
É assim: medindo o fluxo do Nilo,
Por marcas nas pirâmides descobrem —
Por cheia, baixa e média — se vem falta
Ou fartura a seguir. Mais sobe o Nilo,
Melhor. Quando ele baixa, o agricultor
Joga seus grãos por todo o limo e lama,
E logo viram colheita.

LÉPIDO

Há serpentes estranhas por lá?

ANTÔNIO

Há, Lépido.

LÉPIDO

Sua serpente egípcia então é cria da sua lama, por graça do seu sol: e seu crocodilo também.

ANTÔNIO

Isso mesmo.

POMPEU

Sentem-se — e vinho! À saúde de Lépido!

(*Sentam-se e bebem.*)

LÉPIDO

Eu não estou tão bem quanto deveria. Mas não saio do que combino.

ENOBARBUS

(*à parte*)
Enquanto não adormecer; temo que até então caia.

LÉPIDO

E com certeza, ouvi dizer que as pirâmides dos Ptolomeus são coisa muito boa; isso eu ouvi e sem contradição.

MENAS

(*à parte, para Pompeu*)
Pompeu, uma palavra.

POMPEU

(*à parte, para Menas*)
O que é? Fale.

MENAS

(*à parte, para Pompeu*)
Deixe seu posto, eu peço, capitão,
E ouça-me uma palavra.

POMPEU

(*à parte, para Menas*)
Espera um instante. — Este vinho é para Lépido!

LÉPIDO

Que espécie de coisa é o seu crocodilo?

ANTÔNIO

Ele tem a forma, senhor, dele mesmo, e é tão largo quanto sua largura. É tão alto quanto ele mesmo, e se move com seus próprios órgãos. Ele vive do que o alimenta, e assim que os elementos saem dele, transmigra.

LÉPIDO

E de que cor é?

ANTÔNIO

De sua própria cor, também.

LÉPIDO

É uma serpente estranha.

ANTÔNIO

É mesmo, e são molhadas suas lágrimas.

CÉSAR

Será que tal descrição irá satisfazê-lo?

ANTÔNIO

Antes os brindes de Pompeu; senão, tornou-se um epicurista.

POMPEU

(*à parte, para Menas*)

Não me amoles! Dizer o quê? Vai embora!
Fazes o que eu disse. E o vinho que eu pedi?

MENAS

(*à parte, para Pompeu*)
Se achar que eu mereço que me ouça,
Levante-se agora.

POMPEU

(*à parte, para Menas*)
Estás louco? O que há?

(*Levanta-se e caminha para um lado, com Menas.*)

MENAS

Sempre fui seguidor de sua fortuna.

POMPEU

Sempre me foste fiel. O que mais a dizer?
Todos alegres!

ANTÔNIO

Cuidado, Lépido,
Não afundes em areias movediças.

MENAS

Quer ser senhor do mundo inteiro?

POMPEU

O que dizes?

MENAS

Quer ser senhor do mundo?
Eu repito.

POMPEU

Como assim?

MENAS

Pense nisso,
E se me julga pobre, sou o homem
Que pode dar-lhe o mundo.

POMPEU

Bebeste tanto?

MENAS

Não, Pompeu; eu nem toquei num copo.
Se quiser, pode ser o Zeus terreno:
O que abraça o oceano, ou cobre o céu,
É seu, se o desejar.

POMPEU

Mostra-me como.

MENAS

Os três sócios do mundo, esses rivais,
Estão a bordo. É só cortar as amarras,
E, quando ao mar, eu cortar-lhes suas goelas:
Tudo será seu.

POMPEU

Deveria o tê-lo feito
Sem dizer nada! Em mim é vilania;
Em ti é servir bem. Pois sabes
Que não é o lucro que me guia a honra,
Mas ela a ele. Lamenta que a língua
Te haja traído o gesto. Sem sabê-lo,
Eu o diria mais tarde bem feito,
Mas ora o condeno. Desiste e bebe.

(*Volta para onde estava.*)

MENAS

(*à parte*)
Só por isso
Não sigo mais o ocaso da sua sorte.
Quem busca mas não toma o oferecido
Não o acha mais.

POMPEU

Sua saúde, Lépido!

ANTÔNIO

Levem-no à terra. Eu bebo por ele!

ENOBARBUS

À sua, Menas!

MENAS

Bem-vindo, Enobarbus!

POMPEU

Enche o copo até a borda!

ENOBARBUS

Aquilo é que é ser forte, Menas.

(*Apontando para o Servo que carrega Lépido para fora.*)

MENAS

Por quê?

ENOBARBUS

Carrega todo um terço do mundo, homem. Não estás vendo?

MENAS

Um terço bêbado. Se estivessem todos,
As coisas iam correr mesmo!

ENOBARBUS

Beba aí; vai girar melhor.

MENAS

Vamos!

ENOBARBUS

Ainda não é uma festa alexandrina.

ANTÔNIO

Mas chega lá. Estourem mais barris!
Salve, César!

CÉSAR

Prefiro evitar essa.
É trabalho sujo lavar o cérebro
Para deixá-lo imundo.

ANTÔNIO

Obedeça aos tempos.

CÉSAR

De posse deles, digo:
Prefiro jejuar por quatro dias
A beber tanto em um.

ENOBARBUS

(*para Antônio*)

Imperador,
Vamos dançar a Bacanal Egípcia
E celebrar o vinho?

POMPEU

Isso, soldado!

ANTÔNIO

Vamos dar as mãos,
Até o vinho calar os sentidos
Em Lete suave e delicado.

ENOBARBUS

As mãos!
Que nos ataque os ouvidos a música:
Eu os arrumo, e o menino canta.
E todos fazem o estribilho
O mais forte que puderem.

(*A música toca. Enobarbus liga as mãos de todos.*)

A CANÇÃO

MENINO

Vem, monarca do vinhedo,
Baco gordo e de olho azedo!
Tuas banhas vão me afogar,
Tuas uvas me coroar.
Com os copos o mundo gira,

TODOS

Com os copos o mundo gira!

CÉSAR

Ainda querem mais? Pompeu, boa noite.
Meu bom irmão,
Peço que pare; pois negócios sérios
Veem mal tais tolices. Senhores, vamos;
'Stão vendo que coramos. Enobarbus
É mais fraco que o vinho, e a minha língua
Fala aos tropeços; e tanto desmando
É loucura. Pra que falar? Boa noite.
Bom Antônio, sua mão.

POMPEU

Os levo à praia.

ANTÔNIO

Por certo; e dê-me a mão.

POMPEU

Ah, Antônio,
'Stá na casa de meu pai. Somos amigos!
Desça ao bote.

ENOBARBUS

Atenção, não vá cair.
(*Saem todos, menos Enobarbus e Menas.*)
Não vou à terra.

MENAS

Ao meu camarote!
Tantos tambores, trompas, flautas, ai!
Que ouça Netuno o adeus que aqui nós damos
A esses grandes. Toquem logo e danem-se!
Toquem logo!

(*Soam clarins e tambores.*)

ENOBARBUS

Fora, eu digo. Eis meu gorro.

MENAS

Fora! Venha, nobre capitão.

(*Saem.*)

ATO III

Cena I — Uma planície na Síria.

(*Entra Ventidius, como se em triunfo, com Silius e outros romanos, Oficiais e Soldados; o corpo de Pacorus, morto, é carregado à frente deles.*)

VENTIDIUS

Ora foste ferida, veloz Pártia,
E a fortuna de mim faz vingador
De Marcus Crassus. Que o corpo do príncipe
Preceda a tropa. O teu Pacorus, Orodes,
É a paga de Crassus.

SILIUS

Nobre Ventidius,
Co'a espada ainda quente com esse sangue
Vamos seguir os pártios fugitivos.
Por vãos da Média e da Mesopotâmia
Onde se escondem. Há de então Antônio,
Teu capitão, em carro triunfal,
Coroar-te a fronte.

VENTIDIUS

Silius, Silius,
Fiz o bastante. A patente menor
Pode fazer demais. Pois saiba, Silius:
É melhor não fazer do que, fazendo,

Ter muita fama 'stando ausente o chefe.
César e Antônio triunfaram sempre
Mais por oficiais do que em pessoa.
Sossius, o meu antecessor na Síria,
Só por acumular tanto renome
De hora em hora, perdeu seu favor.
Quem faz na guerra mais que o capitão,
Vira capitão deste: e a ambição,
Virtude do soldado, antes prefere
A perda ao ganho que faz sombra a ele.
Podia fazer mais pro bem de Antônio,
Mas iria ofendê-lo. E em tal ofensa
Morreriam meus atos.

SILIUS

Tens, Ventidius,
O que sem isso soldado e espada
Não se distinguem. Escreves a Antônio?

VENTIDIUS

Humilde eu lhe direi o que, em seu nome,
Termo mágico da guerra, fizemos;
Como com suas bandeiras e suas tropas
Bem-pagas, a cavalaria da Pártia
Expulsamos do campo.

SILIUS

Onde está ele?

VENTIDIUS

Vai para Atenas, onde, com a pressa
Que o peso que levamos permitir,
Nos apresentaremos. Aí, vamos!

(*Saem.*)

Cena II — Roma. Uma antecâmara na casa de César.

(*Entra Agrippa por uma porta, Enobarbus entra por outra.*)

AGRIPPA

O quê, separaram-se os irmãos?

ENOBARBUS

Despacharam com Pompeu, que saiu,
E os três estão selando. Otávia chora
Por deixar Roma; César está triste,
Lépido desde a festa 'stá sofrendo
De mal de amor.

AGRIPPA

É muito nobre Lépido.

ENOBARBUS

E muito lépido. Como ama a César!

AGRIPPA

Não, como ama e adora Marco Antônio!

ENOBARBUS

César? Ora, é o Júpiter dos homens.

AGRIPPA

E o que é Antônio? O deus de Júpiter.

ENOBARBUS

Falou de César? Como, do ímpar?

AGRIPPA

Oh, Antônio! Oh, ave árabe!

ENOBARBUS

Pra louvar César basta dizer "César".

AGRIPPA

A ambos fez notáveis elogios.

ENOBARBUS

Mais ama a César, porém ama Antônio.
Língua nem coração, bardo ou poeta
Sabem falar, dizer, cantar ou escrever
Seu amor a Antônio. Mas a César,
Adora de joelhos.

AGRIPPA

Ama os dois.

ENOBARBUS

São suas asas; ele o seu besouro:
(*Soam trompas, fora.*)
Devo montar. Adeus, meu nobre Agrippa.

AGRIPPA

Bravo soldado, boa sorte e adeus.

(*Entram César, Antônio, Lépido e Otávia.*)

ANTÔNIO

Chega, senhor.

CÉSAR

Leva consigo boa parte de mim;
Trate-me, pois, bem. Mana, seja a esposa
Que eu penso que seja, pois estou
Em jogo em seu sucesso. Nobre Antônio,
Não deixe que a virtude que hoje é posta
Entre nós pra cimentar nosso amor,
E o manter firme, torne-se aríete
Para atacar seus muros; pois seria
Melhor amar-nos sem ela do que a ambos
Não ser ela querida.

ANTÔNIO

Não me ofenda
Com tal suspeita.

CÉSAR

Falei.

ANTÔNIO

Não terá,
Mesmo que a busque, qualquer causa mínima
Pr'o que teme. Que os deuses o protejam
E que os corações de Roma sempre o ajudem!
Aqui nos separamos.

CÉSAR

Adeus, querida irmã, e que vá bem.
Que os elementos lhes sejam gentis
Proporcionando todo o conforto! Adeus.

OTÁVIA

Meu nobre irmão!

(*Chora.*)

ANTÔNIO

'Stá em seus olhos o abril do amor,
E essa é a sua chuva. Fique alegre.

OTÁVIA

Zele pela casa de Antônio, e…

CÉSAR

O quê, Otávia?

OTÁVIA

Digo em seu ouvido.

(*Sussurrando para César.*)

ANTÔNIO

A língua não obedece ao coração, nem
Seu coração à língua — pois, qual pluma
Pousada sobre a cheia da maré,
Não sabe pr'onde pende.

ENOBARBUS

(*à parte, para Agrippa*)
César chora?

AGRIPPA

(*à parte, para Enobarbus*)
Seu rosto está nublado.

ENOBARBUS

(*à parte, para Agrippa*)
Se sem estrelas piora o cavalo,
Ele o faz como homem.

AGRIPPA

(*à parte, para Enobarbus*)
Mas por quê?
Quando Antônio viu Júlio César morto,
Soluçou quase aos gritos; e chorou
Quando em Philippi encontrou Brutus morto.

ENOBARBUS

(*à parte, para Agrippa*)
Estava então bastante encatarrado;
Chorava pelo que queria findo,
E creia que eu também.

CÉSAR

Não, boa Otávia;
Terás notícias minhas. Tempo algum
Te tira do meu pensar.

ANTÔNIO

Senhor, venha;
Meu amor é rival do seu em força.
Assim o abraço,
(*Abraça César.*)
Assim o deixo ir,
E o entrego aos deuses.

CÉSAR

Vá. Seja feliz.

LÉPIDO

Que toda estrela que dá luz ao céu
Lhe ilumine a estrada!

CÉSAR

Adeus!

(*Beija Otávia.*)

ANTÔNIO

Adeus!

(*Tocam as trompas. Saem.*)

Cena III — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Cleópatra, Charmiana, Iras e Alexas.*)

CLEÓPATRA

Onde está ele?

ALEXAS

Com medo de entrar.

CLEÓPATRA

Que tolice. Aqui, rapaz!

(*Entra o Mensageiro como antes.*)

ALEXAS

Majestade,
Nem o judeu Herodes ousa olhá-la,
Quando não está contente.

CLEÓPATRA

Desse Herodes
Quero a cabeça. Porém, não tendo Antônio,
A quem darei a ordem? Vem cá.

MENSAGEIRO

Graciosa Majestade!

CLEÓPATRA

Viste Otávia?

MENSAGEIRO

Vi, rainha.

CLEÓPATRA

Onde?

MENSAGEIRO

Senhora, em Roma;
Olhei-a bem no rosto, e a vi sendo
Levada entre o irmão e Marco Antônio.

CLEÓPATRA

É alta como eu?

MENSAGEIRO

Não é, senhora.

CLEÓPATRA

E ao falar, tem voz aguda ou grave?

MENSAGEIRO

Eu a ouvi, senhora; fala baixo.

CLEÓPATRA

É mau. Não durará por muito tempo.

CHARMIANA

Durar? Por Ísis! É impossível!

CLEÓPATRA

É o que penso. Tola de fala e anã!
Tem porte majestoso? Pense bem,
Se já viste majestade.

MENSAGEIRO

Ela se arrasta;
Seu andar e postura são um só.
Mais que uma vida, ela parece um corpo,
Estátua que não respira.

CLEÓPATRA

É certo?

MENSAGEIRO

Ou não sei observar.

CHARMIANA

Não há no Egito
Três que notem melhor.

CLEÓPATRA

Ele é esperto,
Já percebi. Não vejo nada nela.
Ele é bom julgador.

CHARMIANA

É excelente.

CLEÓPATRA

Que idade acha que tem?

MENSAGEIRO

Minha senhora,
Era viúva…

CLEÓPATRA

Viúva? Charmiana!

MENSAGEIRO

E creio que tenha uns trinta.

CLEÓPATRA

Lembras-te do rosto? É redondo ou longo?

MENSAGEIRO

Redondo, até demais.

CLEÓPATRA

E quase todas as assim são tolas.
Cor dos cabelos?

MENSAGEIRO

Castanhos; e a testa
O mais baixa possível.

CLEÓPATRA

Toma este ouro.
Não leves a mal eu ter sido agressiva.
Hei de usar-te de novo; considero-te
Muito bom para o ofício. Ora prepare-se,
Minhas cartas 'stão prontas.

(*Sai o Mensageiro.*)

CHARMIANA

É um bom homem.

CLEÓPATRA

É mesmo bom. E muito eu me arrependo
De o maltratar. Pelo que diz, parece
Que a criatura não é nada.

CHARMIANA

Nada.

CLEÓPATRA

Ele já viu nobres e sabe reconhecer um.

CHARMIANA

Se ele já viu? Que Ísis me proteja!
Há tanto que ele a serve!

CLEÓPATRA

Tenho ainda uma pergunta, Charmiana.
Mas não importa; traze-o até aqui
Onde escrevo. Tudo acabará bem.

CHARMIANA

Eu garanto, senhora.

(*Saem.*)

Cena IV — Atenas. Uma sala na casa de Antônio.

(*Entram Antônio e Otávia.*)

ANTÔNIO

Não, não, Otávia; não somente isso…
Isso eu perdoo, isso e mais mil coisas
De igual monta — mas já faz nova guerra
Contra Pompeu; fez testamento e o leu
Pro povo ouvir:
De mim, mal falou; e quando obrigado

Foi com termos de fria e fraca honra
Que se expressou; de mim fez sempre pouco:
Tendo deixa pra mais, ele ignorou-a,
Ou falou entre os dentes.

OTÁVIA

Meu senhor,
Não acredite em tudo ou, se o fizer,
Não leve tudo a mal. Se os dois se afastam
Entre ambos ficaria uma infeliz
A orar pelos dois.
Rirão de mim os deuses, muito em breve,
Se pedir "Bênçãos pra meu amo e esposo!"
E anular essa reza por gritar
"Bênçãos pro meu irmão!". Que vençam ambos.
É reza que mata reza; não há meio
Entre esses dois extremos.

ANTÔNIO

Cara Otávia,
Que o teu amor te leve para o lado
Que mais o preza. Ficando eu desonrado
Perco a mim mesmo; e antes não ser teu
Que teu e indigente. Mas se aspira
Ser mediadora, nesse tempo
Preparo o necessário pr'uma guerra
Que humilhará o teu irmão: vai bem depressa
Se é o que desejas.

OTÁVIA

Eu te sou grata.
Que o forte Zeus faça com que eu, tão fraca,
Os concilie! Uma guerra entre os dois
É um abismo no mundo que só mortos
Poderiam soldar.

ANTÔNIO

Quando souber onde isto começou,

Mira então teu desgosto; os nossos erros
Não podem ser iguais, pro teu amor
Balançar entre os dois. Apronta a ida,
Escolhe tua escolta, a qualquer custo
Que o coração te peça.

(*Saem.*)

Cena V — No mesmo local. Uma outra sala.

(*Entram Enobarbus e Eros, que se encontram.*)

ENOBARBUS

Então, amigo Eros?

EROS

Senhor, chegaram novas muito estranhas.

ENOBARBUS

Quais são elas, homem?

EROS

César e Lépido fizeram guerra contra Pompeu.

ENOBARBUS

Isso é velho. E que resultado teve?

EROS

César, depois de usá-lo nas guerras contra Pompeu, logo depois, negou-lhe a igualdade; não o deixou ter parte nas glórias da ação, e como se não bastasse, acusa-o por cartas outrora escritas a Pompeu; por suas próprias acusações ordena que o agarrem; de modo que o pobre terço está preso, até que a morte o liberte desses limites.

ENOBARBUS

Então, mundo, ora tens só duas goelas,
E por mais que lhes dês tua comida
Vão se matar. Onde está Antônio?

EROS

Andando no jardim — e assim despreza
O perigo que vem; diz "Tolo Lépido!",
E quase mata o seu oficial
Que assassinou Pompeu.

ENOBARBUS

'Stá pronta a armada.

EROS

Para a Itália e César. Mais, Domitius:
O nosso amo o chama. Minhas novas
Podiam esperar.

ENOBARBUS

Não vai ser nada.
Mas deixa estar. Leva-me até Antônio.

EROS

Vamos, senhor.

(*Saem.*)

Cena VI — Roma. Na casa de César.

(*Entram Agrippa, Mecenas e César.*)

CÉSAR

Com isso e mais faz desfeitas a Roma
Em Alexandria. É assim que faz:
No mercado, sobre base de prata,
Ele e Cleópatra, em tronos de ouro,
Foram publicamente entronizados.

Cesário, dito filho de meu pai,
'Stava a seus pés, com a prole ilegal
Que entre eles criaram. Pois a ela
Ele deu o mando do Egito; e ainda a fez,
Da Baixa Síria, de Chipre e da Lídia,
Rainha absoluta.

MECENAS

Tudo isso em público?

CÉSAR

Na arena, onde sempre se exercitam.
Os filhos dele, lá, são reis dos reis:
A grande Média, a Pártia e a Armênia
Doou a Alexandre; cedendo a Ptolomeu
A Síria, a Cilícia e a Fenícia. Ela,
Vestida qual se fora a deusa Ísis,
Foi vista nesse dia; e assim recebe
Por vezes, dizem.

MECENAS

Pois que Roma o saiba.

AGRIPPA

Que, já cansada de sua insolência,
Na certa deixa de pensar bem dele.

CÉSAR

O povo sabe; e hoje foi informado
De seus ataques.

AGRIPPA

Mas a quem acusa?

CÉSAR

A César que, vencendo na Sicília
Sexto Pompeu, não reservou pra ele
Parte da ilha. Diz que me emprestou
Navios não devolvidos. E ainda insiste
Que do triunvirato deve ser
Banido Lépido, retendo nós
A sua renda.

AGRIPPA

Isso exige resposta.

CÉSAR

Está dada; partiu o mensageiro.
Disse que Lépido, cruel demais,
Abusara de sua autoridade
E mereceu sair. Do que eu ganhei
Dei-lhe parte, porém de sua Armênia,
E de outros reinos conquistados, eu
Exijo o mesmo.

MECENAS

Nisso ele não cede.

CÉSAR

E nem podemos nós ceder aqui.

(*Entra Otávia com seu Séquito.*)

OTÁVIA

Ave, César, meu senhor! Caro César!

CÉSAR

Não quisera ver-te assim repudiada!

OTÁVIA

E nem me vê, nem pra tal tem motivo.

CÉSAR

Por que vens escondida? Assim não chega
A irmã de César. A mulher de Antônio
Deve ter um exército de escolta,
Com tropel de cavalos anunciando
Bem antes a chegada. Deveríamos
Ver nas árvores homens, e desmaios
De ânsia pela espera. O próprio pó
Devia ter subido até os céus
Por tua vasta tropa. Porém chegas
Qual serva a Roma, impedindo assim
Nossas mostras de amor, que, sem serem vistas,

Ficam esquecidas. Devemos buscar
Por mar ou terra e, a cada etapa,
Maiores saudações.

OTÁVIA

Meu bom senhor,
Não fui forçada a vir assim, mas, antes,
Por vontade. Meu senhor, Marco Antônio,
Ao sabê-lo em pé de guerra, informou-me
O triste ouvido; e a ele eu implorei
Licença pra voltar.

CÉSAR

Que ele logo deu,
Sendo obstrução entre ele e o desejo.

OTÁVIA

Nem diga isso.

CÉSAR

Eu tenho os olhos nele,
E o que ele faz a mim chega com o vento.
Onde está ele hoje?

OTÁVIA

Em Atenas, senhor.

CÉSAR

Não, mana injuriada, pois Cleópatra
Já o chamou. Ele deu seu império
A uma rameira que recruta agora
Pra guerra os reis da terra. Ele juntou
Bocus, o Rei da Líbia; Arquelaus
Da Capadócia; Filadelfos, Rei
Da Paflagônia; o trácio Rei Adalas;
Rei Manchus da Arábia, Rei de Ponto,
Herodes da Judeia; Mitridates
De Comagene; Polemom e Amintas,
Os reis da Média e da Licaônia,
E muitos cetros mais.

OTÁVIA

Pobre de mim,

Que dou meu coração a dois amigos
Que se agridem!

CÉSAR

Sê muito bem-vinda.
'Tuas cartas sustaram-nos a ação
Até a vermos assim maltratada,
E nós, por negligência, em perigo.
Alegra-te, não te inquietes com este tempo,
Cuja exigência abala o teu prazer,
E deixa o que o destino já traçou
Seguir seu curso. E sê bem-vinda,
Cara entre as caras! Foste mais ofendida
Do que o imaginável; e os deuses
Pr'haver justiça, fazem seus ministros
Os que te amam. Que tenhas aqui conforto
E boa acolhida.

AGRIPPA

Bem-vinda seja.

MECENAS

Bem-vinda seja, senhora.
Todo peito romano lhe tem pena.
Só o adúltero Antônio, agindo assim
De forma abominável, a repudia
E entrega sua tropa à prostituta
Que brada contra nós.

OTÁVIA

É assim, senhor?

CÉSAR

Mais que certo. Bem-vinda, mana. E peço-te
Que tenhas paciência. Minha amada irmã!

(*Saem.*)

Cena VII — Perto de Actium. Acampamento de Antônio.

(*Entram Cleópatra e Enobarbus.*)

CLEÓPATRA

Eu me vingo de ti; verás se não.

ENOBARBUS

Mas por quê, por quê, por quê?

CLEÓPATRA

Tu foste contra eu estar nesta guerra,
Dizendo não ser certo.

ENOBARBUS

E, bem, será?

CLEÓPATRA

Se ela é contra nós, nós não devemos
Vir em pessoa?

ENOBARBUS

(*à parte*)
Eu posso responder,
Se usarmos juntos cavalos e éguas,
Os cavalos se perdem. Levam elas
Cavalo e cavaleiro.

CLEÓPATRA

O que é que diz?

ENOBARBUS

Sua presença só confunde Antônio,
Toma-lhe o coração, a mente e o tempo,
Quando estão ocupados. Já é ele
Tido por fútil, sendo dito em Roma
Que Fotinus, o eunuco, e suas servas
Mandam na guerra.

CLEÓPATRA

Pois que afunde Roma

E que apodreça a língua que me ataca.
A guerra é minha e, cabeça do reino,
Lá serei homem. Não me contradigas,
Não fico para trás.

(*Entram Antônio e Canidius.*)

ENOBARBUS

Eu já acabei.
Eis Antônio.

ANTÔNIO

Não é estranho, Canidius,
Que eles possam, de Tarento e Brindisi,
Cruzar assim tão rápido o Mar Jônico
E até tomar Torino? Soubeste, amada?

CLEÓPATRA

A rapidez nunca é mais admirada
Que pelo negligente.

ANTÔNIO

Uma advertência
Que é aplicável ao melhor dos homens
Qual desafio à preguiça. Canidius,
O enfrentaremos por mar.

CLEÓPATRA

Sim, por mar!

CANIDIUS

Por quê?

ANTÔNIO

Porque nos desafia a isso.

ENOBARBUS

E o senhor a ele, só os dois.

CANIDIUS

E a travar batalha em Farsália,
Onde lutaram César e Pompeu.

Mas o que não convém ele recusa;
Faça o mesmo.

ENOBARBUS

Suas naus 'stão fracas,
Os marinheiros são peões, tropeiros,
Recrutados às pressas. Mas com César
Estão os que lutaram contra Pompeu,
Com naus rápidas, e as suas, lentas.
Não é vergonha recusar o mar
'Stando pronto pra terra.

ANTÔNIO

Não, por mar.

ENOBARBUS

Mas desperdiça assim, nobre senhor,
Os seus dotes supremos quando em terra;
Despreza a sua tropa, toda feita
De infantaria experiente; e deixa
Sem ter uso o seu célebre saber,
Ignorando o caminho promissor,
E entregando-se ao risco e ao acaso,
Em lugar do seguro.

ANTÔNIO

Vou por mar.

CLEÓPATRA

César não tem frota melhor que a minha.

ANTÔNIO

As naus desnecessárias nós queimamos,
E com o resto equipado vou pra Actium,
Venço César no ataque. Se perdermos,
Venceremos em terra.
(*Entra um Mensageiro.*)
O que nos trazes?

MENSAGEIRO

É verdade, senhor; ele foi visto.
César tomou Torino.

ANTÔNIO

Está lá em pessoa? É impossível;
É estranho estar com sua tropa. Canidius,
Comanda as legiões todas por terra,
E os doze mil cavalos. Vamos embarcar
Partamos, minha Tétis.
(*Entra um Soldado*.)
Que há, soldado?

SOLDADO

Não lute n'água, nobre imperador,
Não tenha confiança em tábuas podres.
Não crê em minha lâmina e feridas?
Brinquem de patos, egípcios e fenícios.
Nós conquistamos sempre em terra firme,
Infante contra infante.

ANTÔNIO

Bem, bem, vamos!

(*Saem Antônio, Cleópatra e Enobarbus*.)

SOLDADO

Por Hércules, eu sei que eu estou certo.

CANIDIUS

Estás, soldado. Mas os atos dele
Não vêm da força. O nosso guia segue,
E mulheres nos mandam.

SOLDADO

Mas em terra
Não 'stão consigo tropas e cavalos?

CANIDIUS

Marcus Octavius, com Marcus Justius,
Publicola e Caelius vão por mar.
Em terra ficamos. Essa pressa
De César é incrível.

SOLDADO

Quando em Roma,
A tropa manobrou de modo tal
Que enganou os espias.

CANIDIUS

Qual era o tenente?

SOLDADO

Um tal de Taurus.

CANIDIUS

Eu o conheço bem.

(*Entra um Mensageiro*.)

MENSAGEIRO

O imperador chama Canidius.

CANIDIUS

Trabalha o tempo as novas; e parteja,
A cada minuto, mais outras.

(*Saem*.)

Cena VIII — Uma planície perto de Actium.

(*Entram César e Taurus, com seu Exército, marchando*.)

CÉSAR

Taurus!

TAURUS

Senhor?

CÉSAR

Não ataque por terra, e nem provoque,

Até a conclusão no mar. Não exceda
O que diz esta ordem.
(*Dá a Taurus um pergaminho*.)
Nossa sorte
Depende deste golpe.

(*Saem*.)

Cena IX

(*Entram Antônio e Enobarbus*.)

ANTÔNIO

Prepara os esquadrões naquela encosta,
Ante os olhos de César, e de onde
Poderemos contar os seus navios
E agir segundo os dados.

(*Saem*.)

Cena X

(*Canidius marcha com sua tropa em um sentido do palco, e Taurus, tenente de César, no outro sentido. Depois que saem ouve- -se o ruído de uma batalha naval. Alarma. Entra Enobarbus*.)

ENOBARBUS

Tudo acabado! Não aguento olhar!

O capitânia egípcio, o Antoníada,
Vira e foge com os outros sessenta.
Fiquei cego de ver.

(*Entra Scarus*.)

SCARUS

Deuses e deusas,
Todos reunidos!

ENOBARBUS

Que paixão é essa?

SCARUS

Foi-se a maior parcela deste mundo
Por ignorância. Demos, mão beijada,
Reinos, províncias.

ENOBARBUS

Como está a luta?

SCARUS

De nosso lado, marcada de peste
Pra morte certa. A égua-puta egípcia —
Que a lepra a tenha! — em meio à batalha,
Quando a vantagem, como um par de gêmeos,
Estava empatada, ou até pro mais velho,
Pegando o vento como vaca em junho
Içou as velas e fugiu.

ENOBARBUS

Isso eu vi.
Doente com a visão, não suportei
Continuar a olhar.

SCARUS

Mal se afastou,
A ruína que o encanto fez de Antônio
Abre as asas e, pato apaixonado,
Deixa a luta no auge e voa atrás.

Nunca vi tal vexame em uma guerra.
Pois nunca honra viril e experiência
Assim se violaram.

ENOBARBUS

Que tristeza!

(*Entra Canidius.*)

CANIDIUS

Nossa sorte no mar perdeu o fôlego,
E naufraga triste. Se o general
Agisse como sabe, dava certo.
Em fuga vergonhosa ele nos deu
Modelo para a nossa!

ENOBARBUS

É assim que pensa?
Então 'stá acabado mesmo.

CANIDIUS

Fugiram pro Peloponeso.

SCARUS

Fica bem perto, e por lá espero
O que há de vir.

CANIDIUS

Entregarei a César
Meus homens e cavalos. Seis reis já
Mostraram-me o caminho.

ENOBARBUS

Por enquanto
Sigo o fado maculado de Antônio,
Mesmo que contra os ventos da razão.

(*Saem, por uma porta, Canidius e, por outra, Scarus e Enobarbus.*)

Cena XI — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Antônio e Criados.*)

ANTÔNIO

Pede a terra que eu não a pise mais,
Meu peso a envergonha. Aqui, amigos:
Tanto o mundo me maldiz que eu perdi
Meu caminho pra sempre. Tenho uma nau
Cheia de ouro. Repartam-na, fujam,
E façam paz com César.

TODOS

Fugir? Nunca.

ANTÔNIO

Pois eu fugi, ensinando aos covardes
A correr mostrando as costas. Amigos,
Tomei resolução quanto a um caminho
No qual não preciso de vocês. Vão-se embora.
Meu ouro está no cais. Podem levá-lo.
Segui o que me enrubesce só de olhar:
Meus cabelos revoltam-se; os brancos
Têm por ousados os negros, que chamam
De medrosos os brancos. Vão, amigos.
Terão cartas minhas que servirão
Pr'abrir caminhos. Nada de tristeza,
Nem falem de repúdio; a sua deixa
Quem dá é o desespero; e abandonem
O que se abandonou. Pro cais, depressa.
Eu dou-lhes minha nau e meu tesouro.
Eu peço que me deixem por um pouco.
Sim, por favor; eu não comando mais.
Por favor, peço. E os vejo daqui a pouco.

(*Senta-se.*)

(*Entra Cleópatra amparada por Charmiana e Eros, com Iras logo atrás.*)

EROS

Não, senhora minha! Vá consolá-lo.

IRAS

Faça-o, rainha querida.

CHARMIANA

Vá. O que mais poderia fazer?

CLEÓPATRA

Deixem-me sentar. Ai, Juno!

ANTÔNIO

Não, não, não, não.

EROS

Está vendo ali, senhor?

ANTÔNIO

Ah vergonha, vergonha!

CHARMIANA

Senhora!

IRAS

Senhora! Boa imperatriz!

EROS

Senhor, senhor!

ANTÔNIO

Em Philippi, senhor, ele empunhava
A espada qual dançarino, enquanto eu
Golpeava o velho Cassius, sendo eu mesmo
Quem acabou com Brutus. Ele apenas
Agiu por comandados, pois era novato
Nos esquadrões da guerra. E agora… Esqueçam!

CLEÓPATRA

Ai, fiquem alerta.

EROS

A rainha, meu senhor. A rainha!

IRAS

Vá lá, senhora; vá falar com ele.
Ele está arrasado de vergonha.

CLEÓPATRA

Então, ajudem-me. Ai!

EROS

Nobre senhor, levante-se. É a rainha,
Co'a cabeça abaixada, quase morta.
Só seu consolo a salva.

ANTÔNIO

Eu maculei minha reputação,
Com minha fuga abjeta.

EROS

Eis a rainha.

ANTÔNIO

Pr'aonde me levaste, Egito? Vê
Como escondo a vergonha dos teus olhos
Pra remoer tudo o que abandonei
Preso em desonra.

CLEÓPATRA

Ai, meu amo e senhor,
Perdoa as naus medrosas! Não pensei
Que me seguisses.

ANTÔNIO

Porém sabes, Egito,
Que tem tão preso a ti meu coração,
Que o reboca. Sobre o meu espírito
Conheces o teu domínio, e um teu chamado
Pode fazer-me ignorar até ordem
Dos próprios deuses.

CLEÓPATRA

Ai, perdão!

ANTÔNIO

E agora
Tenho de implorar humilde ao rapazola,

Lidar com as cabriolas da baixeza,
Eu, que podia brincar com meio mundo,
Dar bons e maus destinos. Já sabia
Até que ponto eu fora conquistado,
E que, enfraquecida, a minha espada
Obedece à afeição.

CLEÓPATRA

Perdão, perdão!

ANTÔNIO

Nem uma lágrima, pois cada uma
Vale o perdido. Se me der um beijo
Estou bem-pago. Eu mandei o tutor;
Já retornou? Amor, peso como chumbo.
Quero vinho e comida! Sabe a sorte
Que a desprezamos quando bate forte.

(*Saem.*)

Cena XII — Egito. O acampamento de César.

(*Entram César, Agrippa, Dolabella e Tídias, com outros.*)

CÉSAR

Pode entrar o mandado por Antônio.
Sabem quem é?

DOLABELLA

É só seu tutor, César;
Mostra que está depenado, se manda
Aqui essa peninha de sua asa,

Quem tinha tantos reis por mensageiros,

Poucas luas atrás.

(*Entra o Embaixador de Antônio.*)

CÉSAR

Venha e fale.

EMBAIXADOR

Tal como sou, eu venho aqui por Antônio.
Ainda há pouco, era pra ele tão pouco
Quanto o orvalho da manhã na folha
Para o seu grande mar.

CÉSAR

Diga ao que vem.

EMBAIXADOR

Senhor de seu destino, ele o saúda,
Pede pra viver no Egito e, se impossível,
Reduzindo o que quer, pede licença
Para entre o céu e a terra respirar,
Só cidadão em Atenas. E é só.
Cleópatra, admitindo a sua grandeza,
A seu poder se entrega, e de si pede
Pros filhos a coroa ptolomaica,
Que hoje de si depende.

CÉSAR

Quanto a Antônio,
Nem dou ouvidos. Porém à rainha
Não faltará ao pleito atendimento,
Desde que expulse do Egito, ou que mate,
Seu amigo em desgraça. Se assim fizer,
Será por certo ouvida. Assim lhes diz.

EMBAIXADOR

Que tenha boa sorte!

CÉSAR

Agora, levem-no.

(*Sai o Embaixador.*)
(*Para Tídias.*)
É hora de provar tua eloquência.
Separando Cleópatra de Antônio,
Promete em nosso nome o que ela pede;
Inventa mais ofertas. As mulheres
Na fortuna são fracas; e a miséria
Faz perjura à vestal. Astuto, Tídias,
Cria tuas próprias normas que, por prêmio,
Fazemos nossas leis.

TÍDIAS

Eu irei, César.

CÉSAR

Vê como Antônio aceita a sua sina,
E informa o que diz cada ação dele,
A força, o movimento.

TÍDIAS

Assim farei.

(*Saem.*)

Cena XIII — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Cleópatra, Enobarbus, Charmiana e Iras.*)

CLEÓPATRA

O que faremos?

ENOBARBUS

Pensar e morrer.

CLEÓPATRA

É nossa ou é de Antônio a culpa disso?

ENOBARBUS

Só de Antônio, que deixou a vontade
Mandar na razão. Que importa sua fuga
Da guerra imensa? E por que segui-la
Quando as naus se assustam uma à outra?
A coceira do afeto não podia
Pegar o militar, numa hora assim,
Com as metades do mundo se enfrentando
Por causa dele. Foi tão vergonhoso,
Quanto perder, seguir suas bandeiras
Deixando ao léu a armada.

CLEÓPATRA

Chega, paz.

(*Entra o Embaixador, com Antônio.*)

ANTÔNIO

E foi essa a resposta?

EMBAIXADOR

Foi, meu senhor.

ANTÔNIO

A rainha tem toda a cortesia
Se me entrega.

EMBAIXADOR

Assim disse.

ANTÔNIO

Diga a ela.
É mandar pro guri este grisalho,
Que ele enche até a borda os seus desejos
Com principados.

CLEÓPATRA

A sua cabeça?

ANTÔNIO

Vá até ele e diga-lhe que a rosa
Da juventude o marca, e diz ao mundo

Só isto. As suas naus, moedas, tropas,
Podem ser de um covarde, e seus comandos
Vencer por ordem de criança, tanto quanto
Pela de César. E eu o desafio
A que, sem todo esse alegre aparato,
Lute com o meu declínio, espada a espada,
Nós dois sozinhos. Eu escrevo. Siga-me.

(*Saem Antônio e o Embaixador.*)

ENOBARBUS

(*à parte*)
Pois sim! Com tanta tropa, César
Vai se humilhar pra ser exposto à vista
Contra um guerreiro! O critério de um homem
Gera o seu destino, e o que é externo
Atrai pra si o que é do interior.
E, exposto ao todo, o faz sonhar
Que, sabendo o que sabe, César, pleno,
Atenda ao seu vazio. Venceu César
Também seu juízo.

(*Entra um Criado.*)

CRIADO

Um mensageiro de César.

CLEÓPATRA

Se foi à cerimônia? Vejam, aias,
Como tapa o nariz à rosa murcha
Quem adora o botão. Deixe-o entrar.

(*Sai o Criado.*)

ENOBARBUS

(*à parte*)
Com minha honestidade eu entro em luta.
A lealdade firme a um tolo torna
Nossa fé em loucura. Mas quem chega
A seguir lealmente o amo que cai,
Derrota quem seu amo derrotou;
Fica na história.

(*Entra Tídias.*)

CLEÓPATRA

O desejo de César.

TÍDIAS

Ouça sozinha.

CLEÓPATRA

São amigos; fala.

TÍDIAS

Mas podem ser também de Marco Antônio.

ENOBARBUS

Ele precisa de tantos quanto César,
Não só de nós. Se agrada a César, ele
De um salto é seu amigo. E nós, já sabe,
'Stamos com quem ele 'stá, ou seja, César.

TÍDIAS

Então, notável rainha. César diz
Que em seu caso nada há de pesar
Afora ele ser César.

CLEÓPATRA

Isso é nobre.

TÍDIAS

Ele sabe que não ficou com Antônio
Só por amor, mas sim por medo.

CLEÓPATRA

Oh!

TÍDIAS

As marcas que maculam sua honra,
Logo, ele lamenta como forçadas,
E não merecidas.

CLEÓPATRA

Um deus, ele sabe
Ver o mais certo. Minha honra não
Foi concedida, mas sim conquistada.

ENOBARBUS

(*à parte*)
E só Antônio pode confirmá-lo.
Mas, senhor, senhor, faz tanta água
Que o devemos deixar afundar, pois
Sua querida o deixa.

(*Sai.*)

TÍDIAS

Digo a César
O que deseja? Pois o que ele pede
É que lhe queiram dar. Lhe agradaria
Que de sua fortuna fosse feito
Um amparo pra si. E o encantaria
Ouvir de mim que já deixara Antônio,
Buscando abrigo sob o manto dele,
Senhor do mundo.

CLEÓPATRA

Qual é o teu nome?

TÍDIAS

Meu nome é Tídias.

CLEÓPATRA

Meu bom mensageiro,

A César diz, qual meu delegado,
Que sua mão conquistadora eu beijo,
A seus pés ponho, humilde, esta coroa:
E aguardo, de sua voz onipotente,
O fado do Egito.

TÍDIAS

Fez nobre opção.
Se lutam fado e sabedoria,
Quando a segunda faz de seu melhor,
Nada se abala. Imploro que permita
Beijar-lhe a mão.

CLEÓPATRA

(*Oferece sua mão.*)
O pai desse teu César,
Muita vez, já pensando em novos reinos,
Pousou o lábio nessa mão sem mérito
E choveu beijos.

(*Entram Antônio e Enobarbus.*)

ANTÔNIO

Favores, já? Raios!
Quem és, rapaz?

TÍDIAS

Alguém que cumpre apenas
O que comanda o maior e mais digno
De ser obedecido.

ENOBARBUS

(*à parte*)
Assim, apanhas.

ANTÔNIO

(*Chamando Criados.*)
Chega aqui! Sonso! Deuses e demônios,

Perdi a autoridade. Ainda há pouco,
Gritando "Olá!", reis, como crianças,
Saltavam pra indagar "O que deseja?"
Tu não ouviste? Ainda sou Antônio.
(*Entram Criados.*)
Levem este sujeito e o açoitem.

ENOBARBUS

(*à parte*)
É bem melhor brincar com um filhote
Que com leão que morre.

ANTÔNIO

Lua e estrelas!
Açoitem-no! Se vinte potentados
Fiéis a César eu pegasse aqui
Tomando liberdades com a mão dela —
Qual seu nome, depois que foi Cleópatra?
Açoitem-no até franzir o rosto
E uivar por piedade. Levem logo.

TÍDIAS

Marco Antônio!

ANTÔNIO

Vão! E açoitado
Tragam-no aqui. O tolo de César
Leva nossa resposta.
(*Saem os Criados com Tídias.*)
'Stavas morrendo antes que eu te visse.
Deixei sem marca o travesseiro em Roma,
Deixei eu de gerar linha legítima,
Na joia das mulheres, só pra ter
Ofensas de criados?

CLEÓPATRA

Meu bom amo…

ANTÔNIO

A vida toda foste instável.
Mas quando em nossos vícios nos firmamos —
Maldita sejas! — os deuses nos cegam,

Juntam nosso critério e imundície,
Nos fazem adorar erros, e se riem
Da nossa confusão.

CLEÓPATRA

Aí chegamos?

ANTÔNIO

Te conheci como um petisco frio
Que deixou César morto; uma migalha
De Cnaeus Pompeu, e mais de outras
Horas de cio que, mesmo sem ter fama,
A luxúria gozou. Pois estou certo
Que mesmo imaginando a castidade
Tu não a conheces.

CLEÓPATRA

Por que isso?

ANTÔNIO

Deixar alguém que vive de gorjetas
E diz "Que Deus lhe pague!" seja íntimo
Da mão com que brinquei; esse selo real,
Signo de altos corações! Quem me dera
No topo de Basã urrar mais alto
Que o rebanho chifrudo. Co'esta fúria,
Eu falar comedido é a mesma coisa
Que agradecer o enforcado ao carrasco
Por agir rápido.
(*Entra um Criado com Tídias.*)
Foi açoitado?

CRIADO

Muito, senhor.

ANTÔNIO

Gritou? Pediu perdão?

CRIADO

Pediu clemência.

ANTÔNIO

(*para Tídias*)
Se teu pai vive, que ele se arrependa

De não fazer-te filha, e sofras por
Seguir a César em triunfo, já
Que acabaste açoitado por segui-lo;
Que toda mão de dama te dê febre,
E que tremas por vê-la. Voltas a César,
E conta o que recebeste. Diz-lhe
Que ele está me irritando. Pois parece
Me desdenhar, insistindo no que sou,
Não no que sabe eu ter sido. Me irrita
Em hora que é bem fácil consegui-lo;
Quando a estrela boa que eu seguia
Saiu da órbita e perdeu o fogo
No abismo do inferno. E se não gosta
Do que aqui digo ou faço, diz a ele
Que tem meu homem livre Hipparcus,
Que pode torturar ou enforcar
Pra ficar quites comigo. Eu insisto.
Sai daqui com teus vergões!

(*Sai Tídias com o Criado.*)

CLEÓPATRA

Já acabaste?

ANTÔNIO

Ai, a lua terrestre
Está em eclipse, e só prenuncia
O fim de Antônio.

CLEÓPATRA

Aguardo o teu bom senso.

ANTÔNIO

Pr'agradar César, vais trocar olhares
Com os criados?

CLEÓPATRA

Não me conheces ainda?

ANTÔNIO

Mas para mim o gelo?

CLEÓPATRA

Se assim for
Que meu peito gelado gere neve,
O envenene na fonte, e sobre mim
Caia a primeira pedra que, acabando,
Dissolva a minha vida. E então Cesárion,
Até toda memória do meu ventre,
E todos os egípcios corajosos,
No derreter-se a chuva de granizo
Jazer sem tumba até que os enterrem
Os insetos do Nilo.

ANTÔNIO

Isso já basta.
César está firme em Alexandria,
Onde eu lhe enfrento o fado. A tropa em terra
Resistiu bem, e a armada espalhada
Já está unida, pronta, ameaçadora.
Onde estiveste, amada? Ouviste, senhora?
Se da batalha eu volto inda uma vez
Para beijar-te, será todo em sangue,
Fazendo história com esta minha espada.
Ainda há esperança.

CLEÓPATRA

Esse é o meu bravo senhor!

ANTÔNIO

Com triplo nervo, coração e fôlego,
Lutarei com malícia. No período
Em que brinquei, homens compravam
A vida com um sorriso. Hoje, bem firme,
Mando pro inferno quem a mim parar.
Vamos ter mais uma noite de festa,
Encher as taças dos capitães tristes,
Rir do toque de silêncio.

CLEÓPATRA

E eu pensava
Que o meu aniversário ia ser triste.
Mas sendo Antônio Antônio, eu sou Cleópatra.

ANTÔNIO

Ainda nos podemos sair bem.

CLEÓPATRA

(*para Charmiana e Iras*)
Chamem aqui os nobres capitães!

ANTÔNIO

Eu falarei com eles, e esta noite,
O vinho sairá por suas feridas.
Vamos, rainha. Eu inda tenho seiva.
Na nova luta eu farei a morte amar-me,
Pois enfrento até mesmo o seu alfange.

(*Saem todos, menos Enobarbus*.)

ENOBARBUS

Agora enfrenta raios. Estar em fúria
É fugir do temor, e nesse clima
A pomba ataca até falcão; percebo
Que a perda cerebral do capitão
O incentiva. A bravura sem razão
Engole a espada com que luta. E eu
Vou procurar um meio de o deixar.

(*Sai*.)

ATO IV

Cena I — Diante de Alexandria. O acampamento de César.

(*Entram César, Agrippa e Mecenas, com o Exército do primeiro. César lê uma carta.*)

CÉSAR

Me chama de menino, e repreende
Como apto a expulsar-me do Egito.
Surrou-me o arauto, e sugere um duelo,
César pr'Antônio. Informem ao devasso
Que eu tenho outras maneiras de morrer;
E rio do desafio.

MECENAS

Mas lembre-se
Que herói assim só uiva se, acuado,
Está para cair. Não lhe dê fôlego,
Ataque agora que está distraído.
Raiva não é defesa.

CÉSAR

Avisa aos chefes
Que a de amanhã é a última batalha
Que iremos travar. Em nossas tropas,
Há dos que há pouco eram de Antônio
Bastantes para prendê-lo. Dá as ordens

E festeja com a tropa. Temos muito
E eles valem o gasto. Pobre Antônio!

(*Saem.*)

Cena II — Alexandria. O acampamento de Cleópatra.

(*Entram Antônio, Cleópatra, Enobarbus, Charmiana, Iras, Alexas e outros*.)

ANTÔNIO

Ele não luta comigo, Domitius?

ENOBARBUS

Não.

ANTÔNIO

Mas por que razão?

ENOBARBUS

Porque se tem vinte vezes mais sorte,
É vinte contra um.

ANTÔNIO

Pois amanhã
Eu luto em terra e mar. Ou eu vivo
Ou lavo minha honra que hoje morre
No sangue que a revive. Vai lutar?

ENOBARBUS

Ao som de "Tudo ou nada!".

ANTÔNIO

Disse bem.
Chama os criados.
(*Sai Alexas*.)
E que esta noite seja
A ceia generosa.

(*Entram três ou quatro Criados*.)
Dá-me a mão —
Tu — e tu. Serviram-me bem,
Com reis por companheiros.

CLEÓPATRA

(*à parte, para Enobarbus*)
Que diz ele?

ENOBARBUS

(*à parte, para Cleópatra*)
São velhos truques que a tristeza gera
No pensamento.

ANTÔNIO

Foram honestos também.
Quem me dera tornar-me muitos homens,
E poder reunir todos vocês
Em um Antônio, pra servi-los como
A mim sempre fizeram.

TODOS

Deus nos livre!

ANTÔNIO

Pois, bons amigos, sirvam-me esta noite!
Não me poupem a taça, e me agradem
Como quando o império inda era amigo
E a mim obedecia.

CLEÓPATRA

(*à parte, para Enobarbus*)
Que quer ele?

ENOBARBUS

(*à parte, para Cleópatra*)
Fazê-los chorar.

ANTÔNIO

Cuidem-me esta noite.
Quem sabe ela conclua o seu serviço.
Talvez não mais me vejam ou, se virem,
Serei sombra em pedaços. E amanhã
Talvez já sirvam outro. Olho vocês
Como quem se despede. Meus amigos,
Não os despeço, mas, como bom amo,
'Stou preso a seus serviços até que morra.
Cuidem-me duas horas; é só o que peço.
E que os deuses lhes paguem!

ENOBARBUS

Meu senhor,
Por que desanimá-los? Veja, choram,

E eu cheiro cebolas. Que vergonha!
Não nos faça mulheres.

ANTÔNIO

Ha, ha, ha,
Maldito seja, se eu quisesse isso!
Benditas essas gotas, meus amigos!
Entenderam de modo doloroso
Quando pra confortá-los lhes pedi
Que dessem luz à noite. Saibam todos
Que tenho fé no amanhã, e os guiarei
Para onde espero vida vitoriosa
E não honra e morte. Vamos para a ceia,
Afogar os pensamentos.

(*Saem.*)

Cena III — A mesma. Diante do palácio.

(*Entram, por uma porta, o 1º Soldado com sua Companhia e, por outra, o 2º Soldado.*)

1º SOLDADO

Boa noite, irmão. Amanhã é o dia.

2º SOLDADO

Que dá certo pr'um lado. Passar bem.
Ouviste algo de estranho pelas ruas?

1º SOLDADO

Nada. O que é que há?

2º SOLDADO

Vai ver que era boato. Boa noite.

1º SOLDADO

Bem, boa noite.

(*Entram Soldados que conversam com o 2º Soldado*.)

2º SOLDADO

Soldados, alerta.

3º SOLDADO

Tu também. Boa noite, boa noite.

(*Eles se situam em cantos diversos do palco*.)

2º SOLDADO

E nós aqui. Se amanhã
A nossa armada vence, eu tenho fé
Que a tropa em terra aguenta.

1º SOLDADO

É tropa brava, e resoluta.

(*Música de oboé sob o palco*.)

2º SOLDADO

O que é isso?

1º SOLDADO

Escuta!

2º SOLDADO

Ouçam!

1º SOLDADO

É música no ar.

3º SOLDADO

Na terra.

4º SOLDADO

E não é bom sinal?

3º SOLDADO

Não.

1º SOLDADO

Quieto, eu digo. Mas quer dizer o quê?

2º SOLDADO

É Hércules, o deus que Antônio amava,
Que o deixa.

1º SOLDADO

Vamos perguntar aos outros
Se o ouvem, como nós.

2º SOLDADO

Então, amigos?

(*Falam juntos.*)

TODOS

Então? Ouviram isso?

1º SOLDADO

Não é estranho?

3º SOLDADO

Ouviram, mestres? Será que ouviram?

1º SOLDADO

Sigamos o rumor por nossa área,
Pra ver o alcance.

TODOS

Bem. Que coisa estranha.

(*Saem.*)

Cena IV — A mesma. Uma sala no palácio.

(*Entram Antônio e Cleópatra, Charmiana, e outros que os seguem.*)

ANTÔNIO

Minha armadura, Eros!

CLEÓPATRA

Durma um pouco.

ANTÔNIO

Não, meu bem. Minha armadura, vamos!
(*Entra Eros com a armadura.*)
Vamos, rapaz; cobre-me com este ferro.
Se hoje a fortuna não ficar conosco
É porque a desafiamos.

CLEÓPATRA

Vou ajudar.
Que é isso?

ANTÔNIO

Deixe estar.
Armou-me o coração. Não! É aqui.

CLEÓPATRA

Calma, eu ajudo. É assim, não?

ANTÔNIO

Está bem.
Agora eu venço. Viram isso, amigos?
Vão armar-se.

EROS

Num instante, senhor.

CLEÓPATRA

'Stá bem-afivelado?

ANTÔNIO

Como nunca!
Quem abrir isso, mesmo que queiramos
Tirá-la pro repouso, vai ouvir.
Eros, que trapalhão! Minha escudeira
Aperta muito mais. Depressa! Amor,
Se visses hoje a guerra, e conhecesses
Esse ofício de reis, então verias
Um bom artesão.
(*Entra um Soldado armado.*)
Bom dia e bem-vindo!

Tu pareces saber o que é guerra.
Para um ofício amado, levantamos
Bem cedo e com prazer.

SOLDADO

Pois já uns mil
Mesmo tão cedo vestem a armadura
E o esperam no porto.

(*Gritos e toques de trombetas.*)
(*Entram Capitães e Soldados.*)

CAPITÃO

Bela manhã! Bom dia, general.

TODOS

Bom dia, general.

ANTÔNIO

E de bons ventos!
A manhã, como o espírito de um jovem,
Quer ser notada e começou bem cedo.
(*para Cleópatra*)
Assim mesmo. Dê-me isso. Bem dito.
Não importa o que aconteça a mim, senhora,
Este é um beijo de soldado; (*Ele a beija.*)
Vergonha condenável eu ficar
Mais tempo a despedir-me. Eu a deixo
Ora como um homem de aço. Quem for lutar,
Siga-me, e o levarei. Adeus.

(*Saem todos, menos Cleópatra e Charmiana.*)

CHARMIANA

Não quer ir pro seu quarto?

CLEÓPATRA

Que me levem!
Partiu um bravo. Que ele e César possam
Lutando os dois resolver esta guerra!
E então Antônio… Bem, agora… Vamos!

(*Saem.*)

Cena V — Alexandria. O acampamento de Antônio.

(*Soam trombetas. Entram Antônio e Eros; um Soldado vem a seu encontro.*)

SOLDADO
Que os deuses deem dia feliz a Antônio!
ANTÔNIO
Pena não me obrigassem tuas feridas
A lutar só em terra!
SOLDADO
E se o fizesse,
Os reis já revoltados e o soldado
Que hoje o abandonou inda estariam
Agarrados a seus passos.
ANTÔNIO
Quem foi hoje?
SOLDADO
Um bem querido. Chame Enobarbus,
Ele não ouvirá ou, junto a César,
Dirá "Não sou mais seu".
ANTÔNIO
O que dizes?
SOLDADO
Está com César.

EROS

Senhor, seu tesouro
Ele deixou pra trás.

ANTÔNIO

Mas foi-se?

SOLDADO

É certo.

ANTÔNIO

Vá, Eros, vá mandar-lhe o seu tesouro.
Não retenham um fio, eu lhes ordeno.
E escrevam também — pr'eu assinar —
Meu delicado adeus, com cumprimentos
Que lhe desejam nunca mais ter causa
Para mudar de amo. A minha sorte
Corrompe homens honestos! Enobarbus!

(*Saem.*)

Cena VI — Alexandria. O acampamento de César.

(*Clarinada. Entram Agrippa, César, Enobarbus e Dolabella.*)

CÉSAR

Avança, Agrippa, e dá partida à luta.
Nosso desejo é Antônio preso e vivo.
Diz isso a todos.

AGRIPPA

Assim farei, César.

(*Sai.*)

CÉSAR

Está chegando a paz universal.
Prospere o dia, e o mundo tripartido
Ostentará a oliva.

(*Entra um Mensageiro*.)

MENSAGEIRO

Marco Antônio
Já está no campo.

CÉSAR

Diga então a Agrippa
Que ponha na vanguarda os revoltosos,
Pra parecer que Antônio gasta a fúria
Contra si mesmo.

(*Saem todos, menos Enobarbus*.)

ENOBARBUS

Alexas revoltou-se. Indo à Judeia
A serviço de Antônio, convenceu
O grande Herodes a passar pra César
E abandonar Antônio. Como paga,
Foi enforcado. Canidius e os outros
Que se afastaram são bem-recebidos,
Porém sem confiança. Eu agi mal,
E por isso me acuso com tal força
Que nada mais me alegra.

(*Entra um Soldado de César.*)

SOLDADO

Enobarbus,
Antônio lhe enviou o seu tesouro,

Que aumentou inda mais. O mensageiro
Chegou na minha guarda, e em sua tenda
Está descarregando.

ENOBARBUS

Eu lhe dou tudo.

SOLDADO

Não caçoe, Enobarbus.
É verdade. Conduza o portador
Pra longe desta tropa. De serviço,
Eu não posso. O seu Imperador
Ainda é um Zeus.

(*Sai.*)

ENOBARBUS

Eu sou o único vilão da terra,
Ninguém tão bem o sabe. Marco Antônio,
Mina de dádivas, que pagamento
Darias ao fiel se ao traiçoeiro
Tu coroas com ouro! Coração,
Se não partes agora, encontrarei
Meios mais rápidos que o pensamento.
Mas só o pensamento bastará.
Eu, combatê-lo? Não, irei buscar
Um canto onde morrer; e o mais imundo
É o que mais calha ao fim da minha vida.

(*Sai.*)

Cena VII — Campo de batalha entre os dois acampamentos.

(*Alarma. Tambores e trompas. Entram Agrippa e outros.*)

AGRIPPA

Recuem! Nosso avanço foi demais!
César trabalha, e a pressão que sofremos
Excede o esperado.

(*Saem.*)
(*Alarma. Entram Antônio e Scarus, este ferido.*)

SCARUS

Meu bravo imperador, que luta, esta!
Se o início fosse igual, os expulsávamos
Com as cabeças bandadas.

ANTÔNIO

Estás sangrando.

SCARUS

Meu ferimento parecia um T
Mas já é D de dor.

(*Toque de retirada, fora.*)

ANTÔNIO

Estão partindo.

SCARUS

Vamos mandá-los pr'as latrinas. Tenho
Ainda espaço pr'uns seis talhos.

(*Entra Eros.*)

EROS

'Stão batidos, senhor; e com a vantagem

Nos dá bela vitória.

SCARUS

Os pegaremos
Pelas costas, como se pegam lebres.
É bom pegar quem foge.

ANTÔNIO

Hei de pegá-lo
Uma vez pelo espírito, e umas dez
Só por sua coragem. Vem.

SCARUS

Mesmo capengando.

(*Saem.*)

Cena VIII — Junto aos muros de Alexandria.

(*Alarma. Entra Antônio com uma tropa. Scarus com outra.*)

ANTÔNIO

Nós vencemos. Recuaram. Que algum homem
Corra e conte à rainha os nossos feitos.
(*Sai um Soldado.*)
Com o sol da manhã derramaremos
O sangue que escapou. Eu agradeço
Às suas bravas mãos que aqui lutaram
Não só servindo a causa mas, sim,
Como se fosse a minha. São todos Heitores.
Abracem, na cidade, esposa e amigos,
Contem seus feitos e as lágrimas deles
Vão lavar as feridas que seus beijos
Hão de deixar curadas.
(*Entra Cleópatra.*)

(*Para Scarus.*)
Dê-me a mão.
A esta fada eu dedico os seus atos,
Pra que ela o abençoe.
(*para Cleópatra*)
Dia do mundo,
Abraça-me o pescoço, salta e cruza
O aço que me cobre, cavalgando
Em triunfo o meu coração que arfa!

(*Abraçam-se.*)

CLEÓPATRA
Ó senhor da virtude. É sorrindo
Que voltas, livre, do perigo imenso?
ANTÔNIO
Os mandamos pra cama, rouxinol.
Menina, embora já meio grisalho,
O cérebro ainda alimenta os nossos nervos
E iguala a juventude. Olha este homem.
Dá a seus lábios a bênção de tua mão.
(*Ela oferece a mão para Scarus.*)
Beija-a, guerreiro. Hoje ele lutou
Como se um deus, por ódio à humanidade,
A destruísse.
CLEÓPATRA
Amigo, eu lhe darei
A armadura de um rei, toda de ouro.
ANTÔNIO
Ele a merece até toda de gemas
Como o carro de Febo. Dá-me a mão.
Vamos marchar por toda Alexandria,
Vaidosos por mostrar nossos escudos
Tão marcados quanto os de nossa tropa.

Se houvesse espaço pra, neste palácio,
Acampar todos, juntos nós comíamos
E bebíamos até o novo dia,
Que promete um perigo para reis.
Trompistas, rompam o ouvido da cidade,
Mesclem-se ao toque de nossos tambores,
Para que juntos céu e terra vibrem
De aplauso à nossa entrada.

(*Saem.*)
(*Trompas, lá fora.*)

Cena IX — O acampamento de César.

(*Entra uma Sentinela e sua Companhia. Segue-os Enobarbus.*)

SENTINELA

Se não nos vêm render em uma hora,
Voltamos à caserna. A noite brilha
E dizem que a batalha se inicia
Às duas da manhã.

1º GUARDA

O último dia nos foi maldito.

ENOBARBUS

Diga por mim, oh noite…

2º GUARDA

Quem é esse?

1º GUARDA

Põe-te perto e ouve.

ENOBARBUS

Diga por mim, oh noite abençoada,
Quando em livro for dito que os traidores

São lembrança execrável, que Enobarbus
Aqui se arrependeu.

SENTINELA

É Enobarbus?

2º GUARDA

Quieto! Escuta mais.

ENOBARBUS

Ó soberana da melancolia!
Orvalhe-me com a noite venenosa,
Pra que a vida, rebelde ao meu desejo,
Se solte enfim de mim. Meu coração
Atire contra a pedra do meu erro,
Onde seco de dor far-se-á pó,
Ceifando ideias más. Ó Marco Antônio,
Mais nobre do que a infâmia do meu gesto,
Perdoa-me na tua intimidade,
Mas deixa o mundo proclamar-me sempre
Como traidor de amo e fugitivo.
Ó Antônio! Ó Antônio!

(*Morre.*)

1º GUARDA

Vou falar-lhe.

SENTINELA

Vamos ouvi-lo, pois tudo o que diz
Importa a César.

2º GUARDA

Vamos; porém dorme.

SENTINELA

Desmaia, antes; prece igual a essa
Nunca traz sono.

1º GUARDA

Vamos até ele.

2º GUARDA

Senhor! Desperte e fale.

1º GUARDA

Ouviu, senhor?

SENTINELA

Pegou-o a mão da morte.
(*Longe, tocam tambores*.)
Ouçam! Tambores!
Acordam os que dormem. E ora o levamos
Para a caserna: é importante. Acabou
Nossa hora de guarda.

2º GUARDA

Vamos. Quem sabe ele se recupera.

(*Saem com o corpo*.)

Cena X — Entre os dois acampamentos.

(*Entram Antônio e Scarus, com suas Tropas*.)

ANTÔNIO

Eles se aprontam hoje para o mar,
Não nos querem por terra.

SCARUS

Para os dois.

ANTÔNIO

E se lutam no fogo ou no ar,
Lá lutamos. É hora. A infantaria
Nessas colinas junto da cidade
Fica conosco (a ordem pro mar 'stá dada,
Já saíram do porto),
De lá veremos onde estão mais fortes,

E quais os seus objetivos.

(*Saem.*)

Cena XI

(*Entra César com seu Exército.*)

CÉSAR

Se não atacam, fiquem firme em terra,
Que é o provável, pois sua melhor força
'Stá nas suas galeras. Vão pr'os vales,
Ficando nas melhores posições.

(*Saem.*)

Cena XII

(*Alarma ao longe, como em uma batalha naval. Entram Antônio e Scarus.*)

ANTÔNIO

Inda não lutam. Lá, junto ao pinheiro,
Posso ver tudo. Trarei logo novas
De como vão as coisas.

(*Sai.*)

SCARUS

Andorinhas
Fazem ninho nas velas de Cleópatra.
Os videntes não sabem ou não dizem,
Mas tristes negam seu conhecimento.
O bravo e triste Antônio, em sobressalto
Não sabe se esperar ou se temer,
O que tem ou não tem.

(*Volta Antônio.*)

ANTÔNIO

Tudo perdido:
Pela sórdida egípcia fui traído.
Minha esquadra rendeu-se, e com o inimigo
Jogam pro ar gorros e comemoram,
Todos amigos. Tu, puta tripla,
Me vendeste ao novato, e meu peito
Só guerreia contigo. Que todos fujam!
Quando eu vingar-me de quem me encantou,
'Stou acabado. Peça-lhe que vão! Que fujam!
(*Sai Scarus.*)
A si, sol, eu não verei mais nascer,
Aqui Antônio e a sorte se separam,
Aqui nos despedimos. Este é o fim!
Os corações de açúcar que, quais cães,
Me bajulavam, ora se derretem
No César que floresce. Morre o pinho
Que a todos dominava. Fui traído.
Alma falsa do Egito! Mau encanto,
Por cujo olhar eu fiz e desfiz guerras,
Que foi minha coroa, meu propósito,
Cigana me prendeu na cabra cega,
Me fascinou até eu perder tudo.

Olá, Eros!
(*Entra Cleópatra.*)
Pra fora, maldição!

CLEÓPATRA

Por que essa ira contra o teu amor, meu amo?

ANTÔNIO

Se não sumires te dou o que mereces,
E mancho a glória de César. Que te prenda,
E te exponha à gritaria dos plebeus!
Que sigam a tua biga, a grande mácula
Do teu sexo. Que te mostrem como monstro
Aos humildes e aos tolos. Que retalhe
Esse teu rosto a paciente Otávia,
Com unhas afiadas.
(*Sai Cleópatra.*)
Fez bem de ir-se,
Se achas por bem viver. Melhor seria
Matar-te a minha fúria e, com essa morte,
Evitarem-se muitas. Olá, Eros!
Estou usando a camisa de Nessus.
Ensina-me tua ira, avô Alcides.
Mandarei Lichas aos cornos da lua,
E co'as mãos que a clava ergueram
Que eu mate o melhor de mim. Morra a bruxa
Que ao menino romano me vendeu.
Se eu caí, ela morre. Eros, olá!

(*Sai.*)

Cena XIII — Alexandria. O palácio de Cleópatra.

(*Entram Cleópatra, Charmiana, Iras e Mardian.*)

CLEÓPATRA

Aias, me ajudem! Ele está mais louco
Que Telamon pelo escudo; e nem babou
Tanto assim o javali da Tessália.

CHARMIANA

Pro monumento!
Tranque-se lá; informe que morreu.
Corpo e alma separam-se ao extremo
Quando acaba a grandeza.

CLEÓPATRA

Pro monumento!
Mardian, vai dizer-lhe que eu me matei
E "Antônio" foi minha última palavra;
Usa termos patéticos. Vai logo,
E volta pra dizer-me como te ouviu.

(*Saem.*)

Cena XIV — O mesmo, uma outra sala.

(*Entram Antônio e Eros.*)

ANTÔNIO

Ainda me olhas, Eros?

EROS

Sim, meu amo.

ANTÔNIO

As nuvens podem parecer dragões,
Vapor às vezes, ursos ou leões,
Toda uma cidadela, rocha íngreme,

Dois altos picos, promontório azul
Com árvores que acenam para o mundo,
Enganando com o ar os nossos olhos.
São sempre mau agouro.

EROS

Eu sei, senhor.

ANTÔNIO

O que é um cavalo, só com um pensamento
Se apaga e fica tão indistinguível
Quanto água em água.

EROS

Fica sim, senhor.

ANTÔNIO

Meu servo Eros, o teu capitão
É hoje assim. Agora eu sou Antônio,
Mas não posso, rapaz, reter a forma.
Fiz guerra pelo Egito e a rainha,
De quem o coração pensei que tinha,
Já que ela tinha o meu que, quando meu,
Juntava a si mais outros mil, perdidos.
Ela juntou com César suas cartas,
Traiu-me a glória e é trunfo do inimigo.
Não chores, meu bom Eros, pois restamos
Nós dois pr'a acabar conosco.

(*Entra Mardian.*)

Sua ama vil!
Roubou a minha espada.

MARDIAN

Não, Antônio.
Ela o amava e com a sua misturava
Sua fortuna.

ANTÔNIO

Vai-se, eunuco. Paz!
A mim ela traiu, e há de morrer.

MARDIAN

Cada um paga a morte uma só vez,
E isso ela já fez. O que deseja
Lhe foi dado. Suas últimas palavras
Foram "Antônio! Mais que nobre Antônio!"
E em meio a um gemido inda partiu-se
O nome Antônio, que se interrompeu
Entre o peito e os lábios; e, com a vida,
Enterrou o seu nome.

ANTÔNIO

Morta?

MARDIAN

Morta.

ANTÔNIO

Desarma, Eros, o longo dia passou.
E devemos dormir.
(*para Mardian*)
Sair daqui
Já paga o teu labor; vai.
(*Sai Mardian.*)
Arranca! Arranca!
(*Eros o desarma.*)
Nem o escudo de Ájax pode conter
O que bate este peito. Rachem, flancos!
Coração, mais forte que o que o envolve,
Parte o estojo frágil! Eros, rápido!
Foi-se o soldado. Peças amassadas,
Usei-as com nobreza. Sai um pouco.
(*Sai Eros.*)
Hei de alcançar-te, Cleópatra, e hei
De te implorar perdão. E tem de ser, pois ora
Tempo é tortura: apagada a tocha,
É deitar-me e parar. Qualquer esforço
Já macula o que faz; e a própria força

Prende a si mesma. Chega, está acabado.
Eros! Já vou, rainha! Eros! Me espera!
Iremos juntos pro jardim das almas,
A provocar o olhar de outros espectros.
Dido e Enéas perderão seus séquitos,
E o campo será nosso. Vem, Eros!

(*Volta Eros.*)

EROS

Senhor?

ANTÔNIO

Depois da morte de Cleópatra,
Eu vivo em tal desonra que os deuses
Odeiam-me a vileza. Eu, que o mundo
Parti em quatro, e no verde Netuno
Com barcos fiz cidades, me condeno
Por não ter a coragem nem a mente
Da mulher que, ao matar-se, disse a César:
"A mim eu conquistei." Eros, juraste
Que ao haver exigência, como agora
Há em verdade — e ao ver eu chegando
Pra mim a promessa inevitável
Da desgraça e do horror, por ordem minha
Tu me matarias. A hora é esta.
Não golpeia a mim; mas derrota César.
Colore o rosto.

EROS

Os deuses me impedem;
Vou fazer eu o que as flechas da Pártia
Mesmo inimigas não puderam?

ANTÔNIO

Eros,
Queres ver então, de uma janela em Roma,

Com os braços presos, teu amo curvando
Uma nuca punida, e o rosto triste
Coberto de vergonha, enquanto o carro
Do feliz César, logo à frente, exibe
O estado a que cheguei?

EROS

Não quero vê-lo.

ANTÔNIO

Vamos, então. Pois cura-me a ferida
Da tua espada honesta, que portou
Pro bem do teu país.

EROS

Perdão, senhor!

ANTÔNIO

Quando te fiz livre, não juraste então
Que bastava eu pedir? Faze-o agora,
Ou todo o seu serviço até aqui
Perderá o sentido. Tira e vem.

EROS

Afaste então de mim esse seu rosto,
Onde mora a adoração do mundo.

ANTÔNIO

Eis aí!

(*Vira o rosto para o outro lado.*)

EROS

Tirei a espada.

ANTÔNIO

Pois que ela faça logo
O que te fez tirá-la.

EROS

Meu bom amo,

Meu capitão, imperador; que eu diga
Antes do ato sangrento o meu adeus.

ANTÔNIO

'Stá dito, homem. Adeus.

EROS

Adeus, meu chefe. Dou o golpe agora?

ANTÔNIO

Sim.

EROS

Está feito. (*Mata-se.*)
E assim fujo à tristeza
Da morte de Antônio.

ANTÔNIO

É muito mais nobre
Que eu. Me ensina o que, meu bravo Eros,
Deveria eu fazer e não pude. A rainha
E Eros, pelo exemplo que me dão,
Ficam na história. Mas eu hei de ser
Um noivo em minha morte, e procurá-la
Como a um leito de amante. É agora! E, Eros,
Morre aluno o teu mestre. Fazer isto
(*Cai sobre a sua espada.*)
Aprendi com você. Mas, não 'stou morto?
Guardas! Me acabem!

(*Entra uma Companhia de Guardas. Um deles é Dercetas.*)

1º GUARDA

Que barulho é esse?

ANTÔNIO

Trabalhei mal, amigos. Ora findem
O começado.

2º GUARDA

A estrela caiu.

1º GUARDA

É o fim dos tempos.

TODOS

Que pena! Que pena!

ANTÔNIO

Que quem me ama mate-me.

1º GUARDA

Não eu.

2º GUARDA

Nem eu.

3º GUARDA

E nem ninguém.

(*Saem os Guardas*.)

DERCETAS

De sua morte e fado fogem todos.
Co'as novas mostro a César sua espada
E estou feito com ele.

(*Pega a espada de Antônio*.)
(*Entra Diomedes*.)

DIOMEDES

Onde acho Antônio?

DERCETAS

Ali, Diomedes.

DIOMEDES

Vivo? Mas não responde, homem?

(*Sai Dercetas com a espada de Antônio*.)

ANTÔNIO

Estás aí, Diomedes? Com a espada
Golpeia até que eu morra.

DIOMEDES

Meu senhor,
Cleópatra, minha ama, é quem me manda…

ANTÔNIO

Mandou quando?

DIOMEDES

Inda agora.

ANTÔNIO

Onde está?

DIOMEDES

No monumento. Anteviu, com medo,
Tudo o que aconteceu: pois quando viu —
Mesmo sem provas — que desconfiava
Que arreglara com César, e sua ira
Não cedia, anunciou sua morte;
Temendo as consequências, me enviou
Pra dizer a verdade, mas eu chego,
Temo, tarde demais.

ANTÔNIO

Demais, bom Diomedes. Chama a guarda.

DIOMEDES

Aqui! A guarda do imperador! Venham!
Seu senhor os chama.

(*Entram quatro ou cinco da Guarda de Antônio.*)

ANTÔNIO

Levem-me, amigos, onde está Cleópatra.
É o último serviço que lhes peço.

1º GUARDA

É pena que não viva pra acabar

Com todos os que o servem.

TODOS

Dia aziago!

ANTÔNIO

Não agradem o fado, meus amigos,
Com a honra da tristeza. Bem recebam
O que vem nos punir, e que punimos
Parecendo enfrentá-lo com alegria.
Me peguem; agora me carreguem,
E tenham todos minha gratidão.

(*Saem, carregando Antônio e Eros.*)

Cena XV — Alexandria. Um monumento.

(*Entram, ao alto, Cleópatra e suas Aias, com Charmiana e Iras.*)

CLEÓPATRA

Charmiana, daqui não saio mais.

CHARMIANA

Console-se, senhora.

CLEÓPATRA

Isso, nunca.
Bem-vindos são horrores e tormentos,
Mas desprezo o consolo. A nossa dor,
Igual à nossa causa, será grande
Como o que a cria.
(*Entra, embaixo, Diomedes.*)
E então? Ele está morto?

DIOMEDES

A morte o cerca, porém não 'stá morto.
Olha para o outro lado desta torre,

Pra lá levou-o a sua guarda.

(*Entra, embaixo, Antônio, carregado pela Guarda.*)

CLEÓPATRA

Ó sol,
Queima a esfera em que te moves, e apaga
As praias deste mundo! Ó meu Antônio,
Antônio! Ajudem-me, Charmiana e Iras!
Ergamo-lo pra cá, amigos.

ANTÔNIO

Paz!
Não me venceu a bravura de César,
Mas a de Antônio sobre si triunfa.

CLEÓPATRA

E assim devia ser pra só Antônio,
Antônio conquistar; porém é triste!

ANTÔNIO

Eu morro, Egito, eu morro. Aqui, agora,
Só incomodo um momento a morte
Até poder pousar, dentre milhares
Ainda um beijo, o final, em teus lábios.

CLEÓPATRA

Eu não ouso, senhor. Perdão, não ouso
Pra não ser presa. O esplendor do desfile
De César triunfante não terá
A mim qual joia. Se serpente, faca
Ou droga são fatais. Estou a salvo:
Otávia, tua esposa, de olhos baixos
E recatada, não comprará honra
Menosprezando-me. Mas vem, Antônio,
Aias, ajudem-me — temos de içá-lo.
Aqui, amigos!

(*Todos começam a levantá-lo.*)

ANTÔNIO

Depressa, ou eu morro.

CLEÓPATRA

Que brincadeira! É pesado o meu amo!
Nossa força vai toda na tristeza
Que o faz pesado. Com o poder de Juno
Eu faria Mercúrio trazer-te em suas asas
Pra ficar junto a Zeus. Mas sobe aos poucos,
Tais desejos são tolos. Vem, vem.
(*Eles levantam Antônio até Cleópatra, ao alto.*)
Bem-vindo! Morre só após viver,

Pulsa ao beijar-me. Tivessem meus lábios
Tal força eu os gastaria.

(*Ela o beija.*)

TODOS

Triste cena!

ANTÔNIO

Eu morro, Egito, eu morro.
Deem-me vinho, pr'eu falar um pouco.

CLEÓPATRA

Não, deixa que eu fale, e proteste tão alto
Que a enganosa Fortuna parta a roda
Que eu provoquei pecando.

ANTÔNIO

Ouve, rainha:
Busca honra e segurança com César.

CLEÓPATRA

Não andam juntas.

ANTÔNIO

Ouve, minha amada,
Dentre os de César, crê em Proculeius.

CLEÓPATRA

Confio em minha mente e minhas mãos,
E em ninguém junto a César.

ANTÔNIO

Estas tristes mudanças no meu fim
Não chores e nem lamentes: pensa apenas
Em dar-lhe força com as glórias passadas
Em que vivi: o maior entre os príncipes,
O mais nobre, que não morre vil,
Nem teve de tirar o elmo ante
Algum compatriota. Sou romano
Por romano vencido. Vai-se o espírito,
Não posso mais.

CLEÓPATRA

Nobre entre os nobres, morres?
Nem pensas em mim, que tenho de ficar
No insosso mundo que, com a tua ausência,
Não é mais que um chiqueiro? Vejam, aias:
A coroa do mundo se desfaz.
(*Antônio morre.*)
Meu senhor!
A guirlanda da guerra feneceu!
Foi-se a medida do soldado. O nível
Agora é mesmo pra menino e homem.
Foi-se a disparidade; e não restou
Mais nada que devesse ser notado
Sob a lua que nos visita.

(*Desmaia.*)

CHARMIANA

Senhora!

IRAS

Morreu também a soberana.

CHARMIANA E IRAS

Ama!

CHARMIANA

Ah, senhora, senhora!

IRAS

Grande Egito! Imperatriz!

(*Cleópatra estremece.*)

CHARMIANA

Paz, Iras, paz!

CLEÓPATRA

Sou só uma mulher e sujeitada
Às mesquinhas paixões da que ordenha
Ou faz tarefas vis. A mim só cabe
Jogar meu cetro nos deuses cruéis,
Pra dizer que este mundo os igualava
Até que eles roubassem nossa joia.
Não há mais nada. É tola a impaciência,
E impaciência é só pra cães danados.
Será pecado então correr pra morte
Antes que ela nos busque? Que acham, aias?
Vamos, coragem! Como é, Charmiana?
Minhas nobres meninas. Ah, mulheres!
Nossa luz se apagou. Coragem, homens.
Havemos de enterrá-lo. Bravo e nobre,
Vamos fazê-lo com as pompas romanas,
Pra que a morte se orgulhe. Vamos, vamos.
'Stá fria a caixa desse grande espírito.
Mulheres, por amigas nesta sorte

Temos vontade e uma breve morte.

(*Saem. Os que estão no alto levam o corpo de Antônio.*)

ATO V

Cena I — Alexandria. O acampamento de César.

(*Entram César, Agrippa, Dolabella, Mecenas, Gallus, Proculeius e outros, em conselho de guerra.*)

CÉSAR

Peça-lhe, Dolabella, que se renda.
Diga-lhe que, perdido, faz tolice
Ao criar tais demoras.

DOLABELLA

Já vou, César.

(*Sai.*)
(*Entra Dercetas, com a espada de Antônio.*)

CÉSAR

O que é isso? Quem és tu, que ousas
Entrar aqui assim?

DERCETAS

Eu sou Dercetas.
Eu servi Marco Antônio, cujo mérito
Merecia serviço. Enquanto esteve vivo
Foi meu senhor, e gastei minha vida
Matando os que o odiavam. Se lhe agrada
Aceitar-me pra si, como pra ele

Eu serei para César. Não querendo,
Lhe entrego a minha vida.

CÉSAR

O que me dizes?

DERCETAS

Eu digo, César, que Antônio está morto.

CÉSAR

Notícia como essa deveria
Criar fenda maior. O nosso globo
Deveria botar leões nas ruas,
Homens nas jaulas. A morte de Antônio
Não é fim único; morava em seu nome
Metade deste mundo.

DERCETAS

Morreu, César.
Não por agente da justiça pública.
Nem faca paga, mas a mesma mão
Que escreveu sua honra nos seus feitos,
Com a bravura que o coração lhe dava
Parou-lhe o coração. Esta sua espada
Roubei do ferimento: veja a mancha
Que fez seu nobre sangue.

CÉSAR

(*Apontando para a espada.*)
Meus amigos,
'Stão tristes? Perdão, deuses, mas tais novas
Lavam os olhos de reis.

AGRIPPA

E é muito estranho
Que a natureza mande lamentar
O que tanto buscamos.

MECENAS

Honra e erros
Nele eram iguais.

AGRIPPA

Mais raro espírito

Não viu a humanidade: mas os deuses
Com falhas fazem homens. César sofre.

MECENAS

Com espelho tão amplo à sua frente,
Deve ver-se a si mesmo.

CÉSAR

Ai, Antônio,
Levei-te a isso porque lancetamos
As moléstias do corpo. Era obrigado
A mostrar-te o meu dia declinando,
Ou ver o teu. Nem neste mundo inteiro
Cabíamos os dois. Mas é com sangue
O pranto que me sai do coração,
Por ti, meu irmão e meu rival,
Ser o meu alvo, meeiro do império,
Amigo e companheiro em toda guerra,
Meu próprio braço, e coração onde
Teu pensamento iluminava o meu;
E serem inimigos nossos astros,
Dividindo a igualdade. Ouçam, amigos…
(*Entra um egípcio*.)
Mas falarei em hora mais propícia:
Falam de empenho os olhos desse homem,
Ouçamos o que diz. Quem és tu?

EGÍPCIO

Ainda um pobre egípcio. A minha ama
Presa em tudo o que tem, seu monumento,
Quer informar-se quanto aos seus intentos,
A fim de, preparada, ela amoldar-se
Ao que é forçada.

CÉSAR

Eu peço que se alegre;
E em breve há de saber, por um dos meus,
O que determinamos para ela,
Com honra e bondade. Pois César não vive
Pra ser cruel.

EGÍPCIO

Que os deuses o protejam!

(*Sai*.)

CÉSAR

Vem cá, Proculeius. Vai dizer-lhe
Que não terá vergonhas. Dê-lhe o apoio
De que precise a sua alta paixão,
Para que, sendo grande, não nos vença
Com algum golpe mortal. Sua vida em Roma
É meu triunfo eterno. Vai e traz
Com pressa o que ela tem a nos dizer,
E como ela se encontra.

PROCULEIUS

Já vou, César.

(*Sai*.)

CÉSAR

Gallus, vá junto.
(*Sai Gallus*.)
Onde está Dolabella,
Pra ir com Proculeius?

TODOS

Dolabella!

CÉSAR

Podem deixar, pois agora me lembro
O que o ocupa. Estará pronto em tempo.
Venham pra minha tenda, onde verão
Como lutei pra evitar esta guerra,
E como agi com calma e gentileza
Nos meus escritos. Lá verão, comigo

Como posso mostrá-lo.

(*Saem.*)

Cena II — Alexandria. Uma sala na torre.

(*Entram Cleópatra, Charmiana e Iras.*)

CLEÓPATRA

Minha desolação já me conduz
A uma vida melhor. César é nada.
Não é o Fado, é um criado do Fado,
Que cumpre-lhe a vontade; mas grandeza
É fazer o que finda os outros feitos,
Prende acidentes, impede a mudança;
O que dorme, não prova mais o barro
Que nutre mendigo e César.

(*Entra Proculeius.*)

PROCULEIUS

César saúda a rainha do Egito,
E pede-lhe que estude as exigências
Que deseja atendidas.

CLEÓPATRA

O teu nome?

PROCULEIUS

Meu nome é Proculeius.

CLEÓPATRA

Marco Antônio
Disse que em ti devia eu confiar.

Mas não me apraz jamais ser enganada,
Não crendo em confiança. Se o teu amo
Quer a rainha a mendigar, diga-lhe
Que a majestade, ao agir como deve,
Não pede menos que um reino. E se ele
Der pra meu filho o Egito que venceu,
A mim dará do que é meu o bastante
Pr'eu, grata, ajoelhar-me.

PROCULEIUS

Tenha ânimo;
Está nas mãos de um príncipe. Não tema.
Apresente o seu caso com clareza
À gentileza dele, que se estende
A todos que precisam. Deixe então
Dizer como se sente, e encontrará
Um vencedor que quer ser bom pr'aqueles
Que se ajoelham ao pedir.

CLEÓPATRA

Pois diz-lhe
Que sou vassala de seu fado e envio-lhe
A grandeza já sua. De hora em hora
Aprendo obediência e, com alegria,
Gostaria de vê-lo.

PROCULEIUS

Assim direi.
Anime-se, pois sei que quem causou
A sua dor dela tem pena.

(*Entra Gallus, seguido por Soldados*.)

GALLUS

(*para os Soldados*)
Vejam o quanto é fácil surpreendê-la:
Guardem-na até César vir.

(*Sai.*)

IRAS

Real senhora!

CHARMIANA

Está presa, Cleópatra.

CLEÓPATRA

Depressa, depressa!

(*Toma um punhal.*)

PROCULEIUS

Não, nobre dama!
(*Agarra-a e a desarma.*)
Não se faça tal mal, com este gesto.
Foi salva, não traída.

CLEÓPATRA

Até da morte,
Que livra os nossos cães de dor?

PROCULEIUS

Cleópatra,
Não desafie a bondade de César
Destruindo-se assim. Deixe que o mundo
Veja a nobreza dele, que a sua morte
Não deixa aparecer.

CLEÓPATRA

Onde estás, morte?
Vem, vem, vem, vem, e toma uma rainha
Que vale mil bebês e pobres!

PROCULEIUS

Calma!

CLEÓPATRA

Não comerei carne; não beberei, senhor;
Farei somente o necessário;

Nem dormirei. Destruirei meu corpo
A despeito de César. Senhor, saiba
Que à corte do seu amo eu não irei
Agrilhoada ou para que me humilhe
O olhar de Otávia. Querem pendurar-me
Pra me exibir ante os gritos da plebe
Da Roma que me acusa? Eu prefiro
Uma vala no Egito como tumba!
Ou jazer nua na lama do Nilo
Deformada por moscas! Ou fazer
Das pirâmides forcas de onde eu penda,
Presa em correntes.

PROCULEIUS

A senhora cria
Assim pensando horrores muito acima
Do que terá de César.

(*Entra Dolabella.*)

DOLABELLA

Proculeius,
O que fizeste o teu amo César já sabe
E o mandou chamar. Quanto à rainha,
Fica sob minha guarda.

PROCULEIUS

Dolabella,
Isso me satisfaz. Seja gentil;
(*para Cleópatra*)
A César eu direi o que deseja,
Se assim quiser.

CLEÓPATRA

Só que quero morrer.

(*Sai Proculeius com Gallus e Soldados*.)

DOLABELLA

Grande rainha, ouviu falar de mim?

CLEÓPATRA

Eu não sei.

DOLABELLA

Mas por certo me conhece.

CLEÓPATRA

Não importa o que sei ou o que ouvi.
Te ris dos sonhos de menino e fêmea,
Não é assim?

DOLABELLA

Eu não a compreendo.

CLEÓPATRA

Eu sonhei com Antônio Imperador.
Quem me dera dormir, pra ver de novo
Outro homem igual!

DOLABELLA

Mas por favor…

CLEÓPATRA

Sua face era o céu, onde brilhavam
Sol e lua, em seu curso, iluminando
O pequeno O, da terra…

DOLABELLA

Soberana…

CLEÓPATRA

As pernas montavam mares, e o braço
Erguido coroava o mundo. A voz
Tinha o som das esferas pros amigos;
Mas se queria abalar toda a terra,
Era como o trovão. Seu gosto em dar
Não conhecia inverno; era um outono
Que ficava mais rico ao ser colhido.
Seu prazer, qual delfim, mostrava o dorso

Acima do seu mundo. A seu serviço,
Coroas, diademas, reinos, ilhas
Caíam-lhe dos bolsos, qual moedas.

DOLABELLA

Cleópatra!

CLEÓPATRA

Tu crês que exista, ou que existiu
Esse meu sonho?

DOLABELLA

Não, gentil senhora.

CLEÓPATRA

Estás mentindo aos ouvidos dos deuses.
Porém, se existe, ou existiu tal homem,
Ele é maior que o sonho. À natureza
Falta com o que criar formas fantásticas,
Porém a natureza fez Antônio,
Maior que as sombras.

DOLABELLA

Ouça-me, senhora.
A sua perda tem sua medida,
E é igual sua reação. Se a mim não cabe
Igualar seu exemplo, mesmo assim,
Como eco da sua, eu sinto dor
Que abala o coração.

CLEÓPATRA

Eu te agradeço.
Sabes o que César vai fazer comigo?

DOLABELLA

Dói-me dizer o que quero que saiba.

CLEÓPATRA

Não, por favor…

DOLABELLA

Embora seja honroso.

CLEÓPATRA

Vai levar-me em triunfo.

DOLABELLA

Senhora, eu sei que vai.
(*Clarinada e gritos, fora.*)
"Abram caminho para César!"

(*Entram Proculeius, César, Gallus, Mecenas e outros de seu Séquito.*)

TODOS

Abram caminho para César!

CÉSAR

Qual é a rainha do Egito?

DOLABELLA

É o imperador, senhora.

(*Cleópatra se ajoelha.*)

CÉSAR

Levanta-te. Não te ajoelhes.
Peço que se levante, Egito.

CLEÓPATRA

Os deuses,
Senhor, assim o querem. A meu amo
Eu devo obedecer.

(*Cleópatra levanta-se.*)

CÉSAR

Não penses mal.
De todo o mal que a nós possa ter feito,
Mesmo escritos na carne, só lembramos
Como coisas do acaso.

CLEÓPATRA

Amo do mundo,

Não sei apresentar a minha causa
Pra torná-la bem clara, mas confesso
Ter sido mais que farta nas fraquezas
Que envergonham meu sexo.

CÉSAR

Mas, Cleópatra,
Buscamos mais perdão que agravamento.
Se fizeres um esforço pro nosso intento,
Que pra ti é gentil, hás de encontrar
Vantagem em tal troca; mas se buscas
Tornar-me mais cruel, buscando o curso
Tomado por Antônio, irás privar-te
De meu bom ânimo, mandando seus filhos
Para a destruição de que hoje os guardo,
Se tens confiança em mim. E ora peço licença.

CLEÓPATRA

A tem no mundo inteiro. Ele é seu, e nós
Seus brasões; suas marcas de conquista
Pendem onde quiser. Eis, meu senhor.

CÉSAR

Sobre Cleópatra sempre hei de ouvir-te.

CLEÓPATRA

(*Entregando um papel.*)
É um resumo de tudo o que tenho,
Em dinheiro, pratarias e joias.
Sem ninharias. Onde está Seleucus?

(*Entra Seleucus.*)

SELEUCUS

Aqui, senhora.

CLEÓPATRA

Meu tesoureiro; deixa-o dizer, senhor,
A risco seu, que eu não reservei

Nada pra mim. A verdade, Seleucus.

SELEUCUS

Minha senhora,
Eu prefiro calar do que, a meu risco,
Dizer o que não é.

CLEÓPATRA

O que retive eu?

SELEUCUS

Bastante pra comprar o declarado.

CÉSAR

Cleópatra, não cores. Até aprovo
O teu gesto assim sábio.

CLEÓPATRA

Veja, César!
O que é o fim da pompa! O meu é teu!
Porém, mudando, o teu seria meu.
A ingratidão de Seleucus me deixa
Desatinada. Escravo inconfiável,
Como amor pago. O quê? 'Stás recuando?
Pois vai, mas juro que te alcanço os olhos
Mesmo que voem. Cão, vilão sem alma!
Ah, vil dos vis!

CÉSAR

Rainha, por favor…

CLEÓPATRA

César, essa vergonha fere fundo,
Que quando se rebaixa a visitar-me,
Trazendo a honra da sua nobreza
A alguém tão humilde, um meu criado
Aumenta a soma das minhas desgraças
Juntando a sua inveja. Diz, César,
Que eu tenha reservado alguns berloques,
Brinquedos tolos, coisas sem valor
Com que saudamos amigos fortuitos,
Ou separado uns mimos de valor
Para Lívia e Otávia, pra pedir

A sua intercessão, deve dizê-lo
Alguém que assim fiz? Deuses! Me atingem
Mais baixo do que caí. (*para Seleucus*) Vai-te embora,
Ou mostro as brasas de minha coragem
Atrás das cinzas do meu fado. Sendo homem,
Terias me poupado.

CÉSAR

Paz, Seleucus.

(*Seleucus sai*.)

CLEÓPATRA

Saibam que a nós, os grandes, se atribuem
Coisas que os outros fazem; e, ao cairmos,
Nós respondemos por erros alheios,
E merecemos piedade.

CÉSAR

Cleópatra,
Nem o guardado e nem o que admitiu
Nós conquistamos. Continue tudo teu,
Para dar à vontade, e acredite
Que não sou mercador, pra dar valor
Ao que eles te venderam. Tem ânimo,
Não seja prisioneira de sua mente.
Cara rainha, para o teu destino,
Hei de ouvir teus conselhos. Come e dorme.
O cuidado e a piedade pra contigo
Nos fazem teu amigo; e agora, adeus.

CLEÓPATRA

Meu amo e meu senhor!

CÉSAR

Jamais. Adeus.

(*Clarinada. Saem César e seu Séquito*.)

CLEÓPATRA

É só conversa, amigas, pra que eu
Não aja com nobreza. Ouve, Charmiana.

(*Ela sussurra para Charmiana.*)

CHARMIANA

Chega, senhora. A luz do dia foi-se.
Pra nós, a escuridão.

CLEÓPATRA

Vai depressa,
Eu já falei, está providenciado.
É agir bem depressa.

CHARMIANA

Eu vou, senhora.

(*Volta Dolabella.*)

DOLABELLA

A rainha?

CHARMIANA

Ali, senhor.

(*Sai.*)

CLEÓPATRA

Dolabella!

DOLABELLA

Como jurei, senhora, e me ordenou,
(E o meu amor por voto lhe obedece)
Venho dizer-lhe: é intenção de César
Viajar pela Síria, e em três dias

A senhora e seus filhos vão na frente.
Faça disso o melhor uso. Eu já cumpri
Seu desejo e minha jura.

CLEÓPATRA

Dolabella,
Eu te sou devedora.

DOLABELLA

E eu, seu criado.
Boa rainha, adeus. Vou servir César.

CLEÓPATRA

Adeus, sou grata.
(*Sai Dolabella.*)
E o que pensas, Iras?
Tu, boneca egípcia, hás de ser vista
Em Roma, como eu. A plebe escrava,
De aventais sujos, réguas e martelos,
É que irá carregar-nos. E na névoa
De seu bafo de dieta barata
Beberemos seus vapores.

IRAS

Oh, deuses!

CLEÓPATRA

É certo, Iras. Guardas abusados
Vão dizer-nos rameiras; maus poetas
Farão baladas ruins. Os comediantes,
De improviso apresentarão nos palcos
As festas de Alexandria: Marco Antônio
Vai ser mostrado bêbado, e eu verei
Um menino guinchar minha grandeza,
E com ares de puta.

IRAS

Meus bons deuses!

CLEÓPATRA

Não, é certo.

IRAS

Não verei isso! Eu sei que minhas unhas
São mais fortes que os olhos.

CLEÓPATRA

Esse é o jeito
De lhe acabar com o plano, e derrotarmos
Esses absurdos.
(*Volta Charmiana.*)
Agora, Charmiana!
Que eu pareça rainha, minhas aias,
Com vestes lindas. Vou voltar a Cydnus,
Pra encontrar Marco Antônio. Busque-as, Iras.
(Nobre Charmiana, agora temos pressa),
E feita esta tarefa, tens licença
Pra brincar: traga também a coroa.
(*Saem Iras e Charmiana. Barulho fora.*)
Que barulho é esse?

(*Entra um Guarda.*)

GUARDA

Um sujeito do campo,
Que quer entrar e não aceita um não.
Traz-lhe figos.

CLEÓPATRA

Pode entrar.
(*Sai o Guarda.*)
Como um instrumento humilde
Faz atos nobres! Traz-me a liberdade:
Estando eu resolvida, nada resta
De feminino. Da cabeça aos pés
Sou mármore constante. A fútil lua
Não é planeta meu.

(*Volta o Guarda, com um Cômico trazendo uma cesta.*)

GUARDA

Está aqui o homem.

CLEÓPATRA

Vai embora, e deixa-o.
(*Sai o Guarda.*)
Trouxeste aí o lindo verme do Nilo
Que mata, mas não dói?

CÔMICO

Está aqui comigo, mas não sou eu que ia gostar que a senhora tocasse nele, pois tem mordida imortal: ora ele mata, ou quem os come raramente ou nunca ficam bons.

CLEÓPATRA

E lembras-te de alguém que ele matou?

CÔMICO

Muitos e muitos; homens e mulheres. Ouvi falar de uma ainda ontem — uma mulher muito honesta, meio dada a mentiras, coisa que mulher não deve fazer a não ser por honestidade —, e de como foi a mordida e que dores sentiu. Na verdade ela fala muito bem do verme: mas aqueles que acreditam em tudo o que se diz não serão salvos nem pela metade do que fazem. Mas isso é muito falível, o verme é um verme muito esquisito.

CLEÓPATRA

Agora vai. Adeus.

CÔMICO

Espero que o verme lhe dê satisfação.

(*Pousa a cesta.*)

CLEÓPATRA

Passar bem.

CÔMICO

Mas olhe, tem de se lembrar que o verme faz o que lhe compete.

CLEÓPATRA

Sei, sei. Adeus.

CÔMICO

Olhe aqui, não se pode confiar no verme, a não ser nas mãos de gente de juízo; porque, para falar a verdade, não existe a menor bondade nesse verme.

CLEÓPATRA

Não te preocupes; ele será bem-cuidado.

CÔMICO

Muito bem. Não dê nada para ele, pois nem vale a ração.

CLEÓPATRA

Será que come a mim?

CÔMICO

Não pense que eu seja tão bobo que não saiba que nem o próprio diabo come uma mulher. Sei que a mulher é um petisco para os deuses, se o diabo não temperá-la. Mas na verdade, esses mesmos diabos filhos da mãe fazem muito mal aos deuses com suas mulheres, pois de cada dez que eles criam, o diabo estraga cinco.

CLEÓPATRA

Está bem. Vai-te embora. Passar bem.

CÔMICO

Na certa. E que o verme lhe dê alegria.

(*Sai.*)
(*Voltam Charmiana e Iras, com um manto, a coroa e outras joias.*)

CLEÓPATRA

Deem-me o manto. Ponham-me a coroa.
Tenho ânsias imortais em mim. Não mais
O néctar de uvas molhará meus lábios.
(*As mulheres a vestem.*)

Depressa, Iras! Depressa! Como que ouço
Antônio que me chama. Vejo-o erguer-se
Para louvar meu nobre ato, e rir-se
Da ventura de César — a que os deuses
Dão em desculpa à cólera divina.
Meu marido, eu já vou! Minha coragem
Me dá direito ao uso desse nome!
Sou ar e fogo; os outros elementos
Dou à vida mais baixa. Tudo pronto?
Tomem-me o calor final dos lábios.
Adeus, gentil Charmiana. Iras, adeus.
(*Beija-as. Iras cai morta.*)
Tenho eu veneno nos meus lábios? Morre?
Se ela tão fácil rompe com a vida
A morte é como o gesto de um amante
Que fere e é desejado. Está imóvel?
Se assim desmaia afirma que este mundo
Não vale o nosso adeus.

CHARMIANA

Rompam-se em chuva, nuvens, pr'eu dizer
Que os deuses choram.

CLEÓPATRA

Isso me faz vil.
Se ela chegar primeiro ao meu Antônio,
Ele a interrogará, dando-lhe o beijo
Que será o meu céu.
(*Para a serpente, que ela aplica contra o seio.*)
— Vem, miserável;
Com teus agudos dentes o intrincado
Nó da vida desfaz. Apressa agora,
Assassina insensata, o desenlace.
Se pudesses falar eu te ouviria
Chamar César de asno ingênuo!

CHARMIANA

Oh, estrela do oriente!

CLEÓPATRA

Paz, paz!
Não vê aqui meu filho que, no seio,
Adormece sua ama?

CHARMIANA

Morra! Morra!

CLEÓPATRA

Doce bálsamo, ar suave, delicado;
Oh Antônio! Não, vem tu também.
(*Aperta a outra serpente contra o peito.*)
O que devo dizer…

(*Morre.*)

CHARMIANA

A este mundo vil? Que parta em paz.
Gabe-se agora, morte, que hoje é sua
Uma mulher sem par. Janelas, fechem, e
Febo dourado não será mais visto
Por olhos tão reais! A sua coroa
Está torta; eu endireito, e vou brincar.

(*Entra apressada a Guarda.*)

1º GUARDA

A rainha?

CHARMIANA

Baixinho. Não a acorde.

1º GUARDA

César mandou…

CHARMIANA

Atrasado.
(*Aperta uma serpente contra o peito.*)
Vamos. Depressa! Já a estou sentindo.

1º GUARDA

Olá! Problemas! Enganaram César.

2º GUARDA

César mandou Dolabella. Chamem-no.

(*Sai o 2º Guarda.*)

1º GUARDA

E isto, Charmiana, foi bem-feito?

CHARMIANA

Bem-feito e certo para uma princesa
Que descende de tão régios reis.
Ah, soldado!

(*Morre.*)
(*Volta Dolabella.*)

DOLABELLA

O que houve?

2º GUARDA

Todas mortas.

DOLABELLA

Estava César
Certo em seu pensamento. E irá chegar
Pra ver concretizado o ato horrível
Que tentou evitar.
(*fora*)
"Abram caminho para César!"

(*Entra César com seu Séquito.*)

DOLABELLA

Senhor, foi mais que certo o seu augúrio;
Foi feito o que temia.

CÉSAR

Brava até o fim,
Destruiu nosso intento; era real
E escolheu seu caminho. Não há sangue.
Como morreu?

DOLABELLA

Quem foi que a viu por último?

1º GUARDA

Um simples lavrador, que lhe trouxe figos.
A cesta é dele.

CÉSAR

Veneno, então.

1º GUARDA

César,
Charmiana estava viva, e ainda falou.
A encontrei arrumando a coroa
Da ama morta. Pôs-se em pé tremendo,
E então caiu.

CÉSAR

Oh, que nobre fraqueza!
Se engolissem veneno, todos viriam,
Porque se inchariam; porém ela dorme,
Como querendo capturar outro Antônio
Na rede de sua graça.

DOLABELLA

Aqui no seio
Há picadas de sangue e, meio inchadas,
Também aqui no braço.

1º GUARDA

Isso é traço de cobra, e nessas folhas
De figo vê-se o musgo que elas deixam
Nas cavernas do Nilo.

CÉSAR

E é provável
Que assim tenha morrido; pois seus médicos
Dizem que investigou número infindo

De modos de morrer. Levem seu leito,
E desta torre tirem as mulheres.
Ela será enterrada com Antônio.
Não há tumba no mundo que contenha
Par tão famoso. Eventos como estes
Afetam seus autores: sua história
Não é menor em dor que a glória dele,
Que os faz ser lamentados. A nossa tropa
Irá ao funeral com plena pompa,
Depois, pra Roma. Dolabella, ordene
Ordem perfeita neste ato solene.

(*Saem todos. Os Soldados carregam os corpos.*)

Cronologia conjectural das peças de William Shakespeare

Título em português (Título em inglês)	Data provável de composição	Data da primeira publicação
Os dois cavalheiros de Verona (The Two Gentlemen of Verona)	1590–1591	1623
Henrique VI, parte 2 (Henry VI, Part 2)	1590–1591	1594
Henrique VI, parte 3 (Henry VI, Part 3)	1591–1592	1595
A megera domada (The Taming of the Shrew)	1592	1623
Henrique VI, parte 1 (Henry VI, Part 1)	1592	1623
Titus Andronicus (Titus Andronicus)	1592–1593	1594
Ricardo III (Richard III)	1592–1593	1598
Eduardo III (Edward III)	1592–1594	1596
A comédia dos erros (The Comedy of Errors)	1594	1623
Trabalhos de amor perdidos (Love's Labour's Lost)	1594–1596	1598
Ricardo II (Richard II)	1594–1596	1597
Romeu e Julieta (Romeo and Juliet)	1594–1596	1597

Sonho de uma noite de verão (A Midsummer Night's Dream)	1595–1596	1600
Rei João (King John)	1596	1623
O mercador de Veneza (The Merchant of Venice)	1596–1597	1600
Henrique IV, parte 1 (Henry IV, Part 1)	1596–1597	1598
As alegres comadres de Windsor (The Merry Wives of Windsor)	1597–1598	1602
Henrique IV, parte 2 (Henry IV, Part 2)	1597–1598	1600
Muito barulho por nada (Much Ado About Nothing)	1598–1599	1600
Henrique V (Henry V)	1599	1600
Júlio César (Julius Caesar)	1599	1623
Como quiserem (As You Like It)	1599–1600	1623
Hamlet (Hamlet, Prince of Denmark)	1600–1601	1603
Noite de Reis (Twelfth Night)	1601	1623
Troilus e Créssida (Troilus and Cressida)	1602	1609
Otelo, o mouro de Veneza (Othello, the Moore of Venice)	1603–1604	1622
Medida por medida (Measure for Measure)	1604	1623
Bom é o que bem acaba (All's Well That Ends Well)	1604–1605	1623

Rei Lear (King Lear)	1605-1606	1608
Timon de Atenas (Timon of Athens)	1605-1608	1623
Macbeth (Macbeth)	1606	1623
Antônio e Cleópatra (Antony and Cleopatra)	1606-1608	1623
Péricles (Pericles)	1607-1608	1609
Coriolano (Coriolanus)	1608	1623
Conto de inverno (The Winter's Tale)	1609-1610	1623
Cimbeline (Cymbeline, King of Britain)	1610	1623
A tempestade (The Tempest)	1610-1611	1623
Henrique VIII (Henry VIII)	1613	1623
Os dois primos nobres (The Two Noble Kinsmen)	1613-1614	1634

ÚNICO FRAGMENTO DE PEÇA NA CALIGRAFIA DE SHAKESPEARE

Sir Thomas More (Sir Thomas More)	1590-1591	1623

PEÇAS PERDIDAS

Trabalhos de amor recompensados (Love's Labour's Won)	1595-1597
Cardenio (Cardenio)	1612-1613

Sobre a cronologia

Qualquer cronologia para as peças de William Shakespeare é, sempre, conjectural, uma vez que não sobreviveram manuscritos do autor e, tampouco, foram anotadas as datas de composição das obras. Os estudiosos precisaram, deste modo, buscar dados nos mais diversos documentos: alusões às peças em obras de outros dramaturgos; registros, feitos no *Stationers' Register*, tanto de direitos de publicação quanto de encenação; menções e referências às peças em cartas, diários e livros; e, ainda, edições isoladas in-quarto, além, é claro, do *Primeiro Fólio*. São fundamentais, também, os próprios textos das peças, tanto pelas evidências estilísticas e linguísticas quanto por conterem referências a publicações e a eventos ocorridos à época da composição das peças.

É graças ao famoso *Primeiro Fólio* (1623), primeira reunião em um único livro das obras dramáticas de William Shakespeare, organizado pelos atores companheiros de Shakespeare, John Heminges (1566-1630) e Henry Condell (1576-1627), que foram preservadas 18 das 36 peças contidas no volume. As demais haviam sido publicadas em edições individuais, menores e mais baratas — as chamadas edições in-quarto. Infelizmente, nem o *Fólio* nem os in-quartos fornecem a data de composição das peças. Sem dúvida, os in-quartos ajudam a estabelecer a data-limite de composição, mas são insuficientes para datar as peças uma vez que nem todas tiveram edições individuais, tampouco a publicação se seguia imediatamente à composição.

Tal qual ocorre com as edições in-quarto, os registros das primeiras encenações são insuficientes para datar as peças e podem, apenas, indicar as datas-limite para a composição das mesmas. Basta se mencionar, por exemplo, *Romeu e Julieta*, cuja primeira encenação documentada é de 1662, mas que certamente foi escrita e montada bem antes. Neste caso, é a primeira edição in-quarto, de 1597, que fornece a data-limite de composição. A data de *Rei Lear* segue aquela da primeira encenação documentada, de 1606, no palácio de Whitehall, sendo o primeiro in-quarto de 1608.

Um dos livros mais ricos em informação sobre o teatro elisabetano e que mais auxilia os estudiosos na datação das peças é o *Palladis Tamia* (1598), de autoria do clérigo Francis Meres (1565-1647). O livro de Meres contribui para o estabelecimento definitivo de Shakespeare como o autor das peças e auxilia

bastante no difícil problema da cronologia. Dependendo da cronologia que se utilize, entre 12 e 18 peças têm como data-limite 1598, entre as quais *A megera domada, Sonho de uma noite de verão*, *O mercador de Veneza*, *Ricardo II*, *Ricardo III* e *Romeu e Julieta*.

Outros documentos foram utilizados para auxiliar na cronologia das peças, como os diários de três contemporâneos de Shakespeare: o médico suíço Thomas Platter (1574-1628), o estudante de direito John Manningham (? -1622) e o empresário teatral Philip Henslowe (c.1550-1616).

Platter manteve um diário de suas viagens pela Europa, em que anota aspectos variados da vida cotidiana do século XVI, desde dissecações de cadáveres e festas populares como o carnaval até comentários sobre o tráfico de escravos. Para os estudos shakespearianos, é de relevância a sua viagem de 1599 a Londres, quando Platter anota a ida, em 21 de setembro, ao recém-inaugurado teatro Globe, onde assiste a *Júlio César*, uma informação fundamental para datar a peça.

O diário de Manningham, que cobre os meses entre janeiro de 1602 e abril de 1603, contém informações sobre figuras e eventos políticos e religiosos da cidade. Além disso, Manningham faz alguns comentários preciosos sobre a vida teatral londrina, documentando a primeira montagem de *Noite de reis*, a que assistiu em 2 de fevereiro de 1602 em Middle Temple Hall, onde estudava.

Mas, sem dúvida, entre os três diaristas, Philip Henslowe é o que mais contribui para se datar as peças e se conhecer o teatro renascentista inglês. Ele era um observador privilegiado da cena teatral londrina, por ser empresário e dono de vários teatros. Em seus diários, registra receitas de bilheteria, compras de figurinos e de objetos de cena, pagamentos, adiantamento e empréstimos feitos a atores e dramaturgos — o que permite, inclusive, que se identifique as peças escritas em colaboração.

Além dos documentos anteriormente mencionados que funcionam como evidências externas para datar as peças, há que se apontar, também, as evidências internas, fundamentais no processo de datação. Como evidências internas, deve-se ressaltar, primeiramente, alusões a acontecimentos da época — considere-se, por exemplo, o terremoto que a ama de Julieta menciona, ocorrido em 1580; ou o fato de *Macbeth* ter sido escrita no reinado de Jaime I, o rei escocês que sucedeu Elisabete I em 1603. As bruxas constituem um agrado ao rei que era interessado em feitiçarias e autor de um tratado sobre *Demonologia* (1597). A peça ainda contém alusões tópicas a eventos

contemporâneos, como o Complô da Pólvora para assassinar o rei (1605) e o julgamento do padre jesuíta Henry Garnet, implicado no plano (1606).

Também constituem evidências internas de natureza propriamente linguística as obtidas por análises de estilística, léxico, percentual de verso e prosa, assim como de versos brancos e rimados, padrões rítmicos e de pausas, percentual de coloquialismos, enfim, estudos estatísticos que recentemente muito têm avançado graças à computação.

Aqui, seguimos, em grande medida, a cronologia estabelecida por Stanley Wells e Gary Taylor em *William Shakespeare: A Textual Companion* (1987). Reafirmamos, entretanto, que nenhuma cronologia das peças de Shakespeare pode ser considerada definitiva.

Sobre o cânone

Barbara Heliodora gostava de dizer que Shakespeare era o único autor morto que continuava a escrever. Ela se referia ao fato de que, de tempos em tempos, um ou outro texto passava a ser considerado como sendo de sua autoria.

Na primeira reunião das obras dramáticas em um único volume, publicada com o título de *Mr. William Shakespeare's Comedies, Histories, & Tragedies*, e conhecida como *Primeiro Fólio*, constam 36 peças. São reunidas como "*Comedies*", nesta ordem, 14 peças: *A tempestade, Os dois cavalheiros de Verona, As alegres comadres de Windsor, Medida por medida, A comédia dos erros, Muito barulho por nada, Trabalhos de amor perdidos, Sonho de uma noite de verão, O mercador de Veneza, Como quiserem, A megera domada, Bom é o que bem acaba, Noite de reis* e *Conto de inverno*. Seguem-se mais 10 peças, reunidas na seção "*Histories*": *Rei João, Ricardo II, Henrique IV parte 1, Henrique IV parte 2, Henrique V, Henrique VI parte 1, Henrique VI parte 2, Henrique VI parte 3, Ricardo III e Henrique VIII.* Em seguida, são listadas 11 *"Tragedies"*, na seguinte ordem: *Coriolanus, Titus Andronicus, Romeu e Julieta, Timon de Atenas, Júlio César, Macbeth, Hamlet, Rei Lear, Otelo, o mouro de Veneza, Antônio e Cleópatra* e *Cimbeline*. Apesar de não constar no sumário ("catalogue page") do *Primeiro Fólio,* na maioria das cópias existentes, entre as seções "*Histories*" e "*Tragedies*", encontra-se adicionada a peça *Troilus e Créssida*, totalizando 36 peças.

Mais tarde, foram acrescentadas às obras dramáticas completas *Péricles* e *Os dois primos nobres*, e, ainda mais recentemente, *Eduardo III,* todas escritas em colaboração com outros dramaturgos, como era prática comum na cena teatral elisabetano-jaimesca. É preciso dizer que outras peças do *Primeiro Fólio* hoje também são consideradas como tendo coautores, notadamente *Henrique VIII* escrita em parceria com John Fletcher (1579-1625).

Além destas 39 peças, na coleção Harleian MS 7368 da British Library, há um valioso documento que contém o único fragmento de peça na caligrafia de Shakespeare, uma vez que todos os seus manuscritos foram perdidos. Este texto, intitulado *The Book of Sir Thomas More*, é um trabalho de colaboração de diversos dramaturgos, provavelmente iniciado por Anthony Munday (c.1560-1633), referido como o autor da "Caligrafia S". Os demais autores, todos identificados pela caligrafia, são: Henry Chettle (c.1564-c.1606), referido como "Caligrafia A"; Thomas Heywood (1570-1641), "Caligrafia B"; William Shakespeare, "Caligrafia D"; e Thomas Dekker (c.1572-1632), "Caligrafia E". Além destes, há trechos na "Caligrafia C", identificada como pertencendo a um escriba anônimo, e mais anotações e comentários na caligrafia de Sir Edmund Tilney (1536-1610), que ocupou o cargo de Mestre de Divertimentos (*Master of the Revels*) entre 1579 e 1610, responsável por conceder a permissão oficial para a encenação e que, portanto, tinha poder de censurar os textos.

A peça *Sir Thomas More* ilustra o episódio da separação entre a Inglaterra e a Igreja de Roma. Trata da ascenção e queda do mártire católico e humanista Thomas More (1478-1535), que, seguindo os ditames de sua consciência, se opõe firmemente ao divórcio de Henrique VIII, e termina executado por alta traição em 6 de julho de 1535. Publicada pela primeira vez em 1844, pelo editor Alexander Dyce, hoje a peça já integra a respeitada coleção Arden Shakespeare.

Ao se discorrer sobre o cânone de Shakespeare não se pode deixar de mencionar duas peças perdidas atribuídas a ele. Uma é *Love's Labour's Won* (*Trabalhos de amor recompensados*) e a outra é *Cardenio*.

Francis Meres, cujo livro, como já foi mencionado, é fundamental para datar algumas peças shakespearianas, inclui *Trabalhos de amor recompensados* entre as comédias. Durante muito tempo se pensou que se tratasse de um título alternativo (muito comum no cenário teatral da época) para *A megera domada*; entretanto, foi descoberto em 1953 um fragmento da lista de material vendido

por um livreiro para ser usado na encadernação de um livro intitulado *Love's Labour's Won*. Estabelecida a autonomia do texto, passou-se a especular se este seria uma sequência de *Trabalhos de amor perdidos*, já que a comédia termina sem o usual final feliz e com as moças impondo tarefas aos rapazes para que os casamentos se realizassem no futuro. O que seria uma grande novidade, tendo-se em vista que Shakespeare só deu continuação às peças históricas inglesas.

Sobre outra peça perdida, *Cardenio*, sabemos bem mais, apesar de que, aparentemente, ela nunca foi publicada. O título é o nome da personagem principal de uma das histórias contadas por Cervantes (1547-1616) na sua obra-prima *Don Quixote* (primeira parte, 1605), traduzida para o inglês por Thomas Shelton em 1612.

A companhia de Shakespeare (The King's Men) representou uma peça na corte intitulada *Cardenno* ou *Cardenna* nos dias 20 de maio e 9 de julho de 1613. Quarenta anos mais tarde, em setembro de 1653, foi encontrada no registro da Stationers' Company uma anotação do famoso livreiro Humphrey Moseley: *The History of Cardenio*, "by Mr. Fletcher and Shakespeare"; mas não há nenhuma prova de que ele chegou a publicar a peça. Devido ao fato de ter havido colaborações anteriores, é bem provável que ela tenha sido escrita pelos dois dramaturgos, e não tendo sido publicada o manuscrito se perdeu.

A história de *Cardenio* estaria terminada se, em 1727, um dos grandes editores da obra shakespeariana, Lewis Theobald (1688-1744), não tivesse levado ao palco do Teatro Real em Drury Lane uma peça intitulada *Double Falsehood, or The Distressed Lovers* (*A dupla impostura ou Os amantes aflitos*) com muito sucesso. No ano seguinte, a peça foi publicada com uma página de rosto em que Theobald afirmava que a peça havia sido revista e adaptada de uma "escrita originalmente por W. Shakespeare", da qual ele possuía três manuscritos, que até hoje nunca apareceram. Um deles estaria na Biblioteca do Museu do Teatro Covent Garden, e teria sido destruída por um incêndio que deixou o teatro em ruínas.

E *Cardenio* continua, indiretamente, aumentando o cânone shakespeariano em pleno século XXI. Em 2010, a peça de Theobald, *Double Falsehood, or The Distressed Lovers,* foi publicada pela editora Methuen Drama na série The Arden Shakespeare. Apesar de a contracapa oferecer um breve sumário da história da peça, não há dúvida de que a sua publicação em uma série que leva o nome de Shakespeare reafirma a constatação de Barbara Heliodora de que ele é o único autor morto que continua escrevendo.

Liana de Camargo Leão[27]

Nota

27 Agradeço a colaboração da Professora Emérita Dra. Marlene Soares dos Santos (UFRJ), bem como a leitura atenta dos professores Dra. Fernanda Medeiros (UERJ) e Dr. José Roberto O'Shea (UFSC).

DIREÇÃO GERAL
Antônio Araújo

DIREÇÃO EDITORIAL
Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL
Ana Carla Sousa

SELEÇÃO DE TEXTOS E CONSULTORIA
Liana de Camargo Leão

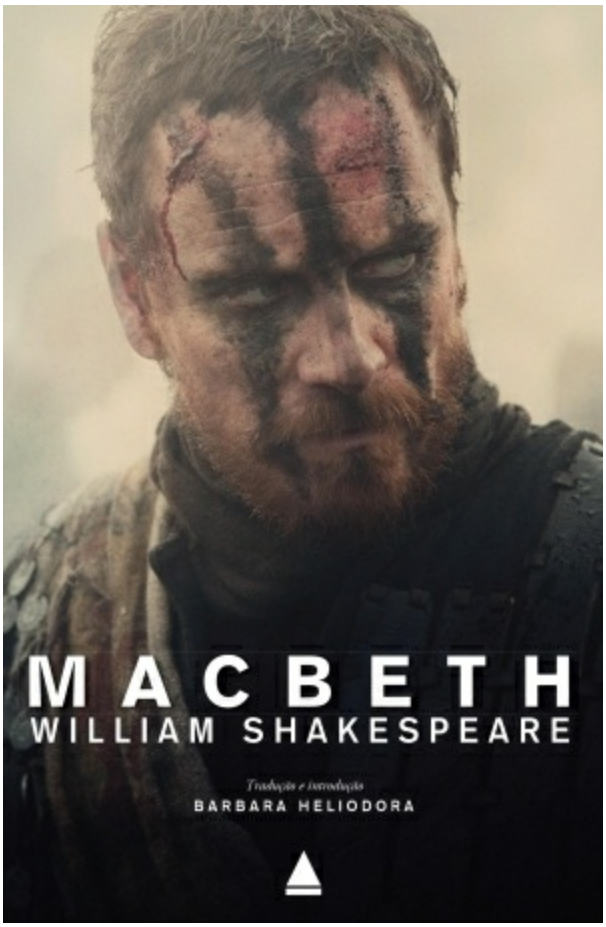
PRODUÇÃO EDITORIAL
Adriana Torres
André Marinho

REVISÃO
Eduardo Carneiro
Sheila Louzada
Suelen Lopes
Luana Luz de Freitas
Rita Godoy
Roberto Jannarelli
Beatriz D'Oliveira
Fernanda Pantoja
Raquel Correa

CAPA
Victor Burton

DIAGRAMAÇÃO
Futura

PRODUÇÃO DO EBOOK
Ranna Studio


MACBETH
WILLIAM SHAKESPEARE
Tradução e introdução
BARBARA HELIODORA

Macbeth

Shakespeare, William
9788520924877
136 páginas

Compre agora e leia

Uma das peças mais famosas de William Shakespeare, Macbeth foi escrita por volta de 1606 e desde então teve diversas montagens e foi adaptada para o cinema, para a televisão, entre outras esferas artísticas. Em dezembro de 2015, a obra ganha uma nova versão cinematográfica pelas mãos do diretor Justin Kurzel. O filme é protagonizado pelos talentosos atores Michael Fassbender e Marion Cotillard.MACBETH é considerada uma das peças mais sombrias de William Shakespeare. E o que faz dela uma obra tão inquietante é, ao mesmo tempo, o que lhe imprime vigor e fascinação: o tratamento dramático do mal, do tipo de mal que nasce da ânsia pelo poder.Macbeth é um general do exército escocês muito estimado por sua bravura, mas, após ouvir um presságio de três bruxas dizendo que ele seria o novo monarca, acaba traindo seu rei. Influenciado pela esposa, Lady Macbeth, o personagem dá livre curso à sua ambição, mas paga um alto preço por isso.Esta edição de Macbeth que a Nova Fronteira traz ao público foi traduzida por Barbara Heliodora, que, além de tradutora, foi crítica teatral, ensaísta e professora. Barbara foi umas das maiores especialistas na obra de William Shakespeare no Brasil, e suas traduções das peças do autor inglês são elogiadas pela crítica e pelo público.

Compre agora e leia

Ivan Zigg
Só um minutinho

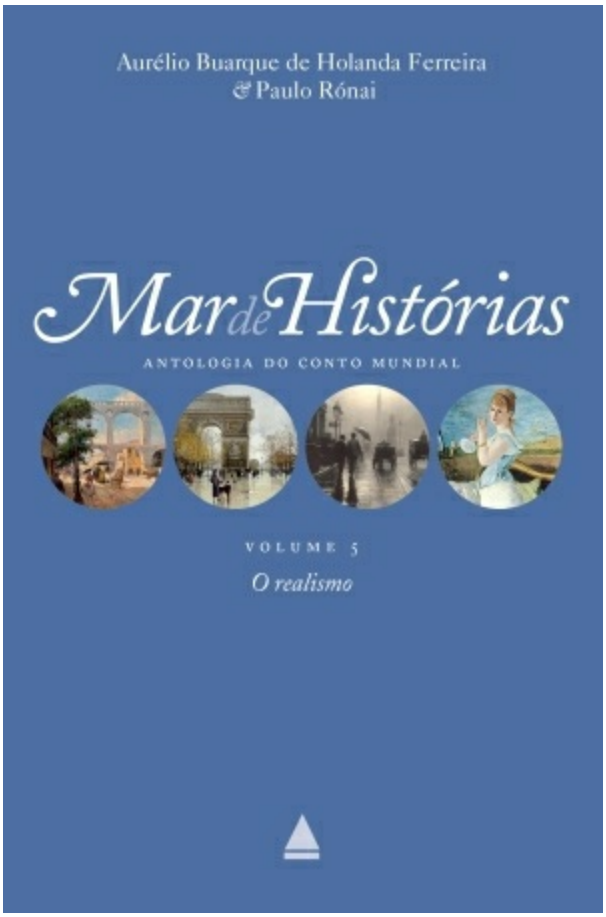
Só um minutinho

Zigg, Ivan
9788520936153
24 páginas

Compre agora e leia

Um porquinho que quer sempre adiar as coisas, nem que para isso tenhamos que esperar só um minutinho... Você também faz isso? Um minuto é muito? É pouco? Ou o tempo sufi ciente para se terminar uma tarefa, acabar de se vestir para a festa ou concluir o raciocínio? Só um minutinho, do ilustrador e autor premiado Ivan Zigg, é um livro instigante para as primeiras leituras de qualquer criança. Explorando amplamente o lúdico imaginário infantil, Só um minutinho proporciona aos pequenos leitores novas descobertas sobre o tempo, sobretudo neste cotidiano tão acelerado em que vivemos. As narrativas visuais e o texto curto em letra maiúscula despertam o repertório visual e linguístico da criança.

Compre agora e leia


Aurélio Buarque de Holanda Ferreira
& Paulo Rónai
Mar de Histórias
ANTOLOGIA DO CONTO MUNDIAL
VOLUME 5
O realismo

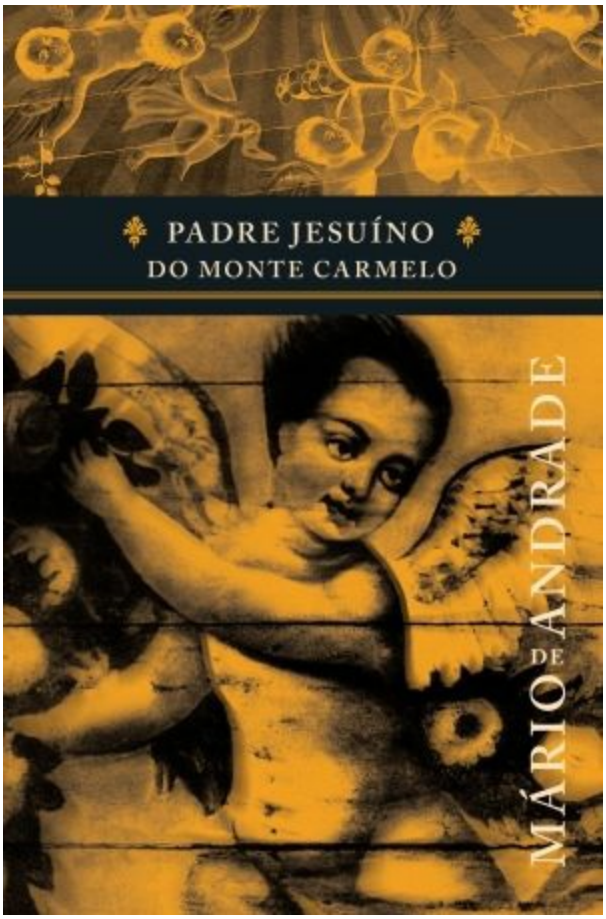
O Realismo

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda
9788520937730
352 páginas

Compre agora e leia

A Coleção Mar de Histórias: antologia do conto mundial é composta por 10 volumes independentes que contém, nada menos, que 239 contos, de 192 autores escolhidos entre os melhores de 41 países. A expressão Mar de Histórias foi tirada do título, em sânscrito, Kathâsaritsâgara, de uma antiga coletânea da Índia, do século XI. A sua tradução significa isso mesmo: "mar formado pelos rios de histórias". A obra foi organizada há mais de quarenta anos por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e Paulo Rónai, dois dos maiores tradutores e estudiosos da Literatura Mundial em todos os tempos e gêneros.O leitor que fielmente vem acompanhando esta longa viagem através dos mares de histórias já foi avisado de que os rótulos em cada um dos volumes indicam apenas tendências gerais, e de modo algum representam uma classificação rigorosa. É o que se dá com o subtítulo deste volume, o realismo.O advento dessa corrente nas literaturas menores ocorre algum tempo depois de seu triunfo nas principais; daí o elemento romântico apresentar-se no conto, por exemplo, de Mór Jókai (com quem, aliás, desponta a literatura húngara, de forte veio narrativo). Por outro lado, o realismo ramifica-se em correntes: nada mais diverso de um conto de Flaubert do que um de Tchekov. Afinal, o temperamento do escritor também conta: há os que são românticos de nascimento, conquanto não o sejam de escola e de época; é o caso de um Villiers de l'Isle-Adam.Caracteriza-se o presente volume pela inclusão de gigantes do conto, os quais, por sua importância, comparecem com várias peças. Assim ocorre com Machado de Assis, grande mesmo entre os maiores. A escolha de suas quatro histórias, longamente discutida pelos organizadores da coletânea, revela a extrema variedade da sua produção novelística. O russo Anton Tchekov, criador do conto aparentemente leve e apenas esboçado, oposto ao máximo ao modelo maupassantiano, tão elaborado, tem conteúdo humano e trágico não menos forte.

Compre agora e leia


PADRE JESUÍNO
DO MONTE CARMELO
MÁRIO DE ANDRADE

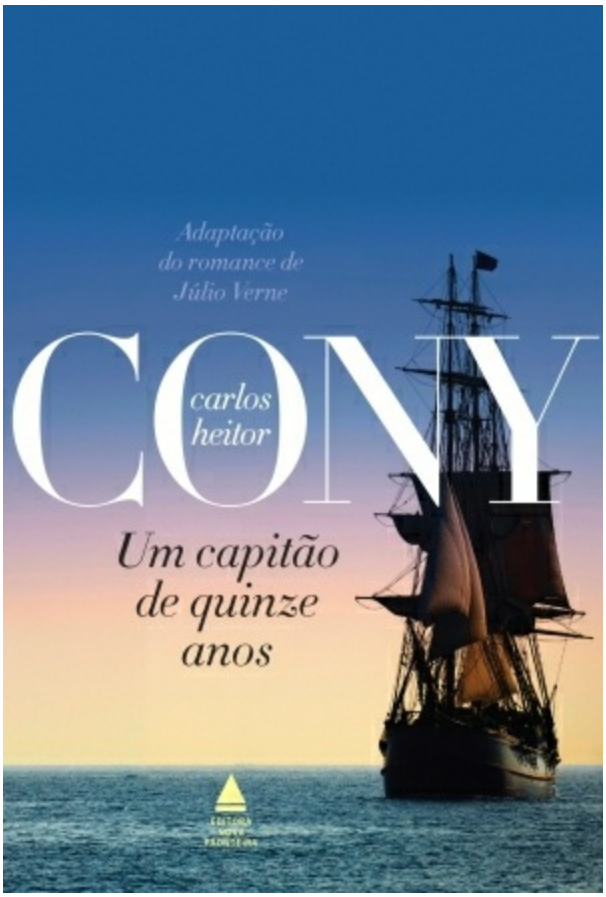
Padre Jesuíno do Monte Carmelo

Andrade, Mário de
9788520933480
384 páginas

Compre agora e leia

Nesta obra, Mário de Andrade apresenta um estudo apaixonado sobre a obra deste homem que foi antes de qualquer coisa um artista e religioso. Considerado pelo próprio Mário como seu `maior esforço em crítica de artes plásticas`, este livro resgata minuciosamente o trabalho de Padre Jesuíno, por meio de obras conhecidas do grande público e de arquivos de família e documentos obscuros.

Compre agora e leia


Adaptação
do romance de
Júlio Verne
CONY
carlos
heitor
Um capitão
de quinze
anos

Um capitão de quinze anos

Cony, Carlos Heitor
9788520940044
216 páginas

Compre agora e leia

EXCLUSIVO EM EBOOK!Sobre Carlos Heitor Cony:Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida.Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000.Sobre Júlio Verne (1828-1905):Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Um capitão de quinze anos (1878), os romances Viagem ao centro da Terra (1864), Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870) e A volta ao mundo em oitenta dias (1872).Quando uma terrível tragédia se abate sobre a tripulação do brigue-galeota Peregrino, o jovem Dick Sand se vê obrigado a assumir o comando do navio e conduzir a família Weldon de volta a São Francisco, nos Estados Unidos. Mas uma conspiração nefasta pretende colocar tudo a perder. Com a competente adaptação do clássico de Júlio Verne por Carlos Heitor Cony, as novas gerações de leitores passarão a conhecer esta história repleta de intrigas, reviravoltas e muitas aventuras, passada em pleno século XIX.

Compre agora e leia